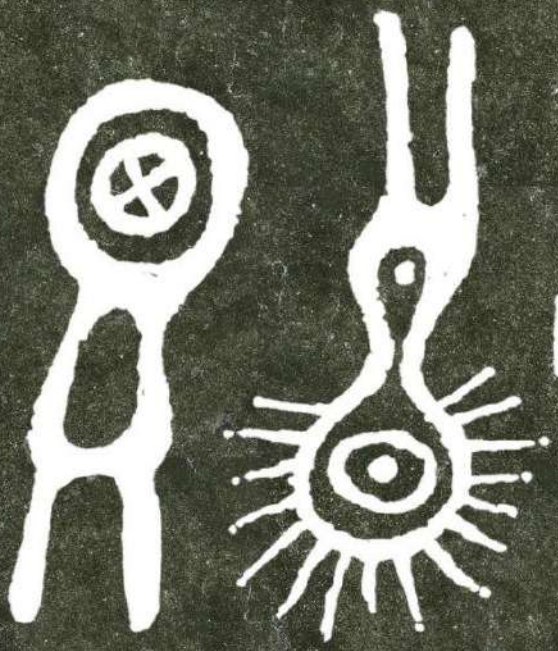
Organização:
Douglas Junio Fernandes Assumpção
Luis Fernando Ribeiro Almeida
Thiago Almeida Barros

ISBN
978-65-88274-35-4



CONFLUÊNCIAS

10º CONGRESSO ANUAL DE COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA DA/NA AMAZÔNIA

(IN)VISIBILIDADES

ANAIS 2023

UNAMA

PPGCLC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA PÓS-GRADUAÇÃO NA AMAZÔNIA LEGAL

CAPES

@2024 Universidade da Amazônia

COMISSÕES DO X CONFLUÊNCIAS – (IN)VISIBILIDADES

COMISSÃO GERAL DE ORGANIZAÇÃO

Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior
(PPGCLC/UNAMA) - Coordenação
Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Profa. Dra. Ivana Claudia Guimarães Oliveira (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Maíra Evangelista de Sousa (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Thiago Almeida Barros (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Nathan Nguangu Kabuenge (Pós-doutorando - PPGCLC/UNAMA)

COMISSÃO DE EDITORAÇÃO

Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção (PPGCLC/UNAMA) - Coordenação
Prof. Dr. Thiago Almeida Barros (PPGCLC/UNAMA)
Msc. Luis Fernando Ribeiro Almeida (Doutorando - PPGCLC/UNAMA)

ILUSTRAÇÃO

Prof. Dr. Jorge Leal Eiró da Silva (PPGCLC/UNAMA)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Profa. Dra. Maíra Evangelista de Sousa (PPGCLC/UNAMA) - Coordenação
Profa. Dra. Ana D´Arc Martins de Azevedo (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção (PPGCLC/UNAMA
Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Ivana Claudia Guimarães Oliveira (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Jorge Leal Eiró da Silva (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. José Guilherme de Oliveira Castro (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. José Mariano Klautau Filho (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Márcia Cristina Nunes (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Maria Betânia Fidalgo Arroyo (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Paulo Jorge Martins Nunes (PPGCLC/UNAMA
Profa. Dra. Rosângela Araújo Darwich (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Thiago Almeida Barros (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Nathan Nguangu Kabuenge (Pós-doutorando - PPGCLC/UNAMA)
Lucas Matheus Santos Porto (Doutorando - PPGCLC/UNAMA)
Edson Silva de Aquino Junior (Mestrando - PPGCLC/UNAMA)

COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO

Profa. Dra. Ivana Claudia Guimarães Oliveira (PPGCLC/UNAMA) - Coordenação
Profa. Dra. Maíra Evangelista de Sousa (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Thiago Almeida Barros (PPGCLC/UNAMA)
Msc. Diogo Borges (Doutorando - PPGCLC/UNAMA)
Msc, Lucas Matheus Santos Porto (Doutorando - PPGCLC/UNAMA)
Msc. Luna Carvalho de Lucena - (Doutoranda - PPGCLC/UNAMA)

COMISSÃO DE APOIO

Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção (PPGCLC/UNAMA) - Coordenação
Prof. Dr. Nathan Nguangu Kabuenge (PPGCLC/UNAMA)
Profª. Ma. Katia Regina de Souza da Silva (Assistente Administrativa - /PPGCLC/UNAMA)
Msc. Amanda Roberta de Castro Botelho (Doutoranda - PPGCLC/UNAMA)
Ana Claúdia de Almeida Monteiro (Mestranda - PPGCLC/UNAMA)
Msc. Cleuma Roberta de Souza Marinho (Doutoranda - PPGCLC/UNAMA)
Edson Silva de Aquino Júnior (Mestrando - PPGCLC/UNAMA)
Msc. Lucas Matheus Santos Porto (Doutorando - PPGCLC/UNAMA)
Msc. Luis Fernando Ribeiro Almeida (Doutorando - PPGCLC/UNAMA)
Msc. Paulo Uiris Da Silva Gomes (Doutorando - PPGCLC/UNAMA)
Msc. Raimunda Gomes Maciel (Doutoranda - PPGCLC/UNAMA)
Rosiéle Bittencourt Baeta Carvalho (Mestranda - PPGCLC/UNAMA)
Msc. Walquiria Marcelina de Almeida (Doutoranda - PPGCLC/UNAMA)
Yasmin Cabral Gomes (Mestranda - PPGCLC/UNAMA)

Universidade da Amazônia

Chanceler do Grupo SER Educacional
Prof. Dr. José Janguiê Bezerra Diniz

Reitora
Prof. Dr. Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão
Prof. Dr. Ana Maria de Albuquerque Vasconcellos

Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura
Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior

Conselho Editorial
Profª. Drª. Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo (Presidente)
Profª. Drª. Ana Maria de Albuquerque Vasconcellos
Prof. Dr. Leonardo Augusto Lobato Bello
Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior
Prof. Dr. Mário Vasconcellos Sobrinho
Prof. Dr. Jeferson Antonio Fernandes Bacelar
Prof. Msc. Mario Camarão França Neto
Profª. Msc. Daniela Corrêa Teixeira
Prof. Dr. Sérgio Castro Gomes
Prof. Msc. Éden Fernando Batista Ferreira

Revisão de texto
A revisão textual e de normalização da ABNT é responsabilidade dos autores de artigos e orientadores

Editoração eletrônica
Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção (PPGCLC/UNAMA) - Coordenação
Prof. Dr. Thiago Almeida Barros (PPGCLC/UNAMA)
Msc. Luis Fernando Ribeiro Almeida (Doutorando - PPGCLC/UNAMA)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia (10. : 18-22 set. 2023: Belém, PA)
Confluências [livro eletrônico] : 10° Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia : (in)visibilidades : anais 2023 / organização Douglas Junio Fernandes Assumpção, Luis Fernando Ribeiro Almeida, Thiago Almeida Barros. -- Belém, PA : Universidade da Amazônia, 2023.
PDF

Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-88274-35-4

1. Amazônia 2. Cultura 3. Comunicação 4. Educação - Congressos 5. Interdisciplinaridade 6. Linguagem I. Assumpção, Douglas Junio Fernandes. II. Almeida, Luis Fernando Ribeiro. III. Barros, Thiago Almeida. IV. Título.

24-193089 CDD-370.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação : Congressos 370.6

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Universidade da Amazônia
Campus Alcindo Cacela
Avenida Alcindo Cacela, 287 - Umarizal, Belém-PA, CEP: 60060-000.
Telefone: (91) 4009-3000
Homepage: www.unama.br

EDITORA UNAMA - Os textos assinados, tanto no que diz respeito à linguagem quanto ao conteúdo, são de inteira responsabilidade dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da Universidade da Amazônia. É permitido citar parte dos textos sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **11**

ST 1 - CONTRADISCURSOS DE RESISTÊNCIAS: NOVAS PROPOSTAS DE VIDA DIANTE DA EMERGÊNCIA CLIMÁTICA **12**

A CIDADANIA DIGITAL NO INSTAGRAM E A MOBILIZAÇÃO #FLORESTAEMPÉ COMO AÇÃO DECOLONIAL AMAZÔNICA (*Jéssica de Souza Carneiro, Claudiane de Oliveira Carvalho Sampaio e Walter Teixeira Lima Júnior)* **13**

CONTRANARRATIVAS E COMUNICAÇÃO POPULAR EM UM LUGAR EPISTÊMICO NO CERRADO AMAZÔNICO *(Andréa Carla Lopes Viana e André Luiz Campanha Demarchi)* **28**

LUZ, CÂMERA E SABERES INDÍGENAS: UMA ANÁLISE DECOLONIAL DO DOCUMENTÁRIO "A ÚLTIMA FLORESTA" *(Adison Cesar Sousa dos Santos e Vânia Maria Torres Costa)* **42**

O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL YANOMAMI COMO UMA ALTERNATIVA AO EMPREENDEDORISMO CAPITALISTA NA REGIÃO AMAZÔNICA *(Andressa Rodrigues Diógenes e Rafael Sbeghen Hoff)* **57**

PERSPECTIVAS DA CULTURA E DO IMAGINÁRIO NA PRODUÇÃO VISUAL AMAZÔNICA *(Amanda Cristine Modesto Barros e Rafael Brito Gonzaga)* **72**

RESISTIR PARA EXISTIR: AMAZÔNIA E RESISTÊNCIA INDÍGENA NO INSTAGRAM DE SÔNIA GUAJAJARA (Giovane Silva da Silva) **82**

ST 2 - CIDADE, ARTE E ESPAÇO **95**

A APROPRIAÇÃO POÉTICA DA PALAVRA NO ESPAÇO URBANO EM DOIS FOTÓGRAFOS AMERICANOS *(Josiclei de Souza Santos)* **96**

A CIDADE DE MANAUS EM CINZAS DO NORTE (Tatiana Cavalcante Fabem) **109**

À LA SAUVETTE: O FOTÓGRAFO COMO FLÂNEUR PÓS-MODERNO *(Pablo Ariel da Costa Fernandez e Jorge Leal Eiró da Silva)* **123**

AS INFLUÊNCIAS DA BELLE ÉPOQUE NO PALACETE FACIOLA *(Evellyn Pamela Corrêa Machado e Vera Maria Segurado Pimentel)* **135**

AUDIODESCRIÇÃO EM SANTUÁRIOS: ABORDAGEM INCLUSIVA PARA A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E PATRIMONIAL *(Kamilly Malcher de Barros, Marco Antonio Freitas e Silva e Fernando do Nascimento Moller)* **148**

ENTRE NOVAS FIGURAÇÕES: RASTROS DE UM EXPRESSIONISMO PARAENSE NOS ANOS 80/90 *(Yasmin Gomes e Jorge Eiró)* 163

MEMÓRIA GRÁFICA DA MAQUETE DE BELÉM: ARTEFATO VISUAL NA CRIAÇÃO DO IMAGINÁRIO *(Fernanda Martins Cavalcante Brabo e Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes)* 178

MUROS E CRIAÇÃO DE IMAGENS RELACIONAIS EM VIAS DA CIDADE DE BELÉM *(Edson Silva de Aquino Júnior e Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes)* 190

O GRADIL DO PARQUE DA RESIDÊNCIA: UMA QUESTÃO DE ESTETIZAÇÃO E PERMEABILIDADE URBANA *(Matheus Gonçalves Nunes e Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes)* 204

PATRIMÔNIO INVISÍVEL: UM RETRATO DE BELÉM DA BELLE ÉPOQUE E SUAS LIVRARIAS DO SÉCULO XX *(Leonardo José Góes Oliveira e Márcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes)* 218

SOBRE O SUBLIME E O SUBLIME TECNOLÓGICO *(Paulo Uiris da Silva Gomes, Jorge Leal Eiró da Silva e José Mariano Klautau Filho)* 234

ST 3 - (IN)VISIBILIDADES FESTIVAS NA CIDADE: CORTEJOS, RITUAIS E PERFORMANCES EM ESPAÇO URBANO 249

BREGA PARAENSE: ORIGEM, PERCURSO E CONSUMO CULTURAL EM BELÉM-PA *(Pedro Paulo Calandrine Monteiro Júnior e Edgar Chagas Junior)* 250

CONTADORES DE HISTÓRIAS E RESIGNIFICAÇÃO NO ESPAÇO DA CIDADE *(Ana Selma Barbosa Cunha e Paulo Jorge Martins Nunes)* 264

CORTEJO VISAGENTO E HALLOWEEN EM BELÉM: HIBRIDISMO CULTURAL NO ESPAÇO AMAZÔNICO *(Adrianne da Silva Peixoto e Ivana de Ivana Guimarães de Oliveira)* 272

FESTIVAL GASTRONÔMICO DE TAQUARUÇU: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS ATRAVÉS DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA *(Guilherme Felipe Oliveira Lima e Edna de Mello Silva)* 286

O IMAGINÁRIO AMAZÔNICO NA OBRA DE SERGUEI FIRSANOV *(Natália Cristina dos Santos Silva da Costa e William Silva de Araújo)* 306

OCUPAR A CIDADE COM A PALAVRAS SONHADAS: PONTA DE PEDRAS E SEUS ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA EM TORNO DO LITERÁRIO *(Marcos Samuel Costa da Conceição)* 320

OS BTMs E O ADVENTO DA PANDEMIA (*Euclides Barbosa Moreira Neto)* 329

OS NEGROS PAQUÉS, IDENTIDADE E (RE)EXISTÊNCIA NA FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO DOS PRETOS DE IRITUIA *(Gleice Antonio A. de Oliveira e Edgar Monteiro Chagas Junior)* 345

PARAL(ELOS): A POESIA DE BRUNO DE MENEZES E A PERFORMANCE NO TAMBOR DE MINA *(Joice Freitas dos Santos e Sarah das Neves Prazeres)*.....358

WALTER FREITAS: EXPRESSÃO ARTÍSTICA AMAZÔNICA DOS ENTREMUNDOS ORIGINÁRIOS E CONTEMPORÂNEOS *(Magnólia da Rocha)* 372

ST 4 - (IN)VISIBILIDADES ARTE-CIÊNCIA: ENTRELAÇAMENTOS ENTRE LITERATURA E PSICOLOGIA **387**

A CRIANÇA EM "NÓS": A (CONT)AÇÃO DE HISTÓRIAS COMO RECURSO TERAPÊUTICO *(Tânia de Miranda Santos e Vivian Fragoso Rei Monteiro)* **388**

A HISTERIA NA LITERATURA: UMA ANÁLISE DE O POÇO DOS MARIDOS, DE HUMBERTO DE CAMPOS *(Luis Fernando Ribeiro Almeida e José Guilherme de Oliveira Castro)* **402**

A TEXTUALIDADE DA MODA *(Maria Felicia Assmar Maia)* **413**

AFETO: BAGAGEM DE VIDA *(Guilherme dos Santos Pinheiro, Walquíria Marcelina de Almeida e Rosangela Araújo Darwich)* **422**

EDUCAÇÃO E CONHECIMENTO: ENTRE O BOM E O ÚTIL *(Matheus Reichelt Flores e Rosângela Araújo Darwich)* **434**

ENEIDA DE MORAES E A CRÔNICA BANHO DE CHEIRO COMO INSPIRAÇÃO PARA A COLEÇÃO CHÊRO CHERÔSO *(Milena Silva Castro, José Guilherme de Oliveira Castro e Felícia Assmar Maia)* **444**

ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA INFANTIL: IDENTIDADE, LUDICIDADE E A LIBERDADE DE SER CRIANÇA *(Maria Darlene Trindade Corrêa e José Guilherme de Oliveira Castro)* **458**

EXPLORANDO CARTAS NA TURMA DO CHAVES: ESTÍMULO À FORMAÇÃO DE HABILIDADES DE LEITURA E ESCRITA *(Ana Clara Solon Rufino e Rosângela Araújo Darwich)* **470**

GRUPO VIVENCIAL BASEADO EM MINDFULNESS: BEM-ESTAR E AUTOPERCEPÇÃO EM MULHERES *(Thainá Guimarães Durães Souza e Rosangela Araújo Darwich)* **484**

LITERATURA AMAZÔNICA NA TERAPIA COGNITIVO- COMPORTAMENTAL: UMA PROPOSTA DECOLONIAL NA SUPERAÇÃO DE PENSAMENTOS DISFUNCIONAIS *(Ingridi Nascimento Batista, Rosângela Araújo Darwich e José Guilherme de Oliveira Castro)* **498**

MUNDO BANI NO NORTE E NO SUL GLOBAL: UM ESTUDO COMPARATIVO INTERNACIONAL *(Cinthya Souza Simas e Rosângela Araújo Darwich)* **508**

O CONTO O ESPELHO E O REFLEXO DA NATUREZA DA ALMA *(Ana Claudia de Almeida Monteiro e José Guilherme de Oliveira Castro)* **512**

OUTROEU: A PSIQUE E OS ASPECTOS DO DUPLO COMO ELEMENTO FANTÁSTICO EM O MÉDICO E O MONSTRO *(Roseany Karimme Silva Fonseca)* **528**

PSICOLOGIA E LITERATURA: UM GRUPO VIVENCIAL COM POESIA PRÓPRIA *(Rosângela Araújo Darwich e Mayara Azevedo Sousa Ferreira)* **537**

UM OLHAR NA LITERATURA SOBRE PSICOLOGIA ESCOLAR NA EDUCAÇÃO MUNICIPAL *(Patrícia Cabral Duarte e José Guilherme de Oliveira Castro)* **548**

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SUBJETIVIDADE FEMININA NO ROMANCE 'UMA DUAS", DE ELIANE BRUM (Rosiéle Bittencourt Baêta Carvalho, Rosângela Araújo Darwich, José Guilherme de Oliveira Castro e Thiago Almeida Barros) **560**

ST 5 - (IN)VISIBILIDADES NA DIVERSIDADE: GÊNEROS, QUILOMBOLAS, RIBEIRINHOS, LGBTQIA+ E CORRELATAS **574**

APAGAMENTO DOS SUJEITOS TRADICIONAIS NOS PROJETOS EDUCACIONAIS DO BRASIL COLÔNIA E IMPÉRIO *(Jefferson Luis da Silva Cardoso e Rosângela Araújo Darwich)* **575**

AS NARRATIVAS ORAIS DAS MULHERES FARINHEIRAS DA FAMÍLIA SÁ: "EU GOSTO DE TRABALHAR NA ROÇA. EUGOSTO DE TRABALHAR NA CASA DE FARINHA" *(Alberto Flavio Furtado de Lima)* **589**

BREVE RELATO DE PESQUISAS SOBRE MULHERES EM AMBIENTES FUTEBOLÍSTICOS NA AMAZÔNIA PARAENSE *(Milene Costa de Sousa)* **602**

EDUCAÇÃO ESCOLAR RIBEIRINHA: DILEMAS E DESAFIOS *(Ana D'Arc Martins de Azevedo, Carlos Junior Gemaque Costa, Karla Renata Brito Perna e Maria Eduarda Gemaque Costa)* **614**

FLEXIBILIZAÇÃO CURRICULAR NO CONTEXTO DA ETNIA WARAO: SABERES NO MUNICÍPIO DE ANANINDEUA–PA *(Magali Pinto Gouvêa, Ana D'Arc Martins de Azevedo e Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo)* **624**

INCLUSÃO AO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO *(Vanja Elizabeth Sousa Costa e Ana D'Arc Martins de Azevedo)* **637**

LGBTQIA+: A QUANTIFICAÇÃO DA DIVERSIDADE DE PERSONAGENS NAS TELENOVELAS DA TV GLOBO ENTRE 2011 E 2023 *(Lucas Matheus Santos Porto e Matheus Felipe Chagas de Miranda)* **646**

MIDIATIZAÇÃO DOS SABERES POPULARES SOBRE PLANTAS MEDICINAIS: UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA NORONHA DE BARROS DO MUNICÍPIO DE BARCARENA-PA *(Raimunda Gomes Maciel, Ana D'Arc Martins de Azevedo e Maria Betânia Fidalgo Arroyo)* **662**

MULHERES NEGRAS E A CIDADE: UM DIÁLOGO DO CONCEITO DE RACISMO COTIDIANO E O CAMPO DE ESTUDOS EM PERCEPÇÃO NA ARQUITETURA E URBANISMO *(Beatriz Caminha dos Santos e Luis de Jesus Dias da Silva)* **677**

TRABALHO OU LIDA: QUESTÕES SOBRE INVISIBILIDADE DE ATIVIDADES FEMININAS NÃO REMUNERADAS *(Luciana Guimarães Barbosa)* **686**

VOZES DA ILHA: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS DE PROFESSORES ALFABETIZADORES DE SURDOS NA ILHA DE SANTANA- AP *(Cleuma Roberta de Souza Marinho, Ana D'arc Martins Azevedo e José Adnilton Oliveira Ferreira)* **700**

ST 6 - COMUNICAÇÃO DIGITAL E INDÚSTRIA CRIATIVA **716**

A MARCA AMAZÔNIA E A MARCA PESSOAL DO GOVERNADOR DO PARÁ, HELDER BARBALHO *(Rodolfo Silva Marques e Luiz LZ Cezar Silva dos Santos)* **717**

AÇÃO INOVADORA PARA O ENSINO DAS ARTES VISUAIS: A CRIAÇÃO DE VÍDEOLOG POR ALUNOS DO 9º ANO *(Diorlete Ferreira da Silva Vieira)* **739**

ARAMUMO E DOMLEXIA: UM OUTRO OLHAR SOBRE A DISLEXIA POR MEIO DE JOGOS EDUCACIONAIS *(Walquíria Marcelina de Almeida e Kátia Regina de Souza da Silva Silva)* **753**

EMPREENDEDORISMO EM COMUNICAÇÃO: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DO EIXO NORTE-SUL BRASILEIRO *(Rafael Sbeghen Hoff, Duílio Fabbri Junior, João Lucas Oliveira Cardoso, Luciano Mesquita da Cunha, Mateus Melo Leiros, Vinícius Alexandre Alves dos Santos, Vinicius Costa Souza e Andressa Rodrigues Diógenes)* **765**

INFLUENCIADORES DIGITAIS: REFLEXOS AMAZÔNIDAS NO INSTAGRAM DE DINA CARMONA E ZÉ NA REDE *(Lucas Matheus Santos Porto)* **778**

JORNALISMO E CRIATIVIDADE: ANÁLISE DOS PERFIS BBC NEWS BRASIL E OLIBERAL.COM NO TIKTOK *(Carolina da Costa Albuquerque, Even Christine Rodrigues Oliveira, Isabella Cordeiro Carvalho e Maíra Evangelista de Sousa)* **793**

NA PASSARELA DAS TICs, A CULTURA POPULAR NADA DEVE À ALTA COSTURA (Renato César Bittencourt Klein e Bianca Larissa Klein) **806**

O MUNDO DE MARIANA: NARRATIVAS DIGITAIS, INTERAÇÕES E CONSUMO (Danuta Leão e Ivana Oliveira) **820**

TIKTOK: UM CANAL NAS REDES SOCIAIS PARA A VOZ DAS RECLAMAÇÕES DOS CLIENTES (Rosalvo Sobral Mafra Júnior e Douglas Junio Fernandes Assumpção) **833**

PROGRAMAÇÃO GERAL **846**

APRESENTAÇÃO

Na edição de 2023, o Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia chegou ao seu primeiro decênio de realização, alcançando também abrangência nacional e consolidação de importantes redes de intercâmbio de saberes. De 18 a 22 de setembro de 2023, o evento, em formato híbrido, destacou o tema "(In)Visibilidades e contou com conferências e mesas redondas ministradas por palestrantes nacionais, oficinas, visitas guiadas e a apresentação de trabalhos em Simpósios Temáticos e e-Pôsteres, na Universidade da Amazônia (Unama).

Atento às discussões acerca do Sul Global, poder e política, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) promoveu debate público com discussões que contribuem para uma inversão de olhares sobre fenômenos contemporâneos, de forma interdisciplinar, contemplando conhecimentos nos campos social, comunicacional, linguístico, cultural e artístico.

Em diálogo com o tema de 2023, a filósofa Suze Piza, da Universidade Federal do ABC (UFABC) foi a convidada para a conferência de abertura do Confluências, intitulada “Sair da modernidade, reaprender a perceber e a imaginar”. O evento contou com mais três mesas-redondas, que aproximaram o debate de questões amazônicas: “Urbanidade Invisível: Amazônia, estereótipos e a negação dos modos de vida locais” (João Cláudio Arroyo, Helena Tourinho, Edgar Chagas e Mario Vasconcellos Sobrinho), “Territórios, saberes e pensamento decolonial” (João Colares e Ana D’Arc Azevedo) e "Cultura, narrativas e invisibilidade” (Josebel Akel Fares e Paulo Nunes).

Os diálogos interdisciplinares do X Confluências ofereceram ainda visita guiada especial ao Museu de Arte da Unama, com a exposição “Tocar o Céu, Lamber a Cidade” (das artistas visuais Beatriz Paiva e Melissa Barbery) e Seminário PDPG Capes, com apresentações de resultados de trabalhos e de pesquisas em andamento de docentes e discentes envolvidos. Paralelamente a essas atividades, o evento realizou novamente os Simpósios de Trabalho (STs), que tiveram a participação de coordenadores convidados e submissão de artigos de pesquisadores de várias regiões do País e do exterior.

Esta edição de Anais do X Confluências reúne os artigos completos apresentados nos seis STs: ST1 - Contradiscursos de resistências: novas propostas de vida diante da emergência climática; ST2 - Cidade, arte e espaço; ST3 – (In)Visibilidades festivas na cidade: Cortejos, rituais e performances em espaço urbano; ST4 - (In)Visibilidades arte-ciência: entrelaçamentos entre literatura e psicologia; ST5 - (In)Visibilidades na diversidade: gênero, quilombolas, ribeirinhos, LGBTQIA+ e correlatas; e ST6 - Comunicação digital e indústria criativa.

Os Anais do X Confluências integram mais uma das ações do PPGCLC/UNAMA que contam com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – PROJETO PDPG - AMAZÔNIA LEGAL - AUPEX 0779/2020/CAPES”.

Desejamos uma boa leitura!

Edgar Monteiro Chagas Junior
Douglas Junio Fernandes Assumpção
Thiago Almeida Barros
Luis Fernando Ribeiro Almeida

COORDENADORES:
PROFA. DRA. IVANA OLIVEIRA (PPGCLC/UNAMA)
PROF. DR. THIAGO BARROS (PPGCLC/UNAMA)
PROF. DRA. ALDA COSTA (PPGCOM/UFPA)

ST1 – CONTRADISCURSOS DE RESISTÊNCIAS: NOVAS PROPOSTAS DE VIDA DIANTE DA EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

Este Simpósio de Trabalho tem o objetivo de contribuir com as discussões interdisciplinares sobre contradiscursos presentes em expressões midiáticas - da comunicação, artes, literatura, cultura, ação política e áreas afins - em momento de emergência climática. Acolhe estudos que estimulem uma visão crítica acerca das estruturas sociais nas quais os contradiscursos estão inseridos, e das relações de poder em regiões pressionadas por fronteiras desenvolvimentistas, especialmente na Pan-Amazônia. Contradiscursos não carregam somente a função de denúncia e combate a discursos de ódio, estigmatização, preconceitos, mas também novas perspectivas de vida, conectadas com a natureza e direitos fundamentais, buscando a saída de uma condição de subalternidade ou tutela. Na atualidade, ambientes de resistência têm ganhado ainda mais força, visibilidade e engajamento internacional por conta das conexões proporcionadas pelo uso de redes sociais e novas formas de mostrar. Dessa forma, pretende-se trazer ao debate experiências de sujeitos, movimentos e outras organizações sociais que se constituam como falas vivas, enunciados vivos de protestos e estimulem a redução de assimetrias discursivas em discussões públicas.

A CIDADANIA DIGITAL NO INSTAGRAM E A MOBILIZAÇÃO #FLORESTAEMPÉ COMO AÇÃO DECOLONIAL AMAZÔNICA[1]

DIGITAL CITIZENSHIP ON INSTAGRAM AND THE #FLORESTAEMPÉ MOBILIZATION AS A DECOLONIAL AMAZON ACTION

LA CIUDADANÍA DIGITAL EN INSTAGRAM Y LA MOVILIZACIÓN #FLORESTAEMPÉ COMO ACCIÓN AMAZÓNICA DECOLONIAL

Jéssica de Souza Carneiro[2]
Claudiane de Oliveira Carvalho Sampaio[3]
Walter Teixeira Lima Júnior[4]

Resumo: Em plataformas de redes sociais como o Instagram, cada vez mais cidadãos(ãs) podem se manifestar vigilantes à mídia e ao social, do que pode ou não decorrer mobilizações via *hashtags*. Neste artigo, queremos saber se a #florestaempé contribui para a formação e disseminação de processos comunicacionais que visam chamar atenção sobre a necessidade de conservação da Amazônia, o que denominamos como manifestações decoloniais acerca da região. Tal exercício de análise foi realizado por meio da filtragem de exemplos do Instagram por conteúdos marcados com a referida *tag,* analisados conforme técnicas de Bardin (2015). Observamos que a mobilização via esta *tag* decorre da midiatização contemporânea, que provoca o agenciamento de redes com motivações as mais diversas, dentre elas a decolonial.

Palavras-chave: Cidadania digital; Instagram; hashtags; #florestaempé.

Abstract: On social media platforms such as Instagram, more and more citizens can manifest media and social media awareness, which may or may not lead to mobilizations via hashtags. In this article, we want to know if #florestaempé contributes to the formation and dissemination of communication processes that aim to draw attention to the need for conservation in the Amazon, which we call decolonial manifestations about the region. This analysis exercise was carried out by filtering Instagram examples for content marked with the aforementioned tag, analyzed according to Bardin's techniques (2015). We observed that mobilization via this tag stems from contemporary

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST1 Contradiscursos de Resistências: Novas Propostas de Vida Diante da Emergência Climática, do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA), sob orientação do prof. dr.. Walter Teixeira Lima Júnior. E-mail: jessica.souza.jor@gmail.coml e ORCID: https://orcid.org/0000- 0002-8524-2847.

[3] Doutora e mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA. Professora visitante do PPGCOM da UFPA. Pesquisadora do INCT IN TREE. E-mail: claudianecarvalho29@gmail.com e ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5000-1074.

[4] Doutor, docente do PPGCOM UFPA e do Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Inovação Tecnológica, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). E-mail: walterteixeiralimajunior@gmail.com e ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9423-3854.

mediatization, which causes the agency of networks with the most diverse motivations, among them the decolonial one.

Keywords: Digital citizenship; Instagram; hashtags; #forestempé.

Resumen: En plataformas de redes sociales como Instagram, cada vez más ciudadanos pueden manifestar conciencia de los medios y las redes sociales, lo que puede o no conducir a movilizaciones a través de hashtags. En este artículo queremos saber si #florestaempé contribuye a la formación y difusión de procesos de comunicación que tienen como objetivo llamar la atención sobre la necesidad de conservación en la Amazonía, que llamamos manifestaciones decoloniales sobre la región. Este ejercicio de análisis se llevó a cabo filtrando ejemplos de Instagram por contenidos marcados con la mencionada etiqueta, analizados según las técnicas de Bardin (2015). Observamos que la movilización a través de esta etiqueta proviene de la mediatización contemporánea, que provoca la agencia de redes con las más diversas motivaciones, entre ellas la decolonial.

Palavras clave: Ciudadanía Digital; Instagram; etiquetas; #bosquetempe.

1. INTRODUÇÃO

As *hashtags* são palavra-chaves sobre assuntos que se deseja indexar como conteúdo em redes sociais para consulta pública de usuários(as) por meio do uso do símbolo cerquilha (#), o qual gera um *hiperlink* acessível através de um clique. Elas surgem muito comumente em espaços sociotécnicos da contemporaneidade, seja como as já conhecidas *trends*[5] seja no intuito de suscitar mobilização e/ou viralização[6] de conteúdos.

Abordando as sociabilidades humanas nesse cenário atual e midiatizado (COLDRY; HEPP, 2016), notamos que a mobilização social digital é intrínseca ao contexto sociocultural contemporâneo. Ou seja, conferir visibilidade a determinada causa/assunto já não é mais tarefa exclusiva da imprensa, uma vez que, nestas condições de produção e circulação, a paisagem comunicativa

[5] Na tradução literal do inglês significa "tendência" e “dá nome aos conteúdos que atingem um pico de popularidade nas redes sociais por certo tempo”. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2022/10/o-que-e-trend-no-Instagram-veja-significado-e-exemplos.ghtml>. Acesso em: 11 mar. 2023.

[6] Designa “conteúdos que acabam ganhando [grande/muita/excessiva] repercussão (muitas vezes inesperada) na web”. Disponível em: <https://penseavanti.com.br/marketingdigital/entenda-melhor-o-termo-viralizacao-por-que-um-conteudo-se-torna-viral/#:~:text=Viraliza%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20um%20termo%20que,muitas%20vezes%20inesperada)%20na%20web>. Acesso em 11 mar. 2023.

é muito mais dinâmica e independente de escalas tradicionais de tempo- espaço como até então se conhecia com a imprensa tradicional (SODRÉ, 2021).

O que nos leva à compreensão sobre a circulação (BRAGA, 2017) enquanto elemento distintivo de novas lógicas e hábitos comunicacionais onde podemos situar o uso das *hashtags* para a defesa da Amazônia, que, em nossa avaliação, evoca um novo ecossistema de manifestação a partir do que Di Felice (2020, pp. 10-11) denomina cidadania digital.

Ao que propomos a possibilidade de encontrar em conteúdos indexados nas redes sociais pelo termo #florestaempé, manifestações que consideramos "decoloniais" (QUIJANO, 2000; STEINBRENNER, 2022) a respeito da Amazônia na ambiência digital, aqui representada pela rede social Instagram.

Nosso objetivo, portanto, é refletir sobre o seguinte questionamento: o uso de *hashtags* como a popular #florestaempé, por exemplo, contribui para a formação e disseminação de novos e diferenciados processos comunicacionais que visam chamar atenção sobre a necessidade de conservação da Amazônia em espaços de representação midiática contemporânea como o Instagram?

Buscaremos as respostas por meio da filtragem de exemplos fundamentados (FRAGOSO et. al., 2015) na *timeline*[7] de pesquisa por palavras-chave do próprio Instagram. Entendemos esta como uma das plataformas de redes sociais digitais mais usadas da atualidade, conforme veremos mais adiante com dados do Instituto Reuters.

Utilizamos como técnica metodológica a análise desse conteúdo específico, por meio de "leitura flutuante" e "interpretação qualitativa" (BARDIN, 2015), a fim de compreender a midiatização também das formas de resistência e ativismos socioambientais no contexto da região amazônica (MARTINS, 2022), historicamente marcada por uma cultura extrativista e pela colonização exploratória aos moldes neoliberais ocidentalocêntricos (LOUREIRO, 2009).

2. O CONTEXTO DE TRANSFORMAÇÕES NO CONSUMO E NA PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES DA CONTEMPORANEIDADE

Na cena contemporânea de processos comunicacionais e consumo de

[7] Na tradução literal do inglês, "linha do tempo" de publicações.

informação midiática na esfera pública inter/hiperconectada (BENKLER, 2006), as plataformas de redes sociais, favorecidas por recursos tecnológicos e interativos, ganham destaque, dentre as quais, o Instagram. Segundo dados do Instituto Reuters[8], por meio do estudo da Universidade de Oxford, sobre o acesso à notícias digitais em 2022 (NEWMAN, 2022), o consumo de mídia tradicional, como TV e mídia impressa, vêm sendo preterido em razão do consumo online.

Com o apoio de um estudo qualitativo detalhado em três países (Reino Unido, EUA e Brasil), o relatório Reuters aponta que as plataformas de redes sociais cresceram, no último ano, quanto ao uso para consumo de notícias, sendo o Instagram em 40% e o TikTok em 16%. O acesso a elas se dá em predominância pelos chamados nativos digitais, pessoas nascidas a partir do surgimento da Internet e que, por isso, são "profundamente conectados e acessam cada vez mais notícias em vídeo ou áudio em redes como Instagram, TikTok, YouTube ou Spotify" (NEWMAN, 2022, n.p).

Dessa feita, compreendemos que a colaboratividade social, neste século, se mostra como elemento fundamental da interação mediada por meio de processos comunicacionais em ambiência digital, o que transforma o(a) usuário(a) de Internet em um "prosumidor", isto é, simultaneamente consumidor e produtor de conteúdo online, conforme propõem a definição de *prosumers*[9] (SÁ; SCOLARI, 2018). Nos chama a atenção, então, a indexação de conteúdos via *hashtags* para a consulta em diretórios de busca como o do próprio Instagram, enquanto uma das plataformas mais utilizadas atualmente.

Com o contexto pandêmico, que a partir de 2019 alastrou o coronavírus de forma globalizada e condicionou formas de sociabilidades ao formato "virtual", as tecnologias passam a ter papel central na mediação da cultura digital sob esquemas de redes (LEMOS, 2021), as quais disparam ações, mobilizam e afetam o coletivo (CASTELLS, 2013; LEMOS 2021), modificando também as "(r)ex(s)istências" no espaço público contemporâneo (MARTINS, 2022), o que nos leva ao entendimento de que é possível também, a partir daí,

[8] Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022/dnr-executive-summary> . Acesso em 24 de out. 2022.

[9] Consumidores que também são fabricantes de informação no ciberespaço (SÁ; SCOLARI, 2018).

exercer cidadania por meio do agenciamento, circulação de informações e participação em redes online.

3. A ESFERA DA CIRCULAÇÃO E A CONFIGURAÇÃO DA CIDADANIA DIGITAL

Tendo em vista o Instagram como plataforma integrante dessa nova cultura digital (LEMOS, 2021), o tomamos também como ferramenta oportuna à mobilização social. Assim, entendemos que a abordagem em relação a essa plataforma precisa se dar a partir do conceito de midiatização (LUNDBY, 2014), ou seja, de que o processo de comunicação mediado por tecnologias implica em transformações estruturais nas sociabilidades que se dão a partir e, agora, através da mídia (HJARVARD, 2013), abarcando todo um sistema de complexidades, que inclui múltiplos polos de produção de sentidos no âmbito da circulação das informações e/ou dos produtos/conteúdos comunicacionais (BRAGA, 2017; FAUSTO NETO, 2018).

Neste cenário, destacamos as possibilidades de alcance de conteúdos disseminados em redes, pois, no que se refere à configuração de trajetórias de produção de significados, ao que Braga (2017) denomina “circuitos”, as disputas por sentidos se dão na esfera da circulação, ou seja, sob múltiplos sentidos e possibilidades de usos, interpretações e apropriações, o que altera toda a cadeia de discursividade social por meio da mídia até então tida como oficial. Entram em cena, a mudança na relação entre atores sociais com e entre as instituições, o papel do algoritmo[10] e o colonialismo de dados (COULDRY; MEJIAS, 2019; CASSINO et. al., 2021).

Compreendemos, assim, a circulação como esfera onde se reproduzem essas novas lógicas e hábitos comunicacionais em que podemos situar, por exemplo, o uso das *hashtags*. Estas, ao nosso ver, vêm revolucionar as práticas individuais e coletivas de interação social, por meio do que Di Felice (2020, pp. 10-11) denomina “cidadania digital”: “uma complexa série de relações, de *inputs* e de respostas, geradas por diversos actantes, humanos e não humanos, conectados entre si” (DI FELICE, 2020, pp. 10-11).

De fato, as redes conectadas, e, as redes de redes, “produzidas em

[10] Recurso interno da plataforma digital responsável por determinar quais e a ordem das publicações que serão exibidas para cada tipo/personalidade/hábitos de “prosumo” do(a) usuário(a).

diálogo com entidades, dados e fluxos informativos" (DI FELICE, 2020, p. 20), gerando a hibridização ou convergência do papel do público no interior das dinâmicas de formação e disseminação de novos e diferenciados processos comunicacionais. Estes, geram e/ou mobilizam coletividades em torno de discursos ativistas e de resistência, buscando, dentre outras motivações, chamar atenção midiática e/ou social para pautas cidadãs, como a importância da conservação da floresta para o futuro do planeta.

Passamos, então, a chamar atenção para as manifestações que chamamos decoloniais sobre a Amazônia encontradas na indexação #florestaempé do Instagram, como no espaço público das redes sociais, segundo a análise que será empreendida a seguir.

4. MANIFESTAÇÕES DECOLONIAIS EM CONTEÚDOS SOBRE A TAG #FLORESTAEMPÉ NO INSTAGRAM

Por manifestações "decoloniais" (QUIJANO, 2000; STEINBRENNER, 2022) amazônicas, na ambiência digital, entendemos todo e qualquer conteúdo que vá de encontro e enfrente a ideia de exploração e/ou dizimação da maior floresta tropical do planeta seja em favor do agronegócio seja em razão da manutenção da posição de subalternidade epistemológica e de subvaloração humana das populações tradicionais perante as políticas públicas e as governabilidades. Assim, propomos que o uso da *hashtag* #florestaempé no Instagram contribui para chamar atenção, produzir e disseminar publicamente conteúdos sobre a necessidade de conservação da Amazônia na ambiência digital.

No diretório de pesquisa por *hashtag*s do Instagram, encontramos na data do dia 21 de dezembro de 2022, quando iniciamos a produção deste artigo, um total de 15.701 menções ao termo, dentre *posts* e *reels* indexados sobre o tema. Dessa forma, o que pretendemos é elencar exemplos por meio de filtragem de conteúdos com base na Teoria Fundamentada (FRAGOSO et. al., 2015), que possam demonstrar as mensagens de decolonialidade contidas em tais manifestações e abordagens desses conteúdos especificamente. O próprio termo "floresta em pé", por si só, já revela uma contraposição à ideia da floresta desmatada.

O desmatamento na Amazônia atingiu o ápice em indicadores e invasões de áreas de proteção ambiental na gestão bolsonarista no Brasil, entre 2018-2022. Segundo dados do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia - IMAZON, em *post* no Instagram[11], o desmatamento cresceu em 590km^2 no país somente em novembro de 2022, o que representa 23% a mais do que o mesmo período do ano passado, de modo que "a derrubada da Amazônia", no apagar das luzes do governo Bolsonaro, "segue batendo novos recordes negativos"[12]. Com esses indicadores, somados aos registrados desde janeiro pelo Imazon, o acumulado chegou a 10.256 km^2 ao longo do ano: "a pior marca para o período em 15 anos"[13].

Por isso, entendemos que, pelo próprio sentido da frase "floresta em pé", a *hashtag* é de mobilização e se trata do que denominamos de representação decolonial, uma vez que algumas décadas depois de ter se encerrado o colonialismo no mundo, o discurso da "colonialidade de poder" ainda ecoa na naturalização de uma perspectiva de colonialidade contínua (QUIJANO, 2000), em que governos e empresas olham para a Amazônia por meio da lógica de exploração.

O que propomos a respeito da decolonialidade, também baseados em Quijano (2007) e Mignolo (2020), é a possibilidade de que, no contexto contemporâneo midiatizado, usuários(as) de redes sociais como o Instagram podem se contrapor ou trazer a público mais fatos ou fatos não enquadrados (SOARES, 2009) pela mídia tradicional a respeito da (falta de) conservação da floresta, uma vez que a sua derrubada atende aos interesses das classes dominantes e/ou do mercado (capitalismo).

Mas como essas práticas influenciam uma perspectiva de decolonização?

Para nos aproximarmos da resposta a este questionamento, buscaremos, então, analisar alguns desses conteúdos, a fim de observar padrões de utilização, disseminação e/ou apropriação por meio dos(as) usuários(as) dessa *hashtag* na plataforma. A partir das técnicas de Bardin (2015), vislumbraremos

[11] Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CmcY8VguY_b/?igshid=MDJmNzVkMjY%3D>. Acesso em 22 de dez. 2022.
[12] Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CmcY8VguY_b/?igshid=MDJmNzVkMjY%3D>. Acesso em 22 de dez. 2022.
[13] Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CmcY8VguY_b/?igshid=MDJmNzVkMjY%3D>. Acesso em 22 de dez. 2022.

o que significa a “floresta em pé” nestes conteúdos, aplicando os métodos de “leitura flutuante” e “interpretação qualitativa”.

A expectativa é obter “uma sistematização dos dados coletados de forma a reconhecer padrões e elementos relevantes para a análise e para o problema” em questão (FRAGOSO et. al., 2015, p. 92), isto é: o uso dessa *hashtag* chama atenção sobre a necessidade de conservação da Amazônia na perspectiva da decolonialidade?

Como não podemos, no espaço deste artigo, nos dedicar à análise de todas as mais de 15 mil menções à *tag* encontradas pela ferramenta de busca da plataforma, tomaremos como critério de seleção para o *corpus* de análise, aplicando o recurso de “leitura flutuante” (BARDIN, 2015), os conteúdos destacados pelo próprio Instagram como sendo os mais relevantes que apareceram nas duas primeiras fileiras de pos*tag*ens visualizáveis no diretório de pesquisa do aplicativo na data do dia 21 de dezembro de 2022, quando começamos a redação deste trabalho, conforme a figura (FIG. 1) que se segue:

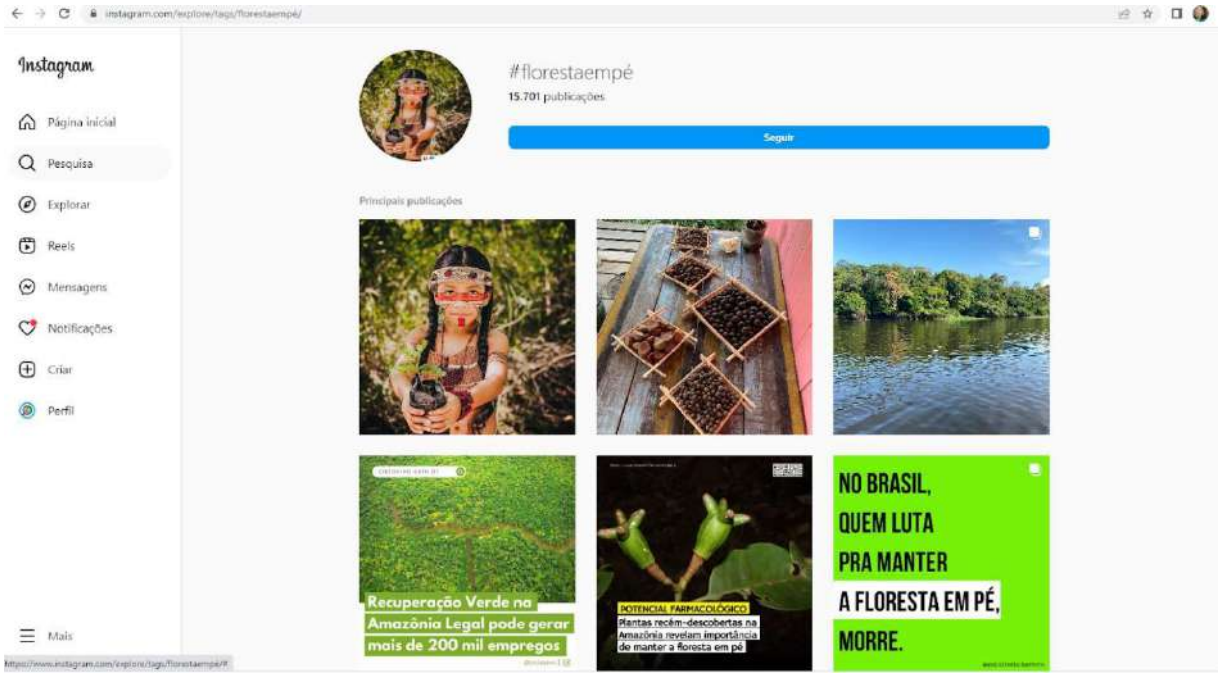


Figura 1 - *Print* de tela de pesquisa pela *tag* #florestaempé no Ins*tag*ram

Fonte: https://www.ins*tag*ram.com/explore/*tags*/florestaemp%C3%A9/

Por meio da “interpretação qualitativa” (BARDIN, 2015), podemos perceber, que os elementos visuais contidos nas imagens dos *posts* constantes na Figura 1 estão permeados de muito verde e marrom, o que pode remeter às

cores das árvores da Amazônia, trazendo ainda referências indígenas; nuances do conceito de "sustentabilidade"[14] pela presença das mudas e sementes exibidas em cestas de materiais naturais; águas; rios; bem como em elementos textuais com referências a narrativas ativistas e ambientalistas, que clamam pela proteção à espécies e áreas florestadas, principalmente, da região amazônica.

A primeira imagem mostra uma curumim caracterizada em vestes, adereços e pinturas indígenas, em cenário florestado, segurando uma muda de planta entre as mãos, parecendo ofertá-la a quem vê a foto. No dia em que realizamos o *print*, cometemos o erro de não salvar o *link* dessa foto para ter acesso ao *post* e ao usuário utilizador da *tag*, por isso, no dia seguinte, a atualização da pesquisa pela *tag* na plataforma já não trazia mais a mesma imagem, o que demonstra o quão dinamicamente trabalha o algoritmo em termos de atualização dos conteúdos disponíveis *online*. Mas, se analisada apenas visualmente, embora representando a indígena de maneira estereotipada, é possível associar todo o sentido da relação que os povos indígenas possuem na manutenção das florestas brasileiras, e, a oferta da muda pela curumim a quem tem acesso ao conteúdo se torna quase que um convite ao "reflorestamento"[15].

O *post* seguinte, ainda disponível entre os mais relevantes da busca por #florestaempé no Instagram na data do dia 22 de dezembro de 2022, quando demos continuidade à análise proposta, é originário do perfil @cofrutadobrasil, definido em sua "bio"[16] como Cooperativa dos Fruticultures de Abaetetuba - Pará, dedicada à "produção familiar da Amazônia"[17]. O perfil em questão tem poucos *posts* publicados em seu *feed*[18], a saber, o total de 16 publicações. O

[14] Modelo de desenvolvimento que tem origem no saber e, de forma específica, nas ciências biológicas, entendido como "a busca do prolongamento da durabilidade dos ecossistemas no tempo" (FERNANDES, 2003, p.135), apud Amaral Filho (2016, p.224), embora este "não vincula os problemas ambientais com as relações sociais e por isso mesmo não considera as questões das desigualdades (AMARAL FILHO, 2016, p.224).

[15] "Regeneração natural ou intencional de florestas e matas que foram esgotadas anteriormente, geralmente devido ao desmatamento". Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Reflorestamento>. Acesso em: 22 dez. 2022.

[16] Como informalmente se refere às biografias de perfis no Instagram em linguagem de referência em redes sociais.

[17] Disponível em: <https://www.instagram.com/cofrutadobrasil/>. Acesso em: 22 dez. 2022.

[18] Como informalmente se refere à página principal de publicações de um perfil no Instagram em linguagem de referência em redes sociais.

primeiro *post* do perfil é datado de novembro de 2021, o que quer dizer que é uma conta criada relativamente em período recente.

O *post* elencado como relevante na busca pela *tag* analisada é de caráter educativo, pois informa o(a) usuário(a) do Instagram sobre as características das "atividades extrativistas, como a coleta de sementes oleaginosas" na exploração "sustentável" da Amazônia, o que nos leva a inferir que se trata de um conteúdo de *marketing* ambiental[19], pois o *hiperlink* disponível na bio do perfil e que leva ao *site* da cooperativa na Internet, a identifica como uma cooperativa "agroindustrial que comercializa produtos na Amazônia". Isso nos leva a crer que o *post* em questão pode ter sido "promovido", ou seja, monetizado dentro da plataforma para ganhar destaque entre os conteúdos afins disponíveis na rede, visto se destacar no Instagram ainda que proveniente de um perfil de poucos conteúdos e atualizações.

O terceiro *post* do *print* da Figura 1 é um carrossel de dez imagens, as quais mostram a margem de um rio e um *frame*[20] de uma área de floresta. A pos*tag*em[21] é do perfil @vivamazonas e apenas localiza as fotografias como referentes ao Lago do Limão - Amazonas, acompanhadas de "*emoticons*[22] verdes" e diversas outras *hashtag*s, dentre as quais várias associadas ao ecoturismo. O perfil traz em sua bio a informação de que se dedica à divulgação de fotografias autorais "mostrando o meu Amazonas", mas não nomeia pessoa ou empresa. No *feed* do perfil, encontramos uma curadoria de imagens referentes à biodiversidade amazônica (fauna, flora, patrimônio material e imaterial), mas, apenas quando clicamos no *hiperlink linktree*[23]*,*

[19] "Relação entre desenvolvimento e meio ambiente, partindo de ações estratégicas das empresas estabelecidas pela economia de mercado mas apresentadas ao grande público como uma opção de consumo diferenciada, cuja essência está na oferta de produtos e serviços que primam pela proteção ao meio ambiente como componentes de ações relativas à utilização de recursos naturais e que tem como impulsionador a promessa publicitária que aqui se efetiva pela oferta de uma gama de produtos que tem o aval e o selo da sustentabilidade" (AMARAL FILHO, 2016, p.160).

[20] Na tradução literal do inglês, "quadro".

[21] Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CdrXt7gLniL/>. Acesso em: 22 dez. de 2022.

[22] Do inglês *emotion* + *icon* é uma sequência de caracteres tipográficos que expressam emoções ou figuras para ilustrar conversações em redes sociais. Associamos o termo "verdes" para, além de denominar a cor dos que foram utilizados na postagem, associá-los ao marketing ambiental na definição de Amaral Filho (2016), enquanto referentes à "floresta" ou "meio ambiente".

[23] Plataforma de *social-linking* em redes sociais que opera em modelo gratuito.

disponível na bio, vemos que o perfil está associado a uma empresa de cosméticos fabricados a partir de insumos amazônicos.

Na segunda fileira do *print* da Figura 1, no quarto *post* indexado na busca pela *tag*, o conteúdo apresentado é de uma imagem aérea de floresta com um braço de rio em curvas sinuosas, acompanhado do texto “recuperação verde na Amazônia Legal pode gerar mais de 200 mil empregos”, além do endereço de *web*: ciclovivo.com.br e a identificação do perfil @ciclovivo. O texto do *post*[24] é de conteúdo informativo sobre o Plano de Recuperação Verde da Amazônia Legal, lançado em julho de 2021, sob o ponto de vista de estudo realizado pelo Centro de Pesquisa em Macroeconomia das Desigualdades (MADE) da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária da Universidade de São Paulo (FEA-USP), portanto tratando-se de divulgação científica. O perfil é definido como “*site* de notícias e mídia” e tem como conteúdo principal o conceito de sustentabilidade, já que entrecruza a importância da “floresta em pé” com a valoração econômica própria às áreas de Economia e Administração.

O quinto *post* aparente no *print* da Figura 1 é de um “perfil clássico” do jornalismo independente promovido em redes sociais pelos “ninjas da informação” (@midianinja)[25], em que a imagem de uma planta amazônica aparece acompanhada do título “Potencial farmacológico” e subtítulo “Plantas recém-descobertas na Amazônia revelam a importância de manter a floresta em pé”. No texto do *post*[26], encontramos conteúdo em gênero jornalístico, formato notícia, a respeito da espécie *Aenigmanu alvareziae*, cujo uso medicinal está associado à redução de gordura ao redor do fígado, com potencial para a prevenção de obesidade ligada a doenças metabólicas.

Além de fazer divulgação científica, por se tratar de perfil de “mídia alternativa”, ou seja, contra-hegemônica, portanto decolonial, a notícia

[24] Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CTUIkb7BIb6/>. Acesso em: 22 dez. 2022.
[25] Que a exemplo do que propõe o conceito "getninjas" - “empresa de internet brasileira, com sede em São Paulo, que gerencia a maior plataforma online para conectar clientes a prestadores de serviços por todo país” (Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/GetNinjas>. Acesso em: 24 dez. de 2022), no âmbito da produção de conteúdo midiático no Instagram, funcionam como “agenciadores em uma contraofensiva que configura as ferramentas da Big Tech como um novo espaço de resistência no meio digital” (CARNEIRO, 2021), conforme propomos em artigo publicado no anais do VIII Seminário de Mídia e Cotidiano.
[26] Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CbuwGwaulvE/>. Acesso em: 22 dez. 2022.

relaciona o conteúdo informativo a uma reflexão parcial em favor da preservação ambiental: “A floresta preservada é uma fonte imensurável de recursos. É uma pena que alguns governantes não enxerguem isso.”[27], diz o *post* em sua parágrafo inicial.

Por fim, o sexto *post* do *print* da Figura 1, traz uma criação imagético-textual de fundo verde fosforescente, em carrossel[28], com a frase: “No Brasil, quem luta para manter a floresta em pé, morre”, com destaque em contra-cor em “floresta em pé”. As demais duas imagens do carrossel são no mesmo padrão, mas apresentam as frases: “No Brasil, quem luta pela vida, morre”, sendo “pela vida” em contra-cor, e, “O Brasil é o 4º país mais perigoso do planeta para ambientalistas e o 3º na América Latina”, respectivamente.

A informação foi repercutida a partir de conteúdo produzido pela ONG @global_witness em decorrência dos assassinatos do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Phillips[29] durante expedição em terra indígena no Vale do Javari (AM), em junho de 2022, que apesar de ter ocorrido na Amazônia brasileira, teve alcance midiático internacional. O *post* é de caráter decolonial por abordar uma causa do movimento ambientalista na Amazônia relacionada aos conflitos socioambientais na disputa por terras de proteção ambiental entre grupos de poder, a exemplo de madeireiros, grileiros, pescadores ilegais e até narcotraficantes, contra as comunidades aldeadas de povos originários e seus defensores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, podemos ressaltar que as dinâmicas de socialização na ambiência digital, além de discursos dominantes e enviesados pela lógica capitalista neoliberal, também trazem para a esfera pública interconectada de circulação, conteúdos alternativos e historicamente invisibilizados pela hegemonia de poder, o que auxilia na redistribuição da riqueza informacional e projeta no ciberespaço algoritmos diferenciados no que consiste em evidenciar

[27] Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CbuwGwaulvE/>. Acesso em: 22 dez. 2022.
[28] Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cev6FtMLiZQ/>. Acesso em: 22 dez. 2022.
[29] Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Assassinato_de_Bruno_Pereira_e_Dom_Phillips>. Acesso em 22 dez. 2022.

os padrões de desigualdades e oposição que existem quanto aos mais variados pontos de vista e condutas quando o assunto é meio ambiente.

Portanto, consideramos que a midiatização dos discursos de resistência sobre a Amazônia que permanecem indexados na *tag* que aqui analisamos nos mostra que é possível fazer circular redes suscitadas por grupos de poder para responder a anseios da população e grupos de defesa ambientalista, combatendo desigualdades e injustiças sociais por intermédio da disseminação de conteúdos em favor da conservação florestal, ainda que esse objetivo não esteja explícito enquanto estratégia de produção de conteúdo digital de perfis os mais diversos e acessíveis na mídia digital.

A produção e circulação de conteúdos para a formação da opinião pública no espaço de redes, conforme consideramos, facilita o alcance de informações e manifestações decolonias sobre a região no país e até no mundo por meio do enquadramento favorável à preservação - e não da manutenção histórica do que compreendemos como saque colonial - da biodiversidade de recursos e da riqueza ambiental amazônidas.

Finalmente, consideramos que a ação colaborativa de usuários(as), ou seja, a prática da cidadania digital no Instagram mobilizada pelo uso da *hashtag* #florestaempé, contribui para a formação e disseminação de processos comunicacionais decoloniais sobre a necessidade de conservação da Amazônia.

REFERÊNCIAS

AMARAL FILHO, Otacílio. *Marca Amazônia*: o marketing da floresta.Curitiba, PR: CRV, 2016.

BARDIN, L.. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2015. BENKLER,

Yochai. *The Wealth of Networks*: How Social Production Transforms Markets and Freedom. New Haven: Yale University Press, 2006.

BRAGA, José Luiz. Circulação e circuitos. In: CASTRO, P. C. (org.). *A circulação discursiva*: entre produção e reconhecimento. Maceió: EdUFAL, 2017. p. 49 - 64.

CARNEIRO, Jessica S.. A colaboratividade dos usuários de Ins*tag*ram para a construção da arena digital de mobilização social e a ação dos ninjas da informação: uma análise sobre a *hashtag* #SoSamapá. In.: *Anais do VIII*

Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano [livro eletrônico]: letramento e pensamento crítico em comunicação, informação e educação / organização Alexandre Farbiarz… [et al.]. -- 1. ed. - Rio de Janeiro : Universidade Federal Fluminense, 2021. Disponível em: <http://designnaleitura.net.br/8sipmc/files/gt1_002_18075.pdf>. Acesso em 24 de dez. de 2022.

CASSINO, João Francisco; SILVEIRA, Sérgio Amadeu; SOUZA, Joyce. *Colonialismo de dados:* como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal. Autonomia Literária; 1ª ed., 2021.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. *The mediated construction of reality.* John Wiley & Sons, 2016.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises. *The costs of connection* (how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism). Stanford, Stanford University Press, 2019.

DI FELICE, Máximo. *A cidadania digital:* a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais. São Paulo: Paulus, 2020.

DUTRA, Manuel Sena. *A natureza da Mídia:* os discursos da TV sobre a Amazônia, a biodiversidade, os povos da floresta. São Paulo: Annablume, 2009.

FAUSTO NETO, Antonio. Circulação: trajetos conceituais. In.: *Rizoma*. Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 8, dezembro, 2018.
FLORESTA EM PÉ [*tag*]. In.: INS*TAG*RAM. Disponível em: <https://www.ins*tag*ram.com/explore/*tags*/florestaemp%C3%A9/>. Acesso em: 21 de dez. de 2022.

FRAGOSO, Sueli; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet.* Porto Alegre: Sulina, 2015.

HJARVARD, Stig. *A midiatização da cultura e da sociedade.* Editora Unisinos: São Leopoldo, 2013.

LEMOS, André. *A tecnologia é um vírus:* pandemia e cultura digital. Porto Alegre: Sulina, 2021.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. *A Amazônia no século 21:* novas formas de desenvolvimento. São Paulo: Empório do Livro , 2009.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. *Amazônia:* colônia do Brasil. Manaus: Ed. Valer, 2022.

LUNDBY, Knut (ed.). *Mediatization of communication* (Handbooks of Communication Science), vol. 21, De Gruyter, Boston/Berlin, 2014.

MARTINS, Elaide. Ativismo e resistência em tempos de pandemia. In: SARDINHA, A. C.; LARA, E. C.; BELMONTE, V.; LIMA, V. M. A. L. (orgs.). *Decolonialidade, Comunicação e Cultura.* Macapá: Edunifap, 2022.

MIGNOLO, W. *La idea de américa latina:* la herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Gedisa: 2007.

NEWMAN, Nic. [15. jun. 2022]. *Overview and key findings of the 2022 Digital News Report.* Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022/dnr-executive-summary>. Acesso em 24 de out. 2022.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (coord.). *A colonialidade do saber:* eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 117-142. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sursur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 21 dez. 2022.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. In: S. Castro-Gómez, R. Grosfoguel, & (orgs.). *El giro Decolonial.* Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global (pp. 93-126). Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana/ Siglo del Hombre, 2007.

SÁ, Fernanda Pires. SCOLARI, Carlos A. Ecologia dos meios de comunicação, alfabetização transmídia e redesign das interfaces. In: *Matrizes.* V.12 - Nº 3 set./dez. 2018 São Paulo - Brasil. Entrevista com CARLOS A. SCOLARI p. 129-139

STEINBRENNER, Rosane. Maracá – Emergência Índigena: um acontecimento-levante midiático decolonial. In.: LAGE, Leandro (org.). *Imagens da Resistência***.** EDUFBA, 2022.

SOARES, M. C. *Representações, jornalismo e a esfera pública democrática.* São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 272 p. ISBN 978-85-7983-018-1. Available from SciELO Books. Acesso em: 10 nov. 2021.

SODRÉ, Muniz. *Sociedade Incivil.* Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2021.

VERÓN, Eliseo. *La semiosis social, 2:* ideas, momentos, interpretantes. Buenos Aires: Paidós, 2013.

CONTRANARRATIVAS E COMUNICAÇÃO POPULAR EM UM LUGAR EPISTÊMICO NO CERRADO AMAZÔNICO[1]

COUNTERNARRATIVES AND POPULAR COMMUNICATION IN AN EPISTEMIC PLACE IN THE AMAZONIAN CERRADO

CONTRANARRATIVAS Y COMUNICACIÓN POPULAR EN UN LUGAR EPISTÉMICO DEL CERRADO AMAZÓNICO

Andréa Carla Lopes Viana[2]
André Luiz Campanha Demarchi[3]

Resumo: Este artigo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa, que está em curso no mestrado acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade PPGCOMS/UFT. O objetivo deste estudo é apresentar um breve histórico da Associação Água Doce (AAD), nossa unidade de análise, bem como construir um marco teórico inicial sobre suas práticas comunicacionais e as contranarrativas do grupo, em seu ativismo político. As informações foram construídas a partir da nossa vivência anterior com a comunidade e de uma revisão bibliográfica na modalidade estado da arte acerca dos temas Turismo de Base Comunitária e Comunicação Popular. Também dialogamos com autores estudados nas disciplinas Procad Amazônia (UFT/UNAMA/UFMG) e no Grupo de Pesquisa Contranarrativas do qual fazemos parte. Como resultado desta etapa da pesquisa apresentamos neste artigo nossas reflexões sobre o ativismo político da AAD, suas contranarrativas e práticas comunicacionais.

Palavras-chave: Comunicação Popular; Contranarrativas; Turismo de Base Comunitária; Vulnerabilidades; Resistências.

Abstract: This article was developed from research, which is underway in the academic master's degree of the Postgraduate Program in Communication and Society PPGCOMS/UFT. The objective of this study is to present a brief history of the Associação Água Doce (AAD), our unit of analysis, as well as to build an initial theoretical framework on its communication practices and the group's counter-narratives in its political activism. The information was built from our previous experience with the community and from a bibliographic review in the state of the art modality on the themes of Community-Based Tourism and Popular Communication. We also dialogued with authors who studied in the Procad Amazônia disciplines (UFT/UNAMA/UFMG) and in the Contranarrativas Research Group of which we are part. As a result of this stage of research, we present in this article our reflections on the political activism of AAD, its counter-

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST1 - CONTRADISCURSOS DE RESISTÊNCIAS: novas propostas de vida diante da emergência climática do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Jornalista, Mestranda do PPGCOM/UFT, Universidade Federal do Tocantins - UFT, feelplanet@yahoo.com, ORCID 0009-0008-9721-2881.

[3] Antropólogo, Professor, Doutor, PPGCOM/UFT – Universidade Federal do Tocantins,andredemarchi@mail.uft.edu.br e ORCID 0000-0002-9134-441X.

narratives and communicational practices.

Keywords: Popular Communication; Counter-narratives; Community-Based Tourism; Vulnerabilities; Resistances.

Resumen: Este artículo se desarrolló a partir de una investigación, que está en curso en el máster académico del Programa de Postgrado en Comunicación y Sociedad PPGCOMS/UFT. El objetivo de este estudio es presentar una breve historia de la Associação Água Doce (AAD), nuestra unidad de análisis, así como elaborar un marco teórico inicial sobre sus prácticas de comunicación y las contranarrativas del grupo en su activismo político. La información se construyó a partir de nuestra experiencia previa con la comunidad y de una revisión bibliográfica en la modalidad de estado del arte sobre los temas de Turismo Comunitario y Comunicación Popular. También dialogamos con autores estudiados en las disciplinas del Procad Amazônia (UFT/UNAMA/UFMG) y en el Grupo de Investigación Contranarrativas del cual formamos parte. Como resultado de esta etapa de construcción de la investigación, presentamos en este artículo nuestras reflexiones sobre el activismo político de AAD, sus contranarrativas y prácticas comunicacionales.

Palabras clave: Comunicación popular; Contranarrativas; Turismo Comunitario; Vulnerabilidades; Resistencias.

1. INTRODUÇÃO

A proposta deste estudo é apresentar um breve histórico da Associação Água Doce – Movimento de proteção do Taquaruçu Grande (AAD), entidade situada em Palmas, capital do Estado do Tocantins, e construir um marco teórico inicial sobre suas práticas comunicacionais e contranarrativas em seu ativismo político. O estudo parte de uma pesquisa em curso no mestrado acadêmico do PPGCOMS/UFT e este artigo é parte das reflexões iniciais, baseadas na pesquisa documental e revisão bibliográfica.

A AAD é uma Organização da Sociedade Civil (OSC) que reúne chacareiros, comerciantes e moradores das adjacências da Área de Proteção Ambiental Serra do Lajeado (APASL) e do Parque Estadual do Lajeado (PEL), em uma região também conhecida como Taquaruçu Grande. Possui características de um movimento social e se organiza em uma rede de mobilização que faz uso de um formato de articulações coletivas, cujos atores sociais se inter-relacionam em busca de um objetivo comum, mediados por ferramentas comunicacionais e tecnológicas.

A atuação da AAD ocorre diante da vulnerabilidade pela ocupação desordenada do território do entorno do PEL e do modo de produção capitalista, e se impõe no combate às condições que precarizam o modo de vida da comunidade. Aqui vou resgatar a noção ontológica de vulnerabilidade descrita por Leal (2020), que a compreende como um fenômeno relacionado ao que fragiliza a existência de grupos e indivíduos, assim como a sua dimensão política, que ele entende como a postura de enfrentamento dessas condições. Por conseguinte, adotamos a definição de vulnerabilidade que o autor destaca como campo semântico que remete à noção de perda - ou risco de perda-, e de variadas formas de violência (LEAL, 2020, p.33), contudo, não vinculamos ao termo a conformação ou fragilização, mas como define Eliane Brum (2021), a uma nova experiência de existir diante das ameaças, fazendo surgir um campo tensões, que vamos chamar de “resistência”.

Dito isso, destaco que o problema da pesquisa foi delimitado a partir da implantação do Turismo de Base Comunitária (TBC) como uma proposta associativa, que requer um modelo de comunicação capaz de promover a mobilização e o engajamento da comunidade. Para dialogar conosco na parte de comunicação, buscamos referenciais teóricos que superem o midiacentrismo e se apoiem nas dinâmicas comunicativas de caráter vinculativo, como a Comunicação Popular, que Dunley (2005) entende como um processo que envolve a troca de informações, saberes e valores entre os membros de uma comunidade, que se mobilizam para construir e gerir seus próprios meios de comunicação. Essa prática tem como objetivo central criar espaços de diálogo e participação, que permitam que as pessoas se expressem e sejam ouvidas, e que favoreçam a construção de identidades e de projetos coletivos.

A autora Cicília Peruzzo (2008) compreende que a comunicação faz parte dos processos de mobilização dos movimentos sociais em toda a história e deixa claro que o empoderamento dos processos comunicacionais autônomos é percebido como uma necessidade para dinâmica de mobilização e organização popular.

Também dialogam conosco, autores do campo da antropologia, cujos aportes teóricos contribuem com a noção de território, não somente como espaço físico, mas como lugar gerador de sentidos, como ambiente, em toda a potência ético-

moral-político-cultural que dele emana (LATOUR, 2020; SOUZA, 2020).

A partir deste atravessamento, vamos desembocar nos conceitos de vulnerabilidades e resistências (MILHOMENS, 2021; LEAL, 2020; BRUM, 2021; KRENAK, 2019) e
também de contranarrativas e lugar epistêmico (DEMARCHI, 2020; 2022).

2. COMUNICAÇÃO POPULAR, HORIZONTAL E VINCULATIVA

Para começar, podemos dizer que é inegável que a comunicação está presente em todas as áreas da sociedade contemporânea e desempenha um relevante papel em nossas vidas. Também é consenso no meio acadêmico que a Comunicação é um campo amplo, que atravessa e é atravessado por várias outras áreas do conhecimento. A exemplo disso, Braga (2004) aponta que os fenômenos da comunicação perpassam todas as Ciências Humanas e Sociais e dependendo como se problematiza esses fenômenos é que se constroem os conhecimentos que interessam ao campo da comunicação.

Neste sentido, podemos dizer que nem todo estudo que tem como objeto empírico a mídia ou os meios de comunicação tem como foco central os estudos comunicacionais. Já as pesquisas focadas nos processos ou práticas comunicacionais podem produzir reflexões de muito interesse para as construções teóricas do campo da Comunicação (FRANÇA, 2001). Em nosso caso, optamos por estudar mais a fundo os processos comunicacionais do grupo social AAD. Para tanto, buscamos como base os aportes teóricos da Comunicação Popular, que segundo Dunley (2005,p.5):

> [...] Comunicação não é só mídia, mas toda rede de produção de vinculação social. Entretanto, esta é, a meu ver, a grande contribuição teórica e prática dada pela Comunicação Comunitária à Comunicação Social, retirando-a de sua desmesura midiática, ou, se quisermos, desconstruindo-a, e liberando sua potência vinculativa.

Por conseguinte, acrescento que a proposta de implantação do Turismo de Base Comunitária (TBC) na Associação Água Doce requer engajamento e mobilização da comunidade, bem como, um modelo de comunicação horizontal, vinculativa e participativa para sua consolidação. Ocorre que, ao mapear as

produções científicas sobre projetos de implantação de TBC no Brasil, foi possível perceber que muitos projetos fracassam ou não atingem seus objetivos por falta de engajamento, de capacidade da comunidade ou por falhas na comunicação.

A partir de então, delimitamos o foco deste estudo na Comunicação Popular, que para Yamamoto (2008), carrega a determinação da dialética social, isto é, a proposta de ruptura à ordem capitalista. Koslinsky (2016) defende que este modelo de comunicação, além de popular, também pode ser entendida como comunitária, alternativa, dialógica, horizontal, educativa e acrescenta que pode ser especificada pelas várias definições da palavra povo.

Cicília Peruzzo (2008) explica que no Brasil a Comunicação Popular teve origem nos movimentos sociais, principalmente no período do regime militar, como uma forma de resistência à ditadura e à violação dos direitos.

É bom esclarecer que a potência vinculativa da Comunicação Popular, não exclui a mídia tradicional, mas a atravessa, vai além dela, em um movimento que reúne várias áreas de saberes e práticas comunicacionais, inclusive as não mediadas pelas tecnologias, como por exemplo a oralidade, o sentido de responsabilidade socioambiental, a religiosidade os modos de vida e produção, etc. Isso quer dizer que este modelo de comunicação rompe com o paradigma informacional, que segundo Vera França (2001) entende a comunicação como um processo de transmissão de mensagens de um emissor para um receptor, provocando determinados efeitos. Ao contrário disso, a Comunicação Popular é entendida como um modelo de comunicação horizontal, de todos para todos.

Para melhor definição, convocamos Dunley (2005) que define a comunicação como agenciadora de duas formas de existir: como um fim em si (cultura narcisista) ou saindo de si em direção ao outro (cultura das relações), sendo esta última o terreno fértil da Comunicação Popular. A autora defende que esta subárea da Comunicação pode contribuir para a reconfiguração do sujeito e da cultura na contemporaneidade, além de auxiliar-lhes em sua perpétua transformação e na superação coletiva dos obstáculos que a vida lhes impõe. Assim, é nessa potência conceitual que deixamos flutuar nosso olhar de pesquisadores, atentos ao momento de implantação do TBC na Associação Água Doce.

3. UM LUGAR EPISTÊMICO NO CERRADO AMAZÔNICO

Quando pensamos em um lugar geralmente nos vem à mente um localizador de um espaço físico, um local no mapa, um endereço, ou algo do tipo. No entanto, quando falamos de comunidades tradicionais, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, etc, este conceito fica pequeno, vazio e insuficiente.

Por este motivo achamos necessário dedicar aqui uma sessão para situar o leitor no ambiente que envolve o tema escolhido e também a unidade de análise desta pesquisa: a Associação Água Doce – Movimento de Proteção ao Taquaruçu Grande (AAD). É nossa intenção que o leitor tenha subsídios para compreender em que contexto a AAD está inserida e que conheça um pouco de seu histórico de ativismo político-ambiental.

A entidade foi criada em 2013, seus membros são chacareiros, comerciantes e moradores das adjacências da Área de Proteção Ambiental Serra do Lajeado (APASL) e do Parque Estadual do Lajeado (PEL), em uma região também conhecida como Taquaruçu Grande. Um dos principais objetivos da entidade é a defesa e proteção das nascentes e da bacia do Ribeirão Taquaruçu, responsável por cerca de 70% do abastecimento de água potável de Palmas.

Assim como toda unidade de conservação, o Parque Estadual do Lajeado (PEL) é protegido por Lei e cabe ao governo a fiscalização e monitoramento de todo o território demarcado. Vale ressaltar que grande parte da área desta unidade de conservação (UC) está localizada muito próxima do centro urbano de Palmas, logo, o acesso ao Parque e suas adjacências é bastante facilitado.

Tanto o Parque Estadual do Lajeado (PEL) quanto a Área de Preservação Ambiental Serra do Lajeado (APASL) são UCs de vital importância para conservação da biodiversidade do cerrado, além dos aspectos históricos e culturais e dos diversos sítios arqueológicos. Além disso, a área das duas Unidades de Conservação guarda sua maior riqueza no sistema hidrológico, considerado estratégico em qualquer aspecto para a sobrevivência da vida na terra.

Se por um lado a proximidade do Parque é benéfica para a população, pois o torna acessível, por outro lado os impactos causados por esta proximidade são reais e perceptíveis. Em site administrado pelo Governo do Tocantins

(TOCANTINS, [200-]), constam informações gerais sobre o Parque, inclusive as atividades conflitantes e como bovinocultura, invasão, caça, coleta, fogo e expansão urbana. Está disponível também no portal alguns relatórios de incêndios florestais e planos de manejo do fogo.

No entanto, assim como ocorre em outros locais da Amazônia, o aparato de fiscalização dos órgãos de controle é deficiente e insuficiente para coibir e combater o desmatamento, as queimadas, a extração ilegal de madeira, as construções em áreas inapropriadas, a contaminação das águas de nascentes e mananciais, etc. Segundo Milhomens (2021), o processo histórico de exploração da Amazônia (ou das Amazônias) resultou na eclosão de uma série de movimentos sociais, que fazem uso de um novo formato de articulações coletivas chamado de redes de mobilização, cujos atores sociais se inter- relacionam em busca de um objetivo comum, mediados por ferramentas comunicacionais e tecnológicas.

Nesta vertente, fazemos um paralelo com a atuação da Associação Água Doce (AAD), que diante da vulnerabilidade pela ocupação desordenada do território do entorno do PEL e do modo de produção focado apenas no lucro, desconectado da natureza, se impõe no combate às condições que precarizam o modo de vida da comunidade, utilizando para isso a sua capacidade de mobilização, de articulação política e comunicacional.

Desde suas primeiras atividades, a AAD se posiciona contrária às predatórias formas de exploração dos recursos naturais, buscando amplificar sua voz combatente por meio de participação ativa em debates políticos, denúncias ou ações de apelo social e midiático, como por exemplo o “abraço ao Taquaruçu”, uma ação realizada pela entidade de modo a produzir um abraço simbólico à bacia do ribeirão Taquaruçu, com objetivo de chamar a atenção da imprensa e da sociedade para a importância da preservação das nascentes, córregos e da diversidade que compõe a fauna e a flora da região (T1 NOTÍCIAS, 2018; GAZETA DO CERRADO, 2019).

Também resgatamos algumas ações veiculadas pela imprensa regional que demonstram a atuação da AAD denunciando situações como o desmatamento para plantio de soja em terras de um político influente (CONEXÃO TOCANTINS, 2016) e incêndios criminosos (CLEBER TOLEDO, 2020), a participação da

entidade em audiências públicas (CONEXÃO TOCANTINS, 2018), ou em ações preventivas, práticas (G1 TOCANTINS, 2020) e educativas (CLEBER TOLEDO, 2022). Neste protagonismo da AAD é possível perceber a vocação da entidade enquanto movimento social e enquanto Organização Social Civil (OSC) ligada à proteção e à preservação do meio ambiente. Seu discurso, suas atividades nos soam como contranarrativas, que seriam algo como: “resposta imediata às narrativas hegemônicas ou dominantes, uma vez que propõem a construção de novos significados” (DEMARCHI, 2020, p. 69). Nesse viés, podemos dizer que as contranarrativas abrem fissuras na colonialidade do poder, pois se colocam contra as narrativas globalizantes, que são unilaterais e em seu modelo estereotipado e superficial procura sempre silenciar as potências criativas e críticas.

Para nós, a atitude da entidade e a maneira como se posiciona em defesa do território demonstra sua forte ligação com a natureza, o que nos leva a pensar que, apesar desta comunidade não ser considerada como “ancestral”, como é o caso das comunidades quilombolas, indígenas, aborígenes, etc., é formada por pessoas que escolheram ficar agarradas à terra, como aqueles que o sistema capitalista chama de ‘sub-humanidade’, que ficaram meio esquecidos pelas bordas do Planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, ou embrenhados no meio do mato (KRENAK, 2019, p.21).

É certo dizer que o mundo em que vivemos hoje não é o mesmo de duas a três décadas atrás e que esta transformação está sendo observada pela nossa geração (quem nasceu antes da década de 90) como espectadores/participantes que temos um pé no “Antigo Regime” - tempo em que a natureza era separada da política e até das ciências - e outro no “Novo Regime” - o momento em que as questões climáticas são trazidas para dentro da política. Os termos foram alcunhados pelo antropólogo Bruno Latour (2020). Segundo o autor, a mudança entre estes dois regimes revela uma profunda mutação da nossa relação com o mundo (LATOUR, 2020, p. 20). Isso quer dizer que passamos a conviver diariamente com as mais variadas realidades e abordagens (científicas, informativas, noticiosas, etc) sobre as mudanças climáticas e suas consequências desastrosas para o Planeta. Além, é claro, de sentirmos diretamente os efeitos da falta de água ou de volumes extraordinários de chuvas,

ventos fortes, aumento do nível do mar, diminuição no nível dos rios, escassez de peixes, extinção de espécies de plantas e animais, etc.

Contudo, apesar de mais de três décadas de estudos que comprovam os estragos que a humanidade tem provocado para a saúde do Planeta (clima, solo, águas, atmosfera, etc), nosso modo de vida e consumo se modificou muito pouco e nossa inércia foi comparada por Latour (2020) ao "sonambulismo" dos europeus, que se precipitaram em duas Grande Guerras, uma após a outra mesmo sabendo de suas graves consequências. Nesta seara, o autor critica os "climatocéticos" pela forma fanática de denegação das questões climáticas, os "climatoquiestistas" pela calma e disposição em esperar que milagres nos salvem da destruição e também fez críticas aos que ouviram as sirenes e entraram em pânico, com ideias megalomaníacas de controle completo da Terra e domínio total da natureza. Por fim restaram alguns outros, que se propõem a sobreviver sem se deixar levar pela denegação, nem pela depressão ou pelo pânico, mas se movem pela busca de uma solução razoável, apostando no menor dos males, já que precisamos lidar com as mudanças que são definitivas! Entre estes últimos, nos parece razoável que estudos científicos procurem entender o que os move e os diferencia, para aprender com eles e talvez contribuir ou somar forças, de alguma forma, nesta busca de nos ajustar urgentemente para viver - daqui pra frente - com os olhos bem abertos para não cairmos em um abismo ainda maior daquele que já chegamos.

Partindo desse ponto, pensamos nossa unidade de análise, ou seja, a AAD, inserida em um território cuja localização espacial está permeada por relações de poder e de lutas, mas, principalmente, por uma trama de tecidos das identidades sócio-espaciais (referente ao sentido de lugar), que segundo Souza (2020, p. 9), são elementos indispensáveis para que compreendamos as disputas em torno de localizações específicas, direitos de permanência e acesso a recursos.

Como desfecho, apresentamos a noção de "lugar epistêmico" ao falar da Amazônia, como um lugar de pensamento e produção, um lugar repleto de conhecimento, que significa bem mais que um mero habitat para as populações tradicionais (DEMARCHI, 2022, p.18). Este conceito está situado na compreensão de que a Amazônia - e aqui incluímos a parte do Cerrado que

pertence à Amazônia Legal - foi continuamente fabricada (e protegida) pelos povos tradicionais que nela habitam. É este modelo de integração/ interação social-cultural-natural que adotamos como “cenário social” da pesquisa em curso.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base neste estudo inicial, ora apresentado, foi possível identificar que a Associação Água Doce - Movimento de Proteção do Taquaruçu Grande, além de ser uma Organização da Sociedade Civil (OSC), possui também características de um movimento social, assim como as apontadas por Milhomens (2021), que se organizam em redes de mobilização e fazem uso de um novo formato de articulações coletivas, cujos atores sociais se inter-relacionam em busca de um objetivo comum, mediados por ferramentas comunicacionais e tecnológicas.

É também perceptível que a localização espacial em que a entidade está inserida é permeada por relações de poder, de lutas e de conflitos, e segundo Souza (2020) o contexto do ambiente nos fornece a chave para entendermos as raízes sociais e culturais daquele espaço. De igual forma, percebemos as contranarrativas da entidade, quando, assim como ocorre em outros coletivos ou movimentos sociais, se posiciona contrária às predatórias formas de exploração dos recursos naturais, à produção a qualquer custo, buscando amplificar sua voz de combate por meio de participação ativa em debates políticos, denúncias ou ações de apelo social e midiático (DEMARCHI, 2020, p.70).

Por conseguinte, refletimos o território onde a Associação Água Doce está inserida, incluindo seus aspectos históricos e culturais (ambiente), como um “lugar epistêmico” do cerrado amazônico, lugar de produção de pensamentos e de saberes (DEMARCHI, 2022, p.18).

Neste contexto, evocando os conceitos revisitados por Peruzzo (2008), conjecturas nos levam a pensar que a Comunicação Popular, em seu caráter vinculativo, promove a mobilização e engajamento em processos cooperativos da organização social. Percebemos também que a Comunicação Popular é tida como ferramenta importante e indispensável no processo de consolidação do

Turismo de Base Comunitária, já que a atividade turística é, em sua maior parte, desenvolvida e operada pela própria população local, princípio que garante a sustentabilidade econômica e faz com que os recursos provenientes do turismo revertam em benefícios diretos para a comunidade (BARTHOLO; SANSOLO; BURSZTYN, 2009).

Contudo, uma pergunta não respondida ainda nos provoca: caberia à Comunicação Popular a vinculação de todas as subjetividades que compõem este grupo social? A questão não é tão simples. Peruzzo (2009, p. 134-135) nos diz que a Comunicação não se presta a fazer mudanças sozinha e complementa:

> A visão de uso dos meios meramente para difundir conteúdos educativos está superada. Trata-se de sua inserção em processos de mobilização e de vínculo local ou identitário sintonizados a programas mais amplos de organização-ação, dos movimentos sociais populares. Estes privilegiam o atendimento às necessidades concretas de segmentos populacionais de acordo com cada realidade.

Neste viés, persistimos na defesa do estudo mais aprofundado da Comunicação Popular no contexto da implantação do Turismo de Base Comunitária, buscando metodologias que possam dar conta dos processos de subjetivação que envolvem os fenômenos sociais, por achar necessário que nossa sociedade avance na equidade social e no respeito à diversidade cultural. Que sigamos buscando alternativas econômicas sustentáveis, diversas daquelas predatórias que estão impactando a vida na Terra!

REFERÊNCIAS

BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (org.). *Turismo de base comunitária:* diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. E-book.

BRAGA, José Luiz. Os Estudos de interface como espaço de construção do campo da comunicação. *Revista Contracampo*, n. 10/11, p. 219-236, 2004. DOI: https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i10/11.542. Disponível em: https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17381. Acesso em: 10 out. 2022

BRUM, Eliane. *Banzeiro Òkòtó*: uma viagem à Amazônia, centro do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

DEMARCHI, André. Contra-narrativas indígenas: vulnerabilidades e resistências. In: MIRANDA, Cynthia Mara et al. (org). *Vulnerabilidades,*

narrativas e identidades. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020. p. 65-87. Disponível em: https://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/951. Acesso em: 28 nov. 2022.

DEMARCHI, André. Amazônia epistêmica. In: LEITE, Amanda [et al.]. *Inspirações metodológicas em contextos amazônicos*. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2022. (Olhares Transversais; v. 1).

DUNLEY, Glaucia Peixoto. In: Para além da mídia e do estigma; a comunicação comunitária. *SIMPÓSIO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 10*., 2009. Niterói. Anais [...]. Niterói: UFRJ, 2005. Disponível em: http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/107046089826118226896936269568100287181.pdf. Acesso em: 15 out. 2021.

FRANÇA, Vera Veiga. *Paradigmas da comunicação*: conhecer o quê?. C-Legenda-Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual, n. 05, 2001. Disponível em: https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36784. Acesso em: 10 out. 2022.

KOSLINSKI, Aline Carla Salateski. Teorias da comunicação comunitária no Brasil. In: *CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL*, 27., 2016. Curitiba. Anais [...]. Curitiba: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016. Disponível em: https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-0779-1.pdf. Acesso em: 15 out. 2021.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, Bruno. *Diante de gaia*: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. São Paulo/Rio de Janeiro: UBU Editora/Ateliê de Humanidades Editorial, 2020. E-book.

LEAL, Bruno Souza. Vulnerabilidades: abordagens iniciais de um desafio à pesquisa. In: MIRANDA, Cynthia Mara et al. (orgs.). *Vulnerabilidades, narrativas e identidades*. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020. p. 31-47. Disponível em: https://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/951. Acesso em: 28 nov. 2022.

MILHOMENS, Lucas. Movimentos sociais e redes de mobilização na Amazônia: o caso da hidrelétrica de Belo Monte. *Entropia*, v. 5, n. 10, p. 174–187, 2021. DOI: https://doi.org/10.52765/entropia.v5i10.349. Disponível em: https://www.entropia.slg.br/index.php/entropia/article/view/349/372. Acesso em: 23 fev. 2023.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. *Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados*. Reelaborações no setor. Palabra Clave, v. 11, n. 2, p. 367-379, 2008. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/649/64911214.pdf.

Acesso em: 27 jul. 2022.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 17, p. 131-146, jun. 2009. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/3996/399641243011.pdf. Acesso em: 04 abr. 2023.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Articulando ambiente, território e lugar*: A luta por justiça ambiental e suas lições para a epistemologia e a teoria geográficas. Ambientes: Revista de Geografia e Ecologia Política, v. 2, n. 1, p. 16-16, 2020.

TOCANTINS. *Parque estadual do Lajeado*. [200-]. Disponível em: http://gesto.to.gov.br/uc/50/. Acesso em: 15 out. 2022.

YAMAMOTO, Eduardo Yuji. A natureza da comunicação popular e comunitária. In: FUSER, Bruno (org). *Comunicação para a cidadania*: caminhos e impasses. Rio de Janeiro: E-papers, 2008. p. 13-34. E-book.

Matérias Jornalísticas:

Entidades lançam livreto e estimulam alunos de Palmas a preservar o Taquaruçu Grande, que garante 66% da água de Palmas. Cleber Toledo, Palmas-TO, 21 mar. 2022. Disponível em: https://clebertoledo.com.br/tocantins/entidades-lancam-livreto-e-estimulam-alunos-de-palmas-a-preservar-o-taquarucu-grande-que-garante-66-da-agua-de-palmas/. Acesso em: 15 maio 2022.

Associação Água Doce denuncia incêndios criminosos na região de Taquaruçu; Estado diz que empregará Exército no combate. Cleber Toledo, Palmas-To, 04 set. 2020. Disponível em: https://clebertoledo.com.br/tocantins/associacao-agua-doce-denuncia-incendios-criminosos-na-regiao-de-taquarucu-estado-diz-que-empregara-exercito-no-combate/. Acesso em: 15 abr. 2022.

Vereadores discutem com a sociedade formas de preservação dos recursos hídricos de Palmas. Conexão Tocantins, Palmas-TO, 15 mar. 2018. Disponível em: https://conexaoto.com.br/2018/03/15/vereadores-discutem-com-a-sociedade-formas-de-preservacao-dos-recursos-hidricos-de-palmas. Acesso em: 15 out. 2022.

Movimentos sociais discutem problema de desmatamento nas nascentes do Ribeirão Taquaruçu Grande. Conexão Tocantins, Palmas-TO, 21 out. 2016. Disponível em: https://conexaoto.com.br/2016/10/21/movimentos-sociais-discutem-problema-de-desmatamento-nas-nascentes-do-ribeirao-taquarucu-grande. Acesso em: 15 out. 2022.

Abraço Taquaruçu: Ambientalistas vão se reunir em defesa das nascentes de Palmas. Gazeta do Cerrado, Palmas-TO, 18 nov. 2019. Disponível em: https://gazetadocerrado.com.br/abraco-taquarucu-ambientalistas-vao-se-unir-em-defesa-das-nascentes-de-palmas. Acesso em: 15 out. 2022.

Associação e moradores se juntam para recuperar nascentes e áreas degradadas em Taquaruçu. G1 Tocantins, Palmas-TO, 30 set. 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2020/09/30/associacao-e-moradores-se-juntam-para-recuperar-nascentes-e-areas-degradadas-em-taquarucu.ghtml Acesso em: 15 out. 2022.

Abraço ao Taquaruçu neste sábado quer a preservação de nascentes ameaçadas pelo homem. T1 Notícias, Palmas, TO, 2018. Disponível em: https://www.t1noticias.com.br/cidades/abraco-ao-taquarucu-neste-sabado-quer-a-preservacao-de-nascentes-ameacadas-pelo-homem/99059/Acesso em: 15 out. 2022.

LUZ, CÂMERA E SABERES INDÍGENAS: UMA ANÁLISE DECOLONIAL DO DOCUMENTÁRIO "A ÚLTIMA FLORESTA"[1]

LIGHT, CAMERA AND INDIGENOUS KNOWLEDGE: A DECOLONIAL ANALYSIS OF THE FILM "THE LAST FOREST"

LUZ, CÁMARA Y CONOCIMIENTO INDÍGENA: ANÁLISIS DECOLONIAL DE LA PELÍCULA "EL ÚLTIMO BOSQUE"

Adison Cesar Sousa dos Santos[2]
Vânia Maria Torres Costa[3]

Resumo: Este artigo propõe-se a estudar o gênero documentário cinematográfico a partir de uma perspectiva decolonial. Com base nas pesquisas de Anibal Quijano (2005) e Walter Mignolo (2017), o trabalho analisa o filme *A última Floresta*, do cineasta Luiz Bolognesi (2021), que retrata o cotidiano do povo Yanomami, na Amazônia Brasileira, e mostra como a presença ilegal da exploração do ouro no território tem colocado em risco a população indígena e a floresta. Seguindo as linhas de um cinema observativo e reflexivo, conforme os subgêneros propostos por Bill Nicolls (2007), o documentário é construído a partir do pensamento decolonial do xamã Davi Kopenawa Yanomami, que assina a coautoria do roteiro. Nesse sentido, o artigo busca compreender quais são esses elementos decoloniais presentes no filme e como eles são construídos na tessitura narrativa do audiovisual.

Palavras-chave: povo Yanomami, decolonial, documentário.

Abstract: This article proposes to study the cinematographic documentary genre from a decolonial perspective. Based on the research of Anibal Quijano (2005) and Walter Mignolo (2017), the work analyzes the film The Last Forest, by filmmaker Luiz Bolognesi (2021), which portrays the daily life of the Yanomami people in the Brazilian Amazon, and shows how the The illegal presence of gold mining in the territory has put the indigenous population and

1. Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Contradiscursos de Resistência: novas propostas de vida diante da emergência climática, do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

2. Jornalista, mestre em Ciências da Comunicação (UFPA), doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: adison.santos@ilc.ufpa.br | ORCID 0000-0002-8039-9781.

3. Doutora em Comunicação (UFF). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), da Faculdade de Comunicação (FACOM) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: vaniatorres@ufpa.br | ORCID 0000-0002-0493-8763.

the forest at risk. Following the lines of an observational and reflective cinema, according to the subgenres proposed by Bill Nicolls (2007), the documentary is built from the decolonial thinking of the shaman Davi Kopenawa Yanomami, who signs the co-authorship of the script. In this sense, the article seeks to understand what these decolonial elements are present in the film and how they are constructed in the audiovisual narrative texture.

Keywords: Yanomami, decolonial, documentary film.

Resumen: Este artículo se propone estudiar el género documental cinematográfico desde una perspectiva decolonial. A partir de la investigación de Aníbal Quijano (2005) y Walter Mignolo (2017), el trabajo analiza la película El último bosque, del cineasta Luiz Bolognesi (2021), que retrata la vida cotidiana del pueblo yanomami, en la Amazonía brasileña, y muestra cómo la presencia ilegal de la minería aurífera en el territorio ha puesto en riesgo a la población indígena y al bosque. Siguiendo las líneas de un cine observacional y reflexivo, según los subgéneros proposto por Bill Nicolls (2007), el documental se construye a partir del pensamiento decolonial del chamán Davi Kopenawa Yanomami, quien firma la coautoría del guion. En este sentido, el artículo busca comprender cuáles son estos elementos descoloniales que están presentes en la película y cómo se construyen en la textura narrativa audiovisual.

Palavras clave: pueblo Yanomami, decolonial, película.

1. INTRODUÇÃO

Em maio de 2022 a Organização das Nações Unidas (ONU) publicou uma nota[4] externando profunda preocupação com os constantes episódios de violência sofridos pelo povo Yanomami, na Amazônia Brasileira. Segundo o documento, as diversas denúncias feitas nos últimos meses sobre mortes e desaparecimento de indígenas demandam urgência das autoridades para que seja garantida a proteção dessa população, residente na maior terra indígena do país, entre os estados de Roraima e Amazonas.

Neste mesmo período a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) entrou com uma petição no Supremo Tribunal Federal (STF), solicitando a proteção do povo Yanomami contra os intensos ataques do garimpo ilegal na Terra Indígena. A Apib denunciou a conivência do governo federal com os crimes cometidos pela expansão do garimpo na região, o que tem provocado

4. Veja a nota na íntegra em https://brasil.un.org/pt-br/180755-onu-brasil-pede-maior-prote%C3%A7%C3%A3o-para-o-povo-yanomami Acesso em 20/08/23, às 16h

uma nova onda de migração de garimpeiros para os locais de extração de minerais.

Outra medida que ratifica essas denúncias é o relatório da Hutukara Associação Yanomami (HAY)[5], divulgado recentemente. O documento mostrou o avanço da destruição promovida pelo garimpo, revelando casos de violência sexual contra mulheres e crianças indígenas, abusadas em troca de comida. De acordo com o relatório, os garimpeiros invasores buscam, principalmente, ouro e cassiterita no território, mineral de onde se extrai o estanho, matéria- prima utilizada na produção de telas de celular.

É nesse contexto de ameaças e violações ao modo de vida Yanomami, que o documentário *A Última Floresta*, dirigido pelo cineasta Luiz Bolognesi, estreia na plataforma de streaming Netflix[6]. O filme, roteirizado por Bolognesi em parceria com o líder indígena e xamã[7] Davi Kopenawa Yanomami, retrata o cotidiano do grupo Yanomami e mostra como a presença ilegal da exploração do ouro no território, que voltou a crescer nos últimos anos, tem colocado em risco a população indígena e a floresta.

Com uma linguagem que mistura documentário observativo-reflexivo[8] e ficção, com encenações sobre o mito de surgimento do povo Yanomami, protagonizadas e criadas pelos próprios indígenas, o longa-metragem de 74 minutos tem conquistado prêmios e aclamação da crítica desde a sua primeira

5. Fundada em novembro de 2004, na aldeia Watoriki, a Hutukara Associação Yanomami (HAY) foi criada para defender os interesses e direitos dos povos indígenas que habitam a Terra Indígena Yanomami, localizada entre os estados de Roraima e do Amazonas. A associação é presidida pelo líder indígena Davi Kopenawa Yanomami e sobrevive financeiramente de projetos apoiados por organizações não governamentais brasileiras e estrangeiras. Fonte: http://www.hutukara.org/

6. Serviço de streaming por assinatura que permite assistir a séries e filmes em um aparelho conectado à internet.

7. Segundo o antropólogo Pedro de Niemeyer Cesarino, o termo "Xamã" parece derivar de çaman, palavra empregada pelos Evenks siberianos para designar os seus especialistas rituais. Em artigo publicado no site do Instituto Socioambiental, Cesarino afirma que a palavra "xamã "é análoga a "pajé", derivada por sua vez de termos das línguas tupi-guarani também utilizados na referência a tais especialistas.

8. Subgêneros de documentários cinematográficos descrito por Nichols (2005), caracterizados por a) captação de imagens sem “máscaras”, mantendo a câmera como mera observadora dos fatos, como se fosse o próprio espectador “olhando tudo pelo buraco de fechadura”; b) provocar reflexão no espectador. Este e outros conceitos estão descritos a seguir, no subtítulo 2.1 “Subgêneros do cinema documentário”.

exibição, no Festival de Berlim em 2021. Além da premiação na mostra Panorama, do Festival de Berlim, o filme também foi o vencedor do Prêmio Platino 2022, dedicado aos melhores filmes e séries ibero-americanas, e do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, na categoria documentário.

Em entrevista ao site Amazônia Real[9], em março de 2021, Davi Kopenawa, que assina a coautoria do roteiro, disse que o principal motivo para aceitar que a história de seu povo fosse levada ao cinema foi chamar atenção para "o erro do povo da cidade". Ele afirma que deseja "mostrar para a sociedade não-indígena que nunca viu o povo Yanomami, de Roraima e do Amazonas, que nunca conheceu, nunca andou ou viu de perto, a realidade como vivemos".

Com uma narrativa que destaca o cotidiano do tempo presente, as ameaças do garimpo e a ancestralidade dos saberes indígenas, o documentário apresenta o modo de vida dos Yanomami a partir de um olhar subjetivo e reflexivo ao mesmo tempo, principalmente pelo fato do xamã Davi Kopenawa ser o coautor do roteiro. Nesse sentido, este artigo busca compreender quais são os elementos decoloniais presentes no filme *A Última Floresta* e como eles são construídos na tessitura narrativa do audiovisual?

2. DOCUMENTÁRIO E DECOLONIALIDADE

Antes de analisar os elementos decoloniais presentes no longa- metragem é preciso entender primeiro o que, de fato, define o gênero documentário. De acordo com Ferreira (2008), o cinema documentário é aquele que apresenta um caráter investigativo que toma como abordagem o mundo real, englobando questões de cunho político, social e intimista, com reflexões referentes à existência humana. O autor explica que o termo "cinema documentário" foi utilizado inicialmente pelo escocês John Grierson, que criou a Escola Britânica de Documentários, a primeira do mundo especializada neste gênero.

9. Entrevista disponível no link https://amazoniareal.com.br/a-ultima-floresta-e-um-olhar-de-urgencia-pela-protecao-dos-yanomami-diz-diretor/ Acesso em 19/08/23, às 15h. Amazônia Real é uma agência de jornalismo independente e investigativo, sem fins lucrativos, criada pelas jornalistas Kátia Brasil e Elaíze Farias em outubro de 2013, em Manaus, no Amazonas. Fonte: https://amazoniareal.com.br

> Grierson contribuiu para a consolidação da linguagem documental e o reconhecimento da produção fílmica enquanto algo autoral. O primeiro filme de que se tem notícia com características do gênero documentário foi produzido pelo cineasta Robert Flaherty, em “Nanook, O Esquimó” (Nanook of the North, 1922), muito embora [haja] autores que considerem os primeiros filmes dos [irmãos] Lumiére (a chegada do trem na estação, a criança se alimentado) como filmes documentais. ‘Nanook’ narra a luta pela sobrevivência de uma família de esquimós no Ártico e alcançou destaque por contar a história a partir das imagens naturais do meio em que viviam os próprios esquimós (FERREIRA, 2008, p.2).

Segundo Bill Nichols (2005), todo filme é um documentário. Até mesmo a mais extravagante das ficções evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela. Para o teórico, existem dois tipos de filme: (i) documentários de satisfação e desejos e (ii) documentários de representação social. Cada qual com uma narrativa peculiar.

> Os documentários de satisfação de desejos são os que normalmente chamamos de ficção. Esses filmes expressam de forma tangível nossos desejos e sonhos (...). Tornam concretos - visíveis e audíveis - os frutos da nossa imaginação. (...) São filmes cujas verdades, cujas ideias e pontos de vista podemos adotar como nossos ou rejeitar. Oferecem-nos mundo a serem explorados e contemplados (NICHOLS, 2005, p. 26).

Nichols (2005) define documentários de representação social, também chamados por ele de não ficção, como as narrativas que representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. "Tornam visível e audível de maneira distinta a matéria que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e organização realizadas pelo cineasta" (NICHOLS, 2005, p. 26). Para o autor, o documentário ou filme de não ficção expressa a nossa compreensão sobre o que a realidade é, foi ou poderá ser.

2.1 Subgêneros do cinema documentário

Segundo o teórico, podemos identificar pelo menos seis agrupamentos genéricos ou subgêneros que formataram a história do cinema documentário, cada qual com traços e formas distintos. São eles: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático.

O primeiro subgênero descrito por Nichols (2005) é o documentário poético. De acordo com ele, este tipo de filme prioriza a exploração de

associações e padrões mais livres de imagens e deixa de lado as convenções de montagem e a especificidade da localização no tempo e no espaço. **"**O modo poético é particularmente hábil em possibilitar formas alternativas de conhecimento para transferir informações diretamente, dar prosseguimento a um argumento ou ponto de vista ou apresentar proposições sobre problemas que necessitam de solução" (NICHOLS, 2005, p.138)

A segunda classificação em destaque é o documentário expositivo. Conforme aponta o teórico, este modo dirige-se ao espectador diretamente, apresentando legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, exibem um argumento ou recontam a história.

> Os filmes desse modo adotam o comentário com voz de Deus (o orador é ouvido, mas jamais visto), como vemos na série 'Por que lutamos, em Victory at seo (1952-1953), The City (1959), Le Sang des Bêtes (1949) e Dead birds (1965), ou utilizam o comentário com voz da autoridade (o orador é ouvido e também visto), como nos noticiários televisivos. (..) A tradição da voz de Deus fomentou a cultura do comentário com voz masculina profissionalmente treinada, cheia e suave em tom e timbre, que mostrou ser a marca de autenticidade do modo expositivo (NICHOLS, 2005, p.142).

O subgênero observativo é descrito como o modo de captura mais fiel da realidade, pois registra os fatos da vida cotidiana no momento em que acontecem. "As imagens resultantes lembram, muitas vezes, a obra dos neorrealistas italianos. Olhamos para dentro da vida no momento em que ela é vivida" (NICHOLS, 2005, p. 148). O resultado "é o rompimento com o ritmo dramático dos filmes de ficção, às vezes apressada, das imagens que sustentam os documentários expositivos ou poéticos" (NICHOLS, 2005, p. 149). No modo observativo, há pouca movimentação de câmera, trilha sonora quase inexistente e não existe narração, uma vez que as cenas devem falar por si mesmas.

Segundo Ferreira (2008), um dos maiores seguidores desta tendência foi o cineasta Fred Wiseman, diretor de clássicos como 'Modelo' (1980), em que observa a gravação de um comercial, com todos os seus erros e acertos, durante aproximadamente 25 minutos. Na verdade, sabe-se que o comercial duraria, em média, apenas 30 segundos na televisão. "Ao realizar tal observação, nota-se um esforço de Wiseman em chegar 'mais próximo' do real e do seu ritmo particular" (FERREIRA, 2008, p. 4).

No subgênero documentário participativo, Nichols (2005) destaca a vivência do cineasta em determinado meio social como principal marca deste modo. Este tipo de obra nos apresenta a ideia do que é para o cineasta "viver" determinada situação e se tornar um agente ativo nos ambientes que pretende retratar. Nesses filmes nota-se uma nítida colaboração entre diretores e atores sociais envolvidos nos assuntos abordados. Quando assistimos a esse subgênero "esperamos testemunhar o mundo histórico da maneira pela qual ele é representado por alguém que nele se engaja ativamente, e não por alguém que observa discretamente, reconfigura poeticamente ou monta argumentativamente esse mundo" (NICHOLS, 2005, p. 154).

O autor destaca como exemplos desse subgênero os filmes *Um homem com uma câmera* (1929), de Dziga Vertov, *Crônica de um verão* (1961), de Jean Rouch e Edgar Morin, *Hard metais disease* (1987), de Jon Alpert e *Watsonville on strike* (1989), de Jon Silver. Em todos esses documentários a presença do cineasta assume uma importância acentuada, desde o ato físico de "captar a imagem" até o ato político de unificar forças com aqueles que representam seus conteúdos. "Vemos como o cineasta e as pessoas que representam seu tema negociam um relacionamento, como interagem, que formas de poder e controle entram em jogo e que níveis de revelação e relação nascem dessa forma específica de encontro" (NICHOLS, 2007, p. 155).

A quinta classificação, o documentário reflexivo, tem como principal característica a construção de um discurso centrado na relação entre o cineasta e o espectador. Neste subgênero, o desenvolvimento da narrativa se utiliza de técnicas de montagem que propiciem impressões acerca do tema exposto, trazendo à tona uma reflexão sobre os processos de edição que desencadearam tais impressões. Para o autor, o gênero reflexivo é o mais consciente de si mesmo e aquele que mais se questiona. "Em lugar de ver o mundo por intermédio dos documentários, os documentários reflexivos pedem- nos para ver o documentário pelo que ele é: um construto ou representação" (NICHOLS, 2005, p. 155).

Nichols (2005) explica que o modo reflexivo estimula no espectador uma forma mais elevada de consciência a respeito de sua relação com os filmes de não ficção e aquilo que ele representa. Dziga Vertov faz isso em *O*

Homem da câmera, para evidenciar como construímos nosso conhecimento do mundo; Luis Buñuel faz isso em *Terra sem pão* (1933), para satirizar as suposições que acompanham esse conhecimento; assim como faz Chris Marker em *Sans Soleil* (1983), para questionar as suposições subjacentes ao ato de fazer filmes sobre a vida dos outros, num mundo dividido por limites raciais e políticos.

Assim como o documentário poético, o subgênero performático apresenta questões sobre o que pode e o que não pode ser considerado conhecimento. De acordo com Nichols (2005), a sexta classificação de filmes de não ficção possui formas de representação abstratas e subjetivas e são marcadas pela complexidade dos significados sugeridos pelo documentário, partindo do princípio que, um mesmo objeto, pode significar coisas distintas para diferentes pessoas. “O documentário performático sublinha a complexidade de nosso conhecimento do mundo ao enfatizar suas dimensões subjetivas e afetivas” (NICHOLS, 2005, p. 169).

O autor cita obras como *Línguas desatadas* (1989), de Marlon Riggs, *O corpo belo* (1991), de Ngozi Onwurah, e *Homenagem a Bontoc* (1995), de Marlon Fuentes, como referências de documentários performáticos. Esses filmes são compostos por um tom autobiográfico e possuem “semelhança com a forma de diário do modo participativo. Os filmes performáticos dão ainda mais ênfase às características subjetivas da experiência e da memória, que se afastam do relato objetivo” (NICHOLS, 2005, p. 170).

Apesar das particularidades de cada modo, Nichols (2005) lembra que a identificação de um filme com certo subgênero não precisa ser exclusiva. Um documentário reflexivo pode conter porções bem grandes de elementos do modo observativo, um documentário participativo pode incluir segmentos poéticos ou performáticos e assim por diante. No caso do filme analisado neste artigo, podemos identificar dois modos: o observativo e o reflexivo.

Ao mesmo tempo em que *A Última Floresta* apresenta características marcantes do subgênero observativo como a captação de imagens sem “máscaras”, mantendo a câmera como mera observadora dos fatos, como se fosse o próprio espectador “olhando tudo pelo buraco de fechadura”, o longa

também exibe as peculiaridades do modo reflexivo, quando estimula a consciência do espectador a respeito do modo de vida Yanomami.

Conforme explica Nichols (2005), a portabilidade das câmeras, sua intensa movimentação e sua constante presença no ambiente documentado, faz com que, em alguns momentos, os personagens dos documentários observativos “esqueçam” que estão diante de um registro de imagens. E, com isso, se deixem captar em momentos de extrema intimidade ou situações não planejadas. No filme de Luiz Bolognesi temos vários exemplos dessa descrição como nas cenas que uma mulher amamenta o seu filho enquanto confecciona um cesto com cipó titica[10]; e nos momentos de Davi Kopenawa conversa com um parente pelo radioamador

No documentário observativo, a impressão que se tem “é que a câmera é uma ‘intrusa’ no cenário, que agiganta os menores ‘deslizes’ em cena. Ou seja, temos evidenciada a caracterização de uma câmera que demarca uma presença em cena, registrando tudo” (FERREIRA, 2008, p.8). Outra característica desse subgênero no filme analisado é que não há música, narração e nem legendas para identificar as pessoas/personagens que aparecem na narrativa.

A partir de uma perspectiva intimista, *A última Floresta* revela o cotidiano do povo Yanomami, destacando diversas atividades do dia a dia como os afazeres domésticos, as caminhadas pela floresta, o banho de rio, a confecção de arco e flecha, os rituais de dança, a brincadeira das crianças e as conversas informais dos moradores da aldeia. Todo o diálogo é feito na língua Yanomami.

2.2 Análise decolonial

Segundo o teórico argentino Walter Mignolo (2017), o termo “colonialidade” é um conceito que foi introduzido pelo sociólogo peruano Anibal Quijano, entre o final da década de 1980 e início dos anos 1990. Em termos gerais, Quijano (2005) afirma que a colonização impôs uma série de configurações – culturais, históricas, sociais, experienciais – de dominação europeia para aqueles que vivem fora do continente europeu. Associado a isso, surge a ideia de classificação social por raça, em que toda população é

10. O cipó titica é uma raiz aérea de uma hemi-epífita (planta-mãe) muito coletada para confecção de artesanatos.

subordinada pelos colonizadores através do controle dos espaços que determinados sujeitos ocupam.

Mignolo (2017) reforça que ao inventar e nomear a lógica subjacente da fundação e do desdobramento da civilização ocidental, desde o Renascimento até hoje, a colonialidade também cria um apagamento epistêmico dos conhecimentos que já existiam nas terras colonizadas. O autor conceitua a colonialidade como o lado mais obscuro da modernidade. De acordo com ele, a tese básica – no universo específico do discurso tal como foi especificado – é a seguinte:

> a "modernidade" é uma narrativa complexa, cujo ponto de origem foi a Europa, uma narrativa que constrói a civilização ocidental ao celebrar as suas conquistas enquanto esconde, ao mesmo tempo, o seu lado mais escuro, a "colonialidade". A colonialidade em outras palavras, é constitutiva da modernidade – não há modernidade sem colonialidade. (MIGNOLO, 2017, p.2)

Nesse sentindo, o teórico argentino defende que a colonização da América Latina se constituiu em três etapas que ainda não foram superadas e que continuam a determinar a forma como as relações locais se desenvolvem. A primeira etapa está na base ibérica e católica, liderada por Espanha e Portugal a partir do ano de 1500 e que segue até 1750. A segunda fase é a do "coração da Europa", liderada por Inglaterra, França e Alemanha, entre 1750 e 1945, seguindo até a Revolução Industrial. E a terceira é a chamada "fase norte-americana", iniciada a partir de 1945.

Conforme explica a pesquisadora Letycia Nascimento (2021), ao analisar a obra de Mignolo (2017), essas bases coloniais formaram o desenvolvimento de nossos territórios e nos introduziram em uma economia comum e em hábitos que moldaram novos saberes, rotinas e culturas que construíram as experiências latinas.

> Primeiro a dominação ibérica nos apresentou ao mundo como uma descoberta e um território a ser explorado sob a bandeira da fé cristã e da catequização, afastando-nos do sagrado milenar que nos formava. Posteriormente escravizaram nossos corpos latinos e originários, assim como fizeram com os corpos negros, reduzidos a "africanos, corpos que perderam sua identidade, seus nomes e sua cultura da formação do "novo continente". [...] Por fim, a vez da colonização americana, que nos conduz a experiência cultural de estar na modernidade e desejar não só as possibilidades tecnológicas, mas ignorar o que nasce da cultura latino-americana e nome das experiências do norte. (NASCIMENTO, 2021, p.96)

Para o teórico argentino, descolonizar o pensamento consiste em rever a hegemonia e a estrutura da crença incondicional dos saberes produzidos pela Europa, que apagaram e silenciaram os saberes ancestrais dos povos colonizados. Um exemplo é a relação homem e natureza, construída historicamente pela colonialidade a partir de uma visão binária. É através dessa lógica, natureza tratada como mercadoria, que a exploração dos recursos naturais das colônias é forjada.

Conforme destaca Mignolo (2017), a colonialidade envolveu a natureza e os recursos naturais em um sistema complexo de cosmologia ocidental, estruturado teologicamente e secularmente. Ao separar homem e natureza, o processo de colonização criou um sistema epistemológico para legitimar a exploração dos recursos naturais e com isso gerar quantidades maciças de produtos agrícolas, primeiro, e quantidades maciças de recursos naturais após a Revolução Industrial, intensificando a mercantilização do alimento e da vida.

Em contraponto a essa dominação hegemônica da natureza, imposta pela colonização, Mignolo (2017) cita os exemplos dos povos aimarás e os quíchuas, da Bolívia e do Equador, em relação à contemplação da pachamama (“natureza”, para as mentes ocidentais). Para esses povos a pachamama era o modo como eles compreendiam a relação humana com a vida e com a energia que engendra e mantém a vida, traduzida hoje como "mãe terra". Segundo o autor:

> O fenômeno que os cristãos ocidentais descreviam como “natureza” existia em contradistinção à “cultura”; ademais, era concebida como algo exterior ao sujeito humano. Para os aimarás e os quíchuas, fenômenos (assim como os seres humanos) mais-que-humanos eram concebidos como pachamama, e nessa concepção não havia, e não há ainda hoje, uma distinção entre a “natureza” e a “cultura”. Os aimarás e os quíchuas se viam dentro dela, não fora dela. Assim, a cultura era natureza e a natureza era (e é) cultura. Assim, o momento inicial da revolução colonial foi implantar o conceito ocidental de natureza e descartar o conceito aimará e quíchua de pachamama. Foi basicamente assim que o colonialismo foi introduzido no domínio do conhecimento e da subjetividade. (MIGNOLO, 2017, p.7).

A conquista dos movimentos indígenas da Bolívia e do Equador para incorporar a contemplação da pachamama às suas Constituições Federais é um exemplo de descolonização do pensamento como um processo de esforço

para superar a lógica da exploração colonial. Para Nascimento (2021), esse é o esforço que precisamos imprimir não apenas na América Latina, mas em diversas comunidades originárias espalhadas pelo mundo. “É a Pachamama a energia que mantém viva todas as coisas, é ela que forma o todo, a cultura era a natureza e a natureza era (e é) a cultura”. (NASCIMENTO, 2021, p.99)

Enquanto o discurso hegemônico e colonial trata a natureza como lucro e mercadoria, os povos originários se referem ao ecossistema como a extensão de sua existência, que sustenta a vida e a própria terra. No livro "*A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*", de autoria do líder indígena Davi Kopenawa Yanomami e o antropólogo Bruce Albert, o xamã nos apresenta a cosmologia de seu povo nos advertindo que a ganância por mercadorias e metais preciosos da maioria dos não indígena pode levar o planeta ao colapso.

Kopenawa afirma que já tinha visto a imagem do céu se quebrando e tinha ouvido suas queixas: “mais tarde, se não houver mais xamãs na floresta para me segurar, vou cair de novo na terra [...] dessa vez vou fazer viver em minhas costas gente diferente desses brancos comedores de terra”. (KOPENAWA, ALBERT, 2015, p. 497). Neste relato podemos perceber que para os Yanomami quem evita a queda do céu são os xamãs que ensinado pelos xapiri[11] buscam equilibrar e cuidar do bem-estar de todos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o xamã, que também assina a coautoria do roteiro no documentário analisado, a devastação causada pela necessidade de lucro está adoecendo o céu que pode se quebrar e cair sobre todos nós, destruindo tudo como no primeiro tempo. Assim Kopenawa nos chama atenção para a voz dos espíritos da floresta e nos aconselha a escutar as suas palavras sobre a queda do céu.

11. Em *A Queda do Céu* (2015), Davi Kopenawa conta que os xapiri são guardiões invisíveis das florestas, espíritos nos quais os ancestrais animais dos povos Yanomami se transformaram. Eles são evocados nos rituais xamânicos para refrescar a terra, curar o corpo e afastar as epidemias. Sua aparição é cintilante e, seus cantos, ensurdecedores.

No filme, Davi Kopenawa faz o mesmo alerta e reforça que “Os brancos não nos conhecem. Seus olhos nunca nos viram. Seus ouvidos não entendem nossas falas. Por isso, eu preciso ir lá onde vivem os brancos.”. Nesse sentido, é possível afirmar que o documentário *A Última Floresta* é atravessado por diversos elementos do pensamento decolonial que vão desde a construção do roteiro até o protagonismo das imagens, diálogos e a narrativa Yanomami.

Outro elemento decolonial em destaque no filme é a presença feminina. Um exemplo é a cena em que uma mulher indígena, em trabalho coletivo de confecção de cestarias, diz às outras indígenas Yanomami: “Os antepassados não ensinam à toa. Criar uma associação de mulheres seria bom. Poderíamos trocar mais cestos por alimentos. Assim, poderemos depender menos dos homens. Nós, mulheres, podemos tecer mais, se estivermos juntas”, afirma a indígena.

No trecho “fictício[12]” do filme - que conta a origem do povo Yanomami, quando o criador Omama pescou com cipó Thuëyoma, um peixe em forma de mulher, se apaixonou por ela, casou e gerou a etnia - o marido da jovem mulher Yanomami ‘desaparece’ nas águas enquanto caçava, levado por um ser sobrenatural. Angustiada, pede ajuda dos pajés para resgatá-lo. “Os espíritos malignos têm muitas formas. Yawarioma, peixe em forma de mulher, pode ter atraído ele para o rio. Mas também pode ter sido levado pelo espírito maléfico do minério. Muitos foram embora assim”, diz Davi, enquanto conversa com um xamã mais idoso.

A referência do livro *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*" é outro elemento decolonial que fundamenta o documentário. Em entrevista ao site Amazônia Real, Luiz Bolognesi afirmou que a obra de Davi Kopenawa e Bruce Albert foi uma das principais inspirações para desenvolver o argumento do filme. Ao relatar como aconteceu a parceria de escrever o roteiro junto com o Davi Yanomami, o cineasta afirma:

12. Como já destacado no início do artigo, o documentário apresenta algumas encenações para explicar a origem do povo Yanomami, que são interpretadas pelos próprios moradores da Terra Indígena. Segundo o xamã Kopenawa, os Yanomami remetem sua origem à copulação do demiurgo Omama com a filha do monstro aquático Tëpërësiki, dono das plantas cultivadas. A Omama é atribuída a origem das regras da sociedade e da cultura Yanomami atual, bem como a criação dos espíritos auxiliares dos pajés: os "xapiripë "(ou "hekurapë"). O filho de Omama foi o primeiro xamã. O irmão ciumento e malvado de Omama, Yoasi, é a origem da morte e dos males do mundo.

> E eu li “A queda do Céu” e já conhecia o Davi Kopenawa de entrevista, mas não pessoalmente, e eu decidi que seria com ele o filme, que eu gostaria que fosse com ele. A partir dali, quando eu terminei o “Ex-Pajé[13]”, eu procurei o Davi e contei para ele eu queria fazer o filme, que eu gostaria que ele fosse protagonista, e mais que isso, que ele fizesse o roteiro comigo. Foi aí que ele me chamou para passar duas semanas lá em Watoriki, no território Yanomami, e a gente iniciou um relacionamento de muita troca, em uma busca juntos de uma dramaturgia. E esse foi o processo, uma abertura, eu me abrindo para ele e ele se abrindo para mim, e assim a gente construiu o filme.

A partir desse contexto, é válido afirmar que, apesar de ser idealizado e dirigido por um diretor de cinema branco, A *Última Floresta* carrega uma série de elementos decoloniais na sua composição. O principal deles é a presença do xamã Davi Kopenawa nas referências do argumento e na construção do roteiro. Ao inserir a sua visão de mundo na composição narrativa do filme, o líder indígena nos ajuda a descolonizar o pensamento sobre a natureza e sobre os povos originários que vivem na Amazônia.

Atravessado por saberes ancestrais, o documentário de Luiz Bolognesi reverbera o pensamento Yanomami e ao mesmo tempo denuncia a visão colonial que mercantiliza e destrói a natureza. Ao nos apresentar a floresta como um organismo vivo, que tem coração, respira, sente dor e sofre com suas terras queimadas pela ganância do homem branco, Kopenawa nos provoca a refletir sobre o quanto o processo de descolonização do conhecimento é urgente e que não existirá futuro sem a reconexão e o respeito à Pachamama.

REFERÊNCIAS

A ÚLTIMA FLORESTA. Direção: Luiz Bolognesi. Produção: Caio Gullane; Fabiano Gullane; Laís Bodanzky; Luiz Bolognesi. Roteiro: Luiz Bolognesi; Davi Kopenawa Yanomami. Buriti Filmes, 74 min: Netflix, 2021.

AMAZÔNIA REAL. A Última Floresta é um olhar de urgência pela proteção dos Yanomami, diz diretor**.** Disponível em: < https://amazoniareal.com.br/a-ultima-

13. Lançado em 2018, o documentário "Ex-Pajé", dirigido e roteirizado por Bolognesi, retrata a ameaça das igrejas evangélicas e da modernização ocidental para a identidade cultural dos povos indígenas contemporâneos. O protagonista do filme, o ex-pajé Perpera, da etnia Paiter Suruí, é um homem que vive boa parte de sua vida dedicado à igreja da comunidade onde mora

floresta-e-um-olhar-de-urgencia-pela-protecao-dos-yanomami-diz-diretor/ > Acesso em 03 de janeiro de 2023.

APIB. *Apib recorre ao STF para proteger povo Yanomami e denunciar incentivo do governo federal ao garimpo ilegal*. Disponível em: < https://apiboficial.org/2022/05/05/apib-recorre-ao-stf-para-proteger-povo-yanomami-e-denunciar-incentivo-do-governo-federal-ao-garimpo-ilegal/ > Acesso em 03 de janeiro de 2023.

FERREIRA, Lucilene. *O documentário observativo como estratégia da intimidade no discurso político: Uma análise do filme "Primárias", de Robert Drew***.** Artigo apresentado na Sessão Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, 2008.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MIGNOLO, Walter. *Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade*. ev. bras. Ci. Soc. [online]. 2017, vol.32, n.94, e329402. Epub June 22, 2017. ISSN 1806-9053.

NASCIMENTO, Letycia. *Etnocomunicação Indígena como prática de liberdade decolonialista e ancestral*. Curitiba. Appris editora, 2021.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas (SP): Ed.Papirus, 2005.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

SPLASH UOL. *Documentário brasileiro 'A Última Floresta' vence prêmio ibero-americano*. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/05/01/documentario-brasileiro-a-ultima-floresta-vence-premio-ibero-americano.htm > Acesso em 04 de janeiro de 2023.

O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL YANOMAMI COMO UMA ALTERNATIVA AO EMPREENDEDORISMO CAPITALISTA NA REGIÃO AMAZÔNICA[1]

YANOMAMI SUSTAINABLE DEVELOPMENT AS AN ALTERNATIVE TO CAPITALIST ENTREPRENEURSHIP IN THE AMAZON REGION
DESARROLLO SOSTENIBLE YANOMAMI COMO ALTERNATIVA AL EMPRENDIMIENTO CAPITALISTA EN LA AMAZONIA

Andressa Rodrigues Diógenes[2]
Rafael Sbeghen Hoff[3]

Resumo: Este artigo se aprofunda na cultura híbrida do empreendedorismo Yanomami na região amazônica, com um foco especial na produção sustentável de cogumelos e sua relação direta com as mudanças climáticas. O objetivo deste texto é analisar o contexto histórico do debate sobre a preocupação ambiental, explorando as conexões entre o empreendedorismo Yanomami, o desenvolvimento sustentável e as teorias subjacentes. Para atingir esse objetivo, adotamos uma abordagem metodológica baseada na revisão bibliográfica, histórica e conceitual, que lança luz sobre aspectos cruciais do discurso sobre a sustentabilidade na Amazônia. Os resultados obtidos neste estudo destacam a comunidade Yanomami, localizada em Roraima, como um exemplo notável de engajamento efetivo no conceito de desenvolvimento sustentável. A comunidade Yanomami tem o potencial de ser referência de uma economia empreendedora sustentável e consciente, para mitigar os efeitos das mudanças climáticas.

Palavras-chave: Amazônia; Yanomami; Sustentabilidade; Empreender; Mudanças climáticas.

Abstract: This article delves into the hybrid culture of Yanomami entrepreneurship in the Amazon region, with a special focus on sustainable mushroom production and its direct relationship with climate change. The aim of this text is to analyze the historical context of the environmental concern debate, exploring the connections between Yanomami entrepreneurship, sustainable development, and underlying theories. To achieve this goal, we have adopted a methodological approach based on bibliographical, historical, and conceptual

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST1 CONTRADISCURSOS DE RESISTÊNCIAS: novas propostas de vida diante da emergência climática do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Graduada em Relações Internacionais pela UFRR e estudante de mestrado em Comunicação pelo Programa de Pôs-Graduação em Comunicação (PPGCOM) pela UFRR, andressa.diogenes08@hotmail.com, ORCID: https://orcid.org/0009-0002-5065-4339

[3] Professor do curso de graduação em Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima, líder do Grupo de Pesquisa em Processos Imagéticos (PRIMA-UFAM), vice-líder do Grupo de Pesquisa em Estéticas e Processos Audiovisuais (ARTIS-UFRGS), pesquisador do Grupo de Ações e Intervenções Autopoiéticas (GAIA-UFERSA). rafael.hoff@yahoo.com.br, ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4745-5689.

review, shedding light on crucial aspects of the discourse on sustainability in the Amazon. The results obtained in this study highlight the Yanomami community, located in Roraima, as a notable example of effective engagement with the concept of sustainable development. The Yanomami community has the potential to serve as a reference for a sustainable and conscious entrepreneurial economy, aimed at mitigating the effects of climate change.
Keywords: Amazon; Yanomami; Sustainability; Entrepreneurship; Climate change.

Resumen: Este artículo profundiza en la cultura híbrida del emprendimiento Yanomami en la región amazónica, con un enfoque especial en la producción sostenible de hongos y su relación directa con el cambio climático. El objetivo de este texto es analizar el contexto histórico del debate sobre la preocupación ambiental, explorando las conexiones entre el emprendimiento Yanomami, el desarrollo sostenible y las teorías subyacentes. Para lograr este objetivo, hemos adoptado un enfoque metodológico basado en la revisión bibliográfica, histórica y conceptual, arrojando luz sobre aspectos cruciales del discurso sobre la sostenibilidad en la Amazonía. Los resultados obtenidos en este estudio resaltan a la comunidad Yanomami, ubicada en Roraima, como un ejemplo notable de compromiso efectivo con el concepto de desarrollo sostenible. La comunidad Yanomami tiene el potencial de servir como un referente de una economía emprendedora sostenible y consciente, con el fin de mitigar los efectos del cambio climático.

Palabras clave: Amazonía; Yanomami; Sostenibilidad; Emprendimiento; Cambio climático.

1. INTRODUÇÃO

A partir da década de 1970, as mudanças climáticas ganharam destaque na mídia devido ao aquecimento global. Ambientalistas e pesquisadores alertaram sobre a degradação da camada de ozônio, que protege dos raios ultravioletas do sol, e buscaram conscientizar a população sobre a importância de políticas ambientais. A emissão de gases como o clorofluorcarboneto pelas indústrias foi associada a esse fenômeno. Em 1988, foram firmados acordos globais, incluindo o Protocolo de Montreal, Protocolo de Kyoto e ECO-92, para reduzir essas emissões e preservar o meio ambiente (MOLION, 1992).

As mudanças climáticas ocasionam desdobramentos negativos para o bom funcionamento do planeta, resultados acumulados desde a Primeira Revolução Industrial (1760 - 1850). O efeito estufa, por exemplo, devido aos gases produzidos em grande proporção, aumenta mais o efeito desse processo, deixando o planeta mais quente a cada ano, afetando as correntes dos oceanos e circulações atmosféricas, impactando biomas e ciclos de vida da fauna e flora terrestre (MOLION, 2001).

Outros fatores além do aquecimento global contribuem para a mudança climática e a perturbação dos ecossistemas. Estes incluem o crescimento urbano e a produção de monoculturas em áreas naturais, o uso de substâncias químicas que contaminam fontes de alimento e água, e a exploração desenfreada de recursos naturais sem preocupação com a recuperação do ambiente. Em regiões tropicais, o efeito é ainda mais intenso devido às altas temperaturas naturais. A decomposição aeróbica de matéria orgânica no solo, que libera gás carbônico, acelera as mudanças climáticas nesses locais, ocorrendo em uma velocidade de cinco a dez vezes superior em comparação com outras regiões do planeta. (LAL & LOGAN, 1995). Da mesma forma, o sistema de vaporização da água em áreas verdes, o qual auxilia com o equilíbrio do calor de um ecossistema, é afetado (LIMA, 1987; GALVÃO, 2000; MODNA, 2004).

Na Amazônia as mudanças climáticas alteram toda a dinâmica de funcionamento do ecossistema das florestas. Em 1999, o Centro Hadley, do Escritório Meteorológico do Reino Unido (UKMO) previu que a região amazônica teria efeitos catastróficos até 2080, principalmente pelo desmatamento, efeito estufa e degradação do solo (COX et al., 2000, 2004; WHITE & CANNELL, 1999).

Entre os anos 1949 e 2017, a floresta amazônica experimentou grandes variações de temperatura, com 2017 sendo o ano mais quente do século XXI. O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) observou um aumento médio de 4 °C na temperatura até o final do século, resultando em uma drástica redução de 40% nas chuvas na região. Essas mudanças representam uma potencial ameaça ao ecossistema e à sobrevivência das espécies (MARENGO & SOUZA JUNIOR, 2018).

As mudanças climáticas na Amazônia ameaçam a biodiversidade e também impactam negativamente as comunidades tradicionais. Seus conhecimentos e modo de vida estão sob ameaça devido aos processos migratórios impulsionados pelas mudanças. Desde a ocupação colonial pelos portugueses até os dias atuais (2023), a região tem sido alvo de atividades de extração e exploração, sendo vista como uma terra rica em recursos naturais, conforme descrito por viajantes e exploradores no passado.(FEARNSIDE, 2006). Nas décadas de 1970 e 1990, houve incentivos fiscais para o desenvolvimento econômico da Amazônia, especialmente na agropecuária. Isso levou a uma concentração de terras nas mãos de poucos proprietários, através da apropriação de território federal sem destinação, conhecida como grilagem. A

expansão global do setor de carne bovina e os planos federais de infraestrutura também contribuíram para o aumento do desmatamento na região (FEARNSIDE, 2005).

Umas das várias comunidades afetadas por esses eventos é o povo Yanomami os quais vivem na região Norte da Amazônia. Os Yanomami são uma etnia de caçadores-agricultores e tiveram contato com a sociedade na década de 1970. As terras Yanomami, que estão localizadas ao oeste do Estado de Roraima e se estendem ao sul da divisa com a Venezuela. Assim como mostra a figura 1:

Figura 1- Mapa território Yanomami

Fonte:Onliytribal, 2016

Ocupam a maioria das terras indígenas demarcadas do Estado de Roraima, reconhecidas pela grande importância na proteção ambiental. Uma metade de sua população se encontra do lado brasileiro, onde possuem diversidade linguísticas e particularidades nas dinâmicas sociais das comunidades habitantes no território descrito (DINIZ, 2007).

A descoberta do potencial de terras para atividades agropecuárias na região da comunidade Yanomami levou à ocupação de terras, construção de fazendas e estradas. No entanto, atividades negativas, especialmente o garimpo, impactaram negativamente a comunidade com epidemias, doenças e mortes. A "Corrida do Ouro" entre 1987 e 1990 causou um processo migratório contínuo de garimpeiros, gerando um dos maiores conflitos enfrentados pelosYanomami em suas terras até o ano de 2023.(ALBERT, 2018).

O garimpo deixa também consequências ambientais e sociais, como a poluição dos rios pelo uso indiscriminado de mercúrio no processo de extração do ouro, o desmatamento para instalação das acomodações desses exploradores, e ainda podemos associar muitos casos de violência contra as comunidades tradicionais, principalmente mulheres e crianças[4].

No início do ano de 2023, a comunidade Yanomami passa por uma crise emergencial de desnutrição e doenças como malária. A atividade do garimpo ilegal ocasiona uma sensação de insegurança tanto para a população tradicional, a qual, sofrem violências, o mesmo ocorre com os agentes de saúde, o que ocasiona o impedimento dos profissionais chegarem aos doentes. Além disso, a atividade do garimpo cria escavações no solo que geram depósitos de água em que há proliferação de mosquitos (JUSTINO, 2023).

Com isso, se reflete que atividades explorativas de terras e minerais para fins econômicos, como a do garimpo, que ocasionam problemas de grande porte tanto ambientais quanto sociais. Em vista dessa situação, se pode observar o quanto atividades econômicas, sem uma consciência ambiental e ecológica, podem causar tantas consequências negativas. Como um exemplo de economia consciente e rentável, a dinâmica da produção dos Cogumelos mostra-se uma possível referência para aplicação de produção sustentável.

2. A PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL AMAZÔNICA DE COGUMELOS PELOS YANOMAMI

Em 2004, a comunidade Yanomami se uniu de forma associativa, criando a Hutukara Associação Yanomami (HAY), com o objetivo de exercer um papel político e cultural, buscando continuar sua cultura. Dentre os projetos implementados, destaca-se a comercialização dos cogumelos Yanomami a partir de 2016. Esses cogumelos são colhidos, triturados e desidratados pela própria comunidade, abrangendo 15 espécies com finalidade gastronômica. Além de atender a demanda local, os cogumelos Yanomami se tornaram os primeiros

[4] Como pode ser indiciado pelas reportagens a seguir: https://amazoniareal.com.br/escalada-da- violencia/ ; https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2023/05/5091406-em-nova-onda-de- violencia-ianomamis-ficam-no-fogo-cruzado-contra-garimpo.html ; https://noticias.unb.br/112- extensao-e-comunidade/6305-garimpo-ilegal-destruicao-da-natureza-e-violencia-o-inferno-novamente- infligido-ao-povo-yanomami .

cogumelos amazônicos a serem exportados para outras regiões do país e do mundo (COGUMELO YANOMAMI, S/A).

A comercialização dos cogumelos Yanomami levanta duas reflexões cruciais no contexto das mudanças climáticas: em primeiro lugar, representa uma oportunidade para desenvolver uma economia sustentável na Amazônia, mesmo não sendo produção em larga escala. Em segundo lugar, enfatiza a importância de valorizar e preservar a cultura Yanomami, que vive em harmonia com a natureza, sem causar danos ao meio ambiente.

Segundo o livro "*Sanöma samakönö sama tökö nii pewö ao wi ĩ tökö waheta: anaamopö* = Enciclopédia dos alimentos Yanomami (sanöma): cogumelos" (2016), o cultivo dos cogumelos possui uma dimensão que vai além do aspecto gastronômico, desempenhando também um papel social e cultural significativo para a comunidade Yanomami. Sob a perspectiva social, o cultivo possibilita a transmissão de conhecimentos para as gerações futuras, assegurando a continuidade do saber sobre cogumelos. Em âmbito cultural, esse conhecimento é registrado em um livro produzido pela própria comunidade, contribuindo para a preservação e valorização dos saberes tradicionais Yanomami, ao mesmo tempo que promove a conscientização sobre sua relevância.

Os cogumelos são encontrados em dois ambientes distintos: nas roças e nas florestas. Nas roças, a própria comunidade cria condições propícias para o cultivo, com mulheres responsáveis pela plantação, coleta e desidratação dos cogumelos, enquanto na floresta, os homens se encarregam de buscar os cogumelos, contribuindo também na criação das roças (SANUMA & TOKIMOTO et al., 2016).

A colheita é realizada de forma esporádica, com maior intensidade durante o período de chuvas, quando o cultivo dos cogumelos é favorecido pela umidade. No entanto, a colheita ocorre durante todo o ano, embora em meses sem chuvas a produção seja menor. Além disso, as roças são utilizadas no máximo três vezes ao ano, após o uso são deixadas em repouso, permitindo a regeneração da vegetação (SANUMA & TOKIMOTO et al., 2016).

3. INTERSECÇÕES CULTURAIS NO AMBIENTE EMPREENDEDOR

Nos dias atuais, o termo "empreender" tem se tornado mais frequente no contexto econômico. Essa palavra teve origem no século XVI na língua portuguesa, porém sua raiz vem do inglês, como "entrepreneurship". O sufixo "ship" denota posição, grau, relação, estado ou qualidade, e também pode significar habilidade, perícia ou uma combinação desses significados, como em "leadership" (liderança = habilidade ou perícia em liderar) (BARRETO, 1998).

Economistas como Chagas (2000) argumentam que para o bom desenvolvimento da economia são necessários bons líderes empreendedores. O próprio SEBRAE, em seu Manual do Aluno na disciplina de Empreendedorismo (2013) afirma que para ser um bom empreendedor é preciso enfrentar desafios, agir, errar e aprender. Drucker (1998), por sua vez, descreve os empreendedores como aqueles que buscam aproveitar oportunidades de mudança através de tecnologia, normas sociais e preferências do público-alvo, entre outros fatores.

O Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) é uma instituição nacional que oferece formação e apoio para o desenvolvimento econômico de micro e pequenos negócios com uma abordagem empreendedora (MANCUSO, 2002). Segundo o Sebrae, empreender é:

> (...) uma atitude que envolve inquietação, ousadia e proatividade na relação com o mundo. Essa postura, influenciada por características pessoais, cultura e ambiente, favorece a criação criativa e concretização de ideias, resultando em ganhos econômicos e sociais (SEBRAE, 2001, p.9).

O Sebrae baseia suas correntes teóricas nas ideias de Schumpeter, onde empreender envolve criar hábitos, práticas e valores. É entendido que a inovação, seja de produtos ou serviços, requer a colaboração de uma "personalidade corporativa construída", em vez de ser resultado de "genialidades" individuais. Assim, o empreendedor é visto como um sujeito coletivo, assim como o Estado e as organizações sociais (LÓPEZ-RUIZ, 2004).

A HAY, em parceria com o Instituto Socioambiental (ISA), é responsável pela comercialização dos Cogumelos Yanomami, entre outras mercadorias, seguindo princípios de preservação da natureza e apoio à comunidade. Essa iniciativa fortalece a cultura e saberes Yanomami e demonstra que a comunidade pode adotar e adaptar elementos da cultura capitalista para impulsionar sua própria economia (VIEIRA & LIMA, 2019).

O Plano de Gestão Territorial e Ambiental Terra Yanomami (2019), o qual é documento construído pelo próprio povo, aborda a geração de renda como uma das pautas importantes para a boa vivência da comunidade e do território. É mencionada a necessidade de materiais que são possuídos por não-indígenas, como bacias, machados, roupas, sandálias e outros itens, que a comunidade precisa para melhorar o trabalho e preparo de alimentos. Os projetos de geração de renda implementados são baseados em conhecimentos tradicionais e respeitam o território (VIEIRA & LIMA, 2019).

Para os Yanomami, o ganho econômico está associado à valorização das mercadorias da floresta por meio de uma economia justa e solidária, além de estudar e conhecer outras fontes de renda de outros povos. Parceiros, associações e a Funai auxiliam os projetos da comunidade, fornecendo orientações sobre o uso consciente e responsável da renda (VIEIRA & LIMA, 2019).

A divisão da renda é feita de forma coletiva, onde são escolhidos aqueles que serão responsáveis pelas finanças e controle de gastos dentro da comunidade. Decisões importantes sobre o uso de materiais necessários para o trabalho na roça e preparo de alimentos são tomadas em conjunto, com a consciência de evitar a geração de lixo que possa prejudicar a saúde e o meio ambiente. Além disso, há um planejamento de investimentos para outros projetos da comunidade (VIEIRA & LIMA, 2019).

Observa-se, desse modo, o surgimento de uma cultura híbrida, uma vez que no dinamismo do empreendedorismo ocorre o encontro entre a cultura indígena e a cultura ocidental capitalista. Compreende-se que o empreendedorismo Yanomami emerge como resposta para lidar com as realidades culturais, políticas e econômicas regionais. Os tensionamentos e os encontros entre essas perspectivas culturais, fazem emergir marcas de uma contemporaneidade específica da região amazônica. Dar atenção a esses fenômenos culturais e comunicacionais parece justificado pelo pensamento de Canclini:

> As políticas culturais menos eficazes são as que se aferram ao arcaico e ignoram o emergente, porque não conseguem articular a recuperação da densidade histórica com os significados recentes gerados pelas práticas inovadoras na produção e no consumo. (GARCÍA-CANCLINI, 2000, p.198).

Nota-se que uma cultura que tem como valor fundamental uma relação harmoniosa com a natureza muitas vezes se perde no meio do dinamismo da cultura capitalista, que busca constantemente produzir e expandir seu modus operandi sem uma consciência sustentável.

4. DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E O EMPREENDEDORISMO YANOMAMI

O conceito inicial de desenvolvimento sustentável foi estabelecido em 1987 pela Comissão Mundial para o Ambiente da ONU, que o definiu como "a satisfação das necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações de satisfazer suas próprias necessidades" (BRIAN, 2008, p.20). A sustentabilidade é composta por três dimensões interligadas: econômica, ambiental e social. Na esfera econômica, não se trata apenas do crescimento individual, mas de promover o desenvolvimento coletivo e aumentar a renda para todos, sem distinção. A dimensão ambiental, também conhecida como ecológica, enfatiza a conscientização das empresas e da sociedade sobre as atividades que podem prejudicar o meio ambiente, bem como a implementação de práticas de gestão ambiental em suas atividades. A dimensão social envolve as habilidades humanas que impactam a natureza, tanto em explorações individuais como coletivas (ALMEIDA, 2002).

Para as comunidades tradicionais, o entendimento da sustentabilidade, segundo Barreto Filho (2001), é baseado em três pilares: a relação próxima com a natureza, a organização de base familiar e a conscientização da importância do meio ambiente. Esses fatores contribuem para a harmonia das comunidades com o meio ambiente e levam ao desenvolvimento de práticas sociais ecológicas. O autor detalha essa abordagem tríplice conceitualmente:

> (a) por sua relação particular com a natureza, traduzida num corpo de saberes técnico e conhecimentos sobre os ciclos naturais e os ecossistemas locais de que se apropriam; (b) pelo fato desses ecossistemas representarem, em muitos casos as derradeiras amostras e remanescentes globais de ecossistemas críticos e frágeis; e (c) por situar-se relativamente à margem da economia de mercado formador de preços, organizados em sistema de produção baseado na organização familiar e orientados para a subsistência e num modelo de uso de recursos naturais intensivo em trabalho e, supostamente de baixo impacto (BARRETO FILHO, 2001, p. 18-19).

Comunidades tradicionais possuem uma relação intrínseca com aspectos

econômicos e sociais, caracterizando-se pela baixa acumulação de capital e uso de recursos naturais renováveis. O conceito de "Know-How", segundo Diegues (1994), refere-se ao conhecimento dos elementos primários próprios dessas comunidades, valorizando sua sustentabilidade, valor cultural e histórico. Esses saberes, transmitidos por gerações, preservam ciclos biológicos e aspectos importantes para a conservação ambiental, tornando essencial adotar tais práticas para a preservação do meio ambiente.

> Seus padrões de consumo, baixa densidade populacional e limitado desenvolvimento tecnológico fazem com que sua interferência no meio ambiente seja pequena. Outras características importantes de muitas sociedades tradicionais são: a combinação de várias atividades econômicas (dentro de um complexo calendário), a reutilização dos dejetos e o relativamente baixo nível de poluição. A conservação dos recursos naturais é parte integrante de sua cultura, uma ideia expressa no Brasil pela palavra "respeito" que se aplica não somente à natureza como também a outros membros da comunidade. (DIEGUES, 1994, p. 78-79).

A comunidade Yanomami é bastante voltada para suas conexões, sejam espirituais ou físicas, com a natureza. Na cosmologia Yanomami, compreende-se que "humanidade" e "mundo" não devem ser tratados de forma isolada, mas sim como um todo integrado. Assim como explica os autores Danowski e Viveiros de Castro nas mitologias indígenas (2014):

> A humanidade é consubstancial ao mundo, ou para melhor dizer, objetivamente ‘co-relacional’ com o mundo, relacional como o mundo. [...] imanência real entre existência e experiência na constituição de um multiverso relacional. (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, p. 102-103, 2014).

Em um mundo integrado, onde seres humanos fazem parte de um sistema amplo e complexo, e a partir de uma lógica menos consumista ou utilitarista, apontando para as dinâmicas cíclicas e de co-responsabilidade sobre o meio ambiente, os saberes tradicionais dos povos originários parecem apontar para uma (re)descoberta do nosso papel no planeta e na vida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O empreendedorismo Yanomami traz, como relatado nesse artigo, a perspectiva de uma cultura híbrida, que une as ideias de produção com o objetivo de obter retorno financeiro e a preocupação de produzir apenas o necessário, sem prejudicar o meio ambiente. Essa abordagem pode ser referenciada como

um caminho para uma economia sustentável.

O conceito de cosmoecologia é uma visão única dos Yanomami sobre o mundo, proporcionando uma abordagem diferenciada na relação entre seres humanos e a natureza. A cosmoecologia Yanomami oferece uma possível solução para enfrentar a crise ecológica que afeta nosso planeta, apresentando diversas perspectivas em que a questão do ser e do mundo não estão dissociadas. Essa abordagem nos ensina a interagir com o meio ambiente e a transformar o valor da "mercadoria" em valor da "vida" (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014).

Davi Kopenawa, xamã e líder ativista da sua comunidade, em sua obra "A Queda do Céu" (2019), vai além da conexão física com a natureza e explora também a conexão cósmica e espiritualizada, que ele chama de xamã-floresta-sustentabilidade. Ele enfatiza que essa conexão é ignorada pelos não-índios. Kopenawa explica que a sustentabilidade da natureza está intrinsecamente ligada à preservação da terra e está vinculada à vida dos povos que habitam a região para garantir sua continuidade (ALBERT, KOPENAWA, 2019).

Dentre as vinte e duas diretrizes do Plano de Gestão Territorial e Ambiental Terra Yanomami (2019) que focam na geração de renda e no gerenciamento dos ganhos, algumas são especialmente importantes. Uma delas é incentivar o manejo e o uso sustentável dos recursos naturais, que são matérias-primas para a produção de artesanato e alimentos comercializados. Para isso, são oferecidos cursos de capacitação específicos ministrados nas línguas indígenas, visando fortalecer as habilidades relacionadas a essas atividades (VIEIRA & LIMA, 2019).

Outra diretriz essencial para o cuidado da Terra Yanomami envolve o combate ao garimpo e outras atividades ilegais, por meio de parcerias com outros povos afetados. A produção de trabalhos escritos para expor os impactos negativos dessas operações ilegais, bem como a realização de denúncias junto a órgãos competentes e ações de fiscalização constante, também estão incluídas nessas estratégias (VIEIRA & LIMA, 2019).

Diante das discussões que foram levantadas ao longo desse artigo, reflete-se que na Amazônia se tem um processo histórico de desmatamento e exploração que vem sendo regidas ao longo dos anos por uma lógica

exploratória, capitalista, extrativista. Observou-se que no território da comunidade Yanomami ocorreram eventos que causaram fatores ambientais impactantes sobre o modo de existência dessas comunidades, como desmatamento e contaminação dos rios e lagos com mercúrio. Além disso, existem efeitos globais que afetam o meio ambiente amazônico, como a poluição do ar, o desmatamento, o efeito estufa, entre outros.

No território Yanomami a degradação do meio ambiente é efeito do desflorestamento e da contaminação de rios e peixes com o mercúrio, resultado da ação dos garimpos ilegais instalados na região. Esse fenômeno acontece porque o garimpo é impulsionado pela busca do ouro visando o lucro pela extração e venda do minério no mercado internacional. Com isso, observa-se que todo esse ciclo é focado na busca de renda pelo extrativismo, porém as atividades não possuem valores sustentáveis e conscientes, além de trazer prejuízos sociais e culturais para o povo Yanomami.

O empreendedorismo surge como uma demonstração de geração de renda mais autônoma e com características próprias, como no caso dos cogumelos Yanomami. A produção e venda desses cogumelos pela própria comunidade, com base em conhecimentos tradicionais, traz à tona a reflexão sobre a possibilidade de uma geração de renda ecológica e economicamente justa e responsável.

Além disso, valoriza-se esses saberes, enaltecendo o produto e o trabalho de caráter único e nacional, o que serve de exemplo de uma economia que gera renda em equilíbrio com o meio ambiente, aderindo aos valores da sustentabilidade e respondendo, assim, aos desafios do combate às mudanças climáticas. Conforme a cosmoecologia Yanomami, a união entre seres humanos e natureza está cada vez mais distante devido às ações dos não indígenas. Nos parece relevante dar ouvidos à voz dos povos da floresta e sua conexão com o mundo em que habitamos, antes que seja tarde.

REFERÊNCIAS

ALBERT, B. Povos Indígenas no Brasil, 2018. *Kami Yamaki Urihipë, Nossa Terra-Floresta*. Disponível em: Yanomami - Povos Indígenas no Brasil (socioambiental.org). Acesso em: 08 de janeiro de 2023.

ALMEIDA, F. *O bom negócio da sustentabilidade.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BAGGIO, A. F; BAGGIO, D. K. *Empreendedorismo: Conceitos e definições.* Revista de empreendedorismo, inovação e tecnologia, v. 1, n. 1, p. 25-38, 2015.

BARRETO FILHO, H.T. *Populações Tradicionais: Introdução à Crítica da Ecologia Política.* In: Worshop Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade. Parati, RJ, 2001 (mimeo).

BARRETO, L. P. *Educação para o empreendedorismo*. Educação Brasileira, v. 20, n. 41, p. 189-197, 1998.

BRIAN, E. *O guia básico para a sustentabilidade*. Barcelona: Gráficas 92, 2008.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da globalização.* São Paulo: Edusp, 2000.

CHAGAS, F. C. D. (2000). *O ensino de empreendedorismo: panorama brasileiro.* In: Instituto Euvaldo Lodi. Empreendedorismo: ciência, técnica e arte.

COGUMELO YANOMAMI. *Sonöma Cogumelo Yanomami*, s/a. Disponível em:https://cogumeloyanomami.org.br/. Acessado em: 08 de maio de 2023.

COX, P.M., R.A. BETTS, C.D. JONES, S.A. SPALL & I.J. TOTTERDELL. 2000. *Acceleration of global warming due to carbon-cycle feedbacks in a coupled climate model.* Nature 408: 184- 187.

DANOWSKI, D; VIVEIROS DE CASTRO, E. 2014. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*.Florianópolis, Instituto Socioambiental.

DIEGUES, A. C. Sant'Ana. *O Mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: NUPAUB/USP, 1994.

DINIZ, D. *O sangue yanomami: um desafio para a ética na pesquisa*. 2007.

DRUCKER, P. F. *Inovação e espírito empreendedor: práticas e princípios.* São Paulo: Pioneira, 1998.

FEARNSIDE, P. M. Desmatamento na Amazônia Brasileira: história, índices e consequências. In: *Megadiversidade*. Volume 1. s/l: p. 113-123, 2005.

FEARNSIDE, Philip M. *Desmatamento na Amazônia: dinâmica, impactos e controle*. Acta amazônica, v. 36, p. 395-400, 2006.

GALVÃO, A. P. M. (Org.). Reflorestamento de propriedades rurais para fins produtivos e ambientais: um guia para ações municipais e regionais. Brasília:

Embrapa Comunicação para Transferência de Tecnologia, 2000; Colombo, PR: Embrapa Florestas, 2000. História. In: *Boletim da Sociedade Brasileira de Meteorologia*, São Paulo, vol. 16, nº 1. p. 8-11.

JUSTINO, G. *Entenda a crise de saúde entre indígenas Yanomami e o que a devastação na Amazônia tem a ver com isso*. Um so planeta, 2023. Disponível em: https://umsoplaneta.globo.com/sociedade/noticia/2023/01/23/entenda-a-crise-de-saude-entre-indigenas-yanomami-e-o-que-a-devastacao-na-amazonia-tem-a-ver-com-isso.ghtml. Acesso em: 03/05/2023.

KOPENAWA, D; ALBERT, B. *A queda do céu*: palavras de um xamã yanomami. Editora Companhia das Letras, 2019.

LAL, R.; LOGAN, T. J. Agricultural activities and greenhouse gas emissions from soils of the tropics. In: LAL, R.; KIMBLE, J. M.; LEVINE, E.; STEWART, B. A. (Eds.). *Soil management greenhouse effect*. Boca Raton, FL: CRC Press, 1995. p. 293-307.

LIMA, W. P. *O reflorestamento com eucalipto e seus impactos ambientais.* São Paulo: Artpress, 1987.

LÓPEZ-RUIZ, O. J. (2004). *O 'ethos' dos executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo.* Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia do IFCH-Unicamp.

MANCUSO, H. (2002). *Sebrae: 30 anos parceiro dos brasileiros*. Brasília: Sebrae/NA

MARENGO, J. A.; SOUZA JUNIOR, C. *Mudanças Climáticas:* impactos e cenários para a Amazônia. São Paulo: ALANA, 2018.

MODNA, D. *Influência das áreas verdes urbanas na temperatura e umidade do ar de São Carlos – SP*. 2004. 108 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Engenharia Ambiental) - Universidade São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, 2004.

MOLION, LCB. O buraco de ozônio: o outro lado da história. *Boletim da Sociedade Brasileira de Meteorologia***,** 3, v. 16, n. 1, p. 8-11, 1992.

MOLION, L.C.B. (2001) Aquecimento global: fato ou ficção? In: *Revista do Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas – Geografia*, São Paulo, ano I, nº 4. p. 6-9.

ONLY TRBAL. *The Yanomami Tribe of the Amazon Rainforests*, 2016. Disponível em: https://www.onlytribal.com/the-yanomami-tribe-of-the-amazon-rainforests.asp. Acessado em: 21 de julho de 2023.

SANUMA, O. I., & TOKIMOTO, K. et al. *Sanöma samakönö sama tökö nii pewö ao wi ĩ tökö waheta: anaamopö = Enciclopédia dos alimentos Yanomami (sanöma): cogumelos.* São Paulo: Instituto Socioambiental, 2016.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. *Manual do Aluno: Módulo I* – o Empreendedor. Brasília, 2013.

SEBRAE. (2001). *Referenciais para uma nova práxis educacional*. Série Documentos. 2. ed. Brasília: Edições Sebrae, 2001.

VIEIRA, M. A. R. M.; LIMA, L. P. N. S. *Plano de Gestão Territorial e Ambiental: Terra Indígena Yanomami (Yanomae-Português).* São Paulo, Insituto Socioambiental, 2019.

WHITE A. & M. CANNELL. 1999. *The impacts of climate change on natural vegetation***.** Hadley Centre, Bracknell, UK. http://www.metoffice.gov.uk/research/hadleycentre/pubs/brochures/B1999/imp_nat_veg.html#tdi

PERSPECTIVAS DA CULTURA E DO IMAGINÁRIO NA PRODUÇÃO VISUAL AMAZÔNICA

PERSPECTIVES OF CULTURE AND IMAGINARY IN AMAZON VISUAL PRODUCTION

PERSPECTIVAS DE CULTURA E IMAGINARIO EN LA PRODUCCIÓN VISUAL AMAZÓNICA

Amanda Cristine Modesto Barros[1]
Rafael Brito Gonzaga[2]

Resumo: Partindo da metodologia das incidências, consideramos as vivências da(s) cultura(s) amazônica(s)[3] como experiência que transcende para os processos artísticos e que fortalecem a epistemologia das poéticas regionais. Assim, foram observadas algumas representações do imaginário amazônico, associadas às leituras de estudiosos que já colaboram com as construções narrativas, buscando validar a cosmogonia enquanto área de conhecimento e território que corporifica a estética do imaginário. Este artigo é um resultado das pesquisas realizadas no Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA, adequando os estudos para o tema Contradiscursos de Resistências: novas propostas de vida diante da emergência climática, para o Confluências do 10º Congresso Anual, de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia.

Palavras-chave: Imaginário Amazônico; Cultura Amazônica; Arte Amazônica; Vivências Amazônicas; Poética Amazônica.

Abstract: Starting from the methodology of incidences, we consider the experiences of the Amazonian culture(s) as an experience that transcends to the artistic processes and that strengthen the epistemology of regional poetics. Thus, some representations of the Amazonian imaginary were observed, associated with the readings of scholars who already collaborate with narrative constructions, seeking to validate cosmogony as an area of knowledge and territory that embodies the aesthetics of the imaginary. This article is a result of research carried out in the Graduate Program in Arts at UFPA, adapting the studies to the theme Counterdiscourses of Resistances: new proposals for life in the face of the climate emergency, for the Confluências of the 10th Annual Congress of Communication, Languages and Culture of/in the Amazon.

Keywords: Amazonian Imaginary; Amazonian Culture; Amazonian Art; Amazon Experiences; Amazonian Poetics.

[1] Doutoranda do PPGARTES/UFPA. Mestre em História, Crítica e Educação em Artes pelo PPGARTES/UFPA. Licenciada em Artes Visuais pela UFPA. Atua como professora no município de Ananindeua - PA. http://lattes.cnpq.br/4551271947287787

[2] Mestrando do PPGARTES/UFPA. Licenciado em Artes Visuais pela UFPA. Possui Bacharelado em Artes Visuais pela UFPA. http://lattes.cnpq.br/6716994945463098

[3] ST1: CONTRADISCURSOS DE RESISTÊNCIAS: novas propostas de vida diante da emergência climática.

Resumen: Partiendo de la metodología de las incidencias, consideramos las vivencias de la(s) cultura(s) amazónica(s) como una experiencia que trasciende a los procesos artísticos y que fortalecen la epistemología de las poéticas regionales. Así, se observaron algunas representaciones del imaginario amazónico, asociadas a las lecturas de estudiosos que ya colaboran con construcciones narrativas, buscando validar la cosmogonía como área de conocimiento y territorio que encarna la estética del imaginario. Este artículo es resultado de una investigación realizada en el Programa de Posgrado en Artes de la UFPA, adaptando los estudios al tema Contradiscursos de las Resistencias: nuevas propuestas de vida frente a la emergencia climática, para las Confluencias del 10º Congreso Anual de Comunicación , Lenguas y Cultura de/en la Amazonía.

Palavras clave: Imaginário Amazônico; Cultura Amazónica; Arte Amazónica; Experiências Amazonas; Poética Amazônica.

1. INTRODUÇÃO

Estas palavras têm o intuito de refletir sobre a energia do imaginário amazônico, no seu potencial para circundar toda a existência nativa de ser, estar e viver a dimensão dessa perspectiva, mesmo que adormecida no inconsciente dos sujeitos. Vislumbra-se aqui um olhar sobre a boiúna epistemológica do imaginário amazônico, que respira e sonha debaixo de nossos pés, bem debaixo de nossas raízes, basta abaixar a cabeça para ver.

Não surpreende que as instituições acadêmicas sejam inundadas pela cosmogonia do imaginário, tal qual uma pororoca epistemológica que lava as margens do pensamento - que outrora fora sedimentado por detritos do positivismo, estruturalismo e outros “ismos” do conhecimento hegemônico, eurocêntrico, branco, patriarcal e ocidental. Um asseio que torna tudo mais familiar. Um despertar para a compreensão dos significados a partir da visão amazônica, que deixa as pesquisas dentro da diversidade local mundiadas pelo banzeiro desse singular modo de pensar.

É por este olhar que nossas reflexões se encontram com a arte, as vivências regionais, o imaginário e as relações de poder envolvidas nas dimensões da cultura, política e contextos socioeconômicos. São temas que se enroscam como as raízes suspensas dos manguezais. Assim, conduzimos estas reflexões, visando uma contribuição poética que dialogue com as

identidades culturais amazônicas, com uma Estética do Imaginário Amazônico, de dinâmica própria e que reconheça significativamente o valor da Cultura.

2. SOBRE A(S) CULTURA(S) AMAZÔNICA(S)

Em primazia, embora seja complexa a definição de cultura, concebe-se que sua etimologia perpassa por significados que se amplificaram ao longo dos estudos canônicos. Já representou meramente o arado da terra em uma atividade da lavoura, até culminar na abstração de um conjunto de convenções que tanto podem ser determinantes para a realidade, quanto podem ser transformadas pela mesma.

Sendo assim, “a cultura é uma espécie de pedagogia ética que nos torna aptos para a cidadania política através da libertação do eu ideal ou colectivo sepultado em cada um de nós” (EAGLETON, 2000, 33). Com isso, a relação dos indivíduos com a cultura está compreendida na preservação de alguns significados e na ressignificação de outros símbolos de suas tradições, seja na interpretação individual ou coletiva das relações culturais.

Há ainda uma compreensão cultural a partir de uma dinâmica global, fator que se expande em valores simbólicos tão diversos, que tendem a pesar sobre as dimensões das identidades. Para isso, “impõe-se a cultura ampliada do capitalismo, do individualismo e da tecnociência, uma cultura globalitária que estrutura de maneira radicalmente nova a relação do homem consigo e com o mundo” (LIPOVETSKY, 2007, 5). Nesse entremeio, a cultura amazônica padece pela negligência da cultura globalizante com a natureza.

Conforme o filósofo Paes Loureiro, interpreta-se que:

> A cultura primeira na Amazônia, de matriz ribeirinha, produziu a sensibilidade e a reflexão do nativo da terra, durante o cotidiano mergulho na profundidade das coisas por via das aparências geradoras de cognição estética. Esse é o modo de percepção, de reconhecimento e de criação, na cultura amazônica, sob a dimensão estético-poetizante de seu imaginário. Modalidade singular de criação e recriação da beleza na vida cultural que se foi desenvolvendo modulada por uma espécie de sfumatto. (LOUREIRO, 2019, 39).

Para a(s) cultura(s) amazônica(s) lidar com o processo artístico relaciona-se poeticamente com as vivências, memórias, o afeto, o estado de existir com

a familiaridade no contexto local e é complexo dentro da naturalidade de coexistir nessa diversidade de olhares. Há um sentido próprio que encontra uma singularidade na metodologia das incidências, de modo que, toda a experiência viva dentro da cosmogonia amazônica é essencial para proporcionar as expressões artísticas, culturais e poéticas.

Essa metodologia das incidências rompe com o rigor científico voltado para a padronização cultural, a homogeneidade das identidades e o distanciamento em terceira pessoa que provoca a invisibilização de quem está protagonizando as expressões artísticas. Para a(s) amazônia(s), é indispensável contrariar esse sistema de apagamento, pois a atitude de dar voz à diversidade, trata-se de um movimento de resistência. Isso sim, normaliza todas as diferenças que são parte dessa concepção cultural.

3. A ESTÉTICA DO IMAGINÁRIO CULTURAL

A dimensão da Estética, enquanto área de conhecimento da Filosofia, aquela mesma, canônica, com origem do grego aisthesis, entende a percepção a partir dos sentidos, o que permite a apreensão do mundo, da beleza e aproxima essa relação com o universo da Arte. Estes estudos seculares, criam conexões com campos diversos, dentre os quais é possível percebê-los encontrando terreno de pesquisa na Cultura Amazônica. Contudo, não significa que a linha teórica da Estética, de uma perspectiva ocidental, tenha finalmente alcançado esses tópicos de pesquisa, para adequá-los. Ocorre que a Cultura Amazônica detém um estilo próprio.

Aquilo que reconhecemos aproximadamente como Estética, rege o Imaginário Amazônico assim como é composto pelo mesmo. É um resgate ou despertar para a percepção dessa Cultura, enquanto método de conhecimento, com relevância epistemológica, e cumpre a função de sensibilidade que demanda a urgência de uma confluência da Arte e a Amazônia, pela necessidade inadiável de preservação da natureza.

Neste caminho, tencionamos a percepção sobre o conceito de identidade. Diga-se propriamente isso, tencionar, pois hora navegamos à deriva do rio da modernidade líquida de Bauman, desfazendo-nos; e hora

afirmamos convictamente o que somos, para deter o intencional apagamento que a colonialidade faz sobre as identidades amazônicas, enfraquecendo-as. Ficamos de bubuia entre o fluxo e o refluxo que o tempo de várzea das águas de Bauman nos provoca. Quem já meteu as mãos na argila do fundo das águas barrentas de um igarapé, sabe o quão difícil é distingui-la da terra, pois ela se dissolve. Assim, encontrar as próprias identidades é tão difícil quanto fazer um vaso de argila no molhado.

"A paisagem, como obra de arte, é sempre o espaço expressivo produtor de significados, gerador de formas de sentimento." (LOUREIRO, 2019, 55). Nessa relação com a beleza magnífica da natureza é que se molda o imaginário, a cultura e suas identidades. Vivência dotada de regras próprias que existam sem ferir as encantarias que participam da composição desse mundo.

É muito simplório considerar a estética e o imaginário cultural amazônico pela perspectiva ocidental e colonialista, pois sabe-se das estratégias de apagamento cultural que provocavam tanto o esquecimento dos códigos culturais e seus significados.

As históricas políticas de controle sobre as identidades propositalmente ressignificaram os caminhos de identificação cultural visando o apagamento. Assim, busca-se com os autores locais, conscientes da necessidade do processo de decolonização, resgatar o aprofundamento da sensação de pertencimento entre as identidades e as culturas.

Nas expressões artísticas contemporâneas, observa-se um movimento de retomada da estética cultural inspirada nas diversas perspectivas do imaginário amazônico. Em muitos espaços urbanos, as cores, formas e temáticas artísticas estão encontrando uma estética particular que é bastante representativa para o contexto das identidades culturais amazônicas.

A exemplo disto, a artista muralista Bárbara Savannah, representa este imaginário cultural amazônico com pinturas coloridas, utilizando a memória afetiva ribeirinha, as formas orgânicas da natureza e uma horizontalidade que é peculiar na visualidade regional. O modo como a representação artística vai misturando com a paisagem urbana e encontrando seu lugar nas periferias de

Belém do Pará, torna-se coerente com a identificação dos moradores destes locais.

A artista fez uma fala de seu processo artístico na disciplina de Imaginário Amazônico, ministrada pelo professor Paes Loureiro, no Programa de Pós-graduação em Artes da UFPA, em 2022. Nas palavras da artista convidada:

> a rua traz o desconforto e isso faz parte do processo. Nem sempre você vai ter o seu material disponível. E por ser mulher, corremos riscos por não ser branca, somos marginalizadas. O desapego é necessário, mas se uma pessoa passou ali e se identificou com aquilo, já cumpriu sua função.

As pessoas que recebem a pintura da artista em suas casas têm memórias afetivas de suas famílias, momentos de infância nadando na beira do rio e fica nesse encontro com o público uma relação entre a arte e a saudade do imaginário que distanciou-se pela padronização arquitetônica do espaço urbano, mas que se conforta nos olhos que contemplam essa expressão.

4. A REPRESENTAÇÃO DO IMAGINÁRIO E VIVÊNCIAS DO OLHAR

> Os mitos são histórias desenvolvidas em muitas culturas para justificar certas questões, explicar leis ou valores ou servir como advertência. Como tal, eles devem ser fáceis de entender, envolver emoções comuns e relações claras. (HODGE, Susie. 1988, 166).

As narrativas do imaginário de uma sociedade, de uma cultura, trazem consigo uma carga de informações sobre o olhar que determinado grupo ou sociedade tem acerca do mundo que os cerca, a forma como interagem ou concebem o ambiente em que vivem. Diante de deuses e demônios, seres sagrados ou profanos, os embates entre a humanidade e os seres míticos narraram alegorias de como o ser humano lidava consigo ou com a natureza.

Ao trazermos essas discussões para o nosso contexto sociocultural, para a nossa regionalidade, torna-se nítido que as nossas narrativas cosmogônicas estão fortemente ligadas à nossa memória cultural, as nossas vivências. DURAND em suas estruturas antropológicas do imaginário (1997), nos fornece um percurso em sua escrita que demonstra a importância do imaginário e o quanto aborda acerca da humanidade, das sociedades e das culturas que pertencem.

Os seres e elementos de uma cosmogonia retratam muito mais que apenas formas simplistas que o ser humano tem de lidar com o mundo e questões a sua volta, falam também sobre percepções socioculturais, trazem indagações filosóficas, mas também nos falam de memória, e nesse caso, uma memória cultural. Para o autor, as representações artísticas são uma forma do ser humano confrontar a sua mortalidade, de se opor ao destino, supostamente, imposto por esses seres do imaginário.

Parafraseando DURAND, o mesmo nos traz a reflexão de que a memória, enquanto uma forma de olhar para o passado, de voltar, pode sanar as dores causadas pelo tempo; ela pertence ao domínio do fantástico, e nisso organiza esteticamente as recordações, dessa maneira, remonta ao arquétipo da infância e a sua aura ignorante e à morte e aos demais dilemas do ser adulto. Ao fazer isso, ao remontar o olhar para uma época/fase de despreocupação, uma época onde não há a necessidade da utilização da arte para confrontar esses dilemas, pois não se tem real noção deles, a memória também traz a dualidade de tornar qualquer forma de voltar a esta época uma obra de arte (DURAND. 1997, 402).

Voltando ao nosso contexto sociocultural, percebe-se o quanto o imaginário brasileiro está vinculado a fauna e flora, a natureza: o Boto, a Boiúna e a Cobra-Grande, a Matinta e a Rasga Mortalha, a Mula-sem-cabeça, a lenda do guaraná, do pirarucu, do uirapuru, dentre outros. Nosso imaginário foi moldado a partir do olhar para o meio ambiente, para a floresta e a mata, um olhar de preservação, de proteção e respeito para com a natureza. É um olhar de coexistência, que nos remonta como os povos originários se relacionavam com o meio em que viviam, não obstante, o curupira pune aqueles que levam da mata mais do que precisam.

O artista amazônico, artista da Amazônia, traz consigo esse olhar cultural, carregado de uma poética do imaginário, mostrando assim em sua obra uma cosmogonia que relembra e, por vezes, recria o olhar dos seres que habitam esse mundo fantástico, moldando também uma cosmogonia de sentimentos. Esse olhar é representado na sua obra de arte, na forma como cria e recria esses dilemas socioculturais em suas produções, como nos diz LOUREIRO:

> A arte é maneira de criar mundos. A pesquisa, ainda que pela objetividade, diferentemente em relação à arte, é também uma forma de criar mundos. Porém, tanto para a arte como para a ciência, artistas e cientistas, os que sentem pensando e os que pensam sentindo, carregam para o mundo a ser criado, ou recriado, os mundos que têm construídos dentro de si. (LOUREIRO, 2019, 154).

Rudolf Arnheim em seu livro "Arte e Percepção Visual" (1980), mostra ao decorrer dos capítulos que a obra produzida pelo artista está longe de se tratar apenas de um aglomerado de elementos escolhidos a esmo. Ao longo de sua escrita, o autor nos conta que "o que uma pessoa vê agora, segundo nos disseram, é somente o resultado do que viu no passado". (ARNHEIM, 1980, 41).

A construção da obra de um artista reflete aquilo que o mesmo apreendeu ao longo de sua vida, de suas vivências, reflete o olhar cultural ao qual foi exposto, da mesma forma, suas obras irão refletir os dilemas que carrega, assim como, aqueles que lhes são apresentados pela sociedade a qual pertence.

Em 2022, no espaço Centur da Fundação Cultural do Pará, foi realizado na Semana do Muralismo uma intervenção artística que transformou a arquitetura do local, pois convidou diversos artistas locais para realizar produções visuais diversas nos muros que cercam o local. Com isso, tivemos uma grande expressão artística amazônica promovida pelos artistas: Carla Cris Duncan, Michelle Cunha, Dedeh Farias, Santo. Nos muros laterais, estarão artes de Lenu, Karina Miranda, Igor Oliveira, Mina Ribeirinha, Bonikta, Thays Chaves, Bárbara Savannah, Graf, Thay Petit, Cely Feliz, Sintético Abstrato e seu convidado Monk.

Nas artes do muros temos obras de arte que mostram a cultura amazônica de forma positiva, por meio de retratos, representações abstratas e coloridas, com grafismos indígenas, pessoas negras, mulheres produzindo os rostos de outras mulheres sem evadir para esteriótipos, povos e casas ribeirinhas, a vegetação local, canoas, peixes e outros elementos familiares para a população transeunte. Contudo, temos também obras que demonstram o lado negativo da vivência amazônica, a exemplo disto, uma parte do muro

representa o desmatamento, as árvores queimadas, animais em fuga e o rio seco.

Sendo assim, a expressividade que afeta os indivíduos amazônicos se manifesta na produção artística e encontra um espaço de reflexão no centro urbano, no qual diversas pessoas transitam com o propósito de vivenciar cursos, formações, feiras e até festas que valorizem a cultura local.

Muitas das produções artísticas regionais abordam, através da utilização de seres do imaginário regional, esse olhar cultural, que carrega consigo a tradição que a nossa cosmogonia possui em apreender o meio ambiente e a vida na natureza. Nossos seres fantásticos, por vezes, não são apenas figuras humanas com grandes poderes, mas em sua maioria elementos e animais da natureza engrandecidos, que são guardiões, protetores ou forças punitivas dessa natureza amazônica.

Na nossa visualidade, representamos este olhar do outro, mas não do outro homem ou mulher, esse outro olhar tenta representar as demais vidas que coexistem conosco. O artista na Amazônia carrega consigo a incumbência de tentar falar pelo nosso imaginário, que nada mais é que a voz da natureza. Em suas obras, esses artistas encarnam os dilemas que essa voz vivencia no mundo contemporâneo. E o que essas vozes nos contam? O que elas nos indagam? Como elas nos confrontam?

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, refletir e questionar sobre nossas vivências e como elas nos atravessam, positiva ou negativamente, significa transbordar essas vivências para as representações artísticas do comum. Isso manifesta uma valorização de nossas memórias que por muito tempo foram forçadas para breu do esquecimento.

Além disso, misturar essas memórias interpretadas pela arte e localizá-las no espaço urbano e periférico provoca na população das nossas cidades o quanto ainda somos um povo ribeirinho, que sente a falta da natureza, da vida próxima dos rios e com um tempo diferente da vida frenética que a cidade nos força a assimilar.

Quando abordamos o imaginário como tempo, lidamos com isto, a partir da perspectiva de um lugar. Um território. Quando afirmamos esta parcela de nossas identidades, fortalecemos aquilo que compreendemos como imaginário cultural amazônico.

Dito isto, o imaginário não deve ser erroneamente compreendido como uma interpretação metafísica, e portanto, suspensa da realidade. O imaginário é presente, concreto e real para as culturas. É o “entre-lugar”. É uma forma de realidade, ultrapassa os limites de apreensões simplórias do mundo. Ele nutre e alimenta a própria história. O imaginário é.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Editora WMF Martins Fontes, 2012.

EAGLETON, Terry. *A ideia de Cultura*. Temas e Debates, Atividades Editoriais Ltda. Lisboa, 2000.

HODGE, Susie. *Breve História da Arte*. Editora Olhares, 2022.

LEÃO, Cláudia; BRITO, Maria dos Remédios. *Estalos, incidentes e acontecimentos como procedimento e método da pesquisa em artes*. Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes/ UFPA, 2020.

LIPOVETSKY, Gilles. *A cultura-mundo*: Resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo. Companhia das Letras, 2011.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *A Cultura Amazônica hoje* - Uma Poética do Imaginário Revisitada, Editora SECULT/PA, 2019.

RUDOLF, Arnheim. *Arte e Percepção Visual - Uma Psicologia da Visão Criadora*. Editora Cengage Learning, 2011.

RESISTIR PARA EXISTIR: AMAZÔNIA E RESISTÊNCIA INDÍGENA NO *INSTAGRAM* DE SÔNIA GUAJAJARA[1]

RESIST TO EXIST: AMAZON AND INDIGENOUS RESISTANCE ON SÔNIA GUAJAJARA'S INSTAGRAM

RESISTIR PARA EXISTIR: AMAZONÍA Y RESISTENCIA INDÍGENA EN EL INSTAGRAM DE SÔNIA GUAJAJARA

Giovane Silva da Silva[2]

Resumo: Atualmente, o movimento indígena tem realizado outros métodos de articulação que se tornaram importantes ferramentas de luta como, por exemplo, os das redes sociais digitais. Como as narrativas de resistência indígena na Amazônia são reproduzidas nesses ambientes? Neste trabalho, busco analisar o contradiscurso de resistência de Sônia Guajajara, em seu perfil no *Instagram*. Sônia é ministra, militante e uma das principais influentes digitais indígenas. O recorte da pesquisa compreende o primeiro semestre de 2023, com postagens relacionadas à Amazônia, região que acumula crimes ambientais e histórias de luta dos povos tradicionais. Como recurso metodológico, utilizo a Análise Crítica da Narrativa (MOTTA, 2013). Os resultados alcançados apresentam uma narrativa de resistência produzida através de textos, imagens e vídeos que possuem dois sentidos: Luta direta em prol da vida dos povos originários e luta contra previsões legais que representam ameaças aos indígenas do Brasil.
Palavras-Chave: Sônia Guajajara; Resistência Indígena; Instagram; Narrativas.

Abstract: Currently, the indigenous movement has carried out other methods of articulation that have become important tools of struggle, such as, for example, those of digital social networks. How are indigenous resistance narratives in the Amazon reproduced in these environments? In this work, I seek to analyze Sônia Guajajara's resistance counterdiscourse, in her Instagram profile. Sônia is a minister, activist and one of the main indigenous digital influencers. The research cut comprises the first half of 2023, with posts related to the Amazon, a region that accumulates environmental crimes and stories of struggle of traditional peoples. As a methodological resource, I use the Critical Narrative Analysis (MOTTA, 2013). The results achieved present a narrative of resistance produced through texts, images and videos that have two meanings: Direct

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho “Contradiscursos de Resistências: novas propostas de vida diante da emergência climática” do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Doutorando em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM-UFPA), Mestre em Ciências da Comunicação, (PPGCOM-UFPA), e-mail: giovane.smkt@gmail.com, Orcid: 0009-0007-3476- 8746.

struggle for the life of indigenous peoples and struggle against legal provisions that represent threats to the indigenous peoples of Braz
Keywords: Sônia Guajajara; Indigenous Resistance; Instagram; narratives
.

Resumen: Actualmente, el movimiento indígena ha llevado a cabo otras formas de articulación que se han convertido en importantes herramientas de lucha, como, por ejemplo, las de las redes sociales digitales. ¿Cómo se reproducen en estos entornos las narrativas de resistencia indígena en la Amazonia? En este trabajo busco analizar el contradiscurso de resistencia de Sônia Guajajara, en su perfil de Instagram. Sônia es ministra, activista y una de las principales influencers digitales indígenas. El corte de investigación comprende el primer semestre de 2023, con posts relacionados con la Amazonía, región que acumula crímenes ambientales e historias de lucha de los pueblos tradicionales. Como recurso metodológico utilizo el Análisis Narrativo Crítico (MOTTA, 2013). Los resultados alcanzados presentan una narrativa de resistencia producida a través de textos, imágenes y videos que tienen dos significados: lucha directa por la vida de los pueblos indígenas y lucha contra disposiciones legales que representan amenazas para los pueblos indígenas de Brasil.

Palabras clave: Sonia Guajajara; Resistencia Indígena; Instagram; narrativa.

1. INTRODUÇÃO

A Amazônia possui uma história carregada de conflitos socioterritorias, crimes ambientais e exploração de recursos hídricos, minerais e florestais que fomentam cada vez mais entraves entre populações tradicionais e grandes empresas. Para compreender a Amazônia é preciso refletir sobre sua complexidade e suas peculiaridades. Não existe uma Amazônia, são várias Amazônias, as quais possuem características distintas em termos de densidade populacional, paisagens geográficas, economias e culturas.

“Refletir sobre elas implica pensar sobre o lugar dos indivíduos que a região abriga, que tem observado o destino de seus territórios serem decididos a revelia face à exploração de recursos naturais”. (BARROS, 2023, p.139). Nesse sentido, entra em debate a luta dos povos indígenas no Brasil e especificamente na Amazônia. São séculos de lutas, mortes, ganhos e principalmente perdas desses grupos que hoje são considerados minoritários.

Dados do Greenpeace[3] mostram que os assassinatos contra indígenas no Brasil tiveram o aumento de 61% em 2020. Dos três estados que mais cometerem esse tipo de crime, dois são da Amazônia. Roraima (66), Amazonas (41) foram os estados que registraram os maiores números de ocorrências.

Esse tipo de crime é fruto de um ideal colonialista que começou no século XVI com a invasão dos portugueses no Brasil e continua ocorrendo até hoje. “Para que os colonos façam da [colônia] o seu lugar, o seu lar, têm de destruir e fazer desaparecer os povos indígenas que lá vivem. (TUCK; YANG, 2012, p.06, apud, MENEZES, 2020, p.1087). E essa política de apagamento das identidades indígenas são fortalecidas em ambientes políticos. Com anuência do estado, as legislações transformam terras em propriedades, ou seja, esses recursos acabam tornando-se mercadorias e contribui para o extermínio dos povos indígenas. (TUCK; YANG, 2012, apud, MENEZES, 2020).

Silveira (2008) enumera e exemplifica algumas dificuldades enfrentadas por indígenas no país. A autora cita o polêmico caso envolvendo a demarcação de terra indígena Raposa Serra do Sol, área de terra indígena situada no Nordeste em Roraima Uiramutã e que faz fronteira com a Venezuela. A autora constrói um debate sobre o sentido da demarcação de terras na área da Raposa Serra do Sol e relata todo o processo polêmico que envolveu essa demarcação pois isso gerou conflitos e debates com produtores rurais e entidades ambientais.

E em meio a tantos conflitos e políticas de aniquilação, emerge entre os povos indígenas uma militância que tenta combater o avanço do regime de desmonte: “Inúmeros povos indígenas tem se organizado em iniciativas que neves (2012) chama de ‘contra-hegemonicas' para pressionar o estado em relação as suas reivindicações” (NEVES, apud, BARROS, 2023, p.205). Essas iniciativas ocorrem também pela internet.

Nos últimos anos houve um aumento considerável de manifestações e

[3] GREENPEACE. “Genocídio, sim: assassinato de indígenas aumenta 61%”. Disponível em: https://www.greenpeace.org/brasil/blog/genocidio-sim-assassinato-de-indigenas-aumenta-61/.Acesso em: 31 jul.;2023

protestos iniciados ou compartilhados em sites, redes sociais digitais e blogs, pois “essas redes tornaram-se ferramentas de luta de muitos grupos que sofreram e ainda sofrem com o processo de colonização, como é o caso dos negros, indígenas e quilombolas” (PANTOJA, 2022, p.12). Castells (2013) explica a finalidade desses movimentos:

> Os movimentos sociais exercem o contrapoder construindo-se, em primeiro lugar, mediante um processo de comunicação autônoma, livre de controle dos que detêm o poder institucional” (CASTELLS, 2013, p.11).

Entre muitos influencers digitais indígenas, existe uma que se destaca pela sua atuação política e história de luta e resistência: Sônia Guajajara, influente digital militante indígena graduada em Letras e Enfermagem, pertencente à terra indígena Arariboia, da cidade de Amarante do Maranhão, município que compõem a região da Amazônia Legal. A indígena também passou a comandar a partir de janeiro de 2023, o Ministério dos Povos Indígenas.

Nesse sentido, este artigo analisa a narrativa de resistência indígena sobre Amazônia no *Instagram* de Sônia Guajajara.

2. METODOLOGIA DE PESQUISA

Proponho neste artigo, refletir sobre as narrativas no *Instagram* de Sônia Guajajara. Motta (2013, p. 13) reflete que “o homem narra: Narrar é uma experiência enraizada na existência humana universal, trans-histórica, pancultural”. O autor ainda evidencia: Quando narramos algo, estamos nos produzindo e nos constituindo, construindo nossa moral, nossas leis, nossos valores morais e políticos, nossas crenças e religiões (MOTTA, 2013, p.18).

Partindo desse pressuposto, de narrativa como sentido da vida e da experiência humana, recorro à Análise Crítica da Narrativa de Motta (2013), especificamente nas instâncias trabalhadas pelo autor no tange à analise narrativa. O Plano da expressão, o Plano da estória e o plano da metanarrativa.

a) Corpus de Análise

O perfil oficial de Sônia Guajajara no *Instagram* possui exatamente 768 mil seguidores, mais de 12 mil[4] publicações e a conta segue mais de dois mil perfis. Sônia Guajajara se comunica e se articula com outras lideranças políticas e indígenas. Na sua rede social, apesar de fazer parte do Governo Federal, ela continua defendendo o direito dos povos indígenas através de um movimento social que é contínuo e perceptível em suas publicações.

Para realizar a pesquisa, foi necessário aplicar alguns filtros. O primeiro foi o lugar de coleta: O *Instagram*, por ser uma rede social digital com mais de dois bilhões de usuários[5] espalhados pelo mundo e ser uma das redes sociais mais acessadas no Brasil[6]. Depois, selecionamos o perfil de Sônia Guajajara, indígena maranhense e amazônida que se destaca pelo ativismo indígena e ambiental com uma forte influência dentro e fora do Brasil.

Já o último recorte consiste nas postagens selecionadas do perfil da ministra. Foram escolhidos conteúdos que remetessem às temáticas da Amazônia (de forma direta ou indireta), resistência, contradiscursos e mobilizações, com recorte de pesquisa realizado entre os meses de janeiro a junho de 2023, primeiros meses do Governo de Luiz Inácio Lula da Silva, que marca também os primeiros dias de Sônia Guajajara no cargo de Ministra dos Povos Indígenas. Ver tabela 1

Tabela 1: Postagens selecionadas no Instagram de Sônia Guajajara

POSTAGEM	CONTEÚDO	DATA
01	Yanomami atacados por garimpeiros	30/04/2023
02	PL 490 aprovada na Câmara dos Deputados	30/05/2023

[4] O número de seguidores bem como o número de publicações no perfil de Sônia Guajajara foi constatado durante a pesquisa realizada, ou seja, de maio a agosto de 2023.

[5] O GLOBO. "Número de usuários do Instagram ultrapassa 2 bilhões e se aproxima do Facebook". Disponível em: https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2022/numero-usuarios-do-instagram-ultrapassa-2-bilhoes-e-se-aproxima-do-facebook.ghtml. Acesso em: 28 de jul.de 2023.

[6] FORBES.COM. Brasil é o terceiro maior consumidor de redes sociais em todo o mundo. Disponível em: https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/. Acesso em: 28 de jul.de 2023.

03	Guajajara comemora Inelegibilidade de Bolsonaro	30/06/2023
04	Guajajara comemora Demarcação de Terras no Pará	30/06/2023

Fonte: Elaboração própria (2023)

3. LUTA E RESISTÊNCIA NO *INSTAGRAM* DE SÔNIA GUAJAJARA

A observação da narrativa de luta e resistência indígena na Amazônia, no *Instagram* de Sônia Guajajara começa com as três instâncias apontadas por Motta (2013). O primeiro ponto observado é a linguagem e todos os recursos audiovisuais, os quais são explorados com frequência na internet, especificamente no *Instagram*. Esse plano é o da expressão. "O enunciativo narrativo é construído pelo narrador - seja a linguagem visual, sonora, verbal, gestual, multimodal" (MOTTA, 2013, p. 136). O segundo plano é o da estória é onde se configura a "narrativa projetada em nossa mente pelos recursos utilizados pelo narrador" (MOTTA, 2013, p. 137). O último ponto de análise é o da metanarrativa, onde identifiquei o sentido da narrativa de resistência na Amazônia.

O Instragam de Sônia Guajajara faz denunciais através de narrativa dos acontecimentos vividos pelos povos indígenas, conforme consta na Figura 1.

Figura 1: Yanomami atacados em Roraima, postagem em 30/04/2023

Fonte: Instagram (2023)

Na Figura 1, o texto representa uma denúncia feita por Guajajara em seu perfil no *Instagram.* Ela menciona os ataques contra os povos Yanomami e reforça que esse tipo de crime vem sendo praticado há muito tempo no território desses indígenas. É válido destacar, que em janeiro de 2023, o Governo Federal realizou uma operação de regaste aos Yanomami que enfrentaram uma crise sanitária por causa do garimpo ilegal. O crime resultou na morte de 570 crianças por desnutrição.[7] Nessa postagem, bem como em outras que serão analisadas ao longo deste trabalho é possível observar um ponto de conflito existente entre indígenas Yanomami e garimpeiros ilegais.

Motta (2013, p.168) afirma que "O conflito dramático é o frame estruturador fundamental de qualquer narrativa....Há sempre pelo menos dois lados em confronto em qualquer relato, há sempre interesses contraditórios". E essa publicação também permiti verificar um dos movimentos de análise apontados por Motta (2013), a compreensão da intriga como síntese do heterogêneo, ou seja, é perceber como "o enredo funciona como agente organizador das partes" (MOTTA, 2013, p. 140). E o enredo desse caso específico com os Yanomami, no Instagram de Sônia Guajajara remete a uma cronologia de acontecimentos que mostram a sequência dos fatos, que vão desde as primeiras operações de resgate aos indígenas, em janeiro de 2023, até postagem que lembra 100 dias dos primeiros socorros prestados aos indígenas.

Em outra postagem, Sônia Guajajara faz um desabafo sobre a PL 490 (Marco Temporal) aprovada na Câmara dos Deputados, tese jurídica[8] que prevê que os povos indígenas terão direito de ocupar apenas as terras que ocupavam ou já disputavam em 05 de outubro de 1988, data da promulgação da Constituição. Ver Figura 2

[7] GLOBO.COM. "Entenda a crise de saúde entre indígenas Yanomami e o que a devastação na Amazônia tem a ver com isso". Disponível em: https://umsoplaneta.globo.com/sociedade/noticia/2023/01/23/entenda-a-crise-de-saude-entre-indigenas-yanomami-e-o-que-a-devastacao-na-amazonia-tem-a-ver-com-isso.ghtml. Acesso em: 04 ago.;2023

[8] CAMARA.LEG.BR. "O que é marco temporal e quais são os argumentos favoráveis e contrários". Disponível em: https://www.camara.leg.br/noticias/966618-o-que-e-marco-temporal-e-quais-os-argumentos-favoraveis-e-contrarios/. Acesso em: 04 agos,;2023

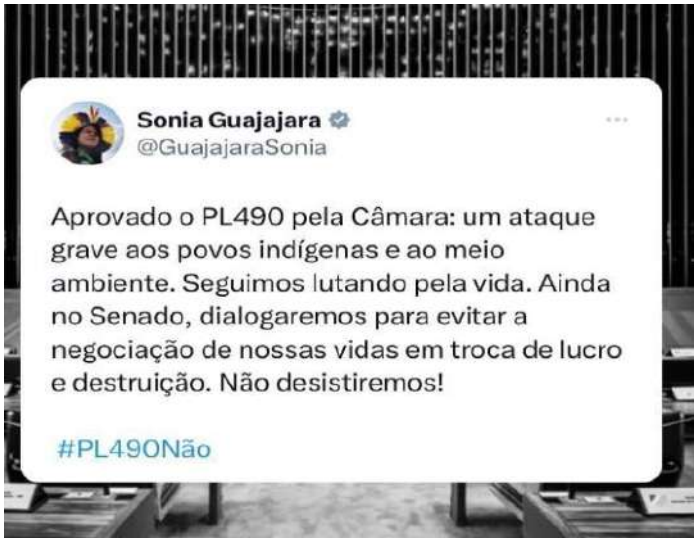


Figura 2: PL 490, do Marco Temporal aprovada na Câmara dos Deputados, postagem em 30/05/2023

Fonte: Instagram (2023).

Nessa publicação é possível destacar alguns pontos de análise da narrativa (MOTTA, 2013). O primeiro é mais um conflito dramático presente na narração, dessa vez é a batalha travada entre a Câmara dos Deputados e os povos indígenas, pois a PL 490 afeta diretamente à vida dos povos originários do Brasil. Essa postagem também traz como plano de fundo, a Câmara dos Deputados, uma referência ao local de onde emergiu o acontecimento. E sobre resistência indígena é valido destacar as frases: “Ataques graves aos indígenas”, “seguiremos lutando pela vida” e “não desistiremos”. Conteúdo que resume o objetivo da previsão legal e traz à tona o posicionamento de Guajajara perante a aprovação da lei. É possível constatar através de Motta (2013) que esses excertos consistem na lógica do paradigma narrativo, pois para o autor “a narrativa é utilizada para atrair, seduzir, persuadir, convencer, obter resultados efeitos de sentido, satisfazer a um desejo e a um projeto discursivo do narrador” (MOTTA, 2013, p. 147).

Na figura 3, Sônia Guajajara destaca a inelegibilidade de Bolsonaro. A indígena comemora a decisão dada pelo Supremo Tribunal Federal e declara que se trata de um caso de reparação. Ver figura 3

Figura 3: Sônia Guajajara comemora a inelegibilidade de Bolsonaro, postagem em 30/06/2023

Fonte: Instagram (2023)

Nessa *postagem* de Sônia Guajajara, é possível analisar alguns elementos da narrativa de Motta (2013). O primeiro ponto a ser analisado é o ponto da estória, pois "os conflitos dramáticos narrados nas estórias se originam, portanto, em conflitos sociais e psicológicos de origem econômica, política, ideológica, religiosa, etc (MOTTA, 2013, p.168). Nesse caso, Guajajara remete à um conflito político que existiu no passado, mas que precisa ser reparado. O segundo elemento importante de análise dessa postagem é a construção dos personagens protagonistas e antagonistas nas narrativas.

Lembrando que "é o narrador que impõe força a personagem, que faz mover-se na estória, que transforma em um sujeito simpático ou antipático, que lhe impõem ciladas, conquistas, derrotas, prêmios, etc (MOTTA, 2013, p.177).

Nesse caso, Bolsonaro é narrado por Guajajara como um político que trouxe muitos prejuízos aos povos indígenas. Portanto, um personagem antagonista nessa narrativa. E a inelegibilidade do ex-presidente representa esse primeiro reparo, pois de acordo com ela, foram "inúmeros crimes, perseguições e ódio contra os povos indígenas" durante o governo de Jair Bolsonaro. No texto que acompanha a postagem, Sônia Guajajara ainda evidencia que a luta pela justiça e pelo direito dos povos indígenas continua

ativa. Nesse *post*, da Figura 4, Sônia Guajajara utiliza os recursos de multimídia da internet para divulgar a Demarcação de uma Terra Indígena no Pará. Ver Figura 4

Figura 4 : Sônia Guajajara compartilha a Demarcação de Terras Indígenas no Pará, postagem em 30/06/202

Fonte: Instagram (2023)

Nessa postagem, Sônia Guajajara fala sobre a Reintegração de Posse da Terra Indígena do Alto Rio Guamá, no Pará. A indígena recorre a vários mecanismos virtuais para enfatizar a vitória dessa tribo indígena. Ela posta texto e vídeo com imagens e sons que mostram as comemorações dos povos. Os mesmos dançando, andando em conjunto e dando depoimentos sobre o fato. Esses elementos dão mais veracidade à informação compartilhada, pois como lembra Motta (2013, p.1960) “toda narrativa é um permanente jogo entre os efeitos do real (veracidade) e outros efeitos de sentido (a comoção, a dor, a compaixão, a ironia, o riso, etc). Nesse caso, essa postagem celebra a emoção de uma luta que foi vencida depois de longos anos de batalha.

Outra estratégia argumentativa realizada nessa postagem é o levantamento histórico, pois de acordo com Guajajara essa disputa pela terra indígena do povo *Tembé,* começou quando a terra foi reconhecida em 1945, mas o título de posse veio somente 78 anos depois. A cronologia desses fatos traçados por Guajajara remetem a uma luta que ultrapassa a barreira do tempo, por isso, ela enfatiza que o momento é histórico e remete a dignidade dos povos originários.

Por fim, nessa postagem é possível destacar o *contrapoder* exercido por Sônia Guajajara, característica que se assemelha a todo conteúdo investigado em seu *instagram.*

> Se o poder é exercido programando-se e alternando-se redes, então o contrapoder, a tentativa deliberada de alterar as relações de poder, é desempenhado reprogramando-se as redes em torno de outros interesses e valores, e ou rompendo as alternâncias predominantes, ao mesmo tempo que se alteram as redes de resistência e mudança social. (CASTELLS, 2013, p.11)

Apesar de Sônia Guajajara fazer parte do Governo Federal, ou seja, de quem detém o poder, ela representa uma categoria que é considerada minoritária e sofre até hoje consequências de vários sujeitos que prejudicam à sua vida e a vida de seus povos. Nesse sentido, a luta e resistência continua ativa na vida de Guajajara em suas postagens e discursos de contrapoder exercidos na internet.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa de resistência indígena na Amazônia é produzida no Instagram de Sônia Guajajara através de textos, imagens e vídeos que mostram luta e resistência. Ela acompanha de perto as discussões políticas do momento, como é o caso da polêmica PL 490, que trata do Marco Temporal e representa uma derrota para os povos originários no que tange à posse de terras, bem como a Inelegibilidade do ex-presidente, que para ela e os povos originários, representa uma vitória contra a opressão indígena institucionalizada no governo Bolsonaro.

É possível, a partir de Motta (2013), apontar que sua narrativa é sempre construída com ênfase em conflitos. É o conflito entre indígenas e Câmara dos Deputados, mas o embate também envolve indígenas contra o Governo Bolsonaro, contra os garimpeiros e não indígenas ocupando terras que são dos povos originários.

A resistência indígena de Sônia Guajajara no Instagram ganha mais visibilidade, pois agora ela representa os povos indígenas como ministra. A partir de 2023, sua história de luta e resistência indígena exercida deve ser problematizada e analisada com mais cautela, pois ela faz parte de um governo

que permitiu e aprovou em outras épocas grandes projetos que foram prejudiciais para a vida dos povos originários[9].

Por fim, baseado na metanarrativa de (MOTTA, 2013, p. 204), em que o autor afirma que “nenhuma história é contada sem que haja um fundo moral, uma razão ética que a situe”, é possível observar que a narrativa de luta e resistência de Sônia Guajajara ocorre em dois sentidos: **1)** Defender o seu povo e **2)** Ir de encontro a previsões legais e múltiplos sujeitos que atacam à vida dos indígenas no Brasil.

REFERÊNCIAS

BARROS, Almeida, Thiago. *Coração da Amazônia, Território em Disputa*: Movimento Indígena e Representação Política em Campanha Contra Hidrelétricas. Editora: Appris, 2023.

CAMARA.LEG.BR. *O que é marco temporal e quais são os argumentos favoráveis e contrários*. Câmara dos Deputados, 29/05/2023. Disponível em: https://www.camara.leg.br/noticias/966618-o-que-e-marco-temporal-e-quais-os-argumentos-favoraveis-e-contrarios/. Acesso em: 04 agos.de 2023

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança:* movimentos sociais na era da Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

EL PAIS.COM/ELIANE BRUM/. *Belo Monte, a obra que une os polos políticos*. Eliane Brum/El Pais, 05/12/2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/eliane_brum/2019-12-05/belo-monte-a-obra-que-une-os-polos-politicos.html. Acesso em: 01 ago. de 2023.

FORBES.COM. *Brasil é o terceiro maior consumidor de redes sociais em todo o mundo.* Forbes, 09/03/2023. Disponível em: https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/. Acesso em: 28 de jul.de 2023.

GREENPEACE. *Genocídio, sim*: assassinato de indígenas aumenta 61%. Greenpeace, 04/11/21. Disponível em:

[9] EL PAIS.COM/ELIANE BRUM/. “Belo Monte, a obra que une os polos políticos”. Disponível em: https://brasil.elpais.com/eliane_brum/2019-12-05/belo-monte-a-obra-que-une-os-polos-politicos.html. Acesso em: 01 ago. de 2023.

https://www.greenpeace.org.br/brasil/blog/enocídio-sim-assassinato-de-indigenas-aumenta-61/. Acesso em: 31 jul.de 2023

GLOBO.COM. *Entenda a crise de saúde entre indígenas Yanomami e o que a devastação na Amazônia tem a ver com isso*. Jornal Globo, 23/01/23 Disponível em: https://umsoplaneta.globo.com/sociedade/noticia/2023/01/23/entenda-a-crise-de-saude-entre-indigenas-yanomami-e-o-que-a-devastacao-na-amazonia-tem-a-ver-com-isso.ghtml. Acesso em: 04 ago. de 2023

GLOBO.COM. *Quem é Sônia Guajajara, a maranhense que entrou na lista das 100 pessoas mais influentes da revista Time*. Jornal G1 Maranhão, 25/05/2022 Disponível em: https://g1.globo.com/ma/maranhão/noticia/2022. Acesso em: 28 de jul.de 2023.

GLOBO.COM. *Número de usuários do Instagram ultrapassa 2 bilhões e se aproxima do Facebook*. Jornal o Globo, 26 Out.2022. Disponível em: https:// oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2022/numero-usuarios-do-instagram-ultrapassa-2-bilhoes-e-se-aproxima-do-facebook.ghtml. Acesso em: 28 de jul.de 2023.

KERN, Felipe Moreira. "Povos Indígenas e os Discursos Teóricos em Relações Internacionais". In: VAZ, Alcides Costa (org.). *Amazônia*: Discursos e Realidades. Boa Vista: Editora UFRR, 2008, trecho Silveira, Barroso Zuleide Ana, Sustentabilidade no Espaço Protegido Raposa Serra do Sol.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise Crítica da Narrativa. Brasília: Editora Universidade de Brasília,* 2013.

MENESES, Maria Paula. *Desafios à descolonização epistêmica*: práticas, contextos e lutas para além das fraturas abissais. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 10, n. 3, set.- dez. 2020, pp. 1067-109

PANTOJA, Glória, Kamilly. *Demarcar Telas e Ocupar Redes*: Mulheres Indígenas e os Discursos de (RE)existência nas redes digitais, Disponível em: https://repositorio.uft.edu.br. UFSCar, v. 10, n. 3, set.- dez. 2020, pp. 1067-109. Acesso em: 31 jul.2023

COORDENADORES:
PROF DR. JORGE EIRÓ (PPGCLC/UNAMA)
PROFA. DRA. MARCIA NUNES (PPGCLC/UNAMA)
PROF. DR. MARIANO KLAUTAU (PPGCLC/UNAMA)
PROF. DR. CRISTÓVÃO DUARTE (PROURB/UFRJ)

ST2 – CIDADE, ARTE E ESPAÇO

A partir do fabuloso ensaio "As Cidades Invisíveis", de Ítalo Calvino, compreendendo a cidade como um símbolo complexo do mundo contemporâneo, e abrigando a dimensão crítica da proposta "complexo arte-arquitetura" nos termos de Hal Foster, propomos reunir, sob diferentes abordagens teóricas e conceituais, produções de pesquisas e poéticas que, sob múltiplas visões e leituras interdisciplinares, possam refletir e ampliar a visibilidade sobre o espaço arquitetônico, urbano e suas relações com a arte e a paisagem. Neste sentido, convocamos produções de artigos sobre os seguintes temas: memória e patrimônio histórico arquitetônico, estudos sobre arquitetura e experiência, ensaios visuais e ficções literárias sobre a cidade, cuja percepção vise contribuir para uma perspectiva ampliada das formas de ver e ler a diversidade de arquitexturas, urbanicidades e paisagens como lugares de deslocamento do sujeito.

A APROPRIAÇÃO POÉTICA DA PALAVRA NO ESPAÇO URBANO EM DOIS FOTÓGRAFOS AMERICANOS[1]

THE POETIC APPROPRIATION OF THE WORD IN THE URBAN SPACE IN TWO AMERICAN PHOTOGRAPHERS

LA APROPIACIÓN POÉTICA DE LA PALABRA EN EL ESPACIO URBANO EN DOS FOTÓGRAFOS AMERICANOS

Josiclei de Souza Santos[2]

Resumo: Este estudo tem como objetivo mostrar como a literatura, naquilo que Rancière chamou de regime estético, em que haveria a ascensão do "qualquer um", influenciou as artes baseadas na reprodução técnica, dentre elas, a fotografia. Como exemplificação dessa influência, analisa-se a obra de dois fotógrafos que foram influenciados pela literatura, o paraense Sandro Barbosa e o estadunidense Walker Evans. Este estudo mostra como, por meio da técnica da composição fotográfica, os dois autores trabalham uma apropriação poética do cotidiano. Embora com diferenças de técnica e estilo, no trabalho dos fotógrafos referidos há um elemento verbo-visual que aproxima a fotografia da poesia. A aproximação entre linguagens é uma característica das artes contemporâneas.

Palavras-chave: Poesia; Fotografia; Cotidiano.

Abstract: This study aims to show how literature, in what Rancière called the aesthetic regime, in which there would be the rise of "anyone", influenced the arts based on technical reproduction, among them, photography. As an example of this influence, we analyze the work of two photographers who were influenced by literature, Sandro Barbosa from Pará and Walker Evans from the United States. This study shows how, through the technique of photographic composition, the two authors work on a poetic appropriation of everyday life. Although with differences in technique and style, in the work of the aforementioned photographers there is a verbal-visual element that brings photography closer to poetry. The rapprochement between languages is a characteristic of contemporary arts. Other references in this study are Barthes, Brizuela and Sontag.

Keywords: Poetry; Photography; Daily.

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho CIDADE, ARTE e ESPAÇO do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Doutor em Estudos Literários, pela Universidade Federal do Pará, professor adjunto do campus de Abaetetuba. Email: clei@ufpa.br, ORCID. 0000-0002-0831-4704.

Resumen: Este estudio pretende mostrar cómo la literatura, en lo que Rancière denominó régimen estético, en el que se produciría el surgimiento de “cualquiera”, influyó en las artes basadas en la reproducción técnica, entre ellas, la fotografía. Como ejemplo de esta influencia, analizamos el trabajo de dos fotógrafos influenciados por la literatura, Sandro Barbosa, nacido e Pará, y Walker Evans de Estados Unidos. Este estudio muestra cómo, a través de la técnica de la composición fotográfica, los dos autores trabajan en una apropiación poética de la vida diaria. Aunque con diferencias de técnica y estilo, en la obra de los citados fotógrafos hay un elemento verbal-visual que acerca la fotografía a la poesía. El acercamiento entre lenguajes es una característica de las artes contemporáneas.

Palabras-clave: Poesía; Fotografía; Vida diária.

1. INTRODUÇÃO

Julio Cortázar afirmou que a fotografia está para o conto assim como o romance está para o filme (2006). Sem discordar totalmente do grande escritor e crítico argentino, é possível se fazer também uma outra aproximação, qual seja entre a fotografia e a poesia. É possível afirmar que a fotografia, embora, como afirma Cortázar, próxima do conto, pela curta extensão deste em relação ao romance, estaria também próxima do poema, porque o conto, embora curto, ainda é linear e ainda é discursivo, apesar das possibilidades poéticas do conto contemporâneo, enquanto o poema nos permite fazer, mesmo com a linguagem lógico-discursiva que o constitui, caminhos de volta, retornos e turvamentos com a linearidade logico-discursiva da linguagem verbal. Nesse sentido, a fotografia, pela possibilidade de proporcionar ao olhar uma leitura não linear, se distanciaria do filme, que ainda se liga à estrutura efabuladora aristotélica, com seu começo meio e fim, próximo, portanto, da lógica linear discursiva.

Segundo Octávio Paz (2003, p.38), a imagem poética arrasta o nosso olhar para fora do instituído, criando imagens inovadoras a partir de encontros inusitados. Esse processo de criação de imagens poéticas se distancia do que Barthes, em relação à fotografia, chamou de *studium*, ligado à cultura visual conhecida e familiar, e se aproxima do conceito barthesiano de *punctum*, cuja característica é a invenção estranhadora (BARTHES, 2015, p. 29), o que pode

ser aproximado da característica na poesia moderna. Acredita-se, portanto, que a fotografia, sem deixar de ter possibilidades de uso narrativo-documental, também pode se aproximar da dimensão estética da poesia. É o que veremos nos fotógrafos ora estudados, Walker Evans e Sandro Barbosa, pois no processo de composição destes, elementos diferentes entram em diálogo para a criação de uma imagem com um efeito poético único, numa relação que se apresenta mais como constelar que narrativa.

2. A LITERATURA E A FOTOGRAFIA A PARTIR DE WALKER EVANS

Embora não haja uma afirmação clara de Barthes sobre a relação entre a poesia e a fotografia, tal aproximação pode ser inferida em seus textos. Não por acaso, ao referir-se ao *punctum*, ele faz alusão ao *Lance de Dados*, poema monumental de Mallarmé, que quebrou com o que havia até então de linearidade na leitura do poema. É possível, portanto, perceber que o autor via tanto na poesia quanto na fotografia uma quebra com a leitura linear lógico- discursiva. As muitas possiblidades de chegada à leitura do poema podem ser aproximadas com as possibilidades de encontro do *punctum* na fotografia. Essa aproximação entre poema e fotografia foi percebida também por pelo fotógrafo Luiz Achutti, que afirma,

> A linguagem escrita que mais se aproxima da fotografia é a poesia, com ambas se expressam ideias sobre o mundo - na maioria das vezes, de forma simbólica e metafórica. Ambas, fotografia e poesia, precisam da sensibilidade do leitor/espectador e de sua capacidade de lidar com as imagens mentais que povoam a sua memória (ACHUTTI, 04-05).

Interessante que mesmo um fotógrafo que trabalha documentalmente com a fotografia reconhece as possibilidades do seu uso poético e metafórico. A aproximação entre literatura e fotografia foi percebida por dois estudiosos que têm uma estreita relação com o universo literário, Jacques Rancière e Susan Sontag, mostrando que foi a literatura que impulsionou a invenção da fotografia no rumo do tema dos sujeitos anônimos. O primeiro autor questionou os autores, dentre eles Walter Benjamin, que afirmaram que os meios de

reprodução mecânica modificaram os modos de pensar a arte e seus temas, saindo dos grandes temas para os anônimos do cotidiano.

> Que o anônimo seja não só capaz de tornar-se arte, mas também depositário de uma beleza específica, é algo que caracteriza propriamente o regime estético das artes. Este não só começou bem antes das artes da reprodução mecânica, como foi ele que, com sua nova maneira de pensar a arte e seus temas, tornou-as possível (RANCIÈRE, 2005, p. 47).

Rancière nomeou de regime estético o que muitos estudiosos da arte chamaram de modernidade em arte, por questionar as contradições deste termo. Segundo o autor, o reconhecimento da beleza do anônimo teria iniciado na literatura, dando como exemplo a obra de Balzac. Natália Brizuela, que em seu livro *Depois da fotografia: uma literatura fora de si* (2014), estuda as relações entre a literatura e a fotografia, aponta o momento em que a literatura extrapola os circuitos fechados no rumo do cotidiano, misturando-se a outros campos de conhecimento e produção discursiva, dentre eles a fotografia,

> Quando no século XIX emerge a literatura, ela se caracteriza, segundo Rancière, por sua livre circulação fora de todo sistema de legitimação. Ao sair para o mundo, com todo o seu caos, e decompor o sistema de unidade que caracterizava o regime representativo, a literatura pode ser qualquer coisa, não tem já características específicas que a distingam de outras práticas. Não tem legitimidade, nem tampouco, por isso mesmo, se sabe já bem o que é. A fotografia emerge nessa mesma época (BRIZUELA, 2014, p. 35).

O filósofo nomeia essa percepção da beleza do anônimo como tendo sido iniciada na literatura, trazendo para as artes a assunção do *qualquer um*, e dá como exemplo de um fotógrafo influenciado por esse movimento de assunção transformador o trabalho de Walker Evans, um dos fotógrafos estudados neste trabalho.

Sontag percebe em Evans uma influência não somente pelo tema do *qualquer um*. A ensaísta mostra como este é herdeiro da poética whitmaniana por meio da epígrafe de Walt Whitman, em um livro de fotografias "*American Photographs*", de Evans. Whitman ficou conhecido como o poeta moderno da

democracia americana, que valorizou o cotidiano e a beleza das ruas com seus personagens anônimos, o que pode ser confirmado pela citação abaixo,

> Não tenho dúvida de que a majestade e a beleza do mundo estão latentes em qualquer migalha do mundo [...]. Não tenho dúvida de que existe muito mais em coisas banais, em insetos, em pessoas vulgares, em escravos, em anões, em ervas, no refugo e na escória do que eu supunha (Sontag 2004, p. 22).

Há outro livro que confirma a influência whitmaniana na poética fotográfica de Evan, *Elogiemos os homens ilustres* (1941), nascido de uma reportagem para a *Fortune*, após o "crack" da Bolsa de Nova York, em 1929, quando os Estados Unidos conheceram a chamada Grande Depressão. Assim, o livro veio na esteira das políticas de recuperação econômica, na busca de registrar os problemas dos agricultores para lhes prestar o socorro devido. Assim, o escritor e jornalista James Agee e Walker Evans foram chamados e fizeram um livro entre o documental e o poético (SOUZA, 2014, 30-31). No título do livro, é possível perceber a proposta estética de Evans, tornando o anônimo em ilustre pela sua inserção no campo artístico fotográfico.

Vê-se, portanto, que a democratização temática inspirada na estetização do anônimo, que hoje se atribui à fotografia, teve sua origem na literatura. Este estudo busca mostrar o encontro dessas duas linguagens a partir da assunção do "qualquer um", apontado por Ranciére, tendo como ambiência a atmosfera urbana da cidade. Mais especificamente, neste estudo, além de Walker Evans, que, pretendendo ser de início escritor, acabou consolidando-se como fotógrafo, mas que trouxe para fotografia o elemento verbal, pretende-se também abordar o trabalho de Sandro Barbosa, que iniciou seu processo artístico na poesia, tendo depois se estendido para fotografia. Assim, Sandro Barbosa continuou poeta e fotógrafo, enquanto Evans inseriu a palavra na fotografia.

A relação entre a fotografia e a palavra está na origem do processo criativo de Sandro Barbosa, o que se comprova pelo livro *Belém: floresta de telhados* (2015), em que o poeta-fotógrafo alterna fotos de sua autoria com poemas seus e de outros dois escritores, Noélio Mello e Ronaldo Franco. Mais tarde, pelo seu trabalho de pesquisa sobre a relação da fotografia com a imagem, Sandro Barbosa foi convidado para uma palestra sobre literatura

expandida na 25ª Feira Pan-Amazônica do Livro, em 2022. Já Walker Evans (1903-1975), mundialmente conhecido no cânone fotográfico, foi um fotógrafo que, como já afirmado e segundo biógrafos, queria ser escritor, mas que acabou se destacando na fotografia, principalmente a partir do período da grande depressão econômica estadunidense, mostrando o drama cotidiano no país. Essa inclinação inicial para a literatura, mais precisamente a literatura moderna, teve reflexo em suas fotografias, fazendo com que ele explorasse as palavras de letreiros e de outros espaços cotidianos urbanos nos Estados Unidos.

Evans possui, semelhante a Sandro Barbosa, um olhar crítico sobre a realidade, observando as pessoas comuns como pessoas importantes. Em comum também com Sandro Barbosa, ele possui a relação com a palavra, pois Sandro Barbosa, antes de ser fotógrafo, surgiu na cena artística amazônica como poeta e a sua poesia já trazia o elemento da velocidade e concisão fotográficas, o poema mínimo mas intenso, como uma imagem mínima carregada do instante decisivo de que falava Cartier Bresson.

3. POESIA NA FOTOGRAFIA

Oliveira confirma a influência literária em que se destacaria o “qualquer um” de Rancière em Evans, ao afirmar que que este se interessou pela literatura moderna e sua relação com o cotidiano, buscando explorar fotográfica e poeticamente os textos de publicidade (OLIVEIRA, 2012, p. 155). Essa exploração da publicidade aliada ao cotidiano está na fotografia abaixo *Truck and Sign*, em que trabalhadores carregam um letreiro com a palavra “*damaged*”, cuja tradução poderia ser “danificado”.

Figura 1: Truck and Sign Fonte:

Walker Evans. 1928-30 - MoMA

O que chama a atenção na foto é o letreiro luminoso que se relaciona ao período pós-crack acima referido, mas se olharmos com atenção para além do letreiro que ocupa o centro da fotografia, veremos um meticuloso processo de composição, pois no canto esquerdo superior temos a palavra “butler”, cuja significação é mordomo, e no canto direito inferior o texto “globe elec. sign cor”, faz uma composição poética em que o mordomo dialoga com a imagem dos trabalhadores, e o danificado dialoga com o contexto da grande depressão dos Estados Unidos que afetou globalmente outras regiões, mas principalmente os trabalhadores e trabalhadoras daquele país. A economia de palavras transparentes, própria da publicidade, inclusive com abreviações, é apropriada para o campo poético, que, apesar de possuir também uma economia verbal, tem em relação à publicidade a diferença da não transparência. Esse recurso de composição verbo-visual está também no trabalho de Sandro Barbosa, como podemos perceber no trabalho abaixo,

Figura 2: Sem título, 2022.
Fonte: Sandro Barbosa.

Sandro Barbosa, em sua composição, aproxima um urubu de um símbolo militar inscrito no muro de uma área da marinha brasileira em Belém. A aproximação é feita não apenas pelas asas, mas também pela cor destas. Simbolicamente, a foto pode ser lida como uma crítica ao contexto brasileiro de 2022, ano em que a fotografia foi feita, último ano de um governo federal com uma forte presença de militares, e que fazia apologia aos tempos da ditadura, que resultou em 140 desaparecidos, e muita tortura e perseguição, além de censura. Esse trabalho fotográfico de apropriação poética do cotidiano presente na obra dos dois fotógrafos se aproxima da técnica utilizada por escritores e artistas visuais.

Segundo Affonso Romano de Sant'Anna (2003), essa técnica teria iniciado nas artes visuais, com os dadaístas,

> A técnica da apropriação, modernamente, chegou à Literatura através das artes plásticas. Principalmente pelas experiências dadaístas, a partir de 1916. Identifica-se com a colagem: a reunião de materiais diversos encontráveis no cotidiano para a confecção de um objeto artístico. Ela já existia nos *ready-made* de Marcel Duchamp, que consistia em apropriar-se de objetos produzidos pela indústria e expô-los em museus ou galerias, como se fossem objetos artísticos (SANTANNA, 2003, p. 43).

No caso das duas fotos temos o tipo de apropriação parodística em que o significado inicial do texto é desconstruído, sendo deslocado pelo processo de composição. No caso do letreiro, cujas luzes se ligam à modernidade e sua beleza artificial, este se apresenta apagado, mostrando a crise econômico- social da época. No caso da foto de Barbosa, o símbolo de uma das forças armadas brasileira passa da significação de proteção para a de símbolo de opressão. A diferença em relação aos *ready-made* é que não se trata de objetos isolados pinçados da realidade, mas de composições de objetos em uma constelação imagética capturados e reproduzidos da própria realidade cotidiana, com uma intenção conotativa, como diria Barthes (307). O autor francês mostra o paradoxo fotográfico presente entre *analogon* da realidade visualmente reproduzida, e o processo artístico de composição e tratamento, que procura dar sentido ou conotação a essa captura do real (BARTHES, 303-304). No caso dos dois fotógrafos, é a realidade apropriada, cuja marca é a denotação, que sofre um processo de recorte conotativo poético.

No que diz respeito a essa visualidade, a diferença entre as duas fotos ora apresentadas é que uma é em preto e branco e outra colorida. Em Evans, o uso do preto e branco está ligado ao fato de esse fotógrafo ter considerado durante muito tempo a foto colorida como vulgar (EGGLESTON; WESKI, 2012, p. 01). Se em Evans o uso do preto e branco se associaria a uma tentativa de maior estetização da imagem, em Barbosa a série de fotos com a composição verbal se apresenta toda ela em colorido. Nessa escolha ficaria sugerida uma maior aproximação do cotidiano pelo uso da cor, não implicando tal escolha um distanciamento do poético.

Essa proximidade com uma perspectiva crítica do cotidiano a partir do colorido está na fotografia *Sem Título* abaixo, em que o colorido do estabelecimento *Benção Café*, e o grafite com que está escrito o nome de Jesus Cristo, contrastam com a miséria da pessoa que dorme em situação de rua.

Figura 3: Sem título, 2018.
Fonte: Sandro Barbosa

O rosto coberto nos remete àqueles que vivem na invisibilidade social, e a sua situação de vulnerabilidade é intensificada porque no papelão que lhe cobre o rosto temos inscrito o aviso “cuidado, frágil”. Esse não distanciamento de Barbosa para com o cotidiano dos invisibilizados se ligaria primeiramente à sua origem periférica, depois à sua identificação com a poesia marginal dosanos setenta, que surgiu paralela ao cânone poético, reivindicando uma identificação entre a literatura e a vida. Desta última também vem a temática do erotismo, que na fotografia se transforma em um sensualismo que se materializa no colorido, como vemos na fotografia *Sem título*, abaixo.

Figura 4: Sem título, 2022.
Fonte: Sandro Barbosa.

Tentar criar uma fotografia que busque a poesia nos textos inseridos na cidade é uma atitude de poetizar o cotidiano urbano, ou uma tentativa de projetar na sociedade real a sociedade letrada, criada pelos escritores e outros profissionais das letras, de que falava anjo Angel Rama (2015). Essa projeção da cidade letrada sobre a cidade real, quando explorada por meio do erotismo, busca também turvar a separação entre o tempo-espaço do trabalho e o tempo-espaço do prazer, fazendo com que este último contamine o primeiro. Por isso, é possível perceber na foto em questão que o ônibus, símbolo da modernidade e da velocidade para grande parte da população urbana, e a construção de concreto, símbolo da dureza artificial das grandes cidades, acabam numa composição em que o grafite, mais a palavra “gentil” no letreiro do ônibus, são transformados em símbolos de eros.

A fotografia de Sandro Barbosa acaba por transformar, portanto, a dura topografia urbana em uma heterotopia amorosa, para usar uma expressão de Foucault (2013, p. 25), tornando o cotidiano em um devir outro erótico. Nessesentido também o trabalho do fotógrafo e poeta paraense acaba tendo a função que é própria do erotismo. Para Geoges Bataille,

> O que está em jogo no erotismo é sempre uma dissolução das formas constituídas. Repito: dessas formas da vida social, regular, que fundam a ordem descontínua das individualidades definidas que somos. Mas, no erotismo, menos ainda que na reprodução, a despeito de Sade, a vida descontínua não está condenada a desaparecer: ela é somente colocada em questão. Ela deve ser perturbada, incomodada ao máximo (BATAILLE, 2004, p. 31).

Assim, o trabalho poético erótico desorganiza a ordem do trabalho a partir de Eros, abalando a sua descontinuidade e estabilidade. Há, portanto, nesse erotismo uma dimensão micropolítica que busca intervir na *polis*. A questão do erotismo também esteve presente na obra de Evans, mas diferentemente da proposta heterotópica erótico-política de Barbosa, o fotógrafo estadunidense trabalha de forma mais irônica a temática, buscando criticar as relações de poder presentes nos laços conjugais, como é possível perceber na obra *Love before breakfast*, de 1930,

Figura 5: Love before breakfast , 1930

Fonte: Walker Evans.

O formato preto e branco da fotografia nivela as duas casas que aparecem por trás dos *outdoors* que anunciam filmes. Um destes, e que dá título à obra, é uma comédia de 1936. As duas casas enquadradas na foto são iguais e nos dois *outdoors* temos duas mulheres, o que nos remete à associação patriarcal entre casa e mulher. E no anúncio do filme que tem o mesmo nome do título da fotografia, temos uma mulher com um olho roxo. Assim, a apropriação consiste em desviar o sentido do filme para mostrar aviolência doméstica da sociedade patriarcal. Essa leitura se confirma pelo *outdoor* que está ao lado daquele do filme. Naquele há o título *Chatterbox*, que poderia ser traduzido como tagarela. O termo muitas vezes aparece como crítica a mulheres que não se calam perante os homens, sendo esse também um dos motivos de agressões. Nesse sentido, temos dois *outdoors* que jogam com a condição de opressão feminina dentro das casas estadunidenses. Assim, a casa e a mulher, que seriam um elemento da vida íntima e privada, se tornam, pelo elemento de composição, um elemento público.

E outdoor seria de fato uma porta aberta para a vida íntima nas casas em que vigorariam relações patriarcais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de não deixar de ser verdade aquilo que constantemente se fala no meio literário, de que os modos de reprodução mecânica influenciaram o fazer literário, é preciso observar, como bem mostrou Rancière, que inicialmente foi a literatura que influenciou a fotografia e o cinema, quando trouxe para o campo das artes o motivo do *qualquer um*, inserindo, assim, o cotidiano nas obras de arte. No entanto, mais importante que mostrar quem influenciou quem, o esforço neste estudo foi também de perceber como os limites entre as linguagens visual e verbal, que uma visão disciplinar das artes separa, se reuniram em trabalhos de composição verbo-visual a partir do espaço urbano. Outro objetivo com este trabalho foi mostrar que, apesar de a fotografia muitas ser associada ao gênero literário narrativo, ela também possui uma possibilidade de aproximação com o gênero lírico ou poético, como foi possível perceber nas obras de Sandro Barbosa e Walker Evans.

REFERÊNCIAS:

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. Fotos e Palavras, do Campo aos Livros. In: *Portal da Fotoetnografia do Grupo de Pesquisa Fotografia e Fotoetnografia*: Arte e Antropologia, 2004. Disponível em: http://www.ufrgs.br/fotoetnografia/textos/texto_achutti.pdf. Acesso em: Maio, 2023, p. 04 – 05.

BARTHES, Roland A Mensagem Fotográfica ln: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da Cultura de Massa*: Editora Saga, 1970.

BARTHES, Roland. A câmara clara*: notas sobre a fotografia.* Trad. Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Cláudia Fares. São Paulo. ARX, 2004.

BRIZUELA, Natalia. *Depois da fotografia*: uma literatura fora de si. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In *Valise de cronópio*. Trad. Davi Arrigucci Jr. E João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

EGGLESTON, William; WESKI, Thomas. O inventor da fotografia em cores Zum. *Revista de fotografia*. São Paulo, n.2, fev. 2012. Disponível em https://revistazum.com.br/revista-zum-2/eggleston/. Acesso em 21 de maio de 2023

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, As heterotopias*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

OLIVEIRA, Cleriston Boechat de. (2012). Publicidade e sinalizações de rua na obra de Walker Evans. *Revista Do Colóquio*, *2*(3), 155–160. Recuperado de https://periodicos.ufes.br/colartes/article/view/7646 acesso em 21 de maio de 2023.

PAZ, Octávio. *Signos em rotação*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2003.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo, Boitempo, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do Sensível*: estética e política. Tradução: Mônica Costa Netto. 2a Ed, São Paulo; Editora 34, 2009. p.72.

SONTAG, Suzan. *Sobre fotografia*. São Paulo*:* Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Letícia Garcia de Souza. *Pelo olhar de James Agee*: o encontro de jornalismo e literatura no narrador de Elogiemos os homens ilustres http://hdl.handle.net/10183/111786 Monografia (Comunicação Social) Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 68 p.

A CIDADE DE MANAUS EM CINZAS DO NORTE[1]

THE CITY OF MANAUS IN NORTHERN ASHES

LA CIUDAD DE MANAUS EN CENIZAS DEL NORTE

Tatiana Cavalcante Fabem[2]

Resumo: O presente trabalho apresenta no romance *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum, a desconstrução do que Homi Bhbha chamou de narrativa pedagógica da nação moderna, e que alimenta os discursos institucionais sobre as capitais brasileiras. No caso desta pesquisa, se buscar perceber o questionamento, a partir da ficção e das artes visuais, do discurso oficial sobre a cidade de Manaus. A desconstrução da narrativa pedagógica nacional que alimenta as narrativas de origem de Manaus e outras cidades, na referida obra se liga à exposição de sua condição pós-colonial e àquilo que Fanon descreveu como a cidade do colonizado, em que os moradores vivem desprovidos de tudo que seja o mínimo para se viver. Mundo, protagonista da obra de Milton Hatoum ora estudada, é um artista visual que tem seu olhar voltado para as comunidades territorialmente oprimidas e não ignora a ação discriminatória e destruidora do Estado ditatorial para com a comunidade ribeirinha.

Palavras-chave: Narrativa; Nação moderna; Cidade.

Abstract: The present work presents in the novel *Cinzas do Norte*, by Milton Hatoum, the deconstruction of what Homi Bhbha called the pedagogical narrative of the modern nation, and which feeds the institutional discourses about the Brazilian capitals. In the case of this research, we seek to understand the questioning, from fiction and visual arts, of the official discourse about the city of Manaus. The deconstruction of the national pedagogical narrative that feeds the origin narratives of Manaus and other cities, in that work, is linked to the exposition of its post-colonial condition and to what Fanon described as the city of the colonized, in which the residents live without everything. that is the minimum to live on. Mundo, protagonist of the work of Milton Hatoum studied here, is a visual artist who has his gaze turned to territorially oppressed communities and does not ignore the discriminatory and destructive action of the dictatorial State towards the riverside community.

Keywords: Narrative; Modern nation; City.

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho CIDADE, ARTE e ESPAÇO do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Mestra em Estudos Literários, pelo programa de pós-graduação em Letras (POSLET-UNIFESSPA)), e-mail tatifabem@hotmail.com, ORCID: 0000-0001-6246-2452. Professora da Secretaria de Educação do estado do Pará (SEDUC).

Resumen: El presente trabajo presenta en la novela *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum, la deconstrucción de lo que Homi Bhbha llamó la narrativa pedagógica de la nación moderna, y que alimenta los discursos institucionales sobre las capitales brasileñas. En el caso de esta investigación, buscamos comprender el cuestionamiento, desde la ficción y las artes visuales, del discurso oficial sobre la ciudad de Manaus. La deconstrucción de la narrativa pedagógica nacional que alimenta las narrativas de origen de Manaus y otras ciudades, en ese trabajo, está vinculada a la exposición de su condición poscolonial y a lo que Fanon describió como la ciudad de los colonizados, en la que viven los que no tienem lo mínimo para vivir. Mundo, protagonista de la obra de Milton Hatoum aquí estudiada, es un artista visual que tiene la mirada puesta en las comunidades territorialmente oprimidas y no ignora la acción discriminatoria y destructiva del Estado dictatorial hacia la comunidad ribereña.

Palabras-clave: Narrativa; Nación moderna; Ciudad.

1. A NARRATIVA DE UMA CIDADE

No estudo *Ficções de Fundação: Os romances da América Latina* (2004), Doris Sommer propõe uma tese de que as narrativas nacionais de ficção tiveram um papel importante na criação discursiva dos Estados modernos latino-americanos. De acordo com ela, tais narrativas de fundação teriam como estratégia a disseminação de ideais nacionais, agregando-os ao tema amoroso, mais especificamente, o tipo de afeto heteronormativo se apresentaria como alegoria de fundação do Estado moderno na América Latina,

> Localizar o erotismo da política, mostrar como uma série de ideias nacionais do romance está ostensivamente embasada no amor heterossexual "natural" e nos casamentos que oferece uma figura para a consolidação aparentemente não violenta durante os conflitos mortais da metade do século. A paixão romântica, de acordo com minha leitura, forneceu uma retórica para os projetos hegemônicos, no sentido gramsciano de conquistar o adversário através do interesse mútuo, ou do "amor", ao invés da coerção (SOMMER, 2004, p. 20-21).

A obra de Hatoum ora estudada, Cinzas do Norte (2005), mostra que as narrativas de fundação, de caráter pedagógico, com seus casais heteronormativos e patriarcais, que parecem unir grupos diferentes em torno do ideal de unidade nacional, na verdade, ocultam por baixo de si, os processos históricos de violência. Essa atmosfera romanesca e amorosamente

conciliadora, presente em José de Alencar, por exemplo, tem também a intenção de ocultar a violência nas realidades coloniais e pós-coloniais, como é o caso da Amazônia, em que a política de Estado e a ação dos poderosos assumem muitas vezes a face de uma violenta política discriminante, que valoriza, protege e reconhece o centro rico e branco, enquanto persegue, expulsa e oprime as comunidades não brancas da periferia. Especificamente na obra ver-se-á, por meio da criação artística do protagonista, Mundo, como comunidades que habitavam junto ao rio, tirando daí o seu sustento, foram expulsas para um lugar distante da sua fonte de sobrevivência em nome de um discurso higienizante urbano. Essa prática de Mundo se liga a uma leitura de Fábio Castro, As identificações Amazônicas (2018), em que o pesquisador discute a questão de identidade e identificação. Para este, a identidade estaria relacionada a representações, a ideias de Amazônia, de espaço, de lugar, enquanto que a identificação se ligaria a vivências reais com comunidades que sofrem processos de violência do colonialismo interno e externo na Amazônia. A essas vivências reais se liga a já referida personagem Mundo, que apresenta no romance uma forte identificação com os moradores do bairro Novo Eldorado, expulsos da cidade flutuante, e com as mulheres prostitutas da rua do Educandos. A partir dessas relações, o artista desenvolve trabalhos artísticos que carregam as suas vivências e ao mesmo tempo rasuram o que se pregaria como representação de Amazônia.

A partir das obras de arte criadas por Mundo, ver-se-á a um só tempo a denúncia contra o Estado ditatorial que governou Manaus, e o processo de identificação para com os subalternizados, que rasura a narrativa pedagógica de nação e de origem presente nos espaços urbanos brasileiros.

2. IDENTIFICAÇÕES NAS OBRAS DE MUNDO

É possível afirmar que Mundo se aproxima da definição de identificações contemporâneas amazônicas apresentada pelo pesquisador Fábio Castro, pois para este, as identificações contemporâneas seriam compreendidas como “as desconstruções e os novos encadeamentos identitários presentes na Amazônia” (CASTRO, 2018, p. 18). Assim, o que Castro chama de identificações se aproxima do que Bhabha chama de narrativas performáticas: grupos com suas próprias temporalidades, e territórios e afetos próprios (BHABHA, 2013, p 247).

Isto é, Mundo negaria a herança do poder hegemônico do qual o pai Trajano era herdeiro, e se ligaria aos povos, comunidades e sujeitos reais em diferentes contextos amazônicos, borrando, ao dar voz às subalternidades em seu trabalho, a narrativa pedagógica da nação.

No romance Cinzas do Norte (2010), Hatoum apresenta uma comunidade de ribeirinhos que foi deslocada para um bairro sem condições mínimas de saneamento básico, um bairro intitulado ironicamente de Novo Eldorado. O fenômeno descrito ficticiamente por Hatoum tem ligação com a história de Manaus, que viu uma comunidade inteira de pescadores ser deslocada do seu convívio com o rio.

> A Cidade Flutuante foi um bairro real em Manaus. Em 1964, havia mais de 2 mil edifícios flutuantes no rio Negro perto do Mercado Central, no centro de Manaus. Apesar de, em décadas anteriores, edifícios flutuantes nessa área terem uso comercial, a chamada Cidade Flutuante expandiu-se significativamente no começo da década de 1960 como uma área residencial para os pobres urbanos. No seu auge, abrigava 12 mil habitantes. Na gestão do governador Arthur Cézar Ferreira Reis, em 1965, o governo começou a desmontar a Cidade Flutuante, como parte da modernização conservadora do regime militar e da implantação da Zona Franca de Manaus. Até 1966, a Cidade Flutuante já havia sido destruída (BEAL, 2016, p. 79-80).

Beal mostra que, se por um lado o ciclo da zona franca substituiria o que havia ainda da *belle époque* na arquitetura de Manaus, por outro, os pobres seriam expulsos do centro da cidade pelo governo de orientação militar. Desse modo, os ribeirinhos, habitantes da Cidade Flutuante, além de passarem a viver em um local impróprio, tiveram seus hábitos arrancados de si, sem contato com o rio, com a pesca, passando a viver em um meio que os levava a condições de miséria, e a uma condição sub-humana. Isso foi transformado ficticiamente no *Novo Eldorado*, obra urbana do também fictício, mas inspirado e um sujeito real, coronel Zanda, o então nomeado prefeito de Manaus no regime militar da época em que se passa a narrativa do romance.

Em Cinzas do Norte temos declaradamente um Estado de exceção, em que as ações para grupos não hegemônicos eram predatórias e favoreciam o extermínio desses grupos, pois não foram criadas condições para que todos tivessem os mesmos direitos ou que todos fossem, de fato, vistos e tratados como cidadãos.

Esse Estado de exceção utilizava práticas semelhantes às utilizadas nas colônias. No que diz respeito a estas, Mbembe afirma que essas áreas, na visão do referido Estado, seriam “habitadas por ‘selvagens’. As colônias não são organizadas de forma estatal e não criam um mundo humano” (MBEMBE, 2018, p. 34). E seria a essa criação, a esse mundo não humano que coronel Zanda destina a comunidade antes ribeirinha. Fanon faz uma descrição semelhante a essa ideia de desumanidade dita por Mbembe e presente no bairro do Novo Eldorado, ao abordar como seria a cidade do colonizado,

> A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a cidade negra, a médina, a reserva, é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Aí se nasce não importa onde, não importa como. Morre-se não importa onde, não importa de quê. É um mundo sem intervalos, onde os homens estão uns sobre os outros, as casas umas sobre as outras. A cidade do colonizado é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade acocorada, uma cidade ajoelhada, uma cidade acuada (FANON, 1968, p. 29).

A descrição de Fanon sobre a cidade do colonizado é semelhante à do bairro dos subalternizados pós-coloniais em *Cinzas do Norte*, em que os moradores obrigados a se mudar para o local impróprio eram também formados por não brancos. Mundo é um artista visual que tem seu olhar voltado para as comunidades ao seu redor e não ignora essa ação discriminatória e destruidora desse Estado para com a comunidade ribeirinha. Em sua fala, se reafirma a condição inóspita em que essa comunidade vivia,

> Mundo contou que no internato tinha pesadelos com a paisagem calcinada: a floresta devastada ao norte de Manaus. Visitara as casinhas inacabadas do Novo Eldorado, andara pelas ruas enlameadas. Casinhas sem fossa, um fedor medonho. Os moradores reclamavam: tinham que pagar para morar mal, longe do centro, longe de tudo... Queriam voltar para perto do rio. Alguns haviam trazido canoas, remos,malhadeiras, arpões; a cozinha, um cubículo quente; por isso, levavam o fogareiro para a rua de terra batida e preparavam a comida ali mesmo. Ele dormira na casa da família do Cará. O sol da tarde esquentava as paredes, o quarto era um forno, pior que o dormitório do internato. Os moradores do Novo Eldorado eram prisioneiros em sua própria cidade (HATOUM, 2010, p. 109).

Mais que transitar pelos espaços da cidade, Mundo enxergava os grupos não hegemônicos e a realidade a que eles eram submetidos nesses espaços: “Reclamou do Novo Eldorado: faltava água e luz, o banheiro não tinha fossa, os moradores jogavam o lixo perto da mata, aí os bichos vinham comer naquele

chiqueiro" (HATOUM, 2010, p. 133). Esse processo de identificação com os sujeitos minoritários na cidade de Manaus acontece de três formas: a) o questionamento da grande narrativa da história e da identidade amazonense, b) a tematização dos grupos minoritários, c) a criação de uma obra de arte pública, juntamente com os grupos oprimidos da cidade de Manaus. Vejamos essas três dimensões do trabalho de Mundo.

2.1. A deformação do Monumento à Abertura dos Portos

Um dos momentos de um fazer artístico questionador de Mundo nos é relatado pelas memórias do narrador Lavo. Este vê Mundo no centro de uma praça chamada São Sebastião, observando atentamente um monumento, para recriá-lo por meio do desenho**.** O monumento em questão de fato existe em Manaus, no Largo São Sebastião. O nome do santo a que o largo remete, aliás, foi como consagrado o do defensor dos cristãos contra os indígenas. A celebração a santos que defendiam os colonizadores dos não cristãos no período da colonização foi comum na Amazônia[3]. Logo, o objetivo do referido culto seria afirmar a fé católica em meio ao território amazônico, fazendo-a passar-se por necessária ou justificadora da dominação sobre os diversos povos viventes na região amazônica.

Essa dominação do espaço amazônico, segundo Almeida (2018), a partir de Freire (1990), se daria desde o início da fundação da cidade de Manaus, em que o próprio Forte de São José da Barra do Rio Negro, que marca a fundação daquela cidade, teria sido construído em cima de um cemitério indígena, mostrando, assim, como grupos hegemônicos se impuseram e desrespeitaram os povos da Amazônia, apagando, dessa forma, o espaço que os povos originários, no caso, os indígenas, ocupavam e, consequentemente, a sua significação, caracterizando, assim, uma desterritorialização que se reatualizaria no decorrer dos séculos, visto que, nesse mesmo local, foram surgindo outras construções aliadas ao poder instaurado na região manauara.

[3] Segundo a geografa Tatiane Malheiro, um outro exemplo dessa escolha religiosa de culto é o santo São Félix de Valois, padroeiro da cidade de Marabá, sudeste do estado do Pará e reivindicado pelos colonizadores como santo protetor contra os indígenas (MALHEIROS, 2019, p. 59).

No que diz respeito ao monumento, localizado no referido largo, trata-se do *Monumento à Abertura dos Portos às Nações Amigas*, em comemoração à abertura dos rios e portos da Amazônia para a navegação internacional, pelo imperador D. Pedro I. O monumento referido na obra é um símbolo comemorativo que remete à liberação dos portos e rios da região às nações estrangeiras.

Quando inaugurado, em 1867, o monumento teve a forma inicial de um obelisco[4]. Um obelisco em plena Amazônia representaria o fausto econômico e cultural para a região, sendo, assim, mais que o marco da liberação dos portos, significando, portanto, a luz para essa região que por muito tempo foi vista apenas como sinônimo de floresta a ser desbravada.

Em 1899, com o *boom* econômico ocasionado pelo ciclo da borracha na região amazônica, o monumento recebeu a forma hoje conhecida e referida na cena inicial de *Cinzas do Norte*, em que a personagem Lavo vê o artista Mundo. Essa nova versão do monumento foi criada pelo já referido artista Domenico De Angelis (1852-1900), também responsável pela pintura presente no teto do teatro Amazonas.

Nesse monumento, dentre outros elementos que o compõem, há quatro partes que simbolizam os continentes: Ásia, América, África e Europa, e não por acaso, a que se refere ao continente Europeu apresenta um menino segurando um globo terrestre, mostrando assim, a visão eurocêntrica de dominação. A este novo monumento foi incorporado o brasão da cidade de Manaus. Vemos a seguir, foto de parte do Monumento referido na obra,

Figura 1 - Monumento à Abertura dos Portos às Nações Amigas.

Fonte: Percival Tirapeli, s/d.

[4] Segundo a mitologia egípcia, dentre outras significações, o obelisco representava uma homenagem ao deus do sol, Rá, sendo considerado como uma ligação entre céu e Terra (LEXIKON, 1990, p. 147).

Mundo parecia discordar dessa arte hegemônica colonialista, e mesmo antes da aproximação deste com Lavo, o narrador personagem, que seria mais tarde amigo do jovem artista, já percebe esse outro olhar sobre essa Arte hegemônica,

> Antes de conviver com Mundo, no ginásio Pedro II, eu o vi uma vez no centro da praça São Sebastião: magricelo, cabeça quase raspada, sentado nas pedras que desenham ondas pretas e brancas. Ao lado de uma moça, ele mirava a nau de bronze do continente Europa; olhava o barco do monumento e desenhava com uma cara de espanto, mordendo os lábios e movendo a cabeça com meneios rápidos como os de um pássaro. Parei para ver o desenho: um barquinho torto e esquisito no meio de um mar escuro que podia ser o rio Negro ou o Amazonas. Além do mar, uma faixa branca (HATOUM, 2010, p. 08).

Não por acaso, Mundo, sentado na parte da praça em que as pedras simbolizavam o encontro das águas do rio Negro e Solimões, mira a parte da obra que remete ao continente europeu, e, de forma intensa, produz uma recriação que rasura uma obra artística representativa da elite hegemônica que construiu a narrativa pedagógica sobre a Amazônia brasileira no ciclo gomífero. O “barquinho torto e esquisito”, por ele desenhado, deforma a impressão majestosa que carregava a obra de De Angelis. A recriação de Mundo, a partir de uma técnica modernista, deformava, performatizava a narração pedagógica hegemônica. A nau do desenho de Mundo propunha outros horizontes e poderia levar o leitor a compreender o quão tortuosos foram os discursos eurocêntricos para o território amazônico brasileiro. Lavo, em contato com a obra deste, diz que “toda vez que passava perto da nau europeia, lembrava do desenho de Mundo” (HATOUM, 2010, p. 09).

O olhar performático presente no desenho desse jovem artista amazonense contribuiu para que Lavo percebesse aquela obra artística de modo diferente. Segundo Almeida, “a escolha de Mundo, de traços antimonumentais, indica a sua discordância com a memória urbana e a mitologia projetadas no monumento” (ALMEIDA, 2018, p. 05). Portanto, lembrar do trabalho artístico de Mundo feito naquele rio simbólico seria lembrar da rasura que essa arte realizava na narrativa da arte pedagógica instaurada no território amazônico.

2.2 Capital na selva: a fala sob perspectivas subalternas

Mundo pretende se distanciar da arte que reproduz uma imagem ligada ao exotismo Amazônico. Como afirma Arana, seu preceptor na narrativa, “no começo, (Mundo) se interessou pela nossa região, percebeu que a Amazônia não era um lugar qualquer. Mas foi se afastando de tudo isso...” (HATOUM, 2010, p. 126). A ideia de distorção presente na obra de Mundo se alia ao desejo do artista em enterrar “a nossa natureza” (HATOUM, 2010, p. 126).

É na Europa que Mundo vai concluir um estudo primeiramente esboçado ainda em Manaus, *Capital na Selva*. A primeira ideia do estudo surgiu quando ele e Lavo andavam nas “ruas dos Educandos; na avenida Beira-Rio” (HATOUM, 2010, p. 106). O impacto da imagem do lugar vazio onde antes ficavam os moradores deslocados para o novo bairro Eldorado, sem infraestrutura, e longe do rio, fez Mundo pedir em um bar um pedaço de papel de embrulho para escrever e iniciar o esboço. Quando Mundo escreve a Lavo da Europa, avisa que está trabalhando nos “esboços de uma sequência de quadros intitulada Capital na selva” (HATOUM, 2010, p. 165). Diferentemente do olhar complacente e sedutor das índias pintadas por Arana, cheias de exotismo, Mundo coloca como personagens as mulheres atiradas à prostituição em Manaus por falta de condições financeiras e de moradia. O tema já havia entrado na discussão de Mundo com Arana no bar sobre o *Campo de Cruzes*, quando este se negou a ajudar o jovem artista na sua instalação, ao que este acusou seu ex-mestre de abusar de meninas menores de idade.

Mundo não se vale do exotismo para vender sua obra; ao contrário, mostra o aspecto urbano problemático amazônico, tema pouco atrativo, o que dificulta a venda dos trabalhos. Mundo tenta, mas não consegue vender estudos de desenhos das mulheres da Castanhola, que entraria na série *Capital na Selva*,

> Ali mesmo abri a maleta e tirei dois desenhos das mulheres da Castanhola. Observei o rosto de cada cantora do cabaré a céu aberto, e lembrei das tardes e noites que parecem pertencer a outro tempo. A Castanhola ainda existe? Fui de mesa em mesa, tentando vender os desenhos, e nada” (HATOUM, 2010, p. 180-181).

A Castanhola era a área do meretrício e da boêmia, que Mundo frequentava. Diferentemente de Lavo, que tem amizade com outros rapazes, Mundo sente empatia e se identifica com as mulheres da Castanhola, onde se sente à vontade, longe do autoritarismo da escola e do pai,

> A Castanhola é uma calçada estreita, atulhada de botecos e pequenos restaurantes que usurparam parte da rua dos Bares. Mundo me levou lá duas vezes; adorava a festa, que começava à luz do dia, animada por cantoras desafinadas — corpos quase nus enfeitados de bijuterias baratas —, que também dançavam para motoristas, estivadores, marinheiros e o pessoal da Capitania dos Portos. Meu amigo deixava a farda no bar Recanto, comprava cerveja, espetinhos de peixe e macaxeira cozida, e se divertia com as mulheres, anônimo, até os últimos acordes da madrugada (HATOUM, 2010, p. 102).

Por fim, Mundo consegue vender parte da sequência criada. É quando ele faz uma melhor descrição do conteúdo de três dos cinco quadros que compõem a série. Nele se destacam as mulheres, mas não com uma conotação voluptuosa e exótica, como em Arana,

> Consegui vender três das cinco pinturas da sequência Capital na selva. Dois rostos da mesma mulher num quarto da pensão Marapatá e na cabine de um barco encalhado para sempre num estaleiro dos Educandos. O terceiro quadro é o rosto misterioso da minha mãe... (HATOUM, 2010, p. 174-175).

Mundo descreve três quadros. Em duas das telas figura o rosto da mesma mulher. No primeiro quadro esse rosto aparece em uma pensão, e no quadro seguinte está no barco encalhado no estaleiro que se localizava no lugar de onde os moradores foram despejados, mostrando uma relação entre prostituição, representada pela mulher num quarto de pensão, e a perda das condições de sobrevivência por parte dos grupos minoritários de Manaus. O barco encalhado serviria como alegoria dessa impossibilidade de os ribeirinhos acessarem o rio.

No terceiro quadro figura o rosto da mãe de Mundo, que tem na sua descrição o adjetivo misterioso. Essa adjetivação se ligaria à origem de Alicia, filha de uma indígena, cuja paternidade não foi reconhecida, e que somente não teve o destino de muitas meninas da Castanhola por ter conseguido casamento com Jano, homem rico de família tradicional, que tem constantes conflitos com o filho pintor.

2.3 Campo de Cruzes: uma arte pública comunitária em Manaus

A aproximação do romance de Hatoum com a obra de Arte contemporânea se dá sobretudo porque o protagonista monta uma instalação, o *Campo de Cruzes*, em trabalho coletivo com a comunidade subalternizada, mais exatamente ribeirinhos que haviam sido retirados à força da beira do rio e jogados em um bairro sem nenhuma infraestrutura e distante do rio, de onde os mesmos tiravam o seu sustento.

O caráter performático de Mundo está, portanto, relacionado à sua ligação com as vozes que rasuram a estabilidade da representação de cidade. Uma realidade de silêncios, dores, sofrimento, vivências ruins que comoviam o artista, sendo esse o motivo para ele pensar em uma instalação artística naquele lugar, que contestasse a propaganda do governo militar sobre aquele bairro que, na verdade, representava um "crime urbano" (HATOUM, 2010), mas Mundo sabia que o lugar era habitado por pessoas e, mais que realizar uma instalação, precisava ouvir a comunidade. Assim, a contestação sobre a subvida que era dada àquela comunidade também deveria partir dela própria,

> Teu tio me ajudou a construir o Campo de cruzes; passamos meses planejando a obra. Ele detestava o projeto das casinhas populares. Tocas de bicho", dizia. Teu tio tinha uma birra com Zanda. Me contou que tinha sido perseguido por ele... vingança por causa de mulher... Não quis contar mais... e não sei se minha mãe estava metida nisso. Ranulfo juntou a vingança com a política e se entusiasmou com a minha ideia. Queria molhar as cruzes com querosene e tocar fogo nelas antes do amanhecer, mas os moradores ficaram com medo, não concordaram. Ranulfo roubava sobras de pano da tua tia e tingia tudo de preto. Fomos várias vezes ao Novo Eldorado. Ele reunia umas cinco famílias e falava: 'Vocês foram enganados; prometeram tudo, e olha só que lugar triste... triste e longe do porto..." (HATOUM, 2010, p. 157).

Mundo, não somente se preocupou em produzir uma obra artística, como também parou para ouvir a voz dos que tanto foram silenciados. Mais que um artista falando de suas impressões sobre um lugar, ele deu voz aos que, de fato, estavam no lugar e não eram ouvidos. *O Campo de Cruzes*, a instalação artística feita no bairro do Novo Eldorado, teve a participação dos moradores, não somente na construção da instalação, mas nas decisões sobre como ela seria realizada. Mundo se aproximaria do papel do intelectual proposto por Spivak: não falar em lugar do outro (SPIVAK, 2010, p. 14).

A instalação se faz no próprio lugar em que habitam os subalternizados e a obra não fala por, e sim com os moradores do Novo Eldorado. A contestação presente na instalação *Campo de Cruzes* sobre o bairro do *Novo Eldorado* não

era composta apenas pela voz de Mundo e do tio Ran; o *Campo de Cruzes* gritava com mais força porque havia as vozes dos ribeirinhos sem rio, sem pesca, sem vento, sem canoa, sem a relação com a qual eram habituados e que realmente representava uma vida humana para essa comunidade. O Campo de Cruzes simbolizava a condição de que Achille Mbembe chamou de "morte-em-vida". Um grito coletivo, vozes vistas através da queima da referida instalação,

> Na tarde em que a obra de Mundo foi inaugurada, o coronel Zanda logo informou Jano. No Novo Eldorado, ele viu um horizonte de cruzes chamuscadas e quis saber que diabo era aquilo: por que tinham construído as casas num cemitério? Onde estava o trabalho do filho? Rindo, o prefeito disse: "Na tua cara, Trajano. Teu filho é atrevido: fez do bairro um cemitério. Bela obra. Mas vamos destruir toda essa porcaria empouco tempo. Um dia a gente dá um susto nele (HATOUM, 2010, p. 138).

As vozes subalternizadas, pelo trabalho coletivo a partir do diálogo de Mundo e Ran com a comunidade, foram percebidas pelos grupos hegemônicos da cidade que, mais tarde, tratariam de ridicularizar a obra artística realizada no referido bairro e punir violentamente Mundo pela ação contrária a esse Estado de exceção, prática herdada da colônia como forma de incutir terror e de levar as demais pessoas ao silenciamento. A ação estatal nos é mostrada por Lavo, o narrador,

> No dia seguinte bem cedo fui ao Novo Eldorado. *O Campo de cruzes* havia sido destruído pela polícia na tarde do feriado. A visão das ruínas acentuava a tristeza do lugar. Cruzes de madeira crestadas cobriam um descampado; o tronco da seringueira fora abatido, as raízes arrancadas; galhos secos espetados em trapos queimados pareciam carcaças carbonizadas. Nas ruas de terra, mulheres juntavam pedaços de cruzes para acender um fogareiro. Por volta das oito, os empregados da prefeitura jogaram os destroços na carroceria de um caminhão, deixando apenas a árvore derrubada. [...] Atravessei o descampado e caminhei devagar até o fim do bairro. [...] Mundo não exagerara: nenhuma árvore, um lugar sem sombra (HATOUM, 2010, p. 132).

A instalação representava uma afronta ao poder militar, uma afronta por denunciar o Estado exterminador que se consolidou nos países periféricos, exterminador dos espaços físicos e de corpos de grupos subalternizados que ocupam esses espaços, levando o leitor a rememorar outros crimes estatais já ocorridos no espaço amazônico.

Por ser filho de Trajano, magnata apoiador do regime militar, Mundo apenas recebeu um "susto", ou seja, foi espancado, uma ação um tanto amena

para um governo de exceção, habituado a destilar morte aos que lhe contestam, principalmente aos subalternizados não brancos. Após a destruição da instalação, tempos depois temos uma descrição do lugar onde a mesma havia sido montada,

> Não havia vestígio do Campo de cruzes, e o descampado se tornara um capinzal com uma árvore no centro. No tronco, uma placa enferrujada com letras verdes: “Praça Coronel Aquiles Zanda”. [...] “A praça ainda é uma promessa”, disse Macau. “Sóo capim cresceu... e essa árvore... [...] Dizem que é louro-vermelho. Não é, não. É louro-bosta” (HATOUM, 2010, p. 202).

Em lugar da obra de arte pública que fazia uma crítica às condições de vida no bairro, havia apenas uma placa indicando uma obra pública que não saiu do papel, como tantas obras na Amazônia. Se no *Campo de Cruzes* havia uma seringueira tombada em meio à madeira queimada, como alegoria de um tempo de fausto que resultou em cinzas para a população subalternizada não branca da Amazônia, a árvore que cresce na obra de Zanda é renomeada por parte dos moradores do bairro, sendo em seu nome inserido o termo “bosta”, como simbologia do que representou a propalada modernização trazida pelos militares da ditadura.

Milton Hatoum é arquiteto de formação, e em sua narrativa expõe os problemas urbanísticos que ele percebeu e percebe em sua cidade, ligados a processo geográfico-sociais violentos no correr dos séculos foram sendo normalizados e ocultados sob um discurso linear do progresso e da modernização urbana. Nesse sentido, é possível dizer que em *Cinzas do Norte*, em nome dos vencidos, Hatoum faz benjaminianamente uma leitura a contrapelo da cidade Manaus.

REFERÊNCIAS:

ARCHER, Michel. *Arte contemporânea*: uma história concisa. Tradução de Alexandre Krug e Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CASTRO, Fábio Fonseca de. *As identificações Amazônicas*. Belém, NAEA, 2018.

FANON, F. *Os condenados da Terra*. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

HATOUM, Milton. *Cinzas do Norte*. São Paulo. Companhia das Letras. 2010.

MALHEIROS, Tatiane de Cassia da Costa. *(Etni)cidade indígena na Amazônia*: por uma geografia de contato interétnico. UFF, Niterói, Rio de Janeiro, 2019.

MBEMBE, A. *Necropolítica*: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

BEAL, Sophia. *Espaços movediços e conflitantes na Manaus de Milton Hatoum*. Teresa, São Paulo n. 17, p. 71-86, 2017. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/114576. Acesso em: 10 jan. 2022.

ALMEIDA, Ananda Nehmy de. Monumento, arquivo e ficção em Cinzas do Norte, de Milton Hatoum. In. *XVI Encontro Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada - ABRALIC. 2018* ISSN: 2317-157X. Dez. 2018.
ALVES, Roque de Brito. Ciência criminal. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

À LA SAUVETTE: O FOTÓGRAFO COMO FLÂNEUR PÓS-MODERNO [1]

À LA SAUVETTE: THE PHOTOGRAPHER AS A POSTMODERN FLANEUR À LA SAUVETTE: EL FOTÓGRAFO COMO FLANEUR POSMODERNO

Pablo Ariel da Costa Fernandez [2]
Jorge Leal Eiró da Silva [3]

Resumo: O presente ensaio explora a relação entre a prática fotográfica e a flânerie no contexto do mundo contemporâneo cada vez mais fragmentado, fluido e imaterial. A flânerie é aqui reinterpretada como uma forma de resistência à cultura do consumo e da mercantilização que caracteriza a era do capitalismo avançado. Por meio da produção fotográfica do autor, esta escritura-bildung articulada às ideias de cartografia de Deleuze e Guattari além dos biografemas de Barthes examina como a prática fotográfica pode funcionar como uma forma de flânerie pós-moderna. O fotógrafo, ao capturar momentos fugazes e efêmeros, explora a cidade como um espaço de possibilidades e descobertas e cria narrativas visuais que desafiam a lógica da produção em massa e da homogeneização cultural da nossa era. Ao mesmo tempo, o ensaio reconhece as limitações e contradições dessa abordagem ao levantar questões sobre o papel do fotógrafo e da fotografia em um mundo cada vez mais dominado pelas imagens e pela tecnologia.

Palavras-chave: fotografia; flânerie; pós-modernidade; capitalismo avançado.

Abstract: This essay explores the relationship between photographic practice and flânerie in the context of an increasingly fragmented, fluid and immaterial contemporary world. Flânerie is reinterpreted here as a form of resistance to the culture of consumption and commodification that characterizes the era of advanced capitalism. Through the author's photographic production, this bildung-writing articulated with Deleuze and Guattari's cartography ideas beyond Barthes's biographemes examines how photographic practice can function as a form of postmodern flânerie. The photographer, by capturing fleeting and ephemeral moments, explores the city as a space of possibilities and discoveries and creates visual narratives that challenge the logic of mass production and cultural homogenization of our era. At the same time, the essay acknowledges the limitations and contradictions of this approach by raising questions about the role of the photographer and photography in a world increasingly dominated by images and technology. Photographic practice offers an aesthetic and ethical alternative to the wandering experience in an increasingly fragmented and immaterial world.

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho CIDADE, ARTE e ESPAÇO do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Fotógrafo e graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: pabloariel.fernandez@gmail.com, ID Lattes 5442829867183100

[3] Arquiteto e professor pesquisador Dr. do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA). E-mail: eirojorge@gmail.com, ORCID 0000-0002-2293-3958.

Keywords: photography; flânerie; postmodernity; advanced capitalism;

Resumen: Este ensayo explora la relación entre la práctica fotográfica y la flânerie en el contexto de un mundo contemporáneo cada vez más fragmentado, fluido e inmaterial. Flânerie se reinterpreta aquí como una forma de resistencia a la cultura del consumo y la mercantilización que caracteriza la era del capitalismo avanzado. A través de la producción fotográfica del autor, esta bildung-escritura articulada con las ideas cartográficas de Deleuze y Guattari más allá de los biografemas de Barthes examina cómo la práctica fotográfica puede funcionar como una forma de flânerie posmoderna. El fotógrafo, al capturar momentos fugaces y efímeros, explora la ciudad como un espacio de posibilidades y descubrimientos y crea narrativas visuales que desafían la lógica de la producción en masa y la homogeneización cultural de nuestra era. Al mismo tiempo, el ensayo reconoce las limitaciones y contradicciones de este enfoque al plantear preguntas sobre el papel del fotógrafo y la fotografía en un mundo cada vez más dominado por las imágenes y la tecnología. La práctica fotográfica ofrece una alternativa estética y ética a la experiencia errante en un mundo cada vez más fragmentado e inmaterial.

Palavras clave: fotografía; flânerie; posmodernidad; capitalismo avanzado.

1. INTRODUÇÃO

Desde a explosão de uma bomba atômica ao pingar de uma gota de leite, fotografar tornou-se um desafio maior à medida que o tempo avança. O papel do fotógrafo, um curador do efêmero e também um observador da velocidade das grandes metrópoles, torna-se paradoxal em um mundo onde as imagens flutuam como constelações digitais. O fotógrafo precisa ser mais rápido, mais atento às novas transformações do mundo. Os seres e todas as outras coisas parecem implorar pela imortalidade;

> Pois é preciso que a Morte, em uma sociedade esteja em algum lugar; se não está mais (ou está menos) no religioso, deve estar em outra parte: talvez nessa imagem que produz a Morte ao querer conservar a vida. (BARTHES, 1984, p. 138)

Se algum dia me aproximei dessa “morte barthiana”, foi com Henri Cartier-Bresson, um dos fundadores do coletivo Magnum Photos (figura 1), cujo trabalho serve até hoje como referência teórica e estética para os enquadramentos. Não obstante a isso, o trabalho de Cartier-Bresson é um manifesto sobre como a fotografia pode transitar entre o jornalismo e a arte, ainda como a vida tornou-se mais rápida depois da Segunda Guerra. Esse Magnum Opus, Images à la sauvette (Imagens em Fuga), mais conhecido como The Decisive Instant (O

Instante Decisivo), tradução que se deu para versão americana.

Figura 1 – "Downtown, Nova York, 1947"
Fonte: MoMA © 2023 Henri Cartier-Bresson/Magnum Photos, courtesy Fondation Henri Cartier-Bresson, Paris

A luz rebate na sintonia de uma transformação cotidiana, criando uma espécie de trocadilho visual. As pessoas e os objetos da cidade começam a fazer parte do quadro, a imagem ganha um aspecto democrático e passa a contar histórias proporcionadas pelo acaso, ora pelo banal. Esse termo, o banal, pode ser caracterizado por diversos nomes no mundo da arte, mas nenhum deles é tão intrigante e polêmico quanto a palavra "belo".

Digo que a beleza se torna um elemento essencial nessa minha jornada. Enquanto aprendiz eterno de arquitetura, toda obra do passado ainda se mostra relevante aos olhos do observador contemporâneo justamente por essa conexão atemporal. As técnicas de representação que os antigos povos do mediterrâneo empregavam ainda é usada hoje como referência. Quem poderia imaginar que centenas de anos depois toda sombra feudal do passado, hoje se tornam pedra viva no mais esplendoroso de nossos templos - ou diria grandes bancos, prédios das multinacionais, cenários de filmes e obras kitsch. Por isso tudo, o mais estranho é notar que esses ideais estéticos se dissolveram a partir da

modernidade, talvez ainda tornando-se mais subjetivos do que foram.

O post modern não precisa representar o post mortem dos métodos artísticos clássicos, seja pelos elementos materiais, seja pelo balanço e coerência das linhas douradas – tudo ainda precisa ter um sentimento de harmonia, tudo ainda precisa se parecer conosco.

Mas o costume pós-moderno me faz questionar sobre qual seria o trajeto de um flaneur dos nossos tempos? Talvez seja aquele que não apenas se resuma às calçadas urbanas, mas também pelas vias da imaterialidade, onde a realidade cede espaço à representação e à multiplicidade vê a cidade reinventada através das capturas fugidias, desabrochando como um jardim de possibilidades. Como sempre, há mais perguntas do que respostas, principalmente quando fiz uma leitura do texto de Passos et al;

> Mas o que seria flanar nos dias de hoje? O flâneur é um ponto de tensões e contradições que divide a opinião daqueles que o estudam nos dias atuais. Alguns estudiosos falam que a flânerie contemporânea passou para os shopping centers, com a movimentação diária de pessoas que não necessariamente vão ao local para consumir, mas também para “verem e serem vistas”. Agora, o flâneur contracena com cidadãos consumidores, num cenário de réplicas, ilusões. Por que não flanar pela Internet? Ou mesmo perambular de madrugada pelas ruas procurando a melhor opção de diversão disponível? Teria o flâneur do século XXI se transformado num adepto do automóvel e do microcomputador? (PASSOS et al, 2003, p. 9)

Nesse âmbito, ressurgem algumas noções pós-estruturalistas, como a noção de Cartografia de Deleuze e Guattari, que se mesclam ao formato do conceito de Biografema de Roland Barthes. Deleuze e Guattari defendem que a cartografia viabiliza uma apreensão mais fluida e processual dos fenômenos, quebra a rigidez e a fixação dos padrões tradicionais e acadêmicos de escrita, ou seja, o autor constrói sua própria dinâmica lógica. Ao invés de retratar um território de maneira estática e objetiva, a cartografia deleuzo-guattariana realça a multiplicidade, as conexões e as relações perpetuamente mutáveis entre os elementos mapeados (essenciais) da pesquisa. A proposta de "biografemas" apresentada por Barthes oferece uma perspectiva singular à narrativa biográfica. Ao divergir da mera enumeração de eventos e fatos tidos como relevantes, o autor convoca-nos a explorar os aspectos aparentemente insignificantes de uma trajetória existencial. Tais minúcias, memórias dispersas e momentos fugidios

frequentemente são relegados em favor de uma visão informacional e linear da vida de um indivíduo. Estes podem ser considerados como "Cartografemas," nos termos do ilustre Jorge Eiró;

> A função da cartografia mais a forma do biografema constituem-se como amálgama conceitual dos “Cartografemas”, narrativa autobiográfica deste arquiteto-artista-professor, resultante de sua pesquisa de mestrado, na qual investiga as matrizes culturais de suas atividades artística e docente e os modos como estas se articulam com sua formação e seu processo de criação artística. (EIRÓ, 2009, p. 4)

Os primeiros lugares a se colocarem as coordenadas seria naqueles onde a melodia e harmonia são encontradas nas vozes paraenses que gritam nos mercados e nas praças, aqui faço uma referência à ideia da Cidade Polifônica de Massimo Cavenacci;

> A cidade se caracteriza pela sobreposição de melodias e harmonias, ruídos e sons, regras e improvisões cuja soma total, simultânea ou fragmentária, comunica o sentido da obra. Estou convencido de que, por meio da multiplicação de enfoques- os "olhares" ou "vozes"- relacionados com o mesmo tema, seja possível se avizinhar mais à representação do objeto da pesquisa, que é, neste caso, a própria cidade. (CAVENACCI, 1993, p. 18)

As fotografias nesse artigo “escutam”, buscam transcender seu papel tradicional dentro desse labirinto urbano. Ao "escutar" essas imagens, penetramos em um reino de significados latentes e camadas ocultas. O que emerge não é apenas o visível, mas também o sussurro do invisível, o fluxo das histórias não contadas que se entretecem nas entrelinhas das ruas, nos recantos esquecidos dos edifícios e nas sombras que dançam ao entardecer. O clique do obturador, como um eco do passado, convoca à contemplação, convidando-nos a participar de um diálogo silencioso entre o fotógrafo, a câmera e a cidade.

A busca por transcender o papel tradicional da fotografia encontra seu propósito no contexto urbano que se reinventa constantemente. Belém, cidade de encantos e contrastes, traz consigo uma história rica e uma cultura viva. As fotografias, entretanto, não se contentam em apenas registrar essa realidade, mas anseiam capturar o espírito do lugar, o ritmo das memórias coletivas e as metamorfoses das paisagens urbanas.

Dentro desse labirinto urbano, a fotografia assume um caráter mais

introspectivo e contemplativo. Ela transcende a superfície das fachadas e mergulha nos âmagos dos espaços, ecoando as vozes dos que caminharam antes de nós. A luz que dança sobre as calçadas de pedra carrega consigo a carga da nostalgia, enquanto as sombras projetadas pelas árvores ancestrais sussurram segredos guardados por gerações.

2. *À LA SAUVETTE*

A cidade se despe perante o fotografo. Tirar fotos estabeleceu uma relação voyeurística crônica com o mundo (figura 2), que nivela o significado de todos os acontecimentos (SONTAG,1981, p. 12). Um voyeur em que a cada clique cria uma narrativa do corpo e da alma urbana, um testemunho concreto de uma busca incansável por significado e conexão.

> Embora a câmera seja um posto de observação, o ato de fotografar é mais do que uma observação passiva. A exemplo do voyeurismo sexual, é um modo de, pelo menos tacitamente, e não raro explicitamente, estimular o que estiver acontecendo a continuar a acontecer. Tirar uma foto é ter um interesse pelas coisas como elas são, pela permanência do status quo (pelo menos enquanto for necessário para tirar uma "boa" foto), é estar em cumplicidade com o que quer que torne um tema interessante e digno de se fotografar — até mesmo, quando for esse o foco de interesse, com a dor e a desgraça de outra pessoa. (SONTAG,1981, p. 12)

Um encontro com aquele que olha e aquilo que é olhado, bem como uma das alegorias urbanas a qual Susana Gastal (2017) cita uma ideia de Barthes;

> O erotismo da cidade é o ensinamento que podemos tirar da natureza infinitamente metafórica do discurso urbano. Utilizo a palavra erotismo no seu sentido mais lato [...] empregos indiferentemente erotismo ou social idade. A cidade, essencial e semanticamente, é o lugar do encontro com o outro (BARTHES, 2001, p.229).

O flâneur pós-moderno emerge como uma figura vagante e domada por um fetiche consumista, um observador errante que transita pelos labirintos urbanos da contemporaneidade, capturando fragmentos fugidios de significado em meio à cacofonia de estímulos. Em sua essência, o flâneur pós-moderno transcende a moldura tradicional do flâneur baudelairiano, que percorria as avenidas parisienses com um olhar crítico sobre a modernidade emergente.

> O modelo da Paris dos bulevares e das praças é reproduzido em muitas outras cidades, nem sempre com a mesma a competência. Ao longo do século XX, a cidade acumulará, cada vez, maior número de informação em seus espaços. A rua tornou-se, para o cidadão contemporâneo, um texto "de decifração tão difícil como sempre para os analfabetos, a cultura letrada" (Bolle, 1994, p. 288). Concentrando a discussão no espaço visual —muito embora a complicação (Harvey, 1992) não se reduza a ele—, a cidade "é um campo semântico de sinais luminosos e tabuletas de lojas, de injunções e solicitações, uma paisagem artificial criada pelo homem, o elemento fundamental da cultura do Ocidente. É nesse meio artificial que a imagem se impõe" (Moles, 1974, p. 19). São prédios e avenidas, estações de trem (ou metro, ou ônibus...) ou monumentos, mas também placas, plaquetas letreiros, outdoors, vitrines, luminosos que formatam o cenário da cidade e se dão enquanto texto, nem sempre facilmente decodificáveis. (GASTAL, 2017, p. 287)

Figura 2 – "Sem título". Belém, 2019"

Fonte: Autor

É um nômade intelectual – um tanto perdido pelos banners e demais cartazes de produtos espalhados - trazendo consigo um olhar curioso e uma mente aberta para os interstícios da vida urbana. Seu flanar não é apenas um ato de contemplação, mas uma forma de intervenção sutil, de tecer conexões inesperadas em um mundo onde as fronteiras entre realidade e ficção, local e global, se esfumam. Sendo eu também sucumbindo às seduções do turismo e do consumismo Talvez aprendendo, ou melhor, sabendo escutar como criança, desconhecendo a cidade, capaz de descrever o caráter dinâmico da vida urbana como um observador imparcial, passear sem rumo pelos mercados e praças

movimentados e desfrutar do consumo visual das mercadorias que provocam. Algo que Kellen Mallan coloca em seu artigo Strolling Through the (Post) modern City: Modes of Being a Flâneur in Picture Books a ideia de Neo-flâneur;

> Sugiro que o neo-flâneur mantém algumas das características do flâneur original, mas incorpora outras que levam em conta as mudanças trazidas pela pós-modernidade e pela globalização, particularmente o turismo e o consumo. A dupla questão no centro da discussão é que o turismo e o consumo como agentes da globalização cultural oferecem uma maneira diferente de pensar sobre o fenômeno da flânerie. Embora o flâneur possa ser considerado o precursor do turista, a discussão considera como diferentes modos de flânerie, como o turista-flâneur, são um resultado inevitável da mercantilização das atividades que acompanham o passeio pelo espaço urbano (pós) moderno [...] O romance do flâneur, adulto ou infantil, é ainda mais diminuída na era do alto capitalismo e da cultura mercantil. O flâneur original não consumia. (MALLAN, 2012, p. 56-57)

Dotado de uma aguçada sensibilidade estética, o flâneur pós-moderno não apenas escuta, mas também participa dessa fuga contemporânea. Ele absorve a estética fragmentada da cultura de massa, colhendo elementos estilísticos de épocas distintas e subvertendo-os em um ato de recriação;

> O que ocorreu é que a produção estética hoje está integrada à produção das mercadorias em geral: a urgência desvairada da economia em produzir novas séries de produtos que cada vez mais pareçam novidades (de roupas a aviões), com um ritmo de *turn over* cada vez maior, atribui uma posição e uma função estrutural cada vez mais essenciais à inovação estética e ao experimentalismo. Tais necessidades econômicas são identificadas pelos vários tipos de apoio institucional disponíveis para a arte mais nova, de fundações e bolsas até museus e outras formas de patrocínio. (JAMESON, 1996, p. 30)

No capitalismo avançado, essa lógica marxista continua relevante. Os fotógrafos pós-modernos, inseridos nesse cenário, exploram a complexidade das relações entre a imagem, o capital e a cultura (figura 3). Eles desafiam as noções tradicionais de autoria, originalidade e verdade fotográfica. Em um mundo onde a produção e circulação de imagens acontecem em velocidades vertiginosas, a autenticidade muitas vezes dá lugar à apropriação e à remixagem.

Figura 3 – Sem título, Belém, 2022

Fonte: Autor

Assim como Karl Marx viu a alienação no trabalho industrial (MARX, 2002, p. 112), o fotógrafo pós-moderno muitas vezes se sente alienado pela natureza fugaz e efêmera da produção e consumo de imagens. O esforço para criar uma imagem significativa pode ser subjugado pela demanda por conteúdo rápido e viral. Nesse contexto, a fotografia pode ser explorada como uma mercadoria, moldada pelas forças do mercado, em vez de uma expressão artística pura.

Além disso, os fotógrafos pós-modernos frequentemente questionam os sistemas de representação visual. Eles exploram a multiplicidade de perspectivas e narrativas, desafiando a ideia de que uma única imagem pode capturar a complexidade da realidade. Essa abordagem ressoa com a crítica marxista à ideologia dominante, que simplifica e oculta as contradições inerentes ao sistema capitalista.

> Embora o presente seja o principal foco temporal, ele é constantemente corroído pelas preocupações em relação ao futuro global, individual e coletivo, ameaçado por uma economia caótica que se revela de maneira cada vez mais evidente a cada dia. A superficialidade e a frivolidade da vida são contrastadas pela pobreza social e pelas tragédias enfrentadas pelos marginalizados. (LIPOVETSKY, 2015, p. 21)

Devo comentar também que o mero ato de tentar "mapear simbolicamente" o habitante belenense a partir de uma exploração superficial dos espaços públicos e privados revela-se insuficiente. É nesse contexto que emerge o conceito de "polifonia", uma chave interpretativa central na obra deste antropólogo perspicaz.

A cidade polifônica se revela como um palco onde múltiplas vozes entrecruzam-se nas vielas, praças, mercados, becos e praças, cada uma clamando por atenção e espaço de expressão (figura 4).

Figura 4 – "Batista Campos", Belém, 2017

Fonte: Autor

Essas vozes ecoam pelas fachadas das lojas, ressoam nos corredores dos centros culturais e se misturam nos recantos dos cafés. O resultado é um coro de significados, um mosaico de discursos que coexistem e se interpenetram nas entranhas da urbe;

> A cidade é compreendida como um organismo subjetivo que inventa valores e modelos de comportamentos estruturados por uma linguagem própria, baseada em intervalos delimitados pela ação dos indivíduos que habitam o espaço urbano. (MARTINS, 2011, p. 254)

A medida que nossa interpretação ainda toma como base os elementos estéticos, o flâneur-fotógrafo, ao absorver os elementos estilísticos das diferentes épocas, não apenas recicla o passado, mas também o reinscreve no presente. Esse ato de ressignificação é uma afirmação da capacidade humana

de criar, transformar e transcender, mesmo em meio à voragem da produção massificada.

A conexão entre economia e estética também reflete uma interdependência fundamental na sociedade atual. A inovação estética não é apenas uma resposta à demanda incessante por novidades, mas também uma forma de resistência criativa. Assim, nesse cenário pós-moderno, as fotografias tornam-se um portal para a introspecção e a conexão com a essência da cidade. Como Susan Sontag sugere em suas explorações semióticas, as imagens capturadas possuem uma capacidade quase mágica de evocar o passado, instigar questionamentos e incitar a imaginação. Elas não apenas enxergam o visível, mas também revelam o invisível, convidando-nos a transcender as fronteiras da superfície e a mergulhar nas profundezas da experiência humana entrelaçada com o espaço urbano (figura 5).

Em última análise, o flâneur pós-moderno se destaca como um arauto do olhar atento e da reflexão profunda. Em um mundo inundado por estímulos

Figura 4 – "Batista Campos", Belém, 2017
Fonte: Autor

efêmeros, ele se eleva como um guardião da contemplação, um observador que enxerga além das superfícies para captar as texturas sutis e os matizes ocultos. Sua jornada não é apenas uma exploração da cidade, mas uma exploração de si mesmo em relação a esse ambiente em constante transformação. Nesse encontro entre o indivíduo e a cidade, entre o efêmero e o eterno, entre o caos e a harmonia, emerge um diálogo etéreo que ressoa nas ruas e nos corações daqueles que têm a sensibilidade de ouvir.

REFERÊNCIAS

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica*: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004 (reimpresso em 2011). Resenha de: MARTINS, Diêgo Marinho. Outros Tempos, São Luís, v.9, n.13, p.252-254.jul. 2012.

EIRÓ, Jorge. *A Day in the Life - Um dia na vida de um aprendiz de arquiteto*. VIII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte. 2011.

GASTAL, Susana. *Alegorias Urbanas*: o passado como subterfúgio. Campinas: Papirus, 2006.

JAMESON, Fredric. *Pós-Modernismo*: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A estetização do mundo*: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

MALLAN, Kerry. *"Strolling Through the (Post)modern City:* Modes of Being a Flâneur in Picture Books." The Lion and the Unicorn, vol. 36 no. 1, 2012, p. 56-74. Project MUSE, doi:10.1353/uni.2012.0002.

PASSOS et al. O novo flâneur. In. *Revista Eclética*. No. 17. Julho/Dezembro, 2003, pp. 6-10. Portal PUC RIO Digital. http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/2%20%20o%20novo%20fl%C3%A2neur.pdf Acesso em: agosto 2023.

SONTAG, Susan. *Ensaios sobre fotografia*. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

AS INFLUÊNCIAS DA BELLE ÉPOQUE NO PALACETE FACIOLA

BELLE ÉPOQUE INFLUENCES AT PALACETE FACIOLA

INFLUENCIAS DE LA BELLE ÉPOQUE EN EL PALACETE FACIOLA

Evellyn Pamela Corrêa Machado[1]
Vera Maria Segurado Pimentel[2]

Resumo: Este texto visa abordar os aspectos histórico-sociais e culturais acerca do Palacete Faciola, assim como do estilo que predomina no casarão, o *Art Nouveau*. Além disso, objetiva-se tratar sobre patrimônio cultural e o seu valor enquanto memória, relacionando o conceito de identidade cultural à construção de uma sociedade. Assim, expõe-se a crucialidade da salvaguarda do patrimônio em uma cultura, e, devido a persistência dos problemas de preservação, evidencia-se a significação do Faciola, tal como, os desafios enfrentados. Logo, este estudo se dá a partir dos autores Bassalo (2008), Pacheco et.al. (2009) e Viégas (2011), como também das visitas realizadas no Palacete Faciola. Conclui-se então, que é imprescindível fomentar as ações de conservação dos patrimônios culturais, especialmente do Palacete Faciola. Revela-se essencial a aplicação eficaz de propostas de educação patrimonial mais consistentes, principalmente de iniciativas governamentais.

Palavras-chave: *Belle Époque*; Palacete Faciola; Patrimônio; *Art Nouveau*.

Abstract: This text aims to address the historical, social and cultural aspects of Palacete Faciola, as well as the style that predominates in the mansion, Art Nouveau. In addition, the objective is to deal with cultural heritage and its value as memory, relating the concept of cultural identity to the construction of a society. Thus, the cruciality of safeguarding heritage in a culture is exposed, and, due to the persistence of preservation problems, the significance of Faciola is highlighted, as well as the challenges faced. Therefore, this study is based on the authors Bassalo (2008), Pacheco et.al. (2009) and Viégas (2011), as well as visits to Palacete Faciola. It follows, then, that it is essential to promote actions for the conservation of cultural heritage, especially Palacete Faciola. The effective application of more consistent heritage education proposals is essential, especially governmental initiatives.

Keywords: *Belle Époque*; Palacete Faciola; Patrimony; *Art Nouveau*.

[1] Graduanda de Licenciatura em Artes Visuais (UNAMA – 2018). *ivymachado9@gmail.com*
[2]Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA - 2022). *pimentel_106@hotmail.com* ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1482-9680
ST 2 : CIDADE,ARTE E ESPAÇO.

Resumen: Este texto pretende abordar los aspectos históricos, sociales y culturales del Palacete Faciola, así como el estilo que predomina en la mansión, el Art Nouveau. Además, el objetivo es tratar el patrimonio cultural y su valor como memoria, relacionando el concepto de identidad cultural con la construcción de una sociedad. Así, se expone la crucialidad de salvaguardar el patrimonio en una cultura y, ante la persistencia de los problemas de conservación, se destaca la trascendencia de Faciola, así como los desafíos que enfrenta. Por lo tanto, este estudio se basa en los autores Bassalo (2008), Pacheco et.al. (2009) y Viégas (2011), así como visitas al Palacete Faciola. De ello se deduce, pues, que es imprescindible impulsar actuaciones para la conservación del patrimonio cultural, en especial del Palacete Faciola. Es fundamental la aplicación efectiva de propuestas de educación patrimonial más coherentes, especialmente iniciativas gubernamentales.

Palabras clave: *Belle Époque*; Palacete Faciola; Patrimonio; *Art Nouveau*.

1 INTRODUÇÃO

Para esse artigo foi realizado um estudo que engloba a historicidade e problemáticas acerca do Palacete Faciola, localizado em Belém do Pará, tendo como ponto de partida, o período da *Belle Époque,* até a recuperação desse espaço atualmente. Com isso, surge a necessidade de abordar os problemas de educação patrimonial, diante da situação vivida durante esses anos. Nesse sentido, nota-se um fator preocupante: a falta de reconhecimento enquanto patrimônio. Por isso, tem-se como objetivo neste texto, apresentar medidas que podem ser realizadas, para que haja uma maior valorização e conhecimento desse espaço. Dessa forma, será feita uma abordagem reflexiva e de pesquisa, com fins de solucionar o problema, além de uma prospecção detalhada do período da Belle Époque e do próprio Palacete Faciola.

Além disso, será contextualizado mais especificamente, o estilo artístico predominante na construção do palacete, sendo este, o *Art Nouveau*. O *Art Nouveau*, por sua vez, encontra-se em predominância no casarão, portanto, a abordagem desse estilo será realizada de maneira mais aprofundada, a partir do livro *Art Nouveau em Belém* de Célia Coelho Bassalo (2008).

Quanto aos assuntos que serão retratados, estes decorrerão da análise de pesquisas bibliográficas e de campo, assim como, apresentação de imagens fotográficas que expressam os tópicos citados anteriormente.

2 O PERÍODO DA BELLE ÉPOQUE

O termo *Belle Époque* é proveniente da língua francesa, e expressa seu significado em português, como “bela época”. Esse período teve início em1870, a partir da demanda da Revolução Industrial e, por isso, tornou-se um momento histórico com grande impulso no desenvolvimento tecnológico e comercial, partindo dos países ocidentais, especialmente da Europa. Portanto, várias áreas do Brasil também estiveram sob influência desse processo, principalmente Belém do Pará, devido a abundância de látex no estado, enquanto matéria prima. Dessa forma, descobriu-se rapidamente essa localidade como imprescindível para as relações industriais, tendo em vista a importância da extração do látex para a produção da borracha, a fim de posteriormente ser comercializada. (Petrin, 2014)

Contudo, a indústria comercial não teve um papel exclusivo nas transformações ocasionadas por esse período, pois, apesar da proeminência monetária durante a construção da *Belle Époque* em Belém, ocorreram mudanças significativas na cultura local, sendo elas em sua maioria, originárias da França. Consequentemente, logo após se estabelecer o progresso industrial, tem-se o aparecimento de novos modos socioeconômicos. Assim, a cidade se encontrou meio às inovações e transformações culturais, que influenciaram a maior parte das edificações e a vivência da sociedade paraense. (Toda Matéria, 2022)

Durante as transformações que acarretaram mudanças substanciais no Pará e no Amazonas, as mais evidentes ao povo foram as inovações nos hábitos culturais e o surgimento de novas construções arquitetônicas. Entretanto, grande parte dessas criações executadas na cidade, advinham dos modelos de vida em Paris. À vista disso, obteve-se uma expansão que proporcionou especialmente à burguesia, o proveito de tais projetos, como:

teatros, cinema e comercialização de obras de arte. Apesar da forte influência parisiense, ao trazer seus principais elementos culturais, inclusive, alguns materiais propriamente fabricados em território francês, ocorreu também a mistura dos estilos regionais na composição artística da cidade, como o marajoara e tapajônico. (Pacheco *et.al.* 2009)

> Vivenciando o clima de poderio econômico, a sociedade burguesa de fins do século XIX, já refinada culturalmente, eufórica e despreocupada, necessitava de uma arte que refletisse esse ilusório entusiasmo, provocado pela relativa paz social e pelo avanço da tecnologia, e que satisfizesse às suas exigências práticas e "culturais". (Bassalo, 2008, p. 9 - 10).

A partir da citação acima, tem-se uma perspectiva melhor sobre o surgimento dos estilos que predominaram a arte local naquela época, e que perseveram até os dias atuais. Em virtude disso, pode-se perceber a influência europeia nas construções da cidade de Belém, que logo se tornou a metrópole mais desenvolvida do Brasil nesse período. Isto é, primordialmente, devido ao látex encontrado na região, que alavancou seu processo de desenvolvimento, e deu continuidade no progresso industrial e cultural. Porém, não foi somente a produção massiva que se sobressaiu na "bela época", houve um salto importante no que se refere à harmonia coletiva, ao estabelecer a paz social e um status de uma cidade elevada em diversos níveis. Por isso, percebeu-se a necessidade de uma arte mais rebuscada e moderna, que representasse aquele momento histórico, levando às transformações que refletem até a realidade atual. (Bassalo, 2008, p. 9 – 10)

Fig 1 – Teatro da Paz
Fonte: CONFEA, G1 PARÁ, 2019.

Fig. 2 – Cine Olympia
Fonte: Acervo Cine Olympia, G1 PARÁ, 2019.

3 A HISTÓRIA DO PALACETE FACIOLA

Em virtude das mudanças econômicas e sociais que ocorreram na *Belle Époque*, a estrutura da arquitetura na cidade também foi transformada de acordo com as exigências desse contexto, principalmente aquelas que beneficiavam a burguesia. Este período histórico foi marcado pela flexibilidade nas inovações que visavam o progresso para Belém e para a população. (Cruz, 2019)

> A saber: O final do século XIX é marcado por muitas mudanças no panorama urbano nortista, dessa forma há o aparecimento de fachadas decoradas com figuras e festões de gosto eclético. Nota-se uma ruptura entre as formas tradicionais de viver e construir, surgindo assim uma busca por padrões construtivos e técnicos capazes de estabelecer uma imagem desejada de modernidade, dessa forma gerando novas tipologias de moradia. (Cruz, 2019, s/p)

No decorrer das modificações urbanas e do modo de viver da sociedade, houve a necessidade de se renovar em uma nova arte que acompanhasse os padrões da época, portanto, rompendo com os modelos antigos e seguindo a fluidez dos avanços que ocorriam. Dessa maneira, alguns estilos arquitetônicos foram integrados na estruturação da cidade e, por isso, trazendo para a mesma o ecletismo. Essa mistura é evidente no Palacete Faciola, porém, percebe-se que há uma predominância do *Art Nouveau*, especificamente. (Cruz, 2019).

A modernização urbanística apresentou muitas construções luxuosas que refletem até os dias atuais, como os palacetes e dentre eles o Faciola, o qual começou a ser edificado a partir de 1895, por Bento José da Silva Santos, primeiro morador do local. O proprietário foi construtor e dono da loja de construção civil em Arapiranga, responsável pelo fornecimento dos materiais utilizados na construção do Palacete Silva Santos, como era conhecido na época, lugar que pertenceu a ele por pelo menos 17 anos. (FAU ITEC UFPA, 2022).

O próximo proprietário do palacete veio a ser Antonio Almeida Faciola, um pianista, arquiteto, político e chefe de uma importante família tradicional de comerciantes da cidade na época, que acompanhou todas as transformações, especialmente no que se refere aos estilos arquitetônicos que surgiram nesse tempo. Portanto, é possível notar essas influências da *Belle Époque* na composição do casarão onde ele residia, pois em cada detalhe está presente sua forte ligação com determinado período. Atualmente o local é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN) e reconhecido como patrimônio cultural de Belém do Pará. (Banco da Amazônia. Portal Pará Amazônia, s/d). O prédio esteve por muito tempo em estado de pleno abandono e total descaso. Contudo, o atual governo do Estado do Pará deu início ao processo de restauração completa do espaço, concluindo a entrega em 2022. Em entrevista ao *site* Rede Pará, o titular da Secretaria de Cultura (SECULT), Bruno Chagas afirma:

> Tivemos uma aceitação muito grande do público, que agora pode usufruir e conhecer um pouco da trajetória, do patrimônio, da formação da história urbanística da cidade de Belém. Daqui *pra (sic)* frente a SECULT se volta para a realização de programações e atividades em conjunto com o Sistema Integrado de Museus e Memoriais, Museu da Imagem e do Som e a educação patrimonial com o DPHAC. (Soares, 2022)

Durante a reforma do lugar, foram mantidos vários elementos originais de sua construção finalizada em 1901, a fim de preservar a história e memória. Com isso, após sua reinauguração em 25/06/2022, a funcionalidade passou a ser museológica e de pesquisa. Portanto, atualmente o palacete se encontra disponível ao público para visitação ainda gratuita, de terça-feira a domingo, no horário de 9h às 17h. (O Guia de Belém, 2022).

Fig. 3 – Fachada do Palacete Faciola
Fonte: O Guia de Belém, 2022.

As transformações e eventos que acontecem no decorrer do tempo caracterizam e constroem a história e identidade de um lugar, e, mesmo que o desenvolvimento tecnológico ocorra de forma expansiva nos meios sociais, é inexecutável o apagamento dos rastros histórico-sociais. A partir do momento que há uma necessidade de registrar, seja através da fotografia ou da própria memória, este torna-se um referencial da sua identidade cultural e pessoal. (BEZERRA, 2022).

As mudanças temporais acarretam partes de alguns patrimônios, mas o assunto está sendo cada vez mais discutido e gerando ações para a preservação daquilo que possui extrema significação para uma comunidade, devido ao fato de que quanto mais o lugar é apagado, mais são anuladas as relações do ser humano com ele. Como já havia dito Paes Loureiro “desfalcar uma cidade dos seus monumentos históricos, dos seus prédios, de seu patrimônio cultural, é como ir desgastando, mutilando, extirpando as partes da alma de uma pessoa”. (Loureiro, *apud.* Fernandes; Silva; Miranda (Org.), 2014.

> De acordo com o Decreto, o Patrimônio Cultural é definido como um conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação é de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. São também sujeitos a tombamento os monumentos naturais, sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou criados pela indústria humana. (IPHAN, s/d)

O Patrimônio Cultural, seja material ou imaterial, encontra-se basicamente no conceito de formador e contador da identidade de qualquer lugar, fomentando a cultura da sociedade atrelada a ele. Em vista disso, esses bens são de suma importância para viabilizar a permanência da memória de uma cidade, por exemplo. Sem a sua salvaguarda, seria dificultoso manter as tradições e transmitir a cultura que cada local possui, sendo possível excluir qualquer fato histórico relacionado a ele. (Bezerra, 2022)

A maior problemática encontrada para restaurar e conservar o patrimônio é o baixo interesse das administrações públicas em agir diante de móveis e imóveis em situação precária, deixando à mercê do tempo e de outros interesses. Faz-se necessário assim mais políticas públicas que os assegure e que permita também que o cidadão reconheça enquanto parte crucial de sua história, como criar leis que tragam punição legislativa àqueles que descumprirem. Contudo, é imprescindível realizar mais ações de educação patrimonial, principalmente no que concerne ao governo. Atualmente, apesar do tema ser muito discutido devido ao reconhecimento de diversos patrimônios de extrema importância para a população mundial, assim como ações de proteção, ainda é notável certa negligência em relação a muitos. (MPPA, 2019)

4 ART NOUVEAU NO PALACETE FACIOLA

O cenário da Revolução Industrial permitiu a amplificação do mercado mundial, favorecendo ainda mais o sistema capitalista, e, houve o surgimento da burguesia industrial. Contudo, deu-se espaço no mercado para todos que produzissem fortunas e alimentasse a economia, dessa forma, transformando as relações socioeconômicas do mundo todo. A transição de uma época mais clássica para a modernidade foi evidente, logo, quando se estabeleceu um equilíbrio mercantil e social, percebeu-se a facilidade da comercialização de obras de arte, levando a classe burguesa à necessidade de uma representação artística daquele período que estavam vivendo, por isso aos poucos foi se consolidando o estilo *Art Nouveau*. (Bassalo, 2008).

Essa arte foi crescendo e se moldando em vários países, com influência dos pré-rafaelitas e dos simbolistas, gerando diversos termos para o estilo, como *modern style* na Inglaterra, a partir do desenho de Arthur Heygate Mackmurdo, em 1883 para a capa de seu próprio livro denominado *A Igreja de Wren*, demonstrando as linhas orgânicas, curvas e ornamentais. **(**Bassalo, 2008)

No entanto, foi na França que se criou a expressão *Art Nouveau*, sendo possivelmente a mais conhecida e a que se consolidou no Brasil, devido às fortes influências sofridas pelo país francês no contexto da industrialização. Como mencionado anteriormente, o estilo percorreu por diversos países na busca de originalidade e desenvolvimento, ganhando força até a sua solidificação, então, formou-se uma estética diversificada. Segundo estudiosos, identifica-se objetivos notórios no *Art Nouveau*, e alguns possuem mais destaque que outros, como: quebrar os padrões tradicionais, de forma a encerrar o processo repetitivo do passado; adicionar o valor artístico à vivência daquele momento, unindo a funcionalidade à estética do belo, de acordo como o reflexo da burguesia; produzir uma arte que propusesse a inovação e que projetasse o novo no geral, assim como o pensamento racional diante de algumas questões. (Bassalo, 2008)

Embora tenha sido fomentada a ideia de rompimento com a Antiguidade e Idade Média, percebe-se que não foi isso que ocorreu de fato, tendo em vista que não é possível essa separação, pois, o que levou à singularidade do *Art Nouveau* foi a maneira como se trabalhou a questão do tempo, assim como o espaço de florescimento do estilo. (*Ibiden*)

Diante disso, essa corrente artística se fez eclética de certo modo, por manifestar diferentes elementos e assim firmando sua originalidade. Assim sendo, o estilo adquiriu um valioso destaque na história da arte, marcando a passagem do Neoclassicismo para o Modernismo e inovando o comércio artístico. Devido ao seu visual marcante, tem-se muitas particularidades que se sobressaem, e algumas delas são: formas orgânicas; linhas assimétricas e onduladas; dualismo na utilização dos materiais; aspecto ornamental; uso de metal e madeira e existência de vitrais e mosaicos.

Fig. 4 – Detalhes do Palacete Faciola
Fonte: Evellyn Machado, 2022.

Fig. 5 – Detalhes do Palacete Faciola
Fonte: Evellyn Machado, 2022.

Fig. 6 – Detalhes do Palacete Faciola
Fonte: Evellyn Machado, 2022.

Fig. 7 – Detalhes do Palacete Faciola
Fonte: Evellyn Machado, 2022.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa perspectiva, observa-se como o período da *Belle Époque* marcou não somente a trajetória da história de Belém do Pará, mas reflete igualmente a magnitude do Palacete Faciola nos dias atuais enquanto patrimônio cultural da cidade. Na atualidade, muito do que representa culturalmente a cidade paraense é o reflexo do percurso das transformações ocorridas nessa época, levando em consideração as diversas questões sociais, econômicas e artísticas que sofreram influências europeias, originadas a partir da Revolução Industrial e especialmente no fervor da produção da borracha.

A predominância do *Art Nouveau* no palacete se faz notório, desde a grandiosa entrada aos menores detalhes, evidenciando o percurso histórico do lugar, assim como, agregando à cidade seus aspectos sociais, históricos e culturais. Dessa maneira, o patrimônio em questão destaca a importância da educação contínua a respeito dos valores que devem ser reconhecidos e preservados, do mesmo modo que se deve elaborar e aplicar propostas de educação patrimonial mais consistentes na realidade vivenciada.

REFERÊNCIAS

AGENCIA PAPOCA. Art Nouveau: O que é, características e obras do estilo. In: *LAART*. Disponível em: https://laart.art.br/blog/art-nouveau/. Acesso em: 27 nov. 2022.

BANCO DA AMAZÔNIA. PORTAL PARÁ AMAZÔNIA. *Palacete Faciola*. Disponível em: http://pportalparamazonia.blogspot.com/2016/01/palacete-faciola.html. Acesso em: 08 nov. 2022.

BASSALO, Célia Coelho. *Art Nouveau em Belém*. Brasília, DF: Iphan/Programa Monumenta, 2008.

BEZERRA, Juliana. Patrimônio Cultural. *In: TODA MATÉRIA*. Disponível em: https://www.todamateria.com.br/patrimonio-cultural/. Acesso em: 15 nov. 2022.

CONFEA. Theatro da Paz é ícone de produção cultural de qualidade no Pará. In: *G1 PARÁ*. Belém,18/10/2019. Disponível em: https://g1.globo.com/pa/para/especialpublicitario/confea/noticia/2019/10/18/theatro-da-paz-e-icone-de-producao-culturalde-qualidade-no-para.ghtml. Acesso em: 20 set. 2022.

CRUZ, Ana Maria. BELÉM DOS ECLETISMOS – Elementos decorativos marcam as casas burguesas no bairro de Nazaré. Belém, 14/11/2019. *In: LAMEMO*. Disponível em: http://arquiteturaufpamemoria.blogspot.com/2019/11/belem-dos-ecletismoselementos.html. Acesso em: 13 nov. 2022.

FERNANDES, Paulo; SILVA, Rosário; MIRANDA, Victorino (Org.). *BELÉM DA SAUDADE*. 4. ed. rev. aum. – Belém: Secult, 2014.

G1 PARÁ. *Cine Olympia completa 107 anos com programação diversificada.* Belém, 03/04/2019. Disponível em: https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/04/03/cine-olympia-completa-107-anoscom-programacao-diversificada.ghtml. Acesso em: 20 set. 2022.

IPHAN. *Bens Tombados*. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20Decreto,ou%20etnogr%C3%A1fico%2C%20bibliogr%C3%A1fico%20ou%20art%C 3%ADstico. Acesso em: 15 nov. 2022.

O GUIA DE BELÉM. *Palacete Faciola*. Disponível em: https://oguiadebelem.com.br/local/palacete-faciola/. Acesso em: 08 nov. 2022.

FAU ITEC UFPA. *O Projeto Laboratório Virtual. A origem dos materiais de construção do Palacete Faciola*. Belém, 19/10/2022. Disponível em: https://fauufpa.org/2022/10/19/a-origem-dos-materiais-de-contrucao-do-palacetefaciola/. Acesso em: 19 nov. 2022.

MPPA. ASCOM PA. *Audiência pública debate dificuldades na preservação do patrimônio histórico.* Belém, 17/04/2019. Disponível em: https://www2.mppa.mp.br/noticias/audiencia-publica-debate-dificuldades-napreservacao-do-patrimonio-historico.htm. Acesso em: 22 nov. 2022.

SOUZA, Cellayne; FERRANTI, Tatiara; PACHECO, Agenor. Arte e Cultura na Belém da *Belle Époque*. In: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Porto Velho – 18 a 20 de junho de 2009. Disponível em:http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2009/resumos/R18-0156-1.pdf. Acesso em: 11 out. 2022.

PETRIN, Natália. *Belle Époque*. Belém, 07/05/2014. In: *Estudo Prático*. Disponível em: https://www.estudopratico.com.br/belle-epoque/. Acesso em: 25 set. 2022.

PRETTI, Gilmar. Palacete Faciola, patrimônio arquitetônico de Belém, é reinaugurado e vira Centro Cultural. Belém, 27/06/2022. In*: CBN Amazônia.* Disponível em: https://cbnamazonia.com/cidades/belem/palacete-faciola-patrimonioarquitetonico-de-belem-e-reinaugurado-e-vira-centro-cultural. Acesso em: 08 nov. 2022.

SOARES, Benigna. Centro Cultural Palacete Faciola inaugurado em Belém. Belém, 27/06/2022. In*: REDE PARÁ*. Disponível: https://redepara.com.br/Noticia/226169/centro-cultural-palacete-faciola-inauguradoem-belem. Acesso em: 15 nov. 2022.

TODA MATÉRIA. *Ciclo da Borracha*. Disponível em: https://www.todamateria.com.br/ciclo-da-borracha/. Acesso em 25 set. 2022.

VIÉGAS, Harife. Belle Époque Amazônica. Belém, 04/03/2011. In*: Realidades Urbanas*. Disponível em: http://realidadeurbanas.blogspot.com/2011/03/belleepoque-amazonica.html. Acesso em: 25 set. 2022.

AUDIODESCRIÇÃO EM SANTUÁRIOS: ABORDAGEM INCLUSIVA PARA A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E PATRIMONIAL [1]

AUDIO DESCRIPTION IN SANCTUARIES: ARTISTIC AND HISTORICAL HERITAGE EDUCATION INCLUSIVE APPROACH

AUDIO DESCRIPCIÓN EN SANTUARIOS: ENFOQUE INCLUSIVO A LA EDUCACIÓN ARTÍSTICA Y PATRIMONIAL.

Kamilly Malcher de Barros[2]
Marco Antonio Freitas e Silva[3]
Fernando do Nascimento Moller[4]

Resumo: A presente obra tem por objetivo, a elaboração de um projeto de pesquisa visando a Audiodescrição aliada à análise iconográfica do acervo de vitrais pertencentes ao Santuário São Francisco de Assis. Esta investigação torna-se potencializadora no campo da iconografia religiosa, arte vitralista, e na inclusão artística e patrimonial para pessoas portadoras de deficiência visual. A relevância neste ramo acadêmico está associada ao reduzido acesso às temáticas relacionadas à audiodescrição em acervos históricos arquitetônicos, assim como pesquisas iconográficas e investigações ligadas à inclusão em patrimônios culturais. Para tanto, a pesquisa visa aliar o potencial da AD como ferramenta de inclusão ao Estudo Iconográfico, viabilizando projetos que unam a educação artística e patrimonial à inclusão cultural do indivíduo.

Palavra chaves: Audiodescrição, Inclusão, Iconografia, Santuário, Vitral.

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Simpósios de Trabalho (ST) do 10º Confluências, ST2 – CIDADE, ARTE e ESPAÇO do 10° Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade daAmazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Estudante de pós-graduação em Lato Sensu no curso de Engenharia e Segurança do Trabalho no Instituto Federal Sul de Minas. Bacharel formada com láurea acadêmica em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará; email: kamilly.barros@itec.ufpa.br; ORCID: 0009-0004-2037-8809.

[3] Estudante de pós-graduação em Lato Sensu no curso de Engenharia e Segurança do Trabalho no Instituto Federal Sul de Minas. Bacharel formada com láurea acadêmica em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará; email: marco.silva@itec.ufpa.br ORCID: 0009-0005-1267-340x.

[4] Mestre em Letras (área de concentração: Estudos Literários) pela Universidade Federal do Pará. Especialista em Educação e graduado em Licenciatura Plena em Letras com habilitação em Português e Inglês pela Escola Superior Madre Celeste (2007). Atualmente é professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em ensino de Língua Portuguesa, Didática e Práticas de Ensino de Literatura e Literatura Luso-brasileira.; email: fernando.moller@ifpa.edu.br ORCID: 0000-0002-4721-3287.

Abstract: The objective of this research is the elaboration of a project aiming at Audiodescription allied to the iconographic analysis of the collection of stainedglass belonging to the São Francisco de Assis Sanctuary. This investigation becomes potentiating in the field of religious iconography, stained glass art, and artistic and heritage inclusion for people with visual impairments. The relevance in this academic study is associated with reduced access to themes related to audio description in historical architectural collections, as well as iconographic research and investigations related to inclusion in cultural heritage. To this end, the research aims to combine the potential of AD as an inclusion tool with the Iconographic Study, enabling projects that unite artistic and heritage education with the cultural inclusion of the individual.

Keywords: Audiodescription, Inclusion, Iconography, Sanctuary, Stained glass.

Resumen: El objetivo de este trabajo es la elaboración de un proyecto de investigación con vistas a la Audiodescripción aliada al análisis iconográfico de la colección de vidrieras pertenecientes al Santuario de São Francisco de Assis. Esta investigación se vuelve potencializadora en el campo de la iconografía religiosa, el arte de las vidrieras y la inclusión artística y patrimonial de las personas con discapacidad visual. La relevancia en esta rama académica está asociada al reducido acceso a temas relacionados con la audiodescripción en los acervos históricos arquitectónicos, así como investigaciones iconográficas e investigaciones relacionadas con la inclusión en el patrimonio cultural. Para ello, la investigación pretende combinar el potencial del DA como herramienta de inclusión con el Estudio Iconográfico, posibilitando proyectos que combinen la educación artística y patrimonial con la inclusión cultural del individuo.

Palabras clave: Audiodescripción, Inclusión, Iconografía, Santuario, Vitral.

1. INTRODUÇÃO

A audiodescrição (AD), de acordo com a audiodescritora Graziela Pozzobon e a curadora Lara Pozzobon, consiste na descrição clara e objetiva de todas as informações que compreendemos visualmente e que não estão contidas nos diálogos: como expressões faciais e corporais, informações sobre o ambiente, figurinos, efeitos especiais, mudanças de clima, tempo ou espaço. Esta tradução intersemiótica permite a transformação de signos visuais em signos verbais, sendo fundamental para que pessoas portadoras de deficiência visual ou com visão reduzida sejam inseridas plenamente na sociedade.

Para tanto, a pesquisa visa aliar o potencial da AD como ferramenta de inclusão ao Estudo Iconográfico, viabilizando projetos que unam a educação artística e patrimonial à inclusão cultural dos indivíduos com deficiência visual.

Desta forma o Santuário de São Francisco de Assis foi elegido devido a sua coletânea de vitrais, os quais abrangem a história de São Francisco de Assis e demais temáticas religiosas. Os vitrais são capazes de transmitir conhecimentos históricos, embelezamento arquitetônico e contemplação artística. A temática deste estudo deriva do entendimento de que este elemento artístico, o vitral, só pode ser apreciado por indivíduos sem barreiras visuais, as pessoas que portam deficiência visual, intelectual, ou outras condições que necessitem da tradução intersemiótica não conseguem entender plenamente o seu significado artístico e patrimonial.

Visando a inclusão de pessoas portadoras de deficiência visual, este trabalho justifica-se na necessidade do desenvolvimento de uma metodologia para incluir este indivíduo no ambiente religioso plenamente, e tornar acessível o conhecimento sobre elementos artísticos e históricos, mediadores fundamentais da importância patrimonial na cidade de Belém, com o uso da Audiodescrição, sendo este um recurso que auxilia no acesso de conteúdos visuais, podendo ser divididos em audiovisuais como filmes, teatros, palestras e eventos; ou imagens estáticas como fotografias, gráficos, planilhas, obras de arte, que no contexto do Santuário de São Francisco de Assis, as lacunas visuais presentes que necessitam deste método são os Vitrais.

Os Objetivos deste trabalho serão em torno da perspectiva das barreiras existentes no viver da pessoa com deficiência visual, e o dever de todos incluir estes indivíduos em todo e qualquer ambiente social, não excluindo Santuários Religiosos. Esta iniciativa está ligada a inclusão e a proteção ao patrimônio cultural. Firmando esta relação, Motta(2020) descreve que o uso da AD é uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e a informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar, além das pessoas com deficiência visual, a audiodescrição amplia também o entendimentos de pessoas portadoras de deficiência intelectual, idosos e disléxicos.

A partir desta introdução aos elementos norteadores da pesquisa, entende-se como necessário explorar as possibilidades que a tradução intersemiótica, que consiste a audiodescrição, em consonância com as

interpretações dos estudos iconográficos, nos possibilita, utilizando a AD como ferramenta fundamental de inclusão social, e educação patrimonial e artística. O estudo estará dividido em partes para melhor organização da pesquisa, sendo a primeira relacionada ao histórico do Santuário, e a escolha do *revival* frente à uma mudança de paradigmas mundiais da arquitetura do período. Por conseguinte, a origem histórica do vitral, técnicas vitralistas e correlacionar os Estudos Iconográficos de Panofsky a Audiodescrição, propondo assim uma metodologia de implementação da AD no Santuário São Francisco de Assis.

2. O "GIOIELLO" DA ARTE RELIGIOSA: O SANTUÁRIO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

O Santuário de São Francisco de Assis, localizado na Travessa Castelo Branco esquina com a Avenida Conselheiro Furtado, templo destinado à Ordem dos Franciscanos, teve sua pedra angular lançada em 1910, no entanto as obras apenas foram iniciadas em 1919, sendo finalizadas em 1922 graças a arrecadação de fundos por parte dos fiéis.

O projeto para construção da Igreja pertence ao arquiteto José Sidrim, responsável pelo acompanhamento das obras em conjunto com o engenheiro Palma Muniz. Segundo Matos (2017, p. 227), um dos motivos encontrados em projetar o Santuário de São Francisco de Assis dentro do vocabulário estilístico do Românico e do Gótico, realizando seus revivalismos, seria a finalidade doutrinária da Edificação, apoiando-se nos princípios que regem a ordem dos franciscanos, dessa forma, buscando a austeridade presente na Arquitetura românica e a simplificação das formas góticas, possivelmente ainda mais influenciadas pelas particularidades do estilo "gothico-lombardo", sugestão dos próprios frades da Ordem para o projeto do templo. (MATOS 2017)

O Santuário de São Francisco foi eleito por sua expressiva coletânea de vitrais e por seu partido arquitetônico medieval, encontrado na expressão regional deste revivalismo gótico. Estas particularidades que tomaram forma em regiões diferentes, e acima de tudo, cenários diferentes, tecnológicos, políticos e sociais, para, no Santuário de São Francisco de Assis tomarem forma os valores, princípios e singularidades culturais, resultando em respostas da arquitetura paraense ao novo paradigma já estabelecido nos 150 anos de

descobertas e debates que constituíram o cenário Eclético, e as novas exigências do mercado arquitetônico do período, absorvendo e amadurecendo estes valores na cultura amazônica.

3. A POÉTICA DA LUZ: UM CONCEITO DA ARTE VITRALISTA

Ligado a arquitetura, a religiosidade e a arte, o vitral dispõem de variados significados; na religiosidade está relacionado a manifestações visuais de momentos sagrados, auxiliar os iletrados a conhecer a história de Deus; na arquitetura visa à substituição dos mosaicos e pinturas religiosas feitas anteriormente em catedrais, e tido como ornamentação, que deveria proporcionar a edificação efeitos de “Luz Divina”, onde o coloridos dos vitrais deveria ser banhado pela luz, então a riqueza de suas cores projetadas no interior da igreja, permite manter a penumbra num ambiente de recolhimento, aliado a uma narrativa religiosa; nas artes o vitral sempre foi reconhecida como uma das mais belas técnicas, não somente usada em temas religiosos, mas a reinterpretação da técnica proporcionou a flexibilização em demais temáticas e usos. (BARROS,2022)

A matéria prima de confecção de um painel de vitral e o vidro, este que detém origem divididas entre os povos Egípcios e Fenícios; em decorrência das grandes navegações dos Fenícios e a invasão do Império Egípcio, a propagação do vidro foi mundial, ocorrendo refinamento das técnicas, aceleração na produção e variedade de formas, mudanças que estão ligadas diretamente a elaboração dos vitrais. Além da confecção dos painéis vitralista, o vidro e material presente na arquitetura, seu uso iniciou-se no século XII, em pequenos vãos para melhoria da iluminação e ventilação das construções em edificação abastadas, neste mesmo período ocorria a reestruturação da metodologia vitralista, que anteriormente apresentava-se com características mais brutalista, o vidro com tonalidades primárias e com larga espessura. (BARROS,2022)

Na Arquitetura Brasileira o vidro iniciou no século XVII, período da invasão Holandesa, com acanhada fabricação de utensílios domésticos e pequenos vão de Janelas; posteriormente no século XVIII o vidro era empregado em limitada quantidades e dimensões, e somente em edificações

nobres como palácios, igrejas, prédios públicos e casarões, a importação se limitava a cidades brasileiras economicamente desenvolvidas como Salvador e Rio de Janeiro. O vitral iniciaria sua história no território nacional no final do século XIX, com a chegada com Alemão Conrado Sorgenicht, outros artistas vitralistas e evoluindo com a reinterpretação do movimento moderno. (BARROS,2022)

Na cidade de Belém, a história do uso dos vidros e vitrais e relacionadas aos séculos XIX e XX, relacionado ao apogeu do período da Belle époque, ciclo de prosperidade econômica proporcionado pelo ciclo de extração do látex, e aliado ao plano higienista de Antônio Lemos, com o desenvolvimento econômico foi possível e as mudanças sociais, a importação vidros e vitrais, de grande maioria europeia, estava ligada a readequação higienista e aplicação em palacetes Ecléticos. (BARROS,2022)

Assim como o material usado, as técnicas vitralistas também evoluíram, sua cerne está caracterizada pela transmissão de conhecimento baseada na prática, oralidade, núcleo familiar, mestre-pupilo e por algumas documentações históricas, entretanto assim como o material, o método de confecção vitralista evoluiu, possuindo agora novos procedimento relacionados a evolução de maquinários, conhecimentos científicos e descoberta de novos materiais, todavia ainda ocorre semelhança entre as técnicas primordiais e a atual. (BARROS,2022)

4. A TEORIA ICONOGRAFIA DE PANOFSKY, ALIADA A AUDIODESCRIÇÃO NA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

O vitral, como um elemento artístico e arquitetônico, passa por estudos iconográficos, que têm como objetivos descrever as imagens, classificar, analisar, identificar, interpretar e justificar os conceitos adotados pelos artistas. Dentre os teóricos que promovem a sistematização do estudo iconográfico, Erwin Panofsky (1892-1968) realiza uma leitura e interpretação integral da obra de arte, a “cerne da Iconografia”, seu método consiste na classificação, descrição, estudo, identificação e interpretação do significado correto das imagens, fornecendo as bases para a interpretação posterior, dividindo sua pesquisa em um nível pré-iconográfico, o nível iconográfico e o nível

iconológico. (BARROS,2022)

O nível pré-iconográfico consiste no reconhecimento das formas, elementos, cores e luzes e sombras, podendo ser entendido por qualquer pessoa independente de cultura ou grau de conhecimento, já que este nível se caracteriza pela observação. O nível iconográfico exige, para o significado do conteúdo temático, as fontes literárias, conhecimento sobre a época, conhecimento sobre os acontecimentos, o contexto em que ocorreu, compreensão dos símbolos e das personalidades presentes na obra. Finalmente, no nível iconológico, refere-se à Iconografia em seu sentido mais profundo, Iconografia interpretativa ou Iconologia, e a interpretação dos acontecimentos narrados na obra, relacionados a época do acontecimento, levando em consideração, historicamente, a sociedade em sua estrutura social, cultural e religiosa, interpretando o sentido da obra, seus espectadores, o local de exposição e o método empregado na confecção. (BARROS,2022)

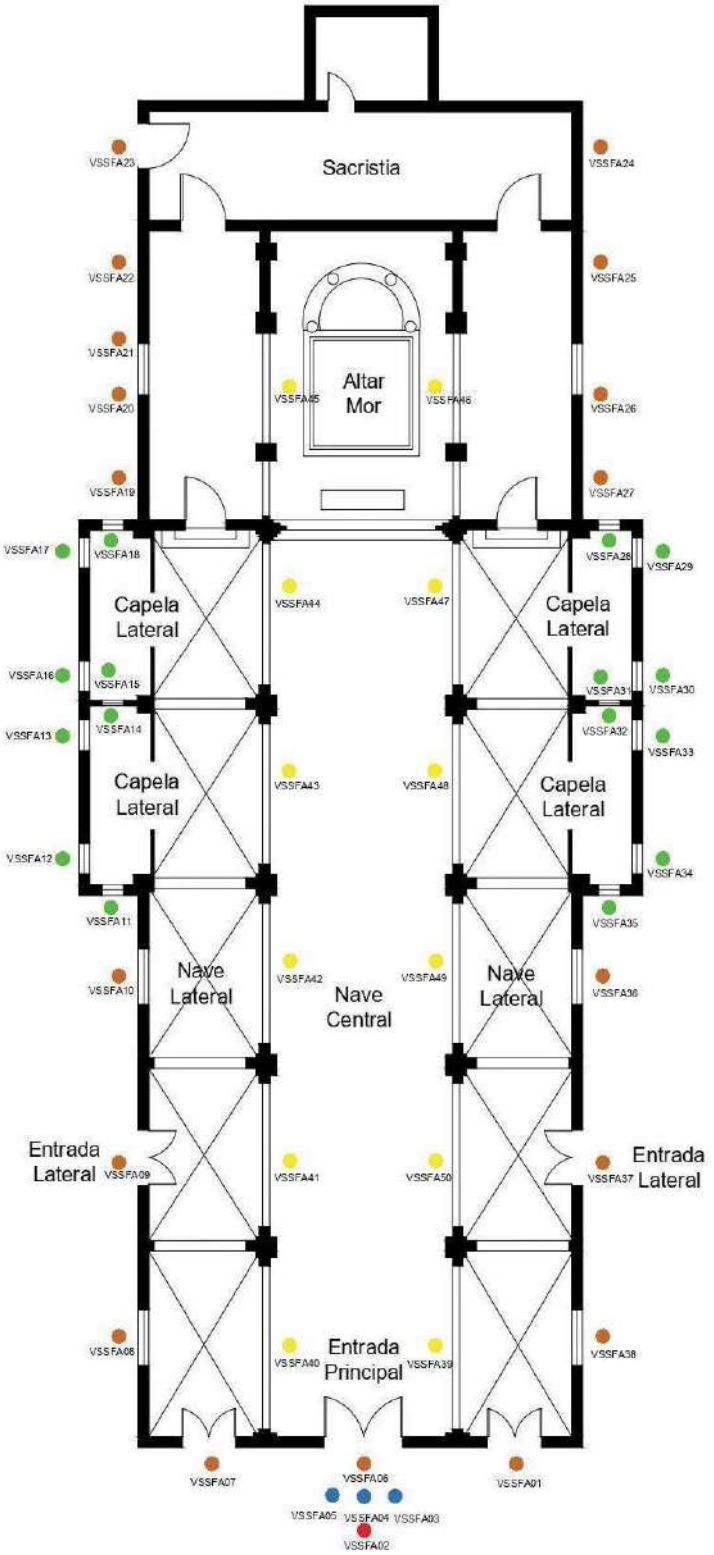
Ao pensarmos na aplicabilidade do recurso de audiodescrição no Santuário São Francisco de Assis, recordamos do uso de onze Totens informativos no Palacete Pedro Osório da cidade de Bagé, Rio Grande do Sul; Ana Carla Flores, idealizadora do projeto, descreve que os totens têm cunho turístico, apresentando a história da edificação aos visitantes, as informações contidas são os frutos de pesquisas acerca deste patrimônio histórico, e a iniciativa é financiada pela secretaria de cultura e turismo, que por sua vez, requer um baixo investimento.

O uso dos totens informativos, com audiodescrição, no Santuário de São Francisco de Assis, objetiva abordar a coletânea de cinquenta vitrais do Santuário, a partir do seguinte método: inicialmente, dois totens posicionados próximos às entradas laterais, nos quais haveriam quadros informativos com o uso da linguagem de Braile, esclarecendo em texto suas finalidades, nos quadros introdutórios estariam presentes a planta do Santuário em alto relevo, contendo a demarcação pontual dos vitrais e a ordem sugerida para o percurso explicativo, direção dos posicionamentos, e o título das cenas retratadas em cada vitral que serão descritas.

Tabela 1 - Identificação dos Vitrais no Santuário.
Fonte: Elaboração Própria

Os Vitrais do Santuário São Francisco de Assis			
Tipologia	**ID. Tec**	**Nome:**	**Localização:**
São Francisco de Assis	VSSFA01	São Francisco o Padroeiro dos Animais	Porta da Fachada Frontal
Rosácea	VSSFA02	Sete mandamentos da igreja Católica	Fachada Frontal
Sagrada Família	VSSFA03	Nossa Senhora	Fachada Frontal
Sagrada Família	VSSFA04	Menino Jesus	Fachada Frontal
Sagrada Família	VSSFA05	São José	Fachada Frontal
São Francisco de Assis	VSSFA06	São Francisco e os Pássaros	Porta da Fachada Frontal
São Francisco de Assis	VSSFA07	Porciúncula, a visão de São Francisco	Porta da Fachada Frontal
São Francisco de Assis	VSSFA08	São Francisco de Assis diante do sultão al-Malik al-Kamil.	Fachada Lateral Esquerda
São Francisco de Assis	VSSFA09	A Mensagem do Anjo	Fachada Lateral Esquerda
São Francisco de Assis	VSSFA10	Homo Totus Evangelicus"	Porta da Fachada Lateral Esq.
Santidade Religiosa	VSSFA11	Santa Clara de Assis	Capela Lateral Esquerda
Santidade Religiosa	VSSFA12	Imaculada Conceição	Capela Lateral Esquerda
Santidade Religiosa	VSSFA13	Nossa Senhora de Fátima	Capela Lateral Esquerda
Santidade Religiosa	VSSFA14	Nossa Senhora das Graças	Capela Lateral Esquerda
Santidade Religiosa	VSSFA15	Jesus Misericordioso	Capela Lateral Esquerda
Santidade Religiosa	VSSFA16	Jesus no Mar de Galileia	Capela Lateral Esquerda
Santidade Religiosa	VSSFA17	Jesus no Horto das Oliveiras	Capela Lateral Esquerda
Santidade Religiosa	VSSFA18	Santa. Margarida de Alacoque	Capela Lateral Esquerda
São Francisco de Assis	VSSFA19	Benção a Ordem Secular Franciscana	Lateral Esq. do Altar-Mor
São Francisco de Assis	VSSFA20	O Bilhete a Santo Antônio.	Lateral Esq. do Altar-Mor
São Francisco de Assis	VSSFA21	O Capítulo das Esteiras	Porta Lateral da Sacristia
São Francisco de Assis	VSSFA22	A Renúncia a Pedro Bernardone	Sacristia
São Francisco de Assis	VSSFA23	O Nascimento em Assis	Sacristia
São Francisco de Assis	VSSFA24	A Morte de São Francisco de Assis	Jazigo dos Frades
São Francisco de Assis	VSSFA25	A Confirmação da Ordem dos Frades	Porta Lateral do Jazigo
São Francisco de Assis	VSSFA26	A vinda de Santa Clara	Lateral Dir. do Altar-Mor
São Francisco de Assis	VSSFA27	A Devoção à Cristo	Lateral Dir. do Altar-Mor
Santidade Religiosa	VSSFA28	Nossa Senhora das Lourdes	Capela Lateral Direita
Santidade Religiosa	VSSFA29	Nossa Senhora do Carmo	Capela Lateral Direita
Santidade Religiosa	VSSFA30	Nossa Senhora Auxiliadora	Capela Lateral Direita

Santidade Religiosa	VSSFA31	Santa Teresinha	Capela Lateral Direita
Santidade Religiosa	VSSFA32	Santo Antônio em pregação em Lisboa e Pádua	Capela Lateral Direita
Santidade Religiosa	VSSFA33	O Milagre da Mula	Capela Lateral Direita
Santidade Religiosa	VSSFA34	A aparição do Menino Jesus	Capela Lateral Direita
Santidade Religiosa	VSSFA35	O Sermão Para os Peixes	Capela Lateral Direita
São Francisco de Assis	VSSFA36	Louvor a Morte	Porta da Fachada Lateral Dir.
São Francisco de Assis	VSSFA37	Aparição dos Estigmas	Fachada Lateral Direita
São Francisco de Assis	VSSFA38	São Francisco em Meditação	Fachada Lateral Direita
Apóstolos de Cristo	VSSFA39	São Tomé	Nave Central
Apóstolos de Cristo	VSSFA40	São Filipe	Nave Central
Apóstolos de Cristo	VSSFA41	Santo André	Nave Central
Apóstolos de Cristo	VSSFA42	São João	Nave Central
Apóstolos de Cristo	VSSFA43	São Matias	Nave Central
Apóstolos de Cristo	VSSFA44	São Pedro	Nave Central
Apóstolos de Cristo	VSSFA45	São Mateus	Nave Central
Apóstolos de Cristo	VSSFA46	São Bartolomeu	Nave Central
Apóstolos de Cristo	VSSFA47	São Tiago Menor	Nave Central
Apóstolos de Cristo	VSSFA48	São Judas Tadeu	Nave Central
Apóstolos de Cristo	VSSFA49	São Tiago Maior	Nave Central
Apóstolos de Cristo	VSSFA50	São Simão	Nave Central



Mapa 1 - Planta Baixa do Santuário com identificação dos vitrais.
Fonte: Elaboração Própria

A importância da parceria de áudio descritores com pesquisadores para desenvolver e roteirizar as informações a serem descritas nestes totens é fundamental para o uso do recurso da audiodescrição. Para tanto, seria necessário a capacitação de devotos, funcionários, e até familiares das pessoas portadoras de deficiência visual, ou que necessitem deste recurso devido à outras condicionantes, para tornar possível esta tradução intersemiótica dos signos visuais em signos verbais, e preencher as lacunas visuais para plena compreensão das cenas religiosas identificadas pelos estudos iconográficos dos vitrais.

Para tanto, roteirizamos, abaixo, um exemplo presente no trabalho de conclusão de curso de Barros(2022), a ser descrito, utilizando a AD, que baseia-se nos estudos iconográficos dos vitrais do Santuário de São Francisco de Assis: *São Francisco padroeiro dos Animais (VSSFA01),* o vitral representa o Santo sentado em uma rocha, na cor marrom, conversando com um pequeno grupo de animais, consistindo em dois coelhos de pelagem branca, uma garça, um filhote de gazela, e uma gazela adulta com chifres. Seus discípulos apreciam o feito do mestre ao fundo. A cena da conversa de São Francisco ocorre embaixo da copa de uma grande árvore, o relevo do terreno é montanhoso, o sol ilumina o céu limpo de nuvens, na cor azul.

Ao decorrer da história do Santo, sua amizade com os animais é notória e os considerava como irmãos, relatado por Tomás Celano, discípulo responsável pela criação de sua bibliografia de canonização, os feitos de São Francisco de Assis em suas peregrinações, encontros com animais, acreditando ser comum ao Santo dialogar com a fauna, e ser recebido em festa pelas pequenas criaturas, descrito nas biografias de Celano e São BoaVentura, que ao caminhar pelos arredores de Siena, encontrou nos campos um grande rebanho de animais, após saudá-las, “segundo seu costume”, as animais abandonaram o pasto e correram todas para ele, e levantando as cabeças, o olhavam com os olhos fixos e atentos. (BARROS,2022).

Figura 1 - São Francisco padroeiro dos Animais (VSSFA01)
Fonte: BARROS (2022)

Segundo Alves(2020), no livro Introdução à Audiodescrição-Módulo 1, o conceito de áudio descrição é ser uma ferramenta de tradução intersemiótica, transformando os signos visuais em signos verbais, porém detém bastante complexidade, pois não basta apenas descrever o que se vê, deve-se organizar as lacunas visuais da obra. Desta forma é de suma importância a parceria dos pesquisadores e áudio descritores para a criação roteirizada que melhor atende ao público, conservando a precisão fornecida pelas pesquisas acadêmicas.

Ademais, a aplicação desta iniciativa poderia contar com a importante participação do governo público, por meio da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SECULT), do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), e o Centro Integrado de Inclusão e Reabilitação (CIIR), para financiar esta metodologia de ensino e inclusão, promovendo acessibilidade adequada para que pessoas portadoras de deficiência visual; intelectual; idosos; disléxicos; autistas e pessoas com déficit de atenção possam vivenciar e entender plenamente a riqueza em detalhes dos vitrais do Santuário, um patrimônio histórico de Belém.

4.1 Resultados e discussão

Na presente pesquisa, em caráter de desenvolvimento, utilizamos as discussões acerca da AD em museus no artigo de autoria de Jane Menezes(2020), e AD voltada à descrição de vitrais em igrejas, ensaio publicado por Carolina Marçal, Patrícia Mangan (2014). Busca-se apresentar as semelhanças entre as produções, visto que, as ADs referem-se à imagens estáticas, mas igualmente importante, suas diferenças, no entanto, acima de destes fatores, busca-se apresentar ao leitor as opções de disponibilização de audiodescrição nestes ambientes culturais e, brevemente, o processo de elaboração das ADs.

De acordo com Menezes(2020), as audiodescrição disponibilizadas em museus recorrem à tecnologia hodierna e possibilitam acesso dos visitantes às ADs por meio dos códigos Qr, e por meio de aproximação (NFC), utilizando a tecnologia presente em muitos celulares a favor das descrições, que neste caso, são descrições gravadas previamente em estúdio. Ademais, a autora acrescenta que audiodescrição das obras artísticas podem fazer parte de um sistema AD em *bluetooth low energy*, espalhado pontualmente no ambiente que permite os visitantes acessarem um rede de ADs das obras e o guia de exibição do museu, que chama atenção também dos visitantes videntes.(MENEZES,2020)

Ademais, a autora deixa claro que ADs ao vivo são amplamente usadas ainda, e que podem representar uma solução mais imediata a esta em espaços mais restritivos à modificações (como o objeto de estudo da presente pesquisa, o Santuário São Francisco de Assis) e ainda, estabelece uma interação com mais envolvimento por parte dos usuários, algo positivo que enriquece os detalhes da obra perante o público alvo, além de, principalmente, potencializar a sensação de plena inclusão das pessoas portadoras de deficiência visual, não havendo uma melhor modalidade entre as audiodescrições apresentadas. (MENEZES,2020)

Segundo Marçal e Mangan(2014), as audiodescrições de imagens estáticas estão ligadas a um entrave constante, devido à falta de normas e regras brasileiras para nortear o processo sistemático de criação de ADs, e no protótipo elaborado para guiar projetos audiodescritivos foram recorridas às

normas UNE: 152030 (Espanha), e à Nota Técnica Nº 21/2012 MEC/SECADI/DPEE, que juntas estabelecem requisitos que as autoras identificam como ideais para compor a audiodescrição de vitrais.(MARÇAL,2014). Marçal e Mangan(2014) estabelecem, partindo destas normas, etapas ideais para elaboração de um produto com qualidade, as quais são: o registro fotográfico do ambiente; análise da obra; elaboração do roteiro; revisão do roteiro; locução; montagem; análise. Em casos de audiodescrições ao vivo, a montagem seria uma etapa a ser pulada.

A partir das sugestões de elaboração, faz-se necessário salientar a importância de especialistas em iconografia religiosa, museologia, especialistas em AD e voluntários/participantes portadores de deficiência visual nas etapas de elaboração, revisão e análise, para que, principalmente, as duas últimas citadas passem por uma revisão completa para identificar erros por falta de informação no texto; na velocidade da locução; na descrição compositiva do vitral; na história das personagens ligadas à obra; local onde se passa a cena; simbologia do vitral; simbologia da fauna e flora presente; entre outras contribuições que possam surgir entre as análises.(MARÇAL, 2014).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa partiu da intenção de atuar como potencializadora para a educação artística e patrimonial, reconhecendo a urgência da inclusão além da acessibilidade de mobilidade física nos ambientes. A acessibilidade cultural é linha norteadora desta pesquisa, objetivando um espaço de conservação e educação patrimonial inclusivo, de apreciação da riqueza artística do Santuário de São Francisco de Assis em sua grande influência como obra arquitetônica Eclética paraense, e receptor dos estilos medievais em sua poética ligação naturalista entre homem e divino.

REFERÊNCIAS

BARROS. Kamilly Malcher. *A Poética da Luz: Estudo histórico, técnico e iconográfico dos Vitrais do Santuário São Francisco de Assis.* Trabalho de conclusão de curso da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo UFPa, 2022.

MARÇAL.Carolina Schwaab; MANGAN. Patrícia Kayser. *Audiodescrição No Contexto Da Educação Patrimonial.* Anais Revista Memória em Rede, Pelotas, v.4, n.10, Jan./Jun.2014 – ISSN- 2177-4129.

SÁ, Luana Rodrigues da Silva; HUBERT,Lídia ; NUNES, Jader de Sousa. *Introdução à Audiodescrição-Módulo 1*. LIVRO Enap Fundação Escola Nacional de Administração Pública. Distribuição Enap, 2020.

SILVA. Marco Antonio Freitas *Um olhar atual sobre o Gótico e o Românico no Santuário de São Francisco de Assis: a riqueza da arquitetura e do vocabulário ornamental nesses estilos medievais.* Trabalho de conclusão de curso da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo UFPa, 2022.

ENTRE NOVAS FIGURAÇÕES: RASTROS DE UM EXPRESSIONISMO PARAENSE NOS ANOS 80/90[1]

AMONG NEW FIGURATIONS: TRACES OF AN EXPRESSIONISM FROM PARÁ IN THE 80's/90's

ENTRE NUEVAS FIGURAS: MANERAS DE UN EXPRESIONISMO PARAENSE EN LOS AÑOS 80/90

Yasmin Gomes[2]
Jorge Eiró[3]

Resumo: Esta pesquisa propõe uma possível conexão entre o movimento expressionista e as produções plásticas contemporâneas durante o período do *boom* das artes plásticas em Belém do Pará nos anos de 1980 e 1990, partindo-se da análise de duas obras de dois artistas paraenses de grande participação nesta fase, sendo estes, Rosângela Britto e Simões como principal metodologia. Objetiva-se identificar possíveis rastros herdados do expressionismo que possam ou não, manifestar-se nas produções pictóricas dos presentes artistas, assim como suas narrativas e poéticas. Finalmente, também objetiva-se, um resgate breve da história da arte entre o movimento Expressionismo e durante o fervor das produções artísticas e culturais no Brasil após a Ditadura Militar e o retorno da pintura**.**

Palavras-chave: Arte Contemporânea Paraense; Expressionismo; Simões; Rosângela Britto; Pintura.

Abstract: This research proposes a possible connection between the expressionist movement and contemporary plastic productions during the period of the plastic arts boom in Belém do Pará in the 1980s and 1990s, starting from the analysis of two works by two artists from Pará who had a great participation

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho "ST2 – CIDADE, ARTE e ESPAÇO" do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA), Especialista em História da Arte (Faculdade Multivix), Licenciada em Artes Visuais (UNAMA).
E-mail: yasmincg@yahoo.com.br, Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9549-6787

[3] Arquiteto, artista plástico e professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA).
E-mail: eirojorge@gmail.com, Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2293-3958

in this phase, these being Rosângela Britto and Simões as the main methodology. The objective is to identify possible traces inherited from expressionism that may or may not manifest themselves in the pictorial productions of the present artists, as well as their narratives and poetics. Finally, it also aims at a brief rescue of the history of art between the Expressionism movement and during the fervor of artistic and cultural productions in Brazil after the Military Dictatorship and the return of painting.

Keywords: Paraense Contemporary Art; Expressionism; Simões; Rosângela Britto; Painting.

Resumen: Esta investigación propone una posible conexión entre el movimiento expresionista y las producciones plásticas contemporáneas durante el período de auge de las artes plásticas en Belém do Pará en las décadas de 1980 y 1990, a partir del análisis de dos obras de dos artistas paraenses que tuvieron una gran participación en esta fase, siendo Rosângela Britto y Simões como principal metodología. El objetivo es identificar posibles huellas heredadas del expresionismo que pueden o no manifestarse en las producciones pictóricas de los artistas presentes, así como en sus narrativas y poéticas. Finalmente, también tiene como objetivo un breve rescate de la historia del arte entre el movimiento expresionista y durante el fervor de las producciones artísticas y culturales en Brasil después de la Dictadura Militar y el retorno de la pintura.

Palavras clave: Arte Contemporáneo Paraense; Expresionismo; Simões; Rosângela Brito; Cuadro.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe um diálogo entre o movimento artístico Expressionismo (1912) e as produções contemporâneas paraenses durante o retorno das manifestações culturais pós Ditadura Militar e da formação do grupo que ficou conhecido como Geração 80, responsáveis por intensificar a volta destas manifestações, evoluindo para o memorável *boom* das artes plásticas.

Esta conexão faz-se a partir de um breve resgate da história da arte pelo movimento expressionista e alguns de seus conhecidos artistas como Henri Matisse (1869-1954) e Edvard Münch (1863-1944), assim como alguns de seus processos de criação. Em seguida, faz-se percurso sucinto dos processos narrativos dos jovens artistas da Geração 80 na cidade do Rio de Janeiro após a ditadura, assim como o fervor destas produções e experimentações, e como estes ocorridos proliferaram-se majestosamente na cidade de Belém do Pará.

Objetiva-se, encontrar possíveis rastros estéticos e conceituais acerca do movimento expressionista em dois trabalhos pictóricos de dois influentes artistas paraenses durante o *boom* das artes plásticas nos anos de 1980 e 1990, sendo estes, a artista Rosângela Britto (1993) e o artista Simões (1989) tendo como metodologia, uma análise de obras de ambos os artistas, assim como análise de suas poéticas e narrativas e como estas poderiam ou não, refletir-se em um expressionismo contemporâneo.

2. BREVE HISTÓRIA DO EXPRESSIONISMO: ENTRE MATISSE E MUNCH

Na Alemanha moderna da década de 80, um novo grupo de jovens artistas passa a apropriar-se do uso de cores contrastantes e figuras exageradas em suas produções, estes chamados, *Die Brücke* (A Ponte). Na verdade, os Die Brücke eram jovens arquitetos sem a menor das intenções estilísticas, sequer possuíam um manifesto, buscando unicamente, experiências através do ato de criar.

Eles se reuniam em Munique e caminhavam lado oposto ao estilo Art Nouveau, à procura de um público expandido e sem regras, assim como não tinham interesse em formar filiações ou amizades, priorizando seu propósito de reproduzir as emoções que vinham de dentro pra fora, do interno ao externo, contrário aos Impressionistas que captavam o mundo externo e suas mudanças ao passar das horas (LYNTON, 1991). Tempo depois, aproximadamente em 1912, outro grupo com produções similares surgiu em Munique, os chamados *Der Blaue Reiter* (O Cavaleiro Azul), que ficaram conhecidos após a publicação de um almanaque do mesmo nome, liderados pelos artistas Wasilly Kandinsky (1866-1944) e Franz Marc (1880-1916), sendo esta a primeira e única edição da publicação do grupo (LYNTON, 1991).

O termo Expressionismo nada mais é, do que a junção destes dois grupos informais de artistas, em um momento de intensa divisão política pós Revolução Industrial, entre os receios e anseios do futuro e as rivalidades entre a extrema direita e a extrema esquerda. Como o próprio nome diz, o Expressionismo tem como principal característica, a exposição das fortes emoções que se intensificaram dado os ocorridos históricos, pelo medo da morte no tenebroso

século XX, pelas críticas à sociedade burguesa e pela filosofia moderna e existencial pregada Nietzsche.

Diferente do Fauvismo que envolve-se por uma estética graciosa, alegre e até otimista do mundo, o Expressionismo é uma junção de todas as intensas emoções do Homem, que transportam-se para pinceladas carregadas, cores impactantes e formas ainda mais estranhas. Segundo Argan, “a própria condição existencial do homem é considerada ambígua. A deformação expressionista não é a caricatura da realidade: é a *beleza* que, passando da dimensão do ideal para a dimensão do real, inverte seu próprio significado, torna-se *fealdade* [...] o feio, porém, não é senão o *belo* decaído e degradado” (ARGAN, 2016, pág. 240).

Nunca houve de fato, uma formalidade para o movimento, ou um grupo que se anunciasse expressionista, o “rótulo” surgiu apenas em 1911 em uma exposição intitulada *Expressionisten,* mas apenas artistas parisienses como Henri Matisse (1869-1954) e os *fauves* e o jovem Picasso (1881-1973), foram selecionados para a expor, deixando de fora, os artistas alemães. A denominação de expressionista como movimento foi aplicado “oficialmente” em 1914 aos artistas do Die Brücke e outros, e logo mais, aplicado a todos os artistas internacionais na qual consideravam-se ser anti-impressionistas. De forma geral, para os expressionistas, o ato do fazer era um encontro do ser humano com o mundo e a necessidade artística encontrava-se em qualquer contexto social-aqui, talvez, uma explicação pela proximidade à vida cotidiana, à crônica da vida comum, aos cafés e à boêmia.

Matisse, foi um apaixonado pela intensidade das cores e pela unicidade das formas que saiam dos padrões de uma arte refinada e que buscassem a ousadia, sendo aqui, uma herança estética deixada por artistas como Gauguin (1848-1903) e Van Gogh (1853-1890), alguns dos pós-impressionistas (GOMBRICH, 2001), trazendo uma complexidade e questionamento das possibilidades das cores, que deixam o seu lugar comum para tornarem-se o principal elemento expositivo.

A partir do envolvimento entre o fauvismo, o Die Brücke e Der Blaue Reiter, entre as cores intensas dos *fauves* e a anormalidade dos expressionistas. O norueguês, Edvard Munch (1863-1944), apropria-se de formas circulares em

movimento por todas as suas produções, além de pinceladas enérgicas, grotescas e envolventes. Munch usufrui de cores intensas como o laranja, o vermelho e diversas tonalidades do castanho e do azul, para conduzir, assim como os fauvistas, figuras humanas exageradas, quase irreais, com dedos e pernas alongados e rostos absurdamente expressivos que carregam ainda mais emoções por suas excessivas linhas em diferentes tonalidades.

Sua mais famosa obra, *O Grit*o (1893) é um rastro das emoções e traumas do artista, que apropria-se do medo, angústia, falsidade e desonestidade, além das inseguranças e incertezas do futuro moderno, das máquinas e bombardeios além de representar elementos das cidades, dos boêmios, da feminilidade e sexualidade, da natureza e sua constante mudança.

3. "EXPLODE GERAÇÃO" OU O *BOOM* DA ARTE CONTEMPORÂNEA PARAENSE

Com o fim da Ditadura Militar no Brasil, os anos 80 foram marcados pela volta da cultura e liberdade de expressão, assim como o retorno da pintura e das diversas formas de produção artística. Imersos pelos fervores herdados do movimento Neoconcreto, jovens artistas como Jorge Guinle Filho (1947-1987), Leonilson (1957-1993), Hudinilson Jr (1957-2013) e muitos outros, ficaram conhecidos como Geração 80 a partir da exposição *Como vai você, Geração 80?* (figura 1) curada por Marcus Lontra (1954), Paulo Roberto Leal (1946-1991) e Sandra Magger (1956-2018), ocorrida na Escola de Artes Visuais do Parque Lage no Rio de Janeiro.

Figura 1- Cartaz da exposição "Como vai você Geração 80?" Fonte: Acervo Memória Lage (Escola de Artes Visuais do Parque Lage)

Envolvidos pelo enfim retorno às produções artísticas no Brasil, este grupo de jovens artistas ousaram experimentar diversas feituras, como a gravura, o desenho e a xilogravura. Além da promoção de encontros e produções críticas, na qual os artistas comentavam, debatiam e escreviam sobre os seus trabalhos e sobre os trabalhos dos demais. Segundo Roberto Pontual (1984):

> O vigor como ela [linguagem] se apresenta, seja na quantidade de protagonistas, na diversidade de maneiras, na qualidade da produção ou na variedade da distribuição geográfica, a distingue bastante das duas gerações que a precederam (PONTUAL, 1984).

O resgate da intensidade através do ato de criar após a Ditadura, tomou conta de todo o país que ansiava em produzir, seja nas artes visuais, na música ou na poesia. Em Belém, esta paixão se acentuou a partir do surgimento de novas galerias e salões, como a então Galeria Um, uma concepção de espaço expositivo, promovida por Osmar Pinheiro (1950-2006) e José Simões (1958), com o intuito de fortalecer o estímulo e as experiências através da arte e dos artistas, além de tornar-se um espaço de debate cooperação entre os grupos.

Apesar do declínio da Galeria Um, outros ocorridos puderam engrandecer o circuito artístico local que estava a se construir, como o surgimento do curso de

educação artística na Universidade Federal do Pará (UFPA) –vale ressaltar anteriormente, a formação de artistas a partir do curso de arquitetura, visto que, a presença de um ofício totalmente destinado às artes, ainda era inexistente. O surgimento da associação FotoAtiva, na qual englobou boa parte dos aventureiros na fotografia, alguns deles, oriundos do ofício da comunicação, além das galerias Ângelus e Theodoro Braga que já sustentavam exposições.

A geração 80/90 paraense, assim como boa parte do Brasil, teve seu momento marcado pelo desejo de experimentar, revolucionar e valorizar a cultura local, de falar sobre arte e de implantar novos meios que pudessem vir a transformá-la através de espaços, encontros, escritos e no próprio ato de produção. Produzia-se e falava-se sobre isso, sobre os processos, sobre poéticas e as demais vivências, no teatro, na música, na literatura e na pintura.

Outros momentos marcantes como a criação da Elf Galeria em 1982 por Gileno Chaves e a criação do Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA) em 1984, também fizeram dos anos de 1980 significativos para a história da arte paraense, mas foi a inauguração do I Salão Arte-Pará em 1982, por Romulo Maiorana que viria a ser um dos mais significativos projetos de fomento, acesso e difusão artística no país e o responsável pela projeção da então Geração 80 de artistas paraenses, revelando nomes como Acácio Sobral, Dina de Oliveira, Elza Lima, Rosângela Britto, Simões, Luiz Braga, PP Condurú, Geraldo Texeira, Ruma de Albuquerque, Miguel Chikaoka e muitos outros (EIRÓ, 2014).

Já nos anos de 1990, as opções foram sendo multiplicadas a partir da criação do Museu de Arte de Belém (MABE), na qual absorveu o acervo da pinacoteca municipal e teve Rosângela Britto como primeira diretora, evoluindo para o que viria ser mais a frente, a elaboração do Sistema Integrado de Museus. Ainda na década de 90, surge a Galeria Graça Landeira (figura 2), espaço expositivo planejado pela então Professora Graça Landeira e pelo Professor Emmanuel Franco, a partir da formação do curso de Artes Visuais na Universidade da Amazônia (UNAMA).

Figura 2- Galeria Graça Landeira
Fonte: Portal Unama

.

Com a solidificação de um circuito artístico local durante a década de 1980 e 1990, alguns artistas chegaram a migrar para outras regiões do país, no sentido de aprimorar suas habilidades, contribuir em projetos nacionais e reinventar seus modos de produção. Sendo assim, sempre retornavam com novidades que pudessem refletir em seus trabalhos e perspectivas. Segundo Medeiros, havia-se um desejo de explorar os inúmeros resultados que "entre o cálculo e o improviso", eram capazes de realizar a partir da criação, já que em termos estéticos, havia-se um emaranhado de referências que vinham de toda a parte e repercutiam em novos sentidos, envolvidos pela curiosidade e pelas aspirações de apropriar-se de novos elementos que pudessem suprir seus anseios e externar suas emoções (MEDEIROS, 2012).

4. ROSÂNGELA BRITTO: A FESTA

Rosangela Britto assim como boa parte dos artistas da época, identifica-se intensamente como a Geração Coca-Cola, imersa às expectativas movidas pelas "Diretas Já" de um novo e melhor momento no país. No início da década de 1980, Rosângela participa do 1º ENAP- Exposição dos Novos em Artes Plásticas no então espaço cultural Galeria Um, mas foi em 1988, que a artista

começa a alcançar grandes voos ao receber o Prêmio Revelação Aquisição no tradicional Arte Pará.

Britto, inicia seu ato pictórico imersa aos tons frios da cor, como o azul profundo e o roxo que por vezes, transmuta-se para variações de lilás, que ganham força ao invadirem corpos estranhos de um cotidiano familiar, revisto e retratado nos álbuns de família (MOKARZEL, 2023), que assumem uma gestualidade natural ao serem transportadas para a tela, surgindo de forma múltipla, a fusão de cores soturnas. Com o início dos anos de 1990, a artista manifesta maior rigor em seu ato pictórico, evoluindo-se para uma maior potência em sua desenvoltura. As figuras femininas, noivas, travestis e festas, eram temas constantes em seus trabalhos, ao mesmo tempo em que intensificaram-se suas formas desfiguradas, estranhas e extravagantes, simultaneamente, assumia-se uma atmosfera misteriosa, onírica e intimista destes personagens, cada vez mais movidos pela cor e gestualidade, resultados de seu melhor domínio pictórico.

Assim como na significativa Geração 80, Britto permite levar-se pela experimentação, percorrendo não apenas as múltiplas formas da pintura, mas assumindo tentativas diversas nas colagens com tecidos e assemblages de diversos materiais, sempre prevalecendo-se do vigor da pincelada, além de seu encanto pelas personalidades e/ ou personagens provenientes do *glamour*, do ato de montar-se, assim como em suas memórias familiares (MOKARZEL, 2023). Em sua obra “A Festa” (figura 3) de 1993, a artista ressalta seus estudos e experimentações ao revelá-los em uma única obra, saindo de um simples ensaio para tornar-se uma obra totalmente finalizada, potente e enigmática, atrelada a diversos tipos de alusões que cruzam-se pelo seu interesse nas obras expressionistas, como do artista Van Gogh (1853-1890).

Figura 3- A Festa (1993) de Rosângela Britto,
parte do acervo do Museu de Arte da UNAMA
Fonte: Registro pessoal

O trabalho faz parte de um conjunto de obras oriundas dos anos de 1989, momento em que a artista desfruta-se de cores e suas formas estranhas nas figuras humanas, assim como suas contemplações acerca das festividades, resultando em uma série de noivas, festas e casamentos. A obra que desperta complexidade instantânea, brinca com três pontos focais: o bolo, o fantasma e o casal, podendo emitir ilusões de acordo com a direção do olhar.

Nesta fase, a artista intensifica suas experimentações e pesquisas para além da pintura e seus artefatos, invadindo também, o universo têxtil ao executar investigações acerca de possíveis tecidos para compor suas obras, o que pode-se perceber nos fragmentos da obra, em especial, no vestido cor-de-rosa da noiva que salta-se do plano da pintura, quase como um elemento vivo. Para provocar conexões entre festas e celebrações familiares, Britto busca fotografias aleatórias de eventos em colunas sociais, em jornais e revistas de época, assim como nos álbuns de família da mãe que pudessem embasar suas experimentações, assim como, aproximar de uma possível realidade desejada para cada obra.

A ligação com a ideia de casamento e relações homoafetivas, também são referências persistentes nos trabalhos de Rosângela Britto, assim como seus muitos questionamentos acerca de como a sexualidade ainda é vista como um tabu, uma intolerância agoniante, o que talvez, pudesse explicar suas pinturas

de 1986, na qual a artista engloba um cenário erótico e sensual em suas obras, evoluindo para uma série mais recente intitulada “Travestir-se” em 2022.

5. SIMÕES: SEM TÍTULO

Apesar da muita vontade e audácia pela experimentação artística, Simões assim como outros artistas paraenses de sua época, sofriam com a deficiência do ensino em artes, tendo como única e possível alternativa, o estudo em arquitetura ofertado pelas escolas da cidade, o que resultou em diversos artistas com formação em arquitetura. Movido pelo desejo da exploração em seu próprio trabalho, com o tempo, Simões passou a desenvolver técnicas combinadas com o figurativismo e abstracionismo, além das múltiplas formas de produção, o que consolidou-se a partir do final da Ditadura Militar e com o fervor da Geração 80. Mergulhado pelo ar de alívio, Simões torna-se sócio de Osmar Pinheiro na Galeria Um, principal ponto de encontro cultural da época. Envolvido pelas cores de Matisse, o artista buscava proximidades com as cores quentes e vivas do fauvista, juntando-se às suas figuras estranhas e caóticas, resultando em sua premiação de 3º lugar no salão Arte Pará em 1984..

Com o passar dos anos, novas narrativas ganham força e tornam-se mais visíveis em seus trabalhos, resultando em um novo momento para o artista que segundo a autora Vera Pimental, vagarosamente deixa de expressar situações cotidianas e familiares, para “assumir um artista mais místico, lírico e até onírico, menos real e com sentimentalismo profundo” (PIMENTEL, 2022), cada vez mais entre realidades e ilusões pertencentes de seu próprio Eu, na qual refletem-se em produções mergulhadas por caos, irônia e questionamentos. Como exemplo desta fase, abaixo tem-se a obra “Sem Título” (figura 4) de 1989:

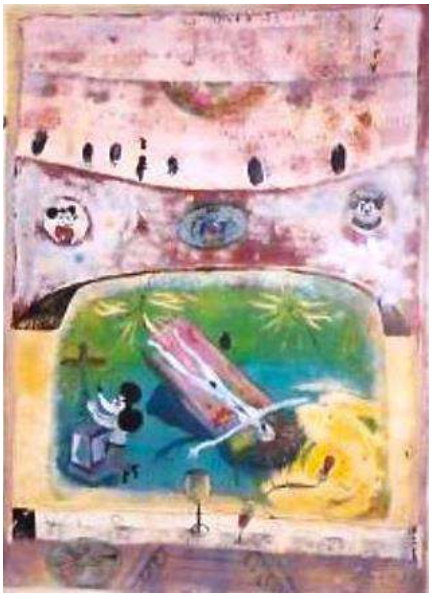


Figura 4- Sem Título (1989) de Simões, parte do acervo do Museu da UFPA Fonte: Acervo do Museu da UFPA

Parte de suas poéticas, complexidades e utopias, também são perfeitamente alinhadas ao que o artista chamou de “realidade opressora”, na qual segundo ele, os artistas sentem-se constantemente inseridos. Para Simões que sempre teve Matisse como principal referência, o movimento expressionista na qual refere-se vai além de um movimento circunscrito em um determinado período histórico, onde a sua principal característica era uma deformação exagerada das figuras[5], alcançando também, outros e potentes destinos como a comunicação, assumindo uma nova forma de interpretação. Segundo Simões

> Neste trabalho desse Mickey tosco vejo um bom exemplo do meu "expressionismo" dessa época. O personagem Mickey está em uma cena absurda, onde parece ter havido um crime e ao mesmo tempo ele participa de um culto religioso. Ele é um agente da lei, um opressor, um rato, um "dedo duro" e em última instância, um agente do Imperialismo Americano. Então era um expressionismo de crítica Social e Política também”.[6]

[5] Depoimento enviado via mensagem instantânea em julho de 2023.
[6] Depoimento enviado via mensagem instantânea em julho de 2023.

Como mencionado, o artista dispõe-se de uma espécie de culto religioso na qual o personagem de desenho animado Mickey atua como principal operante, tendo seu rosto ilustrado repetidas vezes como se fossem diversos Santos em volta do altar na qual está sendo realizada a cerimônia. Simultaneamente, o cenário e o personagem Mickey que apesar de moldarem uma atmosfera totalmente caótica e sombria, também formam-se por cores intensas e ardentes, da mesma forma, invoca-se um ar de ironia, acidez e melodrama, junção familiar às proximidades e estéticas do expressionismo e neoexpressionismo, assim como na eletrizante, sarcástica e política *Pop Art*, características chaves nos processos adotados por Simões.

6. RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil, após ser alvo da Ditadura, tornou-se um embrião de novas produções artísticas e culturais de maior impulso e potência, fortalecendo ainda mais para um fôlego sólido e múltiplo após este drástico ocorrido. A política, revigora-se e reestrutura-se ao encontro com a arte, fazendo de ambas as vertentes uma só, ainda mais presentes e ainda mais conectadas ao povo, deixando de ser chamada de movimento, para tornar-se ideia, execução e diálogo, fazendo dos anos de 1980, a fase inicial desta mudança. Ao afunilar para o norte do país em Belém do Pará, as diásporas perdem-se e tornam-se únicas, resultando em uma explosão de efervescência que atinge a todos, não mais apenas aos centros do Brasil.

Percebe-se uma maravilhosidade especial na arte contemporânea paraense ao desbravar de suas memórias, pois temos a percepção das muitas dificuldades enfrentadas para sua elaboração, melhoramento e progresso, formando uma geração de artistas arquitetos pelo simples fato de buscarem uma presença artística na qual pudessem sentir-se acolhidos e/ ou explorar seus atos de criação, mesmo ainda não existindo instituições que pudessem ofertar cursos inteiramente voltados para as artes plásticas e visuais, o que ao invés de proporcionar desânimo, causava-se ainda mais desejo em criar e realizar encontros e atividades de modo independente.

Ao associarmos o presente momento a dois influentes artistas do *boom* das artes plásticas, temos uma percepção mais apurada às produções da época e suas ligações aos estudos da história da arte que passam a embasar suas criações. Rosângela Britto apresenta-se como uma artista de múltiplas facetas que vão desde a produção artística em si, até os muitos ofícios institucionais que um profissional da arte pode alcançar, além das possíveis relações diretas e indiretas entre ambos. Britto também evoca em suas obras, elementos do real, do cotidiano, trazendo à tona a conexão entre arte e vida tão discutida pelos dadaístas através de seu próprio referencial, indo da indumentária às memórias familiares.

O diferencial artístico também se faz nos trabalhos de Simões, que também resgata momentos familiares e conecta-os a diferentes maneiras de produção. O desenho, é uma espécie de afronta às Belas Artes e suas técnicas tradicionais, o que por muito tempo, foi considerado como arte menor, ganhando um novo sentido nos anos de 1980 ao incorporar expressividade, ironia, deformidade e cores contrastantes, sendo um exemplo chave ao que se produzia naquela época. Ao alinharmos ambos os artistas, percebemos um expressionismo em novas concepções, analogias e resultados.

REFERÊNCIAS

ARCHER, Michael. *Arte Contemporânea: Uma História Concisa*. São Paulo. Martins Fontes, 2001. ISBN 8533614640.

BASBAUM, Ricardo. *Arte Contemporânea Brasileira (1970-1999).* Editora Circuito. 2022. 374p. v. 1. ISBN 9786586974324.

BATTCOCK, Gregory. *A Nova Arte*. São Paulo. Perspectiva, 2013. ISBN 9788527302913.

BRITTO, Rosângela; MOKARZEL, Marisa. *Traços e Transições da Arte Contemporânea Paraense*. Secult. Belém, 2000.

DEWEY, John. *Arte como Experiência*. São Paulo. Martins Fontes, 2010. ISBN 9788561635541.

GOMBRICH, E.H. *A História da Arte*. 16ª. ed. Rio de Janeiro. LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora. 2001. 688p. v. 1. ISBN 9788521611851.

EIRÓ, Jorge Leal; KLAUTAU FILHO, Mariano; VEIGA, Luiz. *CONTEMPORÂNEOS MODERNOS, MODERNOS CONTEMPORÂNEOS. VOL I. (Des)figurações*. [Folder]. Belém, 2022.

ELF GALERIA. *Exposição Cor: Corpos e Tempos*, 2023. Belém: UFPA, 2023.

MEDEIROS, Afonso. *80/90 do 20: AS ENCRUZILHADAS HISTÓRICO GEOGRÁFICAS DE UMA GERAÇÃO.* 11º Encontro da ANPAP . 2012.

OSTROWER, Fayga. *Acasos e Criação Artística*. São Paulo. Editora Unicamp, 2013. ISBN 9788526810235.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo. Perspectiva, 2019. v. 4. ISBN 9788527302438

PIMENTEL, Vera. *O SALÃO DE PEQUENOS FORMATOS (2010-2011): Processos de Análise e Considerações.* [Dissertação de Tese de Mestrado]. 2012.

RAMOS, Alexandre Dias. *Sobre o ofício do curador*. Porto Alegre. Editora Zouk,2010.ISBN 9788588840966.

MEMÓRIA GRÁFICA DA MAQUETE DE BELÉM: ARTEFATO VISUAL NA CRIAÇÃO DO IMAGINÁRIO[1]

GRAPHIC MEMORY OF THE SCALE MODEL OF BELÉM: VISUAL ARTIFACT IN THE CREATION OF IMAGINARY

MEMORIA GRÁFICA DE LA MAQUETA DEL CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM: ARTEFACTO VISUAL EN LA CREACIÓN DEL IMAGINARIO

Fernanda Martins Cavalcante Brabo[2]
Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes[3]

Resumo: O presente artigo busca discutir a função da Memória Gráfica no estabelecimento de uma consciência coletiva a respeito de uma região, cidade ou recorte geográfico, e a importância do estabelecimento desta consciência para a preservação do patrimônio histórico e a manutenção de um sentimento de identidade e pertencimento em um ambiente urbano em constantes mudanças. Essa discussão é enriquecida através de conceitos como Empatia Espacial e Resiliência Cultural, que se ligam ao tópico principal por sua natureza que toca no viver urbano.

Palavras-chave: Maquete; Memória gráfica; Empatia espacial; Resiliência cultural; Arquitetura.

Abstract: The present article aims to discuss the function of Graphic Memory in establishing a collective consciousness regarding a region, city, or geographical area, and the importance of establishing this awareness for the preservation of historical heritage and the maintenance of a sense of identity and belonging in an urban environment undergoing constant changes. This discussion is enriched through concepts such as Spatial Empathy and Cultural Resilience, which are linked to the main topic due to their nature that touches on urban living.
Keywords: Scale model; Graphical Memory; Spacial Empathy; Cultural Resilience; Architecture.

Resumen: El presente artículo tiene como objetivo discutir la función de la Memoria Gráfica en el establecimiento de una conciencia colectiva con respecto a una región, ciudad o área geográfica, y la importancia de establecer esta conciencia para la preservación del patrimonio histórico y el mantenimiento de un sentido de identidad y pertenencia en un entorno urbano en constante cambio.

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho CIDADE, ARTE e ESPAÇO do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal do Pará. | m.cavalb@gmail.com | ORCID 0009-0007-0445-1836

[3] graduada em Arquitetura e Urbanismo (UNAMA), mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela UNAMA, doutora em História Social pela UFPA, doutoranda pela Faculdade de Arquitectura de Lisboa. | marcianunes2011@gmail.com | ORCID 0000-0002-8345-3528

Esta discusión se enriquece a través de conceptos como Empatía Espacial y Resiliencia Cultural, que están vinculados al tema principal debido a su naturaleza que aborda la vida urbana.

Palabras clave: Maqueta; memoria gráfica; empatía espacial; resiliencia cultural; arquitectura.

1. INTRODUÇÃO

No amanhecer do ano de 2015, na rua Siqueira Mendes nº 60, no bairro da Cidade Velha, dava-se partida a um trabalho que entrou pela década seguinte, o qual exigiu um esforço singular, transitando pela arquitetura, história, arte e emoção - a maquete do centro histórico de Belém. Nos próximos anos, veria as mãos de estudantes voluntários, alunos e professores dessas áreas, que ali dedicaram-se para a criação deste artefato que veio a ser um elemento pivotante na educação sobre a história material da capital paraense.

Sua construção teve início em janeiro de 2015, como um presente pelos 400 anos de Belém. A ideia inicial veio do Estúdio Tupi, dirigido pelo arquiteto paraense Aldo Urbanati, com realização da Universidade Federal do Pará (UFPA) e produção do Fórum Landi/UFPA, projeto então coordenado pelo notável professor arquiteto e urbanista Flávio Nassar.

Na maquete do centro histórico de Belém, que visa apresentar os principais marcos históricos e arquitetônicos da primeira milha belenense a partir de sua fundação em 1616, retrata-se uma Belém que foi, que é e que poderia ser. Reproduzida em madeira balsa, material similar ao miriti na região, foram representadas quadras, os edifícios e os principais marcos históricos, com destaque para as obras de Antônio Landi, arquiteto italiano cuja história é indissociável da Belém colonial.

Medindo 5x7 metros e ocupando uma área de 35 m², a obra tem a base de isopor e os imóveis em madeira balsa. É subdividida em 6 placas com 1 metro de largura e comprimentos variantes, com as placas podendo ser separadas para melhor cuidado e acesso aos pontos centrais da maquete.

Porém, mais do que marcos coloniais, são representados outros períodos da história identificados pelas praças, edifícios modernistas, igrejas, arruamentos e vias que também entram nesta representação física da região,

que é parte do plano de fundo de uma imensidão de vidas que ali transformaram os espaços da nossa cidade.

Ao se observar uma cidade, bairro, rua ou qualquer forma de recorte urbano, a cultura material e arquitetônica, são características das plataformas essenciais de observação para entender as transformações da sociedade. O artefato é um dos componentes de maior importância da cultura material (MENESES, 2003) – e aqui, representado pela maquete do centro histórico, artesanalmente produzido em meio ao próprio recorte geográfico e arquitetônico que retrata.

Acerca da cultura material de uma região, através da sua habitação, vivência e testemunho, se constrói um imaginário, uma coleção visual, arquitetônica e material específica, relacionada a certos padrões ali encontrados. Para este artigo, trataremos de uma parte específica deste imaginário, a memória gráfica.

E cruzar este campo com a construção da memória comum a partir de um artefato que recria diretamente uma referência visual para todo um recorte histórico-arquitetônico, é essencial para compreender melhor a forma como o cidadão, que testemunha esta maquete e que vive esta mesma cidade, se percebe nesse meio, e o que mais lhe “salta aos olhos” nele.

2. OBJETIVO, PROBLEMA E OBJETO DE ESTUDO

2.1 Objetivo

O presente trabalho propõe-se a introduzir a maquete do centro histórico de Belém como ferramenta pedagógica no processo de educação da população acerca de patrimônio, preservação e identidade. Busca-se rever sua história e processo de criação, analisá-la sob a luz de conceitos que a mostram para além do palpável, e sim como experiência sensorial – vista, experienciada, sentida.

Partindo-se da ideia de que a maquete foi criada a partir de uma Belém que “foi, é, e poderia ser” compreenderemos como esse artefato material pode tornar-se símbolo de um processo que há muito demanda esforços de diversas frentes: a preservação do patrimônio histórico que os bairros da Cidade Velha, Campina, e Reduto, que são representados parcial ou totalmente na maquete.

A sustentação deste raciocínio parte dos conceitos de Memória Gráfica e Empatia Espacial, apoiando-se na ideia de um habitante diretamente afetado pelo sensorial, dinâmico e espacial, e a partir desta ideia, aprofundar a experiência do viver na cidade, fortalecendo o sentimento de pertencimento e gerando uma mentalidade de cuidado, manutenção e preservação do patrimônio histórico.

2.2 Problema e Objeto de estudo

No processo de educação da população acerca do patrimônio histórico arquitetônico, a questão da identificação entre povo e patrimônio frequentemente apresenta-se como obstáculo: como pode o indivíduo desenvolver apreço por algo que não conhece, criar afeto por uma cidade na qual meramente habita, de maneira distante, fria?

Na medida em que a zona metropolitana da Grande Belém se expande continuamente, observa-se um processo de estranhamento entre os habitantes e a história da cidade, a qual cai no esquecimento entre dias corridos e um bombardeio contínuo de informações que pouco agregam para ambos os lados.

Um dos diversos objetivos na mente dos idealizadores da maquete do Centro Histórico de Belém era precisamente este: um simulacro do coração da cidade habitada por muitos, mas tão pouco apreciado. Dispor um modelo em escala diante dos olhos da população, criando assim, uma experiência sensível que se diferencia das outras em tantos aspectos, pode ser o início de uma relação mais próxima do povo com sua história: uma proximidade literal estreitando um laço subjetivo.

A Maquete totaliza 35m² e representa a totalidade do bairro da Cidade Velha, assim como recortes dos bairros Campina e Reduto. Nestes bairros observa-se uma maior concentração de marcos e edificações ligadas à história da cidade, principalmente sua fundação, no século XVII. Inicialmente buscou representar apenas as obras atribuídas a Antônio Landi, arquiteto italiano cuja trajetória é indissociável da Belém colonial, porém, ao longo de sua criação, foram inclusos neste plano outras edificações, também ligadas à memória local.

Estabelecemos, portanto, como problema de pesquisa a busca de uma nova ferramenta pedagógica no processo educacional da população da capital paraense, focando na importância da preservação do patrimônio histórico, e toma-se como objeto de estudo do presente artigo a Maquete do Centro Histórico, buscando aprofundar essa discussão ao argumentar-se sobre a suma importância de um artefato como a maquete no estabelecimento de uma memória gráfica arquitetônica – o que pode ser um aliado importante no processo de firmar uma consciência coletiva atenta pra a sua própria história.

3. REFERENCIAL TEÓRICO E ABORDAGEM METODOLÓGICA

Ao se propor discutir a relação de uma população com o ambiente urbano que o cerca, analisa-se também o histórico dessa relação: desde a revolução industrial, o nascimento da cultura escrita e impressa, e da disseminação da imprensa o ato de viver em sociedade é marcado pelo diálogo que acaba por nascer entre habitante e o ambiente criado a partir dos fatores supracitados.

Essa cultura material, visual e impressa gerada através da habitação, vivência e testemunho acaba culminando em um imaginário que segue certos padrões que se identificam com aquele espaço – parte desse imaginário pode ser descrita através do conceito de memória gráfica.

Segundo Farias e Braga (2018):

> A expressão memória gráfica tem sido utilizada, nos últimos anos, em países de língua portuguesa e espanhola na América Latina, cada vez com mais frequência, para denominar uma linha de estudos que busca compreender a importância e o valor de artefatos visuais, em particular impressos efêmeros, na criação de um sentido de identidade local. (FARIAS; BRAGA, 2018, p. 10)

Artefatos visuais e materiais atuam de maneira importante no cotidiano, através de nossas experiências comunicacionais e interações com o entorno urbano. O estudo sobre a criação e configuração de tais artefatos, o sucesso destes ao entrar ou não no imaginário coletivo urbano, e o seu papel no nascimento de uma identidade coletiva foi negligenciado por muitas décadas.

Essa questão é diretamente ligada ao relativamente tardio estabelecimento de estudos acadêmicos acerca do design e arquitetura “locais”,

apesar da importância do estudo do que, de fato, vem a compor a cultura de uma cidade ou ambiente urbano. Isto é especialmente visível em países ou cidades que importaram suas tradições em design, arte e cultura material ou construída (como a arquitetura).

Até meados de 2008, quando surgiu o primeiro projeto institucionalizando o termo Memória Gráfica Brasileira, o assunto (memória gráfica) tinha se restringido notadamente ao campo da fotografia e impressos editoriais (De Jesus, 2015). A pesquisa nesse campo afirma sua identidade através de levantamentos, análises e ações de preservação; os artefatos pesquisados variam entre material impresso ou não, tecnologias diversas, e as relações afetivas que a comunidade mantém com a paisagem urbana.

Quando falamos dessa capacidade do indivíduo de relacionar-se com o ambiente em que transita, seu ambiente urbano, tomar consciência deste espaço e com ele criar laços, o conceito de “Empatia Espacial” entra em cena para enriquecer a discussão:

> Ao abandonar um enfoque apenas morfológico dos espaços, o conceito de “Ambiência” passa a considerar todos os aspectos sensoriais e dinâmicos que envolvem o Lugar Urbano e, por consequência, traz à tona a ativação de um corpo “encarnado”, que não se desenvolve sem a presença e a ação do espaço que o circunda.(DUARTE, 2015)

Estudos existentes relacionando memória gráfica e cultura material, foram utilizados também como referência se tratando de suas abordagens metodológicas, estes sendo a pesquisa sobre gradis ornamentados, encontrados em áreas de casas mais tradicionais em Belo Horizonte, Minas Gerais (Goulart, 2011), a pesquisa sobre a cultura do impresso no Pará no século XIX e sua relação com a Memória Gráfica, (Martins, 2017), investigações sobre elementos tipográficos no ambiente urbano (Gouveia; Farias; Gatto, 2009; D’elboux, 2013) e o estudo de padrões tradicionalmente utilizados por uma comunidade de artesãos no Equador (Erráez Cruz, 2011).

Adotaremos nesse artigo, então, a visão de Meneses (2003), segundo a qual a cultura material é entendida como uma plataforma, através da qual observa-se o funcionamento e a transformação das sociedades, e que considera

o artefato torna-se um componente essencial para a compreensão da cultura material.

E quando relacionamos o estudo da Memória Gráfica com a cultura material do recorte geográfico e populacional aqui adotado (o Centro Histórico e a população da capital paraense), é possível extrair informações sobre hábitos, tendências, formas de habitar e ocupar espaços, e assim teremos em mão uma narrativa sobre a população e sua relação com aquela região.

Compreendendo essa narrativa, podemos buscar melhores meios de construí-la, estreitando assim os laços habitante-cidade, gerando um sentimento mais forte de pertencimento, uma maior educação a respeito da própria Belém e da importância da preservação dos espaços e edifícios que ajudam a contar a história da cidade.

Para a elaboração deste trabalho, renunciamos o uso de uma abordagem necessariamente técnica, principalmente por tratar-se de uma questão, de certa forma, subjetiva; ainda que haja um referencial teórico como ponto de partida para a nossa discussão. Parte-se de uma pesquisa bibliográfica realizada em material acadêmico como livros, periódicos e artigos para fundamentar o início da discussão, que é enriquecida pelo conhecimento empírico e coleta de dados.

A vivência de uma das autoras como integrante de longa data da equipe de criação e manutenção da Maquete fortalece o conhecimento empírico a respeito do artefato aqui discutido, por observarmos a possibilidade de essa experiência oferecer maior concretude às argumentações.

4. DISCUSSÃO

Ao se observar uma cidade, bairro, rua ou qualquer forma de recorte urbano, a sua cultura material e arquitetônica, identificam-se características essenciais para entender as transformações da sociedade. O artefato é um dos componentes de maior importância da cultura material (Meneses, 2003) – aqui, representado pela maquete do centro histórico, artesanalmente produzida em meio ao próprio recorte geográfico e arquitetônico que retrata.

O aspecto estético da maquete contribui intensamente para o seu valor aos olhos do espectador – um trabalho delicado, onde a madeira balsa serve

para retratar espaços onde tantos de nós habitamos, transitamos, e vivemos toda a gama de emoções e experiências humanas. Em sua proposta de utilizar poucos materiais de maneira a dar ênfase à forma, foi possível criar uma espécie de quadro em branco onde cada um pode projetar sua própria imaginação.

Relacionaremos então, essa ideia de imaginário (até aqui, subjetivo e individual) a um cenário mais amplo, o da consciência coletiva. Tendo em mente o conceito já apresentado de Empatia Espacial (Meneses, 2003), percebemos como a junção de vários "subjetivos individuais" influenciam a consciência coletiva de uma sociedade. Essa noção relaciona-se diretamente à maneira como as crenças, histórias individuais e percepções contribuem para a construção de uma compreensão compartilhada em uma cultura ou comunidade. Compreendendo o potencial deste artefato para gerar uma experiência sensorial que pode por afetar profundamente a relação indivíduo-cidade, e por consequência a consciência coletiva a respeito da mesma, entramos em uma gama de possíveis resultados no campo social, sendo diversos de natureza positiva: as narrativas e histórias individuais que intrínsecas do imaginário subjetivo contribuem para a formação da identidade cultural de uma sociedade. Elas moldam a forma como as pessoas percebem a si, e como veem seu lugar na sociedade, bem como suas relações com outros espaços e culturas.

Esse surgimento de uma consciência coletiva sólida é capaz de acarretar o surgimento de uma nova narrativa na relação indivíduo-cidade, incluindo uma mobilização social voltada para movimentos artísticos e sociais – histórias compartilhadas e visões de mundo que ressoam com os valores da comunidade refletidos na cultura visual e material, quando estudados e preservados através da propagação do campo de estudo da Memória Gráfica, podem ser ferramentas valiosas quando se busca estreitar o laço entre indivíduo e cidade através das experiências sensoriais na cidade.

Além disso, se buscarmos no campo da sociologia o conceito de Resiliência Cultural, é possível entender como o imaginário e a consciência coletiva podem ser formados a partir de narrativas compartilhadas sobre a história, superação de desafios e a conexão com o passado, fortalecendo e trazendo coesão social para a resistência mediante mudanças e adversidades.

Na sociologia, resiliência pode ser definida como a capacidade de comunidades ou grupos de enfrentar estresses externos e perturbações resultantes de mudanças sociais, políticas e ambientais (Adger, apud Brand; Jax, 2007). Ou então, segundo Polleto e Koller (2006), como um sistema adaptativo do ser humano, que possibilita a superação de situações adversas ou estressantes por meio da transformação em emoções positivas através da união em comunidade através do sentimento de identificação cultural.

Seguimos, então, para a associação entre o conceito de memória gráfica com o de vivência urbana, a criação de um imaginário coletivo e sua ligação com a cidade ou um recorte geográfico: elementos da cultura visual e material exercem um papel essencial na maneira como a população percebe, relaciona-se e constrói uma compreensão compartilhada desse ambiente urbano específico.

Fig. I (esq.) e II (dir.) - A memória gráfica pode ser estudada em relação ao artefato construído original ou aquele produzido já tendo em mente o laço criado pelo indivíduo. O Theatro da Paz, em Belém, integra a consciência coletiva há anos por sua importância e estética icônica, assim como a Capela de Nsª. Srª. De Fátima, e seus ladrilhos fazem parte do imaginário candango.
Fonte: Autoria própria (I) Fundação Athos Bulcão (II)

Isso pode acontecer intermediado por uma iconografia urbana, paletas de cores, sinalizações e grafismos urbanos. Por exemplo, o grafismo marajoara que foi utilizado por anos como parte da comunicação visual nas frotas de ônibus de Belém, o uso do mercado do Ver-o-Peso como símbolo local para diversos fins, ou as cores da fachada do Theatro da Paz, que sofreram pouquíssimas

variações ao longo dos anos, ou até mesmo a disposição das barracas na feira dominical da Praça da República, que seguem a mesma setorização há pelo menos duas décadas.

As mudanças acarretadas pelo crescimento populacional da capital paraense, assim como os efeitos sociais derivados de um extenso período de distanciamento social em decorrência da pandemia do COVID-19 são latentes – o centro da cidade incha-se de segunda à sexta com trabalhadores e cidadãos que ao anoitecer retornam para suas casas sem perceber seus arredores. Não podemos culpá-los, quando estes mesmos arredores por tanto tempo estiveram fechados para o público, seja de maneira literal ou figurativa.

Fig. III – A Maquete do Centro Histórico sendo montada no Palacete Faciola.
Fonte: Autoria própria

A Maquete do Centro Histórico exemplifica essa situação, considerando que permaneceu de junho de 2022 a maio de 2023 exposta para visitação gratuita no complexo do Palacete Faciola, localizado na Av. Nazaré, integrando a exposição do então recentemente reinaugurado Museu da Imagem e do Som. Antes disso, após sua inauguração em maio de 2022, estava exposta ao público no Fórum Landi, através do projeto cultural Circular Campina Cidade Velha, que há 10 anos segue com a nobilíssima missão de incentivar a população a ocupar, conhecer e experienciar as diversas atrações e atividades que colorem os bairros.

Acima de qualquer coisa, a arquitetura e o layout urbano em si podem integrar a memória gráfica de uma cidade: a forma como os edifícios são projetados, a disposição das ruas e praças, e a presença de espaços públicos influenciam diretamente a experiência sensorial e a percepção das pessoas sobre a cidade, juntamente com os seus laços ligados a ela.

Em última análise, a memória gráfica urbana é uma parte indissociável da construção do imaginário coletivo da população, e merece um estudo aprofundado como tal para integrar os esforços daqueles interessados na preservação do patrimônio paraense. Quando sólida e bem elaborada, tem capacidade de forte influência sobre a forma como os residentes, visitantes e até mesmo aqueles que nunca estiveram na cidade percebem o ambiente urbano, colaborando para a afirmação de uma identidade compartilhada e uma narrativa cultural a respeito da cidade.

5. CONCLUSÃO

Neste artigo, buscou-se apontar a Maquete do Centro Histórico como um artefato visual que, quando bem usufruído, pode ser importantíssimo no estabelecimento de memória gráfica comum ligada ao centro histórico de Belém. Através dos conceitos de Memória Gráfica, Empatia Espacial e Resiliência Cultura, essa ideia foi delineada, através de uma discussão que evidencia a capacidade de um movimento nesta direção tem de auxiliar na educação populacional e preservação do aguerrido patrimônio histórico belenense, em especial o recorte geográfico da Cidade Velha, Campina e Reduto.

Dessa forma – ao tornar o impessoal em familiar - trazendo-o não apenas aos olhos, mas ao imaginário coletivo - nos aproximamos de uma realidade onde a vontade de preservar, viver e testemunhar o patrimônio histórico construído é ser, estar e pertencer a mente do indivíduo, a partir de uma interação efêmera, mas com impacto permanente.

REFERÊNCIAS

BRAND, F.S.; JAX, K. (2007). *Focusing the meaning(s) of resilience as a descriptive concept and a boundary object.* Ecology and Society 12(1): 23.

Disponível em: <http://www.ecologyandsociety.org/vol12/iss1/art23/.html> Acesso em: fev. 2021.

DE JESUS, S. (Org). *Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual:* arquivos, memorias, afetos. Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015.

DUARTE, C.R.S. *A empatia espacial e sua implicação nas ambiências urbanas.* Laboratório de pesquisa Arquitetura, Subjetividade e Cultura (LASC). UFRJ: Rio de Janeiro, 2015.

ERRÁEZ CRUZ, D. *Estrategias visuales crativas de diseño publicitário com motivos de la memoria gráfica de la comunidade de artesanos saraguro,* 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidad Tecnológica America, Quito, 2011.

FARIAS, P.; BRAGA, M. da C. (org.). *Dez Ensaios Sobre Memória Gráfica***.** Blucher, São Paulo, SP, 2018.

GOULART, F. *Grades de ferro ornamentais em Belo Horizonte:* permanência e mobilidade na constituição de uma memória gráfica. In: Anais do 9º Seminário Docomomo Brasil. Brasília: UnB-FAU, 2011.

GOUVEIA, A.P.S.; FARIAS, P.L.; GATTO, P.S**.** *Letters and cities:* Reading the urban enviroment with the help of perception theories. Visual Communication, v. 8, n. 3, 2009, p. 339-348.

MENESES, U.B. *Fontes visuais, cultura visual, história visual.* Balanço provisório, propostas cautelares. Revista Brasileira de História, v.23, nº45, p11-36, 2003.

MARTINS, Fernanda de Oliveira. *Impresso no Pará, 1820-1910:* a memória gráfica como composição do espírito de época. 2017, 277f. Tese (Doutorado em Design) – Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

POLLETO, Michele; KOLLER, Sílvia Helena. *Resiliência:* uma perspectiva conceitual e histórica. In: DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; KOLLER, Sílvia Helena; YUNES, Maria Angela M. (Org.). Resiliência psicologia positiva: interfases do risco a proteção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

MUROS E CRIAÇÃO DE IMAGENS RELACIONAIS EM VIAS DA CIDADE DE BELÉM[1]

WALLS AND CREATION OF RELATIONAL IMAGES IN STREETS OF THE CITY OF BELÉM

MUROS Y CREACIÓN DE IMÁGENES RELACIONALES EN LAS CALLES DE LA CIUDAD DE BELÉM

Edson Silva de Aquino Júnior[2]
Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes[3]

Resumo: Os elementos arquitetônicos são pensados para variados usos, como compor estruturas, decorar fachadas e promover segurança e privacidade, entre outros. Quando falamos de muros, esse elemento tão comum no meio urbano para isolamento de lotes, se tem a ideia de proteção de um determinado espaço, delimitando e dando a possibilidade de se criar uma relação particular em cada lado desse muro. Sua existência possibilita, também, o surgimento de imagens relacionais capazes de transformar o sentimento individual sobre o usuário que naquele espaço circula. Esse trabalho desenvolve, a partir de fotografias da uma avenida em Belém do Pará, de que maneira podem surgir imagens de aproximação e afastamento. Foi possível entender como a existência do muro pode criar sensações de segurança para quem está dentro do espaço privado, mas também, imagens de insegurança, vazio e desconforto para quem está no espaço público.

Palavras-chave: Muro; Imagem; Afastamento; Espaço urbano; Belém.

Abstract: Architectural elements are designed for various purposes, such as composing structures, decorating facades, and promoting security and privacy, among others. When it comes to walls, this common element in urban environments used for lot isolation conveys the idea of protecting a specific space, delineating it and providing the possibility of establishing a distinct relationship on each side of the wall. Its existence also enables the emergence of relational images capable of altering individual perceptions regarding the

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho 2 – Cidade, Arte e Espaço do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Zootecnista pela Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA); Arquiteto e urbanista pela Universidade da Amazônia (UNAMA); Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: edsonaquinojr@hotmail.com. ORCID: https://orcid.org/0009-0008-0603-606X.

[3] Pós-Doutoranda da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa (ULISBOA); Pós-Doutoranda da Universidade do Porto (UP). Doutora em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA).Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano pela Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail:marcianunes2011@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8345-3528.

users navigating that space. This study, based on photographs from a street in Belém do Pará, explores how images of proximity and distance can arise. The research shed light on how the presence of a wall can evoke feelings of security for those within the private space, but at the same time, trigger images of insecurity, emptiness, and discomfort for those in the public space.

Keywords: Wall; Image; Distance; Urban space; Belém.

Resumen: Los elementos arquitectónicos están diseñados para diversos usos, como estructuras de composición, decoración de fachadas y promoción de seguridad y privacidad, entre otros. Cuando hablamos de muros, este elemento tan común en entornos urbanos utilizado para el aislamiento de terrenos, transmite la idea de proteger un espacio específico, delimitándolo y brindando la posibilidad de establecer una relación particular en cada lado de dicho muro. Su existencia también posibilita la aparición de imágenes relacionales capaces de alterar la percepción individual acerca de los usuarios que transitan ese espacio. Este estudio, basado en fotografías de una calle en Belém do Pará, explora cómo pueden surgir imágenes de cercanía y distancia. La investigación arrojó luz sobre cómo la presencia de un muro puede evocar sensaciones de seguridad para aquellos dentro del espacio privado, pero al mismo tiempo, generar imágenes de inseguridad, vacío e incomodidad para aquellos en el espacio público.

Palabras clave: Muro; Imagen; Distancia; Espacio urbano; Belém.

1. INTRODUÇÃO

O processo de urbanização trouxe diversas alterações para a relação das pessoas e o próprio desenvolvimento das cidades e seus centros urbanos. A urbanização transforma as relações e gera novas maneiras de interação entre as pessoas, troca de ideias e experiências. Uma das maiores mudanças é a relação entre o espaço público e o espaço privado. Com as peculiaridades do espaço urbano vem a necessidade de proteger o espaço privado. E um dos elementos que, sempre utilizado pelo homem, e ainda mais comum na cidade, é o muro.

Muros acabam gerando espaços vazios e que, para o usuário da via pública, gera novas formas de criação da imagem daquele espaço. E é a partir desse olhar que vamos relacionar muros de diversas localizações em Belém com a criação de uma imagem de insegurança reforçada por esse elemento que cria duas imagens, tanto de segurança como de insegurança. E como diz

BAITELLO (2019), “a imagem é um objeto complexo, relacional. Não é o objeto delimitado dentro de uma área de conhecimento circunscrita, apenas”, logo, a formação da imagem em relação à um espaço é resultado de uma série de relações que, inevitavelmente, serão peculiares entre os indivíduos.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Obter um panorama de muros na avenida Pedro Álvares Cabral, no município de Belém do Pará, que possibilitem a geração de imagens de aproximação e/ou afastamento para usuários desta via pública.

2.2 Objetivos específicos

Fazer um passeio pela avenida Pedro Álvares Cabral capturando fotografias de muros diversos presentes em lotes de usos diversos.

Elencar fotografias capazes de evocar imagens de aproximação e/ou afastamento.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nas cidades, assim como no caso de Belém, o uso dos muros geralmente é para proteção de lotes, seja essa proteção visual ou mesmo física. E essa utilização afeta diretamente a própria Permeabilidade Urbana assim como para a própria Vitalidade Urbana. E sobre a Permeabilidade Urbana, é preciso entender seu conceito e entendimento mais direto da constante relação do espaço público e do espaço privado, e essa relação é retroalimentada pela perspectiva do usuário o tempo todo, como acrescentam:

> Permeabilidade física entre espaços públicos e privados ocorre nas entradas para os edifícios ou jardins. Isso enriquece o espaço público através do aumento do nível de atividade em suas bordas (BENTLEY et al, 1985).

A Permeabilidade Urbana sugere essa relação constante entre os dois lados (público e privado) de espaços que alternamos o tempo durante nossas circulações diárias. E as cidades, com sua constante mudança e crescimento,

deveriam ser transformadas com uma atenção maior quanto ao efeito direto da possibilidade de o usuário relacionar-se com os espaços tanto públicos quanto privados. Eles reforçam:

> Para aumentar a robustez, a interface entre edifícios e espaço público deve ser projetada para viabilizar que uma gama de atividades privadas internas coexista em intensa proximidade física com a gama de atividades públicas no exterior (BENTLEY et al, 1985).

Na imagem abaixo podemos ver de forma bastante ilustrativa a ideia dos autores em simbolizar a constante comunicação entre espaços públicos e privados como espaços não apenas de troca, mas também de estímulo e criação dessas relações o tempo todo. Apesar de ser uma percepção subjetiva e individual, pela imagem é percebível a ideia dos autores em expressar essa permeabilidade como um fator de integração entre esses espaços que, em tese, são separados, mas que permeiam nossos sentidos o tempo todo. A Imagem 1 abaixo ajuda a entender a permeabilidade.

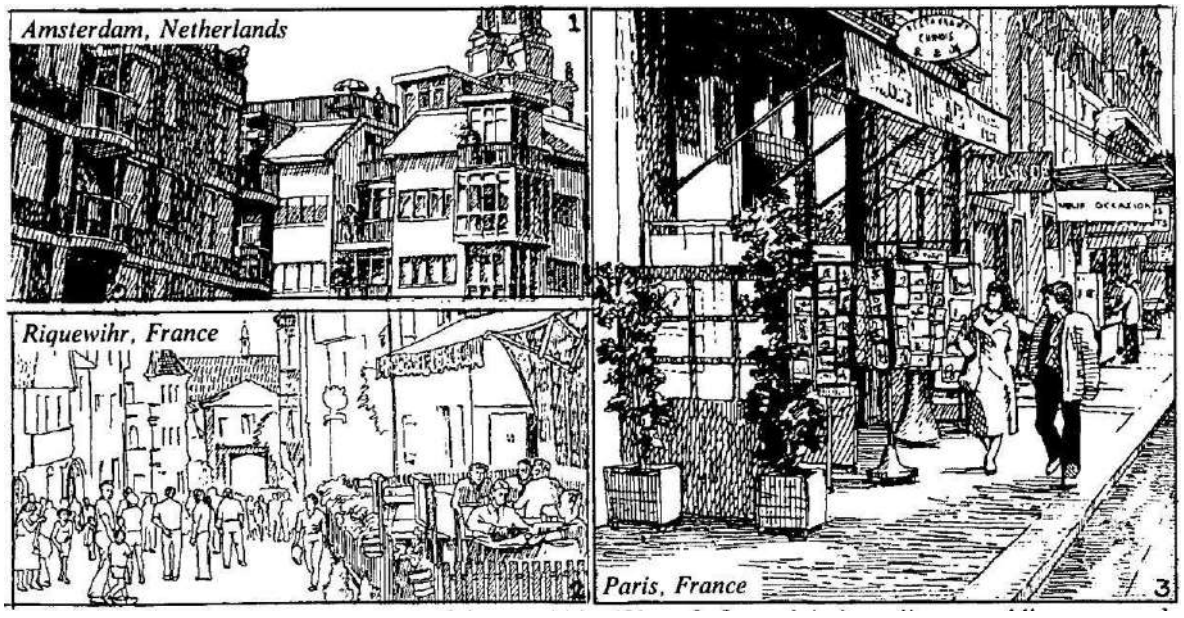


Imagem 1 - Proximidade e interação entre as atividades no interior e exterior das edificações

Fonte: Bentley et al (1985, p. 69).

E a permeabilidade urbana ajuda a entender outro conceito importante, que é a vitalidade urbana. E sobre vitalidade urbana temos:

> Socialidade, representada pelo movimento de pedestres, copresença e potencial de interação nos espaços públicos; vida

> microeconômica, representada pela presença de atividades não-residenciais nos edifícios; e segurança, caracterizada pela baixa ocorrência de crimes, pela sensação de estar seguro em um espaço público e pala baixa frequência de comportamentos antissociais (SABOYA, VARGAS, NETTO, 2015).

A Imagem 2 abaixo ajuda a ilustrar essa relação entre a busca do ambiente seguro e sua contribuição para o afastamento da permeabilidade entre os dois espaços.

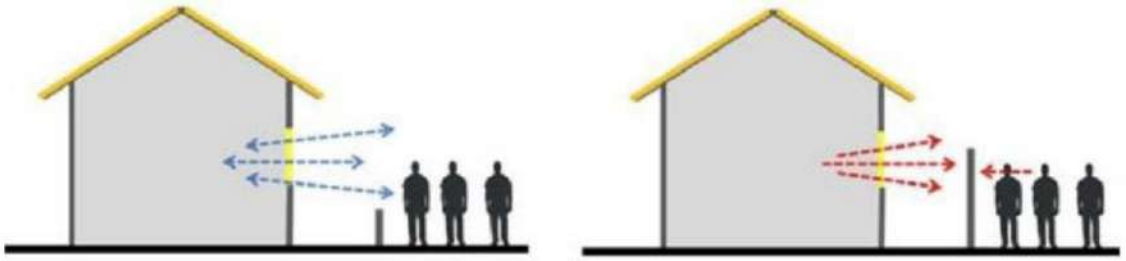


Imagem 2 - Relação "Olhos Naturais"

Fonte: VIVIAN, M. SABOYA, R. (2012).

Mas uma infinidade de outras questões permeiam a (má) utilização dos muros. Segundo o autor a seguir:

> Passamos a vivenciar discursos pautados em patologias narcisistas e autorreferenciadas, que enfatizam a necessidade de proteção contra o "outro" e o "desconhecido", seja por gênero, cor, renda, classe social ou etnia" (DUNKER, 2015).

Isso ajuda a entender que não apenas fatores como a segurança justificam a presença prejudicial desses elementos em pontos espalhados por toda a cidade. O mesmo autor ratifica isso:

> Há uma sociedade concentrada em núcleos urbanos, agora mais densos, por isso mais diversos e heterogêneos. A diversidade e o medo do desconhecido originam o sentimento retórico de que o outro é perigoso, ameaçador, e que a solução para o problema é negar tudo que, para o sujeito, seja diferente (DUNKER, 2015).

Esse elemento nos centros urbanos, e no caso de Belém, cria uma espécie de vazio urbano mesmo em uma via muito movimentada. Esses vazios urbanos propiciam maiores oportunidades de ocorrerem violências do dia a dia (furtos, assédio, por exemplo), mas também de criação de imagens negativas

por quem ali transita. Isso é reforçado mais uma vez por BAITELLO (2019) quando ele diz que:

> Assim, na relação entre o dentro e o fora começa a interação com o meio, com o outro, com o ambiente e seus habitantes. Tal interação é constitutiva de toda comunicação. E comunicação não é informação, é transformação, é percepção e ação, é afeição, afetar e ser afetado pelo entorno, é movimento, mover (-se) e comover (-se) (BAITELLO, 2019).

Um olhar que parece bastante pertinente nesse momento é de entender esse processo como a própria comunicação, ou melhor, um acontecimento comunicacional. Marcondes Filho, C. (2018) diz que “a comunicação não é uma ação passiva no sentido de um compartilhar, um repassar, um transferir alguma coisa, mas um tipo de vivência, uma experiência, um acontecimento, uma imersão”. Ele acrescenta:

> A comunicação ou o acontecimento comunicacional – talvez o termo mais apropriado – é um fenômeno, ela tem a capacidade de nos desarranjar, de nos desestabilizar, de provocar e, através disso, nos levar a pensar, nos incomodar. Produz algo naquele que a vivencia e tem a potência de alterá-lo (MARCONDES FILHO, C., 2018).

Parece pertinente entender essa relação entre o usuário e seu entorno imediato como um momento de troca capaz de transformar como aquele indivíduo percebe-se em um determinado lugar. Marcondes Filho, C. (2018) aponta algumas teses que ratificam esse entendimento de que, ao se estabelecer um acontecimento comunicacional, o usuário transforma-se.

> A primeira tese, portanto, sugere que comunicação seria essa coisa que faz com que a pessoa não saia da mesma forma como entrou, que nela ocorra algum fato que tenha a possibilidade de alterá-la, ela promove uma transformação; esta é a primeira tese que eu defendo aqui no conceito de comunicação (MARCONDES FILHO, C., 2018).

Esse trabalho busca exatamente esse cruzamento de conceitos já conhecidos da arquitetura com conceitos de imagem que, por sua vez, se relacionam com comunicação e a própria subjetividade inerente ao homem. E por meio de um levantamento fotográfico, em uma avenida em Belém do Pará, entender como alguns pontos oferecem condições de criar imagens de aproximação e distanciamento por seus usuários das vias urbanas,

principalmente pela existência de grandes extensões de muros que funcionam como um elemento comunicacional.

4. METODOLOGIA

Para fins de objetividade e representatividade da cidade, foi definida a avenida Pedro Álvares Cabral como via a ser fotografada por ser uma avenida que perpassa por vários bairros, tantos centrais como periféricos, além de oferecer calçamento, ciclo faixas em praticamente toda a sua extensão e a própria área de rodagem para veículos, sendo assim, sendo uma avenida que oferece todas as opções de circulação mais comuns nas cidades urbanizadas como Belém do Pará. Podemos ver a indicação da Avenida Pedro Álvares Cabral na Imagem 3 abaixo.

Imagem 3 - Recorte do mapa de Belém destacando a avenida Pedro Álvares Cabral em Belém do Pará

Fonte: Google Earth, 2023.

Outro critério de escolha foi definir uma avenida que cruzasse diferentes Zonas de Ambiente Urbano (ZAU) segundo a definição do Anexo V do Plano

Diretor da cidade de Belém (2008). A setorização dos bairros de Belém de acordo com as ZAUs pode ser vista na Imagem 4 abaixo.

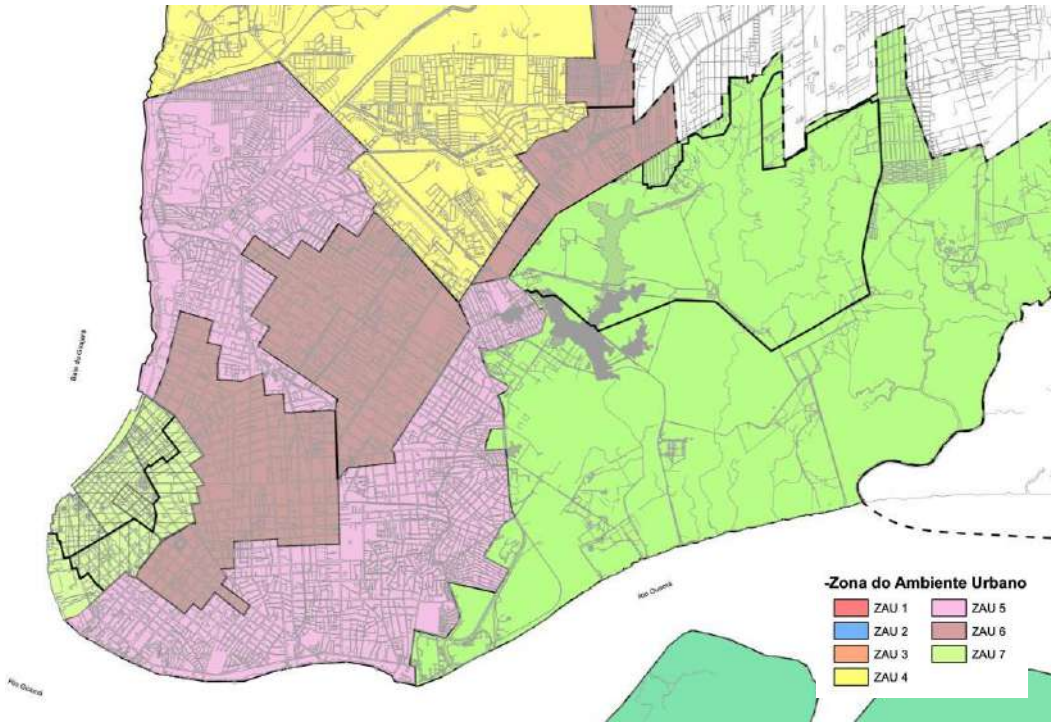


Imagem 4 - Recorte do mapa de Belém mostrando no Anexo V do Plano Diretor da cidade de Belém do Pará e suas divisões em zonas de administração urbana

Fonte: Anexo V – Plano Diretor de Belém/PA.

Após a capturas de 89 imagens por fotografia ao longo da via escolhida, foram selecionadas as imagens que mais se adequassem ao olhar da questão da permeabilidade urbana, ou seja, que dificultassem a comunicação entre as áreas de circulação nas vias (públicas) e as áreas privadas e, de uma maneira experimental e subjetiva, selecionar fotografias que oferecessem condições de análise de acordo com o olhar sobre aproximação e afastamento. Todas as fotografias foram feitas no dia 25 de junho de 2023, por ser um domingo, portanto, tendo uma menor circulação de veículos. Foram necessários em torno de 60 minutos para obter todas as imagens, onde a primeira fotografia foi feita às 16:05h. Na Imagem 5 podemos ver a definição dos pontos onde foram capturadas as fotografias.

Imagem 5 - Recorte do mapa de Belém mostrando os principais pontos onde foram capturadas as imagens dos muros

Fonte: Google Earth, 2023, com modificações do autor.

Após elencar as imagens, foi feita a organização dos arquivos por ordem cronológica com o intuito de refazer a sequência de fotografias capturadas simulando, mais uma vez, a locomoção dos usuários na avenida. E partindo da seleção de imagens foi aplicada a revisão de literatura desenvolvida com o objetivo de ratificar a formação de imagens de aproximação e afastamento, seguindo principalmente as definições de Baitello (2019), que os usuários das vias públicas estão sujeitos o tempo todo, mesmo quando não fazem essa circulação com esse objetivo.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a seleção e análise das imagens dos muros em questão, e apesar da natureza subjetiva e individual das percepções, fica evidente que esses elementos, amplamente presentes nas vias públicas da nossa cidade, têm o potencial de evocar diversas e variadas sensações naqueles que os observam, seja de forma direta ou indireta. Em certos pontos da avenida examinada, onde a quantidade de lotes residenciais é reduzida ou mesmo inexistente, a via assume a função de um extenso corredor de conexão entre áreas distintas,

especialmente no trecho que liga os bairros Sacramenta e Marambaia. Esse fenômeno resulta em uma circulação solitária dos escassos pedestres nessa região, o que pode intensificar a sensação de insegurança. E mesmo para a circulação de veículos, essa circulação evoca uma sensação de corredor apenas de passagem, sem a presença de uma paisagem diversa e mais composta, capaz de comunicar sensações de movimentações mais humanas, interagindo melhor a via pública com os lotes nela presentes. Um exemplo pode ser visto na Imagem 6 abaixo.

Imagem 6 - Imagem de um muro na avenida Pedro Álvares Cabral no trecho entre a avenida Tavares Bastos e a avenida Júlio César, bairro Marambaia, Belém/PA

Fonte: Acervo do autor.

A circulação por vias públicas é uma atividade comum na rotina diária, logo, estamos susceptíveis a estímulos que, interagindo entre si, possibilitam a formação de imagens pessoais para os circulantes desses espaços. E a existência de grandes espaços sem interação entre o lote privado e a via pública acaba por gerar ambientes que funcionam apenas como corredores isolados, sem grandes interações ou campos de visões que tragam uma melhor noção sobre o entorno. Na imagem abaixo podemos ver como a própria edificação construída no limite do lote pode gerar essa barreira não apenas física e de proteção, mas acaba servindo de oportunidade para intervenções negativas como pichações, aumentando ainda mais a possibilidade desse espaço se mostrar menos agradável ao passeio no calçamento. A Imagem 7

abaixo mostra um espaço onde a própria edificação funciona como muro limitador entre o espaço público e o privado.

Imagem 7 - Imagem de um muro na avenida Pedro Álvares Cabral no trecho entre a avenida Tavares Bastos e a avenida Júlio César, bairro Marambaia, Belém/PA

Fonte: Acervo do autor.

Nesse contexto é interessante resgatar, mais uma vez, a importância da Permeabilidade Urbana desempenhando um papel crucial na experiência dos pedestres em uma via. Uma boa Permeabilidade Urbana permite a circulação de pedestres ser mais orgânica, gerando interações, estímulos de conexão e aconchego visual, garantindo acessibilidade, conectividade e fluidez no ambiente urbano. Isso implica em ruas que oferecem trajetos diretos, seguros e agradáveis para os pedestres, com uma rede de calçadas bem projetadas, travessias seguras, mobiliário urbano adequado e uma sensação de abertura e conforto. E quando não ocorre essa sensação de abertura e conforto, surge a possibilidade de formação de imagens que remetem a sensações como perigo, violência e medo, por exemplo.

Imagem 8 - Imagem de um muro na avenida Pedro Álvares Cabral no trecho entre a Passagem São José e Passagem São Benedito, bairro Sacramenta, Belém/PA

Fonte: Acervo do autor.

Na Imagem 8 podemos ter um exemplo em que o muro não limita a comunicação visual entre o espaço público e o espaço privado. Apesar de não ser um espaço privado com uma grande composição de elementos, a simples possibilidade de se oferecer um campo visual maior, com arborização, calçamento limpo e gradis bem conservados faz com que exista a possibilidade de ser um circular menos delimitado. Portanto, a promoção da Permeabilidade Urbana se mostra essencial para garantir uma experiência positiva aos pedestres, incentivando a mobilidade ativa, a interação social, a vitalidade econômica e a qualidade de vida nas áreas urbanas.

Foi percebido que em alguns muros existem intervenções artísticas que permitem a possibilidade de gerar novos tipos de estímulos. Um caso interessante é visto no mesmo trecho da avenida Pedro Álvares Cabral entre a Passagem São José e Passagem São Benedito, onde pinturas alteram a paisagem de maneira positiva e com motivos que remetem à cultura da cidade e da região, como aves, árvores, o próprio Mercado do Ver-o-Peso, entre outros. Durante o passeio e captura de fotografias, esse ponto focal chamou bastante atenção já que não é comum na avenida percorrida e pode ser visto na Imagem 9.

Imagem 9 - Imagem de um muro na avenida Pedro Álvares Cabral no trecho entre a Passagem São José e Passagem São Benedito, bairro Sacramenta, Belém/PA

Fonte: Acervo do autor.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando a permeabilidade urbana é baixa, devido a barreiras físicas, como muros, cercas ou grandes áreas fechadas, os pedestres podem encontrar dificuldades para se deslocar e acessar diferentes partes da cidade. Isso pode resultar em trajetos mais longos, desvios desnecessários e até mesmo em isolamento de determinadas áreas. Além disso, a falta de permeabilidade pode afetar negativamente a vitalidade e a segurança das ruas, contribuindo para a falta de atividade, o surgimento de espaços abandonados e uma sensação de insegurança.

Com a observação das imagens capturadas foi possível reforçar que a criação de imagens de aproximação e distanciamento é algo que acontece mesmo quando nossos sentidos não estão voltados para esse objetivo. O ato de circular na cidade, principalmente para o pedestre, cria imagens o tempo todo. E essa formação de imagens subjetivas pode alterar a forma como nos comunicamos com a cidade, alterando como nos aproximamos e distanciamos dela e seus elementos. Ficou bem claro como o muro é capaz de estimular nossos sentidos de maneiras bastante diversas e que, mesmo ele sendo comum nas nossas cidades, pode ser melhor pensado e utilizado parar gerar estímulos capazes de nos comunicar de modo mais positivo. E se essa

formação de imagens é complexa, esse processo depende diretamente das referências que cada indivíduo reúne, como fatores sociais, culturais e históricos, por exemplo. E a interpretação dessas imagens, principalmente baseando-se nos conceitos de Norval Baitello, foi bastante importante pois imagens podem criar significados e identidades, individuais ou coletivas, que podem estimular a aproximação ou distanciamento de modo bastante subjetivo, mas também bastante direto. Nossos sentidos estão o tempo todo sendo estimulados e considerá-los de modo efetivo pode ser um ponto importante na relação que criamos sobre os meios em que vivemos e circulamos, principalmente nas vias públicas de nossas cidades que utilizamos todas as vezes que nos deslocamos.

REFERÊNCIAS

BAITELLO, Norval. A imagem mediática. *PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM*, v. 3, n. 5, p. 61 e 64, 2019.

BENTLEY, I.; ALCOCK, A.; MURRAIN, P.; MCGLYNN, S.; SMITH, G. *Responsive environments*: a manual for designers. London: Architectural Press, p. 13 e 69, 1985.

DUNKER, Christian. *Mal-estar, sofrimento e sintoma*. A psicopatologia do brasil entre muros no Brasil. Brasil: Ed. Boitempo, 2015.

MARCONDES FILHO, Ciro. A questão da comunicação. *PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM*, v. 3, n. 5, 2019.

PLANO DIRETOR DE BELÉM (2008).

SABOYA, R.; NETTO, V. M.; VARGAS, J. C. Fatores morfológicos da vitalidade urbana: uma investigação sobre o tipo arquitetônico e seus efeitos. *Arquitextos* - Vitruvius, v. 180.02, 2015.

O GRADIL DO PARQUE DA RESIDÊNCIA: UMA QUESTÃO DE ESTETIZAÇÃO E PERMEABILIDADE URBANA[1]

THE RESIDENCIA PARK'S GATE: A MATTER OF STATIZATION AND URBAN PERMEABILITY

LA PUERTA DEL PARQUE DE LA RESIDENCIA: UNA CUESTIÓN DE ESTATIZACIÓN Y PERMEABILIDAD URBANA

Matheus Gonçalves Nunes[2]
Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes[3]

Resumo: Este artigo busca exemplificar a importância da permeabilidade urbana e da questão da estetização conferida pelo gradil na antiga Residência dos Governadores, além da relação histórica que este artefato tem com a cidade. Antes mesmo de vir a compor a fachada da antiga Residência dos Governadores, nomeado atualmente como Parque da Residência, o gradil que protege a referida edificação, originalmente pertencia ao Reservatório Paes de Carvalho, antiga Caixa d'Água de Belém, já demolida. A metodologia buscará pesquisa de acervos e trabalhos sobre a antiga residência, juntamente com entrevista à ex-mulher do Governador Alacid Nunes e seu relato à respeito do aproveitamento do referido gradil, àquela época em demolição. Entender qual a intenção do reuso, seu projeto e sua execução.

Palavras-chave: gradil; estetização; permeabilidade urbana; Parque da Residência.

Abstract: This article seeks to exemplify the importance of urban permeability and the issue of aestheticization conferred by the railing in the former Residence of the Governors, in addition to the historical relationship that this artifact has with the city. Even before coming to compose the façade of the former Residence of the Governors, currently named Parque da Residencia, the railing that protects the said building, originally belonged to the Paes de Carvalho Reservoir, the former Caixa d'Água de Belém, now demolished. The methodology will seek to research collections and works on the former residence, together with an interview with the ex-wife of Governor Alacid Nunes and her report regarding the use of the said railing, at that time under demolition. Understand the intention of reuse, its design and its execution.

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST2 – Cidade, Arte e Espaço do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: mgnprofessor@gmail.com. ORCID: https//orcid.org/0009-0002-8976-341X.

[3] Pós-Doutoranda da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (ULISBOA). Pós-Doutoranda da Universidade do Porto (UP). Doutora em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano pela Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: marcianunes2011@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8345-3528.

Keywords: railing; aestheticization; urban permeability; Residence Park.

Resumen: Este artículo busca ejemplificar la importancia de la permeabilidad urbana y la cuestión de estetización que confiere la barandilla en la ex Residencia de los Gobernadores, además de la relación histórica que este artefacto tiene con la ciudad. Incluso antes de pasar a componer la fachada de la antigua Residencia de los Gobernadores, actualmente denominada Parque da Residencia, la barandilla que protege dicho edificio pertenecía originalmente al embalse de Paes de Carvalho, la antigua Caixa d'Água de Belém, hoy demolida. La metodología buscará investigar colecciones y obras de la antigua residencia, junto con una entrevista a la ex esposa del gobernador Alacid Nunes y su informe sobre el uso de dicha barandilla, en ese momento en demolición. Comprender la intención de reutilización, su diseño y su ejecución.

Palavras clave: barandilla; estetización; permeabilidad urbana; Parque de la Residencia.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo busca exemplificar a importância da permeabilidade urbana e da questão da estetização conferida pelo gradil na antiga Residência dos Governadores, além da relação histórica que este artefato tem com a cidade. Antes mesmo de vir a compor a fachada da antiga Residência dos Governadores, nomeado atualmente como Parque da Residência, o gradil que protege a referida edificação, originalmente pertencia ao Reservatório Paes de Carvalho, antiga Caixa d'Água de Belém, já demolida.

Durante o Governo de Alacid Nunes, no final da década de 1960, o grande Reservatório de Água fora demolido. Em seu governo de 1966 a 1971, em seu álbum de registros, o antigo reservatório de ferro é reconhecido com grande valor, contudo isso não foi suficiente para evitar seu desmonte, justificado pelo seu desgaste. E neste mesmo governo, o governador reaproveitou o gradil que circundava e protegia o antigo reservatório, para assim compor a nova fachada do Palacete, fornecendo assim um novo ritmo, transparência e elegância à edificação e seu jardim.

A permeabilidade já vem sendo discutida desde meados do século passado, porém, após levantamento do estado da arte, verificou-se que há poucas dissertações brasileiras recentes que trazem a permeabilidade urbana

como foco central, ressaltando a necessidade de se aprofundar no tema. Ademais, a importância do conceito como forma de modificar positivamente as cidades, reduzindo os problemas causados pelas construções introspectivas na urbanidade, reforça a importância das discussões. Entende-se por permeabilidade urbana a característica dos ambientes responsivos, ou democráticos, que permite diversidades de formas de conexão de um ponto a outro. Também, levando em conta que, para ser responsivo, um espaço deve permitir acesso de todo tipo de pessoas, a permeabilidade torna-se primordial para alcançar tal qualidade (BENTLY et al., 1985).

Como parte desse cenário, a lógica capitalista que impulsionou a valorização do espaço privado em espaço público assume a ideia de status refletida na morfologia das novas ocupações nas cidades. Acerca da sociedade hipermoderna percebemos como a arte e a estética vem influenciando o mercado contemporâneo. Como os setores criativos vem modificando o olhar do consumidor em relação ao belo, ao prazer, ao sonho por meio da estética que, somada com o mercado, impõe um novo significado de experiências que temos com o mundo que nos cerca. Observa-se que o Parque da Residência, de acordo com sua história, vem passando por este processo de estetização para um bem maior da população e da cidade, logo, este trabalho vem com o foco de demonstrar como funcionou este processo, aliado com a permeabilidade urbana.

Busca-se, portando, entender como esse gradil se apresenta à sociedade em sua memória patrimonial datado do início do séc. XX, período áureo da borracha, e com o passar do tempo e dos novos anseios, esse espaço se requalificou por meio da estetização e sua permeabilidade na cidade contemporânea. Com o intuito de proporcionar uma melhor compreensão, este artigo foi dividido em cinco capítulos, começando pela introdução, passando pela fundamentação teórica, metodologia, análises e discussões e finalizando com as considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Contexto Histórico e Características da Edificação

Localizado na capital paraense, outrora conhecida como Capitania do Grão-Pará e Rio Negro, em meados do século XVIII, o objeto desta pesquisa identifica-se nos dias de hoje como Parque da Residência, um equipamento urbano de cultura e lazer. Esta edificação, permaneceu conhecida como Residência dos Governadores até o final dos anos 80 quando então, o último governador do Estado, residia na antiga Avenida Independência, e atual Avenida Magalhães Barata.

A edificação em si, possui importante significado para a cidade de Belém, desde seu contexto histórico, social e econômico vigente no período do ciclo da Borracha, inicialmente construído como residência e com o passar dos anos ocupando novas funcionalidades, a qual passou por processos de acréscimos e adaptações diversas para enfim, adaptar-se e ficar de acordo com a funcionalidade que ora se propõem.

Em Belém, o cenário definido pela economia da borracha cria condições para o enriquecimento de uma camada da população, estabelecendo o ecletismo e sua forma de morar, com uma diversidade na nomenclatura das casas burguesas. Isto significa que essas casas revelam uma complexidade projetual específica, mas, acima de tudo, estética. A partir de 1890, os códigos de posturas municipais definiam alturas, tratamento de fachadas, materiais a serem usados e iluminação dos prédios[4]; houve mudanças no gabarito das edificações; sobrados altos e palacetes foram construídos e neles foi visível a predominância de elementos decorativos e estruturas de ferro, a maioria de procedência inglesa.

Referindo-se ao objeto de estudo desse projeto de pesquisa, o gradil desta edificação, durante o Governo de Alacid Nunes, no final da década de 1960, o grande Reservatório de Água fora demolido. Em seu governo de 1966 a 1971, em seu álbum de registros, o antigo reservatório de ferro é reconhecido com grande valor, contudo isso não foi suficiente para evitar seu desmonte, justificado pelo seu desgaste.

[4] DERENJI, Jussara da Silveira. Arquitetura residencial de ferro no Pará. In: DERENJI, Jussara da Silveira (Org.). Arquitetura de ferro: memória e questionamento. Belém: Universidade Federal do Pará, 1993. p. 163.

> Ao ser demolida a Caixa d'Água de Belém, que era um marco de valor artístico e histórico, mas em condições insustentáveis, com sua estrutura em via de desmoronar-se, o Governo Alacid Nunes teve a feliz lembrança de aproveitar o lindo gradil que circundava aquele reservatório e com ele guarnecer os jardins que emolduram o Palacete Governamental. O gradil é de um caprichoso rendilhado metálico (...), constitui legitimo objeto de bom-gosto, de fina estilização em ferro forjado.[5]

A Residência dos Governadores deixou de ser de ser Residência Oficial do Governador após sua transferência para Granja do Icuí, final dos anos 80, 09 anos depois do último mandato do Governador Alacid Nunes. Em 1992 o palacete entrou em obras, porém nunca concluída, o que agravou a deterioração do prédio. Em 1997 dá-se então o projeto de restauro e adaptação de novo uso à Residência dos Governadores passando a ser denominado de Parque da Residência, numa versão de miniparque público urbano dinamizado em diversos pólos de atração (PARÁ, 2000, p.53).

2.2 Permeabilidade Urbana e Espaço Responsivo

Pellegrini, em sua pesquisa, expõe: "O ambiente urbano convidativo, democrático, característico da urbanidade e que atende às necessidades do usuário é o ambiente responsivo" (BENTLY et al., 1985, apud PELLEGRINI, 2020, p. 42). Acrescenta, também, o que Gehl (2015) afirma que: o ambiente responsivo ameniza os conflitos urbanos, e que a adoção de espaços públicos e suas transições para o espaço privado de melhor qualidade torna possível alcançar cidades mais vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis (GEHL, 2015, apud PELLEGRINI, 2020, p. 42).

Bently (1985) aponta que buscar a permeabilidade é o primeiro passo para alcançar-se espaços democráticos, e que desta forma a permeabilidade urbana deve estar sempre ligada às demais característica dos ambientes responsivos e alguns fatores como a dimensão dos blocos, ligação com o entorno e o tratamento das bordas da quadra são formas de incentivá-la. Desta forma cria-se, com isto, mais opções de percursos pelos quais se queira e seja permitido passar, além de atrair novamente indivíduos para o espaço público.

[5] PARÁ. Governador (1966-1971: Alacid Nunes). *O Pará na administração Alacid Nunes*. Belém: [s.n.], 1971. 1 v. (várias paginações}

Entende-se por permeabilidade urbana a característica dos ambientes responsivos, ou democráticos, que permite diversidades de formas de conexão de um ponto a outro. Também, levando em conta que, para ser responsivo, um espaço deve permitir acesso de todo tipo de pessoas, a permeabilidade torna-se primordial para alcançar tal qualidade (BENTLY et al., 1985).

Logo, nota-se que a permeabilidade urbana é imprescindível na busca de ambientes responsivos, já que a primeira condição destes é que sejam acessíveis, no entanto outras características devem ser adicionadas quando se objetiva melhorar a relação dos indivíduos com o espaço urbano. Bently (1985) sugere sete aspectos para gerar espaços responsivos, sendo eles: a permeabilidade, a variedade, a legibilidade, a robustez, a adequação visual, a riqueza e a possibilidade de personalização. Essas características relacionam-se entre si e permitem trazer mais qualidade aos percursos, garantindo as cidades vivas propostas por Gehl (2015).

Pellegrini (2020) expõe o que para os autores, Bently e Gehl, a permeabilidade é tida como: a característica inicial do ambiente responsivo, já que ele necessita de ser acessado. Os autores dividem esse conceito entre permeabilidade física e visual, sendo que ambas devem trabalhar em conjunto. Por isso, ao pensar permeabilidade não é somente a capacidade de se acessar, mas a capacidade de ver com clareza o trajeto que se deseja percorrer (BENTLY et al., 1985).

E sobre esse aspecto do “ver”, podemos correlacionar com o que Gehl (2015) afirma, em relação "As fachadas transparentes, acolhedoras e movimentadas, as quais dão ao espaço das cidades uma escala humana ótima exatamente onde tem mais peso: de perto e ao nível dos olhos" (GEHL, 2015, p.81). Transições com maior transparência facilitam o contato visual entre público e privado e a leitura do espaço como seguro, melhorando a experiência do caminhar.

Quando o conceito de fachada ativa (GEHL, 2015), é aplicada em fachadas, as mesmas permitem usos diversos, atraem o olhar, incentivam a permanência e dão uma ilusão de que as distâncias são mais curtas, privilegiando assim o pedestre. Da mesma forma, a variedade de tipos de transição público privada e o maior número de entradas e superfícies transparentes (permeabilidade física e visual) também podem contribuir para alcançar esse atributo.

O conceito de permeabilidade está atrelado a capacidade de se atravessar algo, e em diversas áreas de conhecimentos esta expressão assume significados diversos. Na arquitetura e urbanismo, o conceito de permeabilidade, pode estar ligado também ao conforto ambiental, à drenagem e escoamento de água e também à morfologia dos espaços construídos. Para esta pesquisa, a permeabilidade deve ser entendida como oportunidade de conexão, ou seja, a variedade de formas com que se pode percorrer o espaço público urbano e se chegar de um ponto a outro (BENTLY et al., 1985), passando ou não pelo espaço privado ou semiprivado. Com enfoque no “muro”, aqui neste caso representado pelo gradil e portão do Palacete.

Pellegrini, em sua dissertação, discorre que a permeabilidade pode ser dividida em física e visual:

> A permeabilidade física pode ser definida como a característica, dependente do tecido urbano e das formas das edificações, que permite a escolha de um maior número de caminhos para se chegar de um ponto a outro. Esta ocorre nas ruas e espaços públicos, nas entradas dos edifícios e nos espaços de transição entre eles. Já a permeabilidade visual é capacidade de ver e ser visto (BENTLY et al., 1985), estando ligada à porosidade (número de aberturas) e à transparência das edificações, ocorrendo em toda esfera pública. (PELLEGRINI, 2020, p. 49).

Acredita-se que transições público/privadas mais permeáveis (que permitem maior ligação visual e física com o exterior) são determinantes para alcançar a vitalidade no espaço público, considerando que mais possibilidade de percursos valorizam a ação de caminhar, e, como consequência, atraem pessoas para a vida na cidade.

Assume-se, também, que a permeabilidade está estritamente ligada aos assuntos relacionados ao conforto do pedestre e à priorização da mobilidade ativa (formas de deslocamento não motorizadas), sendo considerada importante na criação de espaços urbanos sustentáveis (FARR, 2013). Assim, o advento das teorias ligadas a sustentabilidade do final do século XX também impulsionam estudos sobre a permeabilidade e principalmente sobre o conceito de “permeabilidade filtrada”, ou seja, o espaço permeável que prioriza o pedestre (MELIA, 2012).

De modo geral, a permeabilidade deve estar presente tanto na malha urbana, quanto na qualidade das fachadas, possibilitando benefícios diferentes para a cidade quando combinados com os usos e apropriações da cidade. E em resumo, Pellegrini (2020) afirma que: o desenho das quadras e vias devem

permitir uma maior variedade do percurso e ter dimensões que evitem percursos longos; a ocupação das quadras devem priorizar frentes estreitas, minimizando a ocupação de grandes áreas por equipamentos monofuncionais; o número de abertura e pontos de troca público privada deve ser maior e acontecer de variadas formas; e a forma de transição entre o espaço público/privado devem estimular a permanência e o contato entre as duas esferas, aumentando a vitalidade.

Da mesma forma, entende-se que os problemas da cidade são bastante complexos e necessitam de outras estratégias aliadas à permeabilidade, mas que esta pode auxiliar de diversas formas e ser aplicada em vários níveis de desenho urbano, desde o traçado das vias até a transparências das fachadas.

2.3 Estetização do Espaço

Para os autores Lipovetsky e Serroy (2015), no Livro "*A Estetização do Mundo – Viver na Era do Capitalismo Artista*", o capitalismo e a estetização do mundo é algo que veio galgando espaço durante a anos e que, atualmente, na sociedade hipermoderna, em que vivemos, é um fator indissociável. Eles iniciam a obra comentando sobre a destruição das paisagens e do meio ambiente, esgotamento das matérias-primas, colapso dos trabalhadores, miséria cotidiana, banalidade, monotonia. O capitalismo, homogeneíza as cidades com seus arranha-céus, comércios sempre ligados ao lucro, a população na era da mobilidade, egoísmo e um esvaziamento sentimental. E questionando sobre o capitalismo, se ele é uma máquina de decadência estética e de "enfeamento" do mundo.

Comentam que os consumidores se tornam a cada dia mais exigentes e todos os níveis de produção se especializam no sentido de aprazê-los. O estilo, o design e a beleza se impõem como imperativos estratégicos das marcas, que procuram apelar para a emoção de seus clientes. Objetos como: escovas de dente, rolos de papel higiênico, utensílios domésticos - nenhum produto está imune ao embelezamento. Enquanto isso, chefs de cozinha e empresários são vistos como verdadeiros artistas.

> O capitalismo não está mais centrado na produção material, como na época fordista, mas no imaterial: o imaginário, os sonhos, a sensibilidade. Arte e mercado nunca se misturaram tanto, inflando a experiência contemporânea de valor estético. Mas essa arte já não tem a dimensão absoluta e o poder questionador que tinha em outros momentos da história, ela não pretende transformar a humanidade ou refletir sobre a própria função. Seu propósito é mercadológico: ampliar

> o consumo das massas e o lucro das empresas. (LIPOVETSKY; SERROY, 2015)

E acrescentam sobre o turismo, entretenimento, realização pessoal, qualidade de vida - o hiperindividualismo contemporâneo se incrementa no compartilhamento em rede de vidas estetizadas. Neste ensaio moderno, provocativo, refinado e acessível, o filósofo Gilles Lipovetsky investiga ao lado do crítico de arte Jean Serroy esse oximoro da atualidade: o capitalismo artista.

Com o advento do capitalismo artista modificações ocorrem na economia, na sociedade e na arte na história. A atividade estética é uma dimensão consubstancial ao mundo humano-social, Lipovetsky e Serroy (2015) fazem uma ligeira ligação com o que o filósofo Marx dizia, em seus escritos de juventude, se distinguir do universo animal por não poder ser modelado sem levar em conta “as leis da beleza”.

Diante de um cenário complexo de fluidez material, de excessos de informações e de exposições midiáticas, os consumidores se tornaram cada vez mais exigentes e tal afirmação se aprofunda no que tange a relação entre os processos produtivos e suas experiências de consumo. O mercado, além do seu aspecto tangível da produção, tem se preocupado cada vez mais com o imaterial, com o imaginário, com o onírico que possa ampliar sensações agradáveis nas mentes dos consumidores.

Lipovetsky e Serroy (2015) dividem a estetização do mundo em quatro períodos no decorrer da história da humanidade: a primeira vem a ser “a estetização ritual”, ou seja, uma era em que as convenções estéticas estão interligadas por meio do religioso, do mito, do mágico. As estruturas sociais e religiosas são as que ditam as regras estéticas, aqui não existe uma invenção de códigos, o fazer aqui é obedecer aos cânones existentes. Já na segunda era “a estetização aristocrática” que tem o momento histórico a Idade Média até o século XVIII, o grande salto que vemos é a emancipação do artista frente aos ensinamentos religiosos, aqui o artista procura atingir a perfeição em suas obras, o que há de mais belo e harmonioso e isso implica o estudo de técnicas mais elaboradas de confecção artística, uma arte voltada para exaltar a aristocracia.

Na terceira era “a moderna estetização do mundo” situada numa época em que o capitalismo já desponta como sendo o principal sistema econômico do mundo ocidental (século XVIII e XIX), os artistas estão mais livres para desenvolverem suas concepções artísticas do julgo da Igreja e da nobreza. Aqui se fala mais de uma “arte comercial” em que se adapta as demandas do público,

uma arte opositiva entre as elites e as massas, do puro e do impuro, do comercial e do artístico. A quarta e última era da estetização do mundo vem a ser “a era transestética”, ou melhor, o momento atual em que acabam-se as grandes oposições que predominava na era passada. O que cabe nessa nova era é a abundância, o cruzamento, as sobreposições, ou seja, as misturas entre a criação e o entretenimento, entre a arte e o show business, a comunicação, a moda. O importante nessa nova era são as sensações, as experiência sinestésicas, os prazeres. (LIPOVETSKY; SERROY, 2015).

3. METODOLOGIA

O processo metodológico adotado buscará pesquisa de acervos e trabalhos sobre a antiga residência, e outras referências bibliográficas a respeito dos conceitos de permeabilidade urbana e a questão da estetização. Tendo-se como objeto de pesquisa o gradil e de que forma este contribui para a característica de permeabilidade urbana e estetização do Parque da Residência. Entender qual a intenção do reuso, seu projeto e sua execução. Além de visita in-loco para registros fotográficos do local e do próprio gradil.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Neste artigo os conceitos de permeabilidade urbana e estetização, exemplificados anteriormente, serão trabalhados em conjunto para análise do atual Parque da Residência, este sendo um importante espaço de convívio e troca social, além de ter possibilidade de sediar diversos eventos em seus ambientes e de sediar a SECULT. Um dos elementos escolhidos para explicação da utilização e funcionamento dos dois conceitos aqui em foco, é o gradil instalado na fachada voltada para a Av. Magalhães Barata.

Como foi observado no sub item “*2.1.Contexto Histórico e Características da Edificação*” deste referido trabalho, o gradil foi adquiro ao atual parque da residência, no primeiro mandato de Alacid Nunes (1966-1971). No entanto, em 1933, o palacete foi divulgado em um trecho do jornal Diário do Estado, no qual o assunto tratado na matéria do jornal noticia que o interventor federal Sr. major Magalhães Barata, fez a aquisição através de compra da edificação com o intuito de ser a residência oficial dos governadores. A seguir, a Figura 1 exemplifica tal trecho do jornal.

Figura 1: Trecho da matéria que noticia a ocupação do Palacete pelo interventor federal Magalhães Barata
Fonte: Trecho do Jornal Diário do Estado, de 1933.

Tomando-se como referência a Figura 2, nela é possível notar o meio muro com gradil (acima da mureta) e portão que na frente da edificação existia e compunha assim a antiga fachada, no período. Com a mudança da instalação do novo gradil para a edificação, proveniente do antigo e extinto Reservatório de Água Paes de Carvalho, é possível notar e apontar aqui os acréscimos adquiridos pelo novo elemento à antiga residência governamental.

A permeabilidade deve ser entendida como oportunidade de conexão, ou seja, a variedade de formas com que se pode percorrer o espaço público urbano e se chegar de um ponto a outro (BENTLY et al., 1985), passando ou não pelo espaço privado ou semiprivado. Com enfoque no “muro”, aqui, neste caso representado pelo gradil e portão do Palacete, os quais compõem a fachada do Palacete, como pode ser observado pelo compilado de imagens na Figura 2, a seguir.

Figura 2: Compilado de imagens do atual gradil e portão do Parque da Residência
Fonte: Registro fotográfico, arquivos do discente.

Comparando as Figuras 1 e 2, é possível notar diferenças, a fachada exemplificada nas imagens do compilado da Figura 2, é um excelente exemplo de elementos (gradil e portão) que permitem fazer deste espaço mais democrático, ou seja faz com que ocorra a permeabilidade urbana, por permitir que o ambiente seja um espaço de contato público/privado, por meio das *Transições Suaves* (GEHL, 2015), que esses elementos produzem, onde há mais possibilidade de atividades e interação com o espaço externo.

As transições suaves que o gradil e portão (Figura 2) proporcionam, são: a Transparência (aberto), a qual intensifica a experiência do caminhar com o contato visual interior/exterior; a Textura e Detalhe (desperta o interesse), detalhes e texturas tornam as interfaces mais atraentes, este fator disponibilizado pelos elementos decorativos (medalhões, elementos orgânicos expressados por vegetações e animais, como a águia no brasão do portão principal) do gradil e portão em estilo art nouveau; e o Ritmo Vertical, representado aqui pelas próprias hastes da estrutura do gradil, o que quebram uma homogeneidade de linhas horizontais e traz uma melhor experiência para os transeuntes de caminhar e por fazer o trajeto aparentar ser mais curto.

Já na Figura 1, a fachada era composta por uma mureta de meia altura, acimada por um gradil, o qual se elevava até alcançar a altura do antigo portão em ferro.

A mureta, por si só, traduz-se como um elemento horizontal na fachada, o que transmite sensação de homogeneidade e de que o trajeto é mais longo, além de não possibilitar a visualização, a transparência da parte interna ao lote por completo e por quebrar o ritmo vertical do gradil, somando a isso a sensação de mais baixo, encurtado. Os detalhes e texturas deste gradil, eram mais simplórios, o que não despertava interesse ao apreciá-lo, quando comparado com o gradil da antiga caixa d'água.

O mais recente gradil instalado, com seu rendilhado metálico e fina estilização em ferro forjado, além de demonstrar ser um elemento capaz de permitir transparência na fachada, por conseguinte permitir a permeabilidade urbana, é um exemplar da estetização nesta edificação. Justamente, por entregar à aquele trajeto, e por conseguinte para a cidade, um elemento que aguça o olhar de quem por ali passa, desperta a vontade de poder adentrar ao local e por conferir elegância, tudo isso possibilita e agrega turisticamente a cidade, conferindo, desta maneira mais um ponto de visitação. Além de cultuar e valorizar a história da arquitetura da cidade, podendo-se classifica-lo como um elemento, que mesmo naquela época, não podendo haver essa ligação ou objetivo, foi reutilizado, reaproveitado, garantindo assim uma característica de sustentabilidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A antiga Residência dos Governadores hoje foi requalificada como Parque da Residência, espaço turístico cultural da cidade de Belém/PA, com diversos ambientes com função turística e patrimonial. Como parte desse cenário, a lógica capitalista que impulsionou a valorização do espaço privado em espaço público assume a ideia de status refletida na morfologia das novas ocupações nas cidades. Acerca da sociedade hipermoderna percebemos como a arte e a estética vem influenciando o mercado contemporâneo. Como os setores criativos vem modificando o olhar do consumidor em relação ao belo, ao prazer, ao sonho por meio da estética que, somada com o mercado, impõe um novo significado de experiências que temos com o mundo que nos cerca. Assim, a estetização se faz presente na requalificação da antiga Residência dos Governadores e na utilização de artefatos artistas para transpor a nova função dos espaços da contemporaneidade.

Por fim, sua relevância científica é justamente toda sua importância histórica representativa, deste patrimônio arquitetônico para a sociedade paraense e política. O edifício é tombado desde 1981, sendo peça chave e parte integrante da memória cultural paraense, justificado, principalmente, pelas suas especificidades estilísticas, de aprimorada técnica construtiva, e pelo seu representativo contexto ambiental, além do inestimável valor histórico e político, por ter sido, durante anos, residência oficial de governo. O imóvel faz parte de um conjunto urbano, formado por outros prédios de idêntico valor e remanescentes da mesma época, localizados ao longo da Avenida Magalhães Barata, importante via de evolução urbana na cidade.

REFERÊNCIAS

ÁLBUM "O PARÁ NA ADMINISTRAÇÃO ALACID NUNES". Rio de Janeiro: Lux, 1971.

BENTLY, Ian et al. *Responsive environments:* A manual for designers. Londres: Architectural Press, 1985.

FARR, Douglas. *Urbanismo sustentável:* desenho urbano com a natureza. Porto Alegre: Bookman, 2013.

GEHL, Jan. *Cidades para pessoas.* 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A Estetização do Mundo:* Viver na era do capitalismo artista. 1ªed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MELIA, Steve. Filtered and unfiltered permeability: The European and Anglo-Saxon approaches. *Project*, v. 4, p. 6–9, 2012.

PARÁ. Governador (1966-1971: Alacid Nunes). *O Pará na administração Alacid Nunes***.** Belém: [s.n.], 1971. 1 v. (várias paginações)

PARÁ. Secretaria de Cultura do Estado. *Parque da Residência e Estação Gasômetro.* - Belém: SECULT, (2000). il. – (Restauro; v.2).

PELLEGRINI, Izabela Uliana. *Permeabilidade Urbana e as Relações com o Espaço Público: Um Instrumento de Análise.* 2020. 129f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Cidade) – Universidade Vila Velha – ES, Vila Velha, 2020.

PATRIMÔNIO INVISÍVEL: UM RETRATO DE BELÉM DA BELLE ÉPOQUE E SUAS LIVRARIAS DO SÉCULO XX

UNSEEN HERITAGE: A PORTRAIT OF BELLE ÉPOQUE BELÉM AND ITS 20TH CENTURY BOOKSTORES.

PATRIMONIO OCULTO: UN RETRATO DE BELÉM DE LA BELLE ÉPOQUE Y SUS LIBRERÍAS DEL SIGLO XX[1]

Leonardo José Góes Oliveira[2]
Márcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes[3]

Resumo: A Belle Époque em Belém do Pará, foi um período grande transformação para a cidade, em que a mesma se desprendia de uma cidade pacata à uma metrópole na Amazônia. Neste período, a cidade teve edificações emblemáticas como: Theatro da Paz e palacetes residenciais, além destes, pode-se mencionar outras como as livrarias que se destacavam na antiga rua dos Mercadores, depois rua da Cadeia e atualmente rua João Alfredo. (COSTA & SARGES, 2017). O presente artigo explana um tipo de patrimônio, hoje, (in)visível na rua João Alfredo, no bairro da Campina, antiga Freguesia, localizavam-se: a Livraria Universal Tavares Cardoso, Livraria Clássica e Livraria Contemporânea. O trabalho possui análise histórica- documental de imagens, uma abordagem qualitativa (GIL,2002), que busca entender os edifícios hoje desativados, com novos usos, provocando reflexões sobre relações que a sociedade tem de pertencimento do bem edificado, de patrimônio e todas as relações com a história da cidade.

Palavras-chave: Livrarias; belle époque; patrimônio; memória.

Abstract: The Belle Époque in Belém do Pará, was a period of great transformation for the city, in which it detached itself from a quiet town to a metropolis in the Amazon. In this period, the city had emblematic buildings such as: Theatro da Paz and residential palaces, besides these, one can mention others like the bookstores that stood out in the old Mercadores street, then Cadeia street and currently João Alfredo Street. (COSTA & SARGES, 2017). This article explores a type of heritage, today, (in) visible in João Alfredo Street, in the neighborhood of Campina, former Freguesia, were located: the Livraria Universal Tavares Cardoso, Livraria Clássica and Livraria Contemporânea. The

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Cidade, Arte e Espaço do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Doutorando em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia(UNAMA). Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia(UNAMA).leonardooliveiraarquitetura@gmail.com.ORCID:https://orcid.org/0 0000002-2116-5539

[3] Pós-Doutoranda da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa (ULISBOA). Doutora em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA).Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano pela Universidade da Amazônia (UNAMA). marcianunes2011@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8345-352

work has a historical-documentary analysis of images, a qualitative approach (GIL, 2002), which seeks to understand the buildings today deactivated, with new uses and little care, provoking reflections on relationships that society has of belonging to the built good, of heritage and all relations with the history of the city.

Keywords: Bookstores, belle époque, heritage, memory.

Resumen: La Belle Époque en Belém do Pará, fue un período de gran transformación para la ciudad, en la que se desprendió de un pueblo tranquilo a una metrópoli en el Amazonas. En este período, la ciudad contaba con edificios emblemáticos como: Theatro da Paz y palacios residenciales, además de estos, se pueden mencionar otros como las librerías que se destacaron en la antigua calle Mercadores, luego calle Cadeia y actualmente calle João Alfredo. (COSTA & SARGES, 2017). Este artículo explora un tipo de patrimonio, hoy, (en) visible en la calle João Alfredo, en el barrio de Campina, antigua Freguesia, se ubicaron: la Livraria Universal Tavares Cardoso, Livraria Clássica y Livraria Contemporânea. O trabalho tem uma análise histórico-documental de imagens, uma abordagem qualitativa (GIL, 2002), que procura compreender os edifícios hoje desactivados, com novos usos, provocando reflexões sobre as relações que a sociedade tem de pertencer ao bem construído, do património e todas as relações com a história da cidade.

Palavras clave: Librerías, Belle époque, Patrimonio, Memoria.

1 INTRODUÇÃO

A cidade de Belém-Pará, a partir do ano de 1850, apresentava um novo modelo de crescimento econômico, baseado na extração da borracha na Amazônia. O período foi de grandes transformações para a cidade, um período de grandes riquezas para cidade em que grandes construções foram erguidas trazendo o ar moderno e desenvolvimento para Belém (GILLET, 2006).

Ainda de acordo com Gillet (2006), A extração da borracha na Amazônia, foi um período de riquezas, em que na verdade poucos participavam desse período de prosperidade. Desta forma surgia na cidade um novo tipo de elite a chamada gomífera. Neste período, as cidades como Manaus e Belém, se encontravam próximas de grandes centros urbanos brasileiros como as capitais Rio de Janeiro e São Paulo, com ritimo de crescimento alto. A capital do Pará, começou a prosperar, como se pode observar através da borracha e isso influenciou não só na economia local, mas

também nos costumes e arquitetura da cidade, que ganhou ares da Europa (GILLET, 2006).

Costa & Sagres (2017), aponta no seu artigo que, a Belle époque paraense trouxe para cidade: luz elétrica, urbanização, arborização, saneamento, vida noturna e sobretudo transformação da cidade com moldes franceses. A cidade teve que praticamente amadurecer do dia para noite, de uma província pacata sem grandes construções e com feições portuguesas herdada pelos seus colonizadores, para uma metrópole com ares parisienses, este sendo um símbolo de modernidade e prosperidade (COSTA & SARGES, 2017 apud; SARGES, 2000).

Neste período de efervescência econômica na capital com a Belle Époque em Belém, que foram implantadas na cidade outras grandes instituições como: o Lyceu Paraense (atual Escola de ensino Médio Paes de Carvalho, fundada em 1841), a Biblioteca e Arquivo Público do Pará (atuais Biblioteca Pública Arthur Vianna e Arquivo Público do Estado do Pará, instaurada em 1871), Estas eram grandes instituições de ensino, eruditas e de pesquisa que fomentavam a cultura livresca da cidade (Costa & Sarges, 2017).

Além dessas, Belém, teve grandes edificações emblemáticas como o Theatro da Paz, vários palacetes residenciais que até hoje são símbolos importantes na capital belenense, além destes outros estabelecimentos foram construídos como as livrarias – foco deste trabalho – estas se destacavam na antiga rua dos Mercadores, posteriormente rua da Cadeia e atualmente rua João Alfredo (Costa & Sarges, 2017).

2. METODOLOGIA

A pesquisa é classificada como histórico-documental, em que de acordo com Gil (2002), a pesquisa documental apresenta-se algumas vantagens por ser uma “fonte rica e estável de dados”: não implicando em elevados custos, não exigindo contato com os sujeitos da pesquisa a ser realizada e possibilitando uma leitura aprofundada das fontes (GIL,2002). Esta busca entender a importância da Belle Époque que se instaurou na capital e o legado deixado como patrimônio edificado das livrarias.

A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, em que segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa possui uma abordagem interpretativa do mundo, isto significa que os seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles oferecem (DENZIN & LINCOLN, 2006).

O trabalho busca entender a importância da Belle Époque que se instaurou na capital e o legado deixado como patrimônio edificado das livrarias. Serão utilizados os referenciais teóricos sobre o contexto histórico para aprofundamento da pesquisa: Gillet (2006), Machado (2008), Costa e Sarges (2017), Silva & Miranda (2019) e Choay (2001). Destes referenciais, pode-se citar a obra que Ubiratan Machado (2008) descreve por meio de um guia as livrarias e cita Belém no século XX como estas livrarias estavam presentes no período do cotidiano da sociedade.

No objeto de recorte do bairro da Campina, antiga Freguesia, localizavam-se na atual rua João Alfredo as Livraria Universal Tavares Cardoso, Livraria Clássica e Livraria Contemporânea.

Em que corpus analisado, será através de cinco imagens sendo três de outrora e atualidade das três livrarias e duas atuais buscando entender através de análise histórica como a cidade de Belém em outrora possuía esses riquíssimos estabelecimentos, hoje totalmente desativados.

Em algumas dessas edificações passadas, restam resquícios das antigas livrarias. Os transeuntes atuais ao caminharem nesta rua e observando tais edificações não as reconhecem, desconhecendo sua história e a importância desse patrimônio à época.

3. A BELÉM DA BELLE ÉPOQUE E SEU PATRIMÔNIO

3.1 A Belém província e os primeiros séculos.

Silva & Miranda (2019) no livro sobre o centro histórico de Belém, explana em dos artigos compilados na publicação, que a cidade de Belém, logo após sua primeira instalação militar na sua fundação no ano de 1616, apresentou ao redor dessa o nascente vilarejo, que “[...] antes de 1640 já era considerada uma cidade. Desta forma, ao longo do tempo e na primeira

metade desse século, a cidade já tinha o traçado de suas primeiras ruas (do Norte, do Espírito Santo, dos Cavaleiros, e de São João), todas saídas da área denominada Forte, hoje um grande ponto turístico da cidade (SILVA & MIRANDA, 2019).

Neste período, a cidade de Belém apresentava dois núcleos urbanos inicialmente diferentes, separados por um grande alagadiço (o igarapé chamado de de Piri) e descritos como “Cidade” e “Campina”. O primeiro surgiu próximo ao Forte do Presépio, e foi por esta área que se iniciou a construção da cidade; e o segundo se refere a área que deu origem à zona comercial da mesma (Associação dos Agentes de Patrimônio na Amazônia - ASAPAM (2011).

De acordo com Gillet (2006), durante o período, técnicos e militares que vieram com a Comissão Demarcatória contribuíram e foram transformando a cidade para uma nova fisionomia urbana de Belém. E esta comissão seria responsável pela proposta para a canalização do alagadiço do Pirí e outros canais existentes em Belém (GILLET, 2006).

Porém foi somente no ano de 1803, que foi feito o aterramento do Pirí, cuja obra foi feita pelo então na época capitão Engenheiro João Rafael Nogueira e capitão José Frazão, destes esforços foram construídas foram construídas três estradas de passeio – das Mongubeiras (atual Avenida Tamandaré), de São José (atual Avenida 16 de Novembro) e de São Mateus (atual Avenida Padre Eutíquio). As novas estradas e investimentos e infraestrutura dimensionaram para uma nova conformação espacial no espaço urbano, para um futuro mais próspero da capital paraense (GILLET,2006).

A cidade, segundo relatos de Bates e Wallace destacam, como sendo um local de transição e em transformação em que “As vilas e cidade apresentavam ruas de aspecto uniforme, com casas térreas e sobrados construídos sobre o alinhamento das vias públicas e sobre os limites laterais dos terrenos”, esse fato pode ser observado na (Figura 1) em um prospecto da cidade onde se pode ver a Cidade Velha e Campina.

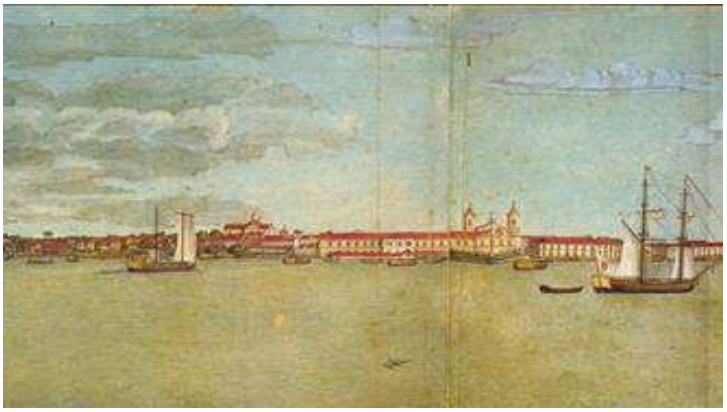


Figura 1: Prospecto da cidade de Belém Pará, no século XVIII.
Fonte: FIOCRUZ, 2018.

3.2 A Belém no ciclo da Borracha

O processo de expansão urbana da Belém da borracha se intensificou a partir de 1870, como podemos verificar no aumento de seu patrimônio edificado em que podemos perceber que o crescimento urbano de Belém, impulsionado pela riqueza da borracha, criou uma nova fisionomia não somente para a cidade, mas uma nova para cada classe social, revelada pelas formas de morar encontradas nos bairros da cidade. Por este motivo, é a partir da compreensão se pode observar como o ciclo da borracha interferiu, direta ou indiretamente, na diversidade tipológica das moradias encontradas em Belém durante o período em questão (GILLET,2006).

Porém, não foi só na moradia que a economia da borracha, modificou a cidade no restante de outros tipos de arquitetura, grandes palacetes, teatro e demais estabelecimentos comercias se instauraram. Um dos grandes exemplos é o Teatro da Paz (Figura 2) em estilo neoclássico, é um símbolo da borracha na Amazônia.

Figura 2: O Teatro da Paz em 1900.

Fonte: Fragmentos de Belém: uma antologia da cidade, apud; Vista do Pará, 1900.

Além dele, outras construções são grandes exemplos da cidade como o (Figura 3), o Palacete Faciola Estas edificações emblemáticas de acordo com o texto de Gillet (2006) foram transformadoras, para que a cidade pudesse estar aos moldes europeus, respirando arquitetura e civilidade, com obras monumentais.

Figura 3: O Palacete Faciola em 1901.
Fonte: FAU-UFPA, 2023.

O responsável pela condução na mudança da estrutura urbana de Belém daquela época fora Antônio Lemos, intendente de Belém que governou Belém entre os anos de 1887 a 1910. havia uma política higienista, da qual a população da cidade deveria seguir como referência. ‘Bons hábitos e costumes’ não poderiam estar em dissonância com o momento de riqueza e prosperidade por qual passava Belém (CALDAS & HAGE,2017).

4. AS LIVRARIAS DA BELLE ÉPOQUE EM BELÉM PARÁ

4.1 As livrarias, a escrita e os leitores.

Caríon (2018), afirma que uma livraria não deve ser apenas antiga, esta deve também aparentar ser antiga. As grandes livrarias do mundo, cultivam o tátil, o prazer em folhear as páginas, isso de modo que o papel e a madeira, sejam verdadeiras testemunhas da tradição de leitores artesanais (CARÍON, 2018).

Ao longo tempo com o surgimento a internet e o avanço da tecnologia da informação e comunicação, surgem novos novas formas de acesso ao conhecimento, isto faz uma revolução na informação digital com os livros eletrônicos, ou seja, os e-book (ASSUNÇÃO, 2015).

4.2 As livrarias de Belém- Pará e a circulação de livros na cidade.

Costa & Sarges (2017), no artigo sobre as livrarias de Belém Pará, citam que a produção e circulação de livros na cidade sempre foi escassa, fato que pode ser explicado, pois, a capital do Pará é situada na parte setentrional do Brasil, mesmo que o Brasil começou pela região nordeste, as riquezas desenvolvimento do país foram concentradas apenas no Sudeste, deixando de lado o norte do Brasil.

Ainda segundo Costa e Sarges (2017), o contato com a palavra escrita em na cidade, se inicia com os Franciscanos, esta a primeira ordem religiosa a chegar na Amazônia. Todavia, os livros que chegavam a Belém só podiam ser trazidos da Europa, com a permissão de oficiais, o acesso era restrito. Os primeiros incunábulos do Pará, vieram com Felipe Patroni, com o ‘O Paraense’ (Figura 5) teve pouco tempo de circulação, deve-se que seu idealizador foi um líder da revolta da Cabanagem, e logo após isto ele foi perseguido e a publicação foi impedida, sob suspeitas de pregar ideias separatistas da corte portuguesa (COSTA & SARGES, 2017).

O PARAENSE

PARA

Figura 5: 'O Paraense' de Felipe Patroni.

Fonte: COSTA & SARGES, 2017, apud; BN DIGITAL, 2021.

4.3 A Rua João Alfredo e sua origem

Costa & Sarges (2017), afirmam na análise sobre a localização das livrarias e suas etiquetas em Belém, que a maioria das livrarias se situavam na Rua Conselheiro João Alfredo, esta mais tarde foi denominada de "rua das livrarias" e os locais que apresentavam menor número destas era R. Augusto Correa, R. Tamoios e Tv. Rui Barbosa, apresentando uma em cada (COSTA & SARGES, 2017).

Sobre a origem da via e seu bairro a Campina, o historiador Antônio Baena, relata que a freguesia da Campina foi estabelecida em 1727 com forte característica de ruas estreitas e irregulares com poucas edificações:

> Foi em torno desta freguesia que se estabeleceu o comércio da cidade, o qual se transformou na Rua dos Mercadores, posteriormente Rua da Cadeia, pois era naquela área que se localizava a única cadeia da cidade no período e, mais tarde, Rua João Alfredo, como a conhecemos até os dias atuais. A rua constituía-se na principal artéria daquela área, situada entre o Largo das Mercês (atual Praça Visconde do Rio Branco) e o Piri, sendo desse Largo até o Convento denominada Rua de Santo Antônio. A Rua dos Mercadores se transformou no centro da zona comercial de Belém, devido suas lojas conterem variado sortimento de mercadorias que atendiam não só as necessidades da capital, mas de toda a Amazônia" (ANTÔNIO BAENA, 2011 & Associação dos Agentes de Patrimônio na Amazônia - ASAPAM (2011).

A Rua dos Mercadores (hoje a atual Rua João Alfredo) (Figura 6) se transformou no centro da zona comercial de Belém, devido suas lojas conterem

variado sortimento de mercadorias que atendiam não só as necessidades da capital, mas de toda a Amazônia. (ASSOCIAÇÃO DOS AGENTES DE PATRIMÔNIO NA AMAZÔNIA- ASAPAM (2011).

Figura 6: Rua João Alfredo antiga Rua da Cadeia e Mercadores, no século XX.
Fonte: Revista de Belém. Souza Cabral. Caixa Postal Nº647.Pará

Outro fato bastante pertinente em ressaltar era que, as características desta rua, era retratada por grandes viajantes na cidade durante o século XIX, eles descreveram suas primeiras impressões e percepções daquele lugar. Destaca-se o britânico Alfred Wallace que dizia que “era muito estreita”, com calçamento constituído por “pedras toscas, restos de antiga pavimentação” ou mesmo “areia movediça ou lamaçais”, esse fato relatado contrastava drasticamente com as lojas existentes na Rua dos Mercadores, e também com precária urbanização das ruas da cidade, entre elas a João Alfredo.(ASSOCIAÇÃO DOS AGENTES DE PATRIMÔNIO NA AMAZÔNIA- ASAPAM (2011).

Desta forma, durante os anos 1950 e 1960, a Rua João Alfredo era descrita como um dos principais pontos de encontro da cidade, um espaço para conhecer e apreciar o que tinha de melhor na moda na cidade, em livros e demais produtos, isso influenciava também seus transeuntes com requinte em vestimentas que perdurou grande parte século XX. (ASSOCIAÇÃO DOS AGENTES DE PATRIMÔNIO NA AMAZÔNIA- ASAPAM (2011).

Diante da história da via, o trabalho no próximo item focará em citar as três grandes livrarias situadas na João Alfredo, descrita como: Livraria Tavares

Cardoso, Livraria Clássica e Livraria Contemporânea

.

4.4 As livrarias da João Alfredo: livraria Tavares Cardoso, livraria clássica e livraria contemporânea.

A rua João Alfredo tinha inúmeras livrarias, com requinte com moldes europeus e entre elas, a Livraria Universal Tavares Cardoso (Figura 8) era um grande símbolo. Machado (2008), em seu guia de livrarias brasileiras diz que esta foi fundada de 1882, se tornando um local de principal encontro dos intelectuais de Belém, foi percussora do chamado conceito de centro cultural.

Figura 8: Rua João Alfredo antiga Rua da Cadeia e Mercadores, no século XX.
Fonte: Belém nos Tempos, 2023.

O seu fundador era o português Eduardo Tavares Cardoso este um livreiro famoso nos anos 1900, em Belém. Ele chegou ao Pará no fim do século XIX e, além da Livraria Universal Tavares Cardoso que fundou – a primeira de Belém, na época da borracha – ele era dono do Chalé Tavares Cardoso no atual distrito de Icoaraci (FUMBEL, 2023).

Segundo Garcia (2012), no mercado livreiro paraense a atuação da livraria Universal Tavares Cardoso teve obras francesas ou portuguesas estas colocadas para o público no período de 1870-1908, momento áureo do processo de urbanização da cidade de Belém, que ficaria conhecido como Belle époque (GARCIA, 2012). A edificação tinha três andares (Figura 9) e importante mencionar que o estabelecimento fornecia uma grande variedade de cartões postais, fazia e tinha exposições de arte em seu interior.

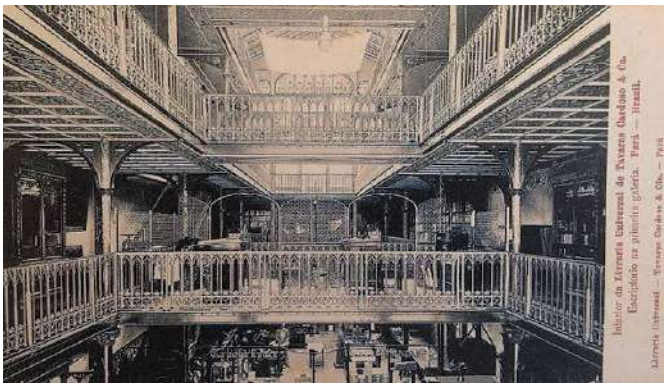


Figura 8: Interior da Livraria Universal Tavares Cardoso, no século XX.
Fonte: COSTA & SARGES, 2017, apud; ROCHA JUNIOR ,2008.

Ainda de acordo com Costa & Sarges (2017), a respeito da Livraria Clássica (Figura 9), esta situada na mesma via e também tinha outra unidade na Rua Conselheiro João Alfredo. O seu fundador e proprietário era o português Joaquim Batista dos Santos. Foi uma das livrarias com um funcionamento mais longo da capital paraense funcionando até 1960 na João Alfredo e se mudando, posteriormente para a Padre Eutíquio.

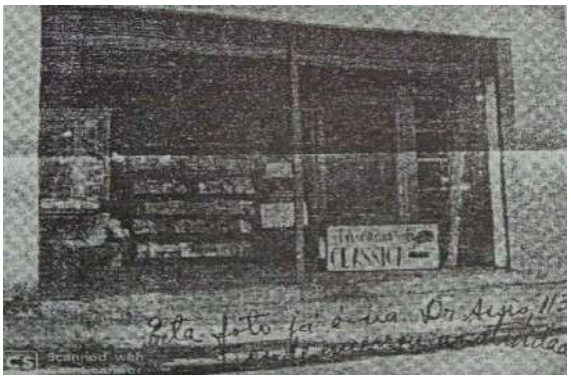


Figura 9: Última sede da Livraria Clássica em Belém
Fonte: COSTA & SARGES, 2017.

Já a respeito da Livraria Contemporânea (Figura 10), esta funcionava no pavimento inferior do Foto Fidanza, em que seu proprietário era José Luiz Amaro, essa arquitetura germinada da livraria ao estúdio era de suma importância, pois, um dos carros chefes eram os cartões-postais, e hobby fomentado pela ampla prática da fotografia. Tinha como diferencial a venda de Almanaques, especialmente, o Bertrand e o do Porto. (COSTA & SARGES, 2017 apud; MACHADO, 2008).

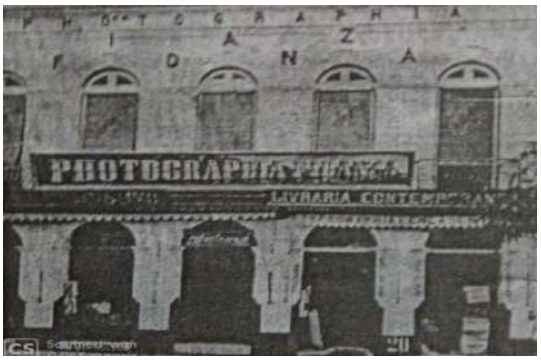


Figura 10: Última sede da Livraria Clássica em Belém
Fonte: COSTA & SARGES, 2017, apud; REGO, 2002.

5 O LEGADO E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO LIVRESCO DE BELÉM.

Diante do exposto, sobre as livrarias de Belém no século XX se pode refletir que hoje em dia, pouco se lembra o que a João Alfredo (Figura 11) era no século passado, com suas lojas e assim suas livrarias. Atualmente, apenas a Livraria Tavares Cardoso, permanece resistente restaurada em 2008 e funcionando apenas como loja de tecidos num prédio de três andares, e as demais edificações tem imóveis descaracterizados ou demolidos.

Figura 11: Rua João Alfredo atualmente.
Fonte: OLIVEIRA, 2023.

Figura 11: Rua João Alfredo atualmente.
Fonte: Belém dos Tempos, 2023.

A rua em que está situada que hoje encontra-se mal preservada e tem problemas com a salvaguarda de bens estes muitas vezes particulares. Porém seu legado é existente, e o patrimônio edificado e imaterial e sua preservação citado por Choay (2001) em seu livro Alegoria do Patrimônio, se torna importante para guardar memória histórica e preservar para as gerações futuras. Hoje em dia, pouco se lembra do que a rua e edificações foram, elas apresentam (in)visbilidade no caos do centro comercial de Belém, com fiações elétricas, que tiram a beleza artística e arquitetônica, com poluição visual e sonora do espaço.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma, o presente trabalho, buscou através de busca de imagens minuciosas mostrar um patrimônio invisível na capital Belém, que no dia a dia pouco lembra o que outrora já foi, para que através deste conhecimento permaneça uma memória viva da Belle Époque em Belém, com suas majestosas livrarias.

Escolher as livrarias analisadas, são devido sua importância no século XX, com a Universal Tavares Cardoso e Contemporânea como exemplo deste período, pois, todo patrimônio deve ser comtemplado, e visibilizado, não só pela sua arquitetura, mas pela história para a cidade.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Suelene Santana. *O Livreiro Raimundo Jinkings*: a venda de

livros e a divulgação Comunismo no período da Ditadura Militar em Belém-Pará. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará- UFPA, 2015. Disponível em: www.bdm.ufpa.br. Acesso em 22/05/2023.

ASSOCIAÇÃO DOS AGENTES DE PATRIMÔNIO NA AMAZÔNIA- ASAPAM 2011. *"Casarão de Memórias da Amazônia"* Disponível em: http://casaraodememorias.blogspot.com/2011/08/serie-imagens-do-patrimonio-rua-joao.html. Acesso em 31/07/2023.

CARÍON, Jorge. *Livrarias:* Uma história da leitura e leitores. Bazar do Tempo. 296p. Rio de Janeiro, 2018.

COSTA, Elisangela da Silva & SARGES, Maria de Nazaré. *Rememorando as Antigas Livrarias de Belém do Pará:* Um Estudo com Base nas Etiquetas e Carimbos nos Livros de Coleção Anunciada Chaves. Revista do Instituto de Ciência da Informação da UFBA (Bahia). p. 9-23, 2017.

CHOAY, Françoise. *Alegoria do Patrimônio*. Editora Unesp. 288p. São Paulo, 2017.

DENZIN, Norman K. & LINCOLN, Yvona S. *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa*: Teoria e Abordagens. 2° ed. Penso. 432p.Porto Alegre.2006.

ESPAÇO ABERTO "Belém dos Tempos". Disponível em "http://blogdoespacoaberto.blogspot.com/2016/02/belem-nos-tempos-livraria-tavares.html, Acesso em:11/08/2023

FAU- UFPA, 2023. *Laboratório Virtual FAU-ITEC UFPA*. Disponível em: https://fauufpa.org/2022/07/21/palacete-silva-santos-antes-dos-faciola/ Acesso em: 31/07/2023.

FUMBEL, 2023 *'Chalé Tavares Cardoso'* . Disponível em: http://www.belem.pa.gov.br/bibliotecapublica/?page_id=20. Acesso em: 31/07/2023.

FRAGMENTOS DE BELÉM: uma antologia da cidade. Disponível em: https://fragmentosdebelem.tumblr.com/post/144004320080. Acesso em: 31/07/2023.

GARCIA, Izenete Nobre, *'A circulação transatlântica de obras literárias entre Belém e Lisboa:* o caso da livraria e editora Tavares Cardoso & Irmão .ESPEA - Escola São Paulo de Estudos Avançados sobre a Globalização da Cultura no Século XIX. 2012.

GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. Editora Atlas.176p. São Paulo. 2002.

GILLET, Karol Soares. *As Formas de Morar na Belém da Belle-Époque (1870 a 1910)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará – UFPA, 2008.

Disponível em: www.ufpa.br. Acesso em 10/05/2023.

MACHADO, Ubiratan. *Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras*. Ateliê Editorial. 264p. São Paulo, 2008.

SILVA, Luís de Jesus Dias & Cybelle Salvador MIRANDA. *Olhares Sensíveis ao Centro Histórico de Belém:* Vivencias e Temporalidades. Editora NAEA. 204p. Belém, 2019.

REVISTA DE BELÉM. Souza Cabral. Caixa Postal Nº647.Pará

SOBRE O SUBLIME E O SUBLIME TECNOLÓGICO[1]

ON SUBLIME AND TECHNOLOGICAL SUBLIME

SOBRE LO SUBLIME Y LO SUBLIME TECNOLÓGICO

Paulo Uiris da Silva Gomes[2]
Jorge Leal Eiró da Silva[3]
José Mariano Klautau Filho[4]

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir os conceitos de *Sublime* e *Sublime Tecnológico*. Investiga-se – de uma perspectiva filosófica - como o conceito de *Sublime* foi abordado no decorrer da história e, então, analisa-se especificamente os *Sublimes Tecnológicos* dos autores Mario Costa, David Nye e Vincent Mosco. Inicia-se com uma análise histórico-filosófica do conceito de *Sublime*, isto é, como este teria sido abordado desde os gregos até alguns pensadores contemporâneos: de Longinus a Lyotard. Em seguida, aborda-se como o clássico conceito de *Sublime* se aplica nos dias atuais permeados pela tecnologia: seria preciso reformulá-lo e adaptá-lo a essa diferente realidade? O que seria o dito *Sublime Tecnológico*? Conclui-se que a concepção sobre *o Sublime*, embora mantenha certa essencialidade no decorrer do tempo, tem se transformado e se adaptado às condições sociais, materiais, tecnológicas e ideológicas da humanidade, o que é demonstrado no conceito de *Sublime Tecnológico*.

Palavras-chave: Sublime; Sublime Tecnológico; Estética; Arte; Filosofia.

Abstract: This work aims to discuss the concepts of the *Sublime* and the *Technological Sublime*. It intends to investigate - from a philosophical perspective - how the concept of the Sublime has been approached throughout history, and then specifically to analyze the Technological Sublimes of the authors Mario Costa, David Nye, and Vincent Mosco. It begins with a historical- philosophical analysis of the concept of the Sublime, that is, how it has been approached from the Greeks to some contemporary thinkers: from Longinus to Lyotard. Then, it addresses how the classical concept of the Sublime applies in today's technology-pervaded days: is it necessary to reformulate and adapt it to this different reality? What would the so-called Technological Sublime be? It is concluded that the conception of the Sublime, although maintaining a certain

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho “ST2 – CIDADE, ARTE e ESPAÇO” do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA), e-mail: paulouirisgmail.com, https://orcid.org/0000-0002-0653-7816.

[3] Professor do PPGCLC-UNAMA, Doutor em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA/2014), e-mail: eirojorge@gmail.com, https://orcid.org/0000-0002-2293-3958.

[4] Professor do PPGCLC-UNAMA, Doutor em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo (USP/2015), e-mail: marianokf@uol.com.br, https://orcid.org/0000-0002-0061-135X.

essentiality over time, has transformed and adapted to the social, material, technological, and ideological conditions of humanity, which is demonstrated in the concept of the Technological Sublime.

Keywords: Sublime; Technological Sublime; Aesthetics; Art; Philosophy.

Resumen: El objetivo de este trabajo es discutir los conceptos de lo *Sublime* y lo *Sublime Tecnológico*. Se investiga, desde una perspectiva filosófica, cómo se abordó el concepto de lo Sublime a lo largo de la historia y luego se analizan específicamente los Sublimes Tecnológicos de los autores Mario Costa, David Nye y Vincent Mosco. Comienza con un análisis histórico-filosófico del concepto de lo Sublime, o sea, cómo se abordó desde los griegos hasta algunos pensadores contemporáneos: desde Longinus hasta Lyotard. Em seguida, se aborda cómo se aplica el concepto clásico de lo Sublime en los días actuales permeados por la tecnología: ¿es necesario reformularlo y adaptarlo a esta realidad diferente? ¿Qué sería el llamado Sublime Tecnológico? Se concluye que la concepción del Sublime, aunque mantiene cierta esencialidad a lo largo del tiempo, se ha transformado y adaptado a las condiciones sociales, materiales, tecnológicas e ideológicas de la humanidad, lo que se demuestra en el concepto de lo Sublime Tecnológico.

Palavras clave: Sublime; Sublime Tecnológico; Estética; Arte; Filosofia.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é discutir os conceitos de *Sublime* e *Sublime Tecnológico*. Pretende-se fazê-lo através de uma investigação de como o conceito de *Sublime* foi abordado no decorrer da história – principalmente a partir de uma perspectiva filosófica - para, então, analisar-se especificamente os *Sublimes Tecnológicos* dos autores Mario Costa (1995), David E. Nye (1994) e Vincent Mosco (2004).

Os filósofos debatem acerca do que seria a “Arte” (e/ou o “Belo”) e qual seria a sua função em relação ao homem e à sociedade desde os tempos dos gregos: Sócrates (470-399 a. C.) já questionava o que seria a pintura e o que ela poderia representar (XENOFONTE, 2009, p. 206); Platão (427-347 a. C.), na *República*, discute a relação entre Arte e Realidade; Aristóteles (384-322 a. C), em sua *Poética*, elabora uma das primeiras teorias da Arte disponíveis a nós.

Após os gregos, diversos filósofos e pensadores notáveis escreveram obras pertinentes sobre tal temática, as quais tornaram-se referências para o

agora consolidado ramo da filosofia chamado “Estética” ou “Filosofia da Arte”, que discute “a ciência filosófica da arte e do belo” (ABBAGNANO, 1962, p. 348) – definição inspirada por Alexander Baumgarten - e “o que é a Arte? E qual a sua relação com o homem e a realidade?” (NUNES, 1999). Vale pontuar que a definição do campo é tão aberta e problemática quanto à própria definição de Filosofia ou de Arte e, ao longo do tempo, sofreu modificações e diferentes interpretações. Para mencionar apenas alguns dos autores relevantes desse ramo filosófico (além dos já referenciados gregos): Plotino (204-270), São Tomás de Aquino (1225-1274), Alexander Baumgarten (1714-1762), Immanuel Kant (1724-1804), Friedrich Schiller (1759-1805), Friedrich Hegel (1770-1831), Friedrich Schelling (1775-1854), Arthur Schopenhauer (1799-1860), Friedrich Nietzsche (1844-1900), John Dewey (1859-1952), Martin Heidegger (1889-1976), entre muitos outros. É um campo, sem dúvida, abundante em autores, obras e conceitos, o qual continua a se desenvolver e florescer.

2. O SUBLIME

Dentre as ideias fulcrais debatidas no âmbito geral da “Estética” e da “Teoria das Artes” está a de *Sublime*: palavra derivada do latim *Sublimis* (elevado; exaltado; que se sustenta no ar) (LEWIS; SHORT. 1879), tendo como um dos significados possíveis e mais usuais o de “Forma linguística, literária ou artística que exprime sentimentos ou atitudes particularmente elevados ou nobres” (ABBAGNANO, 1962, p. 889).

O primeiro estudo sobre o referido conceito é atribuído ao quase desconhecido autor romano chamado de Longinus, em seu *Peri Hupsous/Hypsous* (traduzido do grego como “Sobre o Sublime” ou “Tratado sobre o Sublime”, muito embora tal acepção seja questionada por alguns estudiosos), diz-se que tal obra teria sido escrita no século I a. C., (contudo sua autoria e data são também alvo de dúvidas). Sabe-se, no entanto, que a obra em questão foi redescoberta e traduzida pelo linguista francês Nicolas Boileau-Despréaux em 1674, e que Longinus, através de uma série de citações da literatura clássica, argumenta que o Sublime se refere a “ações ou atitudes particularmente nobres ou elevadas”, dado que, “o Sublime é a ressonância da

nobreza da alma, tanto que admiramos às vezes um pensamento singelo, sem voz, por si, pela dignidade do sentimento" (LONGINUS, *De Subl*., IX apud ABBAGNANO, 1962, 1889).

Outro autor notável que aborda o tema, já no Século XVIII, é Edmund Burke, em sua Pesquisa *Sobre a Origem das Ideias do Sublime e do Belo*, na qual faz uma distinção clara entre o Sublime e o Belo, diz ele:

> O Belo e o Sublime são ideias de natureza diversa, nascendo uma da dor e o outro do prazer; e embora possam afastar-se posteriormente da natureza das próprias causas, estas são sempre diferentes entre si, diferença que nunca deve ser esquecida por quem se proponha suscitar paixões. (BURKE, 1764, III, 27).

Nesse sentido, as causas do *Sublime* são o terror, as situações de perigo e a dor em geral. Tais causas produzem fruição (já que o Sublime, segundo esse entendimento, se frui) porque provém do exercício, isto é, do movimento que a dor e o terror provocam na alma quando são libertados do perigo real da destruição. Assim, surge "uma espécie de agradável horror, de tranquilidade tingida de terror; a qual, enquanto depende do instinto de conservação, é uma das paixões mais fortes" (*Ibidem*, IV, 7): o Sublime.

A pintura a óleo de Caspar Friedrich, "Caminhante sobre o mar de névoa" (Figura 1), da escola romântica alemã, é considerada como uma das mais emblemáticas representantes dessa expressão de *Sublime* enquanto "agradável horror" ou "tranquilo terror" e de como a natureza nos provoca tal sensação.

Figura 1 – Caspar Friedrich. Der Wanderer über dem Nebelmeer, 1818
Fonte: Google Imagens

Dentre os mais notórios teóricos do *Sublime* está, decisivamente, Immanuel Kant. O autor, inicialmente, em suas *Observações sobre o sentimento do Belo e do Sublime* (1964), segue muito proximamente a argumentação de Burke, para Kant o "Sublime desperta prazer, mas com horror"; divide-se em nobre, esplêndido e terrível; e pode ser percebido na natureza pela contemplação de tempestades, picos de montanhas ou erupções vulcânicas.

Já na *Crítica da Faculdade de Julgar*, tais ideias são retomadas com maior rigor conceitual, encontrando aí a sua forma reconhecida e clássica. Em síntese, para Kant, o sentimento de *Sublime* tem dois componentes: (1º) a apreensão de uma grandeza desproporcionada às faculdades sensíveis do homem (Sublime Matemático), ou de uma potência espantosa para essas mesmas faculdades (Sublime Dinâmico); (2º) a capacidade de reconhecer aquela desproporção ou aquela ameaça, e, por isso, de poder ser superior a uma ou a outra. Nesse sentido, o filósofo argumenta que "denominamos sublime aquilo que é absolutamente grande" (KANT, 2016, p. 144, §25), que "apraz imediatamente por meio de sua resistência ao interesse dos sentidos"

(*Ibidem*, §29).

Friedrich Schiller, em sua obra *Sobre o Sublime* (1793), reinterpreta a visão kantiana de sublime, expandindo-o para além das fronteiras da experiência estética. Para tal, Schiller reformula o "Sublime Matemático" - que se torna "Sublime Teórico" - e o "Sublime Dinâmico" – que se torna "Sublime Prático": o primeiro (teórico) diz respeito às magnitudes imensuráveis, opondo- se às condições do conhecimento sensível; o segundo (prático) demonstra-se na força destrutiva da natureza, opondo-se ao nosso instinto de conservação. Ademais, divide o "Sublime Prático" em (a) Contemplativo, isto é, quando observamos forças destrutivas de uma distância segura; e (b) Patético, ou seja, quando, de fato, nossas vidas estão em risco pelas forças superiores da natureza. Desse modo, a perspectiva de Schiller eleva o *Sublime* de uma categoria meramente estética para um *modo de vida*.

George Wilhelm Friedrich Hegel, por sua vez, segue a esteira de Kant na discussão do *Sublime* e de outras ideias filosóficas, porém à sua maneira. Para ele, o *Sublime* se expressa no contraste do Finito com o Infinito, isto é, o Sublime "é a tentativa de exprimir o Infinito não achando entre as aparências um objeto capaz dessa representação" (HEGEL, 2010, p. 362). O *Sublime* para Hegel, diferente da visão kantiana, tem caráter objetivo, pois refere-se ao Infinito que, por sua vez, está fundado em algo externo ao sujeito: no Espírito Absoluto. Tendo, assim, um significado ontológico: "está baseado na substância absoluta tal como no conteúdo o qual está representando" (*Ibidem*, 2010, p. 363).

O *Sublime* em Hegel surge no contexto de três estágios da arte: Simbólico, Romântico e Clássico. Cada um desses estágios corresponde a uma forma de desenvolvimento do Espírito e o modo que ele se apresenta no mundo fenomênico. No estágio simbólico, o Espírito ainda não está determinado o suficiente para ter a sua forma capturada. No estágio romântico, o Espírito está determinado demais para ter a sua forma capturada. É só no estágio clássico, encontrado nas estátuas gregas, que o Espírito está suficientemente desenvolvido e determinado para ter sua forma perfeitamente expressa. Tais estágios são constituídos de outros menores, e o *Sublime* se

localiza na fase simbólica, enquanto um dos modos de expressão do Espírito Absoluto – o qual é expresso através da Arte, da Religião e da Filosofia.

Já em tempos mais próximos, Jean-François Lyotard, partindo da distinção kantiana entre o belo e o sublime (em que o primeiro se dá sobre um objeto apresentável e o último é inapresentável), relaciona o *Sublime* à pintura abstrata. Uma vez que a ausência de representação da forma figurativa na pintura abstrata torna possível a apresentação do inapresentável e do invisível – ou seja, torna possível a apresentação do Sublime.

Outros autores igualmente pertinentes (como Dennis, Milton, Schopenhauer) também discutiram a temática do *Sublime*, mas, obviamente, não é nossa intenção aqui mencioná-los e discuti-los todos. Nesse sentido, para uma discussão mais detalhada e profunda dessa temática recomendamos a obra de Philip Shaw (*The Sublime*, 2006) e de Robert Doran (*The Theory of Sublime*, 2015). Nosso intento neste preâmbulo foi o de simplesmente abordar sucintamente algumas das perspectivas mais notórias e clássicas acerca desse conceito para, então, cotejá-las com o conceito mais recente de "*Sublime Tecnológico*".

3. O SUBLIME TECNOLÓGICO

Como o conceito de *Sublime*, discutido amplamente desde o século I a. C. pelos mais diversos pensadores, se aplica nos dias atuais permeados pela tecnologia? Será que é preciso reformulá-lo e adaptá-lo à essa diferente realidade? O que seria o dito *Sublime Tecnológico*? Essas são algumas das questões que pretendemos discutir nesse tópico.

É necessário, antes de tudo, esclarecer que existe mais de uma acepção do conceito *Sublime Tecnológico*, a saber: (1) o *Sublime Digital* debatido pelo autor Vincent Mosco (2004); (2) o *Sublime Tecnológico* proposto pelo autor David E. Nye (1994); e, finalmente, (3) aquele discutido pelo autor italiano Mario Costa (1995). Cada uma dessas acepções possui suas próprias particularidades, contudo, por tratarem do mesmo conceito abrangente (*O Sublime*) no âmbito tecnológico, também possuem diversas proximidades.

Trataremos sucintamente de cada uma delas, tentando pontuar seus pontos de interseção e divergência, dando maior enfoque ao conceito de Mario Costa.

O *Sublime Digital* (ou "Sublime Algorítmico", ou "Cyber Sublime") é o sentimento de "espanto, admiração, terror e distância física - sentimentos outrora reservados às maravilhas naturais ou a intensas experiências espirituais – aplicados às novas tecnologias, potencialmente transformadoras, complexas e pouco compreendidas" (MOSCO, 2004, p. 23). O termo é principalmente discutido pelo professor canadense Vincent Mosco e refere-se à mitologização do impacto dos computadores e do ciberespaço nas percepções humanas de tempo, espaço e poder. O *Sublime Digital* tem o caráter mítico porque soa como um conto sedutor repleto de promessas irrealizáveis, uma erupção de sentimentos que dominam a razão: "a retórica do sublime tecnológico envolve hinos ao progresso que se elevam como espuma em uma maré de autoestima varrendo todas as dúvidas, problemas e contradições" (*Ibidem*). Em outras palavras, o *Sublime Digital*, para Mosco, é uma amalgama de emoções que cativam a consciência coletiva através da emergência de novas tecnologias e das promessas e previsões associadas a elas, fazem-no principalmente por causa da complexidade e dificuldade de compreensão do funcionamento dessas novas tecnologias, que funcionam como "caixas-pretas", a incompreensão do seu funcionamento e potencial enchem o espectador dessa esperança e terror característicos do *Sublime Digital*.

O professor David E. Nye também discute o "Sublime Tecnológico" em termos parecidos aos de Mosco, contudo, principalmente associado à sociedade americana (embora a sua discussão possa ser generalizada para além dela). Em seu livro *American Technological Sublime* (1994), Ele argumenta que a sociedade americana aderiu ao *Sublime Tecnológico* com tanto entusiasmo quanto o fez com o "Sublime Natural". Assim, a admiração pelo sublime natural, vivenciado por exemplo na contemplação do Grand Canyon, deu lugar, na modernidade, à admiração pelo sublime da fábrica, da aviação, do automobilismo, das máquinas de guerra e da computação. O computador, particularmente, revela um novo alcance de experiências sublimes: em um mundo no qual o computador é a tecnologia dominante, tudo

se transmuta em dados. As bases de dados são máquinas ontológicas que transformam tudo em uma coleção de elementos combinatórios (ou 0s e 1s). Assim, elas também transformam a nossa experiência do *Sublime*, aproximando-o do tal “Sublime Digital” ou “Algorítmico”.

Para Nye (1994, p. xiii), o *Sublime* está subjacente ao entusiasmo pela tecnologia, sendo uma das mais poderosas emoções humanas, tocando nos mais fundamentais desejos e medos, é essencialmente um sentimento religioso, que surge da confrontação com objetivos impressionantes: as Cataratas do Niágara, o Grand Canyon, Os Arranha-Céus de Nova York, A Ponte Golden Gate, o lançamento de uma nave espacial, ou o explodir de uma bomba atômica.

Figura 2 - Joseph Wright, *Arkwright’s Cotton Mills by Night*, 1782
Fonte: Google Imagens

A pintura de Joseph Wright, *Fábricas de Algodão de Arkwright à noite*, ilustra bem essa ambivalência entre o (sublime) natural e o tecnológico tão bem abordada por David E. Nye na sociedade americana (embora a pintura registre uma paisagem inglesa do século XVIII, ainda nos primórdios da Revolução Industrial), antagonizando o Natural e o Artificial. Jonathan Crary (2013, Capítulo III) faz uma análise interessante da pintura como uma representação da proximidade dessas duas esferas: uma natural e outra inventada, e da, na

visão dele, a incomensurabilidade e a incompatibilidade delas, na medida em que o natural, com seus ritmos e ciclos próprios, se mostra incompatível com aqueles criados pela industrialização e pela ideologia capitalista de incessante produtividade 24/7.

Seguindo a linha das transformações na vida cotidiana causadas pelo avanço tecnológico e da necessidade de se refletir sobre tal fenômeno, o autor italiano Mario Costa e o pintor francês Fred Forest criaram, em 1983, o movimento ou campo de estudo da "Estética da Comunicação", baseando-se na ideia de que as tecnologias da comunicação geram um novo modo de viver, reconfigurando a vida humana e a experiência estética. Nas palavras do autor:

> A Estética da Comunicação é uma reflexão filosófica sobre a nova condição antropológica e, consequentemente, sobre as novas formas de vivências estéticas instauradas pelas tecnologias comunicacionais, bem como sobre o destino reservado, nessa nova situação, às categorias estéticas tradicionais (forma, beleza, sublime, obra, gênio...). (COSTA, 1988, p. 18).

Para explicar essa "nova condição antropológica", Mario Costa se utiliza do clássico conceito de Sublime – sentimento que se refere ao incomensurável, inexprimível, informe –, adaptando-o a essa nova realidade repleta de técnica e o concebendo enquanto *Sublime Tecnológico*: considerando a alteração na dimensão do "espaço-tempo" provocada pelas novas tecnologias como um novo "incomensurável" ou "absolutamente grande", que se transforma em estofo para a prática estética. Assim, o *Sublime*, o Informe encontra meios de se fazer objeto mediante às Tecnologias.

Mario Costa retoma a discussão kantiana de Sublime, presente na *Crítica da Faculdade de Julgar*, para dar estofo ao seu Sublime Tecnológico. Se, em Kant, o *Sublime* nos acontece quando nossa natureza física percebe seus limites físicos e a nossa natureza racional entende que sua superioridade está em aperceber-se de sua pequenez: e, nesse movimento ambíguo, sente- se a sublimidade; para Costa, esse movimento é provocado, hoje em dia, pela nossa relação com a tecnologia, a qual figura enquanto algo colossal e assombroso em oposição à pequenez do indivíduo. Nesse contexto, a tecnologia, por um lado, mortifica a imaginação e as categorias artísticas tradicionais centradas no sujeito e, por outro lado, exalta as capacidades da razão manifestas em dispositivos tecnológicos: é nesse movimento de mortificação-exaltação que surge o *Sublime Tecnológico*.

Annateresa Fabris (in: COSTA, 1995, p. 7-12) argumenta que o *Sublime Tecnológico* é um decréscimo progressivo da ideia de subjetividade e de autoria, que dão lugar à lógica dos instrumentos utilizados vistos como co- autores do evento. Há, então, um enfraquecimento, dissolução e crise do sujeito e da subjetividade. Contudo, a subjetividade pode se restabelecer através da estética da comunicação, uma "antropologia do futuro" e de um diferente convívio com as tecnologias: de modo mais otimista, a partir de um sentimento de unidade da espécie humana, uma nova percepção de espaço- tempo, uma rede aberta de intercâmbios de energia vital e energia artificial. Diante disso tudo, o caráter ameaçador da tecnologia se converte em *Sublime Tecnológico*, isto é, "na possibilidade de uma socialização da produção e da fruição da sublimidade" (*Ibidem*, 1995, p. 7-12).

O *Sublime Tecnológico* se manifesta de três formas (HOLANDA, 2008; COSTA, 1995): (a) pela fraqueza e dissolução do sujeito em um avançado sistema tecnológico de conexões que o transcende; (b) pela domesticação tecnológica do absolutamente grande, mediante o controle da percepção realizado pelos dispositivos comunicacionais; e (c) pelo domínio da terribilidade da tecnologia, mostrando uma reversão da ameaça que esta representa ao humano, sugerindo o advento de uma nova espiritualidade intelectual: a do sublime tecnológico. Nesse aspecto, os três modos de *Sublime Tecnológico* propostos por Mario Costa fazem uma adaptação do clássico sentimento de Sublime (discutido pelos filósofos) para o contexto tecnológico atual, conferindo à tecnologia a provocação do sentimento de absoluta grandeza e poder. O indivíduo se sente pequeno em relação à grandeza das redes comunicacionais e da complexidade tecnológica e computacional, diluindo-se nelas, enquanto a tecnologia confere forma ao "informe", apresentando-o de modo calculado e controlado.

Há uma evolução no conceito de *Sublime* em três estágios: (1) o Sublime Natural; (2) o Sublime Moderno; (3) o Sublime Tecnológico Pós- Moderno. (1) o Sublime Natural, como o nome já indica, está presente na grandeza da natureza (como apontam as definições clássicas de Sublime), em seus aspectos ao mesmo tempo terríveis e atraentes: como em tempestades, erupções, terremotos. Por sua grandeza incontrolável e completa superioridade ao sujeito, a natureza o ameaça e o dissolve, ao mesmo tempo em que lhe causa admiração e prazer (como é muito bem ilustrado nas pinturas FRIEDRICH e TURNER anteriormente expostas, Figura 1 e 2). (2) O Sublime Moderno, muito próximo da

ideia de “Sublime Tecnológico Americano” abordado por David E. Nye, surge com os novos meios de produção industrial e com as metrópoles. A grandeza é expressa nas cidades, no modo de vida urbano, nas grandes obras arquitetônicas, nos grandes feitos tecnológicos, como um tipo de excesso que também atrai e terrifica (a enormidade da metrópole e da urbanização), que apresenta prazer e desprazer, provocando uma ameaça e uma atração ao sujeito (que pode ser representada pela obra de Edward Hopper, o pintor da solidão americana nas grandes metrópoles). (3) por fim, o Sublime Tecnológico ou Pós-Moderno, deriva das Tecnologias mais recentes, do digital, elétrico, virtual, cibernético, as quais representam um novo excesso, uma nova abundância e incompreensão, provocando uma grande mudança em todos os campos da experiência. Com efeito, as novas tecnologias da comunicação e de redes configuram uma nova paisagem para o Sublime, um novo e vasto mundo de possibilidades em forma de dados, uma nova grandeza que, num processo de virtualização da vida, mais uma vez, dissolve o sujeito, que se perde nas ilimitadas possibilidades de conexão e de combinação de dados.

Umberto Roncoroni (2007) sintetiza o *Sublime Tecnológico* sugerido por Costa, afirmando que ele se refere a união do sublime pós-moderno de Lyotard com a dimensão desconhecida, incerta e ameaçadora das novas tecnologias digitais. O tecnológico constitui a outra faceta do *Sublime* porque a proliferação autônoma das ciências aplicadas e da tecnologia produz uma distância cada vez maior entre os conhecimentos tecnológicos e a compreensão de suas instâncias e processos pelas pessoas normais, o que gera esse sentimento de sublimidade.

Por sua vez, Zanini (2003) argumenta que Costa reflete sobre o novo tipo de poder e ameaça constituído pela técnica, o “terrificante tecnológico” que dá lugar à “sublimidade tecnológica”, que é posta em obra por dispositivos de telecomunicação que capturam o absolutamente grande da natureza e o reconfiguram de um modo controlado. Assim, “as tecnologias da comunicação prestam-se a oferecer uma percepção controlada das excessivas dimensões da natureza e a introduzi-las num dispositivo tecnológico que, a um só tempo, deixa-as inalteradas e as oferece, dominadas, ao olhar e à reflexão” (COSTA, 1988, p. 40), de um modo que as novas tecnologias tornam possível a “domesticação do sublime”, fazendo-o tecnológico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre o *Sublime* e o *Sublime Tecnológico* perpassa séculos de reflexões filosóficas e se adapta às mudanças culturais, tecnológicas e sociais. Desde os tempos dos filósofos gregos até os pensadores contemporâneos, a noção de *Sublime* evoluiu, expandiu-se e adaptou-se às diferentes épocas e contextos. Através das obras de autores como Longinus, Kant, Burke, Schiller, Hegel e outros, exploramos as dimensões do *Sublime*, que abrangem desde a relação com o terror e o perigo até a confrontação com o infinito e o inefável.

No mundo atual, marcado pela presença ubíqua da tecnologia, emergiu o conceito de *Sublime Tecnológico*. Autores como Mario Costa, David E. Nye e Vincent Mosco trouxeram perspectivas distintas sobre como a tecnologia transforma a experiência do *Sublime*. O *Sublime Tecnológico* envolve sentimentos de admiração e temor diante das novas tecnologias e suas promessas, ao mesmo tempo em que desafia a compreensão e controla a percepção humana. Essa transformação é evidenciada na forma como as tecnologias da comunicação, a digitalização e a virtualização reconfiguram nossa relação com o espaço, o tempo e o poder, proporcionando novos modos de apreciação estética e provocando uma interação complexa entre o sujeito e as máquinas.

Em síntese, pode-se compreender que o conceito de *Sublime* vem sendo discutido há séculos - ao menos desde as reflexões de Longinus no século primeiro antes de Cristo – e que a concepção sobre a temática, embora mantenha certa essencialidade no decorrer do tempo, tem se transformado e se adaptado às condições sociais, materiais, tecnológicas e ideológicas da humanidade. O elemento comum, que se preserva desde Longinus, é o sentimento de admiração e pequenez em relação à grandeza de um objeto suntuoso. O diverso ou contingente, que variou e varia no decorrer da história, é que objetos (e/ou fenômenos) provocam tal sentimento: uma tempestade, a arquitetura de uma metrópole, a complexidade de um dispositivo digital ou de uma rede comunicacional.

Se, antes, a contemplação de certos eventos naturais nos causava esse

sentimento de *Sublime*, hoje, diante dos grandes avanços tecnológicos, a própria complexidade e profundidade da artificialidade, inventividade e técnica humanas nos geram essa pequenez, esse fascínio e terror da sublimidade, antes reservadas apenas à provocação da natureza. Os séculos passam, o homem se transforma e transforma o mundo, mas a sua capacidade de se aterrorizar e, ao mesmo tempo, se maravilhar diante do grandioso, do potente e do incompreensível – natural ou artificial – permanece.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2ª Edição. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

AMES, Morgan G. *Deconstructing the algorithmic sublime*. In: Big Data & Society. 2018.

BURKE, Edmund. *A philosophical enquiry into the origin of our ideas of the sublime and beautiful*. 4a edição. Londres: R. and J. Dodsley, 1764.

COSTA, Mario. Dopo la tecnica. *Dal chopper alle similcose. Seguito da: Il sublime tecnologico trent'anni dopo.* Napoli: Liguori, 2015.

COSTA, Mario. *L'estetica dela comunicazione: cronologia e documenti.* Salerno, Palladio, 1988.

COSTA, Mario. *O Sublime Tecnológico*. São Paulo: Experimento, 1995.

CRARY, Jonathan. *24/7: Late Capitalism and the Ends of Sleep*. Londres: Verso, 2013.

DORAN, Robert. *The Theory of the Sublime*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2015.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Aesthetics:* Lecture on Fine Art. Oxford, England: Claredon, 2010.

HOLANDA, Giodana Borges de. *Do Sublime Tecnológico às Cartografias dos Fluxos*. Tese de Doutorado apresentada ao PPG em Design da PUC-Rio. Rio de Janeiro: 2008.

KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade de Julgar*. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

KANT, Immanuel. *Observations on the Feeling of the Beautiful and Sublime and Other Writings*. Edited by Patrick Frierson an Paul Guyer. New York: Cambridge University Press, 2011.

LEE, Yena. *The Kantian and Hegelian Sublime*. In: Episteme, Vol. 23, Article 4. 2012.

LEWIS, Charlton T.; SHORT, Charles. *A Latin Dictionary*. Oxford: Claredon Press. 1879.

MOSCO, Vicent. *The Digital Sublime*: Myth, Power, and Cyberspace. USA: The MIT Press, 2004.

NUNES, Benedito. *Introdução à filosofia da arte*. 4ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1999.

NYE, David E. *American Technologial Sublime*. USA: The MIT Press, 1994.

RONCORONI, Umberto. *Benjamin y la teoria de lo sublime tecnologico*. In: Contratexto n. 15, 2007, pp. 133-140.

SCHILLER, Friedrich. *On the Sublime*. In: Aesthetical and Philosophical Essays. Project Gutemberg: 1793.

SHAW, Philip. *The Sublime*. New York: Routledge, 2006

XENOFONTE. *Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e comentários: Ana Elias Pinheiro. Série: Autores Gregos e Latinos. Universidade de Coimbra, 1ª edição. Lisboa: 2009.

ZANINI, Walter. A Arte de Comunicação Telemática: a interatividade no ciberespaço. In: *ARS Vol. 1* (1). São Paulo: 2003. https://doi.org/10.1590/S1678-53202003000100003.

COORDENADORES:
PROF. DR. EDGAR MONTEIRO CHAGAS JUNIOR (PPGCLC/UNAMA)
PROF. DR. PAULO JORGE MARTINS NUNES (PPGCLC/UNAMA)
PROF. DR. JANIO ROQUE BARROS DE CASTRO (PROET/UNEB)
PROF. DR. ANTÔNIO MAURÍCIO DIAS DA COSTA (PPGHIST/UFPA)

ST3 - (IN)VISIBILIDADES FESTIVAS NA CIDADE: CORTEJOS, RITUAIS E PERFORMANCES EM ESPAÇO URBANO

A festa enquanto produtora e mediadora de relações sociais fazem parte da história das cidades desde tempos imemoriais. No entanto, a maneira pela qual os espaços festivos foram se consolidando ao longo do tempo nos permite especular sobre a produção de uma cartografia afetiva tracejada em diferentes contextos históricos que demarcaram territórios guetificados pela imposição de ordenamentos urbanos obedientes aos códigos de posturas municipais atualizados por intencionalidades veladas ou não dos agentes produtores do espaço urbano. Nesse contexto, as condições impostas por processos de "modernização" da cidade em períodos mais recentes suscitaram outras possibilidades para os usos e contra-usos culturais do espaço urbano (LEITE, 2007), que (des)legitimam práticas culturais e permitem a leitura da cidade a partir de temporalidades e espacialidades distintas.

Pretende-se nesse simpósio fomentar o debate teórico-empírico sobre as manifestações culturais festivas realizadas em espaço urbano a partir de seus processos de sociabilidades, representações, espetacularização, ritualizações, memória, patrimônio, identidades, performances, territorialidades e lugaridades observadas em cortejos, eventos, espetáculos, sedes dançantes, currais, praças, ruas, sambódromos, bumbódromos, centros históricos, periferias, terreiros, quadras carnavalescas, quintais, etc. que permitam uma possibilidade de compreensão da dimensão socioespacial e afetiva dos conteúdos inerentes à produção de sentido gerada pela festa na cidade.

BREGA PARAENSE: ORIGEM, PERCURSO E CONSUMO CULTURAL EM BELÉM-PA[1]

BREGA PARAENSE: ORIGIN, COURSE AND CULTURAL CONSUMPTION IN BELÉM-PA

BREGA PARAENSE: ORIGEN, CURSO Y CONSUMO CULTURAL EN BELÉM-PA

Pedro Paulo Calandrine Monteiro Júnior[2]
Edgar Chagas Junior[3]

Resumo: O objetivo deste trabalho é trazer reflexões acerca do que é e de como podemos caracterizar a identidade musical do “brega” no município de Belém do Pará, bem como a inserção do ritmo na cidade, percurso e alterações no estilo musical. Tema relevante a partir, sobretudo, pelo brega ter se transformado em uma identidade cultural do povo paraense, mais especificamente a música que representa as periferias belenenses. Essa hipótese é defendida com base na análise do circuito paraense do brega, estilo musical que nasceu na década de 1980, sobreviveu às margens durante anos até se firmar em 1995 e, assim, criar sua identidade regional inigualável que se atualiza com recursos da música eletrônica, mesmo sofrendo uma rejeição das classes abastadas, e encontra na independência dos grandes veículos de comunicação e gravadoras na informalidade um negócio que serve de sustento para várias famílias e cresce e se transforma a cada dia, tornando-se a cara de um povo.

Palavras-chave: Brega; Identidade; Cultura.

Abstract: The objective of this work is to bring reflections about what it is and how we can characterize the musical identity of "brega" in the municipality of Belém do Pará, as well as the insertion of rhythm in the city, route and changes in musical style. Relevant theme, mainly due to the fact that brega has become a cultural identity of the people of Pará, more specifically the music that represents the outskirts of Belém. This hypothesis is defended based on the analysis of the brega circuit of Pará, a musical style that was born in the 1980s, survived on the margins for years until it was established in 1995 and, thus, created its unique regional identity that was updated with electronic music resources. , despite being rejected by the wealthy classes, and finds in the independence of the major media and record companies in informality a business that supports several families and grows and transforms every day, becoming the face of a people.

Keywords: Brega; Identity; Culture.

---

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST3 (IN)VISIBILIDADES FESTIVAS NA CIDADE: cortejos, rituais e performances em espaço urbano do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Mestrando em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA).

[3] Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA).

Resumen: El objetivo de este trabajo es traer reflexiones sobre qué es y cómo podemos caracterizar la identidad musical de la “brega” en el municipio de Belém do Pará, así como la inserción del ritmo en la ciudad, recorrido y cambios de estilo musical. . Tema relevante basado, sobre todo, en el hecho de que la brega se ha convertido en una identidad cultural del pueblo de Pará, más específicamente de la música que representa la periferia de Belém. Esta hipótesis se defiende a partir del análisis del circuito brega en Pará, un estilo musical que nació en la década de 1980, sobrevivió al margen durante años hasta consolidarse en 1995 y, así, creó su identidad regional única que se actualiza con recursos de música electrónica, a pesar de ser rechazada por las clases adineradas, y encuentra en la independencia de los grandes vehículos de comunicación y discográficas de la informalidad un negocio que sostiene a varias familias y crece y se transforma cada día, convirtiéndose en el rostro de un pueblo.

Palabras clave: Brega; Identidad; Cultura.

1. INTRODUÇÃO

> Portanto, arrisco dizer que o Brasil, sem dúvida uma das grandes usinas sonoras do planeta, é um lugar privilegiado não apenas para ouvir música, mas também para pensar a música (Napolitano, 2022, p. 05).

Esta incursão a respeito da temática do estudo aqui abordada se iniciou no final da década de 1990, sob minha visão como músico atuante em Belém do Pará desde 1999, mesmo antes do exercício acadêmico na graduação em História. Nesse mesmo período (final da década de 1990), surge no norte do país uma repaginação do ritmo brega, que começa fortemente com sucessos como os de Roberto Vilar, que tomava conta das rádios e das aparelhagens em Belém e no Pará. Dava-se aí o meu primeiro contato com a música brega.

Com essa grande demanda pelo ritmo, ele vai sofrendo mudanças nos arranjos, nos andamentos (velocidade da música), nas linhas melódicas e, junto com isso, a dança também. O ritmo foi seguindo forte Brasil afora e, em Belém, com as mudanças na música já citadas, nasce o “tecnobrega”, com uma batida mais moderna e eletrônica. As aparelhagens da cidade entram nesse cenário com força total. As chamadas “festas de aparelhagens” passam a lotar na capital e no interior.

Quanto aos aportes teóricos e metodológicos com os quais este trabalho dialoga, vale ressaltar que este é um estudo de caráter exploratório sobre as

diversas nuances da musicalidade brega, sua identidade, cultura e memória no município de Belém. Pode-se caracterizar a metodologia como um estudo de caso alicerçado em uma revisão da bibliografia correlata ao tema. Esse diálogo entre música e História também encontra ressonância na produção historiográfica, conforme contextualizado por Marcos Napolitano:

> A história, no seu frenesi contemporâneo por novos objetos e novas fontes, tem se debruçado sobre o fenômeno da música popular. Mas esse namoro é recente, ao menos no Brasil. [...] Sendo que o boom de pesquisas, no Brasil, ocorreu a partir do final dos anos 80. Apesar da presença constante do tema nos trabalhos acadêmicos, há muito o que discutir, debater, investigar. (NAPOLITANO, 2002).

As fontes dão conta de um aporte documental, bem como lança mão da história oral, cuja pesquisa foi feita junto a outros artistas que trabalham com a música brega. Vale ponderar que:

> A história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho […] funcionando como ponte entre a teoria e a prática. Esse é o terreno da história oral – o que, a nosso ver, não permite classificá-la unicamente como prática. Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar, questões, formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas. (AMADO; FERREIRA, 1996, p. 6).

O intuito de utilizar a metodologia da história oral neste estudo foi de conseguir fazer o exercício da escuta com sujeitos sociais, artistas, belenenses que muitas vezes não estão representados em outras escritas. No dizer de Thompson, “a história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas” (THOMPSOM, 1998, p. 337). Ainda sobre os aportes teóricos, há um diálogo com Hall (2006), para trazer o conceito de identidade na concepção dos estudos culturais:

> A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós” contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos

reciprocamente mais unificados e predizíveis. (HALL, 2006, p. 11-12).

O tema ora em tela necessita de uma análise que transversaliza por vários campos de saber. Em diálogo com a Antropologia, cuja cultura e identidade são temas caros, vale retomar o pensamento de Geertz (1978), quando afirma que "o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu". Ou seja, a cultura é uma teia de significados na qual o homem se amarra, e que ele próprio criou.

Por fim, cabe também analisar o brega inserido na categoria "memória coletiva", categoria de análise problematizada por Halbwachs (2013), nessa pesquisa arrolada quando se reflete sobre uma música de "referência". Ou seja, ao falar de um "quadro de referência" musical da memória coletiva do estado do Pará, é o brega que vem ao pensamento. Assim, "a memória coletiva é alicerçada numa teia social de ações e discursos para poder ser consolidada" (COSTA, 2007, p. 29).

2. BREGA PARAENSE: ORIGEM, PERCURSO E CONSUMO CULTURAL EM BELÉM-PA

Neste artigo, buscou-se realizar um levantamento não tão austero das origens do brega, visto que a música brega foi surgindo e se transformando no decorrer do século XX. Procurou-se também dialogar com as transformações sociais e culturais ocorridas durante esse período no município de Belém do Pará e traçar a sua cartografia. O diálogo estabelecido aqui, como comentado na introdução deste artigo, se filia às produções de Maurício Costa (2009) e Tony Costa (2013).

Belém, em meados da década de 1920, tinha uma delimitação bem clara do que eram os bairros de "centro" e os de "subúrbio". Os bairros localizados no centro da capital paraense eram considerados modernos, requintados, elegantes e civilizados pelos locais e viajantes, uma mistura urbana e exótica do requinte da arquitetura europeia com a natureza amazônica. Já os subúrbios eram considerados pelos moradores do centro e visitantes como bairros habitados por pessoas estigmatizadas, que viviam de forma precária e muitas vezes eram considerados "marginais", arruaceiros.

Os subúrbios de Belém, que naquele período eram representados pelos

bairros da Pedreira, Umarizal, Jurunas e Guamá eram áreas que mantinham sua dinâmica própria e, em alguns casos, partilhavam de um sentimento de identidade própria de bairro, como era e ainda é muito forte no bairro do Jurunas, o conhecido ser “jurunense”.

> (…) a Belém dos moradores dos subúrbios. Era a cidade dos capoeiras, dos brincantes de boi-bumbá, das lavadeiras de roupa, das batedoras de açaí, das conversas de esquina, das festas de santo e batuques sagrados e profanos, consequentemente, era a cidade de sons particulares que possivelmente não eram escutados abertamente no centro da cidade. Era a sonoridade “exótica” e “incompreensível” (...) era a musicalidade (obviamente também sagrada) desses moradores de bairros como Pedreira, Umarizal, Guamá, Jurunas e demais localidades das margens da cidade. Essas sonoridades da Belém outra, a Belém “primitiva”, representava a cultura que se sedimentou nas periferias da cidade em um processo centenário de chegadas de povos de várias partes do mundo, especialmente povos subalternizados pelo sistema colonial e escravistas. Aqui, esses povos entraram em contato com outros grupos já existentes, também subalternizados pelo mesmo sistema de dominação colonial. Era o território onde antes tinham habitado grupos indígenas e depois foi ocupado por populações negras, arrancadas de suas terras e forçadas a migrar pelas rotas do “atlântico negro”. (COSTA, 2013, p. 54).

Para Costa (2013), devemos observar os subúrbios de Belém não somente como o significado da palavra, que se refere a uma localidade distante do centro da cidade, mas sim como um local constituído por uma classe social menos privilegiada, segregada e culturalmente diferenciada.

> De acordo com o aspecto geográfico, os subúrbios belenenses são as franjas e margens da cidade em relação ao centro urbano. Do ponto de vista social, essa mesma margem foi historicamente espaço de ocupação das classes populares e trabalhadoras, migrantes de cidades do interior e de outros estados, grupos sociais marginais, negros, indígenas e/ou mestiços. Todos esses foram normalmente pensados pelo conjunto do pensamento social hegemônico como personagens de *status* social e político inferior. (COSTA, 2013, p. 47).

É importante salientar que, por volta da década de 1930 e 1950, o crescimento demográfico desses subúrbios foi fazendo com que a população ocupasse cada vez mais áreas alagadas ou de igarapés, dando vida às regiões de Belém até hoje conhecidas como “baixadas”. Essas ocupações precarizadas evidenciaram ainda mais a disparidade de investimentos do poder público nos bairros do subúrbio da capital paraense em comparação aos bairros centrais.

Segundo Costa (2013), na década de 1940, durante a Segunda Guerra

Mundial, a Amazônia recebeu investimentos de capital estrangeiro como fornecedora de borracha natural. Considera que, em meados de 1942, os exércitos japoneses já dominavam 95% da plantação de borracha mundial e inviabilizavam o fornecimento aos países aliados (Estados Unidos, França, Inglaterra e União Soviética), surgindo, assim, os “Acordos de Washington”, que restaurava o Brasil e a Amazônia como fornecedores estratégicos da borracha para o mercado ocidental, em particular, para os Estados Unidos.

Esse contexto se entrelaçou com promessas não cumpridas durante o governo do presidente Getúlio Vargas de condições boas de trabalho e vida, o que atraiu muitos imigrantes para trabalhar com a extração da borracha. Entretanto, diante da precariedade encontrada, resultou no abandono dos postos de trabalhos nos seringais e fuga para as cidades paraenses, inclusive os subúrbios e ruas da capital paraense, aumentando assim as mazelas sociais causadas pelo crescimento desordenado.

É com o contexto de formação dessas periferias da capital paraense que vamos à correlação com o brega, que nasce como ritmo musical e se transforma em um “movimento” nesses subúrbios, lugares que historicamente abrigaram a população em situação de vulnerabilidade social e que reuniam uma miscelânea populacional fragilizada e vitimizada, onde Dalessio Ferrara (2019), nos diz que:

> Os homens se comunicam pela expressão que os aproxima e os faz comunicantes, pois assim produzem distintos sentidos considerados não propriamente ou apenas linguagem, mas mensagens que, de modo pragmático, arquitetam o diagrama daquilo que se comunica e, enquanto instrumento assinalam o que significa comunicar. Comunicação é transmissão (DALESSIO FERRARA, 2019 p. 3).

Esse cenário foi se formando e se transformando durante o século XX, tendo por muito tempo sido considerado a “margem” na capital do Pará, levando as pessoas a resolverem ser suas próprias porta-vozes e consumirem sua própria cultura.

> Apesar de considerar a fragilidade de uma avaliação mais geral, posso sugerir que, dada a estrutura topográfica da cidade, o subúrbio em Belém quase sempre é uma coincidência de fatores geográficos e sociais. De acordo com o aspecto geográfico, os subúrbios belenenses são as franjas e margens da cidade em relação ao centro urbano. Do ponto de vista social, essa mesma margem foi historicamente espaço de ocupação das classes populares e trabalhadoras, migrantes de cidades do interior e de outros estados,

> grupos sociais marginais, negros, indígenas e/ou mestiços. Todos esses foram normalmente pensados pelo conjunto do pensamento social hegemônico como personagens de *status* social e político inferior. (COSTA, 2013, p. 47).

De acordo com Costa (2013), devemos fortalecer o debate sobre "consumo regional", haja vista que os artistas que faziam música em Belém na primeira metade do século XX buscavam debates mais amplos sobre regionalismo e recebiam, ao mesmo tempo, informações musicais de vários lugares do Brasil e do mundo. A música popular produzida a partir dessa situação sempre mostraria uma tensão, que representava simultaneamente o desejo de ser uma música com características e ao mesmo tempo manter uma relação com a tradição da música nacional.

Essa conjuntura era também decorrente do fato de a música popular no Norte do Brasil não ter surgido completamente semelhante à da indústria cultural brasileira. Ela viveu sempre fora desse processo, nas margens da indústria nacional, que tinha no Rio de Janeiro um dos seus principais "centros". Aqui vale também frisar que se construiu uma particularidade identitária, corroborando o que já foi dito neste trabalho sobre o brega como identidade local.

A partir do enfraquecimento da Jovem Guarda na década de 1970, através de batidas românticas e com forte influência da música latino-americana (CAMELO et al., 2018), já começava a se visualizar o gênero musical que viria a ser a "música brega" e se dá concomitantemente em todo o país. Com uma mistura de influências musicais, potencializa-se no contexto nacional de expansão dos meios de comunicação de massa, juntamente com o fortalecimento da indústria fonográfica.

Mas, é na década de 1980 que, segundo Costa (2009), conseguimos identificar a primeira onda do "movimento brega", liderado por grandes cantores que em sua maioria eram contratados por gravadoras nacionais, como: Alípio Martins, Juca Medalha, Luiz Guilherme, Teddy Max, Mauro Cotta, Francis Dalva, Míriam Cunha, Ari Santos, Os Panteras, Waldo César, Solano e seu conjunto, Vieira e Banda, Fernando Belém, Beto Barbosa, Ditão, os maranhenses Beto Douglas e Adelino Nascimento (que eram domiciliados e tinham uma carreira no Pará).

Para Costa (2009), no final da década de 1980, o "movimento brega" já

enfraquecido sobrevive sem o apoio da mídia, principalmente das rádios, conta apenas com as aparelhagens (grandes aparelhos sonoros que eram utilizados para promover festas), publicidades sonoras e poucos cantores que se mantinham com dificuldade no cenário musical.

A partir do ano de 1995, após 5 a 6 anos de consumo nacional quase exclusivo do ritmo *axé music*, o "brega" já estava relegado ao ostracismo. Entretanto, encontrando uma sobrevida nas festas de aparelhagens, começou a ressurgir no cenário musical paraense com o experimental "A Nuvem" de Roberto Villar, já com algumas reformulações no ritmo, e explode finalmente com o CD intitulado "Ator Principal" (O Papudinho) de Roberto Villar pelo Studio Digitape, que ganhou uma aceleração considerável no ritmo e inserção de mais guitarras sob influência caribenha. A nova proposta do brega ganhou mais alegria e sensualidade, reconquistando o público paraense, a mídia e outros estados da região norte. O então denominado "brega pop" se reestabeleceu com um sucesso ainda maior e mais forte que na década de 1980, em um a dois anos o "brega pop" vinha a conquistar também o nordeste e o restante do Brasil.

> (...) (do então rebatizado "BREGA POP") e grandes talentos como: Wanderley Andrade, Kim Marques, Alberto Moreno, Edilson Moreno, Banda Xeiro Verde, a baiana Rosemarie e outros. Sem contar com os cantores que não haviam saído do cenário musical como: Juca Medalha, Waldo César, Ed Reis, Fernando Belém, o maranhense Ribamar José, etc. E os que haviam parado momentaneamente como: Diogo, Mauro Cotta, Luiz Guilherme, Ditão. E muitos outros que voltaram com motivação renovada. Em 1996 e 97, surgiu então uma nova safra de compositores adaptados ao "novo ritmo" como: Tonny Brasil, antes conhecido apenas como Tonny e já era ótimo compositor no final dos anos 80, Kim Marques, Edilson Moreno, Jr. Neves, Nilk Oliveira, Edinho, o também veterano Alberto Moreno (gravou um cd com 12 músicas e 90% do mesmo foi executado nas rádios, com direito a remix), o romântico Marcelo Wall, Tarcísio França e posteriormente da safra mais recente (1999): Daniel Delatuche, João Paulo (Banda Pinta Cuia), Markinho, etc. (...) Com outros excelentes intérpretes como: Joba, Lenne Bandeira, Simone Faoli e Suzane Faoli, Jorge Silva e Jade/ Banda Sayonara, Markinho/ Markinho e Banda, Gerson Thirrê, Joelma da Banda Calipso, Hélem Patrícia da Banda Xeiro Verde, Suelene, Edilson Moreno, Bosco Guimarães, Fábia Lenize da Banda Cajuí, etc. Alguns produtores musicais como (Manoel Cordeiro, Evandro Cordeiro – Barata, Dedê, Didi, Hélio Silva, Cláudio Lemos, Lúcio Jorge, Cléo/Juntamente com a B. Xeiro Verde, Luís Nascimento e outros). (COSTA, 2009, p. 21).

As bandas de brega a partir de então passaram a ter um investimento maior na produção, casas noturnas superlotadas, artistas nacionais regravando músicas de artistas regionais, participações e boa audiência em rádio e

programas de TV locais dedicados ao ritmo brega. Nesse período, o “brega” ainda não tinha consolidado o seu espaço nacionalmente ou conseguido uma boa oportunidade em uma grande gravadora.

Existem muitos questionamentos sobre a influência do nome “brega” e sua conotação pejorativa ter uma implicação direta sobre a não absorção das gravadoras nacionais desse grande sucesso regional. Um dos exemplos clássicos, segundo Souza (2009), foi a banda Calypso, que naquele contexto rejeitou o estilo musical, com a perspectiva de ter uma maior aceitação no mercado nacional.

> Outro exemplo que mostra esse certo desconforto sentido pelos artistas com a denominação brega é o caso da banda Calypso. Seguindo ainda a entrevista de Wladimir Júnior, a banda Calypso se assume com estilos diversos, porém, de acordo com Wladimir, a banda surgiu no movimento da música brega em Belém sofrendo fortes influências do que ele denominou brega pop, mas pela banda ser proveniente da região norte e por ter tido o objetivo de se adentrar no mercado sem sofrer a discriminação pelo ritmo brega, ela abdicou desse rótulo. (SOUZA, 2009, p. 12).

Para Costa (2013), com o acirramento da concentração do mercado cultural no Rio de Janeiro e em São Paulo e a consequente redução de investimentos em mercados locais, entre os anos de 2000 e 2005, o tecnobrega nasce à margem das grandes empresas de produção cultural (gravadoras, TVs, rádios, etc.). Os jovens oriundos de periferias da capital eram os maiores consumidores do ritmo tecnobrega nos primórdios do seu surgimento e sofreram uma criminalização real e simbólica de outros grupos que relacionavam o tecnobrega ao uso de drogas nas festas de aparelhagens e à violência urbana.

Costa (2013) é enfático ao destacar que essa visão tendeu a mudar por volta do ano de 2008, em consequência de vários fatores, como: lenta e progressiva incorporação da música brega por setores intermediários da sociedade, sobretudo uma geração mais nova; maior organização do mundo brega a partir de programas independentes de rádio e TV, dirigidos por DJs e com ampla participação de público; criação de espaços virtuais de divulgação e debates sobre o brega e o tecnobrega (*sites*, *blogs*, etc.); atuação de artistas ligados a setores intermediários; a jovem intelectualidade artística que passou a incorporar o tecnobrega (banda Cravo Carbono, Pio Lobato); mudança de

perspectiva da política pública cultural do Governo do Estado do Pará, que passou a ter alguns artistas de tecnobrega como atrações especiais dentro de eventos de divulgação da música local, como exemplo o Terruá Pará.

Para dar maior amplitude a todas as transformações vividas pelo ritmo brega da nossa região, será citado de forma integral o “Glossário Bregueiro”, com todas as variações existentes do brega paraense.

Brega: É um ritmo de músicas dançantes, bem ritmadas e de variado estilo balançado; o brega é a dança. O Brega é um ritmo paraense originário do calipso americano, identificado com a dança, também chamada de brega, mas de origem paraense. O Brega é uma dança paraense. É tocado e dançado com muita originalidade, colado corpo no corpo ou no vai e vem.

Brega Calipso: É uma versão regionalizada da música americana no estilo chacundum. É a liberação das guitarras com visível centralização do som do Caribe.

Brega Rasgado: É o brega das batidas mais fortes, introduzida pelos músicos paraenses.

Brega Pop: São os componentes do rock. É um ritmo de batidas mais suaves, identificado no brega romântico; o amor é explícito em todas as suas artimanhas.

Brega Dance: É baseado nas músicas dance dos anos 80, logo depois da discoteca, com os funks verdadeiros e com muito trabalho de contrabaixo.

Brega Sarro: É o brega feito com humor. É a curtição que cria os personagens da região.

Brega Melody: É o brega com a batida romântica, pra se dançar mais agarrado. É uma tendência do ritmo tratado num brega feito com arte, poesia e beleza.

Techno Brega: É uma música feita exclusivamente com mixagens. Possui implementos do Techno europeu, com batida mais acelerada. Na verdade o Techno Brega é a modernização do Brega Calipso, sendo todo produzido e mixado por recursos eletrônicos. Sua batida é originária do eletroritmo sendo adicionadas guitarradas e muitos arranjos de teclado. Seu enredo varia de composições satíricas a músicas que falam do mais íntimo

sentimento tocando no fundo dos corações. Esse novo ritmo tem como principais características as coreografias que são aceleradas, compostas de jogos de braço, muitos giros e agilidade. (Fonte: www.bandatecnoshow.com).

Eletro Melody: É um dos sub-gêneros do tecnobrega, variante eletrônica do Brega, principal ritmo das festas e Aparelhagem do Pará. O Eletromelody tem como características as batidas mais fortes e graves, com teclados mais ácidos com grande influência da eletrohouse de Benny Benassi e David Gettha, no Pará os destaques do estilo são David Sampler, Marlon Branco e Gang do Eletro, formado por Maderito e o DJ Waldo Squash.

Tecnno Reggae: É o Reggae, mas é programado, sequenciado, com contra-baixo de Reggae e bateria de Brega.

Brega Hard Core: É fundamentado em cima do Rock para praticantes de esportes radicais (skate, surf, etc). É uma mistura de “surf music”, com guitarra destorcida, mas com contra-baixo de brega. (AGUIAR; CORDEIRO; BRASIL, 2013 apud COSTA, 2013, p. 254-255).

Para finalizar essa imersão nas origens do ritmo brega paraense, vale contextualizar que, em meados do ano 2003, finalmente o brega passou a ter uma maior aceitação nacional. Foi se desvencilhando cada vez mais do estigma atribuído por algumas camadas sociais de música com ligações “duvidosas” com a violência e a criminalidade atribuídas erroneamente a alguns cidadãos que moram em subúrbios de Belém, porém, mantendo a sua identidade cultural de música nascida na periferia.

A transformação aludida aqui pode ser exemplificada pela trajetória de carreira da cantora Gaby Amarantos, que se lançou no mercado na Banda Tecno Show trabalhando a vertente tecnobrega e reforçando sempre a sua identidade “jurunense”.

> A última questão da qual preciso tratar é a atuação da intelectualidade artística mais nova, que também participou do processo de incorporação do mundo brega em sua versão mais recente, o tecnobrega, pela tradição local. Na verdade, nesse caso, posso dizer que houve uma dupla incorporação. Parte do mundo brega fez-se presente no mundo da jovem intelectualidade, ao mesmo tempo em que alguns grupos dessa jovem intelectualidade artística buscaram inspirar-se na música que se fazia na hipermargem. (COSTA, 2013, p. 281).

Essa intelectualidade artística paraense que conta com nomes como

Félix Robatto, Felipe Cordeiro, entre outros, corroborou na construção da atual imagem do tecnobrega que é a forte representatividade musical desses sujeitos que se conhecem pertencentes a esse movimento, pois segundo Baitello Junior (2019):

> Tal interação é constitutiva de toda comunicação. E comunicação não é informação, é transformação, é percepção e ação, é afeição, afetar e ser afetado pelo entorno, é movimento, mover(-se) e comover(-se). E a comunicação lança mão de som, movimento, performance, gesto, sabor, tudo aquilo com que capturamos o mundo ou o mundo nos captura (BAITELLO JUNIOR, 2019 p. 1).

A imagem do brega paraense em geral, reforça em suas letras o regionalismo com a linguagem e as roupas utilizadas nas periferias de Belém, não tratando de forma caricata mas sim de forma real, identitária, enfatizando que a região tem suas tradições, seus saberes, sua cultura e que as vive, aceita e sente orgulho delas. Dessa forma, a atual imagem do brega no Brasil é de um ritmo, em grande parte, originário do Pará e mais especificamente das camadas mais populares do estado, que é tão original e peculiar, e também trabalha bem o orgulho da origem que carrega.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O brega compõe fortemente a identidade de Belém e do Pará. É o som que se escuta nas ruas e festas das cidades do Pará. Em suma, foi consumido e reconhecido primeiramente nos bairros mais periféricos de Belém, mas hoje o encontramos em vários bairros e classes econômicas/sociais.

A pesquisa executada tem importância social relacionada com o processo de entendimento do dinamismo histórico do gênero musical e da construção identitária da população envolvida na pesquisa e como os aspectos socioculturais corroboram para a criação desse sujeito denominado “bregueiro” e o seu marcante “estilo de vida”. Partindo do exposto, podemos observar o quanto a música brega é relevante para a cultura da cidade de Belém e para a construção da identidade da cultura belenense. Sua importância acadêmica tem relação também com o registro do percurso que percorreu até se tornar patrimônio cultural e imaterial, além de dar fala ao sujeito inserido nesse contexto como sujeito nativo desta pesquisa.

Esta pesquisa tenta resgatar e registrar esse sujeito tão desmerecido e ao mesmo tempo resgatar o caráter de pertencimento a essa cultura tão vitimizada e desprezada. Como diz a música da Banda Mosaico de Ravena, "Belém, Pará, Brasil" (1997), "[...] Ah, chega de malfeituras; Ah, chega de triste rimas; Devolvam a nossa cultura; Queremos o Norte lá em cima […]". As riquezas naturais amazônicas têm uma beleza inegavelmente exuberante, porém, o que temos de mais rico aqui, sem dúvida, é o povo e todo esse universo cultural plural, exótico e abundante.

Um passo importante foi dado quando o ritmo foi considerado patrimônio cultural e imaterial do estado do Pará, mas muito ainda precisa ser percorrido, precisamos entender melhor a sociedade em que vivemos, a partir da perspectiva que o ritmo brega desnudou-se e transformou-se em uma forma cultural, uma prática articuladora de sociabilidades, simbologias e saberes. Para finalizar, tentamos desvelar que o direito à memória é cidadania.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BAITELLO JUNIOR, N. A imagem mediática. *PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM*,*[S. l.]*, v. 3, n. 5, p. 61–69, 2019. DOI: 10.31657/rcp.v3i5.90. Disponível em: https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/90. Acesso em: 10 jun. 2022.

CAMELO, Marco Antônio da Costa et al. *Sociedade e saberes na Amazônia*. Belém, PA: EDUEPA, 2018.

COSTA, Dayseane Ferraz da. *Além da pedra e cal: a (re)construção do Forte do Presépio (Belém do Pará, 2000-2004)*. 2007. 157 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, PA, 2007.

COSTA, Antônio Maurício Dias da. *Festa na Cidade*: O circuito Bregueiro de Belém do Pará. Belém, PA: Universidade Estadual do Pará, 2009.

COSTA, Tony Leão da. *Música de subúrbio: Cultura popular e música popular na hipermargem de Belém do Pará*. 2013. Tese. 311 f. (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

DALESSIO FERRARA, L. Comunicação/Comunicabilidade. *PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM*, *[S. l.]*, v. 3, n. 5, p. 47–59, 2019. DOI: 10.31657/rcp.v3i5.89. Disponível em:

https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/89. Acesso em: 10 jun. 2022.

GEERTZ, Glifford. *Antropologia social*. Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HALL, Stuart*. A Identidade Cultural na Pós Modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. *História & música*: história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOUZA, Vinícius Rodrigues Alves de. A existência Inexistente da música brega. In: *ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5*., 2009, Salvador. Anais... Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

CONTADORES DE HISTÓRIAS E RESIGNIFICAÇÃO NO ESPAÇO DA CIDADE[1]

STORYTELLERS AND RESIGNIFICATION IN THE CITY SPACE

CUENTACUENTOS Y RESIGNIFICACIÓN EN EL ESPACIO DE LA CIUDAD

Ana Selma Barbosa Cunha[2]
Paulo Jorge Martins Nunes[3]

Resumo: Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada O SENSÍVEL NA ESCOLA: oralidade e performance em Jaques Flores, da Academia do Peixe Frito, defendida em 2019, sob a orientação do professor Dr. Paulo Nunes com objetivo de observar a prática da contação de histórias na escola, estimulada pela 'poética do sensível', mediada pela performance na cidade de Belém do Pará. A metodologia empregada foi a pesquisa-ação, (THIOLLENT, 2011), afinal, a contadora de histórias e a pesquisadora são indissociáveis. Este estudo aponta como conclusão que o ato de narrar no espaço urbano, o fazer de contadores de histórias contemporâneos, é ação, que marca o imaginário e passa a ser fundamental nos currículos escolares do Ensino Fundamental, dado que é forma exemplar de comunicação, que desperta a sensibilidade por meio de uma poética sensível que "acorda" os sentidos e mantém ancestrais e simbólicas fogueiras acesas, fogueiras que são ressignificadas no contemporâneo.

Palavras-chave: Contadores de histórias; Performance; Poética do Sensível; Cidade

Abstract: This article is a clipping of the master's dissertation entitled The Sensitive at School: orality and performance in Jaques Flores, from the Fish Academy, defended in 2019, under the guidance of Professor Dr. Paulo Nunes to observe the practice of Storytelling at school, stimulated by the sensitive, mediated by performance in the city of Belém do Pará. The methodology employed was action research, (Thiollent, 2011), after all, the storyteller and researcher are inseparable. This study points out as the conclusion that the act of narrating in urban space, the doing of contemporary storytellers, is action that marks the imaginary, and becomes essential in the school curricula of

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho **ST3 – (IN)VISIBILIDADES FESTIVAS NA CIDADE: Cortejos, rituais e performances em espaço urbano** do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Mestre e doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC - Unama). Docente/ Seduc/Pa. Lattes: http://cnpq. br/7222171285638888. Orcid: https://orcid.org.br/ 0000-0002-4831-5189. E-mail: anaselmacunha@gmail.com

[3] Doutor em Letras (PPGL-PUC-MG). Docente da graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (Unama). Lattes: http://lattes.cnpq. br/4987306548638650. Orcid: http://orcid.org/0000-0001-7238-702X. E-mail: pontedogalo3@gmail.com

elementary school, as it is an exemplary form of communication, that arouses sensitivity through a sensitive poetics that “wakes up” the senses and maintains ancestral and symbolic bonfires lit, bonfires that are resignified in the contemporary.

Keywords: Storytellers; Performance; Poetic of sensly; City

Resumen: Este artículo es un recorte de la disertación del maestro titulada The Sensitive at School: Ority and Performance en Jaques Flores, de la Academia Fish, defendida en 2019, bajo la guía del profesor Dr. Paulo Nunes para observar la práctica de la narración de historias en La escuela, estimulada por lo sensible, mediado por el rendimiento en la ciudad de Belém do Pará. La metodología empleada fue la investigación de acción (Thiollent, 2011), después de todo, el narrador e investigador son inseparables. Este estudio señala como la conclusión de que el acto de narrar en el espacio urbano, la realización de los narradores contemporáneos, es una acción que marca lo imaginario y se vuelve esencial en los planes de estudio escolar de la escuela primaria, ya que es una forma ejemplar de comunicación, que despierta la sensibilidad a través de una poética sensible que "despierta" los sentidos y mantiene las hogueras ancestrales y simbólicas encendidas, las hogueras que están renunciadas en el contemporáneo.

Palabras clave: Narradores de historias; Actuación; Poética sensible; Ciudad

1. POÉTICA DO SENSÍVEL NO ESPAÇO DA CIDADE

Talvez, pelo excesso de estímulos, nossos sentidos estão, de acordo com o que defende Duarte Júnior, anestesiados; ele afirma ainda que as pessoas tendem a estar anestesiadas e refere-se a uma crise dos sentidos na contemporaneidade.

Para o referido autor, os sentidos ficam anestesiados devido à dinâmica do cotidiano nas cidades, circunstância em que o ser humano vai deixando de lado o desenvolvimento da sensibilidade mais básica de que somos dotados: a de nossos sentidos – o tato, o paladar, o olfato, a visão e a audição. O autor contextualiza tais questões no ‘palco’ da cidade, ele ressalta que:

> A cidade, este lugar primordialmente sensorial e emotivo, está agora em franco processo de destruição; o que equivale a se dizer que todos nós estamos nos deteriorando com ela. Não mais passeios ao pôr-do-sol, não mais um vagar descompromissado com os sentidos tocados pelas cores, pelos sons e odores do lugar, não mais um sentimento da cidade como uma extensão amorável de nosso corpo. Em troca, o caos e a brutalidade, o medo e a violência, a sujeira e a fealdade. O que parece decorrer diretamente dessa forma

> utilitarista de se encarar o nosso espaço urbano, agravada pelos desníveis socioeconômicos próprios da sociedade industrial avançada, em especial no chamado Terceiro Mundo. Aqui, nestes países que parecem ter assimilado somente o lado mais brutalmente mecânico da modernização, a destruição de parques e locais de encontro, além de tesouros arquitetônicos do passado, para dar lugar a vias expressas destinadas ao automóvel, parece ser uma regra inquestionável (DUARTE JR., 2000, p. 86).

Assim, na modernidade, a cidade, e a rotina de pressa, segundo Duarte Júnior, vem tirando das pessoas a possibilidade de percepção sensível do mundo que as cerca.

Nesse contexto, é importante destacar que a linguagem das narrativas orais, rica em simbologias e significados, pode contribuir sobremaneira para a formação de pessoas com maior repertório de imagens internas, com possibilidades ampliadas de percepção-compreensão de si mesma e do mundo exterior.

1.1 Contadores de histórias em performance nas cidades

As narrativas enunciadas pelos primeiros contadores de histórias e repassadas por várias gerações de narradores formam o registro da memória dessas gerações, para os que vieram depois, e serviram como norte para tomadas de decisões, para as resoluções de problemas, enfim, orientados pela voz do narrador carregada pela ancestralidade construíam sua história e sua cultura.

A tradição oral tem, pois, sua relevância não só pelo repasse de narrativas às gerações posteriores, mas também pela construção/reconstrução cultural de uma sociedade, uma criação que se dá por meio da coletividade, graças à importância das experiências individuais e à construção do imaginário coletivo, dificultando o silenciamento da ancestralidade.

Nas cidades, a performance dos contadores de histórias materializa uma forma de expressão artística cativante que envolve coletivamente a narração de histórias. Os contadores utilizam técnicas de voz, expressão corporal e interação com o público para criar uma experiência singular, o que permite que a plateia vivencie um outro espaço-tempo, que não o da muitas vezes alienante, ‘correria do cotidiano’.

Com esta ideia corrobora Walter Benjmamin, que afirma que contar ao redor do fogo, ter tempo para reunir-se em uma grande mesa na cozinha e alimentar o corpo com pão e a alma com histórias, foram ações “engolidas” pelo cotidiano das cidades, o que alimentou a crença na morte do narrador, Benjamin (1994).

No contrafluxo da desumanização do cotidiano, contadoras e contadores retomaram a importância do ato de contar e ouvir histórias e passaram a levar as narrativas para os mais diversos espaços da cidade: parques, praças, ruas, hospitais, ônibus, restaurantes etc. “Ninguém mandou, não é uma moda importada; parece um sentimento de urgência que faz renascer das cinzas uma ética adormecida, uma solidariedade não mais do que básica, num mundo de cabeça para baixo” (MACHADO, 2004, p. 14-5).

Os contadores de histórias urbanos da contemporaneidade, de algum modo, ressurgiram, por meio da palavra, como integradores de mundos. São aqueles e aquelas que recontam as narrativas que foram buscar em livros, na escuta sensível, na observação da vida e das pessoas, na sua experiência ou na vivência de outrem e imprimem nelas características particulares e as partilham nas cidades.

1.2 O sensível na escola

A escola, esse espaço que agrega em si, as problemáticas sociais vivenciadas no cotidiano das cidades, carece, cada vez mais, por constituir-se um espaço onde os sujeitos possam “acordar” os sentidos.

Reconduzir o ouvido à voz é muito mais que simplesmente se permitir escutar, é acima de tudo reconhecer que no ato de quem fala há sentidos e significados que se expressam na voz e na gestualidade do narrador, principalmente quando essa fala vem adornada de poesia; assim, a palavra proferida se reveste de presença e potência que reverbera de modo significativo.

O espaço da escola, se bem trabalhado, pode abrir-se ao diverso, um *locus* fascinante, um cenário aberto à pesquisa de interações significativas entre pessoas e instituições situadas aquém e além do domínio do pedagógico,

embora sempre relacionadas ao universo da educação, conforme atesta Carlos Brandão (2002).

A escola é um lugar de tessituras de culturas e de troca de saberes, por isso, o ato de narrar no espaço escolar tem, em si, um grande potencial de intercambiar saberes e revelar possibilidades de conhecimentos de si e do outro, principalmente por meio da voz e da escuta.

O vinculo afetivo criado pelos fios narrativos é permeado de sentidos múltiplos, significados e ressignificações que vão para além do que é percebido. Sobre o ato de narrar histórias na escola, Machado (2004), pesquisadora de contos tradicionais e arte-educadora, afirma, em um de seus textos, que,

> Do ponto de vista pedagógico, no trabalho com as crianças, acredito que o importante não é querer saber qual o efeito que os contos tradicionais exercem sobre cada criança, ou mesmo querer "produzi tal efeito" e sim entender que para cada uma delas aquela história traz a oportunidade de organizar suas imagens internas em uma forma que faz sentido para ela naquele momento. (MACHADO, 2004, p. 28)

Após a primeira história narrada, acontece um entrelaçamento sinergético e afetivo entre a professora que se fez contadora de histórias e os alunos/ouvintes, processo marcado por uma linguagem própria, permeada de possibilidades que foram despertados pela força das palavras.

Contar histórias é educar poeticamente, trata-se de um ato que possibilita uma comunicação sinestésica: o olhar nos olhos, o mover o corpo, o modular a voz, desenvolver o olfato, enfim, momento de comunhão de sentimentos e sensações, na qual o ouvinte é conduzido para além do enredo de uma história; ele, ouvinte, durante o ato de depois dele, reelabora suas imagens internas, oportunizando-se, assim, o fortalecimento de valores e qualidades que apelam para a sensibilidade. As narrativas, desta forma, ensinam a observar e sentir o mundo em suas potencialidades: cores, luzes, sons, cheiros, sabores e pulsações, enfim, silêncios por intermédio a palavra narrada, *aquela pneuma que se espraia no ar*.

Conta/Ouvir histórias é, para além do sentido lúdico, um complexo processo de comunicação estética, mas é, graças ao desempenho e as etratéias de contadoras e contadores, deleite, prazer, é conhecimento de

mundo, poeticamente constituído, o que faz, de algum modo, ouvinte apre(e)nder a lidar com as possibilidades que este mundo pode oferecer, e que estão grande parte das vezes, obscurecidos. No processo ativo do contar/ouvir, a palavra torna-se elo entre o "eu" e os "outros", exercita a individualidade e a coletividade, pode recriar as condições dos sujeitos envolvidos nas várias etapas do processo; ouvir/ler, interpretar, ressignificar, *performatizar*, socializar, ecoar num *feed back* deleitoso.

2 (IN)CONCLUSÕES

Passado o tempo, com evolução da escrita, as narrativas orais, que resistiram ao esquecimento, passaram, graças a processos lúdicos e pedagógicos de adaptação ao cotidiano urbano, a configurar nas formas que se transmutaram da voz à letra, e alcançaram também os meios tecnológicos eletrônicos, configurando, de algum modo, um novo processo de interação, permeado pelas palavras.

Desta feita, contadoras e contadores tradicionais, que viviam espaço/tempo remotos, afastados dos grandes centros urbanos, adequaram-se às cidades; suas vozes, que narravam no ritmo da natureza, principalmente ao cair da noite, ganharam outras conotações. Isto nos faz pensar que a narrativa oral não desapareceu, mas se ressignificaram. A arte de contar, ao invés de extinguir-se, reconfigurou-se.

Machado (2004) é uma das especialistas no assunto que fala de um sentimento de urgência nessa retomada da voz; o que de fato se observa é uma necessidade de se reencontrar com esse ato tão humano que se dá no encontro e ocorre quando uma história é narrada, ato que dá a possibilidade de uma "suspensão" no tempo cronológico do agora e apresenta o tempo da memória, o tempo do "Era uma vez...", que nos reconecta a nós mesmos. Os contadores de histórias desempenham um papel fundamental nas cidades como agentes culturais e promotores da literatura e da tradição oral ressignificada. Eles ocupam um lugar especial, pois são responsáveis por transmitir conhecimentos, valores e experiências, por meio de narrativas.

No contemporâneo das cidades, frenético e impessoal, contadoras e contadores de histórias resistem, graças à sua arte e buscam os mais diversos espaços: escolas, bibliotecas, centros culturais, teatros, praças, hospitais etc, transformando estes locus em importantes pontos de encontro entre pessoas, mediado pela palavra narrada.

O ato de contar e ouvir histórias, nos mais diversos espaços das cidades, pode proporcionar um ambiente propício para o compartilhamento, para a coletividade, sendo fundamental para enriquecer a vida dos sujeitos urbanos, fortalecendo as identidades culturais, estimulando a imaginação e a criatividade: humanizando e desalienando pensamentos e corpos.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação como cultura*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

CUNHA, Ana Selma Barbosa. *O Sensível na escola: oralidade e performance em Jaques Flores, da Academia do Peixe Frito.* Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura) – Universidade da Amazônia. Belém, p. 108. 2019.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação dos sentidos*. 2000. Disponível em:<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/ REPOSIP/253464/1/Duarte%20Junior,%20J oao%20Francisco_D.pdf>. Acesso em: 25 maio 2017.

MACHADO, Regina. *Acordais:* fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

NUNES, Paulo; COSTA, Vânia. *Academia do Peixe Frito: diálogos e intersecções entre Literatura, jornalismo e Ciências Sociais na Amazônia do século XX*. 40o Encontro Anual da Anpocs. Anais..., Caxambu, out. 2016. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro/st-10/ st02-8/10533- academia-do-peixe-frito-dialogos-e-interseccoes-entre-literatura-jornalismo-e- ciencias-sociais-na-amazonia-do-seculo-xx/file>. Acesso em: 20 jan. 2018.

COSTA, Alda; NUNES, Paulo; COSTA, Vânia. *Narrar a partir da Amazônia*: nosso ser e estar nas narrativas do mundo https://onedrive.live.com/?authkey=%21AJtWdlBSP8xou28&id=28D51E7B90FA

6F51%213141&cid=28D51E7B90FA6F51&parId=root&parQt=sharedby&o=OneUp

SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

CORTEJO VISAGENTO E HALLOWEEN EM BELÉM: HIBRIDISMO CULTURAL NO ESPAÇO AMAZÔNICO [1]

CORTEJO VISAGENT AND HALLOWEEN IN BELÉM: CULTURAL HYBRIDISM IN THE AMAZON SPACE

CORTE DE VISAGENT Y HALLOWEEN EN BELÉM: HIBRIDISMO CULTURAL EN EL ESPACIO AMAZONICO

Adrianne da Silva Peixoto[2]
Ivana de Ivana Guimarães de Oliveira [3]

Resumo: O presente estudo traz o hibridismo cultural apresentado no evento cultural Cortejo Visagento, envolvendo o imaginário amazônico e no *Halloween,* este acontece anualmente dia 31 de outubro no bairro do Guamá, em Belém/Pará. Analisando as formas de hibridação cultural existentes no evento. Tendo como principais autores Loureiro (2014; 2015), Gondim (2007),Fares (2006), Canclini (2007; 2019), Hall (2003), Siwek (2018), Caro (2011); e Lipovetsky e Serroy (2011), e Maués (2022). A metodologia foi dividida em duas partes, a primeira chamada *Cortejo visagento: um olhar local contra o Halloween* e a segunda parte denominada *Cortejo visagento: um movimento cultural híbrido.* O resultado apresentou um evento híbrido pela presença de vários personagens de diversas culturas ao redor do mundo e não veem como contraponto ao *Halloween* e valorização do imaginário amazônico. As imagens do evento de 2021 foram incluídas por categorias, remetendo ao imaginário amazônico, ao *Halloween* e a outras culturas.

Palavras-chave: Cortejo Visagento, Imaginário Amazônico, *Halloween*, Hibridismo Cultural, Bairro do Guamá.

Abstract: The present study has as an aim how the culture hybridity present in the cultural event *Cortejo Visagento*, focusing in Amazon Imaginary and Halloween, it happens annually, in October 31st in the Guama neighborhood, in Belem of Para. Analyzing the culture hybridity in this event. It is composed by theoretical by Loureiro (2014; 2015), Gondim (2007), Fares (2006), Canclini (2007; 2019), Hall (2003), Siwek (2018), Caro (2011) and Lipovetsky and Serroy (2011), Maues (2022). The methodology research is divided in two parts, the first one called "*Cortejo Visagento:* a local view against Halloween", and he second part denominated *Cortejo Visagento:* a hybridity cultural movement. It hasunderstood as a hybrid event because of the presence of several characters from all over the world, it's not a counterpoint to Halloween, but valuation of Amazon imaginary. To complement the second part, images from the 2021 event are included that refer to the Amazon imaginary, Halloween and other cultures.

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho (IN)VISIBILIDADES FESTIVAS NA CIDADE: cortejos, rituais e performances em espaço urbano (ST3) do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Graduada em Letras pela Universidade da Amazônia (2013). Mestra no Curso de Comunicação, Linguagem e Cultura, da Universidade da Amazônia (UNAMA), 2023, Belém/Pa, Brasil. E-mail: adriannepeixoto@hotmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-5735-3470.

[3] Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido pela Universidade Federal do Pará, Brasil(2018).Professor Titular da Universidade da Amazônia , Brasil.

Keywords: *Cortejo Visagento,* Amazon Imaginary, Halloween, Cultural Hibrity, Guama neighborhood.

Resumen: El estudio trae el hibridismo cultural presentado en el evento cultural Cortejo Visagento, centrado en el imaginario amazónico y en Halloween, que se realiza anualmente el 31 de octubre en Guamá, en Belém/Pará. Analizando las formas de hibridación cultural existentes en el evento. El compuesta por Loureiro (2014; 2015), Gondim (2007), Fares (2006), Canclini (2007; 2019), Hall (2003), Vieira (2006), Siwek (2018), Caro (2011), Lipovetsky y Serroy (2011) e Maués (2022). Este dividió en dos partes, la primera Cortejo visagent: una mirada local frente a Halloween, i la segunda Cortejo visagent: un movimiento cultural híbrido. El resultado fue ser un evento híbrido debido a la presencia de varios personajes de diferentes culturas del mundo y no lo ven como un contrapunto a Halloween, sino más bien una apreciación del imaginario amazónico. Imágenes del evento de 2021, se dividieron en categorías, estas referidas al imaginario amazónico, Halloween y otras culturas.

Palabras clave: Cortejo Visagento, Imaginación Amazónica, Halloween, Hibridismo Cultural, Distrito Guamá.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda acerca do hibridismo cultural que envolve a festividade do *Halloween,* considerada uma cultura global, e o imaginário amazônico sendo uma cultura local. O estudo do evento cultural “Cortejo Visagento”, que ocorre anualmente no dia 31 de outubro nas ruas do bairro do Guamá em Belém (PA), questionamos como este evento apresenta um hibridismo cultural entre o *Halloween* e o imaginário amazônico.

O “Cortejo Visagento” é um evento que tem por objetivo valorizar o imaginário amazônico. A ideia inicial era fazer um evento em contraponto ao *Halloween*, trazendo narrativas do imaginário amazônico e conhecimento sobre o bairro do Guamá. O evento é também embasado pela Lei Municipal nº 8330 de 16 de Junho de 2004, que apresenta a Semana Municipal da Matinta Perera, que compartilha o objetivo de fortalecer a identidade cultural da região norte. Esta lei institui que, a partir do dia 31 de outubro, tenha um período comemorativo centrado no folclore amazônico, denominado “Semana Municipal da Matinta Perera”, em que as escolas municipais devem realizar atividades lúdicas e educativas acerca dos personagens do imaginário amazônico.

A importância deste estudo para o âmbito pessoal é comprovar a ocorrência de eventos de cultura hibridizada que envolvam a festividade do *Halloween* e o imaginário amazônico, levando maior esclarecimento acerca

desta festividade e o envolvimento da cultura local, pois por ser professora de língua inglesa, é importante para a atuação no ambiente escolar, o que se estende para a sociedade. Este estudo se faz necessário para o âmbito acadêmico, trazendo pesquisas sobre hibridação de eventos culturais advindos de países estrangeiros e o imaginário amazônico, com o intuito de demonstrar que tais eventos podem ocorrer juntos e/ou influenciar uns aos outros. É relevante para o âmbito social, pois busca o esclarecimento de preconceitos existentes acerca do evento do *Halloween* e do nosso imaginário amazônico, promovendo o respeito entre as culturas, e livre ocorrência de eventos de cultura hibridizada.

A pesquisa segue o caminho metodológico iniciado com a escolha do objeto de estudo: o “Cortejo Visagento”, e propõe investigar acerca do hibridismo cultural neste evento, com foco no imaginário amazônico e na festividade do *Halloween.* Para o alcance deste objetivo foram feitas análises em duas partes. A primeira, denominada “Cortejo Visagento: um olhar local contra o *Halloween*” que traz duas entrevistas com coordenadores do evento, guiada por um roteiro, trazendo a visão destes sobre o Cortejo e o *Halloween*. E a segunda denominada “Cortejo Visagento: um movimento cultural híbrido” que apresenta um questionário via *google forms* o qual foi aplicado a um grupo de *whatasapp* denominado “Amigo do Espaço”, para pessoas que fazem trabalho voluntário ao ECNB, com perguntas específicas sobre o Cortejo Visagento, e para complementar a análise dos resultados foram apresentadas imagens da edição de 2021.

2 CORTEJO VISAGENTO: UM OLHAR LOCAL CONTRA O HALLOWEEN

Uma primeira análise foi feita das entrevistas, como foco no discurso do Cortejo Visagento e seu objetivo, sobre a data de realização do evento, em 31 de outubro, a relação do evento com a Lei da Semana Municipal da Matinta Perera, e a percepção do evento pelos coordenadores em vista aos participantes e comunidade em geral. Essa análise de narrativas (entrevistas) dos coordenadores do evento Cortejo Visagento foi embasada por duas instâncias de análise de narrativas (entrevistas) sobre o evento cultural Cortejo Visagento propostas por Motta (2013), identificando o plano da expressão com foco no discurso das narrativas e o plano da metanarrativa, contidas nestas.

No plano da expressão defendido por Motta (2013), o foco deste estudo se concentra nas narrativas dos coordenadores do evento, relacionadas ao discurso expressado no cortejo visagento, bem como seu objetivo, a data de realização do evento, a relação com a lei da Semana Municipal da Matinta Perera, e a percepção dos coordenadores em vista aos participantes e comunidade. Ao defender o discurso de que o Cortejo Visagento é um evento contrário ao *Halloween*, que busca valorizar o imaginário amazônico e as lendas urbanas locais, somos apresentados a uma discussão acerca da influência de uma cultura global em contato com uma local, gerando conflitos culturais e a não aceitação do que adentra em outra cultura por meio da globalização.

O objetivo de ressignificar o *Halloween* no que seria um Cortejo de Visagens não conota a substituição de uma cultura por outra e sim a adaptação de um evento global, porém com características locais. Neste caso, o imaginário amazônico e as lendas urbanas representam um festejo de mitos sobrenaturais, semelhante ao que podemos entender do que seria a festividade do *Halloween* em sua origem. Jesus (2007, p. 24) afirma em seu estudo que os celtas acreditavam na imortalidade da alma, e no dia 31 de outubro os espíritos de seus antepassados voltavam para seu antigo lar para pedir comida aos seus familiares.

Outro ponto que nos chama atenção é a realização no dia 31 de outubro, ocasionando a visão de que o Cortejo Visagento é um evento semelhante ao *Halloween*, que é comemorado neste dia, trazendo temáticas de medo, assombrações e magia. A proposta deste evento se alinha com a elaboração de leis como a do Dia do Saci (projeto de lei nº 2479/2003) nacionalmente, e a Semana Municipal da Matinta Perera (BELÉM, 2004) em nossa cidade, com a defesa de que devemos valorizar a cultura local, ocasionando conflitos culturais e uma desaceleração neste hibridismo na sociedade.

3. CORTEJO VISAGENTO: UM MOVIMENTO CULTURAL HÍBRIDO

A segunda parte do estudo denominada “Cortejo Visagento: um movimento cultural híbrido” buscou trazer maiores informações acerca do evento por meio de pessoas que conhecem e/ou participaram de alguma edição do Cortejo Visagento. Por isso foi formulado e aplicado um questionário com perguntas específicas sobre o evento para esclarecimento do

questionamento inicial. O questionário foi feito pela plataforma do *Google forms*, composto por dez perguntas, destas, quatro gerais sobre os participantes, incluindo profissão, idade, sexo e bairro, e as outras seis específicas sobre o Cortejo Visagento, questionando sobre o conhecimento do evento, participação em alguma edição, sobre ser um evento em valorização do imaginário amazônico, a relação com a Semana Municipal da Matinta Perera, sobre ser um evento contra o *Halloween* e se observa personagens de outras culturas ao redor do mundo. O formulário foi respondido por pessoas pertencentes a um grupo de *whatsapp* chamado "Amigo do Espaço", as quais fazem atividades voluntárias no ECNB. As pessoas responderam o questionário no período de 2 a 10 de março de 2023, totalizando 35 respostas de um total de 47. Além disso, imagens do evento de 2021 foram apresentadas para ratificar os resultados obtidos na análise do questionário. Estas foram divididas em três categorias: de apresentação, que remetiam ao Imaginário amazônico (seis imagens); *Halloween* (seis imagens) e outras culturas ao redor do mundo (cinco imagens).

Trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada, com o objetivo de responder o questionamento inicial com clareza de fatos, sendo exploratória e descritiva no que diz respeito aos resultados do questionário e imagens do evento. Por fim, é uma pesquisa de campo que nos aproximou de um evento pouco conhecido pela sociedade belenense e que nos apresenta uma realidade diferente de pensar e agir de uma comunidade ainda excluída e esquecida, como a do Guamá.

Uma entrevista foi realizada com o professor e escritor Paulo Maués no dia 4 de março de 2023, pela plataforma *zoom meeting*, sobre o bairro do Guamá e sua história, englobando o imaginário daquela região, sobre Walcyr Monteiro que foi um dos pioneiros a realizar pesquisas sobre histórias de assombrações e visagens da região amazônica e finalizando sobre o Cortejo Visagento.

Sobre o questionário: as primeiras quatro perguntas são gerais, sobre profissão, idade, bairro e sexo, já as seis últimas seguintes foram específicas sobre o Cortejo Visagento. Os resultados das respostas deste formulário são apresentados a seguir, com considerações acerca do evento.

As pessoas que responderam ao formulário são, em maioria (37,3%), professores de diversas áreas de conhecimento, com idade mínima de 20 anos

e máxima 60, oriundas preferencialmente (20%) do bairro do Guamá, seguido da Cremação (8,6%), sendo localidades próximas. A maioria sendo do sexo feminino (74,3%) e restante do sexo masculino (25,7%). Estas são informações importantes, que nos levam a considerar que as mulheres, professoras e moradoras do bairro do Guamá e proximidades são as pessoas que mais prestam serviços voluntários para ECNB.

Já referente especificamente aos questionamentos sobre o Cortejo Visagento, englobando as questões 5 e 6 do formulário, 74,3% dos entrevistados (26 pessoas) conhecem o evento, enquanto 51,4% (18 pessoas) já foram em alguma edição do Cortejo. Estes números mostram que o evento ainda é pouco divulgado, sendo conhecido principalmente por pessoas do bairro do Guamá e proximidades, além dos colaboradores do ECNB. Isto ocorre ainda, pois segundo o escritor e professor Corrêa (2023), o bairro do Guamá foi historicamente estigmatizado e ainda hoje é visto de uma forma negativa, a não ser por aqueles que já o conhecem e/ou moram lá. Ao passar dos anos, os coordenadores do Cortejo Visagento tentaram integrar as escolas do bairro e, com isso, aumentar a visibilidade do evento.

Ao questionar sobre o Cortejo Visagento ser uma forma de valorização da Amazônia e seu imaginário (questão 7), 91,4% (32) dos entrevistados defendem esta posição, concordando com os coordenadores do evento que defendem o discurso de que Cortejo Visagento seja um evento cultural em defesa na cultural local, no caso, o imaginário amazônico. A questão da valorização do imaginário amazônico está além do evento, tendo o propósito de não substituir a cultura local em detrimento de outra. Nunes (2006 apud FARES, 2006) diz que uma determinada região sempre terá seus costumes, cultura e língua diferentes em todo o planeta, e as pessoas que se propõem a visitar, ou até morar, em uma localidade diferente da sua devem se adaptar a estas, pois as pessoas pensam e agem diferente, tendo o respeito e a compreensão como pilares de uma boa convivência, assim como é importante saber recepcionar as pessoas que vêm de fora com seus costumes e culturas, não podendo ocorrer intolerância entre ambas as partes.

Os coordenadores do evento referenciam a Lei Municipal nº 8330 de 16 de Junho de 2004, que determina a Semana Municipal da Matinta Perera, em contraponto ao *Halloween* e em fortalecimento da identidade local, enquanto motivadora do movimento, porém, de acordo com o questionamento sobre o

conhecimento desta semana (questão 8) por parte dos entrevistados, 51,4% (18 participantes) não têm conhecimento desta semana, demonstrando ser uma lei pouco divulgada aos frequentadores do Cortejo Visagento, mais conhecida pela coordenação do evento.

O penúltimo questionamento, e talvez mais importante, foi sobre o Cortejo Visagento ser uma manifestação cultural contra o *Halloween* (questão 9), defendido fielmente pelos coordenadores do evento (em entrevista):

> O Cortejo Visagento nasceu para fortalecimento da lei da Semana Municipal da Matinta Perera em contraponto ao *Halloween*, pois se caracteriza contra este evento e valorização da cultura local. A data dia 31 de outubro [...] por causa do *Halloween*, pelo contraponto ao *Halloween* (OLIVEIRA, 2022).

Porém, contrariando a defesa dos coordenadores do evento, 85,7% (30) dos entrevistados acreditam não ser um evento em contraponto a festividade do *Halloween.* Corrêa (2023) diz que "então, da parte da organização, o cortejo visagento é uma forma de resistência cultural. Entretanto, quem faz não é a organização, o Cortejo Visagento, de fato, é feito pelo povo, e o povo mostra na prática como as coisas estão imbricadas [...]". Isso nos apresenta que o Cortejo Visagento é muito maior que a resistência ao *Halloween,* podendo até fazer parte desta manifestação cultural. O que complementa esta fala é a última questão, relacionada a perceber fantasias de personagens de outras culturas ao redor do mundo (questão 10), sendo que 85,7% (30 participantes) confirmam a presença de manifestações de outras culturas e não somente do *Halloween.* Corrêa (2023) diz que

> [...] sou um observador nato, que nem uma antena parabólica, primeiro essa articulação com o *Halloween* ela existe, mas partindo das pessoas que frequentam, então por exemplo tem gente que vai de vampiro, tem gente que vai com a máscara do Jason, eu ainda não vi gente com cabeça de abóbora, mas não descarto, tem gente que vai com a máscara do pânico, então tem pra tudo, assim como tem gente que vai por exemplo de boto, de Matinta Perera, de matinta perera é fantástica, tem um vídeo de um amigo que foi de Matinta Perera [...].

3.1 Hibridismo cultural no cortejo visagento edição 2021

Neste terceiro momento, apresento, a seguir, imagens do Cortejo Visagento de 2021. O intuito de explorar essas imagens é de reforçar o hibridismo cultural que ocorre no Cortejo Visagento, fazendo com que se torne

um movimento cultural rico e diverso. As imagens foram divididas em três Categorias: 1)Imaginário Amazônico; 2)personagens do *Halloween,* 3) culturas variadas. Na Categoria 1, apresentamos personagens do imaginário amazônico: Vira-Porco (Imagem 14), Saci (Imagem 15); Rasga-Mortalha (Imagem 16), Curupira (Imagem 17) e Matinta Perera (Imagens 18 e 19).

Imagens 14 e 15: Vira-Porco e Saci.
Fonte: Queila Luz (2021).

Imagens 16 e 17: Rasga-Mortalha e Curupira.
Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Imagens 18 e 19: Matintas Pereras.
Fonte: Elaborado pela autora (2021) e Queila Luz (2021).

Na Categoria 2, apresentamos personagens relacionados ao *Halloween:* o casal Chucky e Tiffany do filme *Brinquedo Assassino* (1989) (Imagem 20), a Noiva Cadáver (Imagem 21), *O Predador* (1987) (Imagem 22), a Morte (Imagem 23), EMOS (Imagem 24) e outros personagens de filmes de terror (Imagem 25).

Imagens 20 e 21: personagens de *Brinquedo Assassino* e Noiva Cadáver.
Fonte: Elaborado pela autora (2021).

.

Imagens 22 e 23: personagem de *O Predador* e Morte
Fonte: @ecnossabiblioteca no Instagram (2021).

Imagens 24 e 25: jovens que adotam moda alternativa e personagens de filmes de terror.
Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Na Categoria 3, apresentamos personagens relacionados a outras culturas, destacando o Dia dos Mortos que ocorre no México: Dona Morte (Imagem 26), Personagens do Dia dos mortos (Imagens 27 e 28), Noiva sem denominação (Imagem 29), e a Imagem 30, apresentando a hibridação cultural no Cortejo Visagento 2021.

.

Imagens 26 e 27: Dona Morte e Personagens do Dia dos Mortos
Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Imagens 28 e 29: Personagens do Dia dos Mortos e Noiva sem denominação.
Fonte: @ecnossabiblioteca no Instagram (2021) e elaborado pela autora (2021).

Imagem 30: Cortejo Visagento 2021.
Fonte: @ecnossabiblioteca no Instagram (2021).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante essas respostas, o Cortejo Visagento é considerado um movimento cultural híbrido, não apenas com a intenção de valorização do imaginário amazônico, mas também de culminância de várias culturas. Apesar de ser organizado por uma entidade específica, a ECNB, com o objetivo principal de valorização da leitura, conhecimento da cultura local e apresentar a história do bairro do Guamá, o evento é continuamente reconstruído pelos participantes, que trazem em suas fantasias uma compreensão híbrida do evento, o que é reforçado pelo conteúdo das entrevistas.

Este evento proporciona estudos além deste, pois é um tema extremamente abrangente no que se refere ao contexto que é inserido, o bairro do Guamá e sua história, a luta e reconhecimento da população guamaense, e tentativa constante de fazer com que o bairro seja conhecido além dos rótulos existentes historicamente. Os estudos acerca deste evento seguirão pela parte da autora, pois muitos temas foram encontrados no caminhar deste trabalho que devem ser explorados por todos que se identificam com o tema e suas ramificações.

REFERÊNCIAS

BELÉM. *Lei Ordinária nº 8330, de 16 de junho de 2004. Institui a Semana Municipal "Matinta Perera", e dá outras providências:* Belém: Câmara Municipal, [2004]. Disponível em: ttps://leismunicipais.com.br/a/pa/b/belem/lei-ordinaria/2004/833/8330/lei-ordinaria-n-8330-2004-institui-a-semana-municipal-matinta-perera-e-da-outras-providencias. Acesso em: 4 jul. 2022.

CANCLINI, Néstor García. *A Globalização Imaginada.* São Paulo: Iluminuras, 2007.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas.* 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

CASTRO, Edna; FIGUEIREDO, Silvio; RIVEIRO, Sérgio; ALMEIDA, Oriana. Pensamento crítico sobre a Amazônia e o debate sobre desenvolvimento. *Paper do NAEA*, Belém, v. 27, n. 379, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufpa.br/index.php/pnaea/article/view/11113. Acesso em: 10 jan. 2022.

CORRÊA, Paulo Maués. Entrevista com Joana Chagas sobre o Cortejo Visagento - reagindo a fotos do evento. *YouTube*, 6 nov. 2020. Disponível em: https://youtu.be/-lJMG04U5cg. Acesso em: 4 jul. 2022.

CORRÊA, Paulo Maués. *Walcyr Monteiro o Homem das Visagens e Assombrações***.** 1. ed. Belém: Paka-Tatu, 2022.

CORRÊA, Paulo Maués. *Entrevista* [4 mar. 2023]. Entrevistador: Adrianne Peixoto. Belém, 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice.

ESPAÇO Cultural Nossa Biblioteca. SOMOS O ESPAÇO CULTURAL “NOSSA BIBLIOTECA”!!! *Facebook*, 16 dez. 2012. Disponível em: https://www.facebook.com/ecnbiblioteca/about/?ref=page_internal. Acesso em: 11 jul. 2022.

FARES, Josebel Akel. *Diversidade Cultura*: temas e enfoques**.** Belém: Mirante, 2006.

GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia***.** 2. ed. Manaus: Editora Valer, 2007.

HALL, Stuart. *Da diáspora:* identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Mundamazônico: do Local ao Global. *Revista Sentidos da Cultura*, Belém, v. 1, n. 1, jul./dez. 2014. Disponível em: https://periodicos.uepa.br/index.php/sentidos/article/view. Acesso em: 10 jan. 2022.

LIPOVESTSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A cultura-mundo: Resposta a uma sociedade desorientada.* 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise Crítica da Narrativa***.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

OLIVEIRA, Raimundo de. *Entrevista* [22 jun. 2022]. Entrevistador: Adrianne Peixoto. Belém, 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice.

SIWEK, Luíza Uady. *Cenografia no Halloween*. 2018. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Cenografia) – Universidade Tecnológica do Paraná, Curitiba, 2018.

VIEIRA, Alexandre. José Maria Arguedas: O discurso do hibridismo cultural e da queda da identidade cultural. *Conexão das Letras*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 2006. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55647/33821. Acesso em: 4 jul. 2022.

FESTIVAL GASTRONÔMICO DE TAQUARUÇU: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS ATRAVÉS DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA[1]

GASTRONOMIC FESTIVAL OF TAQUARUÇU: CULTURAL EXPRESSIONS THROUGH JOURNALISTIC

FESTIVAL GASTRONÓMICO DE TAQUARUÇU: EXPRESIONES CULTURALES A TRAVÉS DE LA PRODUCCIÓN PERIODÍSTICA

Guilherme Felipe Oliveira Lima[2]
Edna de Mello Silva[3]

Resumo: O presente estudo visa explorar o Festival Gastronômico de Taquaruçu como uma manifestação cultural na cidade de Palmas, considerando seus processos sociais, de representações, memória, patrimônio, identidades e territorialidades por meio da produção jornalística. Nosso objetivo é investigar as formas de sociabilidade no Festival e suas mudanças devido à pandemia de COVID-19, analisando ainda, suas representações simbólicas e culturais, apresentada nas reportagens do Bom Dia Tocantins, da TV Anhanguera, filiada da TV Globo. A metodologia utilizada neste estudo será a Análise da Materialidade Audiovisual, aplicada nas reportagens entre os anos de 2020 e 2021. Ao analisarmos o material percebemos houve mudanças e adaptações pertinentes para a realização do Festival, mostrando a importância cultural do evento para a comunidade.

Palavras-chave: Festival; Gastronomia; Regionalismo; Jornalismo; Cultura

Abstract: This study aims to explore the Taquaruçu Gastronomic Festival as a cultural expression in the city of Palmas, considering its social processes, representations, memory, heritage, identities, and territorial aspects through journalistic production. Our objective is to investigate the forms of social interaction at the Festival and their changes due to the COVID-19 pandemic, while analyzing its symbolic and cultural representations as featured in the reports of "Bom Dia Tocantins," a program on TV Anhanguera, an affiliate of TV Globo. The methodology employed in this study will be the Analysis of Audiovisual Materiality, applied to the years 2020 and 2021. Upon analyzing the material, we observed that there were relevant changes and adaptations made to facilitate the Festival's realization, underscoring the cultural significance of the event for the community.

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho (IN)VISIBILIDADES FESTIVAS NA CIDADE: cortejos, rituais e performances em espaço urbano do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Jornalista, comunicólogo, formado pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOMs), da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: guilim4@gmail.com. ORCID – 0009-0005-5897-4072.

[3] Jornalista, Mestra e Doutora em Ciências da Comunicação (ECA-USP), docente do PPGCOM-UFT e do Curso Superior em Design Educacional (Unifesp). Líder do Grupo de Pesquisa CoDe/Unifesp. E-mail: prof.ednamello@gmail.com. ORCID – 0000-0003-1312-9041

Keywords: Festival; Gastronomy; Regionalism; Journalism; Culture

Resumen: Este estudio tiene como objetivo explorar el Festival Gastronómico de Taquaruçu como una manifestación cultural en la ciudad de Palmas, considerando sus procesos sociales, representaciones, memoria, patrimonio, identidades y territorialidades a través de la producción periodística. Nuestro objetivo es investigar las formas de sociabilidad en el Festival y sus cambios debido a la pandemia de COVID-19, analizando sus representaciones simbólicas y culturales presentadas en los informes de "Bom Dia Tocantins", un programa de TV Anhanguera, una filial de TV Globo. La metodología utilizada en este estudio será el Análisis de Materialidad Audiovisual, aplicado a los años 2020 y 2021. Al analizar el material, observamos que se realizaron cambios y adaptaciones relevantes para llevar a cabo el Festival, destacando la importancia cultural del evento para la comunidad.

Palavras clave: Festival; Gastronomía; Regionalismo; Periodismo; Cultura

1. INTRODUÇÃO

Pensar sobre Palmas, a capital mais recente do Brasil, criada em 1989, suscita diversas indagações a respeito de seu processo histórico e das complexidades que permeiam a vida cotidiana, com especial enfoque na cultura que está em formação nesse contexto. Ao compará-la com outras capitais da região norte do país e com centros urbanos de estados centenários ou mais, busca-se compreender e esclarecer as particularidades que caracterizam uma cultura já consolidada, ou em processo de consolidação, em um espaço que passou por reconfigurações ao longo de um período de pouco mais de três décadas.

Nesse contexto, temos o Festival Gastronômico de Taquaruçu (FGT), que ocorre comumente no segundo semestre do ano, no distrito de Taquaruçu, em Palmas, a 37 km de distância do centro da capital. Foi criado em 2007 pela iniciativa pública municipal, com organização e divulgação da Agência Municipal de Turismo, com o intuito de despertar a valorização da culinária local, incentivar o empreendedorismo, sobretudo no ramo gastronômico, e buscar definir uma identidade gastronômica para o Estado do Tocantins, que é recente e continua em constante processo de formação. (Dos Santos, 2016).

Passando por várias adaptações e inovações, atualmente, o Festival Gastronômico de Taquaruçu consiste em uma mostra competitiva subdividida em várias categorias, que são: 'Comidinha Salgada', 'Prato Salgado', 'Prato

Doce', 'Trailer/FoodTruck', 'Rota Gastronômica' e a nova categoria "Saúde e Bem-estar". O evento ocorre durante uma semana, no qual os competidores são pré-selecionados e, durante o Festival, comercializam pratos com ingredientes regionais para o público e os jurados. Os vencedores são premiados em dinheiro, com os resultados divulgados no último dia do evento. Durante a realização do Festival, ocorrem também shows musicais, com atrações de bandas e cantores de renome nacional.

O Festival tornou-se um evento muito popular em Tocantins, colocando a capital Palmas como um dos principais destinos turísticos do estado, especialmente durante a realização do evento gastronômico. (ERIG e DA CONCEIÇÃO DOS SANTOS, 2017). Até o momento, já foram realizadas 16 edições do Festival, estabelecendo-o como um evento cultural recorrente no Estado do Tocantins, atraindo público tanto de dentro como de fora do Estado. Erig e da Conceição Oliveira Santos (2017) afirmam que o Festival desempenha um papel importante na cultura tocantinense, pois por meio dos pratos apresentados no evento, as pessoas conseguem identificar uma identidade gastronômica única para o estado, que é relativamente jovem. Outro aspecto que chama a atenção do público em relação ao Festival é o potencial turístico do distrito, com a cidade situada em uma área serrana que concentra cachoeiras, banhos, trilhas e serras, atraindo pessoas para essa localidade em busca de momentos de lazer. É importante ressaltar que mesmo durante a pandemia provocada pelo Novo Coronavírus, o Festival foi adaptado e realizado de forma híbrida, reforçando assim a ideia de um evento tradicional que passa por mudanças e adaptações, contando com o apoio do mundo globalizado e digitalizado.

Para Dias (2014), o Festival Gastronômico de Taquaruçu tem sido um importante aliado no desenvolvimento turístico do distrito, promovendo a região em todo o Brasil. A movimentação no distrito durante a semana do evento também impulsiona a economia local. Segundo o portal da Prefeitura de Palmas, no ano de 2021, mesmo sem a realização de shows nacionais devido à pandemia provocada pela Covid-19, o FGT movimentou quase R$ 2 milhões com a venda de alimentos, montagem da infraestrutura e contratação de pessoal, ao longo dos cinco dias de evento.

Outro ponto que destacamos neste estudo é o fato de que o Festival Gastronômico, além de impulsionar a economia, fortalece o setor turístico e destaca a regionalidade local por meio da culinária, o que chama a atenção da imprensa. O evento gastronômico costuma ser noticiado por diversos veículos de comunicação, seja rádio, televisão, impressos ou portais de notícias. Barbosa (2020) ressalta a importância do telejornalismo na promoção do desenvolvimento regional e na representação das minorias. Além disso, o telejornalismo pode contribuir para a formação da opinião pública sobre temas que afetam diretamente a população, como saúde, educação e segurança pública. Já Reis (2022) destaca que o contexto geo sócio-político influencia a estrutura, forma, conteúdo e consumo dos veículos locais, pois vários fatores históricos, sociais, culturais e políticos contribuem para isso.

A proposta deste artigo é explorar as várias facetas do Festival Gastronômico de Taquaruçu como uma manifestação cultural na cidade de Palmas, considerando seus processos de sociabilidade, representações, memória, patrimônio, identidades e territorialidades, inclusive durante o período pandêmico. O evento pode ser considerado um marco tradicional que envolve questões culturais de um local e suas nuances? Em busca de respostas, propomos analisar as reportagens televisivas dos anos de 2020 e 2021 no programa Bom Dia Tocantins, da TV Anhanguera, afiliada da Rede Globo no Tocantins, e, com base nesse material, apresentar uma visão de um evento cultural que destaca suas representações, tais como identidade, territorialidade, regionalismo, memória e identidade cultural, entre outros.

Para chegarmos a esses objetivos utilizaremos a metodologia Análise da Materialidade Audiovisual, proposta pela pesquisadora Iluska Coutinho. O método utiliza diversas teorias e narrativas, especialmente pelo fato de que o jornalismo possui raízes profundas na esfera social, tendo suas práticas refletidas e adaptadas no cotidiano de diversos polos envolvidos na produção e acesso aos conteúdos jornalísticos. (COUTINHO, 2016). Serão separados materiais no período de um ano, no qual se aplicará a Análise da Materialidade Audiovisual, sendo explorados aspectos como: forma de apresentação das

reportagens, o uso de depoimentos e imagens de arquivo, bem como a interação com os participantes do Festival Gastronômico de Taquaruçu.

2. DO TOCANTINS A PALMAS: TAQUARUÇU COMO UM DISTRITO CULTURAL

Para compreendermos a essência do Festival Gastronômico de Taquaruçu, é necessário entender o contexto da criação do Estado do Tocantins, assim como o processo de construção e habitação da capital, Palmas, até chegarmos ao Distrito de Taquaruçu.

O Estado do Tocantins, até alcançar sua fundação em 1988, passou por inúmeras lutas e acordos históricos para deixar de fazer parte do norte de Goiás e conquistar sua autonomia como estado. Com ideais separatistas já presentes na época da monarquia, o impacto só se tornou significativo nos anos 80, com um expressivo movimento político, culminando na consolidação do estado mais novo do Brasil.

> As O Tocantins – é um Estado criado pela Constituição Federal de 1988, com uma tradição inventada politicamente e uma história imaginada a partir de uma política de governo. Isso porque, no último movimento separatista (1981-1988), cria-se um discurso da diferença entre o norte e o centro-sul de Goiás. Esse discurso está respaldado na cultura, natureza e no abandono que a região vivia por séculos. Entretanto, uma vez criado o Estado, inicia-se outra história (ANJOS, 2017, p. 28).

Todo o processo de construção do Tocantins pode revelar muito sobre a identidade cultural do tocantinense, pois historicamente, antes do estado ser criado em 1988, já existiam movimentos. A autora Ana Carolina Costa dos Anjos segue afirmando que este é um importante capítulo da história do Brasil e, mais ainda, para o Tocantins. Agora, como estado, as expectativas sob a visão dos brasileiros, especialmente dos estados vizinhos, na busca de novas oportunidades para uma vida melhor, fizeram com que a nova unidade da Federação atraísse cada vez mais pessoas.

Isso ficou mais evidente com a criação da capital, Palmas. A construção de uma cidade moderna, seguindo os moldes da capital do Brasil, Brasília, demandou mão de obra para os serviços de construção e, posteriormente, para a própria habitação no novo polo. A pesquisadora Luciana Fracadosso explica em seus estudos um pouco sobre a migração de pessoas do Nordeste brasileiro que vieram para o novo estado para ajudar nas obras da construção da capital.

Segundo ela, nordestinos vieram com perspectivas de se fixar o que “representava a busca por um novo espaço, capaz de garantir-lhes uma nova perspectiva de vida” (FRACADOSSO, 2017, p. 101) e muitos acabaram ficando após a construção da cidade, o que traz para, a então nova capital, várias influências culturais de estados vizinhos, com grande representatividade nordestina.

A capital Palmas foi construída em menos de um ano após o surgimento do estado do Tocantins, sendo ela a última cidade planejada do século XX (ANJOS, 2017), seguindo os moldes de Brasílias, com dimensões menores, a nova capital seria uma cidade modelo no estado, que logo seria habitada pelos tocantinenses e pessoas de outros estados brasileiros. Os autores José Manoel Miranda de Oliveira e William Rodrigues Ferreira explicam um pouco a lógica da construção da capital planejada.

> Por sua vez, a forma de ocupação da cidade teve por objetivo construir espaços com acessos previamente indicados dentro de uma política de ordenamento territorial centripetamente planejada e dividida em áreas de comércio, serviços, residências, indústrias e repartições públicas Essa racionalização da espacialização, mesmo não sendo seguida na íntegra pelo próprio governo – ao criar uma cidade planejada com uma identidade prévia e à revelia da população e da cultura local – implicitamente abarcava interesses em se construir uma nova cultura, uma nova história para região, espelhada nas políticas desenvolvidas pelos órgãos governamentais (OLIVEIRA e FERREIRA, 2012, p. 197).

Esse movimento trouxe elementos muito significativos para o nosso estudo. A capital Palmas, desde seu processo de formação até os dias atuais, concentra um número expressivo de pessoas oriundas de outros estados. Isso ocorreu porque muitas pessoas que contribuíram para a construção da cidade permaneceram após o término das obras. Além disso, houve a necessidade de mão de obra com a cidade já pronta, devido ao surgimento de demandas habitacionais e, consequentemente, de serviços que seriam exigidos pelos novos moradores.

> [...] os migrantes frequentemente vão para lugares que não têm pessoas locais suficientes com as habilidades para os empregos disponíveis. As lacunas que os migrantes preenchem concentram-se em empregos altamente especializados, como médicos, ou empregos manuais, como operários de obras. Isso ajuda a sustentar a economia. Os migrantes frequentemente

> estão mais dispostos a aceitar trabalhos que as pessoas locais não querem, entre eles, colher frutas, cuidar de crianças e serviços de limpeza. A integração dos migrantes na cultura da região ou do país que os recebe pode resultar em diversidade cultural no local, como na culinária e na música (LIMA, 2013, p. 17).

E nesse contexto, como surge o distrito de Taquaruçu? O local, inicialmente, foi um povoado entre os anos de 1940 e 1960; posteriormente, tornou-se um distrito de Porto Nacional, cidade que até então pertencia ao estado de Goiás. Após esse processo, mudou de nomenclatura e adquiriu o status de município, sendo denominado Taquarussu do Porto (MIRANDA e DOS ANJOS, 2019). No processo de criação da capital do Tocantins, primeiramente foi definida a cidade de Miracema do Norte como capital provisória até sua fundação definitiva no ano seguinte, na cidade de Palmas (DOS SANTOS, 2016). Para que Palmas se tornasse capital, foi necessário obter a titularidade de município, que foi desmembrado da então cidade de Taquaruçu, que passou a ser um distrito da nova capital do Tocantins. Esse recorte histórico traz consigo muitos elementos que nos ajudam a entender várias características que explicam o contexto de Taquaruçu.

> No período entre 1970 e 1988, culminando com a constituição do Estado, o fluxo de imigrantes permaneceu praticamente estacionário. A partir da década de 1990 e primeira década do século XXI, houve aumento nesse fluxo devido ao fato do Distrito ter cedido seus direitos político-administrativos para a nova capital, Palmas, atraindo assim "uma nova leva de moradores: pequenos empresários, ecologistas, produtores culturais, artesãos, artistas, esportistas, profissionais liberais e investidores em ecoturismo" (RUSCHMANN, 2002 p. 3 apud MILAGRES, 2010, p. 02).

Segundo Erig e da Conceição dos Santos (2017) o distrito de Taquaruçu teve suas raízes de povoamento estabelecidas há mais de um século. Inicialmente habitado por comunidades indígenas, o perfil demográfico da região evoluiu com a chegada de migrantes, principalmente do Nordeste, de estados como Maranhão e Piauí. A presença dos nordestinos não apenas introduziu um novo contingente populacional, mas também imprimiu profundas transformações culturais e tradicionais na região, moldando substancialmente o estilo de vida da população local.

Essas características fizeram com que o local tivesse um forte desenvolvimento turístico. Dias (2014) destaca que a posição geográfica, a diversificada fauna e flora, com grande quantidade de cachoeiras, além das condições climáticas de uma região serrana, são fatores que contribuem para que o distrito tenha um investimento significativo no ecoturismo.

> O distrito tem as condições climáticas, devido sua posição latitudinal em torno de 10º LS, com relativa homogeneidade por sua continentalização, típico do domínio da Zona Climática Tropical, apresentando temperaturas variando entre 10ºC e 34ºC, em média superior aos 25ºC, sendo que nos meses de junho e julho as mínimas registradas são de 12ºC, conforme dados da Estação Meteorológica de Porto Nacional. O clima proporciona sensação térmica quente durante o dia e fresca durante à noite, com período chuvoso de janeiro a março e seco de agosto a outubro, apresentando índice pluviométrico médio de 1.600mm/ano. (DIAS, 2014, p. 34)

Para Dourado (2006) os interesses do setor público e privado em relação aos vários elementos do local, fez do distrito um polo do ecoturismo, despertando, inclusive, na comunidade local a visão para esse nicho.

> No imaginário coletivo da comunidade do distrito de Taquaruçu pairava a ideia de desenvolvimento propiciado pela instalação do polo. Moradores do distrito e pessoas vindas do próprio estado e de outros estados brasileiros, movidos pelo "boom do ecoturismo", investiram na aquisição de lotes, na construção de casas e na instalação de estabelecimentos comerciais (DOURADO, 2006, p. 87).

Dessa forma, ao considerar a rica história e evolução do distrito de Taquaruçu, emerge um cenário verdadeiramente cativante para um dos eventos mais aguardados e emblemáticos da região: o Festival Gastronômico de Taquaruçu.

3. O FESTIVAL GASTRONÔMICO DE TAQUARUÇU EM FOCO

O Festival Gastronômico de Taquaruçu (FGT) teve sua origem no ano de 2007, sendo idealizado pela administração municipal, por meio da Agência Municipal de Turismo. Seu propósito primordial consiste em fomentar o apreço pela rica culinária regional, bem como fomentar o espírito empreendedor no âmbito da gastronomia. Dos Santos (2016), pontua que dentre vários objetivos, o evento busca estabelecer uma identidade culinária distintiva para o jovem Estado do Tocantins, que ainda está em uma fase de desenvolvimento contínuo

e progressivo.

Até o presente momento, foram realizadas dezesseis edições do Festival, cuja estrutura atual compreende uma exposição competitiva dividida em diversas categorias, incluindo 'Comidinha Salgada', 'Prato Salgado', 'Prato Doce', 'Trailer/FoodTruck', 'Rota Gastronômica' e a recentemente incorporada categoria ‘Saúde e Bem-esta’. O evento tem a duração padrão de cinco dias, inserindo-se no calendário do segundo semestre, situado entre os meses de agosto e setembro. Os produtos alimentares são disponibilizados para venda in loco, porém, antes disso, passam por um processo de pré-seleção. Essa seleção preliminar engloba uma série de critérios de avaliação, enfocando a composição e o modo de preparo dos pratos, enfatizando a utilização de ingredientes nativos, ou seja, matérias-primas e produtos que sejam intrínsecos à região do Tocantins, notabilizada pela presença de dois ecossistemas distintos, o Cerrado e a Amazônia (SILVA, 2007, p.03). Os laureados são agraciados com prêmios em dinheiro, e o desfecho dessa competição é anunciado no encerramento do festival. Além das competições culinárias, o festival é enriquecido por apresentações musicais, que contam com a participação de artistas e grupos de renome nacional.

Dessa maneira, o Festival fortalece sua busca por uma identidade tradicional, devido à sua forte relação com a culinária local, transmitindo a ideia de regionalismo por meio dos alimentos preparados e comercializados no evento.

> Essa construção cultural, real ou imaginária, voluntária ou estimulada, resulta na sua construção como produto de divulgação no cenário regional e nacional, constituindo-se em um potencial atrativo turístico. Ao consumir o alimento pertencente ao patrimônio alimentar da região, o comensal se conecta com suas tradições e reforça o aspecto indenitário que o fundamenta (SANTOS e BASTOS, 2016, p. 624).

Características que segundo Santos e Bastos (2016) tem se mostrado um dos principais critérios de avaliação dos pratos no FGT, mostrando que no final do evento “o resultado revela a perspectiva que fundamenta a realização do concurso, ou seja, a valorização dos ingredientes regionais e a criatividade na elaboração dos pratos”, tendo a influência dos ingredientes presente no território tocantinense.

Segundo Dias (2016), a questão do regional e a conexão da gastronomia com as características do Tocantins são fatores que tornam o distrito um importante aliado para o desenvolvimento turístico, promovendo a região Brasil afora. A movimentação do turismo, especialmente durante os períodos do Festival, possibilita um impulso econômico em Taquaruçu. De acordo com a Prefeitura de Palmas, no ano de 2021, mesmo sem a presença de apresentações musicais famosas devido à pandemia da Covid-19, o FGT teve um grande impacto econômico, chegando a quase R$ 2 milhões. Esse valor inclui não apenas a venda de comida, mas também os gastos com estrutura e profissionais ao longo dos cinco dias do evento naquele ano.

A notoriedade conquistada pelo evento atrai a atenção da mídia local, sendo acompanhado por diversos canais de comunicação que englobam Rádio, Televisão, Imprensa Impressa e Portais de Notícias. Conforme destacado por Barbosa (2020), o setor do telejornalismo exerce uma função proeminente ao fomentar o desenvolvimento regional e garantir a representação inclusiva de segmentos minoritários. Além disso, assume uma responsabilidade crucial na orientação da opinião pública acerca de assuntos que possuem impacto direto no cotidiano da sociedade, a exemplo de saúde, educação e segurança pública.

Por sua vez, Reis (2022) enfatiza como as circunstâncias geo-sócio-políticas moldam a arquitetura, formato, conteúdo e consumo dos meios de comunicação locais. Esse fenômeno resulta da convergência de múltiplos fatores, entre eles elementos históricos, sociais, culturais e políticos, que colaboram para a configuração do cenário midiático dentro de um determinado contexto.

Para uma apreensão completa do contexto do Festival de Gastronomia e Cultura (FGT) e da sua interconexão com a mídia local, é necessário imergirmos na esfera da comunicação midiática no estado do Tocantins, pois assim poderemos discernir como as dinâmicas midiáticas regionais moldam a percepção e a divulgação desse evento cultural.

4. A MÍDIA REGIONAL E MÍDIA TOCANTINENSE

Este estudo propõe análise de materiais produzidos por meio do telejornalismo, no qual trançando uma relação com mídia regional tocantinense,

a análise paira em meio a visão pública de acontecimentos regionais e aspectos sociopolíticos, ao mesmo tempo em que reflete a identidade local e seus desafios.

No contexto da comunicação contemporânea, a mídia regional pode ter um papel crucial na formação da identidade cultural e na disseminação de informações em regiões específicas. Segundo Rocha (2018), mídia tocantinense surge de maneira oficial no final dos anos 80, com a partida do poder público.

No estado do Tocantins, a interseção entre mídia local e telejornalismo é especialmente relevante, no qual influenciando as percepções da população sobre assuntos locais e nacionais, fenômeno esse importante para o estado recém-criado, no qual as práticas midiáticas, enquanto técnica, tem a capacidade de proporcionar dialeticamente a existência histórica (e imaginária) ao lugar (ROCHA, SOARES e ARAÚJO, 2014, p. 174).

Peruzzo (2005), pontua que a na mídia regional, há fatores que derivam de razões históricas e culturais, os quais contribuem para definir a presença e o nível de relevância da mídia regional e local em cada cenário específico. Fato esse que, primeiramente, surge com o desenvolvimento do mercado da comunicação, com uma forte contribuição dos grandes veículos midiáticos, sobretudo a Televisão. Porém a autora ressalta que os conteúdos de produção local e regional nunca estiveram ausentes desse mercado radiofónico, televisivo e impresso.

Isso nos traz de volta ao cenário do Tocantins, que, por ser um estado relativamente novo, apresenta uma singularidade no mercado midiático. A gestão dos principais veículos de comunicação está concentrada em poucos grupos, ao mesmo tempo em que existe uma notável interdependência financeira entre o setor privado e os investimentos governamentais.

> O Tocantins é um estado que apresenta um mercado midiático peculiar, pois os principais veículos são geridos por poucos grupos e o setor privado ainda é dependente do dinheiro estatal. Entretanto, com a consolidação de novas tecnologias, em especial a internet, é possível perceber que houve um considerável aumento na oferta de veículos de comunicação que exploram o segmento jornalístico (DE SOUZA e ROCHA, 2016, p. 01).

Em relação aos meios de comunicação nos meios digitais, Rocha ressalta que “a maioria dos que a maioria dos veículos tocantinenses foi criada a partir

do ano 2000, sobretudo, na segunda metade da década" (2017, p. 15), seguindo a uma linha do tempo pertinente ao período em que a Internet se instala no Brasil.

Como o estudo em questão foca nos conteúdos jornalísticos, é importante contextualizar o ambiente televisivo no Tocantins. A afiliada da TV Globo no estado é a mais popular entre os canais de televisão, com pesquisas indicando que a emissora detém mais de 60% da audiência local, em grande parte devido à estrutura do grupo que administra a emissora.

> No setor privado, a Organização Jaime Câmara (OJC) domina os meios locais. Nascido em Goiânia, o grupo lançou em 1938 o jornal O Popular. Em 1954, a OJC abria a Rádio Anhanguera e, em 1963, iniciava as transmissões da TV Anhanguera. Quarta afiliada da Rede Globo em volume de receita, a TV Anhanguera expandiu-se para o Tocantins, inaugurando sua unidade de Palmas em 1995. Seus principais produtos locais são os telejornais "Bom Dia Tocantins" e "Jornal Anhanguera" 1ª e 2ª edições (nos moldes do jornalismo local da Globo), o "Jornal do Campo" e o programa "Frutos da Terra", produzido em Goiás ROCHA, SOARES e ARAÚJO, 2014, p. 175).

Com essa configuração, vamos analisar dois materiais produzidos pelo telejornal Bom Dia Tocantins (BDT) da TV Anhanguera, sobre o Festival Gastronômico de Taquaruçu em diferentes anos (2020 e 2021). Vale frisar que o Bom Dia Tocantins atualmente tem uma duração de 2 horas e 30 minutos, sendo transmitido das 6h às 8h30 de segunda a sexta-feira. Devido ao seu tempo extenso de exibição, acreditamos que teremos um corpus suficiente para análise, de acordo com a proposta da nossa linha do tempo de um ano.

5. METODOLOGIA

Com a finalidade de fundamentar este estudo com base no método, será adotado o embasamento bibliográfico da pesquisadora Iluska Coutinho, reconhecida por sua dedicação a essa temática. Isso estabelecerá o método como um elemento central e robusto no contexto das pesquisas jornalísticas. A autora explora, em seus trabalhos, uma gama de teorias e narrativas que sustentam a sua aplicação nesta pesquisa. Isso é particularmente relevante dado que o jornalismo possui profundas raízes na esfera social, e suas práticas são manifestadas e ajustadas no dia a dia de diversos atores envolvidos na produção e consumo de conteúdos jornalísticos (COUTINHO, 2016).

Coutinho (2016) apresenta a Análise da Materialidade Audiovisual como

resposta a uma lacuna identificada na pesquisa jornalística. Tradicionalmente, a análise de conteúdo de telejornais era conduzida por abordagens discursivas ou de conteúdo. No entanto, a autora introduz esse método como uma abordagem intrinsecamente pertinente ao jornalismo, especialmente nas produções televisivas. A Análise da Materialidade Audiovisual ganha destaque como um enfoque que atende às demandas da análise de produções jornalísticas visuais, preenchendo uma importante lacuna metodológica.

Dessa forma, ilustramos nossa abordagem para o tratamento dos materiais audiovisuais que serão submetidos à análise. Em nosso processo, procederemos da seguinte maneira: a) realizaremos a categorização dos materiais, segmentando as matérias jornalísticas e destacando as datas de veiculação de cada uma; b) realizaremos a decupagem, apresentando transcrições dos textos, diálogos, imagens e sua duração temporal; c) aplicaremos as teorias, estabelecendo um paralelo entre o conteúdo veiculado na televisão e as teorias de comunicação e identidade cultural pertinentes à área.

Para a autora “o uso recorrente de entrevistas, e do recurso da transcrição das falas tanto das fontes entrevistadas, quanto dos autores referência, nas narrativas que são construídas sobre os telejornais em artigos científicos, teses e dissertações” (COUTINHO, 2016), e isso vai nos dar base para analisar o material.

Dessa maneira aplicaremos a metodologia proposta por Coutinho nas reportagens do Bom Dia Tocantins, no período do mês de outubro de anos distintos, 2020 e 2021, no modo de que o método seja aplicado dentro da proposta do artigo, encolhemos, no total, duas reportagens para serem analisadas.

6. RESULTADOS OBTIDOS

Mostraremos aqui duas reportagens sobre o mesmo tema, exibidas nos mesmos meses, mas em anos diferentes. As reportagens apresentam o Festival Gastronômico de Taquaruçu, já consolidado no contexto tocantinense, ocorrendo tradicionalmente no segundo semestre (SOUZA, 2019).

Figura 1

Fonte: G1 Tocantins/reprodução: TV Anhanguera (2020)

O primeiro material a respeito do Festival Gastronômico de Taquaruçu, exibido pelo Bom Dia Tocantins, foi veiculado no dia 01 de outubro de 2020, com duração de quatro minutos e 47 segundos, apresentando composição telejornalística com imagens, fontes, repórter, locução, gravação e apuração jornalística in loco. A reportagem informa que o festival vai acontecer, com muitas restrições e adaptações, por conta da pandemia provocada pela Covid 19. No estúdio do telejornal Bom Dia Tocantins, a apresentadora traz a informação de que o festival vai acontecer no dia seguinte e que vai ter diferenças por conta da situação pandêmica e chama a reportagem. O repórter inicia o seu texto informando os preparativos de uma participante da competição, em seguida contextualiza que o festival vai acontecer de forma hibrida, sendo a presencial só a categoria "rota gastronômica", onde o público vai ao restaurante apreciar o prato do Festival, destacando o prato que está sendo preparado pela entrevistada. Foram entrevistadas duas pessoas.

Nesta matéria, observa-se uma adaptação bem-sucedida de um tão aguardado festival em Palmas. Ela aborda o Festival Gastronômico, enfatizando a valorização dos produtos locais, que são mencionados, exibidos e comunicados de maneira enfática pelos entrevistados como representativos do estado. Além disso, destaca-se como os entrevistados expressam sua expectativa em relação à realização do Festival. Na reportagem é mencionado

que o evento ocorreria tanto de forma virtual quanto presencial. Isso sugere que o Festival já se solidificou como parte integrante da identidade da comunidade. Portanto, na reportagem, observamos alguns elementos que deixam evidente que o evento ocorreu de maneira adaptada, uma medida necessária devido à situação pandêmica.

Outro ponto observado no material são as falas das personagens ao apresentarem o preparo dos alimentos. A todo momento, elas destacam os ingredientes característicos da região. Uma personagem mostra os condimentos que estão presentes no quintal de sua casa, evidenciando aspectos do regionalismo e enfatizando a importância desse elemento para seu prato no Festival.

A segunda reportagem sobre o Festival Gastronômico de Taquaruçu, exibida pelo Bom Dia Tocantins, foi veiculada no dia 29 de outubro de 2021, com duração de quatro minutos e 12 segundos, apresentando composição telejornalística com imagens, fontes, repórter, locução, gravação e apuração jornalística in loco. A reportagem informa que o Festival voltou a acontecer de forma presencial, porém, com as restrições e adaptações, por conta da pandemia provocada pela Covid 19. No estúdio, a apresentadora traz a informação do primeiro dia do FGT, contando um pouco da programação e chama a matéria. A jornalista inicia a fala sobre os pratos e entrevista duas pessoas, questionando-os sobre o que experimentaram. Os entrevistados afirmam que estão satisfeitos e que vão conferir mais a programação. A repórter entrevista ainda dois competidores, eles falam sobre os pratos e movimentação.

Figura 2

Fonte: G1 Tocantins/reprodução: TV Anhanguera (2021).

O texto segue falando sobre a programação e a jornalista traz a informação na sua passagem (quando aparece no vídeo), sobre a jurada que fez

uma oficina de receita durante o evento, como parte da programação, ela também foi entrevistada. A reportagem mostra ainda as adaptações em relação a pandemia e um espaço dedicado a vacinação contra o vírus, chegando a entrevistar uma pessoa que tomou a vacina. Foram entrevistadas seis pessoas, no total.

No segundo material, observamos que o espaço estava movimentado, indicando que o Festival estava gradualmente retornando à normalidade, uma vez que sua última edição totalmente presencial foi em 2019. No vídeo, todos estão usando máscaras no rosto, o que demonstra a preocupação com a Covid-19. O espaço também apresenta adaptações de acordo com as medidas de segurança sanitária, como mesas, cadeiras e barracas delimitadas e afastadas para evitar o contato próximo. Sendo a primeira edição do Festival realizada de forma presencial durante a pandemia, notamos que, mesmo com as adaptações, o processo de comercialização e consumo dos alimentos permanece o mesmo. Além disso, na reportagem, é perceptível o entusiasmo dos dois entrevistados que vão competir. A situação de pandemia é evidente ao longo de toda a matéria, não apenas devido às medidas de segurança, mas também porque é mencionada no texto e nas falas dos personagens, como na descrição da tenda de vacinação, destacada pela jornalista Heloisa Dantas.

Nesse material, também analisamos as apresentações dos pratos. Os entrevistados que estão comercializando e competindo no Festival falam sobre como foi o preparo, comentando sobre os ingredientes e as matérias-primas utilizadas. Assim como na outra reportagem, destacam questões culturais e regionais, associadas aos ingredientes típicos e característicos da região.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao avaliarmos as duas reportagens da TV Anhanguera sobre o Festival Gastronômico de Taquaruçu, torna-se evidente a significativa adaptação que o evento enfrentou devido à situação de pandemia. Ambos os materiais destacam a importância da valorização dos produtos locais, bem como a expectativa da comunidade em relação à realização do Festival, mesmo diante das mudanças necessárias para se adequar ao contexto atual.

Evidencia-se que em virtude das adaptações advindas das imposições derivadas da pandemia de Covid-19, o panorama do jornalismo experimentou transformações imperativas, as quais se refletiram de modo marcante na viabilização do Festival.

No ano de 2020, observou-se uma abordagem de caráter híbrido, enquanto em 2021, o evento retomou sua manifestação presencial, porém mediante modificações. Mesmo em período pandêmico as pautas sobre o Festival foram executadas. Segundo Siqueira e Monteiro, as reconfigurações introduzidas nas dinâmicas profissionais dos jornalistas, desempenharam um papel estratégico ao garantir a disseminação das informações, uma vez que os profissionais também precisaram se familiarizar “para utilizar ferramentas que antes não eram necessárias no dia a dia e que, na pandemia, se tornaram fundamentais” (SIQUEIRA, MONTEIRO, 2020, p.169)

A primeira matéria enfoca a adaptação bem-sucedida do aguardado festival, sublinhando a ênfase dada à valorização dos produtos regionais. A reportagem ressalta como os entrevistados se expressam de forma enfática sobre a representatividade dos produtos típicos do estado, indicando assim a relevância do evento para a identidade local. Além disso, a dualidade entre a realização virtual e presencial do Festival demonstra o estabelecimento sólido desse evento na cultura comunitária. A matéria também evidencia que a adaptação foi uma resposta necessária à situação pandêmica, o que corrobora as ideias de Canclini (2006) sobre a interação entre globalização e preservação da identidade cultural.

No segundo material, a reportagem retrata o retorno gradual do Festival à normalidade, após sua última edição presencial em 2019. É notável que as medidas de segurança, como o uso de máscaras e a organização do espaço para garantir o distanciamento físico, refletem a conscientização acerca da Covid-19. A matéria realça que, apesar das adaptações, os processos de comercialização e consumo de alimentos continuam consistentes. O entusiasmo dos participantes em competir e o destaque dado à tenda de vacinação reforçam a consciência contínua da situação pandêmica.

Nas duas análises realizadas, ficou claro que a cultura local é expressa principalmente através dos alimentos apresentados. O modo como esses alimentos são preparados revelou a presença de ingredientes naturais que são característicos das diferentes áreas naturais do Tocantins, englobando os dois biomas presentes do estado, o cerrado e o amazônico (SILVA, 2007, p. 03). Muitos desses ingredientes são facilmente encontrados em Palmas e regiões próximas, e desempenham um papel fundamental na preservação das tradições culturais da região.

Portanto, as análises das duas reportagens corroboram a premissa de Bauman (2001) sobre como eventos históricos moldam a identidade coletiva e permitem a negociação com o contexto contemporâneo. No caso do Festival Gastronômico de Taquaruçu, observamos uma notável capacidade de adaptação em face dos desafios impostos pela pandemia.

No ponto de vista jornalístico percebemos, ainda que as reportagens do Festival Gastronômico de Taquaruçu transmitidas pela TV Anhanguera destacam o papel essencial da imprensa na cobertura de eventos culturais. Ressaltando Peruzzo (2005), eventos culturais influenciam a relevância da mídia regional. Essa perspectiva encontra eco na narrativa jornalística do Festival, reforçando a importância da imprensa local na construção da identidade cultural e regional, uma vez que a cobertura do FGT não apenas informa, mas também conecta tradições, enriquecendo a consistência cultural de Palmas.

As reportagens não apenas destacam as alterações físicas e logísticas, mas também revelam a importância cultural e simbólica do evento para a comunidade. A imprensa se adaptou, utilizou artifícios tecnológicos, mecanismos de segurança sanitária e não deixou de pautar o Festival, mostrando assim o compromisso com os espectadores sobre a realização do evento. Williams (2016) afirma que a tecnologia tem sua relação muito forte com a sociedade e que a televisão, em específico, se utilizando dela alterou as configurações do mundo. As adaptações realizadas não apenas mantiveram a essência do Festival, mas também ressaltaram a capacidade resiliente da cultura local em face das circunstâncias adversas, preservando características de uma identidade cultural em construção, por meio da gastronomia local.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Ana Carolina Costa dos. *Do Girassol ao Capim Dourado: Apropriação e ressignificação de elementos naturais na narrativa indenitária do Estado do Tocantins.* Porto Alegre, Editora Fi, 2017.

BARBOSA, Rodrigo et al. *TELEJORNALISMO LOCAL*: a construção da identidade cultural no processo comunicativo*.* Aturá-Revista Pan-Amazônica de Comunicação, v. 4, n. 1, p. 200-215, 2020

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2006.

COUTINHO, Iluska Maria da Silva. *O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade:* A análise da materialidade audiovisual como método possível. São Paulo. Intercom. 2016.

DE SOUZA, Sarah Melisa Barros; ROCHA, Liana Vidigal. *Mídia regional:* mapeamento dos veículos de comunicação no Estado do Tocantins1. 2016.

DIAS, Leidiana Lopes. *Responsabilidade social no processo de utilização do espaço natural do distrito de Taquaruçu:* paisagem e os efeitos do ecoturismo na região. 2014.

DOS SANTOS, Franksley Gomes; BASTOS, Sênia. *O papel do festival gastronômico de Taquaruçu na definição da gastronomia de Tocantins/TO.* Turismo: Visão e Ação, v. 18, n. 3, p. 611-632, 2016.

DOURADO, Thania Maria FA; GIRALDIN, Odair**.** *Pólo ecoturístico de Taquaruçu (TO):* uma proposta de modernidade. Caderno Virtual de Turismo, v. 6, n. 1, 2006.

ERIG, Geruza Aline; CARDOSO DE OLIVEIRA, Danerson. *Importância do planejamento de eventos em busca da sustentabilidade:* o caso do 8° Festival Gastronômico de Taquaruçu–Palmas–Tocantins. IN: 6ª JICE- JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E EXTENSÃO. 2015.

ERIG, Geruza Aline; DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA SANTOS, Keila Maria. *Festival gastronômico de Taquaruçu–Palmas-Tocantins:* formação de identidade e fomento do turismo no Norte do Brasil. In: 8ª JICE-JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E EXTENSÃO. 2017.

FRACADOSSO, Luciana Rodrigues. *Os nordestinos na formação de Palmas (1990- 2002).* 2017. Dissertação de mestrado - Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Disponível em <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3742/2/LUCIANA%20RODRIGUES %20FRACADOSSO.pdf.

LIMA, Abraão Cavalvante. *Os determinantes da migração em Palmas-TO*. 2013. Tese de doutorado - Universidade Católica de Brasília. Disponível em: https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/123456789/487/1/Abraao%20Cavalcante%20Lima.pdf

MILAGRES, Vanesa Rios et al. *Percepção Ambiental no Distrito de Taquaruçu, Município de Palmas (TO):* a relação dos moradores com as transformações da paisagem ao longo da história local. Caderno Virtual de Turismo, v. 10, n. 1, 2010.

MIRANDA, Anna Karolyne Souza; DOS ANJOS, Ana Carolina Costa. *TERRITORIALIZAÇÕES DISCURSIVAS E DISPUTAS NARRATIVAS:* Aldeia TabokaGrande e os carnavais de Taquaruçu em pauta. Aturá-Revista Pan-Amazônica de Comunicação, v. 3, n. 2, p. 18-38, 2019.

OLIVEIRA, José Manoel Miranda, FERREIRA, William Rodrigues. Revista Online CAMINHOS DE GEOGRAFIA **-** *O processo de construção da identidade cultural de palmas.* 2012.

PERUZZO, Cicilia N. Krohling. *Mídia regional e local:* aspectos conceituais e tendências. Comunicação & Sociedade, v. 26, n. 43, p. 67-84, 2005.

REIS, Thays Assunção et al. *A cidade de notícias:* um estudo do jornalismo de influência regional de Imperatriz no Maranhão. 2022.

ROCHA, Liana Vidigal. *A mídia regional na era on-line:* mapeamento dos sites e blogs jornalísticos no Estado do Tocantins. In: Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba (PR) de. 2017.

ROCHA, Liana Vidigal. *Webjornalismo hiperlocal:* proposta de linha do tempo dos veículos on-line do Tocantins. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2018.

ROCHA, Liana Vidigal; SOARES, Sérgio Ricardo; ARAÚJO, Valmir Teixeira. *Abrangências locais no jornalismo online do Tocantins.* Comunicação & Inovação, v. 15, n. 29, p. 171-185, 2014.

SILVA, L. A. G. C. *Biomas presentes no estado do Tocantins*. Consultoria Legilativa Nota Técnica Câmara dos Deputados, Brasilia, DF, Brasil, p. 2-9, 2007.

SIQUEIRA, F. C.; MONTEIRO, Patrícia. *Jornalismo em tempos de pandemia.* João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba. Available from: http://www. ccta. ufpb. br/ppj/contents/livros/jornalismo-em-tempos-de-pandemia. pdf, 2020.

SOUZA, Diego Aquino. *O Festival Gastronômico de Arraias–TO:* da construção da imagem aos resultados de sucesso. 2019.

WILLIAMS, Raymond. *TELEVISÃO:* tecnologia e forma cultural. Editora PUC Minas – Boitempo. Minas Gerais, 2016.

Festival Gastronômico de Taquaruçu começa nesta quinta-feira (1º) com etapa de degustação em restaurantes. TV Anhanguera, Publicado no G1 Tocantins. 01 out. 2020. 1 vídeo (04:42 min.). Disponível em: https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2020/10/01/festival-gastronomico-de-taquarucu-comeca-nesta-quinta-feira-1o-com-etapa-de-degustacao-em-restaurantes.ghtml

2º dia do Festival de Taquaruçu terá shows regionais e apresentação com o chef André Barros. TV Anhanguera, Publicado no G1 Tocantins. 29 out. 2021. 1 vídeo (04:12 min.). Disponível em: https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2021/10/29/2o-dia-do-festival-de-taquarucu-tera-shows-regionais-e-apresentacao-com-o-chef-andre-barros.ghtml

O imaginário amazônico na obra de Serguei Firsanov[1]

THE AMAZONIAN IMAGINARY IN THE WORK OF SERGUEI FIRSANOV

EL IMAGINARIO AMAZÓNICO EN LA OBRA DE SERGUEI FIRSANOV

Natália Cristina dos Santos Silva da Costa[2]
William Silva de Araujo[3]

Resumo: O olhar diferenciado do estrangeiro em terras desconhecidas, muitas vezes desencadeia afinidades improváveis com o lugar. Quanto a um compositor estrangeiro, neste caso, é interessante considerarmos que haverá um olhar sensível, contextualizado com a expertise do artista, gerando uma inspiração que resultou na composição da obra, na qual, Firsanov claramente referência a cidade, a qual vivia. Assim, buscamos apresentar o compositor russo/brasileiro radicado em Belém; identificar a presença do regionalismo (musical) na sua obra; verificar possíveis imagens sonoras desenhadas a partir dos sistemas melódicos e rítmicos da composição Prelúdio para Banda e Cordas (Imagens Sonoras de Belém). Nosso percurso passou por análise rítima e melódica a partir da grade musical da composição, objeto de estudo, e pela entrevista do músico e copista Claude Lago, o qual prestava serviços de copista para Serguei Firzanov, assim, vislumbrávamos a identificação de possíveis influências amazônicas em sua composição. A importância dessa obra está em sua contribuição para o acervo musical paraense e para a pesquisa em música no Pará.

Palavras-chave: Serguei Firsanov; Música; Composição; Imaginário amazônico; Sons de Belém.

Abstract: The different look of the foreigner in unknown lands often triggers unlikely affinities with the place. As for a foreign composer, in this case, it is interesting to consider that there will be a sensitive look, contextualized with the artist's expertise, generating an inspiration that resulted in the composition of the work, in which, Firsanov clearly references the city where he lived. Thus, we seek to present the Russian/Brazilian composer based in Belém; identify the presence of (musical) regionalism in his work; verify possible sound images drawn from the melodic and rhythmic systems of the composition Prelúdio para Banda e Cordas (Imagens Sonoras de Belém). Our route went through a rhythmic and melodic analysis based on the composition's musical grid, object of study, and through the interview of the musician and copyist Claude Lago, who provided copyist services for Serguei Firzanov, thus, we glimpsed the identification of possible Amazonian influences in its composition. The importance of this work lies in its contribution to

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho (IN)VISIBILIDADES FESTIVAS NA CIDADE: cortejos, rituais e performances em espaço urbano do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós- Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Técnica em música/violino - EMUFPA. Graduada em Letras - UNIP. Especialista em Língua Inglesa e suas Literaturas - FIBRA. Mestranda em Comunicação Linguagem e Cultura - UNAMA. nataliabaiorin@gmail.com ORCID: 0009-0003-2595-0336.

[3] Graduado em Letras-UFPA. Especialista em Metodologia de Ensino de Literatura -FAVENI. Mestrando em Comunicação, Linguagem e Cultura - UNAMA wsilvaa63@gmail.com ORCID: 0000-0002-0345-0678

the Pará musical collection and to music research in Pará.

Keywords: Serguei Firsanov; Music; Composition; Amazonian Imaginary; Sounds of Belém.

Resumen: La mirada diferente del extranjero en tierras desconocidas suele desencadenar afinidades inverosímiles con el lugar. En cuanto a un compositor extranjero, en este caso, es interesante considerar que habrá una mirada sensible, contextualizada con la maestría del artista, generando una inspiración que derivó en la composición de la obra, en la que Firsanov hace una clara referencia a la ciudad donde el vivió. Así, buscamos presentar al compositor ruso/brasileño radicado en Belém; identificar la presencia del regionalismo (musical) en su obra; verificar posibles imágenes sonoras extraídas de los sistemas melódicos y rítmicos de la composición Prelúdio para Banda e Cordas (Imagens Sonoras de Belém). Nuestro recorrido pasó por un análisis rítmico y melódico a partir de la parrilla musical de la composición, objeto de estudio, y por la entrevista al músico y copista Claude Lago, quien brindó servicios de copista a Serguei Firzanov, así, vislumbramos la identificación de posibles influencias amazónicas. en su composición. La importancia de este trabajo radica en su contribución al acervo musical de Pará ya la investigación musical en Pará.

Palavras clave: Serguei Firsanov; Música; Composición; Imaginario Amazónico; Sonidos de Belén.

1. INTRODUÇÃO

Apresentaremos um momento de nossa história musical neste trabalho, evidenciando Serguei Firsanov e sua repercussão no cenário musical paraense. Trata-se de um cidadão russo que veio a Belém a trabalho e acabou se apaixonando pela cidade, pelo povo e pela cultura que passou a adotar.

A convivência com seus alunos e colegas de trabalho, aproximou Serguei dos hábitos e costumes de nosso povo, assim como de toda a riqueza de nosso folclore também por intermédio das composições de Waldemar Henrique.

Diante desse processo de imersão em nossa cultura, buscamos identificar em sua criação artística a presença do regionalismo e possíveis imagens sonoras construídas a partir dos sistemas melódicos e rítmicos da composição “Prelúdio para banda e cordas” (Imagens Sonoras de Belém).

Neste sentido, organizamos este artigo da seguinte forma: no ponto dois, apresentamos uma breve biografia de Serguei Firsanov, destacando a formaçãomusical eurocêntrica, a vinda e permanencia em Belém do Pará, e sua

atuação profissional em nosso Estado.

No ponto três, abordamos elementos da identidade cultural paraense naobra composicional de Firsanov. Para isso, apresentamos a música “Prelúdio para banda e cordas” (Imagens Sonoras de Belém) e indicamos possíveis elementos regionais nessa composição.

No ponto quatro, realizamos uma análise desta composição, sobretudo quanto aos elementos melódicos, rítmicos e a instrumentação utilizada.

O ponto cinco, descrevemos nosso percurso metodológico, com destaque para a análise rítima e melódica a partir da grade musical da composição, objeto de estudo, e pela entrevista do músico e copista Claude Lago, o qual prestava serviços de copista para Serguei Firsanov, assim vislumbrávamos a identificação de possíveis influências amazônicas em sua composição.

Por fim concluímos com a apresentação dos resultados e nossas considerações finais.

2. SERGUEI FIRSANOV

Nascido em 10 de setembro de 1952, em Moscou, Rússia. Aos 7 anos de idade começou seus estudos de música, mesmo sendo filho de pais não músicos, como em muitos casos semelhantes, nada o impediu de ter o apoio familiar necessário na inicialização de seus estudos musicais.

2.1 Formação na Europa

Iniciando seus estudos com o violino na Escola de Música Chaporin, contudo em seguida passou a dedicar-se ao estudo da viola de arco. Batista (2011) afirma que tempos depois, iniciou seus estudos em outro instrumento, a viola, no Colégio de Música do Conservatório Tchaikovsky, no ano de 1967, no qual, já com quatorze anos, deu início às aulas de música de câmara (pequenos grupos de cordas cujo objetivo é aprimorar a prática de conjunto) e as aulas de teoria musical. Mais tarde, no *Colégio Glinka*, deu continuidade aos estudos de viola e aprimorou a prática da música de câmara. Participou de vários grupos, como *Violinistas de Moscou*, no trio de cordas *Divertissement*, e em várias orquestras da Rússia participando, às vezes, como violinista e outras como violista. Trabalhou como arranjador e músico do *Bureau de Propaganda de Cinema,* acompanhando vários astros do cinema russo. Em 1983, teve sua

primeira participação como compositor teatral, no musical *Dama Duende* do dramaturgo espanhol Pedro Calderón. Escrevendo vários espetáculos musicais como um ballet, uma ópera infantil *O conto do Tempo Perdido* e vários arranjos para orquestras russas e brasileiras.

2.2 Vinda para Belém

Firsanov mudou-se para o Brasil, vindo diretamente morar em Belém do Pará, juntamente com outros músicos russos, no ano de 1992, a convite da Fundação Carlos Gomes, quando estava sob a superintendência da professora Glória Caputo. De acordo com Firsanov, em uma das aulas de quando ainda era sua aluna, revelou que seu principal objetivo era seguir com as apresentações do grupo musical ao qual fazia parte antes de vir ao Brasil.No entanto, dar aulas se tornou uma necessidade para seu sustento além de proporcionar uma grande oportunidade para os alunos da instituição que o contratou. Desta maneira, assume a vaga no quadro de professores do Conservatório Carlos Gomes (CCG), juntamente com outros professores russos, como Nicolai Khit, Irina Klimova, Tatiana Firsanova e Vladimir Iliachko.

2.3 Atuação Profissional

Em Belém, Serguei Firsanov atuou profissionalmente como professor de violino, viola de arco, arranjo e composição. Como instrumentista, fez parte da Orquestra Sinfônica do Teatro da Paz, como chefe de naipe das violas. Como arranjador e compositor, atendia encomendas de instituições públicas e privadas, assim como grupos musicais de diferentes formações e estilos musicais.

2.3.1 Professor:

O contrato firmado com a FCG, que viabilizou a vinda de um grupo de professores de música do Leste europeu, estes profissionais vieram a nossa cidade com o propósitor de ensinar técnicas instrumentais aos estudantes da CCG, contudo puderam também atuar em outras instituições também. Foi o que aconteceu com Serguei Firzanov, que além de atender aos estudantes do CCG, atendiam também aos discentes da escola de música da universidade federal do Pará – EMUFPA.

Nessas instituições de educação musical especializada, Serguei ministrava principalmente aulas de violino e viola de arco na EMUFPA, CCG nos cursos básicos e técnicos de música e Arranjo e composição, além de violino e viola no curso superior Bacharelado em Música da Universidade do Estado do Pará. Atendeu ainda estudantes oriundos de escolas públicas matriculados nos projetos de educação musical da Fundação Amazônica de Música (FAM).

2.3.2 Instrumentista:

Como instrumentista, Serguei participou de diversos grupos de camera e orquestras em apresentações de contexto educativo em eventos musicais promovidos pela EMUFPA, CCG e FAM.

Podemos destacar sua atuação como Violista chefe de naipe da Orquestra Sinfonica do Teartro da Paz por 19 anos (1996 – 2015), sendo assim um dos músicos fundadores da OSTP, onde teve a oportunidade de tocar com vários músicos formados por ele.

2.3.3 Compositor:

Iniciando seus trabalhos composicionais aos 21 aos de idade em diversos espetáculos musicais, ao vir para o Brasil deu continuidade a seu ofício, escrevendo diversos arranjos e músicas. Com frequência, estava trabalhando em arranjos com adaptações para as orquestras e grupos musicais das escolas de música. Atendia também encomendas de arranjos para grupos musicais da cidade, como gurpo Quórum, Banda de música da Guarda Municipal, entre outros. Em se tratando de composição autoral, podemos afirmar que Serguei Firsanov tem uma produção pequena, mas expressiva. Isso se deu por sua atuação musical dividida entre o ensino, a performance e a composição o que limitava seu tempo dedicado a criação.

Podemos destacar as seguintes composições e arranjos musicais:

- Yowak Apyapak (Música da tribo Tembé-Tenetehara - encomendada pela Fundação Curro Velho em comemoração ao dia do Indio 2010).
- Wyrakazima (Música da tribo Tembé-Tenetehara - encomendada pela Fundação Curro Velho em comemoração ao dia do Indio 2010).
- Azym (Música da tribo Tembé-Tenetehara - encomendada pela Fundação Curro Velho em comemoração ao dia do Indio 2010).

• Viajante das lendas Amazônicas – (ópera lendária sobre folclore amazônico – encomendada pela Fundação Amazônica de Música).
• O milagre que tem que acontecer (ópera balé-cômica).
• Fantasia para tenor ou soprano, piano, coro e orquestra – sobre dois temas de Waldemar Henrique (encomendada pelo Ministério da Cultura para comemoração do dia nacional da cultura no Palácio do Planalto em 07 de novembro de 2000).
• Ave Maria (dedicada da sua amiga Helena Maia).
• Rapsódia para piano e orquestra – sobre dois temas de Waldemar Henrique.
• Prelúdio para Banda e cordas (encomendada pela Fundação Cultural do Município de Belém – FUMBEL).

3. A IDENTIDADE CULTURAL PARAENSE NO DISCURSO MUSICAL DE FIRSANOV

Nas músicas compostas por Serguei Firsanov, podemos perceber a presença de elementos culturais amazônicos. Aspecto este que nos leva a concluir que o compositor, de certo modo, estava imerso nas narrativas e em nosso imaginário por ocasião de seus trabalhos composicionais, possívelmente por identificação pessoal ou mesmo por determinação de seus contratantes.

O fato é que frequentemente trabalhava seu discurso musical a partir de composições consagradas de artistas como Waldemar Henrique e Altino Pimenta, além de músicas de origem indígena que eram adaptadas para orquestras. Seu trabalho, embora de estética eurocentrica, deixa evidente em seus elementos estruturais expressivos os sons que caracterizam o povo paraense em toda sua diversidade.

3.1 Prelúdio (Imagem sonora de Belém)

Destacamos a composição Prelúdio (imagem sonora de Belém) no qual o compositor estabelece um diálogo contínuo entre as cordas e os metais com predominância da celula rítmica, conforme ilustrado na figura 1.

Figura 1 – Célula rítmica recorrente no Prelúdio (imagem sonora de Belém)

Fonte: Própria autora

Rítmo este que identificamos também na ópera “O viajante das lendas amazônicas” no trecho que representa os guerreiros indígenas. Isso nos leva a concluir que possivelmente, em sua visão, Belém preserva muitas característicasdos povos originários, suscitando em sua composição elementos musicais que representem metaforicamente esses povos, podendo reportar o público a atmosfera indígena.

A obra musical *Prelúdio para sopros e cordas* foi composta no ano de 2002, exclusivamente para ser executada pela Banda da Guarda Municipal de Belém, juntamente com músicos da Orquestra Sinfônica do Teatro da Paz (OSTP), num evento marcante na cidade: A II Bienal Internacional de Música, realizado na Aldeia Cabana Amazônica David Miguel, em setembro do mesmo ano. Vários músicos paraenses, que atuam no campo popular, foram convidados para fazer parte da programação cultural. Porém, uma das figuras mais ilustres do evento foi o então ministro Gilberto Gil, o qual foi homenageado com o prêmio *Certificado de Ouro* da Associação Brasileira dos Produtores de Disco (ABPD).

Fortemente eurocêntrica, essa composição representa a visão do estrangeiro a respeito da cidade. Portanto, apenas os ouvintes mais atentos perceberão que, como recurso para evocação de características culturais o compositor atribuiu células rítmicas e contrastes sonoros entre os grupos de instrumentos musicais.

3.2 O regionalismo na música de Serguei Firsanov.

Há dois espaços sociais na Amazônia em que podemos observar com clareza a cultura da região: o espaço urbano e o espaço rural. Para Loureiro (1995) a cultura rural é a expressão maior da Amazônia em comparação à urbana, porém, ambas exercem um papel fundamental na comunicação da cultura regional. Nesse sentido, podemos afirmar que desde o período de crescimento econômico desencadeado pela era da borracha no meio urbano percebemos essa aproximação com a cultura europeia que resultou por exemplo na estetização da cultura paraense transformando a produção urbana e afastando-a mais ainda de suas origens rurais.

[...] A época da borracha, o Teatro Amazonas (no estado do Amazonas)

> e o Teatro da Paz (no Pará) foram como antenas parabólicas na região, há um século, constituindo-se valores de transculturalidade cosmopolita. Por meio da atividade econômicas via látex e das atividades artísticas nos teatros, a Amazônia experimentou o comércio das trocas simbólicas com a Europa, que lhe deu uma espécie de "charme" cosmopolita e de integração entre o mais antigo e o mais contemporâneo. [...] Hoje a transculturalidade, beneficiada pelos meios de comunicação de massa, alcança os mais distantes lugares, chega em diversos espaços, navega pelos rios, embrenham-se na floresta e torna-se, dessa forma, um fenômeno social político, [...] (Loureiro, 1988 p. 143).

No que se refere à cultura urbana, nela estão inseridas as capitais e cidades mais desenvolvidas da região. São espaços com maior acesso a outras culturas, são locais que frequentemente são escolhidos para se morar devido ao mercado de trabalho, estudos mais qualificados, melhores condições de acesso a informações.

> Nas cidades as trocas simbólicas com outras culturas são mais intensas há maior velocidade nas mudanças, o sistema de ensino é ais estruturado, os equipamentos culturais são em muito maior número e há o dinamismo próprio das universidades. No ambiente rural, especialmente ribeirinho, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, mais ligada à conservação dos valores decorrentes de sua história. A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada. Ela reflete de maneira predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural.
> A cultura do mundo rural de predominância ribeirinha constitui- se na expressão aceita como a mais representativa da cultura amazônica, seja quanto aos seus traços de originalidade, seja como produto da acumulação de experiências sociais e da criatividade de seus habitantes. Aquelas onde podem ser percebidas, mais fortemente, as raízes indígenas e caboclas tipificadoras de sua originalidade. (LOUREIRO, 1995 p. 55)

A esteticidade ambiental está presente tanto na cidade como na área rural, podendo ser extraídos simbologias da cultura da região, comunicando relevantes significados. Prova disso é a produção musical de Waldemar Henrique, que em sua formação erudita tradicional, em composição e piano, soube explorar com originalidade nosso imaginário amazônico.

Para Firsanov, um estrangeiro europeu, o que poderia ter significado, em sua percepção, como um referencial que pudesse inspirá-lo e fazê-lo identificar em sua música as imagens sonoras de Belém?

Quando compôs o Prelúdio para banda e cordas, o compositor estava há 10 anos morando em terras amazônicas, sua sociabilidade e convivência com

um número expressivo de alunos, com os pais desses alunos, colegas de profissão e funcionários dos estabelecimentos de ensino, aos quais fazia parte, ajudaram a intensificar sua imersão na cultura paraense e ampliar seus conhecimentos sobre o imaginário amazônico.

Essa troca simbólica entre o estrangeiro e nativo independente de espaço social urbano ou rural repercute nas relações estabelecidas, isto é, o compositor estrangeiro com as inserções regionais em seu discurso musical e o nativo recepcionando um produto musical com predominância europeia, mas com a singularidade da cultura paraense na percepção do compositor estrangeiro.

Com o passar do tempo fica claro que Firsanov ganha mais fluência em seu discurso musical com temática amazônica, oferecendo ao público obras com releituras de Waldemar Henrique e de músicas indígenas, além de arranjos e composições baseadas em gêneros musicais de nosso Estado.

4. ANÁLISE MUSICAL DA OBRA

A obra *Prelúdio* está relacionada à imagem sonora de Belém. Ela está dividida em duas partes, sendo que a segunda parte nunca foi executada por nenhum grupo musical mantendo-a em seu ineditismo até hoje.

> Quando eu fui olhar o arquivo da partitura no meu backup, eu vi que tinha uma segunda parte, que eu não lembro do título agora. [...] Eu não sei dizer se originalmente, se isso deveria ter ficado pronto pra ocasião do concerto em homenagem ao Gilberto Gil, então ministro da cultura, ou se foi alguma coisa que ele desenvolveu depois. Também não sei dizer se foi a pedido da prefeitura ou de algum outro patrocinador. [...] Eu acho que é Rios e Igarapés de Belém, se eu não tô enganado, o título dessa segunda parte. (AZEVEDO, 2023)

A primeira parte do *Prelúdio* pode ser identificada no livro vermelho da FUMBEL como *Imagens Sonoras de Belém*, indicando um contexto voltado paraa subjetividade da cultura presente nesta cidade, a qual fazia parte a mais de dez anos.

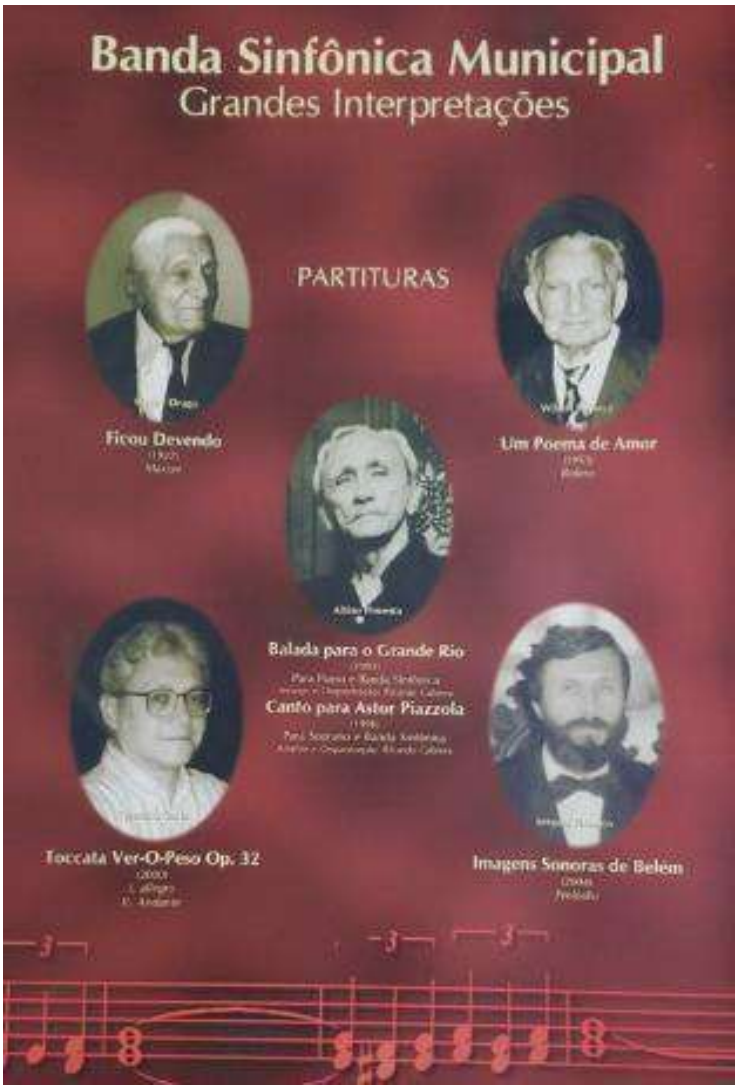


Figura 2 - Encarte do livro vermelho da FUMBEL 2004
Fonte: FUMBEL.

4.1 Linhas melódicas

A primeira linha melódica foi inicializada pela trompa em Fá, na tonalidade de sol maior em compasso três por quatro com indicação de andamento em Maestoso, onde a partir do terceiro compasso entra a orquestra fazendo a progressão harmônica dando protagonismo aos instrumentos de sopro, principalmente os metais que foram encarregados pela a melodia.

Embora a música tenha seu início com solo de trompa nos três primeiros compassos, o restante da música percebemos linhas melódicas que reforçam a harmonia da música e a massa sonora com destaque para os metais, mas com poio das cordas.

Na primeira parte, há uma alternância entre compassos três por quatro e três por dois. Na segunda parte, temos uma alternância entre compassos quatro por quatro e três por quatro, finalizando em quatro por quatro.

Quanto à dinâmica da música, podemos destacar que as frases musicais iniciam em meio piano seguido de crescendo até meio forte no m primeiro momento e fortíssimo no alge da música.

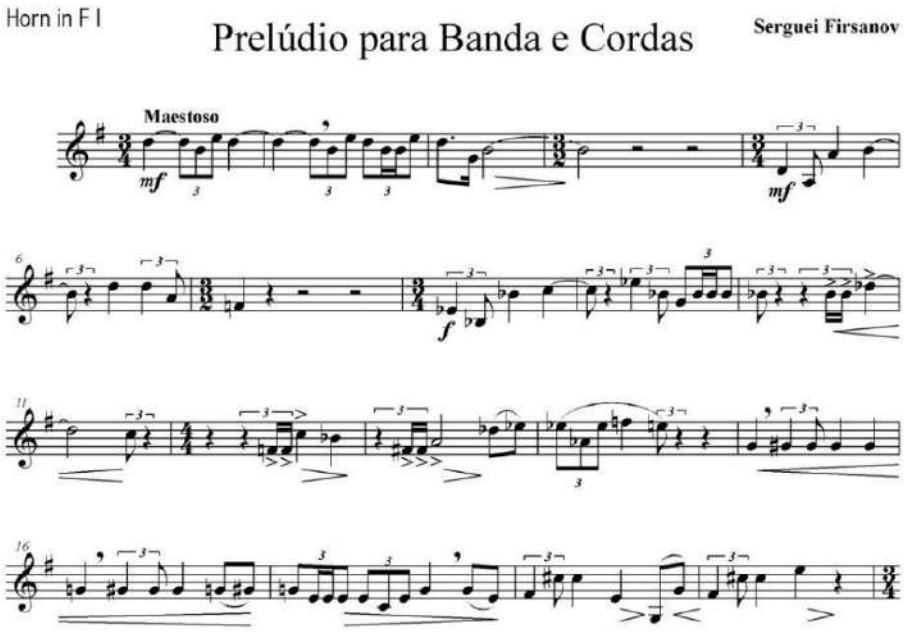


Figura 3 – Pertitura de trompa com os 12 compassos iniciais da obra
Fonte: arquivo pessoal de AZEVEDO

4.2 Aspectos rítmicos

Quanto aos aspectos rítmicos, não há identificação com os ritmos marcantes do Carimbó (fusão dos ritmos indígenas, portugueses e negros) ou do Pássaro Junino (teatro musicado, que traz elementos indígenas, caboclos e europeus), os ritmos considerados regionais, por exemplo, mas há a forte presença da música contemporânea jazzística e seus elementos rítmicos “quebrados”, ou seja, colocando um diferenciado balanço na música. Segundo Azevedo (2023), por ser copista e ter tido acesso e convívio mais frequentes com o autor foi percebido, por ele, que houve uma continuidade, uma transformação dessas duas partes. Ambas podem ter sido, 3 anos mais tarde, transformadas na ópera infanto-juvenil *O viajante das Lendas Amazônicas* composta pelo mesmo autor.

Há a presença do movimento das figuras rítmicas e não são figuras convencionais da música paraense, mas há uma nítida percepção da música cinematográfica, embora tenha sido intitulada como *Imagem Sonora de Belém.*

Levando em consideração a multiculturalidade presente nas regiões metropolitanas e a percepção e inspiração pessoal do autor em terras

amazônicas, pode justificar a intenção musical em cada sistema (pentagrama ou linha) da partitura.

4.3 Instrumentação

Feita para 25 “vozes” diferentes foi distribuída entre instrumentos de sopros, cordas e percussão.

Sopros: Flauta transversal I & II, Oboé I & II, Clarinete em Si bemol I, II, III & IV, Saxofone alto I, II, III & IV, Saxofone tenor I, II, III & IV, Saxofone barítono, Trompa em Fá I & II, Trompete em Si bemol I, II, III & IV, Trombone I, II, III & IV, Tuba.

Percussão: Campanelli & Xilophone, Tamburino, Taburo Militar, guizos piatt susp., Piatt 2, Legnas piatt susp., Bongos congas, tom gde. cassa.

Cordas: Violino I & II, Viola, Violoncello e contrabaixo.

5 MÉTODO

A pesquisa se deu por meio da análise musical da partitura *Prelúdio* e entrevista com o músico da Banda da Guarda Municipal de Belém e copista, que prestava serviço de edição de partituras para o compositor Serguei Firsanov. A produção textual do referencial teórico se apoiou em publicações de pesquisadores em livros, dissertações, revistas e teses baseados na cultura amazônica. Essas fontes buscaram justificar a presença do imaginário e regionalismo amazônico na obra do autor, a qual foi referenciada como Imagem sonora de Belém.

6 RESULTADOS

No processo de investigação a respeito da formação musical identificamos que Serguei Firsanov passou por uma formação erudita da escola Russa tanto no aprendizado da Viola quanto no aprendizado em composição musical.

Quanto sua atuação profissional em música no Estado do Pará destacamos que além de professor, desenvolvel trabalhos profissionais como instrumentista, arranjador e compositor. Portanto dividia seu tempo com as aulas de violino, viola e composição (que ministrava na EMUFPA, CCG, FAM e UEPA), como instrumentista da OSTP e atendendo instituições com encomendas de

composições musicais.

Listamos algumas composições de Serguei Firsanov e identificamos que todas tinham como fundo a representação musical de temas amazônicos, seja em releituras de obras de Waldemar Henrique ou em composições com inserções pessoais de sua percepção quanto ao imaginário amazônico.

Na tentativa de identificar a presença do regionalismo (musical) na sua obra, selecionamos uma obra específica, Prelúdio para banda e cordas (imagens sonoras de Belém) e concluimos que embora o artista tenha intitulado como imagens sonoras de Belém, não é possível identificar nenhum elemento da cultura musical paraense nessa composição, contudo me parece que uma célula rítimica em especial, com variações de tercinas, que aparece também em uma ópera do artista no momento da encenação de índios guerreiros pode indicar um padrão pessoal para representar musicalmente o contexto indígena, deste modo possivelmente este compositor ao se referir a imagens sonoras de Belém reforçou a contribuição dos povos originários no cotidiano de nossa cidade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Serguei Firsanov em seus 24 anos de convivência com profissionais da música e inteiramente imerso no universo musical desde sua chegada em Belém no ano de 1992, onde permaneceu até sua morte 22 de outubro de 2016.

Sua dedicação a linguagem musical, sobretudo a suas composições, lhe rendeu uma cadeira como membro da Academia Paraense de Música, reconhecimento por seus relevantes serviçõe a educação musical e a criação em música.

Vislumbrávamos identificar possíveis influências amazônicas em sua composição. No entanto, em termos de estética musical a música Prelúdio para banda e cordas (imagens sonoras de Belém) não apresenta elementos formais de gêneros musicais do Pará. Suas características se aproximam mais da música contemporânea baseada em uma abordagem pessoal diferente da música erudita convencional.

De todo modo, é inegável o legado de Serguei Firsanov para a música do Pará, seja na formação instrumentistas ou em suas composições. Quanto a esta produção acadêmica, podemos considerar que, por se tratar de uma pesquisa cujo objeto de estudo temos poucas referências, esperamos contribuir para a amplificação do debate acerca da repercussão da passagem deste compositor

em nossa cidade assim como valorizar o legado construído com tanto empenho e ligação com nossa idententidade cultural.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, George Claude Lago de. *Entrevista realizada por Natália Cristina dos Santos Silva da Costa em 21 de julho de 2023*. Belém, 2023.

BATISTA, Antonio de Pádua Araújo. *Uma experiência de ensino coletivo de violino no projeto vale música em Belémdo Pará/ Antonio de Pádua Araújo.*

Batista. – Belém: UFPA / *Escola de Música*, 2011..Dissertação (mestrado) – UFPA / Programa de Pós- Graduação(PPGARTES), 2011.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Elementos de estética*. 2ª edição. Cultural CEJUP, 1988.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica:* uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995.

OCUPAR A CIDADE COM A PALAVRAS SONHADAS: PONTA DE PEDRAS E SEUS ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA EM TORNO DO LITERÁRIO [1]

OCCUPY THE CITY WITH THE DREAMED WORDS: PONTA DE PEDRAS AND ITS SPACES OF RESISTANCE AROUND THE LITERARY

OCUPAR LA CIUDAD CON LAS PALABRAS SOÑADAS: PONTA DE PEDRAS Y SUS ESPACIOS DE RESISTENCIA EN TORNO A LO LITERARIO

Marcos Samuel Costa da Conceição[2]

Resumo: As noções de pequenas cidades amazônicas e suas formas de uso e ocupação do espaço vêm, no tempo, mostrando-se conflituosa/plural. Cidades que passaram a existir no meio de densas florestas, unindo/reunindo diversidades culturais, geográfica, ocupação e povoamento violentos. Chegam até a atualidade, marcadas pelas desigualdades sociais e ausência de infraestrutura (CARMO; COSTA, 2019). Em Ponta de Pedras, manifestam-se esses conflitos, pois, ao mesmo tempo em que esse espaço se mostra em disputa, outros processos de ocupação nascem-se através do fazer cultural, histórico/ancestral, em diversas formas de manifestações artístico-culturais. Como metodologia, foram empregadas entrevistas, observação-participante e revisão bibliográfica, permitindo evidenciar espaços (in)visíveis como a Academia Ponta-pedrense de Letras (APPL) e visíveis, como o Espaço Cultural Casa do Poeta (ECCP) e Biblioteca Comunitária da Sabedoria (BCS), em seus encontros; performances literárias.

Palavras-chave: uso e ocupação; pequenas cidades; floresta urbana; resistência e manifestações literárias; Ponta de Pedras.

Abstract: The notions of small Amazonian towns and their forms of use and occupation of space have, over time, proved to be conflicting/plural. These towns came into existence in the middle of dense forests, bringing together cultural and geographical diversities and violent occupation and settlement. They have survived to the present day, marked by social inequalities and a lack of infrastructure (CARMO; COSTA, 2019). In Ponta de Pedras, these conflicts are manifested because, at the same time as this space is in dispute, other processes of occupation are born through cultural, historical/ancestral making, in various forms of artistic-cultural manifestations. The methodology used was interviews, participant observation and a bibliographical review, allowing us to highlight (in)visible spaces such as the Ponta-Pedrense Academy of Letters (APPL) and visible spaces such as the Casa do Poeta Cultural Space (ECCP)

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST3 – (IN)VISIBILIDADES FESTIVAS NA CIDADE: Cortejos, rituais e performances em espaço urbano do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Bacharel em Serviço social (UFPA), esp. em saúde pública (unifatecei), graduando em Lic. em História (UNILINS), marcos94sam@gmail.com, https://orcid.org/0000-0002-2390-9191.

and the Wisdom Community Library (BCS), in their meetings and literary performances

Keywords: use and occupation; small towns; urban forest; resistance and literary manifestations; Ponta de Pedras.

Resumen: Las nociones de pequeñas ciudades amazónicas y sus formas de uso y ocupación del espacio se han revelado, a lo largo del tiempo, conflictivas/plurales. Ciudades que surgieron en medio de densas selvas, reuniendo diversidades culturales y geográficas, ocupaciones y asentamientos violentos. Hasta hoy, están marcadas por las desigualdades sociales y la falta de infraestructuras (CARMO; COSTA, 2019). En Ponta de Pedras, estos conflictos se manifiestan porque, al mismo tiempo que este espacio está en disputa, nacen otros procesos de ocupación a través del hacer cultural, histórico/ancestral, en diversas formas de manifestaciones artísticas y culturales. La metodología utilizada fue la entrevista, la observación participante y la revisión bibliográfica, permitiendo destacar espacios (in)visibles como la Academia de Letras de Ponta-Pedras (APPL) y espacios visibles como el Espacio Cultural Casa do Poeta (ECCP) y la Biblioteca Comunitaria de la Sabiduría (BCS), en sus encuentros y performances literarias.

Palavras clave: uso y ocupación; pequeñas ciudades; bosque urbano; resistencia y manifestaciones literarias; Ponta de Pedras.

1. INTRODUÇÃO

> “Na grande boca do rio das Amazonas está atravessada uma ilha de maior comprimento e largueza que todo o reino de Portugal...
>
> .....
>
> É a ilha toda composta de um confuso e intrincado labirinto de rios e bosques espessos; aqueles com infinitas entradas e saídas, estes sem entrada nem saída alguma...”
>
> Padre Antônio Vieira — “Carta ao Rei”

Para Carmo e Costa (2019), a floresta Amazônica tem em seu espaço uma diversidade social, cultural e espacial; não apenas, é palco de movimentos complexos. Seja na ocupação, seja dentro da lógica de exploração. Ao começar citando o Padre Vieira, quer-se fazer essa ligação histórica, mesmo no período da colonização, tinha-se essa noção labiríntica e complexa desse espaço, que chega aos dias atuais, povoado, habitado, transformado, (re)significado pelos tantos encontros que foram se dando no seu espaço de

ocupação.

As noções de pequenas cidades amazônicas parte, segundo as autoras, do entendimento da sua organização socioespacial, tendo olhares atentos ao espaço geográfico. Esse que em diferentes momentos históricos foram transformados. E continuam hoje, com a exploração de madeira, criação de gado, trabalho análogo à escravidão, plantação de arroz, propostas de obras dentro da lógica mercadológica como: porto de escoação de soja e exploração de petróleo na costa da Ilha de Marajó.

Nas pequenas cidades amazônicas, as formas de uso e ocupação do espaço vêm ao longo do tempo mostrando-se conflituosa e plural. E em Ponta de Pedras, essa lógica não se faz diferente, pois, segundo as autoras: possuem rugosidades do "antigo urbano" ou das antigas formas de organizações espaciais que ainda são visíveis" (CARMO; COSTA, 2019).

Essas cidades na e da floresta, não apenas surgem na floresta Amazônica, passam a fazer parte da floresta, uma floresta que as autoras sinalizam como "cada vez mais urbana". Mas muitas vezes, fora dessa lógica de interesse das políticas públicas e uma governança justa e atuante, pois:

> [...] além de não terem acesso ao tratamento de esgoto, coleta de lixos, também são submissas à atuação de um poder público não muito atuante, assim como há poucos investimentos para amenizar os problemas locais. A partir da década de 1960, novos centros urbanos passaram a surgir e a floresta Amazônica passava a vivenciar uma intensificação do processo de urbanização. Um dos motivos da floresta se tornar cada vez mais urbana, foi o aumento no número de cidades que surgiam sem ao menos terem sido acompanhadas por políticas públicas. (CARMO; COSTA, 2019 p. 3962).

Em Ponta de Pedras, na ilha do Marajó, por exemplo, manifestam-se esses conflitos: "atuação de um poder público não muito atuante", pois ao mesmo tempo em que esse espaço mostra-se em disputa, outros processos de ocupação manifestam-se por meio do fazer cultural, histórico e ancestral. Nas mais diversas formas das manifestações da arte e da cultura. São cidades que, na maioria das vezes, passaram a existir no meio de densas florestas, unindo e reunindo diversidades culturais, geografia peculiar, ocupação e povoamento

violentos, que chegam até a atualidade, sendo marcadas pelas desigualdades sociais e ausência de infraestrutura (CARMO; COSTA, 2019).

Partindo dessa lógica, se direitos básicos como saneamento básico, garantia de implementação de políticas públicas de maneira eficaz e um poder público omisso, como pensar nessas pequenas cidades a literatura/leitura como um direito?

Ponta de Pedras é uma das dezessete cidades que compõem o Arquipélago do Marajó, um labirinto de ilhas que desde o período colonial era composta por muitas nações: Aruãns, Saracas, Marauanás, Caiás, Araris, Aanajás, Muanás, Mapuás, Pacajás, entre outras e os batizados como Nheengaíbas, segundo Pacheco (2010). Fala-se de uma cidade ribeirinha, com a economia voltada para o extrativismo.

De acordo com MOREIRA (2013, p22): “[...] Na Região do Estuário do Rio Amazonas (Região que inclui a ilha de Marajó), o açaí movimenta a economia de cidades, gera riquezas e possibilita a apropriação de terras [...]”. Nesse cenário, uma cidade inscreve-se desde a lógica colonial e chega aos dias atuais, como apagamento dos seus povos e uma economia arraigada no extrativismo, e como já sinalizado, com abandono e descaso do poder público.

A ilha de Marajó, por sua vez, hoje é composta por diversas cidades e com complexas expressões da “questão social”.

Segundo o IBGE, até o ano de 2020, tinha cerca de 31.549 habitantes, com o PIB de 6.928,47 R$ em 2018, e o Índice de desenvolvimento humano municipal era de l0,562 em 2010. Sua produção atual é voltada ao extrativismo (colheita e manejo de açaí, pesca e agricultura familiar) e pequenos comércios. Seu principal meio de locomoção para fora da ilha dá-se por via hidroviária, cerca de duas horas de viagem (barcos do tipo lancha, catamarã e balsa, sendo a última mais demorada), em comparação com outras cidades do Marajó, é a mais próxima de Belém.

Figura 1 – Mesorregião do Marajó. Com o município de Ponta de Pedras/PA sendo destacado.
Fonte: IBGE, 2016.

De acordo com o IBGE (2016), a fundação do munícipio deu-se em 1737 junto à criação da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição pelos padres mercedários na aldeia de Muanás. Sendo inicialmente denominada de Mangabeira. No entanto, com a proclamação da Independência, e logo, o novo regime em 1833, e sob a nova divisão da Província do Pará em termos e Comarcas, Ponta de Pedras teve seu território anexo ao território de Cachoeira do Arari. E só em 1877, desmembrou-se de tal território e fora elevado a Vila. Mas houve outra mudança, isso já no governo de Magalhães Barata (período?). Os municípios de Ponta de Pedras e Cachoeira do Arari foram extintos e seus territórios passaram a integrar uma nova unidade autônoma, sendo assim, criando um munícipio, Itaguari (que significa “rio do morador das pedras” ou “rio das barreiras”).

Como outras cidades “A água e a floresta são, assim, elementos marcantes e não ignorados na compreensão dessas cidades.

2. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

O conflito é um fato pelo uso e ocupação dos espaços nas pequenas cidades amazônicas ou na Floresta Urbana Amazônica, é um fato. Pois para Hauradou e Amaral (2019), essa região tem sido apresentada ao mundo como um reduto de ecossistemas,

de espécies de seres que expressam potencial econômico, muito desejado pela lógica mercadológica do capitalismo contemporâneo. Dando palco aos conflitos pelo uso da terra, desse espaço complexo, plural, “labirinto de rios”: “Tais conflitos, ora velados, ora combatidos com brutal violência pelo Estado ou por segmentos da sociedade civil (latifundiários, fazendeiros, grileiros, etc.)” (HAURADOU; AMARAL, 2019, p. 403).

Esse intenso labirinto, também é um labirinto de palavras, com muitos afluentes, braços de rios, igarapés, igapós, Dalcídio Jurandir, Adalmiro Sidônio, Mestre Damasceno, Zezinho Viana, Antonio Juraco Siqueira, Maria José Barros de Almeida, Anne Cavalcante, e tantos outros, rios, homens e mulheres que escrevem ou escreveram, cantam a floresta habitada.

Espaços (in)visíveis como a Academia Ponta-pedrense de Letras (APPL) e seu trabalho na divulgação literária, ou que se entende como o “resguardar as letras ponta-pedrenses e marajoaras”, mostra-se uma outra forma/maneira de uso e ocupação do espaço e nesse caso, um espaço invisível que perpassa pelo campo das ideologias, já que essa instituição ainda não tem espaço físico (um prédio). Mas nem por isso deixa de “ocupar” espaço dentro dessa “disputa” pelo território, indo contra essa lógica da Floresta Amazônica como apenas um “potencial econômico”. E em seu em torno ou com seu apoio, são realizados eventos, saraus, publicações de livros (de importância histórico, social e cultural para a cidade) e salvaguarda da importância das letras marajoaras.

APPL foi fundada em 2020, na cidade de Ponta de Pedras, mas foi antes o embrião de outro movimento embrião de outro projeto:

> A presente academia veio ao longo de quase dezessete anos sendo gestada e planejada dentro da ASPEELPP-DJ (Associação de professores para Estudos e Eventos Literários de Ponta de Pedras - Dalcídio Jurandir), que foi a instituição que tornou possível tal constituição.” (FURTADO; COSTA, 2020).

Logo, essa cidade leitora, apesar de apresentar conflitos (in)visíveis, também demostra um longo percurso pelos caminhos do literário. Desde as primeiras publicações dos romances de Dalcídio Jurandir, denunciando a exploração do homem/mulher marajoara, até a criação de uma academia de letras.

Todavia, essa pequena cidade amazônica que emerge dos conflitos, também tem seus espaços visíveis, como o Espaço Cultural Casa do Poeta (ECCP) e Biblioteca Comunitária da Sabedoria (BCS), em seus encontros; performances literárias (saraus, oficinas de escrita criativa e promoções que tomam ruas e feiras da cidade).

O ECCP se localiza na periferia de Ponta de Pedras, no bairro do Campinho, numa área de várzea. Espaço marcado pela relação do extrativismo e cultivo do açaí, da pesca e com a íntima ligação (geográfica e afetuoso) com o Rio Armazém que lhe corta/banha/toma. Local esse marcado por precariedades, violência e ausência do poder público (sem rede de saneamento básico, iluminação pública precária e outros).

Segundo seu idealizador, M. S. Costa, o espaço foi criado em 2021 e desde então já realizou doze saraus, duas oficinas de escrita criativa e de criação de livros artesanais, além de lançamento de livros. Dando sentido ou recriando o sentido de um espaço marcado pelo conflito, tornando possível sonhar com uma cidade leitora.

A BCS foi idealizada pela jovem ponta-pedrense, Rosineide Seabra, quando ainda cursava ao ensino médio. Segundo ela, dadas as aulas remotas e a dificuldades frente aos impactos da COVID-19, ela sentia dificuldade de estudar num grupo de WhatsApp e ficou imaginando o quanto isso seria difícil para as crianças do seu entorno. Assim, começou a usar o espaço de sua casa para a realização das aulas particulares e posteriormente, para o uso e criação da biblioteca comunitária.

A BCS fica também numa área de várzea, distante dos grandes centros. Imersa dentro dessa realidade objetiva de quem tem dificuldade do acesso ao livro, a leitura e a espaços de emancipação humana. Seu trabalho envolve entre outras atividades, clube de leitura, encontros de doação e troca de livros,além do espaço fixo da biblioteca comunitária onde qualquer pessoa pode ir fazer empréstimos de livros.

3. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Para Oliveira, Oliveira e Santos (2011), o método dialético, na teoria marxista, considera que nenhum fenômeno seja visto como isolado. A cidade de Ponta de Pedras, logo, não cria de forma espontânea suas formas do resistir pela palavra, assim como seu espaço geográfico não entre em disputa fora de uma lógica mercadológica.

Para as autoras, o próprio teórico, Marx, afirma que o homem produz sua história, sua existência e por meio da relação com a natureza, o homem (ser humano) age sobre ela para satisfazer suas necessidades, pois é um ser social. O que liga ao que a idealizadora da Biblioteca da Sabedoria que diante de uma necessidade real (da ausência), o humano age sobre a natureza e cria um espaço

de sociabilidades.

Esta pesquisa bibliográfica foi feita em repositórios de dados de pesquisa usando palavras chaves como “pequenas cidades”, “pequenas cidades amazônicas”, “Ponta de Pedras” entre outras. Na observação participativa nas atividades artísticas literárias na APPL, na BCS e no ECCP, além de entrevista, consultadas e reflexão teórica a partir do método em Marx. Método esse de interpretação que utilizado no desenvolvimento da pesquisa. Com foco nas críticas ao capital e à exploração, ou seja, nas condições de uso e ocupação, como é o caso desta, mediante o avanço do capital nas pequenas cidades amazônicas.

4. RESULTADOS (PARCIAIS OU TOTAIS)

Observou-se um intenso fluxo de saberes nesses processos de resistência. Logo, em torno do emancipatório que nesses casos de manifestação como a arte do literário – a arte do sonhar, escrever e valorização da palavra (escrita, dita e recriada). Tornando possíveis encontros por meio do livro, do acolhimento, da comunicação afetiva (das oralidades, ancestralidades e narrativas que passam a ser contadas, criadas e recriadas).

O conflito estabelecido continua e continuará firme dentro de uma sociedade fundada no capitalismo, mas esses espaços (in)visíveis mostram outros contornos em uso da cidade habitada e em disputa.

Sejam esses espaços, com caráter mais formal, como uma academia de letras, e espaços mais coletivos como o Espaço Cultural Casa do poeta e diálogos intensos como o movimento social (comunitário – quando um bairro fortalece-se para criar uma biblioteca de todos) na Biblioteca da Sabedoria, mostram ser caminhos possíveis de enfretamento e resistência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atividades artísticas realizadas no campo do literário, seja na APPL, seja na BCS ou no ECCP, apresentam-se como os espaços/manifestações de outras formas e maneiras do uso e ocupação da cidade. Cidade esta, marcada por conflitos e interesses. Mas que respira e quer respirar, não apenas ser o “complexo” de uma floresta urbana, mas inscrever na histórica (no campo da disputa) seus anseios. O espaço da APPL, por exemplo, fica numa sala cedida no centro da cidade, num órgão público. Já a BCS e o ECCP são casas particulares de madeira na periferia

da cidade. Cada espaço contendo públicos diferentes, modos e formas diversificadas de trabalhar as performances artísticas e criar formas de resistências, usar, ocupar e transforma esse espaço geográfico, político, social, simbólico em disputa.

REFERÊNCIAS

CARMO, Monique Bruna S. COSTA, Sandra Maria Fonseca da. *OS DIFERENTES URBANOS DO DELTA DO AMAZONAS: UMA ABORDAGEM SOBRE A IMPORTÂNCIA DAS PEQUENAS CIDADES.* v. 1 (2019): Anais do XVI SIMPURB. 2019. https://periodicos.ufes.br/simpurb2019/article/view/25939/19707.

MOREIRA. B. H. C. *"ESTUDO DE COMUNIDADES RIBEIRINHAS NO MUNICÍPIO DE PONTA DE PEDRAS, PARÁ: REDES SOCIAIS ENTRE O URBANO E O RURAL E PROPRIEDADE DA TERRA".* São José dos Campos, SP. 2013.

OLIVEIRA, Natália Cristina de. OLIVEIRA, Luiz Antônio de. SANTOS, João Marcos Vitorino dos. *O MATERIALISMO HISTÓRICO E SUAS CATEGORIAS DE ANÁLISE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES*. 2011.

HAURADOU, Gladson Rosas; AMARAL, Maria Virginia Borges. *MINERAÇÃO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA:* aspectos da presença e avanço do capital na região. Revista de Políticas Públicas da UFMA, v. 23, p. 402-420, 2019.

FURTADO, Jonas. COSTA, Marcos Samuel. *I Antologia literária da APPL.* Ed. Folheando, Belém, 2020.

OS BTMs E O ADVENTO DA PANDEMIA[1]

BTMs AND THE ADVENT OF THE PANDEMIC

BTM Y EL VENIMIENTO DE LA PANDEMIA

Euclides Barbosa Moreira Neto[2]

RESUMO – Análises e relato de como os grupos da manifestação cultural Blocos Tradicionais do Maranhão (BTMs) se relacionaram e enfrentaram o período mais atuante da chamada pandemia da corona vírus 19, o qual atingiu todo o planeta de forma avassaladora. Este artigo usou como principal motivação investigativa os depoimentos dos gestores, praticantes e produtores dos grupos BTMs referentes à crise de relacionamento com os Órgãos dos poderes públicos locais e a tese de tribos urbanas defendidas nos estudos de Michel Maffesoli convergindo para o conceito de aura aplicada no campo cultural. Desse modo expõem-se os conflitos existentes no campo da cultura popular na região metropolitana da capital maranhense, São Luís.

Palavras chave: Blocos Tradicionais do Maranhão; Carnaval; Gestão Cultural e Pandemia.

Abstract: Analysis and report on how the groups of the cultural manifestation Blocos Tradicionais do Maranhão (BTMs) related to and faced the most active period of the so-called corona virus 19 pandemic, which reached the entire planet in an overwhelming way. This article used as its main investigative motivation the testimonials of managers, practitioners and producers of BTM groups referring to the relationship crisis with local public authorities and the thesis of urban tribes defended in Michel Maffesoli's studies converging to the concept of aura applied in the cultural field. In this way, existing conflicts in the field of popular culture in the metropolitan region of the capital of Maranhão, São Luís, are exposed.

Keywords: Traditional Blocks of Maranhão, Carnival, Cultural Management and Pandemic.

Resumen: Análisis y reportaje sobre cómo los grupos de la manifestación cultural Blocos Tradicionais do Maranhão (BTMs) se relacionaron y enfrentaron el período más activo de la llamada pandemia del coronavirus 19, que llegó de

[1] Trabalho apresentado como conclusão da disciplina “Topicos Especiais” (ministrada pelos Professores Doutores Edgar Chagas Júnior, Paulo Nunes e Vânia Maria Torres Costa) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no primeiro período de 2023.

[2] Mestre em Comunicação (MINTER:UFF-UFMA-UNIVIMA); doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura (UNAMA); Email: euclidesbmn@gmail.com; Orcid: http://lattes.cnpq.br/1050807927658848

manera abrumadora a todo el planeta. Este artículo utilizó como principal motivación investigativa los testimonios de directivos, profesionales y productores de grupos BTM que se refieren a la crisis de relación con las autoridades públicas locales y las tesis de las tribus urbanas defendidas en los estudios de Michel Maffesoli convergiendo al concepto de aura aplicado en el campo cultural. . De esta manera, se exponen los conflictos existentes en el ámbito de la cultura popular en la región metropolitana de la capital de Maranhão, São Luís.

Palabras clave: Bloques Tradicionales de Maranhão, Carnaval, Gestión Cultural y Pandemia

1. INTRODUÇÃO

Antes de concluir a investigação SOBRE OS Blocos Tradicionais do Maranhão (BTMs) surgiu um fenômeno que atingiu todo o planeta de forma avassaladora – a pandemia da corona vírus 19. Esse fato constitui-se em uma espécie de catástrofe que afetou não somente a cidade de São Luís, mas todos os lugares do mundo, o que provocou a decretação de medidas restritivas por parte das autoridades constituídas, incluindo inclusive a proibição de eventos comunitários e culturais, causando grandes transtornos na sociabilidade dos BTMs e demais grupos socioculturais da região.

Foi um período nebuloso que afetou não somente os grupos culturais, mas todos os cidadãos que tiveram que adequar-se a novas práticas de convivência comunitária, sanitária, trabalhista e sociais. Essas práticas restritivas deixaram marcas que ainda não foram totalmente mensuradas pelos agentes sociais atingidos, mas já é possível elencar uma série de medidas desenvolvidas a partir do período que foi decretada oficialmente o estado de pandemia pela Organização Mundial de Saúde.

Além disso, antes mesmo da decretação oficial da pandemia a rede criativa dos BTMs entrou em rota de colisão por causa dos resultados dos concursos oficiais ocorridos nos últimos anos na capital maranhense (2009 a 2019, especialmente), que segundo afirmações dos gestores dos grupos filiados a Academia dos Blocos Tradicionais do Estado do Maranhão e da Associação Maranhense de Blocos Carnavalescos estava a haver uma prática de

favorecimento a determinados segmentos desta categoria, agravada por denúncias de que havia inclusive a cumplicidade protetora de órgãos públicos com a participação de dirigentes desses equipamentos da estrutura oficial e de parte de gestores dos grupos culturais.

2. PRÁTICAS OBSCURAS DO CAMPO CARNAVALESCO

As reclamações dos coordenadores descontentes e significativa parcela dos participantes dos grupos BTMs eram relacionadas às comissões Julgadoras, que, segundo os reclamantes, havia membros convocados de forma mal intencionadas para prejudicar determinados grupos (geralmente aqueles grupos considerados de ponta que já tinham reconhecimento e legitimidades para conquistar premiações) e da mesma forma em uma espécie de mão contrária esses integrantes do júri de forma “infiltrada” beneficiavam determinados BTMs, ou seja, antes do(s) desfile(s) e da abertura dos envelopes com as referidas notas em julgamento já se sabia quem iria ganhar o concurso de carnaval local para esse segmento.

A situação nesse período que antecedeu a pandemia era tão gritante com insatisfações da maioria dos grupos que na última temporada carnavalesca antes da decretação oficial da pandemia, os desfiles dos BTMs foram divididos em dois circuitos: um desfilou na estrutura da Passarela do Samba montada pela Prefeitura de São Luís, e, outra, que foi composta pela maioria dos grupos que desfilou em outro espaço alternativo, no bairro do Monte Castelo. Resultado: o carnaval de 2020 para a categoria dos BTMs - conforme os estudos de Benjamim (1986) e Mafesoli (2010) - foi considerado um fracasso nos dois circuitos – tanto no oficial quanto no alternativo – sem a “aura” mágica da competição que faz os participantes, gestores e apreciadores se envolver na construção fantasiosa proporcionada pelos desfiles carnavalescos.

Para piorar a situação, os desfiles foram prejudicados por fortes chuvas que afastaram ainda mais o público apreciador dos referidos desfiles, como pontua o jornalista, produtor cultural e pesquisador Joel Jacinto:

> O Carnaval de Passarela no ano de 2020, o último da administração do Prefeito Edivaldo Holanda Junior, também foi cercado de uma nova crise, onde grande parte dos Blocos Tradicionais dos grupos A e B, disseram não ao concurso oficial de passarela, preferindo por um desfile alternativo no bairro do Monte Castelo, puxado pelo empresário Juninho Loung e o deputado Adriano Sarney. Esgotadas todas as discussões entre as entidades representativas (Associação e Academia de Blocos Tradicionais) os grupos não concordaram com a proposta de ajuda financeira e a não participação da escolha dos jurados por parte da Prefeitura de São Luís, via Secretaria de Cultura do Município. Com apenas 10 (dez) Blocos Tradicionais dos Grupos A e B, o concurso de passarela ocorreu no sábado gordo de carnaval. E a sexta-feira, foi ocupada por trios e grupos de samba convidados, fato que até então não tinha ocorrido na história da Passarela do Samba". (JACINTO, depoimento concedido em 17.12.2022 e enviado por Whatsapp).

O pesquisador Jacinto destaca ainda que os grupos estavam insatisfeito também com a ajuda oficial da Prefeitura de São Luís, fato que agravou ainda mais a situação, além disso, percebe-se que houve também ingerência de interesses políticos e o Circuito alternativo teve o apoio promocional de um empresário e do político Adriano Sarney, pertencente ao clã oligarca da família Sarney, que comanda os destinos políticos do Estado do Maranhão há cerca e cinco décadas. Até aquele ano, os desfiles dos BTMs ocorriam em dois dias distintos, sendo que o grupo B desfilava na sexta feira e o grupo A, que reúne os principais grupos, desfila no sábado.

Veja quem participou do Concurso Oficial de Passarela 2020, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura, em uma única noite, no sábado, 22.02.2022 ao contrário de duas noites como era a prática dos últimos anos. **Desfile dos Blocos Tradicionais do Grupo B:** 19h30 às 19h50 – Alegria do Ritmo; 19h55 às 20h15 – Tradicionais do Ritmo; 20h20 às 20h40 – Os Fanáticos do Ritmo; 20h45 às 21h05 – Os Indomáveis; 21h10 às 21h30 – Os Guerreiros do Ritmo; 21h35 às 21h55 – Dragões da Liberdade; e **Desfile dos Blocos Tradicionais do Grupo A:** 22h00 às 22h20 – APAE (não concorre); 22h25 às 22h45 – Vinagreira Show; 22h50 às 23h10 – Tropicais do Ritmo; e 23h15 às 23h35 – Os Apaixonados.

Sobre a manipulação do resultado dos desfiles, motivos do descontentamento de significativa parcela dos atores envolvidos com a categoria

BTM são pertinentes observar o que diz parte dos organizadores e brincantes dessa categoria:

> "Falando a respeito do Carnaval do Maranhão na categoria de blocos tradicionais episódio do ano de 2020, onde 25 agremiações deixaram de participar do concurso oficial da Prefeitura Municipal de São Luís, devido a irregularidades e manipulações de jurados de quem administrava na época o concurso" (ARAÚJO, Raimundo Melo. Presidente Bloco Tradicional "Os Tremendões". Enviado por Whatsapp, em 19.12.2022)
>
> "No carnaval de 2020, os Blocos Tradicionais em sua maioria, tanto do grupo A como do grupo B, filiados a Academia de Blocos e a Associação Maranhense de Blocos resolveram não participar do concurso. Por que essa situação chegou a esse ponto? Porque nos anos anteriores devido a Produtora contratada pela SECULT que tinha uma ligação muito próxima com um grupo BTM e ela estava inclusive escolhendo os jurados, fazendo pagamentos desses jurados, construindo a passarela e fazendo esquema para beneficiar os amigos,,,, todo mundo sabia disso. Então nós resolvemos não participar do concurso, mas queríamos participar do desfile de forma "hors concurs[3]", mostrando nosso trabalho, mas a Prefeitura de são Luís, mediante o Secretario Marlon Botão não aceitou. Isso aí foi chegado até o Ministério Público. Então resolvemos fazer o nosso próprio desfile no bairro do Monte Castelo com apoio de amigos e outras pessoas que ajudaram" (SALAIA, Paulo. Presidente do BTM "Os Feras". Enviado por Whatsapp, em 19.12.2022).
>
> "Nós estávamos insatisfeitos com algumas coisas que estava acontecendo
>
> ( ). Não queríamos que a empresa contratada não estivesse mais à frente da organização do concurso e o Secretario Marlon Botão não nos deu ouvido. Então resolvemos não desfilar na passarela, pois estava na cara a manipulação que era feita. Todo mundo sabia dos favorecimentos. (...) E aconteceu de a gente não ir. Recebemos um convite para desfilar no Monte Castelo e resolvemos ir e dá o troco e fizemos o nosso carnaval diferenciado. Nós queríamos mostrar que tínhamos força e conseguimos e a passarela ficou esvaziada. Agora em 2023 vamos voltar a Passarela e vamos fazer bonito como sempre, sem os vícios de armações". (FONTINELLE, Silvana. Presidente do BTM "Os Brasinhas". Enviado por Whatsapp, em 19.12.2022).

Tentando compreender melhor essa situação, os depoimentos dos depoentes são muito cautelosos e praticamente todos evitam falar o nome da Produtora contratada pela Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São

[3] *Hors concours* é uma expressão de origem francesa, que **significa literalmente "fora do concurso"** ou "fora de competição" na tradução para a língua portuguesa. (...) Na língua portuguesa, o sentido atribuído para esta expressão francesa poderia ser traduzido como "fora de série", por exemplo. (https://www.significados.com.br/hors-concours/ - consultado em 20.12.2022).

Luís, como também evitam falar o nome do empresário que responde pela referida Produtora e o nome do possivel grupo BTM que era favorecido. Isso demonstra uma preocupação ética para evitar possivel questionamento judicial[4] e/ou a exposição dos autores junto ao campo de atuação.

Na verdade, o grupo que seria o beneficiário trata-se do BTM “Os Apaixonados”, um dos grupos mais novos do campo de atuação dos BTMs e que teve uma ascensão vertiginosa ganhando quase todos os concursos que participou e o empresario ligado a Produtora trata-se Carlinhos Janot, que já havia sido integrante do referido BTM e mantém vínculo de amizade muito forte com a diretoria de “Os Apaixonados”.

Sem entrar no mérito das denuncias e descontantamento dos demais integrantes dos BTMs, que estavam insatisfeitos e prevendo possivel manipulação dos resultados, “Os Apaixonados” tem tido uma atuação exemplar nesse campo cultural, apresentando ações de sustentabilidade inovadora e que garante ao núcleo social ligado ao referido grupo uma qualidade impressionante e, por conseguinte, vitoriosa, fato este que deixam uma pulga atras da orelha nas direções dos demais grupos. “Os apaixonados” tem a coordenação geral de Flávio Nycolas, um jovem empresário que dá sua versão sobre a crise ocorrida em 2020 e a trajetória do seu grupo cultural – BTM “Os apaixonados”:

> “A árvore só é vista quando dá frutos! Enquanto éramos apenas sementes, não éramos concorrência para os veteranos dos blocos tradicionais. Não me causa espanto, essa onda de descontentamento, de quem faz carnaval a anos, perder título para quem é “novo” no ramo. Desde que decidi me envolver nessa cultura genuína, sempre me propus a fazer o melhor, dentro das minhas possibilidades. Observando meu histórico dentro da passarela, em nosso primeiro ano de desfile, passamos incompletos, ali pagamos o preço da inexperiência. (...) Todos sabemos que o valor do prêmio de campeão é simbólico diante do gasto com a fantasia de passarela. (...) As coisas mudam o tempo todo, e nem sempre a experiência vence a ousadia. (...) As críticas sempre irão existir, pois cada um

[4] Durante o levantamento de dados para fundamentar esta estapa desta investigação, o Coordenador do BTM “Os Apaixonados”, Flávio Nycolas, informa que interpelou judicialmente o Jornalista e Produtor Cultural William Moraes Correa, da diretoria do BTM “Os Foliões”, tendo o mesmo obrigado a se retratar publicamente com pedido de desculpas e a pagar indenização de R$ 2.000,00 (dois mil reais) de cunho moral, por faltas acusações de que o mesmo estaria envolvido com supostas manipulações dos resultados do concurso oficiais da Prefeitura de São Luís. Este fato é visto como a cautela dos depoentes em falar sobre a crise ocorrida na temporada carnavalesca de 2020, evitando em citar os nomes da Produtora contratada pela SECULT/Prefeitura de São Luís, bem como mencionar o nome do empresário responsável pela referida Produtora e do eventual BTM que seria favorecido naquele episódio.

> defende seu lado. (...) (NYCOLAS, Depoimento enviado por Whatsapp, em 20.12.2022).

Sobre a recusa da direção da SECULT em não acolher as reivindicações dos demais grupos BTMs em não desfilar concorrendo, ou seja, passar de maneira “hors concours” foi decisão de foro íntimo de quem estava à frente daquele equipamento oficial. Se essa situação foi falta de habilidade do Secretário Municipal de Cultura à época em negociar ou não negociar, cabe uma melhor análise dos atores envolvidos. (...) Com os fatos consumados em relação ao desfile dos BTMs no ano de 2020, o resultado oficial dos dois grupos que teve apenas dez grupos desfilantes, não confirmou o favorecimento ao BTM “Os Apaixonados”, considerando que o tão sonhado título não se concretizou naquele ano. Segue a classificação final do desfile oficial para a categoria BTM na Passarela do Samba, conforme resultado divulgado pela Prefeitura de São Luís - **BTMs RESULTADO DO CARNAVAL 2020/Grupo A:** 1.º Tropicais do Ritmo; 2.º Os Apaixonados**;** 3.º Vinagreira Show**;** 4.º Os Baratas; e **Grupo B:** 1.º Os Indomáveis**;** 2.º Os Fanáticos do Ritmo**;** 3.º Os Guerreiros do Ritmo.

Com um tema em homenagem à Companhia Barrica, o Bloco Tradicional “Tropicais do Ritmo”, do bairro São Cristóvão, foi eleito o campeão do Grupo A do Carnaval 2020 da Passarela do Samba. O segundo lugar foi para o grupo “Os Apaixonados”, seguido por “Vinagreira Show” e “Os Baratas”. No Grupo B, o campeão foi o Bloco Tradicional “Os Indomáveis”, do bairro Liberdade. O segundo colocado foi “Os Fanáticos do Ritmo”, e em terceiro o grupo “Os Guerreiros do Ritmo”. Os três grupos com as melhores notas conseguiram acesso ao grupo A.

3. OFICIALIZACÃO DA PANDEMIA E A DINÂMICA DOS GESTORES

No mês de março de 2020, após a temporada carnavalesca, a OMS decreta a gravidade da pandemia, que é seguida pelo governo brasileiro. Com essa medida estava oficialmente instalado um período de restrições – conforme Santos (2010), no seu estudo “A Teoria da dependência” e a visão etnopoética de Paes Loureiro (2015) - e com ela todas as atividades do campo cultural foram suspensas, prejudicando a dinâmica social, cultural, econômica, política e pessoal de todos os extratos sociais da região, gerando fortes debates sobre

essas restrições e cuidados recomendados pelas autoridades do campo da saúde nos níveis municipal, estadual e federativo, gerando também fortes discussões favoráveis e contrárias sobre a pandemia e semeando um desastroso período de incertezas.

Essa situação agrava-se por um período de pelo menos dois anos em meio e nesse contexto, vários grupos inviabilizaram sua continuidade, inclusive muitos gestores e participantes dos BTMs, assim como de outras manifestações culturais, foram vitimas da Corona vírus 19, fato que prejudicou ainda mais os grupos com característica familiar e aqueles que não estavam devidamente estruturados como empresa jurídica.

Para se avaliar melhor por um parâmetro de como essa situação prejudicou esse segmento, no ano de 2019 no concurso oficial da categoria BTM, 19 BTMs participaram do concurso oficial, no grupo A e 15 BTMs participaram do concurso no grupo B, totalizando 34 grupos que desfilaram em dois dias, como era a prática desenvolvida dos últimos dez anos nos concursos oficiais promovidos pela Prefeitura da cidade e com todos os requisitos de uma competição disputadas de maneira lícita, onde os perdedores reclamavam e os vencedores comemoravam entusiasticamente, sem a mácula da prática da roubalheira descarada.

Em 2020 com a crise estabelecida entre os grupos e a Prefeitura de São Luís, a Passarela do Samba contou somente com 6 BTMs no grupo B e 4 BTMs no grupo A, totalizando 10 BTMs, que desfilaram em um único dia, no sábado, enquanto no circuito alternativo, que também ocorreu somente no sábado, desfilaram os outros grupos que não foram para o circuito oficial sem especificar quem era grupo A ou grupo B. Antes da decisão da maioria dos BTMs em não ir para a Passarela do Samba, no sorteio prévio da ordem dos desfiles promovido pelas entidades que representam o segmento, o grupo A contou com 15 BTMs e o grupo B contou com 17 BTMs.

Ainda sobre essa situação ocorrida em 2020, o Jornalista, Pesquisador e Produtor Cultural William Moraes Correa, que, inclusive teria sido questionado judicialmente pelo Presidente do BTM “Os Apaixonados”, Flávio Nycolas, por

suas posturas de acusar por meio de ilações, sem comprovar as referidas denúncias, dá sua versão sobre a crise que essa categoria vivenciou naquele período, evitando, também, em citar nome, pois, segundo as informações, ele teria sido intimado a se retratar publicamente. Diz William em depoimento enviado pelo Whatsapp:

> "O ano de 2020 foi marcado pela união dos maiores Blocos Tracionais do carnaval maranhense em prol de um bem comum. Um feito inédito, pois junto conseguimos ajudar a tirar da Secretaria Municipal de Cultura uma verdadeira máfia cultural que se apossou não somente das decisões e recursos públicos como também manipulou os resultados dos concursos de passarela. O importante de tudo isso não foi a criação do circuito do Monte Castelo, mas a união dos grupos por um mesmo objetivo. Inadmissível toda a montagem do desfile, construção da passarela, escolha e pagamento dos jurados ficar sob responsabilidade do coordenador de um grupo que participava do concurso e que foi beneficiado por quatro anos em que essa mesma pessoa esteve á frente da organização. O resultado dessa iniciativa corajosa foi o esvaziamento e fracasso o desfile de passarela, situação que foi ainda mais agravada pela existência de dois grandes circuitos de blocos de trio, coordenados pelo Governo do Estado, que "esmagaram" a programação do Anel Viário. Além do principal, que foi desmontar a equipe que manipulava os resultados do desfile de passarela e enfraquecer aquela desastrosa administração da Secult." (CORRÊA, William Moraes. Depoimento enviado por Whatsapp, em 26.12.2022).

Essa afirmação de Moraes Corrêa pode ser vista pelos estudiosos do carnaval maranhense como política pública que beneficiou o modelo de "Carnaval de Trios", amplamente difundido pela cultura baiana e que nos últimos anos foi muito naturalizado pelo chamado carnaval fora de época, e que, necessáriamente, contrata grupos consolidados pela indústria consumo ligados à massificação cultural de produtos importados de outras regiões, em detrimento aos grupos da cultura popular local.

Desse modo, os dois circuitos mencionados pelo depoente William Moraes Corrêa refere-se aos Circuitos da Beira Mar (localizado ao lado da antiga sede da Rede Ferroviária Federal S/A – RFFSA) e o Circuito do Anel Viário, deixando a Passarela do Samba no meio de ambos, que com a crise dos BTMs e o não acolhimento do gestor da SECULT em não aceitar a proposta dos grupos dessa categoria em desfilar de modo "hors concours", teve como consequência o esvasiamento da referida Passarela do Samba nos dias em que os BTMs

deveriam ter desfilado, ou seja, sexta e sábado, antes dos desfiles das Escolas de Samba que ocorrem no domingo e segunda feira de carnaval.

Essa crise evidenciou também uma série de hispoteses por parte dos críticos do carnaval local, que recorrentemente emitem acusações equivocadas de que grande parte das manifestações do culturais do ciclo momesco desenvolvem práticas – de modo mal feitas - de copiar os modelos hegemônicos de carnaval desenvolvido nos grandes centros difusores da cultura brasileira, especialmente os grupos de Escolas de Samba. Com isso ganharam força as hipoteses de que os governos estadual e municipal queriam enfraquecer e/ou até acabar com os concursos carnavalescos.

Com essa postura das autoridades, evidenciavam-se as hipoteses de que os poderes públicos constituídos do Maranhão e da cidade de São Luís queriam enfraquecer os concursos carnavalescos locais para direcionar seus investimentos em outros focos contraturais, assim, ganhavam forças as teses de que de um lado estava o Governo do Estado, que era bem simpático à contratação de grupos de fora do Maranhão e cujos valores eram muitos superiores aos investimentos dos grupos locais, considerando que essas contratações estavam embutidas despesas de passagens aéreas, hospedagem, alimentação, translado interno, seguranças, pagamentos adiantados de cachês contratados, etc; e de outro lado, estava a Prefeitura de São Luís, que, naquela época, era gerenciada por um Prefeito que professava a religião evangélica e nunca fora aos desfiles oficiais promovidos pela SECULT, na citada Passarela do Samba.

Aquela situação ocorrida no desfile de 2020 verificou-se que o desfile não teve a “aura” mágica que caracterizam as competições, portanto, naquele circuito alternativo os desfiles foram considerados desinteressantes, agravados pelo fato de não haver uma infraestrutura adequada, comprometido pela fraca iluminação, serviços complementares de segurança, gastronomia, banheiro químicos, decoração, cadeiras/arquibancadas, entre outros, lembrando ainda que a categoria já estava com muitas baixas em relação ao ano de 2012, quando naquela época foram registrados 49 grupos de BTMs na região metropolitana de São Luís.

Ressalta-se também que o circuito alternativo desenvolvido em 2020 teve ainda a ingerência de interesse políticos partidários por parte de lideranças pertencentes ao grupo opositor que estava no poder municipal. Assim, os participantes da categoria do campo carnavalesco puderam vivenciar o fenômeno classificado de “proxemia”, quando ficaram estabelecidas as distâncias emocionais que ocorrem entre as pessoas que interagem entre si, como cita Maffesoli (2010) na sua reflexão sobre tribos urbanas.

Nos anos seguintes 2021 e 2022 cidade de São Luís não realizou os concursos carnavalescos sob a alegação que ainda se atravessava o período da pandemia da corona vírus 19. (...) Enquanto essa aura de incertezas era contaminada por expectativas frustradas, os mesmos órgãos públicos moviam suas atividades contratando artistas e grupos culturais considerados “estrelas globais” por altos cachês, pagos adiantados e cheios de regalias contratuais. Tudo isso se transforma em um campo de energia negativo junto aos segmentos populacionais interessados nessa atividade cultural e segundo Paes Loureiro (2015) desconstroe uma prática que era pulsante para as manifestações tradicionais da região amazônica.

A aura negativa citada por este investigador pode se assemelhar a gritaria recorrente junto aos organizadores dos diversos grupos culturais das regiões norte e nordeste que dependem do auxílio financeiro público, que reforça a teoria da dependência, e, que quase sempre não corresponde às expectativas esperadas pelos agentes socioculturais que sonham um dia poder trabalhar com mais folga ao comparar os preços dos materiais disponibilizados no comércio local e a quantia concedida para auxiliar a produção artística dos grupos. (...) Vale ressaltar inclusive, que os grupos BTMs surgiram em meio às famílias ricas, detentora de poses, portanto, sem os vínculos diretos com as práticas afros descendentes com exceção ao ritmo e à sua batucada, que evidentemente é a característica mais próxima e visível desta teoria, embora na atualidade, em 2022, a manutenção desses grupos ocorre nas regiões periféricas à partir de diversas hibridizações e naturalizações que transferiu para o povo pobre e negro essa atividade cultural ocorrida ao longo do tempo, especialmente, nos últimos 50 anos, quando o mundo sofreu uma progressiva transformação no paradigma de relacionamento social.

Nesse período de pandemia e da pós-pandemia essas transformações demonstram que os grupos que sobreviveram aos momentos de catástrofes ainda sonham e tentam interagir entre si, como desenvolveram as práticas dos povos aborígenes (australianos) que se conectam com a magia de um “tempo de sonhos”, através da dança, da musicalidade e da indumentária, portanto, nessa parte da região meio norte do Brasil, essas marcas são simbólicas e iconograficamente respaldadas pelos valores identitários maranhenses construídos cotidianamente.

4. RETORMADA DA FESTA CARNAVALESCA

Em dezembro de 2022, a SECULT/Prefeitura de São Luís lança o edital para o canraval 2023 já com muito atraso. O referido edital convoca todas as manifestações envolvidas com o desenvolvimento do carnaval a se inscreverem no período de 19 de dezembro/2022 a 8 de janeiro/2023 para receber o apoio oficial do Poder Público Municipal, fato que deixou a quase totalidade dos segmentos da cadeia produtiva do carnaval bastante frustados, especialmente pelos valores financeiros anunciados e pela falta de tempo para a produção artística dos grupos interessados.

Abaixo segue parte do Edital de Credenciamento nº 09/2022 para o Carnaval 2023 – SECULT (Regulamento para seleção pública de propostas de atrações artísticas para o carnaval 2023) convocando os grupos da cadeia produtiva do Carnaval a ser desenvolvido pela Prefeitura de São Luís:

> “A PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUÍS, através da SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA – SECULT, órgão gestor da política cultural, no uso de suas atribuições legais, torna público para conhecimento dos interessados, exclusivamente PESSOAS JURÍDICAS, o presente Regulamento para inscrição, seleção e contratação de Propostas de Atrações Artísticas, para compor a programação do Pré-Carnaval e do Carnaval 2023, promovidos e/ou apoiados pela Secretaria, com o objetivo de democratizar, diversificar, descentralizar e dar transparência, conforme o que segue: 1. DO OBJETO 1.1 Constituem objeto deste Regulamento a inscrição e contratação de atrações artísticas com espetáculos característicos do período pré-carnavalesco e carnavalesco, inseridos nas seguintes categorias: 1.1.2 Agremiações Carnavalescas - criações coletivas de comunidades, fundadas na tradição, com figurino e adereços próprios, sendo estas: Bloco Tradicional, Bloco Organizado, Escola de Samba, Bloco Afro, Alegoria de Rua, Tribo de Índio, Turma de Samba, Tambor de Crioula e Bloco Alternativo”. (PREFEITURA DE SÃO LUÍS - https://www.saoluis.ma.gov.br. – Consultado em 23.12.2022).

Sobre o referido Edital de convocação para o carnaval de 2023, a Liga

das Escolas de Samba e demais Agremiações Artísticas, Folclóricas e Culturais do Estado do Maranhão emitiu Nota de Repúdio, sintetisando de forma objetiva o descontentamento dos gestores dos grupos carnavalescos da capital maranhense. Ei-la:

> Nota de Repúdio ao Edital de Credenciamento N° 09/2022 para o Carnaval 2023 – Secretaria Municipal de Cultura de São Luís / SECULT de 14 de Dezembro de 2022. O Colegiado das Escolas de Samba do Estado do Maranhão - Liga das Escolas de Samba – LIESMA, por meio dessa nota, vem repudiar veemente as normativas do Edital de Carnaval 2023 lançado pela Prefeitura de São Luís / Secretária Municipal de Cultura – SECULT, que vem determinar o valor irrisório de R$ 75.000,00 (setenta e cinco mil reais) para o segmento das Escolas de Samba, demostrando assim um ato impertenente de desvalorização das manifestações culturais carnavalescas, visto que por dois anos não vem acontecendo as programações carnavalescas e montagens da Passarela do Samba, de responsabilidade da PMSL.(...) São Luís, 19 de dezembro de 2022. Colegiado das Escolas de Samba do Maranhão / LIESMA.

Com relação aos BTMs outro fato acirrou ainda mais o descontentamento dos grupos dessa categoria: trata-se da exigência de que os grupos apresentem o desenho da fantasia que será apresentada no canaval de 2023. Esse fato foi amplamente refutado por todos os grupos considerando que a fantasia desde o início da sua criação só é revelada no dia do batizado do grupo, que, normalmente ocorre antes do desfile oficial, no dia do referido desfile competitivo, na Passarela do Samba, como ressalta Paulo Salaia (Paulinho Feras):

> (...) a Prefeitura de São Luís, no credenciamento do carnaval está pedindo a cópia do figurino que nós vamos apresentar no desfile. Isso não existe. Isso é uma tradição desde a década de 1930 (...) as fantasias dos Blocos Tradicionais são segredo de estado. Só são apresentadas no dia do desfile. Ninguém tem que saber quais as fantasias dos outros. Eles estão pedindo. Cara isso não existe.
> (SALAIA, Paulo. Mensagem enviada por Whatssap, em 22.12.2022).

Após ampla divulgação dessas informações nas redes sociais e na imprensa local, partes dos representantes de agremiações carnavalescas questionam o edital da Prefeitura de São Luís para o carnaval 2023. Desde que foi lançado, o edital de credenciamento número 09 de 2022 para o carnaval 2023 – da Secretaria Municipal de Cultura de São Luís/SECULT - tem levantado questionamentos e reclamações a cerca de seu conteúdo por parte de representantes das entidades que integram esse processo. Este é o caso da presidente do BTM “Os Brasinhas”, Silvana Fontinelle, que comenta:

> (...) Nós temos muito cuidados, muito cuidado mesmo, pedimos as costureiras quando vão fazer as fantasias para não vazar, nem divulgar..... pedimos aos componentes para não mostrar, nem comentar, Isso é um ponto que até a gente tenta segurar. Essa revelaçao não tem como, isso é inadimissivel." (FONTINELLE, Silvana. Depoimento concedido ao Jornal Rádio Universidade, da Rádio Universidade FM, 106,9, divulgado em 23.12.2022).

O que existe, segundo os representantes, dessas agremiações é uma tradição que se perpetua desde o início da década de 30, quando esses blocos foram criados no maranhão. Desde então, o novo figurino só é apresentado durante o desfile oficial.

> "Na verdade esse edital foi imposto lamentavelmente e mais uma vez o Prefeito que eu ajudei a eleger, juntamente com outras pessoas, lança um edital que não foi feita nenhuma discussão. Seria bom que todos os Presidentes de grupos não fossem participar, ninguém ir.... assim, nós deviamos deixar o carnaval da Prefeitura pra lá e iamos fazer o carnaval do Estado. Dessa forma, não tem condições. Inclusive, eu falei pra ele..... qual seria a deles, chamar a gente e discutir, depois apresentava uma proposta (...) Assim que se faz. Depois o Prefeito diria se dá pra fazer ou não dá pra fazer. Era mais decente". (SANTANA, Basa. Depoimento concedido ao Jornal Rádio Universidade, da Rádio Universidade FM, 106,9, divulgado em 23.12.2022).

Para a categoria dos BTMs o Edital da Prefeitura de São Luís preve dois tipos de aporte financeiro: O primeiro para os integrantes do gurpo A, no valor de R$ 15.000,00 (quinze mil reais) e o segundo aporte é para os integrantes do grupo B, no valor de R$ 12.000,00 (doze mil reais) (...). Brasa Santana, Presidente da AMBC, chama atenção ainda para a questão do apoio a cultura local com foco na Cadeia Produtiva da Cultura e do Turismo, afirmando que:

> "Em todo lugar do Brasil, o carnaval é feito de forma diferenciada, seja no Rio de Janeiro, São Paulo ou Salvador..... todos esses lugares apoiam as manifestações culturais locais com um bom investimento. No carnaval a cadeia produtiva é imensa, é dinheiro pra cidade e é dinheiro pro Estado quando há um planejamento daquelas festas, daqueles eventos". (SANTANA, Basa. Depoimento concedido ao Jornal Rádio Universidade, da Rádio Universidade FM, 106,9, divulgado em 23.12.2022).

(...) O jogo de cena mencionado envolve um vasto cenario de interesses que as vezes parece ser impossivel a convivência dos grupos no mesmo campo de atuação, pois enquanto de um lado ouve-se as queixas que os poderes constituídos tentam enfraquecer os concursos oficiais para implementar ações de cunho corporativos que atendem a interesses privados, camuflado de apelos

da maioria da população; de outro lado as escolas de samba lutam para manter a estrutura da Passarela do Samba configurada para receber os grandiosos desfiles competitivos, enquanto parte dos BTMs, por meio de sua Associação num modelo de carnaval de rua, sem o glamour das estrutura fisica que acolha o público de modo mais seguro e confortável.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, o segmento carnavalesco da região metropolitana da capital maranhense, sobretudo os BTMs, tenta sobreviver e resistir às dificuldades impostas pela falta de recursos financeiros e de políticas públicas claras que possam revigorar a categoria enquanto manifestação identitária do povo marnahense, não se esquecendo de que as relações conflitantes entre as manifestações genuinas, tradicionais e as novas práticas empreendedoras de ações sociocomunitárias vão continuar a ocupar espaços privilegiados dentro das proposições daqueles que comandam os destinos gestores de qualquer nação, gerando relação de dominação-subordinação que possui aspectos bastante complexos.

Vários fatores não analisados neste estudo também influenciaram de forma determinante a execução das atividades relacionadas com o ciclo carnavalesco na capital maranhense, entre os quais as disputas de poder desenvolvidas pelos gestores governamentais do município e do governo estadual, que, neste caso, são atores antagônicos, portanto, integrantes de grupos partidários que estão no comando dos poderes de ambas as esferas políticas.

Enquanto de um lado, o poder estadual promove os chamados circuitos alternativos de festas carnavalescas, trazendo “atrações nacionais” envolvem altos valores financeiros e que requerem o pagamento antecipado de cachês previamente contratados, de outro lado, o poder municipal apoia e executa a montagem da estrutura considerada tradicional para os concursos oficiais dos diversos grupos locais, além de promover ações junto aos núcleos periféricos, os quais, quase sempre são indicados por aliados políticos, sem obter a mesma repercussão de audiência massiva daquela praticada pelo governo estadual (...) que põe em risco a própria continuidade dos referidos concursos. Todo esse cenário oferece a oportunidade para que os agentes socioculturais interessados

possam estabelecer avaliações de como essas práticas serão mantidas num futuro próximo, ou aquele concreto fortificado propiciado pela aura tribal urbana estará fadada ao declínio total e, o seu consequente, desaparecimento.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. *Magia e técnicas artes e política*: Ensaio sobre literatura e história da Cultura. São Paulo, Brasil: Brasiliense. 1986.

CORREIA, William. *Depoimento*/Whatsap, em 26.dez.22.

FONTINELLE, Silvana. *Depoimento*/Jornal Universidade, Rádio Universidade FM: 106,9, em 23.dez.22.

FONTINELLE, Silvana. *Depoimento*/Whatsap, em 19.dez.22.

JACINTO, Joel. *Depoimento/*Whatsap, em 17.dez.22.

LIESMA. *Nota de Repúdio*/Redes Sociais da Internet, em 19.12.2022

MAFFESOLI, M. *O Tempo das Tribos:* o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006.

MENÉNDEZ, E. Modelos, saberes e formas de atenção ao padecimento: exclusões ideológicas e articulações práticas. In: _____. *Sujeitos, saberes e estruturas:* uma introdução ao enfoque relacional no estudo da Saúde Coletiva. São Paulo: Hucitec, 2009. p.17-70.

NYCOLAS, Flavio. *Depoimento*/Whatsap, em 20.dez.22.

PAES LOUREIRO, J.J. *Cultura Amazônica* – uma poética do imaginário. Belém: Cultural Brasil, 2015.

PREFEITURA DE SÃO LUÍS. Carnaval 2020. em 20.dez.2022. site, consultado em 23.dez.2022.

SALAIA, Paulo. *Depoimento*/Whatsap, em 22.dez.22.

SANTANA, Brasa. *Depoimento*/Jornal Universidade, Rádio Universidade FM: 106,9 em 23.dez.22.

OS NEGROS PAQUÉS, IDENTIDADE E (RE)EXISTÊNCIA NA FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO DOS PRETOS DE IRITUIA[1]

THE PAQUES BLACKS, IDENTITY AND RE-EXISTENCE AT FESTIVITY OFTHE GLORIOUS SÃO BENEDITO OF THE BLACKS IN IRITUIA

LOS PAQUES NEGROS, IDENTIDAD Y REEXISTENCIA EN LA FIESTA DEL GLORIOSO SÃO BENEDITO DEL NEGROS EN IRITUIA

Gleice Antonio A. de Oliveira[2]
Edgar Monteiro Chagas Junior[3]

Resumo: Este artigo aborda processos de formação da identidade cultural dos negros Paqués de Irituia/PA a partir de memórias construídas em meio às atividades relacionadas a festa de São Benedito representada pelo batuque feito pelas mãos calejadas de agricultores e pescadores locais, sendo este, o centralizador de processos rituais que mantém a tradição, ao tempo em que se atualiza diante as mobilizações pelo controle da festa. Busca-se, assim, a partir das contribuições de Homi Bhabha (1988) sobre a cultura no lugar, bem como Stuart Hall (2006) e seus estudos sobre a diáspora negra e seus espaços "contraditórios", refletir sobre a identidade como reconhecimento e preservação cultural Paqué a partir de um evento divisor de águas que colocou em cena uma disputa de poder, reavivando preconceitos próprios da estrutura social local ancorada no patriarcado, no racismo e na negação de um exercício de religiosidade que nãoesteja em sintonia com as regras da Igreja Católica.

Palavras-chave: Paqués; Identidade; Festa de São Benedito; (Re)existência.

Abstract: This article discusses the processes of formation of the cultural identity of the black Paqués of Irituia/PA, based on memories constructed in the midst of activities related to the feast of São Benedito, represented by the drumming done by the calloused hands of local farmers and fishermen, which is the centralizer of ritual processes that maintain the tradition, while at the same time being updated in the face of mobilizations for control of the feast. Thus, based on the contributions of Homi Bhabha (1988) on culture in place, as well as Stuart Hall (2006) and his studies on the black diaspora and its "contradictory" spaces, we seek to reflect on identity as recognition and preservation of Paqué culture based on a watershed event that brought a power dispute into play, reviving prejudices typical of the local social structure

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho (IN)VISIBILIDADES FESTIVAS NA CIDADE: Cortejos, rituais e performances em espaço urbano do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Doutor em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/UNAMA, Belém-PA. ORCID: 0000-0001-6272-8740. Endereço eletrônico: gleiceantonio75@gmail.com

[3] Doutor em Antropologia pela Universidade Federal do Pará. Docente do PPGCLC/UNAMA, Belém-PA. ORCID: 0000-0003-2048-560X. Endereço eletrônico: edgarchagas2@gmail.com

anchored in patriarchy, racism and the denial of an exercise of religiosity that is not in line with the rules of the Catholic Church.

Keywords: Paqués; Identity; Feast of St. Benedict; (Re)existence.

Resumen: Este artículo examina los procesos de formación de la identidad cultural de los Paqués negros de Irituia/PA a partir de las memorias construidas en medio de las actividades relacionadas con la fiesta de São Benedicto, representada por el toque de tambores realizado por las manos callosas de los agricultores y pescadores locales, que son los centralizadores de los procesos rituales que mantienen la tradición, al mismo tiempo que se actualizan frente a las movilizaciones por el control de la fiesta. Se pretende aquí partir de las aportaciones de Homi Bhabha (1988) sobre la cultura en el lugar, así como de Stuart Hall (2006) y sus estudios sobre la diáspora negra y sus espacios "contradictorios", para reflexionar sobre la identidad como reconocimiento y preservación de la cultura Paqué a partir de un acontecimiento divisorio que puso en juego una lucha de poder, reavivando prejuicios propios de la estructura social local anclada en el patriarcado, el racismo y la negación de cualquier ejercicio de religiosidad que no se ajuste a las normas de la Iglesia católica.

Palavras clave: Paqués; Identidad; Fiesta de San Benedicto; (Re)existência.

1. INTRODUÇÃO

A festa de São Benedito na contemporaneamente se tornou um espaço de disputa de narrativas sobre sua constituição a partir de um crime ocorrido em 1997 no barracão do Santo que a mudou radicalmente, separando as funções religiosas da celebração do carimbó como dança festiva cultural municipal, ganhando um Festival de Carimbó irituiense realizado no final de semana seguinte à festa do Santo e que provocou mudanças também no espaço urbano irituiense.

Essa transformação não foi um processo passivo, mas conflitante. De um lado, os defensores da festa do santo em sua completude, entendida como religiosa e cultural; de outro, católicos que discordavam do formato da festa e do consumo de bebidas alcóolicas num evento religioso, o que contradizia os princípios católicos estampados nos Evangelhos.

Neste contexto, é que pretendemos discutir a dimensão da identidade enquanto produto de tensões, apropriações e conflitos que se estabelece diacriticamente como condição da manutenção de práticas ancestrais, mas

também de (re) existência diante uma sociedade estruturada por normas e formalismos que mantém o historicamente o poder sobre a organização da festa. O ensaio aqui proposto pretende, portanto, desvelar os caminhos trilhados pelos Paqués por meio de uma observação direta de pesquisa e análise de relatos de alguns de seus principais interlocutores.

Objetivamos descrever o processo de formação do saber e identidade cultural dos negros Paqués de Irituia, estabelecendo um nexo entre as memórias construídas em meio a fatores religiosos e culturais, bem como, a sua contribuição para a valorização social e cultural desses negros. A pesquisa desenvolvida tem suporte no exercício etnográfico. Trata-se de uma pesquisa de campo, de caráter descritivo e de abordagem qualitativa, adotando-se a observação participante. Para uma maior fundamentação, baseei este trabalho em Geertz (1997) em sua Antropologia Interpretativa.

2. TERRITORIALIDADE, CULTURA E PAQUÉS

Para pensar o conceito de territorialidade, faz-se necessário buscar o termo território e entender seu sentido. É em Raffestin (1993) que encontramos uma definição de território adequada ao estudo dos negros Paqués. Para esse autor, o território é uma construção conceitual a partir da noção de espaço, aqui entendido como uma matéria prima natural e um produto resultante de uma ação social. Culmina com a construção de um espaço físico balizado e transformado por redes, fluxos e circuitos.

Santos (2006), quando aborda a questão das redes no território e adentrando no conceito de territorialidade, estabelece que essas redes são formadas por traços instalados em diversos momentos, diferentemente datados, muitos deles não estando mais presentes na configuração atual. Sua substituição no território se deu em momentos diversos. Conforme ocorre uma modernização nas redes e em seus processos, o território também sofre alterações, não em sua delimitação física, e sim nas relações estabelecidas ao longo do tempo e atualizadas.

As modificações no espaço mudam a maneira de pensar o mundo e a realidade. E ao se reconhecer o papel da tradição, revista e reinventada sob diversas formas, em especial, pelos negros Paqués, se dissocia uma

identidade original e se estabelece critérios para a vivência e aceitação de uma nova identidade, reconhecidamente válida e produzida por uma história que ainda continua sendo contada. Bhabha (1988) afirma que:

> [...] O reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição "recebida". (p. 21, grifo do autor).

Um debate atual, cuja finalidade é ajudar a compreender melhor os negros e seu modo de vida, trata do enfoque sobre sua cultura, evidenciando os hábitos dos Paqués. Nestas terras, os negros encontraram um terreno fértil para manter vivas as suas tradições, em forma de ritos ou por meio de um sincretismo religioso intenso. Isso ficou provado quando estudamos a devoção a São Benedito – o Santo Negro, da "Vila Paqué", passando pela Rua São Raimundo, até chegar ao bairro São Benedito. Assim, os negros Paqués mantiveram viva essa fé e essa tradição como partes de sua identidade cultural. Para ajudar nessa compreensão, Hall (2006) apresenta uma análise que é também questionadora, ao afirmar que:

> [...] a combinação do que é semelhante com o que é diferente define não somente a especificidade do momento, mas também a especificidade da questão e, portanto, as estratégias das políticas culturais com as quais tentamos intervir na cultura popular, bem como a forma e o estilo da teoria e crítica cultural que precisam acompanhar essa combinação. (p. 317).

Pensar numa cultura negra permite que se retome o pensamento já explanado sobre a relação entre território e cultura como definidores de uma identidade que passa a caracterizar até mesmo as lutas empreendidas para defender não uma cultura, e sim uma identidade negra. Os negros Paqués nunca negaram sua identidade e trataram de preservá-la, mesmo que utilizassem de mecanismos do próprio sistema, como é o caso da Igreja e a Festa de São Benedito.

3. NEGROS PAQUÉS DE IRITUIA

No caso dos Paqués e conforme os relatos de Luzia Bastos[4], Nazaré Romano[5] e Teófila de Oliveira[6], todas sem exceção informam que os Paqués tinham vindo da África e que algumas vezes tinham ouvido falar de uma origem até mesmo angolana.

Uma das características dos Paqués era demonstrada no ritmo e na dança do samba, determinado pelo toque do tambor, posteriormente, chamado de carimbó, quando esse ritmo se popularizou como dança cultural.

De acordo com Oliveira (2001), a apropriação do lugar é marcada, inicialmente, pela construção da capela em honra a Nossa Senhora da Piedade, em 1725, quando é concedida a Sesmaria a Lourenço Ferreira Gonçalves, em 16 de dezembro do mesmo ano. A capela é o marco de consagração do espaço à Santa e à própria Igreja. Vê-se que, o domínio do território ocupado ocorria inicialmente pela Cruz, neste caso, a Capela. Isto podia determinar a própria posse da área pelo poder divino, em batalha constante com o poder temporal e com os colonos. Estes continuavam insistindo que era necessário escravizar os nativos Tembés que habitavam esse território pela necessidade de mão de obra robusta. Era um embate ferrenho entre missionários e colonos.

As moradas aos poucos vão sendo erguidas próximas à igreja, que ficava à beira-rio, local onde aconteciam as festividades e também o comércio, confundindo o profano com o religioso. A partir desta célula inicial formada passa a ocorrer os deslocamentos dos fiéis em grande quantidade de pessoas por ocasião da festa de São Sebastião, do Divino Espírito Santo e de São Benedito. A maioria destas festas era organizada pelas irmandades, formadas por leigos católicos devotos daquele santo ou santa e que auxiliavam o Pároco, visto que este morava em São Miguel do Guamá e deslocava-se até Irituia para as celebrações e festas religiosas.

[4] Entrevista concedida em 07/09/2013 (arquivo pessoal).
[5] Entrevista concedida em 06/04/2013 (arquivo pessoal).
[6] Teófila de Oliveira, 84 anos, descendente direta dos Paqués, moradora no Bairro São Benedito, na cidade de Irituia, desde a “Paquelândia”, formada pela Rua São Raimundo, até a “Vila Palha”, hoje Bairro São Benedito. Desde criança, acompanha e é uma devota fiel da Festividade de São Benedito,que ocorre em janeiro. Entrevista concedida em 06 de abril de 2013 (arquivo pessoal).

A estrutura urbana de Irituia também é um marco geográfico interessante, posto que as ruas fossem abertas obedecendo à posição do primeiro templo católico construído no lugar da capela. De alguma forma, a Igreja exerceu influência direta sobre o lugar e no seu uso, e os negros tiveram função essencial no crescimento urbano, posto que ao se localizarem na periferia, promoveram a ocupação do espaço urbano da área inicialmente denominada de “Vila Palha”. No caso dos Paqués de Irituia, eles já ocuparam dois espaços urbanos distintos: num primeiro momento a Rua São Raimundo e depois o bairro São Benedito, inicialmente denominado de Vila Palha. Isso os tornou urbanos.

Figura 1 - Ao fundo, no alto a primeira Igreja Matriz construída pelos negros escravos. Os casarões portugueses no largo do templo. O Rio Irituia, afluente do Rio Guamá. O trapiche municipal à direita e a embarcação “Correio de Irituia”, da família Almeida, que transportava pessoas e mercadorias para a capital do Estado
Fonte: acervo fotográfico particular de Higino Almeida, 2013.

Os negros Paqués de Irituia formaram sua comunidade quilombola no momento histórico da abolição da escravatura, possivelmente alguns dias depois, considerando a distância até que a informação chegasse ao seu

destino. A localização dependeu de alguns fatores, como a permissão para o usufruto da terra, que não seria sua propriedade de direito. A Igreja teve um papel importante nesse contexto, posto que detivesse poder e domínio sobre o território.

A região do Lago, onde fica o Olaria, está localizada numa área territorial que para se chegar ao local onde viviam os Paqués, era necessário transpor quatro igarapés: o Igarapé Grande, ainda na cidade; o Igarapé Mamorana; o Igarapé do Tomaca e o Igarapé Iramucú, nomes dados pelos Tembés, conforme informação prestada por "seu" Gico[7]. Não havia estradas, era preciso ir de canoa ou a pé, transpondo as barreiras da mata fechada, que hoje se encontra bastante reduzida. Embora já fossem livres, quando mais difícil o acesso, mais protegidos estavam das investidas dos que tinham a função de caçar escravos fugidos.

4. FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO DOS PRETOS DE IRITUIA

A Festa do Santo Negro, como os escravos chamavam, iniciava-se no dia 4 de janeiro com a elevação do mastro e, então, o samba começava dançado ao som dos grupos de samba, posteriormente denominados de Grupos de Carimbó. Essa data inicial é tida como 06 de janeiro de 1900 pelos relatos colhidos e estabelecendo uma relação entre esses relatos e fatos históricos documentados, tais como: os Registros Paroquiais, os Livros de Batizados Paroquiais e as coletas de Oliveira (2001) feitas em Ourém e Bragança. A maior prova é justamente a imagem de São Benedito esculpida em madeira de aproximadamente quarenta centímetros, cuja inscrição gravada na parte inferior é o numeral 1900, correspondente ao ano. A imagem encontra-se exposta no Museu de Arte Sacra da Catedral da Diocese de Bragança, Pará.

Tudo era precedido pela esmolação de São Benedito que visitava diversas propriedades no interior e na cidade, no período compreendido entre 3

[7] Sergino Damasceno Assunção, 83 anos, negro Paqué. Morou mais de 60 anos bem próximo da esquina com a Rua São Raimundo e que permaneceu nesse espaço. Dona Luzia Bastos mora na esquina da mesma Rua, não residindo em outro local desde que seu pai veio morar na cidade de Irituia.Entrevista concedida em 09 de janeiro de 2014 (arquivo pessoal).

de novembro a 3 de janeiro. Os dias 4 e 5 de janeiro eram dedicados à visitação de São Benedito aos devotos da cidade. Os Paqués passaram a assumir a esmolação por apresentarem uma cadência no batuque que se adequava aos cantos em latim. Seu Gico (2013, informação verbal) considerou que “os esmoladores do santo saíam de graça, sem cobrar nada”. Muitos promesseiros devotos faziam promessas para acompanhar o santo na sua peregrinação.

A festa era dos negros escravos. Os brancos não dançavam carimbó. Acabou se tornando a maior festa religiosa de Irituia, levando os padres a questionar o seguinte: Porque a festividade da padroeira era bem menor do que a do Santo Negro? Na cidade, a folia era cantada de casa em casa, mas só adentravam naquelas cujo dono aceitasse a visita do santo. Os Paqués participavam ativamente de todos os momentos e demonstravam uma devoção paternal com seu santo protetor São Benedito, o santo negro. Os foliões eram, na sua maioria, negros Paqués, cantando a folia toda em latim, bem como as outras orações do “novenário”.

Figura 2 – Imagem de São Benedito confeccionada em madeira, trazida da Itália em 1900, sobreviveu a um incêndio e está em poder da Comunidade São Benedito.
Fonte: acervo fotográfico particular de Pedro Lima, 2008

Desde a sua origem, estabelece-se uma relação de poder entre a Igreja e o Estado. O uso do espaço vai definir esse poder. No caso dos Paqués, é possível considerar que houve uma apropriação da festa pela Igreja, embora esta tivesse colaborado com a sua organização inicial. Mas nos relatos ouvidos, todos afirmam unanimemente que era uma festa de pretos. Historicamente e à medida que toma uma dimensão maior, a Igreja passa a definir os parâmetros para a estruturação da festa, o que denota uma posse total sobre ela, para depois então tentar dissociar o sagrado do profano.

Os Paqués faziam do samba uma demonstração de superação, mas também cantavam o ser negro, sua identidade negra. As letras mostravam isso, sobretudo quando as toadas eram feitas pelo Américo Gago, conforme informou a Sra. Luzia Bastos, filha de Américo Gago, com um pouco da história desses negros e da festa de São Benedito:

> [...] Ele mesmo tirava as músicas e ele mesmo cantava. Tinha boi, ele brincava boi... Pássaro. Uma vez ele fez um papagaio aí que era muito lindo. Nesse tempo, nós fumo até São Miguel brincar o Papagaio. Eu sou filha dele. Nós morava ali onde é o velho Gurijuba. Depois, papai comprou esse terreno. O papai era de lá, era Paqué. O papai casou com a mamãe que era branca, bem clara mesmo. A nossa bisavó era escrava. No dia que ela desembarcou, deu a liberdade dos escravos. O velho Paqué era irmão da minha bisavó. Ele trazia com ele o dom da música. Ele sentava tecendo o paneiro e começava a assobiar. De repente tava feito o samba. A festa de São Benedito quem criou foi os Paqués. O santo foi entregue pros Paqués, que vieram com lata, tamborviola, pandeiro [...] Viero tudo esperar o santo deles na beira do rio. Aquele que foi pra Bragança e o grande que tá na Igreja. Quem contava essa história pra nós era minha avó. Ele fazia tambor, ele fazia pandeiro, o papai... (Entrevista concedida em 07 de setembro de 2013).

Com o tempo, os foliões passaram a contar com um “pagamento” pelos serviços prestados à festividade e ao santo. Além de cestas básicas, havia o pagamento de um salário mínimo mensal pelos meses em que esmolavam com o santo. Dona Alzira e Dona Nazaré Romano lembram muito bem que se ouvia dizer que algumas vezes os foliões rezavam embriagados. A cachaça também acompanhava o santo, não se sabendo se pelos próprios foliões ou por outras pessoas que acompanhavam a imagem como devotos e pagadores de promessas.

Os negros Paqués conseguiam impor respeito, sobretudo pelas histórias contadas e replicadas na cidade e também no interior. Não se tem conhecimento de nenhum relato de brigas ou confusões realizadas em qualquer das festas de São Benedito, com uma única exceção que foi aquela que resultou na morte e que não houve envolvimento de nenhum negro.

Figura 3 – Foliões Paqués Pedro, Cinésio e Machico entoando a Folia de São Benedito. Ao fundo, nas primeiras filas estão outros negros Paqués. Nota-se os instrumentos feitos por eles e em pleno uso, juntamente com as fitas coloridas

Fonte: acervo fotográfico particular de Pedro Lima,2010

O samba e a dança simbolizavam o profano. Tinha também um sentido de luta. Iniciada pelos negros que os antecederam, os Paqués estabeleceram um sentido de celebração atrelada à fé, mesmo que em momentos distintos da festa. Era uma dança sem maldade, cuja simbologia da roda estava associada à igualdade. Todos tinham acesso a esta, embora inicialmente os brancos não participassem dela. No sentido de apropriação, esse processo ocorreu também pelos brancos, que foram assumindo a dança. Mas ela, com todos os entraves que pudessem haver se tornou universal, pois todos a dançam a seu modo e sem discriminação. O evento-crime trouxe um sentido de negatividade para os negros e seus festejos, já que sempre expuseram o carinhoso domínio ao se

referirem à festa do santo. Ou seja, atribuiu-se aos brancos o motivo principal que levou ao fim da festa tal qual era realizada.

As compreensões de nossa cultura contemporânea irituiense foram moldadas pelos negros com suas danças e rezas, esta não pode ser apagada do imaginário social, em uma re-totalização do espaço-tempo que une as funções dispersas do momento festivo coletivo. O poder ideológico dominante exercido pela Igreja foi definidor dos fatos posteriores, inclusive determinando ao poder público o que caberia a este.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que o lugar de vivência da festa abarca suas peculiaridades, sua riqueza histórico-geográfica, a formação do núcleo urbano e os bairros nos quais os negros Paqués fixaram morada e que tiveram grandiosa importância para a valorização festiva no espaço urbano irituiense, relativamente minimizado nos períodos extensos em que não houve esmolação, porém conflituosos em todo o tempo de ocorrência festiva ou não.

Não nos distanciamos desse olhar ao admitir que o espaço urbano tornou-se palco dos conflitos que ocorreram e continuam ocorrendo, porém agora utilizando as mídias sociais como trincheiras de batalhas verbais e imagéticas, com o objetivo de defender seus interesses e pontos de vista, destacando aqui a ampla batalha virtual entre os defensores da festa em sua completude e aqueles que lutam por sua divisão, estabelecendo o que seria sagrado e o que é cultural.

O evento definiu novas práticas sociais e culturais e provocou mudanças, que ainda hoje reverberam nos meios locais, com acusações graves e desrespeitosas de ambos os lados. Esses conflitos, mantidos por décadas, sempre causaram um mal-estar para a Igreja, que nunca recuou por defender que a festa do Santo é propriedade sua e não da população ou do Poder Público, que insistia em tomá-la para si. Entretanto, esses conflitos também são importantes e essenciais na construção de uma identidade irituiense, cuja participação dos negros foi e continua sendo importante.

O crime ocorrido na festa provocou significativas mudanças na dinâmica sociocultural da sociedade irituiense, cujo processo ocorreu a partir das

tensões, exclusões e preconceitos que sempre nortearam a festa. Porém, podemos concluir que valores e significações foram construídos em formas de solidariedades e sociabilidades, que geraram referências e novos significados para o lugar e às pessoas.

A ressignificação da festa a partir do crime deixou visível o binômio religião versus poder público, porém limitou a Igreja apenas à realização da festa religiosa; enquanto a gestão municipal passou a organizar a festa cultural, o que lhe rendeu manutenção política e necessidade de enfrentamentos com a própria Igreja, para delimitação da ocorrência das mesmas, configurando uma disputa de poder.

Enfatizamos que a morte passou a engendrar a estruturação de novas conjunturas, nas quais os negros deixaram de ter papel de destaque na festa do Santo e na festa de carimbó, reverberando a condição social e cultural que envolve sentimentos e valores relacionados a pré-conceitos e formas de racismo velado, entranhados na festa e em seus símbolos principais, reiterando o poder da Igreja sobre a mesma e sobre os caminhos que esta toma ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. *O local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1988.

CAMPOS, Andrelino. *Do quilombo à favela:* a produção do "espaço criminalizado" no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas.* Salvador: EDUFBA, 2008.

GOMES; FERREIRA, Roquinaldo. *A lógica da crueldade.* Revista História Viva. São Paulo. Ed. Vera Cruz, nº 13. P. 29, julho, 2006.

GEERTZ, Clifford. *O saber local:* novos ensaios de antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: vértice, 2006.

HALL, Stuart. *Da diáspora*: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

OLIVEIRA, Gleice Antonio Almeida de Oliveira. *O papel da igreja Católica na produção do espaço urbano:* estudo sobre a formação urbana de Irituia. TCC, UFPA, Bragança, 2001.

_____. *ENTRE O SAMBA E A FÉ:* Memórias e identidade dos negros Paqués de Irituia – PA. Dissertação, Mestrado Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, Unama, Belém, 2014.

RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993. SANTOS,

Milton. *Espaço e Método.* 4. ed. São Paulo: Nobel, 1997.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Edusp, 2006

SALLES, Vicente. *O Negro no Pará sob o regime da escravidão.* Belém: IAP; Programa Raízes, 2005.

QUEIROZ, Suely Robles Reis de. *Escravidão negra no Brasil.* São Paulo: Ática, 1990.

PARAL(ELOS): A POESIA DE BRUNO DE MENEZES E A PERFORMANCE NO TAMBOR DE MINA [1]

PARAL(ELOS): THE POETRY OF BRUNO DE MENEZES AND THE PERFORMANCE IN TAMBOR DE MINA

PARAL(ELOS): LA POESÍA DE BRUNO DE MENEZES Y LA REPRESENTACIÓN EN TAMBOR DE MINA

Joice Freitas dos Santos[2]
Sarah das Neves Prazeres[3]

Resumo: Abordando um paralelo entre Bruno de Menezes e o Tambor de Mina, trazendo à tona discussões sobre adaptação de práticas religiosas e escrevivências de Bruno sob a ótica da etnocenologia na religião em questão. Ambas abordagens enriquecem nossa compreensão da diversidade cultural amazônida e a capacidade de adaptar e criar significados em diferentes contextos. Assim, o objetivo geral desse texto foi refletir sobre convergências entre a obra de Bruno de Menezes e a performance afro-religiosa no Tambor de Mina. Os objetivos específicos foram contextualizar historicamente a poesia de Bruno de Menezes e a performance no Tambor de Mina; analisar os elementos do poema "Invocação" que remetem ao ritual da religião tratada; discutir a representação imagética dos ritos no Tambor de Mina dentro da poesia. A metodologia foi bibliográfica e retrospectiva, visto que fizemos uma busca na plataforma *Google Acadêmico* a fim de compreender o que já havia sido escrito sobre o tema. Como principal resultado, concluímos que a relação interdisciplinar entre literatura e etnocenologia foi capaz de explicar os elementos imagéticos do poema *Invocação*.

Palavras-chave: Bruno de Menezes; Tambor de Mina; performance; religiões afro-amazônicas; invocação.

Abstract: Talking about a parallel between Bruno de Menezes and Tambor de Mina, bringing some discussions about the adaptation of religious practices and Bruno's writings, from the perspective of ethnocenology in the religion Tambor de Mina. Both approaches enrich our understanding of Amazonian cultural diversity and the ability to adapt and create meaning in different contexts. Thus,

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho (IN)VISIBILIDADES FESTIVAS NA CIDADE: cortejos, rituais e performances em espaço urbano do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA), graduada em Letras – Língua Portuguesa também pela UFPA. E-mail: joicefreitasdossantos@gmail.com. ORCID: 0009-0008-2936-2351

[3] Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA), graduada em Design pela Faculdade Estácio FAP, técnica em Teatro pela Escola de Teatro e Dança da UFPA (EtdUFPA) e especialista em Dramaturgia pela mesma instituição. E-mail: sarahdeneve@outlook.com. ORCID: 0009-0006- 9204-3586

the general objective of this text was to reflect on convergences between the work of Bruno de Menezes and the afro-religious performance in Tambor de Mina. The specific objectives is to historically contextualize the poetry of Bruno de Menezes and the performance at thats religion; analyze the elements of the poem “Invocação” that refer to the ritual of the treated religion; discuss the imagery representation of the rites in Tambor de Mina within poetry.
The methodology is bibliographical and retrospective, as we searched the Google Scholar platform in order to understand what had already been written on the subject. As a main result, we conclude that the interdisciplinary relationship between literature and ethnocenology was able to explain the imagery elements of the poem *Invocação*.

Keywords: Bruno de Menezes; Tambor de Mina; performance; Afro- Amazonian religion; Invocação.

Resumen: Acercándose a un paralelo entre Bruno de Menezes y Tambor de Mina, trayendo algunas discusiones sobre la adaptación de las prácticas religiosas y los escritos de Bruno, desde la perspectiva de la etnocenología en la religión Tambor de Mina. Ambos enfoques enriquecen nuestra comprensión de la diversidad cultural amazónica y la capacidad de adaptarse y crear significado en diferentes contextos. Así, el objetivo general de este texto fue reflexionar sobre las convergencias entre la obra de Bruno de Menezes y la actuación afrorreligiosa en Tambor de Mina. Los objetivos específicos son contextualizar históricamente la poesía de Bruno de Menezes y la actuación en esa religión; analizar los elementos del poema “Invocação” que se refieren al ritual de la religión tratada; discutir la representación imaginaria de los ritos en Tambor de Mina dentro de la poesía. La metodología es bibliográfica y retrospectiva, ya que buscamos en la plataforma Google Scholar para comprender lo que ya se había escrito sobre el tema. Como principal resultado, concluimos que la relación interdisciplinar entre literatura y etnocenología logró explicar los elementos del imaginario del poema *Invocação*.

Palavras clave: Bruno de Menezes; Tambor de Mina; performance; Religión afroamazónica; Invocação.

1. INTRODUÇÃO

Bruno de Menezes (1893 - 1963) foi um poeta precursor do Modernismo no Pará. Os temas de sua poesia, dentre outras coisas, envolvem religiosidade, espaço, história, cultura amazônica e a participação do negro no cenário paraense. Apesar do último tema ser mais explorado em sua aclamada publicação *Batuque* (1931), o poema a que se dedicou esta pesquisa foi *Invocação* de 1963, que fala sobre o Tambor de Mina.

Importa esclarecer que, por ser uma religião conhecida por sua mistura de elementos das tradições africanas, indígenas e europeias, resulta, de certa forma, em uma prática unificada de crenças e rituais festivos populares, que se constituem através de doutrinas cantadas, danças, indumentárias. Características que nos possibilitam enxergar para além do aspecto religioso, afinal, o Tambor de Mina também é vivido e retratado enquanto uma atividade cultural amazônica, com suas raízes nas tradições trazidas por povos africanos escravizados, a manifestação é uma expressão significativa da cultura brasileira e uma forma de preservar as ricas heranças africanas (FERRETTI, 1996),

Na trilha de estudos que relacionam a obra meneziana e religiosidade, Alves (2018) reflete sobre o poema *Toiá Verequête* e sua relação com o Tambor de Mina, a história da religião e a influência dela na realidade local, de modo que os elementos [...] traduzem de maneira singular nas expressões literárias as pessoas que compõem o cenário moderno, com o uso de temas comuns à periferia e aos negros marginalizados pela sociedade que se instaurava (ALVES, 2018, p. 22).

Já Gebra (2022) analisa algumas obras de poetas paraenses, dentre elas está *Invocação*. Ao concluir que poema é um exemplo de sincretismo na cultura amazônica, faz uma análise poética em que descreve, através das rimas, a presença dos elementos sonoros do ritual do Tambor de Mina. Nesse sentido, esta pesquisa se torna importante na medida em que continua os estudos sobre a relação da poesia de Bruno com elementos religiosos.

Por conseguinte, a fim de um resgate diaspórico da cultura afro- amazônica, este trabalho interdisciplinar reúne em si uma série de observações e elos entre as performances realizadas em rituais do Tambor de Mina através de uma perspectiva literária retratada pelo escritor paraense Bruno de Menezes, considerando-o também como um “etnógrafo” da Amazônia. Assim, o objetivo geral foi refletir sobre convergências entre a obra de Bruno de Menezes e a performance afro-religiosa no Tambor de Mina. Os objetivos específicos foram contextualizar historicamente a poesia de Bruno de Menezes e a performance no Tambor de Mina; analisar os elementos do poema “Invocação” que remetem ao ritual da religião tratada; discutir a representação imagética dos ritos no Tambor de Mina dentro da poesia.

A metodologia de estudo foi bibliográfica, na qual selecionamos textos de referência dentro da área do teatro, como Bião (2011) e Dumas (2012); da religião, como Campelo e De Luca (2007) e da literatura, como Alves (2018) e Gebra (2022). Também fizemos um breve levantamento do estado da arte na plataforma *Google Acadêmico*. Para a pesquisa, utilizamos as palavras-chave "Bruno de Menezes" combinado com "Tambor de Mina", "Invocação" e "Religiões Afro-amazônicas". Mais detalhes virão na seção seguinte.

Sob essa ótica, é importante ressaltar neste trabalho, a relevância da Etnocenologia enquanto instrumento fundamental de análise etnográfica de uma "cena", através das performances realizadas em terreiros e traduzidas poeticamente, a fim de analisar as relações imagéticas e textuais presentes na composição da obra *Invocação*, visto que:

> Se na escrita, na perspectiva do espectador, a percepção humana se concentra em ver, reconhecer e decodificar os símbolos textuais, na oralidade a evidência está em falar e escutar. Já na cena espetacular, geralmente, a recepção se distribui por múltiplos canais de apreensão. Em espetáculos marcados por uma forte expressão cênica é recorrente a exploração de elementos como figurinos, iluminação e objetos, que solicitam o sentido visual, contando ainda com a percepção sonora, a exemplo dos diálogos (DUMAS, 2012, p. 150).

Além disso, tal disciplina é fundamental para aprofundar uma revisão crítica sobre as práticas antropológicas e etnográficas na cidade de Belém, considerando a experiência, a imaginação artística e literária de Bruno de Menezes.

Submersas em reflexões acerca de versos do poema como "*Ressoa selvagem o tambor de mina*", que nos remete a ancestralidade negra então colocada em subsistência e selvageria durante o período de colonização e escravização no Brasil, ou toda significância imagética e semiótica que vem à tona ao saber de uma roda que se agita enquanto os pés rodopiam dominando o terreiro, consolidam também a poeticidade em uma pesquisa que não tem apenas finalidade acadêmica, mas uma genuína inquietação em compreender além do que nos foi dito e ler além do que está escrito.

2. METODOLOGIA

Quanto à metodologia deste estudo, teve como caráter de desenho o aspecto retrospectivo, visto que analisamos a literatura já produzida a respeito do tema. Nossos objetos foram a poesia de Bruno de Menezes e a etnocenologia.

Para a pesquisa bibliográfica, utilizamos a plataforma *Google Acadêmico* e palavras- chave que se referiam ao tema. A primeira busca foi realizada com as palavras-chave BRUNO DE MENEZES e TAMBOR DE MINA. Surgiram 1330 resultados, mas consideramos apenas a primeira página da pesquisa. Após leitura dos resumos, restaram 3 textos que realmente abordavam o tema pretendido, os quais foram Alves (2018), Ferreira (2016) e Gebra (2022).

Já realizando a pesquisa com as palavras-chave BRUNO DE MENEZES e RELIGIÕES AFRO-AMAZÔNICAS, a plataforma encontrou 18 resultados correspondentes. No entanto, apenas a primeira página da busca foi considerada. Após a leitura dos títulos e resumos, apenas nenhum texto foi acrescentado à bibliografia deste trabalho.

Por fim, realizamos mais uma busca com as palavras-chave BRUNO DE MENEZES e INVOCAÇÃO, que foi o poema pesquisado. A plataforma encontrou 1530 resultados correspondentes, mas, novamente, somente a primeira página foi considerada. Após aplicados os critérios de inclusão, restaram 2 textos selecionados, o de Fernandes (2010) e novamente Gebra (2022). Os demais foram sugeridos ao longo de disciplinas feitas na pós- graduação.

3. RESULTADOS

Bento Bruno de Menezes Costa (1893 – 1963) foi poeta paraense precursor do Modernismo no estado do Pará. Influenciado por suas leituras internacionais e pelo movimento prestes a eclodir em São Paulo, fundou com colegas a Academia do Peixe-Frito. Além disso, também instituiu ao lado de outros poetas a revista *Belém Nova* em 1923, divulgadora das ideias modernistas até 1929, fazendo com que a capital do Pará fosse a terceira a aderir às ideias da nova estética.

Sua obra contém poesia, ficção, folclore e estudos literários. *Invocação* faz parte de uma série de poesias esparsas produzidas ao longo de sua vida. Este, mais especificamente, veio a público em 1963 e trata do tema religião, recorrente em sua escrita. Bruno, que declarava-se católico, ia da temática cristã às religiões afro-amazônicas.

Muito do que escrevia estava no seu cotidiano no bairro do Jurunas. Observador da vida da camada esquecida na literatura da alta sociedade, Bruno estava pelos espaços populares, como o Ver-o-Peso, não só como poeta, mas como participante da vida simples:

> Assim Menezes configura sua poética como a diversidade de cenários e indivíduos, que lembram o Jurunas de sua origem, os largos de igreja, as festas religiosas, os capoeiras, as mães de santo, enfim, o que evita que sua poesia tenha um caráter essencialista no tocante a encontrar uma pureza africanista em seus versos (FERNANDES, 2010, p. 229).

E aquilo que não estava no seu cotidiano, ele se punha a pesquisar. Sua poesia fala de festas folclóricas do interior do Pará e da capital, bem como rituais religiosos ou personagens da vida comum. A imersão na cultura tornava- o quase etnógrafo, mas sem o compromisso de não se envolver com seus objetos de pesquisa.

3.1 A etnocenologia na escrita de Bruno

> *O "ponto" invocado se alteia,*
> *atuante, em busca da "linha" do rei*
> *Orixá, que faz a defesa do povo*
> *Nagô.*

Enquanto uma área de estudo que busca compreender as práticas cênicas de diferentes grupos culturais, a etnocenologia destaca, em sua essência, a importância de observar a diversidade cultural presente em cada manifestação artística. Através de uma abordagem sensível e capaz de transcender discussões apenas acadêmicas, a etnocenologia possibilita a validação de um diálogo cênico entre culturas, através de uma compreensão mais profunda das expressões artísticas que refletem as crenças, valores e identidades de determinados grupos a serem pesquisados. A perspicácia do olhar atento de Bruno em descrever a ritualística do Tambor de Mina em Invocação, se converge com a área abordada neste trabalho:

Também seriam objetos de interesse da etnocenologia o que denominamos de ritos espetaculares, ou, dito de outra forma, aqueles fenômenos apenas adjetivamente espetaculares [definimos este grupo como aquele que, percebido de fora, pode ser considerado como espetacular, mas que pode prescindir de espectadores para acontecer, o que seria impossível nos espetáculos]. É o campo dos rituais religiosos e políticos, dos festejos públicos, enfim, dos ritos representativos ou comemorativos. Assim:

> Nesse grupo de objetos, ser espetacular seria uma qualidade complementar, imprescindível decerto para sua conformação, mas não substantivamente essencial. [...] objetos espetaculares adverbiais

> seriam aqueles pertencentes ao terceiro grupo de objetos da etnocenologia: os fenômenos da rotina social que podem se constituir em eventos, consideráveis, a depender do ponto de vista de um espectador, como espetaculares, a partir de uma espécie de atitude de estranhamento que os tornaria extraordinários para um estudante, um estudioso, um curioso, um pesquisador, enfim, um grupo de interessados em pesquisá-los (BIÃO, 2011,p. 112 - 113).

Compreendendo o trecho acima, é possível concordar que etnocenologia torna-se um instrumento essencial a fim de discutir o papel da cultura como um agente formador da identidade de um povo. Logo, a prática cultural de uma religião amazônida, que é o caso do Tambor de Mina, passa a ser entendida sob essa ótica como um conjunto de valores, crenças, práticas, tradições e expressões artísticas. O que também nos ajuda a perceber a fundo como Bruno de Menezes, por exemplo, se percebe e se relaciona com as diásporas afro amazônidas ao seu redor.

Através da etnocenologia, é possível desvelar a relação intrínseca entre estudos de determinados conjuntos de povos e a arte, já que as manifestações cênicas são uma das formas mais conhecidas de expressões culturais. As danças, os rituais, as cerimônias e as encenações teatrais revelam muito sobre as visões de mundo, as tradições e as memórias coletivas de um povo. Além disso, a etnocenologia também se preocupa em analisar como essas expressões culturais se transformam e se adaptam ao longo do tempo, evidenciando as dinâmicas e a pluralidade cultural.

3.2 O Tambor por Bruno

Percute o batuque dos pulsos possantes.
Afoga o silêncio, acorda a floresta,
convoca as sereias do fundo do mar…
Quem tira esse “ponto” pro santo baixar?

As práticas cênicas do Tambor de Mina são marcadas pela presença de danças, cânticos, toques de tambor, oferendas e rituais de cura. Cada uma dessas manifestações artísticas possui um significado simbólico e ritualístico, conectando os fiéis com seus ancestrais, divindades e com a natureza. A dança, por exemplo, é uma forma de comunicação com o sagrado, sendo utilizada para louvar os orixás, entidades espirituais que ocupam um papel central na religião.

O Tambor de Mina também se caracteriza pela sua oralidade, transmitindo seus ensinamentos e tradições de forma verbal, de geração em geração. Essa característica evidencia a importância da cultura oral na preservação da identidade e das memórias do grupo, uma vez que muitos conhecimentos são passados de forma não escrita. De acordo com Tavernad e Campelo (2007), ainda pouco estudada, a religião que se estabeleceu no Pará através de maranhenses que migraram para Belém, que cultuavam o Tambor através de doutrinas de diferentes linhagens de Orixás, estabelecem a ritualística na capital paraense sem muita clareza, convertendo o culto de Mina de uma forma "autodidata". Os escritos de Bruno revelam essa característica com bastante clareza para o leitor amazônida vivente neste espaço, que mais tarde, acabou tornando-se também uma leitura referência para compreensão da religião. Desta forma,

> A única certeza que se tem é que, "nas águas do Pará", não existe um terreiro de raiz fundado por africanas. Se, em São Luís, podemos ter notícias das características étnicas das fundadoras, descrevendo inclusive as suas marcas tribais; em Belém, até bem pouco tempo atrás, os religiosos sequer faziam referência às linhagens. Atrevemo-nos mesmo a afirmar que essa tradição de reconhecimento da origem africana, em se tratando do grupo oriundo da primeira migração, fez o caminho inverso ao habitual, veio da academia para os terreiros. (CAMPELO e DE LUCA, 2007, p. 05).

Afirmar Bruno de Menezes enquanto um etnógrafo pode vir a ser polêmico, mas é inegável que ele é um dos principais estudiosos das religiões afro-brasileiras do século XVI e das primeiras décadas do século XX, durante o efervescente período modernista brasileiro, tendo como destaque para o Tambor de Mina. O trabalho de Bruno se pauta na necessidade de investigar não somente a religiosidade afro-amazônica, mas as práticas populares que nela se perpassam dentro de seus próprios contextos históricos, sociais e culturais, dando voz a sua autenticidade e importância para o resgate cultural da Amazônia. No entanto,

> Diferente da iconoclastia das propostas do Modernismo paulista, no Pará houve um Modernismo moderado, pois não se liquidaram totalmente os velhos padrões acadêmicos, parnasianos e simbolistas, nem houve verdadeira poesia futurista. Para o modernista pernambucano Joaquim Inojosa, a leitura de Bailado lunar (1924), de Bruno de Menezes (1893- 1963), permite afirmar que "não se encontram em suas páginas as veemências de uma Pauliceia desvairada" (1994, p.121). Segundo Inojosa, o Modernismo chegou ao Pará via Pernambuco. Para o referido crítico, os ecos da Semana de Arte Moderna chegaram primeiramente a Recife, posteriormente ao Rio de Janeiro, para só então chegar a Belém. [...] Embora São Paulo tivesse sido o núcleo irradiador dos princípios enunciados por Mário de Andrade na conferência "O movimento modernista", não se pode relegar ao esquecimento importantes movimentos modernistas em outras regiões do país, como foi o caso da Amazônia paraense. (Ferreira, 2016)

Ao escrever sobre o Tambor de Mina, Bruno de Menezes parte do pressuposto de que essas tradições religiosas também podem ser lidas como um complexo sistema de conhecimentos, práticas e crenças, que se manifestam em diferentes aspectos da vida dos moradores da Amazônia brasileira, com ênfase na cidade de Belém. Suas escritas são oportunas para desvendar as múltiplas camadas que compõem a religiosidade afro-brasileira, indo além das representações que partem do estereótipo que induz as práticas religiosas serem frequentemente associadas a práticas pejorativas.

Além disso, Bruno também se preocupa em compreender como a ritualística dos tambores se adaptaram, mesmo em meio às diásporas, ao contexto amazônico, considerando as mudanças históricas e sociais pelas quais passaram ao longo dos séculos, revelando sua capacidade de se reinventar na escrita e resistir às adversidades impostas ao longo da história, o que traz consistência ao afirmar seu trabalho enquanto contexto etnográfico através de seus percursos na literatura. Como afirmam Tavernard e Campelo (2007),

> Certamente o trabalho etnográfico é um eterno processo de ir e vir, uma influência recíproca entre pesquisador e pesquisado. O exemplo supracitado mostra como os resultados obtidos pelo pesquisador, de alguma forma retornam à comunidade e a influenciam, principalmente quando se trata de um trabalho de antropologia urbana. As pessoas às quais nos referimos fazem uso das informações produzidas na academia, ora rejeitando- as – o que não é o caso – ora incorporando-as e se redefinindo a partir das mesmas. (CAMPELO; DE LUCA, 2007, p. 12)

Através de suas *escrevivências* e observações descritas em suas obras, o autor em questão também evidencia a importância da religiosidade afro-brasileira na Amazônia, entendendo-a enquanto um fator indissociável das práticas cotidianas na região, o que também tem um importante quesito social,

mesmo que de forma indireta, no combate à intolerância religiosa e as discriminações que essas tradições enfrentam em uma sociedade marcada pelo preconceito e pelas induções de distanciamento de nossas próprias ancestralidades.

3.3 A representação do Tambor De Mina em *Invocação*

Invocação não é o único poema de Bruno em que comparece o Tambor de Mina. Alves (2018) em seu artigo fala da religião em *Toiá Verequete*. Segundo ela,

> Esse culto religioso surgiu na capital do Maranhão, e se expandiu pelo Pará, Amazonas, outros Estados do Norte e para as capitais que receberam grande número de migrantes do Norte, como Rio de Janeiro e São Paulo. Embora hegemônico no Maranhão, o Tambor de mina - Jeje, Nagô, Cambinda, foi sincretizado em 1996 como manifestação religiosa de origem indígena denominada Cura/Pajelança e com uma tradição religiosa afro-brasileira, surgida em Codó (MA), denominada Mata ou Terecô (ALVES, 2018, p. 21)

Já em *Invocação*, a atmosfera do terreiro é representada pela sonoridade comprovada em análise poética por Gebra (2022), além das imagens formadas pelos versos. O “s” e o “t” recorrentes traduzem as imagens da natureza e dos batuques que acompanham o ritual. As palavras oriundas da cultura africana formam um cenário fidedigno, demonstrando uma pesquisa aprofundada sobre a cultura afrodescendente. Para melhor ilustrar a discussão, vejamos o poema na íntegra:

INVOCAÇÃO

Ressoa selvagem o tambor de mina, a
roda se agita, os pés rodopiam;
domina o terreiro, transporta os sentidos, o
tom do atabaque na noite sem fim.

O “ponto” invocado se alteia, atuante, em
busca da “linha” do rei Orixá, Que faz a
defesa do povo Nagô.

Percute o batuque dos pulsos possantes.
Afoga o silêncio, acorda a floresta, convoca
as sereias do fundo Mar...

Quem tira esse “ponto” pro santo “baixar”? É

que Ele está longe, no céu africano.
Voltou para a guerra disposto a lutar, mas
tem “filha” que O pode chamar, No estado
de graça, na dança tribal...

> É toda só dEle! Que coro, que canto! Nos
> olhos de treva, na boca, no olhar!
> - Por isso Ele “baixa” na voz de Cleomar!
> (MENEZES, 1993, p. 519)

Se reafirmarmos a questão da etnocenologia, veremos já na primeira estrofe a presença da música através do tambor. Também é possível visualizar a performance dos corpos formando a “roda” em que os “pés rodopiam”. E esses gestos provocam sensações em quem está presente, “transportando os sentidos”, faz com que o passar das horas não seja notado na “noite sem fim”.

Na segunda estrofe, o “ponto”, verdadeiramente o processo de invocação que nomeia o poema, começa a ser cantado para trazer para aquele lugar a presença do rei Orixá. Cria-se uma expectativa e a performance vai acontecendo no rito da religião, através dos pulsos rápidos que tocam os tambores da terceira estrofe. Metáforas são criadas para explicar o romper da quietude, como “afogar o silêncio”. Uma atmosfera de espera para ver quem vai iniciar o canto para chamar o Orixá.

O poema alterna entre o terreiro e a visão espiritual do céu da África, como se a divindade estivesse esperando alguém digno de recebe-lo. Por fim, cria-se a imagem de Cleomar, a mulher que “É toda só dEle”. Nela encontram-se todas as virtudes necessárias para a invocação: a voz, as feições, o estado de graça. Nestes detalhes encontram-se os aspectos abordados pela etnocenologia, que caracterizam todo um processo de performance dentro do culto religioso: as danças, cânticos, toques de tambor, oferendas e rituais de cura.

4. DISCUSSÃO

> *É que Ele está longe, no céu africano.*
> *Voltou para a guerra disposto a lutar,*
> *mas tem uma “filha” que O pode chamar,*
> *no estado de graça, na dança tribal…*

Enquanto principal achado deste estudo, podemos visualizar a relação interdisciplinar entre literatura e etnocenologia, capaz de explicar os elementos imagéticos do poema. No caso do Tambor de Mina, a etnocenologia pode fornecer uma análise sensível e respeitosa das danças, dos rituais e das encenações teatrais que compõem a religião. Ao estudar essas manifestações culturais de forma contextualizada e intercultural, é possível perceber a riqueza simbólica e ritualística do Tambor de Mina, assim como sua importância para a

comunidade e para a construção da identidade cultural do grupo.

A teoria de adaptação de Linda Hutcheon nos permite refletir sobre como a adaptação pode influenciar nessa construção. No caso do Tambor de Mina, a religião afro-brasileira representa um exemplo vivo dessa dinâmica de resistência identitária.

Além disso, a adaptação também pode ser observada nas expressões artísticas do Tambor de Mina, como nas danças e nos toques de tambor. Essas manifestações cênicas são recriações constantes, fruto da criatividade e da inovação dos artistas que as realizam. Através da adaptação, as expressões artísticas do Tambor de Mina se renovam e se reinventam, mantendo-se vivas e relevantes ao longo do tempo.

A teoria de adaptação de Linda Hutcheon pode ser aplicada de forma mais ampla na análise das manifestações culturais e artísticas de diferentes povos e épocas. Através do diálogo entre diferentes culturas, é possível criar novas formas de expressão artística, enriquecendo a diversidade cultural e promovendo o intercâmbio criativo entre os povos.

A etnocenologia, como mencionado anteriormente, também é uma ferramenta importante para a promoção do diálogo intercultural e entendimentos acerca das adaptações realizadas ao decorrer do tempo no Tambor de Mina. Ao estudar as práticas cênicas de diferentes grupos culturais, a etnocenologia possibilita um encontro de saberes e uma compreensão mais ampla de como diferentes formas práticas culturais são capazes de se adaptar no diálogo entre religião e expressão artística.

Nesse sentido, este estudo continuou as pesquisas sobre a obra de Bruno de Menezes, mais especificamente fez um paralelo com Gebra (2022, que já analisou poeticamente *Invocação* e outros poemas. Enquanto limitação, tivemos a questão do tempo necessário para uma investigação mais profunda e um trabalho maior. Mas para o futuro, vislumbramos a continuidade na pós-graduação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É toda só dEle! Que corpo, que canto!
Nos olhos de treva, na boca, no olhar!
– Por isso Ele “baixa” na voz de Cleomar!

O Tambor de Mina se mantém vivo e relevante graças à capacidade de se adaptar e dialogar com as diferentes culturas presentes no Brasil. Nesse exemplo, vemos como a criatividade e o diálogo cultural estão presentes na própria essência do Tambor de Mina. A religião incorporou influências culturais diversas, mantendo-se fiel às suas raízes africanas, mas adaptando-se à realidade brasileira.

Sob essa ótica, é importante ressaltar neste trabalho, a relevância da Etnocenologia enquanto instrumento fundamental de análise etnográfica de uma "cena", através das performances realizadas em terreiros e traduzidas poeticamente por Bruno, a fim de analisar as relações imagéticas e textuais presentes na composição da obra Invocação, visto que:

> Se na escrita, na perspectiva do espectador, a percepção humana se concentra em ver, reconhecer e decodificar os símbolos textuais, na oralidade a evidência está em falar e escutar. Já na cena espetacular, geralmente, a recepção se distribui por múltiplos canais de apreensão. Em espetáculos marcados por uma forte expressão cênica é recorrente a exploração de elementos como figurinos, iluminação e objetos, que solicitam o sentido visual, contando ainda com a percepção sonora, a exemplo dos diálogos (DUMAS, 2012, p. 150).

Além disso, tal disciplina é fundamental para aprofundar uma revisão crítica sobre as práticas antropológicas e etnográficas na cidade de Belém, considerando a experiência, a imaginação artística e literária de Bruno de Menezes.

Submersa em reflexões acerca de versos do poema como "Ressoa selvagem o tambor de mina", que nos remete a ancestralidade negra então colocada em subsistência e selvageria durante o período de colonização e escravização no Brasil, ou toda significância imagética e semiótica que vem à tona ao saber de uma roda que se agita enquanto os pés rodopiam dominando o terreiro, consolidam também a poeticidade em uma pesquisa que não tem apenas finalidade acadêmica, mas que também traz consigo uma genuína inquietação em compreender além do que nos foi dito e ler além do que está escrito.

REFERÊNCIAS

ALVES, Mariana Janaina dos Santos. Bruno de Menezes e Léopold Sédar Senghor: Poética, Negritude e Religiosidade. In: *Asas da Palavra*: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura. Belém:

Unama, vol. 15, n. 1, p. 16 – 26, 2018. Disponível em: http://dx.doi.org/10.17648/1415-7950-v15n1-1028. Acesso em: 15 jul 2023.

BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. A vida ainda breve da Etnocenologia: uma nova perspectiva transdisciplinar para as artes do espetáculo. In: *Cátedra de Artes*, Faculdade de Artes, Pontifícia Universidade Católica do Chile, n. 11, p. 106 – 123, 2011 . Disponível em: https://docplayer.com.br/39935235-A-vida-ainda-breve-da-etnocenologia-uma-nova-perspectiva-transdisciplinar-para-as-artes-do-espetaculo-1.html. Acesso em: 15 jul 2023.

CAMPELO, Marilu Márcia; DE LUCA, Taissa Tavernard. As duas africanidades estabelecidas no Pará. *Revista Aulas*, v. 04, p. 1 – 27, 2007. Disponível em: https://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20II/4_13.pdf. Acesso em: 15 jul 2023.

DUMAS, Alexandra Gouvea. Corpo em Cena: oralidade e etnocenologia. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, v. 2, p. 148-162, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbep/a/XPxVmM8zjz69mYmCTzLjNyb/?lang=pt. Acesso em: 15 jul 2023.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. Negritude e crioulização em Bruno de Menezes. *Novos Cadernos NAEA*, v. 13, n. 2, p. 219-233, dez. 2010. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v13i2.479. Acesso em: 15 jul 2023.

GEBRA, Fernando de Moraes. Ecos de 1922: o modernismo paraense no sistema literário brasileiro. In: *Projeto História*, São Paulo, v. 73, pp. 44 – 71, jan. – abr., 2022. Disponível em: https://doi.org/10.23925/2176-2767.2022v73p44-71. Acesso em: 15 jul 2023.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. 2. Ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

MENEZES, Bruno de. *Obras completas de Bruno de Menezes*. Belém: Secretaria Estadual de Cultura: Conselho Estadual de Cultura, 1993.

WALTER FREITAS: EXPRESSÃO ARTÍSTICA AMAZÔNICA DOS ENTREMUNDOS ORIGINÁRIOS E CONTEMPORÂNEOS [1]

WALTER FREITAS: ARTISTIC EXHIBITION OF THE AMAZON IN THE ORIGINAL AND CONTEMPORARY WORLDS

WALTER FREITAS: EXPRESIÓN ARTÍSTICA DE LA AMAZONÍA DE LOS MUNDOS ORIGINALES Y CONTEMPORÁNEOS

Magnólia da Rocha [2]

Resumo: Este artigo apresenta Walter Freitas, artista amazônico, autor de obras repletas de narrativas que dizem respeito ao imaginário, à poética e à oralidade, presentes na cultura amazônica em diversos momentos e contextos históricos, políticos e sociais. O objetivo deste estudo é analisar os sentidos (e/ou significações) do imaginário amazônico presente na poética desse artista. Para isso, é importante desvendar a filiação de sua arte poética com a Amazônia, sinalizada pelo imaginário regional, suas simbologias e linguagem artística. Para situar o trabalho do autor neste contexto histórico e geográfico amazônico, são apresentadas ideias que nos permitem explicar a natureza e a qualidade da arte de Freitas a partir da fenomenologia existencial, da geografia humanista e da geopoética, campos das teorias sociais que mostram a subjetividade humana como produtora de conhecimentos e interpretações cientificas e verossímeis da realidade social.

Palavras-chave: Walter Freitas; Amazônia; Fenomenologia Existencial; Geografia Humanista; Geopoética.

Abstract: This article presents Walter Freitas, Amazonian artist, author of works full of narratives that concern the imaginary, poetics and orality, present in Amazonian culture in various historical, political and social moments and contexts. The objective of this study is to analyze the meanings of the Amazonian imaginary present in the poetics of this artist. For this, it is important to unveil the affiliation of his poetic art with the Amazon, signaled by the regional imaginary, its symbologies and artistic language. To situate the author's work in this historical and geographical context of the Amazon, ideas are presented that allow us to explain the nature and quality of Freitas' art, from existential phenomenology, humanistic geography and geopoetics, fields of social theories that show human subjectivity as a producer of scientific and credible knowledge and interpretations of social reality.

Keywords: Walter Freitas; Amazon; Existential Phenomenology; Humanistic

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho – ST3 – (In) Visibilidades Festivas na Cidade: Cortejos, Rituais e Performances em Espaço Urbano, do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura-PPGCLC/UNAMA; e-mail: magnoliadarocha@yahoo.com.br; e ORCID 0000-0002-9760-4745

Geography; Geopoetics.

Resumen: Este artículo presenta a Walter Freitas, artista amazónico, autor de obras llenas de narrativas que conciernen al imaginario, la poética y la oralidad, presentes en la cultura amazónica en diversos momentos y contextos históricos, políticos y sociales. El objetivo de este estudio es analizar los significados del imaginario amazónico presente en la poética de este artista. Para ello, es importante develar la afiliación de su arte poético con la Amazonía, señalada por el imaginario regional, sus simbologías y lenguaje artístico. Para situar la obra del autor en este contexto histórico y geográfico de la Amazonía, se presentan ideas que permiten explicar la naturaleza y calidad del arte de Freitas desde la fenomenología existencial, la geografía humanística y la geopoética, campos de teorías sociales que muestran la subjetividad humana como productora de conocimiento e interpretaciones científicas y creíbles de la realidad social.

Palavras clave: Walter Freitas; Amazonía: Fenomenología Existencial; Geografia Humanística; Geopoética.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende discutir o trabalho artístico do paraense Walter Freitas, a partir de uma interpretação sobre algumas de suas obras. Para tanto, faço uso da ideia de geopoética inicialmente apresentada por Eric Dardel (2011), geógrafo francês considerado o precursor da geografia fenomenológica e humanista, inaugurando a geografia como uma ciência que valoriza as impressões, a fala, as percepções, ou seja, a forma de produzir conhecimento pela via da subjetividade. No que se refere à questão metodológica, sob o prisma das ciências humanas e sociais, os estudos do imaginário, da arte e da cultura, também vêm ocupar uma lacuna investigativa no que diz respeito às posições epistemológicas que privilegiam as explicações objetivas da realidade, aquelas retiradas ou existentes apenas no campo do fenomenismo, do concreto visto e pensado, em detrimento das expressões subjetivas das manifestações humanas. A metodologia aqui utilizada, portanto, está fundamentada no método fenomenológico, considerada como a atitude científica capaz de analisar e discutir os fundamentos epistemológicos que cercam o objeto da pesquisa. Atitude, essa, que intui o objeto da pesquisa como um fenômeno produzido pela consciência e sua intencionalidade na

busca pela explicação dos fatos estudados. Por fim, apresento minhas impressões sobre o que propus nesse ensaio.

2. UM TRADUTOR DA COSMOLOGIA AMAZÔNICA

> Bêra de cá mato assombrava inté: Ali sentava a Canindé; A-já-é-dia-Maria-já-é; D'sincanta a madrugada; Ë a cobra preta vira igarapé.
>
> Janataíra, Walter Freitas.

A impressão que se tem, ao conhecer a poética de Walter Freitas, caboclo amazônico (nascido e criado no estado do Pará), é que ela nos leva a um deslocamento do tempo-espaço desse lugar mítico; nos permite reencontrar o elo entre homem e a terra (homem-terra), naquilo que está para além do visível conforme no ensina, Eric Dardel (2011) em "O Homem e a Terra: a natureza da natureza geográfica, quando nos fala do vivo ao nosso redor, do universo se movível, que nos cativa e nos afeta sem pedir licença ou ser convidado. Essa aprovação, independentemente de qualquer estímulo, atravessa campos e mares, até instalar-se de vez; e é nesse entrelugar que a obra de Walter Freitas se embala e nos assopra seu hálito sensual, mestiço.

Walter Freitas expõe-se na música, na dramaturgia e na literatura. Nas três artes, tem a intenção de estabelecer um vínculo, o silogismo necessário para no futuro gerar um pensar próximo ou pelo menos apropriado, a garantir o acesso à verdade que expressa em suas letras, em seus textos. O ativismo, em sua obra literária, parece ser uma ação conquistadora, uma descrição cotidiana do que nos é caro e a muitos imperceptível. O processo criativo desse artista amazônico caminha e apresenta um conjunto de obras repletas de narrativas que dizem respeito ao imaginário, à poética e à oralidade, presentes na cultura amazônica em diversos momentos e contextos históricos, políticos e sociais.

> Dançadêra dös ajuri, plantadur'; Ouro dös cabanos deste-um meu Pará; Trago 'scondidito im meã concha arambá; Três guer'ras tudas contra este-um Brasil; Buca dë abiu, buca dë abiu; Dö Tucumã sai a noite, pula uma 'rã; Irapuru vem nö mato, podre um tem-tem; Caititu t'espera lá nö bem-breu; Cor're, aquela menina, as antas cor'reu-cor'reu; Mundia não

> quë tu tomba tu cai; Nas águas dö Guamã quë vai; Nas águas do Guamá cobra-cipó; Sem descanso pelos matos do planêto a cutimbói.
>
> Janataíra, Walter Freitas.

O predicado contido nas obras de Walter Freitas, é que ele está intimamente relacionado a um repertório natural, logo, uma disposição de assuntos que se licencia em termos usados no cotidiano, e que isso, facilita encontrá-los e compreendê-los em sua completude. Reconhecemos com integridade falas, costumes e simbologias amazônicas. Então, falar em agente estético é eleger, ou elevar, ou dar um caráter de arte às composições musicais, bem como às produções textuais de Walter Freitas. Ou seja, como bem afirmou Marlise Borges de Lima (2013), em sua tese de doutorado na PUC/SP, que apresentou o artista amazônico à academia brasileira, é o modo de fazer a poética, o fazer essencialmente empírico (narrativas vindas das vivências), que é, logicamente, o processo criativo-expressivo do artista; é isso que nos leva a caracterizar seu trabalho como obras de arte.

O aspecto cultural no trabalho de Walter Freitas, no qual os elementos identitários amazônicos são pontuados de forma a ocasionar “estranhamento”, traz de forma evidente o cuidado do artista em manifestar as características, as falas, as misturas, as crendices, os temores e as paixões ardentes das sociedades amazônidas. Freitas dá um caráter geoantropológico às suas obras de arte, pois nelas estão as humanidades descritas de forma ampliada, e é nesse momento que ele consegue construir narrativas do universo amazônico, de forma tão abstrata.

Seu trabalho artístico nos convida a um passeio ao universo de símbolos, crenças, misticismo, valores e a visitar espaços encantados e profundos das relações. Um texto publicado na revista PZZ - Pará Zero Zero (2009), observa que na arte poética do artista pulsam ritmos de uma ancestralidade mítica, dos antepassados negros e indígenas. Suas obras artísticas são impregnadas do imaginário amazônico, apresentando-se universal quando alcança símbolos reconhecidos como elementos profundos e de valor para a alma e a natureza humana, causando um fruir de sentidos que provocam sentimentos, por ocasiões, ininteligíveis, mesmo para nós, amazônidas.

O objetivo principal deste estudo é analisar os sentidos (e/ou significações) do imaginário amazônico presente na poética de Walter Freitas. Para isso, é importante desvendar a filiação de sua arte poética com a Amazônia, sinalizada pelo imaginário regional, suas simbologias e linguagem artística. Entre outros objetivos, busca-se refletir sobre os entre-mundos da arte de Freitas presentes na experiência de vida do artista e ainda compreender os significados artísticos e culturais expressos em sua música, dramaturgia e literatura, que tem como ponto de partida a Amazônia brasileira.

3. DA NATUREZA SÓCIOHISTÓRICA E POLÍTICA DA AMAZÔNIA

Reconhecendo a singularidade contextual do objeto em estudo, construído em cenário específico – a Amazônia, lugar essencialmente distinto e peculiar, principalmente, do ponto de vista histórico e geográfico, a fundamentação teórica desta pesquisa se inicia com apontamentos sobre a Amazônia, como um lugar de produção sociocultural originária, tradicional e contemporânea, moderna, cheia de contradições e riquezas materiais e imateriais, capazes de compor obras artísticas como as de Walter Freitas.

Thiago de Mello (1981), homem da Amazônia, poeta, jornalista e tradutor amigo de Pablo Neruda, que na arte da prosa e do verso cantou, encantou e mostrou ao mundo inteiro a beleza, riqueza, pobreza da difícil realidade da Amazônia, nos convida a compreender este mundo de alegrias, tristezas e complexidades culturais típicas. Com sua arte refinada, o autor nos ensina que:

> Já não se esconde mais, cada dia ganha mais corpo, a inquietação a propósito do futuro da Amazônia, cujo equilíbrio ecológico está fundamentalmente ferido. A nossa floresta, que só tem feito servir ao homem, vem sendo explorada e ocupada de maneira insensata, desordenada e assustadoramente predatória. A denúncia é feita por cientistas que sabem o que dizem. É claro que a Amazônia precisa ser ocupada e desenvolvida. Mas sempre levando em conta os fatores ecológicos e a sua necessária harmonia. A floresta tem que ser utilizada, mas humanamente. Utilizada, e não degradada (MELLO, 1981, p. 97).

Com Márcio Souza (1977, 1985, 2001) temos um quadro mais completo da Amazônia antiga e atual, com seu desenvolvimento sociohistórico, cultural e político como centro de concorrências exploradoras de suas riquezas naturais, culturais e sociais. Sociólogo, historiador, dramaturgo e romancista, também amazonense como Mello, Souza se tornou um incansável exaltador e crítico da realidade amazônica. Através dele passamos a conhecer detalhes desta região nunca anunciada nas instituições públicas nem privadas, ou pela mídia e publicações normativas.

A força da pesquisa de Souza é tão grande que um fragmento de seus escritos tem a capacidade de ressaltar um retrato verdadeiro e genuíno da Amazônia. Cenário esse, marcado pela “amnésia regional” que, na acepção do autor, mantem uma sociedade inteirinha nos padrões de um povo colonizado, num lugar devassado pela inversão cultural imposta pela industrialização desordenada das sociedades ditas desenvolvidas (SOUZA,1977).

Embora elaborada há quarenta e seis anos, a preocupação de Souza, nem de seus antecessores, jamais entrou em remissão. Exatamente trinta anos depois Castro (2007) expõe sua inquietação científica sobre a situação atual e futura da Amazônia. Debatendo sobre as condições atuais de soberania da região e dos enormes conflitos em torno das suas riquezas naturais, com impactos sociais, econômicos e culturais severos para as sociedades e povos que a constituem, o autor trata minunciosamente das ameaças que sobrepõe a Amazônia de hoje.

> Belterra, Pará, Brasil. 2
> de setembro de 2050
>
> Filho:
> Só ontem recebi sua carta. Também não é para menos, a desorganização da nossa região está um caso sério. Depois de três anos de estiagem, com sucessivas quebras de safra e mortandade no rebanho bovino, as periferias das cidades viraram zonas livres, dominadas pelo crime. Está tudo desorganizado: correios, a telefonia móvel (ontem uma bomba destruiu a torre de conexão com o satélite de nossa região). Quadrilhas rivais lutam pelo direito de vender proteção, e a violência escalou de forma insuportável. Por isso, nem pensar em voltar. Se nos Estados Unidos você não tem chance de progredir porque és um chicano ilegal, aqui você será presa fácil para os criminosos ou terá que aderir a alguma das organizações narcotraficantes (CASTRO, 1977, p. 11).

Meggers e Ribeiro (1987), antropólogos dedicados ao estudo da cultura amazônica e suas dimensões sociohistóricas para o desenvolvimento econômico e social brasileiro, nos oferecem uma rica análise de significado não apenas antropológico, mas, de relevância social "com indagações e reexame crítico [...] das respostas culturais específicas a exigências do meio ambiente" (RIBEIRO, 1987, p. 13), como faz Meggers (1987) em seu livro "*Amazônia: a ilusão de um paraíso"*, oferecendo um profundo "estudo das culturas amazônicas, como parte de um complexo sistema de adaptação ecológica", como afirma Ribeiro (1987, p. 12), situando esta publicação como uma das maiores contribuições da antropologia para compreensão das possíveis soluções para os problemas e ameaças que recaem sobre a Amazônia.

Em Euclides da Cunha (1976) encontramos uma clássica ilustração da forma como o Brasil começa a se preocupar com a Amazônia, enquanto um território de grandes investimentos futuros para o desenvolvimento nacional nos moldes da submissão à dominação internacional. Cunha foi um jornalista com formação militar que exercia uma função pública do tipo adido militar, levantando informações de interesse do Estado em áreas de conflitos e de massivo desconhecimento público. Dessa forma, o jornalista carioca visitou eventos e territórios considerados inóspitos, contudo, potenciais matérias para produção de uma vasta literatura brasileira.

Na Amazônia, o autor de *Os Sertões* esteve nos primeiros anos do século XX, período em que a região havia se tornado grande atração de riquezas para exploração. Segundo Reis (1976, p. 41), a visita de Euclides da Cunha na Amazônia era a realização de um grande sonho. "Chefiava a comissão Brasileira de Limites com o Peru, em um momento de certa tensão, consequente a conflitos que se verificavam e constituíram capítulos [...]" de disputa deste território.

Enquanto um homem da Amazônia, o artista Walter Freitas pensa, compõe e expõe sua arte sobre a Amazônia, o seu lugar, a sua vida de caboclo criado neste ambiente de encanto e conflitos complexos e imprevisíveis. Todavia, para situar sua arte no contexto histórico e geográfico é preciso expor as ideias que perpassam o esclarecimento e descobertas sobre a sua

produção artística. Tais ideias capazes de nos explicar sobre a natureza e a qualidade da arte de Freitas podem ser baseadas na fenomenologia existencial, na geografia humanista e na geopoética, campos das teorias sociais que mostram a subjetividade humana como produtora de conhecimentos e interpretações cientificas e verossímeis da realidade social.

Seja pela música, pela poesia, pelos textos dramatúrgicos ou romancistas, as produções de Freitas produzem diversos efeitos, dentre os quais respeito, assim como, desconforto e/ou indescritível senso de estranheza, pelo seu trabalho tomado de imagens, símbolos e representações sociais capaz de lhe reconduzir à sua identidade cultural de amazônida, com todas as regalias, mistérios, beleza e encantamentos de uma "vida celebrada pela figuração do amor como ligação suprema dos seres entre si e como exaltação dos sentidos nas relações dos homens com a realidade", comenta Loureiro (1995, p. 56).

Para se chegar à conhecença de como se caracteriza o imaginário cultural veiculado pela arte de Walter Freitas, agora nos resta apresentar nosso anfitrião, o caboclo paraense, autor de várias produções artísticas entre músicas, composições, peças de teatro e romances ambientadas na Amazônia, mostrando a vida nativa do homem desta região, ilustrada pelas expressões socioculturais populares e tradicionais vivenciadas num espaço social rural, "especialmente ribeirinho", onde a cultura "reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural", na acepção de Loureiro (1995, p. 55).

4. WALTER FREITAS E A ARTE AMAZÔNIDA: GEOPOÉTICA ARTÍSTICA REPLETA DE IMAGINÁRIOS, SIMBOLOGIAS E LINGUAGEM CULTURAL

Walter Freitas é poeta, dramaturgo, compositor e romancista amazônida. Sua história e obra compõe um manancial de informações, cultura e amor pleno, provocando de forma comum, uma visita à infância, àquela das histórias de protetores da floresta, fadas e seus encantamentos, lendas da vitória régia e outras.

Esse autor é uma quina saliente, que para se fazer entender, conta com sua fala provocante e de estranhezas, abusa dessa nossa fluidez de maneira tal, que a memória ida marcha e constrói pontes capazes de nos orientar no presente e levar-nos ao futuro próximo, a mundos outros. As experimentações são o que nos conectam com o etéreo e com a intenção de ilustrar a poesia encantadora de Walter Freitas, que irá nos proporcionar toda a glória de um paraíso nem perdido, como denominou Euclides da Cunha (1976), nem ilusório, como se registra na angústia antropológica de Betty Meggers (1987). Mas de um subcontinente lendário, rico em estórias, cantares, danças, magias, folclores na imensidão de um território que ainda não foi verdadeiramente descoberto.

É isso que faz Walter Freitas, o artista nativo da nossa Amazônia. Numa pausa para vivermos essa magia, sempre que Freitas (2011) publica uma obra, como é o caso de "Kararaô", seu primeiro romance sobre os povos da Amazônia, que nos chega justamente quando as sociedades amazônidas estão em polvorosa[3]. Coincidentemente, preocupadas com as trágicas consequências da anunciada construção da Usina de Belo Monte, em 1989, no coração da floresta amazônica, em Altamira, sudeste do Pará.

"Kararaô" chega em 2011, e o mundo ainda se ressente da angustiante fotografia da indígena Tuíra, da nação Kayapó, esfregando um facão no rosto do engenheiro responsável pela construção de Belo Monte, no I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, em 1989.

Até aquele momento o nome da hidrelétrica chamava-se Kararaô, palavra Kayapó, cujo significado é "grito de guerra". Claramente uma ironia (ou deboche da cultura política dominante) para aqueles que seriam barbaramente prejudicados em sua cosmologia e real existência. A partir da concreta demonstração de revolta do movimento indígena com a barbárie anunciada por mais uma violência institucional em nome da expansão do desenvolvimento da Amazônia, o Estado, imediatamente, resolveu mudar o nome da gigante

[3] Em 20 de maio de 2008, Tuíra, uma indígena Caiapó de 19 anos, e o povo Caiapó tentou impedir a construção da Usina de Belo Monte, com um ato de demonstração de força e confronto dos Povos Indígenas (prejudicados pela construção da usina) com as instituições dominantes. Naquele momento o mundo sentiu-se escandalizado com a investida da representante indígena, por isso a expressão "polvorosa".

hidrelétrica a ser construída no rio Xingu. De Kararaô, passou a se chamar Belo Monte.

No momento da produção do romance, o artista e escritor paraense e todo grande parte do mundo ocidental, estava se remoendo com a violência que representava a construção da Usina de Belo Monte, antiga Kararaô. A dor de mais uma imensa destruição ambiental já estava implantada no imaginário de todos que amam a Amazônia.

Embora o romance se exima de qualquer conotação política, muito menos se refira aos conflitos provocados pela construção da Usina Belo Monte, mas tenha como única intenção produzir literatura nativa com teores artísticos amazônicos, trata-se de uma obra que marca no imaginário do leitor a destruição de uma sociabilidade produzida na cultura nativa de um povo da floresta mais fascinante e enigmática do mundo

Independentemente das intenções literárias e artística do autor, ele nos remete à fatídica realidade de exuberância e aviltamento de um paraíso terrestre gravemente ambicionado que estava à beira de mais um empreendimento gigantesco com imensos impactos socioambientais e culturais, haja vista o afogamento de seis territórios indígenas, na região do Xingu, sem contar os milhares de ribeirinhos e comunidades de pequenos agricultores, todos sobreviventes da terra e recursos hídricos da localidade.

Walter Freitas é um notável difusor do imaginário sociocultural do povo amazônico, artista paraoara e “homem do seu lugar”. Trata-se de um talentoso artífice de uma ficção fascinante que vem compondo verdadeiros preceitos da geopoética da Amazônia, na sua plenitude realística.

O modo poético de fazer arte com a linguagem e com os atos culturais cotidianos do caboclo amazônico, coloca a criatividade de Freitas no âmbito do espaço-tempo vivido na história social da sua “terra”, por onde ele caminha como um nativo tomado pelo mundo simbólico, real e imaginário do seu “lugar”, adornado pela beleza, sonhos e experiências miméticas que o artista reproduz na sua ressignificação da cultura, costumes, falas e pensamentos dos chamados “povos da floresta”. E, compartilhando da sua subjetividade artística com sua sociedade originária, Freitas realiza o alcance Amazônico da sua expressão espetacular e geopoética.

A geopoética, encontrada na arte de Walter Freitas, se mostra como uma teoria-prática que alicerça o pensamento e não o separa da vida vivenciada. Essa abordagem científica, poética e filosófica, arraiga-se no real, por encontrar-se contracenando com vários sujeitos, tendo como veículo, o tempo e o espaço. A arte poética de Walter Freitas se harmoniza com as bases da geopoética da Amazônia, o lugar onde vive o artista poeta, o lugar de onde ele fala, ele sente a vida social humana, com suas faces desumanas.

Uma ilustração da representação geopoética que se vivencia na arte de Freitas, está na música *Hei, Sapecuim*; autoria de Walter Freitas e Antônio Moura (1987).

Hei, Sapecuim

Ouço este um chamar' chamar ê/ paresque uma guer'ra pra banda dë ma-rabá/ cumo as jaquêras car'regu/ ë joga tanta fruta ë flur'/ vem lá das ilhas cutijuba é lá/ ser'pente cabra preta búfala/ teu seio asa de pássaro flechu/ 'roçu meu bronze ë a flecha não quebru/ 'Raimundo vem cá/ sabe essa li-ção/ a vida entor'tu/ cuiêra dö chão/ mas fincu 'raiz/ nö meu coração/ a vida faz mel/ e enter'ra o fer'rão/ passa já pra dentro, Birr'ro/ vei' cunhado aqui me em'redá/ vaçuncê fez festa ë cum quem/ cum Per'rpétua da Gueiomar/ num vai aprendê 'rubá/ 'scuta 'scuta este-um chamar/ ei andar' andar' an-dar' ê/ vento crina cio cavala vela 'riba o mar'/ 'strêla 'strala o temporal/ 'sporas dë areia ë sal/ um tapajós cor're im teus olho adeus/ adeus teu 'riso a 'roça nö luar'/ fer'vura dë urucum no coração/ hei tchê pra o bruxo sol të enfeitiçar/ hei sapecuim!/ Antônio Antoniö/ pros fim dos confim/ quem "nós" invocu/ a mor'te cauim/ moquém "nós" iscu/ hei sapecuim! A bicha gritu/ água assombrada bota/ um piu sar'ta da tucêra/ vu pras cabiceras, ver'gel/ jamachy, agôro ë chapéu/ ar'ma dö lugar' dur'miu/ vembora pir'ralha psiu...!/ meu boi ur'ru d'baixo da canua/ dragão de jor'ge a lua/ tremeu que treme o cur'ral/ 'strelinha tu cai no meu veludo/ eu vu te 'sperançá, madru-go/ as 'strada maracangal'lha/ antão tu cai sabe o mocó do mar'/ 'riba a pe- dra branca?/ alua só/ no coração fundo perau/ toca mea pir'ralha e alua fiau babau/ cavalêro serenu na lança/ fere o tempo, o tempo dança/ 'spada tu luz ai de mim/ 'raio da noite, negro do dia/ cala os 'rumpi- calamaria/ do tempo este-um 'rio mirim/ os pissual më enfeza ah eu më enfezei/ fulha dë cruana, as mazela quë eu já sur'rei/ meu beijo a flür dö piquiá/ ë um fogo ai më sova peia/ fico no meu guamã dos meus guamás/ andar' detrás cumo as condêxa, axi!/ fico no meu guamã dos meus guamás/ os paricêro a-bom/ band-caboquêro/ choremo este-um tom/ João bronz' festêro/ sej' lo-vada a dur' qu' nós

> nunca pesquem'/ nem num desvendem'/ nem chamemo amur'/ fêmea madrugada prenha/ desovu na mão d'aurora/ antão quem nasce é o dia, a manhã/ ë já vai num vö de acauã/ se aligeru pros 'gapó/ dançaderero um carimbó.../

Nada mais existencialista do que essa composição de Walter Freitas e seu parceiro Antônio Moura, numa genuína expressão sociocultural de um homem, que fala da vida do seu lugar, da sua história, pensada por si mesmo, com todo seu arcabouço interpretativo da visão própria dos acontecimentos e das relações construídas como fenômenos culturais, de uma cultura popular, jamais reconhecida pela inteligência dominante, notadamente imposta pela razão social dominante.

Mediada por esses aspectos, ficamos diante de uma expressão artística que apresenta as três características peculiares da fenomenologia existencialista, ou seja, a valorização da leitura individual de mundo, a contraposição à racionalidade moderna dominante, de cunho cultural propedêutico e eminentemente científico, além da valorização da possibilidade da liberdade do homem diante do seu mundo. Liberdade esta, sobretudo, de expressão diante das vicissitudes da vida.

Na tradução verbo-visual-sonora da arte poético-musical de Walter Freitas, feita por Marlise Borges (2009), a poesia do artista irradia a relação intrínseca entre natureza e cultura que constitui toda a formação sociocultural da constituição societal da Amazônia.

> Deste modo, a poética se constrói/reconstrói de forma alternativa, reunindo ao mesmo tempo elementos, objetos e as séries culturais presentes na cultura amazônica: as lendas, as festas populares, a culinária, os rituais (sacros, profanos). Enquanto música, ritmo, melodia e harmonia são diferenciadas e não se pode falar apenas de objeto estético, pois que funciona também como uma espécie de documento antropológico, cultural, político e social (BORGES, 2009, p. 11).

Na compreensão da autora, o caráter alternativo da arte poética de Freitas encontra-se justamente na apresentação de uma realidade social vivenciada não no tempo presente do cotidiano amazônico, mas residente no âmago da cultura contada pelos antepassados, existentes e vividas nas "estórias de amor e perda, encantamentos da floresta, analogias às essências

e aos sabores de frutas, e, é claro, a apresentação de paisagens exóticas e belas, como a Ilha do Marajó, com seus muitos pássaros, peixes e cobras.", como pondera Borges (2009, p. 12).

Ratificando a natureza poética da arte de Freitas, a música *Hei, Sapecuim* é parte da coletânea chamada de *"Tuyabaé Cuaá"*, "obra de arte verbo-sonora composta de oito músicas [...], que trabalha também com imagens poéticas sobre a passagem do tempo, [...] que traduz a Amazônia e o Brasil na sua mais absoluta grandeza, riquezas e misturas, comenta Borges (2009, p. 13).

Mantendo-se no campo teórico do imaginário cultural, Borges de Lima (2013) vai buscar na semiótica cultural russa e nas formulações da cultura e comunicação a compreensão da mediação entre arte e comunicação e arte e cultura encontrada na expressão artística de Walter Freitas, que a autora chama de "obras de arte verbo-visual-sonoras", no resumo da sua tese de doutorado, também entendidas como um arcabouço do imaginário cultural da Amazônia.

Nos estudos de Borges de Lima (2013, p. 15) o imaginário cultural da Amazônia aparece na obra artística de Walter Freitas como uma prática de linguagens artísticas, plurais, expressadas na música, no teatro e na literatura, plenas de "pensamento poético" sobre a Amazônia.

Articulando as linguagens artísticas à memória cultural, Borges de Lima (2013), mostra que Freitas vai apresentando o cenário cultural, artístico, político e social da Amazônia, contextualizado pelas identidades culturais, ambientação nativa, cultura popular e relações mediadas pelo que ela definiu como "caboclês", a fala característica do nativo desta região.

O "caboclês" é o veículo do imaginário, a linguagem que encarna em todos os personagens amazônicos, sujeitos e elementos socioculturais, que vão desde o ambiente nativo tradicional, às manifestações culturais inscritas nos ritmos da música e das danças, nas vestimentas, nos utensílios domésticos, de trabalho, e artísticos do mundo rural do homem amazônida, propriamente dito, hoje, todos transformados em folclore, mas recriados na arte de Walter Freitas, como representação de uma realidade sonhada,

imaginada, artisticamente apresentada como um imenso repertório de imaginário cultural.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contra direção da modernidade que desvaloriza a imagem e o imaginário, a arte de Freitas torna visível a linguagem, a cultura popular, o folclore, os ritmos, as danças, os modos de falar, as crenças e religiosidades, os ambientes rurais e urbanos-periféricos com suas agitações cotidianas marcadas pelo pensamento mítico – elementos socioculturais originalmente amazônicos.

Hoje, a arte de Walter Freitas (ainda que seja complexa e por este motivo compreendida por poucos) é considerada e respeitada como um patrimônio artístico e cultural, por muitos artistas, poetas e representantes da cultura AMAZÔNIDA, isso porque as expressões artísticas de Freitas preenchem o nosso imaginário, o imaginário do homem amazônida, do povo e da sociedade desta região.

Não se trata de um bem palpável, concreto, mas de um conjunto de imagens, representações, sonhos e desejos produzidos ao longo da história social amazônica, sentimentos que ficaram armazenados na cultura, no reservatório dos saberes populares, nas lendas e explicações sobre uma terra misteriosa que a modernidade transformou em reserva de relíquias econômicas, abafando suas riquezas simbólicas que Freitas insiste em nos mostrar, e o melhor, nos mostra criando e recriando uma imaginário cultural de grandeza e beleza ímpar.

REFERÊNCIAS

BORGES, Marlise. *Tradução cultural, mestiçagem, oralidade e memória: o processo criativo-expressivo-reflexivo de Walter Freitas.* Comunicação Midiatizada na e da Amazônia. Vol. 2. Belém-Pará, FADESP, 2011.

BORGES DE LIMA, Marlise**.** *Dossiê Walter Freitas: Comunicação, Arte e Cultura na Amazônia.* Tese de Doutorado. Programa de Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 2013.

CASTRO, Márcio Henrique Monteiro de. *Amazônia: Soberania e Desenvolvimento Sustentável.* Brasília: Confea, 2007 (Pensar Brasil).

CUNHA, Euclides da et al. *Um paraíso perdido: reunião dos ensaios amazônicos.* Introdução de Arthur Cézar Ferreira Reis. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976 (Dimensões do Brasil, v. 1).

DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.* (Trad. Werther Holzer) São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

FREYTAS, Walter. *Kararaô*. Belém: Cejup, 2011.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica***:** uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995.

MELLO, Thiago de. *Mormaço na Floresta.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; São Paulo: Massao Ohno, 1981. (Coleção Poesia Sempre; v.2).

REIS, Arthur Cezar Ferreira. *Euclides e o Paraíso Perdido.* In: CUNHA, Euclides da et al. Um paraíso perdido: reunião dos ensaios amazônicos. Introdução de Arthur Cézar Ferreira Reis. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976 (Dimensões do Brasil, v. 1).

REVISTA PZZ – Pará Zero Zero. Abril-Maio, 2009.

RIBEIRO, Darcy. Apresentação. In: MEGGERS, Betty. *Amazônia: a ilusão de um paraíso.* Tradução de Maria Yedda Linhares. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

SOUZA, Márcio. *A expressão amazonense:* do colonialismo ao neocolonialismo. São Paulo: Alfa–Omega, 1977.

SOUZA, Márcio. *Mad Maria.* Romance. 4 ª ed. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1985.

SOUZA, Márcio. *Breve História da Amazônia.* 2ª. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

COORDENADORES:
PROF. DR. JOSÉ GUILHERME DE OLIVEIRA CASTRO (PPGCLC/UNAMA)
PROFA. DRA. ROSÂNGELA ARAÚJO DARWICH (PPGCLC/UNAMA)
PROFA. DRA. AIRLE MIRANDA DE SOUZA (PPGP/UFPA)
PROF. DR. DIRK OESSELMANN (UNIVERSIDADE PROTESTANTE DE CIÊNCIAS APLICADAS DE FREIBURG)

ST4 - (IN)VISIBILIDADES ARTE-CIÊNCIA: ENTRELAÇAMENTOS ENTRE LITERATURA E PSICOLOGIA

O encontro entre autor e leitor vem gerando reflexões na área da estética da recepção, mas também interpretações que sustentam princípios psicológicos e, assim, dinâmicas do funcionamento humano. É o caso do complexo de Édipo, em que Freud torna cotidiano o drama de Sófocles, e de obras clássicas como a Psicologia do Inconsciente, de Jung, que explora a teoria da psicologia analítica e sua aplicação na literatura. Considerando que a literatura é uma forma poderosa de representar e explorar questões complexas acerca da subjetividade humana e que a psicologia pode fornecer uma base teórica para a compreensão dessas questões, abrimos espaço a artigos voltados à análise psicológica de textos literários e, por outro lado, a sentidos que a literatura atribui a princípios psicológicos.

A CRIANÇA EM “NÓS”: A (CONT)AÇÃO DE HISTÓRIAS COMO RECURSO TERAPÊUTICO[1]

THE CHILD IN “NÓS”: THE STORYTELLING AS A THERAPEUTIC RESOURCE

EL NIÑO EN “NÓS”: LA NARRACIÓN DE CUENTOS COMO RECURSO TERAPÉUTICO

Tânia de Miranda Santos[2]
Vívian Fragoso Rei Monteiro[3]

Resumo: No que se refere ao desenvolvimento infantil, faz-se imprescindível recursos que visem um espaço de escuta e narrativa da criança sobre seu sofrimento psíquico, sendo a contação de histórias uma das vias de expressão e elaboração de angústias e sintomas. O objetivo deste trabalho propôs analisar a função da contação de histórias como recurso terapêutico ao mal-estar na infância sob prisma psicanalítico do livro "Nós" da autora Eva Furnari. Para tanto, foi realizada pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, em obras de autores e estudiosos da psicanálise e histórias infantis, e artigos científicos em periódicos CAPES, SciELO e Google Acadêmico, com a obra literária infantil referida, a fim de ilustrar e apresentar o estudo abordando suas metáforas enquanto representações do mal-estar na infância na atualidade. O estudo evidenciou que a contação de histórias é uma ação fundamental à constituição do sujeito e de função terapêutica, auxiliando na resolução de conflitos psíquicos.

Palavras-chave: Literatura infantil; Contação de histórias; Fantasia; Psicanálise.

Abstract: About child development, resources are essential that aim at a space for listening and narrating the child about their psychic suffering, with storytelling being one of the ways of expression and elaboration of symptoms. The aim of this work was to analyze the role of storytelling as a therapeutic resource for childhood from the psychoanalytical point of view of the book "Nós" by author Eva Furnari. For that, a qualitative bibliographical research was carried out, in works of authors and scholars of psychoanalysis and children's stories, and scientific articles in CAPES, SciELO and Google Scholar, with the referred children's literary work, in order to illustrate and present the study addressing their metaphors as representations of

1 Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho (IN)VISIBILIDADES ARTE-CIÊNCIA: entrelaçamentos entre literatura e psicologia do 10º Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós- Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

2 Psicóloga (UNAMA). Especialista em Desenvolvimento Infantil (INSPIRAR). Pós-graduanda em Psicanálise com crianças e adolescentes (IPOG). Graduanda do curso de Licenciatura em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa (FIBRA). E-mail: taniademirandas@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0009-0008-6944-8598.

3 Psicóloga (UNAMA). Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Especialista em Teoria Psicanalítica (FIBRA). Docente da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: vivianrei@hotmail.com. ORCID: https://orcid.org/0009-0004-3915-2009.

malaise in childhood today. The study showed that storytelling is a essential action for the constitution of the subject and with a therapeutic function, helping in the resolution of psychic conflicts.

Keywords: Children's literature; Storytelling; Fantasy; Psychoanalysis.

Resumen: En lo que se refiere al desarrollo infantil, son fundamentales recursos que apunten a un espacio de escucha y narración del niño sobre su sufrimiento psíquico, siendo la narración de cuentos una de las formas de expresión y elaboración de las angustias y los síntomas. El objetivo de este trabajo fue analizar el papel de la narración de cuentos como recurso terapéutico desde el punto de vista psicoanalítico del libro "Nós" de la autora Eva Furnari. Para ello, se realizó una investigación bibliográfica cualitativa, en obras de autores y estudiosos del psicoanálisis y cuentos infantiles, y artículos científicos en las revistas CAPES, SciELO y Google Scholar, con la obra "Nós" el fin de ilustrar y presentar el estudio abordando sus metáforas como representaciones del malestar en la infancia actual. El estudio mostró que la narración del cuentos es una acción fundamental para la constitución del sujeto y como una función terapéutica, auxiliando en la resolución de conflictos psíquicos.

Palavras clave: Literatura infantil; Narración de cuentos; Fantasía; Psicoanálisis.

1. INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto em que “uma vida se faz de histórias” (CORSO; CORSO, 2006, p. 23) e que partilhamos um acervo comum das mesmas, atravessando as culturas e épocas, permitindo gerar diversos sentidos e reconhecimentos, como os mitos e contos de fadas, à oferta atual de ficção voltadas às crianças, muitos assuntos, problemas e soluções antigas ainda reverberam na contemporaneidade, em que narrativas modernas podem se inspirar nestas, com a fantasia encontrando novas formas de se conjugar (CORSO; CORSO, 2006), tornando, nesse sentido, a contação de histórias enquanto uma ação organizadora.

Silva (2017) acentua que, na atualidade, há um esvaimento da experiência da arte narrativa frente ao excesso de estímulos cotidianos, predominando um discurso medicalizante diante do sofrimento psíquico na infância expresso e narrado por meio de sintomas sobretudo pelo corpo e em ato, sob riscos de silenciar o sujeito. Apesar disso, pode-se pensar nas narrativas orais presentes e na sobrevivência dos contos de fadas por sua capacidade de elaboração de conflitos psíquicos inconscientes; uma linguagem que compõe o imaginário acerca dos enigmas do mundo e do desejo e ampara a criança através das fantasias infantis (KEHL, 2006).

Diante disso, o presente trabalho teve como objetivo analisar a função da contação de histórias como instrumento terapêutico ao mal-estar na infância a partir de uma perspectiva psicanalítica da obra literária "Nós" da autora Eva Furnari enquanto ilustração do estudo, no intuito de discorrer sobre a escuta à produção narrativa da criança através desse recurso, para além de intenções pedagógicas, moralizantes e corretivas. Para tanto, subsidiou-se por pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, em obras de autores e estudiosos da psicanálise e de histórias infantis, e artigos científicos em periódicos CAPES, SciELO e Google Acadêmico.

Apresentou-se uma breve perspectiva histórica acerca do ato de contar histórias, a inserção no universo infantil e a fantasia na constituição psíquica. Ademais, contextualizou-se a obra literária enquanto representação à temática do mal-estar na infância e das manifestações do sujeito que podem emergir como sintomas e que são silenciadas, encontrando no corpo sua expressão. A partir disso, discutiu-se a função terapêutica da contação de histórias, em que tal recurso é uma via fundamental para que o sujeito narre sobre si a partir de tantas outras narrativas que lhe foram investidas e que sejam escutadas, ainda que apresentem alguns nós.

2. NUMA TERRA (NÃO) MUITO DISTANTE...: TESSITURAS HISTÓRICAS E CONSTITUTIVAS SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

2.1 O ato de contar histórias

A inserção ao espaço das histórias ocorre de forma precoce quando se considera a predisposição à narrativa que se adquire das experiências primevas da humanidade em conseguir externar modos de narrar o que afeta, da necessidade de se contar algo a fim de dar significado à vida (SIMÕES; FARIAS, 2017), como através de desenhos rupestres, a música, o teatro, a dança, os rituais e os mitos, em que o filósofo Walter Benjamin (1936/1994) apresenta a noção da narrativa como forma artesanal de comunicação.

Lacan (1957/1995) percebe o mito com uma estrutura de ficção por implicar, por trás, a verdade, em que se aborda temas da vida e da morte, da existência e da não-existência, das origens do nascimento, dos sexos, dos horizontes da experiência do sujeito. Lévi-Strauss (1958/2012) acentua que “o mito faz parte da

língua, é pela palavra que o conhecemos, ele pertence ao discurso" (p. 224).

Isto é, para o autor, o mito, para além de suas reverberações, constitui-se enquanto uma criação de fala, sendo difícil um consenso em sua definição, por suas diversas possibilidades de significado, em que sua substância se encontra não na estrutura gramatical, mas na história que nele é contada, isto é, o mito como uma linguagem, para situar-se no mundo, de espaço atemporal, em que "contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo" (BENJAMIN, 1936/1994, p. 205).

Lemos (2017) remonta que a despeito de contar histórias esteja ligado ao sentimento de comunidade e proximidade e à crítica às novas formas de interação, e se faz indissociável a narrativa oral adequando-se às novas ferramentas tecnológicas das histórias e às instituições educacionais, favorecendo novas versões e linguagens para se expressar, como quadrinhos, *e-books*, *podcasts*, televisão, redes e mídias sociais, cinema, dentre outros avanços, apropriando-se dos textos ou contos tradicionais, propiciando novas formas de oralidade, transmissão e criação, quando para além de informações massivas.

Destarte, abriu-se espaço ao império das imagens a partir da tradição oral, em que o dito precisa ser ilustrado; os sons, os silêncios, a entonação e a capacidade de dramatização associadas ao contador de história foram substituídos pelas capacidades narrativas dos estúdios e da ilustração e, ainda, conseguem evocar as mesmas emoções através dessas novas roupagens (CORSO; CORSO, 2006).

Costa (2016) salienta que ao narrar, recorda-se um fato e presentifica-o, entrelaçando o real e o fictício, construindo uma fantasia acerca do eu, em que, pela palavra, cria-se e organiza-se. O corpo também é valorizado enquanto narrativa, pois registra o texto, repetindo os atos em um tempo que não da ordem física, manifestando-se em uma performance, fazendo da memória uma metáfora da cultura (COSTA, 2016).

Corso e Corso (2011) trazem um olhar de que, em vistas comuns, o senso comum percebe o homem como racional, que o eixo do ser encontra-se na realidade, e apenas por vezes é tomado pela fantasia, sem considerar atravessamentos. Entretanto, a psicanálise toma a direção contrária ao denotar que, na verdade, o homem sonha a maior parte do tempo, em seus devaneios e, por

vezes, acorda, ou seja, a fantasia ocupa um lugar maior do que se admite e permeia diversos sentidos (CORSO; CORSO, 2011).

> (...) a gente cria, pensa, sente, sonha e até imagina uma outra vida, força maior para suportar a vida dura e real. Às vezes, essa "outra" vida é complexa: somos rei, rainha, nossa mãe é madrasta, nossa madrasta é bruxa, fugimos dos ogros, dos gigantes, mas encontramos pedras preciosas, uma casa feita de guloseimas, um beijo de príncipe ou princesa e um amor para sempre. Às vezes, é muito mais simples e realizamos tão somente o sonho de encontrar algum descanso (GUTFREIND, 2020, s.p.)

De acordo com Corso e Corso (2006), devido no senso comum a fantasia ser considerada somente como uma via de escape ou de consolo, dificilmente leva-se em conta em sua outra perspectiva e função: a de constituir, de moldar, a partir também das histórias que se cria com base em outras, em que a experiência artística permite a ampliação da imaginação e questionamentos sobre a realidade pessoal e coletiva.

2.2 O narrar na constituição subjetiva e as histórias infantis

As histórias infantis nem sempre foram destinadas especificamente a esse público, mas também aos adultos, e por vezes excluindo as crianças (ARIÈS, 1981). Todavia, a fim de ofertar ajuda em emergências constitutivas das crianças, destaca-se o papel dos contos de fadas, em que Walter Benjamin (1936/1994) compara-os a um primeiro conselheiro das crianças, pois foi inaugural na humanidade e ainda sobrevive na narrativa.

Dessa forma, convém mencionar alguns autores precursores da literatura infantil como: Charles Perrault, reunindo contos antigos em versos como em *Contos da Mãe Gansa* (1697); Jean de La Fontaine, que dedicou-se ao resgate das fábulas; os irmãos Grimm, que expandiram o gênero literário infantil para sua forma clássica nos Contos de Grimm, como em *Chapeuzinho Vermelho*; Hans Christian Andersen, que põe em pauta valores ideológicos da época, como em *O Patinho Feio*; dentre outros como, no Brasil, Monteiro Lobato com o simbolismo do regionalismo e linguagem das crianças em *Narizinho Arrebitado* (COELHO, 2012).

Mesmo não atendendo crianças, a grande contribuição freudiana se deu em pensar o psiquismo infantil como uma etapa determinante para a constituição subjetiva e que necessita de cuidados. Além disso, denota a importância que os contos e seus desdobramentos trazem para a vida psíquica das crianças, que podem vir a converter as histórias em lembranças encobridoras, ao colocar recordações da própria infância em lembranças dessas histórias, e que com frequência elementos e situações destas

reverberam nos sonhos, e em que lugar as insere (FREUD, 1913/2010).

Bettelheim (2002) reflete que o final de uma história também pode se fazer análogo ao despertar de um sonho quando, por exemplo, após a viagem a um mundo de fantasias, devolve-se a criança para a realidade, contudo, de uma forma reasseguradora. Ainda, que o início dos contos simboliza adentrar em outra ordem que não a da realidade comum ou que se faz muito tempo, assim como os elementos que se apresentam indicam que uma verdade escondida será revelada.

> O elemento fantástico presente enquanto maravilhoso nessas narrativas cumpre a função de garantir que se trata de outra dimensão, de outro mundo, com possibilidades e lógicas diferentes. Assim fazendo, os argumentos da razão e da coerência já são barrados na porta, e a festa pode começar sem suas incômodas presenças, bastando pronunciar as palavras mágicas Era uma vez... como uma senha de entrada. (CORSO; CORSO, p. 27).

Para mais, Corso e Corso (2006) pontuam que o impacto da ficção nas crianças é notório na forma que estas utilizam para adentrar na trama e elaborar de suas questões, assim como o mito era utilizado nas sociedades antigas, ou também se apropriam de fragmentos de significação da história. E, comparando ao enigma da Esfinge de Tebas, do mito de Édipo, de Sófocles, tais quais outras fontes de mitos, Freud (1905/2016) refere-se ao primeiro enigma ou problema formulado pelas crianças em suas pesquisas sexuais infantis, como de onde vêm os bebês, e assim como um pedido para lhe contar sua história (CORSO; CORSO, 2006).

Para Corso e Corso (2006), além da reverberação em sua subjetividade nesse encontro entre as crianças e os contos de fadas, a forma como a história chegou à criança, quando, onde e por quem ela foi apresentada, ou seja, o momento da narrativa também se faz significativo, podendo operar como um tipo de diálogo inconsciente com intermédio da história. Conforme os autores, as histórias são metáforas que possibilitam um leque de diferentes maneiras de olhares à realidade, ampliando as abordagens e resoluções possíveis para os impasses psíquicos conforme as mais variadas situações das narrativas.

E, para tal flexibilização, faz-se necessário ter havido um suporte adequado na infância, “pais suficientemente narrativos” – conceito a partir de "mãe suficientemente narrativa" do autor Bernard Golse, mencionado por Celso Gutfreind, inspirado no de "mãe suficientemente boa" de Winnicott –, trazendo a narrativa para adiante da construção dos primórdios do eu: à atribuição simbólica das figuras parentais (CORSO; CORSO, 2006). Com isso, demonstra-se valorizar e aceitar as experiências internas da criança que se encontram personificadas nos contos, também recorrendo a outros meios, como na escola, no cinema, no teatro, na *TV*.

3. ERA UMA VEZ...: REFLEXÕES SOBRE O SINTOMA INFANTIL EM "NÓS" E A FUNÇÃO TERAPÊUTICA DA (CONT)AÇÃO DE HISTÓRIAS

3.1 "Nós" na infância na atualidade e as manifestações do sujeito como "nós"

A obra literária infantil moderna intitulada "Nós", escrita e ilustrada por Eva Furnari, publicada à priori pela editora Global em 2003, conta a história da protagonista Mel, uma menina que era discriminada pelos moradores de sua cidade por ser diferente por ser rodeada de borboletas. Quando percebia a exclusão, Mel sempre segurava o choro, até que começaram a surgir nós em seu corpo, como nó na garganta. Mel tenta escondê-los, até que surge um nó na ponta do nariz, e a menina foge da cidade.

Para Freud (1930/2010), o sofrimento que seja talvez o mais doloroso é sobre as relações com outros seres humanos. Sob a perspectiva da criança generalizada, o sujeito diagnosticado pode ser considerado uma das figuras de segregação, diante dos efeitos dessubjetivantes no discurso totalitário científico, reverberando no laço social ao visar uma opacidade do real em uma perspectiva generalista de causa e efeito, afetando o sujeito ao amordaçá-lo da palavra (LIMA; FONTENELE; GASPARD, 2018), ou seja, silenciá-lo. Na história de Eva Furnari, pode-se pensar os nós da protagonista refletindo o sintoma causado pelo silenciamento do sujeito, com o mal-estar tendo sua expressão no corpo.

Bocchi e Herculino (2017) denotam que, na atualidade aliada ao poder do mercado, prepara-se a criança e seu fazer com o corpo para a produção de um corpo potente, que possa realizar diversas funções, perante a um sentido de tudo ser possível, de uma ilusão de completude. Ao não ser reconhecido como sujeito de desejo, tal ausência ou enfraquecimento do registro simbólico corrobora para a formação de sintomas no corpo, aparecendo em grande escala nos consultórios; uma produção de subjetividades que, na ineficácia do símbolo, têm tendência a se reconhecer no realdo corpo (PRÓCHONO; SILVA; PARAVIDINI, 2010).

Nota-se uma produção de sentidos diversos concernentes ao corpo em seus diferentes discursos formulados historicamente, que buscou definir o corpo e, para a psicanálise, considera-se um corpo-linguagem, pulsional, que manifesta um dizer ou um não-dizer, um corpo a ser (de)cifrado, que dispunha sofrimentos, sintomas na carne, perante a "um corpo que fal(h)ava" (BOCCHI; HERCULINO, 2017, p. 37). Consoante a história colocada enquanto ilustração, reflete-se no referido corpo, ao passo que o sofrimento psíquico da protagonista em que, ao não ser aceita nem

escutada, fazia nós enquanto sintoma, e outros também constitutivos e singulares, como a metáfora de suas borboletas.

Das tendências humanas, principalmente a agressividade é tamponada, impedida de sua expressão, podendo causar indiretamente uma atitude antissocial, e a criança precisa ter essa energia direcionada a vias alternativas, em vez da repressão da mesma, necessitando ser compreendida em suas origens, ao considerar suas fantasias inconscientes (WINNICOTT, 1939/1987).

Dito isso, em determinado momento da obra "Nós", a protagonista, na tentativa de ter alguém que esperava não a julgasse em suas particularidades constitutivas, como por suas borboletas ou por seus nós como manifestações de seu sofrimento através de angústia e sintomas, em um ato de urgência para ser escutada ou vista, buscou fazer um nó no outro, em que, nesse contexto do livro infantil, em uma vaca que encontrou pelo caminho.

Dolto (1923/2004) acentua que o comportamento fala quando a linguagem não dá conta do dizer e, referente à criança julgada perturbada, no sentido de perturbar nos lugares ou porque em seu corpo sofre de distúrbios funcionais, refletem em seus sintomas os efeitos de conflitos familiares ou conjugais, suportando essas tensões a nível inconsciente e, quanto mais jovens, mais prejudicial à sua capacidade criativa frente às situações conflitantes e em seu desenvolvimento emocional.

A formação de sintomas pode ocorrer justamente para evitar a angústia, que remonta ao desamparo primordial, e em outros casos o sintoma pode vir a ser uma inibição que o Eu dirige a si próprio (FREUD, 1926/2014). Considera-se o sintoma como uma metáfora, uma mensagem, um significante endereçado ao Outro e que, estruturado como uma linguagem, também se faz constituinte do sujeito; há algo a ser abordado, escutado, compreendido, construindo uma nova significação (BOCCHI; HERCULINO, 2017).

Quando Mel encontra um garoto chamado Kiko, que a escuta e a reconhece, permite-se que os nós fossem desfeitos na medida em que ganham lugar de expressão por intermédio do choro e da fala.

Em "Nós", ao final da história ilustrativa que se pôde abordar perspectivas sobre o mal-estar na infância na contemporaneidade, a personagem encontra um espaço em que as demais pessoas convivem sem negar, esconder ou julgar seus nós e de outros, nem mesmo precisar desatar alguns deles. Ao ter sido escutada, inicialmente por Kiko, pôde-se permitir a expressão de seu sofrimento por outras vias, como quando conseguiu chorar e falar sobre seus nós.

3.2 Narrar para narrar-se: a função terapêutica da (cont)ação de histórias

Gutfreind (2020) assinala que, com seriedade, as histórias trazem acolhimento e consolo fundamental aos sentimentos de caos e ansiedades existenciais, tais como o medo do abandono, a morte, a separação, o crescimento e a vida, e fornece direcionamento de soluções conforme o entendimento da criança.

Conforme Bettelheim (2002), a identificação com um herói, que precisa ter saído para o mundo para ter encontrado relações significativas e compensatórias ou lugar seguro, a partir de ter sido ajudado em meio a seu isolamento, em que a criança faz compensações, por este mecanismo e na fantasia, dos limites de seu próprio corpo. E, após tal satisfação de desejos grandiosos via fantasia, a criança consegue estabelecer uma boa relação com o corpo na realidade; o herói retorna a ser um mero mortal após sua jornada constitutiva.

Os contos infantis cobrem-se de representações, como em personagens e nas tramas em si, afastando daquilo que antes não tinha nome e que se temia por isso (GUTFREIND, 2020), possibilitando o enfrentamento. Os contos de fadas, por exemplo, podem ser uma via a qual as crianças podem externalizar suas questões por meio de figuras ao mostrar através destas a possibilidade de personificação de seus desejos destrutivos e raiva, como em lobos, bruxas e animais, e favorece o desenvolvimento da personalidade (BETTELHEIM, 2002).

No que tange a vazão relativa ao princípio do prazer, Freud (1920/2010) deduz em um jogo de presença-ausência que “(…) as crianças repetem brincando o que lhes produziu uma forte impressão na vida, que nisso reagem e diminuem a intensidade da impressão e tornam-se donos da situação” (p. 175).

Em vistas de um movimento de atividade-passividade, constata-se que o sujeito pode exercer diferentes papéis ativos a partir das situações presentes. As palavras, a exemplo, podem ser usadas como brinquedo e enquanto jogo, tanto a produzir metáforas, cortando cadeias linguísticas, ampliando o sentido de palavras que não são suficientes para nomear sentimentos, pensamentos (SOBRAL; VIANA, 2014).

Souza e Assis (2014) fomentam que a utilização de histórias infantis ajuda no surgimento do espaço potencial e dos fenômenos transicionais favorecidos pela utilização da narrativa, com o advento da ilusão e do encantamento, propiciando melhor uso da criatividade no enfrentamento dos conflitos e angústias, em que a criança não se sente invadida mesmo ao contar experiências da vida que são compartilhadas com o outro, necessárias à inserção do sujeito em uma comunidade.

Vale pontuar que, postulado por Winnicott (1975), os fenômenos ou objetos

transicionais constituem uma defesa contra ansiedades, permitindo uma continuidade na experiência, sendo significativo para o bebê, ou criança. Para o autor, o brincar é o desenvolvimento desses conceitos, e que nesse ato a criança frui sua liberdade de criação, de comunicação, manifestando sua criatividade, no sentido de relacionar-se ao viver, consequentemente descobrindo seu eu.

Em *O escritor e a fantasia*, Freud (1908/2015) apresenta que a reorganização de mundo da criança e seus afetos ocorre através do brincar, distinguindo-se do fantasiar por haver objetos tateáveis e situações externas na brincadeira em que, no mundo imaginário irreal, os instrumentos reais apenas ofertariam prazer pelo jogo da fantasia. Junto à experiência cultural, o brincar configura um espaço potencial, sendo este em uma área intermediária, de transição entre a realidade interna e a externa e que, sem o reconhecimento desse espaço, pode-se levar a uma condição patológica ao não dispor de meios de enfrentamentos (WINNICOTT, 1975).

Na pressa na atualidade, no distanciamento da conversa, da escuta, das transmissões, houve uma diminuição do experimentar e do narrar, ocasionando, assim, adoecimentos, na medida em que narrar foi substituído por excessos de estímulos, séries de informações e imagens aceleradas, que dificultam a elaboração no psiquismo (SAFRA, 2006 *apud* SOUZA; ASSIS, 2014).

Segundo Gutfreind (2020), nota-se o efeito terapêutico dos contos em sua oferta de referências reais, isto é, representações primordiais que pode auxiliar na elaboração dos conflitos psíquicos.

Diante disto, os contos possibilitam um apaziguamento das angústias infantis, ao passo que os conflitos podem ser representados e encenados durante a narração. As histórias funcionam tal como *holding*, o qual, a partir de um suporte psíquico, facilita-se os processos maturacionais do indivíduo em suas elaborações de experiências (WINNICOTT, 1960/1983).

As histórias podem ser usadas a fim de que o problema vivenciado pela criança não interfira em seu amadurecimento e nem necessite da construção de uma organização defensiva patológicas ou sintomas que a façam sofrer, uma vez que a narrativa proporciona que ela encontre sentido às suas experiências, falando de suas angústias através de projeções ao roteiro, que possam ofertar soluções aos conflitos em seu desfecho, e aos personagens os quais a criança se identifica (SOUZA; ASSIS, 2014).

Segundo Bettelheim (2002), ao se banir contos de fadas tradicionais e

folclóricos e transformando seus monstros em todos amigáveis, por conta do intuito de afastar a criança de mais questões temíveis e na tentativa de impedir que a criança se envolvam em pensamentos agressivos, além de fazê-la de fato temer suas fantasias por compreender que ela é a única a ter estas e afastá-la do sentimento de pertencimento, ao manter o "monstro" sem dar vazão, impede-se a criança da elaboração de fantasias e de aprender a lidar com temíveis ansiedades, podendo adoecer, uma vez que os contos de fadas dão forma e corpo à estas e as possibilidades de vencer monstros e de fantasias de vinganças (BETTELHEIM, 2002), em que a metáfora também viabiliza uma expressão que não em ato.

Girardello (2018) tece uma crítica sobre o quanto a cultura ainda se faz adultocêntrica, mesmo com a gama de estudos voltados à infância, no sentido de que os adultos ainda interrompem o que as crianças estão dizendo ou querendo dizer, dando-lhes uma atenção superficial ou mesmo fingida. Para escutar o outro, é preciso a suspensão do exercício do poder (DUNKER; THEBAS, 2019).

A criança produz um discurso, um ato de palavra ao brincar, ao desenhar, ao fazer sons, seja em uma interpretação de sua realidade ou criando um modo mais consoante ao seu desejo. Sendo assim, a fala é estruturante, em que ao ser livre, criativa, o sujeito pode se experimentar. Ao abrir um espaço para a fala, para construir narrativas que transmitam algo do universo psíquico da criança, entre palavras e brincadeiras, que as contando se aposta que emerjam como sujeitos apropriando-se da própria história (SOBRAL; VIANA, 2014).

Girardello (2018) traz sobre as diferentes linguagens do narrar, em que a corporeidade, como a voz, os movimentos, desempenha um lugar fundamental nas experiências das crianças, onde, ainda que sem a leitura e a escrita, se houver a oferta de escuta atenta, a brincadeira do faz-de-conta configura-se como um tipo de criação de histórias a qual pode compartilhar experiências, em que as crianças inventam enredos ou participam destes de outros, despertam à produções culturais, apreendendo visões de mundo e a sua maneira de estar.

Para Dunker e Thebas (2019), os progressos de individualização dos sujeitos que objetivam resultados concretos, mensuráveis e rápidos são um dos pontos que têm dificultado a experiência da escuta, exemplificando que, enquanto os pais correm para chegar, a criança brinca no caminho com pedras, linhas, e perguntam sobre o que é e o por quê das coisas; "os adultos se esquecem de que a vida é feita de idas, idas e idas" (DUNKER; THEBAS, 2019, p. 56). E que, nessas idas, são feitas histórias.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, evidenciou-se a contação de histórias enquanto uma ação fundamental à constituição do sujeito pela fantasia, na inserção em uma cultura e auxiliando na resolução dos conflitos inerentes ao ser humano que necessitam ser elaborados e, enquanto função terapêutica em sintomas apresentados pela criança.

Ainda, possibilita que esse sofrimento psíquico seja narrado através da ficção como sustentação psíquica, posteriormente passando à narrativa pela palavra e a implicação de si, haja vista que as estórias podem ser transformadas em experiências, como os sujeitos também podem narrar histórias através destas, ora em contos de fada, ora em (re)invenções, ora no dia a dia.

Para tanto, faz-se imprescindível que as crianças tenham “adultos suficientemente narradores” que possam lhe ofertar esse espaço de transmissão, seja dentro do contexto familiar, da educação ou da saúde, dentre outros, e que, antes, façam-se também narradores da própria história. Dentro disso, não se prioriza a interpretação, mas sim o acolhimento, envolvimento e escuta do sujeito.

A contação de histórias, constituída por nossas ficções e fantasias, e a partir de outras também, por via oral, cinema, cantigas, teatro, dança, literatura, dentre outras artes ou mesmo cotidianos, enriquece a vida e permite a continuidade desta, frente a um cenário digital por muitas vezes tão fragmentado e veloz que configura uma angústia.

Diferente disso, as histórias ofertam um início, meio e fim, com seu caráter metafórico para amparar, colocar-se em situações em seu entremeio, banhar-se de linguagem, cultura, em senso de pertencimento e reconhecimento, e ainda brincar, em que a produção narrativa da criança precisa ser considerada.

Em oposição a um discurso predominantemente medicalizante na intenção de silenciar, defende-se um lugar destinado às narrativas das crianças em suas diversas maneiras de linguagem, de narrar, como através de seu corpo, sem que seja preciso desatar todos os seus nós, mas reconhecê-los e acolhê-los para conviver com eles, em sua complexidade e limitações enquanto sujeito.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família.* Trad. Dora Flaskman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BENJAMIN, Walter. O narrador (1936). In: *BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad. Arlene Caetano. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BOCCHI, Aline; HERCULINO, Bruno. "Em que momento serei uma criança?": o discurso do pós-humanismo e a medicalização do corpo infantil. *DisSol*, Pouso Alegre, ano IV, n. 6, p. 31-53, 2017. Disponível em: https://curtlink.com/FWqa5GT. Acesso em: 05 jun. 2023.

COELHO, Nelly. Novaes. *O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos*. São Paulo: Paulinas, 2012.

CORSO, Diana; CORSO, Mario. *A psicanálise na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia*. Porto Alegre: Penso, 2011.

CORSO, Diana; CORSO, Mario. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis.* Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOLTO, Françoise. Prefácio. In: *MANNONI, Maud. (1923). A primeira entrevista em psicanálise: um clássico da psicanálise*. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Nova ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 7-33.

DUNKER, Christian; THEBAS, Cláudio. *O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas.* São Paulo: Planeta do Brasil, 2019

KEHL, Maria Rita. A criança e seus narradores. In: *CORSO, Diana.; CORSO, Mario. Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-19.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("o caso Dora") e outros textos (1901-1905)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 6, 2016.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia (1926). In: *Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 17, 2014.

FREUD, Sigmund. O escritor e a fantasia (1908). In: *O delírio e os sonhos na gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 8, 2015.

FREUD, Sigmund. Sonhos com material de contos de fadas (1913). In: *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("o caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FURNARI, Eva. *Nós*. 6. ed. São Paulo: Global, 2003.

GIRARDELLO, Gilka. Crianças inventando mundos e a si mesmas: ideias para

pensar a autoria narrativa infantil. *Childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 29, p. 71-92, 2018. Disponível em: https://curtlink.com/K7TaYLG. Acesso em: 05 jun. 2023.

GUTFREIND, Celso. *O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na clínica e na escola [recurso eletrônico].* Porto Alegre: Artmed, 2020. E-pub.

LACAN, Jacques. Para que serve o mito (1957). In: *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 254-273.

LEMOS, Maria. *O brando eco da terra: uma análise performática da narração oral profissional.* Dissertação (Mestrado em Antropologia – Culturas Visuais) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2017, 115f.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

LIMA, Celina; FONTENELE, Thalita; GASPARD, Jean-Luc. O sujeito autista como figura da segregação. *Arq. bras. psicol. [online].* v. 70, n.3 , p. 113-127, 2018. Disponível em: https://curtlink.com/jOVauoK. Acesso em: 26 jul. 2023.

SIMÕES, Maria; FARIAS, Cristiane. As narrativas orais e o imaginário das crianças ribeirinhas. *Letras,* Santa Maria, v. 27, n. 55, p. 109-128, 2017. Disponível em: https://curtlink.com/2uRBe69. Acesso em: 05 jun. 2023.

SOBRAL, Paula; VIANA, Terezinha. A fala criativa das crianças e os efeitos poéticos: recortes a partir da clínica psicanalítica com crianças. *Estilos da Clínica,* São Paulo, v. 19, n. 3, p. 436-450, set./dez. 2014. Disponível em: https://curtlink.com/9KxuGlq. Acesso em: 26 jul. 2023.

SOUZA, Jeane; ASSIS, Maria. O brincar e o narrar: oferta de espaços potenciais em um mundo acelerado. *Perspectivas em Psicologia*, v. 18, n. 1, p. 57-74, jan./jun. 2014. Disponível em: https://curtlink.com/VrWsH1f. Acesso em: 05 jun. 2023.

PRÓCHONO, Caio; SILVA, Cristina; PARAVIDINI, João. Efeitos da ineficácia simbólica no corpo infantil. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 130-149, dez. 2010. Disponível em: https://curtlink.com/0HdWsHF. Acesso em: 26 jul. 2023.

WINNICOTT, Donald. Agressão e suas raízes (1939). In: *Privação e delinqüencia*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1987, p. 89-96.

WINNICOTT, Donald. Teoria do relacionamento paterno-infantil (1960). In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Trad. de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, Donald. *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1975.

A HISTERIA NA LITERATURA: UMA ANÁLISE DE *O POÇO DOS MARIDOS*, DE HUMBERTO DE CAMPOS[1]

HYSTERY IN LITERATURE: AN ANALYSIS OF O POÇO DOS MARIDOS, BY HUMBERTO DE CAMPOS

LA HISTERIA EN LA LITERATURA: UN ANÁLISIS DE O POÇO DOS MARIDOS, DE HUMBERTO DE CAMPOS

Luis Fernando Ribeiro Almeida[2]
José Guilherme de Oliveira Castro[3]

Resumo: A literatura, segundo Roland Barthes (2007) congrega uma série de saberes. Nesse sentido, a partir de uma perspectiva dialógica, nos cruzamentos entre a instância literária e as investigações da psique humana, este trabalho, partindo de uma pesquisa bibliográfica, investiga a presença do tema histeria na trama ficcional do conto *O poço dos Maridos*, um dos textos da obra *O Monstro e outros contos* (1932), do escritor maranhense Humberto de Campos (1886- 1934). Para o desenvolvimento das discussões, este trabalho divide-se em três momentos: de início, discute-se as interseções entre literatura e psicologia; em seguida, o trabalho toma como núcleo o processo de criação literária de Humberto de Campos, com ênfase nas características de sua linguagem; por fim, o último movimento centra-se na análise literária do conto *O poço dos Maridos*, sob a perspectiva das discussões sobre a histeria.

Palavras-chave: Histeria; Literatura; Psicologia.

Abstract: Literature, according to Roland Barthes (2007) brings together a series of knowledge. In this sense, from a dialogic perspective, at the intersections between the literary instance and the investigations of the human psyche, this work, based on a bibliographical research, investigates the presence of the hysteria theme in the fictional plot of the short story O Poço dos Maridos, one of the texts from the work O Monstro e outros contos (1932), by the Maranhão writer Humberto de Campos (1886-1934). For the development of discussions, this work is divided into three moments: at first, the intersections between literature and psychology are discussed; then, the work takes as its core the literary creation process of Humberto de Campos, with emphasis on the characteristics

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho **ST4 (IN)VISIBILIDADES ARTE-CIÊNCIA: entrelaçamentos entre literatura e psicologia** do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós- Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Mestre em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutorando em Comunicação, Linguagens e Cultura – UNAMA. Bolsista Prosup/Capes. Professor da rede pública de ensino. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Interfaces do Texto Amazônico – GITA/CNPq. E-mail: profalmeidafernando@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9580-6231.

[3] Doutor em Letras (PUC/RS). Universidade da Amazônia – UNAMA. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA). Líder do Grupo de Pesquisa Interfaces do Texto Amazônico – GITA/CNPq. E-mail: jgpsico.letras@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0003- 3602-7734.

of his language; Finally, the last movement focuses on the literary analysis of the short story O Poço dos Maridos, from the perspective of discussions about hysteria.

Keywords: Hysteria; Literature; Psychology.

Resumen: La literatura, según Roland Barthes (2007) reúne una serie de saberes. En ese sentido, desde una perspectiva dialógica, en las intersecciones entre la instancia literaria y las investigaciones del psiquismo humano, este trabajo, a partir de una investigación bibliográfica, indaga la presencia del tema de la histeria en la trama ficcional del cuento O Poço dos Maridos, uno de los textos de la obra O Monstro e outros contos (1932), del escritor maranhense Humberto de Campos (1886-1934). Para el desarrollo de las discusiones, este trabajo se divide en tres momentos: en un primer momento, se discuten las intersecciones entre literatura y psicología; luego, la obra toma como eje el proceso de creación literaria de Humberto de Campos, con énfasis en las características de su lenguaje; Finalmente, el último movimiento se centra en el análisis literario del cuento O Poço dos Maridos, desde la perspectiva de las discusiones sobre la histeria.

Palavras clave: Histeria; Literatura; Psicología.

1. INTRODUÇÃO

Distender a análise literária para além de seus aspectos formais, a exemplo dos elementos da narrativa ou versificação, mostra-se relevante, sobretudo quando dialoga com diferentes áreas do conhecimento. Nesse sentido, a partir de uma pesquisa de cunho bibliográfico, nos cruzamentos entre literatura e psicologia, este artigo investiga a presença do tema histeria na trama ficcional do conto *O poço dos Maridos*, um dos textos da obra *O Monstro e outros contos* (1932), do escritor maranhense Humberto de Campos (1886-1934).

Para o desenvolvimento das discussões, este trabalho divide-se em três momentos: de início, discute-se as interseções entre literatura e psicologia; em seguida, o trabalho toma como núcleo o processo de criação literária de Humberto de Campos, com ênfase nas características de sua linguagem; por fim, o último movimento centra-se na análise literária do conto *O poço dos Maridos*, sob a perspectiva das discussões sobre a histeria. Para subsidiar as discussões, foram utilizados os trabalhos de Barthes (2007), Borbossa (2005), Freitas (2001), Nasio (1991), Roudinesco (1998), Medeiros (2010), Bosi (2006), Broca (2005), Candido (2014), Moisés (2016) etc.

Enfim, este trabalho dialógico entre a instância literária e os estudos da psique humana tem sua relevância em face de, seguindo as considerações de Freitas (2001, p. 37): “O que faz com que uma obra, principalmente a teatral e a

literária, ocupe espaço destacado na cultura é a sua capacidade de permitir, de forma eficaz, uma identificação do leitor com o personagem.”

2. LITERATURA & PSICOLOGIA: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

O fazer literário é uma ação que envolve vários aspectos do intelecto humano, dos quais a criatividade do autor, que entre dados do mundo factual e o rico manancial advindo da imaginação, vai “costurando” histórias das mais diversas, a partir dos mais variados gêneros e formas de composição. Nesse particular, podemos considerar o texto literário como campo da linguagem conotativa, elemento que confere ao texto aquilo que denominamos de plurissignificação ou polissemia. A esse respeito, cabe destacar as considerações de Domício Proença Filho acerca da linguagem literária. Para o professor e pesquisador, a “[...] literatura cria significantes e funda significados. O texto literário é multissignificativo” (PROENÇA FILHO, 1992, p. 38).

À guisa de ilustração dessa particularidade da linguagem literária, tomemos o caso da palavra *flor*. Por exemplo, no enunciado “Uma flor, o Quincas Borba”, retirado do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis (1839-1908), o vocábulo em questão é utilizado como símbolo da graciosidade e inventividade do personagem. Já em “Uma flor nasceu na rua”, do poema *A flor e a náusea*, de Carlos Drummond de Andrade, por seu turno, tematiza a questão da esperança, que floresce em meio ao caos estabelecido pelo mundo moderno.

Buscando situar o universo do fazer literário, é pertinente uma breve explicação de Corrêa e Machado. Os autores afirmam que a literatura, “[...] mais do que apresentar uma situação controversa, problematiza uma forma de conduta, ao representá-la literariamente, podendo render muitas discussões que nos levem a sermos homens e mulheres melhores do que somos.” (CORRÊA; MACHADO 2010, p. 127).

Enquadrando-se nessa discussão, Candido (2014), em estudo sobre as relações entre literatura e a sociedade, ao discutir sobre o público, ou seja, o receptor de uma obra de arte, no caso a literatura, considera que: “[...] Na medida em que a arte é [...] um sistema simbólico de comunicação inter-humano, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três que formam uma tríade indissolúvel...” (CANDIDO, 2014, p. 47-48).

Isto posto, o texto literário, enquanto composição polissêmica, está aberto a possibilidades de interpretação das mais diversas. Tais movimentos interpretativos, com frequência, dialogam com outras áreas do conhecimento, a exemplo da

História, da Sociologia, da Filosofia, da Psicologia, entre outros campos. De modo especial, em relação à Psicologia, que trata das questões ligadas à *psique* humana, tomar a tessitura literária como matéria-prima para investigar os dilemas individuais, portanto no âmbito da subjetividade, tem se mostrado um caminho produtivo, sobretudo a partir dos estudos advindos do início do século XX. Tomemos, à guisa de exemplificação, as interpretações que são feitas dos romances de Machado de Assis.

De início, comecemos por *Dom Casmurro*, obra publicada em 1899. Tendo como uma de suas chaves interpretativas a possível relação adulterina da personagem Capitu com Escobar, e as consequentes perturbações na personalidade do personagem Bentinho, o casmurro; no romance de Machado emergem os temas da traição e da dúvida. Outro romance que merece destaque é *Memorial de Aires* (1908), tomado por muitos críticos como a composição da maturidade de Machado, onde, segundo alguns estudos, há o cruzamento entre autor e personagem, em um tom memorialístico. Isto posto, os exemplos mencionados ilustram as distensões que são possíveis da análise literária, neste particular, no franco diálogo com alguns postulados da psicologia.

3. O PROCESSO DE COMPOSIÇÃO DE HUMBERTO DE CAMPOS

Humberto de Campos (Humberto de Campos Veras) nasceu na cidade de Miritiba[4], interior do Maranhão, no dia 25 de outubro de 1886, e morreu no Rio de Janeiro, Capital Federal, no dia 5 de dezembro de 1934.[5] Humberto de

[4] A cidade de Miritiba está inserida no espaço geográfico do movimento da Balaiada (1838-1841), uma das revoltas provinciais ocorrida durante o Período Regencial (1831-1840).

[5] Em 1928, Humberto de Campos foi diagnosticado com hipertrofia da hipófise, doença degenerativa que causa inchações, deformidades, paralisia, surdez e cegueira. Depois de anos de sofrimento, Humberto de Campos morre no dia 5 de dezembro de 1934, aos 48 anos, decorrente de uma parada cardíaca, após uma cirurgia.

Campos nasceu em um contexto bem peculiar da história do Brasil: a abolição da escravatura e o fim do império. Dois anos após seu nascimento, em maio de 1888, a Princesa Isabel, então regente do Império, assinou a Lei Áurea, que acabava com a escravidão no Brasil; já em novembro de 1889, por meio de um golpe militar, instaurava-se o regime republicano no território brasileiro, pondo fim à monarquia de D. Pedro II.

Um fato curioso sobre a infância do jovem Humberto de Campos diz respeito ao seu gosto pela leitura. Em suas *Memórias (1886-1900)*, destaca que, quando criança, gostava de subtrair dinheiro da venda do tio, a fim de comprar livros de literatura. O autor revela, ainda, o seu gosto eclético. Sobre essa sua predileção de leitor, assim destaca: “Começava já, aí, o ecletismo do meu gosto literário. Interessava-me a vida de Maomé, os feitos de Alexandre, a cegueira de Homero; mas queria saber, também, o que pensavam, ao morrer, o gato, o burro, o cachorro e o macaco” (MEDEIROS, 2010, p. 16). De certa forma, o gosto pela leitura de temas variados serviu de repertório para o futuro escritor. Entre as leituras de infância, destaca *Genoveva de Brabante*, *História do Imperador Carlos Magno e dos Pares de França*, *Galeria dos Homens Célebres da Antiguidade*, *Testamento do Burro* e *Testamento do Macaco.*

Benício Medeiros (2010), logo no primeiro parágrafo do seu trabalho *Humberto de Campos: cadeira 20, ocupante 3*, afirma que, embora Humberto de Campos, em sua época, tenha desfrutado de grande prestígio, a crítica não tem sido muito favorável ao escritor maranhense, posto que, observando os livros voltados aos estudos de literatura brasileira, os pesquisadores não dedicam mais de um parágrafo ao escritor. Medeiros sintetiza a repercussão da obra de Humberto de Campos em enunciado importante: “Humberto de Campos vai colher em vida, fartamente, os louros ofertados pelos inúmeros leitores” (MEDEIROS, 2010, p. 6).

Na esfera literária, o escritor maranhense tem uma vasta bibliografia, que vai da poesia ao memorialismo. Dentre suas obras, cabe citar: *Poeira (1910- 1917)* – poesia; *Da Seara de Booz (1918)* – crônica; *Carvalhos e Roseiras (1923)* – crítica; *Memórias, 2 volumes (1933-1935)* – memorialismo; e *O Monstro e outros contos (1932)* – contos. Já no que diz respeito ao período de produção de Humberto de Campos, seus textos estão circunscritos nas primeiras décadas do século XX.

Isto posto, levando em consideração que a produção literária não está isenta dos fatores sociais – ponto bem defendido pelo crítico Antonio Cândido (2014), em sua clássica obra *Literatura e Sociedade* – os escritores brasileiros do alvorecer do novo século (XX) foram fortemente influenciados pelas transformações que marcaram esse período.

Segundo Brito Broca (2005), em seu trabalho *A vida literária no Brasil – 1900*, ao traçar um perfil da sociedade e costumes da época, destaca que as mudanças realizadas no Rio de Janeiro pelo prefeito Pereira Passos (1836- 1913), como a modernização aos moldes europeus, refletiram-se nas relações literárias. Como exemplo dessas mudanças, o pesquisador menciona que os jornais passaram a ocupar-se também de literatura: com notícias de conferências ou de um livro de versos. O autor, ainda, enfatiza que a agitação da cidade foi um elemento importante para a literatura da época.

De forma análoga, segundo Sevcenko (2003), em *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República,* as produções literárias do período refletiram o processo de urbanização dos grandes centros urbanos. Na esteira das discussões anteriores sobre o contexto histórico-cultural da cidade do Rio, Medeiros (2010, p. 28) afirma que: "[...] Poetas e escritores deambulavam pela Rua do Ouvidor ou faziam rodas nas confeitarias e cafés da moda vestindo-se, falando e se comportando como se estivessem em Paris." Foi justamente nesse terreno de conjunturas importantes que Humberto de Campos, depois de quase uma década na região amazônica, chegou ao Rio de Janeiro, então Capital Federal.

Os estudiosos desse momento na vida social brasileira vêm atribuindo vários nomes para esse período na literatura nacional: *Eclético*, *Transição*, *Art Nouveur, Pré-Modernismo*, e *Belle Époque*. À guisa de exemplificação, apontemos os estudos de Massaud Moisés e Alfredo Bosi. O primeiro adota o termo *Belle Époque*, destacando que esse momento "[...] tem início, entre nós, com a publicação de *Canaã* (1902), de Graça Aranha, momento de ruptura com o Realismo oitocentista, e termina com a Semana de Arte Moderna, em 1922" (MOISÉS, 2016, p. 459).

Já o segundo adota em seus trabalhos a expressão *Pré-Modernismo*, e enfatiza: "Creio que se pode chamar pré-modernista (no sentido forte de premonição dos temas em 22) tudo o que, nas primeiras décadas do século [XX], problematiza a nossa realidade social e cultural" (BOSI, 2006, p. 306).

Autores como Euclides da Cunha (1866-1909), com *Os Sertões* (1902); Lima Barreto (1881-1922), com *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915); Monteiro Lobato (1882-1948), com *Urupês* (1918); e Augusto dos Anjos (1884-1914), com *Eu e outras poesias* (1912), são nomes representativos desse período que, dentre

outras características, “registra o convívio, nem sempre pacífico, das tendências finisseculares e das propostas de vanguarda, impelidas pelos ventos do futuro”. (MOISÉS, 2016, p. 416).

Pelo viés classificatório, na esteira da história da literatura brasileira, Humberto de Campos, nos estudos de Moisés (2016), é caracterizado como um típico escritor da quadra da *Belle Époque*, tendo sua produção inserida na chamada *Prosa Citadina*, em que os autores cultivavam “uma prosa urbana, cosmopolita, inclinada para o sorriso da sociedade” (MOISÉS, 2016, p. 526). Tal consideração está bem alinhada ao universo ficcional *humbertiniano*, sobretudo por meio de mais de uma dezena de livros de contos, gênero, aliás, mais cultivado pelo escritor maranhense. De outro lado, a obra poética de Humberto de Campos, qual seja *Poeira* (1910 e 1917), confere-lhe a qualificação de escritor *neoparnasiano*. Alfredo Bosi (2006), em *História Concisa da Literatura Brasileira*, nomeia de *neoparnasianos* a todos os nascidos depois de 1880.

De modo geral, o estilo de Humberto de Campos é caracterizado pelo descritivismo narrativo, tanto dos espaços quanto dos personagens; o uso recorrente de comparações, estratégia adotada para enfatizar determinado elemento da narrativa e/ou do texto poético; alusão a narrativas da tradição cristã, bem como figuras da mitologia greco-romana; e, no que respeita a prosa, a preferência dos adjuntos adverbiais intercalados ao longo no enunciado. Outra característica da linguagem de Humberto de Campos é a virgulação, “[...] cujo processo numa sequência de verbos e/ou adjetivos, tem a peculiaridade de sugerir certa hesitação inicial do Estilista.”[6] Em uma análise muito pertinente, assim Hermes Vieira, em *Humberto de Campos e sua expressão literária*, define seu estilo:

[6] Comentário do escritor Sebastião Moreira Duarte na nota à edição da obra *Memórias e Memórias inacabadas*, de Humberto de Campos. Cf. CAMPOS, 2009, p. xv.

> A sua faculdade descritiva guarda uma nitidez tão grande, é tão primorosa, que se um artista da palheta se dispusesse a interpretar as páginas evocativas de outras éreas do aedo, tal como ele as expõe, faria várias telas que só contribuíram, e de maneira expressiva, para o engrandecimento da arte de Rafael e de Leonardo Da Vinci. (VIEIRA, 1935, p. 24).

Em suma, embora o legado literário de Humberto de Campos pareça estar esquecido em uma prateleira da história da literatura brasileira, empoeirado pela falta de manuseio e apinhado por outras obras de gerações futuras, quando tomado como objeto de leitura, mostra-se relevante para discussões de vária ordem.

4. *O POÇO DOS MARIDOS* À LUZ DAS DISCUSSÕES SOBRE A HISTERIA

Um dos textos de *O Mostro e outros contos,* obra publicada em 1932, *O Poço dos Maridos* é uma narrativa em terceira pessoa, em uma perspectiva heterodiegética, segundo Gérard Genette (2017). O texto apresenta, seguindo as peculiaridades do gênero, qual seja o conto, um enredo bem sintético: uma jovem, muito bela em sua mocidade, fica solteirona, em meio à crise da meia- idade. No conto, a protagonista Fernandina Sobreira, apesar da beleza e charme, não consegue um pretendente, enquanto suas amigas, ao contrário, vão casando, sempre com um “bom partido”. Com o passar dos anos, os traços de beleza, que a distinguiam entre as outras jovens, dão lugar às marcas do tempo: “[...] Uma primeira ruga riscou-lhe a fronte lisa, partindo, como um fio telegráfico sem destino, o canto dos olhos” (CAMPOS, 1962, p. 209).

Segundo o narrador, tais mudanças físicas, associadas ao fato de não ter filhos, deixavam Fernandina oprimida, afogada, asfixiada. Todo esse misto de sensações concorreram para que a protagonista caminhasse pelo terreno das frustrações. Em determinado momento do conto, essa personagem “[...] adormeceu e teve, uma noite, um sonho que a desiludiu” (CAMPOS, 1962, p. 209). Em síntese, no sonho, a protagonista, guiada pela madrinha, Santa Rosa de Lima, encontra um lugar, o chamado “Poço dos Maridos”, onde “[...] de dentro, saía, vagarosamente, uma corda, puxada por um sacerdote, na qual vinha amarrado, de sete em sete palmos, um homem, que as mulheres, em cima,

recebiam debaixo de gritaria" (CAMPOS, 1962, p. 2010).

Porém, mesmo nesse estado letárgico, Fernandina Sobreira não consegue "agarrar" um pretendente, pois, por um incidente, a corda que trazia o seu prometido partiu-se "[...] atirando, com um estrondo surdo, a sua carga humana no fundo do abismo!" (CAMPOS, 1962, p. 214). E foi assim, que a protagonista acordou, aos gritos, desesperada, alarmando toda a família. Como desfecho: "Curvada para fora do leito, os braços estendidos para o chão, o rosto lavado de lágrimas, Fernandina chorava nervosamente, aflitamente, agoniadamente, no seu primeiro ataque de histeria" (CAMPOS, 1962, p. 215).

Isto posto, tomando por elemento interpretativo o conto de Humberto de Campos, notadamente, a partir das ações da protagonista, doravante, dialogaremos com a questão da histeria. De forma geral, entende-se histeria como "[...] uma neurose caracterizada por quadros clínicos variados" (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 337). Segundo Borbossa (2005, p.7), os
sintomas clássicos da histeria são "[...] sensação de sufocamento [...], acessos dramáticos, paralisia dos membros e ataques de desmaio [...]". Consoante ao exposto, pode-se, pois, observar que as ações de Fernandina apresentam traços de um comportamento histérico, em outras palavras, uma somatização das suas frustrações femininas. Ainda no trabalho de Borbossa (2005, p. 9), "[...] a histeria começa por uma relação problemática, paradoxal, com a conformidade, representada primordialmente no âmbito do corpo: sexualizada, fora de controle e arredia a uma classificação fácil."

Levando-se em consideração o que fora configurado no arranjo ficcional de *O poço dos Maridos*, pode-se considerar, pois, que o sonho da protagonista é uma projeção de seus desejos não realizados no plano real, uma vez que, tal qual a vida cotidiana, no campo do sonho, a realização amorosa também não acontece. Nesse aspecto, Juan-David Nasio (1991, p. 127), afirma que "[...] Qualquer sonho, sintoma ou fantasia histéricos condensa e atualiza uma tríplice identificação: identificação com o outro desejado, com o outro desejante e com a insatisfação dos dois amantes."

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como destacado, o estilo do escritor maranhense Humberto de Campos é marcado pelo descritivismo, muito presente na construção de personagens e espaços. Assim, tal característica reforça a totalidade narrativa do conto *O Poço dos Maridos*, com especial destaque para a protagonista Fernandina Sobreira, que, apesar da beleza, não consegue contrair matrimônio. Essa condição da personagem, qual seja a ausência de um marido, é, no conto, a responsável pelo desencadeamento de quadros de histeria.

Nesse pormenor, pode-se concluir que a narrativa de Humberto de Campos configura um pensamento sedimentado na sociedade do primeiro quartel do século XX: a mulher só consegue a plena realização no casamento. Ademais, pode-se, ainda, a partir do próprio título do conto, que Humberto de Campos vale-se da ironia para trazer à baila comportamentos de sua época.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2007. (Trad. Leyla Perrone- Moisés).

BORBOSSA, Julia. *Histeria*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Ediouro; São Paulo: Segmento-Duetto, 2005. (Trad. Carlos Mendes Rosa).

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2005.

CAMPOS, Humberto de. *Memórias e Memórias inacabadas*. São Luís: Instituto Geia, 2009.

CAMPOS, Humberto de. O poço dos Maridos. *In*:_____. *O Monstro e outros contos*. São Paulo: Editora Mérito S.A, 1962.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.

CORRÊA, Hércules Toledo; MACHADO, Maria Zélia Versiani; Literatura no ensino fundamental: uma formação para o estético. In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Coord). *Língua Portuguesa: ensino fundamental.* Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica,

2010. p. 107-128.

FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. *Freud e Machado de Assis*: uma interseção entre psicanálise e literatura. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

GENETTE, Gérard. *Figuras III*. São Paulo: Estação Liberdade, 2017. (Trad. Ana Alencar).

MEDEIROS, Benicio. *Humberto de Campos: cadeira 20, ocupante 3*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2010.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: do Realismo à Belle Époque*. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Cultrix, 2016. Vol. II.

NASIO, J.-D. *A histeria:* teoria clínica e psicanalítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991. (Trad. Vera Ribeiro).

PROENÇA FILHO, Domício. *Estilos de época na literatura*. 13. ed. São Paulo: Ática, 1992.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (Trad. Vera Ribeiro, Lucy Magalhães).

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VIEIRA, Hermes. *Humberto de Campos e sua expressão literária*. São Paulo: Cultura Moderna, 1935.

A TEXTUALIDADE DA MODA[1]

THE TEXTUALITY OF FASHION

LA TEXTUALIDAD DE LA MODA

Maria Felicia Assmar Maia[2]

Resumo: É inegável a força das palavras. A língua comunica, forma opiniões, argumenta, convence, é capaz de ganhar uma questão sem grito, sem violência. A construção do texto atende às necessidades do que se quer comunicar e o discurso da moda faz refletir a simbiose do sonho com a força da realidade, da paixão com a razão, que é inerente à própria moda. Neste artigo, a autora aborda como a construção da linguagem específica da moda é capaz de comunicá-la como importante fenômeno social.

Palavras-chave: Moda; Fenômeno social.

Abstract: Nobody can deny the strength of the words. The language is able to communicate, build opinions, argue, convince and at last win without violence. The text construction conveys the needs of what we want to communicate and the fashion discourse makes us think about the mix of dream and reality, passion and reason, which are inner to fashion. In this article, the author writes about the construction of a specific fashion language that can be able to show fashion as an important social phenomenon.

Keywords: Fashion; Social phenomenon.

Resumen: El poder de las palabras es innegable. El lenguaje comunica, opina, argumenta, convence, es capaz de ganar un asunto sin gritos, sin violencia. La construcción del texto responde a las necesidades de lo que se quiere comunicar y el discurso de la moda refleja la simbiosis del sueño con la fuerza de la realidad, de la pasión con la razón, inherente a la propia moda. En este artículo, el autor aborda cómo la construcción del lenguaje específico de la moda es capaz de comunicarla como un fenómeno social importante.

Palabras clave: Moda; Fenómeno social.

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho (IN)VISIBILIDADES ARTE-CIÊNCIA: entrelaçamentos entre literatura e psicologia do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós- Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura pela PPGCLC da Universidade da Amazônia, Mestre em Artes pelo PPGArtes da Universidade Federal do Pará (2014), Especialista em Cultura de Moda pela Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo (2008).

1. INTRODUÇÃO: MODA E TEXTUALIDADE

É inegável a força das palavras. A linguagem comunica, forma opiniões, argumenta, convence, é capaz de ganhar uma questão sem grito, sem violência. A construção do texto atende às necessidades do que se quer comunicar, acabando por refletir as transformações das sociedades ao longo do tempo.

O texto é o produto da textualidade e apresenta aspectos estruturais, pragmáticos e ideológicos, esses últimos relacionados à moral e à cultura. A textualidade é, pois, o conjunto de características básicas de um texto, responsável por garantir que algo seja compreendido como tal e não seja apenas um aglomerado de palavras e frases justapostas. É importante que se observe que o texto não tem apenas a base material, que são as palavras e frases, mas também tem elementos pragmáticos, que são extratextuais, capazes de construir um cenário comunicativo. Assim, no texto verbal, oral ou escrito, os elementos linguísticos são organizados pelo emissor como o objetivo de permitir que o receptor compreenda a intenção do sentido, interagindo com ele, analisando-o ou refletindo sobre ele.

Clareza das palavras, expressividade e originalidade são os elementos responsáveis por auxiliar a construção de sentido para proporcionar a compreensão e interpretação do leitor. A clareza refere-se à escolha das palavras para que não conduza à dubiedade e que o sentido do que se quer comunicar seja o mais preciso possível. A expressividade consiste na objetividade da escolha das palavras, que organizadas de forma estratégica, tornam o texto acessível ao leitor. E a originalidade aponta para o aspecto autoral da produção textual, que necessariamente não precisa ser inédita (hoje algo quase impossível), mas que traga ideias interessantes e inovadoras.

Por que a moda fala tanto em roupa? Será porque “as palavras assim como as roupas, revelam os contornos daquilo que escondem?” (SILVA, 2011). O discurso da moda faz refletir a simbiose do sonho com a força da realidade, da paixão com a razão, que é inerente à própria moda.

Aqui vale buscar a relação entre moda e literatura, que, por mais que, à primeira vista, pareçam estar apartadas, na verdade trabalham ambas com técnicas narrativas, estilos, criação e representação de realidades, além de

adentrarem no universo do imaginário. Na literatura, o vestuário interage com o tempo, lugar, situação e sociedade. A descrição de vestuário de um personagem ficcional reforça quem ele é e pode permitir até uma análise sociológica do vestuário em seu uso. Descrever as roupas desses personagens parece garantir-lhes verossimilhança, o que os torna mais confiáveis aos olhos do leitor.

> O vestuário concerne a toda pessoa humana, a todo corpo humano, a todas as relações entre o homem e seu corpo, assim como as relações do corpo com a sociedade; isso explica por que grandes escritores tantas vezes se preocupam com o traje em suas obras. Encontramos belíssimas páginas sobre esse assunto em Balzac, Baudelaire, Edgar A. Poe, Michelet, Proust; estes pressentiam que o vestuário é um elemento que, de algum modo, compromete todo o corpo. (BARTHES, 2005, p. 362)

É importante também analisar a relação entre a moda e o jornalismo. Na atual sociedade composta e híbrida, a palavra assume um papel de condutor da imaginação, que se referindo à moda, ganha universalidade. A descrição de Pat Marinho Coelho sobre a inspiração da coleção da Rosa Chá para o verão 2003/2004, no site oficial do São Paulo Fashion Week é um bom exemplo.

> A coleção incorpora novos elementos, interpretando e colocando novas referências nas traquinagens do Saci Pererê, na natureza do Curupira, nas oferendas da Vitória-Régia, na sedução do Boto, na luz do Boitatá, na sonoridade do Uirapuru, na beleza da Iara, entre outros. O exercício conceitual de Amir partiu das traquinagens do Saci Pererê, onde as modelagens foram invertidas – os maiôs estão de ponta cabeça, sutiãs viram tangas, e estas convertem-se em tops. (COELHO, 2003)

2. TERMOS GERAIS:*CHIC E LOOK*

Constantemente empregadas, os termos *chic* (chique) e *look* permeiam todo o discurso de moda. Ser chique é algo naturalmente inerente (mesmo que possa parecer redundância, é isso mesmo), independente de modismo. É requinte espiritual. O chique traz algo internalizado, uma espécie de mescla de tradição e desenvoltura. “Trata-se de uma elegância natural, inata. O chique faz

transparecer cultura, um certo “à vontade”, não no sentido de poder aquisitivo, mas de arte de viver”. (RICARD, 1989, p.140).

O look é exterior, e justamente porque se cria, é passível de mudanças. Cada um pode criar seu próprio look. No entanto, quando o termo começou a ser usado pela famosa diretora de redação da Harper's Bazar, Diana Vreeland, não tinha essa conotação de “aparência”. Na verdade, no início de seu uso, o look remetia a algo que nos cerca, uma espécie de memória. (RICARD, 1989, p. 140)

Com o tempo passou a significar um código tribal, ou seja, um meio para os jovens se identificarem, e só mais tarde é que os estilistas e os meios de comunicação passaram a usá-lo como um termo para propor tendências, estimulando as pessoas a usarem e as adaptarem segundo suas personalidades, a partir de referências como, por exemplo, personagens de filmes ou de uma novela. Vale citar a enorme influência que a personagem de figurino exagerado interpretada por Regina Duarte na novela Roque Santeiro na década de 1980, teve na moda daquele período.

Mas então, seriam esses dois termos opostos? Qual a convergência semântica entre chique e *look*?

Certamente que a análise desses termos, suas origens e suas variações, permite compreender melhor sua importância para o discurso da moda. Se à primeira impressão, podem parecer opostos, na verdade empregar a palavra *look* em sua verdadeira acepção contribui para o renascimento do chique. Talvez o melhor exemplo disso tenha sido a utilização do termo em 1947 para definir a nova proposta de moda da coleção Corola de Chistian Dior: o *new-look*, que tanto sucesso fez e continua fazendo no mundo todo.

Nos tempos atuais, o *look* é um dos meios que estilistas e empresários do setor encontraram para propor e difundir tendências de moda. Não se trata de propor um “modelo” a ser copiado, mas torna-se um verdadeiro “guia do imaginário”, que permite que cada um combine suas roupas de modo livre e natural. “A partir de inúmeras imagens projetadas e assimiladas, cada pessoa pode saber o que quer, e assim compor seu tipo. Cada um pode fazer o próprio *look*, sem nada perder de seu chique.” (RICARD, 1989, p. 142).

3. TERMOS DE MODA

Quando um termo de moda se impõe de maneira imperativa, difunde-se pelo mundo na língua que o originou e torna-se indicativo não apenas de determinada moda, mas de todo um estilo de vida.

Certamente que não foi a "*Ligne Corelle*", como assim a cunhou Chistian Dior no seu lançamento em 1947, que vingou para o mundo, mas a denominação dada pela jornalista norte-americana Carmel Snow. Esse exemplo vem demonstrar que a partir da segunda metade do século XX, o domínio do idioma inglês é universal. Os meios de comunicação de massa da época levaram o "*New Look*" para o mundo todo e o tornaram parte integrante do imaginário coletivo. Tão forte tal denominação que foi o próprio Dior que cinco anos mais tarde, batizaria sua nova coleção de "*Flat Look*". E influenciado pela força do termo da língua inglesa, o estilista francês André Courrèges, na década de 60, criou o *look "Moon girl*".

Estaria a moda reforçando o pesadelo para o francês que jamais deixará de ter o inglês no seu encalço? Afinal, a primeira *maison* de alta costura foi aberta em Paris, mas, tendo a genialidade e a inventividade de um inglês: Charles Frederick Worth. Estaria a moda reforçando estereótipos seculares, que mesmo no momento da atual União Europeia, teima em evidenciar a "moda" de falar mal do vizinho?

> Os ingleses são considerados esnobes, com um péssimo paladar. Só um louco – dizem os franceses – abre mão do *croissant* no café da manhã para engolir bacon, rins e ovos. Mas os franceses – segundo os ingleses – tomam banho tão raramente que nem os perfumes inventados por eles conseguem disfarçar o mau cheiro no metrô. (YNAKIEV, 1995)

"A importância de determinada língua vem carregada da densidade sociológica de que se revestem as palavras" (RICARD, 1989, p. 145). O estilo "*basic"*, por exemplo, embora tenha surgido na Inglaterra, é essencialmente norte-americano por transmitir a noção de conforto do "*American way of life*".

Hoje, no universo da moda, a predominância da língua inglesa é patente e o termo *chic* é praticamente o único que livros e revistas internacionais de moda não traduzem. No Brasil, a palavra foi incorporada com uma grafia em português, chique.

Há outras línguas que também deixam sua contribuição para a moda, como o termo quimono do idioma japonês, das línguas africanas vem o *boubou*, o *sarouel* (do deserto do Saara); e da Malásia, o sarongue.

No geral, a linguagem contemporânea da moda provém da língua inglesa, tantos os termos usados universalmente e que não carecem de tradução: *trench-coat, sportswear, twin-set, jumper, body, smoking, patchwork, jogging e baby-look*, por exemplo. Há também termos que ao longo do tempo passaram da denominação francesa para a inglesa como o hoje popular zíper, na sua origem fecho "*éclair*" e os colchetes que se tornaram "*grippers".*

Hoje assistimos o discurso relativo à moda inflacionar-se de termos qualificadores tais como *yuppy,* metrosexual, retrô, *cool*, muitos deles importados da língua inglesa sem carecer de tradução. Desde que a moda encontrou as condições favoráveis para o seu surgimento nas sociedades individualistas, para se desenvolver plenamente, ela precisa de outros elementos, e sem dúvida, a linguagem que a acompanha é um deles.

> Seguramente, ela não o teria conseguido se não tivesse se beneficiado de todo um discurso de acompanhamento que a promovesse e a avaliasse. Esse foi o importante papel das publicações de modo que, enquanto esta se transforma em fenômeno instituído, se desenvolve paralelamente a ela. (MONNEYRON, 2007, p. 23).

Certamente que nessa linha de evolução, muitas palavras remetem ao imaginário, reforçando a função poética dos termos de moda. Muitos desses termos foram criados pela força da juventude que a partir da década de 60 do século XX passou a reivindicar sua moda em linguagem própria. Cada geração jovem criou termos para referir-se a si mesma, sua ideologia e sua identidade visual. Hoje, essas tribos permanecem, mas assistem à eclosão de muitos outros grupos, o que acaba por revelar uma multiplicidade de *looks* difíceis de serem classificados. Mesmo assim, a moda não para de nomear vivências, tendências, aparências, reminiscências, e quaisquer outras "ências que cheguem a sua ciência".

4. JORNALISMO DE MODA

Não obstante as mídias televisivas e da internet tenham tornado a moda mais acessível a muitas pessoas, não há como deixar de privilegiar um tipo de mídia mais

tradicional, que é a revista de moda, que por permitir uma contextualização mais coerente acaba por desempenhar importante função social. Essa função social incumbe ao conjunto de publicações de moda, através de uma linguagem jornalística, assegurar a promoção da criação indumentária.

Os jornalistas, ao fazerem uma intermediação entre o estilista e o público, precisam de uma linguagem que lhes possibilite apontar tendências e contribuir para criar um ambiente que se "for reproduzido de maneira idêntica para outras formas de roupas, poderá, dada à circunstância, até identificar uma época". (MONENEYRON, 2007, p.106).

Se sob a roupa se esconde a ideologia, vale citar os roqueiros, os *hippies* e os *punks*. Os primeiros, representados inicialmente pelos Rolling Stones, incendeiam plateias e impõem a jaqueta de couro preto como uniforme, assim definindo o "código de vestir" do bando. Os *hippies*, pacifistas e filósofos do amor, zombam da guerra e pregam a vida sem amarras, o que os faz criar um jeito livre, leve e solto de vestir, por vezes até mesmo desleixado, daí porque, quase sempre as releituras da moda da década feita por gerações posteriores sempre a fazem acrescida do adjetivo chique, por exemplo *hippie- chic.* Os últimos protestam, pelas roupas rasgadas, falam uma linguagem anárquica, desesperada, representada por correntes, tatuagens e metais aplicados na própria pele. O grupo dos "no future" (sem futuro) na Inglaterra passaram a ter em Vivienne Westwood a consagração de seu estilo para a moda.

Se nos reportamos à história da moda, constataremos que ela entrou para o jornalismo no período do Império, na França, até porque esta era a única espécie de literatura jornalística que o imperador Napoleão Bonaparte era capaz de suportar (FORTASSIER, 1988). A partir de 1829, com o surgimento do jornal *La Moda*, que vem substituir a ultrapassada publicação *Journal des Dames et des Modes*, os jornalistas passaram a pregar a recusa à tiraria dos modistas e convidam as leitoras a não serem meros cabides, mas a impor elegância própria.

Seguem-se outras publicações como o *Moniteur de La Moda, La Sylphide* e famoso *Journal de Vie Littéraire*, no qual eram publicadas descrições de vestidos de mulheres conhecidas da época, com detalhes de informações. Note-se que a partir de então, moda e literatura passam a se afinar numa simbiose que hoje inclui arte, decoração, gastronomia e outros setores da sociedade contemporânea, buscando uma linguagem que lhe confira a universalidade pretendida pelos jornalistas.

Os jornais femininos começaram a circular no Brasil, na cidade do Rio de

Janeiro, em 1827, com descrições minuciosas de vestimentas que seguiam a moda francesa (RAINHO, 2002, p. 70). Faziam o papel de verdadeiros manuais para ensinar como se vestir elegantemente. “O caráter dialético dessas colunas que discutiam a adoção e o consumo da moda e divulgavam lojas e produtos, satisfazendo os desejos da boa sociedade de incorporar os padrões europeus de vestimenta” (RAINHO, 2002, p. 11). Roche (2007, p. 154) afirma que foram esses formatos de textos que impulsionaram a organização do jornalismo feminino no Brasil.

> As principais características da imprensa feminina haviam-se tornado parte das práticas dos impressores-editores, autores e gravadores; associação de imagens e texto, conselhos sobre como copiar roupas, informações a cerca de uma grande variedade de tópicos e repetição periódica dessas lições efêmeras. A imprensa de moda desenvolveu e combinou essas características. (ROCHE, 2007, p. 481).

A relação entre moda e jornalismo reforça a textualidade da primeira, pois a informação veiculada pelo segundo sempre teve a intenção de estabelecer regras do que seria correto vestir, regulamentando de forma detalhada, a composição de um guarda-roupa, especificando a estação do ano, hora, circunstâncias e camada social (RAINHO, 2002, p. 100). Quem escreve sobre roupas há que se ocupar do estudo dessa linguagem que demonstra que a moda é um relevante fenômeno social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para escrever um texto de moda, é importante iniciar pela descrição das linhas básicas do *look*, ou seja, a forma como o traje se apresenta enquanto invólucro para o corpo. Essa observação deve estar embasada em conhecimento prévio dos elementos de identificação da marca cuja coleção está sendo expressa em texto (OLIVEIRA, 2007).

Como o texto de moda faz uma intermediação entre o estilista e o público, é imprescindível que remeta aos demais elementos visuais constitutivos do *look*, tais como cores, formas, texturas e dimensões de cada elemento, para enfatizar o que ele tem de chique. Esse é o vocabulário da moda. Mesmo que não seja de todo original, exige adaptação da palavra escrita ou falada àquilo que se vê, o que, por certo, permite a quem escreve, desdobramentos em infinitas possibilidades. Moda se escreve assim, dando atenção a cada particularidade, o que faz toda a diferença

na comunicação, principalmente nos tempos atuais em que corpo e moda são documentos visuais que por si sós já descrevem uma maneira de ser e parecer.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Sistema da Moda*. 35ª ed. Lisboa: Edições 70, 1999.

BARTHES, Roland. *Inéditos.* Vol. 3: Imagem e moda. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CASTILHO, Kathia. *Moda e Linguagem*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

COELHO, Pat Marinho. *Coleção da Rosa Chá para o verão 2003/2004.* Disponível em: http://spfw.com.br, acesso em 20/02/ 2011

FORTASSIER, Rose. *Les écrivains français et la moda:de Balzac à nos jours.* Paris: Press Universitaire de France,1988.

GARCIA, Maria Carolina. *Imagens Errantes: ambigüidade, resistência e cultura de moda*. São Paulo: Ed. Estação das Letras. 2010.

GARCIA, Maria Carolina & MIRANDA, Ana Paula de. *Moda é comunicação: experiências, memórias, vínculos.* Coleção Moda & Comunicação. Coordenação:
Kathia Castilho. 2 ª. ed., São Paulo; Ed. Anhembi Morumbi. 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seus destinos nas sociedades modernas.* São Paulo: Cia das Letras, 1989.

MONNEYRON, Frédéric. *A moda e seus destinos: 50 questões fundamentais. Tradução Constância Morel.* São Paulo: Editora Senac, 2007.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. *Moda também é texto*. São Paulo: Edições Rosari, 2007.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda*. Rio de Janeiro, Editora Universidade de Brasília, 2002.

RICARD, Françoise Vicent. *As espirais da moda*. Tradução de Maria Inês Rolim. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1989.

ROCHE, Daniel. *A cultura as aparências:* uma história da indumentária. São Paulo:SENAC, 2007.

SILVA, Deonísio de**.** *A força das palavras*. Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Segmento, 2011.

YNAKIEV, Mônica. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 de abril de 1995

AFETO: BAGAGEM DE VIDA [1]

AFFECTION: LIFE BAGGAGE

AFECTO: EQUIPAJE DE VIDA

Guilherme dos Santos Pinheiro [2]
Walquíria Marcelina de Almeida [3]
Rosangela Araújo Darwich [4]

Resumo: Este relato de experiência discute as principais ideias dos afetos nas relações escolares entre adolescentes de uma escola pública de Belém, Pará. Adotamos a proposta metodológica de pesquisa-ação social (THIOLLENT, 2011). Tendo em vista sua relevância temática após pandemia em que os laços afetivos foram gravemente afetados pelo isolamento social, traz a escuta como fortalecimento de vínculos, com o objetivo de ampliar os saberes na descrição das experiências dos participantes. Para tanto, o caminho partilhado foi com 27 alunos do 8º ano do ensino fundamenta II e 01 encontro inicial nos quais, os resultados obtidos foi possível perceber a importância da mediação sutil que o afeto gera em suas conexões interpessoais entre professor/aluno e sociedade em geral tais como: bem-estar emocional, confiança e relações positivas. Neste sentido à temática se mostra relevante de ser abordada na formação inicial e continuada dos alunos em sala de aula

Palavras-chave: afeto, adolescentes; relatos de vivencias.

Abstract: This experience report discusses the main ideas of affections in school relationships among adolescents from a public school in Belém, Pará. We adopted the methodological proposal of social action research (THIOLLENT, 2011). In view of its thematic relevance after a pandemic in which affective bonds were seriously affected by social isolation, it brings listening as a strengthening of bonds, with the aim of expanding knowledge in the description of the experiences of the participants. For that, the shared path was with 27 students of the 8th year of elementary school II with 01 initial meeting that through the results and discussions it was possible to perceive the importance of the subtle mediation that affection generates in their interpersonal connections between teacher/student and society in such as: emotional well- being, trust and positive relationships. In this sense, the theme is relevant to be addressed in the initial and continuing education of our students in the classroom.

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho [ST4 (IN)VISIBILIDADES ARTE-CIÊNCIA: entrelaçamentos entre literatura e psicologia} do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2]Graduado em psicologia UNAMA guilhermedossantos071295@gmail.com https://orcid.org/0009-0000-2463-5666.

[3] Doutoranda do PPGCLC/UNAMA marcelina.pedagogia@gmail https://orcid.org/0000-0002-2845-5440.

[4]Prof.ª Dra. Psicóloga do comportamento pela UNAMA rosangeladarwich@yahoo.com.br https://orcid.org/0000-0001-7325-9097

Keywords: affection, teenagers; reports of experiences;

Resumen: Este relato de experiencia discute las ideas principales de los afectos en las relaciones escolares entre adolescentes de una escuela pública de Belém, Pará, adoptando la propuesta metodológica de la investigación de acción social (THIOLLENT, 2011). Por su relevancia temática luego de una pandemia en la que los vínculos afectivos se vieron gravemente afectados por el aislamiento social, trae la escucha como fortalecimiento de los vínculos, con el objetivo de ampliar el conocimiento en la descripción de las vivencias de los participantes. Para ello, el camino compartido fue con 27 estudiantes del 8vo año de primaria II con 01 encuentro inicial que a través de los resultados y discusiones se pudo percibir la importancia de la mediación sutil que el afecto genera en sus conexiones interpersonales entre docente/alumno. y la sociedad en tales como: bienestar emocional, confianza y relaciones positivas. En ese sentido, el tema es relevante para ser abordado en la formación inicial y permanente de nuestros alumnos en el aula.

Palavras clave: cariño, adolescentes; informes de experiencias.

1. INTRODUÇÃO

O tema deste artigo surgiu da experiência dos autores durante uma palestra interativa em maio de 2023, realizada em uma escola de ensino funda- mental e médio no bairro Sacramenta, Belém, Pará. Esta palestra faz parte do Projeto de Pesquisa intitulado “Poesia no Dia a Dia: Grupos Vivenciais e Resiliência”, desenvolvido pela Universidade da Amazônia, localizada na região me- tropolitana de Belém. Nessa experiência, observou-se que adolescentes en- frentavam sérias dificuldades de aprendizagem devido à falta de compreensão e gestão de suas emoções.

Através dessas conversas, surgiu a seguinte questão: *como abordar a saúde mental de alunos adolescentes com problemas emocionais no contexto educacional atual?*

Além da educação formal, as escolas têm um papel crucial na vida dos alunos, atuando como espaços de socialização e equilibrando oportunidades, ao mesmo tempo em que desenvolvem habilidades sociais necessárias para cumprir papéis na sociedade, bem como construir identidades. É também um local no qual os alunos aprimoram as vivências, adquirem princípios e valores, para estabelecer relações harmoniosas com os seus pares e/ou familiares, pressuposto essencial para o desenvolvimento humano.

No Brasil, atos legislativos como a Constituição Federal de 1988 e a atual LDB de 1996, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação, bus- cam assegurar os direitos educacionais das crianças e adolescentes (SAN- TOS, 2019). Contudo, atualmente, são defendidas mudanças na educação brasileira, como a redefinição do ensino médio, que se mostrou mais vulnerável devido à adaptação durante a pandemia da COVID-19, tornando o cenário es- colar mais significativo.

Apesar da cooperação entre governo e agentes educacionais para a formação de políticas educacionais, cabe destacar que as mudanças não são realmente satisfatórias, pois o ensino ainda é insuficiente, as metodologias es- tão desvinculadas das reais necessidades de aprendizagem, especialmente para estudantes adolescentes que vivem em um momento da vida propenso ao desenvolvimento de problemas socioemocionais (SOUZA E SANTOS, 2019).

De todo modo, dado o contexto educacional atual e as especificidades expostas pelos alunos do século atual, é necessário reconhecer que as práti- cas pedagógicas desenvolvidas na escola devem ser modificadas para traba- lhar não apenas as competências cognitivas, mas também as emocionais. Por conseguinte, ensinar os jovens a administrar suas emoções tornam-se indis- pensável para uma vida social e aprendizagem eficaz (FONSECA, 2016).

Segundo Gauy (2016), adolescentes são mais propensos a vivenciar conflitos psicológicos e sociais, pois carecem de maturidade emocional. Enfrentam maiores dificuldades para lidar com o estresse, baixa autoestima, distanci- amento na relação com os pais, relacionamentos rompidos, falta de disposição, timidez, humilhação, rejeição de grupos sociais e fracasso escolar. As relações intrapessoais e/ou interpessoais na vida escolar são criadas nesta fase de mai- or vulnerabilidade a eventos psicoemocionais.

Durante a adolescência e no ambiente escolar, os alunos manifestam dificuldade de fazer amigos, discutir com professores, autoridades ou colegas. Vivenciam isolação social, bullying, além de violência, vandalismo e promiscuidade sexual (LIMA et al., 2014; ASSIS et al., 2023). Estes fatores prejudicam e influenciam diretamente no desempenho acadêmico, tornando fundamental o

papel das escolas em ajudar alunos a desenvolver as suas competências emocionais e sociais para aprender a gerir conflitos, sentimentos e emoções.

A emoção precede a linguagem (WALLON, 1995). As emoções podem ter um efeito positivo ou negativo nas habilidades cognitivas de uma pessoa. Quando bem administradas, permitem uma aprendizagem útil e agradável e melhoraram a aquisição de conhecimento.

Alunos emocionalmente equilibrados garantem o domínio do conteúdo. Mas quando não está equilibrado será difícil para ele compreender e lembrar o conteúdo. Consequentemente, é fundamental que estejam bem emocionalmente para facilitar sua participação ativa no processo de ensino-aprendizagem.

Diante dessa perspectiva, o objetivo geral neste estudo é apresentar um relato de experiência dos pesquisadores com grupos vivenciais em um círculo de reflexões e ações, realizadas em uma escola pública de Belém do Pará, sobre as possibilidades de favorecer a saúde mental de adolescentes estudan- tes com problemas emocionais no contexto educacional atual.

Para atingir os objetivos propostos, adotamos uma metodologia descriti- va de pesquisa-ação que visa descrever as características de uma determinada população ou fenômeno. Este tipo de método é baseado na pesquisa-ação. Isto inclui diversas estratégias para relatar intervenções ou atividades. Dentre elas, destacamos os relatos de experiência que aplicamos neste estudo.

Do ponto de vista metodológico, essa forma de narrativa é uma forma de expressar os acontecimentos vivenciados pelo autor por meio da escrita. As- sim, os relatos de experiência são conhecimentos transferidos de forma científi- fica e crítica (MUSSI et al., 2021; GROLLMUS; TARRÉS, 2015).

O relato de experiência é uma modalidade de produção de conhecimen- to que inclui o relato de experiência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da educação universitária (ensino, pesquisa e extensão). A principal característica é a descrição da intervenção.

Contudo, a importância da emoção na aprendizagem continua sendo um tema recente no Brasil. Também carecem publicações sobre pesquisas-ação desenvolvidas em grupos vivenciais que abordem os impactos das emoções no processo de aprendizagem. Especialmente no contexto educacional de hoje.

Consequentemente, este estudo contribui para a completude dos dados da pesquisa sobre o tema em consideração.

2. CONIDERAÇOES INCIAIS: AFETO; BAGAGEM DE VIDA

” É com o coração que se vê corretamente, o essencial invisível aos olhos”
Antoine de Saint Exupéry

O conceito de Antoine envolve sentimentos e emoções, nos ajuda a entender que o afeto é essencial na experiência humana, conectando-nos emocionalmente a outros e proporcionando pertencimento, segurança e felicidade.

Na etimologia, a palavra afeto deriva da expressão latina “effectus, us”, que significa afeto. É uma poderosa força motivadora que nos leva a cuidar uns dos outros e a formar conexões significativas. Segundo o dicionário Michèle (2023), afeto é um "sentimento terno de afeição por algo ou alguém".

Sentimentos e emoções são expressos de diferentes maneiras. A amizade é uma dessas formas de afeto. A afetividade desempenha um papel im- portante no processo de aprendizagem, pois está presente em todas as áreas da vida e está significativamente envolvida no desenvolvimento da cognição (SILVA, SANTOS, 2020, p. 1033).

Dessa forma, o afeto ajuda os adolescentes a lidar com o estresse, a ansiedade e as pressões do dia a dia. Isto pode ser uma fonte de apoio emoci- onal que ajuda os jovens a desenvolver resiliência e a lidar de forma mais efi- caz com os desafios emocionais e psicológicos.

Além disso, as mudanças observadas após a pandemia de 2019 repre- sentaram um desafio notável para aqueles que procuravam desenvolver novas estratégias teórico-clínicas e pedagógicas.

Nessa perspectiva, pode-se observar como o contexto histórico e social influencia não apenas a formação de ideologias e discursos, mas também em como é percebida a expressão de sentimentos e emoções.

Consequentemente, acompanhar notícias locais e internacionais, bem como as redes sociais, torna-essencial para entender essas dinâmicas. Há também uma série de fatores que afetam as relações afetivas dos adolescentes isso inclui, mas não está limitado a hormônios, desenvolvimento cerebral e experiências sociais e familiares.

Nesse sentido, recorremos aos estudos de Wallon (1995), que lembra que a afetividade envolve emoções, natureza biológica, sentimentos das expe- riências humanas e o desenvolvimento da fala, que possibilita transmitir ao outro o que sentimos e fazemos, uma vez que a constituição do “eu” é um pro- cesso sem fim. De acordo com Antunes (2015, p. 33), outra maneira de abordar o afeto é através de conversas significativas: “o diálogo entre pais e filhos precisa estar sempre presente e cabe à escola dar continuidade a tudo que no lar começou”. Do mesmo modo, a vida escolar na adolescência é uma fase de transição e de intenso desenvolvimento, influenciada pelo ambiente externo em que vivem, pelas suas reconhecidas e celebradas adversidades, e pelo respeito recíproco, no qual a escola deve absorver todas as suas possibilidades, variedade de experiências e fornecer apoio emocional quando necessário.

Deste modo, ao criar um ambiente escolar acolhedor, o qual os alunos se sintam valorizados e apoiados emocionalmente, pode contribuir muito para o bem-estar e sucesso acadêmico, sendo referência ao longo da vida. Isso signi- fica que o apoio emocional é essencial e o elogio deve sempre acompanhar o crescimento dos jovens.

Nesse segmento, podemos considerar a literatura como um processo de interação, pois proporciona um espaço seguro para que os leitores (adolescentes) vivenciem catarse emocional. Ao envolverem-se em narrativas carregadas de emoção, os leitores podem experienciar e liberar as próprias emoções, en-contrando conforto ou validação nas suas experiências emocionais.

Dito isso, Tyveton Todorov (2009) observa que "a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características." Análogos a Todorov, outros autores como Grollmus e Tarrés (2015) entendem que é através do uso da técnica narra- tiva, da escrita para comunicar as experiências realizadas e do uso de observações, sejam elas subjetivas (sentimentos / impressões) e/ou objetivas (observação participante, por exemplo), que jovens podem apresentar um bom desenvolvimento.

Assim, a narrativa experiencial destacada aqui, comprova como o afeto escolar reflete positiva e prolongadamente na experiência educacional dos alu- nos. Neste contexto, a ligação emocional entre professores e alunos é crucial, uma vez que cria um ambiente propício à aprendizagem e ao crescimento pessoal, assim como o desenvolvimento de competências que durarão a vida toda.

3. METODOLOGIA

A pesquisa de campo ocorreu em uma escola pública, um espaço de interação onde os participantes (alunos) trabalham juntos para resolver pro- blemas, aplicar conhecimentos variados, propor soluções e aprender por meio da ação. Ela corresponde a um desdobramento de uma pesquisa-ação (THI- OLLENT, 2011). A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi realizada com 27 adolescentes, de 12 a 15 anos, com apoio de um cenário estruturado baseado na educação em saúde.

O objetivo de promover grupos vivenciais entre alunos no ambiente es- colar é incentivar interações sociais através de métodos de aprendizagem ba- seados na experiência.

Segundo DARWICH (2022, p. 227), "o método vivencial é utilizado no treinamento de habilidades sociais por meio de atividades estruturadas que reproduzem situações cotidianas em contexto grupal". O tema utilizado foi rela- cionado a atitudes de respeito, gentileza e compaixão.

Com a ocasião especial de relatar experiências em sala de aula, pode- mos perceber como o afeto supera barreiras e enriquece a jornada de formas inimagináveis, apoiando a aprendizagem coletiva, conduzindo a atitudes que os conectam ao conteúdo de estudo de forma significante.

Esta abordagem retrata com sensibilidade o processo de aprendizagem e incentiva-os a explorar, vivenciar e refletir sobre conceitos afetivos de forma prática e a aplicar o que aprenderam a situações do mundo real.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Pesquisa-ação vivenciada nasceu em 2013 na clínica-escola de Psico- logia da Universidade da Amazônia (CLIPSI/Unama), com a formação dos gru- pos de pais e, além deles, do grupo de crianças em 2014. Em 2016 tornou-se interdisciplinar, e a partir de 2019 tornou-se mais artístico e proativo, mudando seu subtítulo para "Poesia no dia a dia: grupos vivenciais e resiliência".

Atualmente é formada por professores e alunos dos cursos de Psicologia (Unama), Literatura (UFPA / Belém) e Educação do Campo (UFPA / Altamira), do programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC / Unama), e por psicólogos e assistentes sociais de Belém, do interi- or do Estado do Pará e da universidade de Ciências Aplicadas de Freiburg, Alemanha.

Criamos uma nova equipe de pesquisa de extensão universitária composta

por dois pesquisadores do projeto: um psicólogo (coordenador); e uma pedagoga (apoio) na escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Alves Maia, situada no bairro da Sacramenta, periferia de Belém.

Para formar um círculo de reflexões e ações, o novo grupo vivencial formado por alunos e nós, pesquisadores, utilizou o roteiro de apoio "Três FACES de uma mesma Moeda: Respeito, Gentileza e Compaixão".

Na manhã de uma quarta-feira de maio de 2023, demos início à abertura do diálogo em rodas de conversa. No cenário escolar, durante o ciclo de con- versas interativas com os adolescentes sobre emoções e saúde mental, ao invés de aprender sobre as emoções, esperava-se que os participantes conseguissem 'senti-las'.

Concordamos com a ideia de que "a necessidade de conhecer mais so- bre o comportamento individual do que o próprio indivíduo consegue verbalizar caracteriza um movimento que valoriza a complexidade do ser humano" (DARWICH; TOURINHO, 2005, p. 109).

Concordamos com os autores Antunes (2015) e Pegoraro (2021) que a diversidade de conhecimento e percepção do mundo inspiram o comprometimento do grupo. Portanto, ouvir relatos de sentimentos vivenciados, respeito e empatia foi muito saudável para criar uma expressão coletiva de afeto. Os alunos devem compreender que "sem afetividade, a vida mental torna-se va- zia, sem sabor". (DALGALARRONDO, 2019, p. 148).

Neste sentido, a ação proposta para refletir sobre as emoções teve um impacto significante nos participantes, orientando o processo de aprendizagem através da troca de experiências. Assim, por meio de relações não coercitivas, trabalhamos os sentimentos e emoções dos participantes em torno de valores positivos.

Um dos relatos dos participantes, por exemplo, foi sobre um colega ajudando outro colega que estava passando por um difícil problema emocional. Ele disse que ofereceu escuta e um abraço fraterno, mostrando gentileza e amizade. Essa atitude não só demonstrou solidariedade diante das dificuldades, mas também fortaleceu os laços entre eles, sendo um exemplo positivos em sala de aula. E acrescentou: "eu me senti tão bem".

Neste relato referimo-nos a um discurso de Antunes (2015, p. 135) que acrescenta que "o afeto pode levar à construção de amizade quando é um sentimento recíproco". E, nesta sequência, a necessidade de interagir com os outros torna-nos melhores, porque desenvolve mecanismos de aprendizagem, empatia e

respeito através do carinho com o outro, essenciais para o crescimento pessoal e profissional, porque a vida é feita de ciclos os quais um indivíduo pode estar bem em um momento e precisar do outro em outro momento.

Outro motivo que despertou interesse foram as falas masculinas dos adolescentes, que foram notáveis e repletas de emoções vívidas. Além disso, os grupos de pesquisa manifestaram por unanimidade um carinho caloroso pelos professores de determinadas disciplinas, que servem de inspiração, pois conseguem facilitar a compreensão do conteúdo por meio de exemplos do cotidiano.

Ressalta-se ainda que, durante o encontro, os pesquisadores propuseram reflexões sobre o processo ensino-aprendizagem e saúde mental, desacelerando o ritmo frenético da internet para valorizar a simplicidade de uma boa e velha amizade, favorecendo a possibilidade de ressignificar o relacionamento do aluno com a escola e os professores.

Ao final do encontro de tema “gentileza gera gentileza”, a forma gentil, educada e solidária com que os alunos, num ciclo positivo de comportamento, corresponderam a proposta, demonstra o quanto o projeto tem a contribuir para um mundo melhor.

É importante lembrar que a pesquisa objetivou discussões sobre o tema afeto e seu pertencimento à comunidade escolar, para gerar aprendizagem contínua, promovendo a formação cidadã e destacando as vozes, os valores e a cultura comunitária.

Por fim, observamos que os autores consultados na revisão de literatura, como ANTUNES (2015), PEGORARO (2021), DARWICH (2022), SILVA, SANTOS (2020) e WALLON (1995), destacam pontos centrais na abordagem do afeto que é a alegria e o prazer de si e dos outros. A psicologia nos diz que a vida afetiva é parte integrante da nossa subjetividade, portanto o afeto está presente em nossa jornada vital e o amor converte, cura, reabilita, dá sentido e estabelece as melhores relações para sempre.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Participar de uma roda de conversa com adolescentes foi uma experiência extremamente significativa. Tivemos o privilégio de ouvir trechos de histórias reais que influenciaram profundamente as experiências educacionais e o desenvolvimento emocional dos alunos nas escolas, em torno de temas como

respeito, gentileza e compaixão.

Os resultados de nossa pesquisa vivencial evidenciaram a evolução dos participantes, que criaram representações afetivas em diversos contextos simbólicos. Isso destaca a relevância de desenvolver pesquisas vivenciais e ressalta a importância, como profissionais, de praticar a escuta empática e motivadora.

Nesse sentido, consideramos a escola como um local de reuniões inter-pessoais, destacando-se os adolescentes, durante um longo período, de forma que seja um local de interação social harmoniosa entre os jovens e a comunidade escolar na totalidade.

No entanto, há um grande obstáculo a ultrapassar, uma vez que coerção e atitudes agressivas, especialmente entre colegas, o bullying, continuam a ser uma realidade diária. Por outro lado, o foco social e emocional (afeto) vai além da transferência de conhecimento. É uma extensão do pensamento e da ação que ajuda os alunos a serem cidadãos equilibrados, compassivos e mais participativos em uma sociedade diversificada.

O foco está em cultivar as emoções nas escolas, investindo no futuro e na formação de indivíduos confiantes, resilientes e preparados para enfrentar desafios com compreensão e empatia.

Portanto, é necessário que a escola seja um lugar que favoreça a expressão saudável das emoções dos alunos, a fim de que barreiras sejam ultrapassadas por meio da comunicação assertiva entre todos os atores do cenário escolar.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. *A linguagem do afeto: como ensinar virtudes e transmitir valores.* 1. ed. campinas: Papipurs, 2019. E-book. Disponível em: https://plataforma.bvirtual.com.br. Acesso em: 20 jul. 2023.

ASSIS, Simone Gonçalves; CONSTANTINI, Patrícia; AVANCI, Joviana Quintes; and NJAINE, Kathie, eds. *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores.* Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2023.

BRASIL. *Ministério de Educação e Cultura. LDB* - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

DALGALARRONDO, Paulo. *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais.* Porto Alegre: Artmed, 2019.

DARWICH, Rosângela Araújo. Grupos vivenciais: método vivencial em pesquisas mediadas pela internet. In. Amanda Leite et al (org.). *Inspirações metodológicas em contextos amazônicos [livro eletrônico]*. Belo Horizonte: Olhares Transversais, 2022. p 2011-2035.

DARWICH, Rosângela Araújo; TOURINHO, Emmanuel Zagury. Respostas emocionais à luz do modo causal de seleção por conseqüências. *Rev. bras. ter. comport. cogn.*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 107-118, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452005000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 jul. 2023.

FONSECA, Vitor da. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. *Rev. Psicopedagogia.,* São Paulo, v. 33, n. 102, p. 365-384, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862016000300014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 jul. 2023.

GAUY, Fabiana Vieira. Crianças e adolescentes com problemas emocionais e comportamentais têm necessidade de políticas de inclusão escolar? *Educar em Revista [online].*, Curitiba, v.00, n. 59, p. 79-95, 2016. DOI: https://doi.org/10.1590/0104-4060.44687. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0104-4060.44687. Acesso em: 07 jul. 2023.

GROLLMUS, Nicholás Schöngut.; TARRÈS, Joan Pujol. *Relatos metodológicos: difractando experiências narrativas de investigación.* Fórum Qualitative Social Research, v. 16, n. 2, mayo 2015. Disponível em: fle:///C:/Users/Particular/Downloads/2207-9561-1-PB%20(1).pdf. Acesso em: 22 jul. 2023.

LIMA, Cárita Portilho de; PRADO, Marina Borges e Silva; SOUZA, Beatriz de Paula. Orientação quanto à queixa escolar relativa a adolescentes: especificidades. *Psicologia Escolar e Educacional,* São Paulo, v. 18, n. 1, p. 67–75, 2014. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-85572014000100007. Acesso em: 07 jul. 2023.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico*. Revista práxis educacional*, Vitória Da Con- quista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu. v17i48.9010. Dis- ponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010. Acesso em: 22 jul. 2023.

PEGORARO, Éverly. *Afetos e ressignificações de passado: sobre steampunk, neovitorianismo e neomedievalismo.* 1. ed. Jundiaí: Paco e Littera, 2021. E-book. Disponível em: https://plataforma.bvirtual.com.br. Acesso em: 21 jul. 2023.

SANTOS, Émina. A educação como direito social e a escola como espaço protetivo de direitos: uma análise à luz da legislação educacional brasileira. *Educação e Pesquisa [online],* São Paulo, v. 45, n. e184961, p. 1-15, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1678-4634201945184961. Acesso em: 07 de jul. 2023.

SILVA, Graciela Ferreira da; SANTOS, Maximina Magda de França. A impor- tância da afetividade no processo de aprendizagem na educação infantil/ The importance of affectiveness in the learning process in child education. *Brazilian Journal of Development, [S. l.]*, v. 6, n. 1, p. 1029–1047, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n1-072. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/5961. Aces- so

em: 2 set. 2023.

SOUZA, José Clécio Silva de; SANTOS, Mathéus Conceição. Contexto histórico da educação brasileira. *Revista Educação Pública*, v. 19, n. 12, p. 1- 5, 2019. Disponívelem:https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/12/contexto-historico-da-educacao-brasileira. Acesso em: 07 de jul. 2023.

THIOLLENT, Michel*. Metodologia da pesquisa-ação.* 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo.* Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

WALLON, Henri**.** *Origens do caráter na criança*. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 1995.

EDUCAÇÃO E CONHECIMENTO: ENTRE O BOM E O ÚTIL[1]

EDUCATION AND KNOWLEDGE: BETWEEN THE GOOD AND THE USEFUL

EDUCACIÓN Y CONOCIMIENTO: ENTRE LO BUENO Y LO ÚTIL

Matheus Reichelt Flores[2]
Rosângela Araújo Darwich[3]

Resumo: Este trabalho aborda os conceitos de "bom" e "útil", explorando suas aplicações no âmbito do conhecimento e analisando como a educação contemporânea muitas vezes se concentra excessivamente na formação técnica, negligenciando a realização plena do indivíduo. Por meio do diálogo entre autores clássicos e modernos, como Aristóteles, Platão e Csikszentmihalyi, destaca-se a importância do autotelismo - a busca pela excelência intrínseca - na vida humana. Essa reflexão destaca a necessidade de um equilíbrio entre a formação técnica e a busca pelo conhecimento valioso por si mesmo, propondo uma mudança de paradigma educacional em direção a uma abordagem mais integral e enriquecedora.

Palavras-chave: Educação; conhecimento; tecnicismo; literatura filosófica; psicologia.

Abstract: The present work addresses the concepts of "good" and "useful", in addition to their applications to knowledge and how current education is concerned with the technical training of people without worrying about the realization of their nature, transforming them into human beings. helpful instead of happy. This happens through the dialogue between the thoughts of several classic and modern authors, such as Aristotle and Csikszentimihalyi, illustrated by the philosophical literature of Plato. With the reflections presented, it is intended to show the importance of autotelism in human life, especially in relation to knowledge, how the technicality of current education is harmful to it and the need for a paradigm shift that, without ceasing to care with technique, put good knowledge in yourself first.

Keywords: Education; knowledge; technicality; philosophical literature; psychology.

Resumen: El presente trabajo aborda los conceptos de “bueno” y “útil”, además de sus aplicaciones al conocimiento y cómo la educación actual se preocupa por la formación técnica de las personas sin preocuparse por la realización de su naturaleza, transformándolas en seres humanos útiles. en lugar de feliz. Esto sucede a través del diálogo entre los pensamientos de

[1]Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho St4 - (IN) VISIBILIDADES ARTE-CIÊNCIA: entrelaçamentos entre literatura e psicologia do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2]Graduando em Psicologia pela Universidade da Amazônia. E-mail: matheusflorespsi@gmail.com. ORCID: 0000-0002-2483-3491.

[3]Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA).

varios autores clásicos y modernos, como Aristóteles y Csikszentimihalyi, ilustrados por la literatura filosófica de Platón. Con las reflexiones presentadas se pretende mostrar la importancia del autotelismo en la vida humana, especialmente en relación con el conocimiento, cómo la tecnicidad de la educación actual le perjudica y la necesidad de un cambio de paradigma que, sin dejar de cuidar la técnica, Pon primero el buen conocimiento en ti mismo.

Palavras clave: Educación; conocimiento; tecnicismo; literatura filosófica; psicología.

1. INTRODUÇÃO

O ser humano é um ser livre e responsável que, diferente dos outros seres, tem a capacidade de se moldar livremente, determinando, assim, seu ser. Contudo, nasce em um mundo já determinado e necessita adaptar-se a ele, sendo moldado por ele. Por meio da educação são transmitidas a linguagem, a tradição e as expectativas de outros seres humanos, dando ao neófito a capacidade de se relacionar, de mover-se no mundo e, a partir daí, autodeterminar-se. Dessa forma, “a educação tem esse caráter ambíguo de libertar aprisionando e aprisionar libertando” (SEIBT; BRAÇO, 2021, p. 63), pois fecha possibilidades à pessoa para que ela possa abrir-se a muitas outras.

O fechamento e a atualização de possibilidades por parte da sociedade estão intrinsecamente ligados ao projeto de ser humano compartilhado por ela, no sentido de aquilo que ela quer que os seres humanos sejam/se tornem. Dessa forma, a condição do adulto educado expressa muito de como se estrutura o projeto de pessoa da sociedade. Para Han (2017), o projeto atual está deixando as pessoas depressivas e esgotadas, cansadas do poder e do fazer.

Nossa sociedade está doente, obcecada com o útil e esquecida daquilo que é bom em si mesmo, e criando pessoas com a mesma mentalidade. E essa mentalidade se estende a diversos domínios, inclusive ao do conhecimento, tão unido ao da educação formal e informal.

Este estudo objetiva investigar o projeto de ser humano que norteia a educação formal e informal na sociedade atual, especialmente como ela produz a relação com o conhecimento, apontando falhas em seus princípios e resultados. Verificamos a possibilidade de a educação se encontrar demasiadamente pautada na utilidade do ser humano para a produção e pouco em valores positivos, como no caso de seu caráter, quanto a ser bom em si mesmo e ser aperfeiçoador da natureza humana (REALE, 2014), além da proposta de ajustamento desse projeto social no tocante à relação humana com o conhecimento.

2. O BOM E O ÚTIL

Segundo Aristóteles (2015, pp. 23-24), “podemos falar dos bens de duas maneiras, uma, os bens por si mesmos, outra, os bens em relação aos primeiros”, ou seja, há coisas boas e há coisas, que podemos chamar “úteis”, que se tornam boas por serem meios de se chegar nas primeiras. Além disso, como o útil só é procurado como meio de se chegar ao bom, este último se mostra mais perfeito que o primeiro, pois “uma coisa perseguida como fim em si é mais perfeita do que aquela perseguida como um meio para uma coisa qualquer” (p. 25) e tanto mais perfeita uma coisa será quanto mais exclusivamente como fim, e não como meio, for buscada:

> uma coisa não escolhida como meio para algo é mais perfeita do que as coisas escolhidas tanto como fins em si quanto como meio para esta coisa, e simplesmente chamamos perfeito o que é sempre desejável por si mesmo e nunca por outra coisa. (p. 26)

Hildebrand (2020) defende que o termo “útil” tem várias acepções, desde uma que se refere à simples capacidade de algo servir como instrumento para se obter um fim, àquela de meio em relação a alguns fins específicos aos quais chama “bens objetivos” ou “bens elementares para a pessoa humana” (p. 71; tradução nossa). Estes bens seriam

> as coisas indispensáveis à nossa vida, assim como todas aquelas coisas que se referem ao nosso bem-estar físico e mental e segurança na medida em que somos indivíduos e membros da sociedade. Comida, vestimentas e abrigo; saúde, liberdade, paz e ordem são tais bens elementares. (p. 69; tradução nossa).

Ainda assim, o útil não se confunde com os bens mais elevados da pessoa humana, embora não seja oposto a eles e até ajude a alcançá-los. Poder-se-ia, portanto, chamar a esses bens superiores e mais perfeitos de inúteis e dizer que são tanto mais perfeitos quanto menos úteis e mais buscados por si mesmos são. Por isso, o bem mais perfeito de todos é a felicidade, fim de todas as ações humanas e sempre buscada por si e não como meio para mais nada.

A psicologia moderna confirma essas reflexões dos clássicos. Csikszentimihalyi (2020) descreveu um estado de experiência ótimo, chamado “flow”, de alta fruição.

Um dos requisitos para se experimentar esse estado seria o “autotelismo” da atividade em que se está imerso, palavra derivada da junção de duas palavras gregas: *auto*, que significa próprio, e *telos*, que significa fim. Assim, dizer que algo é “autotélico” significa dizer que é um fim em si mesmo.

A importância do autotelismo para o *flow* está no direcionamento da atenção. Nesse tipo de experiência, a atenção do indivíduo foca-se na atividade em si, enquanto nas experiências exotélicas (que não são um fim em si mesmas, mas que o possuem *fora* delas), sua atenção se concentra nas consequências da atividade, o que diminui a fruição.

O autotelismo de Csikszentimihalyi pode, no entanto, diferir um pouco daquilo descrito por Aristóteles e Hildebrand. Enquanto estes autores falam de valores e coisas boas e que são fins em si mesmas objetivamente, Csikszentimihalyi se refere mais à experiência subjetiva de autotelismo. Para ele, o importante não é a atividade em si, mas a forma como a pessoa a experiencia, se coloca sua atenção e motivação nas consequências ou na própria atividade:

> Investir no mercado de ações para ganhar dinheiro não é uma experiência autotélica; mas investir para provar sua capacidade de prever futuras tendências é [...] O que transparece nas duas situações é ostensivamente idêntico; a diferença é que, quando a experiência é autotélica, a pessoa presta atenção na atividade em si; quando não é, sua atenção se concentra nas consequências. (CSIKSZENTIMIHALYI, 2020, p. 85).

Essa diferença entre os pensadores, contudo, pode ser vista não como uma discordância, mas como uma complementação. Se o que importa para o *flow* não é a atividade em si, mas a experiência subjetiva dela, as atividades que são objetivamente autotélicas trariam esse tipo de experiência com muito mais facilidade, o que as faz mais perfeitas, pois contribuem mais para a felicidade.

3. O BEM DO CONHECIMENTO

Um exemplo de bem em si mesmo é o conhecimento. O conhecimento pode ser útil, como a engenharia, necessária para construir uma ponte, por exemplo, ou pode não ter nenhuma utilidade prática, como o conhecimento filosófico ou metafísico, mas sempre “é capaz de ser seu próprio fim. A constituição da mente humana é tal que qualquer tipo de conhecimento, se realmente o for, é sua própria recompensa.” (NEWMAN, 2008, p. 90, tradução nossa).

E, entre os bens autotélicos, o mais exaltado pelos filósofos é o do

conhecimento. Inclusive, para Aristóteles (2015), a contemplação é a atividade por excelência do ser humano, na qual consiste o melhor tipo de vida, pois "se a felicidade é uma atividade conforme a virtude, é razoável que seja conforme a mais alta virtude e essa será a virtude da parte mais nobre de nós mesmos." (p. 284) Esta parte é o intelecto e o ato dele segundo a virtude é a contemplação.

Isso é muito bem ilustrado no "Fedro" de Platão (2012). No mito do auriga, a alma humana é representada por um auriga conduzindo dois cavalos, um obediente e outro desobediente, sua missão consistindo em educar o desobediente, que representa as paixões que o arrastam para onde não quer ir. As almas que conseguem educar esse cavalo desobediente disputam entre si com grande ansiedade para atingir a região superior, a "planície da verdade".

> Mas o que motiva a grande ansiedade em descortinar a planície da verdade é o fato de o pasto adequado para a melhor parte da alma estar no prado nela situado, sendo esse pasto que nutre a asa responsável pela ascensão da alma. (PLATÃO, 2012, p. 46).

Além disso, os valores vivenciais de Frankl (2019) dizem respeito a experiências enriquecedoras em que a pessoa acolhe algo do mundo. A experiência da verdade, ou seja, o conhecimento, pode facilmente ser enquadrada nesta categoria de valores descrita pelo criador da Logoterapia. Portanto, todo conhecimento é bom em si mesmo e contribui para o aperfeiçoamento do ser humano. Mas há conhecimentos mais perfeitos que outros.

4. TIPOS DE CONHECIMENTO

Aristóteles (2012) distingue dois tipos de ciência e os hierarquiza: "as ciências especulativas mais ligadas ao saber que as produtivas" (p. 44). Em outras partes de sua obra, contudo, atribui o nome "ciência" (*epistéme*) somente às especulativas, distinguindo-a da "arte" (*téchne*). "A distinção entre a arte e a ciência refere-se ao fato de que, enquanto a arte possui uma aplicação prática, a ciência desconhece esta dimensão pragmática." (PUENTES, 1998, p. 131)

É claro que essas nomenclaturas adquiriram hoje sentidos diferentes e muitas disciplinas que Aristóteles tratava como arte são consideradas ciências, como a medicina e a engenharia. Contudo, cabe apontar essa distinção apresentada por ele para entender melhor a superioridade que atribui à especulação em relação à produção (sem deixar de atribuir a ela sua devida importância).

Tendo em vista a já comentada superioridade atribuída por Aristóteles a tudo o que é fim em si mesmo, podemos entender facilmente o motivo de considerar a ciência superior à arte: seu caráter autotélico. A arte é um conhecimento e, portanto, boa em si mesma, mas também é útil, pois tem como fim a produção de uma realidade, tendo caráter de meio. As ciências especulativas não possuem essa dimensão útil, mas são valorizadas somente por si mesmas e isto as faz superiores. A dignidade da arte se relaciona com sua capacidade de produzir coisas que facilitem a contemplação, a atividade intelectual por excelência, que é o que realmente aperfeiçoa a pessoa humana, que torna ela naquilo que ela realmente é (HAN, 2017; REALE, 2014).

5. CONTEMPLAÇÃO, PRODUÇÃO E EDUCAÇÃO

Nossa sociedade, porém, está obcecada pelo útil e esquecida daquilo que é bom em si e de onde o útil adquire sua dignidade. Para Reale (2014, p. 85), "o praxismo e o tecnologismo constituem as manifestações mais evidentes do mal-estar atual" e, na nossa cultura, tornaram-se "'verdadeiras' a práxis e a técnica, e *todos os valores são absorvidos no fazer e no produzir*." (p. 86) Tudo precisa servir para alguma coisa, tudo precisa ter uma utilidade, nada pode ser simplesmente "bom" para ser valorizado. E, ao contrário, aquilo que é "útil", simplesmente por sê-lo, torna-se objeto de desejo, de prestígio.

Essa obsessão se estende, também, à autoimagem. A pessoa não se valoriza por ter a dignidade intrínseca de ser humano, por conhecer algo, mas só na medida em que é útil. Sua identidade pessoal mesma está ligada à sua produção: "o que conta não é o livre indivíduo que encontra sua identidade na própria alma, segundo a tradição greco-cristã, mas aquela máscara do indivíduo, essa sua personificação que é a sua profissionalidade" (GALIMBERTI, 2006, pp. 639-640). Daí surge a violência neuronal descrita por Han (2017). Segundo ele, a pressão de desempenho (que é uma autocobrança por utilidade) cansa e deprime as pessoas. Elas estão esquecidas da contemplação e absolutizando a vida ativa.

Olhando para esse diagnóstico e para a lógica produtivista do modelo capitalista, não é difícil perceber que é este o modelo de ser humano tido em mente

e oferecido pela educação atual, o modelo que as instituições sociais, talvez sem perceber, têm em mente ao educar e no qual pretendem tornar os educandos: pessoas obcecadas pela produção, pelo útil, pelos meios, esquecidas do sentido do fim, da contemplação, para, novamente, serem *úteis* aos interesses do sistema. Dessa forma, não só o conhecimento é transformado de fim para meio como também há uma transformação do "trabalho de meio em fim" (REALE, 2014, p. 103), pois também o bem-estar material, alcançado pelo trabalho, é absolutizado. Um sinal disso é o que Pinheiro (2021, p. 109) chama de "barbárie da especialização". O ser humano moderno renuncia ao conhecimento do todo para saber "muito de muito pouco" (p. 111), o que "o tornou hermético e acomodado, subtraindo-o do verdadeiro espírito científico, marcado pela humildade e pela aventura diante do desconhecido" (p. 113), "afastando-se da realidade ao querer transformá-la e não conhecê-la." (p. 232)

Segundo Reale (2014), essa inversão tem raízes no niilismo, que, cético para a ideia da felicidade, substitui a busca dela pela busca da potência, o que, como vimos em Han (2017), cansou e deprimiu o ser humano moderno. Talvez não seja possível nem desejável, atualmente, abolir completamente a especialização, pois, em certa medida, funciona, é benéfica e favorece a produção, que não deixa de ser um bem.

Não é necessário nem bom, porém, deixar de lado o ensino da técnica que favorece a produção, pois, segundo Aristóteles (2015, p. 289):

> o homem feliz necessitará também de bens exteriores, já que ele é homem, pois a sua natureza não é suficiente para a atividade contemplativa, mas é preciso também que o corpo esteja em boa saúde, que ele receba alimentação e todos os cuidados.

Contudo, esses bens exteriores produzidos com o auxílio da técnica devem ordenar-se à contemplação, o que, como vimos, não têm acontecido. Há um esquecimento do sentido do fim ao qual servem essas realidades e "a preocupação pelo bem viver [...] cede lugar cada vez mais à preocupação pelo sobreviver". (HAN, 2017, p. 33)

E o ser humano confunde, dessa forma, o sobreviver com o bem-viver, idealizando a sobrevivência como se fosse boa vivência, tornando-se como a "alma furada" de Platão. No diálogo "Górgias", Sócrates usa a imagem de um jarro furado para descrever a alma dos que vivem uma vida "desregrada", submissos às suas paixões, sempre desejando e satisfazendo seus desejos pelos bens exteriores, que

nunca preenchem a pessoa, usando desses meios de sobrevivência, que deveriam ajudá-lo a alcançar seu fim contemplativo, como se fossem eles próprios o fim:

> carregarão água para o interior de seu jarro que vaza como uma peneira, que é uma coisa que também vaza. E por peneira, segundo declarou a mim quem contou a história, ele quer dizer a alma; e a alma dos destituídos de inteligência comparou a uma peneira, que, por ser perfurada, é incapaz de reter alguma coisa devido a sua descrença e esquecimento. (PLATÃO, 2016, pp. 114 e 115).

Ao contrário, a contemplação é aquilo que realiza o ser humano, aquilo pelo qual ele obtém a felicidade: “A felicidade, então, coexiste com a contemplação, e quanto mais se possui a faculdade de contemplar, mais também se é feliz não por acidente, mas em virtude da própria contemplação, pois essa é por si só um grande prêmio.” (ARISTÓTELES, 2015, p. 289).

E a contemplação é aquele mergulho nas coisas (HAN, 2017), que só pode ser alcançado por uma profunda atenção a elas e profundo esquecimento da sua utilidade e das nossas necessidades, facilitando aquele estado chamado *flow*, e que tem sua fonte não na dúvida cartesiana, que “dissolve o espanto” (p. 36), mas no próprio “espanto a respeito do ser-assim das coisas” (p. 35), no maravilhamento por um mundo bonito e ordenado (PINHEIRO, 2021). A contemplação “dignifica a vida inteira, não se reduzindo a um conhecimento técnico” (p. 233).

Uma educação, portanto, que ensine apenas a “fazer” e não a beleza e os meios do “saber”, não contribui para a realização da natureza humana, que só se alcança pela contemplação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa sociedade, guiada pela lógica de produção, tem um projeto de pessoa voltado também para essa lógica e, por isso, a educação busca moldar o ser humano de maneira a aumentar sua produtividade. A relação do ser humano com o conhecimento também é afetada por essa dinâmica, tornando-se tecnicista e utilitarista, ou seja, o saber procurado é sempre um “saber fazer”, e não simples saber, e seu valor é medido pela sua utilidade, ou seja, por aquilo que pode gerar ou produzir.

Relacionando-se dessa forma com o conhecimento, porém, a pessoa humana perde a oportunidade de se realizar como tal, de aperfeiçoar sua natureza que clama pela contemplação, atividade autotélica despreocupada com a produção.

Isso a adoece psicologicamente, como foi bem mostrado nas reflexões de Han (2017), Pinheiro (2021), Reale (2014) e Frankl (2019) e ilustrado pela literatura filosófica de Platão (2012; 2016). A produção e a técnica que a aprimora são boas, mas são meios, e não fins, e devem ser tratadas como tal pelo ser humano e tidas como tal no modelo de pessoa que conduz a educação, que não deve se esquecer do fim contemplativo ao qual deve levar o educando.

Dessa forma, faz-se necessária uma mudança de paradigma na forma com que o ser humano lida com o conhecimento, desenvolvendo uma relação mais autotélica com ele, de modo que essa relação seja voltada, novamente, ao aperfeiçoamento da pessoa, e não somente à produção. Consequentemente, deve haver uma mudança na forma de pensar a educação, resgatando o objetivo clássico de ensinar a contemplar, a filosofar, sem deixar de ensinar a produzir, mas sem perder de vista que essa produção deve se ordenar à contemplação.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2015.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Edipro, 2012.

CSIKSZENTIMIHALYI, Mihaly. *Flow:* a psicologia do alto desempenho e da felicidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.

FRANKL, Viktor F. *Psicoterapia e sentido da vida*: fundamentos da logoterapia e análise existencial. São Paulo: Quadrante, 2019.

GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne*: o homem na idade da técnica. São Paulo: Paulus, 2006.

HILDEBRAND, Dietrich v. *Ethics*. Steubenville: Hildebrand Press, 2020.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.

NEWMAN, John H. *The Idea of a University Defined and Ilustrated*. Project Gutenberg, 2008.

PINHEIRO, Victor Sales. *A crise da cultura e a ordem do amor*: ensaios filosóficos. São Paulo: É Realizações Editora, 2021.

PUENTES, Fernando R. A Techné em Aristóteles. *Hypnos*, v.3, n. 4, p. 129- 135, 1998.

PLATÃO. *Fedro* (ou do Belo). São Paulo: Edipro, 2012.

PLATÃO. Górgias (ou da Retórica). In: PLATÃO. *Diálogos II*. São Paulo: Edipro, 2016. p. 41-170.

REALE, Giovanni. *O saber dos antigos*: terapia para os tempos atuais. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

SEIBT, Cezar Luís; BRAÇO, António Domingos. Aproximações à relação entre educação e ser humano*. Revista Humanidade e Inovação*, Palmas, v. 8, n. 55, p. 55-68, agosto, 2021.

ENEIDA DE MORAES E A CRÔNICA BANHO DE CHEIRO COMO INSPIRAÇÃO PARA A COLEÇÃO CHÊRO CHERÔSO[1]

ENEIDA DE MORAES AND THE CHRONIC SMELLING BATH AS INSPIRATION TO THE CHÊRO CHERÔSO COLLECTION

ENEIDA DE MORAES Y EL CRÓNICA BAÑO DE CHEIRO COMO INSPIRACIÓN DE LA COLECCIÓN CHÊRO CHERÔSO

Milena Silva Castro[2]
José Guilherme de Oliveira Castro[3]
Felícia Assmar Maia[4]

Resumo: Este trabalho relata como a crônica Banho de Cheiro da escritora paraense Eneida de Moraes serviu de inspiração para a criação da coleção de moda Chêro Cherôso. A pesquisa está dividida em quatro partes. Na primeira parte é mostrada atmosfera das festas juninas no Pará. Em seguida, é abordada a vida e a obra da cronista paraense Eneida de Moraes. Posteriormente, se relaciona literatura e moda; demonstrando como essas duas artes, através dos tempos. O artigo finaliza expondo a coleção de moda como foi projetada e executada: a inspiração para o processo de criação, as formas escolhidas, os materiais e as cores selecionados e a estamparia que foi elaborada de acordo com a pesquisa realizada para compor o estudo da coleção. O aporte teórico foi baseado nas teorias de Loureiro (2002), Preciosa (2005), Fares (1997), e Rabelo e Mendes (2010).

Palavras-chave: Tradição; Banho de Cheiro; Crônica; Eneida de Moraes; Moda.

Abstract: This work reports how the chronicle Bath of Cheiro by the writer Eneida de Moraes served as an inspiration for the creation of the fashion collection “Chêro Cherôso”. The research is divided into four parts. In the first part, the atmosphere of the June festivities in Pará is shown. Then, the life and work of the chronicler from Pará, Eneida de Moraes, is approached. Subsequently, literature and fashion are related; demonstrating how these two arts, through the ages. The article ends by exposing the fashion collection as it was designed and executed: the inspiration for the creation process, the shapes chosen, the materials and colors selected and the stamping that was elaborated according to the research carried out to compose the study of the collection. .

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de ST4 (IN)VISIBILIDADES ARTE-CIÊNCIA: entrelaçamentos entre literatura e psicologia do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Mestre em Comunicação Linguagem e Cultura pelo PPGCLC. Doutoranda do PPGCLC, EMAIL: tese.modacastro@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0009-0004-5294-4385

[3] Doutor em Letras (PUC/RS). Universidade da Amazônia – UNAMA. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: jgpsico.letras@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3602-7734

[4]Mestre em Artes pela UFPA. Doutoranda do PPGCLC E-MAIL: feliciaassmarmaia@hotmail.com ORCID: https://orcid.org/0009-0004-2163-1538.

The theoretical contribution was based on the theories of Loureiro (2002), Preciosa (2005), Fares (1997), and Rabelo and Mendes (2010).

Keywords: As mesmas regras valem para as palavras-chave em inglês.

Keywords: Tradition, Smelling Bath, Chronic, Eneida de Moraes, Fashion

Resumen: Este trabajo relata cómo la crónica Baño de Cheiro de la escritora Eneida de Moraes sirvió de inspiración para la creación de la colección de moda Chêro Cherôso. La investigación se divide en cuatro partes. En la primera parte se muestra el ambiente de las fiestas de junio en Pará, luego se aborda la vida y obra de la cronista parense Eneida de Moraes. Posteriormente se relacionan la literatura y la moda; demostrando cómo estas dos artes, a través de los tiempos. El artículo finaliza exponiendo la colección de moda tal como fue diseñada y ejecutada: la inspiración para el proceso de creación, las formas elegidas, los materiales y colores seleccionados y la estampación que se elaboró según la investigación realizada para componer el estudio de la colección. . . El aporte teórico se basó en las teorías de Loureiro (2002), Preciosa (2005), Fares (1997) y Rabelo y Mendes (2010).

Palavras clave: Tradición, Baño de Olores, Crónica, Eneida de Moraes, Moda.

1. INTRODUÇÃO

No universo cultural, a Amazônia possui uma cultura diversificada, rica, cheia de crenças, de mitos e de costumes, que se manifesta em uma região circundada por rios e florestas, ora sofrendo influências do colonizador português, ora o imaginário parecendo intacto, distante das grandes cidades.

Além disso, a cultura tem o poder de resgatar e de valorizar as raízes populares e de trazer, para o presente, as crenças de nossos antepassados, trazendo-nos o mito do eterno retorno, teorizado por Mircea Eliade (1992).

Tomando esse aspecto de restaurar o passado, dentro da realidade atual, remete-se à figura de Eneida de Moraes, cronista paraense que, por sua obra literária, como também por sua história de vida, esteve à frente de movimentos políticos, sociais e intelectuais. Foi uma intelectual preocupada com as mais diversas questões polemicas do país, Eneida nunca se esqueceu de enfatizar, dentro de suas crônicas, a memória e a cultura da Amazônia.

É dentro de toda essa atmosfera, que Eneida de Moraes escreveu a crônica “Banho de cheiro”, sobre o costume do banho cheiroso, hábito folclórico de Belém do Pará, tomado na véspera do dia da festa de São João e que, por se tratar de um texto rico de elementos populares de uma das maiores tradições da região amazônica, servirá de embasamento para este trabalho e para a elaboração da coleção de moda casual feminina “Chêro Cherôso”.

Para a elaboração deste trabalho, a técnica de coleta de dados é bibliográfica realizada através de livros, periódicos e de recortes de jornais. Também será feita uma pesquisa de campo em feiras livres, lugares em que se vendem as ervas para o preparo do banho de cheiro, efetuando-se o registro fotográfico e entrevistas com as vendedoras de ervas e com o público consumidor.

O resultado da pesquisa é tratado em quatro tópicos. Na primeira parte, é feita uma retomada da festa de São João no Pará, isto é, como esta manifestação junina se realiza. A seguir, é mostrado como a tradição recomenda que o banho de cheiro seja preparado, como devem ser manipulados os ingredientes, para que se obtenha êxito.

Em seguida, é abordada a vida e a obra da cronista paraense Eneida de Moraes, e como a produção literária desta escritora tornou-se de grande importância para manter viva a memória e as tradições da Amazônia, em especial o banho de cheiro, pois em seus textos, ela demonstrava acreditar que a realização deste ritual pode trazer felicidade.

Posteriormente, se relaciona literatura e moda; demonstrando como essas duas artes, através dos tempos, se aproximam e se apoiam em diferentes manifestações. O aporte teórico será baseado nos teóricos Loureiro (2002), Preciosa (2005) e Rabelo e Mendes (2010). Nesta etapa, também é analisado como a literatura serve de inspiração para a moda e como a crônica “Banho de cheiro” da escritora Eneida de Moraes pode inspirar o designer de moda.

A última parte do trabalho expõe a coleção de moda casual feminina “Chêro Cherôso”, como foi projetada e executada: a inspiração para o processo de criação, as formas escolhidas, os materiais e as cores selecionados e a estamparia que foi elaborada de acordo com a pesquisa realizada para compor a coleção de acordo com a crônica Banho de Cheiro.

2. TRADIÇÃO DO BANHO DE CHEIRO

2.1 As festas juninas no Pará

As festas juninas no Pará são tradicionalmente no período de 13 a 30 de junho, mês em que são feitas em todo o Brasil, as homenagens a Sato Antônio, a São João, a São Pedro e a São Marçal.

Estas festas, que mais do que religiosas se transformaram em folclóricas, são comemoradas com muita animação.

As pessoas vestem-se com trajes típicos à moda caipira, improvisam o “terreiro junino”, todo enfeitado com bandeirinhas recortadas em papel colorido, acendem fogueiras, soltam fogos, bombinhas, estalinhos, dançam quadrilhas e preparam comidas e bebidas típicas.

São João é festejado no dia 24 de junho, seis meses antes do Natal. De todos os santos juninos, é o mais popular. Para a sua festa, acedem-se fogueiras. Diz a tradição que as fogueiras se originaram quando São João nasceu e sua mãe, Isabel, para avisar Maria, mãe de Jesus, do nascimento do filho, acendeu uma enorme fogueira. Desde esse dia as pessoas passaram a acender fogueiras nas noites de São João.

2.1.2 O BANHO DE CHEIRO

Segundo Laraia (2006), cultura é um processo acumulativo, resultante de toda uma experiência histórica de gerações anteriores, que servem para adaptar as comunidades humanas a seus embasamentos biológicos. Isso inclui tecnologia, modos de organização econômica, padrões de estabelecimento e de agrupamento social; organização política, crenças, costumes, práticas religiosas e assim por diante.

Dentro deste conceito, pode-se adequar a tradição do banho de cheiro, o banho da felicidade. No estado do Pará, existe o costume de tomar o banho na véspera da festa de São João, para que traga sorte e felicidade às pessoas que o tomam.

Segundo Chevalier (1994), a virtude purificadora e renovadora do banho é bem conhecida e atestada, tanto no âmbito do profano quanto no do sagrado, pelos seus evidentes usos entre todos os povos, em todos os lugares e todos os tempos. Pode-se dizer, portanto, que é o primeiro dos ritos que sancionam as grandes etapas da vida, em especial o nascimento, a puberdade e a morte. O simbolismo do banho está associado ao ato da imersão ao elemento água.

A origem desta tradição é desconhecida. Só se sabe que, para as pessoas que o utilizam, é bom e faz bem tomá-lo, para limpar o corpo e atrair a felicidade. Quem toma o banho de cheiro está preparado para enfrentar melhor os problemas do dia-dia, pois contará com a ajuda de São João.

> Por sua vez, o cristianismo retoma o costume do banho. João batiza no Jordão. Com o batismo cristão, matéria e espírito confundem-se no mesmo símbolo; quando João Evangelista declara: Aquele que tiver tomado banho já não tem necessidade de lavar-se, pois está

> inteiramente puro (João, 13, 10), a mesma palavra grega tem sentido de limpo e de puro. Essa pureza, em sua acepção cristã, não é negativa: ela prepara para uma vida nova e fecunda. (CHEVALIER: 1994, p.119)

Esta afirmação se comprova em entrevista realizada com os consumidores do banho de cheiro no mercado do Ver-o-Peso[5], na véspera do dia de São João, quando os compradores declaram que acreditam que tomar o banho de cheiro traz felicidade, prosperidade e, com a ajuda de São João, a pessoa vai alcançar os objetivos.

Alguns consumidores acreditam que não fazer tal tradição é como se a festa de São João não tivesse ocorrido:

"- Sim à vida toda, claro aquele banhinho tem que ter, né? Porque parece que não passou São João". Acredita o consumidor.

A venda dos ingredientes para obter o banho, é feita nas ruas da cidade Belém ou no tradicional mercado do Ver-o-Peso, onde as vendedoras de ervas, conhecedoras do poder das plantas e das mandingas da Amazônia já vendem os itens para o preparo do banho.

As ervas para o preparo do banho são as seguintes: Pataqueira para achar quem me queira; Trevo de São João para dar sorte; Manjericão (*Ocimum basilicum)* abre os caminhos da felicidade; Catinga de Mulata para trazer o amor; Priprioca (*Cyperus articulatus)* para atrair mirongas[6]; Estoraque (*Stvyrax officinalis*) para fortalecer a mente e Patchuli (*Pogostemon heyneanus**)*** para deixar o corpo perfumado. Portanto, acredita-se que juntos, esses ingredientes atraem o amor, a sorte e a felicidade.

As formas que foram encontradas de preparar o banho foram relatadas pelas erveiras do mercado do Ver-o-Peso.

Há duas formas de preparo do banho. A primeira é macerar as ervas com água e deixá-las passarem a noite sobre o luar. No outro dia, o banho está pronto para ser tomado.

[5] Maior mercado a céu aberto da América Latina.
[6] Sedução, feitiços e magias.

A outra forma é colocar todos os ingredientes juntos em uma grande lata e ferver sobre uma fogueira com bastante água, até adquirir um caldo de cor escura. Deixar esfriar e está pronto para tomá-lo.

O banho precisa seguir um ritual para ser tomado. Ele deve ser tomado à meia noite de 23 de junho, frio e fazendo pedidos felicidades e objetivos a serem alcançados.

3. ENEIDA DE MORAES: SEMPRE LIVRE SEMPRE AMOR

3.1 Vida e obra

Eneida de Moraes nasceu na cidade de Belém do Pará, em 23 de outubro de 1903, filha de um comandante de navio - gaiola e de uma professora. Aprendeu francês com a babá. Foi interna no Colégio Sion de Petrópolis – Rio de Janeiro. Ao regressar à terra Natal, cursou o preparatório no colégio Gentil Bittencourt e se formou em cirurgiã-dentista, pela Faculdade de Odontologia do Pará, mas nunca exerceu a profissão.

Iniciou a carreira literária ainda adolescente, aos dezesseis anos colaborando nos pequenos jornais de Belém, e nas revistas *A Semana* e *Guajarina*, dirigidas por Peregrino Júnior, onde publicou as primeiras crônicas e poemas, usando o pseudônimo Miss Fidelidade.

A primeira publicação de Eneida, “Terra Verde”, em 1930, sofreu grande influência da corrente modernista da época. Esse livro é um poema moderno, em prosa poética e de cunho ufanista, exaltando festas, costumes e lendas da terra.

Em 1936, foi presa por seis meses na Casa de Detenção e, meio a torturas e a uma vida de privações, se dedicou à literatura. Neste período, conheceu o escritor Graciliano Ramos que a menciona em “*Memórias do Cárcere”*. Graciliano Ramos a descreve como uma mulher atuante, em meio aos presos políticos e intelectuais daquele período, que lideravam greves e atitudes de resistência contra os maus tratos recebidos na prisão. Na crônica “Companheiras”, a cronista faz um relato das prisões ocorridas em 1935, 36, 37 e 38. Este texto é sobretudo um depoimento sobre as consequências do golpe de 37 ocorrido no país.

Segundo Castro (1982), em suas vindas a Belém, Eneida não deixava de mostrar seu descontentamento com o abandono da cidade. Dizia-se triste em ver sua cidade amada destruída, sem o viço e a exuberância de outra época e o descaso com o patrimônio cultural, chegando a declarar que tinha medo ao

encontrá-la assim.

> Quinze anos passei sem ver Belém, a não ser em minhas constantes e imaginárias viagens. Quando realizei o meu desejado encontro, em 1945, encontrei-a morta, terrivelmente morta. A miséria comendo de rijo aquelas carnes morenas; capim crescendo livremente nas ruas e praças, cobrindo espadas de generais e corpos de mulheres nuas: as estátuas da Praça Batista Campos(...)Foi difícil encontrar, naquela cidade abandonada, minha cidade. Tive medo de rir alto; medo de mostrar alegria – essa minha constante companheira – diante da Belém tão destruída. (MORAES: 1962, p. 15).

Segundo Alvarez (2000), grande parte de seus escritos autobiográficos reportam-se à participação, à emancipação feminina e às inúmeras prisões pelas quais passou. Dessas vozes do cárcere que narram histórias de dor e de opressão, nascem os seus textos, testemunhos transfigurados em um canto à liberdade. Surgem, assim, “Aruanda” e “Banho de cheiro”, nos quais Eneida defende que liberdade rima com felicidade.

Segundo Castro (1982), “Aruanda”, seu primeiro livro memorialista, traz dezoito crônicas escritas a partir de memórias da autora. O próprio título remete ao íntimo do leitor – Aruanda é o país dos sonhos que todos trazem dentro de si.

De acordo com Santos (1995), Eneida conquistou um grande público com seus textos, pois imprimiu a eles, não só um senso e objetivo, mas também poético para da realidade. O cotidiano é mostrado e vivido como se estivesse todas as dores e dificuldades do coletivo, contestando valentemente a decadência social e moral da sociedade brasileira.

Assis (1997) complementa esta consideração ao afirmar que, nos textos de Eneida, tudo leva à cumplicidade entre o leitor e a voz que flui da narrativa; a simplicidade da linguagem e o coloquial da conversa dissolvem a escritora, criando-a na forma de uma amizade de vizinhança, modelada por uma vida de conversas de janelas.

Em 1962, escreveu “Banho de cheiro”, livro de memórias, dedicado à cidade de Belém e à filha Léa. Eneida justificou o porquê de escrever suas lembranças, pois, na sua concepção, recordar é uma forma de antecipar o futuro.

> Fatos, personagens, histórias, contam aqui um pouco de minha vida sempre vivida em profundidade. Não pretendo escrever memórias acompanhando no tempo tudo que vi, senti, sofri. Para quê? O melhor é deixar apenas pequeninos trechos, fazer o levantamento de lembranças mais profundas, ocorrências gravadas na memória. Geralmente os memorialistas temem recordar coisas banais. Este é um livro banal. (MORAES: 1962, Prefácio do livro Banho de Cheiro)

Eneida faleceu em 27 de abril de 1971, no Rio de Janeiro. O corpo da escritora foi trazido para Belém para ser sepultado como era sua vontade, embaixo de uma frondosa mangueira e do lado esquerdo do cemitério de Santa Isabel.

4. MODA E LITERATURA

4.1 O texto literário e sua influência na moda

Segundo vários estudos, hoje, a literatura não é mais considerada uma arte ingênua como há muito tempo foi concebida pelos filósofos da Antiguidade, como Cícero. Uma das características desta arte é envolver o leitor, transportando-o para lugares diferentes e apresentando lhe novas culturas. Portanto, a arte literária pode ser evasão, conhecimento, compromisso, e apresentar outras funções.

Então, o escritor em sua obra descreve o ambiente, muitas vezes com riquezas de detalhes, fazendo o leitor se evadir para um espaço, ou para determinada época, tornando tênue a linha entre a realidade e a ficção, como diz Rabelo, (2010) *"*A literatura nos permite visualizar comportamentos, sentimentos e pensamentos referentes ao real*"* (RABELO, 2010 p. 12). Neste caso, pode-se exemplificar com as palavras da escritora Eneida de Moraes que foge para a região imaginária de Aruanda, conseguindo também atrair o leitor.

> Em Aruanda o lírio é mais lírio e as estrelas brilham com maior intensidade, porque tomamos parte direta na construção de toda a paisagem(..) Quando eu abro a minha Aruanda. É o que quero fazer com este livro: abrir a minha Aruanda, meu passado e meu presente, para que ela deixe de ser apenas minhas e se torne de todos, pois que para mim nada existe de meu: a própria vida é um grande bem coletivo. (MORAES: 1957, p. 6)

Então, esta arte possui um poder sinestésico, pois a palavra estimula o imaginário do leitor, despertando cheiros, texturas e cores, o que deixa a imagem descrita no texto, intacta e única, na mente do leitor. Isso possibilita diversas formas de interpretação da obra apresentada.

Segundo RODRIGUES (2010), por ser comum e abrangente, o vestuário transforma-se em uma teia de significados que retém registros, mantendo as memórias dos relacionamentos entre os corpos e as sociedades e continua ao afirmar que na palavra escrita, as roupas reproduzem a expressão do ser, decodificam sentimentos, induzem imagens, opiniões, conclusões, tornado-se assim, uma ferramenta de individualidades para uma sociedade.

A moda, por sua vez, pode ser uma estratégia literária do autor para descrever determinado personagem, suas características psicológicas, físicas e sua função na obra. Pode-se justificar tal conceito no conto de Machado de Assis “Uma senhora” (Histórias sem data), em que a personagem Dona Camila, para aparecer mais jovem, na sociedade, obriga sua filha Ernestina a se trajar com roupas curtas que simbolizassem idade infantil, pois, se a jovem usasse saias compridas e trajes mais adultos, denunciaria a idade da mãe.

Segundo Salomon (2011), outra função importante da moda na literatura, é a de representação. É através de referências de moda que muitos aspectos históricos são revelados, assim como costumes, modos e hábitos. Vários escritores tomam posse dessa característica para inserir o leitor em sua obra. Neste caso, o vestuário das personagens que pertencem à aristocracia, em um romance, aparece com diferenças, em relação às roupas usadas pelos plebeus.

Segundo Soares (2009), a moda é considerada um sistema cultural não verbal, ou seja, um dos seus segmentos de manifestação de cultura, que simboliza, através da linguagem visual, um conjunto de significados compartilhados culturalmente.

O posicionamento de Soares remete às idéias de NERY (2007) que se preocupa com a definição de diferenciação de roupa e moda, declarando que “quando a roupa vira moda no momento em que os feitios e a maneira de os usar se transforma em uma norma estética de certas camadas da sociedade”. (NERY, 2007, p. 15)

Segundo Oliveira (2007), é importante constatar que a linguagem da moda, em relação à regra da gramática não é a norma e a obediência rígida ao correto. O inesperado é o esperado, porque há rupturas estéticas; a quebra de paradigmas vigentes é que deve ser a norma. Na linguagem verbal, usam-se palavras para um discurso ou texto. Na moda, a construção da linguagem é feita por linhas, formas, cores, texturas e pontos, como decotes, texturas, bordados ou aviamentos (botões, zipers, pespontos, etc).

Das combinações de materiais e de outros pontos, parte-se para simetria, ritmo, repetição, descontinuidade, harmonia, contraste, equilíbrio, unidade e outros modos de organização visual que são o ponto de partida para a criação do discurso da moda em que as regras são a criatividade, o inesperado e a originalidade. É a partir desta leitura que se pode criar a sintaxe do texto de moda.

4.2. A narrativa do banho de cheiro como inspiração para a criação de produtos de moda

A crônica “Banho de cheiro” da escritora Eneida de Moraes resgata umas das mais antigas tradições paraenses do período junino. Tomado na véspera do dia de São João, o banho é preparado com ervas e raízes perfumadas da Amazônia. Esse banho promete felicidade e sorte a quem o tomar.

Eneida de Moraes mostra um cenário carregado de simbolismos, apoiando-se no poder sinestésico que o texto provoca no leitor, através de texturas, de cores e de cheiros típicos da região amazônica, trazendo à tona o universo de sua memória para próximo do leitor.

> Tomai de uma lata de banha bem limpa. Dentro dela, com bastante água jogai folhas, raízes, madeiras cheirosas da Amazônia que, raladas, esmagadas – verdes pela juventude ou amareladas pela velhice – darão, depois de fervidas, um líquido esverdeado, com estranho perfume de mata virgem. (Moraes: 1957, p. 43-44)

Tomando a crônica como referência, observa-se que os produtos inspirados, neste universo mágico, têm como características, o resgate da memória, isto é, de materializar o costume do banho de cheiro, através das cores, das texturas, dos sabores, dos cheiros, além de ressaltarem todo o poder místico que o banho exerce naqueles que o tomam e acreditam nos seus poderes. Neste caso, o costume paraense pode ser associado à moda, pois a roupa não é só um abrigo, uma simples proteção, como, há muito tempo, se pensava. Na atualidade, a roupa denota traços da personalidade do usuário, pois aponta para seus sentimentos concepções de vida de mundo. Ela se torna algo que individualiza o sujeito, como mostra Stallybrass, citado por Preciosa (2007 p.12) “está no fato que ela nos recebe: recebe nosso cheiro, nosso suor, recebe até mesmo a nossa forma [...] As roupas recebem a marca humana”. Assim como o povo paraense tem esta marca, em sua essência que o individualiza dos demais brasileiros, cada pessoa denota diferenças relacionadas à sua personalidade.

Portanto, assim como a roupa cobre o corpo, o paraense veste o banho de cheiro ao tomá-lo, deixando o corpo perfumado e emanando as essências da Amazônia.

A busca por referências de formas no texto, como a língua vermelha das fogueiras da noite de São João, nas brincadeiras infantis com balões e estrelinhas, texturas que remetem à culinária ou até hábitos e o linguajar local apontam para o

designer, novos arranjos e novas configurações para a criação de peças dominadas por uma rica tradição amazônica.

Portanto, o domínio da crônica como inspiração faz com que o designer seja desafiado a criar uma coleção cheia de nuances, de plasticidade e principalmente de harmonia com um público que tem domínio de sua própria história.

5. COLEÇÃO DE MODA CASUAL FEMININA "CHÊRO CHÊROSO"

A estética escolhida como linha de pesquisa para nortear a coleção "Chêro Chêroso" foi a década de 20 do século XX. Neste período, a sociedade pós Primeira Guerra Mundial passa a questionar o novo papel da mulher, pois estas assumiram trabalhos e atividades antes executadas somente pelos homens.

A mulher indaga seus direitos como: poder de voto, trabalhar fora e receber seu salário. Por conta disso, a indumentária feminina passa por transformações. O espartilho que já havia perdido a força, some completamente do guarda-roupa da mulher; as saias sobem, terminando a década um pouco abaixo do joelho, e as roupas não restringem mais os movimentos. "Crescia a indústria automobilística, o cinema começava a despontar e o homem passou a voar. Era o início dos anos 20, também marcados pelo som do jazz e pelos passos frenéticos do Charleston[7]." (MAIA: 2007, p. 18)

Para esta coleção, foi selecionada a crônica Banho de Cheiro, texto rico em descrições de uma das tradições mais populares da região amazônica: o banho de cheiro tomado à véspera do dia de São João.

> Somos muito amigos, por tudo isso, São João e eu. Nunca houve na minha infância o raiar do dia de um 24 de junho sem minha família tivesse sido aumentada; à sombra da fogueira onde corria o munguzá muitas vezes madrinha fui; meus primos se tornaram uma multidão. (MORAES: 1957 p.46-47).

[7] Dança que marcou a década de 20. Nela, os passos são feitos com o balanço dos joelhos para dentro e para fora.

Outro ponto importante para a elaboração desta coleção são as cores descritas por Eneida, que assumem papel importante para a concepção da paleta de cores da coleção.

> Tomai de uma lata de banha bem limpa. Dentro dela, com bastante água jogai folhas, raízes, madeiras cheirosas da Amazônia que, raladas, esmagadas – verdes pela juventude ou amareladas pela velhice – darão, depois de fervidas, um líquido esverdeado, com estranho perfume de mata virgem. (Moraes: 1957, p. 43-44)

Outro ponto importante é que, envolvido neste universo lírico da cronista, decidiu-se então também nomear os trajes comerciais da coleção com nomes das principais ervas que compõem o tradicional banho de cheiro – Priprioca, Catinga de Mulata, Pataqueira e Vindicá e por fim o traje conceito foi nomeado de Banho de Cheiro por ser a união de todos elementos presentes no banho, evidenciando a importância desta tradição amazônica se manter viva, além de relacionar o ato de se vestir com uma roupa ao vestir o banho da felicidade.

Portanto, munido destas informações, foram elaboradas peças com a intenção de unir a estética dos anos loucos, como a década de 20 ficou conhecida, e todo o lirismo da crônica da escritora Eneida de Moraes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira parte deste estudo foi feita uma retomada histórica de como ocorrem os festejos juninos, em especial a festa de São João, no Pará. A seguir, foi apresentada a idéia de como a tradição de tomar banho de cheiro é realizada, o preparo do banho e como devem ser manipulados seus ingredientes.

No segundo momento, abordou-se a vida e a obra da cronista Eneida de Moraes, e como a sua produção literária é de grande importância para se manterem vivas a memória e as tradições amazônicas, em especial o banho de cheiro, pois, em seus textos, a escritora acreditava que a realização desta prática pode trazer felicidade.

Em seguida, se relacionou a literatura e com a moda e como estas duas artes se entrelaçam em diferentes momentos. Nesta ocasião, foi analisado como a literatura serve de inspiração para a moda e como a crônica “Banho de cheiro” da escritora Eneida de Moraes pode inspirar o designer de moda.

Finalizando a pesquisa, foi exposta a coleção de moda casual feminina “Chêro Cherôso”, como esta foi projetada e executada. Mostrou-se, também, a inspiração para o processo de criação, as formas escolhidas, os materiais e as

cores selecionados e a estamparia que foi elaborada de acordo com o estudo realizado para compor a coleção.

Assim, considerando e analisando o processo de pesquisa, na sua totalidade, pode-se chegar às seguintes conclusões:

A riqueza imagística no texto da escritora Eneida de Moraes, apresenta- se cheio de possibilidades para o designer explorar. Neste aspecto, aparecem, em outros textos da cronista, elementos, como as figuras populares da infância da autora (Crônica “Tanta Gente”), o florescer da vaidade através de uma promessa feita pela avó (Crônica “Promessa em Azul e Branco”) e a emoção e as causas políticas (Crônica “Companheiras”) que se tornam fontes inesgotáveis para o profissional de moda.

Comprovou-se, ainda, que moda e literatura são dois campos artísticos que podem se relacionar, quando abordam o mesmo tema, mas cada um com o material de expressão disponível. Neste caso, a literatura se expressa por meio da palavra, destacando cores, formas e perfumes, como acontece na crônica “Banho de cheiro”, enquanto a moda pode projetar esses elementos, no processo de criação das coleções. Tal fato remete à teoria do esteta Etinne Souriau (1973) de que as artes se interligam, tratando de um mesmo assunto e ainda acrescenta que a ciência pode interagir, no terreno da arte.

As palavras de Souriau confirmam que, no âmbito da moda, existem criações artísticas, produções em que o belo se faz presente, mas também o conhecimento tecnológico contribui para o desempenho do designer de moda.

Ao final da pesquisa, devem ser mostradas algumas dificuldades que se apresentaram ao pesquisador: Em primeiro lugar, o esquecimento das tradições amazônicas, em especial do banho de cheiro, pois foi detectada a dificuldade em catalogar material em bibliotecas e em acervos públicos sobre o assunto, mesmo em ambientes acadêmicos que poderiam ter estudos sobre esse costume amazônico tão antigo.

REFERÊNCIAS

CASTRO, José Guilherme. *O lirismo imagístico de Eneida de Moraes* – Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, 1982.

CHEVALIER, Jean; Gheerbrant. *Dicionário de símbolos*. 8 ed. Rio de Janeiro: José Olymio editora. 1994

ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno*. Tradução de José Antônio Ceschin. São

Paulo: Mercuryo, 1992.

FARES, Josse. *Asas da palavra*, Belém, v.4, n. 6, p.75-79, jun 1997.

HALL, Suart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

LARAIA, Roque e B. *Cultura*: um conceito antropológico. 20 ed. Rio de Janeiro: jorge ZAHAR Editor, 2006.

MORAES. Eneida. *Banho de cheiro*. Coleção Vera Cruz. Vol 41. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1962.

LOREIRO. João de Jesus. P. *Elementos da estética*. 3 ed. Belém: EDUFPa, 2002.

OLIVEIRA. Sandra R. Ramalho. *Moda também é texto*. São Paulo: Edições Rosari, Coleção Textos Design, 2007.

RABELO, Juliana; MENDES Francisca R. N. *A literatura enquanto fonte de criação para a indumentária*. In Colóquio de Moda, 2010.

RODRIGUES, Cristina de Faria Tavares. *Mocinhas e mancebos:* moda e literatura brasileira no século XIX. São Paulo: Estação das letras e cores, 2010

SALAMON, Geanneti. Moda e literatura: convergências possíveis. *IARA: revista de moda, cultura e arte,* São Paulo, v.4, n. 2 dez 2011.

SVENDSEN, Lars. *Moda:* uma filosofia. Tradução: Maria Lúcia Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010

PRECIOSA, Roseane. *Produção estética:* notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida. 2. ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi.

ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA INFANTIL: IDENTIDADE, LUDICIDADE E A LIBERDADE DE SER CRIANÇA[1]

AESTHETICS OF CHILD EXISTENCE: IDENTITY, PLAYFULNESS AND THE FREEDOM TO BE A CHILD

ESTÉTICA DE LA EXISTENCIA INFANTIL: IDENTIDAD, ALEGRÍA Y LA LIBERTAD DE SER UN NIÑO

Maria Darlene Trindade Corrêa[2]
José Guilherme de Oliveira Castro[3]

Resumo: Este artigo objetiva discorrer sobre a construção da identidade infantil a partir de interações sociais e a busca pela liberdade e o direito de ser criança apesar do processo de estetização de todas as formas de vida imposto pelo sistema capitalista. Parto do pressuposto que é na vivência cotidiana que a criança forma sua percepção de mundo a partir das experiências advindas do seu processo de socialização, onde reproduzem e produzem cultura a partir de um exercício interpretativo. Trata-se de um estudo bibliográfico buscando responder questão colocada por Foucault (1926 - 1984), de como a estetização cultural tem influenciado a formação de identidades, fazendo-se um recorte especial sobre a identidade infantil. Os fundamentos teóricos para análise estão sustentados em Sarmento & Pinto, 1997; Corsaro, 2002; Sirota, 2001.

Palavras-Chave: Identidade, Estetização, Infância, Ludicidade, Liberdade, cultura infantil

Abstract: This article aims to discuss the construction of children's identity from social interactions and the search for freedom and the right to be a child despite the process of aestheticization of all forms of life imposed by the capitalist system. I start from the assumption that it is in the daily experience that the child forms his perception of the world from the experiences arising from his socialization process, where they reproduce and produce culture from an interpretive exercise. This is a bibliographic study seeking to answer the question posed by Foucault (1926 -1984), of how cultural aestheticization has influenced the formation of identities, making a special cut about children's identity. The theoretical foundations for analysis are supported by Sarmento & Pinto, 1997; Corsaro, 2002; Sirota, 2001.

Keywords: Identity, Aestheticization, Childhood, Playfulness, Freedom, children's culture

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST4- (IN)VISIBILIDADES-ARTE-CIENCIA: entrelaçamentos entre literatura e Psicologia, do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Doutoranda do PPGCLC-UNAMA, Mestra em Comunicação e Linguagens, Professora Assistente da Universidade do Estado do Pará (UEPA), darlene.correa@uepa.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7361-3903.

[3] Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Mestre em Letras-Unama. Bacharel em Psicologia Professor do PPGCLC da Universidade da Amazonia, jgpsico.letras@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0003- 3602-7734.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo discutir la construcción de la identidad de los niños a partir de las interacciones sociales y la búsqueda de la libertad y el derecho a ser un niño a pesar del proceso de estetización de todas las formas de vida impuestas por el sistema capitalista. Parto del supuesto de que es en la experiencia cotidiana que el niño forma su percepción del mundo a partir de las experiencias derivadas de su proceso de socialización, donde se reproducen y producen cultura a partir de un ejercicio interpretativo. Este es un estudio bibliográfico que busca responder a la pregunta planteada por Foucault (1926 - 1984), de cómo la estetización cultural ha influido en la formación de identidades, haciendo un corte especial sobre la identidad de los niños. Los fundamentos teóricos para el análisis son apoyados por Sarmento & Pinto, 1997; Corsaro, 2002; Sirota, 2001.

Palabras clave: Identidad, estetización, infancia, alegría, libertad, cultura infantil

1 INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva discorrer sobre a construção da identidade infantil a partir de interações sociais e a busca pela liberdade e o direito de ser criança apesar do processo de estetização de todas as formas de vida imposto pelo sistema capitalista. O pressuposto aqui defendido considera que, é na vivência cotidiana que a criança forma sua percepção de mundo a partir das experiências advindas do seu processo de socialização na família, na igreja, no bairro, nas simbologias e códigos criados nos jogos e brincadeiras; símbolos, significados, objetos, representações.

O objetivo deste trabalho buscou discorrer sobre como as diversas teorias sobre a infância, de diversos enfoques e abordagens, tem contribuído para, ao longo da história estetizar, não apenas as concepções de criança, infância, mas também criar padrões de comportamento, educacionais e culturais que as distanciam de suas raízes identitárias, tornando invisíveis o contexto sociocultural como fator essencial na construção estética da criança da Amazônia paraense.

O estudo parte da tese sobre a estética da existência, de Foucault (2011), onde descreve três conceitos importantes para entendermos como os paradigmas sociais influenciam a existência individual começando na infância a partir de três condições, a **Limítrofe**, a **Experimental** e a condição **Constante**. Trata-se de um estudo bibliográfico fundamentado no materialismo dialético e

de análise epistemológica a partir dos Friedmann (2013), Quinteiro (2002), Sarmento (2008), Franzini (2016).

Para melhor alinhar o estudo, fizemos recorte das abordagens teóricas: a do desenvolvimento sociocognitivo presente nas teorias de Piaget (1896-1980), Vigostsky (1962- 1978). o enfoque naturalista e do atendimento as necessidades individuais trazidas por Froebel (1782-1852) e Pestalozzi (1746- 1827) desenvolvidos a partir das ideias de Rousseau (1712-1778), e, a terceira abordagem de caráter sócio cultural, presentes nos estudos de quinteiro (2002), Sarmento (2008), Franzini (2016) onde reafirmam a ideia de que as crianças são produtores culturais e que as culturas da infância exprimem os modos diferenciados através dos quais as crianças interpretam, simbolizam e comunicam as suas percepções do mundo.

2 DISCUTINDO O TEMA: SOBRE A ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA DE FOUCAULT

Michel Foucault (1926-1984), foi um dos mais célebres filósofos franceses da sua época. Seu trabalho engloba campos como o da filosofia, sociologia e psicologia. Neste estudo, usamos a sua terceira fase intitulada estética da existência, na qual prioriza o estudo do cuidado de si, onde além de avaliar as relações de poder ele conceitua e reitera a importância dos processos de subjetivação no contexto das práticas de si (CARDOSO JÚNIOR in 2006, FERREIRA E MOTA, 2018).

Na tese sobre a estética da existência, Foucault (1941) descreve três conceitos importantes para entendermos como os paradigmas sociais influenciam a existência individual começando na infância o qual é objeto desse estudo. Segundo o autor na condição *limítrofe* permanecemos “nas fronteiras” de nós mesmos, ou seja, temos a “possibilidade de não mais ser, fazer ou pensar o que nós somos, fazemos ou pensamos.” O movimento contrário “liga o indivíduo a ele mesmo e assegura, assim, sua submissão aos outros.” Já na fase *experimental* trata-se de elaborar um “trabalho de nós sobre nós mesmos enquanto seres livres.” Foucault, não sugere transformações globais, mas sim modificações parciais, pontuais, singulares e, por fim, na condição *constante,* desenvolve-se a habilidade para ensejar a “criação permanente de nós mesmos em nossa autonomia.” , Foucault (1942, p. 573), na busca de um modo de ser na “prática de si” que, segundo ele, trata-se de *“um modo de viver no qual a moral não diz respeito nem à conformidade*

a um código de comportamento nem a um trabalho de purificação", ou seja, segundo o próprio autor, certas formas, ou melhor, a certos princípios formais gerais no uso dos prazeres, na distribuição que deles se faz, nos limites que se obedece, na hierarquia que se respeita.

Trata-se ao mesmo tempo de desenvolver um estilo, como o faz um artista, e de nos tornarmos admiráveis aos olhos daqueles que nos rodeiam. Daí a necessidade de se distinguir "liberdade" de "liberação", pois uma coisa é a necessidade moderna de "liberar a sexualidade ou o desejo", outra reside na "prática refletida da liberdade". Promover outras formas de subjetividade, tendo o cuidado de "pressentir o perigo que ameaça em tudo o que é habitual" e tornar problemático tudo o que é sólido". O problema político, ético, social e filosófico de nossos dias não é o de tentar libertar o indivíduo do Estado e das instituições estatais, mas de nos libertar tanto do Estado quanto do tipo de individualização que está vinculado a ele.

Precisamos promover novas formas de subjetividade através da recusa desse tipo de individualidade que tem sido imposta a nós há vários séculos. (Foucault, 1983, p. 216). o homem moderno (...) não é aquele que parte para a descoberta de si mesmo, de seus segredos e de sua verdade escondida; é aquele que procura inventar a si próprio. Esta modernidade não libera o seu próprio do homem; ela o impele à tarefa de elaborar a si próprio." Em suma, a partir de um referencial ético-político não devemos "descobrir o que somos, mas sim recusar aquilo que somos." (FOUCAULT, 1983, p. 216).

2.1 Infância, identidade e a busca pela prática de si

Embora concordemos com a abordagem foucaultiana, importante destacar que, ao tratarmos da criança estamos falando de sujeitos possuidores de todas as faculdades de ser, do pensamento a ação concreta, porém sob a égide e a orientação de um adulto que lhe impõe um modo de viver e se comportar segundo seus próprios valores, ditando um padrão de comportamentos diante da sociedade, destituindo-lhe a liberdade de ser criança, como escreveu Rousseau (1712-1778), o homem nasce bom a sociedade o corrompe. A criança nasce boa e é, na falácia de educá-la, que se corrompe sua natureza.

Em função dessa perspectiva os estudos de várias ciências têm contribuído para defesa do direito de ser criança concretizado tanto em leis de proteção como em teorias que orientam a educação e políticas públicas destinadas aos pequenos, haja vista que, sendo um ser humano dotado de uma capacidade ilimitada, de

aprendizagem e aquisição de novos conhecimentos, é imprescindível garantir seu desenvolvimento e sobrevivência bem como a interação na sociedade, como um ser crítico.

Na infância à criança desabrocha para o conhecimento aprendizagem e descobertas, as quais serão fundamentais para sua sobrevivência e interação social como ser crítico, dotado de capacidades. E, para que, esse processo ocorra de forma plena é necessário que as experiências na infância, garantam a plena expressão de sua natureza infantil.

Reflexo de um passado, ainda muito presente na atualidade, a criança era tida como uma espécie de instrumento de manipulação ideológica dos adultos, e, a partir do momento em que elas apresentavam independência física eram logo inseridas no mundo adulto. A criança não passava pelos estágios da infância estabelecidas pela sociedade atual. Hoje as legislações que tratam de Infância destacam a criança como cidadã de direito que deve ser amada, educada e cuidada pela família e pelo Estado, reflexo das concepções de infância e percepções da importância desta fase da vida das pessoas.

As teorias da infância são uníssonas ao afirmar que criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejos de estar próximo as pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar (RCNEI. p.21). Suas vivencias respeitados fazem dela um ser único, singular caracterizando assim, seu eu interior, valorizando-se sua própria maneira de estar no mundo.

No entanto, a criança sempre teve seu espaço negado nas sociedades. Seja com a adultização tão enfaticamente teorizada por Philipe Áries (1978) ou como uma fragilidade exacerbada trazida pela Psicologia. Em ambas as perspectivas, entre outras, temos uma trajetória sobre a história da criança sempre sob o olhar do adulto. Um mundo repleto de barreiras para a criança, impondo-lhe o muro da invisibilidade, negando-lhe a formação de seu caráter a partir de seu potencial com suas características peculiares externalizada, por exemplo, pela linguagem como um ato da fala, da comunicação, da capacidade única de se tornar visível e ocupar seu espaço no mundo feitos para os adultos e reivindicando o seu próprio espaço enquanto um direito social.

2.2 Desenvolvimento infantil, concepções de criança e educação

O esforço em desenvolver estudos que se aproximem das necessidades reais da criança levou a elaboração de teorias em vários campos da ciência como a comunicação, sociologia, economia, arte etc. Mas, embora haja um consenso sobre a necessidade de que a educação para as crianças pequenas deva promover a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais da criança, considerando seu caráter de completude e indivisibilidade, as divergências estão exatamente no que se entende sobre o que seja trabalhar com cada um desses aspectos.

Alguns estudos conceberam a criança pequena como carente, frágil, dependente e passiva levou à construção de procedimentos e rotinas rígidas, dependentes todo o tempo da ação direta do adulto. Isso resultou em períodos longos de espera entre um cuidado e outro, sem que a singularidade e individualidade de cada criança fosse respeitada (RCNEI, 1998). Essas práticas tolhem a possibilidade de independência e as oportunidades das crianças de aprenderem sobre o cuidado de si, do outro e do ambiente. Em concepções mais abrangentes os cuidados são compreendidos como aqueles referentes à proteção, saúde e alimentação, incluindo as necessidades de afeto, interação, estimulação, segurança e brincadeiras que possibilitem a exploração e a descoberta.

Outras teorias fundamentadas na psicologia destacam as necessidades emocionais apresentando os mais diversos enfoques ao longo da história do atendimento infantil. A preocupação com o desenvolvimento emocional da criança pequena resultou em propostas nas quais, principalmente nas creches, os profissionais deveriam atuar como substitutos maternos. Outra tendência foi usar o espaço de educação infantil para o desenvolvimento de uma pedagogia relacional, baseada exclusivamente no estabelecimento de relações pessoais intensas entre adultos e crianças.

O desenvolvimento cognitivo configura-se como outro enfoque polêmico trazido pelas teorias de Piaget (1964) Piaget, J. (1964-2014). O termo "cognitivo" aparece ora especificamente ligado ao desenvolvimento das estruturas do pensamento, ou seja, das capacidades de generalizar, recordar, formar conceitos e raciocinar logicamente, ora se referindo a aprendizagens de conteúdo específicos.

A crítica, em torno desta concepção, afirma que a mesma pouco contribui, porque o desenvolvimento das capacidades cognitivas do pensamento humano mantém uma relação estreita com o processo das aprendizagens específicas que as experiências educacionais podem proporcionar, não se restringindo obviamente

ao desenvolvimento biológico (COLL, 2003).

No decorrer da história, encontramos diversas teorias sobre a educação de crianças. Froebel, (1782), trazia propostas para a educação de crianças que objetivavam acompanhar o desenvolvimento natural destas. A ideia, embora válida, anunciava no seu bojo a preocupação de isolar um pouco a criança de seu contexto social, histórico e cultural, como se esta criança fosse elemento único de seu desenvolvimento e educação, não levando em consideração a interferência dos adultos sob pressões socioeducativas vigentes no interior das instituições.

Pestalozzi (1746), nos contempla com três teorias educacionais a primeira o da educação como processo, com base nas ideias de Rousseau, onde o homem é bom e deve ser apenas assistido em seu desenvolvimento para poder liberar todas as suas capacidades morais e intelectuais. Para estes dois teóricos, a criança possui em si todas as "faculdades da natureza humana" que dificilmente será impedida de se desenvolver porque desenvolver-se em um processo natural inerente a todo ser humano. A segunda teoria diz respeito à formação espiritual do homem na união de coração, mente e mão ou arte que se desenvolvem através da educação moral e profissional, produzida pela estreita relação entre o interior e o exterior humano que se harmonizam. A terceira teoria é a da instrução em que o ato de ensinar deve partir da intuição e das diversas experiências desenvolvidas pelos alunos inseridos em seu próprio meio.

Este teórico comungava dos ideais da Revolução Francesa, cujos pilares eram liberdade e igualdade e para que estes fossem garantidos, Pestalozzi postulava que se deveria contar com a colaboração do Estado para garantir a autonomia civil e a liberdade, cujo objetivo era de se atingir a igualdade. E a educação seria a chave mestra para formar o cidadão através da junção de uma formação que não apostava somente na natureza, mas empenhava-se na humanidade existente em todo homem para orientá-lo à consciência nacional.

Em que se pese a contribuição dessas teorias, relevantes em grande escala e por um longo período, com uma abrangência quase que universal, ainda mantém a criança como um objeto a ser lapidado, a educação sugerida é para é as crianças e não com as crianças, mantendo-a na posição de subalternidade e apenas receptora de algo do qual ela não participa.

Apenas no início deste século, observamos teorias que fazem o contraditório das anteriores, buscando construir uma narrativa a partir das crianças e não para elas. Sarmento, (2008) destaca percepções que envolvem a infância, entre elas a crítica de que, as instituições para crianças configuram em larga medida o "ofício de

criança", isto é o modo "normalizado" do desempenho social das crianças. As instituições desenvolvem processos de socialização vertical, isto é, de transmissão de normas, valores, ideias e crenças sociais dos adultos às gerações mais jovens, o que por si só, já cria uma estetização a partir de uma ideologia dominante.

Como tal, elas são normalmente adulto centradas, correspondem a espaços de desempenho profissional adulto (professores, pediatras, psicólogos, assistentes sociais etc.), exprimem modos mais autoritários ou mais doces de dominação adulta e criam rotinas, temporizações e práticas coletivas conformadas pela e na cultura adulta (CHRISTENSEN, 2002).

Para Sarmento, a infância deve ser estudada em si própria (ou a partir do seu próprio campo), independentemente da delimitação dos objetos teóricos construídos pela ciência "adulta", isto é, tomando como ponto de partida aquilo que é distintivo da infância face a outros grupos geracionais (por exemplo, a configuração histórica das ideias e imagens sociais da infância – formas relativamente estabilizadas que em cada época constituem pontos de configuração da interpretação social sobre o que é uma criança, o que lhe é devido fazer e o que lhe é interdito, e o sentido das suas relações com os adultos; estatuto social; relação face ao poder de Estado, etc.) e assumindo a autonomia analítica da ação social das crianças (e *não dos adultos sobre as crianças).* Isso implica o corte com o adultocentrismo, isto é, a perspectiva analítica que estuda as crianças a partir do entendimento adulto, das expectativas dos adultos face às crianças ou da experiência do adulto face à sua própria infância. (SARMENTO, 2008, pag. 20)

Dallari (1986) descreve a criança enquanto um ser em potencial dotado de inteligência e completo. Segundo ele, toda criança é um testemunho da eternidade, uma certeza de renovação da vida, a portadora de um mistério, um ser humano fisicamente frágil, mas com o privilégio de ser o começo da vida, que pelo simples fato de existir já é uma pessoa e, portanto, é uma agressão a humanidade tratar qualquer criança como um ser inferior, pois reconhecer alguém como pessoa significa não a tratar como objeto ou como ser irracional.

Dallari destaca ainda, o direito de pensar da criança, diz ele que, por se tratar de um ser racional dotado de inteligência, pode-se desenvolver extraordinariamente essa faculdade desde que lhe seja assegurado o direito de pensar com sua própria cabeça; ela nasce sem hábitos, sem informações, sem preconceitos e sem compromissos com o passado. Dessa forma, o direito de pensar exige que a criança não sofra a imposição ou censura de ideias por arrogância ou intolerância de qualquer adulto. Ela deve ter a possibilidade de conhecer e raciocinar para que

possa formar livremente sua convicção, (Dallari, 1986).

2.3 Linguagens e as diversas falas das crianças: o papel das vivencias culturais na estrutura cognitiva.

Dewey (2011), em sua Teoria da Experiencia, discorre sobre a articulação entre a experiencia da criança e os conhecimentos sistematizados cientificamente, para que a educação não se limite a experiencias desorganizadas e nem a mera transmissão de conhecimento. Afirma que, o conhecimento enquanto uma construção social, dada na, e para a realidade, só pode ser compreendido na sua totalidade, quando considera os infinitos matizes sociais que compõe o sujeito e toma nova configuração sempre que esse sujeito se movimenta e cria outras redes de comunicação. Esses fatores, unidades concretas, são compreendidas apenas interligados a outras unidades concretas que formarão o todo. O conhecimento, fruto da ação do homem, só se dá no mundo, não fora dele.

Franzini (2016) discorre que a concepção de criança e infância não é algo novo, mas o olhar que a contemporaneidade deu é relativamente recente. Diz que a infância não é uma mera passagem de tempo para a vida adulta e que as crianças são atores sociais com pensamento crítico e reflexivo havendo a necessidade de compreender as crianças como sujeitos pertencentes da sociedade e, referenciando-se em Quinteiro (2002, p.43) afirma que é preciso que se reflita sobre a lógica dos papéis tradicionais de adulto e criança, assim como sobre as relações desiguais de poder entre eles. A eterna relação do adulto superior à criança, faz com que não se tenha conhecimento sobre o mundo das culturas infantis.

O mundo não favorece o livre desenvolvimento das crianças. Ela vive deslocada em um mundo de e para adultos. Diz Franzini (2016) que outra forma de ver as crianças como um problema social é a intensa preocupação acerca de sua segurança na sociedade industrializada contemporânea.

O medo e a ansiedade dos adultos de que algo aconteça com elas faz com que se promova a sua domesticação, incidindo que, cada vez mais, as crianças fiquem presas às instituições (casa, escola) e se isolem das ruas e do mundo afora.

Ao mesmo tempo, há um questionamento de que, as agências tradicionais socializadoras, como a família e a escola, estão passando por crises e ganhando novos significados. As sociedades contemporâneas vivem em situações pluralistas, confrontadas por uma série de valores distintos. As crianças vivem situações diversas em casa, na escola, na mídia, na sociedade e tentam individualmente, ou de forma coletiva, dar sentido ao mundo que vivem. O momento atualmente que

vivemos faz emergir a discussão sobre identidade e pluralidade. (QUINTEIRO, 2002).

Ainda sobre essa perspectiva, Corsaro (2011, p. 42) afirma que “embora seja um período temporário para a criança, é uma categoria estrutural permanente na sociedade”. Considera que ao mesmo tempo que a infância não é algo natural e universal, constrói um discurso social e historicamente situado, ou seja, produz uma cultura local e singular dentro dos pequenos grupos de crianças. A infância pode ser entendida, assim como uma classe social, no sentido de que é permanente na sociedade, embora a ideia de permanência não signifique que ela é única e imutável. “O que a criança faz, fala, ou como age, ou seja, o modo como ela interpreta o mundo, diz respeito a algo que é presente, contemporâneo. Existe uma cultura das crianças que é exclusivamente delas”. *(*CORSARO, 2011, *p.23)*

Abramowicz e Oliveira (2010, p. 43) compreendem que devem ser levados em consideração para pensar as infâncias os fatores heterogêneos, como: classe social, raça, gênero, religião, tempo, localidade etc. “tendo em vista que os diferentes espaços estruturais diferenciam as crianças”. É a partir do coletivo, das brincadeiras e dos espaços que possibilitam interação entre as crianças que proporcionam a construção das diferentes infâncias. A brincadeira, por exemplo, tão rejeitada por professores e a família, tem um significado pedagógico, pois, por meio da brincadeira a criança é capaz de construir significados para as ações que realiza e fazer reconhecimento simbólico de se construir cultura. (QUINTEIRO,2002, p.24).

Nesse sentido, entende-se também que a cultura de pares também é nuclear, ou seja, pertence aos pequenos grupos que vivenciam aquela cultura. Corsaro, (2011) aponta que as culturas locais produzidas pelas crianças integram culturas mais amplas de outras crianças e dos adultos. Ao sair do âmbito familiar, as crianças já se tornam participantes e colaboradoras de cultura de pares locais.

No entanto, não é possível pensar numa cultura infantil que seja totalmente separada do mundo adulto, pois os sujeitos não são “assujeitados” nem autônomos em relação a sociedade, uma vez que a linguagem se constrói na comunicação social, sendo importante considerar que as crianças produzem discursos, estão inseridas e se constituem no fluxo do diálogo entre as múltiplas vozes sociais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No mundo inteiro evolui a consciência sobre a importância da educação de

crianças em estabelecimentos específicos com orientações e práticas pedagógicas apropriadas, como decorrência das transformações sociais e econômicas verificadas no último século, e apoiada em fortes argumentos consistentes advindos das ciências que investigaram o processo de desenvolvimento da criança

A mudança de concepções, em relação à criança, seu desenvolvimento e educação, e ao papel do Estado, da Sociedade e dos profissionais que atuam na educação infantil apresenta-se como uma dessas demandas contemporâneas, a outra é a concepção de que tanto as elaborações das leis como a definição de políticas não acontecem no vazio, mas dentro de um contexto social e político em que a sociedade civil e organismo não governamental interagem. Nessa perspectiva, a maior ou menor importância dada à educação infantil depende da conjuntura política e econômica e da correlação de forças existentes na sociedade.

A busca pela liberdade e o direito de ser criança e viver a infância como prática de si, considera como sugerido por Foucault, desenvolver um estilo, como o faz um artista, e tornar as crianças admiráveis a si pelo fortalecimento de sua autoestima e compreensão de sua subjetividade e aos olhos daqueles que as rodeiam.

A liberdade de ser criança exercendo seu direito indelével de pensar, ser e agir não exclui a responsabilidade do estado em garantir sua segurança e proteção socioafetiva. Daí a necessidade de se distinguir “liberdade” de “liberação”, liberdade de ser não significa permissividade, significa promover outras formas de subjetividade, tendo o cuidado de “pressentir o perigo que ameaça em tudo o que é habitual” e tornar problemático tudo o que é sólido”.

A beleza da criança está exatamente na sua liberdade de ser, de criar, de navegar entre seu imaginário e sua expressividade que lhe é tão peculiar. Não pode ser tratada como um produto da sociedade e do capitalismo como aconteceu com indústria do cinema. Com a estrela, o cinema engendra inegavelmente um “produto” destinado a ser consumido, mas o que cria é sonho, fascinação, desejo, beleza, emoção. Através da estrela, é o corpo humano que ele sublima, transfigura, “sobrenaturaliza”. A criança transpira vida e é aí que reside sua beleza.

REFERÊNCIAS

ÀRIES, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BELINTANTE. Claudemir. *Oralidade e Alfabetização*: Uma nova abordagem da alfabetização e do Letramento. São Paulo: Cortez, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil*. Vol.3 Brasília, 1993.

DALLARI, Dalmo de Abreu & KORCZAK, Janusz. *O direito da criança ao respeito*. 2 ed. São Paulo: Summus, 1986.

DEWEY, J. *Experiência e Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FRIEDMANN. Adriana. *Linguagens e Culturas Infantis*. São Paulo: Cortez, 2013.

FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução: Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

OLIVEIRA. Zilma de M. Ramos de. (org.) *A criança e seu desenvolvimento*: Perspectivas para se discutir a educação infantil. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PIAGET, J. (2014). *Seis estudos de Psicologia*. Rio de Janeiro: Forense universitária. (Trabalho original publicado em 1964).

PINTO, M. & SARMENTO, J. (Coord.). *As crianças*: contextos e identidades. Braga. CESC/Universidade do Minho, 1997.

PIRES NETO, LUIZ DE CAMARGO. *A vida como obra de arte: entrelaçamentos entre ética e estética da existência no momento socrático- platônico segundo Michel Foucault*. 2013. 104 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. *Crianças e miúdos:* perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto, Portugal: Edições ASA, 2004.

SIROTA, Régine. *Infância: evolução do objeto e do olhar.* Cadernos de Pesquisa, nº112, p. 7-31, mar., 2001.

VYGOTSKY, L. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes. (Reimpressão, 1992). https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5585.

EXPLORANDO CARTAS NA TURMA DO CHAVES: ESTÍMULO À FORMAÇÃO DE HABILIDADES DE LEITURA E ESCRITA[1]

EXPLORING LETTERS IN THE KEYS CLASS: STIMULATING THE FORMATION OF READING AND WRITING SKILLS

EXPLORANDO LAS LETRAS EN LA CLASE CHAVES: ESTIMULO PARA LA FORMACIÓN DE LAS HABILIDADES DE LECTURA Y ESCRITURA

Ana Clara Solon Rufino[2]
Rosângela Araújo Darwich [3]

Resumo: Este estudo de campo tem como objetivo promover a formação de leitores e escritores por meio do gênero textual epistolar, em tempos de tecnologia predominante. As diretrizes baseiam-se nas teorias de Soares (2009) e Bakhtin (2003), nas hipóteses de escrita de Ferreiro e Teberosky (1999) e na importância da escrita e leitura na vida, segundo Morais (2003). Adotando a metodologia de estudo de campo e abordagem qualitativa, examinamos como alunos do 6º ano de uma escola pública do Pará e na faixa etária de 11 a 13 anos abordavam essas áreas de aprendizagem, utilizando episódios da Turma do Chaves relacionados a cartas. Destacou-se a necessidade de um enfoque interdisciplinar, com professores capacitados, para promover a leitura e escrita em todas as disciplinas.

Palavras-chave: Analfabetismo; Alfabetização; Letramento; Leitura; Escrita.

Abstract: This field study aims to promote the formation of readers and writers through the epistolary textual genre, even in times of predominant technology. The guidelines are based on the theories of Soares (2009) and Bakhtin (2003), the writing hypotheses of Ferreiro and Teberosky (1999) and the importance of writing and reading in life, according to Morais (2003). Adopting the methodology of field study and qualitative approach, we examined how students of the 6th grade of a public school in Pará and in the age group of 11 to 13 years approached these areas of learning, using episodes of Turma do Chaves related to letters. We highlighted the need for an interdisciplinary approach, with trained teachers, to promote reading and writing in all subjects.

Keywords: Illiteracy; Literacy; literacy; Reading; Writing.

Resumen: Este estudio de campo tiene como objetivo promover la formación de lectores y escritores a través del género textual epistolar, incluso en tiempos

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio (IN) VISIBILIDADES ARTE-CIÊNCIA: entrelaçamentos entre literatura e psicologia) do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Mestranda pelo Programa de Comunicação, Linguagens e Cultura PPGCLC-UNAMA. E-mail: clara.solon@hotmail.com. Orcid id: https://orcid.org/0000-0001-9366-003X.

[3] Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará. E-mail: rosangela.darwich@unama.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7325-909.

de predominio de la tecnología. Las orientaciones se basan en las teorías de Soares (2009) y Bakhtin (2003), en las hipótesis de escritura de Ferreiro y Teberosky (1999) y en la importancia de la escritura y la lectura en la vida, según Morais (2003). Adoptando la metodología de estudio de campo y abordaje cualitativo, examinamos cómo alumnos de 6º grado de una escuela pública de Pará y en la franja etaria de 11 a 13 años abordaban esas áreas de aprendizaje, utilizando episodios de Turma do Chaves relacionados con las letras. Destacamos la necesidad de un abordaje interdisciplinario, con profesores capacitados, para promover la lectura y la escritura en todas las asignaturas.

Palabras clave: Analfabetismo; Literatura; literatura; Lectura; Escribiendo.
.

1. INTRODUÇÃO

Roberto Mario Gómez y Bolaños é o criador e protagonista do seriado Chaves que há 50 anos vem encantando gerações[4]. De forma despretensiosa e inocente, essa turma envolve crianças e adultos nas suas trapalhadas, tirando risos e belas reflexões para a vida. Os episódios que tratam de cartas e bilhetes serviram de base para esta pesquisa desenvolvida no contexto da disciplina Língua Portuguesa, com uma turma de 6º ano de uma escola estadual de ensino fundamental e médio do Pará.

A motivação para este trabalho partiu da observação do grande déficit em relação à leitura e à escrita, nesta série, período em que se espera um nível de alfabetização mais elaborado, mesmo sabendo que a alfabetização acontece ao longo da escolaridade e em graus diferenciados.

Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, o INEP (BRASIL, 2017), revelam a vulnerabilidade da educação brasileira em relação à alfabetização das crianças e dos adolescentes, pois, em Língua Portuguesa, no 6º ano do ensino fundamental, apenas 50% dos alunos possuem aprendizado adequado e, no 9º ano, este número cai para 30%. No Pará, nesta disciplina, estes índices ainda são mais preocupantes, considerando que nos anos iniciais a aprendizagem adequada é de 22,8% e nos anos finais é de 41,3%. Já no 5º ano, os alunos que demonstraram estar no nível básico desejado à série são de 37,4% e no 6º ano apenas 36,7%.

[4] As temporadas de Chaves estão disponíveis em um canal da plataforma YouTube, em https://youtube.com/@CanalViladoChaves?si=YtOD6y-E4pjejyK0

Os dados ainda mostram que apenas 61% dos alunos do 6º ano conseguem interpretar textos simples, 60% dos alunos do 9º ano conseguem interpretar textos dissertativos, 65% dos alunos do 6º ano não dominam cálculos e 60% dos alunos do 9º ano não sabem realizar cálculos com porcentagem. No 3º ano do ensino fundamental, última etapa da alfabetização, apenas 88,4% das crianças são aprovadas. Isso significa prejuízos às etapas posteriores.

Os resultados apresentados corroboram com os dados de distorção idade/série no Brasil. De acordo com esses dados, a taxa de distorção é de 12% nos anos iniciais do ensino fundamental e aumenta para 25,9% nos anos finais. Notavelmente, os percentuais de distorção são particularmente preocupantes no 5º ano (19,6%) e no 6º ano (27,4%), indicando uma deterioração no processo de alfabetização e no desenvolvimento das habilidades de leitura que esses estudantes deveriam ter adquirido.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), mostra que, entre crianças e jovens de 5 a 17 anos, os índices de analfabetismo são superiores nas regiões Norte, com 15,6%, e Nordeste, com 13,9%, sendo a média nacional de 11,4% (IBGE, 2016). De acordo com o MEC, na Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), o índice das crianças de oito anos com déficit na escrita foi de 34%, em leitura, e em matemática, de 55% (BRASIL, 2016).

Percebemos que há algo de errado nos inúmeros projetos educacionais e nas políticas públicas que visam alfabetizar, e por isso nos questionamos acerca de porque a maioria dos alunos chega ao 6º ano sem o nível de alfabetização adequado. Existe alguma metodologia capaz de contribuir para mudar esse quadro? Considerando essas perguntas, este estudo de campo tem como objetivo promover a formação de leitores e escritores por meio do gênero textual epistolar, em tempos de tecnologia predominante.

Alinhado à formação humana, fizemos a análise crítica da postura dos personagens dos episódios da Turma do Chaves em determinados momentos, dialogando acerca de valores éticos e morais. Afinal, há de se prestigiar uma leitura para além da codificação da escrita, que não utiliza apenas os símbolos alfabéticos, dando ênfase ao letramento.

Este estudo descreve as aulas e o trabalho com cartas, explorando a oralidade, a comunicação, a função social do texto e a análise gramatical como fase importante da oficina de escrita. Finalmente, propomos intervenções pedagógicas aos professores para a desafiadora tarefa de ensinar de forma consciente, com significado e resultados positivos.

2. DESCOBRINDO O MUNDO DA LEITURA E ESCRITA

As práticas de alfabetização através dos gêneros textuais possuem uma importância inquestionável. Nesse contexto, o emprego do gênero textual “carta” impulsiona o desenvolvimento discursivo por meio de atividades sociais que estão intrinsecamente ligadas ao aprendizado da oralidade, da leitura e da escrita. Simultaneamente, também aborda aspectos linguísticos, embora em um plano secundário. Essa abordagem não é menos significativa, mas sim uma consequência do objetivo de formar leitores e escritores competentes. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 26),

> Os gêneros são determinados historicamente. As intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros que darão formas ao texto. É por isso que, quando um texto começa com “era uma vez’” ninguém duvida de que está diante de um conto, porque todos conhecem tal gênero [...]. Do mesmo modo, pode-se reconhecer outros gêneros como cartas, reportagens, anúncios, poema etc.

Magda Soares (2009) aborda o processo de alfabetização e letramento sob a perspectiva das práticas sociais. Nesse contexto, ela estabelece uma distinção crucial entre alfabetização e letramento, delineando como a primeira se refere à aquisição das habilidades básicas de codificação da escrita, enquanto a segunda engloba a maestria social das competências de leitura e escrita, iniciando-se mesmo antes do processo de alfabetização. Um indivíduo letrado não apenas domina as habilidades técnicas, mas também compreende, interpreta e conduz análises críticas, aplicando esses conhecimentos em variados cenários, desde a leitura de textos até a utilização de serviços como caixas eletrônicos.

Por seu turno, Bakhtin (2003) ressalta a importância da aprendizagem a partir de gêneros textuais como meio significativo, pois o aluno faz a relação da escrita em seus diversos contextos e compreende a sua função nas situações comunicativas. Adicionalmente, as contribuições de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) acrescentam perspectivas relevantes ao processo de alfabetização. Elas questionam o paradigma anterior que se baseava na decomposição dos sons, presumindo que a memorização de segmentos fonéticos fosse o único método viável para instrução. Essa abordagem divergente foi construída sobre alicerces advindos dos estudos conduzidos por Jean Piaget, que também desempenhou o papel de orientador em suas pesquisas.

A psicogênese da escrita diz respeito ao processo de desenvolvimento da escrita como um sistema de representação da linguagem. Entretanto, para compreendê-la, os educadores necessitam compreender como essa construção ocorre, bem como entender as etapas das hipóteses da escrita pelas quais passam crianças e adultos, ainda que de maneiras distintas. Isso permitirá que intervenham de forma eficaz, ao propor atividades desafiadoras que impulsionem o avanço em seus estágios de desenvolvimento. Esses estágios são classificados da seguinte forma: a) pré-silábico, quando não se domina o uso da escrita, mas sabe que a escrita representa a fala; b) silábico, quando se faz relação sonora, associando a fala a uma letra; c) silábico alfabético, quando se percebe que as sílabas podem representar mais de uma letra e; d) alfabético, quando já se domina a escrita convencional, lendo e produzindo pequenos textos, embora persistam dúvidas ortográficas (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

As autoras ressaltam que a fase alfabética não significa o fim da alfabetização, mas que é necessário alcançá-la em graus maiores, sendo fundamental que o professor conheça o funcionamento cerebral no processo de aquisição da leitura e da escrita que não pode se dar desalinhado da reflexão sobre elas, pois,

> a mão que escreve e o olho que lê estão sob um comando de um cérebro que pensa sobre a escrita que existe em seu meio social e com a qual toma contato através da sua própria participação em atos que envolvem o ler ou o escrever, em práticas sociais mediadas pela escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 8).

Compreende-se, assim, que a criança não está vazia em relação à apropriação da escrita, mesmo quando ainda não domina os códigos da língua. Vale lembrar que aprendemos a falar na convivência com o meio e, mesmo sem ter consciência das regras gramaticais, aprendemos a classificar por gênero, número, quantidade e tempo.

Por esta razão, quanto maior a participação em atividades orais ou em vivências leitoras com a oportunidade de ter escritas significativas, maior será a capacidade da criança de desenvolver competências de alfabetizada, visto que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2009, p. 13).

Após a alfabetização, muitos educadores questionam acerca de quando começar o ensino da ortografia. Artur Gomes de Morais (2003) esclarece a importância do ensino ortográfico na formação de bons escritores, entre outros estudiosos e documentos que também discutem o assunto.

Em síntese, a alfabetização por meio dos gêneros textuais é de suma importância, e o uso do gênero “carta” é um exemplo que impulsiona a competência discursiva através de atividades sociais. Isso não apenas reforça o aprendizado da oralidade, leitura e escrita, mas também aborda aspectos linguísticos secundários. Essa abordagem se origina do objetivo maior de cultivar habilidades de leitura e escrita competentes.

3. METODOLOGIA

Este estudo de campo, de abordagem qualitativa, foi realizado com uma turma de 6º ano composta por 27 alunos na faixa etária de 11 a 13 anos. Conforme Gonsalves (2001), a pesquisa de campo é um método que visa obter informações diretamente junto à população em estudo. Ela demanda uma interação mais imediata por parte do pesquisador. Nesse cenário, o investigador deve se dirigir ao ambiente onde o fenômeno se manifesta ou ocorreu, coletando um conjunto de dados a serem devidamente registrados.

A abordagem qualitativa fundamenta-se na premissa de que existe uma dinâmica relação entre o mundo real e o indivíduo, uma interconexão vívida entre o sujeito e o objeto, um elo inseparável entre o universo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento transcende a mera coleção de dados isolados, ligados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador faz parte intrínseca do processo de construção do conhecimento e interpreta os fenômenos, conferindo-lhes significado. O objeto não é uma entidade inerte e neutra; ele está imbuído de significados e relações que indivíduos concretos constroem por meio de suas ações (CHIZZOTTI, 1995, p. 79).

De início, a timidez dos alunos logo foi vencida pela participação e pela acolhida que a professora regente nos deu. Conhecer o perfil dos estudantes e criar vínculo com eles foi o primeiro trabalho a ser executado para posteriormente poder desenvolver a pesquisa na classe.

Na busca de estabelecer o diálogo e parceria, compartilhamos com os alunos os objetivos do estudo a fim de que entendessem o propósito da missão, se comprometessem com ela e ajudassem a executá-la. Prosseguimos, assim, com a atividade de alfabetização e letramento paralelamente, em busca de dar mais qualidade às produções e sondar como os alunos se comportavam frente à escrita. Observamos qual o nível de alfabetização em que estavam e como conseguiam pôr no papel o texto organizado mentalmente.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de reflexão e ação deu-se a partir do episódio nº 86 da Turma do Chaves, “O regresso da Chiquinha” (1975), em que o personagem Chaves lê a carta da Chiquinha para seu Madruga e faz uma série de antecipações desconexas do texto. Abaixo, um trecho da carta, disponibilizado no YouTube no canal Vila do Chaves:

> Presente para o dente.
> Papa Querino (Papai querido),
> Passei a semana toda tomando aulas de dança na epidemia de panças indigestas (academia de danças indígenas). Porcas, guaranás e bombas depois... (Polcas, guarânias e bumba meu boi). Ontem de manhã minha tia desentupiu o umbigo (discutiu comigo) e tudo isso porque eu sempre faço fofo... (fofocas). É só médio ruiva (Isso me deu raiva). Então eu tive uma ideia: procurei minha tia e lhe parti... (participei)... Disse a ela que meu pai é salvo (viúvo) e como vive só, eu quero voltar (morar) com ele e minha tia disse que tá bem!
> Melhor me levar o cai pra trás (capataz). Eu vou chegar casada com o velho (chegar em casa). E como o capataz não sabe onde eu moro, seria bom que viesse me receber na estação, mas depressa que já está atrasado).

Vimos que Chaves usa a estratégia da antecipação da leitura, mas não faz a checagem ou verificação, o que pode dificultar a compreensão do texto e as inferências (interpretações) que o leitor pode fazer sobre ele. Enfatizamos a importância de saber interpretar o que lemos para entender a mensagem; depois, discutimos sobre a relevância da pontuação e lemos outro modelo de carta. Além disso, falamos da forma de organização textual (local, data, saudação, assunto, despedida, assinatura) e, também, pedimos para que os alunos apontassem lacunas na carta da Chiquinha, onde foi observada a data, e, mais uma vez, a pontuação e a despedida que não havia.

Conversamos sobre a carta ser a comunicação mais antiga das sociedades, acerca do tempo que levava para chegar ao destinatário, dependendo da distância geográfica entre este e o remetente. Observamos as diferentes formas de se reportar ao interlocutor, dependendo a quem a carta se destina; vimos que a linguagem pode ser formal ou informal, e a necessidade de se utilizar corretamente os pronomes de tratamento, pois, com certeza, um dia todos precisaremos usá-los em algumas circunstâncias da vida.

Além de conhecermos a história do selo, a turma organizou um dicionário para entender os termos como remetente, destinatário e o Código de Endereçamento Postal (CEP). Posteriormente, dando sequência às atividades, assistiram mais um episódio, o de número 192, no qual Chaves lê a carta do professor Girafales para seu Madruga – e as mesmas confusões se repetem. Ainda observaram novamente a estrutura de uma carta e a diferença entre carta e bilhete.

Na aula seguinte, iniciamos uma oficina de escrita de cartas para amigos e parentes distantes. Cada um pensava em um destinatário real. Nesse momento, não fomos corrigindo imediatamente as escritas para não impedir o pensamento, haja vista que, depois, estas serviriam para análise geral.

O próximo passo foi a escuta das cartas que permitiram aos alunos se apropriarem do uso da linguagem em diferentes situações e construírem progressivamente seus próprios modelos, enriquecendo o vocabulário e os preparando para participar de palestras, entrevistas, debates, seminários e outras ações em que a oralidade esteja em uso.

Escolhemos algumas cartas com a permissão dos escritores para fazermos a correção comentada. Duas cartas foram transcritas e analisadas em grupo, visto que não dispúnhamos de tempo para fazer o mesmo com todas as produções, o que a professora poderia fazer em outra ocasião, em uma sequência didática abordando a gramática para o 6º ano.

O primeiro ponto a ser analisado foi a coerência do texto (início, meio e fim), também observamos a estética textual e pedimos alterações na diminuição das lacunas, na substituição das palavras repetidas por sinônimos, na aprimoração do texto, excluindo marcas da língua falada (e ai, tá bom...). Após, houve a revisão: focamos na redução, no acréscimo, sinalizando que sendo além de escritor, o aluno poderia ser editor do seu próprio texto.

Estudamos, também, a estrutura do envelope e como postar na Agência dos Correios. O trabalho culminou com a dinâmica do “Correio da Amizade” em que a turma trocou mensagens carinhosas e se divertiu com a Chiquinha, que entregava as mensagens aos participantes.

Foram dias de muita aprendizagem para todos. Enquanto docente, fui me reconstruindo, me reavaliando e isso me motivou a querer fazer o melhor que pudesse para os alunos e para mim que também estava fazendo experimentações pedagógicas que somariam a minha prática e que me dariam subsídios para refletir sobre tudo o que construímos juntos.

A formação humana como um dos eixos norteadores do trabalho, oportunizou

refletir sobre a situação do personagem Chaves que não mora no barril como muitos pensavam, mas sim, na casa nº 8. Bolaños (2006). No livro “O Diário do Chaves”, Chaves relata que sua mãe o deixava na vila todos os dias para ir trabalhar até que nunca mais voltou. Assim, seu Barriga se sensibilizou com a situação do garoto e lhe deu a casa 8 para morar.

Foram analisadas várias situações: a agressão do seu Madruga quanto aos cascudos que dá no Chaves e beliscões no Kiko. Vimos o quanto avançamos nos direitos da criança e do adolescente, como a cultura vai mudando com o tempo, ademais, enfatizamos que as permissões do passado, hoje, poderiam causar repulsa.

Os alunos comentaram que, atualmente, a série sofreria muitas críticas e até censura por mostrar um professor que fuma e um homem que agride crianças. Questões éticas como a do carteiro Jaiminho e do Chaves que violavam as correspondências foram enfatizadas. Também o *bullying* que o Kiko sofre quando é apelidado de “bochecha de buldogue”, Dona Clotilde, ao ser chamada de “Bruxa do 71”, Nhonho, de “Seu Barriga”, entre outros, e o quanto essas atitudes podem ferir as pessoas.

Dos 27 alunos, 16 entregaram suas cartas e destes, 31,25% tiveram suas produções consideradas regular ao nível de 6º ano, pouco mais de 68% foram considerados inadequados ao se levar em consideração a função, a configuração textual e a sinalização das produções, pois, sem pontuação, fica difícil compreender a mensagem que o autor quer transmitir.

As práticas sociais de leitura e escrita demonstram que há diferentes formas de letramento. Os que têm mais oportunidade de ler e escrever tem maiores chances de desenvolver essas habilidades. Bakhtin (2003, p. 265) já afirmava que “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que se realizam)”, ou seja, a escola precisa aproximar o ensino, da vida, ao ser a porta para o mundo da leitura, pois nem todas as famílias têm o mesmo acesso, oportunidades de leituras e de frequentar outros espaços culturais.

Um aspecto muito importante é que produzir cartas levou os alunos a escreverem manualmente em detrimento do uso de apostilas, livros, celulares e computadores. Nesse âmbito, Corrêa e Carolina (2021), entre outros, publicou uma pesquisa sobre os benefícios de escrever à mão. Segundo as especialistas:

> Atividade que é ensinada desde a infância, utilizar a mão para escrever parece não exigir muito esforço nosso. Mas, de acordo com neurologista Cláudio Falcão, do Hospital Jayme da Fonte, a

> atividade é bastante complexa do ponto de vista da atividade cerebral. 'Escrever à mão envolve vários circuitos neuronais, incluindo o tato, a motricidade, a coordenação motora, a sensibilidade e a visão. Esses circuitos apresentam efeitos diretos na memória recente, que é a gravação imediata de uma informação, e na memória secundária, que é uma gravação mais definitiva', explicou Cláudio (CORRÊA; CAROLINA, 2021, p. 2-3).

Da mesma forma, as produções textuais precisam ser valorizadas como um dos principais instrumentos de aprendizagem da escrita, que posteriormente também serão objetos de análises e de aprendizagem gramatical, na certeza de que esse conhecimento é indispensável aos educandos.

> Uma vez que a ortografia é uma convenção social, não há como a criança descobri-la sozinha. Quando compreende a escrita alfabética e consegue ler e escrever seus primeiros textos, a criança já aprendeu o funcionamento do sistema de escrita alfabética. Mas desconhece a norma ortográfica (MORAIS, 2003, p.4).

Para Morais (2003), o ensino da língua precisa acompanhar as práticas de leitura e escrita. O autor dá orientações claras quanto aos procedimentos que ajudam na aprendizagem da ortografia e ressalta a necessidade que o docente tem de conhecer a origem dos 'erros' dos alunos, seguido de uma triagem e posterior classificação em: regulares, ou irregulares.

Para as regulares, o autor faz indicação metodológica de pesquisa das regras, de criação de conceitos pelos alunos a partir das descobertas e dos diálogos. E, assim, diferente do caso das irregulares:

> Não há regras que ajudem o estudante a escrever corretamente. A única saída é memorizar a grafia ou recorrer ao dicionário. Elas se concentram principalmente na escrita: do som do s (seguro, cidade, auxílio); do som do z (zebu, casa); do som do x (enxada, enchente). O emprego do h inicial (hora, harpa); a disputa entre e, i, o e u em sílabas átonas que não estão no final de palavras (seguro, tamborim); ditongos que tem pronúncia reduzida: caixa, madeira, vassoura etc. (MORAIS, 2003, p. 29).

Neste caso, o professor precisa ter o entendimento sobre o que precisa ser aprendido e o que precisa ser memorizado. Fez-se necessário enfatizar um aspecto fundamental do trabalho do professor: a avaliação, que, nesta situação, precisa acontecer no processo, e não apenas como um produto concluído em uma etapa. Quanto à avaliação da aprendizagem, verificou-se que está centrada mais nos resultados quantitativos, distante do que preconiza a Lei de Diretrizes e Base (LDB):

> V – a verificação do rendimento escolar observará os seguintes

> critérios:
> a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, comprevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais [9394/96, Art. 24, V, p. 9] (BRASIL, 1996).

Há uma preocupação exagerada para se atingir as notas do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) para se alcançar níveis de aprovação maiores, mas pouca preocupação, ou mesmo consciência, da importância da avaliação diagnóstica, processual e contínua. Prova disto é a forma como a avaliação acontece na maioria das escolas que a fatia, ou seja, divide em números, por exemplo, o trabalho vale 2,0 pontos, ornamentação da escola, 3,0 e prova 5,0 pontos. Que critério qualitativo há nesta avaliação? Nenhum. Por isso, a avaliação qualitativa diz mais sobre a aprendizagem que a quantitativa.

O enriquecimento cultural das pessoas passa pelas mãos dos professores, elemento fundamental na elevação da qualidade da educação. Mas, a realidade é que a falta de tempo para estudo, pesquisa e planejamento, também tem dificultado a vida do docente, que precisa lutar por esse espaço.

Portanto, o processo culminou com o incentivo à descoberta de escritores, baseada em atividades significativas e contextualizadas na qual a primazia da produção textual, em diferentes situações de interação social, foi estabelecida. Dessa forma, houve o despertar da consciência sobre a importância da escrita e sua beleza, assim como a ampliação dos saberes construído coletivamente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta pesquisa se baseou no déficit em leitura e escrita dos alunos do 6º ano do ensino fundamental, tendo como motivador episódios que tratam da leitura de cartas da turma do Chaves. A metodologia do trabalho foi desenvolvida através de sequência didática com o tema “Experiências com cartas: A formação de leitores e escritores”.

Vimos que a maioria dos alunos brasileiros do 6º ano não possuem habilidades básicas para a série sendo esta situação preocupante pois serão futuros profissionais que gerenciarão a sociedade.

A situação levou-nos a concluir que este déficit está ligado a fatores diversos, incluindo a formação dos professores e seu pouco conhecimento teórico sobre o processo de aprendizagem (saberes didáticos), mas também o ensino

isolado da língua portuguesa e o raro uso de textos. É importante considerar que os professores se desdobram entre muitas turmas, muitas escolas, vivem entre muitos diários de classe, muitas provas para corrigir e pouco tempo para estudo, planejamento e pesquisa.

A avaliação da aprendizagem não pode ser considerada apenas a partir da prática pedagógica e da formação do professor. Ela perpassa por outas dimensões. Neste sentido, a fragilidade de uma escola sem identidade que não sabe quem é e nem que sujeitos quer formar, que não vivencia um projeto de educação compartilhado e efetivado no dia a dia, é prejudicial à educação. A questão é enraizada na sociedade, em que diretrizes e normativas não repercutem na prática de ensino, mantendo a situação de naturalização de desigualdades sociais.

Infelizmente, percebeu-se que leitura parece estar restrita à prática de professores de língua portuguesa, porém a prática de produção textual precisa fazer parte de todas as disciplinas, assim como a variação de gêneros. Por esta razão, resgatar gêneros quase esquecidos, como é o caso da carta, foi importante para a preservação da memória da escrita ao estabelecer conexão entre a arte, a história, a tecnologia, a comunicação e a afetividade. Mostrou-se, também, que um programa de televisão ensina a ler textos implícitos e explícitos, que a arte pode ser um eixo norteador maravilhoso para a formação interdisciplinar.

Portanto, esta pesquisa reafirmou que é importante vivenciar práticas de leitura de diferentes gêneros literários cotidianamente. Por fim, é importante lembrar que o papel do professor neste processo é indispensável, pois um docente leitor-escritor tem plena capacidade de formar pessoas com competência para, além de codificar símbolos, saber usar a leitura e a escrita para a vida, já que os índices educacionais mostram a necessidade de mudanças nas práticas de alfabetização e letramento. No entanto, chegamos ao século XXI com instrumentos para lutar contra as tristes estatísticas de um país com mais de onze milhões de analfabetos absolutos e que continua reproduzindo em longa escala o analfabetismo funcional.

Em última análise, esta pesquisa ressalta a importância de reconhecer que a melhoria da educação e a superação do déficit em leitura e escrita não são empreendimentos simples ou isolados. Eles requerem esforços coordenados de educadores, pesquisadores, formuladores de políticas e sociedade em geral. Somente através de um compromisso contínuo e da implementação de estratégias fundamentadas em pesquisas sólidas, poderemos aspirar a um futuro em que a educação seja uma força transformadora para todos os cidadãos, capacitando-os a enfrentar os desafios do século XXI de maneira informada e habilidosa.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal.* Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOLAÑOS, Roberto. *Diário do Chaves.* Suma de Letras, 2006. Disponível em: https://espanholsemfronteiras.com.br/chaves-historia-completa. Acesso em: 30 maio 2022.

BOLAÑOS, Roberto. *Bilhetes trocados,* 1977. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NjUpYRH1L18&list=RDNjUpYRH1L18&start_radio=1&t=381. Acesso em: 30 maio 2022.

BRASIL. INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). *Censo Escolar*. Brasília: INEP, 2017. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/01/1852259quase50dosprofessor s-nao-tem-formacao-na-materia-que-ensinam.shtml. Acesso em: 11 jun. 2022.

BRASIL. INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). *Censo Escolar*. Brasília: INEP, 2016. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb/sobre-a-ana. Acesso em: 11 jun. 2022.

BRASIL. INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). *Avaliação Nacional de Alfabetização* (ANA). Brasília: INEP, 2016. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/docman/outubro-2017-pdf/75181-resultados-ana-2016-pdf/file. Acesso em: 17 jun. 2022.

BRASIL*. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.* Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC/SEF, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394compilado.htm. Acesso em: 30 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (MEC/ PNE/SASE). *Plano Nacional de Educação*. Brasília, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa – 5ª à 8ª*. Brasília, 1998.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. 2ª Edição. São Paulo: Cortez, 1995.

CORRÊA, Marjourie; CAROLINA, Andressa. Escrever à mão, um ato de grande valia para saúde. *Folha de Pernambuco*, 03 maio 2021. Disponível em: https://www.folhape.com.br/noticias/escrever-a-mao-um-ato-de-grande-valia- para-saude/182134/. Acesso em: 08 jul. 2023.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita.* Porto Alegre: Artes Médicas,1999.

FREIRE, P. *Política e educação*: ensaios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GONSALVES, E. P. *Iniciação à pesquisa científica*. Campinas, SP> Alinea, 2001.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). *Síntese de indicadores*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf. Acesso em: 30 maio 2022.

MORAIS, Artur Gomes. *Ortografia:* ensinar e aprender. São Paulo: Ática, 2003.

OLIVEIRA, Maria Sheleide Alves de. Didática no Ensino Superior: uma reflexão sobre teoria e prática. *REVELLI – Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas,* v. 4, n. 2, out. 2012.

SOARES, Magda*. Alfabetização e Letramento***:** um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2009.

GRUPO VIVENCIAL BASEADO EM *MINDFULNESS*: BEM-ESTAR E AUTOPERCEPÇÃO EM MULHERES [1]

MINDFULNESS-BASED LIVING GROUP: WELL-BEING AND SELF PERCEPTION IN WOMEN

GRUPO DE EXPERIENCIA BASADO EN LA ATENCIÓN PLENA: BIENESTAR Y AUTOPERCEPCIÓN EM MUJERES

Thainá Guimarães Durães Souza [2]
Rosangela Darwich Araújo [3]

Resumo: Este estudo refere-se a uma pesquisa de campo qualitativa sobre a análise e reflexão acerca dos efeitos do treino do estado de atenção plena, ou *Mindfulness*, juntamente com a experiência de leitura, em um grupo vivencial breve constituído por mulheres. Para tanto, objetiva-se investigar os resultados na participação junto ao grupo, considerando os efeitos das práticas de *Mindfulness* com leituras, de modo integrado ao programa proposto, quanto à amplificação da autopercepção e experiência de bem-estar total em um grupo vivencial breve de *Mindfulness* mediado pela internet. Apesar de desafiadora, esta proposta mostra-se promissora para a promoção de saúde e bem-estar na esfera individual e coletiva, bem como no desenvolvimento de autonomia, autoeficácia e empoderamento de mulheres.

Palavras-chave: Grupo Vivencial; Mindfulness; Bem-Estar; Autopercepção.

Abstract: This study refers to a qualitative field research on the analysis and reflection on the effects of mindfulness training, or Mindfulness, together with the reading experience, in a brief experiential group made up of women. Therefore, the objective is to investigate the results of participation with the group, considering the effects of the Mindfulness practices and reading experience, in an integrated way to the proposed program, regarding the amplification of self-perception and experience of total well-being in a brief experiential group of Mindfulness mediated by the internet. Despite being challenging, this proposal shows promise for the promotion of health and well-being in the individual and collective sphere, as well as in the development of autonomy, self-efficacy and empowerment of women.

[1]Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho St4 - (IN) VISIBILIDADES ARTE-CIÊNCIA: entrelaçamentos entre literatura e psicologia, do 10º Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2]Mestranda em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) pela Universidade da Amazônia e graduanda em Psicologia (UNAMA). Pós-graduação em MBA em Gestão de Projetos (FGV) e graduada em Farmácia Bioquímica (UFVJM). E-mail: thainagduraes@yahoo.com.br. ORCID: https://orcid.org/0009-0009-1286-0984.

[3]Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento. Professora do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia. E-mail: rosangeladarwich@yahoo.com.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7325-9097.

Keywords: Experiential Group; Mindfulness; Well-being; Self perception.

Resumen: Este estudio se refiere a una investigación cualitativa de campo sobre el análisis y la reflexión sobre los efectos del entrenamiento del estado de atención plena, o Mindfulness, junto con la experiencia lectora, en un grupo experiencial breve formado por mujeres. Por lo tanto, el objetivo es investigar los resultados de la participación con el grupo, considerando los efectos de las prácticas de Mindfulness con experiencia de lectura, de forma integrada al programa estándar, en cuanto a la amplificación de la autopercepción y la experiencia de bienestar total en una breve experiencia grupal de mindfulness mediada por internet. A pesar de ser desafiante, esta propuesta se muestra promisoria para la promoción de la salud y el bienestar en el ámbito individual y colectivo, así como en el desarrollo de la autonomía, autoeficacia y empoderamiento de las mujeres.

Palavras clave: Grupo Experiencial; Consciencia; Bienestar; Autopercepción.

1. INTRODUÇÃO

O termo *Mindfulness* pode ser traduzido como atenção plena e, segundo Kabat-Zinn (2003), pode ser definido como a consciência que surge através do direcionamento intencional da atenção, sem julgamento, com aceitação e abertura à experiência no momento presente. Além deste estado mental, *Mindfulness* também pode ser compreendido como o conjunto de práticas, exercícios e técnicas presentes em programas de intervenções estruturados, em formatos vivenciais, com vistas a treinar o estado de atenção plena.

Mais do que um mero exercício ou prática, a leitura também pode ser percebida enquanto experiência, segundo Freire (2008). Tal visão, considera a experiência vivenciada pelo leitor como uma possibilidade de transformação, de modo a impactar na capacidade do indivíduo de autopercepção, mas também de percepção e abertura ao mundo que o cerca.

O presente estudo objetiva investigar as percepções subjetivas de mulheres em relação aos resultados da participação em um grupo vivencial breve de *Mindfulness*, em formato *on-line,* com leitura de textos e práticas diárias de atenção plena. Este grupo foi mediado pela internet, durante duas semanas, com sessões grupais semanais de duas horas e recomendações de exercícios e práticas diárias aos participantes.

Inicialmente será abordado um referencial teórico apresentando as principais temáticas e, em seguida, será abordado o estudo realizado considerando

a metodologia utilizada e procedimentos adotados. Por fim, serão apresentados os resultados e as considerações finais observados pelos pesquisadores.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Mindfulness

Mindfulness, ou sua tradução conhecida como atenção plena, é um tipo de estado mental (*Mindful*) no qual é possível estar atento ao que acontece no momento presente, com atitudes de aceitação e abertura. Conforme Santos (2012), *Mindfulness* é a capacidade de focar a atenção no momento presente, de modo a perceber tudo o que emerge externa ou internamente. De modo mais amplo, pode-se considerar como um estado de consciência plena às experiências vividas, evitando engajar-se em julgamentos ou nas tentativas de mudança das situações. Embora seja um estado mental presente em todos os indivíduos, segundo Demarzo e Campayo (2015), ele pode ser treinado e melhor desenvolvido através de técnicas ou práticas meditativas e exercícios psicoeducativos.

Mindfulness utiliza-se de práticas meditativas para o treinamento do estado de consciência no aqui e agora. Tal proposta, apresenta dois componentes importantes: a autorregulação da atenção e uma inclinação aberta à experiência no momento presente, adotando atitudes de aceitação, curiosidade e abertura. Desta forma, é possível perceber a realidade crua das coisas e experiências, libertos dos filtros cognitivos, culturais e afetivos geradores de respostas relacionadas a padrões pré-concebidos pelas experiências passadas dos indivíduos. Além disto, outro aspecto importante envolvido na atenção plena é o monitoramento aberto, ou seja, a observação das próprias emoções e pensamentos denominados de metacognição ou descentramento (Marti, 2016, p. 19-21).

Os primeiros estudos científicos sobre *Mindfulness* foram propostos por kabat-Zinn (2003) na realização de um estudo para avaliar a eficácia de seu protocolo padronizado de treinamento de *Mindfulness* baseado na redução de estresse, ou *Mindfulness-based stress reduction* - MBSR. Após vários anos de pesquisas e diversos protocolos baseados em *Mindfulness*, destacam-se vários benefícios que podem ser atribuídos ao desenvolvimento deste estado mental, desde a aplicação em diversos transtornos mentais como ansiedade, depressão, dependência por substâncias, até no auxílio a determinadas condições médicas como dor crônica,

câncer, síndrome do cólon irritado, dentre outras (Martí, 2016, p. 59-63). Hölzel et al. (2011 *apud* Martí et al., 2016) também descreve alguns dos mecanismos de ação das práticas de *Mindfulness* e como estas afetam a saúde, em termos neuropsicológicos e as respectivas áreas cerebrais associadas.

Há vários programas de *Mindfulness* desenvolvidos e validados para vários contextos e condições clínicas. Tais programas são denominados de Intervenções Baseadas em *Mindfulness* (Demarzo; Garcia-Campayo, 2011). Ainda segundo estes autores, pode-se destacar a utilização de *Mindfulness* como proposta preventiva e terapêutica em diversos contextos, com ênfase na Atenção Primária à Saúde (APS) e seu impacto na promoção da saúde, enquanto proposta preventiva e terapêutica diante de diversas condições clínicas, sobretudo crônicas. Dentre os motivos para praticar *Mindfulness*, ressaltam-se evidências crescentes de sua eficácia em uma variedade de condições clínicas, sobretudo crônicas, além de efeitos terapêuticos em transtornos de ansiedade, depressão e em condições não clínicas como no manejo do estresse e na melhoria da qualidade de vida e bem-estar (Demarzo, 2011; Demarzo; Garcia-Campayo, 2017; Mouzinho, 2018).

2.2 Grupos vivenciais

Outro elemento importante para este estudo são os grupos vivenciais, os quais se destacam por serem grupos reflexivos de cultivo a um ambiente não coercitivo, promotor do desenvolvimento da resiliência, em que experiências são vivenciadas e compartilhadas socialmente. Os grupos vivenciais caracterizam-se pela realização de atividades estruturadas, interventivas e por permitirem a vivência de situações do cotidiano. Além da partilha de vivências pessoais, na condução desses grupos pode-se utilizar diversas ferramentas, como leitura de textos e poesias, exercícios de escrita e outras dinâmicas, conforme Darwich (2022). Quanto à leitura, Freire (2008) a destaca enquanto experiência que desafia e promove a transformação do leitor, o qual se sujeita aos acontecimentos por meio de receptividade e abertura, características e efeitos também necessários ao estado de atenção plena.

2.3 Leitura como experiência

Segundo Freire (2008) a literatura oferece às pessoas o material necessário ao entendimento do comportamento, da constituição subjetiva e do psiquismo.

Ainda segundo o autor, a leitura apresenta o ser humano em suas múltiplas facetas, “claras ou obscuras, definidas ou ambíguas, serenas ou intranquilas”, de modo a se relacionar com aspectos da cognição e volição. “A leitura deve ensinar-nos o valor do mutável, dinâmico, inesperado, inédito, rúptil” (Freire, 2008).

A leitura como proposta de experiência proporciona transformação no leitor e, após essa experiência, não é possível ser quem ainda se era, ou seja, ela consegue impactar na percepção e abertura ao mundo, interno ou externo, e também ao outro (Freire, 2008).

A proposta da leitura enquanto experiência, segundo Freire (2008) é explorada e descrita nas obras de Larrosa (1998, 2002). Nestas, tal experiência aproxima-se da visão existencial, associando tal fenômeno à proposta de saída de si mesmo para a alteridade ou diferença, do outro no texto, e à permissão de ser atravessado pelo que vem de fora, tocando o indivíduo. Neste contexto da experiência, o indivíduo “se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura” (Larrosa, 2002).

Em relação à perspectiva de tal experiência, Darwich (2020) discute o prazer proporcionado pelo comportamento continuado e voluntário de ler, através de relações não coercitivas de incentivo a tal prática, o que pode levar a relações sociais mais positivas. Adicionalmente, a mesma autora destaca alguns efeitos psicológicos provenientes da arte literária “leitores podem se tornar mais capazes de empatizar e compreender outras pessoas, bem como mais capazes de compreender e mudar a si próprios” (Oatley, 2016 apud Darwich, 2020, p. 142).

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo, com foco nas percepções subjetivas de catorze mulheres quanto aos resultados da participação no grupo vivencial on-line baseado em *Mindfulness*. Foram realizados dois encontros, um por semana e com duração de duas horas cada, além de propostas de práticas gravadas nas plataformas *Youtube* e *Spotify* e de exercícios para execução em casa, diariamente, durante catorze dias. Outro ponto relevante foi a confecção e envio de apostilas semanais, as quais continham leituras quanto às propostas de práticas da sessão, mas também exercícios de *Mindfulness* e práticas para a semana, além de diários e formulários quanto a autopercepções,

resultados das práticas e vivencias relacionadas ao treino da atenção plena semanal.

Para a formação do grupo, por meio de uma rede social de pesquisa da Universidade da Amazônia, foi compartilhado um convite a mulheres adultas para a composição de um grupo vivencial online com a proposta de prática de *Mindfulness*, favorecedora de maior bem-estar e autopercepção. Neste convite havia um link de inscrição para participação, além de um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), relacionado à pesquisa, e de uma ficha de avaliação quanto ao estado de saúde da possível participante, tal como: presença de doenças crônicas, medicações psiquiátricas, transtornos psiquiátricos em fase aguda, conhecimento sobre práticas de *Mindfulness* ou meditação, bem como hábitos saudáveis e práticas de exercícios físicos.

Após as inscrições e análise do formulário de avaliação, todas as inscritas foram consideradas aptas a participarem do grupo, já que não apresentavam quadros agudos de saúde, ausência de acompanhamento médico em alguma doença ou algum comportamento de risco.

Com isso, este estudo é voltado à opção de catorze mulheres por aceitar o convite de participação no grupo com fins de pesquisa e promoção da saúde, de modo que todas optaram por participar de um grupo de Whatsapp criado com o intuito de fornecer informações, link dos encontros on-line (pela plataforma ZOOM), apostilas com leituras e práticas, bem como os links de formulários para avaliação de resultados.

Os encontros foram baseados nas duas primeiras sessões do roteiro do programa de Promoção da Saúde Baseada em *Mindfulness* (do inglês *Mindfulness-based Health Promotion*, MBHP), descrito e desenvolvido por Demarzo e Garcia-Campayo (2017), com adição de leituras de poemas e textos e ao recorte de rodas de conversa em grupo vivencial. Optou-se por realizar apenas duas sessões do protocolo MBHP de acordo com o conceito de “intervenções breves”, em versão à distância, em resposta à necessidade de pesquisa, ainda sem resultados, descrita por Demarzo e Garcia-Campayo (2017). O quadro 1 apresenta os objetivos e procedimentos de cada encontro em grupo semanal, bem como as propostas de atividades e práticas para o dia a dia ao longo da semana.

Quadro 1 - Objetivos, procedimentos e propostas de atividades das sessões.

Nº da sessão	Objetivos	Procedimentos	Propostas de atividades diárias para a semana
1	-Saindo do Piloto Automático: Perceber o automatismo vivenciado nas atividades rotineiras (possibilidade de escolhas conscientes e autopercepção). -Compreender o estado Mindfulness de forma vivencial. -Perceber a prática de Mindfulness em relação à Promoção da Saúde.	-Apresentação do programa, membros do grupo e expectativas. -Prática da uva Passa, relatos de vivência e conversa sobre "O que é Mindfulness". -Prática do escaneamento corporal e partilha de experiências. -Leitura de Texto "A casa de Hóspedes" de Rumi.	-Leitura da Apostila. -Prática do escaneamento corporal (Spotify/Youtube). -Prática informal: Início de uma refeição em estado Mindfulness. -Preenchimento do diário de práticas. Perceber as experiências (emoções, pensamentos e sensações) por meio
		-Fechamento e atividades para os dias da semana.	das práticas e reações a estas. -Exercício: 9 pontos.
2	Mindfulness do Corpo: -Vivenciar a respiração como âncora da atenção. -Mindfulness como auxílio no dia a dia (dinâmica). -Explorar os desafios durante a prática de Mindfulness.	-Abertura com prática do escaneamento corporal e relatos de experiências. -Vivências da semana e cinco desafios. -Dinâmica do 1º e 2º sofrimento. -Orientações para	-Leitura da Apostila. -Prática do escaneamento corporal e respiração (Spotify/Youtube). -Prática informal: escovar os dentes com atenção plena. -Preencher diário de práticas. Perceber as experiências

	-Reconhecer a consciência corporal e a importância do corpo para a Promoção da Saúde. -Notar o diálogo mental (“cognição”) e desenvolver habilidades metacognitivas para a Promoção da Saúde Mental (autopercepção, autonomia e autoeficácia)	práticas e posturas. -Exercício “Explorando a respiração” e prática da atenção plena na respiração com partilha de vivências. -Texto “Autobiografia em Cinco Capítulos” de Portia Nelson. -Fechamento, reflexão das sessões e atividades para os dias da semana.	(emoções, pensamentos e sensações) por meio das práticas e reações a estas. - Preencher o diário de eventos prazerosos. - Propor mudança de hábito.

Fonte: Elaboração própria.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Dentre os formulários enviados às inscritas, os dois primeiros foram considerados obrigatórios para a participação no grupo. Além dos formulários de avaliação inicial e TCLE para a inscrição, foram enviados formulários após o término de cada sessão de grupo para avaliação e acompanhamento dos resultados. A proposta de realização das leituras presentes nas apostilas semanais e preenchimento dos formulários 3, 4 e 5 foi alinhada à perspectiva de uma abordagem não coercitiva (Darwich, 2020) e, portanto, não era obrigatória, mas apenas um convite para o bom andamento da pesquisa. Desta forma, as participantes eram convidadas a realizar as leituras, exercícios e relatos de vivencia de modo livre e coerente com a vontade e necessidade de cada uma. Os três últimos formulários, portanto, foram elaborados para o acompanhamento reflexivo das experiências, atividades e avaliações das participantes em relação às sessões e propostas para o dia a dia. O quadro 2 apresenta todos os formulários elaborados e enviados às participantes, bem como o objetivo de cada um no presente estudo.

Quadro 2 – Formulários e instrumentos utilizados na pesquisa junto aos participantes.

Nº do formulário	Descrição do Formulário	Objetivos
1	Informações pessoais	-Realizar a inscrição da participante (informações pessoais). -Selecionar as inscritas através da análise de riscos e condições de saúde que permitam ou não a participação no grupo. -Registrar alguns hábitos, necessidades e expectativas das participantes. *Preenchimento necessário à inscrição.
2	TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido)	Informar as participantes acerca da pesquisa e procedimentos do Programa de Mindfulness em Grupo e Online. Além de destacar a aprovação no conselho de ética. *Preenchimento necessário à inscrição.
3	Reflexões iniciais da sessão 1	-Coletar dados quanto às reflexões sobre as vivências e percepções da participante acerca de suas experiências na primeira sessão do programa de Mindfulness.
4	Reflexões da sessão 2	-Coletar dados quanto às vivências e percepções da participante acerca de suas experiências na segunda sessão do programa de Mindfulness.
5	Reflexões da prática diária (Acompanhamento)	- Coletar dados quanto às vivências e percepções da participante acerca de suas experiências após um mês do programa de Mindfulness.

Fonte: Elaboração própria.

Percebeu-se que a não obrigatoriedade e coerção reduziram a quantidade de respostas formais dos formulários. No entanto, observou-se que muitas das participantes se sentiram mais livres e confortáveis para fornecer relatos

reflexivos de vivência e resultados das práticas no grupo de *Whatsapp* e durante o próprio encontro do grupo.

Através do quadro 3 abaixo, é possível observar os resultados quanto ao preenchimento do primeiro formulário, o único que apresentou um formato mais parecido a um questionário, menos reflexivo. Também é possível observar a quantidade de respostas obtidas.

Quadro 3 – Formulário 1 com informações pessoais.

Tópicos abordados	**Aspectos analisados**	**Quantidade de participantes respondentes**
Informações Complementares	Doença crônica	6
	Pratica atividade física?	9
	É sedentário?	6
	Alimentação saudável	10
	Prática de meditação / yoga	6
Aspectos de Interesse no programa	Maior equilíbrio /pensamentos	6
	Maior equilíbrio /ações e vida	12
	Curiosidade	0
Conhece ou pratica de Mindfulness?	Conselhos	2
	Apenas conheço	8

Através do quadro 3, pode-se compreender que um pouco menos da metade das participantes apresenta doenças crônicas. Dentre as catorze participantes, um pouco mais da metade pratica atividades físicas, dez pessoas apresentam alimentação saudável e seis já realizaram ou ainda praticam meditação e/ou yoga. Com relação ao interesse e expectativa no grupo, observa-se com maior intensidade a busca por maior equilíbrio para as ações praticadas na vida diária. Por fim, em relação à temática de Mindfulness, a maioria já tem conhecimento, sendo que algumas relataram ter alguma prática esporádica de meditação.

Os demais formulários não serão detalhados em formato de quadros por serem de caráter qualitativo e conter textos com reflexões dos participantes. Como se trata de uma pesquisa com objetivo de análise qualitativa de vivências e reflexões, optou-se por descrevê-las, de modo resumido, nos próximos parágrafos.

Através das reflexões provenientes do preenchimento dos formulários 3 e 4, após o início das práticas, as participantes relataram observações mais conscientes de comportamentos, emoções e pensamentos, além de atitudes de aceitação, não julgamento, foco no presente e curiosidade às experiências, correspondente a uma autopercepção mais acurada e maior bem-estar. Tais observações podem ser correlacionadas com o princípio dos programas de Intervenção em *Mindfulness* no desenvolvimento de autonomia, autoeficácia e empoderamento, aspectos importantes no conceito mais atual de promoção da saúde, expandindo tal prática a desdobramentos que indiquem empoderamento comunitário através da melhoria das relações sociais e cultivo de atitudes compassivas e empáticas.

No que tange a reflexão direta a respeito das práticas realizadas no grupo, a grande maioria relatou ter sido uma boa experiência. Enquanto muitos relataram relaxamento na prática de escaneamento corporal, uma participante relatou que inicialmente foi ótima, mas, após um tempo, percebeu desconfortos. Já a prática da uva passa foi percebida, pela maioria, como uma vivência boa ou excelente, além de ter despertado surpresa e ter sido diferente, por sentir sensações que até então não eram percebidas no ato de se alimentar. Ainda em relação a essa prática, um comentário foi ter sido possível demonstrar e vivenciar, claramente, a ansiedade que a acompanha, já que a participante percebeu “certa agonia” para comer logo o alimento.

Sobre as atitudes mentais treinadas nas práticas, a que mais foi cultivada, segundo as respostas do formulário 4, foi a atitude de aceitação, seguido pelo estado de atenção (foco) e, em seguida, o cultivo da observação curiosa e aberta a cada momento.

Dentre os desafios enfrentados nas práticas foram relatados principalmente a sonolência, inquietação e os desejos (necessidade de sentir sensações específicas). Tais desafios são esperados durante as práticas, sobretudo para os praticantes iniciais.

Muitas participantes relataram não ter conseguido fazer o exercício dos nove pontos e preencher o diário de práticas, o que despertou uma possibilidade de melhoria nesse aspecto. Possivelmente, adotar um preenchimento que não seja em papel ou trazer a sugestão para anotação no celular seria algo importante. No entanto, muitas relataram ter conseguido realizar as práticas informais diariamente.

Em relação à participação no grupo, todos relataram ter sido uma ótima experiência e, segundo alguns membros, o encontro foi enriquecedor e capaz de gerar aprendizados e esclarecer algumas curiosidades sobre a temática, além de comentários de agradecimento pela oportunidade.

Por fim, em relação ao formulário de manutenção, após um mês do grupo, embora tenha sido respondido por apenas três participantes, duas destas relataram ter conseguido manter as práticas de *Mindfulness*, sendo que uma considerou não ter praticado como deveria. Além disso, no que tange as mudanças nas experiências de vida com as práticas de *Mindfulness* todas elas relataram ter vivenciado boas experiências, com aumento do nível de consciência, necessidade em viver a prática, melhora na rotina e um estado mental mais calmo e paciente.

Outro ponto a ser destacado e observado na elaboração da presente pesquisa e grupo de *Mindfulness* é o custo-benefício da proposta em questão e viabilidade de trabalho em maior escala na Atenção Primária à Saúde. Além do procedimento poder ser utilizado para outros grupos em torno de 15 a 20 pessoas, é relevante destacar que as práticas permanecem gravadas nas plataformas de mídias digitais e podem ser acessadas durante e após os grupos, além de ter sido bem aceitas e avaliadas como ferramentas úteis para execução das práticas sem a presença do instrutor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de programa breve, em duas semanas, e em formato on-line de *Mindfulness*, junto a leituras e exercícios para casa, pode ser considerada como uma pesquisa inovadora e desafiadora, já que utilizou-se da leitura de textos em formato vivencial e não coercitivo, além do fato de ainda não ser comum intervenções tão breves e por ainda não ter sido bem explorada pelos autores do programa de Promoção da Saúde Baseada em *Mindfulness* (do inglês Mindfulness-based Health Promotion, MBHP), descrito por Demarzo e Garcia-Campayo (2017).

Este estudo de integração das práticas de *Mindfulness* aos grupos vivenciais, com leituras, em formato on-line, mostrou-se como uma possibilidade de intervenção breve e com bom custo-benefício para a experiência de bem-estar através da autopercepção e desenvolvimento do estado de atenção plena pelos membros do grupo. Além de desafiadora, esta proposta mostra-se não apenas como uma possibilidade de desenvolvimento de autonomia, autoeficácia e empoderamento de mulheres, mas também como proposta de melhoria das relações sociais e promoção de saúde e bem-estar na esfera individual e comunitária.

Através deste estudo, percebe-se que este formato de grupo de *Mindfulness*, breve e mediado pela internet, mostra-se como possibilidade de treino do estado de consciência no presente, provendo o cultivo de habilidades para o possível desenvolvimento de bem-estar e saúde.

REFERÊNCIAS

DARWICH, Rosângela Araújo et al. *Prazer em ler e formação de leitores: uma abordagem analítico-comportamental.* Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 72, n. 2, p. 141-154, 2020.

DARWICH, Rosângela Araújo. Grupos vivenciais: método vivencial em pesquisas mediadas pela internet. In: LEITE, A. M. P.; LEAL, B. S.; GHIZONI, L. D.; DARWICH, R. A. (Orgs.). *Inspirações metodológicas em contextos amazônicos.* Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2022, p. 211-235.

DEMARZO, Marcelo Marcos Piva. *Meditação aplicada à saúde. Programa de Atualização em Medicina de Família e Comunidade.* Porto Alegre: Artmed, v. 6, p. 1-18, 2011.

DEMARZO, M. M. P.; CAMPAYO, J. G. *Manual prático-Mindfulness*. Curiosidade e Aceitação, v. 1. São Paulo: Palas Athena, 2015.

DEMARZO, M.; GARCIA-CAMPAYO, J. Mindfulness aplicado à saúde. In: AUGUSTO, D. K; UMPIERRE, R. N. (Org.). *Programa de Atualização em Medicina de Família e Comunidade (SBMFC)*. Porto Alegre: Artmed Panamericana, 2017, p. 125-64.

FREIRE, José Célio. *Literatura e psicologia*: a constituição subjetiva por meio da leitura como como experiência. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 60, n. 2, p. 2-9, 2008.

KABAT-ZINN, Jon. *Mindfulness-based interventions in context*: Past, present, and future. Clinical Psychology: Science and Practice, v. 10, p. 144-156, 2003. Disponível em: https://psycnet.apa.org/record/2003-03824-002. Acesso em: 20 mai. 2023.

LARROSA, Jorge. *La experiência de la lectura*. Barcelona: Laertes, 1998.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan.-abr. 2002.

MARTÍ, A. C.; GARCIA-CAMPAYO, J.; DEMARZO, M. *Mindfulness e Ciência*: Da tradição à modernidade. 1ª edição. São Paulo, SP: Editora Palas Athena, 2016.

MOUZINHO, L. et al. *Contribuições do Mindfulness às condições médicas*: uma revisão de literatura. Psicologia: Saúde & Doenças. Lisboa, v. 19, n. 2, p. 182-196, 2018.

SANTOS, Micheli Aparecida Gomes dos. Resenha: *A Prática da terapia cognitivo-comportamental baseada em Mindfulness e aceitação*. Psicologia em Revista, v. 18, n. 3, p. 527-530, 2012.

LITERATURA AMAZÔNICA NA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL: UMA PROPOSTA DECOLONIAL NA SUPERAÇÃO DE PENSAMENTOS DISFUNCIONAIS[1]

AMAZONIAN LITERATURE IN COGNITIVE-BEHAVIORAL THERAPY: A DECOLONIAL PROPOSAL IN OVERCOMING DYSFUNCTIONAL THOUGHTS

LITERATURA AMAZÓNICA EN LA TERAPIA COGNITIVO-CONDUCTUAL: UNA PROPUESTA DECOLONIAL PARA SUPERAR PENSAMIENTOS DISFUNCIONALES

Ingridi Nascimento Batista[2]
Rosângela Araújo Darwich[3]
José Guilherme de Oliveira Castro[4]

Resumo: Este estudo investigou a validade da utilização, pela TCC, de obras literárias que possuem o seu foco nas pessoas da Amazônia enquanto ferramenta de apoio durante o processo de reestruturação cognitiva dos pacientes de forma decolonial, coerente com a realidade em que se encontram inseridos. Considerando que a ressignificação de pensamentos disfuncionais é uma estratégia específica dentro do processo mais amplo de reestruturação cognitiva, objetivamos investigar a coerência teórica que pode ser traçada entre avanços na ressignificação de pensamentos e a utilização de obras literárias de autores regionais. A metodologia utilizada neste trabalho é de natureza qualitativa, através de pesquisa bibliográfica, são apresentados conceitos característicos da TCC e de decolonialidade, assim como obras de autores amazônidas que favorecem a compreensão de possibilidades de resistência a imposições sociais sobre a identidade regional em nível coletivo e pessoal.

Palavras-chave: Terapia Cognitivo-Comportamental; pensamentos disfuncionais; literatura amazônica; decolonialidade.

Abstract: This study investigated the validity of CBT's use of literary works that focus on people from the Amazon as a support tool during the process of cognitive restructuring of patients in a decolonial way, consistent with the reality

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho St4 - (IN) VISIBILIDADES ARTE-CIÊNCIA: entrelaçamentos entre literatura e psicologia do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Graduada em Letras Português-Inglês Pela FIBRA, atualmente cursando o programa de mestrado em Comunicação, Linguagem e Cultura do PPGCLC na UNAMA e-mail: ingridi.nb1@gmail.com orcid: 0009-0001-6683-1945

[3] Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento. Professora do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia. E-mail: rosangeladarwich@yahoo.com.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7325-9097.

[4] Doutor em Estudos Literararios PELA PUCRS. Mestre em Teoria Literária pela PUCRS. Professor dos cursos de Letras e de Psicologia da Unama. Professor do Programa de Pós graduação Em Comunicação, Linguagens e Cultura da Unama E-mail: jgpsico.letras@gmail ORCID: 0000 0003 3602 7734

in which they are inserted. Considering that the reframing of dysfunctional thoughts is a specific strategy within the broader process of cognitive restructuring, we objectively investigated the theoretical coherence that can be traced between advances in reframing thoughts and the use of literary works by regional authors. The methodology used in this work is of a qualitative nature, through bibliographical research, characteristic concepts of the TCC and decoloniality are presented, as well as works by Amazonian authors that favor the understanding of possibilities of resistance to social impositions on regional identity at a collective level it's personal.

Keywords: Cognitive-Behavioral Therapy; dysfunctional thoughts; Amazonian literature; decoloniality.

Resumen: Este estudio investigó la validez del uso por parte de la TCC de obras literarias que se centran en personas de la Amazonia como herramienta de apoyo durante el proceso de reestructuración cognitiva de los pacientes de manera descolonial, consistente con la realidad en la que están insertos. Considerando que el replanteamiento de pensamientos disfuncionales es una estrategia específica dentro del proceso más amplio de reestructuración cognitiva, investigamos objetivamente la coherencia teórica que se puede rastrear entre los avances en el replanteamiento de pensamientos y el uso de obras literarias de autores regionales. A metodologia utilizada neste trabalho é de natureza qualitativa, por meio de pesquisa bibliográfica, são apresentados conceitos característicos do TCC e de decolonialidade, assim como obras de autores amazônicos que favorecem a compreensão de possibilidades de resistência a imposições sociais sobre a identidade regional em nível coletivo Es personal.

Palabras clave: Terapia Cognitivo-Conductual; pensamientos disfuncionales; literatura amazónica; descolonialidad.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo visa estudar a fusão entre a rica tradição literaterária amazônica e os fundamentos da Terapia Cognito-comportamental (TCC) enquanto proposta terapêutica inovadora e seus potenciais benefícios para tratar pensamentos disfuncionais que assolam os pacientes dessa região de aneira decolonial.

A junção dessas duas áreas que a priori parecem ser distintas na verdade nos levou a conclusões bastante proveitosas, a literatura amazônica e suas representações, sua diversidade linguística, cultural, e ecolóica e a TCC com a sua abordagem que visa identificar padrões de pensamentos e ressignificá-los nos fazem questionar como os elemento culturais de um são capazes de enriquecer as técnicas terapêuticas do segundo.

O objetivo geral deste artigo é buscar a possibilidade de integração entre a literatura amazônica e a Terapa Cognitivo-Comportamental como uma abordagem de enfrentamento d pensamentos disfuncinais através de uma perspectiva decolonial durante o processo da psicoterapia. Para atingirmos esse objetivo, foram seguidos os seguintes objetivos específicos:

1. Analisar os temas recorrentes na literatura amazônica que refletem questões sócio-culturais e ambientais da região.
2. Investiar os princípios fundamentais da Terapia Cognitivo-Comportamental
3. Explorar as possíveis conexões entre os temas literários amazônicos, os conceitos terapêuticos da TCC e teorias decolonias, visando a identificação de paralelos e sinergias.
4. Identifiar e explorar teorias decoloniais e a sua aplicabilidade e importância na inegraão literatura-TCC.

A hipótese é como a utilização das mais diversas formas encontradas na literatura amazônica (narrativas, poesias, contos e etc.) podem oferecer um plataforma ria e um ponto de vista decolonial capaz de abordar e ressignificar pensamentos disfuncionais, como a mistura de perspectvas culturais e terapêuticas é capaz de enriquecer a compreensão do profissional da saúde em relação aos seus paciente e as preocupações que os assolam enquanto vítimas da colonização massacrante que perdura, promovendo insight e transformções cognitivas profundas e significativas para o seu melhor viver.

A pergunta norteadora deste estudo é: Como a incorporação de elementos da literatura amazônica na Terapia Cognitivo-Comportamental é capaz de contribuir para a superação de pensamentos disfuncionais de forma decolonial para o melhor viver do homem da amazônia?

Através da resposta para essa pergunta é que buscamos compreender a eficácia dessa abordagem híbrida que leva em consideração a arte produzida no mesmo espaço de vivência dos pacientes equão importante ela se faz para que possamos ser capazes de desfazer com os pensamentos de fronteira.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Terapia cognitivo-comportamental (TCC)

A terapia cognitivo-comportamental (TCC) fundamenta-se na proposta de

que as nossas emoções e os nossos comportamentos entrelaçam-se e influenciam-se mutuamente, posto isto, o seu objetivo encontra-se em identificar e ser capaz de modificar os padrões de pensamentos existentes em pacientes que encontram-se em sofrimento psíquico “A ênfase de formas problemáticas de pensamento e enfrentamento e a subsequente sugestão de que deve haver uma alternativa é o princípio central de todas as abordagens em TCC” (LEAHY, p.9, 2017).

Um dos nomes centrais da TCC, Judith S Becker, nos apresenta o “Princípio n°4” que nos fala sobre a importância do profissional procurar informar-se acerca dos princípios que regem a vida de seus pacientes para melhor adaptabilidade do processo terapêutico, já que, por vezes, “Seus clientes podem diferir de você em muitos aspectos além da cultura, incluindo idade, orientação religiosa ou espiritual, etnia, condição socioeconômica incapacidades, gênero identidade sexual e orientação sexual” (BECK, 2022, p.18,). É o que buscamos através da proposta deste artigo, propor que, para que haja um tratamento mais efetivo do homem amazônida é preciso compreender a realidade a ele imposta e conseguir ressignificá-la a fim de identificar seus esquemas de pensamento, questionar sua validade na realidade em que está inserido e substituí-lo por pensamentos mais construtivos.

Robert L. Leahy em seu livro "Técnicas de Terapia Cognitiva: manual do terapeuta” fornece um guia prático de usos de técnicas específicas que endossam a importância da ação individual, destacando a formulação de cada caso de forma única em si (endossando o que foi proposto por Beck), envolvendo a análise detalhada das crenças e pensamentos disfuncionais de cada paciente. São esses pensamentos que enquanto disfuncionais ajudam a manter e alimentam a psicopatologia ativa na mente do cliente, como por exemplo a depressão e a ansiedade, “Enfatizar a mudança – engajar o paciente na busca de alternativas – é o antídoto principal para o desamparo e a falta de esperança” (LEAHY, p.9, 2017).

Dentre tantas abordagens a TCC foi escolhida para este trabalho justamente pelo seu cunho empírico e a sua natureza prática e estruturada, capaz de integrar conceitos de pensamento ao comportamento, alta adaptabilidade que é capaz de fornecer ferramentas valiosas para que os pacientes sejam capazes de lidar com as suas condições de forma individual e reconstruindo assim o seu viver de forma mais satisfatória e funcional.

2.2 O pensamento decolonial

A proposta do pensamento decolonial apresentada a seguir pode ser uma grande aliada da TCC no que diz respeito à superação dos pensamentos disfuncionais por ser uma perspectiva crítica em relação à ação persistente e massacrante dos efeitos do colonialismo tão significativos na existência do homem do norte do Brasil, e por justamente levar em conta e respeitar a diversidade cultural, enfatizando a luta pelo respeito das mais diversas existências.

Boaventura da Silva Santos em “Para além do pensamento abissal: Das linhas Globais. Uma Ecologia dos saberes” (2013) nos fala sobre a necessidade de superarmos o que ele vem a chamar de “pensamento abissal” que exclui e marginaliza todo o conhecimento produzido também no ocidente, porém advindos dos colonizadores, é como se houvessem dois ocidentes, em que um lado da linha estivesse o que é válido e deve ser tido enquanto válido e norteador de viveres, e do outro, o excluído, marginalizado”, explica,

> Este lado da linha só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante. Para além dela há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialéctica. Para dar um exemplo baseado no meu próprio trabalho, tenho vindo a caracterizar a modernidade ocidental como um paradigma fundado na tensão entre a regulação e a emancipação social. 3 Esta distinção visível fundamenta todos os conflitos modernos, tanto no relativo a factos substantivos como no plano dos procedimentos. Mas subjacente a esta distinção existe uma outra, invisível, na qual a anterior se funda. Esta distinção invisível é a distinção entre as sociedades metropolitanas e os territórios coloniais. De facto, a dicotomia regulação/emancipação apenas se aplica a sociedades metropolitanas. Seria impensável aplicá-la aos territórios coloniais. Nestes aplica-se uma outra dicotomia, a dicotomia apropriação/violência que, por seu turno, seria inconcebível aplicar deste lado da linha. (BOAVENTURA S. S., p. 29-30, 2013).

Em "Local histories/Global designs: coloniality, subaltern knowledges, and border thinking" de Walter Mignolo (2012) também encontramos contribuições valiosas para a melhor compreensão de como se constrói a dinâmica entre o colonial e o pós colonial, destacando que o autor chama de “*border thinking*” (pensamento de fronteira), esse conceito, assim como o de Boaventura (2013), nos apresenta a necessidade de ruptura com o conhecimento eurocêntrico e colonialista que tem ditado as regras no mundo moderno colonial/pós-colonial e que só contribui para a marginalização das diferentes formas de compreensão existentes, buscando assim reestruturar as estruturas de poder tirando o colonizador do cerne e validando

a história, a linguagem, o conhecimento e o saber das vozes subalternas. *"This border thinking and double critique are the necessary conditions for am 'other thinking' a thinking that is no longer conceivable in Hegel's dialectic but located at the border of coloniality of power in the modern world system"*[5] (MIGNOLO, p. 67, 2012).

Através dos conceitos apresentados, o terapeuta através de uma abordagem decolonial podem ser capazes de manter um diálogo de forma mais igualitária com os seus pacientes, levando em consideração os impactos do colonialismo em suas vidas e o seu legado para a sua história através dos anos que podem que podem ter levado à disfunções de pensamentos especialmente no mundo pós-moderno em que vivemos, reconhecendo a necessidade de que haja uma ruptura com o eurocentrismo e a ascensão da valorização dos conhecimentos locais, no caso do presente trabalho, do conhecimento gerado na Amazônia pelo povo que aqui reside.

2.3 Biblioterapia

A biblioterapia é uma abordagem terapêutica que pode vir a ser valiosa durante o processo da TCC (auxiliando, e não substituindo a terapia) pela busca do bem-estar emocional, reflexão pessoal e crescimento psicológico do paciente através de uma psicoeducação, sendo uma forma de terapia não convencional que direciona os leitores à livros que os conectem com as suas realidades, como uma forma de catarse, com personagens que os ajudem a refletir sobre a sua própria existência, emoções, seus conflitos internos e etc., assim como a percepção de diferentes realidades. Através de um livro, pode-se muita coisa, inclusive expandir a nossa visão sobre o mundo e fortalecer o nosso emocional.

[5] "Este pensamento fronteiriço e esta dupla crítica são as condições necessárias para um 'outro pensamento', um pensamento que já não é concebível na dialética de Hegel, mas localizado na fronteira da colonialidade do poder no sistema mundial moderno".

No livro "Farmácia Literária: mais de 400 livros para curar males diversos, da depressão e dor de cabeça a coração partido", de Ella Berthoud e Susan Elderkin, a biblioterapia é apresentada como um recurso valioso para enfrentar uma variedade de questões psicológicas e emocionais as autoras nos sugerem uma lista extensa de livros que podem auxiliar durante esse processo, que não deixa de ser a proposta deste artigo, apresentar obras de autores nortistas que podem vir a auxiliar a população que aqui reside e que encontra- se em sofrimento psíquico. Como exemplificado pelas autoras:

> Xenofobia
>
> Se você se pegar temendo ou mesmo odiando pessoas de outros países, banhe-se nesses livros originários de locais estrangeiros. Escritos por autores nativos dos lugares onde são ambientados, revelam a igualdade essencial de todos nós sob a pele e vão lembra-lo da humanidade compartilhada também por todos nós.
>
> Os melhores livros para curar xenófobos. Ver: amor DAVID GROSSMAN, sua resposta vale um bilhão VIKAS SWARUP, o 11° mandamento ABRAHAM VERGHESE (Berthoud. E., Elderkin S., p. 358, 2021).

A leitura de obras literárias pode ter um impacto profundo na vida de quem as lê, encontrando consolo e diferentes perspectivas para que se possa enfrentar a vida através das narrativas ficcionoais, promovendo o sentimento de pertencimento e alívio por mais que o paciente ainda esteja galgando o seu caminho de “cura” durante o processo da TCC especialmente no contexto da superação e ressignificação de pensamentos disfuncionais pois é através da catarse entre leitor e obra que vêm a sensação de validação e normalização de suas experiências emocionais, sociais e etc., ao perceber que todos nós enfrentamos lutas diárias, cresce a esperança no em relação ao processo terapêutico. Daí a importância da biblioterapia enquanto terapia alternativa, a exposição à diferentes realidades, especialmente para aqueles que tendem ao isolamento.

3 METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa apoiada no referencial da literatura, psicologia e estudos pós-coloniais e descolonizaçãodo conhecimento, através do levantamento bibliográfico. Visto que a análise compreensivo-interpretativa das obras investigadas em diferentes fontes, e aproximando-o modelo dos aportes teórico-epistemológicos que dentre os tipos de pesquisa que preferencialmente optou-se

por uma metodologia utilizada foi a análise textual comparativa, que consiste em identificar as semelhanças e as diferenças entre as obras selecionadas, levando em conta os aspectos formais, temáticos e contextuais delas.

As fontes utilizadas neste trabalho foram as próprias obras analisadas, bem como textos críticos e teóricos sobre elas e sobre os seus autores. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica com foco no acervo cultural e epistemológico existente, já que uma pesquisa bibliográfica consiste em ser também descritiva, podendo ser definida como aquela que “observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los” (JARDILINO, ROSSI, SANTOS, 2000).

A pesquisa bibliográfica implica em que os dados e informações necessárias sejam obtidos a partir do levantamento de autores especializados através de livros, artigos científicos e revistas especializadas,entre outras fontes. “A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos” (CERVO; BERVIAN, 1996). Em outras palavras, quando os dados coletados são oriundos da “própria bibliografia”, significa que a técnica utilizada para elaboração do tema em desenvolvimento é a pesquisa quantitativa (TOZONI- REIS, 2009).

4. DISCUSSÃO

4.1 A Literatura Amazônica, o reconhecimento e a superação

Ao utilizar obras que dizem respeito à realidade do homem amazônida, durante a TCC com apoio da biblioterapia, o terapeuta é capaz de compreender a realidade em que o seu paciente está inserido, por mais que não seja condizente com a sua própria, assim como a pluralidade que é a região amazônica, formada pelos mais diversos povos ditos marginalizados: quilomboloas, ribeirinhos, indígenas e etc., e é através de obras que os representam e trazem a perspectiva de personagens aqui ambientados que a terapia pode se tornar muito mais efetiva do que através d emétodos tão distantes da realidade dos clientes.

Para citar alguns exemplos de obras a serem utilizadas temos “Cidade Ilhada” de Milton Hatoum (2009) uma coletânea de contos que traz relances de tramas vividas pelo autor enquanto manauara, que cresceu em meio à toda essa diversidade supracitada em que várias nacionalidades, etnias, e condições sociais convergem, como no trecho do conto a seguir intitulado “Uma estrangeira da nossa rua:

> Andavam sempre juntas, e sempre escoltadas pelo pai: o engenheiro Doherty. Diziam que ele era inglês ou irlandês, e a verdadeira nacionalidade permaneceu um mistério. Eu pensava que Alba, a mãe, fosse amazonense, pois suas feições indígenas eram familiares; mas a manicure de tia Mira contou que Alba era peruana, e só depois entendi que a língua, e não a nacionalidade, nos define (Hatoum, p.14, 2009).

O escritor Bruno de Menezes (1984), nascido na capital paraense e autor da célebre obra "Batuque" nos apresenta, além de vários temas, a africaneidade e a religiosidade do homem negro do norte, tão marginalizado e resistente, sempre lutando contra tudo e contra todos para manter a sua ancestralidade viva, como no trecho a seguir do poema "Alma e ritmo da raça":

> A carne transpira... e o almíscar da raça É o cheiro 'malino' que sai da mulata.
> O banjo faz solo no fim do banzeiro:
>
> - Lundús choradinhos batuques maxixes.
>
> E os braços se agitam, se afligem batendo, As coxas se apertam se alargam e se roçam Os pés criam asas voando pousando. (Menezes, p. 23, 1984).

O autor Thiago de Mello (2014), também nortista, nos presenteou com o livro de poemas "Faz escuro, mas eu canto", a fim de nos apresentar a sua criação artística que reflete a época em que ele foi preso no Rio de Janeiro após o golpe da ditadura militar ser deflagrado em 1964, em seu poema "Os estatutos do homem" vemos a esperança brotar daquele que em sofrimento havia se encontrado.

> Fica decretado que a partir desse instante, Haverá girassóis em todas as janelas, Que os girassóis terão direito
> A abrir-se dentro da sombra;
>
> E que as janelas devem permanecer, o dia inteiro, Abertas para o verde onde cresce a esperança. (Mello, p.19, 2014).

Seja através de narrativas ficcionais, contos, poemas e as mais diversas formas de expressão literária, se utilizadas e direcionadas corretamente mediante à necessidade e a individualidade de cada paciente, acredita-se que possa vir a ocorrer uma maior eficácia no que diz respeito ao tratamento dos pensamentos disfuncionais, posto todas as colocações aqui referidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A biblioterapia é de grande relevância enquanto tratamento auxiliar durante o processo da TCC e esta por conseguinte aliada aos conceitos de decolonialidade, juntas, podem resultar em um tratamento muito mais efetivo ao reconhecerem todas as mazelas que assolam a vida não somente do homem nortista, como a do nordestino e assim por diante o importante é que cada individualidade, vivência, crença, tudo o que envolve o viver do paciente seja levado em consideração, respeitado, e resulte em um tratamento mais humanizado que possa vir a ser mais efetivo na batalha contra os pensamentos disfuncionais, que em seu histórico podem acarretar todas as consequências de uma colonização que surgiu para querer apagar a multiculturalidade existente em nosso país.

REFERÊNCIAS

BERTHOUD, E; ELDERKIN, S. *Farmácia literária: mais de 400 livros para curar males diversos, da depressão e dor de cabeça a coração partido*. Tradução Cecilia Camargo Bartalotti. 3 ed. São Paulo: Editora Versus, 2016.

HATOUM, M. *A cidade ilhada*. São Paulo: Editora Companhia de bolso, 2014.

LEAHY, R. *Técnicas de Terapia Cognitiva*: manual do terapeuta. 2 ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2018.

MELLO, T. *Faz escuro mas eu canto*. 1 ed. São Paulo: Editora Global, 2017.

MENESES, M.; SANTOS, B. *Epistemologias do sul*. 1 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2017.

MENEZES, B. *Batuque*. 6 ed. Belém: Imprensa Oficial, 1984.

MIGNOLO, W. *Local histories/Global designs:* coloniality, subaltern knowledges, and border thinking. Revised ed. Editora PrincetonUniversity Press, 2000.

TOZONI-REIS, M. *Educação ambiental:* natureza, razão e história. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2009.

MUNDO BANI NO NORTE E NO SUL GLOBAL: UM ESTUDO COMPARATIVO INTERNACIONAL[1]

BANI WORLD IN THE GLOBAL NORTH AND SOUTH: AN INTERNATIONAL COMPARATIVE STUDY

EL BANI MUNDIAL EN EL NORTE Y EL SUR GLOBALES: UN ESTUDIO COMPARATIVO INTERNACIONAL

Cinthya Souza Simas[2]
Rosângela Araújo Darwich[3]

Resumo: Este estudo de campo mediado pela internet objetiva refletir acerca de perspectivas de estudantes universitários do Norte e do Sul Global acerca da noção de mundo BANI (“Frágil, “Ansioso”, “Não Linear” e “Incompreensível”) (CASCIO, 2020). Seis participantes nativos da Alemanha, Espanha e Portugal, (Norte Global), e do Brasil, Egito e Índia (Sul Global), responderam a um questionário online. Para análise dos dados foi utilizada a metodologia de análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Verificamos que o conceito de mundo BANI, originalmente desenvolvido para explicar a contemporaneidade no Norte Global, teve suas características percebidas de forma mais concreta nas respostas dos participantes do Sul Global. Isso contribui para uma compreensão mais ampla das complexidades do mundo moderno, enriquecendo a reflexão sobre interações entre sociedade e espaço em ambientes globalmente interligados, ao mesmo tempo que convida a novos questionamentos.

Palavras-chave: Mundo BANI; Norte e Sul Global, internet; psicologia; literatura.

Abstract: This internet-mediated field study aims to reflect on the perspectives of university students from the Global North and South on the notion of the BANI world ("Brittle, "Anxious", "Non-linear" and "Incomprehensible") (CASCIO, 2020). Six native participants from Germany, Spain and Portugal (Global North), and Brazil, Egypt and India (Global South), answered an online questionnaire. Content analysis methodology was used to analyze the data (BARDIN, 2011). We found that the BANI world concept, originally developed to explain contemporaneity in the Global North, had its characteristics perceived more concretely in the responses of participants from the Global South. This contributes to a broader understanding of the complexities of the modern world, enriching reflection on interactions between society and space in globally interconnected environments, while inviting new questions.

---

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST4 - (IN)VISIBILIDADES ARTE-CIÊNCIA: entrelaçamentos entre literatura e psicologia do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Graduanda em Psicologia, Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: cinthya.simas.psicologia@gmail.com. ORCID: 0000-0003-4168-291X.

[3] Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento (UFPA). Professora do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia. E-mail: rosangeladarwich@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0001-7325-9097.

Keywords: BANI world; Global North and South, internet; psychology; literature.

Resumen: Este estudio de campo mediado por Internet pretende reflexionar sobre las perspectivas de estudiantes universitarios del Norte y el Sur Globales acerca de la noción de mundo BANI ("Frágil, "Ansioso", "No lineal" e "Incomprensible") (CASCIO, 2020). Seis participantes nativos de Alemania, España y Portugal (Norte Global) y Brasil, Egipto e India (Sur Global) respondieron a un cuestionario en línea. Se utilizó la metodología de análisis de contenido para analizar los datos (BARDIN, 2011). Descubrimos que el concepto de mundo BANI, desarrollado originalmente para explicar la contemporaneidad en el Norte Global, tenía sus características percibidas de forma más concreta en las respuestas de los participantes del Sur Global. Esto contribuye a una comprensión más amplia de las complejidades del mundo moderno, enriqueciendo la reflexión sobre las interacciones entre sociedad y espacio en entornos globalmente interconectados, al tiempo que invita a plantearse nuevas preguntas.

Palabras clave: Mundo BANI; Norte y Sur Global, internet; psicología; literatura.

1. INTRODUÇÃO

A divisão do planeta entre Norte e Sul Global representa diferenças entre as economias dos Estados Unidos, Canadá e Europa, Austrália e Nova Zelândia, e aquelas de países de baixa e média renda, localizados na África, Ásia, América Latina e Caribe (HELMOLD; DARWICH, 2022; MITLIN; SATTERTHWAITE, 2012; ODEH, 2010). Variadas definições sociais produzidas pelo Norte Global retratam a cultura presente naquele espaço como sendo um modelo universalmente válido a ser seguido pelo restante do mundo (ACHARYA, 2014), o que pode influenciar negativamente as pessoas dos demais países. A apresentação de uma cultura ocidental como sendo modelo de excelência tende a levar a tentativas de enquadramento a esse modelo por aqueles que de antemão dele são excluídos.

Nesse contexto, a interconexão entre Norte e Sul Global é influenciada e facilitada pela internet, a qual, enquanto espaço híbrido, dissemina informações e transmite pressões sistêmicas independentemente de diferenças econômicas entre os países (CURRAN; FENTON; FREEDMAN, 2012).

Han (2017) destaca que o espaço virtual difunde supercomunicação, o superdesempenho e a superprodução, manipulando emoções e percepções. Essas experiências têm o potencial de impactar o funcionamento dos neurônios, levando ao surgimento de uma forma de violência neuronal, caracterizada pelo excesso de

estímulos, informações e impulsos, contribuindo para a construção do século XXI, que ele conceituou como a "sociedade do cansaço".

Cascio (2020) introduziu o conceito de “mundo BANI” (sigla derivada do inglês para os termos “frágil”, “ansioso”, “não linear” e “incompreensível”), impulsionado pela pandemia de Covid-19, que revelou, em todo o planeta, a vulnerabilidade da vida humana, causando uma sensação de urgência que influencia a tomada de decisão.

Neste sentido, considerando que as emoções são dinâmicas, situacionais e performativas, as experiências sociais, étnicas, econômicas, dentro e fora do espaço virtual, estão associadas ao fenômeno psicológico. Quando unidas às interfaces do neoliberalismo, essas experiências afetam a subjetividade humana e a constituição identitária, fazendo da *psique* humana, mais uma ferramenta de exploração além de permitir a construção de diferentes percepções das condições de mundo e seus impactos ao redor do globo (BOCK, 2018; HAN, 2018).

Cascio (2020) cita os impactos da mudança climática como sendo um exemplo de problema não-linear, representada pelo aquecimento global. A mudança climática não é apenas uma crise ambiental, mas também social, econômica e política, com impactos desiguais ao redor do mundo (MEIKLE; WILSON; JAFRY, 2016). Portanto, é importante considerar uma compreensão interseccional das experiências, apontando para um mundo BANI neoliberal, com uma violência neuronal intrínseca que afeta de forma desproporcional o Norte e o Sul Global (CASCIO, 2020; HAN 2018).

> A interseccionalidade descreve as maneiras pelas quais os sistemas e as estruturas de poder e opressão interagem com as categorias sociais e os eixos de identidade para produzir realidades sociais específicas para as pessoas (CRENSHAW, 1989, p.1271, tradução nossa).

Daí deriva a relevância teórica e prática deste estudo, que objetiva refletir acerca de perspectivas de estudantes universitários do Norte e do Sul Global acerca da noção de mundo BANI. É investigado o papel que os participantes consideram ocupar no mundo que conhecem e os efeitos assim gerados. Vale ressaltar que investigamos diretamente a presença de textos literários em suas vidas como forma de ampliar o contexto que subsidia uma análise de construção da identidade, conforme indicado por Barone (2007).

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa de campo mediada pela internet é de caráter descritivo, utilizando a abordagem qualitativa para análise do conteúdo investigado (GERHARDT; SILVEIRA, 2009; GIL, 2008), com aplicação de questionário online, com uma pergunta de múltipla escola e cinco abertas.

Os seis participantes foram divididos em dois grupos: Sul Global e Norte Global. Eles são estudantes universitários na faixa etária de 20 a 27 anos, e são nativos da Alemanha, Espanha e Portugal (Norte Global) e do Brasil, Egito e Índia (Sul Global). Participantes do Norte Global do gênero feminino foram identificadas como NF e do masculino como NM, enquanto que participantes do Sul Global foram identificadas como SF, quando do gênero feminino, e SM quando do gênero masculino.

Quadro 1 – Participantes

Nome	Idade	Curso	Universidade	País
NF1	21	Serviço Social	EH	Alemanha
NF2	22	Engenharia de Microssistemas	Freiburg	Espanha
NM1	20	Finanças	ISEG	Portugal
SF1	20	Terapia Ocupacional	UEPA	Brasil
SF2	27	Engenharia Biomédica	Freiburg	Egito

SM1	26	Engenharia de Sistemas Sustentáveis	Freiburg	Índia

Fonte: Elaboração própria.

Foi utilizada metodologia de análise de conteúdo (BARDIN, 2011), com a criação de seis categorias de análise: correspondentes aos temas das perguntas: lugar que se ocupa no mundo, fontes de felicidade, fontes de preocupação, boa vida, papel da literatura, conceito de mundo BANI.

A pesquisa-ação do qual este estudo faz parte, “Poesia no Dia a Dia: Grupos Vivenciais e Resiliência”, foi submetida para análise pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Amazônia, via Plataforma Brasil, obtendo parecer favorável no 3.777.809 e CCAE: 24782619.9.0000.5173. A participação na pesquisa decorreu de assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), pelas participantes, de acordo com a resolução 466/12 do Ministério da Saúde, que regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A possibilidade de vivências características de um “mundo BANI” por estudantes universitários foi investigada neste estudo por meio da utilização das seguintes categorias de análise: “lugar que se ocupa no mundo”, “fontes de felicidade”, “fontes de preocupação”, “boa vida”, “papel da literatura”, “conceito de mundo BANI”. As categorias foram formadas seguindo os critérios de Bardin (2011).

Diante da pergunta de múltipla escolha, referente a categoria “lugar que se ocupa no mundo”, a alternativa mais escolhida pelos participantes do Norte Global foi “ainda estou procurando meu lugar neste mundo”. Esta alternativa não foi destaca pelos participantes do Sul Global, que, no geral, apresentaram uma perspectiva mais positiva. As alternativas são apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2 – Lugar que se ocupa no mundo

Frases	Participantes
1. O mundo é um lugar em que a minha vida faz sentido.	SF2, SM1
2. O mundo atual me facilita muito o acesso à informação.	NF1, NM1, SF2, SM1

3. O mundo altamente interconectado torna a minha vida mais divertida.	NF2, SF1
4. Ainda estou procurando meu lugar neste mundo.	NF1, NF2, NM1
5. O mundo atual me oferece tantas informações que me sinto perdido/a	NF1, SF1
6. O mundo altamente interconectado me desgasta com a quantidade de tarefas que executo ao mesmo tempo.	NF1, SF1, SF2

Fonte: Elaboração própria.

A pergunta seguinte mostrou que tanto para Norte Global quanto para o Sul Global, a felicidade está atrelada, principalmente, ao contato humano. Os participantes consideram se impactam e são impactados positivamente pelas pessoas ao redor. O foco nas relações interpessoais demonstra uma forma de se conectar com o tema e uma forma que eles se conectam entre si. A categoria "fontes de felicidade" é apresentada no Quadro 3.

Quadro 3 – Fonte de felicidade

P	Felicidade
NF1	"Pessoas - há tantas pessoas maravilhosas neste mundo que afetaram minha vida por meio de algo que disseram ou fizeram ou, às vezes, simplesmente por existirem"
NF2	"Família e amigos"
NM1	"Ver as pessoas ao meu redor felizes comigo e conseguir superar as expectativas dos meus pais (Uni, oportunidades)."
SF1	"Sentir que estou fazendo a diferença, seja ela na vida de outras pessoas ou na minha própria, com ações do cotidiano."
SF2	"Estar perto de pessoas com quem gosto de conversar, animais, boa comida. Tempo agradável, acordar e não ter nada para fazer, fazer faxina, ler um livro muito bom, praia, fazer uma caminhada e ouvir uma música ou um podcast legal"
SM1	"Minha família, se meus pais estão felizes, eu estou feliz"

Fonte: Elaboração própria.

Todos os participantes indicaram preocupação com o futuro do planeta, ainda que por meio de diferentes atitudes, como foco na causa da ação climática e na

desigualdade social. Sentimentos, ações, profundo senso de consciência social, consideração pela própria linhagem, são esses aspectos apresentados pelos participantes na categoria “fontes de preocupação” no Quadro 4.

Quadro 4 – Fonte de preocupação

P	Preocupação com o planeta
NF1	“Parece que não conseguimos parar de lutar uns contra os outros e contra a natureza. Se continuarmos vivendo dessa maneira materialista, preocupando-nos apenas com o lucro e não com as pessoas, vamos destruir este planeta”
NF2	“Mesmo que eu não esteja mais morando aqui, gostaria que meus filhos tivessem uma vida boa”
NM1	“Espero eu que meus filhos e netos estejam num planeta melhor do que este. Que eles tenham uma vida igualmente superior, como temos em comparação aos nossos pais”
SF1	“Eu tenho medo pelo mais pobres, eles sempre são os mais afetados. Tenho medo de ter filhos, porque viver nesse mundo é cada dia mais difícil. A natureza tem sido mutilada, o indivíduo é cada vez menos valorizado. Damos mais importância aos avanços técnico científicos do que aos avanços biopsicossociais”
SF2	“Eu me preocupo, no sentido de que tenho sentimento em relação a isso. Mas eu não me importo no sentido de que estou realmente envolvida em aprender sobre ou tentando fazer algo. Também não me importo muito com a continuação da espécie humana. Sinto que não existir é melhor do que existir e sofrer”
SM1	“Eu me preocupo muito com o clima, porque estudo engenharia de sistemas sustentáveis. E, no momento, também estou trabalhando no campo em que posso reduzir as emissões de CO2. Portanto, eu me preocupo muito com as mudanças climáticas e quero fazer parte dessa transição energética no futuro”

Fonte: Elaboração própria.

Boa vida, nos dois grupos, foi identificada como acesso a direitos básicos e trabalho. Tanto os participantes do Norte quanto os participantes do Sul Global ressaltam na categoria “boa vida” que a qualidade de vida estáassociada a boas condições de acessibilidade, liberdade e infraestrutura como apresentadas no Quadro 5.

Quadro 5 – Boa vida

P	Boa vida
NF1	"É difícil definir o que significa uma vida boa para mim, porque na maioria das vezes não sei realmente o que quero desta vida. Acho que o mais importante seria ter uma vida cheia de opções"
NF2	"Ser feliz com menos"
NM1	"Uma boa vida eu penso que seja com boas condições de saúde, de alimentação, de lazer. Um bom acesso a diferentes lugares, sistema de saúde razoável, ter um trabalho. Tudo ter melhores condições"
SF1	"Uma boa vida seria ter acesso à educação de qualidade, lazer, boa alimentação, moradia adequada, vestimenta de qualidade, um bom trabalho, e poder oferecer isso também no caso de construir uma família"
SF2	"Viver em um lugar baseado no socialismo. Me concentrar em gastar meu tempo em vivenciar e aprender muitas coisas novas, retribuir aos outros fazendo caridade. Viajar, apenas rir com meus amigos, comer bem. Também depende se as pessoas de quem gosto estão bem. Ter um emprego tranquilo que não me faça sentir que devo trabalhar mais do que a quantidade de horas pelas quais sou pago, uma carreira super estressante"
SM1	"Pensar nas crianças, na educação, no meio ambiente torna a vida boa. Essa pergunta é pessoal, viver com a minha família e ter um emprego, é uma boa vida. O que me fizer mais feliz é uma boa vida. Acredito que tudo está conectado entre si"

Fonte: Elaboração própria.

A quinta pergunta revelou que, na categoria "papel da literatura", a leitura foi pouco presente nos dois grupos, abrindo espaço ao contato social e a filmes, além do uso da internet como apresentado no Quadro 6.

Quadro 6 – Papel da Literatura

P	Papel da Literatura
NF1	"Eu não consigo pensar em nenhum. Mas acho que quase todas as pessoas que você deixa entrar na sua vida e com quem passa algum tempo influenciam sua perspectiva de vida. Sinto que é assim para mim, os amigos e a família moldaram meus pontos de vista e até mesmo meu caráter de certa forma"
NF2	"Algumas pessoas realmente marcaram minha maneira de ver a vida e eu as admiro. Acho que construí minha personalidade com base nas influências das pessoas, mais do que em filmes ou livros. Mas eu diria Os intocáveis"
NM1	"A arte de saber dizer que se foda" muito bacana, teve um grande impacto porque gostei tanto que foi o livro que me fez começar a ler regularmente.
SF1	"Eu poderia citar vários, mas aqui vão alguns: O Alquimista – Paulo Coelho (livro); A Viagem de Chihiro (filme); A Voz do Silêncio (filme); O Diário de Anne Frank (livro);
	Ponte Para Terabithia (livro e filme); As Crônicas de Nárnia (livro e filme); O Mundo de Sofia - Jostein Gaarder (livro); Palavras que borbulham como refrigerante (filme); O Manifesto do Partido Comunista - Marx e Engels (livro)"

SF2	“Sempre admirei minha tia, ela é bem fora do comum, diferente de todo mundo que eu conheço. Isso me inspira a não ter medo de desafiar o que seja a minha frente. Minha avó também. Ela não tinha medo de dizer o que pensava mesmo quando todo mundo não a entendia ou concordava com ela. Por fim, o youtube. Vídeos sobre sexualidade, religião, veganismo, perguntas filosóficas. Reverbera em mim, quanto mais eu consumo mais eu sinto que fazia sentido pra mim, acho que ajudou a formar quem eu sou hoje”
SM1	“Eu não leio muito, penso mais em pessoas. A maioria dos filmes está relacionada à nossa vida, é difícil dizer um filme em particular. Tem um filme chamado Pilla Jaminder, que fala muito sobre como uma pessoa deve viver na sociedade. Eu sempre me inspiro nesse filme”

Fonte: Elaboração própria.

A sexta pergunta referente a categoria “conceito de mundo BANI”, Os participantes do Norte Global perceberam a noção de mundo BANI como descritiva de uma momento histórico passageiro, enquanto os do Sul Global tenderam a se identificar com essa perspectiva. Em todo o caso, assim como explicado por Han (2017), por meio da ocorrência de um processo de subjetivação, os participantes entendem que o conceito é uma interpretação de aspectos estruturais, mas o apropriam como características pessoais. As respostas dos participantes são apresentadas no Quadro 7.

Quadro 7 – Mundo BANI

P	Mundo BANI
NF1	“De certa forma, eu me sinto assim. Mas não tenho certeza de que esse seja um conceito comum. Acho que especialmente na Alemanha, o ritmo acelerado em que as tecnologias estão se desenvolvendo torna o mundo cada vez mais frágil e incompreensível. Precisamos perceber que esse modo de vida acelerado e desatento está destruindo este mundo”
NF2	“Acho que depende, do momento e de cada pessoa. A perspectiva do mundo é diferente para cada pessoa, dependendo da origem, da família, da educação, dos privilégios, do gênero. O mundo em que eu vivo é um mundo bom, privilegiado”
NM1	“Eu não descreveria o planeta com quatro adjetivos tão negativos, pessoalmente tenho uma visão mais positiva do planeta. Acho que é um momento não-linear, ansioso e frágil. Acho que vivemos na melhor geração e podemos descrever como: Inovação, Prosperidade, Avanços tecnológico e Corrupção”
SF1	“Mesmo tendo prazer na minha vida atualmente, por muito tempo viver foi um sofrimento devido a problemas financeiros, psicológicos, familiares causados por essas características (BANI). Apesar disso me reergui, meus privilégios fizeram de mim uma sobrevivente”

SF2	"O mundo está mudando, mas nem tudo mudará facilmente. Definitivamente é ansioso e não linear. É incompreensível pois cada pessoa obtém seu próprio significado. Eu creio que compreendo minha vida, mas não é algo fora de mim, tão abstrato. Este mundo me deixa assustada e ansiosa. Faz com que eu me sinta triste. Às vezes me faz sentir privilegiada e sortuda. O mais importante é que é um mundo injusto"
SM1	"É claro que o mundo está ansioso. O mundo não é linear, às vezes o mundo é confuso. Esses aspectos existem em todos os lugares, em todo o mundo, em diferentes intensidades, de diferentes maneiras. Eu acho que somos humanos, somos emoções, somos tudo, então mudamos, cada problema tem uma determinada solução, depende da nossa mentalidade. Mas acho que talvez os europeus consigam lidar um pouco melhor com essas coisas. Devido à pequena população, à educação e à mentalidade"

Fonte: Elaboração própria.

O posicionamento dos participantes do Norte Global e do Sul Global demonstra a possibilidade das condições do mundo BANI oportunizarem o desenvolvimento de habilidades. Isso siGifica que é possível que a fragilidade promova resiliência, a ansiedade demande empatia, a não-linearidade exija flexibilidade e a incompressibilidade necessite de transparência (CASCIO, 2020).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou reflexões acerca de perspectivas de estudantes universitários do Norte e do Sul Global acerca da noção de mundo BANI. O conceito, assim como vários outros que tentam descrever as circunstâncias atuais, têm como referência o Norte Global, de modo que, teoricamente, era esperado que os participantes do Norte Global apresentassem uma maior identificação com a problemática descrita.

Foram verificadas mais semelhanças do que diferenças entre os dois grupos, sendo importante destacar que o conceito de mundo BANI demonstrou ter sido apropriado de forma mais concreta e duradora pelos participantes do Sul Global. Assim, vale analisar a presença de contradições entre valores neoliberais e a condição desfavorecida de vida da maior parte da população no Sul Global, pois este estudo aponta para a possibilidade de vivências dos participantes do Sul Global estarem influenciando negativamente a visão de possibilidades de mudança, refletindo posturas às vezes mais positivas, mas principalmente maior conformismo diante do *status quo*.

Foi possível notar que, de modo geral, os participantes do Norte e do Sul Global, ao identificarem o mundo BANI como uma estrutura particular e subjetiva, demonstraram estratégias de enfrentamento como resiliência, consciência social,

empatia, flexibilidade e inteligência emocional.

REFERÊNCIAS

ACHARYA, A. Global International Relations (IR) and Regional Worlds. *International Studies Quarterly*, v. 58, n. 4, p. 647–659, 2014.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARONE, Leda Maria Codeço. Literatura e construção da identidade. *Rev. psicopedag.*, São Paulo , v. 24, n. 74, p. 110-116, 2007 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862007000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 maio 2023.

BOCK, A. M. B.; FORTADO, O.; TEXEIRA, M. D. L. T. *Psicologias*, 2018.

CASCIO, J. Facing the Age of Chaos. *Medium*, 2020. Disponível em: https://medium.com/@cascio/facing-the-age-of-chaos-b00687b1f51d. Acesso em: 15 maio. 2023.

CRENSHAW, K. W. “Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color”. *Stanford Law Review*, vol. 43, No. 6 (1991), pp. 1241, 1299.

CURRAN, J.; FENTON, N.; FREEDMAN, D. *Misunderstanding the internet*. New York: Routledge, 2012

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Plageder, 2009.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa***.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAN, B. *Psicopolítica.* 7. ed. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

HAN, B. *Sociedade do cansaço*. 2 ed. Petrópolis. Vozes, 2017.

HELMOLD, C.; DARWICH, R. A. Decrescimento: produzir e consumir menos? *Movendo Ideias*, v. 27, n. 2, p. 67-75, 2022.

MEIKLE, M.; WILSON, J.; JAFRY, T. Climate justice: between mammon and mother earth. *International Journal of Climate Change Strategies and Management*, Bingley, vol. 8, No. 4, pp. 488–504, agosto, 2016.

MITLIN, D; SATTERTHWAITE, D. *Urban poverty in the global South − scale and nature.* Londres: Routledge, 2012.

ODEH, Lemuel Ekedegwa. *A comparative analysis of global north and global south economies*. 2010.

O CONTO O ESPELHO E O REFLEXO DA NATUREZA DA ALMA[1].

THE MIRROR AND REFLECTION OF THE NATURE OF THE SOUL

EL ESPEJO Y EL REFLEJO DE LA NATURALEZA DEL ALMA

Ana Claudia de Almeida Monteiro[2]
José Guilherme de Oliveira Castro[3]

Resumo: A base deste artigo, é o conto “O Espelho” de Machado de Assis, escrito em 1882 e traz o tema: o conto O Espelho e o reflexo da natureza da alma, no qual tem o objetivo de refletir sobre a importância do espelho na natureza da alma da personagem Jacobina. A metodologia utilizada é uma revisão bibliográfica e um estudo de caso. Será conceituado o espelho como fonte de transformação na personagem central do texto e sua influência no auto conhecimento para poder discernir o real e o imaginário à época do conto e até mesmo nos dias atuais. Conclui-se que o texto de Machado de Assis está atual com os dias de hoje. E os gatilhos despertados na personagem do conto, é muito pertinente acontecer na sociedade do século XXI.

Palavras-chave: Machado de Assis; conto; espelho; alma; alferes.

Abstract: The basis of this article is the short story “O Espelho” by Machado de Assis, written in 1882 and brings the theme: the short story O Espelho e o reflex da natura da alma, in which it aims to reflect on the importance of the mirror in the nature of the soul of the character Jacobina. The methodology used is a literature review and a case study. The mirror will be conceptualized as a source of transformation in the central character of the text and its influence on self-knowledge to be able to discern the real and the imaginary at the time of the story and even today. It is concluded that the text by Machado de Assis is current with today. And the triggers awakened in the character of the story, it is very pertinent to happen in the society of the 21st century.

Keywords: Machado de Assis; tale; mirror; soul; ensign.

Resumen: La base de este artículo es el cuento “O Espelho” de Machado de Assis, escrito en 1882 y trae el tema: el cuento O Espelho e o reflex da natura da alma, en el que pretende reflexionar sobre la importancia del espejo en la

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de (in)visibilidades arte-ciência: entrelaçamentos entre literatura e psicologia do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2]Mestranda em comunicação linguagem e cultura, UNAMA, anaclaudiaalmeidamonteiro@gmail.com, https://orcid.org/0009-0000-4719-3856.

[3]Professor orientador no programa de comunicação linguagem e cultura, UNAMA, jgpsico.letras@gmail.com, https://orcid.org/0000-0003-3602-7734 .

naturaleza del alma del personaje jacobina. La metodología utilizada es una revisión de la literatura y un estudio de caso. Se conceptualizará el espejo como fuente de transformación en el personaje central del texto y su influencia en el autoconocimiento para poder discernir lo real y lo imaginario en la época del relato y aún hoy. Se concluye que el texto de Machado de Assis es actual a la actualidad. Y los detonantes despertados en el personaje de la historia, es muy pertinente que suceda en la sociedad del siglo XXI.

Palabras clave: Machado de Assis; cuento; espejo; alma; bandera.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo é uma análise sobre o conto de Machado de Assis “O Espelho”, o qual tem o objetivo de refletir sobre a importância do espelho simbolicamente na natureza da alma da personagem Jacobina, além de demonstrar a influência externa sobre o interior ou o pensamento das pessoas.

Nesta pesquisa pretende-se mostrar como o conto de Machado de Assis, escrito em 1882, está sendo retratado, no texto e nos dias atuais, na sociedade. Este tema foi escolhido com o objetivo de relacionar o pensamento entre os anos finais do século XIX e os dias atuais do século XXI.

Joaquim Maria Machado de Assis, conhecido como Machado de Assis, um dos grandes nomes da literatura brasileira escreveu o conto que aborda temas como vaidade, ilusão e a busca pela perfeição. Veio a óbito em 29 de setembro de 1908, em sua cidade natal.

Alguns estudiosos acreditam que o aparecimento do conto teria ocorrido alguns milhares de anos antes de Cristo. O conto é, provavelmente, a mais flexivel das formas literárias (Massaud, 2012).

O que reflete o espelho? A verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência. O espelho será o instrumento da iluminação. A inteligência celeste refletida pelo espelho se identifica simbolicamente com o Sol: é por isso que o espelho é frequentemente um símbolo solar, mas é tambem um simbolo lunar.

Este conto, O Espelho, é contado pela personagem Jacobina para quatro amigos, a história é narrada em primeira pessoa, que conta uma experiência que viveu em sua juventude no sitio de sua tia Marcolina, viúva do capitão Peçanha, quando promovido a alferes.

“Com a promoção para alferes e consequente ascensão social, Jacobina sofre uma mudança radical passando de dominado socialmente a dominante.” (SABINO e LUZ, 2008).

Segundo Silviano Santiago (2016), as obras de Machado de Assis são quase sempre uma crítica à sociedade, inclusive o conto O Espelho.

Este artigo terá como metodologia uma revisão bibliográfica, que também é denominada revisão de literatura ou referencial teórico. E um estudo de caso, que é um método de pesquisa ampla sobre um assunto especifico que permite aprofundar o conhecimento sobre este assunto.

2. ESTADO DA ARTE

2.1 Breve introdução sobre Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, em 21 de junho 1839. Era filho de um pintor de parede e uma lavadeira. Ficou orfão muito cedo, sendo criado pela madrasta Maria Inês. Sofria de eplepsia, gagueira e era muito tímido. Trabalhou por muitos anos em jornais e orgãos governamentais, e a partir da sua consolidação na sua carreira burocrática, pode iniciar sua vasta produção literária após licença para tratamento de saúde, faleceu no dia 29 de setembro de 1908, em sua cidade natal. As obras literárias foram os seus legítimos filhos, segundo alguns historiadores.

Machado de Assis é amplamente considerado um dos maiores escritores da literatura brasileira. Sua obra literária abrangente e profunda reflete a rica complexidade da sociedade brasileira do século XIX e início século XX.

Ele foi um autor de romances, contos, peças de teatro, poesias, críticas e ensaios, além de ter se destacado como cronista e jornalista. A carreira literária de Machado de Assis começou aos dezesseis anos, quando publicou seu primeiro poema no jornal “Marmota Fluminense”.

Machado de Assis foi um autor aclamado tanto no Brasil quanto no exterior.

2.2 Definição de conto

Segundo Moisés Massaud, 2012, a história do conto mergulha num remoto passado, dificil de precisar, suscitando, por isso, toda a sorte de especulações. Tão antiga é a sua prática que nos autoriza imaginá-lo, em seu berço de origem, contemporâneo, ou mesmo precursor, das primeiras manifestações literárias, ao menos as de caráter narrativo.

Alguns estudiosos acreditam que o aparecimento do conto teria ocorrido alguns milhares de anos antes de Cristo. Apontam o conflito de Caim e Abel como um exemplar do gênero.

O conto é, provavelmante, a mais flexível das formas literárias. Entretanto, a despeito das contínuas metamorfoses, não raro espelhando mudança de ordem cultural, manteve-se estruturalmente coeso, essencialmente idêntico, seja como “forma simples”, seja como “forma artística”: é uma estrutura de longa duração. De outro modo, nem se poderia falar em conto, se estamos dispostos a atribuir ao vocábulo um sentido próprio e, tanto quanto possível, consistente.

O conto é, do prisma de sua história e de sua essência, a matriz da novela e do romance, mas isso não significa que deva poder, necessariamente, transformar-se neles. Como a novela e o romance, o conto é irreversível: jamais deixa de ser conto uma narrativa que como conto se estrutura, e nenhum romance ou novela pode ser traduzido a um conto.

2.3 Simbologia e conceitos sobre “o espelho”

A palavra espelho deu o nome a especulação: originalmente, especular era observar o céu e os movimentos relativos das estrelas, com o auxílio de um espelho. Sidos (estrela) deu igualmente consideração, que significa etmologicamente olhar o conjunto das estrelas. Essas duas palavras abstratas, que hoje significam operações altamente intelectuais, enraizam-se no estudo dos astros refletidos em espelhos. Vem daí que o espelho, enquanto superfície que reflete, seja o suporte de um simbolismo extremamente rico dentro da ordem do conhecimento.

O que reflete o espelho? A verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência: “ como o Sol, como a Lua, como a água, como o ouro”, lê-se em um espelho do museu chinês de Hanói, seja claro e brilhante e reflita aquilo que existe dentro do seu coração.

O espelho será o instrumento da iluminação. O espelho é, com efeito, símbolo da sabedoria e do conhecimento, sendo o espelho coberto de pó aquele do espírito obscurecido pela ignorância.

A inteligencia celeste refletida pelo espelho se identifica simbolicamente com o Sol: é por isso que o espelho é frequentemente um símbolo solar. Mas ele é ao mesmo tempo um símbolo lunar, no sentido em que a Lua, como um espelho, reflete a luz do Sol.

O reflexo do homem não lhe é dado apenas pelo bronze polido ou pela água

adormecida; testemunha este texto dos Anais do T'Ang utilizado por Segalen: "o homem se utiliza do bronze como espelho. O homem se utiliza da antiguidade como espelho." "O homem se utiliza do outro homem como espelho". O tema da alma considerada espelho, e esboçado por Platão e por Plotino, foi particularmente desenvolvido por Santo Atanásio e por Gregório de Nissa. Segundo Plotino, a imagem de um ser está sujeita a receber a influência de seu modelo, como um espelho. De acordo com a sua orientação, o homem enquanto espelho reflete a beleza ou a feiúra. O importante está, acima de tudo, na qualidade do espelho, sua superfície deve estar perfeitamente polida, pura, para obter o máximo de reflexo. É por isso, segundo Gregório de Nissa, que "como um espelho, quando é bem feito, recebe em sua superfície polida os traços daquele que lhe é apresentado, assim tambem é a alma, purificada de todas as manchas terrestres, recebe em sua pureza a imagem da beleza
incorruptível" (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2022).

3 PANORAMA E DESENVOLVIMENTO DA OBRA.

> Quatro ou cinco cavalheiros debatiam uma noite várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxessem a menor alteração aos espíritos.

O conto de Machado de Assis "O Espelho", é narrado pela personagem Jacobina para quatro amigos, que em uma noite debatiam várias questões. Estavam em uma casa no morro de Santa Tereza, em uma sala alumiada a velas.

> Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam, mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensativo, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação.

Inicialmente Jacobina, apesar de estar no mesmo ambiente, interagia muito pouco com os colegas, calado, pensativo, cochilando e que vez ou outra concordava apenas com um resmungo. Ele tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Jacobina não discutia nunca e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial e acrescentava que os Serafins e os Querubins não controvertiam em nada. Foi então desafiado a demonstrar o que dizia. E começou então a contar uma experiência de

sua juventude.

> Nem conjetura, nem opinião – redarguiu ele – uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhe um caso da minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...Nada menos que duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro...

Tinha vinte e cinco anos, pobre, morador de uma vila, quando foi promovido a alferes da Guarda Nacional. Esta promoção gerou um burburinho, tanto positivo quanto de forma negativa no meio em que vivia, inclusive na sua família.

Motivado por esta promoção, surgiu um convite de sua tia Marcolina, esposa do falecido capitão Peçanha, moradora de um sitio escondido e solitário, onde haviam pessoas escravizadas que queria vê-lo e pediu que levasse com ele, sua farda. Nesta visita, Jacobina foi recebido de forma muito hospitaleira. Tia Marcolina chamava-o de “meu Alferes”. Recebeu um excesso de elogios, os quais mexeram com seus brios, fazendo com que ele colocasse em xeque seus valores. Era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda hora. Os seus privilégios eram tantos, que à mesa era o primeiro a ser servido e tia Marcolina, de tão entusiasmada, chegou ao ponto de mandar por no seu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples. Era um espelho que existia há gerações, desde a chegada de Dom João VI em 1808.

O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram uma grande transformação, que o sentimento da mocidade ajudou e completou.

> O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias, as duas naturezas equilibram-se, mas não tardou que a primitiva cedesse à outra.
> Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o Sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza e passou a ser a cortesia e os rapa pés da casa, tudo que me falava do posto, nada do que me falava do homem.”
> “No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes.

O conto narra no início, uma disparidade entre a alma interior e exterior. Esta disparidade é exemplificada quando a personagem é abandonada durante a visita e obrigada a conviver com ele mesmo, gerando conflitos existenciais entre o Jacobina do passado e o Jacobina atual.

> Um dia tia Marcolina recebeu uma notícia grave, uma de suas filhas,

> casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte. Adeus sobrinho, exclama. Adeus, alferes exclama. Era mãe extremosa, armou logo uma viagem, pediu ao cunhado que fosse com ela.

A personagem se encontra só, ou melhor, com um espelho, já que todos os escravos se aproveitando da ausência da tia Marcolina e seu cunhado, fugiram durante a noite, levando até mesmo os cachorros.

Desde que ficara só, não olhara uma só vez no espelho. Não era abstenção deliberada, era receio de achar-se um e dois, ao mesmo tempo. No fim de uma semana, olhou-se no espelho com o fim de achar-se dois. Utiliza-se do espelho para tentar “se encontrar” e devido a esses conflitos, só enxerga borrões no lugar do seu reflexo. Olhou e recuou diante dele.

No espelho ele via a transformação e a guerra de conflitos acontecendo em seu íntimo, e refletia sua alma interior e exterior. A personagem chegou à conclusão que cada ser humano carrega consigo duas almas, uma que olha de dentro para fora e outra que olha de fora para dentro. A primeira alma serviria para analisar o interior, ou seja, os valores humanos, enquanto a segunda, analisa a parte externa, social. É necessário o equilíbrio entre as duas almas para o bem viver de cada um, ou seja, uma complementa a outra.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa, quanto a sua natureza, caracteriza-se como uma revisão bibliográfica e um estudo de caso.

A revisão bibliográfica também é denominada revisão de literatura ou referencial teórico. A revisão bibliográfica é parte de um projeto de pesquisa que revela explicitamente o universo de contribuições cientificas de autores sobre um tema específico (SANTOS e CANDELORO,2006, p.43).

Quanto ao estudo de caso, é um método de pesquisa ampla sobre um assunto específico que permite aprofundar o conhecimento sobre este assunto, oferecendo subsídios para novas pesquisas.

Neste sentido, Santos apud Brandalise (2001, p.77), complementa afirmando que “selecionar um objeto de pesquisa restrita, com o objetivo de aprofundar-lhe os aspectos característicos é o estudo de caso, cujo objeto pode ser qualquer fato/fenômeno individual ou um de seus aspectos”.

O estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o

fenômeno e o contexto não estão claramente definidos (YIN,2001, p.32).

Portanto, neste artigo, foi feita uma criteriosa leitura sobre o conto: O Espelho, de Machado de Assis com o objetivo de relacioná-lo com os dias atuais. O primeiro momento foi de estudo do conto, já o segundo momento constou da interpretação da narrativa da personagem Jacobina, amparada em outras obras literárias escolhidas para a pesquisa, a fim de subsidiar a comparação com o homem do século XXI, o terceiro foi a redação final do trabalho de pesquisa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer uma análise das emoções de um indivíduo é algo complexo. Descrever os gatilhos emocionais que foram disparados por Jacobina à época do fato e suas consequencias, de forma exata, é praticamente impossivel.

O conto O Espelho, de Machado de Assis, conta a história de um rapaz de vida simples que em determinada fase de sua vida teve uma promoção para alferes, o que deu uma grande modificada em sua vida. Sua tia Marcolina o mimou muito, fazendo com que tantos elogios, estremecessem seus valores, chegando ao ponto de a personagem chegar a conclusão que todo homem tem duas almas. Uma que olha de dentro para fora e outra olha de fora para dentro.

Quanto as duas almas, acreditamos que na verdade deve haver a união dessas duas metades para o bem viver.

Em um determinado momento desta vivência, Jacobina cria uma obsessão pelo espelho o qual passa a ser o seu único companheiro.

O conto aborda temas muito relevantes tanto à época quanto nos dias atuais, que são: a vaidade, a ilusão, a busca pela perfeição e pelo status. Aborda a vulnerabilidade da vaidade humana e a busca incessante da aprovação da sociedade, ou seja, externa. Jacobina simboliza o indivíduo obcecado por sua imagem e que está incapaz de enxergar além das aparências.

Ora, não é isso que acontece hoje na nossa sociedade? São tantas cobranças, tantos padrões que se não estivermos atentos e com nossos valores em bases bem solidificadas, acabamos por sucumbir às tentações. De chegar em alguns momentos de nossas vidas, ficar em dúvida quanto a quem somos, pois, a sociedade impõe regras que às vezes não conseguimos nos adaptar. Chega-se a conclusão de que o texto de Machado de Assis, escrito em 1882 está atual também para os dias de hoje, pois ainda vivenciamos estes conflitos ligados à status, tanto quanto à época do conto.

O conto o Espelho é uma obra relevante de Machado de Assis que nos leva à reflexão sobre a importância de estarmos atentos valorizando os aspectos mais profundos da vida além da aparência física. Nos alerta tambem sobre os perigos da vaidade excessiva.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *O espelho e outros contos*. Jandira – SP. 1ª edição: Principis, 2019.

AMORA, Antônio Soares. *Introdução a teoria da literatura*. São Paulo – SP. 3ª edição: Cultrix.

BRANDALISE, L. T. *A aplicação de um método de gerenciamento para identificar aspectos e impactos ambientais em um laboratório de análises clínicas.* 2001. 122f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos:* mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro – RJ. 36ª edição: José Olympio, 2022.

LYYTIKAINEN, Pirjo. Disponível em: *Conceitos técnicos e estudos de caso selecionados na literatura - como estudar os efeitos das emoções na literatura*. Acesso em: 177. 158.169. 86 em sábado, 11 fev. 2023 – 16.52:32 UTC. Todo o uso está sujeito a: https:\\about.jstor.org\terms

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*: poesia e prosa. São Paulo - SP. 1ª edição: Cultrix, 2012.

SABINO, César. LUZ, Madel Therezinha - Espelho da alma. Teoria social e subjetivação em um conto de Machado de Assis, *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 21 [1]: 237-250, 2011.

SANTIAGO, Silviano. *Machado*. São Paulo - SP, 1ª edição. Cia das Letras. 2016.

Trabalhos Acadêmicos: uma orientação para pesquisa e normas técnicas. / Vanice dos Santos; Rosa J. Candeloro – Porto Alegre-RS, AGE, 2006.

YIN, R. K. *Estudo de caso*: planejamento e métodos. Porto Alegre-RS: Bookman, 2001.

OUTROEU: A PSIQUE E OS ASPECTOS DO DUPLO COMO ELEMENTO FANTÁSTICO EM O MÉDICO E O MONSTRO.[1]

OTHER SELF: THE PSYCHE AND ASPECTS OF THE DOUBLE AS A FANTASTIC ELEMENT IN DR JEKYLL AND MR HYDE.

OTRO YO: EL PSIQUE Y ASPECTOS DEL DOBLE COMO ELEMENTO FANTÁSTICO EN EL DOCTOR Y EL MONSTRUO.

Roseany Karimme Silva Fonseca[2]

Resumo: Na literatura, existem diversas obras que se constroem por meio das narrativas de caráter fantástico, dada a quantidade de elementos presentes nestes textos. Algumas destas obras se aproximam de temáticas que exploram a mente humana. O presente artigo destaca os aspectos do duplo como elemento fantástico na obra *O Médico e O Monstro*, do autor Robert Louis Stevenson com base na leitura da referida obra e em textos analisados na disciplina Teorias do Fantástico, da Especialização em Linguagens e Artes na Formação Docente (LAFD/IFPA). Os objetivos deste trabalho consistem em destacar o duplo como o elemento recorrente na narrativa desta/nesta obra, apresentar o conceito de outroeu e tecer diálogos entre a Literatura e a Psicanálise. Os procedimentos metodológicos compreendem em uma pesquisa bibliográfica de caráter descritivo por meio de uma breve análise do personagem principal da obra e seu contexto.

Palavras-chave: Literatura; Psicanálise; Psique; Duplo; O Médico e o Monstro.

Abstract: In literature, there are several works that are built through narratives of a fantastic nature, given the amount of elements present in these texts. Some of these works approach themes that explore the human mind. This article highlights the aspects of the double as a fantastic element in the book The Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde, by the author Robert Louis Stevenson, based on the reading of that work and on texts analyzed in the discipline Theories of the Fantastic, of the Specialization in Languages and Arts in Teacher Training (LAFD/IFPA). The objectives of this work are to highlight the double as the recurring element in the narrative of this/in this work, to present the concept of other self and to weave dialogues between Literature and Psychoanalysis. The methodological procedures understand a descriptive bibliographical research

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho [ST4 – (IN)VISIBILIDADES ARTE-CIÊNCIA: entrelaçamentos entre literatura e psicologia] do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Mestra e Doutoranda em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes - PPGARTES/UFPA, na linha de pesquisa de Poéticas e Processos de Atuação em Artes. Especialista em Linguagens e Artes na Formação Docente - LAFD/IFPA. Psicopedagoga, atriz formada pela Escola de Teatro e Dança da UFPA, escritora, pesquisadora de Teatro, encenação, dramaturgia, sonoridades e processos criativos. Graduada em Psicologia - Universidade da Amazônia. E-mail: rose.karimme@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2718-1131.

through the brief analysis of the main character of the work and its context.

Keywords: Literature; Psychoanalysis; Psyche; Double; Dr Jekyll and Mr Hyde.

Resumen: En la literatura existen varias obras que se construyen a través de narraciones de carácter fantástico, dada la cantidad de elementos presentes en estos textos. Algunas de estas obras abordan temas que exploran la mente humana. Este artículo destaca los aspectos del doble como elemento fantástico en el libro El Médico y El Monstruo, del autor Robert Louis Stevenson, a partir de la lectura de esa obra y de textos analizados en la disciplina Teorías de lo Fantástico, de la Especialización en Idiomas y Artes en la Formación de Profesores (LAFD/IFPA). Los objetivos de este trabajo son resaltar el doble como elemento recurrente en la narrativa de este/en este trabajo, presentar el concepto del otro yo y tejer diálogos entre Literatura y Psicoanálisis. Los procedimientos metodológicos se comprenden en una investigación bibliográfica descriptiva a través del breve análisis del personaje principal de la obra y su contexto.

Palavras clave: Literatura; Psicoanálisis; Psique; Doble; El Doctor y el Monstruo.

1. INTRODUÇÃO

Na literatura, existem diversas obras que se constroem por meio das narrativas de caráter fantástico, dada a quantidade de elementos presentes nestes textos. Algumas destas obras se aproximam de temáticas que exploram a psique humana e permitem correlações. O presente artigo destaca os aspectos do duplo como elemento fantástico na obra *O Médico e O Monstro*, do autor Robert Louis Stevenson com base na leitura da referida obra e em textos analisados na disciplina Teorias do Fantástico, da Especialização em Linguagens e Artes na Formação Docente (LAFD/IFPA).

Os objetivos deste trabalho consistem em destacar o duplo como o elemento recorrente na narrativa desta/nesta obra, apresentar o conceito de outroeu e tecer diálogos entre a Literatura e a Psicanálise. Os procedimentos metodológicos compreendem uma pesquisa bibliográfica de caráter descritivo por meio da análise do personagem principal da obra e seu contexto. *O Médico e o Monstro* / *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* foi uma obra lançada no ano de 1886 pelo autor escocês Robert Louis Stevenson (1850-1894). Ambientado em Londres do século XIX, este livro obteve enorme alcance e uma quantidade inúmera de adaptações para outras linguagens, entre elas o cinema e o teatro, sendo considerado um clássico da literatura fantástica.

2. A PSIQUE E OS ASPECTOS DO DUPLO COMO ELEMENTO FANTÁSTICO EM O MÉDICO E O MONSTRO

O texto fantástico constitui-se como uma tentativa de naturalizar o caso do não-real, apresentando uma explicação de cunho racional (fantástico estranho) ou de cunho sobrenatural (maravilhoso fantástico) para determinado acontecimento, onde, em ambos os casos, prevalece o fator da dúvida/hesitação e isto percorrerá boa parte da narrativa. De acordo com Rodrigues (1988):

> o termo fantástico (do latim *phantasticu,* por sua vez do grego *phantastikos*, os dois oriundos de *phantasia*), refere-se ao que é criado na imaginação, o que não existe na realidade, o imaginário, o fabuloso. Aplica-se portanto, melhor a um fenômeno de caráter artístico, como é a literatura, cujo universo é ficcional por excelência, por mais que queira aproximá-la do real. (RODRIGUES, 1988, p.09, ênfases da autora).

A construção da hesitação neste tipo de texto surge do fato de que pode haver, tanto uma explicação real (porém sob a qual não se tem certeza) quanto um acontecimento fantástico (do qual também não existe certeza). Em ambos os casos, permanece a dúvida, e esta dúvida é a chave da narrativa fantástica.

Entre os mais diversos elementos que caracterizam o texto fantástico, existe o duplo. Além da literatura, a ideia de duplo percorre a cultura e as sociedades, por envolver diretamente as complexas noções sobre subjetividades e a psique humana, difundidas pela Psicologia através da abordagem psicanalítica. O duplo costuma ser uma temática recorrente em diversas áreas do saber, sendo indutor no teatro, no cinema, nas artes visuais e em outros tipos de linguagens e artes. Silva e Leite (2018) afirmam que a literatura se apropria de maneira metafórica deste elemento, à medida em que

> se insere nesse debate maior sobre a construção das identidades ao longo da história. No entanto, vale destacar que a temática do duplo não é exclusiva da literatura, embora esta seja um de seus lugares privilegiados de manifestação.” (SILVA; LEITE, 2018, p. 297).

Várias obras sustentam no duplo o seu principal discurso, e dentro desta miscelânea, uma obra se destaca justamente por promover um diálogo mais direto entre a literatura fantástica e a psicanálise especialmente pelo elemento do duplo. *O Médico e O Monstro / Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* é uma obra que explora o duplo em sua essência, com o personagem principal alternando-se entre

o médico Henry Jekyll e a criatura Edward Hyde, definida como um monstro. Com uma narrativa permeada pelo mistério, este texto evoca vários aspectos do duplo:

> De repente, vi duas figuras: uma era um homem pequeno que andava rápido para o leste, a passos tão largos quanto era capaz, e a outra era uma menininha, de uns oito ou dez anos, que corria desesperadamente por uma rua transversal. Bom, meu amigo, é claro que os dois se chocaram, naquela esquina ali. Foi então que ocorreu a coisa mais atroz, pois o impassível homem atropelou e pisoteou a menina, deixando-a caída e em prantos. Contando assim não parece algo tão horrível, mas foi infernal de se ver. E o tal sujeito não era bem um homem. Parecia mais uma força implacável. Eu gritei e corri até o maldito, obrigando-o a voltar até onde um grupo se formara ao redor da criança. O homem se manteve inabalável e não ofereceu resistência, mas me lançou um olhar tão medonho que me fez suar como se eu estivesse em uma longa corrida. As pessoas que tinham se reunido eram da própria família da menina, e logo chegou o médico que a pobre criança fora enviada para chamar. De acordo com o doutor, a criança não estava tão mal, apenas assustada; era de se imaginar que tudo terminaria ali. Mas ainda não, pois na sequência ocorreu algo ainda mais estranho. Eu antipatizei com o cavalheiro à primeira vista. O mesmo ocorreu com a família da vítima, exatamente como se poderia esperar. Mas foi o médico que me causou espanto. (STEVENSON, 2015, p. 30).

A passagem acima da obra *O Médico e O Monstro* propõe uma narrativa de caráter fantástico; narrada pelo personagem secundário Sr. Enfield em diálogo com o advogado Sr. Utterson, (ambos apresentados como sujeitos aparentemente próximos ao Dr. Jekyll), apresenta a descrição de um fenômeno oculto que envolve outros dois personagens aparentemente diferentes. Neste momento, ainda não é possível perceber na narrativa que ambos se tratam de uma mesma persona, porém existe a hesitação, o quesito fundamental para a literatura fantástica. Rodrigues (1988), ao citar a referida obra em seu texto intitulado *O Fantástico na Literatura,* estabelece que Dr. Jekyll mostra-se obcecado pela ideia de que todos os seres humanos coabitam dois seres e com isto, busca uma fórmula para confirmar sua ideia, criando assim uma poção que o transforma em Mr. Hyde. Este fato traz diversas modificações, não apenas na aparência física do médico, como também, em seu comportamento: “Dr. Jekyll, uma pessoa equilibrada e amável, de aparência agradável, transforma-se, em certas horas da noite em um celerado, um monstro horrível, que ataca crianças e velhos e se entrega a todo tipo de torpeza.” (RODRIGUES, 1988, p. 44).

A partir deste momento, e até o final da obra, o duplo se firma na narrativa.

Como um conceito recorrente na área psicológica/psicanalítica, a noção de multiplicidade nas manifestações do ser humano aponta para a ideia de que qualquer pessoa pode assumir posturas muito distintas, devido à complexidade humana. De acordo com Caputo (2021):

> O duplo daria contornos a uma subjetividade esgarçada, como se a perspectiva de si mesmo como um observador externo propiciasse segurança maior da própria integridade existencial. Tornar-se outro para poder se tocar,para direcionar sentimentos de aversão e amor a uma entidade mais concreta que, entretanto, não deixa de ser ficcional, como a própria noção de eu. (CAPUTO, 2021, p. 48).

No que se refere à temática, a ideia de duplo sempre esteve muito presente em temas da Psicologia e da Psicanálise; considerado o criador da Psicanálise, o psiquiatra e neurologista Sigmund Freud (1856-1939) já investigava o fenômeno do duplo a partir da perspectiva da teoria psicanalítica. Mediante seus estudos acerca do inconsciente, Freud estabeleceu a presença das instâncias psíquicas na mente humana. Em sua obra intitulada *O Ego e o Id* (1923), o autor caracteriza estas duas instâncias, afirmando que elas coexistem como forças opostas em um mesmo indivíduo, onde o *Ego* é representado pela consciência e pela razão, e o *Id* vem a ser definido como os instintos e desejos. Para Freud, ambas coabitam e medem forças na estrutura psíquica de todas as pessoas. Isto se evidencia na narrativa fantástica *de O Médico e O Monstro* e está diretamente relacionado com a ideia de duplo, como Caputo (2021) destaca: “o duplo não se organiza como um corpo independente idêntico ou antípoda do original: ele é antes espectro, uma ausência, uma falta ou mesmo uma aniquilação.” (CAPUTO, 2021, p. 24). Esta autora ainda reforça a ligação da psicanálise com a obra literária de Stevenson:

> A nascente psicanálise viria a lidar cientificamente com o lado sombrio humano, sintetizado por Stevenson na figura de Hyde, um estranho que, ao mesmo tempo, é muito familiar à dinâmica psíquica humana. O monstro, figura abjeta e violenta, é também fruto de uma sociedade que renega as manifestações marginais que ela mesma produz. (ibidem, p. 38).

Nas temáticas do duplo como elemento fantástico, *O Médico e O Monstro* é uma das obras exemplificadas por Leite (2013), onde este autor afirma que a narrativa trata-se de uma espécie de divisão interior do sujeito, na qual o médico da obra representaria o eu social e o monstro, o eu de desejos. Em linhas gerais e dentro da Psicanálise, é possível inferir que Jekyll seria o *ego* do personagem principal, ou seja, sua parte consciente e sua representação mais conhecida enquanto Hyde

corresponderia ao *id,* um lugar mais instintivo e inconsciente de sua própria personalidade. Assim, é possível aproximar estas instâncias da psique daquilo que seria o duplo na literatura fantástica:

> O duplo daria contornos a uma subjetividade esgarçada, como se a perspectiva de si mesmo como um observador externo propiciasse segurança maior da própria integridade existencial. Tornar-se outro para poder se tocar,para direcionar sentimentos de aversão e amor a uma entidade mais concreta que, entretanto, não deixa de ser ficcional, como a própria noção de eu. (CAPUTO, 2021, p. 48).

Em outro momento do texto, a narrativa de *O Médico e O Monstro* vai aproximando Jekyll e Hyde, ainda como personagens aparentemente distintos e de forma sutil; existe um mistério em toda a história, pelos crimes cometidos por uma criatura feroz que desperta o medo e a curiosidade - e o mais importante, a dúvida - dos demais personagens, principalmente o advogado Sr. Utterson, amigo de Jekyll, que se mostra empenhado em descobrir a identidade do assassino:

> Ali, abriu o cofre e tirou de seu esconderijo um documento identificado no envelope como o “Testamento do dr. Jekyll” e sentou-se, com a testa enrugada, para estudar seu conteúdo. O testamento era uma carta escrita a punho, pois o sr. Utterson, embora tivesse assumido a responsabilidade legal pelo documento, recusara-se a dar qualquer assistência à sua composição. Além de declarar que, no caso da morte de Henry Jekyll, médico, jurista e membro da Sociedade Real, entre outras credenciais, todas as suas posses passariam às mãos de seu “amigo e benfeitor Edward Hyde”, o documento assegurava que, em caso de “desaparecimento do médico ou de ausência inexplicada por qualquer período que excedesse três meses”, o supracitado Hyde assumiria os deveres e receberia os direitos de Jekyll sem qualquer atraso e livre de quaisquer obrigações, exceto o pagamento sem qualquer atraso e livre de quaisquer obrigações, exceto o pagamento de algumas poucas somas aos empregados da casa do médico. O documento fora por muito tempo o tormento do advogado (STEVENSON, 2015, p. 44).

Conforme os indícios sobre Jekyll/Hyde se apresentam, aparece também a consciência que ambos possuem um do outro e quanto estes “dois” são, na verdade, um só. A poção química que Jekyll cria e experimenta surge como o elemento que justifica sua transformação em Hyde, apontando o caminho do *fantástico estranho*, este, caracterizado por Todorov (2004) como um espaço onde o fenômeno inexplicável está relacionado a uma experiência prévia, ou seja, possui ligação com o passado: a carta configura-se como este elemento anterior. Ao mesmo tempo em que Jekyll tinha a enorme curiosidade de confirmar suas

ideias por meio de sua poção, a presença de Hyde nele traz a repulsa, a fúria, o ódio, a violência, entre outros sentimentos comuns aos instintos humanos, mas que são controlados pelas posturas em uma sociedade. No texto *O Duplo Como Manifestação do Insólito* (2013), o autor Francisco Leite também recorre a Freud e Jung – responsáveis pela psicanálise e pela psicologia analítica – afirmando que

> esses dois teóricos rompem com a concepção até então vigente de uma unidade subjetiva do sujeito e, ao conceberem-no como o resultado de uma dialética entre diferentes estruturas psíquicas, inscrevem a dualidade no interior do homem, como elemento constitutivo dele. (LEITE, 2013, p. 36).

Diversas investigações acerca do duplo permeiam o estudo do fantástico, no entanto, há uma consonância entre elas: este elemento sempre demarca uma desestabilização do personagem, aparelhando-se com a ideia de estranhamento. Mas que, paradoxalmente, também possui algo de conhecido. Esta inquietação é destacada por Freud (2010) como “aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar.” (FREUD, 2010, p. 331). No duplo, alguns elementos costumam ser recorrentes para caracterizar a presença – direta ou indireta – de uma instância aparentemente desconhecida, mas que, no entanto, é um traço oculto de qualquer indivíduo, bem como afirmou a Psicanálise em suas bases teóricas e, por sua vez, Stevenson narrou em *O Médico e o Monstro.* Assim, a sombra e o espelho costumam se apresentar nesta e em outras obras como os elementos concretos que elucidam o duplo na narrativa fantástica, de acordo com Silva e Leite (2018):

> O encontro com o duplo apresenta-se sempre como inquietante e desestabilizador para o sujeito, visto que o desdobramento introduz questionamentos sobre sua identidade e unidade. Sua materialização no texto literário efetua-se através de elementos recorrentes, como o espelho, o reflexo, a sombra, o retrato, bem como de sequências narrativas que explicitam o conflito potencialmente presente nas manifestações da duplicidade: confrontação entre o original e seu duplo, usurpação de personalidade, dúvidas sobre a verdadeira identidade e impulso para aniquilar o rival. (SILVA; LEITE, 2018, p. 287).

Deste modo, a partir das ideias supracitadas, pode-se inferir que o duplo não se trata exatamente de dois organismos diferentes, mas de um mesmo organismo com dois modos de existir distintos, como se fossem as duas faces de uma mesma moeda. Para isto, o neologismo *outroeu* é citado neste texto, como forma de

aglutinar as ideias de eu e de outro, comumente definidas como ideias separadas. Segundo Caputo (2021), “o duplo não se organiza como um corpo independente idêntico ou antípoda do original: ele é antes espectro, uma ausência, uma falta ou mesmo uma aniquilação.” (CAPUTO, 2021, p. 24). No desfecho da obra, o personagem Jekyll ao se confrontar com sua imagem no espelho e também com sua sombra, conclui que Hyde nada mais é do que seu *outroeu,* ou seja, uma manifestação oculta da sua própria personalidade:

> Passei pelos corredores da casa, um estranho em meu próprio lar, e chegando ao meu quarto vi pela primeira vez a aparência de Edward Hyde [...] esse mesmo mal (que eu ainda acredito ser o lado fatal de um homem) deixara naquele corpo uma impressão de deformidade e decadência. Mesmo assim, quando olhei para aquele hediondo ídolo no espelho, não foi com nenhum sentimento de repugnância, mas com uma espécie de cordiais boas-vindas. Aquele também era eu. Parecia natural e humano. Aos meus olhos, aquela era uma imagem vívida de meu espírito, muito mais expressiva e peculiar do que a imperfeita e dividida face que eu tolamente me acostumara a chamar de minha. Até então, eu estava certo. Passei a observar que, enquanto usava o rosto de Edward Hyde, ninguém ousava se aproximar de mim sem uma visível apreensão e receio. E isso se dava, suspeito, porque todos os seres humanos não passam da mesma combinação de bem e mal. (STEVENSON, 2015, pp 168-169).

Desta maneira, *O Médico e o Monstro* se conclui expondo, não apenas por sua narrativa fantástica, mas sobretudo pelo duplo como elemento principal, uma ideia estudada e defendida pela psicanálise e pela psicologia de um modo geral: a de que não existe apenas o bem ou o mal nos indivíduos, mas ambos. O ego representado por Dr. Jekyll e o id na persona de Mr. Hyde demonstram os espelhos e sombras que todos nós enquanto indivíduos carregamos em nossa constituição enquanto sujeitos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto propôs, a partir da breve análise de aspectos do duplo na obra *O Médico e o Monstro* centrada em seu personagem principal Henry Jekyll/Edward Hyde, a possibilidade de aproximação desta uma obra literária ficcional que explora em sua temática a psique humana com as áreas que investigam estes fenômenos de forma mais aprofundada como a Psicologia e a Psicanálise.

Houve o diálogo com a literatura fantástica e o interesse em desenvolver este trabalho, não apenas pelo estudo de elementos que caracterizam a literatura

fantástica em uma disciplina de especialização - em especial a questão do duplo - como também pelo grande fascínio pela narrativa de Jekyll/Hyde na obra de Stevenson.

REFERÊNCIAS

CAPUTO, Elieni Cristina da Silva Amorelli. *Corpos do fantástico: o duplo em "William Wilson", de Poe, "O espelho", de Machado de Assis e "O médico e o Monstro", de Stevenson*. 2021. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/2438> . Acesso em: 10 abr 2023.

FREUD, Sigmund. *Obras completas* **-** vol. 14. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das Letras, 2010.

___, Sigmund. O Ego e o Id (1923) In: FREUD, Sigmund. *O Ego e o Id e outros trabalhos.* Rio de Janeiro: Imago, 1977.

LEITE, Francisco Edson Gonçalves. *O duplo como manifestação do insólito em contos de Lygia Fagundes Telles e Ignácio de Loyola Brandão*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2013. Disponível em: <https://www.uern.br/controledepaginas/disserta%C3%A7%C3%B5es2013/arquivos/1698dissertacao_de_francisco_edson_goncalves_leite.pdf> Acesso em: 12 abr 2023.

RODRIGUES, Calasans Selma. *O Fantástico.* São Paulo: Editora Ática S.A, 1988.

SILVA, Antônia Marly Moura da; LEITE, Francisco Edson Gonçalves. Sob o domínio do duplo: um estudo comparativo de dois contos de Ignácio de Loyola Brandão. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, nº54, maio/ago, 2018. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/elbc/a/nZwRQZR8x9CjTMpzpktPM3L/?lang=pt> Acesso em: 12 abr 2023.

STEVENSON, Robert Louis. *O médico e o monstro: o estranho caso de Dr. Jekyll e Sr. Hyde*. Editora Companhia das Letras, 2015.

PSICOLOGIA E LITERATURA: UM GRUPO VIVENCIAL COM POESIA PRÓPRIA[1]

PSYCHOLOGY AND LITERATURE: AN EXPERIENTIAL GROUP WITH ITS OWN POETRY

PSICOLOGÍA Y LITERATURA: UN GRUPO DE EXPERIENCIA CON POESÍA PROPIA

Rosângela Araújo Darwich[2]
Mayara Azevedo Sousa Ferreira[3]

Resumo: Este relato de experiência objetiva refletir acerca da utilização de poemas em um grupo vivencial em que o poeta é um dos participantes. Para tanto, focaliza um encontro de um grupo formado em uma comunidade terapêutica voltada para a reabilitação de indivíduos com problemas relacionados ao uso de álcool e outras drogas, no distrito de Mosqueiro, Pará. Onze encontros foram realizados quinzenalmente ao longo de cinco meses, contando com a participação de trinta acolhidos. Um poeta compartilhou seus próprios poemas, um dos quais apresentamos como exemplo de intervenção. Por meio de aplicação de método vivencial e realização de análise temática, verificamos que o poema nascido no grupo abriu espaço para uma maior conexão entre os presentes. A interseção entre psicologia e literatura demonstrou ser uma abordagem sensível e eficaz para o trabalho terapêutico, enriquecendo os participantes em suas jornadas de recuperação e reintegração social.

Palavras-chave: Psicologia; literatura; grupo vivenciais; relato de experiência.

Abstract: This experiential account aims to reflect on the use of poems in an experiential group where the poet is one of the participants. To do so, it focuses on a meeting of a group formed within a therapeutic community dedicated to the rehabilitation of individuals with alcohol and other substance-related issues in the district of Mosqueiro, Pará. Eleven bi-weekly meetings were held over a span of five months, with the participation of thirty individuals seeking help. A poet shared his own poems, one of which we present as an example of intervention. Through the application of experiential methodology and thematic analysis, we found that the poem born within the group created space for increased connection among the attendees. The intersection of psychology and

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST4 - (IN) VISIBILIDADES ARTE-CIÊNCIA: entrelaçamentos entre literatura e psicologia do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento (UFPA). Professora do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: rosangeladarwich@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0001-7325-9097.

[3] Graduada em Psicologia (UNAMA), pós-graduanda em Neuropsicologia (IPOG) e facilitadora de Processos Circulares e Justiça Restaurativa (EJPA). E-mail: mayara.sousa.psi@gmail.com. ORCID: 0009-0007-2779-0240.

literature proved to be a sensitive and effective approach for therapeutic work, enriching the participants in their journeys of recovery and social reintegration.

Keywords: Psychology; literature; experiential groups; experiential report.

Resumen: Este relato de experiencia tiene como objetivo reflexionar sobre la utilización de poemas en un grupo vivencial donde el poeta es uno de los participantes. Para ello, se centra en una reunión de un grupo formado en una comunidad terapéutica dedicada a la rehabilitación de personas con problemas relacionados con el consumo de alcohol y otras drogas en el distrito de Mosqueiro, Pará. Se llevaron a cabo once reuniones quincenales a lo largo de cinco meses, con la participación de treinta individuos en búsqueda de ayuda. Un poeta compartió sus propios poemas, uno de los cuales presentamos como ejemplo de intervención. Mediante la aplicación de una metodología vivencial y el análisis temático, encontramos que el poema surgido dentro del grupo creó un espacio para una mayor conexión entre los asistentes. La intersección entre la psicología y la literatura demostró ser un enfoque sensible y efectivo para el trabajo terapéutico, enriqueciendo a los participantes en sus jornadas de recuperación y reintegración social.

Palabras clave: Psicología; literatura; grupos vivenciales; informe de experiencia.

1. INTRODUÇÃO

A literatura, por sua capacidade de instigar reflexões e fomentar a empatia, proporciona uma visão abrangente e profunda da experiência humana (FREIRE, 2008; OATLEY, 2016). Diante disso, um estudo de campo que une os campos da psicologia e da literatura traz consigo vantagens significativas. No âmbito da pesquisa intitulada “Poesia no Dia a Dia: Grupos Vivenciais e Resiliência”, coordenada pela primeira autora, a interseção entre psicologia e literatura tem gerado resultados promissores ao empregar poemas e contos para contextualizar a condução de encontros em grupo (DARWICH, 2022).

Entre os grupos vivenciais constituídos semestralmente em ambientes como escolas, clínicas, abrigos e centros de assistência social e psicossocial no estado do Pará, este relato de experiência delineia uma das intervenções conduzidas em uma comunidade terapêutica voltada à recuperação de indivíduos com dependência de álcool e outras drogas, localizada no distrito de Mosqueiro, Pará, entre agosto e dezembro de 2022. As intervenções em grupos vivenciais constituem uma prática que pretende ser complementar às investidas já realizadas pela comunidade terapêutica em questão, assim como pela Rede de Atenção Psicossocial.

A busca por alternativas de intervenção foi motivada por estudos como o

realizado por Tibiriçá, Luchini e Almeida (2019), que analisou a percepção de usuários de álcool e outras drogas em relação ao tratamento recebido em um Centro de Atenção Psicossocial e sua integração na Rede de Atenção Psicossocial. O estudo, realizado em uma cidade do interior de Minas Gerais entre agosto e novembro de 2017, utilizou uma abordagem qualitativa exploratória, empregando cinco grupos focais como método de coleta de dados. Os encontros, em que foram abordados temas como tratamento, percurso na rede de assistência e relação com o sistema de saúde da cidade, permitiram concluir que a Rede de Atenção Psicossocial apresenta fragmentação e fragilidade significativas, o que dificulta o tratamento de usuários de álcool e outras drogas e sobrecarrega os serviços especializados em saúde mental.

O procedimento apresentado parece ser promissor diante de resultados positivos obtidos com grupos focais na realização de pesquisas (TRAD, 2009) e para os participantes (DARWICH, 2022; IERVOLINO; PELICIONI, 2001), assim como de estudos interdisciplinares na área da saúde (BENITO, 2005; SAUPE; CUTOLO; WENDHAUSEN).

De modo geral, a utilização de poemas em um grupo vivencial pretende situar os participantes em torno de um tema cuja densidade é, assim, permeada pela beleza dos versos. É esperado que o compartilhamento de experiências pessoais parta das imagens que inicialmente se desdobram do poema. No caso descrito neste estudo, vislumbramos a possibilidade de potencializar os efeitos positivos da poesia por meio da utilização de poemas escritos por um dos participantes do próprio grupo. Consideramos que promoveríamos uma perspectiva singular, abrindo caminhos para estratégias de inclusão ativa e enriquecendo a experiência do grupo como um todo.

Em linhas gerais, partimos do seguinte problema de pesquisa: a utilização de poemas de autoria de um participante do grupo favorece a efetividade dos encontros? Assim sendo, objetivamos refletir acerca da utilização de um poemas em um grupo vivencial em que o poeta é um dos participantes.

2. METODOLOGIA

Destacado do contexto de realização de uma pesquisa-ação que funciona como um projeto guarda-chuva para estudos com grupos vivenciais, este relato de experiência, de natureza qualitativa, é referente à formação de um grupo com trinta acolhidos em uma comunidade terapêutica, todos do gênero do masculino, entre

agosto e dezembro de 2022.

Vale ressaltar que tanto as abordagens de grupo vivencial quanto de grupo focal são utilizadas em contextos de pesquisa, terapia ou intervenção, porém apresentam diferenças significativas em termos de objetivos, dinâmica e foco. Enquanto um grupo focal é uma abordagem de pesquisa que visa coletar informações e descobertas sobre um tópico específico por meio de discussões estruturadas, um grupo vivencial, conforme descrito neste estudo, é mais voltado para a exploração emocional e o crescimento pessoal em um ambiente terapêutico, no sentido de não coercitivo (DARWICH, 2022; SMEHA, 2009).

O método vivencial de aprendizagem é altamente compatível com a dinâmica de grupos vivenciais, uma vez que ambos se baseiam na participação ativa e na aprendizagem através da experiência pessoal e da interação entre os participantes (DARWICH; GARCIA, 2019; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2011).

Onze encontros, com periodicidade quinzenal, foram realizados com os participantes do grupo vivencial em foco, com base em roteiros próprios, com perguntas abertas que foram desenvolvidas a partir de textos literários, com temas como autoconhecimento, empatia e habilidades sociais. Já no primeiro encontro, um participante compartilhou com a facilitadora, segunda autora deste estudo, poemas que havia escrito recentemente. Desta forma, o poeta J. Vieira, de 44 anos, nascido em Marabá, no Pará, proporcionou a abertura de estratégias que poderiam ser especialmente favorecedoras da valorização dos participantes do grupo e de uma maior conexão entre eles.

A análise temática foi utilizada devido possibilitar a flexibilidade necessária à exploração das narrativas coletadas, na busca de identificação de elementos comuns e significativos. Assim, buscamos capturar as vozes e experiências dos participantes de maneira holística, de modo a oferecer revelações mais ricas e abrangentes sobre o tema em estudo (SEVERINO, 2013).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No grupo vivencial, cada encontro iniciou com a leitura de um poema ou conto e, em seguida, os participantes foram convidados a compartilhar suas percepções e sentimentos em relação ao texto literário. Conforme Freire (2008) e Darwich et al. (2020), conversas enriquecedoras, partindo da literatura, estimularam empatia e conexão, promovendo um ambiente de apoio mútuo e compreensão.

A utilização de poemas escritos por um dos participantes desempenhou um

papel fundamental na dinâmica do grupo. Os poemas, referentes a emoções e à própria situação de roda de conversa, permitiram criar um espaço de expressão emocional e reflexão, estimulando a introspecção e o compartilhamento de experiências por meio da inclusão ativa.

Como exemplo, no quarto encontro do grupo vivencial foi utilizado o poema “Sentir-se”, de J. Vieira. O poema aborda a temática das interações sociais e emoções humanas, representadas metaforicamente por uma “roda de amigos”.

No início, a roda de amigos é vista como um espaço onde as pessoas se abrem e se revelam, sem medos ou reservas, porém essa imagem positiva contrasta com a ideia de uma “roda mergulhada em trevas”, em que as angústias individuais guiam o caminho. A roda é também descrita como um espaço de mudança, onde horizontes conhecidos e desconhecidos se cruzam, mas todos olham para o futuro. No entanto, o poema destaca que os nós emocionais e os conflitos persistem, sugerindo a necessidade de desatar esses nós para alcançar uma transformação positiva. A mensagem final incita à libertação das amarras emocionais e à busca por mudanças internas, conforme vemos na transcrição que se segue do poema inédito.

> Na roda de “amigos” que não se conhecem
> o coração se abre... Parte-se sem medos, reservas ou travas.
>
> Na roda mergulhada em trevas dos mais profundos abismos novas e velhas angústias servem de guia por essas terras.
>
> Na roda que gira os horizontes
> uns conhecidos outros por descobrir cada qual é diferente
> mas todos miram à frente.
>
> Na roda formada de “gentes” girando as dores de cada um
> massacrando cada eu que somos nós ela, a roda, sobe e desce...
> Muda!
>
> O que não muda são os nós. Portanto desatemo-nos!

A leitura do poema deu início ao encontro, enquanto sua releitura foi realizada por estrofe, cada uma delas seguida por comentários e perguntas ao grupo, incentivando a reflexão.

A primeira estrofe permitiu que o seguinte conteúdo fosse compartilhado: “na roda de amigos que não se conhecem ou já se conhecem, é importante que o nosso coração possa se abrir sem medo, como diz o poema de J. Vieira. Por isso, devemos nos comprometer a manter entre nós o que for dito e devemos nos tratar com

respeito. Precisamos confiar em nós mesmos e nos nossos companheiros de reflexão e diálogo". Em seguida, foi feita uma pergunta direta, necessária quando da formação de um grupo e que também deve ser repetida em alguns dos encontros, de modo a reassegurar os participantes da qualidade do espaço compartilhado: "podemos contar com esse compromisso de respeito e colaboração?"

A reflexão permitiu que os participantes confirmassem as diretrizes, expectativas e valores fundamentais do grupo vivencial, criando um ambiente propício para a abertura emocional, o compartilhamento de experiências e a colaboração. A pergunta enfatizou particularmente a importância desses princípios e possibilitou que os participantes expressassem comprometimento com o ambiente acolhedor e respeitoso e, nos termos de Sidman (1989), não coercitivo.

Em seguida, a mesma estrofe permitiu que se fizesse um convite aos participantes, nos seguintes termos: "o poema diz que, quando o coração se abre, ele se parte sem medo, reservas ou travas. É isso que queremos conseguir aqui. Falar pode ser difícil e por isso é preciso confiança e coragem. Quando alguma coisa se parte, a gente imagina que tenha se quebrado e não volte mais a ser como era antes. Por outro lado, não voltar mais a ser como se era antes é muito bom, desde que a gente se torne cada vez melhor". Foi feita, então, outra pergunta: "de que modo ouvir, falar e ser ouvido pode transformar nossas vidas?"

As respostas dos participantes indicaram que o convite e a pergunta confirmaram a criação de um ambiente de crescimento, apoio mútuo e reflexão, contribuindo para uma experiência enriquecedora e transformadora para os participantes. Percebemos uma avanço na autoconfiança, no sentido apresentado por Costa et al. (2020, p. 3), de demonstração de "crença no sucesso das ações nas competências e habilidades cognitivas, psicomotoras e atitudinais".

A releitura da segunda estrofe do poema remeteu ao seguinte hai-kai, de autoria de Ziraldo (2012, p. 52): "Que não seja duro / Ter um belo passado / No meu futuro". A integração entre a estrofe e o hai-kai se deu nos seguintes termos: "muitas vezes nos sentimos confusos, invadidos por pensamentos e emoções que são desafiadores. No entanto, como diz o poema, nossa dores e dúvidas e conflitos podem nos indicar um caminho de superação e reconstrução. É o que buscamos aqui, juntos. Damos força uns aos outros para que o peso dos problemas seja mais leve para todos. O grupo também nos ajuda a perceber que outras pessoas passam por sofrimentos parecidos com os nossos. Assim, todos temos algo a dizer, algo a compartilhar e a aprender. Como disse o Menino Maluquinho, 'que não seja duro ter um belo passado no meu futuro'. Com a experiência de vida que vocês têm, o que

pode ajudar a fazer, do hoje, lindas lembranças?”

Essa abordagem permitiu que os participantes se relacionassem com as mensagens literárias de maneira pessoal e significativa, buscando a aplicação das lições em suas próprias vidas. O compartilhamento promoveu um senso de comunidade, em que os próprios participantes validaram a expressão de experiências individuais uns dos outros. Destacar a importância de fazer do presente uma base para belas lembranças no futuro favoreceu uma perspectiva positiva sobre a capacidade de transformar desafios em oportunidades de crescimento e aprendizado. Conforme Silva, Elsen e Lacharité (2003), essa perspectiva tende a fortalecer a resiliência dos participantes.

Após a releitura da terceira estrofe do poema, a afirmativa, “como diz o poema, cada um de nós é diferente dos outros, mas todos olhamos para a frente, buscamos criar e realizar nossos objetivos” foi seguida pela pergunta “qual objetivo, plano ou sonho vocês têm?”

A intervenção permitiu investigar as perspectivas dos participantes acerca da individualidade de cada um, abrindo espaço para a compreensão da necessidade de criação própria de metas para o futuro, à qual a reflexão anterior remeteu. O engajamento dos participantes fortaleceu tanto os vínculos entre eles, quanto o autocuidado e a autonomia para a busca de realizações pessoais, segundo os sentidos abordados por Bedin et al. (2014).

A releitura da quarta estrofe foi seguida do compartilhamento da seguinte afirmativa “a roda de conversa do poema segue girando como a nossa, com pensamentos que compartilhamos com alegria, mas também com várias outras emoções – assim ela segue e ela muda” seguiu-se a pergunta “vocês acham que, com os nossos encontros, vai ficar cada vez mais fácil e leve compartilhar o que temos dentro de nós?”

Verificamos que, para além da confiança no espaço representado pelo grupo e de movimentos em direção a um futuro diferente e particular, único, foi expressa a esperança no poder construtivo do compartilhamento.

Foi aprofundada, portanto, uma visão otimista quanto aos desdobramentos da participação no grupo, verificada por meio de expressões dos participantes indicativas de fortalecimento da autovalorização e do sentimento de empoderamento, discutidos por Berth (2018) a partir de diferentes perspectivas.

A última estrofe abriu espaço para um elogio ao poema: “o final do poema é especialmente lindo, recheado de imagens”. O elogio foi seguido de um comentário e uma pergunta: “‘nós’ vão sempre existir, por isso precisamos aprender a lidar com

eles, a nos desatar deles. A vida pode ser uma aula de liberdade, uma aula de libertação. Seja como for, é cheia de oportunidades de aprendizagem e, como dizem, o conhecimento liberta. Neste momento da vida de vocês, de que nós vocês precisam se desatar?”

A tentativa de, ao valorizar a expressão artística, tocar todos os participantes, companheiros diante de desafios, obteve resultados positivos. Percebemos um aprofundamento da reflexão pessoal, com uma busca de caminhos para a expressão de emoções muitas vezes contraditórias, claramente difíceis de comunicar. Ficou assim, demonstrado o movimento dos participantes em direção a uma fala mais assertiva. De acordo com Del Prette e Del Prette (2017), o comportamento assertivo é uma classe das habilidades sociais de grande importância para o estabelecimento de relações sociais saudáveis e no estabelecimento de um ambiente não coercitivo.

Por fim, foi feito ao grupo um pedido que encerra todos os encontros, oferecendo oportunidade de reflexão acerca do conjunto de experiências compartilhadas: “complete essa frase: ‘eu não poderia sair daqui hoje sem dizer...’”.

Essa intervenção proporcionou, mais uma vez, um encerramento significativo para o encontro, promovendo a síntese das experiências e a expressão emocional, além da conexão entre os encontros e um foco individualizado no processo de cada participante.

A utilização de um poema de autoria de um dos participantes do grupo trouxe uma dimensão única para as atividades. J. Vieira não apenas compartilhou seus poemas, mas também discutia as inspirações por trás deles e como a poesia o ajudava em sua própria jornada de recuperação. Sua presença inspirou os demais acolhidos a buscar por formas novas e criativas de lidar com suas emoções e experiências. No encontro descrito, os participantes ressaltaram o quanto se sentiram valorizados ao longo das intervenções, por associarem a voz de um companheiro às suas vozes compartilhadas, o que gerou uma maior conexão entre eles.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de poemas em grupos vivenciais tem demonstrado ser uma experiência enriquecedora e eficaz. A poesia proporciona um canal de expressão único, permitindo que os participantes explorem suas emoções e compartilhem suas perspectivas pessoais de maneira profunda e significativa. Na comunidade terapêutica de reabilitação de álcool e outras drogas, o grupo teve poesia própria na medida em que o poema utilizado como exemplo neste estudo foi escrito por um dos participantes. Essa estratégia permitiu o estabelecimento de uma maior conexão entre os presentes, que relataram se sentir especialmente valorizados a cada passo das intervenções.

A interseção entre psicologia e literatura forneceu uma abordagem criativa e sensível para o encontro. Foi possível observar transformações significativas nos participantes, os quais, dando voz às suas angústias, alegrias e esperanças, abriram espaços de encontro. O poema “Sentir-se” demonstrou ser uma ferramenta terapêutica poderosa, permitindo explorar a identidade de cada participante e fortalecer características como autoconfiança, resiliência, autocuidado, autonomia, autovalorização e assertividade, em um movimento de empoderamento individual e do grupo.

Este relato de experiência destaca a importância de considerar diferentes formas de expressão artística em encontros grupais. A literatura, em particular a poesia, pode ser uma ferramenta valiosa para promover a saúde mental e o bem-estar emocional. Através da criação e compartilhamento de poemas, os participantes podem descobrir novas maneiras de se relacionar consigo mesmos e com os outros, fortalecendo sua jornada de recuperação e reintegração social.

A estratégia de utilização de poemas escritos pelos próprios participantes, diretamente relacionados aos questionamentos levantados no encontro, gerou resultados positivos e, portanto, estudos posteriores podem replicar e/ou complementar o procedimento que apresentamos. Também é importante considerar a possibilidade de utilizar poemas de um indivíduo que participe de um grupo vivencial específico em um outro grupo de participantes com características semelhantes.

REFERÊNCIAS

BEDIN, L. F. Estratégias de promoção da autoestima, autonomia e autocuidado das pessoas com feridas crônicas. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 35, n. 3, 2014.

BERTH, Joice. *O que é empoderamento?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

COSTA, R. R. O. et al. Simulação clínica no desempenho cognitivo, satisfação e autoconfiança na aprendizagem: estudo quase-experimental. *Acta Paulista de Enfermagem*, n. 33, p. 1-8, 2020.

DARWICH, R. A. Grupos vivenciais: método vivencial em pesquisas mediadas pela internet. In: LEITE, A. M. P.; LEAL, B. S.; GHIZONI, L. D.; DARWICH, R. (Orgs.). *Inspirações metodológicas em contextos amazônicos*. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2022, p. 211-235.

DARWICH, R. A; GARCIA, M. L. G. Grupos vivenciais e permanência com sucesso na escola: conquista de direitos. *Katálysis*, v. 22, n. 3, p. 558-565, 2019.

DARWICH, R. A. et al. Prazer em ler e formação de leitores: uma abordagem analítico-comportamental. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 72, p. 141-154, 2020.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. (Orgs.). *Habilidades Sociais*: intervenções efetivas em grupo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. *Competência social e habilidades sociais*: manual teórico-prático. São Paulo: Vozes, 2017.

FREIRE, J. C. Literatura e psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como experiência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 60, n. 2, p. 2-9, 2008.

IERVOLINO, S. A.; PELICIONI, M. C. F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. *Rev. Esc. Enf. USP*, v. 35, n. 2, p. 115-21, 2001.

OATLEY, K. Imagination, inference, intimacy: the psychology of Pride and Prejudice. *Review of General Psychology*, v. 20, n. 3, p. 236-244, 2016.

SAUPE, R.; CUTOLO, L. R. A; WENDHAUSEN, A. L. P.; BENITO, G. A. V. Competência dos profissionais da saúde para o trabalho interdisciplinar. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v. 9, n. 18, p. 521-36, 2005.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2013.

SIDMAN, M. *Coercion and its fallout*. Authors Cooperative, 1989.

SILVA, M. R. S.; ELSEN, I.; LACHARITÉ, C. Resiliência: concepções, fatores associados e problemas relativos à construção do conhecimento na área. *Paidéia*, v. 13, n. 26, 2003

SMEHA, L. N. Aspectos epistemológicos subjacentes à escolha da técnica do grupo focal na pesquisa qualitativa. *Revista de Psicologia da IMED*, v. 1, n. 2, p. 260-268, 2009.

TIBIRIÇÁ, V. A; LUCHINI, E. P. M.; ALMEIDA, C. S. Perspectiva do usuário de drogas sobre seu tratamento e a rede de atenção psicossocial. *SMAD*, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas, v. 15, n. 3, p. 1-9, 2019.

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis*, Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009.

ZIRALDO. *O pequeno livro de hai-kais do Menino Maluquinho*. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

UM OLHAR NA LITERATURA SOBRE PSICOLOGIA ESCOLAR NA EDUCAÇÃO MUNICIPAL[1]

A LOOK AT THE LITERATURE ON SCHOOL PSYCHOLOGY IN MUNICIPAL EDUCATION

UNA MIRADA A LA LITERATURA SOBRE PSICOLOGÍA ESCOLAR EN LA EDUCACIÓN MUNICIPAL

Patrícia Cabral Duarte[2]
José Guilherme de Oliveira Castro[3]

Resumo: Este artigo tem como objetivo abordar as dificuldades que os psicólogos escolares têm enfrentado historicamente para legitimar seu espaço de trabalho como integrante de equipes técnicas em escolas públicas e o aumento significativo do número de psicólogos na rede de ensino publicam visa problematizar o que tem sido construído nesse contexto sobre psicologia escolar, prevalecem discussões sobre problemas específicos da vida escolar dos alunos e sobre a identidade do psicólogo escolar. Nesses trabalhos, encontramos a influência da crítica aos modelos tradicionais de intervenção psicológica escolar. Por outro lado, é preciso dar mais ênfase à problematização dos contextos institucionais, bem como das condições que produzem e mantêm as demandas das escolas.

Palavras-chave: Dificuldade**;** Escola; Psicologia; Influência; Institucional.

Abstract: This article aims to address the difficulties that school psychologists have historically faced to legitimize their workspace as a member of technical teams in public schools and the significant increase in the number of psychologists in the public education network aims to problematize what has been built in this field. In the context of school psychology, discussions about specific problems of students' school life and about the identity of the school psychologist prevail. In these works, we find the influence of criticism of traditional models of school psychological intervention. On the other hand, more emphasis needs to be given to problematizing institutional contexts, as well as the conditions that produce and maintain the demands of schools.

Keywords: Difficulty; School; Psychology; Influence; Institutional.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo abordar las dificultades que históricamente han enfrentado los psicólogos escolares para legitimar su

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho **ST4 (IN) VISIBILIDADES ARTE-CIÊNCIA: entrelaçamentos entre literatura e psicologia** do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

2 Mestranda em Comunicação, Linguagens e Cultura – UNAMA. Professora via PSS da Rede Municipal de Ensino Belém Semec. E-mail: pattycabral12@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3041-3338.

3 Doutor em Letras (PUC/RS). Universidade da Amazônia – UNAMA. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: jgpsico.letras@gmail.com. . ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3602-7734.

espacio de trabajo como integrante de los equipos técnicos en las escuelas públicas y el aumento significativo del número de psicólogos en la red de educación pública tiene como objetivo problematizar lo que se ha construido en este campo. En el contexto de la psicología escolar, prevalecen las discusiones sobre problemas específicos de la vida escolar de los estudiantes y sobre la identidad del psicólogo escolar. En estos trabajos encontramos la influencia de la crítica a los modelos tradicionales de intervención psicológica escolar. Por otro lado, es necesario dar mayor énfasis a la problematización de los contextos institucionales, así como de las condiciones que producen y mantienen las demandas de las escuelas.
Palavras clave: Dificultad; Escuela; Psicología; Influencia; Institucional.

1. INTRODUÇÃO

A psicologia escolar educacional, como campo produtivo conhecimento, fez muitas contribuições para a ciência Psicológica no Brasil, embora haja menos psicólogos na educação em comparação com outras áreas como: saúde, assistência social, empregos e clínicas, percebe-se que muitas discussões e práticas neste campo mostram o poder da psicologia no dia a dia das escolas. Muitos são os desafios da educação no que se refere a pesquisa psicológica e a prática profissional.

As escolas são espaços complexos localizados em diferentes contextos sociais, entrecruzado e composto por questões de classe social, raça, gênero, orientação sexual, deficiência e idade que se cruzam, produzindo diferentes realidades institucionais.

Para entender a complexidade do sistema escolar brasileiro, especialmente o sistema público de ensino, é necessário realizar a estrutura histórica e a análise situacional. Na contemporaneidade, assistimos a um acentuado processo de privatização no campo da educação, que configura uma política educacional caracterizada pelo neoliberalismo, um dos símbolos básicos do neoliberalismo é o Estado como instituição de produção de bens e serviços, a desintegração progressiva das instituições de poder" (Gentili, 1999, p. 106). Neste contexto, alguns autores sublinham a necessidade de examinar os paradigmas que sustentam a intervenção dos vários profissionais no campo da educação (Romaneli, 1991).

Diante dessa situação, a psicologia, como constructo de compromisso social, não pode deixar de contribuir propondo alternativas viáveis para garantir

que a educação atenda às necessidades da população atual, tais contribuições podem ocorrer nos níveis político e teórico.

Quanto ao primeiro nível, trata-se da reafirmação e defesa da educação pública, gratuita e de qualidade social, sendo, portanto, obrigação do Estado (Brasil, 1988).

No que diz respeito ao segundo, a contribuição reside no fato de que o conhecimento psicológico olha com atenção para si mesmo e para o seu ambiente a fim de compreender a importância do psicólogo, as demandas e os desafios que lhe são colocados, devendo intervir no suporte teórico e metodológico para colaborar com a situação escolar desempenhando assim, um papel qualitativo.

Os psicólogos têm uma longa história de representatividade no campo da educação no Brasil, expressando a trajetória da psicologia como ciência e profissão na Constituição Nacional Brasileira (CNB) e nos chamados homens novos, que precisam ser formados para assumir as tarefas do desenvolvimento econômico, industrialização e modernização. Trabalhos no campo da história da psicologia de Massimi (1984; 1990), Massimi & Guedes (2004), Antunes (1991, 2001), Barbosa (2011) e outros, defendem que a relação entre psicologia e educação remonta ao Brasil ou a Portugal no Período colonial.

Foi somente em meados da década de 1990 que a crítica começou a se cristalizar em discussões teóricas e metodológicas da psicologia escolar e educacional que abordavam os fenômenos educacionais a partir de uma perspectiva historicamente crítica, argumentando que propósitos e seres educacionais fundamentalmente baseados, aprendem e desenvolvem uma teoria psicológica que considera a complexidades da vida escolar e responde aos desafios que constituem os indivíduos no contexto da realidade social. Conforme analisado por Antunes (2007):

> A necessidade de superação desses reducionismos que têm caracterizado a trajetória percorrida pela Psicologia em suas relações com a Educação, a necessidade de buscar concepções mais abrangentes de Psicologia e de Educação e também de considerar o conjunto de atribuições que lhe são próprias são as principais tendências apontadas pelo grupo de autores que têm participado do movimento de crítica à Psicologia Escolar.

Uma das consequências apontadas por essas críticas é o descaso com os determinantes sociais, culturais, econômicos e principalmente da natureza da educação, daí o argumento do reducionismo. Nessa época, alguns psicólogos escolares e pesquisadores da área começaram a desenvolver críticas agressivas à psicologia escolar e educacional com base em argumentos semelhantes aos apontados por educadores e educadoras em geral.

O ambiente escolar apresenta inúmeros desafios, principalmente em um país com grandes desigualdades agravando as dificuldades e problemas na educação. Portanto, o papel do psicólogo é fundamental nesse contexto. No entanto, é necessário explorar como esses profissionais podem estar mais bem equipados para atender às demandas atuais. Isso implica examinar as condições oferecidas para sua formação, a fim de promover maior diversidade de saberes e formar profissionais mais proficientes e capazes de atuar no campo da educação (Cruses, 2010).

Segundo Novaes (2010), a prática da psicologia escolar enfrenta muitos desafios, a começar pela insuficiente preparação fornecida durante a formação acadêmica para lidar com novas realidades socioeducativas. Como resultado, os praticantes podem não conseguir atender às demandas de uma sociedade em evolução constante e diversa, onde os saberes podem se tornar obsoletos, forçando o profissional a buscar novas maneiras de lidar com os problemas que forem surgindo no decorrer de sua trajetória.

Em linhas gerais, é possível afirmar que a Psicologia Escolar vem passando por um gradual deslocamento em direção a uma perspectiva crítica em termos de sua teorização. Essa mudança deveu-se em grande parte à adoção de teorias histórico-críticas da educação e do pensamento materialista dialético na história, particularmente no final da década de 1970.

Esse desenvolvimento foi significativo no âmbito da produção acadêmica, pois permitiu uma abordagem menos simplista para analisar a educação e seus desafios por meio da incorporação de fatores econômicos, sociais e políticos que impactam os fenômenos escolares. No entanto, apesar desses avanços, dois grandes obstáculos devem ser superados para que a perspectiva crítica na Psicologia Escolar se consolide. O primeiro desafio diz respeito aos referenciais teóricos e metodológicos utilizados pelos psicólogos escolares, bem como sua atuação fora dos contextos acadêmicos.

O campo da Psicologia Escolar é caracterizado por contradições e dialéticas, evidenciadas pela presença de polêmicas e controvérsias, esses debates servem para evidenciar a luta dos profissionais da área em desenvolver estudos que contribuam efetivamente para o avanço de sua área de pesquisa e atuação.

A necessidade de reavaliar o papel do psicólogo na Educação tem levado a um número significativo de livros, coletâneas e capítulos que abordam várias dimensões da prática profissional neste contexto. Como resultado, foi realizada uma análise detalhada dessas publicações para obter uma melhor compreensão das discussões que ocorrem no campo. Este estudo, apresentado neste artigo, é resultado de um exame minucioso de publicações acadêmicas, o que permitiu conhecer a produção científica sobre a intervenção do psicólogo na educação pública.

2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

O levantamento da produção acadêmica no campo teórico-prático da Psicologia Escolar e Pedagógica foi organizado em três momentos: determinação de critérios para a seleção das produções bibliográficas para análise; sistematização das publicações selecionadas; articulação de temas atuais com discussões consolidadas no campo científico da Psicologia Escolar e Pedagógica. Esses momentos e procedimentos elaborados e desenvolvidos em cada uma das fases são descritos detalhadamente a seguir.

Critérios para seleção de produções bibliográficas: Pelas características qualitativas deste estudo, os excertos acima foram elaborados no momento em que a própria revisão bibliográfica foi organizada. Observou-se que algumas editoras, em especial, publicaram mais trabalhos relacionados ao tema, então essas foram mais escrutinadas e títulos que direta ou indiretamente tratavam do tema foram logo separados e analisados.

A amostra aqui analisada representa uma seleção referente a um conjunto de artigos que responderam essencialmente às questões dos objetivos do estudo, também foi considerada a existência de um eixo transversal definido como "perspectivas emancipatórias em psicologia e educação", incluindo textos que revelam o engajamento e o saber psicológico do psicólogo com abordagens que inserem o fenômeno educacional que se constitui socialmente, gerado nas relações cotidianas estabelecidas na escola, as quais são determinantes sócio histórica e

culturalmente, com o objetivo de promover a emancipação e a transformação da realidade dada.

Embora a discussão sobre o objeto de estudo da psicologia permeie diversas correntes epistemológicas, a linha de pensamento marxista trouxe importantes influências no campo da compreensão dos fenômenos psicológicos e, como discutiremos neste trabalho, também para a psicologia escolar e pedagógica. Em diferentes contextos sociais e em diversas ocasiões, os autores passaram a aproximar o referencial analítico do materialismo histórico-dialético, a considerar a constituição de uma perspectiva crítica no campo da psicologia, e também a analisar a obra de Ljzendoorn & Verra (1983), ainda pouco conhecida no Brasil.

Assim temos uma mudança fundamental na compreensão dos elementos que compõem a não aprendizagem na escola, haja vista que, historicamente, sabemos que o fracasso escolar tem como foco encontrar causas nas crianças, nas famílias ou no meio social a que pertencem, mas não percebem que o processo não perpassa somente por esses fatores, há outros que variam conforme o local em que se encontram, tais como a própria falta de infraestrutura e materias fornecidos pelo sistema de ensino público. .

Uma concepção teórica histórico-crítica, por sua vez, permite analisar a produção, a trajetória que constitui o que chamamos de "problemas de aprendizagem" 'dificuldades de aprendizagem', 'criança problema', 'distúrbios de aprendizagem', deslocando o eixo de análise do indivíduo para dentro da escola e para o conjunto das relações institucionais, históricas, psicológicas, pedagógicas e políticas que estão presentes e constituem o cotidiano escolar e também representam o indivíduo, que participa ativamente desse contexto, ou seja, do processo escolar.

3. RESULTADOS

No início dos anos 1930 e 1940, a prática de uniformização desenvolveu a padronização, aplicação e aperfeiçoamento de testes na escola e/ou no campo educacional. Posteriormente, a psicologia escolar foi introduzida nos cursos de graduação em psicologia (CASSINS, A. M. et al., 2007).

Na década de 1970, foi publicada a Lei Federal 5.766/71, que criou os conselhos psicológicos e o cadastramento dos psicólogos em atividade (BRASIL, 1971). Na década de 1980, a psicologia escolar passou de uma abordagem clínica para uma abordagem de prática preventiva.

Em 1990, foi criada a Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Pedagógica com o objetivo de "reconhecimento legal do psicólogo nas instituições de ensino, para estimular e divulgar pesquisas na área, reciclar e atualizar os psicólogos e promover a melhoria dos serviços prestados por esses profissionais" (CASSINS, et al.2007, p. 21). Começa-se a reconhecer a psicologia educacional voltada para a pesquisa e a psicologia escolar voltada para a prática, uma vez que ambos se complementam e se apoiam no cotidiano escolar.

Neste contexto, o serviço psicológico visa apoiar o desenvolvimento global da criança e adolescente, cooperar com outros especialistas necessários na área, com os pais e as próprias crianças/alunos. Surge a noção de que a "Avaliação, diagnóstico, acompanhamento e orientação psicológica são aplicados em um contexto institucional e não mais se concentrar exclusivamente em alunos individuais" (CASSINS et al., .2007, p. 21).

Os encaminhamentos clínicos são feitos quando necessário, um psicólogo escolar/pedagógico abre oportunidades para trabalhar em espaços com propostas educativas fora das escolas. Capacidade de atuação em instituições formais ou informais que necessitem de entendimento e assessoria, como clínicas, serviços públicos e pesquisas (CFP, 1992).

A tarefa do psicólogo escolar é desenvolver, apoiar e promover ferramentas adequadas voltadas para os resultados acadêmicos do aluno, sua experiência abrange o desenvolvimento emocional, cognitivo e social do educando.

Esses profissionais entendem os processos e estilos de aprendizagem, auxiliam no ensino/aprendizagem e na gestão da sala de aula, apoiam os professores no desenvolvimento de técnicas de inclusão e habilidades sociais, podendo desenvolver ações com os mais diversos envolvidos nesse contexto: educadores; alunos; diretores; técnicos e; pessoal administrativo (CASSINS e outros, 2007).

Também deve ser mencionado que eles agem "nas relações interpessoais e nos processos intrapessoais, sempre tendo como referência a dimensão política, econômica, social e cultural' (CFP, 1992, p. 5).

A atividade do psicólogo neste contexto visa: a consultoria na construção do projeto pedagógico da escola; fornece apoio para preservar a autonomia do professor; articular a aprendizagem da teoria à prática; mobilizar a escola para sugestões sobre o uso de recursos da comunidade; "Trabalhar com políticas públicas; Avisar pais e professores das necessidades básicas de crianças e

adolescentes; [...] Pesquisa, desenvolvimento, aplicação e divulgação de conhecimentos relacionados à psicologia escolar/educacional" (CASSINS et al., 2007, p. 24).

CFP (1992) detalha as atribuições do psicopedagogo como: auxiliar no papel de educador de forma crítica e reflexiva; desenvolver um trabalho com educadores e alunos para superar as barreiras institucionais; desenvolver atividades com atores escolares para identificar, solucionar e prevenir problemas psicossociais que dificultam a potencialização e a auto realização; desenvolver e implementar práticas voltadas para a relação professor-aluno; busca de conhecimento para construção de um projeto pedagógico; centrar suas atividades nos processos de desenvolvimento, aprendizagem e relacionamento interpessoal, avaliação e redirecionamento de planos e procedimentos educacionais; desenvolver programas de orientação profissional para melhor aproveitamento e potencialização através do conhecimento psicológico crítico do mundo do trabalho (CFP, 1992); diagnosticar as dificuldades dos alunos e fazer encaminhamentos caso ultrapassem os atributos anteriores (CFP, 1992) e; supervisionar, liderar e realizar trabalhos nesta área.

A psicologia move-se com protagonismo social. Um psicólogo constantemente/historicamente precisa esclarecer seu papel. A mesma coisa acontece no contexto escolar, a expectativa dos atores pela resolução imediata da queixa é apontada como um fator que gera uma visão desprestigiante do trabalho do psicólogo escolar e a percepção do psicólogo como uma instituição fechada a mudanças. O trabalho acelerado impossibilita a criação de formas alternativas de se livrar da impotência, nesse contexto, o trabalho do psicólogo acolhe a imprevisibilidade.

Nos achados, percebe-se questões que se cruzam com o trabalho do psicólogo escolar, que já acompanhava o curso de história. A patologização e a ineficácia da inclusão quando não é possível trabalhar o reconhecimento das peculiaridades, das dificuldades e/ou deficiências, problemas econômicos e culturais do aluno (SOUZA; MACEDO, 2012).

Pereira e Silva (2022) apontam para a inclusão e abordam práticas que podem ser discriminatórias, entretanto, Couto (2022) levanta questões relacionadas à inclusão de alunos com autismo, bem como o tema da medicação indiscriminada nas queixas escolares, o que traz consequências negativas (MININ; LIMA, 2017).

Souza e Macedo (2012) analisam inclusão versus exclusão e trazem teorias críticas sobre individualidade e contexto sócio-histórico-cultural. Apontam para a

necessidade de reflexão constante sobre as formas de consegui-lo, para que as formas de inclusão não sejam, em última análise, excluídas. Eles também indicam que a igualdade é esperada das pessoas com deficiência.

Os autores afirmam que as diferenças não se aplicam apenas àquelas que vêm com as notícias, mas a singularidades de toda ordem, como diferenças econômicas, culturais, sociais, entre outras, que acabam se tornando elementos geradores de queixas escolares distorcidas desde sua origem. Fica claro, portanto, que a diversidade precisa ser reconhecida e que a aprendizagem e o desenvolvimento precisam ser mediados por seus pontos fortes e não pelo que lhe falta. Em reconhecimento à individualidade de Cassine e outros (2007) que apontam que a psicanálise cumpre esse papel.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar uma análise de conteúdo de resultados científicos no campo da psicologia escolar e educacional não é simples, considerando a atuação de psicólogos na educação pública, com métodos limitados e ações descontextualizadas. Além disso, uma perpétua contradição a essa representação é a necessidade de trabalhar com a escola como um sistema maior e com os diversos atores (professores, alunos, famílias, funcionários, etc.). A atenção muda de questões pessoais para interações questionadoras.

Para este estudo, alguns desses espaços poderiam ser alcançados de forma mais efetiva por meio da atuação de psicólogos escolares, utilizando supervisão de grupos de professores, treinamento de longo prazo de técnicos escolares relacionados aos temas abordados nos grupos - agressão, sexualidade, drogas, discriminação, inclusão, etc. sobre temas emergentes no contexto da escola e a atuação conjunta com a direção para esclarecer e fortalecer podem ressignificar a dinâmica da escola. Evidentemente, outras pesquisas ainda podem contribuir para um entendimento mais completo sobre a atuação do psicólogo nas escolas públicas municipais.

A importância da formação acadêmica do psicólogo escolar, considerando a graduação e o estágio como primeiro contato com a profissão, adquiri nuances na formação e desenvolve sua prática com base na educação continuada. Ainda assim, reflete-se que a prática da psicologia escolar requer uma busca constante por uma formação condizente com a dinâmica da prática no ambiente escolar. Os psicólogos

são conhecidos por basear suas intervenções em todo o conhecimento da psicologia, podendo assim, se sustentar em uma prática ética e holística, ampliando perspectivas teóricas e práticas sobre a realidade para melhorar o argumento de que os Psicólogos escolares carecem de autonomia, como revela o estudo em questão.

Mas acredita-se que essa autonomia pode ser construída ao longo do tempo, visto que os profissionais podem conquistar o espaço, encontrando desafios inerentes às suas próprias imagens, preconceitos e dificuldades em aceitar a prática de professores e gestores, por isso vale ressaltar a importância da relação entre psicólogos e professores para aumentar a produtividade.

A atuação dos profissionais ainda deixa muita incerteza sobre sua necessidade de operar nas escolas, realidade que ocorre devido à falta de informações sobre as atribuições do psicólogo escolar e do que realmente consiste o seu trabalho, e as diversas profissões envolvidas no ambiente escolar, os membros da comunidade escolar não acredita na relevância de psicólogos estarem envolvidos nas escolas, favorecendo a qualidade de vida no ambiente escolar.

A pesquisa possibilita a compreensão do escopo de atuação da psicologia escolar, que inclui diversas atividades, tais como: ações voltadas para alunos, pais, professores e demais profissionais, buscando sempre passar de uma perspectiva individualizada para uma ampla, com o objetivo de aumentar a eficácia do processo educativo.

Pelas falas das psicólogas entrevistadas, percebe-se que sua prática inclui tantas ações individuais, quanto coletivas, mas sempre buscam incluir dentro desse leque ações que beneficiem a maioria dos indivíduos.

Assim, um elemento muito positivo deste estudo é a validação de que os psicólogos escolares procuram melhorar a sua prática, em vez de se deixarem levar pela autoindulgência. Além de credenciar a atuação do profissional, a pesquisa estimula a aplicação de novos conhecimentos e está alicerçada em sólida fundamentação teórica com o objetivo de corroborar todo esse conhecimento a uma estrutura que define a psicologia escolar.

Pode-se concluir que eles oferecem uma discussão multifacetada sobre uma nova abordagem para psicólogos no contexto educacional a considerar, mais do que simplesmente intervir na educação, esses profissionais devem levar em apreço os elementos críticos, elementos esses que incluem questionar a própria natureza de uma reclamação escolar, sugerir avaliações e intervenções que considerem a

totalidade do contexto educacional e implantar intervenções em grupo que envolva todas as partes no processo de escolarização.

O Psicólogo Escolar tem a capacidade de se tornar um membro vital da equipe técnica, auxiliando no processo de formação dos educadores, isso pode ser feito de diversas maneiras, como palestras, encontros temáticos e cursos que atendam às demandas sempre crescentes dos que atuam na rede de ensino.

É importante referir que nestas sessões de formação, o Psicólogo Escolar pode abordar tanto os aspetos pedagógicos da profissão, como os fatores psicológicos que impactam o desempenho profissional, como o stress e a satisfação profissional. A pesquisa realizada sobre este tema revelou que os profissionais muitas vezes não têm certeza do seu papel quanto Psicólogo Escolar, levando a equívocos e confusões.

Em conclusão, a análise aqui apresentada não pretende esgotar o tema, mas apenas para ajudar a lucidar as menções que têm contribuído para o avanço da psicologia escolar crítica no contexto da educação pública. Embora ainda sejam necessários muitos estudos sobre essa nova forma de atuação do psicólogo escolar, entende-se que este artigo pode ser um importante aporte para psicólogos que atuam na educação ou para estudantes que pretendem atuar como psicólogos escolares, sendo o ponto de partida para estes desenvolverem estudos e aprofundamentos na área**.**

REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. A. M. (2007). Psicologia escolar e educacional: história, compromissos e perspectivas. *Cadernos de Psicopedagogia [online]*. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-10492007000100008&lng=es&nrm=iso&tlng=es.

BRASIL.Lei n. 5.766, de 20 de dezembro de 1971. *Cria o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicologia e dá outras providências*. Brasília, DF:Presidência da República, 1971. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5766.htm. Acesso em: 08 ago. 2021.

BRASIL (1988). *Constituição Federal*. Brasília, Presidência da República.

CASSINS, A. M.et al. *Manual de Psicologia Escolar/Educacional*. Curitiba: Gráfica e Editora Unificado, 2007. Disponível em: https://crppr.org.br/wp-content/uploads/2019/05/157.pdf. Acesso em: 24 jul. 2021.

CRUCES, A. V. V. Psicologia e educação: nossa história e nossa realidade. In: ALMEIDA, S. F. C. (Org.). *Psicologia escolar, ética e competências na formação e atuação profissional.* Campinas: Alínea, 2010. cap.1, p. 17-36.

COUTO, C. A. F. *Psicologia Escolar e a Inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia)–Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Available:https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/34483/1/PsicologiaEscolarInclus%c3% a3o.pdf. Access: 23 Sept. 2022.

Conselho Federal de Psicologia - CFP. Atribuições Profissionais do Psicólogo no Brasil: *Contribuição do Conselho Federal de Psicologia ao Ministério do Trabalho para integrar o catálogo brasileiro de ocupações*–enviada em 17 de outubro de 1992. Available: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/atr_prof_psicologo.pdf. Access 24 July 2021.

Gentili, P. (1999). "As políticas educacionais no contexto do neoliberalismo: os significados da privatização no campo educacional". In: Oliveira, M. N. de (org.). *As políticas educacionais no contexto da globalização*. Ilhéus, BA, Editus.

Ijzendoorn, M. H. van, & Veer, R. van der. (1983). *Main Currents of Critical Psychology*. New York: Irvington Publ. Inc.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Recuperado: 04 abr. 2008.Disponível:http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_ noticia=580&id_pagina=1

NOVAES, M. H. Repensando a Formação e o Exercício Profissional do Psicólogo Escolar na Sociedade Pós-Moderna. In: ALMEIDA, S. F. C. (Org.). *Psicologia escolar, ética e competências na formação e atuação profissional*. Campinas: Alínea, 2010. cap.6, p. 127- 134

Massimi, M. (1984). *História das idéias psicológicas no Brasil em obras do período colonial.* Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Massimi, M. (1990). *História da Psicologia brasileira*: da época colonial até 1934. São Paulo: EPU.

Massimi, M., & Guedes, M. C. (2004). *História da Psicologia no Brasil*: novos estudos. São Paulo: EDUC, Cortez.

MININ, J. C.; LIMA, V. A. A. *Psicologia escolar:* Breve histórico na construção de perspectivas críticas no Brasil.Saberes da Amazônia,Porto Velho, v. 3, n. 6, p. 101-118, jan./jun. 2017.
Available: http://www.fcr.edu.br/ojs/index.php/saberesamazonia/article/view/215. Access: 24 July 2021.

ROMANELLI, O. de O. (1991). *História da educação no Brasil*. 13. ed. Petrópolis, RJ, Vozes.

SOUZA, A. M. L.; MACEDO, M. D. C. S. R. Avaliação da aprendizagem e inclusão escolar: A singularidade a serviço da coletividade. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 283-290, jul./dez. 2012. Available: https://www.scielo.br/j/pee/a/VqKsyywwZvf4p5rdvrCvvSJ/?format=pdf&lang=pt. Access: 24 July 2021.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SUBJETIVIDADE FEMININA NO ROMANCE 'UMA DUAS", DE ELIANE BRUM[1]

DOMESTIC VIOLENCE AND FEMALE SUBJECTIVITY IN THE NOVEL "UMA DUAS", BY ELIANE BRUM

VIOLENCIA DOMÉSTICA Y SUBJETIVIDAD FEMENINA EM LA NOVELA "UMA DUAS", DE ELIANE BRUM

Rosiéle Bittencourt Baêta Carvalho[2]
Rosângela Araújo Darwich[3]
José Guilherme de Oliveira Castro[4]
Thiago Almeida Barros[5]

Resumo: Este artigo consiste em análise da construção narrativa da subjetividade feminina de personagens vítimas de violência doméstica no romance "Uma Duas", de Eliane Brum (2011). Brum explora as questões na relação entre Maria Lúcia, mãe, e Laura, filha, as protagonistas. O *corpus* permite reflexão sobre a invisibilidade da mulher no contexto social atual diante de violências apontadas pela Lei Maria da Penha. Sobre o desenvolvimento das emoções nos textos literários (LYYTIKÄINEN, 2017) e subjetividade (MOLON, 2011), selecionamos dezoito trechos para análise de 1) personagens, 2) narradores, 3) enredo e eventos e 4) objetos e cenários fictícios, categorias que podem envolver o leitor em experiências do mundo real. A subjetividade feminina e a violência doméstica demonstradas no romance são assuntos que devem ser discutidos, dando visibilidade às vítimas. O efeito catártico das personagens pode auxiliar mulheres no enfrentamento a esses sofrimentos, trazendo a leitura com instrumento de transformação psicossocial.

Palavras-chave: Violência doméstica; Mulher; Literatura; Emoções; Subjetividade Feminina.

---

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho 4 - (In)visibilidades arte-ciência: entrelaçamentos entre literatura e psicologia do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Advogada e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: rosielebbaeta@yahoo.com.br. Orcid: https://0009-0002-0234-6630.

[3] Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento (UFPA). Docente do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: rosangeladarwich@yahoo.com.br. Orcid: https://000-0001-7325-9097.

[4] Doutor em Letras (PUC/RS). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: jgpsico.letras@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-3602-7734.

[5] Doutor em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) e dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: tbarros81@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9608-7416.

Abstract: This article consists of na analysis of the narrative construction off emale subjectivity in characters who are victims of domestic violence in the contemporary novel “Uma Duas” by Eliane Brum (2011). Brum explores issues experienced in a family relationship between Maria Lúcuia, the mother, and Laura, the daughter, the protagonists. The corpus allows for a reflection on the invisibility of women in the current social contexto in the face of violence under the Maria da Penha Law. Drawing on the development of emotions in literary texts (LYYTIKÄINENM 2017) and subjectivity (MOLON, 2011), we have selected eighteen passages for analysis of 1) characters, 2) narrators, 3) plot and events, and 4) fictional objects and settings, categories that can engage the reader in experiences of the real word. The female subjectivity and domestic violence depicted in the novel are topics that should be discussed, bringing visibility to women who are victims. The cathartic effect of the characters described in the novel can assist women in confronting these sufferings, using Reading as a tool for psychosocial transformation.

Keywords: Domestic violence; Women; Literature; Emoticons; Female Subjectivity.

Resumen: Este artículo consiste em um análisis de la Construcción narrativa de la subjetividade feminina em personajes que son víctimas de violência doméstica em la novela contemporânea “Uma Duas” de Eliane Brum (2011). Brum explora cuestiones experimentadas em uma relación familiar entre Maria Lúcia, la madre, y Laura, la hija, las protagonistas. El corpus permite reflexionar sobre la invisibilidade de la mujer em el contexto social actual frente a la violência según la Lev Maria da Penha. Basándonos em el desarrollo de las emociones em los textos literários LYYTIKÄINEN, 2017) y la subjetividade (MOLON, 2011), hemos seleccionao dieciocho fragmentos para el análisis de
1) personajes, 2) narradores, 3) trama y eventos, y 4) objetos y escenarios fictícios, categorias que pueden involucrar al lector em experiencias del mundo real. La subjetividade feminina y la violência doméstica representadas em la novela son temas que deben ser discutidos, brindando visibilidade a las víctimas. El efecto catártico de los personajes descritos em la novela puede ayudar a las mujeres a enfrentar estos sufrimientos, utilizando la lectura como uma herramienta de transformación psicosocial.

Palabras clave: Violencia doméstica; Mujer; Literatura; Emociones; Subjetividad feminina.

1. INTRODUÇÃO

A historicidade da luta das mulheres contra a violência doméstica revela uma invisibilidade feminina ainda presente na sociedade, com reflexos nas ações dessas mulheres em diferentes níveis da realidade. A literatura pós-moderna aborda temas vivenciados e revela os sentimentos mais profundos que o ser humano carrega em si. O indivíduo pode transpassar do real para fictício tornando a subjetividade como características do modo de vida, ações e pensamentos que orientam sua percepção de ser humano e de viver.

Buscamos uma leitura crítica da violência doméstica a partir de visão sobre a subjetividade feminina e a invisibilidade apresentadas no romance “Uma Duas”, de Eliane Brum, que pode contribuir ao debate e à reflexão sobre esses temas. Esta leitura revela momentos de emoção que podem fazer transformações na vida da mulher vítima de violência doméstica, revelando suas subjetividades de modo de vida sob os reflexos de ações violentas.

Obras dessa natureza reforçam o debate sobre a invisibilidade da mulher ainda existente no contexto social contemporâneo. São discussões importantes tanto no campo social como nos campos da psicologia e literatura, além de mostrar relevância acadêmica. Desta forma, o objetivo deste trabalho é analisar a violência doméstica descrita no romance, demonstrar a subjetividade feminina das personagens e descrever as emoções desenvolvidas na narrativa.

A subjetividade feminina presente na obra traz reflexões sobre a invisibilidade da mulher em situação de violência doméstica causadas na relação íntima de afeto. São fatos que tem relevância psicossocial na sociedade em que vivemos.

A narrativa desenvolvida por Brum (2011) é uma opção estética de testemunho que permite estudos sobre o desenvolvimento das emoções nos textos literários (LYYTIKÄINEN, 2017). Molon (2011) ressalta a construção da subjetividade que relaciona o indivíduo com o meio que vive, interagindo e transformando o seu viver, que, para o romance, tem efeito bem aparente da narradora Laura, que descreve pensamentos e ações complexas e às vezes manipuladoras.

Os trechos identificados envolvem cenas de sofrimento da violência doméstica como elemento central do enredo. Com a pontuação de eventos marcantes no sentido da emoção, sentimento e afetividade de cunho exploratório. Ao todo, dezoito trechos foram selecionados para análise a partir de adaptação ao que apresenta Lyytikäinen (2017) sobre o desenvolvimento das emoções nos textos literários de natureza descritiva e interpretativa.

Vale ressaltar que, para Lyytikäinen (2017, p. 253, tradução nossa), "1) personagens, 2) narradores, 3) enredo e eventos e 4) objetos e cenários fictícios" são categorias onipresentes a serem levadas em conta na análise de impactos emocionais de narrativas porque podem nos envolver a exemplo das experiências do mundo real e até de formas que não experimentamos na realidade.

Foram identificados os seguintes eventos marcantes: a repulsa de Laura para socorrer a mãe, a imagem de Laura tem de si como continuidade da mãe, asco da mãe, o afastamento, relutância, remorso, culpa, prazer em fazer sofrer. Neste artigo,

no entanto, a análise completa é precedida por um breve histórico das privações feminina como silenciamento, a invisibilidade e o controle do masculino na sociedade e suas interrelações com a literatura. Em seguida, destacamos os trechos do romance de Brum (2018) escolhidos para a análise relacionados à construção das personagens e que apresentem relatos de violência doméstica e sofrimento feminino. Por fim, apresentamos a discussão sobre a subjetividade feminina e os sentimentos trazidos pela narrativa em cenas e trechos de palavras coletadas que provocam efeitos
catárticos nas personagens.

2. HISTORICIDADE FEMININA E LITERATURA

A figura feminina, historicamente, foi privada de acepções que são imprescindíveis para sua concepção e construção de sujeito, submetida à marginalização das relações sociais que a priori foi dada a função de reprodução, obediência total familiar (pai, irmão, marido) e das tarefas do lar. Impondo-se à mulher uma identidade inexpressiva e ausência de discurso, pois eram tratadas como objetos aderidas ao lar numa sociedade de patriarcado (SOLNIT, 2017).

Dentro desse cenário, a literatura pode trazer para o contexto do livro a percepção da época vivida e assim transcrever sentimentos e emoções dos personagens, vistos também nas mulheres que ali fazem parte da sociedade da época, daquele momento. As personagens, mesmo que imaginárias, trazem toda uma carga emocional que faz parte das características de composição de cada uma delas, dentro da narrativa que se quer expor, fabricada pelo autor (ZILBERMAM, 1989).

Então, nessa historicidade, a literatura brasileira não foge desse contexto. Várias obras literárias descrevem suas personagens mulheres como seres de imaginação retratadas com características do mundo real. Personagens femininas idealizadas no imaginário do autor com ações e sentimentos humanos que fazem estas adentrarem no momento da leitura que faz adentrar no imaginário do leitor junto com outros personagens da trama que foi escrita (ZOLIN, 2009a, *apud* ESTEVES *et al*, 2019).

A literatura leva subjetividade humana para dentro da obra literária de acordo com o que é descrito e reproduzido. Nessa visão, a subjetividade feminina se revela num efeito catártico aristotélico, que tem como significado limpeza e purificação sob efeitos dos sentimentos e emoções provocadas pelas visualizações de peças

teatrais com a plateia na captação de emoções por Aristóteles e aqui neste artigo será utilizado no envolvimento dos leitores em sua subjetividade própria de leitura e envolvimento com texto. Zilbermam (1989), traz para a discussão uma literatura de texto vivo, onde o autor/leitor interagem numa recepção dinâmica.

Pela visão crítica, a literatura brasileira que canonizou o masculino, apresenta "caixinhas", que enquadram a mulher como personagens femininas em estereótipos como mulher sedutora/imoral, mulher megera, mulher anjo- indefesa, na quebra desse estereótipo (ZOLIN, 2009a, *apud* ESTEVES *et al*, 2019) se faz presente a mulher como sujeito dotada de individualidade impossível de ser categorizada nesses tipos tão estreitos dentro de um ambiente literário numa fragmentação simplista da subjetividade feminina.

A abrangência da subjetividade feminina vem da particularidade de ser do sujeito, envolve as capacidades sensoriais, afetivas, imaginárias, racionais de um indivíduo, de visão do mundo no ponto de vista que transpassa a cultura, a sociedade, sobre o jeito individual e próprio de cada indivíduo bem como a forma de como é visto e sentido as coisas ao redor (VIGOTSK *apud* MOLON, 2011).

Beauvoir (1967) diz que a mulher contemporânea busca uma libertação de um pensamento de retrocesso de "ser para o homem", então passar a ser ela mesma e para ela mesma a se reconhecer como mulher na busca de ser livre de preconceitos e de todos os pressupostos patriarcais do termo "mulher". Isso também tendo consciência de sua dependência.

Touraine (2011) diz que a privação da subjetividade feminina vem da lógica de dominação que elas sofrem o que justifica a importância do reconhecimento de afirmação já descoberta de que "eu sou uma mulher" e com esse pensamento se faz uma ruptura das definições funcionais da mulher no mundo moderno.

Ainda em Esteves *et al* (2019), o controle do discurso está presente, com a negação de produção literária e de representação de voz de mulheres, negros, indígenas, homossexuais, pobres em geral) que ficam a margem do silenciamento e de questionamento das produções literárias de minoria devido a um capitalismo machista ainda existente. Que ainda trazem temas e tabus que afligem a população de mulheres como a violência de gênero, automutilação, abuso sexual, angústia, entre outros.

3. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SUBJETIVIDADE EM "UMA DUAS"

A família e a igreja ainda tentam impor o que é certo e o que é errado,

apontando o que é considerado bom comportamento e o que seja inaceitável para uma moça ressaltando o atributo do casamento e a obediência a padrões e a valores de moralidade estabelecidos e mantidos através das diversas gerações ainda mesmo que inconsciente, as mulheres tendem a adequar aos conceitos patriarcais, é o que diz Beauvoir (1967).

Na construção das personagens, Brum (2018) ressalta os sofrimentos de violência psicológica e física em conformidade com a Lei Maria da Penha[6], relatados nas trajetórias textuais femininas no que demonstram os efeitos de violência doméstica[7] sofridos pela mãe devido ao comportamento machista do companheiro. Esses efeitos demonstram uma contínua violação psicológica na filha, provocada pelos atos da mãe ao longo da estória.

Laura, a personagem da filha, escreve no computar tudo que tem vontade de falar para a mãe descreve todo pensamento de sofrimento angustiante marcado pela automutilação e vai através da escrita passando por processo de liberação da sua dor de acordo com o avançar da leitura.

A escrita é sua válvula de escape:

> quando digito a primeira palavra o sangue ainda mancha os dentes da boca do meu braço. Das bocas todas do meu braço. Depois da primeira palavra não me corto mais. Eu agora sou ficção. Como ficção posso existir (BRUM, 2018, p.7).

Isso revela a invisibilidade de existência da personagem, fato que acontece na realidade com muitas mulheres que sofrem os efeitos de violência. Isso acontece também com a mãe de Laura o que se faz perceber que não é só um fato isolado.

Brasil, Lei n. 11.340, de 7 de Ago. de 2006, Lei Maria da Penha. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º. Do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004- 2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 28 de jul. de 2023.

[7] Tipos de Violência Doméstica - Estão previstos cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher na Lei Maria da Penha: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial − Capítulo II, art. 7º, incisos I, II, III, IV e V. Disponível em: https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html#:~:text=Est%C3%A3o%20previstos%20cinco%20tipos%20de,%2C%20III%2C%20IV%20e%20V. Acesso em: 28 de jul. 2023.

Num processo catártico o trecho evidenciado traz alívio para a narradora, “o que faço agora é reinventar a mim mesma, a realidade é uma ficção” (BRUM, 2018, p. 15). É possível estabelecer em análise da subjetividade feminina uma relação entre a personagem/pessoa literária e os sentimentos da mesma como algo que se fundem (ESTEVES *et al*, 2019) controverso e autodestrutivo que mantinha dentro de si.

O pai de Maria Lúcia, que era militar, conservador, usava de autoritarismo para a proteção da filha de todos os males do mundo e manteve Maria Lúcia (mãe) em confinamento. Esse confinamento é retratado como a impossibilidade de sair de casa sem a presença do pai, não abrir a porta para ninguém, não receber visitas, não ter amigos e convivência com outras pessoas limitando a personagem de ir e vir, o que se define violência psicológica[8] contra a mulher que limita e constrange das ações da mulher que a submete a um comportamento dito como correto pelo homem.

“As palavras ardiam em mim”, dizia Maria Lúcia (BRUM, 2018). Em alguns momentos, pressionada a escrever, ela urinava nas roupas. E quando isso acontecia, ele a chamava de “menina suja” e a fazia se lavar o tempo todo até a pele ficar avermelhada e escamar. Então, se identifica outra violência doméstica que é classificada como violência moral[9] baseada na lei Maria da Penha.

As palavras podem ser resultantes das relações dos sujeitos, que operam a transformação nas atividades e nos sujeitos, afetando as práticas sociais entre o sujeito e o outro nas atividades humanas (VYGOTSK *apud* MOLON, 2011).

O porteiro do prédio onde Maria Lúcia morava, sob a justificativa de cuidar dela, tomou conta da sua vida e do seu corpo, submetendo-a a um relacionamento de abuso sexual e destruição. Uma cena que, a priori, era de preocupação, depois se transformou em violência sexual.

---

[8] Violência Psicológica - Lei 14.188/21 e cria um crime previsto no artigo 147 – B do Código Penal, com a seguinte descrição típica: Causar dano emocional à mulher que a prejudique e perturbe seu pleno desenvolvimento ou que vise a degradar ou a controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, chantagem, ridicularização, limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que cause prejuízo à sua saúde psicológica e autodeterminação. Disponível em: https://meusitejuridico.editorajuspodivm.com.br/2022/05/05/violencia-psicologica-contra-a- mulher-artigo-147-b-cp/. Acesso em: 28 de jul. de 2023.

[9] Violência Moral - Entende-se por violência moral qualquer conduta que importe em calúnia, quando o agressor ou agressora afirma falsamente que aquela praticou crime que ela não cometeu; difamação; quando o agressor atribui à mulher fatos que maculem a sua reputação, ou injúria, ofende a dignidade da mulher. (Exemplos: Dar opinião contra a reputação moral, críticas mentirosas e xingamentos). Disponível em: https://www.tjse.jus.br/portaldamulher/definicao-de-violencia-contra-a-mulher#:~:text=Viol%C3%AAncia%20moral%20(n%C3%A3o%2Dvisual)%3A,ofende%20a%20dignidade%20da%20mulher. Acesso em: 28 de jul. de 2023.

> Passei pelo porteiro do dia tremendo (...) e eu fui andando em linha reta... Não sei até onde fui, mas escureceu (...) quando cheguei ao edifício que eu morava, ele me esperava na porta. Primeiro preocupado e depois furioso. Você não é meu pai, eu disse. Não sou mesmo. Sou seu homem... Fica quieta. E começou a tirar meu vestido. (...) medo maior do que eu (BRUM, 2018, p. 100).

Devido a constantes abusos sexuais sofridos, o corpo de Maria Lúcia não era mais dela, segundo relata; dizia que havia uma "coisa crescendo dentro dela" e quando a criança nascia, era afogada pela mãe na água da privada, dentro de casa, o que pode ser considerado infanticídio[10] no puerpério. O companheiro seguia indiferente diante das súplicas de Maria Lúcia. "E eu o odiava mais" (BRUM, 2018, p. 101), no que a constrangia a liberdade sexual e ao próprio corpo que é um direito da mulher salvaguardado pelo fundamento constitucional brasileiro da dignidade humana.

A personagem Laura se salvou da morte por nascer em silêncio. Uma personagem complexa que aproxima em sua subjetividade feminina própria à de muitas subjetividades femininas na realidade.

> (...) sim, porque você não nasceu porque o seu pai se enfiou dentro do meu corpo paralisado. Você nasceu quando olhou pra mim, e eu me vi no seu olhar. E desejei que você vivesse. Você é tudo o que eu sinto de vivo em mim agora que morre (BRUM, 2018, p. 159).

Essa forma de voltar o olhar para si mesmo e começar a viver sua vida de maneira única pode ser chamado de subjetividade, diz Vygotsky (*apud* MOLOM 2011). Nessa passagem da obra de Brum, há uma construção da sujeita-mulher evidente que se coloca numa escrita de algo vivo de cura ou destruição da subjetividade humana atrelada ao feminino. Se há alguma cura para abuso sexual e violência doméstica são caminhos de foro íntimo na cicatrização das memórias das personagens literárias.

[10] Infanticídio - Código Penal Brasileiro. Art. 123 - Matar, sob a influência do estado puerperal, o próprio filho, durante o parto ou logo após: Pena - detenção, de dois a seis anos. Disponível em: https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/infanticidio#:~:text=123%20%2D%20Matar%2C%20sob%20a%20influ%C3%AAncia,de%20dois%20a%20seis%20anos. Acesso em: 28 de jul. de 2023.

4. SUBJETIVIDADE FEMININA E EMOÇÕES

Segundo Esteves et al. (2019), o Brum (2018) traz uma escrita pós- moderna como a fragmentação textual e a alternância de narradores que metaforiza as angústias e mazelas do mundo feminino e exterioriza pensamentos críticos e íntimos sobre o meio que as cerca.

Quando a subjetividade é evidenciada tanto Vygotsky quanto Bakhtin, concordam que tem uma relação de sentidos relacionados à sensibilidade orgânica das sensações relacionadas aos sentimentos e emoções na tessitura que produzem signos em relação ao outro, na constituição do sujeito e da subjetividade e que esses sentidos emergem das relações humanas (MOLON, 2011).

4.1. Personagens

Os personagens dessa trama literária são mãe (Maria Lúcia) e sua filha (Laura) num relacionamento íntimo familiar complexo descritos na primeira página da obra por Laura, quando fala “a voz da mãe” com atos que geram comportamento de aproximação com as emoções e sentidos evocados a mover a quem está lendo. Que pode envolver no mundo real em relação a figura dos personagens e encorajar a sentir os mesmos sentimentos. O que faz parte da caracterização do personagem construído pela autora.

4. 2. Narradores

Tanto a mãe como a filha são narradoras da estória com uma visão das características dadas as personagens numa descrição dos próprios sentimentos e fatos que condizem com a evolução da trama. A narração é uma ação relativamente autônoma que pode ser construída com a vontade do autor ao longo da construção do enredo. Como já dito anteriormente, no corpus literário, as personagens mãe e filha se alternam com as escritas autorreferenciais, personagens narradoras da própria estória dentro da análise

de categoria de número um e de personagem categoria número dois, de narradores.

4.3. Enredos e Eventos

As palavras que trazem a emoção e a linguagem afetiva de modo geral impactam e fazem com que exista uma reação emocionalmente própria, muito embora sejam reações adequadas e reguladas pelo contexto e pela obra como um todo (LYYTIKÄINEN, 2017). Isso proporciona uma vivência aos personagens. Nesse aspecto, é o cheiro da mãe revelado em trechos: “Ela andou ali. Eu posso tocar a memória dela ali. O cheiro de sabão dela. Mãe, você entrou no meu quarto?” (BRUM, 2018, p. 68).

A autora traz nas palavras uma proposta pensada e assumida no contexto literário significadas pelo medo, a culpa, a relutância e a repulsa de Laura a ter que ir socorrer a mãe, nos pensamentos de morte proferidas por Laura em relação à mãe e no prazer em fazer sofrer próprio e do outro descritas nas páginas iniciais, o que remete à descrição de Molon (2011) sobre o processo de subjetividade do sujeito. Um dos trechos marcantes:

> Vamos. Enfia. Eu vi que o coração dela era aquele seio. Enfiei. A carne era menos dura do que eu imaginava. Via a boca de sangue cuspir. E não pude mais. Deixei a faca cair no chão. Ela riu, e o som do seu riso feriu meus ouvidos tanto que desejei a surdez. Você é como seu pai. Fraca. Eu nem pude chorar. Agora ela gargalhava BRUM, 2018, p. 55).

Essa passagem revela uma subjetividade mórbida (MOLON, 2011): tanto a mãe quanto a filha gostavam de facas. O contexto desperta acontecimentos seguintes, enfatizando o vermelho, e fala sobre a personalidade da mãe encorajando a filha ainda pequena.

A exemplo do que aponta a autora, o elemento cor tem espaço de destaque neste ponto, quando Brum (2018) se utiliza da descrição do vermelho sangue para denotar o tom, humor e a atmosfera que o texto traz. Para Esteves *et al* (2019), o vermelho tem metáfora com o sangramento que é representada pela violência física e violência psicológica que o testemunho das personagens femininas traz nas trajetórias da estória.

O elemento silêncio é importante no enredo. É evidente a falta de diálogo entre mãe e filha. Criada em solidão, Maria Lúcia reforça o comportamento introspectivo: faz tudo em silêncio, até gritar, como se tivesse um cadeado na garganta. Essa dinâmica influencia psicologicamente as atitudes de Laura ao longo da trama.

O enredo, no entanto, apresenta palavras com efeito de transformação interpessoal e intrapessoal das personagens, como querer viver, lutar para viver, trechos que se relacionam com a resignação de sentimentos e sofrimentos sendo gradativamente levadas à mudança de sentimentos reprimidos e a liberação de sentimentos positivos, como a cumplicidade, o cuidado, o riso.

Ainda dentro da categoria do enredo, o estilo e a linguagem por meio dos quais o mundo narrado se revela no texto, a alternatividade e a interação dos relatos das narradoras e assim as personagens sentem as escolhas feitas pela autora no enredo de relatos de memórias e pensamentos de sofrimentos. Um trecho que revela emoção é o pedido de desculpas feito pela personagem Laura a mãe: “Desculpa mãe, eu digo. Desculpa, mas eu não consigo fazer melhor do que isso. E descubro ali que é verdade, que do meu jeito tortuoso faço o melhor possível. A expressão do rosto dela se altera.” (BRUM, 2018, p. 135). Este enredo se faz presente em meio a última ida ao hospital, deixando a casa em que a mãe vivia.

Os efeitos das emoções podem ser desencadeados com a multiplicidade de palavras, por recursos narrativos, linguísticos e estilísticos e de toda a construção do mundo fictício. Isso quer dizer que se pode entrelaçar narrativas, o mundo produzido pelo autor e elementos da própria linguagem para participar dos efeitos emocionais.

4.4 Objetos e cenários fictícios

Conforme a categoria de análise de número quatro, que são dos objetos e cenários ficcionam o exemplo da narrativa é a descrição do sol entrando pela persiana da janela, descrita em vários momentos da trama de Brum. De certa forma trazendo um novo dia para viver, ou metaforicamente uma nova chance para viver.

“O sentido da palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência” (Vygotsky, *apud* MOLOM, 2011, p. 618). Para Lyytikäinen (2017), os efeitos emocionais são manifestados no texto com emoções humanas reais vivenciadas e mediada pela linguagem com evocações de palavras,

descrições e hábitos emocionais que dramatizam os textos ficcionais. Como acontece com os relatos escritos das narradoras que falam dos pensamentos e memórias de cada uma alternativamente. Cada uma tinha seus hábitos individuais.

Para Esteves *et al* (2019), a escrita funciona como efeito catártico aristotélico que purga os sofrimentos trazidos pelas narradoras e transpassa a subjetividade das narradoras. Esse processo vai se tornando algo vivo, que tem a ver com a subjetividade feminina, os quais as personagens têm dificuldade de lidar e lutam para enterrar as memórias sofridas para se salvar a se-próprio trazendo o poder da palavra na trama “E que eu não sei fazer da minha vida sem ela...Não por ódio, mas por amor. Por desespero. Porque ela vai me deixar” (BRUM, 2018, p.133), pode-se constatar sentimentos controversos de Laura sobre a mãe num pensamento de morte.

O efeito das emoções trazidas na forma de escrita das narradoras ao longo da trajetória literária traduz uma evolução dos pensamentos emocionais dentro da análise de Lyytikäinen (2017). Antes era sentimentos controversos e de não aceitação para o sentimento de querer viver, cumplicidade e afetividade. A escrita na narrativa, trouxe processos catárticos que deixam rastros na subjetividade das narradoras (ESTEVES *et al*, 2019).

E dessa forma, trouxe à discussão uma trama cheia de emoções dos pensamentos e sentimentos femininos que podem com o poder da escrita amenizar sofrimentos e evolui-los formando cicatrizes emocionais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A historicidade de violência contra a mulher perpassa também pelas obras literárias e da arte da literatura. Percebe-se questões impregnadas da cultura do assédio moral e sexual que caracterizam como normas as aflições femininas, revelando o cometimento de violências, das mais leves as mais graves. Efeitos de uma sociedade que silenciou a mulher e aniquilou sua subjetividade pela dominação machista.

A autora narra o sofrimento das personagens em relação a violência contra as mulheres, a subjetividade feminina dentro da literatura é um mecanismo de transporte de sentimentos do imaginário para as situações vividas, nesse aporte de subjetividade apresenta um efeito catártico das emoções nas personagens como querer viver, a lutar para viver e os sentimentos reprimidos que vão gradativamente

sendo liberados na trama de Brum (2018), como o cuidado, o riso, a cumplicidade, alegria e afetividade.

Os sofrimentos trazidos pela autora são sentimentos vividos dos seres humanos e que transporta ao mundo emocional na ficção e pode trazer reflexões para a sociedade em que vivemos de assuntos que são vistos e sentidos por mulheres que sofrem violência doméstica em uma condição de sujeito negada pelo patriarcado. Traz à tona, a subjetividade feminina que é silenciada e reforça a invisibilidade das mulheres.

Conclui-se, que o tema violência doméstica demonstrado no romance é assunto que deve ser fortemente discutido dando visibilidade aos sentimentos das mulheres vítimas desses abusos e maior conscientização e dando voz ao silêncio feminino. O efeito catártico das personagens transpassa a interdisciplinaridade e pode auxiliar as mulheres no enfrentamento dos sofrimentos trazendo a leitura com instrumento de transformação psicossocial.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRUM, Eliane. *Uma duas*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2018.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*: experiência vivida. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

ESTEVES, Natacha dos Santos; COQUEIRO, Wilma dos Santos. Narradoras excêntricas em uma duas: a escrita como subsídio à construção da subjetividade feminina no romance de Eliane Brum. *Letras de Hoje*. v. 54, n. 4, p. 475-482, out./dez., 2019. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/33124. Acesso em: 19 maio 2023.

LYYTIKÄINEN, Pirjo. How to Study Emotion Effects in Literature Written Emotions in Edgar Allan Poe's "The Fall of the House of Usher". In: JANDL, Ingeborg; KNALLER, Susanne; SCHÖNFELLNER, Sabine; Tockner, Gudrun (Ed.). *Writing Emotions: Theoretical Concepts and Selected Case Studies in Literature.* Bielefeld: transcript Verlag, 2017, p. 247-264.

MOLON. Susana Inês. Notas sobre construção do sujeito, subjetividade e linguagem. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 16, n. 4, p. 613-622, out./dez. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/CTvCMKmmrhks6GkZmdRM5tm/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 19 maio 2023.

SOLNIT, Rebecca. *Os homens explicam tudo para mim*. São Paulo: Cultrix, 2017.

TOURAINE, Alain. *O mundo das mulheres*. Petrópolis: Vozes, 2011.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e a Estética da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

COORDENADORAS:
PROFA. DRA. BETÂNIA FIDALGO ARROYO (PPGCLC/UNAMA)
PROFA. DRA. ANA D'ARC MARTINS DE AZEVEDO (PPGCLC/UNAMA)
PROFA. DRA. CAMILA RODRIGUES BASTOS (UFPA)

ST5 - (IN) VISIBILIDADES NA DIVERSIDADE: GÊNERO, QUILOMBOLAS, RIBEIRINHOS, LGBTQIA+ E CORRELATAS

Simpósio temático que discute a diversidade nos campos: gênero, quilombolas, ribeirinhos, LGBTQIA+ e correlatas, com pesquisas que trazem a diversidade como ponto central visando fomentar e promover discussões e proposições afirmativas nesse campo.

APAGAMENTO DOS SUJEITOS TRADICIONAIS NOS PROJETOS EDUCACIONAIS DO BRASIL COLÔNIA E IMPÉRIO [1]

DELETION OF COUNTRYSIDE SUBJECTS IN EDUCATIONAL PROJECTS IN COLONY AND EMPIRE BRAZIL

ELIMINACIÓN DE ASIGNATURAS DEL CAMPO EN PROYECTOS EDUCATIVOS EN COLONIA E IMPERIO BRASIL

Jefferson Luis da Silva Cardoso[2]
Rosângela Araújo Darwich[3]

Resumo: o presente estudo aborda o processo de construção dos projetos educacionais entre o Brasil Colônia e Império, na tentativa de localização do lugar dos povos tradicionais na educação. Objetiva analisar as ações educacionais no Brasil Colonial e Imperial, para possível identificação das marcas culturais dos povos tradicionais do meio rural. A metodologia tem abordagem qualitativa, pesquisa bibliográfica, documental e faz análise interpretativa do material coletado. No aporte teórico, usa-se Almeida (1989), Azevedo (1976), Caldart (2003), Luzuriaga (1975), Ribeiro (1984), Saviani (2004) e outros. Os resultados apontam para indícios de negação do direito à educação para os povos tradicionais do campo, haja vista seu silenciamento e apagamento nos diferentes períodos analisados, permanecendo latentes e atuais os anseios dos sujeitos viventes nas ruralidades por uma educação pública, gratuita e gerida pelo Estado.

Palavras-chave: Educação do Campo; Povos Tradicionais; Brasil Colônia; Projetos educacionais; Brasil Império.

Abstract: The present study addresses the construction process of educational projects between Colonial Brazil and the Empire, in an attempt to locate the place of traditional peoples in education. It aims to analyze the educational actions in Colonial and Imperial Brazil, for a possible identification of the cultural marks of the traditional peoples of the rural environment. The methodology has a qualitative approach, bibliographical and documental research and an interpretative analysis of the collected material. In the theoretical contribution, Almeida (1989), Azevedo (1976), Caldart (2003), Luzuriaga (1975), Ribeiro (1984), Saviani (2004) and others are used. The results point to signs of denial

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST5 (IN)VISIBILIDADES NA DIVERSIDADE: gênero, quilombolas, ribeirinhos, LGBTQIA+ e correlatas do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Doutorando em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/UNAMA, Universidade Federal Rural da Amazônia, jefferson.cardoso@ufra.edu.br e ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7413-5467.

[3] Doutora em Psicologia pela PPGP/UFPA, rosangeladarwich@yahoo.com.br e ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7325-9097.

of the right to education for the traditional people of the countryside, given its silencing and erasure in the different periods analyzed, remaining latent and current the desires of the subjects living in rural areas for a public education, free and managed by the State.

Keywords: Field Education; Traditional Peoples; Colonial Brazil; Educational projects; Brazil Empire.

Resumen: el presente estudio aborda el proceso de construcción de proyectos educativos entre el Brasil Colonial y el Imperio, en un intento de ubicar el lugar de los pueblos tradicionales en la educación. Tiene como objetivo analizar las acciones educativas en el Brasil Colonial e Imperial, para una posible identificación de las marcas culturales de los pueblos tradicionales del medio rural. La metodología tiene un enfoque cualitativo, investigación bibliográfica y documental y un análisis interpretativo del material recolectado. En el aporte teórico se utilizan Almeida (1989), Azevedo (1976), Caldart (2003), Luzuriaga (1975), Ribeiro (1984), Saviani (2004) y otros. Los resultados apuntan signos de negación del derecho a la educación de los pueblos tradicionales del campo, dado su silenciamiento y borrado en los diferentes períodos analizados, permaneciendo latentes y vigentes los anhelos de los sujetos que habitan en las zonas rurales por una educación pública, gratuita. y gestionado por el Estado.

Palavras clave: Educación de Campo; Pueblos Tradicionales; Brasil colonial; Proyectos educativos; Imperio de Brasil.

1. INTRODUÇÃO

A história da educação brasileira é de origem eminentemente rural, dado o contexto ambiental das Américas na época do “descobrimento”, tendo o índio como nativo da região, o personagem que deveria constar obrigatoriamente nos diferentes projetos sociais e educacionais do país. Os portugueses, na exploração e no interesse maior pelos produtos agrossilvipastoris do Brasil, deixaram claro que a educação seria um artefato social de conquista – diga-se de passagem, voltado a quem tivesse poder político, terras e recursos financeiros para estudar –, uma vez que a instrução àquela época seria um artigo destinado aos ilustres, deixando de fora os sujeitos das camadas mais pobres, simples e fora do padrão europeu de civilidade.

Assim, os povos tradicionais e suas comunidades sofreram um processo de silenciamento e apagamento que percorre todo o período colonial, reinado, imperial e boa parte da república, sendo usados como mão de obra escrava e com instrução inexpressiva. Pode-se dizer que somente a partir do Manifesto dos Pioneiros, em 1932, a Educação do Campo – conceituada então como rural –, foi revista nos debates educacionais. A construção do sistema educacional que atendesse aos

sujeitos do campo só foi possível diante das constantes movimentações das próprias populações rurais, na reinvindicação do direito fundamental à educação como dever do Estado e instituído nas diferentes ações e políticas sociais brasileiras. Objetiva-se, portanto, analisar as ações educacionais no Brasil Colonial e Imperial, para possível identificação das marcas culturais dos povos tradicionais do meio rural.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho adotou a abordagem qualitativa, já que leva em consideração as impressões pessoais, relações e experiências sociais que permitem reconhecer as especificidades dos fenômenos observados. Foi realizada, ainda, pesquisa documental e bibliográfica, a fim de levantar documentos oficiais e publicações científicas de outros estudos já realizados, de modo a conhecer o que já foi produzido sobre o assunto em análise (GIL, 2008; SEVERINO, 2013).

A base de dados esteve centrada nas publicações oficiais das Legislações Nacionais desde a Primeira República, em 1981, até a de 1988, conhecida como Constituição Cidadã, emergida após o contexto ditatorial no Brasil. Por fim, fez-se análise interpretativa das informações coletadas, para conhecimento das realidades de cada documento avaliado, bem como os horizontes do direito social fundamental à educação pública no país (FLICK, 2009).

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. Silenciamentos e apagamentos dos sujeitos tradicionais do campo nos projetos educacionais entre o Brasil Colônia e Império

A história da educação tem revelado as lutas travadas no meio rural do Brasil, a fim de confirmar que por meio dela, é possível vislumbrar uma sociedade mais democrática, igualitária, solidária e cidadã (FREIRE, 1991). O educar nessa perspectiva, assume o “compromisso com os destinos do país. Compromisso com seu povo. Com o homem concreto. Compromisso com o ser mais deste homem” (FREIRE, 2007, p. 25). Os movimentos sociais atuais realizados na busca por uma educação escolar pública, democrática e de qualidade, lutam sempre pela participação, cidadania e o sentido político da educação como ação processual, tem acontecido dentro dos mais diversos ambientes sociais, de maneira pontual a própria escola tem sido palco para tal discussão (GOHN, 2016).

Na concepção de Caldart (2003, p. 06),

> a educação escolar, num sentido amplo, cumpre uma iniludível função de socialização, desde que a configuração social da espécie se transforma em um fator decisivo da hominização e em especial da humanização do homem. No contexto presente, a educação do camponês.

O retrospecto da educação direcionada aos povos do campo no Brasil, sucinta um debate acerca dos movimentos de desenvolvimento do país, haja vista que foram diversos os episódios que marcaram a construção histórica do campo educacional no país. Acontecimentos atrelados de forma (in)direta aos setores econômicos, políticos, sociais e culturais, direcionadas aos interesses do capital com reflexos na educação pública (VIERO; MEDEIROS, 2018). Nessa discussão, é importante frisar que o país começa seu processo de ocupação do território com a colonização portuguesa efetivamente por meio das Capitanias Hereditárias e que permaneceu rural por mais de 450 anos, percebendo mudanças regionais significativas e específicas, somente a partir do século XX, com o aumento das cidades urbanizadas no país.

Na concepção gerada pelas Capitanias Hereditárias que possui como elemento central a poder de vastas áreas, esteve sustentada sobre a tríade latifúndio – religião – escravidão, que relegou a educação aos interesses da acumulação de capital, do lucro, busca incessável de riquezas, expropriação e exploração das novas terras descobertas (COUTINHO, 2009). A princípio, da colonização portuguesa até o período imperial, a educação ficou a cargo da igreja, principalmente baseada nos ensinamentos jesuíticos – via Companhia de Jesus[4] – no território nacional, não sendo uma urgência para o Estado que tinha no elitismo das oligarquias agrárias, por meio das Capitanias Hereditárias, sua tensão político-ideológica (LEITE, 1999).

[4] A Companhia, como se sabe, é composta de membros, que têm, a um tempo, caráter regular e secular; são membros de uma ordem religiosa com estatutos e autoridades próprias e do mesmo passo são sacerdotes ordenados que exercem todas as funções dos demais sacerdotes. Ao contrário das outras ordens religiosas, vivem no século, no mundo; e a Companhia tem caráter sumamente empreendedor e combativo. Sua mesma designação de Companhia já indica o caráter de milícia, assim como a organização, disciplina e espírito de obediência, tudo para a maior glória de Deus (Omnia ad Majorem Dei Gloriam ou, abreviadamente, A.M.D.G.). Dependem os membros de um Geral e, em cada nação, de um provincial, embora submetidos à autoridade do Papa. (LUZURIAGA, 1975, p. 118-119).

A ação evangelizadora da Companhia de Jesus tem destaque, uma vez que era a organização oficial dos portugueses que detinham as missões religiosas de caráter impositor, na conversão de crianças e ignorantes, que nas colônias, figuram a imagem dos índios e negros escravizados, à fé cristã. Foi percebida como importante instrumento de inserção do catolicismo no mundo, com ações na Europa, e de forma veemente em suas colônias (AZEVEDO, 1976; LEITE, 1937; LUZURIAGA, 1975; PAIVA, 2015; RAHNER; IMHOF, 1978; SOARES, 1961).

Nesse tempo, a educação de forma geral, foi direcionada àqueles que tinham posses e dinheiro para o financiamento dos estudos de seus filhos, ficando fora da escola a maior parte da população que vivia no meio rural, composta por indígenas, escravos, homens libertos e as mulheres – sem direito a estudar. Pode-se considerar a educação no período colonial em quatro fases: 1) chegada dos primeiros jesuítas na figura do padre Manoel da Nobrega (1549/70); 2) a Companhia de Jesus implementa a educação colonial (1570- 1759); 3) influências das reformas educacionais em Marques de Pombal (1759- 1808); e, 4) período joanino (1808/22) (SAVIANI, 2004). Períodos marcados pela chamada educação rural devido a paisagem natural, fortemente atrelada a políticas conservadoras e tradicionais das ruralidades do país que buscavam adequar e ajustar a classe trabalhadora aos interesses da elite dominante. Apresentavam impressionante estrutura das construções escolares inspiradas na arquitetura europeia (NASCIMENTO; BICALHO, 2019).

No curso do Brasil colonial, a educação para os portugueses, era percebida por pontos limitantes e excludentes: a) as terras do Brasil foram vistas ao longo de todo período colonial como local de exploração e não de investimento, tudo era exportado para Europa; b) com a mão de obra indígena e depois escrava – caracterizada como braçal – não precisava ser especializada, já que trabalhar no campo, cuidar dos animais e extrair os recursos naturais não demandava domínio da leitura e escrita; c) a maioria da população era formada pelos sujeitos que não tinham direito à educação: índios, mulheres e negros escravizados: d) a educação rural dependia do aval dos senhores das terras, por vezes não era vista como importante (MARINHO, 2008).

São pontos que demarcam o início do processo educacional atrelado ao modelo agroexportador, mão de obra sem instrução, exclusão do povo na figura do índio, escravo e mulheres, com forte ligação aos interesses dos senhores das terras. Nesse horizonte, as elites ruralistas que tomaram conta do país, acreditavam que

a escola rural deveria ser um aparelho educativo em favor da produção, exclusivamente (KREUTZ, 2010).

Ainda sob a direção dos jesuítas, a educação ratificou as distinções sociais já mencionadas, sendo dispensada à colônia quatro vertentes bem delineadas: 1) educação dos índios que necessitavam aprender a língua portuguesa e os ofícios da época; 2) os brancos libertos eram percebidos pela leitura, escrita e os ofícios; 3) classe abastada os ensinos superiores no sentido de manter a hegemonia de poder; e, 4) para os escravos africanos e/ou alforriados restava-lhes os ofícios (SILVA; AMORIM, 2017). Naquela época, a fazenda como propriedade rural e privada, se configura como centro da produção, mesmo com o aparecimento tímido das cidades, a fazenda exercia forte influência sobre os bens comercializados e consumidos. É no complexo dela que se organizavam os locais para educar, efetivamente para aprendizagem dos principais ofícios

> [...] nas rudimentares oficinas situadas ao lado das casas-grandes, que se dava a transmissão dos conhecimentos profissionais, feita sem caráter sistemático, de acordo com os imperativos da realidade e do momento e em decorrência direta da necessidade que se apresentava. A segregação social, a economia da época e a incipiente cultura reinante não permitiam, nem estavam a exigir, outra forma de aprendizagem de ofícios. (FONSECA, 1986, p. 15)

O cenário rural é predominante e os ensinamentos, por vezes ocasionais, estavam condicionados à demanda da época, com o país em processo de ocupação, crescimento populacional das classes inferiores e demandas por trabalho, o foco recaia sobre as artes de tecelagem, da ferraria, da carpintaria ou da sapataria (FONSECA, 1986). Sobre o ensinamento dos ofícios, foram diferentes os cenários observados na Europa e no Brasil colônia, ambos sob as ações da Companhia de Jesus. Para o continente europeu foram recrutados trabalhadores externos com as especificidades requeridas para executar os ofícios, já nas colônias, foi resolvido pelos próprios padres no explorar de suas habilidades e especialidades para ensinar homens brancos lives, escravos libertos ou mesmo os índios (CUNHA, 2005).

O retorno da família real à Portugal em 1821, marca importante processo, diante das intensas movimentações sociais, políticas, econômicas e também educacionais, a classe social dominante no Brasil direcionou suas ações a emancipação do Brasil, fato que culmina em 1822 com a proclamação da independência a comando de D. Pedro I, dando início ao período Imperial (MELO,

2012). Esse espaço temporal é dividido em Primeiro Império, com D. Pedro I (1822-1831), período Regencial (1831-1839) e o 2º Império, com D. Pedro II (1840-1889). Assim, em 1824 na imagem de um país independente, foi necessária uma reorganização político-administrativa, que acontece com a outorga da primeira Constituição brasileira em 05 de março daquele ano.

No tocante a educação, o artigo 179, parágrafos 32 e 33 registra, respectivamente, na instrução primária e gratuita a todos os cidadãos e a instituição dos colégios e universidades (BRASIL, 1824). Em linhas gerais, a educação da população necessitava dos ajustes necessário ao ensinamento de salas de aula numerosas e pluricultural, haja vista os diversos atores sociais daquela época, situação que foi observada pela Lei de 15 de outubro de 1827, “as escolas serão de ensino mútuo nas capitaes das províncias; e o serão também nas cidades, villas e logares populosos dellas, em que fôr possível estabelecerem-se” (BRASIL, 1827, s/p). Apesar da proposta ser interessante ao povo, já no início de 1830 o método mútuo[5] não logrou êxito por falta de pessoal qualificado somado aos espaços inadequados para acomodar um número grande de alunos (ALMEIDA, 1989).

No trânsito do período regencial (1831-1840), houve intensa movimentação política, excepcionalmente da elite agrária que viu nas revoltas populares, uma ameaça a propriedade privada. Tal ação, imprimiu esforços para o retorno de centralização política apoiando novamente a Monarquia, sem alternar as estruturas sociais, mas garantindo progressos econômicos necessários a manutenção das estruturas dominantes e dos privilégios elitistas que foram definitivamente assumidos pelo governo de D. Pedro II (LOPEZ, 1982). Já no Segundo Reinado (1840-1889) sob o comando de D. Pedro II, a Lei nº 105 de maio de 1840, fez reverter o processo descentralização nacional das províncias e consequentemente da instrução pública, voltando-se novamente a centralização político-administrativa do império.

[5] O método Lancaster Bell – ensino mútuo –, como ficou mais conhecido no Brasil, foi desenvolvido na Inglaterra, no final do século XVIII e início do século XIX, momento de intensa urbanização, devido ao processo acelerado de industrialização. Seus criadores foram Andrew Bell e Joseph Lancaster. De acordo com a proposta, o professor ensinava a lição a um grupo de meninos mais amadurecidos e inteligentes. Os alunos eram divididos em pequenos grupos, os quais recebiam a lição através daqueles a quem o mestre havia ensinado. Assim um professor poderia instruir muitas centenas de crianças (EBY, 1978).

Nas considerações de Slemian (2006) o retorno a centralidade foi visto como ação mantenedora do Parlamento como instituição pública de poder, aliado à necessidade do equilíbrio com as outras esferas nacionais, visando garantir o controle das ações do governo por parte dos cidadãos.

No curso educacional, houve a manutenção dos colégios e a proliferação dos Liceus de Artes e Ofícios que atuavam desde o Primeiro Reinado, destinada principalmente a classe jovem e adulta trabalhadora, além dos homens, mulheres e crianças outrora escravizadas. Para Schwarcz e Gomes (2018), no Brasil entre os séculos XVI e XIX, quase 5 milhões de africanos escravizados foram trazidos para o país e, após abolição definitiva da escravatura via conjunto das leis abolicionistas como Ventre Livre (1871), Sexagenário (1885) e Lei Áurea (1888), era chegada a hora de participarem da educação pública, momento que houve a separação que definiu o tipo de instrução relegada à esta parte da população – voltada exclusivamente aos trabalhos manuais –, enquanto que os trabalhos intelectuais permaneciam com a classe média urbana e a elite agrária do país.

Diante disso, a educação brasileira, no curso da história geral, apresenta-se como prática social construída a partir de processos formais e informais de ensino, bem como diversificado entre grupos sociais distintos e que partiu de concepções bastante abrangentes, como a educação familiar, em oficinas de artistas e artesões, organizações de aprendizagem agrícolas e rurais, associações religiosas e leigas, os preceptores e/ou professores domésticos, entre outros. Nesses arranjos educacionais, “participaram indivíduos oriundos das classes populares, brancos, livres, indígenas, escravos, forros e a população mestiça, não obstante a exclusão e os preconceitos sofridos por tais grupos sociais nas instituições formais de educação” (GONDRA; SCHUELER, 2008, p. 19). As populações oriundas do campo no Brasil como os indígenas, que na construção histórica do país sempre buscaram exprimir suas necessidades, a partir dos aparatos legais que na atualidade tem garantido a demarcação de suas terras e assegurados os direitos como cidadão brasileiro, em especial a educação como sendo dever do estado sua oferta pública e gratuita, expressa desde a constituição de 1824 (BRASIL, 1824).

Porém, a questão da diversidade cultural brasileira se mostrou resistentes nas várias regiões do país, no confronto ao projeto nacionalista materializado nas leis e regulamentos impostos desde a colonização. Siqueira (2000) aponta que a heterogeneidade vivida nos diversos lugares de norte a sul do país, tiveram seu universo cultural silenciado ao longo da implantação do sistema nacional de ensino. A discussão sobre espaço, pode ser compreendida como processos de construção

social histórica e por experiências vividas vinculadas à identidade do lugar, que por sua vez, é permeado pela questão das identidades locais, na medida em que é por meio do reconhecimento do espaço habitado que os sujeitos interagem no movimento de trabalhar, produzir e reproduzir sua existência (SANTOS, 2000; CALLAI, 2003; CARLOS, 1996). Processo que ocorre a partir das representações sociais, que demonstram a contribuição do indivíduo e sua subjetividade, retratada em determinado grupo social com seu conjunto formado pela valorização de pertença do indivíduo na sociedade, sendo inegável a importância da cultura (MOSCOVICI, 2007; TAJFEL, 1981).

A cultura é apontada como parte das significações concretas de um grupo social, com seus valores e padrões visíveis que são expressos na própria realidade humana (AZEVEDO, 1996). Nessa direção, Hall (2006, 2016) assegura que a identidade cultural na pós-modernidade é algo móvel e mutável, formada e transformada pelas relações culturais da realidade imediata, excepcionalmente das comunidades formados por grupos tradicionais no Brasil. A ideia de comunidades tradicionais inicia-se por uma organização social própria e autorreconhecida, costumes e tradições transmitidas de geração a geração, forte relação autossustentável, fixadas e dependentes dos recursos naturais, detentoras de áreas demarcadas e protegidas pelo Estado, bem como da garantia do acesso as políticas de cunho social, como no caso da educação (MORAES *et al.* 2015; SILVA, 2007; DIEGUES *et al.* 2000).

Retomando, nas décadas finais do Império, Ribeiro (1984) aponta para decisões que firmaram no país os três níveis de ensino, que a partir 1854 houve a criação de três dispositivos educacionais: 1) Inspetoria Geral que visava fiscalizar e orientar a instrução primário, nos municípios e na corte, por parte do ensino público e particular; 2) as Normas para a preparação dos professores e a liberdade do ensino e, 3) reformulação dos Estatutos dos Colégios Preparatórios, vinculados ao programa de livros a serem adotas nas escolas oficiais. Já em 1855, foi implementada a reformulação do Estatuto da Academia de Belas Artes. A educação permanece com isso, um artigo seleto entre os brasileiros da época, ligados efetivamente à aristocracia rural, no entanto, havia projetos de educação para crianças e adultos das camadas mais simples, na imagem de libertos, negros livres e escravos, com maior ressonância no final do Império (COSTA, 2007; PERES, 2002; SOUZA, 1998).

Nas ideias de Gondra e Schueler (2008), destacaram-se como medidas educacionais no final do império as seguintes reformas: em 1874 - João Alfredo,

1879 - Leôncio de Carvalho, 1883 - Rui Barbosa, 1884 - Almeida de Oliveira e, em 1886 - Barão de Mamoré. Para Faria (2020) a reforma de 1874 foi decisiva para firmamento da educação primária e secundária do país atrelada a educação profissional buscou a modernização do Brasil. Já para Melo (2012) a reforma de 1879, defendia as seguintes ações: a) liberdade de ensino – incluindo os métodos que julgassem oportunos para o alcance dos objetivos; b) autonomia do aluno do ensino secundário e superior – possibilidade de escolhe dos estudos; e, c) remuneração diferenciada para o magistério – distinção do cargo público.

Nas análises de Galvíncio e Costa (2012), a reforma de 1883 buscou reformular o ensino primário dando destaque a criança, outrossim advertia que o direito à instrução pública só seria possível a partir da díade gratuidade e obrigatoriedade do ensino. As observações de Cordeiro (2016), sobre a reforma de 1884 demonstra necessidade de modificação da instrução pública, aponta diversas questões educacionais como: administração, funcionamento das escolas, ordem e disciplina, infraestrutura e materiais pedagógicos, formação do magistério, além das modalidades próprias para as camadas pobres da população. Por fim, Calvi e Schelbauer (2000), indicam que a reforma de 1886 focou no ensino secundário, instrução moral e religiosa, revisitando a instrução pública primária, haja vista o relatório da época apontar para o incipiente cenário educacional exposto no baixo número de escolas e alunos, além da necessidade de formação do magistério. Assinalam por último, para seguridade da gratuidade, liberdade e sua obrigatoriedade do ensino como horizonte para as discussões da república, que viria a ser proclamada três anos mais tarde.

No limiar do período Imperial, diante das discussões aqui levantadas, é possível captar que as movimentações educacionais giravam em torno da gratuidade e obrigatoriedade da instrução pública devidamente institucionalizada pelo Estado Nação. Sua promoção e seguridade aos filhos da classe trabalhadora, negros, homens livres, escravizados, jovens pobres e desvalidos, mulheres e crianças, esteve na pauta das últimas reformas do período. Percebe-se também, que os três níveis de ensino: primário, secundário e superior, necessitavam de melhorias substanciais no que diz respeito à infraestrutura das escolas, financiamento de projetos educacionais, professores qualificados e bem remunerados, mecanismos de permanência dos alunos em sala de aula, ampliação das vagas para população em franca evolução, entre outros fatores que demandam dos gestores públicos, a capacidade de criar, implementar, fiscalizar, controlar e desenvolver um sistema educacional que atenda de fato a sociedade brasileira sem

distinção.

As disputas, os projetos educacionais e as ações legais instituídas verificadas na passagem dos autores, reforçam a ideia que a disputa pelo poder entre a elite ruralista brasileira e o Estado na figura do Imperador, em verdade, dificultaram o amplo acesso da população menos favorecida às salas de aula. O silenciamento e apagamento da diversidade cultural do país é outro fator de negligência dos gestores públicos, já que padronizando a educação por métodos importados da Europa e até dos Estados Unidos, pouco se via dos costumes da população local inserida na instrução pública, fato que distanciou ainda mais, parte significativa da população local dos bancos da escola.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cenário de constante luta pela melhoria da educação, inserido agora nas molduras das legislações nacionais e no contexto do Estado Democrático de Direito restabelecido pela Constituição Cidadã de 1988, os anseios por uma educação de qualidade continuam ecoando entre os indivíduos que habitam as regiões rurais do país. No âmago dessa trajetória, a atuação de Movimentos Sociais, uma esfera em que o Brasil possui uma vasta experiência, como exemplificado pelo movimento "Diretas Já" e pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), tem sido e continua sendo crucial. Isso se deve à imperativa necessidade de efetivar o direito fundamental à educação no contexto rural, levando em consideração os tempos, modos e práticas de vida locais.

As dinâmicas de disputa, a concepção de projetos educacionais e a formulação de medidas legais entre o período Colonial e o Imperial no Brasil revelam uma proeminência da elite ruralista. Essas ações também marcaram a exclusão e silenciamento das múltiplas expressões da diversidade cultural do país. Um exemplo vívido é a marginalização dos povos originários ao longo do processo de formação do sistema educacional. Seus hábitos, valores e crenças foram ignorados nos projetos educacionais que vigoraram desde os tempos coloniais até o declínio do Império.

Em linhas gerais, os movimentos Sociais têm papel crucial ao impulsionar a conscientização e ação por uma educação inclusiva que respeite as identidades locais, promovendo empoderamento e igualdade para os habitantes rurais. Para o futuro, é vital criar políticas educacionais sensíveis à diversidade, tornando a educação um instrumento genuíno de transformação social e construção de um país

mais justo e igualitário.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *História da instrução pública no Brasil, 1500 a 1889*. São Paulo: EDUC; Brasília, DF: INEP/MEC, 1989.

AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos/INL, 1976.

AZEVEDO, Marcello. *Comunidades eclesiais de base e inculturação da fé*. São Paulo: Loyola, 1996.

BRASIL. Constituição Política do Império do Brasil. Carta de Lei de 25 de Março de 1824. *Manda observar a Constituição Política do Império, oferecida e jurada por Sua Magestade o Imperador*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm, acessado em: 01 mai. 2023.

BRASIL. *Lei de 12 de maio de 1840*. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leimp/1824-1899/lei-105-12-maio-1840-532610-publicacaooriginal-14882-pl.html, acessado em 01 mai. 2023.

BRASIL. *Lei de 15 de outubro de 1827*. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro- 1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html, acessado em: 01 mai. 2023.

CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*: escola é mais do que escola. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CALLAI, Helena Copetti. O estudo do lugar e a pesquisa como princípio de aprendizagem. *Revista Espaços da Escola*. Editora UNIJUI, ano 12, nº 47, 2003.

CALVI, Lourdes Margareth.; SCHELBAUER, Analete Regina. Moacyr Primitivo e a Instrução Pública: Império e República. *Revista HISTEDBR* / Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP/Faculdade de Educação. São Paulo, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do Mundo*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

CARVALHO, Laerte Ramos de. *As Reformas Pombalinas da Instrução Pública*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Saraiva, 1988.

CORDEIRO, Jaime. Educação e reformismo político na crise do regime imperial: O Ensino Público, de A. de Almeida Oliveira. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 17, n. 35, 2016.

COSTA, Ana Luiza Jesus da. *À luz das lamparinas. As escolas noturnas para trabalhadores no município da Corte (1860-1889)*. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2007.

COUTINHO, Adelaide Ferreira. *Do direito à Educação do Campo*: a luta continua!. Revista Aurora, São Paulo, ano 3, n. 5, 2009.

CUNHA, Luiz Antônio. *O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: FLACSO, 2005.

DIEGUES Antônio Carlos. et al. *Biodiversidade e Comunidades Tradicionais no Brasil*. São Paulo: Cobio, 2000.

EBY, Frederick. *História da educação moderna*: teoria, organização e práticas educacionais, 5ª ed. Porto Alegre, RS: Globo, 1978.

FARIA, Ícaro C. João Alfredo Corrêa de Oliveira: Ensino Técnico Profissional e Modernização da Sociedade Brasileira no Segundo Reinado. *Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica*. V. 2, 2020.

FONSECA, Celso Suckow. *História do ensino industrial no Brasil*. Rio de Janeiro: SENAI/DN/DPEA, 1986.

FREIRE, Paulo. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez; 1991.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 30ª ed.; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

GALVÍNCIO, Amanda Sousa.; COSTA, Jean Carlo de Carvalho. Rui Barbosa e a Reforma do Ensino Primário no Século XIX. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, v.20/21, n.1/2, 2012.

GOHN, Maria Glória. Movimentos Sociais e Lutas pela Educação no Brasil: Experiências e Desafios na Atualidade. *Anais da XI ANPED Sul*. Curitiba: PR, 2016.

GONDRA, José Gonçalves.; SCHUELER, Alessandra. *Educação, poder e sociedade no Império brasileiro* — São Paulo: Cortez, 2008.

HALL, Stwart. *A identidade cultural na pós modernidade*. 11ª ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL. Stwart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *História Geral da Civilização Brasileir*a. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. DIFEL, 1987.

KREUTZ, Lúcio. A educação de imigrantes no Brasil. In: LOPES, E. M. T.; et al. (Org.) *500 anos de educação no Brasil*. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LEITE, Sérgio. *Escola rural*: urbanizações e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

LEITE, Sérgio. *Páginas de história do Brasil*. São Paulo: Companhia editora nacional brasiliana,1937.

LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Brasil imperial*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

LUZURIAGA, Lorenzo. *História da educação e da pedagogia*. 7. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

MELO, Josimeire Medeiros Silveira de. *História da Educação no Brasil* - 2 ed. Fortaleza: UAB/IFCE, 2012.

MORAES, Nelson Russo. et al. O desafio do desenvolvimento nas comunidades tradicionais brasileiras: análise da delimitação conceitual. *Anais do Congresso Nacional de Pesquisadores em Economia Solidária – CONPES*. São Carlos/SP: UFSCar, 2015.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais*: investigações em psicologia social. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NASCIMENTO, Francisco das Chagas Barbosa do; BICALHO, Ramofly. Breve contextualização da educação rural no brasil e os contrastes com a educação do campo. *Educação em Debate*, Fortaleza, ano 41, nº 78, 2019.

PAIVA, Wilson Alves de. O legado dos jesuítas na educação brasileira. *Educação em Revista*, v.31, n.4, 2015.

PERES, Eliane. Templos de luz. *Os cursos noturnos masculinos da biblioteca pública pelotense*. Pelotas: Seiva Publicações, 2002.

RAHNER, Karl.; IMHOF, Paul. *"Inácio de Loyola"*. São Paulo: Editora Loyola, 1978.

RIBEIRO, Maria Lufsa Santos. *História da Educação Brasileira*: a organização escolar. São Paulo: Moraes, 1984.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro; São Paulo: Record: 2000.

SAVIANI, Demerval. Educação e colonização: as idéias pedagógicas no Brasil. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (Org.). *História e memórias da educação no Brasil*, v. 1: séculos XVI-XVIII. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SILVA, Gleidson.; AMORIM, Simone Silveira. Apontamentos sobre a educação no Brasil Colonial (1549-1759). *INTERAÇÕES*, Campo Grande, MS, v. 18, n. 4, 2017.

SILVA, Marina Osmarina. Saindo da invisibilidade - a política nacional de povos e comunidades tradicionais. *Revista Inclusão Social*. Brasília, v.2, n.2, 2007.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira de. Instrução pública e modernidade em Mato Grosso: do idealizado ao real. *Anais do I Congresso Brasileiro de História da Educação*. Rio de Janeiro, 2000.

SLEMIAN, Andréa. *Sob o império das leis: constituição e unidade nacional na formação do Brasil (1822-1834)*. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo: SP, 2006.

SOARES, Álvaro Teixeira. *O Marquês de Pombal*. Brasília: Editora da UnB, 1961.

SOUZA, Rosa Fátima de. *O direito à educação*: lutas populares pela escola em Campinas. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz.; GOMES, Flávio dos Santos. (Orgs.). *Dicionário da escravidão e liberdade*: 50 textos críticos/Organização - 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras. 2018.

TAJFEL, Henri. *Grupos humanos e categorias sociais*. Lisboa: Livros Horizonte. 1981.

VIERO, Janisse.; MEDEIROS, Liziany Müller*. Princípios e concepções da educação do campo [recurso eletrônico]* /. – 1. ed. – Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018.

AS NARRATIVAS ORAIS DAS MULHERES FARINHEIRAS DA FAMÍLIA SÁ: “EU GOSTO DE TRABALHAR NA ROÇA. EU GOSTO DE TRABALHAR NA CASA DE FARINHA”[1]

THE ORAL NARRATIVES OF THE FLOUR WOMEN OF THE SÁ FAMILY: “I LIKE TO WORK IN THE FIELDS. I LIKE WORKING IN THE FLOUR MILL”.

LAS NARRACIONES ORALES DE LAS MUJERES HARINERAS DE LA FAMILIA SÁ: “ME GUSTA TRABAJAR EN EL CAMPO. ME GUSTA TRABAJAR EN EL MOLINO DE HARINA”.

Alberto Flavio Furtado de Lima.[2]

Resumo: O artigo analisa por meio das narrativas orais das mulheres farinheiras da Família Sá, do Rio Mucutá, no município de Curralinho/PA, no Arquipélago da Ilha do Marajó, na História do Tempo Presente a trajetória de vida dessas mulheres nos espaços roça de mandioca e casa de farinha a partir do contexto cultural da produção, circulação e comercialização da farinha de mandioca por meio do saber cultural e conhecimento utilizados na agricultura familiar. O objetivo principal é analisarmos se a tradição familiar do saber cultural e conhecimento sobre a produção da farinha de mandioca legitima a autoridade dessas mulheres farinheiras nos espaços roça de mandioca e casa de farinha por meio das narrativas orais sobre as histórias de vida dessas mulheres. A metodologia escolhida esta na História Oral, onde realizamos pesquisa de campo, onde filmamos, fotografamos, entrevistamos, etnografamos a vida cotidiana das mulheres farinheiras da Família Sá. Todavia, para além dos diálogos com a metodologia utilizada pela História Oral, escolhemos dialogar com outro recurso metodológico: o método da prosopografia. Em relação à montagem de banco de dados centradas nas fontes orais estamos criando um modelo relacional que possibilita a composição de uma tabela que contribua na composição das características das agentes da pesquisa. O principal resultado alcançado destaca que a tradição familiar com a produção da farinha de mandioca vem do saber cultural e conhecimento transmitido pela oralidade através dos seus pais e que a trajetória de vida das mulheres farinheiras da Família Sá nos respectivos espaços roça de mandioca e casa de farinha legitimam a autoridade dessas mulheres.

Palavras-chave: Narrativas Orais. Saber. Mulheres Farinheiras. Gênero. Autoridade.

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST5 (IN)VISIBILIDADES NA DIVERSIDADE: gênero, quilombolas, ribeirinhos, LGBTQIA+ e correlatas do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2]Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (PPHIST/UFPA). E-mail: flaviofurtado2003@yahoo.com.br. https://orcid.org/0009-0002-8530- 6625

Abstract: The article analyzes, through the oral narratives of the flour women from the Sá Family, from the Mucutá River, in the municipality of Curralinho/PA, in the Ilha do Marajó Archipelago, in the History of the Present Time, the life trajectory of these women in the manioc fields and flour house from the cultural context of production, circulation and commercialization of cassava flour through cultural knowledge and knowledge used in family farming. The main objective is to analyze whether the family tradition of cultural knowledge and knowledge about the production of cassava flour legitimizes the authority of these women flour workers in the fields of cassava and flour house through oral narratives about the life stories of these women. The methodology chosen is in Oral History, where we carry out field research, where we film, photograph, interview, ethnography the daily life of the flour women of the Sá Family. However, in addition to dialogues with the methodology used by Oral History, we chose to dialogue with another methodological resource: the method of prosopography. Regarding the assembly of a database centered on oral sources, we are creating a relational model that allows the composition of a table that contributes to the composition of the characteristics of the research agents. The main result achieved highlights that the family tradition with the production of cassava flour comes from the cultural knowledge and knowledge transmitted orally through their parents and that the life trajectory of the flour women of the Sá Family in the respective spaces roça de cassava and casa de flour legitimize the authority of these women.

Keywords: Oral Narratives. To know. Women Flourmakers. Gender. Authority.

Resumen: El artículo analiza, a través de las narraciones orales de las mujeres harineras de la Familia Sá, del río Mucutá, en el municipio de Curralinho/PA, en el Archipiélago Ilha do Marajó, en la Historia del Tiempo Presente, la trayectoria de vida de estas mujeres en los campos de mandioca y casa de harina desde el contexto cultural de producción, circulación y comercialización de la harina de yuca a través de saberes culturales y saberes utilizados en la agricultura familiar. El objetivo principal es analizar si la tradición familiar de saberes y saberes culturales sobre la producción de harina de yuca legitima la autoridad de estas mujeres harineras en los campos de yuca y casa harinera a través de narraciones orales sobre las historias de vida de estas mujeres. La metodología escogida es en Historia Oral, donde realizamos investigación de campo, donde filmamos, fotografiamos, entrevistamos, etnografíamos el cotidiano de las mujeres harineras de la Familia Sá. Sin embargo, además de dialogar con la metodología que utiliza la Historia Oral, optamos por dialogar con otro recurso metodológico: el método de la prosopografía. En cuanto al montaje de una base de datos centrada en fuentes orales, estamos creando un modelo relacional que permita la composición de un cuadro que contribuya a la composición de las características de los agentes de investigación. El principal resultado alcanzado destaca que la tradición familiar con la producción de harina de yuca proviene de los saberes culturales y saberes transmitidos oralmente a través de sus padres y que la trayectoria de vida de las mujeres harineras de la Familia Sá en los respectivos espacios roça de yuca y casa de Harina de legitimar la autoridad de estas mujeres.

Palavras clave: Narrativas orales. Saber. Mujeres harineras. Género. Autoridad.

1. INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar sobre a temática das mulheres, em particular, sobre a autoridade das mulheres farinheiras amazônidas marajoaras nos respectivos espaços roça de mandioca e casa de farinha tem início com as visitas às casas dos pais e/ou responsáveis dos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pau D'arco, localizada no Rio Mucutá, no município de Curralinho/PA. As agentes históricas em questão são as mulheres farinheiras da Família Sá, em particular a matriarca Francisca Nogueira Sá e suas filhas: a primogênita Maria das Graças Nogueira Sá dos Santos e a caçula Alcilene Nogueira Sá Pereira.

2. A AUTORIDADE DAS MULHERES FARINHEIRAS DA FAMÍLIA SÁ: "EU GOSTO DE TRABALHAR NA ROÇA. EU GOSTO DE TRABALHAR NA CASA DE FARINHA"

Inicialmente nos parece importantes algumas reflexões sobre a categoria memória e sobre a metodologia da história oral. Assim, conforme adverte José Carlos Sebe Bom Meihy "Toda memoria é seletiva e dado que todo entrevistado tem liberdade e direito de escolha do que conta".(MEIHY, 2013, p. 122.)

A importância da reminiscência pessoal para a prática da história oral torna-a como uma possibilidade palpável de compreender e olhar a História das agentes históricas aqui tratadas, que não deixaram registros escritos sobre suas experiências em relação ao saber cultural e ao conhecimento apreendido pela vida cotidiana no trabalho na roça de mandioca e na casa de farinha, pois estes espaços possuem uma riqueza de detalhes, subjetividades, nuances percebidas e apreendidas na vivência das agentes históricas. De fato, conforme nos apontou Maurice Halbwachs em relação às memórias "uma rede de sociabilidade múltipla que estão envoltas, e a parte disso, emerge aquela que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem" (HALBWACHS, 2006. p.12)

Diante das possibilidades da história oral (ALBERTI, 2005) valorizamos na pesquisa as memórias das mulheres farinheiras da Família Sá, mesmo que haja possíveis devaneios, esquecimentos, pois tais memórias nos pareceram fundamentais para a compreensão daquele cotidiano na roça de mandioca e na casa de farinha. Mesmo com os possíveis e prováveis esquecimentos da memória da matriarca da Família Sá, que no auge dos seus 88 anos de idade, ainda relembra passagens da sua infância interessantes e até mesmo não muito felizes. Se isso é

válido em termos individuais, no coletivo ganha dimensões ainda mais relevantes para a compreensão da vida cotidiana das mulheres farinheiras da Família Sá. A prosopografia (STONE, 2011) permitiu- nos investigar as características comuns das agentes históricas da Família Sá a partir da trajetória de vida da matriarca e suas filhas, no que se refere à tradição familiar com o saber cultural e o conhecimento na relação com a produção da farinha de mandioca. Além de fenômenos reiterativos como nascimentos, casamentos, morte e outras particularidades sobre a Família Sá.

Neste sentido, no dia 18 de março de 1935, nasce Francisca Nogueira de Oliveira, filha única do matrimônio de Jaime Rodrigues de Oliveira e Maria Nogueira da Silva. Segundo a depoente sua mãe veio a falecer no parto de um irmão seu, porém os filhos da depoente desconhecem essa história de um suposto irmão da mãe, mas a mesma reafirma a história contada pelo seu pai. Seu pai casou novamente com uma senhora de nome Leonor, que era conhecida no Rio Mucutá pelo apelido de Lulu, mas como diz Dona Francisca Sá: “se ajuntou, né!” e não tiveram filhos biológicos, somente filhos de criação.

Ao sabermos que Dona Francisca Sá é filha única, nossa reação foi de surpresa, pois percebemos que nessas comunidades ribeirinhas a tendência é que a maioria dos casais, principalmente os mais idosos tem mais de dois filhos, como é o caso de Dona Tereza, outra moradora do Rio Mucutá que teve 17 filhos. Portanto, Dona Francisca Sá é a exceção no Rio Mucutá, visto que é filha única. Entretanto, ela torna a ser tendência, pois, teve 9 filhos.

Francisca Nogueira Sá está com 88 anos, é nascida e criada no Rio Mucutá. Assim como na maioria das famílias que trabalhavam e trabalham na produção, circulação e comercialização da farinha de mandioca, a casa de farinha dela é ao lado da sua residência. Dona de casa, mulher farinheira, lavradora, agroextrativista, viúva, mãe de 9 filhos, todos vivos e todos nascidos e criados no Rio Mucutá e vieram ao mundo pelas mãos de parteiras.

A lembrança do tempo de menina na roça de mandioca e na casa de farinha Dona Francisca Sá relembra acompanhando o pai e a madrasta na roça de mandioca assim como na casa de farinha possivelmente desde os 8, 9 anos de idade. Na sua infância chegou a manusear na casa de farinha com o ralador para cevar a mandioca que muitas vezes era feito de lata de óleo de soja, depois começou manusear a roda de madeira[3] pra cevar a mandioca, manuseou o tipiti[4] pra enxugar a massa já cevada e já mulher utilizara o motor movido à gasolina para

cevar a mandioca conhecido como tarisca e/ou caititu[5]·. E por último, em suas memórias de infância sobre a produção da farinha principalmente na casa de farinha relembra que ainda de madrugada no espaço da casa de farinha que este era iluminado com poronga[6] de breu ou lamparina[7] para que ela juntamente com seu pai e sua madrasta Lulu não ficassem totalmente no escuro durante a raspagem da mandioca.

Ainda assim em suas memorias de menina relembra que em alguns momentos estava ali na plantação da roça de mandioca assim como na casa de farinha muito mais para brincar do que para trabalhar. Eram os momentos das brincadeiras, do brincar, mesmo que este fosse um momento efêmero. Ela relembra: “Brincar brincava, mas bem pouco né!”. Dona Francisca relembra que suas brincadeiras de criança na roça de mandioca e na casa de farinha tinham como suas companheiras de brincadeira algumas de suas primas, parentes de sua mãe. Segundo a depoente as brincadeiras na roça de mandioca e na casa de farinha eram as mesmas, ela com suas primas brincavam de casinha de boneca, brincadeiras de roda, cantigas de roda, pega-pega, esconde-esconde e seus brinquedos eram confeccionados por elas mesmas, como bonecas de pano, bonecas de vassouras de açaí, palha de buço.

[3] Roda de no mínimo 2 m de raio que era movimentada, por duas pessoas, por meio de duas manivelas, que acionavam o rolo de madeira para cevar mandioca.

[4] Tipo de prensa feita com fibra vegetal é um cesto com transado duplo, especial, de forma cilíndrica utilizado para o escoamento do líquido venenoso da mandioca – ácido cianídrico. Embora seu tamanho varie bastante, as mais comuns têm um metro de comprimento e, ao serem distendidas, alcançam quase o dobro do comprimento normal.

[5] Instrumento provido de um rebolo, ou cilindro com pequenas serrilhas, utilizado na ralagem da mandioca movido à gasolina.

[6] Poronga é uma luminária, uma lamparina que os seringueiros usam na cabeça para percorrer as estradas da seringa na floresta amazônica. Feita, geralmente, a partir de latas de óleo, o seu combustível mais frequente é o querosene. Acesso em 13 de agosto de 2023.
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Poronga

[7] A lâmpada a óleo, também designada por candeia, lucerna, lamparina ou lâmpada de azeite,[1] é constituída de um recipiente com algum tipo de óleo combustível, sobre o qual flutua um pedaço de madeira ou cortiça, com um pavio encerado fixo. Seu uso se estende desde a pré-história até aos dias de hoje. Acesso em 13 de agosto de 2023.
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A2mpada_a_%C3%B3leo

Nas lembranças de infância da depoente sobre seu pai, a mesma relembra que ele trabalhava na roça, tirava madeira com o machado. Naquele tempo seu Jaime vendia madeira em tora, além do trabalho na produção da farinha. Seu Jaime nunca possuiu sua própria casa de farinha, ele fazia suas farinhadas nas casas de farinha de alguns dos moradores do Rio Mucutá, como por exemplo, na casa de farinha do Seu Simpliciano, que segundo a depoente era um dos poucos moradores a possuir casa de farinha.

Por volta do ano de 1958 com aproximadamente 23 anos de idade vai viver junto com Raimundo Moraes de Sá. Após 52 anos vivendo junto com o futuro marido, somente em 12 de março de 2010, aos 74 anos de idade oficializam o casamento na Igreja Cristã Evangélica, no Rio Mucutá e passa a assinar Francisca Nogueira Sá.

O esposo de Dona Francisca Sá, não era natural do Rio Mucutá, mas do Rio Canaticu - outro rio pertencente ao Munícipio de Curralinho. No Rio Canaticu trabalhava na extração da borracha, era seringueiro. Ele vem a conhecer o Rio Mucutá a convite do padrinho dele para trabalhar com ele “no riscar seringa”, mas com a decadência da extração da borracha, envereda-se no ramo da roça de mandioca. Foi nesse período que conheceu Dona Francisca.

Em 23 de Setembro de 2015, aos 80 anos de idade, Francisca Sá tornasse viúva. Seu esposo falece aos 78 anos de idade de fibrose pulmonar[8]·, no Hospital Regional do Marajó, em Breves, no Arquipélago da Ilha do Marajó.

Portanto, Francisca Nogueira Sá nasce numa família onde o seu pai trabalhava com a roça de mandioca e produzia farinha e também extraia madeira. Depois que casou, manteve um dos ofícios do seu pai, ou seja, o trabalho na roça de mandioca e na casa de farinha, pois nas memórias de nossa depoente sempre o trabalho deles foi à roça de mandioca e na casa de farinha: “Depois que casei, ia com meu marido (...). Com roça sempre, né! Sempre nosso trabalho foi esse!”.

Nos primeiros anos de casamento de Dona Francisca Sá e Seu Raimundo Sá mantiveram o trabalho na roça de mandioca e na casa de farinha somente eles dois, à medida que os filhos foram nascendo e crescendo e já atingindo uma idade razoável para colaborarem no trabalho na roça de mandioca e na casa de farinha, já tinham a participação dos filhos. Como ela mesma diz: “Quando tinha já os filhos que ajudavam, eram os nossos filhos. Mas no inicio era só nós!”.

Para dar continuidade a trajetória de vida das mulheres farinheiras da Família Sá apresentaremos a primogênita da matriarca, Maria das Graças Nogueira Sá dos

Santos que nasceu em 25 de Fevereiro de 1960. Atualmente está com 63 anos, é conhecida no Rio Mucutá como Dona Maria e entre seus irmãos tem o apelido de Mana, assim como sua mãe e seus irmãos é nascida e criada no Rio Mucutá. As primeiras lembranças que ressurgem na memória de Dona Maria sobre o cotidiano de sua infância nos espaços roça de mandioca e casa de farinha são por volta dos 8, 9 anos de idade acompanhando sua mãe e seu pai na casa de farinha e em suas memórias vem à imagem do maquinário da roda de madeira que para a menina Maria era muito mais uma brincadeira, assim como raspar a mandioca também era muito mais uma brincadeira do que trabalho.

Quando busca as reminiscências das lembranças em ambos os espaços, as lembranças não são muito claras se ia mais para brincar ou para trabalhar, mas segundo a depoente seus pais sempre trabalharam com roça de mandioca e com a farinha. Lembra ainda que seus pais não possuíam a casa de farinha da família, relembra que ela juntamente com seus pais e alguns irmãos faziam farinha na casa de farinha de dois moradores no Rio Mucutá, como seu Simpliciano e seu Antônio Costa, inclusive em sua memória o forno deste último morador era de cobre. Em um trecho das suas memórias a depoente diz:

> Nesse tempo a gente não trabalhava, só brincava. Nesse tempo era puxado na roda (...). Assim na roda, só que nesse tempo era só pra brincar. (...) A gente já brincava a gente já não trabalhava. Só mesmo pra brincar mesmo. Só lembro assim que era puxado na roda a mandioca pra cevar. (DOS SANTOS, 2022).

As brincadeiras tinham como companhia seus primeiros irmãos, como Carlos, Maria do Socorro e João e, algumas crianças que vinham com seus pais como convidados e/ou no mutirão organizado por Dona Francisca Sá e seu esposo. Retomando as lembranças de Dona Maria sobre o cotidiano com o cultivo da mandioca e sobre o cotidiano junto dos seus pais e irmãos, ela diz:

[8] Fibrose pulmonar é uma doença com fibrose e cicatriz nos pulmões. Ocorre um endurecimento e redução do tamanho dos pulmões progressivamente, diminuindo a captação de oxigênio e causando falta de ar./Causas: O pulmão pode fibrosar por inúmeras causas, a mais comum é o grupo da Doença Intersticial Pulmonar. Esse grupo inclui doenças crônicas e de evolução lenta, preferencialmente homens acima de 55 anos. Acesso: em 08 de março de 2020. Fonte: https://www.minhavida.com.br/saude/temas/fibrose-pulmonar.

> (...) Tinha dias que a gente ia, quando era pra nós tudo ir nós levava comida, nós ia cedinho, ele todo tempo ele gostou de trabalhar cedo, de noite ele já saia pro trabalho dele. (...)
> Sei que o negócio de roça ele gostava. Ele saia de madrugada, se fosse pra arrancar mandioca, ele saia de madrugada 5 horas da manhã ele já, 6 horas tava limpando a roça. Quando era 9 horas, 10 horas conforme o tanto de mandioca que fosse arrancar, ele já vinha de volta. Ele gostava de sair bem cedinho. (DOS SANTOS, 2022).

Quando perguntada sobre o seu ofício, no que trabalhava, antes de responder pairou no ar um silêncio e um leve sorriso nos lábios de Dona Maria e em seguida veio à resposta: “Olha, trabalho na roça, fazer a farinha e na casa. Trabalho do dever de casa: lavar louça, varrer casa, lavar roupa, passar pano.” O interessante que ela enumerou nos dedos as tarefas domésticas e ria.

E quando perguntada sobre o que seria o dever de casa na casa de farinha, ela responde: “Rapa mandioca, cevar, coar a massa, mais é isso! Torrar é difícil. Aqui e acolá que eu pego o rodo, mas é só um instante (...)”. Assim como fizera enumerando nos dedos o dever de casa, assim o fez enumerando as tarefas na casa de farinha e ria.

Assim como sua mãe, Dona Maria lembrasse do tempo da roda de madeira, de puxar a roda de madeira para cevar a mandioca, mas como ela relembra que não ia para trabalhar, ia para brincar com seus irmãos e/ou com os filhos dos convidados dos seus pais.

E na transição da menina Maria para moça Maria, o que antes era uma brincadeira no tempo de menina, no tempo de moça tornou-se seu ofício, pois agora já estava trabalhando na roça de mandioca, fazendo a roça, capinando, plantando, coivarando e na casa de farinha raspando a mandioca, coando a massa, preparando a massa para o forno e até mesmo escaldando a massa para torrá-la.

Apresentaremos agora a filha caçula da matriarca, Alcilene Nogueira Sá Pereira, nascida no dia 02 de janeiro de 1979. Ela é conhecida no Rio Mucutá como Dona Ene, 44 anos, mulher farinheira e trabalhadora da roça, dona de casa. As lembranças de infância de Dona Ene dão conta que por volta dos 8, 9 anos de idade já estava acompanhando os pais e alguns dos seus irmãos na roça de mandioca e na casa de farinha. Transcrevemos um trecho de suas lembranças:

> Assim, acho que uns 9. De 8 a 9 anos. A gente todos!! Nós éramos muito! Nós somos 9 irmãos! A nossa vida era fazer farinha. A gente acordava cinco horas, a gente ia pra roça com o papai e a mamãe, a gente arrancava a mandioca, já passava o dia todo. Só a tarde já 5, 6 horas parava, vinha pra casa. De madrugada também, o papai

> já levantada pra gente ir 4 horas da madrugada. Não tinha energia nesse tempo era só a lamparina mesmo. Cada qual tinha pra raspar a mandioca. Era assim muito.... É legal. Era legal, mas era pesado também. Trabalhava muito mesmo (...) No serviço da planta, da roça ele levava todos os pequenos, a gente ia (...) A gente ia plantar milho. A gente não ia pra certos tipos de serviço pesado, mas quando chegava a maniva, plantar o milho, a melancia que ele plantava muito. Ele gostava de plantar, a gente ia com eles logo. Quando era pra arrancar a mandioca, a gente ia também. (PEREIRA, 2022).

Em suas lembranças de menina todos os seus 8 irmãos estavam juntos com ela tanto no trabalho da roça de mandioca como no trabalho na casa de farinha. Em suas memórias de infância, ela relembra o cotidiano da sua família à época da plantação da roça de mandioca, colheita da mandioca, assim como da produção, circulação e comercialização da farinha de mandioca.

Outra lembrança peculiar sobre a plantação da roça de mandioca e da casa de farinha diz respeito à demanda de trabalho em ambos os espaços. Dona Ene relembrar que algumas vezes quando a demanda era muito grande, ela e seus irmãos mais trabalhavam do que brincavam e quando o inverso acontecia, para ela era mais divertido, pois tinham tempo para brincar e, quando os pais tinham os convidados, estes levavam seus filhos e a brincadeira era certa nesses dias que apareciam outras crianças.

Dona Ene tem viva na memória as brincadeiras de infância na plantação da roça e na casa de farinha junto com seus irmãos. Ela lembra da sua casinha de boneca construída no quintal da casa de seus pais. A casa de boneca era construída por varas de madeira e coberta com folhas de bananeira ou folhas de sororoca idênticas às folhas de bananeira e segundo a depoente a casinha de boneca era completa, pois tinha de açúcar ao café e até amassar açaí fazia parte da brincadeira, se a mãe liberasse até preparar o fogareiro para assar peixe fazia parte da brincadeira de criança.

Dona Ene tinha como brinquedos de criança as bonecas confeccionadas com espiga de milho que eram feitas escondidas do seu pai e algumas bonecas industrializadas de suas irmãs mais velhas que sua mãe guardara ao longo do tempo. Essas bonecas industrializadas que foram de suas irmãs mais velhas, elas ganhavam das casas de família que trabalhavam como filhas de cria na cidade de Curralinho e quando retornavam para a casa de seus pais traziam e a mãe guardara. Além das brincadeiras de esconde – esconde, pega – pega, a depoente contou-nos que um dia seu filho caçula Kássio de 8 anos mexendo em uns objetos guardados achou um bonecão que a depoente brincara quando era criança; ela pegou, lavou

e guardou novamente, porém seu esposo Dalcio em um dia de queimar coisas, pegou o bonecão e queimou-o.

A dinâmica de levantar de madrugada para a plantação da roça de mandioca e para a casa de farinha se manteve a época da juventude, Dona Ene lembra que para a roça de mandioca ela e seus irmãos não iam muito, mas para a casa de farinha era frequente, principalmente quando a farinhada era grande, necessitando da presença dos filhos de Dona Francisca Sá e de Seu Raimundo Sá:

> A gente acordava mais de madrugada quando era pra fazer a farinha né? Pra roça a gente tinha que acordar cedo pra ir pra roça pra plantar, porque na parte da roçagem a gente não ia com o papai pra roçar, era só eles que iam, os menino homem. A gente já chegava pra plantar a roça. A gente tinha que acordar cedo, não tanto assim quando era a farinha, mas a gente acordava cedo pra não pegar muito sol, mas na farinhada que a gente chama as farinhadas grandes que a gente tinha que acordar bem cedo 4, 5 horas da madrugada.
> Levantava, fazia o café e nessa época não tinha nem energia solar, a gente tinha uma lamparida ou um lampião que chamavam a gás, a gente acendia e botava lá né?! Levava pra lá e todo mundo rapava a mandioca até 4 horas, quando tivesse clareando o dia a gente ia cuidar das outras coisas, mas de madrugada a gente só rapava, rapava pra amanhecer aquela quantia pra gente fazer a farinha. Ai amanhecia o dia, tirava uma das mulheres pra fazer o almoço e os serviços da casa. O resto ficava na casa de farinha até 6 horas da tarde. (PEREIRA, 2022)

E na memória da filha caçula da matriarca, sua mãe sempre estava presente, o tempo todo com o esposo nas tarefas da roça de mandioca, arrancando a mandioca, plantando. Tudo isso eles faziam juntos.

Há uma peculiaridade na trajetória de vida da mãe e de suas filhas no que se refere às idades que elas possuem as primeiras reminiscências frequentando a plantação da roça de mandioca e na casa de farinha. Tanto a mãe Francisca Sá e suas filhas Maria das Graças e Alcilene lembram que por volta dos 8, 9 anos de idade já frequentavam estes dois espaços. Assim como a percepção no que diz respeito às responsabilidades como mulher farinheira. O que antes era uma brincadeira tornou-se responsabilidade de gente grande, quando Dona Maria diz: “Ia já pra trabalhar, né! (risos), rapando mandioca, coando, que é o que a gente mais faz. Coar a mandioca, preparar a massa”.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente quem permanece no trabalho na roça de mandioca e na casa de farinha da matriarca Sá é sua filha caçula Alcilene Sá e seu esposo Dalcio, o filho caçula Edson Nogueira Sá e Junior que é um rapaz que Dona Francisca Sá e seu esposo convidaram para morar com eles. Segundo Junior faz um bom tempo que mora com Dona Francisca Sá, possivelmente 11 anos. Junior é como se fosse um acompanhante da matriarca, pois é ele que cuida de alguns afazeres domésticos, como por exemplo, apanhar o açaí, tirar a lenha para fazer o fogo para ferver a água para o branqueamento do açaí, bater o açaí. Todavia, a atividade principal desempenhada por Junior na Família Sá é cuidar da roça de mandioca e da produção da farinha para as despesas da casa.

Atualmente Francisca Sá encontrasse com a saúde debilitada por complicações na visão, devido o agravamento da catarata[9] que a impossibilita permanecer no cultivo da mandioca e na produção da farinha com mais frequência. Como ela diz: “É! Posso ajudar ele pouco. Até pra roça que eu ia com ele, agora não dou conta de ir mais.” Quando questionada se antes dos problemas de visão era assídua e frequente no trabalho na roça de mandioca e na casa de farinha, a mesma responde: “Eu ia. Capinava, ajudava arrancar mandioca e gostava de arrancar! Agora não dou conta mais e mesmo a minha vista que enxergo demais pouco!”.

Segundo nossa depoente os únicos serviços que nunca fez na roça de mandioca foi a derruba das árvores para iniciar a coivara e na casa de farinha era prensar a massa da mandioca para extrair o líquido da massa da mandioca já cevada o acido cianídrico. Os demais serviços em ambos os espaços ela fazia tudo.

[9] A catarata é uma opacidade do cristalino (lente natural do olho). Para pessoas que têm catarata tem a visão nublada, como se olhassem por uma janela embaçada ou enevoada. Essa visão nublada pode tornar mais difíceis tarefas como ler, dirigir um carro. A maioria das cataratas se desenvolve lentamente e não perturba a sua visão desde o início. Mas com o tempo, a catarata acabará por interferir na visão. Em um primeiro momento, iluminação mais forte e uso de óculos podem ajudar a lidar com a catarata. Mas se a visão prejudicada interfere com as atividades normais, é necessário fazer a cirurgia de catarata. Felizmente, a cirurgia de catarata costuma ser um procedimento seguro e eficaz. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a catarata é responsável por 51% dos casos de cegueira no mundo, o que representa cerca de 20 milhões de pessoas. Acesso: em 24 de abril de 2022. Fonte: https://www.minhavida.com.br/saude/temas/catarata

Os resultados relevantes destacam que a tradição familiar com a produção da farinha de mandioca vem do saber cultural e conhecimento transmitidos pela oralidade através dos seus pais e que a trajetória de vida das mulheres farinheiras da Família Sá nos respectivos espaços roça de mandioca e casa de farinha legitimam a autoridade dessas mulheres. Observamos também que a produção, circulação e comercialização da farinha de mandioca além da lógica cultural é permeada pela lógica econômica e possibilitou-nos compreender as práticas culturais, sociais, as relações de gênero e a própria autoridade dessas mulheres.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALBERTI, Verena. *O que documenta a fonte oral?* Possibilidades para além da construção do passado. CPDOC-FGV. Rio de Janeiro, 1996.

ALMEIDA, Carla Beatriz de. A prosopografia ou biografia coletiva: limites, desafios e possibilidades. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho 2011.

BULST, Neithard. SOBRE O OBJETO E O MÉTODO DA PROSOPOGRAFIA. POLITEIA: *Hist. e Soc*., Vitória da Conquista, v. 5, n. 1, p. 47-67, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*: 1. Artes de fazer/ Michel de Certeau; 17. ed.Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petropólis, Rj: Vozes,2011.

DA SILVA, Cirlene do Socorro Silva; DA SILVA, Maria das Graças. CASAS DE FARINHA: CENÁRIOS DE (CON)VIVÊNCIAS, SABERES E PRÁTICAS EDUCATIVAS. DENARDIN, Valdir Frigo; KOMARCHESKI, Rosilene. (Orgs.). *Farinheiras do Brasil:* tradição, cultura e perspectivas da produção familiar de farinha de mandioca. Matinhos: UFPR Litoral, 2015. pp.59-81.

DA SILVA, Cirlene do Socorro Silva; DA SILVA, Maria das Graças. SABERES E SABORES QUE INFORMAM A PRÁTICA DE COMERCIALIZAÇÃO EM CASAS DE FARINHA NA AMAZÔNIA PARAENSE. *Mercados Populares em Belém: produção de sociabilidades e identidades em espaço urbano/* Carmem Izabel Rodrigues, Luiz de Jesus Dias Silva, Voyner Ravena-Cañete, organizadores. Belém: NAEA, 2017; pp 239-259.

GIL, Tiago L. “Montando bases: alguns exemplos concretos” In. *Como se faz um banco de dados (em história)*. 2a. ed., Porto Alegre: Ladeira Livros, 2021.p.133-173).

HALBWACHS, Maurice, 1877-1945. *A Memória Coletiva*. tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. 224p.

LEANDRO, José Augusto. VIVER E SOBREVIVER DA FARINHA DE MANDIOCA

NO LITORAL DO PARANÁ NO SÉCULO XIX. DENARDIN, Valdir Frigo; KOMARCHESKI, Rosilene. (Orgs.). *Farinheiras do Brasil*: tradição, cultura e perspectivas da produção familiar de farinha de mandioca. Matinhos: UFPR Litoral, 2015. pp.13-35.

LEIROZA, Adriane Schroeder Lins. OS ENGENHOS DE FARINHA EM FLORIANÓPOLIS: APONTAMENTOS PARA UMA HISTÓRIA PLURAL. DENARDIN, Valdir Frigo; KOMARCHESKI, Rosilene. (Orgs.). *Farinheiras do Brasil:* tradição, cultura e perspectivas da produção familiar de farinha de mandioca. Matinhos: UFPR Litoral, 2015. pp.37-57.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *História Oral:* como fazer, como pensar. José Carlos Sebe Bom Meihy, Fabíola Holanda - 2ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História, Metodologia, Memória*. 1 ed. 1ª reimpressão –São Paulo: Contexto, 2010.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. *"Trabalhadeiras" e "Camarados":* relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica. Belém: UFPA, 1993.

SILVA, V. P.; BARROS, D. D. Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. *Rev. Ter. Ocup*. Univ. São Paulo, v. 21, n. 1, p. 68-73, jan./abr. 2010.

STONE, Lawrence. *PROSOPOGRAFIA. REVISTA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA* V. 19, Nº 39: 115-137 JUN. 2011.

FONTES ORAIS

DOS SANTOS, Maria das Graças Nogueira Sá dos Santos. *Entrevista com Maria das Graças, a filha primogênita da matriarca da Família Sá.* [Entrevista cedida a] Alberto Flavio Furtado de Lima. Gravação em Vídeo. 17 de jan. de 2020.

PEREIRA, Alcilene Nogueira Sá. *Entrevista com Alcilene Nogueira Sá Pereira.* [Entrevista cedida a] Alberto Flavio Furtado de Lima. Gravação em Vídeo. 1 de abr. de 2022.

SÁ, Francisca Nogueira. *Entrevista com Francisca Nogueira Sá, a matriarca da Família Sá*. [Entrevista cedida a] Alberto Flavio Furtado de Lima. Gravação em Vídeo. 16 de set. de 2022.

BREVE RELATO DE PESQUISAS SOBRE MULHERES EM AMBIENTES FUTEBOLÍSTICOS NA AMAZÔNIA PARAENSE[1]

BRIEF REPORT ON RESEARCH ON WOMEN IN FOOTBALL ENVIRONMENTS IN THE PARAENSE AMAZON

BREVE INFORME DE INVESTIGACIÓN SOBRE LA MUJER EN AMBIENTES FUTBOLÍSTICOS EN LA AMAZONIA PARAENSEINSERIR O TÍTULO EM ESPANHOL

Milene Costa de Sousa[2]

Resumo: Este artigo apresenta um breve relato de pesquisas que discutem as relações sobre mulheres e futebol na Amazônia paraense. Para tanto, foi produzido um estado da arte com o objetivo de apresentar e discutir os principais aspectos científicos. A pesquisa consistiu em uma busca em sites acadêmicos que possibilitou o encontro e seleção de 15 produções científicas sobre a temática proposta. Os resultados da pesquisa indicam uma maior participação das mulheres como autoras de produções científicas quecontextualizam o papel social da mulher no futebol no passado e nos tempos atuais, evidenciando as dificuldades e lutas do público feminino no ambiente futebolístico da Amazônia paraense.

Palavras-chave: Mulheres; Futebol paraense; Gênero; Comunicação;

Abstract: This article presents a brief account of research that discusses the relationship between women and football in the Pará Amazon. For that, a state of the art was produced with the objective of presenting and discussing the main scientific aspects. The research consisted of a search on academic sites that made it possible to find and select 15 scientific productions on the proposed theme. The research results indicate a greater participation of womenas authors of scientific productions that contextualize the social role of womenin football in the past and in current times, highlighting the difficulties andstruggles of the female public in the football environment of the Pará Amazon.

Keywords: Women; Pará football; Gender; Communication;

Resumen: Este artículo presenta un breve recuento de investigaciones que discuten la relación entre mujeres y fútbol en la Amazonía paraense. Para ello, se elaboró un estado del arte con el objetivo de presentar y discutir los principales aspectos científicos. La investigación consistió en una búsqueda en sitios

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho (IN)VISIBILIDADES NA DIVERSIDADE: gênero, quilombolas, ribeirinhos, LGBTQIA+ e correlatas do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós- Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Doutoranda e Mestra em Ciências da Comunicação (PPGCOM-UFPA), graduada em Comunicação Social – Jornalismo (FACOM-UFPA), pesquisadora integrante do projeto Cidadania Comunicativa: Luta por direitos nas periferias da Amazônia e do Grupo Cidadania Comunicativa e Educação: Lutas por direitos na Amazônia (CNPq/UFPa/Facom/PPGCOM). Email: milenecostadesousa@gmail.com

académicos que permitió encontrar y seleccionar 15 producciones científicas sobre el tema propuesto. Los resultados de la investigación indican una mayor participación de las mujeres como autoras de producciones científicas que contextualizan el papel social de la mujer en el fútbol en el pasado y en la actualidad, destacando las dificultades y luchas del público femenino en el ambiente futbolístico de la Amazonía parense.

Palavras clave: Mujer; Pará fútbol; Género; Comunicación.

1. INTRODUÇÃO

A luta da mulher no ambiente esportivo para conquistar representatividade, visibilidade e respeito em um espaço majoritariamente patriarcal vem se impondo cada vez mais. Nas últimas décadas a presença feminina em ambientes futebolísticos como estádios, no jornalismo esportivo, no futebol feminino, dentre outros espaços da vida social é uma potente realidade. Para as mulheres, a luta e a opressão são cotidianas frente àatenção impositiva direcionada ao público masculino. A veiculação de ideias e práticas misóginas de que futebol, por exemplo, não era adequado ao público feminino, só fez potencializar desigualdades de gênero, sexismo, assédios, enfim, violências de todas as ordens contra as mulheres.

Aliado a tudo isso, destaco ainda o baixo número de pesquisas e estudos acadêmicos sobre mulheres no futebol. E ainda assim é necessário atentar para o perfil dos estudos já produzidos e em desenvolvimento para saber se tais pesquisas ajudam a avançar o campo e as lutas das mulheres a fim de fomentar a produção de novas pesquisas com metodologias e problemáticas diferenciadas.

Neste trabalho, levo em consideração que o universo do futebol nomundo e, em especial, na Amazônia paraense, é um espetáculo de grande movimentação capitalista e influência social. Em contrapartida, o futebol feminino paraense, um dos focos de análise neste trabalho, é amador e possui pouco apelo popular.

Frente ao exposto, realizei um estado da arte que envolve uma revisão bibliográfica de produções científicas que discutem a temática mulher e futebol, voltada ao contexto esportivo paraense. Este estado da arte integra o meu trabalho de tese, desenvolvida no PPGCOM/UFPA.

Apesar do assunto principal da minha tese ser a comunicação de

mulheres jogadoras, tendo o futebol feminino como foco, optei por fazer um estado da arte mais abrangente, haja vista que os estudos sobre mulher e futebol no Pará são poucos, porém fundamentais para compreender as relações entre mulher e futebol no contexto esportivo paraense nos tempos atuais.

Para tanto, fiz um levantamento acerca dos estudos publicados para discutir os principais aspectos científicos utilizados em pesquisas, bem como sua abordagem e metodologias.

2. LEVANTAMENTO DE PRODUÇÕES CIENTÍFICAS

O período pesquisado foram os últimos quinze (15) anos, especificamente entre os anos de 2008 a 2023. As buscas por produções científicas foram realizadas entre os meses de fevereiro a abril de 2023 nos sites Google Acadêmico, Scielo, Repositório UFPA e Capes.

Para melhor filtrar e facilitar o acesso, utilizei os termos “Mulher”, “Gênero”, “Futebol feminino” e “Futebol paraense” em caixas de busca e pesquisa disponíveis nos sites. O meu objetivo foi coletar pesquisas científicas que focam em discussões acerca das relações entre mulher e futebol no Pará. Considerando a relevância do estado da arte sobre o tema aqui proposto, as buscas também ocorreram em livros físicos disponíveis em meu acervo pessoal. As produções encontradas foram organizadas de forma cronológica e de acordo com o tipo indicados pelas letras A (Artigo), C (Capítulo de livro/*ebook*), D (Dissertação), M (Monografia) e T (Tese).

Tabela 1: Produção escrita sobre mulher, gênero, futebol feminino e futebol paraense no contexto esportivo paraense, no período de 2008 a 2023, localizada nas plataformas Google Acadêmico, Scielo, Repositório UFPA e Capes.

N.	AUTORES	TÍTULO	TIPO	ANO
1.	MAGALHÃES, L.	Memória, futebol e mulher:anonimato, oficialização e seus reflexos na capital paraense	A	2008
2.	PEREIRA, E.; FONSECA, Z.	Futsal Feminino x Preconceito: como anda o placar dessa partida?	A	2009
3.	MAGALHÃES, L.	Esporte, cidade e modernidade: Belém do Pará	C	2010
4.	LIMA, R.	Orientação motivacional em atletas universitárias de futsal do sexo feminino	A	2018

5.	LIMA, L.; RODRIGUES, R.	Pinheirense Esporte Clube: valorização e dificuldades do futebol feminino no Pará.	A	2018
6.	FERREIRA, V.	Mulheres ao longo do processo de surgimento do esporte moderno em Belém do Pará: décadas finais do século XIX aos anos de 1910	M	2018
7.	COSTA, E.	Avaliação do condicionamento de jogadoras amadoras de futsal indígenas da associação dos povos indígenas estudantes na Universidade Federal do Pará (APYEUFPA) e de futebol de campo das indígenas da etnia Tembé.	M	2020
8.	FONSECA, B.	“Elas são feras na arte de driblar”: um estudo sobre as mulheres futebolistas no campo desportivo paraense	M	2020
9.	LEAL, M.	Torcida, substantivo feminino: interações e relações de gênero nas torcidas do clássico Remo xPaysandu	D	2020
10.	EGLA, V.	Violências nos estádios de futebol em Belém do Pará, Brasil: insegurança e	D	2021
		implicações para a mulher torcedora		
11.	ROCHA, A.	Sociabilidades e esporte: a mulher belenense em “a semana: revista ilustrada”	M	2021
12.	LEAL, M.; SALES, R.; SILVA, H.;SILVA, I.	Relações de gênero e empoderamento do futebol feminino	A	2021
13.	RIBEIRO, C.	Gênero em pauta: a experiência de jornalistas esportivas em Belém do Pará	M	2022
14.	REIS, B.	A presença da mulher nos estádios de futebol	C	2022
15.	GOUVÊA, C.	A piada: relato de experiência da conquista de um sonho	C	2022

Fonte: SOUSA, Milene. 2023.

Ao todo foram encontradas 44 produções acadêmicas. Entretanto, considerando o interesse por pesquisas acerca da temática mulher e futebol no contexto esportivo paraense, foram consultados os títulos, resumos e palavras-chave. Desse modo, 15 produções científicas foram selecionadas, totalizando 5

(cinco) artigos, 5 (cinco) monografias, 2 (duas) dissertações e 3 (três) capítulos de livro/ebook.

2.1 O que as produções acadêmicas na Amazônia paraense nos dizem?

Letícia Magalhães (2008) em seu artigo faz um estudo monográfico acerca do desenvolvimento do futebol feminino em Belém do Pará, enfatizando a relevância do papel e trajetória da mulher na construção da modalidade e seus reflexos no tempo presente. O período de estudo utilizado pela autora é 1980 a 2017, no entanto, sua abordagem traz uma contextualização histórica referente às diferentes fases de construção do futebol feminino paraense, desde a década de 1920, passando pelo período de proibição a partir dos anos de 1940, até a oficialização dos campeonatos femininos em 1983. A pesquisadora enaltece a mulher como sujeito de sua própria história, entendendo o futebol feminino como uma forma que a mulher encontrou para expressar características emocionais.

Elayne Pereira (2009), motivada pela sua experiência enquanto atleta de futsal na Universidade do Estado do Pará por quatro (4) anos, traz em sua monografia uma discussão voltada à prática do futsal feminino, contextualizando a criação da modalidade e a inserção da mulher no futsal. O estudo aborda os preconceitos sociais, raciais, sexuais e familiares direcionado às atletas praticantes de futsal. Como conclusão, a autora evidencia a força de vontade das mulheres na luta por visibilidade no esporte e a superação de estigmas que sustentam a inferioridade feminina.

Letícia Magalhães (2010) deu continuidade aos seus estudos sobre a mulher no contexto esportivo paraense. A historiadora discute a participação social da mulher em Belém do Pará durante a *Belle Epoque* no final do século XIX, período no qual o desenvolvimento do lazer se voltava ao esporte. A autora argumenta que as mulheres e as práticas esportivas nunca estiveram separadas, enfatizando que a mulher aparece como sujeito central de sua própria história, transgredindo e se adequando aos valores e práticas comuns do esporte. Em sua conclusão, Magalhães afirma que sua proposta não foi enaltecer a figura da mulher, mas sim mostrar o conjunto de conhecimentos intelectuais e morais das mulheres em relação ao esporte em Belém no período de transição entre os séculos XIX e XX.

A partir de um estudo com quarenta (40) atletas universitárias que participaram dos Jogos Universitários Paraenses (JUP's) em 2018, Rayane Lima

(2018) avalia os tipos de orientações motivacionais entre as atletas,verificando se a orientação motivacional é direcionada para a tarefa ou para o ego, além de verificar a influência dos indicadores de influência motivacional (tarefa e ego) no desempenho esportivo coletivo. Como conclusão, a pesquisadora verificou que as atletas universitárias demonstraram ter maior orientação motivacional para a tarefa e, neste caso, as atletas demonstram maior autodeterminação, confiança e busca por conhecimento. Entretanto, a orientação motivacional para a tarefa e para o ego não apresentou nenhuma influência.

Buscando evidenciar as dificuldades na prática do futebol feminino paraense, Letícia Lima e Rhuan Rodrigues (2018) realizaram um estudo de caso com atletas do Pinheirense Esporte Clube, em 2017. Os autores evidenciaram as dificuldades enfrentadas pelas atletas e pelo clube, como falta de estruturas, ausência de vínculo empregatício e a baixa valorização do futebol feminino. Entretanto, os autores observaram que apesar das dificuldades já era possível perceber um crescimento na valorização da modalidade a nível nacional, considerando a visibilidade alcançada pela seleção brasileira durante os Jogos Olímpicos de 2016, realizada no Rio de Janeiro. O estudo também apontou que Remo e Paysandu, clubes da capital paraense, aderiram ao PROFUT [3] e retomaram a organização de times femininos.

Verônica Ferreira (2018) explana a participação feminina no processo de surgimento do esporte moderno em Belém do Pará durante as últimas décadas do século XIX até os anos de 1910. A autora buscou compreender o tempo histórico em relação à inserção das mulheres nas sociabilidades em Belém do Pará e analisar a origem das práticas esportivas femininas na capital paraense, pontuando quais eram os esportes praticados pelas mulheres. A autora apresentou o esporte como um campo de sociabilidade para as mulheres belenenses durante o período de estudo selecionado, chegando ao entendimento de que o período de modernização em Belém do Pará ampliou o campo de sociabilidade, no entanto, a mulher possuía papeis sociais ainda atrelados à sensibilidade e beleza.

Erick Costa (2019) aborda o condicionamento físico de jogadoras amadoras de futebol. As jogadoras que participaram da pesquisa são indígenas da Associação dos Povos Indígenas Estudantes na Universidade Federal do Pará (APYEUFPA) e de futebol de campo da etnia Tembé.

[3] PROFUT é o Programa de Refinanciamento Fiscal do Futebol Brasileiro. Em uma de suas condições, o PROFUT exige manutenção de investimento mínimo na formação de atletas e no futebol feminino.

Com o estudo, o autor comparou o condicionamento físico ente as atletas, chegando ao entendimento de que o condicionamento físico das jogadoras indígenas, neste caso nortistas, está abaixo do nível das atletas das outras regiões do Brasil. Bruna Fonseca (2019) se propõe a analisar as dificuldades enfrentadas na prática do futebol feminino paraense. Sua pesquisa apresentou um estudo de caso realizado nas dependências da ESMAC, apontando as adversidades financeiras e estruturais que o time paraense vivenciava durante o período da pesquisa. A produção científica expôs as dificuldades no desenvolvimento do futebol feminino no Pará e a importância da imprensa para a representatividade no processo de desenvolvimento da modalidade, tendo em vista que a categoria é invisibilizada pela comunicação esportiva. Em sua conclusão, a autora afirma que mesmo em meio as dificuldades, o futebol feminino continua existindo com mulheres mostrando que o futebol é para todos e todas.

Mayra Leal (2020) verifica em sua dissertação ao PPGCOM/UFPA como as opressões de gênero aparecem por meio de silenciamentos, masculinidades e homofobia. Com seu estudo e pesquisa, a pesquisadora analisa as relações de gênero e interações das torcidas do Clube do Remo e Paysandu Sport Club, compreendendo o estádio como um ambiente comunicacional. Ao realizar um estudo com mulheres torcedoras, a autora concluiu que a pesquisa possibilitou identificar que as questões de gênero se manifestam nas trajetórias individuais das mulheres por meio de adequação a uma performatividade masculina dominante e pela utilização de estratégias para demarcar o lugar da mulher no futebol. Ao finalizar seu estudo, Mayra compartilhou suas experiências pessoais durante o desenvolvimento da pesquisa de campo.

Em sua dissertação ao PPGSP/UFPA, Vanessa Egla (2021) propõe uma reflexão sobre as violências sofridas por mulheres torcedoras em estádios de futebol de Belém do Pará durante o século XXI. O estudo apresentou os principais tipos de violência sofridos pela mulher, e a construção de um panorama nacional sobre as pesquisas que abordam a temática, referente ao período de 2010 a 2020.

Andrei Rocha (2021) busca compreender como o perfil da mulher era construído pela imprensa esportiva durante a década de 1920. O estudo objetivou compreender como o periódico paraense “A Semana: Revista Illustrada” construiu o perfil da mulher durante os anos de 1920, chegando ao entendimento de que apesar de Belém vivenciar um período modernista para a construção de uma nova identidade,

a mulher não vivenciava as mudanças pois sua imagem ainda estava ligada à beleza, juventude, graciosidade, maternidade e afins. O autor enfatiza que a revista foi importante para ainserção e evidência da mulher em várias sociabilidades, mesmo com a mulher não sendo tratada com protagonismo.

Em artigo, Reinaldo Sales, Mayara Leal, Ítalo Silva e Paulo Henrique Silva (2021) apresentam estudos e pesquisa sobre socialização, relações de gênero e os diferentes papeis exercidos por mulheres da agrovila de Trindade, localizada no município de Santa Izabel (PA). Os autores utilizaram o futebol feminino como campo de pesquisa, especificamente com mulheres do time amador “As Guerreiras”, a fim de mostrar o empoderamento do futebol feminino e que de maneira a prática esportiva se reflete na vida das mulheres. Os autores notaram que para as mulheres entrevistadas, o futebol é uma forma de lazer, autoestima e realização pessoal; um esporte usado como meio de sociabilidade e interação social, além de disseminar a cultura e fortaleceridentidade.

Cleidiane Ribeiro (2022) apresenta reflexões sobre o trabalho desenvolvido por mulheres jornalistas em coberturas esportivas em Belém do Pará, e aborda as formas que as questões de gênero influenciam a atuação profissional de jornalistas. O estudo abordou o desenvolvimento do jornalismo esportivo paraense e a participação das mulheres nesse ramo da comunicação, abordando a trajetória profissional das profissionais que atuam no jornalismo esportivo paraense. A autora conclui que a entrada das mulheres no jornalismo esportivo mascara o preconceito e a desigualdade, principalmente em cidades que fazem parte do eixo Norte/Nordeste.

A luta por afirmação social de mulheres torcedoras no contexto da rivalidade entre Clube do Remo e Paysandu Sport Club é o assunto investigado por Beatriz Reis (2022). Sob o propósito de compreender a relação entre o passado e presente de organização futebolísticas em Belém, a autora apresentou percepções das transformações sociais, a participação dasmulheres na sociedade e nos estádios de futebol, chegando ao entendimento de que o panorama da presença feminina na torcida paraense vem se alterando de forma significativa. Tomando como modelo de trabalho um relato de experiência, Cássia Gouvea (2022) apresenta uma narrativa sobre o percurso da ESMAC, time feminino de Ananindeua (PA), durante a disputa do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino pela Série A2 (segunda divisão) em 2021. Em seus relatos pessoais, a autora – que na época trabalhava como preparadora física da ESMAC – descreve as dificuldades enfrentadas pelo time e toda

equipe técnica até o momento em que o time conquistou o acesso para a Série A1 do campeonato, tornando-se o único time paraense a disputar a primeira divisão em uma competição nacional de futebol.

2.2 As contribuições das pesquisas científicas analisadas

Todas as quinze pesquisas (15) selecionadas contribuem para alcançar um maior conhecimento sobre os processos de sociabilidades da mulher junto ao futebol no Pará. Dentre elas, sete (7) possuem mais proximidade com a temática que me proponho a discutir, neste caso, futebol feminino.

As pesquisas “Elas são feras na arte de driblar”: um estudo sobre as mulheres futebolistas no campo desportivo paraense”, produzida por Bruna Fonseca (2020), “Relações de gênero e empoderamento do futebol feminino” escrita por Reinaldo Sales, Mayara Leal, Ítalo Silva e Paulo Henrique Silva (2021), e o relato de experiência “A piada: relato de experiência da conquista de um sonho” feito por Cássia Gouvêa (2022) são os estudos que considero mais semelhantes não só a temática, mas a metodologia que pretendo utilizar em minha tese.

Ressalto esses três (3) trabalhos, pois todos trazem relatos pessoais e apresentam uma aproximação e pesquisa de campo que envolve entrevistas e roda de conversa. Em seu texto, Bruna Fonseca (2020) insere a falas das entrevistadas, apresentando uma escrita mais dialógica, enquanto Reinaldo Sales, Mayara Leal, Ítalo Silva e Paulo Henrique Silva (2021) trazem observações mais específicas com a produção de uma roda de conversa. Por fim, Cássia Gouvêa (2022) em seu relato de experiência não utiliza nenhum suporte teórico, mas apresenta vários detalhes mais precisos sobre a difícil realidade do futebol feminino. Por ser uma pessoa que trabalha com o futebol, demonstra o quanto as pesquisas sobre o futebol feminino precisam abrir espaços para as mulheres no futebol se expressarem.

No que tange a autoria, observei que há uma predominância de mulheres como pesquisadoras e autoras nos estudos realizados. O interesse feminino pelo assunto é superior ao dos homens, haja vista que treze (13) mulheres aparecem na autoria das pesquisas enquanto seis (6) homens surgem como autores/pesquisadores. Apenas duas (2) pesquisas tiveram autoria totalmente masculina.

Tais constatações nos instigam a pensar o futebol como um campo de poder, relembrando que a história e as narrativas masculinas se sobrepuseram às mulheres. O patriarcado buscou por muito tempo construir uma história única, masculina, que se

enquadra no que Chimamanda Adichie (2019, p.26-27) argumenta ao dizer que a história única cria estereótipos que fazem com que uma história se torne única suprimindo a dignidade das pessoas. Por anos, as mulheres foram privadas do direito à prática no futebol e suas histórias foram ignoradas. Entendo que esse contexto opressor despertou o interesse no público feminino para dar continuidade à prática e a pesquisa sobre o assunto a fim de construir e compartilhar uma história diversificada e não única.

> As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. (ADICHIE, Chimamanda. 2019, p.32)

Em seus dois estudos, Letícia Magalhães pensa a mulher como sujeito de sua própria história, e que o futebol feminino é uma forma que as mulheres encontraram para expressarem suas emoções. Mas de que forma a mulher realmente se expressa com o futebol? No campo da Comunicação, por exemplo, nenhuma pesquisa que foca no futebol feminino e em mulheresjogadoras foi produzida. Parte daí a necessidade de enxergar e pronunciar o futebol a partir da palavra das mulheres enquanto sujeitos que sempre se fizeram presentes nas praças esportivas machistas e opressoras. Enquanto maioria, buscam resistir e lutar contra o sufocamento heteropatriarcal que ignora e invalida suas vivências no esporte mais popular na Amazônia paraense, no Brasil e no mundo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o futebol feminino no Pará se desenvolveu e quais foram/são as referências na categoria? As respostas para esse questionamento podem ser encontradas, em parte, em todas as pesquisas aqui analisadas, que compartilham narrativas antes inexistentes ou invisibilizadas no ambiente esportivo e acadêmico.

Com esse estado da arte, busquei não apenas produzir um panorama que auxilia a minha pesquisa, mas compartilhar um conhecimento sobre como a mulher pode contribuir como provedora de conhecimento, e mostrar como sua relação com o futebol, em especial o paraense, possui muitas lacunas que precisam ser pesquisados, tendo a mulher como fonte principal para construir narrativas sobre as suas experiências de vida. Muitas pesquisas citaram as dificuldades que a mulher

enfrenta no futebol desde o final do século XIX até os tempos atuais, entretanto, proponho que isso se torne mais evidenciado e explorado.

Ao observar as produções científicas selecionadas para análise, percebo que os estudos avançam, crescem lentamente e estão sendo desenvolvidos em novas áreas e campos do saber. O aumento e a diversificação de estudos é um ganho para a Ciência voltada às relações entre mulher futebol, pois assim podemos observar a temática a partir de outros horizontes que influenciam o desenvolvimento de mais pesquisas no Pará e na região Norte do Brasil.

Reitero que as mulheres, seja atletas, jogadoras, jornalistas, dirigentes, árbitras, treinadoras, gandulas e pesquisadoras precisam ser vistas como sujeitos e cidadãs que, através do futebol e da ciência, podem colaborar com a luta anti-heteropatriarcal. As produções científicas que analisei são elementares para a sociedade paraense conhecer o papel social das mulheres no futebol paraense, e todos os demais estudos são um meio de comunicação tanto para as mulheres que expressam suas vivências quanto para aquelas/es que fazem a pesquisa tornar-se uma realidade escrita e publicada.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. *O perigo de uma história única*. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

COSTA, Erick. *Avaliação do condicionamento de jogadoras amadoras de futsal indígenas da associação dos povos indígenas estudantes na Universidade Federal do Pará (APYEUFPA) e de futebol de ampo das indígenas da etnia Tembé*. – 2019. Disponível em: https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/bitstream/prefix/4120/1/TCC_AvaliacaoCondicionamentoJogadores.pdf. Acesso em: Acesso em: 31 jul. 2023.

FERREIRA, Verônica Moreira Souto. *Mulheres ao longo do processo de surgimento do esporte moderno em Belém do Pará: décadas finais do século XIX aos anos de 1910.* Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: https://bdm.ufpa.br/jspui/handle/prefix/2330. Acesso em: 31 jul. 2023.

FONSECA, Bruna da Silva. *"Elas são feras na arte de driblar": um estudo sobre as mulheres futebolistas no campo desportivo paraense*. Disponível em: https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/handle/prefix/3871. – 2020. Acesso em: 27 jun. 2023.

FONSECA, Zayra; PEREIRA, Elayne. *FUTSAL FEMININO X PRECONCEITO:* como anda o placar dessa partida? Disponível em: https://docplayer.com.br/15599037-Futsal-feminino-x-preconceito-como-anda-o-placar-dessa-partida.html. Acesso em: 01 ago. 2023.

GOUVÊA, Cássia. A piada: relato de experiência da conquista de um sonho. In:

Futebóis do Norte: setor Norte - futebol e ciência – ano 1 / Felipe Carlos Damasceno e Silva (Organizador), Aline Meriane do Carmo de Freitas (Organizadora), Luciney Araújo Leitão (Organizadora). – Belém: RFB, 2022.

LEAL, Mayara; SALES, Reinaldo; SILVA, Henrique; SILVA, Ítalo*. Relações de Gênero e Empoderamento do Futebol Feminino.* – 2019. Disponível em: https://periodicos.ufpa.br/index.php/generoamazonia/article/view/13323#:~:text=As%20rela%C3%A7%C3%B5es%20de%20g%C3%AAnero%20relegam,pessoal%20e%20empoderar%2Dse%20socialmente. Acesso em: 25 jun. 2023.

LIMA, Rayane. *Orientação motivacional em atletas universitárias de futsal do sexo feminino.* 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) -- Campus Universitário de Castanhal, Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2018. Disponível em: http://bdm.ufpa.br/jspui/handle/prefix/824. Acesso em: 10 ago. 2023.

LIMA, Letícia; RODRIGUES, Rhuan. *Pinheirense Esporte Clube: valorização e dificuldades do futebol feminino no Pará*. Disponível em: http://congressos.cbce.org.br/index.php/7conceno/7conceno/paper/viewFile/11448/5951. Acesso em: 10 ago. 2023.

MAGALHÃES, Sandra. Esporte, cidade e modernidade: Belém do Pará. In: *Os sports e as cidades brasileiras*: transição dos séculos XIX e XX. – Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. Memória, futebol e mulher: anonimato, oficializações e seus reflexos na capital paraense (1980-2007). Recorde: *Revista de História e Esporte*. Volume 1, nº 2, 2008.

NASCIMENTO, Mayra Leal do. *Torcida, substantivo feminino: interações e relações de gênero nas torcidas do clássico Remo x Paysandu*. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/13190. Acesso em: 10 ago. 2023.

NASCIMENTO, Vanessa. *Violências nos estádios de futebol em Belém do Pará, Brasil: insegurança e implicações para a mulher torcedora*. – 2021. Disponível em: https://www.ppgsp.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/teses_e_dissertacoes/dissertacoes/2019/201911%20-%20NASCIMENTO.pdf. Acesso em: 10 ago. 2023.

RIBEIRO, Cleidiane. *Gênero em pauta: a experiência de jornalistas esportivas em Belém do Pará.* – 2022. Disponível em: https://repositorio.uninter.com/handle/1/1254. Acesso em: 10 ago. 2023.

REIS, Beatriz. A presença da mulher nos estádios de futebol em Belém do Pará (2010 - 2017). In: *Futebóis do Norte*: setor Norte - futebol e ciência – ano 1 / Felipe Carlos Damasceno e Silva (Organizador), Aline Meriane do Carmo de Freitas (Organizadora), Luciney Araújo Leitão (Organizadora). – Belém: RFB, 2022.

ROCHA, Andrei. *Sociabilidades e esporte: a mulher belenense em "A semana: Revista illustrada" (Belém do Pará, década de 1920).* – 2021. Disponível em: https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/bitstream/prefix/4110/1/TCC_SociabilidadeEsporteMulher.pdf. Acesso em: 15 jun. 2023.

EDUCAÇÃO ESCOLAR RIBEIRINHA: DILEMAS E DESAFIOS[1]

RIVERSIDE SCHOOL EDUCATION: DILEMMAS AND CHALLENGES

EDUCACIÓN ESCOLAR DE RIVERSIDE: DILEMAS Y DESAFIOS

Ana D'Arc Martins de Azevedo[2]
Carlos Junior Gemaque Costa[3]
Karla Renata Brito Perna[4]
Maria Eduarda Gemaque Costa[5]

Resumo: Essa pesquisa bibliográfica, se faz necessária para compreendermos quais as principais dificuldades enfrentadas pelos ribeirinhos para acesso aos seus direitos principalmente à educação, e buscar possíveis alternativas teóricas que visam a melhoria de forma considerável a qualidade de vida, frente aos desafios enfrentados por comunidades ribeirinhas do acesso ao ambiente escolar, fazendo com que eles saiam da invisibilidade e tenham seus direitos garantidos. Para melhor compreendermos essa problemática, foi feita uma pesquisa bibliográfica, cujo objetivo consistiu em discutir os desafios enfrentados. Esse estudo destaca as dificuldades de acesso à educação para melhoria dos processos educacionais no campo com um currículo adequado às condições vivenciadas. Portanto, possibilitar a essas pessoas um futuro digno, ofertando para eles uma perspectiva de uma vida melhor, já que é através da educação que podemos ter um futuro vasto de oportunidades.

Palavras-chave: Currículo Educação; Ribeirinha; Resistência; Poder Público.

Abstract: This bibliographical research is necessary for us to understand the main difficulties faced by riverside people to access their rights, mainly to

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho In) visibilidades na diversidade: gênero, quilombolas, ribeirinhos, LGBTQIA+ e correlatadas do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), Professora Adjunta da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e da Universidade da Amazônia (UNAMA), Professora Titular do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Linguagens e Culturas – PPGCLC e do Programa de Pós Graduação no Mestrado Profissional em Gestão de Conhecimentos para o Desenvolvimento socioambiental - PPGC na Universidade da Amazônia –UNAMA, E-mail: azevedoanadarc@gmail.com Lattes:http://lattes.cnpq.br/0257982352792085, ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4240-9579.

[3] Graduado em Pedagogia - Universidade da Amazônia UNAMA, Residente Pedagógico pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES, E-mail: carloscosta0521@gmail.com Lattes:http://lattes.cnpq.br/6174813496121649 ORCID: https://orcid.org/0009-0005-4780-7746.

[4] Graduanda em Pedagogia - Universidade da Amazônia-UNAMA, Residente Pedagógica pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Monitora Acadêmica pela Universidade da Amazônia-UNAMA, E-mail: karla_brito11@yahoo.com.br Lattes: http://lattes.cnpq.br/4251081444697551 ORCID: https://orcid.org/0009-000402044063.

[5] Graduanda em Fisioterapia - Universidade da Amazônia-UNAMA, E-mail: eduardacosta0504@gmail.com Lattes:http://lattes.cnpq.br/5379579534180844 , ORCID: https://orcid.org/0009-0000-4831-3493.

education, and to seek possible theoretical alternatives that aim to considerably improve the quality of life, in the face of the challenges faced by riverside communities in the access to the school environment, making them come out of invisibility and have their rights guaranteed. In order to better understand this problem, a bibliographical research was carried out, whose objective was to discuss the challenges faced. This study highlights the difficulties in accessing education to improve educational processes in the countryside with a curriculum that is adequate to the conditions experienced. Therefore, enabling these people to have a dignified future, offering them a perspective of a better life, since it is through education that we can have a vast future of opportunities.

Keywords: Curriculum Education; Riverside; Resistance; Public Power.

Resumen: Esta investigación bibliográfica es necesaria para comprender las principales dificultades que enfrentan los ribereños para acceder a sus derechos, principalmente a la educación, y buscar posibles alternativas teóricas que apunten a mejorar considerablemente la calidad de vida, ante los desafíos que enfrentan los ribereños comunidades en el acceso al ámbito escolar, haciéndolas salir de la invisibilidad y tener garantizados sus derechos.
Para comprender mejor esta problemática se realizó una investigación bibliográfica, cuyo objetivo fue discutir los desafíos enfrentados. Este estudio resalta las dificultades para acceder a una educación para mejorar los procesos educativos en el campo con un currículo adecuado a las condiciones vividas.
Por lo tanto, permitir que estas personas tengan un futuro digno, ofreciéndoles una perspectiva de una vida mejor, ya que es a través de la educación que podemos tener un futuro vasto de oportunidades.

Palavras-clave: Currículo Educación; Orilla; Resistencia; Poder público.

1. INTRODUÇÃO

Nas margens do rio Amazônico encontramos uma paisagem esplêndida, abastada em florestas e com uma fauna riquíssima. Porém, precisamos atentar às pessoas que rodeiam os rios Amazônicos, pois, sua realidade não é apenas dotada de beleza como enxergamos, e sim de grandes desafios e lutas.

Pensar nos ribeirinhos é pensar em um povo que às vezes é invisível diante da sociedade, e esquecida por aqueles que podem garantir seus direitos, com isso nasce a necessidade de considerar os dilemas e desafios enfrentados no contexto social e educacional.

Todo cidadão tem direto por lei à educação, contudo, para essas pessoas que moram ao redor dos rios, esse direito de todos se torna um dilema ainda mais desafiador, já que o acesso à educação não é fácil nesses locais.

Como é notória a complexidade da educação do campo, se diferenciando em muitos aspectos da escola urbana, pois além das questões de acesso e infraestrutura, o sujeito campesino, desde muito cedo precisa trabalhar para ajudar no sustento da família, fator que somado a forma de como se estabelece o ensino nessas regiões, tornam-se ainda mais complexo para o aluno do campo, prosseguir com os estudos para além das etapas ofertadas na localidade em que mora (ALMEIDA, 2023).

A realidade dessas crianças, jovens e adultos é totalmente diferente da realidade vivenciada na área urbana, já que precisam contribuir desde muito cedo com a renda familiar, fazendo com que essas pessoas não criem uma perspectiva de vida tão alta já que não possuem estímulos necessários para terem vidas melhores. Incentivar essas pessoas com a educação deveria ser uma prioridade, por conseguintemente, nasce a necessidade de implementação de um currículo escolar adequado para a educação no campo que venha abranger e associar a relação entre aluno, escola e vida no campo. O povo ribeirinho precisa de um olhar a mais para eles, pois é a partir desse olhar que eles podem colocar em prática suas experiências adquiridas, como agregar seus conhecimentos adquiridos no campo com a escola, mostrando a esse povo que não é preciso deixar de estudar para trabalhar, mas que eles podem realizar as duas coisas êxito.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Constituição Federal de 1988 e a Lei 9.394/96 (LDB) garante o direito à educação, mesmo com os avanços nos últimos anos, precisamos que o poder público cumpra com seu papel e adote modelos para progresso de acesso e qualidade de ensino na educação do campo.

Precisamos mudar esse cenário, houve e existe a necessidade de algumas transformações e adaptações nas secretarias administrativas das escolas públicas de educação básica, pois a educação no campo não depende de um currículo tradicional, mas sim de estratégias que além de levar esse aluno para a sala de aula, consiga manter ele, e garantindo o aprendizado. Para os ribeirinhos, os rios é o centro da vida: deles retira-se grande parte dos alimentos consumidos por essa população e deles dependem para ir e vir.

Em razão disso, as escolas adotam um calendário letivo adaptado ao ciclo das águas. Acessar o espaço escolar ribeirinho é muito árduo. É cansativo realizar o transporte escolar, os docentes, a merenda chegarem nesses lugares. Por isso, que as análises dos textos abordados nesse resumo visam despertar o poder público para que tais direitos essenciais para esse povo ribeirinho e campesino tenham seu direito garantido.

De acordo com Freire (1996), era caracterizado pela luta para salvar a democracia e as liberdades roubadas durante a ditadura militar no Brasil. Freire (2006) não se limitou às instituições educativas quando falou em "prática educativa", mas à realidade libertadora do cidadão como um todo.

A liberdade do povo campesino precisar ser idealizado pelo poder público já que por muito tempo fez o mínimo por esse povo, incentivando a serem gratos por tão pouco e tornando essas pessoas como incapazes, logo em seguida, os deixando a deriva sobre a própria sorte. Buscar uma educação de relevância pode se tornar um dilema diante das inúmeras dificuldades que o povo campesino passa como escolas sem infraestrutura os longos trajetos percorridos até a escola e as escolas multisseriadas o qual dificulta muito mais o aprendizado dos educandos.

A estrutura organizacional de uma escola é a garantia de um bom desempenho, vem através de um planejamento de trabalho executado pelo corpo docente, considera as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia nas escolas ribeirinhas, e ainda o que precisa ser feito para a melhoraria desse processo. Os profissionais devem desenvolver habilidades e ter a capacidade de desempenhar as suas funções. Desenvolver e aprimorar a capacidade de observação e da resolução dos problemas, o estilo de ensino e traçando modelos que se aproximem do estilo de vida no campo.

Para Arroyo (2007), diz que os movimentos sociais adaptaram o sistema de ensino a uma rede de escolas rurais, sociedades profissionais com treinamento específico precisam de educadores de campo no local. Acreditamos que um dos determinantes da instabilidade da educação rural é a ausência de grupos profissionais residentes nas áreas rurais de origem. Dessas comunidades com um patrimônio de cultura e conhecimento. Diversidade de vida na terra a maioria dos educadores o educador vai diariamente da cidade à escola do campo e de lá de volta à sua escola. Um lugar, uma cidade, sua cultura urbana. Portanto nem Embora tenha suas raízes na cultura rural, não está ali enraizado.

Arroyo (2011, p. 128) nos diz que "[...] o currículo é núcleo e o espaço

central mais estruturante da função da escola [...]"; é, assim, responsável pela concepção de homem e de sociedade. O autor explica ainda que currículo é território em disputa, logo, demarcado por relações de poder e jogos de interesses (ARROYO, 2011). No campo, isso pode ser traduzido como "[…] terreno de negociações marcado pela contingência e precariedade" (RAMOS; CUNHA, 2018, p. 146).

O currículo não tem, portanto, uma estratégia específica. Como fala Caldart (2020, p. 4), "[…] nenhuma forma de dominação ou de hegemonia consegue abranger toda a vida, embora tente isso. Sempre restam frestas livres que permitem olhar noutra direção". Isso significa que no contexto da escola do campo o currículo de orientação urbanocêntrica pode e deve ser ressignificado (ou seja, contextualizado de acordo com as necessidades formativas dos alunos do campo), fato que muito depende do trabalho conduzido pelo professor como se observa timidamente na narrativa.

Para isso, o professor, como sugere a proposta aqui analisada, deve ser produtor do conhecimento. Isso significa que cabe a este profissional desenvolver um trabalho pedagógico que valorize as experiências dos sujeitos, que os ajude na apropriação da teoria, do conhecimento científico, não de forma mecanizada (CALDART, 2009). É bom lembrar o que sugere Arroyo (2011, p. 13), isto é, que "[…] os currículos e conhecimentos para serem interessantes e instigantes têm de ser traduzíveis em experiências".

Para o pensamento Freireano não é apenas uma preparação profissional e técnica de uma pessoa para o mundo. Seguindo a filosofia da maiêutica socrática, a educação é a elevação da alma humana, é a libertação, o conhecimento de si mesmo para se tornar seu próprio mestre e, portanto, o criador de seu próprio caminho.

> Consequentemente, transformar a experiência educacional em uma educação puramente técnica diminui o que há de essencialmente humano na atividade educacional: sua natureza formativa". (FREIRE, 2000, p. 36).

Sabemos que estamos longe de sanar essas dificuldades a pesquisa vem tentando mostrar os desafios e possíveis melhorias para uma questão que precisa de uma solução, pois o acesso à escola é um direito básico de todos, e que não estão sendo garantida pelo poder público pela falta de interesse e investimentos na educação. Essas mudanças se fazem necessárias para que chegue uma educação de qualidade para os povos ribeirinhos garantindo também a qualidade de vida.

As buscas por essas melhorias deveriam estar em evidência, fingir que não estamos vendo não é a solução, por isso a importância dessa pesquisa e de outras já que estamos buscando trazer à tona toda a dificuldade que esses povos enfrentam. Seja por ter que trabalhar para ajudar suas famílias, ou por meio de locomoção a qual é um dos grandes fatores que os afetam ou por qualquer dilema que essas pessoas passam diariamente.

Aspiramos uma escola capaz de implementar um currículo significativo, preparado para ensinar e aprender e onde a proposta de pedagógica seja baseada em uma pedagogia crítica que possa convidar o aluno a pensar criticamente sobre as realidades sociais, políticas e educacionais históricas a partir das vivencias do campo.

3. METODOLOGIA

A pesquisa utilizada foi a bibliográfica buscando trazer à tona os dilemas enfrentados pelo povo ribeirinho.

Para chegar a tais resultados, foram realizadas pesquisas nas bases de dados SciELO, Google acadêmico, com os seguintes descritores "Educação ribeirinha" e "Ribeirinhos", com isso utilizamos dados de artigos que fazem menção a luta diária do povo ribeirinho e que revelam seus dilemas ao acesso à educação. Foram descartados artigos que não possuíam nenhum vínculo com a "Educação ribeirinha”.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

O que se observa nas escolas ribeirinhas amazônicas é um reflexo da ausência do poder público, não obstante da formação holística e multifacetada dos professores. Os professores têm habilidades limitadas para trabalhar em um ambiente diferente das escolas urbanas, pois as teorias que aprendem em seus

cursos de formações muitas vezes não se encaixam na realidade da Amazônia ribeirinha.

A maioria dos cursos de formação de professores é voltada para os sistemas urbanos de ensino, e observa-se pouco investimento público na formação de professores para atuar nas áreas rurais (ARROYO, 2007). Há a necessidade de integrar os princípios da 'pedagogia do campo' às escolas ribeirinhas amazônicas, incorporando processos desenvolvidos com, para, a população-alvo, considerando suas particularidades e necessidades.

Pesquisas realizadas sugerem que as escolas ribeirinhas não estão apenas as margens do rio, mas à margem do poder público. Investir em programas de formação de professores para esses ambientes para ajudar a resiliência educacional dos professores e garantir uma formação especializada para orientar e utilizar a tecnologia disponível para eles realizarem seus trabalhos de acordo com as realidades que estão vivenciando.

Uma possibilidade é investir em tecnologia, pois se pode garantir a qualificação do professor para um currículo inovador, adequado garantindo a qualidade de vida e ensino do campesino com um currículo flexível às condições vividas no campo.

4.1. Oportunidades escolares ribeirinhas

Mas engana-se quem pensa que a região é só de desafios e incertezas. Cercadas pela maior diversidade de fauna e flora do planeta, em um ambiente com abundância de água e rico conhecimento cultural e médico e a oportunidade de trocar conhecimentos com outras comunidades, como os povos indígenas, essas escolas têm a oportunidade de oferecer uma educação completa.

Desenvolver um trabalho na escola, da educação infantil ao ensino médio, relacionado à agricultura familiar e à pesca, principal fonte de subsistência dos ribeirinhos, além da sustentabilidade, fundamental para a continuidade da captação de recursos.

A pesca e a agricultura são fundamentais para a população campesina. Que tal ensinar a hora certa de pegar certos tipos de peixes, sobre as plantas. Os alunos visitarem lagos, coletarem informações e trabalharem para proteger rios, florestas e animais. Todo esse conteúdo faz sentido, porque é neste espaço que eles vivem.

Por isso, a contextualização pedagógica ocorre com os conteúdos

curriculares e documentos norteadores como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Aliar o conhecimento curricular e a preparação para o mundo moderno com a cultura ribeirinha

Vivenciar de um currículo escolar, que visa fazer uma relação sala de aula e a vida no campo, tendo em vista o ensino e a qualidade de vida com ações que possam utilizar o conhecimento e mãos de obra no campo associada a ciência para um melhor aprendizado.

Portanto, existe a necessidade de uma preparação contínua dos professores e gestores para executar essas habilidades e competências que visam proporcionar ao corpo discente uma educação de qualidade sem que a comunidade perca sua identidade e valores, envolvendo toda a equipe no processo fazendo uma gestão democrática.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela pesquisa realizada que norteou esse resumo, podemos destacar alguns tópicos importantes para essas considerações finais. Apresentamos diversos desafios enfrentados por aqueles que necessitam da educação básica pública e por meio das investigações constata-se que embora há um investimento para as escolas atenderem com qualidade essas comunidades. A fim de tornar uma prática eficaz é necessária uma mudança de postura na tentativa de transformar essa realidade principalmente por meio das políticas públicas na área da educação, amplamente amparadas pela legislação vigente em nosso país e que precisam ser implantadas de forma efetiva.

A educação escolar no campo pressupõe atuação de profissionais qualificados que compreendam suas funções e responsabilidades para que possam executá-las com excelência. Os desafios são múltiplos e o grau de dificuldade de alguns deles exigem resiliência visando a superação. Nesse contexto precisamos exercer estímulos para que a comunidade partícipe da escola com objetivo de manter e garantir o funcionamento escolar para alcançar um ensino de qualidade para todos.

Apesar das dificuldades e desafios, fica claro que para os ribeirinhos a escola ribeirinha é a esperança de construir outras vidas possíveis na floresta. Isso mostra que, apesar dos desafios e dificuldades, a escola é entendida como um importante alternativa para ajudar homens e mulheres a escapar da opressão. Concluímos, portanto, que a escola ribeirinha é, para os alunos e suas famílias,

uma tática, uma esperança que constrói, à margem do modelo, outras alternativas de vida na floresta, implica ocupar outros espaços, como a própria escola como professora. E, nessa dinâmica, a estabilização das tradições culturais, condição básica para que os subordinados sejam vistos como sujeitos com origens, memórias e vozes.

Entendemos que as escolas e a educação são ferramentas essenciais para desafiarmos todas as formas de submissão. Mas, para isso, os professores e as próprias comunidades devem entender a escola como um território de diálogo, e não apenas uma ferramenta do capital. Aprender sobre as escolas a partir dessa perspectiva ajuda a entender como as comunidades moldam seus estilos de vida em relação à dinâmica ambiental. Neste movimento, rios e florestas não são apenas os espaços geográficos que praticam e os recursos que descobrem, mas também o território tecido por suas histórias, memórias, vivências, entrelaçadas em suas mentes, sua espiritualidade, saberes, costumes e cultura, tradição e identitária.

Assim, concluímos que a estrutura organizacional escolar ribeirinha consiste no princípio do trabalho conjunto de todos os membros da equipe escolar e poder público atuar para atingir os objetivos educacionais de caráter social e os de formação dos alunos onde a mediação de um currículo flexível é adequado as realidades vistas no campo. Estimulando as discussões de ideias e práticas pedagógicas no cotidiano escolar, e proporciona aos docentes e discentes a reflexão sobre suas práxis para implementação de atividades no campo.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzáles. Indagações sobre currículo: educandos e educadores - seus direitos e o currículo. In: BRASIL. Ministério da Educação. *Indagações sobre o currículo do ensino fundamental*. Brasília, DF: MEC, 2007. p. 1-52.

ARROYO, Miguel. A Educação Básica e o Movimento Social do Campo. In: ARROYO, Miguel; CALDART, Roseli; MOLINA, Mônica (org.). *Por uma educação do campo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 65-86 .

ARROYO, Miguel. *Currículo, território em disputa*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.Disponívelem: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf . Acesso em: 28/05/2023.

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos

Jurídicos, *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 28/05/2023.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996*: Diretrizes e Bases da Educação. Brasília, DF: MEC, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, P. *Pedagogia da Indignação*: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FLEXIBILIZAÇÃO CURRICULAR NO CONTEXTO DA ETNIA WARAO: SABERES NO MUNICÍPIO DE ANANINDEUA–PA[1]

CURRICULAR FLEXIBILITY IN THE CONTEXT OF THE WARAO ETHNICITY: KNOWLEDGE IN THE MUNICIPALITY OF ANANINDEUA–PA

FLEXIBILIZACIÓN CURRICULAR EN EL CONTEXTO DE LA ETNIA WARAO: SABERES EN EL MUNICIPIO DE ANANINDEUA–PA

Magali Pinto Gouvêa[2]
Ana D'Arc Martins de Azevedo[3]
Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo[4]

Resumo: Este artigo investiga a implementação da educação escolar indígena para a etnia Warao, uma comunidade que migrou da Venezuela para Ananindeua – cidade localizada no Estado do Pará, região norte do Brasil –, devido a complexas circunstâncias sociopolíticas e econômicas. O estudo centra-se nas estratégias pedagógicas, desafios e resultados desta iniciativa educacional. Baseando-se em métodos de investigação qualitativa e num quadro educativo intercultural, a investigação analisa os processos dentro da sala de aula e no contexto escolar mais amplo. O artigo contribui para o discurso sobre a educação inclusiva e intercultural, particularmente no contexto das comunidades indígenas, lançando luz sobre a natureza multifacetada de tais iniciativas e as suas implicações para as políticas e práticas educativas.

Palavras-Chave: Educação escolar indígena. Imigrantes Venezualanos. Comunidade Warao. Ananindeua (PA)

Abstract: This article investigates the implementation of indigenous school education for the Warao ethnic group, a community that migrated from Venezuela to Ananindeua – a city located in the state of Pará, northern region of Brazil – due to complex socio-political and economic circumstances. The study focuses on pedagogical strategies, challenges, and outcomes of this educational initiative. Drawing upon qualitative research methods and an intercultural educational framework, the research analyzes processes within the classroom and in the broader school context. The article contributes to the discourse on inclusive and intercultural education, particularly in the context of indigenous communities, shedding light on the multifaceted nature of such initiatives and their implications for educational policies and practices.

---

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho (In)visibilidades na diversidade: gênero, quilombolas, ribeirinhos, LGBTQIA+ do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Doutoranda do PPGCLC da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: magouver@yahoo.com.br.

[3] Orientadora/Prof.ª Dr.ª do PPGCLC da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: azevedoanadarc@gmail.com.

[4] Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Administração - PPAD pela Universidade da Amazônia (UNAMA), Professora Titular do PPGCLC na Universidade da Amazônia (UNAMA), E-mail: betania.fidalgo@unama.br.

Keywords: Indigenous school education. Venezuelan immigrants. Warao community. Ananindeua (PA).

Resumen: Este artículo investiga la implementación de la educación escolar indígena para la etnia Warao, una comunidad que migró desde Venezuela hacia Ananindeua, una ciudad ubicada en el estado de Pará, en la región norte de Brasil, debido a complejas circunstancias socio-políticas y económicas. El estudio se enfoca en las estrategias pedagógicas, desafíos y resultados de esta iniciativa educativa. Basándose en métodos de investigación cualitativa y en un marco educativo intercultural, la investigación analiza los procesos dentro del aula y en el contexto escolar más amplio. El artículo contribuye al discurso sobre la educación inclusiva e intercultural, particularmente en el contexto de las comunidades indígenas, arrojando luz sobre la naturaleza multifacética de tales iniciativas y sus implicaciones para las políticas y prácticas educativas.

Palabras clave: Educación escolar indígena. Inmigrantes venezolanos. Comunidad Warao. Ananindeua (PA).

1 INTRODUÇÃO

A migração do grupo étnico Warao da Venezuela para o Brasil decorreu de um conjunto de fatores, incluindo políticas estatais na Venezuela e avaliações internacionais que impactaram tanto o povo Warao quanto outros grupos venezuelanos (GARCÍA-CASTRO, 2020; VELÁSQUEZ, 2020). A complexidade das situações sociopolíticas que motivaram essa migração, somada aos desafios enfrentados por essas populações em seu novo contexto (DIAS; LUCAS; MORAES JUNIOR, 2023; SANTOS, 2019), sublinha a importância fundamental de garantir uma educação de qualidade que respeite e valorize seu patrimônio cultural. Desse modo, a migração desse grupo étnico trouxe à tona a necessidade permanente de fornecer uma educação sensível e inclusiva, capaz de atender às necessidades e às perspectivas singulares de povo indígena.

Como resultado, em 2017, a comunidade Warao, residente atualmente no bairro Curuçambá, em Ananindeua (DIAS; LUCAS; MORAES JUNIOR, 2023), fez um apelo ao Ministério da Educação Pública, reivindicando uma educação que fosse culturalmente atrativa e atendesse às necessidades de aprendizagem específicas do grupo. Em resposta a essa demanda, uma colaboração entre a Secretaria Municipal de Educação de Ananindeua (SEMED) e o Ministério da Educação (MEC) resultou na concepção de um marco de educação indígena para a comunidade Warao em 2021. Esse marco foi desenvolvido por meio de oficinas pedagógicas e esforços cooperativos, culminando na formação do Grupo de Trabalho Específico (GT Warao). O GT Warao, sob a forma cooperativa da

pesquisadora deste estudo, concentra-se em capacitar os educadores que trabalham diretamente com os alunos Warao, buscando criar um ambiente de aprendizagem que seja verdadeiramente inclusivo e sensível às suas particularidades.

Atualmente, a escola Warao é composta por quatro turmas multisseriadas, que englobam desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental, além da modalidade Educação de Jovens e Adultos. As aulas ocorrem no turno vespertino e atendem a um total de 71 alunos. Esta gama de ensino visa proporcionar uma educação abrangente e holística, respeitando as diferentes fases de desenvolvimento dos alunos Warao.

Em meio a essa necessidade de adaptar a educação oferecida aos Warao, conforme seus valores, tradições e aspirações, é que emerge a pesquisa de doutoramento, em andamento no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura, cujo objetivo é analisar de maneira abrangente e aprofundada a eficácia da proposta de educação escolar indígena para a comunidade Warao residente em Ananindeua. Para este artigo, porém, buscou, de posse de experiências, diálogos e entrevistas preliminares, analisar a implementação inicial da proposta de educação escolar indígena destinada ao povo Warao. Especificamente, este estudo buscou, nos processos educativos que ocorrem dentro das salas de aula da Escola Cônego Batista Campos, identificar os desafios e as estratégias de uma educação culturalmente adaptada aos Warao.

Diante do exposto, este estudo se propõe a contribuir para um entendimento mais aprofundado da educação indígena no Brasil, fornecendo *insights* significativos sobre a aplicação prática de abordagens pedagógicas que respeitam e valorizam a identidade cultural e as aspirações educacionais da comunidade Warao. Uma análise abrangente das dinâmicas educacionais em um ambiente culturalmente diferenciado, como Ananindeua, apresenta uma oportunidade valiosa para aprimorar as políticas e as práticas educacionais em contextos semelhantes em todo o Brasil.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Discutir educação requer, em primeiro lugar, abordar a dimensão histórica do ser humano, não apenas em seu sentido biológico, mas como um ser que transcende o natural e aspira à liberdade (FREIRE, 1996). Nesse contexto, a ética

e a cultura surgem como as bases primordiais da educação, conferindo identidades a partir de um processo que requer a participação ativa do indivíduo, sua autoria e ação consciente. A educação, então, é um processo interno que envolve aprendizado e troca de experiências entre pessoas.

Quando abordamos a educação de povos indígenas, entramos em um território conflituoso e promissório, onde a legislação agora permite sua participação ativa na formulação de políticas públicas. Por meio de suas organizações representativas, conquistaram o reconhecimento na Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), que resguarda sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, assim como seus direitos originários sobre as terras tradicionalmente ocupadas (art. 231). A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, doravante Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (BRASIL, 1996), e outros marcos normativos, como as diretrizes curriculares, redesenharam a função da escola indígena, estabelecendo o direito a uma educação bilíngue, intercultural, comunitária, específica e diferenciada (GRUPIONI, 2001).

Contudo, apesar dessa legislação progressista, há uma discrepância entre o discurso legal e a realidade prática. A proposta de uma escola indígena diferenciada, de alta qualidade, exige uma mudança sistêmica na educação do país, exigindo das instituições e órgãos competentes a definição de novas dinâmicas, concepções e mecanismos, tanto para a integração eficaz dessas escolas no sistema oficial quanto para o respeito às suas particularidades (ANDRADE; NOGUEIRA, 2021; SIMAS; PEREIRA, 2010).

Na perspectiva da educação, há uma multiplicidade de abordagens (BRANDÃO, 1989). As tradições tradicionais, por exemplo, concebem a educação indígena, quilombola ou ribeirinha como um processo intrínseco à vida cotidiana. No caso da etnia Warao, suas práticas centram-se no uso sustentável dos recursos naturais, como a pesca, caça e coleta de vegetais (PAREDES *et al*., 2019). Essa tradição persiste mesmo entre os Warao urbanizados, residentes nas margens do rio Maguari, onde a pesca ainda é um meio de subsistência limitada à alimentação familiar.

Por outro lado, a educação escolar indígena ocorre em instituições de ensino e é moldada a partir da apropriação do espaço escolar pelos povos indígenas. Isso requer processos de redefinição, estratégias democráticas para a integração dos conhecimentos universais, necessários para atender às demandas sociais, econômicas e políticas resultantes do contato com a sociedade

globalizada. Portanto, é fundamental considerar a organização da comunidade indígena e da instituição de ensino em uma parceria que atende às necessidades de aprendizagem de crianças e adultos. Isso requer professores indígenas como mediadores entre diferentes culturas e sociedades, refletindo sobre questões pertinentes à escola e à comunidade.

A recente imigração da etnia Warao para o Pará, vinda da Venezuela, os coloca como habitantes urbanos com sua própria língua, o espanhol, e reivindicando acesso à educação no Brasil, onde o ensino é predominantemente em português. Assim, surge a necessidade de um diálogo intercultural e multilíngue na construção de um currículo que respeite e interconecte diferentes saberes. Isso implica em ouvir e compartilhar as histórias indígenas para preservar esse patrimônio cultural, especialmente em meio ao contexto da imigração.

Ademais, em relação à questão da educação, a Nota Técnica 002/2021 da SEMED (ANANINDEUA, 2021), que aborda as diretrizes para a implementação da educação escolar indígena multietária intercultural, multilíngue Warao, princípios e objetivos que visam promover os indígenas como sujeitos ativos, suas comunidades e seus povos, bem como a recuperação de suas memórias históricas e a reafirmação de suas identidades étnicas, valorizando suas línguas e conhecimentos. Nesse contexto, a efetivação da proposta se configura como um "espaço de construção de relações interétnicas voltado para a manutenção da pluralidade cultural, reconhecendo diferentes abordagens pedagógicas" (ANANINDEUA, 2021, s. p).

Essa nota técnica estabelece elementos-chave para a organização dessa educação, incluindo a contribuição para projetos societários e bem-estar, com ações direcionadas à preservação dos modos de organização e valores da comunidade. A proposta também prevê a supervisão do sistema educacional, com a constante produção e publicação de materiais diferenciados em conexão com a língua indígena. Professores e estudantes indígenas foram parceiros na colaboração desses materiais para todas as áreas do conhecimento.

Essas considerações enfatizam a importância de considerar todo o repertório sociocultural, incluindo o aspecto linguístico, para respaldar a memória histórica das comunidades, grupos e indivíduos imigrantes da Amazônia paraense. Isso implica em ouvir e tornar visíveis as "muitas histórias" que compõem o tecido cultural dessas comunidades (MUNDURUKU, 2000, p. 111). Dessa forma, legitima-se uma educação diferenciada que abrange aspectos

culturais, patrimoniais, linguísticos e de saberes de povos tradicionais.

Concordando com o autor, reiteramos: é fundamental ouvir, compartilhar e difundir o conhecimento dos indígenas, a fim de que esse rico patrimônio cultural, vivamente enraizado na memória desses indivíduos, não seja ignorado. A escola deve se esforçar para valorizar esse modo de vida, que é tão evidente em suas histórias e no contexto da imigração, uma realidade atualmente em destaque, marcada por suas intricadas dinâmicas sociais. Afinal, o conhecimento permeia todos os momentos e lugares, seja em pequenas comunidades ou em cenários urbanos. O saber é intrinsecamente livre, se manifestando como ideias e cultura, nas formas de ensino e na criação de entendimentos compartilhados entre as pessoas, que envolvem práticas culturais, formas de trabalho e interações em grupos e sociedades.

Historicamente, fomos ensinados a saber imposto cultural pelo colonizador, que através da escola moldou métodos de ensino e aprendizagem em conformidade com a ordem social vigente. Portanto, o conhecimento que buscamos atualmente e que é necessário para ser efetivado nas escolas deve valorizar os saberes locais, os conhecimentos científicos e as línguas nativas de cada comunidade. Essa transformação deve ser guiada por uma visão coletiva e societária, evoluindo para a justiça social. Assim, planejamos dar passos concretos em direção a um trabalho pedagógico de implementação de uma educação intercultural e multilíngue nas escolas.

Nessa perspectiva, a abordagem intercultural defendida por Candau (2008) visa promover uma educação que reconheça o outro, estimulando o diálogo entre grupos sociais e culturais diversos. Ela propõe uma educação para a negociação cultural, que aborda os conflitos gerados pela assimetria de poder entre diferentes grupos socioculturais em nossas sociedades. Essa abordagem é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, onde as diferenças são incluídas na forma dialética (CANDAU, 2008, p. 23).

No entanto, essa realidade ainda não se reflete plenamente no ambiente escolar. Atualmente, prevalece um modelo de ensino tradicional e centrado no ponto de vista hegemônico da grande capital, uma visão urbana centrada e que prioriza um aprendizado voltado para livros. Acreditamos que a implementação de uma educação escolar indígena, que leva em consideração as diferenças sociais e culturais, contribuirá para que os envolvidos encontrem significado na atividade de aprendizagem na escola. Isso inclui a apreciação do conhecimento

compartilhado na escola e a análise crítica de suas próprias realidades.

Em suma, a educação escolar indígena multietária, intercultural e multilíngue Warao visa valorizar a especificidade, cultural, social e identitária desses grupos. Ao mesmo tempo, ela busca integrar essas particularidades com novos conhecimentos científicos, considerando todo o processo histórico que foi construído até então. Essa abordagem desafiadora e transformadora exige a colaboração de todos os envolvidos para garantir que a diversidade cultural e os saberes indígenas sejam respeitados e compartilhados de maneira significativa no cenário educacional contemporâneo.

3 METODOLOGIA

A perspectiva temática deste estudo de tese está enraizada em uma abordagem qualitativa, que busca capturar a subjetividade dos participantes. Situações e eventos são explorados em seus significados e relações intrínsecas. Minayo (2018, p.19) ressalta que essa abordagem é desafiadora para os pesquisadores, pois "[...] envolver uma objetivação de um tipo de conhecimento que se baseia em opiniões, opiniões, valores, representações, relações e ações humanas e sociais sob a perspectiva dos atores em intersubjetividade".

Ao considerar que o estudo é sobre uma comunidade indígena em contexto urbano, onde os sujeitos estão inseridos em seus próprios contextos culturais e influenciados por suas vidas cotidianas, a compreensão dos significados atribuídos à educação e à escola é central. Ao abordar a convivência escolar entre indígenas e não indígenas, o estudo é fundamental nos princípios dos estudos culturais, abrangendo tanto aspectos macroscópicos (sistema) quanto microscópicos (cotidiano), incluindo práticas sociais e escolares, culturas e cultura escolar, entre outros. Nesse sentido, autores relevantes do campo educacional e da etnia Warao, como Candau e Moreira (2008), foram essenciais para a abordagem proposta, e Paredes (2019), na discussão da perspectiva intercultural articulada com a educação escolar.

A interação e o diálogo contínuo entre o pesquisador e os participantes, imersos no contexto do estudo, têm sido cruciais para o processo investigativo. A observação detalhada, criteriosa e minuciosa, focando nas vozes dos envolvidos e em suas interpretações, tem sido um pilar nas coletas de dados. O estudo se concentrou na observação participante, no mapeamento do contexto escolar e curricular, na realização de entrevistas com lideranças indígenas e educadores.

Com Isso, buscou-se capturar a essência da vida escolar e suas nuances, especialmente nas interações em sala de aula entre estudantes Warao e educadores.

Assim, o caminho metodológico escolhido enfatizou a observação, o mapeamento do contexto escolar e curricular e evoluiu para a implementação da proposta de educação escolar para os Warao. Ademais, foram realizadas entrevistas semiestruturadas junto aos líderes indígenas e educadores para aprofundar a compreensão do cotidiano escolar. O estudo enfocou, ainda, a análise dos processos educativos, considerando o ambiente escolar, a experiência grupal e o aprendizado em sala de aula. Para isso, o diálogo próximo com o espaço/tempo escolar foi fundamental, permitindo a compreensão da organização e implementação do processo educativo, bem como as interações entre estudantes e educadores (BRANDÃO, 1989; CANDAU, 2008).

Ao lidar com educadores e estudantes Warao, a pesquisa maior que gerou este estudo tem buscado apreender os processos educativos e as dinâmicas de ensino-aprendizagem, abrangendo tanto o currículo em ação quanto as experiências individuais. O estudo tem se baseado em materiais catalogados pela SEMED e em processos formativos ocorridos na escola, além de depoimentos gravados, diários de campo e entrevistas. Nesse processo, a metodologia se alinha com as recomendações de Brandão (2007), que defende a utilização de múltiplas técnicas de coleta de dados, mantendo um olhar atento aos participantes.

A pesquisa abrange o percurso educativo dos estudantes Warao em uma escola urbana, entrelaçando-se com a SEMED, a escola e a comunidade. Os educandos, os educadores, as lideranças comunitárias, os moradores locais e a própria participação da primeira autora nessa proposta de educação específica dos principais interlocutores da pesquisa têm gerado dados frutíferos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A implementação de um programa de educação indígena para a comunidade Warao em Ananindeua representa um passo crucial para o reconhecimento dos direitos e aspirações das populações indígenas. Ressalta a importância de uma educação que respeite a diversidade cultural e apoie o desenvolvimento holístico dos alunos. As experiências e desafios observados nesta iniciativa contribuem para o discurso mais amplo sobre a educação inclusiva e intercultural, oferecendo *insights* que podem informar as políticas e práticas

educacionais não apenas no Brasil, mas também em outros contextos com diversas comunidades indígenas.

Com base na metodologia proposta para a pesquisa, foi possível identificar alguns os desafios e as estratégias relacionados à compreensão dos processos educativos dos estudantes indígenas da etnia Warao em uma escola urbana, são eles:

a) **Compreensão das percepções e significados atribuídos aos estudantes indígenas à educação e à escola:**
   Através das entrevistas, observações e interações com os estudantes Warao, foi possível compreender como eles percebem a educação, a importância que atribuem à escola e como se relacionam com o ambiente escolar. Isso permitiu compreender mais profundamente suas perspectivas e experiências educacionais anteriores na Venezuela. Nesse sentido, compreendeu-se que, como são de origem ribeirinha, esses estudantes têm maior facilidade com alusões explicativas do cotidiano da pesca, como rede, peixe, barcos e canoas.

b) **Análise das práticas educativas e da cultura escolar**:

   O estudo identificou as práticas educativas adotadas pelos docentes na escola, bem como a cultura escolar que permeia o ambiente de aprendizagem. Isso inclui o exame das abordagens pedagógicas utilizadas, dos métodos de ensino e das interações entre os estudantes indígenas e não indígenas.

c) **Identificação dos desafios e das estratégias da educação escolar para os estudantes Warao:**
   Ao investigar a experiência educacional dos estudantes Warao, identificou-se os principais desafios que enfrentam, como barreiras linguísticas, adaptação cultural e integração social. Notou-se que sempre que conversam entre si e não querem que os não indígenas saibam o conteúdo de suas falas, conversam em sua língua nativa. Durante as aulas, inclusive, percebeu-se que os indígenas criam como estratégia de autoproteção o seu próprio dialeto, pois se negam a dizer aos professores o significado de alguns termos que utilizam. Além disso, a pesquisa observou oportunidades e estratégias que podem ser inovadoras para promover uma educação mais

eficaz e relevante para esses estudantes, como a educação intercultural (CANDAU, 2008), focada nos cotidianos anterior e atual dos indígenas.

d) **Contribuição para a construção de um currículo intercultural:**
Com base nos resultados obtidos, a pesquisa pode contribuir para o desenvolvimento de um currículo intercultural (CANDAU, 2008) mais adequado e sensível às necessidades dos estudantes Warao. Isso implica na valorização da cultura indígena, na incorporação de conhecimentos tradicionais e na promoção de uma educação que dialoga com as realidades e experiências dos estudantes.

e) **Fortalecimento das relações entre a comunidade indígena, a escola e a SEMED:**
A pesquisa fornece aos envolvidos pistas como sobre a educação intercultural pode fortalecer as relações entre a comunidade indígena Warao, a escola e a SEMED. Ao envolver lideranças indígenas, educadores e técnicos da SEMED no processo de pesquisa, tem sido possível promover um diálogo mais aberto e colaborativo, possibilitando a melhoria da educação escolar para os estudantes indígenas.

Os resultados abrangem uma compreensão mais aprofundada das perspectivas e experiências educacionais dos estudantes indígenas Warao, a identificação de desafios e estratégias da educação escolar, a contribuição para a construção de um currículo intercultural (CANDAU, 2008) e o fortalecimento das relações entre a comunidade indígena, a escola e a SEMED. Esses resultados podem fornecer subsídios valiosos para a promoção de uma educação mais inclusiva, equitativa e cultural (ANDRADE; NOGUEIRA, 2021; BRANDÃO, 1989; GRUPIONI, 2001; SIMAS; PEREIRA, 2010).

A perspectiva intercultural, proposta por Vera Maria Candau (2008), busca uma educação que reconheça o outro e promova o diálogo entre diferentes grupos culturais. Isso, no entanto, contrasta com a realidade predominante nas escolas, onde um ensino tradicional, muitas vezes alheio às particularidades culturais, ainda prevalece (BRANDÃO, 1989; CANDAU, 2008). Nesse contexto, a melhoria da proposta de educação escolar indígena para a comunidade Warao em Ananindeua representa um passo significativo na direção à concretização da educação intercultural. No entanto, como a pouco mencionado, essa

implementação enfrenta desafios complexos (ANDRADE; NOGUEIRA, 2021; SIMAS; PEREIRA, 2010).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação de uma proposta de educação escolar indígena para a comunidade Warao em Ananindeua destaca-se como um esforço em consideração e respeito à diversidade cultural, linguística e socioeconômica das populações indígenas. Ao mesmo tempo, enfrentam desafios no diálogo entre culturas, línguas e saberes, bem como na articulação dos conhecimentos universais e locais. Compreender as dinâmicas, desafios e sucessos dessa implementação não apenas enriquecerá o corpo de conhecimento sobre a educação escolar indígena, mas também poderá influenciar futuras políticas e práticas educativas que promovam a valorização dos saberes indígenas, o respeito às identidades culturais e a construção de uma educação verdadeiramente intercultural e inclusivo.

A análise das políticas e diretrizes educacionais para a implementação da educação escolar indígena, como a nota técnica 002/2021 da SEMED, revela um compromisso com a valorização da identidade e dos saberes dos povos indígenas. No entanto, a lacuna entre a legislação e a prática é evidente, destacando a importância de um esforço coordenado e contínuo para superar os obstáculos encontrados na implementação dessas políticas. A escola, historicamente moldada por práticas educativas eurocêntricas, deve agora abrir espaço para uma abordagem pedagógica que valorize a diversidade cultural e linguística dos estudantes Warao. Isso requer a integração dos conhecimentos científicos com os saberes locais, respeitando os modos de vida, crenças e tradições desse povo. A colaboração entre professores, comunidade e lideranças indígenas é crucial para construir uma educação que seja verdadeiramente inclusiva e sensível às necessidades dos estudantes.

Em um mundo cada vez mais globalizado, a educação intercultural é fundamental para promover a coexistência pacífica e o respeito mútuo entre diferentes grupos culturais, principalmente no contexto dos estudantes Warao que são imigrantes da Venezuela. A implementação da educação escolar indígena é uma oportunidade para avançar nessa direção, mas exige um compromisso sólido de todos os envolvidos. Ao analisar de perto essa implementação, ao final da pesquisa em andamento, espera-se contribuir para o debate sobre como

transformar a educação intercultural em um espaço de encontro, aprendizado mútuo e valorização das diversas identidades que compõem o cenário educacional brasileiro.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, F. M. R. D.; NOGUEIRA, L. P. M. Povos indígenas e desafios atuais: percepções decoloniais na formação de educadores do campo. *Interfaces da Educação*, v. 12, n. 34, p. 408-437, 2021.

ANANINDEUA. *Nota Técnica 002, de 15 de julho de 2021***.** Diretrizes para a implementação de educação escolar indígena multietária para os Warao. Ananindeua: Prefeitura Municipal, [2021].

BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996***.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília (DF): Presidência da República, [1996].

BRASIL. *[Constituição (1988)].* Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília (DF): Presidência da República, [2018].

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. *In:* CANDAU, V. M.; MOREIRA, A. F. (orgs.). *Multiculturalismo:* diferenças culturais e práticas pedagógicas. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 13-37.

DIAS, W. A.; LUCAS, F. C. A.; MORAES JUNIOR, M. R. Mobilidades e a presença Warao no Pará. In: Samuel Medeiros Rocha. In: OAB – Pará (Org.). *Anuário da Comissão de Relações Internacionais da OAB/PA*. 3ed. Bauru/SP: Literando & afins, 2023. p. 135-152.

FREIRE, P. *A educação na cidade.* São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia:* saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCÍA-CASTRO, A. A. Los Warao como desplazados urbanos en Venezuela y Brasil. *Revista EntreRios do Programa de Pós-Graduação em Antropologia,* v. 3, n. 02, p. 89-101, 2020.

GRUPIONI, L. D. B. Do nacional ao local, do Federal ao Estadual: as leis e a educação escolar indígena. *In:* MARFAN, M. A. (org.). *Formação de professores:* educação escolar indígena. Brasília: MEC/SEF, 2001, p. 130- 136.

MINAYO, M. C. D. S.; COSTA, A. P. Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, Lisboa, *[s. v.],* n. 40, 2018. p.11-20.

PAREDES, J. D. N. *et al.* Educação escolar indígena Warao: práticas e desafios

de uma pedagogia decolonial na Amazônia paraense. *Caderno Campos PPGA: UFPA,* Belém, nº II, 2019.

SANTOS, J. R. T. D. *Diáspora dos índios Warao da Venezuela.* 2019. 93f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2019.

SIMAS, H. C. P.; PEREIRA, R. C. M. Desafios da educação escolar indígena. *Revista escrita,* v. 2010, n. 11, 2010.

VELÁSQUEZ, R. Notas acerca de los indígenas Warao migrantes en Brasil. *Revista Entre Rios do Programa de Pós-Graduação em Antropologia,* v. 3, n. 02, p. 102-123, 2020.

INCLUSÃO AO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO[1]

HIGHER EDUCATION INCLUSION

INCLUSIÓN EN LA ENSEÑANZA SUPERIOR PÚBLICA

Vanja Elizabeth Sousa Costa[2]
Ana D'Arc Martins de Azevedo[3]

Resumo: Este artigo apresenta uma discussão sobre os impactos da lei 12.711/2012 que democratizou o ingresso de estudantes no ensino superior público, estudantes estes oriundos de escolas públicas, pessoas autodeclaradas pretas, pardas, indígenas e pessoas com deficiência. Assim, com base nas leituras que empreendemos, esta pesquisa se desenvolveu metodologicamente como revisão da literatura sobre a temática em questão, além da pesquisa documental, pois trabalhamos com alguns documentos oficiais já inventariados até o momento. Como resultados parciais, nesse contexto de discussões verificamos que os avanços em políticas afirmativas para o ingresso no ensino superior público no Brasil ainda não estão plenamente garantidos, pois precisam atender todos os grupos e populações excluídas.

Palavras-Chave: Lei de Cotas. Políticas de Ações Afirmativas. Universidades Públicas. Ensino Superior.

Abstract: This article presents a discussion about the impacts of Law 12.711/2012 that democratized the admission of students in public higher education, students from public schools, self-declared black, brown, indigenous and people with disabilities. Thus, based on the readings we undertook, this research was developed methodologically as a subject literature review, in addition to documentary research, because we work with some official documents already inventoried. As partial results, in this discussions context we verified that advances in affirmative policies for admission to public higher education in Brazil are not yet fully guaranteed, since they need to serve all excluded groups and populations.

Keywords: Law of Quotas. Affirmative Action Policies. Public Universities. Higher education.

Resumen: Este artículo presenta una discusión sobre los impactos de la Ley 12.711/2012, que democratizó el ingreso a la enseñanza superior pública para estudiantes de escuelas públicas, autodeclarados negros, pardos e indígenas y

[1]Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho (IN)VISIBILIDADES NA DIVERSIDADE: gênero, quilombolas, ribeirinhos, LGBTQIA+ e correlatas do 10º CONFLUÊNCIAS - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós- Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Doutoranda do PPGCLC da Universidade da Amazônia (UNAMA) - E-mail: vanjalua@gmail.com

[3]Orientadora/Profª Dra. do PPGCLC da Universidade da Amazônia/(UNAMA)/Email: azevedoanadarc@gmail.com

personas con discapacidad. Así, a partir de las lecturas que realizamos, esta investigación se desarrolló metodológicamente como una revisión bibliográfica sobre el tema en cuestión, así como una investigación documental, ya que trabajamos con algunos documentos oficiales ya inventariados hasta el momento. Como resultados parciales, en este contexto de discusiones, constatamos que los avances en las políticas afirmativas para el ingreso a la educación superior pública en Brasil aún no están plenamente garantizados, pues necesitan atender a todos los grupos y poblaciones excluidas.

Palabras clave: Ley de cuotas. Políticas de Acción Afirmativa. Universidades Públicas. Educación Superior.

1. INTRODUÇÃO

A luta pela garantia da universalização da escolarização em todos os níveis e modalidades de ensino de maneira gratuita e com qualidade para todos e todas sempre foi pauta de reivindicações históricas de vários segmentos sociais no Brasil, todos esses movimentos têm pautas em comuns que concentram seus esforços na luta por terra, saúde e educação, entre outras.

Porém, passados mais de três décadas da promulgação da Constituição Federal (1988), a qual estabeleceu em nosso país, a cidadania e a dignidade da pessoa humana como fundamentos do Estado Democrático de Direito, indicadores do Relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE “Education at a glance 2022” – (OCDE, 2022) apresenta dados percentuais recolhidos em 2020, de que apenas 20,4% do total de pessoas na idade adequada estão cursando o ensino superior no Brasil, o que indica seguindo uma perspectiva histórica, uma proporção ainda menor entre mulheres indígenas da Amazônia paraense, foco principal de nossos estudos em andamento.

Esse resultado do baixo percentual de estudantes em idade adequada matriculados no ensino superior no Brasil, relaciona-se com o apontado por SILVA & SILVÉRIO (2003), de que o Brasil é um país marcado por uma multiculturalidade inerente à sua formação histórica, entretanto, caracterizado por uma história escravocrata que insiste em se reatualizar, assumindo formas contemporâneas e perversas de exploração e ao mesmo tempo marcado por práticas racistas contra negros, índios, menores e mulheres.

Ademais, quando chegamos ao nível da educação superior Rosa (2016), nos chama atenção ao afirmar que: “a educação superior brasileira, historicamente, possui traços elitistas, embora uma série de programas e ações para alterar esse quadro esteja em prática no país”. Entretanto, a autora afirma que: “a cor/raça predominante na sociedade brasileira não é refletida na universidade, principalmente em cursos de graduação mais procurados (p.163)”.

Continuando com Rosa (2016), no caso do Brasil, a pressão pela reserva de vagas no ensino superior foi uma bandeira levantada pelo Movimento Negro que com apoio internacional pressionava o Estado brasileiro a adotar reserva de vagas para ingresso nas universidades públicas com o recorte racial.

Essa reserva de vagas, que alcança também uma série de políticas afirmativas de ingresso e inclusão, que abarcam indígenas e quilombolas, foi efetivada durante o primeiro ano do governo de Dilma Rousseff, através da aprovação da lei 12.711/2012 cognominada por muitos como “lei de cotas”, que implicou em uma série de consequências práticas e uma mudança sistemática nos padrões de acesso à universidade pública.

Este artigo, está organizado em 2 seções, além desta introdução e das considerações finais, temos uma seção onde descrevemos os passos da pesquisa e na seção seguinte, fazemos uma descrição dos aspectos da lei de cotas e como ela democratizou o acesso ao ensino superior, em seguida apresentamos alguns resultados a partir das análises interpretativas dos artigos, documentos e livros que inventariamos e examinamos.

2. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Nosso objetivo principal configurado primeiramente no resumo expandido enviado para o 10º CONFLUÊNCIAS[4], almejava apresentar nesse artigo, uma discussão sobre os impactos da lei 12.711/2012, a chamada “Lei de Cotas”, para o ingresso de mulheres indígenas ao ensino superior em Universidades da Amazônia, com um recorte em duas universidades públicas federais do estado do Pará, no entanto tendo em vista de ainda estarmos em uma fase preliminar de levantamento bibliográfico e estudos, o artigo apresentado expõe apenas uma discussão inicial sobre os impactos da lei 12.71

[4] Confluências é Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA).

1/2012 que democratizou o ingresso de estudantes no ensino superior público, estudantes estes oriundos de escolas públicas, pessoas autodeclaradas pretas, pardas, indígenas e pessoas com deficiência.

Aprendemos com Gamboa (2003), que na hora de compreender um problema, de diagnosticar uma situação problemática e de elaborar uma resposta "valem todos os elementos técnicos de que dispomos, desde que articulados a um procedimento científico e a uma lógica do conhecimento" (p.403). Baseada nessa compreensão nosso campo de referência teórica aprofundou a temática em questão, a partir de estudos em SILVA & SILVÉRIO (2003), BANIWA (2019), ROSA (2019) entre outros, além de documentos.

Portanto, esta pesquisa se desenvolveu metodologicamente como revisão da literatura sobre a temática em questão, além da pesquisa documental, pois trabalhamos com alguns documentos oficiais já inventariados até o momento.

Pela natureza do nosso objeto de estudo os documentos tem sido de grande valia pois a "pesquisa documental baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa" (PRODANOV e FREITAS, p. 55). No momento estamos nos empenhando no estudo de resoluções, decretos, editais, planos institucionais etc. relacionados com a reserva de vagas e outros procedimentos de acesso ao ensino superior em decorrência da lei 12.711/2012.

3. A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

A Constituição Federal (1988), possibilitou também a redemocratização do Estado brasileiro após longo período de restrições de direitos e autoritarismos ocasionados pelo golpe militar de 1964 do século passado, o qual trouxe a ditadura militar.

Pela via da carta magna em vigor, se legitimou através da pressão popular sobre o parlamento brasileiro, uma série de políticas públicas voltadas para as populações que estavam há décadas alijadas do sistema educacional, notadamente do ensino superior. Destacamos que "os direitos e garantias fundamentais contemplados no art. 5º da Constituição (1988) foram o marco histórico da transição para a democracia e o início da efetivação dos Direitos Humanos no Brasil" (BRASIL, 2013, p.10).

Por sua vez, a lei 12.711/2012 possibilitou a democratização do acesso as instituições federais de ensino superior pela reserva de 50% das vagas para

estudantes oriundos de escolas públicas, pessoas autodeclaradas pretas, pardas e indígenas e por pessoas com deficiência, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população do estado onde a instituição federal de ensino esteja instalada, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A referida lei é fruto das reivindicações dos movimentos sociais que há décadas lutam nesse país para a implementação dos direitos já instituídos tanto em legislações nacionais como em acordos firmados internacionalmente, acordos esses que primam pela dignidade humana como é o caso dos direitos consubstanciados na Declaração dos Direitos Humanos (1948), (BRASIL, 2013).

Domingues (2005), afirma que o Brasil é o país da segregação racial não declarada, e diz que a introdução do debate sobre ação afirmativa no Brasil só vai se dá na segunda metade dos anos de 1990 do século passado, o que demostra o quanto a elite aqui demorou para aceitar e reconhecer publicamente as condições de desigualdades a que a maioria da população vive historicamente, é que essa desigualdade econômica e social tem impedido centenas de pessoas acessarem as universidades públicas do país.

No decorrer do debate sobre a necessidade das cotas raciais como uma ação afirmativa há muito necessária para ingresso de grupos excluídos desse Direito nas universidades públicas, essa realidade foi exposta em grande âmbito social, apesar de ser uma desigualdade estrutural é tão fácil de ser percebida, pois são milhões de pessoas vivendo sem empregos, escolas de qualidade, acesso digno a habitação, saúde etc. em nosso país.

Moehlecke (2002), define ação afirmativa como uma ação reparatória/compensatória e/ou preventiva, que busca corrigir uma situação de discriminação e desigualdade infringida a certos grupos no passado, presente ou futuro, através da valorização social, econômica, política e/ou cultural desses grupos [...] (p. 203).

Contudo Baniwa (2019), esclarece que assim como todas as políticas de ações afirmativas, a política de cotas não pode ser considerada como um fim em si mesma, nem como uma solução única para todos os problemas de desigualdade e exclusão educacional no país. Diz ainda que ela é um ponto de partida para se pensar o enfrentamento mais pragmático das desigualdades associadas à exclusão e às discriminações raciais, socioculturais, econômicas e étnicas. Neste sentido, para o referido autor o alcance da Lei depende de ações e

estratégias a serem adotadas pelas universidades.

4. RESULTADOS

Senkevics e Mello (2022), enfocam que a reserva de vagas com critério racial esteve presente desde o início da adoção de políticas de ação afirmativa nas instituições de ensino superior brasileiras. Entretanto, dizem que, antes da adoção da lei de cotas, das 42 universidades púbicas federais que já adotavam alguma política de ação afirmativa em 2012, apenas 3 utilizavam exclusivamente um critério racial, por isso afirmam que ela “cumpriu um papel importante, ao ampliar e unificar a reserva de vagas para pretos, pardos e indígenas em todo o sistema de ensino superior federal” (p.220).

Atualmente vemos na página oficial do Ministério da Educação, uma notícia que foi atualizada em junho de 2023 e que traz como título: “Nota de esclarecimento - Lei de cotas”. Essa nota esclarece que após os dez anos desde o início da vigência da Lei de Cotas, as equipes técnicas do Ministério da Educação, em atendimento ao disposto no art. 7º, trabalham na conclusão de um relatório técnico de avaliação da política de cotas no conjunto das universidades federais em especial e instituições federais de ensino técnico de nível médio, acerca dos aspectos relativos ao atendimento dos percentuais de ingresso, sobre à execução dessa política, verificando suas dificuldades, desafios etc.

Segundo a nota, uma das questões da pesquisa que o MEC está empreendendo através da análise qualitativa da Lei com vistas a avaliação do Programa, está relacionada a segunda dimensão da pesquisa, a qual se refere ao preenchimento das vagas reservadas com base na combinação de condições sociais (renda), étnico-raciais (pretos, pardos e indígena) e de inclusão (pessoas com deficiência), compreendemos que para isso é preciso verificar se os critérios sociais não estão sobrepujando os étnico-raciais.

Ressaltamos que a execução da política de cotas para ingresso nas universidades públicas federais e instituições federais de ensino técnico de nível médio de estudantes oriundos de escolas públicas, pessoas autodeclaradas pretas, pardas e indígenas e por pessoas com deficiência, estar sendo executada pela primeira vez na história da educação do ensino superior público em nosso país, o que para nós se configura como uma política pública que deve se solidificar como política de Estado juntando outros grupos minoritários como as mulheres indígenas.

Portanto, compreendemos que esse processo de avaliação deverá apontar os desafios e dificuldades de execução da lei de cotas por muitas das universidades públicas federais que aderiram ao Programa, principalmente nas universidades públicas federais situadas na região Norte, as quais tem enfrentado questões orçamentarias, impedido as de desenvolverem Programas em âmbito local que apoiem as permanências dos alunos cotistas em seus respectivos cursos.

Apesar de todas as dificuldades encontradas pelas instituições públicas federais de ensino superior no tocante à execução e implementação da Lei, [...] o país instituiu um complexo sistema de reserva de vagas para acesso a instituições de ensino médio e de ensino superior, com especial atenção às desigualdades socioeconômicas e étnico-raciais (BRASIL, 2022, p. 210).

Os resultados abaixo relacionados estão mais diretamente ligados aos objetivos do projeto de tese que ora se encontra em elaboração:

1. A lei de cotas e seus desdobramentos nas universidades públicas federais trouxeram para o contexto das universidades da Amazônia um percentual expressivo de alunas e alunos indígenas, apesar de até o momento não termos ao certo pesquisas que apontem com exatidão quantos alunos indígenas ingressaram desde a lei de cotas nas universidades federais da Amazônia, principalmente nas quatro universidades da amazônica paraense e quanto desse percentual, são mulheres indígenas.

2. Em termos gerais o que sabemos é que dez anos antes da implementação da Lei de cotas, em relação a população indígena, segundo dados analisados por Baniwá e Hoffman (2010), havia cerca de 6.000 jovens na Universidade, o que representava na época cerca de 0,75% de sua população, o que para os autores, esse aumento geral da população universitária, contudo, ainda não reduziu significativamente a diferença entre os grupos. Pelos números apresentados, ainda se mantém uma super- representação da população branca no ensino superior versus uma sub- representação das populações indígenas e negras.

Contudo, pelos nossos estudos, o que pudemos inferir é que, no momento a região Norte é a que tem o maior número de alunos indígenas em universidades públicas, o que já demostra um impacto positivo da lei de cotas, mais sabemos que nosso país viveu e vive até hoje o mito da democracia racial, ou seja, é como se vivêssemos com nossas diferentes identidades em uma perfeita harmonia e que essas diferenças não têm relações com as desigualdades que os povos

indígenas, por exemplo, sofrem quando tentam acessar o ensino superior, entretanto basta relembramos que ao longo da história das universidades brasileiras os corpos indígenas por muito tempo não ocupavam aqueles espaços.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfatizamos que apesar do constante progresso no estabelecimento de políticas públicas visando a inserção de povos e populações tradicionais no sistema educacional brasileiro nos últimos 10 anos, reflexo da soma entre políticas voltadas ao reconhecimento de direitos consuetudinários e territoriais como o reconhecimento da OIT 169, as demarcações dos territórios indígenas e as políticas afirmativas de acesso ao ensino superior em nosso país, constatamos que tais políticas ainda possuem um viés de gênero muito marcado, estando provavelmente as mulheres indígenas alijadas em sua grande maioria desse processo.

Compreendemos que além das políticas afirmativas de reservas de vagas, que já estão em voga nas universidades públicas federais nos últimos dez anos, para estudantes estes oriundos de escolas públicas, pessoas autodeclaradas pretas, pardas, indígenas e pessoas com deficiência, as mesmas precisam atender todos os grupos e ou populações excluídas combinando com a ampliação de vagas, maior apoio para permanência nas localidades onde residem e estudam com a afirmação de suas identidades étnicas e culturais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil.* Brasília, DF: Presidência da República, 1988 Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituiçao. Acesso em: jan. 2023.

Decreto Legislativo Nº 143, de 2002. Aprova o texto da Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho sobre os povos indígenas e tribais em países independentes. Brasília, DF: Diário do Congresso Nacional, 1993. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decleg/2002/decretolegislativo-143-20- junho-2002-458771-norma pl.html#:~:text=EMENTA%3A%20Aprova%20o%20texto%20da,e%20tribais%20em%20pa%C3%ADses%20independentes. Acesso em: 29 de jan.2023

Direitos Humanos - atos internacionais e normas correlatas – 4a ed. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de edições técnicas, 2013. Disponível em http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/508144. Acesso em 31 de jul.2021.

Estratégias do Plano Nacional de Educação II. Gustavo Henrique Moraes, Ana Elizabeth M. de Albuquerque, Robson dos Santos (organizadores). – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2022.

SENKEVICSI, A. S. MELLO, U. M. *Um balanço dos dez anos da Política Federal de cotas na educação superior (lei nº 12.711/2012).* v. 6: Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais In: Estratégias do Plano Nacional de Educação II. 2022.

BANIWA, G. *Educação escolar indígena no século XXI: encantos e desencantos. 1*. ed. — Rio de Janeiro: Mórula, Laced, 2019.

DOMINGUES, P. Ações afirmativas para negros no Brasil: o início de uma reparação histórica. *Revista Brasileira de Educação [online]*. 2005, n. 29, pp. 164-176. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26421970_Acoes_afirmativas_para_negros_no_Brasil_o_inicio_de_uma_reparacao_historica. Acesso em 23 de 2013.

GAMBOA, S. A.S. *Pesquisa Qualitativa*: superando tecnicismos e falsos dualismos. Contrapontos - volume 3 - n. 3 - p. 393-405 - Itajaí, set./dez. 2003. Disponível em: https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/735. Acesso em 27 de jan. 2017.

MOEHLECKE, S. Ação afirmativa: História e debates no Brasil. *Cadernos de Pesquisa,* n. 117, p. 197–217, nov. 2002.

OECD. Education at a Glance 2022: OECD Indicators, *OECD Publishing*, Paris, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1787/3197152b-en.Acesso em 15 de jan. de 2023.

PRODANOV, C. C. FREITAS. E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale. 2013.

ROSA, A. A. da. Avanços e Limites das Políticas afirmativas no ensino superior: da graduação à pós-graduação. In: Przylepa M., SOUSA A. P. M. de, OLIVEIRA. S. M. B. de. (Orgs). *Políticas Públicas e Gestão Educacional: retrocessos, permanências e avanços no século XXI.* 1 ed. – Jundiaí [SP]:Paco, 2019. E-book. Disponível em: https://www.amazon.com.br/gp/aw/d/B07VX7HY2J/ref=tmm_kin_swatch_0?ie=UTF8&qid=&sr=

SILVA, P. B. G; SILVÉRIO, V. R. (Org). *Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica.* Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003.

LGBTQIA+: A QUANTIFICAÇÃO DA DIVERSIDADE DE PERSONAGENS NAS TELENOVELAS DA TV GLOBO ENTRE 2011 E 2023[1]

LGBTQIA+: QUANTIFYING THE DIVERSITY OF CHARACTERS IN TV GLOBO TELENOVELAS BETWEEN 2011 AND 2023

LGBTQIA+: CUANTIFICANDO LA DIVERSIDAD DE PERSONAJES EN LAS TELENOVELAS DE TV GLOBO ENTRE 2011 Y 2023

Lucas Matheus Santos Porto[2]
Matheus Felipe Chagas de Miranda[3]

Resumo: Este artigo tem como objetivo geral quantificar o número de personagens LGBTQIA+ nas telenovelas da TV Globo, de janeiro de 2011 a julho de 2023. Esta é uma pesquisa de método quantitativo, com base em Degrande e Firmino (2020). O conceito de Telenovelas (LOPES, 2003; MORATELLI, 2021) e LGBTQIA+ (BORTOLETTO, 2019; SIMÕES, FACCHINI, 2005) são considerados como base para a discussão realizada. Como resultado, é obtido que 174 personagens LGBTQIA+ foram representados em 74 novelas produzidas pela emissora dentro do período analisado.

Palavras-chave: Telenovelas; TV Globo; Personagens; LGBTQIA+; Representatividade.

Abstract: This article has the general objective of quantifying the number of LGBTQIA+ characters in TV Globo telenovelas, from January 2011 to July 2023. This is a quantitative research, based on Degrande and Firmino (2020). The concept of telenovelas (LOPES, 2003; MORATELLI, 2021) and LGBTQIA+ (BORTOLETTO, 2019; SIMÕES, FACCHINI, 2005) are considered as the basis for the discussion carried out. As a result, it is obtained that 174 LGBTQIA+ characters were represented in 74 soap operas produced by the broadcaster within the analyzed period.

Keywords: Soap operas; TV Globo; Characters; LGBTQIA+; Representativeness.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo general cuantificar el número de

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho (In)visibilidade na Diversidade: gênero, quilombolas, ribeirinhos, LGBTQIA+ e correlatas do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), mestre pela mesma Instituição. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Integrante do Grupo de Pesquisa Ubiquidade da Comunicação (UbiCom/CNPq). Email: porto-lucass@hotmail.com. ORCID 0009 - 0000 - 3163 - 0011.

[3] Pós-Graduando em BI, Marketing Digital e Estratégia Data Driven pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bacharel em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA). Email:matheusmirandda@gmail.com. ORCID 0009 - 0001 - 7589 - 6695.

personajes LGBTQIA+ en las telenovelas de TV Globo, de enero de 2011 a julio de 2023. Se trata de una investigación cuantitativa, basada en Degrande y Firmino (2020). Se considera como base de la discusión realizada el concepto de telenovela (LOPES, 2003; MORATELLI, 2021) y LGBTQIA+ (BORTOLETTO, 2019; SIMÕES, FACCHINI, 2005). Como resultado, se obtiene que 174 personajes LGBTQIA+ estuvieron representados en 74 telenovelas producidas por la emisora durante el período analizado.

Palavras clave: Telenovelas; TV Globo; Caracteres; LGBTQIA+; Representatividad.

1. INTRODUÇÃO

As telenovelas são programas de televisão dramáticos que se caracterizam por terem uma narrativa serializada, com capítulos diários, e amplamente populares em países de língua espanhola e portuguesa, como Brasil, México e outras regiões da América Latina.

No Brasil, a emissora que se destaca por produzir telenovelas de qualidade é a TV Globo[4], que é responsável por levar aos telespectadores histórias que abordam diversas temáticas, como a diversidade. Levando em conta esta abordagem, as novelas desenvolvem um papel significativo no processo de identidade de seus telespectadores. As histórias narradas oferecem uma representação visível de diferentes aspectos da nossa sociedade, em questões étnicas, de gênero, sexualidade e de classe.

As questões sobre representatividade são discutidas em diversos meios comunicativos, como a telenovela. Historicamente, a presença de personagens LGBTQIA+[5] na televisão brasileira foi marcada por estereótipos, caricaturas e representações negativas. No entanto, nas últimas décadas, principalmente a partir dos anos 2000, houve inserções significativas no sentido de retratar personagens LGBTQIA+ de maneiras diversas e mais comprometidas com a realidade.

[4] A TV Globo é premiada desde 1976 com o Emmy, o mais importante prêmio da televisão mundial. Disponível em: https://memoriaglobo.globo.com/exclusivo-memoria-globo/projetos-especiais/emmy/noticia/emmy-awards-conheca-todas-as-indicacoes-da-globo.ghtml. Acesso em: 02 de Agosto de 2023.

[5] A sigla LGBTQIA+ significa lésbicas, gays, bissexuais, transgênero, queer, intersexo, assexual e o símbolo de “ mais ” no final da sigla aparece para incluir outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam no padrão cis-heteronormativo, mas que não aparecem em destaque antes do símbolo.

A partir disto, este artigo tem como **objetivo geral** quantificar o número de personagens LGBTQIA+ nas telenovelas da TV Globo, de janeiro de 2011 a julho de 2023. Os **objetivos específicos** são: **(1)** Mapear as telenovelas produzidas da TV Globo, de janeiro de 2011 a julho de 2023; **(2)** Quantificar o número de telenovelas com personagens LGBTQIA+ da TV Globo, de janeiro de 2021 a julho de 2023; **(3)** Criar uma ficha de análise para produzir gráficos com os resultados obtidos sobre a representatividade LGBTQIA+ nas telenovelas da TV Globo, entre janeiro de 2011 e julho de 2023.

A pesquisa se divide em: referencial teórico, construído sobre telenovelas e LGBTQIA+, explicando o conceito e contexto. Segundo, em metodologia. Terceiro, em análise; e quarto; considerações finais.

2. TELENOVELAS

Lopes (2003) define telenovela como “o nome genérico dado à narrativa ficcional televisiva no Brasil, independente de seu formato ser telenovela stricto sensu, minissérie, caso especial, ou outro”. Ela acredita que as telenovelas são uma forma de retratar o mundo tal qual ele é.

> A telenovela também parece funcionar como mediadora, pois ela pode ser vista através de um expressivo movimento pendular, tanto como uma vitrine de consumo (roupas, utensílios, casas, carros, estilos de vida, enfim) quanto um painel de temas sociais. (LOPES, pág 21, 2003)

Populares em países da América Latina, geralmente, as telenovelas possuem duração definida e cada personagem tem a sua história desenvolvida até os últimos capítulos. Além de ser uma formato de entretenimento em formato audiovisual, elas debatem pautas sociais e retratam temas que moldam a sociedade, gerando discussões no dia-a-dia entre as pessoas a partir do produto retratado na tv. “A televisão, principalmente por meio das novelas, capta, expressa e alimenta as angústias e ambivalências que caracterizaram essas mudanças”, segundo Lopes (2003, pág 20). Com mais de 70 anos de surgimento, as telenovelas no Brasil são uma forma de entretenimento e representação social. No produto audiovisual, são explorados assuntos da nossa rotina, os quais são debatidos presencialmente e em redes sociais *on-line*.

> Tomando como princípio que a telenovela é entendida como um meio que ativa na audiência uma competência cultural em função da construção de um repertório comum, ela passa a um repertório compartilhado de representações identitárias, seja sobre a realidade social ou sobre o próprio indivíduo (LOPES et al. 2002, p. 23). Ressalta-se que esse repertório entre a produção e a audiência foi construído ao longo de décadas de telenovela no Brasil e, mais precisamente, de atenção diária às telenovelas da TV Globo. (MORATELLI, pág.173, 2021)

As temáticas são diversas, onde abordam questões mais simples, como a rotina de um personagem, pautas de visibilidade ou a representatividade da diversidade da comunidade LGBTQIA+.

3. LGBTQIA+

A comunidade LGBTQIA+ tem uma longa história de luta pelo reconhecimento de direitos e representação em diversos âmbitos no Brasil. Esse grupo, historicamente marginalizado, está enquadrado dentro de um panorama de mudanças que ocorre principalmente durantes as últimas duas décadas, em esferas que se estendem entre o social, político, educacional, econômico e midiático.

> Na contramão das expectativas de crescente tolerância e liberdade sexual, a homofobia persiste entre nós, sobretudo na forma velada e comum, ela passa a um menos espetacular da humilhação e da segregação cotidianas, que ocorrem em contextos de proximidade, na família, na escola, entre vizinhos e conhecidos. Pode-se dizer, sem medo de errar, que sofrer algum tipo de insinuação, ofensa verbal ou de ameaça de agressão física faz parte da experiência social de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil (SIMÕES; FACCHINI, 2005, p. 26).

O ponto de partida para a luta política do movimento se deu no fim dos anos 60, precisamente em 28 de junho de 1969, no que ficou conhecido como Revolta de Stonewall[6].

[6] A Revolta de Stonewall se tornou o marco mais representativo das lutas pelos direitos LGBT+. A comunidade estava lutando pelas suas vidas e estava cansada de tanta discriminação e perseguição policial, até que em 28 de junho de 1969, houve uma rebelião contra a bruta e preconceituosa abordagem policial. O dia é considerado o marco do movimento de liberação gay e o momento em que o ativismo pelos direitos LGBT ganha o debate público e as ruas. Disponível em: https://www.terra.com.br/nos/dia-do-orgulho-lgbtqia-o-que-foi-a-revolta-de-stonewall-que- deu-origem-a-comemoracao,32692f19a054603b2660f4cb7918e3b4en0cp0y2.html?utm_source=clipboard. Acesso em: 05 de Agosto de 2023.

Entretanto, a partir dos anos 2000, com o aumento dos países que descriminalizam a “homossexualidade”, e a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo em determinados países, a luta por direitos da comunidade tomou uma outra proporção, assim como a compreensão da importância do debate sobre questões de gênero e sexualidade. Novos espaços, novos conceitos, novas ferramentas e até mesmo visões disruptivas surgiram, as discussões se tornaram complexas e divergentes dentro de um campo de visão que aborda não apenas a sexualidade, mas outros assuntos como gênero, etnia e posição econômica. (BORTOLETTO, 2019)

Existem diversos tópicos sobre problemas comuns para os grupos dentro da comunidade, como a luta contra a marginalização, o acesso à saúde pública específica às particularidades e a igualdade dentro do mercado de trabalho, por exemplo. Mais detalhadamente, para grupos como dos homens gays e mulheres lésbicas, surgem pautas como união homoafetiva, adoção por casais do mesmo sexo e o fim da terminologia "cura gay".

Dentro do movimento de mulheres e homens transsexuais, é perceptivel e recorrente a temática de problemas como o registro do nome social, a marginalização da sociedade frente aos profissionais do sexo, o acesso seguro aos hormonios e aos procedimentos clínicos e cirurgicos de reafirmação de genêro.

A organização familiar tradicional das sociedades foi um molde para diversos padrões de comportamento, e não foi diferente da maneira como foi moldada as narrativas que os meios midiáticos iriam seguir ao longo dos anos. As contribuições da publicidade, do cinema e da televisão podem influenciar, inspirar e construir inúmeros comportamentos dentro do contexto social.

Durante décadas, por momentos relevantes na história, a criação desses produtos não se atentou em englobar um padrão de representatividade de maneira mais diversa, que demonstrasse noções corretas e importantes sobre de todas as etnias, orientações sexuais, identidades de gênero ou religião. Os estereótipos prevaleciam, alavancando o preconceito e fortalecendo os estigmas que sempre foram perpetuados dentro da concepção tradicional do papel dos sexos. Entretanto, com as mudanças ocorridas na sociedade, fez-se necessário uma notoriedade que fizesse valer uma forma de representatividade dentro dos meios midiáticos.

4. METODOLOGIA

Este artigo consiste em uma pesquisa de método quantitativo com base em Degrande e Firmino (2020), que mostra o número de personagens LGBTQIA+ nas telenovelas da TV Globo[7], de janeiro de 2011 a julho de 2023. Esta data foi escolhida, pois é somente em 2011 que é legalizada a união homoafetiva no Brasil. A pesquisa quantifica o número de personagens ao longo de 74 novelas produzidas pela emissora dentro do período analisado, totalizando 174 personagens**.**

O **objetivo geral** desta pesquisa é quantificar o número de personagens LGBTQIA+ nas telenovelas da TV Globo, de janeiro de 2011 a julho de 2023. Os **objetivos específicos** são: **(1)** Mapear as telenovelas produzidas da TV Globo, de janeiro de 2011 a julho de 2023; **(2)** Quantificar o número de telenovelas com personagens LGBTQIA+ da TV Globo, de janeiro de 2021 a julho de 2023; **(3)** Criar uma ficha de análise para produzir gráficos com os resultados obtidos sobre a representatividade LGBTQIA+ nas telenovelas da TV Globo, entre janeiro de 2011 e julho de 2023.

Para iniciar esta pesquisa, o primeiro passo foi acessar o Memória Globo[8] para visualizar as produções audiovisuais da emissora. A partir do acesso ao site, foi necessário filtrar quais telenovelas foram lançadas e finalizadas na data do período de análise (janeiro de 2011 a julho de 2023).

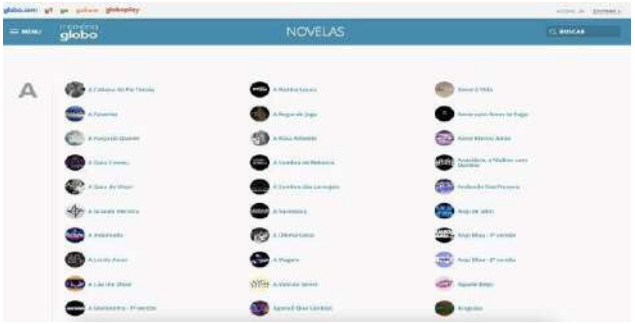
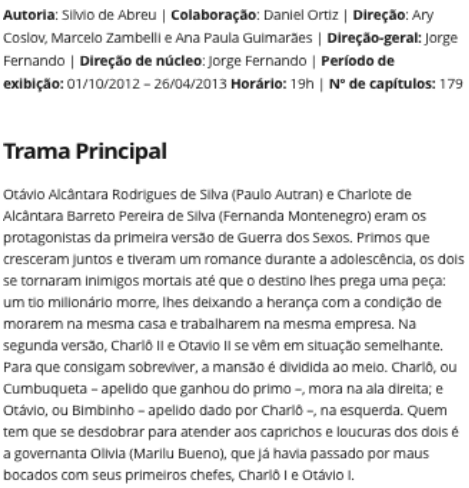


Figura 1 - Site Memória Globo Fonte: Rede Globo, 2023.

[7] A TV Globo é a maior rede de televisão brasileira e a segunda maior do mundo, alcançando 98,60% do território brasileiro. Disponível em: https://redeglobo.globo.com/. Acesso em: 22 de Agosto de 2023.

[8] O Memória Globo é um site voltado para as produções audiovisuais da Rede Globo, onde constam informações sobre séries, telenovelas, livros e telejornais da emissora. Disponível em: https://memoriaglobo.globo.com/. Acesso em: 22 de Agosto de 2023.

O Memória Globo disponibiliza as fichas técnicas das telenovelas produzidas pela TV Globo, onde constam informações como os autores da telenovela, número de capítulos, trama dos personagens, sinopse e outra diversidade de informações das produções audiovisuais.



Autoria: Silvio de Abreu | **Colaboração**: Daniel Ortiz | **Direção**: Ary Coslov, Marcelo Zambelli e Ana Paula Guimarães | **Direção-geral:** Jorge Fernando | **Direção de núcleo**: Jorge Fernando | **Período de exibição:** 01/10/2012 – 26/04/2013 **Horário:** 19h | **Nº de capítulos:** 179

Trama Principal

Otávio Alcântara Rodrigues de Silva (Paulo Autran) e Charlote de Alcântara Barreto Pereira de Silva (Fernanda Montenegro) eram os protagonistas da primeira versão de Guerra dos Sexos. Primos que cresceram juntos e tiveram um romance durante a adolescência, os dois se tornaram inimigos mortais até que o destino lhes prega uma peça: um tio milionário morre, lhes deixando a herança com a condição de morarem na mesma casa e trabalharem na mesma empresa. Na segunda versão, Charlô II e Otavio II se vêm em situação semelhante. Para que consigam sobreviver, a mansão é dividida ao meio. Charlô, ou Cumbuqueta – apelido que ganhou do primo –, mora na ala direita; e Otávio, ou Bimbinho – apelido dado por Charlô –, na esquerda. Quem tem que se desdobrar para atender aos caprichos e loucuras dos dois é a governanta Olívia (Marilu Bueno), que já havia passado por maus bocados com seus primeiros chefes, Charlô I e Otávio I.

Figura 2 - Ficha técnica da novela "Guerra dos Sexos" no site Memória Globo Fonte: Rede Globo, 2023.

O exemplo acima ilustra como é o acesso à informação no Memória Globo. O segundo passo desta pesquisa foi criar a ficha de coleta de dados, onde consta o nome da telenovela, número de personagens LGBTQIA+ na telenovela, nome dos autores da telenovela e ano de produção da telenovela para facilitar a análise de dados coletados.

NÚMERO	NOME	NÚMERO DE PERSONAGENS LGBTQIA+	AUTORES	ANO DE LANÇAMENTO

Figura 3 - Ficha de coleta de dados Fonte: Elaboração própria.

Após a criação da ficha de coleta de dados, o terceiro passo foi analisar os dados coletados para a criação dos gráficos com os resultados obtidos sobre a representatividade LGBTQIA+ nas telenovelas da TV Globo, entre janeiro de 2011

e julho de 2023 para obtermos os resultados desta pesquisa.

5. QUANTIFICAÇÃO DE PERSONAGENS LGBTQIA+ NAS TELENOVELAS DA TV GLOBO ENTRE 2011 E 2023

A análise foi feita a partir dos dados coletados, como ilustra a tabela das telenovelas produzidas entre janeiro de 2011 e finalizadas em agosto de 2023, totalizando 74 produções audiovisuais.

Tabela 1 - Tabela de todas as telenovelas da Rede Globo a partir de 2011

NÚMERO	NOME	NÚMERO DE PERSONAGENS LGBTQIA+	AUTORES	ANO DE LANÇAMENTO
1	Insensato Coração	7	Gilberto Braga e Ricardo Linhares	2011
2	Morde e Assopra	4	Walcyr Carrasco	2011
3	Cordel Encantado	1	Thelma Guedes e Duca Rachid	2011
4	O Astro	4	Alcides Nogueira e Geraldo Carneiro	2011
5	Fina Estampa	4	Aguinaldo Silva	2011
6	A Vida da Gente	0	Lícia Manzo	2011
7	Aquele Beijo	1	Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa	2011
8	Amor Eterno Amor	0	Elizabeth Jhin	2012
9	Avenida Brasil	2	João Emanuel Carneiro	2012
10	Cheias de Charme	3	Filipe Miguez e Izabel de Oliveira	2012
11	Gabriela	1	Walcyr Carrasco	2012
12	Lado a Lado	0	Claudia Lage e João Ximenes Braga	2012
13	Guerra dos Sexos	0	Silvio de Abreu	2012
14	Salve Jorge	1	Gloria Perez	2012
15	Flor do Caribe	1	Walther Negrão	2013

16	Sangue bom	8	Maria Adelaide Amaral e Vincent Villar	2013
17	Amor à vida	3	Walcyr Carrasco	2013
18	Saramandaia	2	Ricardo Linhares	2013
19	Joia rara	2	Duca Rachid e Thelma Guedes	2013
20	Além do horizonte	0	Marcos Bernstein e Carlos Gregório	2013
21	Em Família	3	Manoel Carlos	2014
22	Meu Pedacinho de Chão	0	Benedito Ruy Barbosa	2014
23	Geração Brasil	1	Filipe Miguez e Izabel de Oliveira	2014
24	O Rebu	0	George Moura e Sergio Goldenberg	2014
25	Império	6	Aguinaldo Silva	2014
26	Boogie Oogie	0	Rui Vilhena	2014
27	Alto Astral	1	Daniel Ortiz	2014
28	Sete Vidas	3	Lícia Manzo e Daniel Adjagre	2015
29	Babilônia	6	Gilberto Braga	2015
30	I love Paraisópolis	1	Alcides Nogueira e Mario Teixeira	2015
31	Verdades Secretas	7	Walcyr Carrasco	2015
32	Além do tempo	0	Elizabeth Jhin	2015
33	A regra do jogo	3	João Emanuel	2015
			Carneiro	
34	Totalmente demais	3	Rosane Svartman e Paulo Halm	2015
35	Êta mundo bom!	2	Walcyr Carrasco	2016
36	Velho Chico	0	Benedito Ruy Barbosa	2016
37	Liberdade, Liberdade	2	Mario Teixeira	2016
38	Haja Coração	0	Daniel Ortiz	2016

39	Sol Nascente	2	Walther Negrão, Júlio Fischer e Suzana Pires	2016
40	A Lei do Amor	5	Maria Adelaide Amaral e Vincent Villari	2016
41	Rock Story	1	Maria Helena Nascimento	2016
42	Novo Mundo	0	Thereza Falcão e Alessandro Marson	2017
43	A Força do Querer	3	Glória Perez	2017
44	Os Dias Eram Assim	2	Ângela Chaves e Alessandra Poggi	2017
45	Pega Pega	2	Cláudia Souto	2017
46	Tempo de Amar	0	Alcides Nogueira	2017
47	O outro Lado do Paraíso	4	Walcyr Carrasco	2017
48	Deus Salve o Rei	2	Daniel Adjafre	2018
49	Orgulho e Paixão	2	Marcos Bernstein	2018
50	Onde Nascem os Fortes	5	George Moura e Sérgio Goldenberg	2018
51	Segundo Sol	5	João Emanuel Carneiro	2018
52	O Tempo Não Para	2	Mário Teixeira	2018
53	Espelho da Vida	0	Elizabeth Jhin	2018
54	O Sétimo Guardião	2	Aguinaldo Silva	2018
55	Verão 90	2	Izabel de Oliveira e Paula Amaral	2019
56	Órfãos da Terra	2	Thelma Guedes e Duca Rachid	2019
57	A Dona do Pedaço	3	Walcyr Carrasco	2019
58	Bom Sucesso	4	Rosane Svartman e Paulo Halm	2019
59	Éramos Seis	0	Ângela Chaves	2019
60	Amor de Mãe	5	Manuela Dias	2019
61	Salve-se Quem Puder	1	Daniel Ortiz	2020
62	Nos Tempos do Imperador	2	Thereza Falcão e Alessandro Marson	2021
63	Verdades Secretas 2	10	Walcyr Carrasco	2021

64	Um lugar ao Sol	2	Lícia Manzo	2021
65	Quanto Mais Vida, Melhor!	1	Mauro Wilson	2021
66	Além da Ilusão	2	Alessandra Poggi	2022
67	Pantanal	1	Bruno Luperi	2022
68	Cara e Coragem	3	Cláudia Souto	2022
69	Mar do Sertão	2	Mário Teixeira	2022
70	Travessia	2	Glória Perez	2022
71	Todas as Flores	1	João Emanuel Carneiro	2022
72	Vai na Fé	4	Rosane Svartman	2023
73	Amor Perfeito	2	Duca Rachid e Júlio Fischer	2023
74	Terra e Paixão	6	Walcyr Carrasco	2023

Fonte: Elaboração própria.

É possível perceber que somando todos os resultados da tabela, chegamos ao resultado de 174 personagens LGBTQIA+ representados nas telenovelas da TV Globo, entre janeiro de 2011 e agosto de 2023. Isso quer dizer que essas são as porcentagens obtidas.

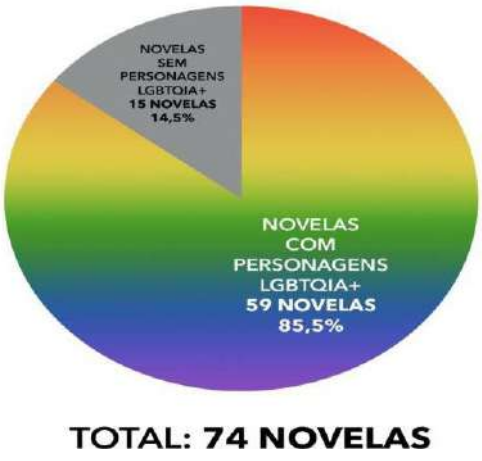


Gráfico 1 - Porcentagem de telenovelas com personagens LGBTQIA+ Fonte: Elaboração própria.

O gráfico acima demonstra que 85,5% das telenovelas da TV Globo representaram personagens LGBTQIA+ na trama, enquanto 14,5% não abordou nenhum personagem LGBTQIA+.

Gráfico 2 - Número de personagens LGBTQIA+ em telenovelas da TV Globo Fonte: Elaboração própria.

A partir do gráfico é possível perceber que foram produzidas essa quantidade de telenovelas com personagens LGBTQIA+ nesses anos:

Tabela 2 - Tabela com o número de personagens LGBTQIA+ nas telenovelas da Tv Globo

ANO	NÚMERO DE PERSONAGENS LGBTQIA+ NAS TELENOVELAS
2011	21
2012	7
2013	16
2014	11
2015	23
2016	12
2017	11
2018	18
2019	16
2020	1
2021	15
2022	11
2023	12

Fonte: Elaboração própria.

É notável a representatividade de personagens LGBTQIA+ nas telenovelas da TV Globo. 2015 foi o ano de mais destaque da diversidade nas tramas. O segundo ano de mais destaque foi 2011. O terceiro lugar de mais destaque foi em 2018. É necessário ressaltar que em 2020, a pandemia de Covid-19 assolou o mundo, por isso um número tão baixo de representatividade nas telenovelas. A única novela do ano com personagem LGBTQIA+ foi “Salve-se quem puder”. Além disso, alguns pontos se destacam no que diz respeito a representatividade LGBTQIA+ nas telenovelas da TV Globo. Como: Na telenovela “Insensato Coração”, em 2011, com sete personagens LGBTQIA+, um recorde para a época. Tal fato ocorre novamente somente em 2015 e 2021, com a telenovela “Verdades Secretas” nas duas versões, onde também são representados sete personagens LGBTQIA+ na trama.

Em “Morde e assopra”, telenovela que foi ao ar em 2011, existe um romance enrustido entre dois homens, e no último capitulo, eles fogem juntos dando a interpretação de que se entenderam como casal.

Na telenovela “O astro” existe um romance de forma sútil cortado da trama. A primeira versão da novela foi ao ar em 1977 e um dos destaque na versão anterior era justamente o pioneirismo do romance gay, cortado na versão atual da novela.

Em “Fina estampa”, o personagem Crô vive um romance indireto com o personagem Baltazar, onde é confirmado somente anos depois em um filme relacionado com a novela. Crô é retratado de forma afeminada e cômica, uma característica comum entre os personagens gays representados na época.

Um outro ponto que se destaca a partir do período analisa é a novela “Guerra dos sexos”, em 2012. A telenovela quebra o padrão dos anos 2000 das telenovelas de 19h terem um núcleo de personagens LGBTQIA+. A novela não possui nenhum. Ainda em 2012. A novela “Salve Jorge” possui uma personagem transexual no núcleo.

“Em família", em 2014, exibe o primeiro beijo lésbico da TV Globo entre duas personagens. Outro fato marcante no ano aconteceu na novela “Rebu”, na versão de 1974 existia uma insinuação de romance gay entre os personagens principais. O romance é cortado na versão mais moderna da telenovela.

Na cronologia da teledramaturgia, as três novelas seguidas das 21h foram repletas de diversidade, entretanto, na telenovela “Velho Chico”, em 2016, existe uma quebra no padrão. Não existe nenhum personagem LGBTQIA+ no enredo da

história. Além disso, o autor Benedito Ruy Barbosa declarou falas homofóbicas nas mídias.

Em 2017, na novela “A força do querer”, autoria de Glória Perez, entre os nucleos, é mostrado a transição de um homem transsexual. Ao longo da trama, o personagem é desenvolvido, mostrando todas as fases da descoberta enquanto pessoas trans, aceitação pessoal e familiar. A novela ensina sobre identidade de gênero e sexualidade. O personagem engravida do namorado.

Em “Um lugar ao sol”, a personagem Ilana passou a vida inteira casada com um homem, mas no decorrer da história, ela se mostra atraida pelo sexo feminino e se relaciona com a personagem Gabriela, em 2021. Ainda no mesmo ano, em “Quanto mais vida, melhor!”, a personagem interpretada por Alessandro Brandão é não-binária[9] e performa como drag queen[10]. Em “Mar do Sertão”, os personagens Eudoro e Casimiro, casal de homens gays que se casam. Na mesma época, a novela “Travessia” também se destacou por representar dois personagens que se identificam como assexuais[11]. Já na novela “Em todas as Flores”, o personagem Raulzito é bisexual, casado e com um relacionamento aberto[12].

Na telenovela "Amor Perfeito", obra de Duca Rachid e Júlio Fischer, o personagem Érico, interpretado por Carmo Della Vecchia – ator gay e ativista nas redes sociais com diversas pautas importantes para a comunidade, como paternidade do homem gay – se envolve com o personagem Romeu, interpretado por Domingos de Alcântara, mesmo vivendo um romance com a personagem Verônica (Ana Cecília Costa). Dentro de uma novela de época, o personagem gay geralmente é atípico, o que já demonstra mudanças nas construções das narrativas que envolvem esse período.

Em Terra e Paixão, segunda novela das 9 de 2023, escrita por Walcyr Carrasco, existe uma dualidade marcante no enredo de Ramiro (Amaury Lorenzo) e Kevin (Diego Martins) – o gay estereotipado, interpretado por Martins, com traços caricatos, envolvido com um homem bruto (Lorenzo), que contradiz do seu personagem másculo quando está perto de Kevin.

[9] Pessoa não pertencente a um gênero exclusivamente.
[10] Artista que usa roupas e elementes, geralmente do sexo oposto, para fins de entretenimento. A performance é temporária, sem ligação com a orientação sexual. Disponível em: https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-a-diferenca-entre-drag-queen-travesti-e-transgenero. Acesso em: 23 de Agosto de 2023.

O autor utiliza de uma fórmula comum entre diversos casais da ficção: os opostos que fatalmente se atraem. Todavia, neste caso, somado a ideia da quebra de performance de masculinidade perante a sociedade, visto que Kevin foge totalmente dos padrões construídos para um homem.

Além desse enredo, a trama também aborda o casal Mara e Menah - um affair lésbico que acaba virando um casal fixo, além da participação da atriz Valéria Barcellos, mulher trans que interpreta Luana Shine, personagem que trabalha no bar de Cândida, interpretada por Suzana Vieira.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo traz reflexões sobre o papel das telenovelas, as responsáveis por retratar as transformações que ocorrem na sociedade, levando temáticas de extrema importância para o debate com os telespectadores, como a diversidade. Lopes (2003) acredita que elas são mediadoras de temáticas sociais. As telenovelas desenvolvem um papel que se estende ao simples ato de gerar entretenimento. Por ser um produto que retrata o cenário social em diversas esferas, esse produto midiático possui influência nos padrões de comportamento da sociedade, visto que as novelas tem uma grande audiência e podem desempenhar resultados consideráveis de maneira educacional e comportamental, gerando resultados positivos dentro do âmbito social.As narrativas de personagens LGBTQIA+, quando desenvolvidos dentro de uma maneira que é respeitosa, divergindo dos estigmas construídos por anos, podem servir como um modelo de identificação para outros indivíduos que estejam passando ou que conhecem outros passando pela mesma dificuldade. Logo, é fulcral o entendimento que a presença dessas narrativas sejam contínuas, sigam um debate atualizado e possam englobar outras discussões relevantes, de maneira séria, precisa e concisa.

[11] Pessoa que não sente atração sexual.
[12] Modelo de relacionamento onde há inclusão de outros parceiros na relação, seja de maneira afetiva ou sexual.

Diante disto foi possível responder ao **objetivo geral** da pesquisa que é **quantificar o número de personagens LGBTQIA+ nas telenovelas da TV Globo**, de janeiro de 2011 a julho de 2023, totalizando **174 personagens**. Também foi possível concluir os objetivos específicos: **(1)** Mapear as telenovelas produzidas da TV Globo, de janeiro de 2011 a julho de 2023; **(2)** Quantificar o número de telenovelas com personagens LGBTQIA+ da TV Globo, de janeiro de 2021 a julho de 2023, resultando em 74 telenovelas; **(3)** Criar uma ficha de análise para produzir gráficos com os resultados obtidos sobre a representatividade LGBTQIA+ nas telenovelas da TV Globo, entre janeiro de 2011 e julho de 2023.

Sendo assim, esta pesquisa se mostra de suma importância na contribuição do papel das telenovelas da TV Globo na questão da representatividade da diversidade e dos estudos sobre o tema. Como cita James Baldwin: “Nem tudo que se enfrenta pode ser modificado, mas nada pode ser modificado até que seja enfrentado”.

REFERÊNCIAS

BORTOLETTO, Guilherme Engelman: *LGBTQIA+: identidade e alteridade na comunidade.* Dissertação de conclusão de curso. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. São Paulo. São Paulo. 2019.

LEAL, Jorge. *Advergay: uma ação publicitária no "armário", in box, ou publicidade-michê?* Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2014

LOPES, M. I. V. de. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. *Comunicação & Educação, [S. l.]*, n. 26, p. 17-34, 2003. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i26p17-34. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37469. Acesso em: 23 ago. 2023.

MORATELLI, Valmir. *Profissão de protagonista x Profissão de vilão*: representação do trabalho em telenovelas da TV Globo. Sociologias Plurais, v. 8, n. 1, 2022.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, 2009.

MIDIATIZAÇÃO DOS SABERES POPULARES SOBRE PLANTAS MEDICINAIS: UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA NORONHA DE BARROS DO MUNICÍPIO DE BARCARENA-PA[1]

MEDIATIZATION OF POPULAR KNOWLEDGE ABOUT MEDICINAL PLANTS: AN EXPERIENCE AT THE NORONHA DE BARROS SCHOOL IN THE MUNICIPALITY OF BARCARENA-PA

MEDIATIZACIÓN DEL SABER POPULAR SOBRE LAS PLANTAS MEDICINALES: UNA EXPERIENCIA EN LA ESCUELA NORONHA DE BARROS DEL MUNICIPIO DE BARCARENA-PA

Raimunda Gomes Maciel[2]
Ana Darc Martins de Azevedo[3]
Maria Betânia Fidalgo Arroyo[4]

Resumo: Este artigo discute a midiatização dos saberes populares sobre plantas medicinais a partir das percepções dos alunos de uma escola municipal da Vila de Itupanema. O objetivo é conhecer a influência das mídias sociais na promoção de saberes ancestrais sobre plantas medicinais e desvelar como os alunos recebem e disseminam tais conhecimentos na comunidade escolar. A metodologia adota o método hipotético-dedutivo, subsidiado por pesquisas bibliográficas, relato de experiência e a socialização de conhecimentos através de cartazes. Os resultados da pesquisa indicam que práticas pedagógicas que incentivam a conservação e o resgate dos saberes populares e destacam sua importância como patrimônio cultural da comunidade são essenciais, sobretudo, porque revelou que todos os alunos possuem vasto conhecimento sobre plantas medicinais, tanto por já terem sido tratados com tais recursos naturais, quanto por conhecimento herdado de parentes ou mesmo recebido informações a respeito nas redes sociais.

Palavras-chave: Plantas medicinais; Sabedoria popular; Educação amazônica.

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST5 (IN)VISIBILIDADES NA DIVERSIDADE: gênero, quilombolas, ribeirinhos, LGBTQIA+ e correlatas do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós- Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). Mestra em Gestão de Recursos Naturais pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em educação de Jovens e Adultos pela Universidade Federal do Pará e Gestão Escolar pela Faculdade Tapajós. Graduada em letras, habilitação, português, inglês e as literaturas. Professora na Educação Básica Municipal nos Municípios de Igarapé-Miri e Barcarena (Pará). Lates: http://lattes.cnpq.br/0256269292991992 | Orcid: http://orcid.org/0000-0002-0418-7285 | E-mail: raimunda_gonalves@yahoo.com.br.

[3] Doutora em Educação/Currículo PUC/SP. Professora da Universidade da Amazônia (UNAMA) e da Universidade do Estado do Pará (UEPA). E- mail: azevedoanadarc@gmail.com http://lattes.cnpq.br/0257982352792085. https://orcid.org/0000-0003-4240-9579

[4] Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Administração - PPAD pela Universidade da Amazônia (UNAMA), Professora Titular do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Linguagens e Culturas – PPGCLC na Universidade da Amazônia – UNAMA, E-mail: betania.fidalgo@unama.br, Lattes: http://lattes.cnpq.br/6652286587435605, ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7745-6394.

Abstract: This article discusses the media coverage of popular knowledge about medicinal plants based on the perceptions of students at a municipal school in Vila de Itupanema. The objective is to know the influence of social media in promoting ancestral knowledge about medicinal plants and to reveal how students receive and disseminate such knowledge in the school community. The methodology adopts the hypothetical-deductive method, subsidized by bibliographic research, experience reports and the sharing of knowledge through posters. The results of the research indicate that pedagogical practices that encourage the conservation and rescue of popular knowledge and highlight its importance as a cultural heritage of the community are essential, above all, because it revealed that all students have vast knowledge about medicinal plants, both because they have already been treated with such natural resources, as well as by knowledge inherited from relatives or even received information about it on social networks..

Keywords: Medicinal plants; Popular knowledge; Amazon education.

Resumen: Este artículo analiza la cobertura mediática del conocimiento popular sobre las plantas medicinales a partir de las percepciones de los alumnos de una escuela municipal de Vila de Itupanema. El objetivo es conocer la influencia de las redes sociales en la promoción de conocimientos ancestrales sobre las plantas medicinales y develar cómo los estudiantes reciben y difunden dichos conocimientos en la comunidad escolar. La metodología adopta el método hipotético-deductivo, subsidiado por la investigación bibliográfica, relatos de experiencia y el intercambio de conocimientos a través de carteles. Los resultados de la investigación indican que las prácticas pedagógicas que propicien la conservación y rescate de los saberes populares y resalten su importancia como patrimonio cultural de la comunidad son fundamentales, sobre todo, porque reveló que todos los estudiantes tienen amplios conocimientos sobre las plantas medicinales, tanto porque ya han sido tratados con tales recursos naturales, así como por conocimientos heredados de familiares o incluso recibido información al respecto en las redes sociales..

Palavras clave: Plantas medicinales; Saberes populares; Educación amazónica.

1. INTRODUÇÃO

A midiatização dos saberes populares sobre plantas medicinais é um tema relevante e complexo que envolve a interação entre a mídia e os conhecimentos tradicionais, de modo que é importante reconhecer a importância dos saberes populares sobre plantas medicinais, sobretudo, porque esses conhecimentos são transmitidos ao longo das gerações e representam uma forma de cuidado com a saúde baseada em práticas tradicionais.

Muitas comunidades ao redor do mundo dependem de conhecimentos para tratar doenças e aliviar sintomas, principalmente em regiões onde o acesso a serviços de saúde é limitado. No entanto, com o avanço da tecnologia e a popularização da internet e das redes sociais, a divulgação dos saberes populares

sobre plantas medicinais tem sido influenciada pela midiatização. Isso pode ter efeitos positivos, já que a mídia pode desempenhar um papel importante na educação e conscientização sobre o uso seguro e eficaz dessas plantas. Ela pode fornecer informações precisas, promover o diálogo entre especialistas e leigos, e aumentar a visibilidade desses saberes.

Por outro lado, a midiatização também pode trazer desafios. Com a disseminação rápida e ampla de informações através da internet, há um aumento do risco de informações imprecisas ou até mesmo perigos compartilhados, além disso, a falta de regulamentação e controle sobre as informações divulgadas pode levar a erros de identificação de plantas, doses causadas ou uso incorreto, causados em consequências negativas para a saúde das pessoas.

E ainda, o processo de midiatização dos saberes populares sobre plantas medicinais pode levar a um processo de apropriação cultural, à medida que esses conhecimentos são difundidos globalmente, muitas vezes desvinculados de suas tradições culturais e contextos originais, passa-se a vivenciar o risco de que sejam comercializados e exploradores sem o devido respeito às comunidades detentoras desses saberes. Isso pode levar à descaracterização e apropriação de práticas tradicionais, causando danos culturais e sociais (SHIVA, 2001).

Diante desses desafios, é fundamental buscar um equilíbrio entre a valorização dos saberes populares sobre plantas medicinais e a garantia da segurança e qualidade das informações compartilhadas, por isso é importante incentivar a educação, promover o diálogo e o controle para garantir a divulgação responsável desses conhecimentos.

Nesse contexto, esta pesquisa tem o objetivo de conhecer a influência das mídias sociais na promoção de saberes ancestrais sobre plantas medicinais e desvelar como os alunos recebem e disseminam tais conhecimentos na comunidade escolar. Assim, a partir da experiência vivenciada em sala de aula é possível afirmar que a midiatização dos saberes populares sobre plantas medicinais é um fenômeno complexo que apresenta oportunidades e desafios, pois a mídia desempenha um papel importante na disseminação desses conhecimentos, mas também requer cuidados, de modo que é essencial encontrar um equilíbrio entre a preservação das práticas tradicionais, a segurança das pessoas e o respeito às comunidades detentoras desses saberes.

2. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na Vila de Itupanema, em Barcarena – PA (Fig. 01), situada na região noroeste do município de Barcarena, à margem direita do rio Pará, em um platô cerca de oito metros acima do nível do mar. Corresponde a um pequeno núcleo urbano, desempenhando função de área residencial de população ocupada em atividades agrícolas, pesca e pequeno comércio (FURTADO JR. et. al., 2015).

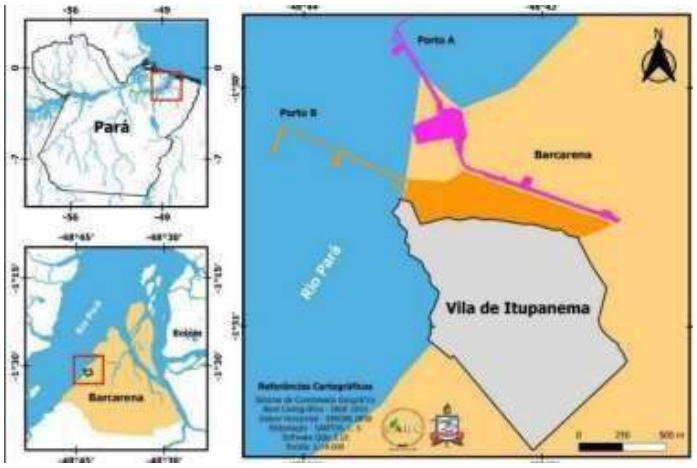


Figura 01: Vila Itupanema Fonte: Costa et. al. (2022)

Segundo Costa et. al. (2022), a Vila de Itupanema faz parte da zona estuarina dos rios Amazonas, Pará e Guamá e é considerada um dos principais corredores de exportação e escoamento da produção de milho e soja para o mercado internacional.

2.1 Pesquisa Bibliográfica

O levantamento bibliográfico foi realizado a partir de uma seleção de materiais que foram usados para elaboração da escrita da pesquisa de acordo com a temática abordada, inserindo as ideias de pesquisadores que debatem o tema (VERGARA, 2018). Marconi e Lakatos (2016, p. 44) conceituam o levantamento bibliográfico como “[...] o início de toda pesquisa científica [...]” e Gil (2017) reitera que esse tipo de pesquisa se encontra em todos os tipos de levantamento de dados. Logo a pesquisa bibliográfica do artigo foi realizada através de livros, artigos e materiais disponibilizados na internet.

2.2 Relato de Experiência

Segundo Mussi, Flores e Almeida (2021, p. 64), o relato de experiência tem como objetivo principal "[...] a descrição da experiência vivida e a sua valorização por meio do esforço acadêmico explicativo através da aplicação critica-reflexiva com apoio teórico-metodológico". Nesse contexto, foram realizados registros de observação no decorrer da vivência prática em sala como docente nas turmas do 6º e 9º anos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Noronha de Barros, durante o período letivo de 2023.1. Foram também aplicados questionários mistos, a partir dos quais, os alunos puderam responder sobre a sua percepção acerca da influência das mídias sociais na divulgação de informações sobre plantas medicinais.

2.3 Cartazes como forma de comunicação

De acordo com Rosa (2013), o cartaz enquanto meio de comunicação e componente estético do cotidiano é ferramenta fundação na exploração do potencial de sentidos enraizado no contexto escolar. A opção por incentivar a produção de cartazes como parte importante da pesquisa se justifica a partir da percepção de Fiori e Lucena (2020) no sentido de que se deve partir do pressuposto de que os significados que se dão as imagens resultam da experiência e do saber que a pessoa adquire anteriormente, de modo que os cartazes, no contexto desta pesquisa, se revelam um sistema simbólico que conduz ao conhecimento sobre as informações sobre plantas medicinais.

Além disso, foi aplicado questionário misto junto a 42 alunos do 6º ano e 45 alunos do 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Noronha de Barros, a fim de conhecer a influência das mídias sociais na promoção de saberes ancestrais sobre plantas medicinais e desvelar como os alunos recebem e disseminam tais conhecimentos na comunidade escolar.

Os alunos também foram convidados a produzir cartazes com desenhos/figuras acerca de plantas medicinais sobre as quais têm conhecimento/familiaridade, a fim de socializar com os demais discentes em uma dinâmica ativa de disseminação de saberes tradicionais e valorização da cultura local. Tais registros e as respostas aos questionários permitiram conhecer a influência das mídias sociais na promoção de saberes ancestrais sobre plantas medicinais e desvelar como os alunos recebem e disseminam tais

conhecimentos na comunidade escolar.

3. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

3.1 Plantas medicinais: expressão da sabedoria popular

Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), as plantas medicinais são:

> Plantas capazes de aliviar ou curar enfermidades e têm tradição de uso como remédio em uma população ou comunidade. Para usá-las, é preciso conhecer a planta e saber onde colhê-la, e como prepará-la. Normalmente são utilizadas na forma de chás e infusões (BRASIL, 2020, p. 01).

Vale mencionar que o Brasil é o país com maior biodiversidade do mundo e a região Amazônica contribui para tal status, de tal modo que a utilização de plantas medicinais na região tem como facilitadores a grande diversidade vegetal e o baixo custo associado à terapêutica, o que faz com que grande parcela da população seja adepta de terapias naturais (BRASIL, 2020).

É por este motivo que o Ministério da Saúde tem demonstrado interesse no desenvolvimento de políticas que associem o avanço tecnológico ao conhecimento popular em prol de procedimentos assistenciais em saúde que apresentem eficácia, abrangência, humanização e menor dependência com relação à indústria farmacêutica (SANTOS, et. al, 2011).

Além disso, percebe-se a valorização dos aspectos culturais associados à utilização da natureza para fins terapêuticos, que é uma prática tão antiga quanto a civilização humana e, por muito tempo, produtos minerais, de plantas e animais foram fundamentais para a área da saúde. Historicamente, as plantas medicinais são importantes como fitoterápicos e na descoberta de novos fármacos, estando no reino vegetal a maior contribuição de medicamentos (MARMITT, et. al. 2015). Nesta perspectiva, Figueiredo, Gurgel e Gurgel Jr (2014) destacam que no Brasil cerca de 82% da população utiliza produtos à base de plantas medicinais nos seus cuidados com a saúde, seja pelo conhecimento tradicional na medicina tradicional indígena, quilombola, entre outros povos e comunidades tradicionais, seja pelo uso popular na medicina popular, de transmissão oral entre gerações. Assim, o conhecimento acerca do uso de plantas medicinais representa a valorização da cultura e dos saberes ancestrais, nos quais se encerra toda uma dinâmica de contato com a natureza na relação doença/cura, a qual transcende os axiomas

científicos formais e passam a caracterizar o conhecimento popular em seus mais variados sentidos.

3.2 A midiatização dos saberes sobre plantas medicinais

A disseminação de informações sobre plantas medicinais nas redes sociais tem se tornado cada vez mais presente e influente na sociedade contemporânea. Nesse sentido, Hjarvard (2014) descreve a midiatização como a crescente influência dos meios de comunicação na cultura e na sociedade, implicando na transformação das relações sociais, na produção e circulação de conhecimentos, bem como na forma como as pessoas se relacionam com a mídia e constroem sua identidade em um contexto mediado.

No contexto das plantas medicinais, as redes sociais desempenham um papel importante na disseminação de informações. Plataformas como Facebook, Instagram, YouTube e TikTok oferecem espaços para compartilhamento de experiências, dicas e receitas relacionadas ao uso dessas plantas para cuidados com a saúde. As pessoas podem trocar informações, relatar experiências pessoais e até mesmo vender produtos baseados nessas plantas.

Considerando as ideias de França (2006) se pode afirmar que o sujeito da comunicação não é apenas um indivíduo isolado, mas está imerso em relações sociais e construiu sua identidade através da interação com outros sujeitos. Essa perspectiva destaca a importância das redes sociais como espaços onde as pessoas se conectam, desenvolvem conhecimentos e constroem significados coletivamente.

No caso da disseminação de informações sobre plantas medicinais nas plataformas digitais é possível observar a relação entre os sujeitos para a construção e difusão desse conhecimento, de forma que as pessoas aprenderam e trocam informações entre si em um contexto que comunicação globalizada.

É nesse sentido que se mostra relevante a ideia de França (2006), que sinaliza que a comunicação é um processo simbólico, onde os sujeitos atribuem significados e interpretam os discursos e mensagens recebidas. Consideranto tal perspectiva, se vislumbra que nas plataformas digitais, as informações sobre plantas medicinais são veiculadas por meio de textos, imagens, vídeos e outros formatos, e cada sujeito interpreta essas informações de acordo com seu contexto, experiências e conhecimentos prévios.

Tal perspectiva corrobora as ideias de Hjarvard (2014), para quem a

midiatização não é um processo unilateral e linear, ou seja, não é apenas a mídia que molda a cultura e a sociedade, mas também há uma influência mútua entre os meios de comunicação e as práticas sociais. Isso significa que a disseminação de informações sobre plantas medicinais nas redes sociais não é simplesmente uma imposição da mídia, mas também é influenciada pelas práticas e interesses das pessoas que as utilizam.

Portanto, ao analisar a disseminação de informações sobre plantas medicinais nas plataformas digitais à luz das ideias relacionadas à midiatização se mostra fundamental considerar a complexidade do fenômeno e seus efeitos nas práticas sociais e na produção de conhecimento, revelando-se a necessidade de promover a conscientização sobre a importância da preservação

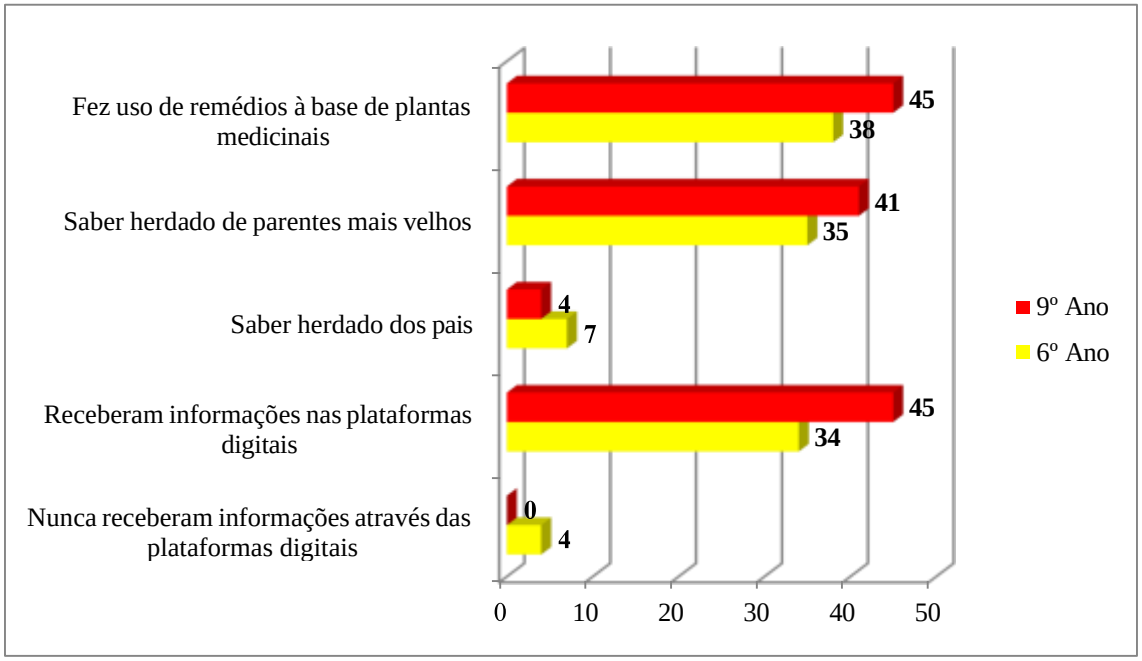
da cultura e proteção dos saberes tradicionais como forma de resguardar os conhecimentos ancestrais das comunidades.

4. RESULTADOS

O uso de remédios caseiros ou artesanais à base de plantas medicinais é comum entre os povos e comunidades tradicionais, devendo-se ressaltar, ainda, que tradicionalmente as plantas medicinais representam fator de grande importância para a manutenção das condições de saúde das pessoas e seu uso representa um saber popular difundido pelas populações ao longo de várias gerações (MACIEL, 2020).

A experiencia vivenciada junto às turmas do 6º e 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Noronha de Barros revelou que os alunos possuem vasto conhecimento sobre plantas medicinais, tanto por já terem sido tratados com tais recursos naturais, quanto por conhecimento herdado de parentes ou mesmo recebido informações a respeito nas redes sociais. O gráfico 01 faz um comparativo entre as respostas dos alunos das duas turmas sobre o conhecimento sobre plantas medicinais.

Gráfico 01: Percepção dos alunos das turmas do 6º e 9º ano sobre plantas medicinais
Fonte: Elaboração própria



A partir dos resultados acima descritos é possivel afirmar que todos os alunos participantes da pesquisa têm conhecimentos sobre plantas medicinais. Dessa forma, revela-se a importância cultural de possuir conhecimentos sobre plantas medicinais para as novas gerações é imensa.

Nesse contexto, Leff (2014) destaca a importância de compreender as propriedades medicinais das plantas como parte essencial da sabedoria ancestral e tradicional de muitas comunidades ao redor do mundo, sinalizando que esses conhecimentos foram adquiridos através da observação cuidadosa, da experimentação e da transmissão oral ao longo de séculos, sendo versadeiros tesouros de sabedoria que fornecem às comunidades uma abordagem holística para a saúde e o bem-estar (Fig.

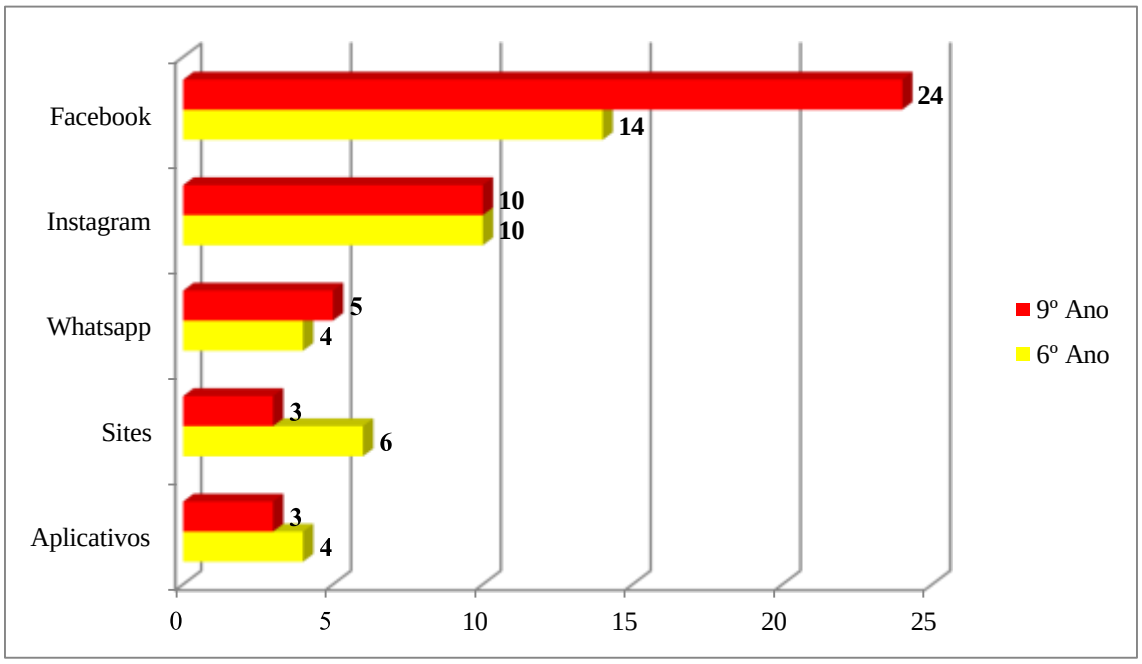
Figura 01: Cartazes dos alunos sobre as propriedades medicinais de plantas

Fonte: Elaboração própria

Considerando as ideias de Marques (2014), a análise das imagens que compõem a Figura 01 possibilita conhecer mais sobre plantas medicinais que são utilizadas no cotidiano dos alunos, de modo que são descritas desde as propriedades medicinais até os principais modos de preparo e uso. Destaque para a imagem A, que descreve o processo de infusão e preparação de chá. Na imagem B é possível conhecer mais sobre a erva cidreira, de modo que os alunos informaram os principais usos e os benefícios da planta. Da mesma forma, nas imagens C, D e E os alunos conseguiram descrever de forma objetiva as características das plantas, em uma forma de comunicação eficiente, da qual é possível extrair conhecimentos e significados.

No entanto, é importante desvelar as fontes do conhecimento socializado pelos alunos, de modo que o Gráfico 01 revelou que tais fontes podem ser tanto os parentes mais velhos, quanto as plataformas digitais. Considerando a importância da comunição e a midiatização da mesma em uma sociedade moderna, é imprescindível investigar a influência das mídias sociais na promoção de saberes ancestrais sobre plantas medicinais e desvelar como os alunos recebem e disseminam tais conhecimentos na comunidade escolar (Graf. 02).

Gráfico 02: influência das mídias sociais na promoção de saberes ancestrais sobre plantas medicinais dos alunos das turmas do 6º e 9º ano



Fonte: Elaboração própria

A partir das respostas dos alunos, percebe-se que o Facebook é a principal plataforma digital através da qual as informações sobre plantas medicinais são recebidas; Em seguida, o Instagram se revela como outra importante fonte de informações referentes sobre plantas medicinais.

Nesta perspectiva, Baitello Júnior (2019), ao abordar a influência da mídia na construção e disseminação das imagens na sociedade contemporânea, examina a relação entre imagem, tecnologia e cultura, destacando como as imagens mediáticas moldam nossa percepção e compreensão do mundo.

Sob tal ótica, as informações sobre os usos de plantas medicinais se tornam objeto de imagens mediáticas que, por sua vez, são construções sociais, produzidas e difundidas pelos meios de comunicação, de modo que são veiculadas através de diferentes dispositivos tecnológicos, como a internet, e exercem um impacto significativo na forma como a realidade é apresentada e disseminada (HJARVARD, 2014).

No contexto da disseminação de informações sobre plantas medicinais nas redes sociais, Baitello Júnior (2019) sinaliza que as imagens relacionadas a plantas medicinais podem ser encontradas em fotografias, vídeos, infográficos e outras representações visuais compartilhadas nas redes sociais, de modo que essas imagens não apenas ilustram as plantas em si, mas também comunicam ideias, associações vividas e significados culturais.

Todavia, as imagens mediáticas são polissêmicas, de acordo com Baitello Júnior (2019), de modo que a natureza ambígua das imagens mediáticas possibilitam interpretações diferentes por diferentes pessoas, dependendo de seus contextos culturais, experiências pessoais e crenças, assim, essa ambigüidade também se aplica às imagens relacionadas a plantas medicinais, pois uma imagem pode evocar diferentes associações e significados para pessoas com diferentes bagagens culturais e conhecimentos sobre plantas medicinais, reflexão importante considerando o contexto no qual os alunos se inserem, ou seja, de contato direto com plantas medicionais também por herança de familiares.

Considerando as ideias de França (2006), tem-se que com os avanços da medicina moderna e a crescente dependência de produtos farmacêuticos sintéticos, o conhecimento sobre plantas medicinais tem sido gradualmente perdido em algumas sociedades e essa perda reflete negativamente sobre a cultura dos povos tradionais e no modo como a comunicação se estabelece.

A pesquisa revela que ao incentivar a exteriorização do conhecimnto das novas gerações sobre as plantas medicinais e seus usos, está-se se engendrando um processo de preservação de parte importante da herança cultural da comunidade onde os jovens constroem e mantém suas relações sociais.

Assim, constatar que as novas gerações possuem considerável saber sobre as plantas medicinais é uma maneira de preservar a diversidade cultural, promover a saúde e o bem-estar, fortalecer as comunidades e contribuir para a preservação ambiental, senod uma excelente oportunidade de honrar e aprender com as tradições do passado, ao mesmo tempo em que se pavimentam as bases para a construção de um futuro mais consciente e equilibrado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa possibilitou conhecer a influência das mídias sociais na promoção de saberes ancestrais sobre plantas medicinais e desvelar como os alunos recebem e disseminam tais conhecimentos na comunidade escolar, sinaliazando a importância do uso de práticas pedagógicas inovadoras para desenvolver e disseminar os conhecimentos enraizados na comunidade.

Além disso, foi possível desvelar a diversidade das perspectivas comunicacionais que se debruçam sobre os processos interacionais midiatizados ou não, a partir de práticas pedagógicas que incentivaram o desenvolvimento e propagação dos conhecimentos enraizados na comunidade, como meios de

comunicação que facilitaram a troca de informações e o compartilhamento de conhecimentos, sobretudo, na dinâmica de comunicação visual através dos cartazes, que propiciou espaços de diálogo e interação, permitindo que todos os alunos expressassem seus conhecimentos e experiências, socializando saberes e enriquecendo o processo educativo.

Ao aliar conhecimentos vividos na comunidade com as práticas vividas em sala de aula, a pesquisa reconheceu a importância da comunicação como um canal para a transmissão e compartilhamento desses saberes, em um processo de potencialização do diálogo intercultural, de modo que se conclui afirmando que a midiatização dos saberes populares sobre plantas medicinais facilita o diálogo e a troca de conhecimentos entre diferentes culturas e tradições.

Através da disseminação dessas informações, diferentes comunidades podem aprender umas com as outras, compartilhando experiências e práticas que enriquecem o conhecimento coletivo sobre o uso de plantas medicinais, de modo que esse intercâmbio cultural promove o respeito mútuo e a valorização da diversidade, fortalecendo os laços entre os grupos para a construção de uma sociedade mais inclusiva e que valoriza suas heranças ancestrais.

REFERÊNCIAS

BAITELLO JUNIOR, N. A imagem mediática. *PAULUS:* Revista de Comunicação da FAPCOM, v. 3, n. 5, p. 61–69, 2019. isponível em: https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/90. Acesso em: 05 jul. 2023.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Medicamentos fitoterápicos e plantas medicinais.* 2020. Disponível em: https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/medicamentos/fitoterapicos#:~:text=As%20plantas%20medicinais%20s%C3%A3o%20aquelas,forma%20de%20ch%C3%A1s%20e%20infus%C3%B5es. Acesso em: 30 jun. 2023.

COSTA, I.J.L; SILVA, C.N; FLORES, M.S.A; SANTO, L.S. Atividade portuária em Barcarena (Pará): caracterização e análise ambiental de seus efeitos no desenvolvimento local da vila de Itupanema. *Revista Brasileira de Geografia Física*, v.15, n.03, 2022, p. 1639-1653. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/rbgfe/article/viewFile/250584/41326 Acesso em: 27 jul. 2023.

FIGUEIREDO, C.A; GURGEL, I.G.D; GURGEL JUNIOR, G.D. A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos: construção, perspectivas e desafios. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 24, n. 2, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312014000200381 Acesso em: 30 jun. 2023.

FIORI, S.R; LUCENA, R.W.A. O uso da comunicação visual na Geografia: a ilustração nos ambientes escolar, acadêmico e profissional. *Caminhos de Geografia*, v. 21, n. 75, 2020 p. 117–136. Disponível em: file:///C:/Users/55919/Downloads/ecardozodacunhajunior,+50777-Texto+do+artigo-227486-1-11-20200320.pdf Acesso em: 05 jul. 2023.

FRANÇA, V.R.V. *Sujeito da comunição, sujeitos em comunicação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FURTADO JÚNOR, I; TAVARES, M.C.S; MATSUNAGA, A.M.F. Biodiversidade do nécton do rio Pará nas proximidades de Itupanema - Barcarena - Amazônia Brasileira. *Biota Amazônia*, v. 5, n.3, 2015, p. 72-77. Disponível em: https://periodicos.unifap.br/index.php/biota/article/view/1633/v5n3p72-77.pdf Acesso em: 27 jul. 2023.

GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 14 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

HJARVARD, S. *A midiatização da cultura e da sociedade*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2014.

LEFF, E. *Saber Ambiental***:** Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 11 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

MACIEL, R.G. *Aplicação de Metodologias Ativas como instrumentos de divulgação sobre plantas medicinais no município de Igarapé-Miri.* 2020. 60f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia), Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

MARCONI, M.A; LAKATOS, E.M. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

MARMITT, D.J; RAMPEL, C; GOETTERT, M.I; SILVA, A.C. Plantas medicinais da RENISUS com potencial anti-inflamatório: revisão sistemática em três bases de dados científicas. *Revista Fitos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2015, pp. 73-159. Disponível em: https://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/239 Acesso em: 30 jun. 2023.

MARQUES, A.C.S. Política da imagem, subjetivação e cenas de dissenso. *Discursos Fotográficos*, v. 10, n. 17, p. 61–86, 2014. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/19728. Acesso em: 10 jul. 2023.

MUSSI, R.F.F; FLORES, F.F; ALMEIDA, C.B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práxis Educacional*, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010. Acesso em: 02 jul. 2023.

ROSA, R.M. O cartaz no contexto escolar: a “educação do olhar” em foco. *Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia*, v. 1, n. 2, 2013. Disponível em: https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/1783. Acesso em: 04 jul. 2023.

SANTOS, R.L; GUIMARAES, G.P; NOBRE, M.S.C; PORTELA, A.S. Análise sobre a fitoterapia como prática integrativa no Sistema Único de Saúde. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v. 13, n. 4, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-05722011000400014. Acesso em: 30 jun. 2023.

SHIVA, V. *Biopirataria a Pilhagem da Natureza e do Conhecimento*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

VERGARA, S.C. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 12 ed. São Paulo: Atlas, 2018.

MULHERES NEGRAS E A CIDADE: UM DIÁLOGO DO CONCEITO DE RACISMO COTIDIANO E O CAMPO DE ESTUDOS EM PERCEPÇÃO NA ARQUITETURA E URBANISMO[1]

BLACK WOMEN AND THE CITY: A DIALOGUE OF THE CONCEPT OF EVERYDAY RACISM AND THE FIELD OF STUDY IN PERCEPTION IN ARCHITECTURE AND URBANISM

MUJERES NEGRAS Y CIUDAD: UN DIÁLOGO DEL CONCEPTO DE RACISMO COTIDIANO Y EL CAMPO DE ESTUDIO DE LA PERCEPCIÓN EN ARQUITECTURA Y URBANISMO

Beatriz Caminha dos Santos[2]
Luis de Jesus Dias da Silva[3]

Resumo: Este artigo é uma revisão bibliográfica crítica a partir do feminismo negro que tem o objetivo estabelecer um diálogo entre três conceitos: racismo cotidiano, ambiências e percepção. As experiências das mulheres negras são construídas ao longo do texto a partir da definição de raça, interseccionalidade e racismo genderizado. Considerando o ato de construir suas próprias narrativas um rompimento com o projeto colonial que impõe para este grupo as margens e a subalternidade. Somado a isso, o campo de estudos em percepção apresenta instrumentos metodológicos e tecnologias para compreensão da interação dos indivíduos com o espaço, a experiência do lugar, a percepção, o processo de afetar-se com as espacialidades e vivenciar o espaço a partir de corpografias inscritas considerando histórias, memórias, subjetividades e identidades. A constatação do racismo como um complexo sistema de poder e a compreensão da forma social escravista que o Brasil adota pós-abolição possibilita o início de debates em como estabelecer ambientes construídos que pensem o racismo como um "problema projectual a ser resolvido" também pelo profissional da arquitetura e urbanismo ao projetar edificações e cidades. Por fim, esse dialógo revela a importância de considerar o trauma vivenciado por mulheres negras devido ao racismo na espacialidade e romper com a ideia universalizante de que a experiência do homem branco cis pode ser totalizante para interpretar a experiência humana com o lugar.

Palavras-chave: Universalidade – racismo cotidiano – racismo genderizado – percepção – ambiência – interseccionalidade.

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST5 (IN)VISIBILIDADES NA DIVERSIDADE: gênero, quilombolas, ribeirinhos, LGBTQIA+ e correlatas do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Universidade Federal do Pará, Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, beatrizcaminhapt@gmail.com

[3] Universidade Federal do Pará, Doutor em Sociologia e Antropologia, Professor Associado da FAU/UFPA, ljds@gmail.com

Abstract: This article is a critical bibliographical review from black feminism that aims to establish a dialogue between three concepts: everyday racism, ambiences and perception. The experiences of black women are constructed throughout the text based on the definition of race, intersectionality and gendered racism. Considering the act of building their own narratives a break with the colonial project that imposes margins and subalternity on this group. Added to this, the field of studies in perception presents methodological instruments and technologies for understanding the interaction of individuals with space, the experience of the place, perception, the process of being affected by spatialities and experiencing space from bodygraphies inscribed from histories, memories, subjectivities and identities. The realization of racism as a complex system of power and understanding of the social form of slavery that Brazil adopts post-abolition makes it possible to initiate debates on how to establish built environments that think of racism as a “projectual problem to be solved” also by professionals in the field. architecture and urbanism when designing buildings and cities. Finally, this dialogue reveals the importance of considering the trauma experienced by black women due to racism in spatiality and breaking with the universalizing idea that the experience of the cis white man can be totalizing to interpret the human experience with the place.

Keywords: Universality – everyday racism – gendered racism – perception – ambience – intersectionality.

Resumen: Este artículo es una revisión bibliográfica crítica desde el feminismo negro que pretende establecer un diálogo entre tres conceptos: racismo cotidiano, ambientes y percepción. Las experiencias de las mujeres negras se construyen a lo largo del texto a partir de la definición de raza, interseccionalidad y racismo de género. Considerar el acto de construir sus propias narrativas una ruptura con el proyecto colonial que impone márgenes y subalternidad a este grupo. Sumado a esto, el campo de los estudios en percepción presenta instrumentos metodológicos y tecnologías para comprender la interacción de los individuos con el espacio, la experiencia del lugar, la percepción, el proceso de ser afectado por las espacialidades y la vivencia del espacio a partir de corporalografías inscritas a partir de historias, memorias, subjetividades e identidades. La realización del racismo como un sistema complejo de poder y la comprensión de la forma social de la esclavitud que Brasil adopta después de la abolición permite iniciar debates sobre cómo establecer ambientes construidos que piensen en el racismo como un "problema proyectual a ser resuelto" también por profesionales de la arquitectura y el urbanismo a la hora de diseñar edificios y ciudades. Finalmente, este diálogo revela la importancia de considerar el trauma vivido por las mujeres negras por el racismo en la espacialidad y romper con la idea universalizadora de que la experiencia del hombre blanco cis puede ser totalizadora para interpretar la experiencia humana con el lugar.

Palavras clave: Universalidad – racismo cotidiano – racismo de género – percepción – ambiente – interseccionalidad.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo visa aprofundar a compreensão das construções raciais e suas relações com o espaço, considerando o racismo cotidiano, e, particularmente, as

experiências das mulheres negras, a percepção do ambiente construído e o conceito de ambiência.

Está dividido em oito (8) pontos: 1. Introdução; 2. Raça, racismo e interseccionalidade; 3 Racismo Cotidiano; 4 Percepção do Ambiente Construído; 5. Ambiências; 6. Um diálogo necessário do feminismo negro com a percepção, a experiencia do lugar e as ambiências; 7. Considerações finais; 8. Referências. Ao longo do texto, revelemos o feminismo negro como instrumento importante para romper com subalternidades e confrontar paradigmas estabelecidos no campo da arquitetura e urbanismo.

Sem nenhuma pretensão de encerrar o debate apresentamos com este artigo, a partir de uma escrita crítica e comprometida, um diálogo possível entre campos e conceitos que se relacionam na observação e apreensão da experiência humana no espaço, tempo e memória.

2. RAÇA, RACISMO E INTERSECCIONALIDADE

Este trabalho aborda a questão racial com o entendimento que Silvio Almeida (2018) considera, ou seja, que raça não é um termo fixo ou com pré-disposições biológicas, mas que foi criada a partir de circunstâncias históricas, portanto é um conceito relacional e histórico. Isso significa que a história das “raças” é a história da constituição política e econômica do mundo capitalista e imperialista.

A divisão da humanidade entre negros, brancos, indígenas, amarelos não foi baseada apenas em aspectos fenotípicos ou culturais, esta foi criada para justificar genocídios, dominações, guerras e explorações de grupos subalternos na geopolítica mundial. E o racismo, portanto, é um sistema complexo de poder exercido pelas elites políticas e econômicas do mundo.

O racismo no Brasil ao longo do tempo tomou formas particulares e correspondentes ao modo de dominação aqui exercido. Nessa lógica, as questões raciais foram institucionalizadas no estado brasileiro, sendo a partir do projeto de embranquecimento da população que diluiu o negro em “mulatos, morenos, cafuzos” e outras identidades, sendo a partir da negação do sistema escravocrata, sendo a partir da discriminação racial no interior das instituições religiosas, acadêmicas e nas famílias baseadas no “cientificismo”.

Somado a isso, Muniz Sodré (2023) aponta o caráter intersubjetivo do racismo brasileiro baseado na forma social escravista. Nesse contexto, para Sodré (2023) a forma social escravista é mais profunda que apenas a

discriminação do Outro [negro] ou “o simples racismo”, para ele

> a saudade do escravo no Brasil é algo que se inscreve na forma social predominante como um padrão subconsciente, sem justificativas racionais ou doutrinárias, mas como um sentimento – decorrente do arcaísmo predominante – de que os lugares de socius já foram ancestralmente distribuídos. (SODRÉ, 2023, p. 243)

Buscaremos compreender a experiência social das mulheres negras no Brasil, as autoras feministas negras apresentam para o debate o conceito de *interseccionalidade* que é um instrumento metodológico de análise da realidade que visa compreender como se relacionam o cruzamento das questões de gênero, raça e classe.

Entendendo que quando essas estruturas interagem são capazes cocriar novos sistemas de opressão e dominação colocando as mulheres negras na base das desigualdades econômicas, sociais, culturais e portanto, com os menores índices de acesso ao trabalho formal, a moradia, a educação, a água e a todos os direitos sociais. Colocando as mulheres negras brasileiras nas mais profundas relações de subalternidade e marginalidade.

3. RACISMO COTIDIANO

Na obra “Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano” da autora Grada Kilomba (2021) está presente o conceito de *racismo cotidiano* que é colocado como situações repetidas e comuns de discriminação racial e o trauma das mulheres negras diante dessas violações. É preciso compreender a relevância dessa dimensão do racismo experimentado por mulheres negras em um sentido de recobrar as humanidades dessas sujeitas que muitas vezes são deslocadas de suas subjetividades pelas dimensões do racismo.

A escolha para discutir as experiências das mulheres negras na cidade a partir do conceito de racismo cotidiano é intencional, parte da necessidade de construir um debate sobre a dimensão imaterial do racismo que afeta profundamente como a cidade é percebida e experimentada por esse grupo, e ainda auxiliar a construir métodos de interpretação de como isto afeta questões objetivas como o direito à cidade.

Uma característica fundamental para que o racismo opere como esse complexo sistema de poder e dominação é garantir que as pessoas negras estejam as margens, nesse sentido Kilomba (2021, p. 56) coloca que “No racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão

“fora do lugar” e, por essa razão, corpos que não podem pertencer.” A sensação que as pessoas negras sentem de não pertencer aos lugares não é biológica ou ocasional, esta sensação é co-criada pelo racismo.

Muniz Sodré (2023, p. 243) coloca “Cada macaco no seu galho: eu aqui, o outro ali.” Nessa lógica, a alegoria a este ditado popular indica o lugar social que a forma escravista pós abolicionista destina para as pessoas racializadas dentro de uma ideologia que naturaliza uma pirâmide social baseada pelo tom da pele, ao passo que já indica vantagens para a branquitude desde o nascimento. Esses ideais baseiam um sistema complexo que desloca as mulheres negras para serem sempre as “Outras das Outras”.

Kilomba (2021) nos apresenta o termo *racismo genderizado* que trata de como a questão de gênero irá interagir com o racismo e produzir as experiências específicas das mulheres negras. Concretamente, isso significa que o racismo opera para que as mulheres negras não possam existir como sujeitos e sim como objetos do Outro:

> Como objetos, no entanto, nossa realidade é definida por outros, nossas identidades são criadas por outros, e nossa “história designada somente de maneiras que definem (nossa) relação com aqueles que são sujeitos.” (HOOKS, 1989, p. 42). Essa passagem de objeto a sujeito é o que marca a escrita como um ato político. Além disso, escrever é um ato de descolonização no a/o escritora/escritor “validada/o” e “legitimada/o” e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada. (KILOMBA, Grada, 2021, p. 28)

Portanto, escrever essas narrativas traumáticas é um instrumento importante de definição, autonomia e rompimento com a subalternidade.

4. PERCEPÇÃO DO AMBIENTE CONSTRUÍDO

Começaremos este trecho acolhendo o conceito de ambiente construído traçado por Luiz de Jesus Dias da Silva (2021, p.50), “o ambiente construído é todo espaço no qual o homem atua, modificando-o, transformando-o ao seu entendimento, para se adequar às suas necessidades.” Os estudos em percepção do ambiente construído no campo da arquitetura e urbanismo exploram a dimensão humana e imaterial dos espaços pensados e projetados por estes profissionais.

O debate sobre o *lugar* é fundamental para que se compreenda o conceito de percepção, negritando que não admitimos paradigmas antigos que tratavam desta questão a partir de valores históricos, culturais e ambientais universalizantes, ou seja, que entendiam a experiência humana a partir do homem branco cis ocidental

e este personagem era suficiente para compreensão da interação humana com o espaço material. Para Luiz de Jesus Dias da Silva (2021, p.38), o essencial neste debate é o sentido de pertinência:

> Pertencer, ser parte de algo comum sem, no entanto, ser passivo, porque para ele, essa é uma atitude de evasão, transfere a identidade ao passado, reduzindo-lhe a mera nostalgia e lhe tira toda a atuação social e cultural." (SILVA, Luiz de Jesus Dias da, 2021, p. 38)

Desta maneira, o lugar é a reunião de significados essenciais, das identidades e do modo de vida de determinada realidade. Assim como o conceito de raça, o conceito de percepção também é relacional, este envolve o ser humano e os lugares – para Tuan *apud* Silva (2021, p. 18) “é tanto uma resposta dos sentidos aos estímulos exteriores como uma atividade proposital em que certos fenômenos são registrados em detrimento de outros que são propositalmente bloqueados”.

Temos, então, uma série de conceitos e reflexões que coadunam para que possamos criar tecnologias de interpretação da interação humana com o espaço. Consideremos também que o corpo não é um limitante do campo perceptivo, que a vivência do lugar é relacional, dinâmica e relativa. “A todo momento estamos sentindo, percebendo, analisando, contextualizando o lugar no âmbito de um processo cognitivo.” (DUARTE, Cristiane Rose de S. Duarte, 2020, p. 9 e 10).

A percepção será constituída em relação ao lugar, ao espaço e/ou ao ambiente construído. Nesse contexto, Tuan (2021) coloca que a percepção é “tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos como atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros são camuflados ou bloqueados.”

5. AMBIÊNCIA

A *ambiência* é uma tecnologia da pesquisa em percepção do ambiente construído que busca a compreensão do todo, para os autores Duarte (2022, p. 113)

> É importante observar, contudo, que as ambiências não podem ser resumidas a uma simples soma de dados tangíveis e intangíveis, uma vez que é impossível compreendê-las separadamente de suas características sensíveis (sons, cheiros, luzes, etc), socioculturais (a movimentação das pessoas, o ritmo da cidade) e contextos físicos (o suporte espacial urbano e arquitetônico). (DUARTE, 2022, p. 113)

Os Lugares estão intrinsecamente relacionados ao sentimento de pertencimento a uma coletividade. Na medida em que se avança neste debate, nota-se que a ambiência não é a soma de elementos e fatores, a ambiência é o conjunto de um universo sensorial ligado ao modo do indivíduo interpretar o mundo, é além da soma, é a mistura, a alquimia, o afetar-se do corpo.

Por fim, estes estudos podem ser realizados com técnicas como leituras etnográficas, exploração fenomenológica do evento, avaliação qualitativa, narrativas, entrevistas semiestruturadas, o sentimento espacial do pesquisador que pode dialogar a partir de uma ótica fenomenológica do espaço, consequente da experiência espacial subjetiva individual.

6. UM DIÁLOGO NECESSÁRIO DO FEMINISMO NEGRO COM A PERCEPÇÃO E AS AMBIÊNCIAS

> Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge com um ato político. [...] eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou. (KILOMBA, Grada, 2021, p. 28)

Torna-me sujeita, eu que escrevo, penso e articulo dentro do feminismo negro é parte da imaginação radical das mulheres negras que abriram caminhos para que fossemos deslocadas das margens e pudéssemos experimentar o trânsito dentro das academias, ainda que esse processo também seja marcado por traumas ocasionados pelo racismo.

“Quantas mulheres negras têm aqui?” é uma pergunta inaugural para compreender a partir das próprias narrativas de mulheres negras como funciona a exclusão socioespacial de mulheres negras nos países do Sul. O processo de letramento racial nos faz perceber conscientemente quais espaços nós somos autorizadas circular e qual o lugar social que nossos corpos devem ocupar. Quando Sodré (2023) coloca que “Cada macaco no seu galho: eu aqui, o outro ali” e nos explica como esse ideário está impregnado na forma social que o Brasil adotou pós abolição, podemos dialogar com o conceito de racismo cotidiano que vai nos mostrar a repetição programada das situações de racismo que mulheres negras passam para perpetuar um sistema que marginaliza e provoca um constante sentimento de não-pertencimento às cidades. Nessa lógica a percepção do espaço é alterada drasticamente pela experiência do racismo genderizado.

Imaginem um espaço projetado para o lazer como um museu, mas que as mulheres negras recorrentemente são lidas neste espaço como funcionárias e

estão constantemente sendo incomodadas ao ingressarem nesses locais. O que em um imaginário construído baseado no mito da democracia racial poderia se tratar de um episódio isolado de discriminação, na verdade, é uma experiência comum e cotidiana as mulheres negras nos mais diversos espaços: o racismo cotidiano.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira parte destes artigos fizemos um passeio por alguns autores para definição de raça, racismo e interseccionalidade para basear os debates, em seguida apresentamos o conceito de racismo cotidiano e racismo genderizado como uma tecnologia importante para, por fim, debater a experiência das mulheres negras nas cidades a partir dos conceitos de percepção do ambiente construído e ambiências.

Estabelecemos este diálogo que revela a importância de considerar a dimensão do trauma sofrido cotidianamente pelas pessoas negras para construção de cidades mais democráticas pelos arquitetos e urbanistas. Pensar as ambiências, a percepção e experiência do lugar a partir do que as autoras feministas negras apresentam da dura realidade das mulheres negras é um diálogo necessário para que se rompa com a ideia de que os homens brancos são um grupo universal de categoria de análise e que passe a considerar o projeto anti-negritude que existe no mundo.

Portanto, que considere a experiência da população negra e a experiência das mulheres negras nos espaços para pensar lugares que se tenha o racismo como uma dimensão imaterial que se materializa em espaços de trauma para mulheres negras; ou até mesmo como um problema projetual a ser resolvido quando se projeta cidades e edificações.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. 1. ed. São Paulo: Jandaíra, 2020. 255 p. ORCID: 0000-0003-0990-9707.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. 1. ed. São Paulo: Pólen, 2019. 150 p.

DIAS DA SILVA, Luiz de Jesus. *Percepção do ambiente construído: por mais humanização em arquitetura e urbanismo*. Belém: Paka-Tatu, 2021. ORCID: 0000-0001-9037-5081.

GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano*: Ensaios,

Intervenções e Diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 375 p. ORCID: 0009-0004-8820-2068.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano*. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 244 p.

SODRÉ, Muniz. *O Fascismo da Cor:* Uma Radiografia do Racismo Nacional. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2023. 275 p. ORCID: 0000-0002-6060-9673.

ROSE DUARTE, Cristiane; MIRANDA, Cybelle; PINHEIRO, Ethel; SILVA, Luiz de Jesus. *Experiência do Lugar Arquitetônico:* dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências. 1. ed. Rio de Janeiro: Rio Books, 2022. 194 p. ORCID: 0000-0001-7006-8279 (Rose Duarte); 0000-0001-5913-989X (Miranda); 0000-0002-2357-6489 (Pinheiro); 0000-0001-9037-5081 (Silva).

TUAN, Yi Fu. *Topofilia, um estudo de percepção, atitude e valores do meio ambiente.* Londrina: Eduel, 2012.

TRABALHO OU LIDA: QUESTÕES SOBRE INVISIBILIDADE DE ATIVIDADES FEMININAS NÃO REMUNERADAS[1]

WORK OR DUTIES: QUESTIONS ABOUT THE INVISIBILITY OF UNPAID FEMALE ACTIVITIES

TRABAJO O TAREAS COTIDIANAS: CUESTIONES SOBRE LA INVISIBILIDAD DE LAS ACTIVIDADES FEMENINAS NO REMUNERADAS

Luciana Guimarães Barbosa[2]

Resumo: Este artigo aborda a invisibilidade e falta de reconhecimento do trabalho não remunerado realizado por mulheres, analisando suas implicações sociais e de gênero. Os objetivos do estudo são explorar a natureza e extensão do trabalho não remunerado feminino, destacando tarefas domésticas e cuidado de crianças e outros dependentes como exemplos significativos, além de investigar desigualdades de gênero na divisão dessas tarefas. Como metodologia foi utilizada a pesquisa qualitativa com revisão bibliográfica e análise de dados de pesquisas atuais para compreender alguns aspectos dessa construção social, como esta invisibilidade é percebida e impacta o setor econômico, além dos aspectos interseccionais que contribuem para o aprofundamento desta realidade. Identificou-se uma sobrecarga sobre as mulheres e influência de estereótipos arraigados que desvalorizam esse trabalho, perpetuando a desigualdade e dificultando a quantificação do trabalho remunerado.

Palavras-chave: Desigualdade de gênero, divisão do trabalho, estereótipos de gênero, Interseccionalidade, trabalho não remunerado feminino.

Abstract: This article addresses the invisibility and lack of recognition of unpaid work performed by women, analyzing its social and gender implications. The objectives of the study are to explore the nature and extent of women's unpaid work, highlighting domestic tasks and caring for children and other dependents as significant examples, in addition to investigating gender inequalities in the division of these tasks. As a methodology, qualitative research was used with a bibliographical review and analysis of current research data to understand some

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST5 - (IN)VISIBILIDADES NA DIVERSIDADE: gênero, quilombolas, ribeirinhos, LGBTQIA+ e correlatas do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Mestranda do Programa de Pesquisa em Comunicação Cultura e Amazônia (PPGCom UFPA). Especialista em Docência da Educação Superior. Bacharel em Design. Bolsista Capes. Integrante do Grupo de Pesquisa Compoa UFPA. Integrante do Projeto de Pesquisa Ecoaras - Mulheres na (RE)sintência UFPA. lugdesign@yahoo.com.br

aspects of this social construction, how this invisibility is perceived and impacts the economic sector, in addition to the intersectional aspects that contribute to the deepening of this reality. An overload on women and the influence of entrenched stereotypes that devalue this work were identified, perpetuating inequality and making it difficult to quantify paid work.

Keywords: Gender inequality, division of labor, gender stereotypes, Intersectionality, female unpaid work.

Resumen: Este artículo aborda la invisibilización y falta de reconocimiento del trabajo no remunerado realizado por las mujeres, analizando sus implicaciones sociales y de género. Los objetivos del estudio son explorar la naturaleza y extensión del trabajo no remunerado de las mujeres, destacando como ejemplos significativos las tareas domésticas y el cuidado de los hijos y otras personas dependientes, además de investigar las desigualdades de género en el reparto de estas tareas. Como metodología se utilizó la investigación cualitativa con revisión bibliográfica y análisis de datos de investigaciones actuales para comprender algunos aspectos de esta construcción social, cómo se percibe e impacta esta invisibilidad en el sector económico, además de los aspectos interseccionales que contribuyen a la profundización de la misma. esta realidad. Se identificó una sobrecarga sobre las mujeres y la influencia de estereotipos arraigados que desvalorizan este trabajo, perpetuando la desigualdad y dificultando la cuantificación del trabajo remunerado.

Palavras clave: Desigualdad de género, división del trabajo, estereotipos de género, interseccionalidad, trabajo femenino no remunerado.

1. INTRODUÇÃO

Uma questão que continua a desafiar a igualdade de gênero é a invisibilidade persistente do trabalho não remunerado realizado por mulheres. Apesar dos avanços significativos na esfera dos direitos das mulheres, a contribuição crucial das mulheres para a sociedade por meio de tarefas domésticas não remuneradas e do cuidado de dependentes ainda tende a ser subestimada e subvalorizada, chamado de trabalho reprodutivo. Para (DIAS, 2021) o trabalho reprodutivo envolve “responsabilidades reprodutivas” que abrangem o cuidado de crianças, esposos e idosos no lar, juntamente com outras tarefas domésticas. Este artigo busca, de maneira preliminar, lançar luz sobre essa problemática, explorando as dimensões invisíveis e muitas vezes negligenciadas do trabalho feminino não remunerado. Além disso, o estudo analisa as implicações que essa invisibilidade carrega consigo, abrangendo, sobretudo, as esferas sociais e de

gênero.

Ao mergulhar nessa análise, este artigo intenciona contribuir para uma compreensão mais ampla das complexidades associadas ao trabalho não remunerado das mulheres e para a busca contínua por uma sociedade mais equitativa e justa para todos os gêneros. Os objetivos deste trabalho são explorar a natureza e extensão do trabalho não remunerado feminino, destacando tarefas domésticas e reprodutivas como exemplos significativos, além de investigar desigualdades de gênero na divisão dessas tarefas.

Além disso, uma análise é conduzida quanto às disparidades de gênero associadas à alocação de tarefas domésticas e obrigações familiares. Essa análise visa identificar as proporcionalidades de sobrecarga que recaem sobre homens e mulheres nesse contexto. Paralelamente, a investigação explora a considerável influência dos estereótipos de gênero na subestimação e desvalorização do trabalho feminino, que é muitas vezes não remunerado, perpetuando assim um ciclo de desigualdade.

Aqui daremos um passo partindo de um levantamento teórico e bibliográfico. No entanto, reconhecemos que, para compreender a complexidade das desigualdades de gênero na sociedade contemporânea, é essencial ancorar nossa discussão em dados empíricos.

Dessa forma, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, envolvendo revisão bibliográfica com concepções teóricas, que abordam a construção histórica e social das desigualdades de gênero e a interseccionalidade dessas desigualdades com raça, classe e outros marcadores sociais e suas reverberações práticas com análise de dados de pesquisa atuais. Nas próximas sessões poderemos traçar um trajeto de entendimento com o intuito de melhor compreender as dimensões sociais e de gênero do trabalho não remunerado feminino.

2. CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E NORMALIZAÇÃO DAS INVISIBILIDADES

Durante períodos históricos marcados pela influência das classes dominantes, foi fundamental para seus interesses que todas as atividades e profissões independentes fossem convertidas em formas de trabalho assalariado, sob seu controle direto ou indireto. (D'ANGELO; ANDRADE, 2014). Essa

transformação implicou a criação de uma distinção ideológica entre o trabalho escravo ou servil, que envolvia uma falta completa de liberdade, e o trabalho dito "livre" ou "subordinado".

Com a vinda de trabalhadores imigrantes europeus a partir de 1870 - mas não exclusivamente por isso - para trabalhar sobretudo nas plantações do Sul e Sudeste, deu-se um período em que escravos e assalariados coexistiram lado a lado. (MARINGONI, 2011). Nesta nova realidade os espaços de trabalho remunerado não conseguia abarcar todo o contingente de trabalhadores outrora escravizados.

Estas novas configurações foram tomando forma ao longo da história com a institucionalização do poder masculino que resultou na criação de limites nas leis e regulamentos públicos que eram considerados "comuns" para todos na sociedade. (BIROLI, 2018). Dessa forma, “trata-se, portanto, de um processo de privatização do mundo doméstico” (BIROLI, 2018, p. 48).

Biroli (2018) chama a atenção para o fato de que, ao longo da história, houve uma associação entre as mulheres e o trabalho doméstico. Essa conexão foi estabelecida devido ao patriarcado, definido pela autora “como um complexo heterogêneo, mas estruturado, de padrões que implicam desvantagens para as mulheres” e ainda “permitem aos homens dispor do corpo, do tempo, da energia de trabalho e da energia criativa destas”. (p. 10).

O sistema patriarcal naturalizou a ideia de que o trabalho não remunerado realizado em casa, como cuidar da família e da casa, é uma responsabilidade das mulheres. Essa atribuição foi considerada como parte intrínseca da identidade feminina e do papel das mulheres na reprodução da sociedade.

Como umas das consequências desta atuação patriarcal, Biroli (2018) ainda traz o fato de que, em comparação com os homens, as mulheres desempenham uma quantidade significativamente maior de trabalho relacionado ao cuidado de crianças, idosos e pessoas com necessidades especiais. Segundo a autora, isso acontece em várias situações, como quando as mulheres cuidam dessas pessoas em casa como parte de suas responsabilidades diárias - trabalho reprodutivo - e, portanto, não pago, e mesmo quando desempenham o papel de cuidadoras assalariadas.

Portanto, os estereótipos de gênero não apenas perpetuam a subvalorização do trabalho feminino, mas também contribuem para existência de outros aspectos problemáticos nas relações de trabalho, afetando não apenas mulheres em seu convívio familiar, mas também crianças que têm seus direitos básicos ceifados. Como exemplo, Cal (2016) nos aponta que “a ‘invisibilidade atribuída ao TID [trabalho infantil doméstico] estaria relacionada principalmente a fatores históricos e culturais”. (p. 33).

Entre estes fatores, são citados “a escravidão e o costume de trazer meninas de áreas rurais para estudar na capital e morar em casas de família; a concepção de que meninas devem assumir as tarefas domésticas como naturais da condição feminina”. (CAL, 2016, p. 33-34). Vemos então que a invisibilidade do trabalho doméstico não remunerado resulta de fatores históricos e culturais que o tornaram visto como algo natural e, consequentemente, não digno de reconhecimento ou valorização.

Adichie (2015) incorpora ao fatores sociais e patriarcais já citados a tendência da percepção social de divisão tradicional de tarefas por gênero, onde, das mulheres, muitas vezes são esperadas a realização de tarefas domésticas, como cozinhar e limpar.

> Ainda hoje, as mulheres tendem a fazer mais tarefas de casa do que os homens — elas cozinham e limpam a casa. Mas por que é assim? Será que elas nascem com um gene a mais para cozinhar ou será que, ao longo do tempo, elas foram condicionadas a entender que seu papel é cozinhar? Cheguei a pensar que talvez as mulheres de fato houvessem nascido com o tal gene, mas aí lembrei que os cozinheiros mais famosos do mundo — que recebem o título pomposo de “chef” — são, em sua maioria, homens. (ADICHIE, 2015, p. 42-43)

A autora desafia a ideia de que essa divisão é inata ou genética, sugerindo que as mulheres não nascem com um "gene" que as torna naturalmente melhores em tarefas domésticas. Em vez disso, ela argumenta que essa divisão de tarefas é resultado de condicionamento social e cultural ao longo do tempo.

Nossa intenção aqui não é debater construções de gêneros ou diferenças biológicas, mas entendemos que seja importante mencionar como essas diferenças permeiam a formação de estereótipos que ajudam a acentuar a participação desproporcional entre mulheres e homens nos trabalhos não remunerados considerados “invisíveis”.

Para Adichie (2015), “o problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos”. (p. 41). Dessa forma, espera-se que, em sociedade, as mulheres devam assumir de forma quase que automática as funções domésticas e reprodutivas, no entanto, Adichie (2015) também aponta para a ironia de que muitos dos chefs mais renomados do mundo - trabalho remunerado - são homens, o que contradiz a ideia de que cozinhar é uma habilidade inerentemente feminina.

Podemos perceber que a autora destaca como os papéis de gênero são construções sociais e culturais, e não determinados pela biologia, e como é importante questionar e desafiar essas normas de gênero estereotipadas. Essa percepção distorcida leva à ausência de reconhecimento adequado e à marginalização do trabalho não remunerado das mulheres nos discursos sociais e políticos.

De maneira complementar, os estereótipos e as teorias biológicas de gênero perpetuam a invisibilidade do trabalho não remunerado realizado pelas mulheres. Para Monteiro (2021), as teorias de gênero buscam descontruir a visão estritamente biológica do gênero, enfatizando a influência das relações sociais na definição de identidades masculinas e femininas. Elas questionam a concepção rígida de feminilidade e masculinidade, assim como a dicotomia entre essas categorias.

A sociedade muitas vezes associa a esfera doméstica e de cuidado com o papel feminino "natural", o que resulta em uma minimização do valor dessas atividades. Nesse sentido, Monteiro (2021) reflete que

> Para que Adam Smith[3] pudesse escrever “A Riqueza das Nações”, assim como para que o padeiro ou o cervejeiro pudessem trabalhar, era necessário que suas mães, esposas ou irmãs tivessem que passar horas a fio, dia após dia limpando a casa, cuidando de crianças, cozinhando, lavando roupa, enxugando as lágrimas ou brigando com os vizinhos. Independentemente da visão como encaramos o mercado, a mão que cuida, cose, veste, organiza ou desempoeira é, essencialmente feminina.(MONTEIRO, 2021, p 67).

[3] Adam Smith (1723-1790) foi um economista e filósofo escocês, considerado um dos fundadores da economia moderna e do liberalismo econômico. Ele é mais conhecido por sua obra "A Riqueza das Nações", publicada em 1776, na qual explorou as ideias de livre mercado, divisão do trabalho e interesse próprio como impulsionadores do crescimento econômico.

Podemos perceber aqui que, independentemente da perspectiva econômica que se adote, as tarefas de cuidado, organização e manutenção da vida cotidiana são frequentemente realizadas por mulheres, demonstrando a importância do trabalho feminino na sustentação do funcionamento da sociedade, embora historicamente essa contribuição tenha sido subvalorizada e não contabilizada nos sistemas econômicos tradicionais.

Corroborando com esse panorama, estudos realizados pela Oxfam (2020) lançam luz sobre a magnitude do trabalho não remunerado exercido pelas mulheres, quantificando-o em cerca de 10,8 bilhões de dólares norte-americanos anualmente. Notavelmente, essa cifra supera em três vezes a estimativa atribuída ao setor tecnológico.

A distribuição desigual de responsabilidades historicamente associada às mulheres revela um cenário persistente de desigualdade de gênero. Esse fenômeno é observado em diversas sociedades, independentemente dos avanços em outras esferas da igualdade de gênero.

Para Biroli (2018), a forma como as mulheres organizam suas vidas, equilibrando o trabalho doméstico não remunerado e o trabalho remunerado, varia de acordo com diferentes fatores, como classe social, raça e nacionalidade. A divisão tradicional de gênero no trabalho não remunerado desempenha um papel na construção das identidades de gênero, mas essa construção não é independente de outros fatores.

Fernandes (2022) nos mostra uma visão à parte das pesquisas feitas por organizações. Ao entrevistar mulheres que vivem a realidade de equilibrar trabalhos remunerados e não remunerados, constatou a dificuldade enfrentada por elas ao tentarem quantificar o tempo dedicado ao chamado "trabalho improdutivo", como o trabalho reprodutivo.

As mulheres entrevistadas afirmaram enfrentar dificuldades ao tentar medir as horas investidas nessas atividades e muitas vezes não conseguem chegar a um número exato (FERNANDES, 2022, p. 106). Esse tipo de trabalho é frequentemente referido pelas entrevistadas como "sem fim" porque parece não ter um ponto de término claro. A autora ainda destaca que “todas reconhecem a importância de uma rede de apoio e se sentem impotentes, sobrecarregadas sem ela” (FERNANDES, 2022, p. 107).

3. SOBREPOSIÇÕES E ENTRELAÇAMENTOS DE UM TRABALHO INVISÍVEL

Entendemos como pertinente a utilização de um conceito-chave para compreender a complexidade das identidades e experiências individuais e coletivas. A interseccionalidade emerge neste trabalho como um enfoque que busca compreender as interações entre diferentes formas de opressão e como elas se entrelaçam atribuindo características e desafios importantes para o entendimento de nosso estudo.

A interseccionalidade é, para Collins e Silge (2020), uma abordagem que examina como as várias categorias, como raça, classe social, gênero, orientação sexual, nacionalidade, habilidades físicas, etnia ou idade, por exemplo, estão interligadas e influenciam tanto as relações sociais tanto em grupo quanto individuais.

Ao invés de tratar essas categorias de forma isolada, a interseccionalidade reconhece que elas se entrelaçam e se afetam mutuamente, moldando a complexidade das identidades e das experiências humanas. Segundo Akotirene (2019), as vivências de opressão, tanto individuais quanto coletivas, não devem ser simplificadas em uma única dimensão, como "problema negro" ou "problema da mulher". Pelo contrário, existe uma intrincada teia de desigualdades que se entrelaçam e exercem influência mútua sobre as pessoas.

Fernandes (2022) nos diz que a interseccionalidade permite observar, por exemplo, “a organização do trabalho doméstico e o seu papel de reprodução social, no contraponto do trabalho produtivo, pela perspectiva para além de gênero e classe, mas também de raça.” (p.35). Através deste conceito é possível analisar e compreender aspectos complexos da organização do trabalho doméstico e seu papel na reprodução social.

A interseccionalidade nos ajuda a compreender também a condição de sobrecarga enfrentada por mulheres que acumulam tanto trabalho remunerado quanto não remunerado, ou que são as principais responsáveis pelo trabalho reprodutivo - não remunerado - e a destacar como diferentes fatores se cruzam para intensificar essa sobrecarga, além de promover outras opressões ou dificuldades.

Defendemos a ideia de que o trabalho doméstico e reprodutivo é praticado, em sua maioria, por mulheres, mas é imperativo que compreendamos as diferenças existentes entre grupos de mulheres. Assim, “isso não significa que seja realizado nas mesmas condições por mulheres brancas e negras, pelas mais ricas

e pelas mais pobres ou por mulheres de diferentes partes do mundo" (Biroli, 2018, p. 28).

Essa abordagem reconhece que as experiências individuais são moldadas pela interação complexa de várias categorias. Biroli (2018) compreende que a divisão sexual do trabalho impacta as mulheres não como um todo, mas como grupo. Isso se torna mais compreensível quando analisamos a pesquisa do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE (2023) revelando que, no terceiro trimestre de 2022, cerca de 65% das mulheres em atividades não remuneradas eram negras.

Para além da raça, outras intersecções atravessam a realidade das mulheres que exercem trabalhos domésticos e reprodutivos não remunerados. Analisamos então um levantamento divulgado por diversas instituição que trazem indicadores que ilustram estas diferenças por grupos.

Ainda com base nos dados fornecidos pelo DIEESE (2023), vemos que o terceiro trimestre de 2022 testemunhou a presença de uma expressiva demografia de mulheres no Brasil, totalizando cerca de 89,6 milhões, todas com idade igual ou superior a 14 anos. Dentro desse grupo, aproximadamente 47,9 milhões eram participantes ativas da força de trabalho.

Tais dados não apenas revelam desigualdades de gênero, mas também espelham uma estreita relação entre essas disparidades e a divisão de tarefas domésticas e responsabilidades familiares. Ademais, a influência dessas diferenças de gênero também se entrelaça com nuances de classe e raça.

No ano de 2019, a população com 14 anos ou mais de idade, em média, reservava 16,8 horas semanais para a realização de afazeres domésticos ou para o cuidado de pessoas. Dentre essa média, as mulheres dedicavam cerca de 21,4 horas semanais a essas atividades, enquanto os homens destinavam aproximadamente 11,0 horas semanais a elas. (IBGE, 2020). Esses números indicam uma disparidade nas responsabilidades de trabalho doméstico e de cuidado entre os gêneros.

Em média, as mulheres dedicam mais tempo do que os homens a atividades de trabalho. Falando especificamente de trabalho não remunerado, como tarefas domésticas e cuidados familiares, as mulheres ainda carregam uma carga desproporcionalmente maior em comparação aos homens (IPEA, 2021).

Já no ano de 2021, dados apresentados na pesquisa Retrato das desigualdades de gênero e raça do IPEA (2021), indicam que mulheres trabalham, em média, 7,5 horas a mais por semana do que os homens. Isso se traduz em uma

jornada total média semanal de 53,6 horas para as mulheres, em comparação com 46,1 horas para os homens.

Essa diferença nas horas de trabalho se refere, neste caso, a uma combinação de atividades remuneradas e não remuneradas sendo que mais de 90% das mulheres relataram realizar atividades não remuneradas, como as tarefas domésticas.

Isso significa que a grande maioria das mulheres está envolvida em tarefas como limpeza, cozinha, cuidado de crianças e outros afazeres domésticos e/ou reprodutivos. (IPEA, 2021). Por outro lado, a proporção de homens envolvidos nessas atividades é menor, o que indica uma diferença significativa na distribuição dessas responsabilidades entre os gêneros.

A persistência desse cenário também é influenciada por alguns mitos enraizados. GOLDENBERG (2023) entende que a concepção de que as mulheres geram maiores custos para as empresas, devido à licença- maternidade ou a taxas mais elevadas de ausências no trabalho, é um desses mitos. Entretanto, a análise revela que as taxas de ausência no trabalho ao longo da carreira são comparáveis entre homens e mulheres.

Além disso, é importante salientar que políticas públicas já estão em vigor para absorver grande parte dos encargos financeiros associados à licença-maternidade (GOLDENBERG, 2023, p. 75). A autora ainda aponta que “a influência dessa sobrecarga ultrapassa as fronteiras domésticas, interferindo nos planos de carreira das mulheres e em seu protagonismo” (GOLDENBERG, 2023, p. 75).

A Organização Internacional do Trabalho - OIT (2018) aponta em pesquisa que no ano de 2018, 606 milhões de mulheres na faixa considerada economicamente ativa declararam-se indisponíveis para o emprego devido ao trabalho de cuidado não remunerado. (OIT, 2018). Vemos aqui um caso de interseccionalidade não definidora, mas provocada pelas atividades não remuneradas em estudo.

A pesquisa do IBGE (2020) apontou ainda que “independente da cor ou raça, taxa de realização de afazeres pelas mulheres é maior” (IBGE, 2020). As mulheres, independentemente de sua cor ou raça (brancas, pretas ou pardas), apresentam taxas mais elevadas de realização de afazeres domésticos (91,5%, 94,1% e 92,3%, respectivamente) em comparação com os homens dos mesmos grupos étnicos (80,4%, 80,9% e 76,5%, respectivamente).

Os dados também nos mostram que variações regionais também afetam

indivíduos de formas diferentes. A pesquisa aponta que “Norte e Nordeste têm as maiores diferenças entre sexos no cuidado de pessoas” (IBGE, 2020). As maiores taxas foram registradas entre as mulheres e homens da região Norte, com percentuais de 41,2% e 27,7%, respectivamente. Por outro lado, as taxas mais baixas foram entre as mulheres do Sul, com 35,2%, e os homens do Nordeste, com 24,1%. (IBGE, 2020).

Outro achado nos diz respeito à relação entre escolaridade, vínculo conjugal/ filhos e a dedicação das mulheres ao trabalho remunerado. Mulheres com ensino superior completo assumem uma carga horária de trabalho remunerado, em média, 8h a mais que as sem ensino superior por semana. (IPEA, 2018). “Para as mulheres, o fato de ser casada e ter filhos reduz sua jornada de trabalho em 2h e 6h, respectivamente”, e ainda, “para as mulheres, a estrutura familiar impacta negativamente nas suas horas dedicadas ao trabalho remunerado, enquanto que, para os homens, esse impacto é positivo." (IPEA, 2018).

Vemos em pesquisas de instituições diferentes e em períodos diferentes que as mulheres frequentemente enfrentam uma sobrecarga desproporcional de obrigações não remuneradas que impactam negativamente sua participação em atividades remuneradas e em outras oportunidades, restringindo o alcance de independência financeira e realização pessoal.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desfecho deste estudo preliminar, é essencial destacar que a exploração da natureza e extensão do trabalho não remunerado feminino, centrado em tarefas domésticas e no cuidado de crianças e dependentes, trouxe à luz uma realidade profundamente arraigada na sociedade. Os resultados obtidos revelaram a existência de uma sobrecarga substancial e desproporcional sobre as mulheres, que se desdobram em várias dimensões de suas vidas. Este fenômeno está intrinsecamente ligado às desigualdades de gênero que permeiam a divisão de tarefas domésticas.

Ficou evidente que as mulheres continuam a ser as principais executoras de um trabalho não remunerado que, muitas vezes, é invisível aos olhos da sociedade e carece de reconhecimento adequado dado seu caráter basilar para a própria execução de outras atividades, principalmente as remuneradas. A análise também ressaltou a influência persistente de estereótipos de gênero que desvalorizam esse trabalho, perpetuando um ciclo de desigualdade de gênero e

tornando ainda mais desafiadora a quantificação do trabalho remunerado.

Este estudo demonstra que a sobrecarga das mulheres na esfera do trabalho não remunerado não é um mero reflexo das escolhas individuais, mas sim uma construção social profundamente enraizada que reflete as normas de gênero dominantes. Isso não apenas prejudica o bem-estar das mulheres, mas também tem implicações econômicas significativas e perpetua a desigualdade de gênero em diversas dimensões da vida.

Há áreas adicionais de pesquisa a serem exploradas para uma compreensão mais profunda do trabalho não remunerado das mulheres. Uma direção futura importante envolve investigar como as desigualdades de gênero nesse tipo de trabalho variam em contextos culturais e econômicos diversos. Isso pode oferecer *insights* significativos para o desenvolvimento de políticas mais adaptadas a cada contexto regional.

Conclui-se, portanto, que a problemática do trabalho não remunerado feminino é mais do que uma questão individual, e sim uma preocupação social, econômica e de gênero. Valorizar e redistribuir essa carga de maneira justa e desafiar estereótipos de gênero são imperativos. O progresso em direção a uma sociedade mais equitativa, onde o trabalho não remunerado das mulheres seja reconhecido e valorizado, requer esforços coletivos, políticas públicas sensíveis ao gênero e uma transformação cultural abrangente.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 63 p.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidades.* São Paulo: Pólen, 2019

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2015

BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades*: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

CAL, Danila Gentil Rodriguez. *Comunicação e trabalho infantil doméstico:* política, poder e resistências. Salvador: EDUFBA, 2016.

CARNEIRO, C. M. M.; PINHO, P. de S.; TEIXEIRA, J. R. B.; ARAÚJO, T. M. de. *Trabalho doméstico não remunerado:* persistência da divisão sexual e transtornos mentais. Revista de Saúde Pública, [S. l.], v. 57, n. 1, p. 31, 2023. DOI: 10.11606/s1518-8787.2023057004502. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rsp/article/view/213200. Acesso em: 19 jul. 2023.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade.* São Paulo: Boitempo, 2020

D'ANGELO, Isabele Bandeira de Moraes; ANDRADE, Everaldo Gaspar Lopes de. *O Trabalho Livre/Subordinado e a Compra/Venda da Força de Trabalho:* a humanização do direito e a horizontalização da justiça, para além da subordinação da força do trabalho ao capital. 2014. Disponível em http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=276d18b2db1978d5. Acesso em ma.i 2023.

DIAS, Brenda. *Apropriação capitalista do trabalho doméstico e reprodutivo não remunerado da dona de casa sob a perspectiva de gênero*. OSP - Observatório de Segurança Pública e Relações Comunitárias. 2021. Disponível em https://www.observatoriodeseguranca.org/pesquisas-e- estudos/apropriacao-capitalista-do-trabalho-domestico-e-reprodutivo-nao- remunerado-da-dona-de-casa-sob-a-perspectiva-de-genero/. Acesso em jul. 2023.

DO NASCIMENTO, E. C.; CABRAL, F. P.; CERQUEIRA, L. S. *A interseccionalidade de raça e gênero no acesso ao mercado de trabalho: Uma Breve Análise Dos Dados Do Ibge Ano Base 2016.* Diversidade e Educação, [S. l.], v. 7, n. Especial, p. 68–83, 2019. Disponível em: https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9493. Acesso em: 13 abr. 2023.

DIEESE. *Mulheres: Inserção no mercado de trabalho*. São Paulo: DIEESE, 2023. Disponível em: www.dieese.org.br/infografico/2023/infograficosMulheres2023.html. Acesso em: mai 2023.

FERNANDES, Vânia G. A. B. Q. *Teletrabalho e seus rebatimentos na vida das mulheres:* uma reflexão interseccional. 2022. 126f. Dissertação (Mestrado em Política Social) –Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social, Escola de Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022. Disponível em https://app.uff.br/riuff/handle/1/27694. Acesso em abr 2023

GOLDENBERG, M. *Equidade de gênero no mundo corporativo:* como avançar e garantir equidade de oportunidades . Organicom, [S. l.], v. 20, n. 41, p. 69-83, 2023. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2023.206719. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/206719. Acesso em: 18 jul. 2023.

IPEA. *Estudo mostra desigualdades de gênero e raça em 20 anos.* 2021. Disponível em https://www.ipea.gov.br/portal/mestrado-profissional-em- politicas-publicas-e-desenvolvimentodesafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2832:catid=28&Itemid=23. Acesso em 16 jul. 2023

_____. *Mulheres dedicam muito mais tempo ao trabalho doméstico, mas a diferença cai.* 2018. Disponível em https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/index.php?option=com_content&view=article&id=34450. Acesso em 16 jul. 2023.

MARINGONI, Gilberto. *O destino do negro após a abolição*. Desafios do

desenvolvimento. 2011 . Editora: São Paulo : IPEA. Ano 8 . Edição 70 - 29/12/2011

MONTEIRO, M. T. *O trabalho não remunerado feminino e o direito humano ao desenvolvimento*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas). Universidade Federal da Fronteira Sul. Erechim. 121p. 2021

OIT. *Care work and care jobs for the future of decent work.* Genebra, 2018. Dosponível em https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_633135/lang--pt/index.htm. Acesso em 23 jul. 2023.

OXFAM. *Dossiê Tempo de cuidar:* O trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade. 2020. Disponível em https://www.oxfam.org.br/wp-content/uploads/2021/04/1579272776200120_Tempo_de_Cuidar_PT-BR_sumario_executivo.pdf . Acesso em nov 2022

SEBRAE. *Mulheres dedicam quase o dobro do tempo dos homens em tarefas domésticas.* 2019. Disponível em https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de- noticias/noticias/24267-mulheres-dedicam-quase-o-dobro-do-tempo-dos- homens-em-tarefas-domesticas. Acesso em 27 jul. 2023

_____. *Em média, mulheres dedicam 10,4 horas por semana a mais que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas.* 2020 (atualizado em 2023). Disponível em https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia- de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por- semana-a-mais-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de- pessoas.
Acesso em 27 jul. 2023.

VOZES DA ILHA: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS DE PROFESSORES ALFABETIZADORES DE SURDOS NA ILHA DE SANTANA- AP[1]

VOICES OF THE ISLAND: AN ANALYSIS OF THE NARRATIVES OF DEAF LITERACY TEACHERS ON THE ISLANSD OF SANTANA-AP

VOCES DE LA ISLA: UN ANÁLISIS DE LAS NARRATIVAS DE LOS MAESTROS DE ALFABETIZACIÓN SORDA EN EL ISLA DE SANTANA- AP

Cleuma Roberta de Souza Marinho[2]
Ana D'arc Martins Azevedo [3]
José Adnilton Oliveira Ferreira[4]

Resumo: Este artigo tem como objetivo entender a necessidade de análise das narrativas de professores de surdos a partir da escuta de suas experiências, trajetórias e necessidades quanto à formação continuada para a alfabetização de surdos ribeirinhos. Trata-se de um recorte da pesquisa de tese em andamento, que visa buscar respostas sobre a formação continuada de professores de surdos na educação básica da Ilha de Santana-AP, área ribeirinha. Os objetivos específicos foram: analisar nas narrativas dos docentes os elementos relevantes para pensar o processo de alfabetização de surdos e identificar de que forma elas podem contribuir com as secretarias do município de Santana a pensar a formação docente para este grupo específico. As narrativas foram analisadas a partir da teoria da análise de conteúdo, com base em Bardin (2002), que apresenta como caminhos a interpretação dos discursos a respeito de uma realidade ancorada no método materialismo histórico-dialético, ancorado por Frigotto (1991) e Triviños (1987). Os resultados apontam questões conceituais e formais relacionadas a propostas de formação continuada para professores da área ribeirinha, no intuito de inserir a cultura e saberes locais nos currículos formais como práticas de ensino e contaram com as contribuições de Oliveira (2007), que traz conceitos de cultura ribeirinha e Severino (2006) sobre formação continuada.

[1]Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST5- (In)Visibilidades na Diversidade: gênero, quilombolas, ribeirinhos, LGBTQIA+ e correlatas do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2]Doutoranda do PPGLCL da Universidade pela Amazônia-UNAMA, Mestre em Comunicação, Linguagens e Culturas (UNAMA), membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Diversidade e Inclusão - GEPIDI/UNAMA <cleumamarinho@yahoo.com> https://orcid.org/0000-0003-0837-275X

[3]Doutora em Educação/Currículo pela Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP) (2011). Professora Titular do Programa Stricto Sensu em Comunicação, Linguagens e Culturas e do Programa Mestrado Profissional em Gestão de Conhecimentos para o Desenvolvimento Socioambiental da UNAMA. Coordenadora e Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Diversidade e Inclusão - GEPIDI/UNAMA. <azevedoanadarc@gmail.com> https://orcid.org/0000-0003-4240-9579

[4]Doutor em Educação pela Universidade de Brasília (UNB). Membro do grupo de pesquisa em Currículo: Concepções Teóricas e Práticas Educativas do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília – UNB<joseadnilton_ap@yahoo.com.br> https://orcid.org/0000-0003-1732-3300

Palavras-chave: Formação continuada; Narrativas; Alfabetização; Surdez; Ribeirinhos.

Abstract: This article aims to understand the need to analyze the narratives of teachers of the deaf from listening to their experiences, trajectories and needs regarding continuing education for the literacy of deaf riverside dwellers. This is an excerpt of the thesis research in progress, which aims to seek answers about the continuing education of teachers of the deaf in basic education of Santana Island-AP, a riverside area. The specific objectives were: to analyze in the teachers' narratives the relevant elements for thinking about the literacy process for the deaf and to identify how they can contribute to the secretariats of the municipality of Santana to think about teacher training for this specific group. The narratives were analyzed from the theory of content analysis, based on Bardin (2002), which presents as paths the interpretation of the discourses about a reality anchored in the historical-dialectical materialism method, anchored by Frigotto (1991) and Triviños (1987). The results point to conceptual and formal issues related to proposals for continuing education for teachers in the riverside area, in order to insert local culture and knowledge in formal curricula as teaching practices and counted on the contributions of Oliveira (2007), who brings concepts of riverside culture and Severino (2006) on continuing education.

Keywords: Continuing Education. Narratives. Literacy. Deafness. Riverside.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo comprender la necesidad de analizar las narrativas de los maestros sordos a partir de escuchar sus experiencias, trayectorias y necesidades con respecto a la educación continua para la alfabetización de los habitantes sordos de ribera. Este es un extracto de la investigación de tesis en curso, que tiene como objetivo buscar respuestas sobre la educación contínua de maestros sordos en educación básica de Santana Island-AP, una zona ribereña. Los objetivos específicos eran: analizar en los relatos de los profesores los elementos relevantes para pensar el proceso de alfabetización de las personas sordas e identificar cómo pueden contribuir a que las secretarías del municipio de Santana piensen en la formación docente para este grupo específico. Las narrativas fueron analizadas desde la teoría del análisis de contenido, basada en Bardin (2002), que presenta como caminos la interpretación de los discursos sobre una realidad anclada en el método del materialismo histórico-dialéctico, anclado por Frigotto (1991) y Triviños (1987). Los resultados apuntan a cuestiones conceptuales y formales relacionadas con las propuestas de educación continua para profesores en el área ribereña, con el fin de insertar la cultura y el conocimiento local en los currículos formales como prácticas docentes y contó con las contribuciones de Oliveira (2007), quien aporta conceptos de cultura ribereña y Severino (2006) sobre educación continua.

Palavras clave: Educación permanente; Narrativas; Alfabetismo; Sordera;

Limítrofe.

1. INTRODUÇÃO

A formação continuada de professores que trabalham com alunos surdos em escolas ribeirinhas é ainda vista de forma desprestigiada pelas políticas públicas educacionais, é imperativo que essa formação se torne protagonista na realidade educacional no contexto da Amazônia amapaense.

Neste viés, a formação continuada é percebida como lugar de pensar e refletir, de compartilhar saberes e experiências; não pode ser apenas repasse de metodologias, mas espaço-tempo de estudo; assim, as vozes da ilha, narrativas advindas dos professores que atuam nas áreas ribeirinhas da Amazônia, devem ser entendidas como teoria e prática que são articuladas quando são colocados em diálogo o cotidiano e as referências bibliográficas.

Pensando que como um jogo de equilíbrio entre as tradições, meio sociocultural, pressões e tensões político-sociais, o processo de formação docente pressupõe construção social – envolvendo crenças, valores, convicções profissionais e epistemológicas –, que transcorre ao longo da vida, entre visões do futuro e necessidades profissionais (Nóvoa, 1995), dito isso, o que se propõe nesta pesquisa, é analisar a relação entre teoria e prática presente nos percursos formativos docentes a partir das “ (...) entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, (...) a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional.”

Deste ponto de vista, as experiências-histórias da pessoa-professor desempenham um papel imprescindível na sua formação profissional: as experiências pessoais e profissionais são fios que vão sendo tecidos e destecidos no decorrer da vida, compondo e ampliando os sentidos da pessoa- professor como profissional (Nóvoa, 1995; 2010).

Dentre os conteúdos elencados, chamam a atenção aqueles relacionados ao processo de escuta dos sujeitos e seus respectivos planejamentos e da organização da rotina em sala de aula com alunos ribeirinhos, surdos e ouvintes, os quais foram considerados como parte dos estudos, continuamente, segundo as narrativas tecidas. As referidas indicações são potentes recomendações para se pensar e fundamentar a formulação de políticas públicas educacionais imprescindíveis para a formação continuada dos professores alfabetizadores de alunos surdos na Ilha de Santana-AP.

1.1 Relação entre o processo de aprendizagem dos surdos e a formação continuada docente

A língua de sinais é definida como a língua natural para o surdo, “o termo natura designa a característica das línguas orais e sinalizadas pelos seres humanos em suas diversas interações sociais, e se diferencia do que se chama de linguagem formal”. (Harrison, 2014, p.27)

Em razão da especificidade linguística, a língua de sinais, deve ser ensinada desde cedo aos que apresentam a surdez, pois como qualquer outra língua, existe a necessidade de interação para o desenvolvimento do processo cognitivo. Segundo Vygotsky (1998, p.33),

> O momento de maior significação no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humana de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas completamente independentes de desenvolvimento, convergem

A educação de surdos não pode ser entendida sem que se mencione a política de educação inclusiva, mas não apenas a política atual e sim todo o percurso que levou ao atendimento das necessidades específicas nas escolas públicas no Brasil. Nesse sentido, como afirma Tardif (2002, p.118), “o ensino é uma atividade humana, um trabalho interativo, ou seja, um trabalho baseado em interações entre pessoas”, o que torna impossível um exercício individual da profissão docente.

E por que falar de educação inclusiva antes de analisar a formação continuada do professor? Porque é a partir do entendimento dos aspectos que compreendem a inclusão que se poderá entender como o professor pode fomentar seu conhecimento para que possa melhor atender seus alunos dentro das necessidades específicas de cada um, seja ela sensorial ou física.

Pensando na educação de surdos, deve-se entender que há necessidade evidente de formação de professores voltada às metodologias de ensino específicos para alunos surdos, utilizando-se de recursos que facilitem e se inter-relacionem com este aluno, além do próprio processo de alfabetização em si. Esse pensamento corrobora com as teorias de Freire (2011) que percebe o ser humano sempre em construção, inacabado, e a educação como uma busca constante desse sujeito que se constrói como sujeito da sua própria educação.

A formação continuada é um processo contínuo para o professor, uma constante na busca por aprendizagem, troca de experiências ou inovação. Ela não é constituída apenas de técnicas de ensino prontas, mas deve ser uma oportunidade

de ouvir e ser ouvido, de construir conceitos e de aprender. Busca-se uma formação continuada no contexto intercultural que se tornou uma reinvindicação por parte dos professores ribeirinhos, que reconhecem suas limitações no trabalho educativo-pedagógico com essa cultura.

Portanto, é necessário compreender que os processos próprios de aprendizagem das crianças e dos jovens que frequentam a escolas ribeirinhas, no caso do estudo em tela devem estar em consonância com uma gestão que possibilite a construção de projetos pedagógicos com autonomia e especificidade da escola ribeirinha na Ilha de Santana. (Ferreira, 2022)

Afinal, como aponta Severino (2006), a educação precisa ser pensada e organizada, e a sociedade precisa preparar profissionais que possam cuidar desse processo complexo que é educar, pois toda sociedade precisa muito da educação; aprender, criar e renovar são necessidades da humanidade.

1.2 Narrar sobre si: o processo de escuta de professores ribeirinhos

Falar sobre si, contar suas experiências, histórias e memórias requer uma construção narrativa que possibilite à pessoa retomar vivências, falar de passado, presente e futuro, individual e coletivo, pensando nas interfaces que esses processos podem chegar. Pensar em percursos pedagógicos, práticas escolares diárias e currículo escolar, tudo isso compreende a socialização do pensamento, pois ao reconstruir a experiência vivida, partindo do contexto de vida pode se revelar através de uma narrativa. De fato, Costa (2021), destacam que:

> A memória individual, como se sabe, é falha, lacunar, e entrecortada das memórias coletivas. Ela se complementa de uma 'tagarelice' de trocas sociais e simbólicas, muito disto se faz na interação afetiva. Essa complementação se dá, inúmeras vezes, através de exercícios de linguagem, em que a palavra toma espaço de destaque. Uma vez que nós fazemos socialmente através da linguagem, emergem do fundo de nós verbos distintivos; ou seja, somos signos ambulantes; espécie de sinais de linguagens em movimento. E no sistema de linguagens humanas destaca-se a narrativa.

Assim, neste estudo, pensou-se que o melhor caminho para entender as necessidades dos professores em suas práticas pedagógicas, é ouvir suas vozes, esse é o momento em que é possível captar os sentidos da formação continuada, criando espaços para suas narrativas. Bragança (2008), assevera que:

> As narrativas não descrevem apenas a realidade, são produtoras de conhecimento individual e coletivo e, no caso dos professores/as, potencializam os movimentos de reflexão sobre as próprias experiências,

> teorias e práticas. O saber da experiência assume centralidade, envolvendo as diversas dinâmicas formativas ao longo da vida e os movimentos em direção ao futuro. (Bragança, 2008, p. 75).

No bojo das histórias que são contadas e recontadas, a educação ribeirinha, que mantém características próprias, culturais e linguísticas, é explicitada a partir de seu processo identitário que precisa ser preservado, “o conhecimento é sempre produzido através da interação e comunicação, isto é, emerge do mundo onde as pessoas se encontram e interagem.” (Costa, 2021)

Desta forma, os saberes docentes emergem do cotidiano, da prática docente, que visam construir novos conhecimentos que desta forma vem contribuir para a reflexão da prática vigente. E ainda, o profissional docente recebe as marcas do seu tempo, de suas histórias e das histórias de outros sujeitos que interpelam o seu próprio ser e desse modo vão constituindo parte de sua identidade pessoal e profissional.

Assim, refletir sobre este processo, pensar nas práticas e de que forma elas podem atender as especificidades que garantem os processos educativos, levam a pensar numa formação pedagógica que produza elementos capazes de suprir, não apenas as necessidades e lacunas de professores e demais profissionais da escola, mas que atendam um currículo inclusivo e que pense nas especificidades do lócus desta pesquisa, a área ribeirinha. Silva (2017) sobre as comunidades ribeirinhas afirma que:

> [...] para obter a compreensão da identidade das comunidades ribeirinhas na região Amazônica é preciso ter a noção de suas culturas, sua maneira de vida, suas territorialidades, seus conhecimentos e práticas vivenciadas dia a dia. É a partir do empírico e do concebido que se constituem a consciência de pertença socioespacial e as identidades territoriais. (SILVA, 2017, p. 10).

Nesse viés, considera-se que os trechos de memórias narradas, quando textualizadas, tornam-se potentes história polissêmicas, que abrange a vida, a experiência e a formação de cada professor que contou sua trajetória. Dando base para que se elabore novos caminhos para uma formação continuada que potencialize a identidade do povo ribeirinho, e que seja inclusiva.

2 MÉTODO

2.1 O método do materialismo histórico-dialético em pesquisa educacional

Para este estudo, optou-se pelo método do materialismo histórico- dialético em educação como base da investigação, já que se propõe a explicar como se processa o conhecimento da realidade e dialoga de acordo com a interrogação da pesquisa sobre a necessidade de análise das narrativas de professores de alunos surdos de áreas ribeirinhas a partir da escuta de suas experiências, trajetórias e necessidades quanto à formação continuada docente voltada para a alfabetização de surdos.

Primeiramente deve-se explicitar o materialismo histórico-dialético, que para Frigotto (1991a) se dá a partir de três movimentos simultâneos: de crítica, de construção do novo conhecimento e de ação com vistas à transformação. De acordo com Tambara (2000) em cada pesquisa que se pauta pelo enfoque materialista existe um projeto de transformação para a sociedade.

Na acepção o materialismo diz respeito à condição material da existência humana, o termo histórico parte do entendimento de que a compreensão da existência humana implica na apreensão de seus condicionantes históricos, e o termo dialético tem como pressuposto o movimento da contradição produzida na própria história.

Em síntese a escolha pelo enfoque materialista histórico-dialético proporcionará enriquece as reflexões decorrentes do processo de investigação sobre formação de professores de alunos surdos ribeirinhos.” Marx continua sendo não apenas uma referência válida, mas a principal referência para compreendermos a situação atual” (SAVIANI, 2010, p. 22).

Logo, essas premissas metodológicas serviram de base para capturar e entender os saberes e experiências ribeirinhas que são processados de diferentes maneiras, principalmente são verbalizados e transmitidos pelas narrativas de professores, suas escutas, suas experiências e trajetórias quanto à formação continuada docente voltada para a alfabetização de alunos surdos na Ilha de Santana.

2.2 Contexto da pesquisa

O *lócus* de investigação da pesquisa (observação direta), será na Ilha de Santana que é um distrito do município brasileiro de Santana, no estado do Amapá, e está situada a 15 km a sudeste de Macapá, separado por uma faixa do Rio Amazonas, na margem esquerda em frente à sede do município, sendo que o rio é o único meio de acesso à localidade. (Plano Mestre do Porto de Santana, 2013,

p.60). Pode-se identificar a região da pesquisa através da figura abaixo:

Figura 01: Localização da Ilha de Santana/AP
Fonte: Disponivel em http://www.googlemaps.com.br/. Acesso em: 20/06/2023

Foi necessário delimitar as entrevistas narrativas dos professores alfabetizadores que trabalham na ilha, destarte que o estudo empírico da pesquisa caracteriza-se com duas (02) entrevistas narrativas aos professores que serão realizadas de forma presencial, com o aceite dos termos de consentimento livre e esclarecido.

Todas as entrevistas narrativas serão gravadas com a autorização dos professores. A gravação, segundo Ludke e André (1986, p. 37), “tem a vantagem de registrar todas as expressões orais, imediatamente, deixando o entrevistador livre para prestar toda atenção ao entrevistado”. Por meio da observação, o pesquisador se aproxima mais do objeto, pois observa, in loco, as atividades cotidianas dos sujeitos e procura entender a sua visão de mundo, que se apresenta no significado atribuído à realidade que os cerca (Triviños, 2011).

Será construído o plano de visitações ao *lócus* através de observações ao campo de pesquisa, em alguns momentos na sala de aula, no alojamento dos professores, bem como em outros lugares na escola campo selecionada e na Ilha que serão devidamente registrados em diário de campo, como forma de entender a formação continuada como um processo contínuo, e a relação com a realidade local e a sua cosmologia, como processo de troca de experiências da escuta dos sujeitos da pesquisa.

Como se trata de uma pesquisa abrigada no campo educacional, pode-se argumentar de início, com base em Saviani (2010), que o objeto de estudo do Materialismo Histórico-dialético não pode ser analisado de maneira isolada, nem mesmo sob a ótica única da quantificação, buscando a neutralidade apriorística que

a ciência positivista traz como princípio.

Para Gil (2008), é a dialética que fornece "[...] as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente" (p.14). Convém mencionar a sistematização do método materialismo histórico- dialético (MHD) neste estudo e sua operacionalização.

2.3 Participantes/sujeitos da pesquisa

Inicialmente, o critério para a seleção dos sujeitos também ocorreu por meio de mediação de grupos de contatos e de indicação dos profissionais que trabalham com o ensino fundamental e que tenham alunos surdos, visando verificar o processo de alfabetização desses surdos ribeirinhos. Esse contato foi no âmbito da Secretaria Municipal de Educação – SEME e no próprio Núcleo de Educação do Campo que faz o gerenciamento da Escola Estadual na Ilha de Santana.

De forma ampla, pode-se dizer que o critério inicial para a seleção de participantes seguiu a orientação de Rosa & Arnoldi, quando advertem que: Essa primeira aproximação pode realizar-se tomando como intermediário algum responsável institucional ou líder natural do grupo. Dessa forma, evita-se abordar diretamente o indivíduo, sendo a ligação feita através de um canal social (Rosa & Arnoldi, 2006, p. 218).

2.4 Procedimentos e instrumentos de pesquisa para construção dos dados da pesquisa

a) Entrevistas Narrativas

Adotadas como instrumento na construção dos dados, as entrevistas narrativas permitiram o desvelamento do objeto de estudo, trazendo elementos para a análise do fenômeno investigado. A entrevista narrativa, em meio aos vários tipos de entrevista, entre as quais a semiestruturada é a mais comum, deu-se porque esse tipo de instrumento permite dar voz ao informante, em uma escuta ativa, empática e interessada em manter a interação com o entrevistado, mas sem intervenções diretivas que possam prejudicar a fala do sujeito (Schütze, 2011). Na concepção de Flick (2004, p. 109), as narrativas "[...] permitem ao pesquisador abordar o mundo experimental do entrevistado, de modo mais abrangente, com a própria estruturação desse mundo".

Diante disso será a singularidade de cada professor e seu percurso individual

e sua inscrição em um sentido social da experiência que permitirá uma compreensão do fenômeno que versa da necessidade de análise das narrativas de professores de surdos a partir da escuta de suas experiências, trajetórias e necessidades quanto à formação continuada para a alfabetização de surdos.

Dessa forma, a gravação e a transcrição serão feitas na íntegra das narrativas dos professores, e como objetivo fundamental em que a leitura dos relatos no momento da análise, o esforço necessário para o relato do sujeito condiz com a caracterização do método desde a postura inicial do pesquisador/entrevistador para que esteja sempre atento no momento da entrevista, principalmente, ao relato do sujeito, testemunhando a experiência vivida do outro (Pezzela, 2003).

Assumir uma estratégia qualitativa do método fenomenológico, como a narrativa, significa, antes de tudo, que se adota a existência como um fio condutor teórico e filosófico, compreendida na experiência vivida dos professores não-indígenas. Pode-se compreender a experiência humana que representa uma tarefa de extrema complexidade, uma vez que o homem se constitui em uma subjetividade que pensa, sente e tem na linguagem a expressão da sua existência (Flick, 2004).

Dessa forma no construto teórico/epistemológico/metodológico exposto buscar-se-á na análise dos resultados da pesquisa refletir sobre as contribuições teóricas e metodológicas para com a necessidade de análise das narrativas de professores de surdos a partir da escuta de suas experiências, trajetórias e necessidades quanto à formação continuada para a alfabetização de surdos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises dos dados na pesquisa foram desenvolvidas durante toda a investigação, por meio de teorizações progressivas em um processo interativo com a coleta de dados. Assim, os fenômenos encontrados na empiria serão discutidos na realidade dos construtos para uma educação ribeirinha verdadeiramente pensada no processo identitário deste lugar.

A análise das entrevistas semiestruturadas, a observação *in loco* da prática pedagógica dos professores das salas de aula regular e as fotografias foram realizadas a partir da técnica da análise de conteúdos, com o objetivo de apresentar as narrativas que resultaram destas entrevistas. A entrevista semiestruturada foi transcrita e as informações coletadas analisadas pela proposta de Bardin (2002), a análise de conteúdo que pode ser entendida como:

> ...conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2002, p.42).

A coleta de dados por meio da entrevista narrativa favorece a interação social, por e tratar de uma interação face a face entre o pesquisador e o entrevistado. O objetivo desta abordagem é o ouvir as narrativas destes professores ribeirinhos.

> As entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando a profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional. (Jovchelovich e Bauer, 2002)

Para este artigo, foi feito recorte da pesquisa de tese em andamento, sendo apresentadas duas questões que fizeram parte do roteiro de entrevista. A primeira foi “De que forma o currículo escolar favorece ou valoriza a cultura ribeirinha aqui na Ilha de Santana?”

Para as respostas, os sujeitos serão identificados como professor 1 e professor 2. Assim, o professor 1, que trabalha há quase 20 anos na Ilha de Santana, nesta mesma escola visitada, foi enfático em dizer que não há movimento para se desenvolver um processo identitário, segundo ele:

> Os alunos não se sentem ribeirinhos, não valorizam o fato de estar inserido num ambiente natural preservado e que poderia gerar sujeitos que trabalhassem na própria Ilha. O currículo não comtempla a experiência e cultura local. Só se trabalha os livros que vem da secretaria de educação sem fazer qualquer tipo de adaptação curricular. (Professor 1)

O professor 2 concorda com esta afirmativa e corrobora dizendo que:

> A gente sente falta de uma orientação da secretaria do município, eles não vêm aqui apresentar nenhuma proposta de adaptação curricular e nem ouvir o que temos como ideias para implantar, não vem ouvir nossas sugestões e nós temos. Nosso trabalho é feito de forma isolada, sem apoio. (Professor 2)

Observa-se nas falas dos professores que eles entendem a importância de se trabalhar um currículo que contemple as peculiaridades e contexto social local. Durante as conversas e a observação foi possível perceber que os professores tecem projetos de forma independente fora do currículo que a secretaria pré-

determina e tentam desenvolver atividades que contemplam a cultura local, já que a partir de suas falas e experiências, o modelo escolar curricular mostra-se distante e dissociado da realidade dos alunos ribeirinhos na Ilha de Santana.

Para que se entenda as questões levantadas pelos professores, é necessário a percepção de cultura ribeirinha e esse contexto sociocultural, pois:

> Viver a cultura amazônica é confrontar-se com a diversidade, com diferentes condições de vida locais, de saberes, de valores, de práticas sociais e educativas, bem como de uma variedade de sujeitos: camponeses (ribeirinhos, pescadores, índios, remanescentes de quilombos, assentados, atingidos por barragens, entre outros) e citadinos (populações urbanas e periféricas das cidades da Amazônia) de diferentes matrizes étnicas e religiosas, com diversos valores e modos de vida, em interação com a biodiversidade, os ecossistemas aquáticos e terrestres da Amazônia (Oliveira, 2007, p. 02).

Desse modo, fala-se de uma localidade com cultura e valores diferentes dos encontrados no outro lado do rio, onde a agricultura familiar e a pesca deveriam estar no centro da economia local. Apesar disso, muitos jovens visam apenas atravessar o rio e ir embora ou trabalhar na cidade, a economia local se baseia em catraieiros, funcionários públicos e poucas famílias que subsistem da agricultura. O ribeirinho é reconhecido como "o homem da Amazônia [que] percorre pacientemente as inúmeras curvas dos rios, ultrapassando a solidão de suas várzeas pouco povoadas e plenas de incontáveis tonalidades de verdes" (Loureiro, 1995, p. 59).

No entanto, a realidade social para os sujeitos que vivem do outro lado do rio é desafiadora, as falas dos professores exemplificam firmemente que existe uma "violação profunda dos direitos humanos elementares, desenhando assim uma territorialidade na negação e na exclusão dos direitos e da existência humana e social" (OLIVEIRA, 2009, p. 93).

Esta afirmação corrobora com as falas dos professores, eles relatam que os alunos não se reconhecem como sujeitos ribeirinhos porque as escolas não valorizam os aspectos que caracterizam a cultura local, descaracterizando tanto o espaço geográfico, modificando a paisagem e abandonando as atividades que eram a base econômica da ilha.

Para eles, isso faz com que a o direito de reconhecer e conhecer sua ancestralidade seja suprimido, deixando a comunidade da ilha sem saber sua cultura de pertencimento. Isso para eles é negar o direito de ser quem são, de se reconhecer como povo da floresta, de sujeitos ribeirinhos que são.

Durante o encontro, várias questões foram levantadas, uma delas foi sobre

a formação continuada docente, perguntou-se: Qual a periodicidade você faz formação continuada voltada para o atendimento de surdos em áreas ribeirinhas?

As respostas foram as mesmas para os dois professores, que afirmaram nunca ter feito nenhum curso ofertado pela secretaria do munícipio com o objetivo de orientar para o atendimento de qualquer tipo de deficiência nas salas regulares. O professor 1 disse:

> Aqui a educação especial é um faz de conta, a gente não vê nada e nem sabe como trabalhar, se aparece alguma criança com deficiência na sala, ela é atendida no improviso, sem nenhuma orientação nem mesmo da coordenação pedagógica, o trabalho fica mesmo sendo realizado pela professora do AEE, na sala dela. (professor 1)

Já o professor 2 disse:

> Eu já fiz alguns cursos de formação continuada sobre Educação Especial, mas tudo o que falam lá é muito genérico, não serve pra aplicar em sala de aula, sempre é a mesma coisa. (professor 2)

Vários aspectos relevantes são possíveis encontrar no que dizem os professores sobre a educação de surdos na localidade, a falta de conhecimento quanto ao trabalho com alunos com deficiência, a falta de informação sobre as características de cada necessidade especial, e o trabalho que o professor do AEE (Atendimento Educacional Especializado) exerce.

Segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva “O atendimento educacional especializado tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas [...]” (Brasil, 2008, p.10). A falta de conhecimento sobre as diretrizes da Educação Especial e a função do professor do AEE estão presentes nas justificativas dos entrevistados para fundamentar a ausência do trabalho junto a esse público de forma eficiente.

A ausência ou falha nos cursos de formação docente voltado a este domínio são algumas das exigências dos professores, que alegam que tem interesse em conhecer e exercer a função nas salas de aula das turmas regulares de forma eficiente, mas que não encontram fundamento, preparo de consistência que possibilitem que o aluno com surdez ou com qualquer outra necessidade especial na escola pesquisada seja incluso nas turmas regulares.

O diálogo com esses sujeitos, proporcionou a identificação de dificuldades sentidas por eles na práxis exercida, a partir das narrativas orais foi possível compreender como cada profissional se sente enquanto professor, relatando sua história, memórias, lutas e conflitos dentro do contexto educacional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de escuta, observação e identificação dos pontos sensíveis no sistema educacional seja municipal ou estadual é de grande valia para superar os desafios da educação ribeirinha na localidade pesquisada, a Ilha de Santana. Dar voz aos docentes, dialogar no percurso da pesquisa, possibilitou entender as necessidades e anseios por uma formação continuada que contemple um currículo inclusivo e adaptado à cultura local, pois trazem contribuição inegável à prática pedagógica.

Assim, analisadas no conjunto, as narrativas revestem-se em significativas recomendações para se (re)pensar e fundamentar a formulação cursos e oficinas práticas para a qualificação profissional docente, podendo resultar até em políticas públicas para melhorar a assistência aos professores das áreas mais afastadas, como as ribeirinhas. Perceber que os professores entendem da necessidade de se trabalhar um currículo que comtemple as especificidades locais, como cultura, linguagem, economia, e que mesmo com esse discernimento não trabalham porque se exige que seja trabalhado sistemas de outros estados é desolador. A riqueza local sucumbe frente aos livros didáticos oriundos de estados como o Ceará por exemplo, que é um dos sistemas usados pela rede de ensino municipal de Santana.

Quando a questão é a inclusão de alunos com necessidades especiais, a situação ainda é mais preocupante, pois constata-se que existe desconhecimento quanto a legislação, função do professor do AEE e metodologias que sejam direcionadas a este público. O objetivo deste artigo foi escutar as vozes docentes, buscar informações sobre as necessidades de formação docente para a região que está do outro lado do rio.

Os depoimentos recolhidos durante a investigação e apresentados neste artigo evidenciaram que existe esforço por parte dos professores em utilizar em suas ações pedagógicas pressupostos que contemplem um currículo que valorizem a cultura local. No sentido de privilegiar a realidade ribeirinha, os saberes e as experiências destas populações, o intuito é resgatar e afirmar esses valores que

vivem na Amazônia.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 70. ed. Lisboa: Casagraf - artes gráficas unipessoal, 2002. 280 p.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Histórias de vida e formação de professores/as: um olhar dirigido à literatura educacional. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). *Histórias de vida e formação de professores.* Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2008. p. 65-81.

COSTA, Vânia Torres. Estrada de Ferro Belém-Bragança. Sujeitos, memórias e narrativas na Amazônia paraense. ESTRADA DE FERRO BELÉM- BRAGANÇA: *sujeitos, memórias e narrativas na Amazônia paraense.* Disponível em: https://proceedings.science/compos/compos-2021/trabalhos/estrada-de-ferro-belem-braganca-sujeitos-memorias-e- narrativas-na-amazonia-parae?lang=pt. Acesso em: 10 maio. 2023.

COSTA, Alda; NUNES, Paulo; COSTA, Vânia. Narrar a partir da Amazônia: nosso ser e estar nas narrativas do mundo. In: COSTA, Alda; NUNES, Paulo; COSTA, Vânia Orgs.). Narr'amazônia: *modos de ser e estar no mundo*. p. 35-54. Disponível em: https://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/1045. Acesso em: 20 jul. 2021.

FREIRE. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed., rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FERREIRA, José Adnilton Oliveira. *A identidade étnica do povo indígena Palikur no currículo escolar na percepção dos professores no estado do Amapá.* 2022. 336 f., il. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Trabalho-educação e tecnologia: treinamento polivalente ou formação politécnica? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Trabalho, educação e prática social:* por uma teoria da formação humana. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991, 1991a.

GIL, Antônio. Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa social*. 6a. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HARRISON, Kathryn Marie Pacheco. LIBRAS: apresentando a língua e suas características. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa; SANTOS, Lara Ferreira (org.). *Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à LIBRAS e educação de surdos.* São Carlos: EDUFSCar. 2014.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M.; GASKELL, G. (Eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica:* uma diversidade diversa. Série Aula Magna. Belém/PA: UFPA, 1995

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António. *Os professores e sua formação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1992, 2010. p.139-158.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; SANTOS, Tânia Regina Lobato dos. *A cultura amazônica em práticas pedagógicas de educadores populares*. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 30ª Reunião Anual, 2007, Caxambu. Anais. Caxambu, 2007, 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/ trabalhos/GT06-3039-- Int.pdf>. Acesso em: 5 set. 2011.

PEZZELA, Mario. *Análise do conteúdo* (2a ed.). Brasília: Liber Livro. 2003.

ROSA, Maria. Virginia. de Figueiredo do Couto; ARNOLDI, Marlene. Aparecida. Gonzales. Colombo. *A entrevista na pesquisa qualitativa:* mecanismos para a validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006. 112 p.

SAVIANI, Demerval. Prefácio à edição brasileira. In: MANACORDA, Mario Aligheiro. *Marx e a pedagogia moderna*. Campinas: Alínea, 2010.

SCHÜTZE, Fritz. 2011. *Pressureandguilt: warexperiencesof a young German soldierandtheirbiographicalimplications',* Parts 1 and 2, International Sociology, 7. p. 187-208.

SILVA, Adelina. *Da aula convencional para a aula invertida–ferramentas digitais para a aula de hoje.* Série Estudos-Periódico do Programa de Pós- Graduação em Educação da UCDB, n. 39, p. 13-31, 2017.

SEVERINO, Antônio. Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2006.

TAMBARA, E. Problemas teórico-metodológicos da História da Educação. In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L. (Orgs.). *História e História da Educação:* O Debate Teórico-Metodológico Atual. Campinas – SP: Autores Associados, 2000.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 7ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto. Nibaldo. Silva. *Cultura e Materialismo*. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 1987, 2011.

LÜDKE, Menga.; ANDRÉ, Eva. Maria. *Pesquisa em educação:* abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

VYGOTSKY, Lev. Semenovitch. *Pensamento e linguagem*. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COORDENADORES:
PROF. DR. DOUGLAS JUNIO FERNANDES ASSUMPÇÃO (PPGCLC/UNAMA)
PROFA. DRA. MAÍRA DE CÁSSIA EVANGELISTA DE SOUSA (PPGCLC/UNAMA)
PROFA. DRA. ALCIANE NOLIBOS BACCIN (PPGCIC/UNIPAMPA)
PROFA. DRA. VANESSA AMALIA DALPIZIOL VALIATI (PPGIC/FEEVALE)

ST6 - COMUNICAÇÃO DIGITAL E INDÚSTRIA CRIATIVA

A comunicação é um campo interdisciplinar que tem múltiplas interfaces. Nas últimas décadas, tem passado por transformações mediante a popularização de tecnologias digitais e ubíquas. A criatividade, por sua vez, integra todo o processo comunicacional e é tida como a essência das indústrias criativas que englobam ainda áreas como design, arquitetura, moda, patrimônio, artes, música, expressões culturais, tecnologias. Bens e serviços de mídia, de publicidade, editoração, cinema, jornalismo e relações públicas são tidos como segmentos que geram produtos e processos criativos da Comunicação pertencentes à Indústria Criativa. Nesse sentido, este Simpósio de Trabalho (ST) recebe contribuições teóricas e empíricas que busquem refletir sobre os conceitos, os processos, as experiências e/ou os produtos estabelecidos na articulação entre Comunicação Digital e Indústria Criativa em suas diversas conexões.

A MARCA AMAZÔNIA E A MARCA PESSOAL DO GOVERNADOR DO PARÁ, HELDER BARBALHO[1]

THE AMAZON BRAND AND THE PERSONAL BRAND OF THE GOVERNOR OF PARÁ, HELDER BARBALHOLA MARCA AMAZON Y LA MARCA PERSONAL DEL GOBERNADOR DE PARÁ, HELDER BARBALHO

Rodolfo Silva Marques[2]
Luiz LZ Cezar Silva dos Santos[3]

Resumo: Quando se pensa sobre a marca Amazônia, emergem questões sobre valoração, consumo e representatividade. Aqui, busca-se discutir a Amazônia enquanto marca e as relações de poder político-midiático, a partir das ações do governador do Pará, Helder Barbalho (MDB). Ele assumiu o cargo em janeiro de 2019 e, em 2022, foi reeleito com mais de 70% dos votos. A ideia é promover uma discussão conceitual, com a respectiva revisão de literatura, e o estudo de caso envolvendo a análise da marca Amazônia nas ações do governador paraense. Elencam-se movimentos políticos importantes, como o protagonismo que Helder ocupa na região, o uso das plataformas digitais, a propaganda institucional e a atuação em grandes eventos como a Conferências do Clima. Como conclusões, entende-se que, entre os primeiros semestres de 2019 e 2023, o governador do Pará expandiu a visibilidade da marca Amazônia como forma de fortalecimento de suas relações de poder junto ao governo federal e aos organismos internacionais.

Palavras-Chave: Marca. Amazônia. Helder Barbalho.

Abstract: When thinking about the Amazônia brand, questions about valuation, consumption and representativeness emerge. Here, we seek to discuss the Amazon as a brand and political-media power relations, based on the actions of the governor of Pará, Helder Barbalho. He took office in January 2019, and in

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho 6 – Comunicação Digital e Indústria Criativa do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Universidade da Amazônia (UNAMA). Doutor em Ciência Política pela UFRGS, Mestre em Ciência Política pela UFPA. Professor dos Cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, CST Marketing e CST Filmmaker da UNAMA, além de ser docente de Pós-Graduações Lato Sensu do Grupo Ser Educacional. Integrante do Gruppu – Grupo de Pesquisa em Propaganda e Publicidade (CNPq-Capes). E-mail: rodolfo.smarques@gmail.com.

[3] Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutor em História pela PUC/SP, Professor da Faculdade de Comunicação - Facom e do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia - PPGCOM. Líder do Gruppu – Grupo de Pesquisa em Propaganda e Publicidade (CNPq-Capes). E-mail: lzcezar@ufpa.br.

2022 he was re-elected with over 70% of the vote. The idea is to promote a discussion, with the literaturereview, and the case study involving the analysis of the Amazon brand in the actions of the governor of Pará. Important political movements are listed, such as the leading role that Helder occupies in the region, the use of digital platforms, institutional advertising and performance in major events such as the Climate Conferences. As conclusions, it is understood that, between the first semesters of 2019 and 2023, the governor of Pará expanded the visibility of the Amazônia brand as a way of strengthening its power relations with the federal government and international organizations.

.**Keywords:** Brand. Amazon. Helder Barbalho.

Resumen: Al pensar en la marca Amazonia, surgen preguntas sobre valoración, consumo y representación. Aquí buscamos discutir la Amazonia como marca y las relaciones de poder político-mediático, a partir de las acciones del gobernador de Pará, Helder Barbalho (MDB). Asumió el cargo en enero de 2019 y, en 2022, fue reelegido con más del 70% de los votos. La idea es promover una discusión conceptual, con la respectiva revisión de la literatura, y el estudio de caso que involucra el análisis de la marca Amazonia en las acciones del gobernador de Pará. Se enumeran movimientos políticos importantes, como el protagonismo que ocupa Helder en la región, el uso de plataformas digitales, la propaganda institucional y la participación en grandes eventos como las Conferencias sobre el Clima. Como conclusiones, se entiende que, entre los primeros semestres de 2019 y 2023, el gobernador de Pará amplió la visibilidad de la marca Amazonia como una forma de fortalecer sus relaciones de poder con el gobierno federal y los organismos internacionales.

Palabras clave: Marca. Amazonas. Hélder Barbalho.

1. INTRODUÇÃO

A Amazônia representa um dos principais biomas do Brasil, concentrando uma eloquente biodiversidade e apresentando muitas peculiaridades e particularidades. Já foi “apelidada” diversas vezes e tachada de “o pulmão do mundo”, “o paraíso desconhecido”, “o mistério Amazônia”, “o inferno verde” etc. Para além de todas as definições, é importante pontuar reflexões que emergem todas as vezes em que se busca entender a Amazônia no contexto do consumo, das marcas, das relações, dos aspectos políticos e midiáticos.

O bioma amazônico é o maior do Brasil, ocupando cerca de 49% do território do país, concentrando, em si, também, a maior bacia hidrográfica e a maior floresta do planeta. No campo territorial, a Amazônia se faz presente em mais oito países, alémdo Brasil: Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela. São cerca de 6.900.000 quilômetros quadrados de área – quase quatro milhões e duzentos mil km^2 no Brasil. No território nacional, a Amazônia Legal abrange Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Roraima, Rondônia,

Maranhão e Tocantins – são os sete estados da Região Norte (a “Amazônia Real”) e mais partes de territórios de um estado nordestino (Maranhão) e de outro do Centro-Oeste (Mato Grosso).

A região amazônica, com todos esses caracteres, desperta muitos interesses e mobiliza diversas análises sobre a sua ocupação, sobre o seu aproveitamento e a respeito da sua realidade. No contexto internacional, o olhar desponta em vários níveis, considerando-se as riquezas minerais, a fauna, a flora e a própria extensão territorial. O conceito de soberania também se evidencia na questão das fronteiras nacionais e de políticas específicas para a própria Amazônia.

Com tantas riquezas e com tantos interesses nacionais e internacionais, é lícito que se entenda que a Amazônia tem, em si, valores imensuráveis, mas também represente um grande poderio financeiro e mercadológico. Partindo-se da premissa deque marcas são representações, nomes e derivam conceitos (KOTLER, 2000), é essencial pensar na própria Amazônia como marca e como significado marcário.

Associa-se a esse debate a questão da apropriação da marca Amazônia (AMARAL FILHO, 2016; SANTOS, 2021) como estratégia de comunicação e, também,por parte de políticos com grau de relevância nos contextos regional e nacional. O marketing político, com a associação de líderes partidários e ocupantes de cargos públicos à questão da marca Amazônia – e sua defesa – já se manifestou em várias ocasiões. O marketing político se caracteriza, pois, por ser um conjunto de mecanismos para a divulgação das ideias, das plataformas e da formação da própria imagem do político em questão (TORQUATO, 2014).

Atualmente, o caso mais emergente dentro desse contexto do marketing político é o do governador do estado do Pará, Helder Barbalho (MDB). O Pará, aliás, é o segundo maior estado brasileiro em dimensão territorial, com 1.245.870 quilômetros quadrados (PORTAL IBGE, 2021), com população estimada, para o início de 2022, de
8.777.124 moradores e densidade demográfica de 6,07 habitantes/ km².

Comandando a principal unidade federativa da região desde janeiro de 2019 – e já em seu segundo mandato –, Helder fortalece sua posição como líder político da região e constantemente utiliza a temática da Amazônia em seus discursos e em suas buscas por recursos e por representatividade no ambiente nacional e no cenário global. Helder, hoje, é o maior nome político da família Barbalho, que tem

um longo histórico no Pará e no Brasil, e a união à marca Amazônia se converte em uma estratégia constante de fortalecimento político e midiático do seu governo e da sua marca pessoal.

O desenho de pesquisa, na presente investigação, contempla os recursos metodológicos da revisão de literatura, com a consequente discussão conceitual no corpo do trabalho; e o de estudo de caso, ao entender os movimentos políticos e midiáticos de Helder Barbalho no uso da marca Amazônia.

Assim, a estrutura do trabalho é a seguinte: na primeira seção, há uma exposição sobre a trajetória política de Helder Barbalho e de sua família, com a respectiva ocupação de cargos políticos; a discussão sobre marcas, Amazônia efamília Barbalho; o protagonismo político em arenas nacionais e internacionais, expandido a marca Amazônia; o enfrentamento da pandemia e o título de “Rei do Norte”; o uso das plataformas digitais – com exemplos de *posts* sobre a regiãoamazônica; e o slogan “Bora Trabalhar”, como forma de mobilizar as massas.

2. HELDER BARBALHO, FAMÍLIA E OS CARGOS POLÍTICOS

O governador do Pará, Helder Z. Barbalho, deu início, em janeiro de 2023, ao seu segundo mandato à frente do executivo estadual do Pará. Ele nasceu em 1979 e seus pais são os também políticos Jáder Fontenelle Barbalho e Elcione Zahluth Barbalho. No campo acadêmico, Helder é bacharel em Administração pela Universidade da Amazônia (UNAMA), além de possuir um MBA em Gestão Pública, pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Helder disputou eleições em 2000, 2002, 2004, 2008, 2014, 2018 e 2022. Perdeu apenas o pleito de 2014, quando foi derrotado pelo então governador Simão Jatene, que obteve a reeleição. Em 2000, elegeu-se vereador por Ananindeua, segundo maior colégio eleitoral do Pará e cidade vizinha à capital, Belém. Em 2002, deixou seu mandato de vereador elegeu-se deputado estadual e ocupou uma das 41 cadeiras da Assembleia Legislativa do Pará (ALEPA). Já em 2004, interrompeu seu mandato legislativo e ocupou seu primeiro cargo executivo, aos vencer as eleições para a Prefeitura Municipal de Ananindeua. Em 2008, foi reeleito para o mesmo cargo. Voltou a disputar uma eleição em 2014 – após ficar dois anos sem mandato público –e foi derrotado por uma margem pequena de votos. Em 2018, elegeu-se governador do Pará, após vencer, em segundo turno, o então deputado estadual Márcio Miranda, do Democratas (hoje, União Brasil). Helder conquistou

55,43% dos votos válidos – ou o total de 2.068.319 eleitores (PORTAL G1, 2018). Em 2022, Helder obteve novo mandato, ao se reeleger com votação consagradora, ainda em primeiro turno (PORTAL G1, 2022): Barbalho obteve 3.117.276 votos (70,41% dos votos válidos), muito à frente de seu principal opositor, o senador Zequinha Marinho, do PL, que conquistou a preferência de 1.201.079 eleitores (27,13% dos votos válidos).

Helder conseguiu manter destaque político e garantir visibilidade mesmo no período em que não ocupou mandatos públicos. No período compreendido entre as eleições estaduais de 2014 e 2018, Barbalho foi ministro de Estado em três ocasiões (em duas pastas no governo de Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores/PT – Ministério da pesca e Aquicultura e Secretaria Nacional dos Portos; e no governo de Michel Temer, do Movimento Democrático Brasileiro/MDB, quando esteve à frente do Ministério da Integração Nacional.

Em seu discurso de posse para o segundo mandato como governador do Pará,em 01 de janeiro de 2023, no Plenário da Assembleia Legislativa do Estado (ALEPA), Helder Barbalho fez uma prestação de contas dos seus quatro anos anterior – e fez projeções para o futuro (YOUTUBE, 2023). Em uma fala de improviso de cerca detrinta e um minutos, ele elencou vários temas e dedicou cerca de oito minutos – já na culminância de sua manifestação, para falar da Amazônia e de temas atinentes à região. Estiveram em pauta termos como modelo de equilíbrio, vocações de produção,agricultura, pecuária, mineração, desenvolvimento com sustentabilidade, olhar sobre a floresta e floresta viva e em pé.

O termo e o tema da Amazônia foram os mais recorrentes – como se pode observar na nuvem de palavras do discurso como um recurso metalinguístico deste trabalho (FIG 1). No total, durante a fala, Helder falou a palavra “Amazônia” por seis vezes. Também apareceram, no discurso, questões como a responsabilidade fiscal (duas vezes); investimento (três); segurança pública (três); o projeto da Usinas de Paz (três); o enfrentamento à pandemia (três); e o efeito estufa, a bioeconomia e a biodiversidade – os últimos três, também conectado à abordagem sobre a Amazônia(YOUTUBE, 2023).

FIGURA 1 – Nuvem de palavras – discurso de posse de Helder Barbalho em seu segundomandato como governador do Pará
FONTE – autoria própria, a partir do aplicativo wordart.com

Ao mesmo tempo, e da mesma forma que acontece com vários outros nomes da política nacional, Helder Barbalho faz parte de um clã com líderes partidários e pessoas experientes que ocuparam e ocupam cargos públicos (NEXO JORNAL, 2020). Os pais, já citados, continuam na ativa na carreira política.

Atualmente, Jáder Barbalho é senador pelo Pará – com mandato até 31 de janeiro de 2027. Já foi governador por dois mandatos, chegou a presidir o Senador em2001 e já foi ministro de Estado e deputado estadual; Elcione é deputada federal até 2027, após seis mandatos ocupando o mesmo cargo. Jáder e Elcione são filiados e integrantes históricos do MDB no Pará.

O irmão de Helder, Jáder F. Barbalho Filho é empresário e passou a ocupar, a partir de janeiro de 2023, o cargo de Ministro de Estado das Cidades. O avô do governador paraense, Laércio Barbalho, já falecido, foi deputado estadual. O primo de segundo grau José Priante foi vereador em Belém-PA, deputado estadual, candidato aprefeito de Belém em três ocasiões e está no sétimo mandato como deputado federal.

Outro primo de Helder, Igor Normando foi vereador de Belém por um mandato e meioe se reelegeu, em 2022, deputado estadual – ocupando, no primeiro semestre de 2023, o cargo de Secretário Estratégico de Articulação da Cidadania do Pará. E a esposa de Helder, Daniella L. Barbalho, cotada para disputar as eleições de 2024 ou de 2026, assumiu uma vaga como conselheira do Tribunal de Contas do Estado do Pará (PORTAL G1, 2023), em março de 2023, após indicação de 11 líderes partidáriosda Assembleia Legislativa do Pará (ALEPA).

Portanto, observando-se a trajetória político-eleitoral de Helder Barbalho e os seus vários movimentos partidários e midiáticos – mesmo quando esteve sem mandatos eletivos –, juntamente com a força política de sua família, é possível notar a constante busca por agregação de valor para se manter em evidência junto ao cidadão-eleitor, usando recursos diversificados para tais objetivos.

3. MARCAS, AMAZÔNIA E FAMÍLIA BARBALHO

De acordo com Amaral Filho (2016), a marca Amazônia se converte em uma ideia que consolida em um conjunto de produtos a que se juntam valores estéticos, com origem em itens oriundos da própria floresta e seus elementos (cores, sons e imagens conectadas à natureza da região). A marca Amazônia é, pois, uma promessa publicitária que repassa valor mercadológico a muitos produtos e serviços, considerando-se a Amazônia real, enquanto espaço físico e ambiental, e a Amazônia simbólica (AMARAL FILHO, 2016).

Para Amaral Filho (2016), a marca Amazônia, de uma forma ampla, pode ser vista também como uma produção publicitária – com valor e na materialização de produtos e serviços, com atributos essenciais. Tais caracteres podem estar associados a valores importantes, como responsabilidade social e sustentabilidade, podendo amparar e inspirar discursos e pensamentos.

A Amazônia guarda, em si, acima de quaisquer contextos, o valor agregado, a validação própria – ou *brand equity*. A marca Amazônia ilustra tal perspectiva, visto que o *brand equity* representa, pois, o resultado principal da gestão de marcas e produtos, com o valor adquirido no mercado, a partir de significados, representações e atributos materiais (AAKER e JOACHIMSTHALER, 2009).

As marcas são, portanto, elementos estratégicos do marketing e dos processos de conquistas dos consumidores, revelando *approaches* e fomentando desejos e necessidades, nos campos imagético e no próprio consumo das próprias marcas, de produtos, de serviços, e de ideias – e mesmo de pessoas (artistas, jogadores de futebol e políticos, como o caso em tela).

A marca Amazônia (AMARAL FILHO, 2016) reforça também a perspectiva da identificação e de projeção (MORIN, 2018) com a região, em si. Apropriar-se da marca e adaptar a diferentes contextos, explorando o imaginário social e gerandopossibilidades para peças publicitárias, tornam-se caminhos bem viáveis (AMARAL FILHO, 2016).

Há, nos caracteres imagéticos e nominais da marca e nas percepções dos

consumidores, um quê essencial de simbolismo (HILLER, 2012) – e, no caso da Amazônia, há os povos originários, os rios, a floresta, o oxigênio, o desenvolvimento sustentável, o meio ambiente, entre outras tantas categorias (AMARAL FILHO, 2016).

De acordo com Rocha (2006), o consumo é, portanto, um sistema simbólico que junta seres humanos e coisas, reforçando traços culturais, com a expressão de princípios, ideias, projetos e identidades. Já na perspectiva de Perez (2017), a marca se identifica como a convergência semiótica de elementos como resultado de transações constantes de significados entre os vários atores de um processo comunicacional.

Assim, no transcorrer de pelo menos quatro décadas, a família Barbalho, concorrendo em processos eleitorais e vencendo a maior parte deles, conseguiu consolidar uma importante liderança política no estado do Pará e na região. O tema Amazônia e suas representações aparecem constantemente em pauta pelos políticos da família Barbalho – assim como por outras lideranças políticas. E o mais destacado expoente do clã é, atualmente, o governador Helder Barbalho, tanto nos discursos proferidos no estado do Pará, como nas arenas nacionais e internacionais(MARQUES, OLIVEIRA E OLIVEIRA, 2023)

Helder, em 2019, por exemplo, liderou um movimento em que todos os estadosda Amazônia Legal solicitaram ao então presidente da República, Jair Bolsonaro (à época, no Partido Social Liberal/e hoje, no PL) o envio das Forças Armadas para o combate a focos de incêndio e crimes ambientais na região (PORTAL UOL, 2019). Cada estado precisou formalizar o pedido, mas ficou claro o protagonismo do governador, então no ano inicial de seu primeiro mandato como chefe do executivo do Pará.

O senador Jáder Barbalho e a deputada federal Elcione Barbalho também comumente se manifestam sobre o tema e “abraçam” a temática em suas movimentações. No caso do senador, por exemplo, houve uma importante manifestação, em 2019, a respeito do enfrentamento ao desmatamento e da necessidade de preservação da floresta amazônica (BARBALHO, 2019). A deputadajá proferiu várias falas públicas sobre a Amazônia, integrando grupos de trabalho correlatos dentro da Câmara. Em março de 2023, passou a integrar a Comissão Permanente da Amazônia e dos Povos Originários e Tradicionais (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2023). E Jader B. Filho, como ministro das Cidades desde janeiro de 2023, priorizou obras de saneamento básico e de habitação

popular, na retomada do programa “Minha Casa. Minha Vida” – e a Amazônia também esteve e está em suas manifestações (CARTA CAPITAL, 2023).

4. PROTAGONISMO POLÍTICO EM ARENAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

A associação da marca Amazônia com a liderança de Helder Barbalho e de seus familiares próximos, a partir dos aspectos político e simbólico, manifesta-se fortemente em um elevado grau de protagonismo que o atual governador do Pará tem experimentado em espaços nacionais e internacionais que versem sobre a região amazônica e seus desdobramentos estratégicos.

É importante destacar que, no primeiro quadriênio em que Helder foi governador do Pará, entre 2019 e 2022 –, o espaço ocupado por ele na defesa da região amazônica e nas esferas brasileiras e estrangeiras também foi derivado do vácuo político deixado pelo então presidente da República, Jair Bolsonaro.

Nessa realidade apresentada pelo ex-presidente Bolsonaro, ogovernador Helder assume o poder de construir uma realidade amazônica “própria” ao levarmos em conta a ideia de que “O poder simbólico é, com efeito,esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 7). Contudo, faz-se necessário que o agente, seja espontâneo, natural ou desinteressado, detenha todos os meios para tal, além de apresentar valores e classificação hierárquica ao instituir conceitos como meio de afirmar suas ideias e convicções para todo mundo.

Nesta seção, serão citados alguns exemplos, em ordem cronológica, a partir de um tabela-resumo (TAB 1), de fatos e eventos em que Helder Barbalho conquistou espaço nas arenas nacionais e internacionais, tendo a junto a si a temática da região amazônica e a marca Amazônia (AMARAL FILHO, 2016). É importante ressaltar que o recorte temporal se dá entre 2019 e2023.

TABELA 1

Helder Barbalho e a agenda amazônica

Mês/Ano	Episódio	Link da Notícia
Outubro/2019	Estado do Pará criou, em 2019, o Fundo da Amazônia Oriental para o desenvolvimento sustentável na região. O assunto foi apresentado pelo governador Helder Barbalho na Conferência Internacional de Preservação da Amazônia, em outubro de 2019, em Nova Jersey/Estados Unidos.	AGÊNCIA PARÁ (2019). Disponível em: https://agenciapara.com.br/noticia/15729/para-cria-o-fundo-da-amazonia-oriental-para-o-desenvolvimento-sustentavel-da-regiao. Acesso em: 28 fev.2023.
Outubro/2021	Belém-PA sediou o Fórum Mundial de Bioeconomia (WCBEF), entre 18	PORTAL G1 (2021). Disponível em:
	e 20 de outubro de 2021. Foi a primeira vez que o evento ocorreufora da Europa – em geral acontece em Ruka, na Finlândia. A vocação amazônida foi enfatizada, em virtude da criatividade na produção, do foco na sustentabilidade e da gama de recursos naturais disponíveis.	https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2021/10/17/belem-sedia-o-forum-mundial-de-bioeconomia.ghtml. Acesso em: 28 fev.2023.
Novembro/2021	Sendo o líder do grupo de nove estados brasileiros da Amazônia Legal, Helder esteve em Glasgow,na Escócia, participando da 26ª Conferênciadas Nações Unidas sobres Mudanças Climáticas – a COP-26. Na discussão dos setores públicos e privados, o Pará reforçou seu compromisso com a agenda climática global, com a defesa da Amazônia e com a preservação da floresta em pé.	PORTAL DOL (2021). Disponível em: https://dol.com.br/noticias/politic/680909/cop-26-helder-barbalho-segue-para-conferencia-na-escocia?d=1. Acesso em: 28 fev.2023.
Novembro/2022	Lula, então presidente eleito, recebeu, do governador paraense, uma carta de compromisso por uma agenda comum de transição climática para região amazônica. O fato ocorreu na COP 27, em Sharm el-Sheikh, no Egito.	PORTAL G1 (2022). Disponível em: https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2022/11/16/lula-recebe-carta-clima-bioeconomia-amazonia-helder-barbalho-cop-27.ghtml. Acesso em: 28 fev.2023.

Janeiro/2023	Governador do Pará, Helder Barbalho, assumiu, em janeiro de 2023, a presidência do Consórcio Interestadual de Desenvolvimento Sustentável da Amazônia Legal – eleito pelos seus pares em dezembro de 2022. Helder defendeu, no seu momento de posse, a preservação da floresta tropical, com soluções plausíveis para os cerca de 30 milhões de habitantes da região. O Consórcio tem a participação dos governadores dos 9 estados da Amazônia Legal	AGÊNCIA AMAZÔNIA (2023). Disponível em https://aamazonia.com.br/gover nador-do-para-helder-barbalho- assume-consorcio-em-defesa- da-amazonia-legal/. Acesso em: 28 fev.2023.
Janeiro/2023	O presidente Lula e o governador do Pará e presidente do Consórcio Interestadual de Desenvolvimento Sustentável da Amazônia Legal, Helder Barbalho, para avançar na candidatura	PORTAL SEMAS (2023). Disponível em: www.semas.pa.gov.br/2023/01/ 11/belem-e-oficializada-como- sede-brasileira-para-receber-a-
	de Belém e da Amazônia para sediarem a edição da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP 30) em 2025.	cop-30/. Acesso em: 28 fev.2023.
Fevereiro/2023	O governador do Pará convidou oRei Charles III para visitar a Amazônia, além de ter pedido o apoio do monarca para a candidatura de Belém para sediar a Cúpula do Clima em 2025 (COP30). Helder esteve em Londres para várias reuniões – e a partir de convite de Charles. Houve diálogos também sobre políticas de preservação da biodiversidade, em especial na Amazônia.	CNN BRASIL (2023). Disponível em https://www.cnnbrasil.com.br/na cional/helder-barbalho-vai- convidar-o-rei-charles-iii-para- visitar-amazonia-e-apoiar- cop30-em-belem/. Acesso em: 15 mar.2023.
Fevereiro/2023	Fundo Amazônia retoma a conexão com parceiros internacionais. O governador do Pará falou no apoio prometido e obtido junto a países como Alemanha, Estados Unidos e Noruega. O Fundo Amazônia tem o foco de, como suporte financeiro, promover ações preventivas para a manutenção do bioma da região	CNN BRASIL (2023). Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/na cional/fundo-amazonia-ja-esta- recebendo-sinalizacao-de- grandes-parceiros-diz-helder-barbalho/. Acesso em: 15 mar.2023.

Março/2023	Governador do Pará recebeu a ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva (Rede-SP), para o reforço de parcerias entre o Pará a União, no contexto das demandas amazônicas – como a retomada da vocação regional e o enfrentamento das ilegalidades ambientais	PORTAL SEMAS (2023). Disponível em: www.semas.pa.gov.br/2023/03/ 07/governador-helder-barbalho- recebe-ministra-do-meio- ambiente-para-reforcar- parcerias-entre-estado-e-uniao/. Acesso em: 15 mar.2023.

FONTE – autoria própria, a partir da compilação cronológica de dados e notícias

Considerando os nove eventos e movimentos elencados na Tabela 1, percebe-se como o governador paraense pautou e pauta várias de suas ações vinculadas às questões da região amazônica e representatividade da Amazônia nos espaços brasileiros e globais. E com este movimento procura aliar o poder da marca Amazônia a sua imagem política e pessoal. O enfrentamento à pandemia e o título de "Rei do Norte

Um outro ponto importante dessa consolidação da liderança de Helder Barbalho no cenário amazônico foi a questão do enfrentamento da pandemia de COVID-19. A crise pandêmica global foi oficializada em março de 2020, a partir da manifestação da Organização Mundial da Saúde (OMS). Marques, Oliveira e França Neto (2022) reforçam a dimensão planetária da crise sanitária, capaz de modificar relações, posturas e prioridades das diferentes sociedades e das autoridades públicas.

Ainda em 26 de março de 2020, quase todos os chefes de executivos estaduais do Brasil elaboraram um documento solicitando apoio ao então presidente da República, Jair Bolsonaro, para uma ação coordenada de enfrentamento da pandemia de Covid-19. Todavia, Bolsonaro optou por uma ação de boicote às medidas restritivas, como o distanciamento físico, o uso de máscaras, e defendeu, progressivamente, o uso de medicamentos de ineficácia comprovada para a Covid-19, como a cloroquina e a hidroxicloroquina (MARQUES, 2022). A postura negacionista do então presidente da República se observou em vários níveis e causou muitos prejuízos ao país. Os governadores evocaram o pacto federativo e a divisão de responsabilidades entre União, estados e municípios diante da crise pandêmica (PORTAL EL PAIS, 2020).

Ao lado do governador paulista João Dória (PSDB-SP), Helder Barbalho passou a liderar a ação dos estados da região Norte para a busca de recursos no enfrentamento da pandemia e na corrida pelas vacinas – por vezes, até negociando diretamente com outros países. Helder passou a ser o principal interlocutor dos governadores amazônidas para tratar das demandas comuns em relação à temática.

Um certo antagonismo travado entre alguns governadores e o presidente da República, durante momentos críticos da pandemia, gerou aspectos imagéticos: enquanto Jair Bolsonaro era tido por seus apoiadores como um mito, como um líder inconteste (RANDAZZO, 1997), o governador Helder Barbalho passou a ser chamado pelos paraenses e por moradores de outros estados amazônicos como o "Rei do Norte". A alcunha é uma brincadeira (FIG 2), que gerou vários memes nas redes sociais, mesclando a imagem de Helder Barbalho à de Jon Snow, o "rei do norte" na série internacional de muito sucesso *Game of Thrones*. Mesmo em tom de paródia, há uma ênfase aopapel de referência ocupado por Helder Barbalho no contexto regional e no enfrentamento da Covid- 19.

FIGURA 2 – Meme Helder Barbalho como o "Rei do Norte" FONTE – Meme da internet, do perfil de paródia "Helder, Rei do Norte" no Facebook.Disponível em: https://www.facebook.com/helderreidonorte/. Acesso em: 10 mar.2023.

Assim, Helder também obteve destaque regional nesse contexto, reforçando a necessidade da equação entre salvar vidas e o funcionamento da economia, além de ir buscar pessoalmente lotes de vacinas, a partir de sua distribuição em nível nacional, a partir de janeiro de 2021.

5. O USO DAS PLATAFORMAS DIGITAIS POR HELDER BARBALHO E A AMAZÔNIA

Uma das características muito evidentes dessas interações de Helder Barbalho a respeito da Amazônia e no processo político-midiático é o uso das plataformas digitais. Aqui, em especial, destacam-se as ações de Helder nas duas mídias e redes sociais em que ele é mais ativo – o *Instagram* e o *Twitter*. bilhão e 400 milhões de usuários no mundo todo (OFICINA DA NET, 2023). A plataforma garante uma comunicação direta, rápida, interativa e reforça conexões. No caso específico do governador paraense, ele aproveita muito bem as ferramentas no *feed*, *posts*, *stories* e *reels* e usa o seu perfil próprio (www.instagram.com/helderbarbalho) para postar conteúdos pessoais, de forma descontraídas, mas também para prestar contas à sociedade paraense e amazônica.

Na checagem feita em 19 de março de 2023, Helder Barbalho tinha 609 mil seguidores no *Instagram*, com mais de 10 mil publicações (FIG 3).

FIGURA 3 – Página inicial do perfil de Helder Barbalho no *Instagram*
FONTE – Captura de tela do *Instagram*. Acesso em: 19 mar.2023.

No contexto da marca Amazônia, ele comumente posta sobre o tema, mostrando suas ações dentro de sua agenda pública – e enfatizando a agenda para a região (FIG 4). No *reels* em questão, postado em 13 de março de 2023, Helder enfatiza que as cidades paraenses não estão entre as que mais desmatam a Amazônia, colando a sua imagem pessoal, a sua gestão e a temática da região. O texto de apresentação diz: “Apaixonado pelo Pará e pela nossa gente. Sou governador do Pará, reeleito com mais de 70% dos votos. O governador mais votado do Brasil”.

FIGURA 4 – Postagem de vídeo intitulado "Preservação ambiental é prioridade" no perfil deHelder no *Instagram*
FONTE – Captura de tela do *Instagram*. Acesso em: 19 mar.2023.

O Twitter tem mais de 436 milhões de usuários no mundo (OFICINA DA NET, 2023). No *microblog*, o perfil de Helder Barbalho (https://twitter.com/helderbarbalho) tem o mesmo texto de apresentação da página dele no *Instagram*. Ele possuía 193.628 seguidores, quando foi visitada a conta, em 19 de março de 2023 (FIG 5). Até esta data, ele já tinha feito 47.300 *tweets*.

FIGURA 5 – Página inicial do perfil de Helder Barbalho no *Twitter*
FONTE – Captura de tela do *Twitter*. Acesso em: 19 mar.2023.

Em relação à Amazônia, trata-se de um tema recorrente. Em um *post* de 18 de março de 2023 (FIG 6), ele fala sobre um encontro com um grupo de defensores da floresta viva, no contexto da preservação da biodiversidade amazônica.

FIGURA 6 – Post de Helder Barbalho no *Twitter* sobre temas amazônicos FONTE – Captura de tela do *Twitter*. Acesso em: 19 mar.2023.

Ao usar as redes sociais quantitativa e qualitativamente o *Instagram* e o *Twitter*, entre outros canais de mídia, Helder Barbalho reforça sua posição política e cria mecanismo de conexão com os eleitores-cidadãos do Pará, da Amazônia, do Brasil e do

mundo.

6. SLOGAN “BORA TRABALHAR!” E PROPAGANDA INSTITUCIONAL

O governador Helder Barbalho tem pautado suas manifestações muito focadas na propaganda institucional e na construção de comunicações que gerem uma agendapositiva junto ao público. Na campanha eleitoral de 2018, a sua equipe reiterou o slogan de sua candidatura, que acabou vitoriosa: “Helder presente, cuidando da gente”. A ideia era mostrar o conhecimento da realidade dos 144 municípios paraenses – e que ele faria questão de estar em cada um desses espaços. Já no pleito de 2022, na busca pela reeleição – que também teve sucesso –, a campanha utilizou os motes “Helder de novo” e “Pra seguir em frente, Helder novamente”.

Com grande presença nas peças de propaganda do governo e circulando pelos meios de comunicação, Helder também acabou desenvolvendo outros recursos retóricos. Um deles é uma fala muito comumente usada em seus vídeos, com linguagem coloquial e facilmente compreendida por diferentes parcelas do público, como um convite ou uma exortação: “Bora trabalhar!”. A fala pode ter um tom de pergunta ou de incentivo e fez tanto sucesso. O termo “trabalho” já havia sido utilizado outrora pelo senador Jáder Barbalho, quando este foi governador do Pará, em seus segundo mandado (1990-1994): o substantivo comum “trabalho” guardava uma sonoridade similar com o substantivo próprio e sobrenome da família – “Barbalho”.

A rede de supermercados Líder, uma empresa paraense, passou a comercializar camisas de diferentes cores com o slogan (imagem 7), o que acaba contribuindo ainda mais com a popularidade do governador Helder Barbalho.

Imagem 7: Camiseta "Bora trabalhar!"
Fonte: autoria própria

O uso de marketing da propaganda institucional, é fundamental para promover ações e estratégias de divulgação de marcas, produtos e serviços bem como de pessoas e de políticos, principalmente, no caso do governador Helder Barbalho, ela é usada como forma de criar um diferencial político-midiático junto a concorrência, ao propor temas voltados para a realidade atual da Amazônia e do Brasil.

Vale ressaltar que uma das principais características da propaganda institucional não é gerar lucros financeiros, mas o de divulgar, ou melhor propagar, mensagens na busca de apoio da sociedade e da comunidade para as ideias propostas e as ações que devem ser realizadas e a apoiadas pela população em geral ou um determinado grupo social.Portanto, na divulgação massiva das suas ideias e das suas imagens o uso da retórica como forma de convencer os cidadãos e persuadir os cidadãos para tomarem parte nas ações práticas para a implementação das ideias propostas, o uso da retóricaé parte fundamental para alcançar os objetivos, no caso, políticos. Por isso, "Bora Trabalhar" como propõe o slogan, o bordão enfaticamente dito e repetido pelo governador-midiático Helder Barbalho.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, à guisa de conclusões, considerando-se tudo o que foi exposto na presente pesquisa, é possível apresentar quatro importantes eixos. O período analisado compreende o primeiro semestre de 2019 e o primeiro semestre de 2023.

O primeiro ponto é como Helder Barbalho, com o suporte de seus familiares que mantêm cargos políticos importantes, expandiu a visibilidade da marca Amazônia, reforçou as peculiaridades regionais e ampliou os campos de debates a respeito do tema. Não à toa, ganhou a alcunha de “Rei do Norte”, tamanha foi sua liderança política e presença nos ambientes midiáticos, no Brasil e no exterior.

Ao mesmo tempo, como segunda questão, Helder abraçou a agenda amazônica e a colocou em discussão em vários ambientes, ressaltando a necessidadede debates a respeito da floresta em pé, o combate ao efeito estufa, o desenvolvimento sustentável e a bioeconomia.

Um terceiro ponto que pode ser identificado é a questão da comunicação política de Helder Barbalho, com o uso as plataformas digitais para amplificar falas públicas, além da própria propaganda institucional.

Assim, o governador do Pará fortaleceu suas relações ao poder junto ao governo federal, em especial a partir da assunção ao executivo federal do presidente Lula, em janeiro de 2023; ao mesmo tempo, Helder ganhou espaço de contato nos organismos internacionais e em espaços eventos que tratam das questões ambientais e da Amazônia.Destarte, a partir dos objetivos propostos nesse artigo, foi possível fazer uma reflexão sobre a marca Amazônia a partir dos seus valores e de sua representatividade. E, ao mesmo tempo, observaram- se as relações de poder político- midiático, a partir dos movimentos do governador paraense.

REFERÊNCIAS

AAKER, David; JOACHIMSTHALER, Erich. *Como construir marcas líderes*. São Paulo, Bookman, 2009.

AGÊNCIA AMAZÔNIA (2023). Disponível em https://aamazonia.com.br/governador-do- para-helder-barbalho-assume-consorcio-em-defesa-da-amazonia-legal/. Acesso em: 28 fev.2023.

*AGÊNCIA PARÁ (*2019). Disponível em: https://agenciapara.com.br/noticia/15729/para- cria-o-fundo-da-amazonia- oriental-para-o-desenvolvimento-sustentavel-da-regiao.
Acesso em: 28 fev.2023.

AMARAL FILHO, Otacílio. *Marca Amazônia: o marketing da floresta*. Curitiba: CRV, 2016. BARBALHO, Helder (2023). Perfil no Instagram. Disponível em: www.instagram.com/helderbarbalho. Acesso em: 19 mar.2023.

BARBALHO, Helder (2023). *Perfil no Twitter*. Disponível em: https://twitter.com/helderbarbalho. Acesso em: 19 mar.2023.

BARBALHO, Jáder (2019). Disponível em http://jaderbarbalho.com.br/fundo-amazonia/.Acesso: em 20 fev.2023.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CÂMARA DOS DEPUTADOS (2023). Disponível em www.camara.leg.br/deputados/74075/biografia. Acesso em 18 mar.2023.

CARTA CAPITAL (2023). Disponível em: www.cartacapital.com.br/politica/jader-filho-assume-o-ministerio-das-cidades-e-anuncia-retomada-urgente-do-minha-casa-minha-vida/. Acesso em 20fev.2023.

CNN BRASIL (2023). Disponível em https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/helder-barbalho-vai-convidar-o-rei- charles-iii-para-visitar-amazonia-e-apoiar-cop30-em- belem/. Acesso em: 15 mar.2023.

CNN BRASIL (2023). Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/fundo-amazonia-ja-esta-recebendo-sinalizacao-de-grandes-parceiros-diz-helder-barbalho/.
Acesso em: 15 mar.2023.

HILLER, Marcos. *Branding: a arte de construir marcas.* São Paulo: Trevisan, 2012.

KOTLER, Philip. *Administração de marketing.* 10. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

MARQUES, Rodolfo Silva. Sociedade Civil, crise política e pandemia no Brasil: proteção social e negacionismo em debate. In: BRAGA, Daniel L. S. (Org.). *Reflexões e Inovações Nacionais no século XXI em Ciências Humanas e Sociais.* Florianópolis: Instituto Scientia, v. 1, p. 350-362, 2022.

MARQUES, Rodolfo Silva; OLIVEIRA, Ivana Cláudia Guimarães; FRANÇA NETO, Mário Camarão. Desinformação e Covid-19: uma visão interdisciplinar da Comunicação Política.*Revista de Estudos Interdisciplinares*, 4(1), 68-83, 2022.

MARQUES, Rodolfo; OLIVEIRA, André; OLIVEIRA, Ivana. Os governos de Helder Barbalho (MDB) no Pará: liderança política e formação de supermaiorias legislativas*. Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política*. Volume 20, número 1, janeiro a abril de 2023.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX:* o espírito do tempo. 11. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2018.

NEXO JORNAL (2020). Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2020/11/21/%E2%80%98A-estrutura-pol%C3%ADtica-no-Brasil-se-confunde-com-genealogias-e-fam%C3%ADlias%E2%80%99. Acesso em: 15 mar.2023.

OFICINA DA NET (2023). Disponível em: www.oficinadanet.com.br/post/16064-quais-sao-as-dez-maiores-redes-sociais. Acesso em: 15 mar.2023.

PEREZ, Clotilde. *Signos da marca: expressividade e sensorialidade.* 2. ed. São Paulo:Cengage Learning, 2017.

PORTAL DOL (2021). Disponível em: https://dol.com.br/noticias/politica/680909/cop-26-helder-barbalho-segue-para-conferencia-na-escocia?d=1. Acesso em: 28 fev.2023.

PORTAL EL PAIS (2020). Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-26/governadores-pedem-ajuda-de- bolsonaro-para-conter-crise-e-dizem-que-continuarao-seguindo-a-ciencia.html. Acesso em: 15 mar.2023.

PORTAL G1 (2018). Disponível em: https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/pa/apuracao/governador.ghtml. Acesso em:20 fev.2023.

PORTAL G1 (2021). Disponível em: https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2021/10/17/belem-sedia-o-forum-mundial- de-bioeconomia.ghtml. Acesso em: 28 fev.2023.

PORTAL G1 (2022). Disponível em: https://g1.globo.com/pa/para/eleicoes/2022/noticia/2022/10/02/helder-barbalho-do-mdb-e-reeleito-no-primeiro-turno-governador-do-para.ghtml. Acesso em: 20 fev.2023.

PORTAL G1 (2022). Disponível em: https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2022/11/16/lula- recebe-carta-clima-bioeconomia-amazonia-helder-barbalho-cop-27.ghtml. Acesso em: 28 fev.2023.

PORTAL G1 (2023). Disponível em: https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2023/03/15/daniela- barbalho-esposa-de-governador-aprovada-para-cargo-com-salario-de-r-35-mil.ghtml. Acessoem: 15 mar.2023.

PORTAL IBGE (2021). Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/. Acesso em: 20 dez.2022.

PORTAL SEMAS (2023). Disponível em: www.semas.pa.gov.br/2023/01/11/belem-e- oficializada-como-sede-brasileira-

para-receber-a-cop-30/. Acesso em: 28 fev.2023.

PORTAL SEMAS (2023). Disponível em: www.semas.pa.gov.br/2023/03/07/governador-helder-barbalho-recebe-ministra- do-meio-ambiente-para-reforcar-parcerias-entre-estado-e-uniao/. Acesso em: 15 mar.2023.

RANDAZZO, Sal. *A criação de mitos na Publicidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ROCHA, Everardo. *Representações do consumo: estudo sobre a narrativa publicitária.* Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Mauad, 2006.

SANTOS, Luiz Cezar. Uma publiCIDADE amazônica como signo do consumo contemporâneo. *Signos do Consumo*, São Paulo, v. 13, n. 2, jul./dez. p.1-11. 2021.

TORQUATO, Gaudêncio. *Novo manual de marketing político*. São Paulo: Summus, 2014.

YOUTUBE (2023). Canal do Portal O Liberal. *Discurso de posse de Helder Barbalho:Discurso de posse – cerimônia de posse do governador Helder Barbalho e da vice- governadora Hana Ghassan*. Disponível em www.youtube.com/watch?v=0Og7gSizDZs. Acesso em: 20 fev.2023.

AÇÃO INOVADORA PARA O ENSINO DAS ARTES VISUAIS: A CRIAÇÃO DE VÍDEOLOG POR ALUNOS DO 9º ANO[1]

INNOVATIVE AÇÃO FOR THE TEACHING OF THE VISUAL ARTS: THE VÍDEOLOG CREATION BY 9º YEAR STUDENTS

ACÓN INNOVADORA PARA LA ENSEÑANZA DE LAS ARTES VISUALES: LA CREACIÓN DE VIDEOLOG POR ALUMNOS DE 9º GRADO

Diorlete Ferreira da Silva Vieira[2]

Resumo: O artigo discorre sobre as importantes contribuições dos recursos digitais, por meio do processo de midiatização das práticas pedagógicas, como também na possibilidade do uso da tecnologia em auxiliar o processo ensino/aprendizagem. Objetiva-se analisar o processo de ensino aprendizagem, em uma turma do 9º ano, durante a produção de um vídeo como ferramenta pedagógica no componente curricular Arte. A metodologia da pesquisa é de cunho bibliográfica e observação participante. Para tanto, os pressupostos teóricos deste trabalho são: Barbosa (2002); Barbosa (2014); Hjarvard (2012); Kensky (2003); Lemos (2021); Moraes (2006) e Moran (2000). Quanto a sua organização, são descritas a inserção do componente curricular arte no mundo tecnológico, com base nas propostas da BNCC. A descrição de metodologias tecnológicas que vem possibilitar um contexto artístico inovador. Portanto, em uma constante evolução em que articula os pensamentos, a criatividade, o conhecimento e as diferentes formas de aprendizagem.

Palavras-chave: Tecnologias digitais; Ensino; Arte; Vídeo.

Abstract: This article discusses the important contributions of digital resources, through the process of mediatization of pedagogical practices, as well as the possibility of using technology to help the teaching/learning process. The objective is to analyze the teaching-learning process, in a 9th grade class, during the production of a video as a pedagogical tool in the Art curricular component. The research methodology is bibliographic and observation of the participants involved. Therefore, the theoretical assumptions of this work are: Barbosa (2002); Barbosa (2014); Hjarvard (2012); Kensky (2003); Lemos (2021); Moraes (2006) and Moran (2000). As for its organization, the insertion of the art curriculum component in the technological world is described, based on the proposals of the BNCC. The description of technological methodologies that enable an innovative artistic context. Therefore, in a constant evolution in

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho COMUNICAÇÃO DIGITAL E INDÚSTRIA CRIATIVA do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Licenciada e Bacharela em Artes Visuais e Tecnologia da Imagem, pela universidade da Amazônia-UNAMA, Mestranda em Comunicação, Linguagens e Cultura no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura (PPGCLC), na mesma instituição. E-mail: diorsilva@yahoo.com.br. ORCID: https://orcid.org/0009-0003-3288-2669.

which it articulates thoughts, creativity, perception, knowledge and different forms of learning.

Keywords: Digital Technologies; Teaching; Art; Video

Resumen: Este artículo discute las importantes contribuciones de los recursos digitales, a través del proceso de mediatización de las prácticas pedagógicas, así como la posibilidad de utilizar la tecnología para auxiliar el proceso de enseñanza/aprendizaje. El objetivo es analizar el proceso de enseñanza-aprendizaje, en una clase de 9no grado, durante la producción de un video como herramienta pedagógica en el componente curricular de Arte. La metodología de investigación es bibliográfica y de observación de los participantes involucrados. Por tanto, los supuestos teóricos de este trabajo son: Barbosa (2002); Barbosa (2014); Hjarvard (2012); Kensky (2003); Lemos (2021); Moraes (2006) y Morán (2000). En cuanto a su organización, se describe la inserción del componente curricular de arte en el mundo tecnológico, a partir de las propuestas de la BNCC. La descripción de metodologías tecnológicas que posibilitan un contexto artístico innovador. Por tanto, en una constante evolución en la que se articulan pensamientos, creatividad, percepción, conocimiento y diferentes formas de aprendizaje.

Palabras clave: Tecnologías Digitales; Enseñanza; Arte; Vídeo

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de uma metodologia tecnológica que possibilita um contexto artístico inovador, no que diz respeito ao ensino/aprendizagem do componente curricular arte. A inquietação ocorre por conta de que temos a contribuição das tecnologias digitais inserida na nova proposta curricular do componente curricular Arte, por isso, o trabalho se torna um desafio por termos que adequar e adaptar as diferentes necessidades para que consigamos alcançar o maior número de alunos ao utilizar o processo da midiatização da prática pedagógica.

Para tanto, cada recurso utilizado gera uma maneira diferenciada de ser trabalhada, pois é necessário levar em consideração a limitação de cada um, em alguns casos há a necessidade de uma adaptação, para que o aprendiz possa se envolver nas atividades realizadas em sala de aula e fora dela. No contexto atual, além da forma tradicional de desenvolver tais atividades e aprendizagens desses alunos, podemos contar com o auxílio das tecnologias digitais que vai desde o uso de *Apps, tablets* e celulares.

Nesse sentido, devido ao vasto número de variáveis e características desses alunos, nessa pesquisa coloca-se em questão as contribuições da tecnologia como uma ferramenta auxiliar no ensino/aprendizagem dos indivíduos em contexto de ensino. Daí, apresenta-se como objetivo principal analisar o processo ensino/aprendizagem em uma turma do 9º ano, durante a produção de um vídeo como ferramenta pedagógica no componente curricular Arte.

Concomitante a isso, as tecnologias digitais tem sido uma das estratégias mais eficazes no desenvolvimento intelectual e educacional dos alunos inseridos no mundo digital, além de promover sua inclusão em um universo, em sua maioria, totalmente novo. Para isso, precisa-se também pesquisar as ações metodológicas que venham dar conta da mediação das tecnologias digitais e dos alunos no contexto escolar e social. Em acordo com Moraes (2006, p. 88) “as mediações como processos estruturantes que provêm de diversas fontes, incidindo nos processos de comunicação e formando as interações comunicativas dos atores sociais.” É essa a constante busca para inovações, na perspectiva tecnológica, em ensinar os objetos de conhecimentos do componente curricular Arte.

Consequentemente, de forma atualizada e contextualizada, ao ter como base as propostas da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), o ensino da Arte a partir da midiatização busca nas tecnologias digitais desenvolver suas atividades educativas ao utilizar-se das ferramentas disponíveis, principalmente, nos celulares. Para tanto, o foco principal é descrever uma metodologia tecnológica que possibilita um contexto artístico inovador no ensino da arte.

Dessa forma, enfatiza-se a observação dessa metodologia tecnológica a produção de um vídeo por alunos do 9º ano do ensino fundamental II, e como o experimento dessa nova prática vem apresentar mais possibilidades para o processo do ensino/aprendizagem. Callegaro (2002, p. 146) justifica que “a arte nesse processo é estudada e construída na prática da linguagem, na interação com o outro, no ato, por meio de experiências artísticas coletivas” o que vem transforma-la em algo mais satisfatório e prazeroso, métodos que visam o fortalecimento das habilidades dos alunos, como por exemplo, a cooperação, a colaboração e interação.

2. A MIDIATIZAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM NO COMPONENTE CURRICULAR ARTE

Ao observar as constantes mudanças que vem ocorrendo em nosso mundo tecnológico e as praticidades que esse evento nos traz, não é difícil constatar a contribuição positiva referente as tecnologias digitais como auxiliar na área da educação, especificamente no componente curricular Arte, na construção de possibilidades tecnológicas e levando em conta as limitações de cada alunado. Para Barbosa (2002) a arte por computador, integrações perceptivas, são possibilidades que farão com que o ensino da Arte tenha como suporte a presença da tecnologia, efetuando uma transmutação na forma tradicional de ser ministrada "a convivência com os meios eletrônicos e com os tradicionais: do lápis ao *mouse'* (BARBOSA, 2002, p. 23), ou seja, a midiatização do ensino no componente curricular Arte, e o acompanhamento das transformações. Segundo Moran, é o equilíbrio do presencial e o virtual que "podemos tentar a síntese dos dois modos de comunicação: o presencial e o virtual, valorizando o melhor de cada um deles." (MORAN, 2000, p.57)

Mas a arte inserida no século XXI é exigente, e obriga um professor conhecedor e sabedor, um alunado com uma percepção mais ou menos clara do processo. Moran afirma que "se temos dificuldades no ensino presencial, não as resolveremos com o virtual" (2000, p. 57). É a integração da tecnologia, o acompanhamento das transformações e mudanças na maneira de ensinar e aprender, o mesmo acontece com o componente curricular arte ao se tratar de atualizações do processo de ensino/aprendizagem. Moran (2000, p. 56) afirma que "haverá uma integração maior das tecnologias e das metodologias de trabalhar com o oral, a escrita e o audiovisual".

Entretanto, o primeiro momento a se pensar em uma nova abordagem para o componente curricular Arte foi aproximadamente nos anos 90, discutia-se um ensino das artes como principais mudanças na direção transformadora da disciplina e consequentemente no lugar em que ela ocupava na área da educação, que vinha a ser a reformulação curricular da disciplina, fazendo com que surgisse novas posturas pedagógicas em planos diferentes, com discussões e ações que foram acontecendo na medida em que profissionais da educação, principalmente – arte/educadores - impulsionaram-se solicitando um compromisso maior do estado para a inclusão da disciplina na grade curricular das escolas.

Segundo Barbosa (2014), "nós chegamos a 1989 tendo arte/educadores com

uma atuação bastante ativa e consciente, mas com uma formação fraca e superficial no que diz respeito ao conhecimento de arte/educação e de arte". (BARBOSA, 2014, p. 15).

Barbosa vem enfatizar a importância de colocar a cultura escolar conectada as novas transformações impostas por novas abordagens e objetos de conhecimentos, sendo necessárias, próximas e presentes em nossa sociedade, mas são imposições naturais, para transformar, produzir e transmitir informações com o uso da tecnologia. Inúmeras são as transformações sofridas na área da educação, enfatizando principalmente a importância que a mesma possui em nossas vidas. O fato é que, obrigatoriamente temos que acompanhar essas transformações e procurar a melhor forma de adequá-las a uma nova sala de aula, uma sala de aula interativa, mais colaborativa e mais participativa em um meio parcial ou totalmente virtual. Segundo Lemos:

> Assim, não há na internet comunicação virtual, mas "comunicação mediada por computadores", não há reunião virtual, mas "reunião realizada pela internet", não há educação virtual, mas "processos pedagógicos mediados por computadores". (LEMOS, 2021)

No ensino das artes visuais, essas transformações são um dos elementos mais importantes no que se refere as mudanças em pleno século XXI, por proporcionar uma nova maneira de educar e aprender, como diz um dos pilares da LDB (Lei de Diretrizes e bases), "aprender a aprender", remetendo o aluno em alguns momentos, a um mundo de intensas informações. Segundo Kensky (2003) "o tempo e o espaço fenomênicos de exposição. Eles representam, portanto, um outro tempo, um outro momento, revolucionário, na maneira humana de pensar e de compreender" (KENSKY, 2003, p.38).

Essa nova maneira de ensinar e aprender torna em alguns momentos as informações e os meios em que elas estão inseridas mais complexas, até mesmo difícil de ser compreendida e, algumas vezes, incompreensíveis. Segundo Moran, deve-se a uma primeira etapa de deslumbramento diante de tantas possibilidades que a internet oferece. (MORAN, 2000, p. 52)

Segundo a BNCC e sua nova proposta para o ensino da Arte, enfatiza- se no novo componente curricular as 10 competências gerais do conhecimento, pensamento científico, crítico e criativo, repertório cultural, comunicação, cultura digital, trabalho e projeto de vida, argumentação, autoconhecimento e autoajuda, empatia e cooperação e responsabilidade e cidadania. A BNCC foi decretada no

Conselho Nacional de Educação/CP n.2 no dia 22 de dezembro de 2017, tornando-se o resultado de um encandeamento de argumentos relacionados com a esfera pública, mas reuniu diferentes versões antes de chegar ao seu resultado final. Ao utilizar esse documento, o Brasil passou a definir aprendizagens essenciais a que todos os estudantes do país possam praticar, experimentar e referir no decorrer da Educação Básica. Segundo Moran (2000, p.32) “é importante diversificar as formas de dar aula, de realizar atividades, de avaliar”. Logo o objetivo da BNCC abrange um referencial para a formulação dos currículos em todas as esferas da rede pública e privada ordenando políticas e ações para subsidiar a Educação Básica.

Destarte, parte-se do princípio da Cultura Digital em que Moran (2000, p. 32) argumenta, “Não se trata de dar receitas, porque as situações são muito diversificadas”, mas que os professores principalmente se sintam confortáveis em usar essa cultura digital e mais ainda, possam adequá-las as novas práticas pedagógicas, que de acordo com a BNCC, as tecnologias digitais são usadas como ferramentas artísticas utilizando-se da temática Artes Integradas, tendo como objeto de conhecimento Arte e Tecnologia e a habilidade (EF15AR26) que propõem explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografias, softwares, etc.) no processo de criação artística.

O intuito é acompanhar uma tendência histórica, visto que a produção cultural moderna se acostumou a vivenciar enormes avanços e com as transformações acontecendo estão sempre em substituição por outros que, em grande parte não se abandona o já existente, mas o complementamos para que tenham uma continuidade nesse processo tecnológico. A respeito do conceito de sociedade moderna contemporânea, avanços e transformações Hjarvard (2012) argumenta sobre essas diferentes abordagens “uma teoria sobre a importância dos meios de comunicação para a cultura e a sociedade já não é uma possibilidade interessante, mas uma necessidade absoluta”. (HJARVARD, 2012, p. 88)

O fundamental nessa relação entre Alunos - Sociedade - Tecnologias Digitais - é o entendimento claro e a aplicação adequada de suas técnicas e princípios educativos, para que esses auxiliares possam contribuir de forma positiva no ensino/aprendizagem e na vida em sociedade desse aluno. Portanto, a organização de atividades sob recursos pedagógicos é um avanço que vem se espalhando sobretudo nas grandes capitais brasileiras. O computador, os celulares, os *Apps* (forma abreviada do inglês *application*) representam uma nova possibilidade de

criação ainda em expansão. O uso desses recursos tecnológicos como ferramenta para criar é resultado da escolha do professor e de seu alunado. Portanto, cabe as escolas fazerem uso desses recursos, não como mera ferramenta, mas como um auxílio do conhecimento.

Essa nova metodologia tecnológica que se fixaram no universo do componente curricular de Arte nos vem possibilitar experimentações artísticas inovadoras, e de que o mundo está conectado.

> A crescente complexidade dos territórios na interação mediada testemunha um efeito geral da midiatização: a virtualização de instituições sociais. Antes, as instituições eram mais ligadas a lugares específicos: a política ocorria no parlamento, na prefeitura e em salas de reunião; a educação ocorria nas escolas e universidades; a arte era apresentada no palco e nos museus e galerias. Como consequência da intervenção dos meios de comunicação, os indivíduos podem participar de e juntar-se a diferentes instituições sociais, independentemente de sua localização física [...]. (HJARVARD, 2012, p.82).

Os alunos devem saber que a era tecnológica funciona também para obter conhecimentos pedagógicos. A indústria da tecnologia segundo estudos pode se tornar viciante, e em determinado momento também uma ilusão, abrindo um caminho sem rumo, mas com um trabalho educativo podemos mudar essa realidade, e também a nós mesmos, sendo uma responsabilidade moral mudar essa realidade em que o jovem de hoje vive, quando se trata, principalmente do uso do celular.

Ademais, possibilitar aos alunos propostas pedagógicas que insiram ferramentas digitais no processo de ensino/aprendizagem, leva-nos a ter um ensino de qualidade e mais agradável. São mudanças necessárias no contexto educacional revelando novas formas de pensar o método tradicional, de pensar e fazer o ensino da Arte, submetendo a maneira de ensinar as transformações estruturais na maneira de aprender. As tecnologias de informação e comunicação podem nos proporcionar essa mudança, fazendo com que nossas ações em ensinar sofram alterações positivas no modo de pensar e de representar a educação escolar do século XXI.

Com as ferramentas digitais o alunado não apenas dispõe de novos conhecimentos, como também podem interagir com diferentes raças, culturas, entre outros. O certo que no ensino tradicional o que se deslocava era o aluno, com a cultura digital o que se desloca é a informação, e os ensinamentos eram dispostos

em graus aos alunos, sendo estabelecidos e com finais definidos. Os alunos inseridos nesse mundo tecnológico têm mudanças perceptíveis e graduais no seu próprio comportamento e a percepção do que é positivo ou negativo passa a ter importância para eles.

O aluno que tem acesso a esse espaço da Cibercultura em que informações são acessadas em um processo dinâmico e interativo com o mundo que o cerca, pode estudar, e até mesmo se entreter se adaptando da melhor maneira com seus conhecimentos e estratégias adaptativas, a partir de suas iniciativas e interesses, e do estímulo que recebe em sala de aula. Por exemplo, *Google*, *Facebook* são ferramentas desse universo cibernético em que podemos acompanhar uma gama de informações. Os alunos perante a essas redes tecnológicas ficam muito ocupados em uma interação veloz, devido a grande quantidade de informação existentes. E o professor deve apresentar estratégias pedagógicas cada vez mais interessantes para mantê-los conectados aos conhecimentos que se voltam ao componente de Artes. Assim:

> [...] uma expansão das oportunidades para a interação em espaços virtuais e uma diferenciação do que as pessoas percebem como sendo real. Seguindo esse critério, as distinções como aquelas entre global e local tornam-se muito mais diferenciadas, já que os meios de comunicação expandem nosso contato com os eventos e fenômenos no que, outrora, eram lugares distantes. (HJARVARD, 2012, p. 62).

Essa conexão arte/tecnologia se torna primordial nos dias de hoje para os alunos e essa conexão só é possível devido ao trabalho consciente do professor, na busca constante de práticas pedagógicas que tenham os recursos tecnológicos como um auxiliar no processo de ensino/aprendizagem, contudo, em primeira instância é preciso verificar o objeto de conhecimento mais adequado para a midiatização do ensino e em seguida adaptar a melhor possibilidade que a tecnologia nos oferece que nesse caso é o aparelho celular com seu recurso digital vídeo.

Nesse ínterim, quando “apertamos” uma possibilidade disponível nesse recurso, sempre aparece alguma informação nova, esse processo possibilita o aluno padronizar suas atividades com recursos pré-programados para realizar determinadas ações, e ao mesmo tempo não se tem previsão do resultado, já que podem alterar, modificar e interagir quando e onde quiser. Entretanto suas ações resultam em novas sequencias de acessos e seus resultados desenvolvem

características positivas na sua interação com os recursos digitais.

Em vista de tais informações apresentadas acima, temos os objetivos desta pesquisa:

Objetivo Geral

- Analisar o processo ensino aprendizagem em uma turma do 9º ano, durante a produção de um vídeo como ferramenta pedagógica no componente curricular Arte.

Objetivos Específicos

- Incentivar o uso dos recursos digitais, principalmente o vídeo, como uma ferramenta pedagógica.
- Desenvolver atividades que tenham a tecnologia como uma auxiliar no processo de ensino/aprendizagem.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica, devido o entendimento que:

> Pesquisa bibliográfica, num sentido amplo, é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões [...]. (DUARTE E BARROS, 2006, p. 51).

O roteiro para a escrita e descrição das atividades com o uso da tecnologia, deu-se por meio da observação participante, segundo Duarte e Barros (2006):

> A pesquisa participante implica:
> a) a presença constante do observador no ambiente investigado, para que ele possa “ver as coisas de dentro”;
> b) o compartilhamento, pelo investigador, das atividades em grupo ou do contexto que está sendo estudado, de modo consistente e sistematizado - ou seja, ele se envolve nas atividades, além de co-vivenciar “interesses e fatos”;
> c) a necessidade, segundo autores como Mead e Kluckhohn, de o pesquisador “assumir o papel do outro” para poder atingir “o sentido de suas ações” (HAGUETE, 1990, p.63). (DUARTE; BARROS, 2006, p 126).

3.1- Descrição da atividade tecnológica em um contexto inovador

A aula foi ministrada no formato presencial, com atividades que fazem uso de celulares dos próprios alunos, e também o recurso digital vídeo como ferramenta

pedagógica, com as turmas do 9º ano realizada na escola Aloysio da Costa Chave. A escola está situada em uma região periférica do município de Barcarena Pará, alunos que possuem pouco poder aquisitivo de seus responsáveis, que necessitam de ônibus escolar, bicicleta e até mesmo a pé, para chegarem até à escola. A mesma possui um quantitativo de 30 professores, 19 salas de aula, sendo uma específica nomeada de sala multimídia, climatizada, composta de 11 computadores, 03 datas show, 01 caixa amplificada, 01 microfone, cabo de som, cabo HDMI e 01 extensão.

Em suma, a sala de aula tradicional é simples, muito quente, a central de ar não funciona, tem dois ventiladores pequenos que não ventilam adequadamente o espaço, cadeiras e mesas, na maioria das vezes não comportam a demanda dos alunos, assim, os mesmos tem que procurar em outras salas de aulas ou até mesmo fazer uso da mesa e cadeira reservada aos professores. Nosso horário de aula é 3º e 4º horários da quinta feira, turno manhã, sala 01.

Escolhi meus alunos do - 9º ano A - composto por 40 alunos, sendo que 25 eram meninas e 15 eram meninos. Foram formadas equipes, fiz a distribuição do material xerocado, que continha as orientações de como o trabalho deveria ser realizado e um resumo do objeto de conhecimento sobre a - História da música e seus acontecimentos históricos e artísticos - que constituem a base teórica da disciplina, também enfatizamos o uso consciente dos celulares pedagogicamente como um auxiliar no ensino/aprendizagem acerca das possibilidades existentes nas ferramentas digitais dos celulares dos próprios alunos.

No decorrer dessas aulas teóricas trabalhamos sobre os movimentos Artísticos e Históricos dos anos de 1900, portanto, o conteúdo para o vídeo escolhido pelos alunos foi a greve operária de 1917. O momento em sala de aula, foi para que os alunos fizessem as anotações das etapas a serem desenvolvidas por cada um, o tema que seria trabalhado - objetos de conhecimentos - inseridos no planejamento anual da escola que os professores realizam anualmente.

Nesse viés, abrangemos informações escritas nos cadernos e aqueles que tinham um domínio maior dos seus respectivos aparelhos fizeram suas anotações no “App de notas” (aplicativo de anotação do celular), houve a indicação de *sites* para pesquisas, apoio pedagógico para sanar as dúvidas e esse apoio poderia ser presencial ou híbrido através do aplicativo de mensagens *WhatsApp*, já que nossas aulas semanais eram com um tempo muito restrito. As aulas eram sempre divididas em momentos distintos: houve momentos em que fomos até a sala

multimídia, momento em que os alunos se familiarizaram com os recursos dos celulares, mostrados com o uso do *datashow*, com base nos modelos de celulares mais usados por eles, e momentos em que permanecemos em sala de aula para as devidas anotações e orientações sobre os trabalhos.

Em vista disso, quando determinados alunos necessitavam de um apoio maior a sala multimídia da escola estava à disposição, a partir da marcação de horário prévio, ou até mesmo com o uso de mensagens via aplicativo de mensagens. Ao finalizar as orientações partimos para o desenvolvimento da parte prática para que os alunos pudessem iniciar a construção de seu vídeo. Nessa etapa, os alunos deveriam usar o recurso digital, o vídeo, nesse processo buscava-se desenvolver atitudes de autoconfiança e autocrítica na tomada de decisões em relação as produções pessoais e em grupos. Momento de resumir as informações coletadas a partir das pesquisas bibliográficas realizadas pelos próprios alunos, citadas anteriormente.

Concomitante a isso, após que cada um escolheu e resumiu sua respectiva parte para que pudessem fazer a explanação, partimos para uma leitura minuciosa a respeito do que ia ser explanado e por conseguinte gravado. Essa gravação seria feita em seu próprio celular e com as ferramentas digitais disponíveis nos mesmos. A dificuldade aqui apresentada foi em relação a alguns alunos que moravam na zona rural, significa dizer que para que haja locomoção até a escola faz-se necessário condução própria ou o uso do ônibus escolar, porém o mesmo tem horário específico, com isso os alunos teriam de permanecer por muito tempo na escola, o que se tornaria inviável.

Para tanto, a solução foi gravar sua referida parte em sua própria residência e em seguida realizaríamos uma edição. Então, outro aplicativo entrou em cena para realizarmos as edições, e assim, solucionar mais essa dificuldade. Iniciamos a montagem das partes gravadas para que se tornassem um só vídeo. Em suma, agrupamos as partes e finalizamos com sucesso nossa atividade prática ao fazer uso das ferramentas tecnológicas.

4. ANÁLISE DE DADOS

Observou-se que a aula obteve resultados satisfatórios, há vários momentos que se percebe o nível de conhecimento em relação ao próprio aparelho celular, e foi constado que uma minoria já conhecia o recurso e as possibilidades existentes, mas a maioria não fazia ideia do que estava sendo falado “processos que supõem familiaridade e tempo” (MORAES, 2006, p.88). Esse fato ocorre devido as condições de acesso em que alguns de nossos alunos estão inseridos já que suas moradias ficam em localidades afastadas da cidade, nas zonas rurais e contam com fatores agravantes de falta de estrutura física, alimentar, tecnológica, sanitária, entre outros. Segundo Moraes (2006, p. 87) “as mudanças tecnológicas, ademais, supõem transformações substantivas nas práticas sociais que geram, dentro das quais logo têm lugar”. Houve dificuldades, umas maiores outras menores, como foi o caso da distância entre os alunos, mas com a possibilidade de possuírem internet, celulares, o recurso digital do vídeo, e os aplicativos de edição, essas dificuldades foram sanadas.

Vale ressaltar que são possibilidades em evolução, mas que podem contribuir positivamente no processo midiatizado do ensino/aprendizagem e no desenvolvimento do conhecimento. Como era um grupo pequeno de alunos, o trabalho individual de cada um foi melhor analisado, e com isso mais valorizado em relação ao processo de produção.

Tais fatores, podem ser observados no processo de midiatização do ensino, ao obter as seguintes vantagens: a unificação do processo teórico e prática, facilidade de acesso na produção das informações, mais segurança no controle dos resultados pesquisados, redução de desperdício de materiais, aumento na produtividade, personalização e agilidade no desenvolvimento das atividades.

No que concerne ao meu trabalho enquanto professora e mediadora do processo, vale ressaltar em alguns momentos um “desconforto” em relação ao acompanhamento dos trabalhos, em virtude da minha presença interferir no processo de produção dos alunos e os mesmos não terem autonomia para desenvolver, em que há sempre uma necessidade do meu parecer em relação ao que estava sendo realizado, e com isso havia uma interferência da minha parte no que estava em desenvolvimento.

Mas posso relatar também um ponto positivo sobre estar presente nos processos de criação, fui capaz de observar a autonomia de alguns alunos perante

o processo, os quais chamavam a minha atenção somente com a atividade finalizada, tendo domínio em trabalhar com os aplicativos e até na ajuda aos colegas que estavam com dificuldade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, percebe-se na proposta da atividade que os alunos permaneceram focados e interessados no desenrolar da sua produção, ao que vem responder de maneira positiva como o celular pode ser uma poderosa ferramenta pedagógica no processo de ensino/aprendizagem na contribuição da busca de conhecimento do componente curricular Arte.

É válido dizer que o uso do celular como suporte pedagógico educacional, que era o objetivo proposto, foi muito bem recebido pelo alunado, visto que os mesmos apresentaram e desenvolveram suas atividades de maneira inovadora e tecnológica. Dessa forma, entende-se que são possibilidades em uma constante evolução em que uma maneira tecnológica de exprimir os pensamentos, a criatividade, a percepção, conhecimento e a maneira de aprender, possibilita a reunião de linguagem diversificadas, como também, de várias informações. Portanto, o que torna possível as reflexões sobre as mudanças do uso da tecnologia como uma auxiliar no ensino.

No entanto, o ponto negativo desse processo no que concerne a distância entre os alunos, foi solucionado com a possibilidade dos recursos, procedimentos da tecnologia e em virtude de a proposta pedagógica ter sido bem estruturada em função dos suportes; o recurso digital vídeo, a internet e o programa de edição inseridos nos celulares.

Ao considerar a utilização da tecnologia auxiliando esse processo, um número ainda maior de suportes tecnológicos traz à tona a capacidade de envolver o ensino/aprendizagem, cujo o uso consciente e pedagógico dos aparelhos celulares e a elaboração de propostas pedagógicas/tecnológicas são referências para a criação de características positivas e estruturadas do ensino midiatizado.

Enfim, trabalhar com os recursos tecnológicos é uma maneira de mostrar que os aparelhos celulares são vantajosas ferramentas para uso educacional, e os alunos podem realizar suas atividades de maneira rápida e eficaz. E isso, apresenta contribuições significativas para o desenvolvimento de habilidades tanto físicas, quanto cognitivas além de ajudar a fazer uso mais consciente do aparelho celular.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DUARTE, jorge, BARROS - organizadores. - *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. - 2ª ed. - São Paulo : Atlas, 2006.

HJARVARD, Stig. *Midiatização:* Teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. Matrizes, v. 5, n. 2, 2012. (p. 53-91).

KENSKY, Vani Moreira. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. — Campinas, SP: Papirus, 2003.

LEMOS, André. *A tecnologia é um vírus*. Pandemia e Cultura digital. Porto Alegre: Sulina, 2021.

MORAES, Dênis de (org.); *Sociedade Midiatizada.* [traduções de Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Coimbra Guedes, Lucio Pimentel]. -Rio de Janeiro: 2006.

MORAN, José Manuel. *Novas tecnologias e mediação pedagógica.* — Campinas, SP: Papirus, 2000.

ARAMUMO E DOMLEXIA: UM OUTRO OLHAR SOBRE A DISLEXIA POR MEIO DE JOGOS EDUCACIONAIS [1]

ARAMUMO AND DOMLEXIA: ANOTHER LOOK AT DYSLEXIA THROUGH EDUCATIONAL GAMES

ARAMUMO Y DOMLEXIA: OTRA MIRADA A LA DISLEXIA A TRAVÉS DE JUEGOS EDUCATIVOS

Walquíria Marcelina de Almeida[2]
Kátia Regina de Souza da Silva Silva[3]

Resumo: Este ensaio aborda os percursos inclusivos das tecnologias assertivas para as crianças disléxicas, como integradores sociais em prol de maior visibilidade, tanto na educação, como no contexto social, o qual estão inseridas. Os aplicativos pedagógicos com enfoque para dislexia, selecionados para esse estudo, Aramumo e Domlexia, foram escolhidos por se tratar de ferramentas de aprendizagem, que permite aos alunos o acesso aos conteúdos pedagógicos necessários ao seu desenvolvimento, respeitando, sobretudo, sua singularidade. Ademais a escolha pela temática se justifica pelo interesse em entender e propor intervenção à dificuldade neurológica disfuncional, que envolve a leitura e a escrita. Assim, para realização desta pesquisa optamos pelo método Pesquisa-Ação, visto que as vozes dos participantes da pesquisa e o seu lugar de fala, são fundamentais para entender se a medida interventiva favorece ou não a aprendizagem. Assim sendo, a partir da revisão da literatura, percebemos indicadores que apontam a necessidade de medidas e estratégias que facilitem o desenvolvimento da leitura e escrita das crianças e jovens disléxicos. Os resultados apurados na aplicação das ferramentas, indicaram a ampliação do reportório de leitura e escrita com o uso dos aplicativos, mas, também, apresentou fragilidades quanto a falta de informações instrumentais por parte dos pais.

Palavras-chave: Dislexia. Aplicativos Pedagógicos. Aprendizagem. Alunos.

Abstract: This essay addresses the inclusive paths of assertive technologies for dyslexic children as social integrators for greater visibility, both in education and in the social context in which they are placed. The educational apps focused on dyslexia, selected for this study, Aramumo and Domlexia, were chosen because they are learning tools that allow students access to the pedagogical content necessary for their development, respecting above all their

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Comunicação Digital e Indústria Criativa do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Doutoranda do PPGCLC/UNAMA, marcelina.pedagogia@gmail.com. ORCID: 0000-0002-2845-5440.

[3] Mestranda do ProfEPT/IFPA, ktiareginasilva@yhaoo.com.br. ORCID: 0000-0002-9713-7892

uniqueness. Furthermore, the choice of this theme is justified by the interest in understanding and proposing intervention for the dysfunctional neurological difficulty involving reading and writing. Thus, for the realization of this research, we opted for the Action Research method, since the voices of the research participants and their perspectives are essential to understand whether the intervention measure favors learning or not. Therefore, based on the literature review, we perceive indicators that point to the need for measures and strategies that facilitate the development of reading and writing skills for dyslexic children and youth. The results obtained from the application of the tools indicated an expansion of the reading and writing repertoire with the use of the apps, but also revealed weaknesses regarding the lack of instrumental information from parents.

Keywords: Dyslexia. Pedagogical Applications. Learning. Students.

Resumen: Este ensayo aborda los caminos inclusivos de las tecnologías asertivas para niños disléxicos como integradores sociales en pro de una mayor visibilidad, tanto en la educación como en el contexto social en el que están ubicados. Las aplicaciones educativas centradas en la dislexia, seleccionadas para este estudio, Aramumo y Domlexia, fueron elegidas porque son herramientas de aprendizaje que permiten a los estudiantes acceder al contenido pedagógico necesario para su desarrollo, respetando sobre todo su singularidad. Además, la elección de este tema está justificada por el interés en comprender y proponer intervenciones para la dificultad neurológica disfuncional que implica la lectura y la escritura. Por lo tanto, para la realización de esta investigación, optamos por el método de Investigación-Acción, ya que las voces de los participantes en la investigación y sus perspectivas son esenciales para comprender si la medida de intervención favorece el aprendizaje o no. Por lo tanto, basados en la revisión de la literatura, percibimos indicadores que señalan la necesidad de medidas y estrategias que faciliten el desarrollo de habilidades de lectura y escritura para niños y jóvenes disléxicos. Los resultados obtenidos de la aplicación de las herramientas indicaron una expansión del repertorio de lectura y escritura con el uso de las aplicaciones, pero también revelaron debilidades en cuanto a la falta de información instrumental por parte de los padres.

Palabras clave: Estudiantes. Dislexia. Aplicaciones pedagógicas. Aprendizaje. Estudiantes.

1. INTRODUÇÃO

A educação inclusiva veio para desafiar a ordem social e provocar mudanças nos caminhos da educação geral, principalmente à educação especial. A mediação de uma atividade reflexiva e a possibilidade de uma visibilidade, em uma perspectiva democrática, voltada para as necessidades dos alunos e suas especificidades, pode garantir a inclusão dos alunos.

Sabemos que a dislexia é considerada um transtorno específico de aprendizagem neurobiológica na dificuldade de decodificação e soletração, por isso

as tecnologias assistivas foram desenvolvidas para ajudar a melhorar a comunicação com o mundo das pessoas com esse transtorno, potencializando suas foças e demostrando suas habilidades mais assertivas, além de desenvolver autoconfiança.

Nesta descrição percebemos a grande abrangência do tema, que traz recursos de softwares e programas entre os quais está: Aramumo e Domlexia, específicos para quem tem dislexia. Os aplicativos foram desenvolvidos tantos para dispositivos móveis como para computadores e de forma gratuita nas plataformas digitais. De modo geral, considerando a Teoria do Défice Fonológico, que sugere que a dificuldade central da dislexia está relacionada a um déficit no processamento fonológico, a professora doutora em ciência da educação, Carvalhaes (2010), explica que, é nesse momento que as tecnologias assertivas, que enfocam a melhoria do processamento fonológico e a conexão entre som e letra podem ser altamente eficazes.

O artigo proposto possibilita conhecer ferramentas pedagógicas para o exercício da prática no transtorno da linguagem disléxica, ampliando nossos conhecimentos e buscando alternativas eficazes para necessidades específicas de cada aprendente, a fim de que estes venham ter uma inserção total sem segregação.

2 METODOLOGIA

As estratégias de ensino interdisciplinar adaptáveis à vida diária de criança, jovens e adultos precisam de seus meios pedagógicos, para que possam ser socializadas com a sua comunidade, numa abordagem qualitativa direta e intensiva.

Assim, o conhecimento se dará por meio da pesquisa exploratória descritiva, subsidiada pelas referências extraídas de periódicos nas plataformas digitais Google Acadêmico e Scielo. De acordo com GIL (2017), as pesquisas exploratórias têm como proposito favorecer maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

O lócus da pesquisa é uma escola do Ensino Fundamental, na região metropolitana de Belém, que aceitou a aplicação das ferramentas e desenvolvimento desta pesquisa junto aos alunos e professores em Belém do Pará.

Para a realização da ação interventiva, foi necessário o acesso à loja de aplicativos Play Store, disponibilizados nos Android, na versão do Idioma Brasileiro

para baixar os aplicativos Aramumo e Domlexia.

O método investigativo aplicado é a Pesquisa-Ação, que se apoia nos conceitos de Thiollent (2009, p 8), que define que esta pode ser concebida como método, interligando conhecimento e ação. No entanto, com base nessa teoria a professora Priscila Chisté, 2016, desenvolveu um ciclo da Pesquisa- Ação que facilita a interpretação e análise dos dados coletados, por meio das seguintes fases: identificação das situações iniciais, planejamento das ações, realização das atividades previstas e avaliação dos resultados obtidos.

A pesquisa foi pensada para ser desenvolvida com 40 alunos, para isso, sendo necessário a aplicação em duas turmas. Um fator importante a ser ressaltado, é que devido, não ser possível ter uma turma só de crianças disléxicas, inclusive porque isso descaracterizaria a inclusão social, a intervenção foi aplicada sem distinção de alunos, em ambas as turmas. No entanto, o acompanhamento exigiu um olhar mais atento às crianças com dificuldades em leitura e escrita, por isso a colaboração dos professores nesse momento foi fundamental.

Assim, a pesquisa se desenvolveu em torno do uso dos aplicativos Aramumo e Domlexia. Sobre eles, vale ressaltar, que o primeiro foi desenvolvido por alunos do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), em parceria com o Instituto referência em Dislexia no Brasil (ABCD), com foco no desenvolvimento linguístico de crianças disléxicas. Ele, consiste em o jogador ouvir um conjunto de palavras e então arrastar as bolhas flutuantes na tela às posições corretas na grade quadricular, de forma que as setas correspondam às palavras ouvidas. O segundo aplicativo consiste em o jogador ajudar o dragão Dom, através de vários jogos no mundo das letras, melhorando a consciência fonológica do jogador com ou sem dislexia. Ambos os aplicativos foram desenvolvidos para crianças com dificuldade de leitura e escrita.

3 REVISÃO DA LITERATURA

A pesquisa realizada nos bancos de dados Google Acadêmicos e Scielo possibilitou a identificação de artigos, livros, dissertações e teses que se relacionassem com a temática. Ao revisar esses materiais, ficou evidente a dificuldade em lidar com crianças com transtornos neurológicos da leitura e escrita, o que afeta aspectos sociais, emocionais e pedagógicos durante o diagnóstico. Observou-se, ainda, a falta de tempo e organização no enfretamento de soluções emocionais imediatas.

Essa relação está intrinsecamente ligada a problemas vivenciados e

relatados pelas famílias de crianças e jovens com dislexia. Embora apresentem muitos pontos em comum, cada uma delas possui sua singularidade na forma como percebem, reagem e se expressam diante de diferentes situações.

De acordo com Souza (2019), em sua dissertação de mestrado intitulada "Crianças com dificuldade de aprendizagem da leitura e escrita escolar: experiências e emoções", lidar com o sintoma requer a adoção de novos padrões de comportamento, para romper com sequências rígidas e repetitivas. Isso demanda mudanças, tanto por parte da escola, quanto da família, na maneira de interagir com a criança (p. 23, 24). Percebemos, dessa forma, a importância das tecnologias assertivas para ajudar a minimizar as dificuldades de leitura e escrita de crianças com dificuldade de aprendizagem.

Autores como Ferreira (2015), Fonseca (2020) e Santos e Ferraz (2021), destacaram o estresse emocional das famílias como fator relevante, afetando a capacidade de aprendizado das crianças. Esse estresse foi comprovadamente prejudicial, impactando negativamente o desenvolvimento biopsicossocial das crianças.

Um artigo analisado que merece destaque é o "Impactos de um Documentário sobre o Cotidiano de Mães e Filhos com Deficiência: Uma Análise de Cinedebates". Nele, autores compilam experiências de mães brasileiras enfrentando desafios emocionais em um contexto internacional. As mães enfrentam preconceitos e sentimentos como angústia, desespero, medo e tristeza, afetando-as profundamente, bem como enfrentam a falta de compreensão relacionada a sua dor (CAVALCANTE *et al*., 2016, p. 3073).

As falas retratadas nesse artigo são claras e diretas, não necessitando de recomendações explícitas. Isso enfatiza a responsabilidade compartilhada entre a família/responsáveis e a escola no cuidado da criança e na promoção de um diálogo positivo e formativo, considerando que estamos lidando com seres humanos em formação, incluindo seus cuidadores diretos.

No mesmo contexto, orientações para os pais presentes no capítulo de livro "Desafios para Motivar os Alunos a Aprender: Professores e Pais Podem Ajudar" (SANTOS; FERRAZ, 2021, p.76-77) é enfatizado a necessidade de orientar os pais para uma maior interação com a escola, promovendo uma abordagem colaborativa.

Da mesma forma, a revista "Reflexões sobre a Relação Família e Escola: Considerações a partir da Psicologia Histórico-Cultural" ressalta a importância de considerar o contexto socioeconômico e as relações sociais vigentes na construção

dessa parceria e se reconhece a importância de estratégias de integração que admitam pontos de colaboração e desafio para essa interação (DEUS *et al*., 2016, p.18-19)

Nesse contexto, é compreendido que a motivação da criança em formação requer compreensão por parte dos responsáveis, sobre os estímulos que impulsionam o aprendizado (TABILE; JACOMETO, 2017). Por isso, a importância dos pais participarem, também como mentores, auxiliando-os e monitorando suas atividades, de modo a garantir o uso correto das ferramentas tecnológicas.

Fonseca (2020, p.161) chama atenção para as preocupações dos pais, enfatizando que suas observações e reflexões cotidianas são valiosas para avaliar o potencial de aprendizagem de seus filhos.

As percepções emocionais no ambiente familiar/escolar são fundamentais, corroborando para o entendimento de que as experiências emocionais vividas por pais de filhos com deficiência variam entre positivas e negativas, temporárias ou duradouras (OLIVEIRA; POLETTO, 2015).

Através do Instituto ABCD e das experiências relatadas por mães como Angelica e seu filho Tayo, é exemplificado a importância de intervenções adequadas, mas também destaca as dificuldades que muitas famílias enfrentam no acesso ao diagnóstico e apoio público. Tayo saiu do nível de leitura de uma criança na pré-escola para o de uma criança no 3.º ano do ensino fundamental, mas no relato da mãe o gasto da família inclui quase R$15 mil mensais com a escola brasileira e intervenções da psicologia. Ela lamenta que muitas mães não consigam sequer acesso ao diagnóstico e defende mais atenção do poder público ao assunto. "É mais fácil manter do jeito que está, porque é menos oneroso", diz Fabíola, outra mãe, sobre o posicionamento inerte do setor público.

A pandemia da COVID-19 agravou ainda mais o cenário, evidenciando as fragilidades na interação entre escola e família. Regiões mais afastadas, como o Norte do país, foram particularmente afetadas, com acesso limitado às redes de apoio. Neste contexto, o isolamento social exacerbou os desafios emocionais e a insegurança, impactando a pesquisa de maneira que não foi possível evidenciar resultados positivos.

No Brasil, esse cenário pandêmico, fortaleceu, ainda mais, as ideias dos aplicativos tecnológicos. Dessa forma, com o desenvolvimento do aplicativo ARAMUMO pelo instituo ABCD (2008) e DOMLEXIA (2018), que posteriormente originou o Instituto, cujo nome é o mesmo do aplicativo, propôs- se, então, a

sensibilização a atenção da sociedade brasileira para o transtorno neurobiológico da dislexia.

Assim sendo, esses aplicativos geralmente se concentram em fornecer suporte personalizado, práticas interativas e recursos acessíveis, nos quais os dois institutos tem em comum, a intervenção para o ensino aprendizagem em sala de aula, bem como para os familiares e professores dos alunos, que possuem dificuldade de leitura e escrita.

Em suma, o meio mediático educacional assertivo pode ser um aliado valioso na promoção da educação inclusiva, desde que atue de forma comprometida e consciente, utilizando seu poder de comunicação para impulsionar mudanças positivas na sociedade, abrindo espaços para debates ediálogos sobre educação inclusiva, trazendo especialistas, educadores, pais e pessoas com experiência direta para compartilhar conhecimentos e perspectivas, fomentando, dessa forma, discussões construtivas sobre essas temáticas.

4 ANÁLISE E DISCUSSÕES

Identificada a falta de aplicativos educacionais de alto impacto, como Aramumo e Domlexia, no cotidiano escolar, e diante da problemática relatada por familiares de crianças com dificuldade de leitura e escrita, na revisão da literatura apresentada, em específico no município paraense, que fossem direcionados para pessoas com dislexia, delimitamos um lócus para testar o aplicativo ou a aplicação da Pesquisa Ação, dessa maneira, foi selecionada uma escola que em um momento exploratório, constatou-se a presença de crianças com dificuldades de leitura e escrita, como, também, com diagnóstico de dislexia comprovado. Iniciou-se o planejamento das ações e se realizou a pesquisa em si com a parceria e coletividade da comunidade escolar.

Logo, portanto, o quarto momento do ciclo considera a avaliação dos resultados obtidos que indicaram a relevância do uso das ferramentas como estratégia pedagógica de ensino e aprendizagem para crianças com dislexia.

O resultado da pesquisa, com a experiência do uso dos aplicativos ARAMUMO e DOMLEXIA, para verificar a possibilidade de desenvolvimento da aprendizagem, apontaram que o uso pedagógico destes aplicativos, otimizaram a aprendizagem das crianças com transtornos disléxicos e favoreceram a inclusão.

A prática do uso foi relevante, por apresentar possibilidades de intervenção pedagógica. O uso dos aplicativos, no contexto das escolas públicas paraense de Belém, é novidade. Na realidade, pouco se tem explorado sobre as dificuldades dos transtornos ocultos de aprendizagem, “dislexia”, e pouca atenção se tem dado a um currículo específico para esta especialidade. Como frisa Carvalhais (2010, p.91), quando ressalta que, este currículo especial individual deve incluir conteúdos que contribuam para a autonomia do aluno, desenvolvendo aspectos mais práticos e que podem melhorar o seu dia-a-dia, numa perspectiva pós-escolar. Por fim, entende-se por tecnologias de apoio os materiais que ajudem a reduzir as limitações do aluno.

Durante os usos dos aplicativos, que duraram duas semanas, sob a avaliação dos rendimentos, pelos professores, que acompanharam o processo, das duas turmas que possuía alunos com dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita, percebeu-se que algumas crianças têm relação com as palavras na ordem invertida. Fizemos uma estimativa para 40 crianças distribuídas em duas turmas, sendo 20 alunos do 3º ano e 20 alunos do 5º ano, nos dados analisados, 50% mostraram que a intervenção com as crianças das escolas públicas através desses aplicativos (ARAMUMO e DOMLEXIA) promoveu a automotivação e autonomia, porém, não foi determinante o tempo de treino para aprendizagem e sim as palavras executadas.

Na relevância ao nível de suporte familiar (social), o percentual reflete 70% negativamente, uma vez que os pais ainda não têm informações instrumentais pedagógicas seguras para envolver os filhos e melhorar o aprendizado. Além disso, é demarcado um impacto significativo das realidades culturais e econômica, pois muitas dessas famílias possuem apenas um dispositivo móvel por família, e, por isso, a criança somente tem acesso através de sua escola, que também é limitada a duas pessoas por equipamento, ou quando lhe é liberado o acesso em sua casa.

Os aplicativos têm uma interface simples e fácil de jogar. Abaixo está um modelo de como se joga por meio da cruzadinha interativa, que termina com o encaixe das palavras através do aplicativo Aramumo, cujo objetivo é associar ao som e coordenação viso-motora.

Figura1 - ARAMUMO Fonte: veja.abril.com.br, 2023.

Na, imagem seguinte apresentamos a tela interativa do aplicativo Domlexia desenvolvido pelo instituto que tem o mesmo nome do aplicativo, o entendimento da leitura da criança, tem o auxílio de um disnossanauro de animação, o DOM. Com ele a criança interage facilmente.

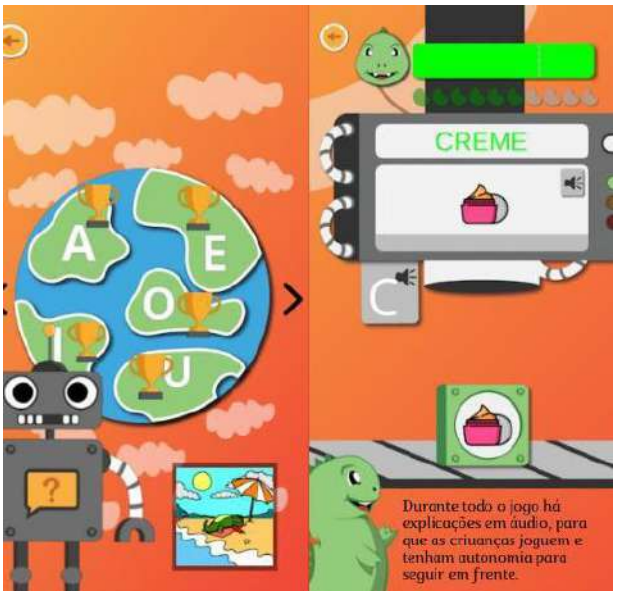


Figura 2 – DOMLEXIA

Fonte: mundopositivo.com.br, 2023.

Observou-se, também, nos aplicativos e sua funcionalidade, a necessidade do olhar mais empático para essa demanda de alunos, bem como capacitações formativas para atender de maneira assertiva a inclusão de crianças com dislexia, e seus respectivos responsáveis.

Na perspectiva da educação inclusiva, os recursos tecnológicos são de fundamental importância. É utilizado como instrumento facilitador daaprendizagem e busca, na criatividade, uma alternativa para que o aluno realize o que precisa ou deseja, possibilitando uma melhor comunicação, que permite,

assim, que a criança não só exercite sua criatividade, concentração e solução de problemas, mas aprenda de forma mais divertida e atraente, proporcionando uma maior interatividade.

5 CONSIDERAÇOES FINAIS

A discussão sobre tecnologias de apoio evidencia que estes avanços tiveram um impacto profundo e positivo na vida das crianças com transtornos de aprendizagem (dislexia) na escrita e leitura, fornecendo ferramentas e recursos que facilitam a aprendizagem, a comunicação e a organização, adaptadas às necessidades individuais.

As tecnologias assistivas “DOMLEXIA e ARAMUMO”, discutidas nesta pesquisa, inauguraram uma nova era de inclusão, capacitação e acessibilidade para indivíduos com deficiência, alinhados às exigências do momento. Contudo, a pesquisa revelou que é preciso formação contínua entre professores e pais para que posteriormente possa se ter uma avaliação efetiva do uso dessas tecnologias em questão.

À medida que a tecnologia assistiva continua a evoluir, é imperativo que os esforços sejam sustentados para garantir que estas inovações sejam acessíveis e respondam às diversas necessidades da população global, fechando, assim, lacunas e removendo barreiras que outrora limitavam a participação e a inclusão de pessoas com diversas deficiências.

Através destas tecnologias, as pessoas estão a quebrar barreiras, a concretizar o seu potencial e a contribuir de forma mais plena para a sociedade, além de ampliar o universo de pesquisas futuras, adotando métodos de coleta paralela para comparação e envolvimento de outros atores interessados.

REFERÊNCIAS

ARAMUMO. 1ª ed. *Instituto ABCD*, 2012. Jogo eletrônico. Disponível em: https://www.institutoabcd.org.br/. Acesso em: 02 mar. 2023.

CARVALHAES, Lénia Sofia de Almeida. *Construção de instrumentos de avaliação da dislexia.* Portugal: Universidade do Aveiro, departamento de ciência da educação, 2010.

CAVALCANTE, Fátima Gonçalves; LAU, Luciana Ferreira; BARBOSA, Gabriella Ferrares e; BERLIM, Daniela Lima Gomes; MENEZES, Natasha Coelho; BRAGA, Daniela de Carvalho; AMORIM, Annibal Coelho de; AMORIM, Yuri Cavalcante. Impactos de um documentário sobre o cotidiano de mães e filhos com deficiência: uma análise de cinedebates. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2016, v. 21, n. 10, pp. 3071-3080. https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.18522016.

CHISTÉ. Priscila. Pesquisa-Ação em mestrados profissionais: análise de pesquisas de um programa de pós-graduação em ensino de ciências e de matemática- recorte do período de 2013 e 2014. *Ciência & Educação, Bauru*, v. 22, n. 3, p. 789–808. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ciedu/a/BMSKXCrTRNYJwP5RzYhYJWN/#. Acesso em: 24 abril 2023.

DEUS, Débora Barbosa de, COGNETTI, Natália Pascon, BOCCATO, Taiane Andrade. Reflexões Sobre a Relação Família e Escola: Considerações a Partir da Psicologia Histórico-Cultural. *Revista Perspectivas do Desenvolvimento:* um enfoque multidimensional. Volume 04, Número 05, agosto 2016.

DOMLEXIA. 1ª ed. *Instituto Domlexia*, 2018. jogo eletrônico. Disponível em: https://www.domlexia.org.br/. Acesso em: 02 mar. 2023.

FERREIRA, Cláudia. *Transtornos de aprendizagem*: da teoria à prática. Belo Horizonte, MG: UniDuni Editora, 2015.

FONSECA, Vitor da. *Cognição, neuropsicologia e aprendizagem:* abordagem neuropsicológica e psicopedagógica. 7 ed Petrópolis, Rj: vozes, 2020.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa.* 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

OLIVEIRA, Isaura Gisele de; POLETTO, Michele. Vivências emocionais de mães e pais de filhos com deficiência. *Rev. SPAGESP*, Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, p. 102-119, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000200009. Acesso em: 07 abr. 2023.

SANTOS, acácia aparecida Angeli dos; FERRAZ, Adriana satico. Desafios para motivar os alunos para aprender-professores e pais podem ajudar in: *Psicopedagogia:* desafios e prática no contexto educativo. OLIVEIRA, Gislene de Campos; FINI, Lucila Diehi Tolaine Fini; BORUCHOVICTH, Evely; BRENELLI,

Rosely Palermo. Petrópolis, RJ: vozes, 2021.

SOUZA, Mônica Coutinho de. *Crianças com dificuldade de aprendizagem da leitura e escrita escolar experiencias e emoções.* Universidade La Salle. (dissertação PPGSDH), 2019. Disponível em: http://hdl.handle.net/11690/114. Acesso em: 20 ago. 2023.

TABILE, Ariete Fröhlich; JACOMETO, Marisa Claudia Durante. Fatores influenciadores no processo de aprendizagem: um estudo de caso. *Rev. psicopedagogia.* São Paulo, v. 34, n. 103, p. 75-86, 2017. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103 84862017000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 abr. 2023.

TEIXEIRA, Fabiana de Araújo Lima. *O uso de tecnologia assistiva com alunos disléxicos.* 2018. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. Orientador: João Felipe Matos.

THIOLLENT, Jean Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2009.

EMPREENDEDORISMO EM COMUNICAÇÃO: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DO EIXO NORTE-SUL BRASILEIRO[1]

ENTREPRENEURSHIP IN COMMUNICATION: A DISCUSSION FROM THE BRAZILIAN NORTH-SOUTH AXIS

EMPRENDIMIENTO EN COMUNICACIÓN: UNA DISCUSIÓN DESDE EL EJE NORTE-SUR BRASILEÑO

Rafael Sbeghen Hoff[2]
Duílio Fabbri Junior[3]
João Lucas Oliveira Cardoso[4]
Luciano Mesquita da Cunha[5]
Mateus Melo Leiros[6]
Vinícius Alexandre Alves dos Santos[7]
Vinicius Costa Souza[8]
Andressa Rodrigues Diógenes[9]

Resumo: O Empreendedorismo em Comunicação é discutido a partir dos embates discursivos e seus impactos sobre a formação e atuação de comunicadores no universo da indústria criativa. O objetivo é reconhecer e descrever, a partir das subjetividades de agentes do ecossistema empreendedor em diferentes regiões do país, estratégias para o desenvolvimento destes em contextos regionais. O procedimento metodológico adotado é o da entrevista semi-estruturada com empreendedores e pesquisadores da área do empreendedorismo, aplicando sobre as respostas a análise do discurso francesa. Os resultados apontam para conflitos e (in)visibilidades entre uma matriz capitalista e atomizante dos sujeitos em contraste com a constituição de redes associativas / colaborativas que fomentam e sustentam a cultura empreendedora nas regiões Norte e Sul do Brasil.

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST6 COMUNICAÇÃO DIGITAL E INDÚSTRIA CRIATIVA do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Professor doutor em Ciências da Comunicação e Informação, Universidade Federal do Amazonas e Universidade Federal de Roraima, rafael.hoff@yahoo.com.br e ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4745-5689 .

[3] Professor doutor em Linguística, Centro Universitário Salesiano de São Paulo, duilio.fabbri@gmail.com e ORCID: http://orcid.org/0000-0002-9408-7754 .

[4] Estudante de Jornalismo, UFAM, joaolucasoliveiracardoso@gmail.com e ORCID https://orcid.org/0009-0007-9837-7082 .

[5] Estudante de Jornalismo, UFAM, luciano22.cunha@gmail.com e ORCID https://orcid.org/0009-0000-3960-9276 .

[6] Estudante de Jornalismo, UFAM, mateusleiros182lx@gmail.com e ORCID https://orcid.org/0009-0007-6828-1610 .

[7] Estudante de Jornalismo, UFAM, vinicius.alexandre.santos@gmail.com e ORCID https://orcid.org/0009-0008-0700-6671 .

[8] Estudante de Jornalismo e bolsista CNPq, UFAM, vinicius_cs@outlook.es e ORCID https://orcid.org/0009-0003-6825-0049 .

[9] Mestranda em Comunicação, Universidade Federal de Roraima, andressa.diogenes0@gmail.com e ORCID https://orcid.org/0009-0002-5065-4339 .

Palavras-chave: Comunicação; Indústria Criativa; Discurso; Empreendedorismo; Invisibilidades.

Abstract: Entrepreneurship in Communication is discussed from the point of view of discursive clashes and their impacts on the training and performance of communicators in the universe of the creative industry. The objective is to recognize and describe, from the subjectivities of agents of the entrepreneurial ecosystem in different regions of the country, strategies for their development in regional contexts. The methodological procedure adopted is the semi-structured interview with entrepreneurs and researchers in the field of entrepreneurship, applying French discourse analysis to the responses. The results point to conflicts and (in)visibilities between a capitalist and atomizing matrix of subjects in contrast to the constitution of associative / collaborative networks that foster and sustain the entrepreneurial culture in the North and South regions of Brazil.

Keywords: Communication; Creative Industry; Speech; Entrepreneurship; Invisibilities.

Resumen: Se discute el emprendimiento en Comunicación desde el punto de vista de los choques discursivos y sus impactos en la formación y desempeño de los comunicadores en el universo de la industria creativa. El objetivo es reconocer y describir, desde las subjetividades de los agentes del ecosistema emprendedor en diferentes regiones del país, estrategias para su desarrollo en contextos regionales. El procedimiento metodológico adoptado es la entrevista semiestructurada a emprendedores e investigadores en el campo del emprendimiento, aplicando a las respuestas el análisis del discurso francés. Los resultados apuntan conflictos e (in)visibilidades entre una matriz capitalista y atomizadora de sujetos en contraste con la constitución de redes asociativas/colaborativas que fomentan y sustentan la cultura emprendedora en las regiones Norte y Sur de Brasil.

Palavras clave: Comunicación; Industria Creativa; Discurso; Emprendimiento; Invisibilidades.

1. INTRODUÇÃO

A denominação Indústria Criativa deriva dos estudos culturais voltados à percepção da mídia (e outras organizações / instituições) como indústrias culturais, remontando os textos da chamada Escola de Frankfurt, onde teóricos da Comunicação teciam críticas à forma como sociedade se relacionava com essa, na virada da primeira para a segunda metade do século XX. Nos anos 1990, o termo passa a se popularizar a partir do Relatório Nação Criativa (1994), elaborado pelo Departamento de Cultura, Mídia e Esporte do Reino Unido (UNCTAD). Na edição de 2010, o Relatório traz a seguinte definição

para o conceito:

> (...) ciclos de criação, produção e distribuição de produtos e serviços que utilizam criatividade e capital intelectual como insumos primários; constituem um conjunto de atividades baseadas em conhecimento, focadas, entre outros, nas artes, que potencialmente geram receitas de vendas e direitos de propriedade intelectual; constituem produtos tangíveis e serviços intelectuais ou artísticos intangíveis com conteúdo criativo, valor econômico e objetivos de mercado; posicionam- se no cruzamento entre os setores artísticos, de serviços e industriais; constituem um novo setor dinâmico no comércio mundial (UNCTAD, 2012 apud SEBRAE, 2015, p.19).

Essa definição nos ajuda a entender e situar a área da Comunicação, em suas diferentes vertentes de atuação, dentro do espectro da Indústria Criativa. Inclusive, o material institucional do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) intitulado Negócios, Cultura e Criatividade: guia para empreender na economia criativa (2015) elenca, a partir de documentos oficiais do governo brasileiro, no campo das expressões culturais o setor das artes digitais como pertencente à categoria, assim como no campo do audiovisual / do livro / da literatura as atividades relacionadas ao cinema e vídeo e também as publicações e mídia impressa como integrantes da Indústria Criativa.

A Comunicação, em suas diferentes vertentes (massiva, segmentada, organizacional, pública, política, etc.), utiliza de conhecimentos e técnicas associados ao planejamento estratégico para a constituição de produtos e serviços que contribuem para o desenvolvimento das organizações e da sociedade. Em situações de crise econômica agravadas pelo contexto pandêmico de Covid-19, em que o país adotou o distanciamento social como prática para a contenção da disseminação do vírus causador da patologia, a criatividade e a Comunicação se tornam essenciais para transformar realidades adversas em potenciais formas de subsistência no contexto capitalista.

Cabe, então, ressaltar a Comunicação como área do conhecimento que toma por objeto as Indústrias Criativas para a produção de saberes. Essa perspectiva epistemológica dialoga diretamente com o que propõem França e Simões:

> Os meios de comunicação podem ser analisados sob um viés psicológico, cultural, econômico... ou comunicativo. O que

> significa dizer, neste último caso: enquanto processo comunicativo, processo de produção e circulação de sentido entre duas ou mais pessoas; atividade de troca simbólica através da produção de material discursivo em certo contexto. (FRANÇA; SIMÕES, 2016, p. 28 apud FEITOSA; BELOCHIO, 2018, p. 66)

As autoras Feitosa e Belochio enaltecem a importância de distinguirmos o conceito de Indústria Cultural, cunhado na Escola de Frankfurt, da área econômica denominada como Indústria Criativa. Para elas, uma diferença fundamental entre as duas abordagens está no aspecto de que a primeira baseia-se na crítica aos meios de comunicação massiva que tendem à pasteurizar e transformar a cultural (popular) em produtos mercantis na primeira metade do século XX. Os autores e críticos da época apostavam em uma dicotomia antagônica entre cultura e indústria.

A segunda perspectiva, calcada no desenvolvimento econômico e nas transformações capitalistas da virada do século XX para o XXI, reaproxima indústria e cultura entendendo que uma amplifica o alcance da outra, que a cultura midiática é constituinte dos contextos de interação nas sociedades contemporâneas. A atividade profissional dos comunicadores pode sim ser promotora e/ou investir na preservação de culturas locais/regionais, ainda que revestida de aspectos de consumo e produção industrial: “a cultura é considerada um direito humano e a visão dicotômica entre cultura e indústria não está presente. Ao contrário, entende-se que a indústria pode ser propulsora da cultura” (FEITOSA; BELOCHIO, 2018, p. 70).

Aqui, cabe um novo ajuste de foco sobre o amplo debate envolvendo Comunicação e Indústria Criativa: nos interessa entender como o Empreendedorismo se dá nos discursos e práticas relatadas pelos agentes envolvidos no ecossistema empreendedor de diferentes regiões do país.

1.1 Empreendedorismo em Comunicação: investimento na indústria criativa

Como o Empreendedorismo é debatido e exercitado no contexto acadêmico, em específico nos cursos de Comunicação Social no Norte do país? Partindo dessa pergunta, a investigação procurou identificar nos discursos de três empreendedores da área da Indústria Criativa - comunicadores - as marcas que caracterizam a cultura empreendedora em diferentes regiões do país. Também procurou revelar o silenciamento e a invisibilidade sobre o tema nas instâncias educacionais. Esse é um recorte mais amplo da pesquisa intitulada Empreendedorismo em Comunicação: desafios e potencialidades, desenvolvido na Universidade Federal do Amazonas pelos autores desse texto, abrigada pelo Grupo

de Pesquisa em Processos Imagéticos (PRIMA-UFAM).

Adotamos, conceitualmente, a perspectiva de Dolabela (1999) sobre a relevância e justificativa do tema:

> Em uma economia movida pelas grandes empresas e pelo estado, nada mais natural do que formar empregados. Este modelo, dirigido à criação de empregados para as grandes empresas, cumpriu sua missão. Esgotou-se, porém, diante das profundas alterações nas relações de trabalho e na produção. Ao ter seu eixo deslocado para os pequenos negócios, as sociedades se vêem induzidas agora a formar empregadores, pessoas com uma nova atitude diante do trabalho e com uma nova visão de mundo. (DOLABELA, 1999, p.33 apud OLIVEIRA, 2004, p. 3)

A proposta investigativa também é pautada pela sensibilidade dos autores em contato com formandos e egressos do curso de Jornalismo da UFAM. Dada a realidade de que os veículos de comunicação de massa na capital amazonense são incapazes de absorver o volume de profissionais egressos dos cursos de graduação em Comunicação operando na cidade, a dúvida sobre a empregabilidade e/ou geração de postos de trabalho e renda emerge da realidade vivida por esses.

A cultura empreendedora de que tratamos nesse estudo se constitui de diferentes frentes e iniciativas. Casaqui (2018) esclarece que o conceito de empreendedorismo adotado vai além da abertura de novas empresas:

> o empreendedorismo ultrapassa a atividade econômica para se estabelecer como diretriz para a transformação de todas as esferas da vida. Safatle (2015) parte da noção do “ideal empresarial de si” como paradigma desse tempo. Ehrenberg (2010) trata do empreendedor como modelo de cultura, assim como Boltanski e Chiapello (2009) localizam o cenário da emergência do empreendedor como modelo no movimento cíclico de renovação retórica do capitalismo, cujo objetivo é manter a atratividade do sistema e sua capacidade de promover o engajamento das novas gerações. (CASAQUI, 2018, p. 58).

Como podemos observar, existem muitas visões sobre o que é empreendedorismo e sobre o que é necessário para empreender. Em definição, o conceito é sintetizado por Barreto:

> a expressão “empreendedorismo” foi originada da tradução da expressão entrepreneurship da língua inglesa que, por sua vez, é composta da palavra francesa entrepreneur e do sufixo inglês ship. O sufixo ship indica posição, grau, relação, estado ou qualidade, tal como, em friendship (amizade ou qualidade de ter amigo). O sufixo pode ainda significar uma habilidade ou perícia ou, ainda, uma combinação de todos esses significados como em leadership

> (liderança=perícia ou habilidade de liderar). (BARRETO, 1998, p. 189-190 apud BAGGIO; BAGGIO, 2014, p. 25)

Cabe, então, o questionamento: qual a visão de empreendedorismo intrínseca às práticas dos depoentes que constituem o corpus dessa pesquisa?

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pergunta norteadora apontada ao final do tópico anterior balizou a construção do roteiro da entrevista semi-estruturada que serviu como base para a captação das entrevistas. Os empreendedores, em questão, foram convidados nominalmente para contribuírem com a pesquisa a partir de suas trajetórias profissionais, áreas de atuação e localização geográfica. Cada membro do grupo sugeriu nomes de pessoas de suas relações pessoais que atendessem ao perfil desejado e, a partir de contatos via redes sociais e aplicativos de conversação, foi dimensionada a disponibilidade para as entrevistas em sincronismo com a disponibilidade dos integrantes do grupo e dos equipamentos para a captura audiovisual do laboratório de TV da UFAM, bem como da sala da Agência Experimental de Comunicação (AGEXCOM-RP).

Tomando como ponto de partida as sugestões de possíveis entrevistados, fez-se o agendamento dos encontros, sendo duas das entrevistas realizadas via *software* de conversação (Google Meet) com captura de tela (áudio e vídeo) utilizando outro *software* específico para esse fim (OBS Studio) e presencialidade do(s) entrevistador(es) em uma sala da UFAM, utilizando câmeras DSLR para a captação das imagens e posterior montagem em programa de edição audiovisual (Adobe Premiere). As duas, no caso, com os entrevistados que residem fora de Manaus (Alceu e Thiago).

O outro entrevistado (Gabriel) participou presencialmente do encontro com os pesquisadores e foram utilizadas duas câmeras DSLR e um microfone de mesa para a captação das imagens e do áudio, sincronizados posteriormente via *software* de edição. As entrevistas, depois de montadas e sincronizadas, compuseram duas edições do videocast Apoena: empreendedorismo em tela, projeto de extensão realizado com apoio da UFAM e disponibilizado no canal do curso de Jornalismo no Youtube (https://www.youtube.com/@jornalismoufam1432).

Fizeram parte desse universo de entrevistados o egresso do curso de Produção em Mídia Audiovisual e Radialismo da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) Alceu Silva, o jornalista e produtor audiovisual egresso da Universidade

Federal de Roraima (UFRR), Thiago Briglia e o jornalista e produtor audiovisual egresso da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Gabriel Veras. A entrevista de Alceu Silva, ainda que o registro tenha sido captado pela câmera DSLR com baixa qualidade de áudio, não pode ser aproveitada para a edição de um episódio porque o arquivo da captura de tela foi corrompido durante o armazenamento. Ainda assim, seu conteúdo faz parte do material empírico constituinte dessa pesquisa.

A partir das entrevistas captadas, a decupagem forneceu conteúdo para a aplicação da análise do discurso de linha francesa (PECHÊUX, 2002). Segundo o autor, há na base desse procedimento metodológico analítico uma tradição estruturalista que busca

> multiplicar as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de se colocar em posição de "entender" a presença de não-ditos no interior do que é dito. (PECHÊUX, 2002, p. 44)

Dito assim, pode-se entender que a análise do discurso se ocupa de pistas que identifiquem o que é dito, por quem é dito, para quem é dito e também o que é interditado nesse enunciado. Como afirma Benetti (2007, p. 108), "o discurso não existe por si mesmo, ele só existe em um espaço entre sujeitos". Tais elementos vão constituindo um quadro geral capaz de indiciar os lugares de fala desses sujeitos portadores / enunciadores dos discursos. A análise do discurso, em sua preocupação na modalidade mais atualizada de uma proposta epistêmica e metodológica, trata "de se pôr na escuta das circulações cotidianas, tomadas no ordinário do sentido" (PECHÊUX, 2002, p. 48).

Assim, sobre as falas de quem vive as glórias e as agruras do empreendedorismo na área da Indústria Criativa, mais precisamente no segmento da Comunicação, é que propomos essa escuta atenta sobre os discursos em circulação.

2.1 As entrevistas e os discursos sobre o empreendedorismo

Gabriel Veras, jornalista vinculado ao coletivo Abaré Escola de Manaus – AM, relatou que o grupo ainda não tem formalizada sua estrutura ou definida sua fonte de recursos financeiros, uma vez que trabalha com projetos pontuais. Segundo

o relato, a cada projeto são formadas equipe de trabalho e, conforme a fonte de financiamento, distribuídos os recursos para a execução e remuneração da equipe. Entre as atividades executadas constam eventos de mídia trainning e palestras, cursos de mídia-educação e debates sobre temas da atualidade no campo da Comunicação.

O depoente afirma na entrevista que não encontrou na universidade um aporte teórico ou prático suficiente para administrar as questões administrativas e financeiras, mesmo depois de formado. Em sua fala, o entrevistado afirma: “Tá, e agora que a gente tá muito próximo de se formar, o que a gente vai fazer com toda essa inquietação que a universidade provocava na gente?” Essa seria, em seu testemunho, a mola propulsora para o desenvolvimento do coletivo. Ao mesmo tempo em que reconhece a limitação na atitude institucional, tanto no aspecto da graduação quando para além dela, na formação e suporte de empreendedores, admite que o ambiente acadêmico paradoxalmente contribui para instigar o espírito empreendedor e, por consequência, pode ser considerado um dos agentes desse ecossistema cultural de inovação no mercado regional.

Gabriel afirma ainda que hoje o coletivo foca na manutenção de valores (sociais) em detrimento da precificação dos trabalhos desenvolvidos e investe na estruturação de um regimento, formalização da sua constituição e busca por investimentos que mantenham uma afinidade ideológica com as crenças e a missão do grupo. Para o comunicador, esse é o principal desafio:

> Como jornalista, a gente não aprendeu como que faz todo esse projeto [...] se eu oficializar, de abrir uma empresa, né?! [...] a gente não quer se tornar aquele modelo tradicional, capitalista, mas sim algo que abrange toda essa ideologia que a gente tá construindo na Abaré, já... desde 2020. (VERAS, 2023)

É possível identificar, no discurso de Gabriel, um cuidado e uma busca de alternativa aos modelos capitalistas que visam o lucro, o escalonamento e a replicabilidade como elementos essenciais dos novos empreendimentos (startups). Uma pista dada pelo entrevistado para essa matriz ideológica pode ser associada às leituras e à trajetória acadêmica da professora do curso tomada como referência – Ivânia Maria Carneiro Vieira – para a idealização do projeto. A docente vincula-se, em sua produção científica e atuação em sala de aula, à perspectiva das abordagens de(s)coloniais, com ênfase às particularidades amazônicas. Nessa esteira, pode-se encontrar um flanco de diálogo com Epistemologias do Sul e saberes tradicionais dos povos originários, enfatizados por autores como Ailton

Krenak (2020), ou pesquisadores vinculados à perspectiva do desenvolvimento sustentável da Amazônia, como por exemplo Maria Goreti Tavares (2011).

Alceu Silva, fundador da Supernova Filmes de Vera Cruz – RS, enfatizou que a formação em Economia, sua primeira graduação, foi fundamental para gerir as crises financeiras enfrentadas durante a pandemia de Covid-19 no empreendimento que dirige. Apontou ainda a importância da participação em eventos, entidades de classe e políticas públicas para articular a rede de contatos e garantir a troca de experiências, além de colaborações em projetos alheios, como forma de constituir e fortalecer o ecossistema empreendedor.

Inferimos, a partir da entrevista com Silva, que a perspectiva associativista e cooperativista de empreendedores gera uma rede que se reverte no reconhecimento mútuo de competências e afinidades, além de constituir um elemento institucional de articulação dos agentes vinculados ao campo com outras instâncias, tais como governos e patrocinadores. Essa definição parece ser traduzida pela conceituação de uma cultura empreendedora, ou seja, sentidos partilhados entre sujeitos que constituem um sistema social numa determinada configuração espaço-tempo.

A formação continuada, tanto em aspectos burocráticos quanto atualizações técnicas foi enaltecida pelo produtor, que busca em diferentes fontes esse aperfeiçoamento. Daí podemos também identificar que a Universidade, como instituição, tem um importante papel no diálogo com os egressos e empreendedores pois, dada sua natureza e missão, pode ser tomada como referência no aspecto educacional. Por não ter mencionado a UNISC, mas o Sebrae como agente formador de empreendedores, podemos interpretar que o silêncio a respeito da instituição de ensino na fala do depoente evidencia uma lacuna em sua atuação no ecossistema da região em que esse atua.

Thiago Briglia, gestor da Platô Filmes de Roraima, é formado em Jornalismo pela UFRR e também em direção cinematográfica pela Academia Internacional de Cinema de São Paulo. Ele relatou aos entrevistadores que seu posicionamento no mercado regional aconteceu após a participação e conquista de prêmios em festivais audiovisuais fora do Estado em que atua e reside. Identificado com produções que se aproximam da estética documental, procura estabelecer canais de comunicação com outras produtoras de Boa Vista – RR com o intuito de articular a cadeia produtiva em torno de políticas públicas voltadas ao setor, fomento à cultura regional e troca de informações sobre o mercado. Mas, para o depoente, o diferencial de sua carreira está no aproveitamento de políticas públicas que

permitiram e alavancaram oportunidades:

> A minha carreira, especialmente, é impactada pelas políticas de fomento descentralizadas... políticas de incentivo [...] primeiro, por estudar numa universidade pública federal, eu fui o primeiro do meu núcleo familiar a entrar na universidade. Segundo, por ter ganhado, por duas vezes, um edital descentralizado para produção de filme, que me fez efetivamente entrar no mercado do cinema, né?! (BRIGLIA, 2023).

Hoje, além de prestar serviços relacionados ao audiovisual (produção, captação, edição, roteiro), também dedica parte do seu tempo a um projeto voluntário de formação de mão de obra qualificada para o mercado na cidade de Boa Vista, contribuindo para o fortalecimento e aperfeiçoamento da cadeia produtiva e do ecossistema empreendedor no campo audiovisual.

Dessa entrevista, é possível identificar o reconhecimento de governos que implementam políticas públicas de incentivo à cultura e mantém a oferta do ensino superior público e de qualidade como um agente fundamental para o desenvolvimento pessoal e profissional do empreendedor. Além disso, é possível reconhecer o status atribuído à formação acadêmica para a constituição de um olhar apurado sobre as potencialidades do mercado regional como capaz de absorver suas iniciativas empreendedoras. A esfera federal, nesse caso, é evidenciada em relação à invisibilidade das instâncias estadual e municipal nessa articulação.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos depoimentos colhidos dos empreendedores, foi possível identificar as políticas públicas e seus agentes (governos) como elementos importantes na constituição do ecossistema empreendedor, tanto pelas oportunidades individuais experienciadas pelos depoentes quanto pela articulação da cadeia produtiva em busca de políticas públicas voltadas ao segmento econômico.

Outra evidência sinalizada por fragmentos discursivos dos depoentes foi a presença da universidade como agente integrante dessa cultura empreendedora, ainda que por vezes tenha surgido como insuficiente em suas ações. Tal emergência discursiva pode ser interpretada como uma potencialidade a ser explorada pelas políticas institucionais desses agentes, tanto na incorporação de elementos formadores pelo viés do empreendedorismo em seus cursos de graduação na área da Comunicação quanto na oferta de formação continuada,

visando suprir latências mercadológicas de quem decide empreender *apesar* da formação deficitária nesse sentido em sua graduação.

Os três discursos investem no associativismo, cooperativismo e formação de redes como uma necessidade para a superação de desafios impostos por condições macroeconômicas, por adversidades de diferentes ordens (como no caso da pandemia de Covid-19 e a imposição do distanciamento social como estratégia de enfrentamento à disseminação do vírus) ou mesmo pela necessidade de compensação às competências e afinidades não desenvolvidas pelos empreendedores e seus colaboradores diretos.

O Sebrae aparece como um agente recorrente e referência na formação empreendedora, porém deve ser tratado de forma cautelosa no contexto aqui explorado. Em outros desdobramentos dessa mesma pesquisa, o material teórico disponibilizado pela entidade na formação de empreendedores investe numa perspectiva discursiva da gestão de si e do auto gerenciamento como fundamentais (e quase que exclusivos) para garantir o sucesso dos empreendimentos. Tal formação discursiva parece afinada com o capitalismo atomizante e individualista que pautou muitas das relações trabalhistas desde a revolução industrial européia (século XVII) e que propaga a perspectiva do apagamento das relações coletivas, interesses amplos e leis que asseguram uma equidade entre as classes sociais. Ainda que mereça uma discussão focal, tal objeto não faz parte do escopo desse texto, mas é parte integrante da pesquisa em desenvolvimento e que origina o presente artigo.

Por fim, numa articulação direta com a estrutura curricular do curso de Jornalismo da UFAM, na versão mais atual (2022), vale a constatação de que existe apenas uma disciplina voltada ao tema: FIC042 - Empreendedorismo, inovação e gestão de negócios em jornalismo. Sendo optativa, ela é elencada a partir do planejamento elaborado pela coordenação do curso e em sintonia com o perfil do quadro docente disponível a cada semestre letivo, podendo ou não ser ofertada. A partir disso, percebe-se uma certa fragilidade no quesito continuidade e formação para o empreendedorismo de maneira metódica e sistematizada. Ainda que os docentes de outras disciplinas possam adotar práticas e/ou conteúdos programáticos voltados ao empreendedorismo em suas disciplinas, essa depende mais uma vez da organização interna, do perfil docente e da capacidade deste de articular teoria e prática mercadológica.

Assim, concluímos que os discursos mapeados nessa pesquisa (re)produzem invisibilidades sobre alguns agentes do ecossistema e suas

responsabilidades (governos estaduais e municipais, incubadoras, entidades de fomento ou representação de classe, entre outros), bem como sinalizam potencialidades de atuação institucional das universidades no quesito formação voltada à cultura empreendedora, seja na graduação ou a partir dela.

A leitura crítica sobre os discursos, para além dos empreendedores, também torna-se relevante quando o alcance midiático é maior do que as iniciativas de sujeitos e organizações privadas. Assim, a pesquisa científica voltada ao campo, tomando os discursos como objeto de estudo, preconizam um importante contributo à produção de saberes, em especial quando tomam as particularidades regionais (tal como a presença e relevância dos saberes tradicionais na Amazônia) para o desenvolvimento de perspectivas e práticas que coloquem os sujeitos em harmonia com os recursos naturais e o território.

REFERÊNCIAS

BAGGIO, Adelar Francisco; BAGGIO, Daniel Knebel. Empreendedorismo: conceitos e definições. In *Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia*, n.1, v.1, p.25-38, 2014. Disponível em https://seer.imed.edu.br/index.php/revistasi/article/viewFile/612/522 . Consultado em 30/06/2023.

CASAQUI, Vander. Estudos da cultura empreendedora no campo da comunicação: macroposições, narrativas, inspiração. In *Revista Galaxia* (São Paulo, online), n. 37, p. 55-65, jan-abr., 2018. Disponível em https://www.scielo.br/j/gal/a/rQ4TsXpSzzyfsBGmnSTTBFP/?lang=pt&format=pd f . Consultado em 30/06/2023.

OLIVEIRA, Tiago Maineri de. Perspectivas do Empreendedorismo em Comunicação. In *Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.* Porto Alegre, 2004. Disponível em http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/98316867296025066306328425954688552143.pdf . Consultado em 30/06/2023.

FEITOSA, Sara Alves; BELOCHIO, Vivian de Carvalho. Quatro relações entre Comunicação e Indústria Criativa. In GUINDANI, Joel Felipe; SILVA, Marcela Guimarães e. (orgs) *Comunicação e Indústria Criativa:* políticas, teorias e estratégias. Jaguarão: CLAEC, 2018. Disponível em: https://unipampa.edu.br/saoborja/sites/saoborja/files/documentos/livro_comunicacao_e_industria_criativa.pdf . Consultado em 30/06/2023.

SEBRAE. *Negócios, Cultura e Criatividade*: guia para empreender na economia criativa. Recife, 2015. Disponível em: https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/PE/Anexos/Guia_Empreender_Economia_Criativa.pdf . Consultado em 30/06/2023.

PECHÊUX, Michel. *O discurso*: estrutura ou acontecimento. 3ª ed. Campinas: Pontes, 2002.

BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentido. In: LAGO, Cláudia, BENETTI, Marcia. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil.* São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

TAVARES, Maria Goretti. A Amazônia brasileira: formação histórico-territorial e perspectivas para o século XXI*. GEOUSP Espaço e Tempo (Online),* v. 15, n. 2, p. 107-121, 2011. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74209 . Consultado em 30/06/2023.

INFLUENCIADORES DIGITAIS: reflexos Amazônidas no *Instagram* de Dina Carmona e Zé na Rede[1]

DIGITAL INFLUENCERS: amazonian reflections from Dina Carmona and Zé na Rede's Instagram account

INFLUENCERS DIGITALES: reflejos amazonidas em el Instagram de Dina Carmona y Zé na Rede

Lucas Matheus Santos Porto[2]

Resumo: O objetivo geral desta pesquisa é identificar o conteúdo produzido pelos influenciadores digitais paraenses Dina Carmona e Zé na Rede na rede social *on-line Instagram* para combater a construção de estereótipos sobre povos residentes da Amazônia. Os objetivos específicos são: 1 - Mapear as postagens na conta da rede social *on-line Instagram* dos dois influenciadores digitais. 2 - Analisar os conteúdos dos dois influenciadores digitais, Dina Carmona e Zé na Rede e 3 - Refletir sobre os estereótipos de povos amazônidas e vivências na região a partir do olhar dos dois influenciadores digitais paraenses. Esta pesquisa, com base no modelo metodologico desenvolvido por Lopes (2003), combina técnicas de caráter qualitativo e quantitativo de forma complementar. Como resultado é indicado que o formato audiovisual predomina do perfil de Dina Carmona e o formato fotos únicas e carrosel predomina no perfil do influenciador Zé na Rede.

Palavras-chave: Influenciadores digitais; Redes sociais on-line; Amazônia; Cultura; Pará.

Abstract: The general objective of this research is to identify the content produced by digital influencers from Pará Dina Carmona and Zé na Rede on the online social network Instagram to combat the construction of stereotypes about people living in the Amazon. The specific objectives are: 1 - Map the posts on the online social network account Instagram of the two digital influencers. 2 - Analyze the contents of the two digital influencers, Dina Carmona and Zé na Rede and 3 - Reflect on the stereotypes of Amazonian peoples and experiences in the region from the perspective of the two digital influencers from Pará. This research, based on the methodological model developed by Lopes (2003), combines qualitative and quantitative techniques in a complementary way. As a result, it is indicated that the audiovisual format predominates in the

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Comunicação Digital e Indústria Criativa do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), mestre pela mesma Instituição. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Integrante do Grupo de Pesquisa Ubiquidade da Comunicação (UbiCom/CNPq). Email: porto-lucass@hotmail.com. ORCID 0009 – 0000 – 3163 – 0011.

profile of Dina Carmona and the single photos and carousel format predominates in the profile of the influencer Zé na Rede.

Keywords: Digital influencers; social networks; Amazon; Culture; Pará.

Resumen: El objetivo general de esta investigación es identificar los contenidos producidos por influencers digitales de Pará Dina Carmona y Zé na Rede en la red social online Instagram para combatir la construcción de estereotipos sobre las personas que viven en la Amazonia. Los objetivos específicos son: 1 - Mapear las publicaciones en la cuenta de la red social online Instagram de los dos influencers digitales. 2 - Analizar los contenidos de los dos influencers digitales, Dina Carmona y Zé na Rede y 3 - Reflexionar sobre los estereotipos de los pueblos amazónicos y las experiencias de la región desde la perspectiva de los dos influencers digitales de Pará. Esta investigación, basada en el modelo metodológico desarrollado por Lopes (2003), combina técnicas cualitativas y cuantitativas de forma complementaria. Como resultado, se indica que el formato audiovisual predomina en el perfil de Dina Carmona y el formato de fotos sueltas y carrusel predomina en el perfil de la influencer Zé na Rede.

Palavras clave: Influencers digitales; Redes sociales; Amazonas; Cultura; Pará.

1. INTRODUÇÃO

Recebemos informações todos os dias, do acordar ao dormir, seja em uma roda de conversas da rotina, aplicativos de troca de mensagens ou até mesmo em redes sociais *on-line*, como o *Instagram*. Neste contexto de trocas de informações, diversos conteúdos produzidos por influenciadores digitais circulam.

No contexto da produção de conteúdo, estão os influenciadores digitais, que possuem o papel de influenciar pessoas a partir das redes *sociais on-line* e trazer assuntos para debate na sociedade, independente do nicho ou conteúdo produzido. No Brasil, existem mais de 500 mil influenciadores digitais com mais de 10 mil seguidores[3], e se levar em conta influenciadores com mais de 1000 seguidores, esse número representa 6% da população brasileira, totalizando 13 milhões de influenciadores.

[3] Dados sobre o número de influenciadores no Brasil. Disponível em: https://veja.abril.com.br/comportamento/pesquisa-revela-que-o-brasil-e-o-pais-dos- influenciadores-digitais. Acesso em 27 de julho 2023.

Tendo em vista este cenário de influenciadores digitais, esta dissertação busca responder a seguinte questão problema: "Quais os conteúdos produzidos pelos influenciadores digitais paraenses Dina Carmona e Zé na Rede para combater os estereótipos criados ao povos de origem da Amazônia?". O objetivo geral desta pesquisa é identificar o conteúdo produzido pelos influenciadores digitais paraenses Dina Carmona e Zé na Rede na rede social *on-line Instagram* para combater a construção de estereótipos sobre povos residentes da Amazônia. Os objetivos específicos são: 1 - Mapear as postagens na conta da rede social *on-line Instagram* dos dois influenciadores digitais. 2 - Analisar os conteúdos dos dois influenciadores digitais, Dina Carmona e Zé na Rede e 3 - Refletir sobre os estereótipos de povos amazônidas e vivências na região a partir do olhar dos dois influenciadores digitais paraenses. Esta pesquisa, com base no modelo metodologico desenvolvido por Lopes (2003), combina técnicas de caráter qualitativo e quantitativo de forma complementar.

A partir disto, este artigo se divide em: referencial teórico, construido sobre influenciadores digitais, explicando conceito e atuação dos influenciadores selecionados. Segundo, em metedologia e descrição. Terceiro, em análise; e quarto: em considerações finais.

2. INFLUENCIADORES DIGITAIS

Os influenciadores digitais estão presentes em redes sociais *on-line*. Estas são definidas como “metáforas para a estrutura dos agrupamentos sociais. São constituídas pelas relações entre os indivíduos e vão servir como estrutura fundamental para a sociedade.” (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015, p. 23). Sendo assim, as redes sociais *on-line*, onde os influenciadores estão presentes, são uma forma de criar laços e conexões afetivas com aqueles que os acompanham a partir da produção de conteúdo.

Ser um influenciador, como diz o próprio nome, é influenciar àqueles que consomem o conteúdo criado nas redes sociais *on-line*. Eles impactam diretamente quem visualiza o material publicado, seja por meio de fotos, vídeos ou falas. Um influenciador compartilha o estilo de vida, opiniões, talentos e conteúdos para o público-alvo. Issaf Karhawi (2017) acredita que o termo passou a ser conhecido no Brasil a partir de 2015.

> Um site de rede social é uma plataforma de comunicação em rede na qual os participantes 1) possuem perfis de identificação única

> que consistem em conteúdos produzidos pelo usuário, conteúdos fornecidos por outros usuários, e/ou dados fornecidos pelo sistema; 2) podem articular publicamente conexões que podem ser vistas e cruzadas por outros; e 3) podem consumir, produzir e/ou interagir com fluxos de conteúdo gerado por usuários fornecidos por suas conexões no site (ELLISON; BOYD, 2013, p. 158)

Influenciadores digitais estão ligados diretamente com as redes sociais *on-line*. Nestes espaços, eles ganham visibilidade a partir do conteúdo produzido, onde os seguidores, que são as pessoas os que acompanham, trocam afeto e engajam as publicações.

> Os influenciadores digitais são pessoas que publicam conteúdo na internet, por meio de um blog ou de redes sociais on-line, como o Twitter, Facebook, Instagram, Tik Tok e entre outros. Eles são responsáveis por produzir conteúdo para um público- alvo se identificar. Influenciamos e somos influenciados a todo momento. Quando sugerimos um médico, ou quando alguém compra algo, ou visita um museu a partir do relato positivo de um amigo, o poder da influência é exercido. Para que se possa avançar a discussão sobre quem são os influenciadores digitais, como trabalham e que impacto potencial podem oferecer aos anunciantes, é preciso, antes de mais nada, acompanhar, ainda que brevemente, os estudos sobre influência, mais especificamente na esfera midiática. (PRIMO, MATOS, MONTEIRO. 2021, p. 46).

Essa profissão pode ser nomeada por diversas nomenclaturas que foram mudando ao longo do amadurecimento dos estudos sobre influenciadores digitais. Esses nomes são: vlogueiros, *youtubers*, *bloggers*, formadores de opinião e influenciadores digitais, mas todos com o mesmo significado: se referem àqueles que produzem conteúdo para as redes sociais on-line, segundo Issaaf Karhawi (2017, p.55)

> Assim, a evolução do termo não exclui os termos anteriores e definições já formuladas, mesmo que estas façam referência a fenômenos diferentes20. Olhar para trás nesse processo permite inferir, por exemplo, que um influenciador digital deve a institucionalização de suas expertises aos blogueiros. Mesmo que o influenciador em questão nunca tenha tido um blog. Mesmo que atue apenas no YouTube ou que tenha só uma conta no Instagram. A institucionalização desse modelo de negócio e de competências profissionais específicas é algo que vem sendo delimitado desde os primeiros blogueiros profissionais. Ainda, o termo influenciador não anula dinâmicas dos “extintos” vlogueiros ou blogueiros, não representa, necessariamente, uma novidade em termos de práticas de comunicação – mas uma ampliação das possibilidades de atuação. (KARHAWI, 2017, p. 55)

Os influenciadores se tornaram referência no mercado da publicidade. Quando uma marca inicia o processo de criação de campanhas, os influenciadores digitais estão presentes no planejamento, pois eles são peças essenciais no que

diz respeito à influenciar as pessoas que consomem o conteúdo, a partir da experiência relatada com um produto, marca e serviço. Essa experiência compartilhada pode acontecer em uma rede social *on-line* específica ou em várias.

> Tornar-se um influenciador digital é percorrer uma escalada: produção de conteúdo; consistência nessa produção (tanto temática quanto temporal); manutenção de relações, destaque em uma comunidade e, por fim, influência. Um influenciador pode ser tanto aquele que estimula debates ou agenda temas de discussão em nichos, quanto aquele que influencia na compra de um lançamento de determinada marca. Em ambos os casos, o processo de solidificação em termos de crédito, capital e reputação são os mesmos. Toda essa construção é, ao fim, apropriada por marcas que identificam nos influenciadores uma ponte entre um produto e seus consumidores. (KARHAWI, 2017, p. 59)

No contexto da diversidade e infinidade de conteúdos produzidos nas redes sociais *on-line*, os influenciadores se dividem em nichos. Moda, beleza, rotina saudável, games, gastronomia, tecnologia, militância e diversas temáticas. Existe público para todos. Eles estão sempre dentro das tendências para conseguir um bom engajamento, afinal, o que determina um influenciador ter sucesso é o engajamento na conta da rede social *on-line*.

O engajamento possui ligação com o conteúdo produzido pelo influenciador. A relação do público por meio do número de curtidas, comentários, compartilhamentos, visualizações ou *clicks* em *links*. Dijck (2013, p.173) acredita que estas ferramentas de interação que estão ligadas ao engajamento ajudam a moldar a experiências de quem consome a partir do uso dos algoritmos.

> Os influenciadores digitais são incrivelmente importantes e as mídias sociais oferecem networking e ferramentas perfeitas para a influência digital em tempo real. O botão “curtir” revela reações instantâneas e emocionais, e é um mecanismo muito sofisticado que faz com que haja muito mais que uma “sensação boa de aprovação”. Tais botões do curtir permitem ao Facebook desvendar algoritmicamente detectar padrões de gosto: se os seus amigos gostam de tal filme ou livro, você provavelmente deve gostar também. Baseado nestes gostos, o Facebook passa a determinar o que você precisa. Logo, ele começa a enviar anúncios de outros produtos passíveis do gosto do usuário. (DIKCJ, 2013, p. 173).

Para ser um influenciador digital, é necessário produzir conteúdo com frequência, todavia, nem todas as pessoas que produzem contéudo são influenciadores. Alê Primo, Ludimila Matos e Maria Monteiro (2021) afirmam que uma pessoa pode produzir conteúdo on-line e não ser um influenciador.

> No escopo dos influenciadores digitais, assume-se que há sempre produção de conteúdo. Trata-se de uma condição sine qua non para ser considerado um influenciador, neste cenário. Aqui, uma ressalva: quando falamos de produção de conteúdo, não há uma análise valorativa. Esse conteúdo pode ser desde fotos bem clicadas para o Instagram, posts em blogs, montagens divertidas no Facebook, até vídeos com edição profissional, textos especializados, etc. (KARHAWI, 2017, p. 54)

Em tempos de criação de conteúdo para as redes sociais *on-line*, eles se tornam os verdadeiros protagonistas das novas narrativas presentes no digital. Os influenciadores digitais impactam diariamente a sociedade, ganhando destaque em programas e novelas de televisão, sendo estes exemplos que retratam sucesso. De forma autentica, cada influenciador transmite os gostos, conhecimentos e opiniões pessoais ao público.

Quando se fala em digital, não existem limites para o conteúdo de um influenciador digital. Ele poder ser produzido, por exemplo, no hemisfério norte e chegar até no hemisfério sul. A partir de uma análise com enfoque mais representativo em campo de pesquisa com recorte regionalizado, um determinado conteúdo pode ser produzido na região amazônica. Não existem barreiras físicas para a informação.

Um influenciador precisa ter cuidado com o conteúdo que ele repassa nas redes e a forma com que ele é representado.

> (...) nós concedemos sentido às coisas pela maneira como as representamos – as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que dela criamos, as emoções que associamos a elas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, enfim, os valores que nela embutimos (HALL, 2016, p.21).

Entre os assuntos explorados por influenciadores digitais, um que merece destaque é o da vivência amazônida a partir do conteúdo produzido. Penalva (2018) acredita que existem estereótipos quando se fala sobre a Amazônia e a representação brasileira.

2.1 Dina Carmona

Com mais de 95 mil seguidores somente na conta do *Instagram*, Dina Carmona é publicitária e influenciadora digital paraense, que cria e compartilha conteúdo sobre a Amazônia diariamente com o seu público. A influenciadora

paraense trabalho há mais de 12 anos com a criação de conteúdo para as redes sociais *on-line*.

Figura 1 – Perfil Dina Carmona na rede social *on-line Instagram*
Fonte: Captura de tela.

Dina Carmona é filha do advogado e Deputado Estadual João Batista que sofreu três atentados e diversas ameaças devido a atuação na luta pela reforma agrária. Em 1988, ele foi executado na frente da esposa e dos filhos. A influenciadora digital transformou a dor de ver a execução do pai em militância pela Amazônia. Ela investe nas redes para aproximar o povo amazônida das discussões que envolvam outras regiões do Brasil, como Rio de Janeiro e São Paulo.

Além disto, outra influência para a produtora de conteúdo trilhar os seus caminhos na militância pela Amazônia nas redes sociais *on-line* foi a mãe, Sandra Batista, que trilhou caminhos no Partido Comunista do Brasil. Em 2020, a influenciadora digital cria o projeto “Mulheres Fortes do Norte”, uma série audiovisual na rede social on-line *Instagram*, que tem o objetivo de dar voz e ouvidos ao protagonismo feminino amazônida, às mulheres locais. Carmona (2022) acredita que a realidade amazônica é diversa e possui diversas camadas de complexidade que não podem ser levantadas em debates sociais rasos. A influenciadora acredita que os povos da Amazônia devem falar por eles mesmos e não deixar outras regiões, como o sudeste, repassar a cultura da região.

Figura 2 – Dina Carmona na rede social on-line Instagram

Fonte: Captura de tela.

Ao falar em regiões e cultura, Carmona (2022) afirma que é essencial que o Norte assuma o seu lugar de fala e mostre toda a sua potência, ressaltando a ancestralidade indígena com orgulho.

2.2 Zé na Rede

Com mais de 19 mil seguidores somente na rede social *on-line Instagram*, o amazônida José Neto denominado por "Zé na rede' é um exemplo de influenciadores digitais nortistas que se destacam ao divulgar conteúdos nas redes sociais *on-line*. Zé já participou do TedxTalks[4] para falar sobre a Amazônia e destacar que o território não é um só, para acabar com esteriotipos e mostrando a importância da vivência em diferentes contextos.

Figura 3 – Perfil Zé na rede na rede social *on-line Instagram*
Fonte: Captura de tela.

[4] TedxTalks é uma versão independente de uma das conferências mais importantes e inovadores do mundo. A TED (tecnologia, entretenimento e design). São vídeos com até 18 minutos, filmadas no evento TEDx e o "x" indica que o evento é realizado por entidades autônomas em todo o mundo.

O influenciador José Neto é indigena kaetétupinambá do Pará, ativista, engenheiro de produção, fotógrafo amador e encantado por compartilhar histórias. Zé na rede cria conteúdo sobre os diferentes contextos da Amazônia e assuntos do movimento indígena como fruto da sua história e dos mais de 9 anos trabalhando com comunidades tradicionais na Amazônia. Para ser um influenciador digital é necessário mostrar constância e domínio sobre a temática produzida.

"Zé na rede" a partir de seu trabalho nas redes sociais on-line, ganhou o prêmio Jovem Ativista do ano da revista Capricho, em 2022, com 68% dos votos. Isso mostra a importância do trabalho do influenciador digital dentro dos espaços digitais, levando conhecimento sobre a desmitificação do povo amazônida e os seus costumes.

Figura 4 – Zé em publicação na rede social on-line Instagram
Fonte: Captura de tela.

O produtor de conteúdo digital leva para sua conta no *Instagram* conteúdo de forma leve, com referências, didática e de fácil compreensão sobre o território amazônico. Além disso, mostra sua rotina ligada aos povos da floresta, viagens, empresas, produtos sustentáveis, pautas do movimento indígena, indicação/listas, urgências climáticas, fotografias, cultura, decolonilidade, sustentabilidade, bioeconomia e outros assuntos relacionados com a região. O mercado dos influenciadores é responsável por movimentar a economia nacional e mundial.

2.3. Metodologia

Este artigo é uma pesquisa qualitativa e quantitativa de forma complementar, a partir das quatro etapas propostas por Lopes (2003), que mostra a relação entre o perfil dos influenciadores digitais paraenses Dina Carmona e Zé na rede.

A pesquisa analisa a partir das quantificações das publicações na conta do *Instagram* dos dois produtores de conteúdo amazônida, totalizando **106 publicações**, no período de dois meses **(maio e junho de 2023)**. As publicações se dividem em **84** do perfil da influenciadora digital Dina Carmona e **22** do perfil do influenciador digital Zé na Rede, dentro do período analisado.

O **objetivo geral** desta pesquisa é identificar o conteúdo produzido pelos influenciadores digitais paraenses Dina Carmona e Zé na Rede na rede social *on-line Instagram* para combater a construção de estereótipos sobre povos residentes da Amazônia. Os **objetivos específicos** são: **1** - Mapear as postagens na conta da rede social *on-line Instagram* dos dois influenciadores digitais. **2** - Analisar os conteúdos dos dois influenciadores digitais, Dina Carmona e Zé na Rede e **3** - Refletir sobre os estereótipos de povos amazônidas e vivências na região a partir do olhar dos dois influenciadores digitais paraenses.

Para iniciar esta pesquisa, o primeiro passo foi selecionar dois influenciadores digitais paraenses que tivessem um conteúdo relacionado à Amazônia no *Instagram*. Como critério de seleção foram levados em conta os seguintes pontos: **1)** ser um influenciador digital paraense com mais de 15 mil seguidores. **2)** analisar o perfil de influenciadores de sexo oposto, um homem e uma mulher, para poder comparar os dois perfis.

O *Instagram* é uma rede social on-line criada em 2010 somente para dispositivos com o sistema iOS, mas em 2012, quando a empresa Facebook, atualmente conhecida como Meta, integra os dispositivos com o sistema Android. Nesta rede social é possível publicas fotos e vídeos no feed de notícias, além de publicar na plataforma reels, dentro da própria rede social.

Após selecionar os influenciadores e o período de análise, foram feitas as capturas de telas no perfil dos dois influenciadores. Após isso, baseado no que foi capturado, foram criadas dois tipos de categoria de análise: categorias sobre a forma do conteúdo e categorias sobre a temática do conteúdo produzido pelos influenciadores. É necessário dizer que, não fazia parte do objetivo geral e específicos desta pesquisa analisar os *stories* por terem duração de 24 horas. Sendo assim, foram analisados somente o conteúdo do *feed* na rede social *on-line Instagram* dos dois influenciadores digitais.

2.4. Descrição

A metodologia usada é a Análise de conteúdo, proposta por Bardin (2009), onde o material coletado posteriormente foi classificado por temas ou categorias para responder o objetivo geral deste projeto. Baseando-se no que foi observado das capturas de tela foram criadas estas categorias:

Categorias de forma:

Tabela 1

Vídeos	Conteúdos no formato audiovisual.
Fotos únicas e carrossel	Conteúdos no formato de fotografias únicas ou no formato de carrossel (mais de uma foto).
Cards únicos	Conteúdos informativos em somente um card.
Carrosséis informativos	Conteúdos informativos em dois cards ou mais.

Fonte: Criação do autor.

Agora no que diz respeito às temáticas dos conteúdos, foram criadas estas categorias:

Tabela 2

Fotos ou vídeo pessoais	Aqui, se encaixam fotos ou vídeos pessoais, que não possuem relação com publicações sobre a Amazônia, como amigos e familiares.
Povos residentes da Amazônia	Aqui, se encaixam publicações relacionadas aos povos residentes da Amazônia.
Cultura Amazônica	Aqui, se encaixam publicações relacionadas com gastronomia, rotina, comportamento e costumes amazônidas.
Palestras	Aqui, se encaixam publicações relacionadas à palestras que os influenciadores deram.
Publicidades	Aqui, se encaixam somente publicidades que os influenciadores fizeram.

Fonte: Criação do autor.

2.5. Análise

A partir da análise feita foi possível perceber que o formato audiovisual é o mais explorado pela influenciadora digital Dina Carmona, totalizando 32 conteúdos. Em segundo lugar, o formato de fotos únicas e carrossel, o terceiro com carrosséis informativos e por último foram os cards com informações únicas. Isto demonstra a força do audiovisual na criação de conteúdo de Dina Carmona.

Tabela 3 – Formatos do conteúdo da influenciadora digital Dina Carmona

Vídeos	32
Fotos únicas e carrossel	22
Cards únicos	13
Carrosséis informativos	17

Fonte: Criação do autor.

Diferente de Dina Carmona, o influenciador digital Zé na Rede demonstra outra didática no formato de conteúdo em seu perfil. A partir da análise feita foi possível perceber que o formato fotos únicas e carrosel é o mais explorado pela influenciador digital Zé na Rede, totalizando 11 conteúdos. Em segundo lugar, o formato audiovisual, o terceiro com carrosséis informativos e por último foram os cards com informações únicas.

Tabela 4 – Formatos do conteúdo do influenciador digital Zé na Rede

Vídeos	8
Fotos únicas e carrossel	11
Cards únicos	1
Carrosséis informativos	2

Fonte: Criação do autor.

Agora no que diz respeito ao **assuntos** que os influenciadores digitais publicam, estes foram os resultados:

A partir dos números mostrados é possível perceber que a influenciadora digital Dina Carmona teve um maior número de publicações no que diz respeito à sua vida pessoal, como sua família e amigos, mas é necessário destacar que isto

não quer dizer que ela não poste conteúdos relacionados à Amazônia, pelo contrário.

Tabela 5 – Temáticas dos conteúdos publicados por Dina Carmona

Fotos ou vídeo pessoais	26
Povos residentes da Amazônia	0
Cultura Amazônica	24
Palestras	21
Publicidades	13

Fonte: Criação do autor.

Em segundo lugar, o maior número de publicações da influenciadora é sobre a cultura na Amazônia, totalizando 24 postagens. Neste conteúdo, a ligação é com a gastronomia regional, rotina e comportamento do povo amazônida que ela retrata nas redes sociais on-line, no caso, os paraenses. Já o influenciador Zé na Rede se destacou por ter um conteúdo presente sobre os povos residentes da Amazônia.

Tabela 6 – Temáticas dos conteúdos publicados por Zé na Rede

Fotos ou vídeo pessoais	4
Povos residentes da Amazônia	10
Cultura Amazônica	4
Palestras	3
Publicidades	1

Fonte: Criação do autor.

A partir da análise é possível perceber que, no período analisado, o influenciador se destacou nesta temática, em seguida empatando fotos pessoais com assuntos relacionados com a cultura amazônica.

Baseando-se nos dados mostrados acima, é interessante citar que os dois influenciadores digitais fizeram publicidades no perfil da rede social *on-line Instagram*, que é um dos critérios definidos por Primo, Matos e Monteiro (2021).

É necessário ressaltar que dentro do período de análise só foi levado em conta o conteúdo compartilhado pelo feed de notícias dos dois influenciadores. Isto não quer dizer que eles não atuaram em outros formatos. Ambos apareciam frequentemente nos stories da rede social on-line Instagram para compartilhar sua rotina e conteúdos relacionados à Amazônia.

Outro ponto perceptível é o número de publicações entre os influenciadores digitais no mesmo período. Enquanto Zé publicou 22 conteúdos, a influencidora Dina Carmona publicou 84 conteúdos na rede social *on-line Instagram*.

Apesar da diferença entre o número de conteúdos publicados dos dois influenciadores, a militância e atuação são presentes no perfil de ambos, demonstrando um papel de grande importância da defesa das causas, representações e costumes únicos amazônidas.

Com esse formato de conteúdo, é possível perceber a atuação do influenciadores no que diz respeito à construção de novas formas do mundo olhar para as regiões da Amazônia são presentes a partir do posicionamento exposto na rede social *on-line* para os seguidores.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo traz reflexões sobre o papel de influenciadores digitais para o processo de construção de ideias das regiões Amazônidas. Karhawi (2017) acredita que para se tornar um influenciador digital é necessário criar conteúdo com constância sobre temáticas específicas. Dessa forma, o influenciador cria uma ligação com o público, demonstrando um alinhamento de pensamentos com àqueles que os acompanham diariamente.

Baseando-se no pensamento de Karhawi (2017), ao criar conteúdo relacionados à Amazônia, seus costumes e peculiaridades, Dina Carmona e Zé na Rede cria ligação com o público que possui um pensamento semelhante aos dos dois influenciadores digitais.

Diante desta pesquisa foi possível responder ao objetivo geral que é identificar o conteúdo produzido pelos influenciadores digitais paraenses Dina Carmona e Zé na Rede na rede social *on-line Instagram* para combater a construção de estereótipos sobre povos residentes da Amazônia, assim como responder aos objetivos específicos, **1** - Mapear as postagens na conta da rede social *on-line Instagram* dos dois influenciadores digitais. **2** - Analisar os conteúdos dos dois influenciadores digitais, Dina Carmona e Zé na Rede e **3** - Refletir sobre

os estereótipos de povos amazônidas e vivências na região a partir do olhar dos dois influenciadores digitais paraenses.

Se engana quem pensa quem influenciadores digitais estão ligados às assuntos de luxo e supérfluos da rotina. A temática dos influenciadores digitais é de grande importância para a sociedade, pois a partir deles, novos formatos de conteúdo e comportamentos vão surgindo. Eles são responsáveis por ditar comportamentos.É necessário ressaltar a importância do papel de um influenciador digital. Durante muito tempo devido à falta de ferramentas que interligasse várias pessoas independente da distância geográfica, como as redes sociais on-line, a voz da Amazônia e seu povo era subalternizada. A única fonte de informação eram as grandes mídias, que em muitos casos estereotipavam os povos da região.

Hoje em dia, a partir da produção de conteúdo de influenciadores digitais, as pessoas têm a chance de ter um novo olhar sobre as regiões amazônidas que durante muito tempo da história foram subordinadas. Esta pesquisa nasce para isso, ajudar no combate aos estereótipos criados ao povos de origem da Amazônia.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L.(2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70. Disponível em: https://ia802902.us.archive.org/8/items/bardin-laurence-analise-de-conteudo/bardin-laurence-analise-de-conteudo.pdf

CAMARGO, Isadora; TERRA, Carolina. *Faces da conectividade*: Plataformas, Influência e Usuários – entrevista com José van Dijck. Parágrafo. v. 5, n. 1. 2017.

ELLISON, Nicole; BOYD, Danah. Sociality through Social Network Sites. In: Dutton, W.H. (Org.). *The Oxford Handbook of Internet Studies.* Oxford: Oxford University Press, p. 151-172, 2013.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Trad. Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

KARHAWI, Issaaf. *Influenciadores digitais*: conceitos e práticas em discussão. Revista Communicare. v. 17, 2017.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Pesquisa em comunicação* / Maria Immacolata Vassallo de Lopes. - 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MATOS, Ludmila; MONTEIRO, Maria; PRIMO; Alê. *Dimensões para o estudo dos influenciadores digitais.* 2021

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. *Análise de redes para mídia social.* Porto Alegre: Sulina, 2015.

JORNALISMO E CRIATIVIDADE: ANÁLISE DOS PERFIS BBC NEWS BRASIL E OLIBERAL.COM NO TIKTOK[1]

JOURNALISM AND CREATIVITY: BBC NEWS BRASIL AND OLIBERAL.COM PROFILE ANALYSIS ON TIKTOK

PERIODISMO Y CREATIVIDAD: ANÁLISIS DE LOS PERFILES DE BBC NEWS BRASIL Y OLIBERAL.COM EN TIKTOK

Carolina da Costa Albuquerque[2]
Even Christine Rodrigues Oliveira[3]
Isabella Cordeiro Carvalho dos Santos[4]
Maíra Evangelista de Sousa[5]

Resumo: Este artigo tem o objetivo de verificar como se dá o uso da criatividade nos perfis dos jornais BBC News Brasil e O Liberal no TikTok, com foco no formato e no conteúdo. De abordagem quali-quantitativa, os procedimentos metodológicos abarcam a revisão bibliográfica e a análise de publicações (LOPES, 2010). São avaliadas 14 postagens de junho de 2023, sendo sete de cada um dos veículos. Verificou-se a utilização de mais recursos narrativos pela BBC News Brasil do que pelo O Liberal e que ambos tratam de editorias variadas, havendo apenas uma em comum: curiosidade. Conclui-se que existem publicações jornalísticas que apresentam todo o potencial criativo do TikTok, e outras que subutilizam tais possibilidades.

Palavras-chave: Jornalismo, Criatividade, TikTok, Plataformas de Redes Sociais.

Abstract: This article aims to verify how creativity is used in the profiles of BBC News Brasil and O Liberal on TikTok, focusing on format and content. With a quali-quantitative approach, the methodological procedures include the bibliographic review and the analysis of publications (LOPES, 2010). Fourteen posts from June 2023 are evaluated, seven from each of the vehicles. It was

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho 6 - COMUNICAÇÃO DIGITAL E INDÚSTRIA CRIATIVA do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Jornalista, graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: carol2000costa@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0009-0009-1400-9894.

[3] Jornalista, graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: evenoliveira01@hotmail.com. ORCID: https://orcid.org/0009-0005-3896-0829.

[4] Jornalista, graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: bellacsantos@hotmail.com. ORCID: https://orcid.org/0009-0004-9704-9704.

[5] Jornalista, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) e dos cursos de Comunicação Social da Universidade da Amazônia (UNAMA), doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS), coordenadora do Grupo de Pesquisa Ubiquidade da Comunicação (UbiCom) e vice coordenadora da Rede de Pesquisa Aplicada em Jornalismo e Tecnologias Digitais (JorTec). E-mail: maira.evangelistadesousa@gmail.com. ORCID: http://orcid.org/0000-0002-5149-7518.

verified that BBC News Brasil used more narrative resources than O Liberal and that both dealt with varied sections, with only one in common: curiosity. It is concluded that there are journalistic publications that present all the creative potential of TikTok, and others that underutilize such possibilities.

Keywords: Journalism, Creativity, TikTok, Social Media Platforms.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo verificar cómo se utiliza la creatividad en los perfiles de BBC News Brasil y O Liberal en TikTok, centrándose en el formato y el contenido. Con un enfoque cuali-cuantitativo, los procedimientos metodológicos incluyen la revisión bibliográfica y el análisis de publicaciones (LOPES, 2010). Se evalúan catorce puestos de junio de 2023, siete de cada uno de los vehículos. Se constató que BBC News Brasil utilizó más recursos narrativos que O Liberal y que ambos abordaron secciones variadas, con un solo punto en común: la curiosidad. Se concluye que hay publicaciones periodísticas que presentan todo el potencial creativo de TikTok, y otras que subutilizan dichas posibilidades.

Palabras-clave: Periodismo, Creatividad, TikTok, Plataformas de Redes Sociales.

1. INTRODUÇÃO

Ler notícias na internet é a prática mais comum para as pessoas conectadas. A atividade cultivada por 80% das pessoas que utilizam a rede mundial de computadores, de acordo com o Instituto de Pesquisas do Grupo Folha – Datafolha[6]. Estar atualizado com as notícias é a principal razão para pessoas entre 16 e 64 anos usarem a internet, segundo o Relatório Digital Global 2023[7]. Ainda conforme o estudo, as plataformas de redes sociais foram o segundo espaço mais acessado na internet, perdendo apenas para aplicativos de bate- papo e mensageiros. Nesse cenário, o TikTok é uma plataforma de rede social que tem ganhado cada vez mais público. Por conseguinte, o potencial criativo desse espaço tem sido apropriado por veículos jornalísticos para conquistar o público mais jovem.

Diante desse contexto, esta pesquisa tem o objetivo de verificar como se dá o uso da criatividade nos perfis dos jornais BBC News Brasil e O Liberal no TikTok, com foco no formato e no conteúdo.

[6] Ler notícias é hábito mais comum entre internautas brasileiros, diz Datafolha. 29 jun. 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/tec/2023/06/ler-noticias-e-habito-mais-comum- entre-internautas-brasileiros-diz-datafolha.shtml. Acesso em: 25 jul. 2023.

[7] DIGITAL 2023: GLOBAL OVERVIEW REPORT. 2023a. Disponível em: https://datareportal.com/reports/digital-2023-global-overview-report. Acesso em: 04 jun. 2023.

Os procedimentos metodológicos envolvem a revisão bibliográfica e a análise quantitativa e qualitativa das publicações (LOPES, 2010). O corpus é formado por 14 postagens de junho de 2023, sendo sete de cada um dos veículos avaliados. Além desta introdução e das conclusões, este artigo é formado por quatro tópicos principais. São eles: 1) Criatividade e jornalismo; 2) TikTok e jornalismo; 3) Percurso metodológico; 4) Resultados e discussão.

2. CRIATIVIDADE E JORNALISMO

Quando o assunto é criatividade, é natural que se faça uma relação desse conceito a algo inovador. Embora essa ligação não esteja equivocada, o processo criativo, de modo geral, vai além da inovação. Ao longo dos anos, vários significados foram atribuídos à criatividade e, atualmente, pode-se dizer que ainda não é possível encaixá-la em uma única definição e sem analisar o contexto no qual ela está inserida.

De acordo com Santos (2022, p. 26), durante muito tempo, associar a criatividade ao mundo das artes e à filosofia não era atípico. A partir dessa ideia, que compreendia a inspiração como um dom ou uma revelação, o ato de criar também esteve entrelaçado à “espiritualidade” (ROQUETTE, 1973 *apud* DAVID; MORAES, 2012, p. 3). No decorrer da história, ao seguir o desenvolvimento da sociedade e da ciência, a criatividade permaneceu ganhando novos sentidos, enquanto outros se tornaram inevitavelmente obsoletos.

As particularidades, memórias e experiências de cada indivíduo também podem influenciar diretamente no processo criativo, uma vez que não há ato criativo sem a intervenção intelectual inerente à subjetividade humana. Além de acreditar ser uma necessidade, Ostrower (1977, p. 53) considera a criatividade e os processos de criação como estados e comportamentos naturais da humanidade. Compreende-se, portanto, que a criatividade é explorada com base na percepção que temos do mundo e seus fenômenos, transformando-se também em solução para as situações que surgem no dia a dia. Moura (2019, p. 18) explica:

> Dessa forma funciona a criatividade, principalmente quando existe um espaço para o pensamento descansar, nessa pausa surge um conjunto de memórias e fragmentos de situações vividas que se unem e se transformam em uma ideia ou solução criativa (MOURA, 2019, p. 18).

Para que seja possível inovar no jornalismo – que constantemente passa por mudanças e busca adaptar-se a elas –, é essencial que a criatividade seja despertada e estimulada nos profissionais. Isto é, ao tratarmos de criação ou da produção jornalística propriamente dita, é fundamental que os jornalistas tenham a capacidade de remontar às suas vivências, sem que a função informativa perca a qualidade exigida, permitindo que o potencial criativo tenha espaço neste meio e que o jornalismo siga em desenvolvimento, consequentemente proporcionando novidades aos diferentes públicos que consomem notícias de diversos modos.

Essa ideia de transformações do jornalismo é reiterada por Wicke (2022, p. 5), ao afirmar que, embora as raízes da profissão ainda sejam as mesmas, as práticas jornalísticas já estão sofrendo modificações. Segundo a autora, existem modelos na área que estão falidos e o jornalismo contemporâneo já tem apresentado abordagens criativas. Sem criatividade, a tarefa de estabelecer e manter uma comunicação com o público pode ser mais difícil, uma vez que ele tem se tornado cada vez mais exigente em relação aos conteúdos que acessa.

Em meio a vários desafios, o cenário digital ampliou a urgência em oferecer novas maneiras de se comunicar com as pessoas, trazendo infinitas possibilidades para a exploração do potencial criativo. A produção jornalística depende da criatividade para delinear o melhor jeito de informar, de modo que este seja responsável e que mantenha o interesse dos consumidores. Os jornalistas devem manter um olhar atento e preciso para as novas tendências, adaptando-se a elas e aperfeiçoando a capacidade de criar conteúdos noticiosos diversificados, nos mais diferentes formatos.

Santos (2022, p. 28) defende que, ainda que não haja uma única definição para a criatividade, ela consiste na habilidade de dar forma a algo, atravessando muitas áreas. Neste sentido, a plataforma de rede social TikTok – que se popularizou nos últimos anos – pode ser um exemplo em meio à infinidade de alternativas para o uso da criatividade e o jornalismo tem acompanhado esse movimento, tendo em vista que os veículos de comunicação migraram e buscam encaixar as práticas jornalísticas nos moldes da plataforma.

3. TIKTOK E JORNALISMO

Para entender melhor a plataforma TikTok [8] , previamente, é preciso compreender as plataformas de redes sociais[9]. Afinal, a evolução das redes sociais digitais foi marcada por um rápido crescimento e transformação social, mudando profundamente a forma como as pessoas se conectam, comunicam e compartilham informações tanto online quanto offline e, ainda, a prática de algumas profissões – dentre elas, o jornalismo.

Jorge, Pereira e Adghirni (2009, p. 75) falam que "já é lugar-comum dizer que o jornalismo não é mais o mesmo após a chegada da Internet. Novos dispositivos, linguagens e rotinas de trabalho começam a ser introduzidos no *savoir-faire* jornalístico". As transformações geradas pelas plataformas digitais possibilitaram um novo cenário para configurar a prática jornalística: a convergência[10]. Com base nesse legado, observa-se que as plataformas de redes sociais cresceram de forma contínua: conectam bilhões de pessoas em todo o mundo e desempenham um papel fundamental na comunicação contemporânea.

Lançado pela empresa ByteDance, na China, em 2016, o TikTok está cada vez mais popular, principalmente entre o público jovem que tem se tornado mais interessado em consumir conteúdos audiovisuais. Nesse sentido, dentro do universo de redes sociais digitais, a plataforma vem ganhando destaque: o TikTok tinha 82,21 milhões de usuários com 18 anos ou mais no Brasil até o começo de 2023, de acordo com o Relatório Digital sobre o Brasil 2023[11] da DataReportal.

O TikTok permite a criação e o compartilhamento de vídeos curtos, por meio de diversas ferramentas para propagar o conteúdo de forma atrativa. Segundo o próprio TikTok (2023[12]), a plataforma é o principal destino para vídeos móveis no formato curto e a missão do aplicativo é "inspirar a criatividade e trazer alegria".

[8] TIKTOK. Disponível em: https://www.tiktok.com. Acesso em: 30 jun. 2023.

[9] Neste trabalho, os termos plataformas de redes sociais, sites de redes sociais e redes sociais digitais são usados como sinônimos.

[10] Refere-se "ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam" (JENKINS, 2009, p. 30).

[11] DIGITAL 2023: BRASIL. 2023b. Disponível em: https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil. Acesso em: 04 jun. 2023.

Logo, em um cenário de convergência, o jornalismo sentiu a urgência em migrar para espaços, como o TikTok, com o objetivo de se aproximar e estabelecer uma comunicação com o público mais jovem. Para isso, o TikTok vem sendo apropriado pelas organizações noticiosas, que utilizam os diversos recursos da plataforma e uma linguagem criativa na produção de conteúdos. De modo que,

> os veículos utilizam um tom divertido, simples e atrativo para encontrar equilíbrio entre informação factual e narrativas emocionais, positivas e personalizadas, seguindo tendências atuais. (...) Assumem, ainda, a dinâmica do TikTok, definida principalmente por hashtags, desafios e tagueamento sonoro, com base em algoritmos, e adaptam suas práticas participando das tendências do momento para manter a viralidade de seu conteúdo, que ascende como valor (POLO, 2022, p. 41).

A presença de veículos noticiosos na plataforma permite uma maior interação com o público, além de outras características do jornalismo digital como a hipertextualidade, a multimidialidade, a instantaneidade. Somada a esta equação exige-se ainda a criatividade na hora de produzir as publicações.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

O presente trabalho verifica como se dá o uso da criatividade nos produtos dos jornais BBC News Brasil e O Liberal para o TikTok, com foco na forma e no conteúdo. Para alcançar o objetivo proposto, este estudo foi realizado a partir da combinação de técnicas qualitativas e quantitativas, as quais foram divididas em duas etapas principais, além da pesquisa bibliográfica:

Primeira etapa:

a. observação: entre maio e junho de 2023, realizou-se a observação de perfis jornalísticos no TikTok a fim de delimitar quais veículos seriam analisados, tendo como base a variedade de dados;

[12] SOBRE O TIKTOK. Disponível em: https://www.tiktok.com/about?lang=pt_BR. Acesso em: 30 jul. 2023.

b. coleta e seleção de dados: capturou-se todas as postagens feitas pelos perfis dos jornais BBC News Brasil e O Liberal no TikTok, entre 1 a 7 de junho de 2023[13]. Desse modo, coletou-se: sete postagens da BBC News Brasil[14] e 69 de O Liberal. Para que a análise fosse feita sem disparidade dos objetos empíricos, delimitou-se o número de postagens de O Liberal para um vídeo por dia; como critério de seleção, selecionou-se a postagem mais curtida do dia. Assim, o *corpus* desta pesquisa é formado por 14 publicações, sendo sete da BCC News Brasil e sete de O Liberal.

Segunda etapa:

c. descrição: realizou-se a organização e a tabulação dos dados que permitiram a construção e a apresentação das categorias de análise;

d. análise: deu-se por meio da reflexão das categorias criadas relacionando com o referencial teórico construído. Destaca-se que é neste momento que "a pesquisa atinge a condição própria de cientificidade" (LOPES, 2010, p. 151).

Antes de apresentar as categorias de análise, é necessário explanar rapidamente sobre os veículos noticiosos analisados:

A BBC News (British Broadcasting Corporation) é um jornal de referência internacional[15], fundado em 1922, no Reino Unido. Já a BBC News Brasil foi lançada em setembro de 2006, em São Paulo (SP), instituindo uma equipe de jornalistas responsáveis por complementar o noticiário produzido em Londres. A BBC News Brasil está disponível no TikTok desde 24 de junho de 2022. O perfil @bbcnewsbrasil conta com mais de 357.1K seguidores[16].

[13] A captura foi realizada entre 4 e 10 de agosto de 2023.
[14] Durante o período, o veículo fez uma postagem por dia.
[15] Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/c2x5mvrdk74o. Acesso em: 25 ago. 2022.
[16] Dados de 25 de agosto de 2023.

Já O Liberal é um jornal de referência na região Norte do Brasil, em funcionamento em Belém (PA) desde 1946, sendo integrado ao Grupo Liberal após ser comprado pelo empresário Romulo Maiorana, em 1966. O veículo está disponível no TikTok desde 01 de julho de 2021. O perfil @oliberal.com conta com mais de 48.8K de seguidores[17].

Desse modo, mapeou-se publicações dos dois veículos e suas principais características relativas ao formato e ao conteúdo. Desse modo, propõe-se as seguintes categorias de análise (quadro 1), que estão divididas em formato e conteúdo:

Quadro 1 - Categorias de análise para as publicações

Categorias de Análise para a plataforma TikTok			
Data	**Publicação**	**Formato** (Recursos narrativos)	**Conteúdo** (Editorias)
É relativa a data de publicação da postagem.	A descrição/legenda feita pelo jornal na publicação.	• imagem estática • imagem em movimento • galeria de imagens estáticas • card(s) informativo(s) estáticos • card(s) informativo(s) em movimento • passagem do repórter • sonora • ilustrações, gráficos e/ou infográficos • GIF • som ambiente • off	• ciências • cultura • curiosidade • entretenimento • internacional • meio ambiente • política • saúde • tecnologia

Fonte: Elaboração própria.

Destaca-se que o formato se refere aos recursos narrativos que podem integrar as postagens (os vídeos). Já o conteúdo diz respeito às editorias que abarcam os assuntos tratados nas publicações. Ressalta-se ainda que esta análise foca apenas no formato e no conteúdo das mensagens jornalísticas no TikTok, as legendas não são consideradas; e que uma postagem analisada pode apresentar mais de um recurso narrativo ou mais de uma editoria, podendo, assim, envolver diversas categorias de análise.

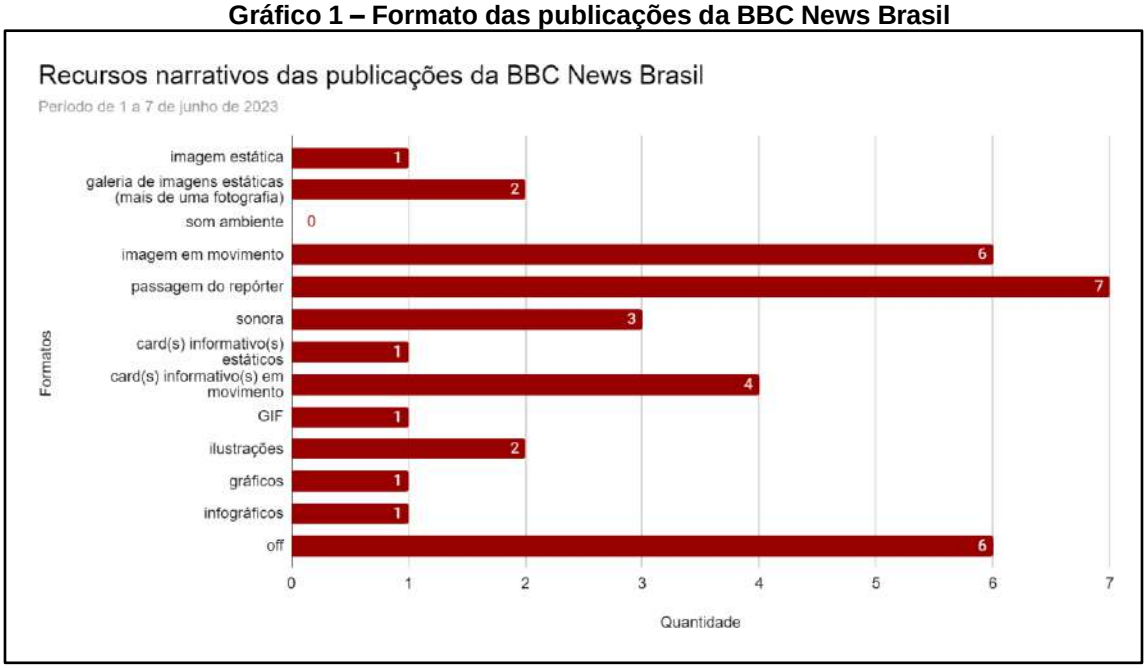
[17] Dados de 25 de agosto de 2023.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora a BBC News Brasil poste apenas uma publicação por dia, no que dizrespeito ao **formato** das mensagens, verificou-se que são utilizados uma variedade de recursos narrativos, tais como: imagem estática; imagem em movimento; galeria de imagens estáticas; card(s) informativo(s) estáticos; card(s) informativo(s) em movimento; passagem do repórter; sonora; ilustrações, gráficos e/ou infográficos; GIF; off. Apenas o formato 'som ambiente' não foi encontrado (gráfico 1).

O recurso narrativo mais utilizado pelo veículo, encontrado em todos os vídeos analisados, é a passagem do repórter – quando aparece a imagem do repórter dizendo alguma informação. Outros dois recursos narrativos bastante usados foram imagem em movimento e off, usados em seis vídeos cada um.

Gráfico 1 – Formato das publicações da BBC News Brasil



Fonte: Elaboração própria.

No que se refere ao **conteúdo**, com frequência de uma postagem por dia, a BBC News Brasil não aborda uma grande variedade de editorias (tabela 1). De modo que assuntos sobre política e sobre outros países (internacional) são as pautas principais do veículo. Já meio ambiente, tecnologia, ciência e curiosidades também são assuntos abordados, contudo bem menos.

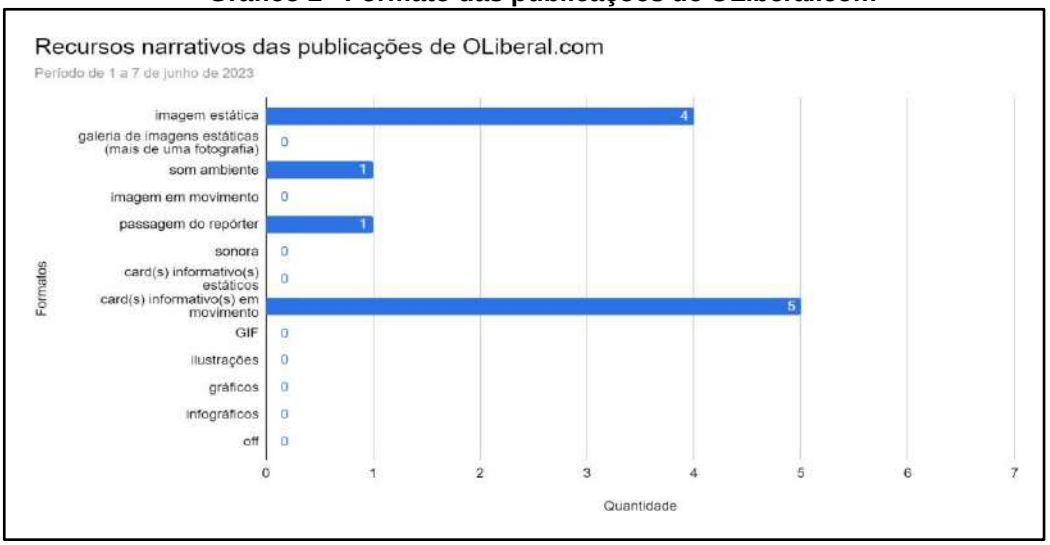
Tabela 1 – Conteúdo das publicações da BBC News Brasil

Editorias	Quantidade
Política	3
Internacional	2
Curiosidade	1
Ciência	1
Tecnologia	1
Meio Ambiente	1

Fonte: Elaboração própria.

No caso do jornal **O Liberal** no TikTok, quanto ao **formato**, os recursos narrativos mais utilizados pelo veículo são: card informativo em movimento – encontrado em cinco vídeos; seguido da imagem estática – em quatro vídeos. Outros dois recursos que também foram encontrados: som ambiente e passagem do repórter, com a utilização de cada apenas uma vez. Embora não seja considerado nesta pesquisa como recurso narrativo, destaca-se que, em três vídeos, o logotipo do veículo é utilizado de forma animada para finalizar os vídeos.

Gráfico 2 - Formato das publicações de OLiberal.com



Fonte: Elaboração própria.

Já em relação ao **conteúdo**, observou-se publicações como temas referentes a cinco editorias (tabela 2). Conteúdos sobre curiosidade e esporte foram os mais publicados. Cultura, celebridades e entretenimento foram os menos abordados durante o período.

Tabela 2 - Conteúdo das publicações de OLiberal.com

Editorias	Quantidade
Curiosidade	3
Esporte	2
Cultura	1
Celebridades	1
Entretenimento	1

Fonte: Elaboração própria.

Desse modo, verificou-se que, como citado anteriormente, o TikTok tem o foco em vídeos criativos. Inspirar a criatividade e trazer alegria é a missão do aplicativo. Desafios, tendências e dinamicidade são fundamentais para se manter dentro da plataforma.

Diante de tudo o que a plataforma oferece, no que diz respeito ao **formato**, a produção jornalística do O Liberal ainda não conseguiu estabelecer uma comunicação, de fato, com o público, tampouco se manifesta de forma criativa, considerando os formatos disponíveis para elaboração de matérias atrativas em comparação aos formatos que o veículo utiliza para as publicações. Embora as matérias sejam de temas que, geralmente, permitem e são abordados com dinamismo e criatividade, o perfil de O Liberal no TikTok não apresenta formatos e/ou recursos que utilizassem todas as potencialidades informativas e criativas da plataforma.

A BBC News Brasil, por sua vez, produz postagens dentro dos moldes da plataforma. Apesar de publicar apenas um vídeo por dia, a postagem apresenta qualidade e utiliza os diversos recursos narrativos, ou seja, aproveita os recursos informativos e criativos da plataforma, publicando formatos inovadores. Desse modo, os vídeos publicados pela BBC News Brasil possuem características próprias, dinâmicas e atrativas para o público.

Já em relação ao **conteúdo,** verificou-se apenas uma editoria em comum entre os dois veículos (curiosidade) e uma necessidade de diversidade de publicações de outras editorias pelos dois veículos analisados. Contudo, as editorias mapeadas dizem respeito a temas que geram engajamento – curtidas e replicações (curiosidade) e debate – comentários (política).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou verificar como se dá o uso da criatividade nos perfis dos jornais BBC News Brasil e O Liberal no TikTok, com foco no formato e no conteúdo. A partir da investigação, observou-se que na BBC News Brasil, o recurso narrativo mais utilizado é a passagem do repórter e a editoria com mais publicações é a de política; já em O Liberal, o recurso narrativo mais comum é o card informativo em movimento e a editoria com maior quantidade de postagens é a de curiosidade.

Por conseguinte, constatou-se que a BBC News Brasil utiliza uma maior quantidade de recursos narrativos do que O Liberal, oferecendo produtos noticiosos em formatos mais criativos aos seus leitores. Embora os dois veículos tratem de editorias variadas, curiosidade é um tema comum nos perfis dos dois jornais no TikTok, demonstrando o interesse pelas curtidas e replicações que este tipo de conteúdo atrai em plataformas de redes sociais.

Conclui-se que há conteúdos jornalísticos para o TikTok que apresentam todo o potencial criativo da plataforma, e há aqueles que subutilizam tais possibilidades. Tais distinções foram percebidas no âmbito tanto do formato quanto do conteúdo. Por fim, destaca-se que tais diferenças podem ter relação com a natureza dos veículos analisados: um de referência internacional e um de referência regional. Contudo, há uma tentativa dos dois veículos de alcançar um novo e jovem público no TikTok.

REFERÊNCIAS

DAVID, Ana Paula; MORAIS, Maria de Fátima. *Pensando a criatividade: apontamentos sobre o percurso explicativo do conceito.* Revista RecreArte, Editora: Instituto Avanzado de Creatividad Aplicada Total (IACAT), 2012. Disponível em: https://hdl.handle.net/1822/20475. Acesso em: 04 jun. 2023.

JORGE, Thais; PEREIRA, Fábio; ADGHIRNI, Zélia. Jornalismo na Internet: desafios e perspectivas no trinômio formação/universidade/mercado. *In*: RODRIGUES, Carla (org.). *Jornalismo on-line: modos de fazer*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Editora Sulina, 2009.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Pesquisa em comunicação*. 10 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

MOURA, Ana Luisa. *Nexo Jornal e o jornalismo criativo como possibilidade.* Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação – Universidade de Brasília, Brasília - Distrito Federal, 2019. Disponível em: https://bdm.unb.br/handle/10483/26482. Acesso em: 04 jun. 2023.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e Processos de Criação*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977.

POLO, Fernanda. *Produção jornalística para a Geração Z: análise de conteúdo de perfis de redações brasileiras no TikTok.* Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: http://hdl.handle.net/10183/240058. Acesso em: 27 jun. 2023.

SANTOS, Isabella. *PADRONIZAÇÃO E CRIATIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA JORNALÍSTICA.* 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - bacharelado em Jornalismo) – Centro de Ciências Humanas e Sociais – Universidade da Amazônia, Belém, 2022.

SOUSA, Maíra. *Jornal e Mobilidade: reconfigurações do impresso ao multiplataforma.* Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: http://hdl.handle.net/10183/174944. Acesso em: 20 jul. 2023.

TIKTOK. Disponível em: https://www.tiktok.com. Acesso em: 30 jun. 2023.

TIKTOK. *Sobre o TikTok.* Disponível em: https://www.tiktok.com/about?lang=pt_BR. Acesso em: 30 jul. 2023.

WICKE, Maria Leonor. *Arte e informação: os contributos do jornalismo-arte para a conceção de conteúdo jornalístico inovador.* Dissertação Trabalho de Projeto de Mestrado (Mestrado em Jornalismo). Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa, 2022. Disponível em: http://hdl.handle.net/10400.21/15632. Acesso em: 04 jun. 2023.

NA PASSARELA DAS TICs, A CULTURA POPULAR NADA DEVE À ALTA COSTURA[1]

ON THE CATWALK OF ICTs, POPULAR CULTURE OWES NOTHING TO HAUTE CUSTOM

EN LA PASARELA DE LAS TIC, LA CULTURA POPULAR NADA DEBE A LAS ALTAS COSTUMBRES

Renato César Bittencourt Klein[2]
Bianca Larissa Klein[3]

Resumo: O presente trabalho apresenta uma análise das potencialidades criativas e críticas das manifestações populares na forma de conteúdo digital, na plataforma Instagram. Foram estudadas as postagens de digital influencer que dialoga com a chamada alta-costura, valendo-se de materiais originais e registrando suas lives em ambiente rural. Para o estudo, operou-se com as categorias de *habitus* e campo, alta-cultura/alta-costura, de Pierre Bourdieu e com o quadro de referências para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil, de Oracy Nogueira (2007). Concluiu-se que as criações da digital influencer apresentam seis perspectivas de crítica irônica, sutil, mas aguda, de diferenças de campos sociais, concorrendo para a democratização da voz dos invisibilizados, o que pode e deve ser incorporado na Educação.

Palavras-chave: Cultura popular; alta cultura/alta costura; TICs; Instagram.

Abstract: The present work presents an analysis of the creative and critical potential of popular manifestations in the form of digital content, on the Instagram platform. We studied the posts of digital influencers that dialogue with the so-called haute couture, using original materials and recording their lives in a rural environment. For the study, the categories of habitus and field, haute culture/haute couture, by Pierre Bourdieu, and the framework for the interpretation of the material on race relations in Brazil, by Oracy Nogueira (2007) were used. It was concluded that the digital influencer's creations present six perspectives of ironic, subtle, but acute criticism of differences in social fields, contributing to the democratization of the voice of the invisible, which can and should be incorporated in Education.

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST6 Comunicação Digital e Indústria Criativa. do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Bacharel em Jornalismo, mestrando do Curso de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Tocantins - UFT. E-mail: renatokjr@gmail.com. Id Orcid: https://orcid.org/0009-0003-8497-9841.

[3] Bacharel em Direito, Mestre em Educação, Doutoranda em Educação, na Linha de Políticas de Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: bianlklein@yahoo.com.br; Id Orcid https://orcid.org/0009-0006-1096- 581x

Key-words: Popular culture; haute culture/haute couture; ICTs; Instagram.

Resumen: El presente trabajo presenta un análisis del potencial creativo y crítico de las manifestaciones populares en forma de contenido digital, en la plataforma Instagram. Estudiamos los posts de influencers digitales que dialogan con la llamada alta costura, utilizando materiales originales y registrando su vida en un entorno rural. Para el estudio se utilizaron las categorías de habitus y campo, alta cultura/alta costura, de Pierre Bourdieu, y el marco para la interpretación del material sobre las relaciones raciales en Brasil, de Oracy Nogueira (2007). Se concluyó que las creaciones del influencer digital presentan seis perspectivas de crítica irónica, sutil, pero aguda a las diferencias en los campos sociales, contribuyendo a la democratización de la voz de lo invisible, que puede y debe ser incorporada en la Educación.

Palabras llave: Cultura popular; alta cultura/alta costura; TIC; Instagram.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo resulta de interlocução de duas distintas pesquisas acadêmicas em desenvolvimento: uma no campo da Educação e outra no campo da Comunicação. Foi motivado pela constatação de aproximações de uma questão digna de ser tomada como objeto de estudo, servindo, conceitualmente, a ambas as pesquisas. Trata-se das relações contraditórias entre cultura popular e a chamada “alta cultura”. À Educação, cabe enfrentar a questão do trato pedagógico das diferenças culturais, abrindo espaço para as manifestações e interpretações da cultura popular sempre tão segregadas; e à Comunicação cabe investigar as possibilidades presentes nas novas tecnologias de informação para as manifestações culturais. O objetivo norteador é analisar dimensões criativas e críticas de expressão popular em via digital. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, exploratória e documental. Qualitativa, pois ocupa-se “com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, P. 31); exploratória, pois objetiva favorecer maior familiaridade com o problema, no intuito de superar sua opacidade e propiciar a construção de hipóteses (GIL, 2007); documental, pois diferentemente da pesquisa bibliográfica, recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, tais como, entre outras, os vídeos e postagens digitais (FONSECA, 2002, p. 32). O recorte empírico constitui-se da seleção de vinte das mais curtidas publicações de reprodução da alta-costura, do perfil da digital influencer tocantinense Alessandra Araújo, na plataforma Instagram.

O artigo é desenvolvido em quatro tópicos interrelacionados: a exposição interpretativa dos conceitos de *habitus* e de campo de Pierre Bourdieu (1983); a exposição interpretativa das relações entre alta costura e alta cultura, ainda segundo Bourdieu (2003); o quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais – e sociais - no Brasil, de Oracy Nogueira (2007); finalmente, com apoio em tais suportes teóricos, procede-se à explanação e análise do objeto empírico.

Como resultado geral, as conclusões evidenciam relevantes construções criativas e críticas nas publicações de caráter popular, indicando as novas TICs como uma fecunda possibilidade de democratização das manifestações populares como recurso de reflexão crítica sobre as desigualdades sociais e correspondentes invisibilidades.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Habitus e campo: ferramentas sociológicas de Pierre Bourdieu

Bourdieu estuda a diversidade dos gostos pertinentes a diferentes segmentos sociais e suas correlatas práticas sociais. Considerava que os gostos culturais bem como os estilos de vida das diferentes classes sociais são fortemente marcados pela trajetória social própria das condições de vida dos agentes dessas frações sociais (BOURDIEU, 2003). Ele introduz, nos estudos sociológicos, dois importantes conceitos: *habitus* e campo. Tais conceitos são inseparáveis, pois é por meio deles que o autor busca, em sua teoria praxiológica, superar a dicotomia objetividade-subjetividade, bem assim a dicotomia indivíduo-sociedade. Enquanto o *habitus* consiste em uma interrelação causal entre as matrizes socialmente adquiridas de produção da conduta individual, o campo se caracteriza pelas propriedades estruturais dos contextos de socialização, atuação e experiência dos agentes (BOURDIEU, 1983).

Nos termos do próprio filósofo, o *habitus* é

> um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada

> momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...] (Bourdieu, 1983, p. 65).

Intimamente relacionado ao *habitus*, apresenta-se o conceito de campo. Araújo et. Al (2009, p. 32) apoiando-se na interpretação de Thircycherques, assim expõem:

> O conceito de campo é um dos conceitos centrais na obra de Pierre Bourdieu e é definido como um espaço estruturado de posições onde dominantes e dominados lutam pela manutenção e pela obtenção de determinados postos. Dotados de mecanismos próprios, os campos possuem propriedades que lhes são particulares, existindo os mais variados tipos, como o campo da moda, o da religião, o da política, o da literatura, o das artes e o da ciência. Todos eles se tornam microcosmos autônomos no interior do mundo social.

Os campos (a exemplo: campo jurídico, campo religioso, campo científico, entre outros) resultam de processos de diferenciação social (distinção), tanto nos modos de ser quanto de conhecer o mundo. O que estrutura os campos são relações de força entre os agentes (indivíduos e grupos) e as instituições que lutam pela hegemonia, vale dizer, pelo monopólio da autoridade, a qual concede poder de ditar regras e de repartir o capital social específico de cada campo (BOURDIEU, 1984).

Na lição de Thiry-Cherques,

> Todo agente, indivíduo ou grupo, para subsistir socialmente, deve participar de um jogo que lhe impõe sacrifícios. Neste jogo, alguns de nós nos cremos livres, outros determinados. Mas, para Bourdieu, não somos nem uma coisa nem outra. Somos o produto de estruturas profundas. Temos, inscritos em nós, os princípios geradores e organizadores das nossas práticas e representações, das nossas ações e pensamentos. Por este motivo Bourdieu não trabalha com o conceito de sujeito. Prefere o de agente. Os indivíduos são agentes à medida que atuam e que sabem, que são dotados de um senso prático, um sistema adquirido de preferências, de classificações, de percepção (Bourdieu, 1996:44). Os agentes sociais, indivíduos ou grupos, incorporam um *habitus* gerador (disposições adquiridas pela experiência) que variam no tempo e no espaço (Bourdieu, 1987:19). Do berço ao túmulo absorvemos(reestruturamos) nossos *habitus*, condicionando as aquisições mais novas pela mais antigas. Percebemos, pensamos e agimos dentro da estreita liberdade, dada pela lógica do campo e da situação que nele ocupamos (THIRY- CHERQUES, 2006, p. 34).

Os conceitos de habitus e de campo encontram amplo emprego nos estudos sociológicos e, para demonstrá-lo, Bourdieu - em Comunicação feita em Noroit (Arras) em novembro de 1974 e publicada em *Noroit*, 192, novembro de 1974, dezembro de 1974, janeiro de 1975 - submete a estudo o campo de alta costura, articulando-o ao campo da alta cultura, não sem antes denunciar o preconceito acadêmico no tratamento dos mais variados assuntos. O que ele se propõe, nessa conferência, é justamente enfatizar os mecanismos de hierarquização social escondidos em campos aparentemente inócuos em razão de seu caráter supérfluo ou fútil. Antecipando críticas prováveis à abordagem de um tema tido como raso nos debates sociológicos, no caso a "alta costura", assim argumenta Bourdieu (2003, p. 205):

> O título desta comunicação não é uma brincadeira. Vou realmente falar das relações entre a alta costura e a cultura. A moda é um assunto muito prestigiado na tradição sociológica e, ao mesmo tempo, aparentemente um pouco frívolo. Um dos objetos mais importantes da sociologia do conhecimento seria a hierarquia dos objetos de pesquisa: um dos viéses através dos quais se exercem as censuras sociais é precisamente esta hierarquia de objetos considerados como dignos ou indignos de serem estudados. [...] se quero comunicar alguma coisa esta noite é justamente a idéia de que há lucros científicos ao se estudar cientificamente objetos indignos.

Acrescente-se que, ao tratar do campo específico da alta costura, homólogo ao da alta cultura, não só desvenda mecanismos aparentemente inocentes de ocultamento de recursos de dominação e conflito, como acrescenta esclarecimentos a sua própria noção de campo, com grande fecundidade para o presente artigo, como segue:

> Começarei descrevendo muito rapidamente a estrutura do campo de produção da alta costura. Chamo de campo um espaço de jogo, um campo de relações objetivas entre indivíduos ou instituições que competem por um mesmo objeto. Neste campo particular que é o campo da alta costura, os dominantes são aqueles que detêm em maior grau o poder de constituir objetos raros pelo procedimento da "griffe"; aqueles cuja "griffe" tem o maior preço. Num campo, e esta é a lei geral dos campos, os detentores da posição dominante, os que têm maior capital específico, se opõem por uma série de meios aos entrantes (emprego de propósito esta metáfora emprestada da economia), recém-chegados, chegados-tarde, arrivistas que chegaram sem possuir muito capital específico. Os antigos possuem **estratégias de conservação** que têm por objetivo obter lucro do capital progressivamente acumulado. Os recém- chegados

> possuem **estratégias de subversão** orientadas para uma acumulação de capital específica que supõe uma inversão mais ou menos radical do quadro de valores, uma redefinição mais ou menos revolucionária dos princípios da produção e da apreciação dos produtos e, ao mesmo tempo, uma desvalorização do capital detido pelos dominantes. (Bourdieu, 2003, pp. 206-207).

Em suma, em todos os campos, objetivos e/ou simbólicos, as classes e frações de classe disputam capital social que lhes confira a hegemonia necessária à legitimação de suas práticas ou de seus anseios, de natureza conservadora ou de natureza subversiva. Um dos resultados dessas disputas se expressa em traços distintivos que passam, socialmente, a caracterizar as classes e grupos sociais, e podem objetivar-se das mais diversas formas, a exemplo: no tipo de moradia, de roupa, de transporte utilizado, de escola frequentada, de lugares e formas de lazer, de dialeto, entre outros. São marcas que distinguem os grupos e lhes conferem posições de superioridade ou, ao contrário, de inferioridade, de dominação ou de submissão. Na lição de Bourdieu: “Às diferentes posições no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de desvios diferenciais que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência” (BOURDIEU, 1983, p. 82)

Retome-se Bourdieu que exemplifica o caráter não inocente de certos campos, ao mesmo tempo que insiste na importância de a Sociologia estudar até “o pó e a poeira”, deixando claro que nada deve escapar à investigação porque dado objeto possa “parecer” fútil ou indigno da ciência. Bem ao contrário, Bourdieu afirma, tratando de alta cultura e alta costura, como exemplo generalizável:

> porque estes objetos legítimos estão protegidos por sua legitimidade contra o olhar científico e contra o trabalho de dessacralização que o estudo científico dos objetos sagrados pressupõe (acho que a sociologia da cultura é a sociologia da religião de nossa época). (BOURDIEU, 2003, p. 206).

Com essa perspectiva, Bourdieu (2003) alavanca a sociologia das produções dos intelectuais e a crítica do fetichismo e da magia.

2.2 Uma possível articulação entre Pierre Bourdieu e Oracy nogueira

Para melhor ainda situar o objeto deste estudo, resgatou-se um exemplo de práticas preconceituosas em contextos socioeconômicos diferenciados. Daí a

atenção ao estudo do racismo, no comparativo entre as manifestações racistas norte-americanas e brasileiras, desenvolvido por Oracy Nogueira (2007). Os conceitos de Nogueira (2007), estudioso brasileiro da questão do preconceito racial, foram adicionados ao elenco dos fundamentos manejados neste trabalho, não em razão de qualquer específica afinidade com o pensamento de Bourdieu, mas porque as distinções sociais que perpassam os *habitus* e os campos constituem criadouros das mais diversas formas de preconceito.

Oracy Nogueira, em importante trabalho se coloca como objetivo o conhecimento da situação racial do país, tomada em conjunto e, ao mesmo tempo, em suas características próprias, de forma a permitir a multiplicação dos estudos de casos concretos (NOGUEIRA, 2007).

Ao fim de cuidadoso levantamento de dados e análises, Nogueira (2007) elabora um quadro de referências para novos estudos, quadro este baseado em dois conceitos ideais, aproximados, inferidos de casos concretos: a situação brasileira e a situação norte-americana. De fato, os Estados Unidos da América e o Brasil constituem exemplos de dois tipos de situações raciais distintas: no primeiro, o preconceito racial é manifesto e insofismável; no segundo, o próprio reconhecimento do preconceito encontra dificuldades de se firmar.

Considera-se preconceito racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece. Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é “preconceito de marca”; quando, para que sofra as consequências do preconceito. basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico, mesmo na ausência de traços do biotipo em causa, diz-se que se trata de “preconceito de origem” (NOGUEIRA, 2007).

Levando em conta tal diferença e identificando que o preconceito racial estadunidense se caracteriza como “preconceito de origem”, enquanto no Brasil o que prevalece é o “preconceito de marca”, Nogueira (2007) analisa as ações/reações dos agentes sociais, levando em conta 12 situações, a partir das quais põe em destaque os traços característicos distintivos do preconceito nos dois países. O resultado desse minucioso trabalho encontra-se resumido no quadro

abaixo:

Quadro 1:

Resenha da sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil.

Preconceito de origem característico dos EUA	Preconceito de marca característico do Brasil
1 Quanto ao modo de atuar	
Exclusão incondicional dos membros do grupo atingido.	Preterição.
2. Quanto à definição de membro do grupo discriminador e do grupo discriminado:	
Atinge o mestiço, seja qual for sua aparência, mesmo na ausência de quaisquer características fenotípicas.	O critério é o fenótipo ou aparência racial.
3. Quanto à carga afetiva:	
O preconceito tende a ser mais emocional e mais integral na atribuição de inferioridade ou de traços indesejados aos membros do grupo discriminado.	O preconceito tende a ser mais intelectivo e estético.
4. Quando ao efeito sobre as relações interpessoais:	
As relações entre indivíduos do grupo discriminador e do grupo discriminado são severamente restringidas por tabus e sanções de caráter negativo.	Relações pessoais, de amizade e admiração cruzam facilmente as fronteiras de marca (ou cor)
5. Quanto à ideologia:	
Segregacionista e racista.	Assimilacionista e miscigenacionista
6. Quanto à distinção entre diferentes minorias	
O dogma da raça prevalece sobre o da cultura.	O dogma da cultura prevalece sobre o da raça.
7. Quanto à etiqueta:	
Enfatiza o controle do	Enfatiza o controle do

comportamento de membros do grupo discriminado, de modo a conter a agressividade dos elementos do grupo discriminador.	comportamento de indivíduos do grupo discriminador, de modo a evitar a suscetibilidade ou humilhação de indivíduos do grupo discriminado.
8. Quanto ao efeito sobre o grupo discriminado:	
A consciência da discriminação tende a ser contínua, obsedante.	A consciência da discriminação tende a ser intermitente.
9. Quanto à reação do grupo discriminado:	
A reação tende a ser coletiva pelo reforço da solidariedade grupal, pela redefinição estética, etc.	Tende a ser individual, procurando o indivíduo "compensar" suas marcas pela ostentação de aptidões e característicos que impliquem aprovação social.
10. Quanto ao efeito da variação proporcional do contingente minoritário:	
Tende a se apresentar sob forma agravada, nos pontos em que o grupo discriminado se torna mais visível pelo número.	Tendência a se atenuar nos pontos em que há maior proporção de indivíduos do grupo discriminado.
11. Quanto à estrutura social:	
Separação rígida entre o grupo discriminador e o grupo discriminado no *status* social, como se fossem duas sociedades paralelas, simbióticas, mas irredutíveis uma à outra.	A probabilidade de ascensão social está na razão inversa da intensidade das marcas de que o indivíduo é portador, disfarçando-se o preconceito de raça sob o de classe, como o qual tende a coincidir.
12. Quando ao tipo de movimento político a que inspira:	
O grupo discriminado atua como uma "minoria nacional" coesa e, portanto, capaz e propensa à ação conjugada.	A luta do grupo discriminado tende a se confundir com a luta de classes.

(Quadro 1. Elaboração própria, 2023)

Analisando-se o quadro acima, é possível afirmar que as práticas dos agentes sociais de Nogueira vão ao encontro das formulações de Bourdieu, permitindo generalizar aspectos do preconceito racial no Brasil – o preconceito de marca – a outras esferas de preconceito. No presente caso, o preconceito contra as populações rurais ditas "da roça".

2.3 Exposição e análise do objeto empírico

As fundamentações acima apresentadas constituem o instrumental para a análise do objeto empírico contemplado neste trabalho: o sucesso alcançado pela jovem Alessandra Araújo nas redes sociais, especialmente na plataforma Instagram, a partir de postagens que predominantemente apresentam uma criativa imitação de produções da alta costura, a partir de materiais inusitados: elementos da natureza e material reciclado.

Alessandra Araújo é moradora da zona rural do município de Aparecida do Rio Negro, interior do estado do Tocantins. Conhecida como 'blogueira raiz', ela reproduz modelos de roupas e adereços de personalidades famosas e desfila suas reproduções no cenário rústico da zona rural. A jovem atingiu uma fama significativa, atingindo, atualmente, mais de 2 milhões de seguidores (dado atualizado em 29/06/23 só no Instagram, além dos seguidores em outras plataformas: 2 milhões no Facebook, 1 milhão no Tik Tok, 1 milhão no Kwai e 700 mil no Youtube. Iniciou a atividade de blogueira com performances sobre maquiagem, mas não obteve sucesso; certo dia, viu em uma mídia social uma postagem que se referia a uma "trança de raiz" e resolveu criar um look, performando uma analogia com a expressão. O resultado foi um penteado no qual seus cabelos trançados, naturalmente crespos, se prolongavam em uma raiz de mandioca cheia de raízes. Esta postagem lhe valeu mais de 1 milhão de seguidores. O sucesso continuou com a criação de um "Fashion Week Rural" no qual, tendo como cenário um caminho de chão batido, típico da roça, Alessandra Araújo desfila modelos sofisticados – à moda das grandes passarelas – confeccionados com materiais inusitados, de baixo custo. A exemplo da *fashion week* original, também a música se faz presente na passarela rural improvisada: a "modelo raiz" desfila ao som de uma sanfona, da qual um familiar extrai as notas sonoras da consagrada canção de Luiz Gonzaga: Asa Branca.

Desde então, a despeito de outras temáticas para suas postagens, é a imitação dos *looks* sofisticados e excêntricos exibidos por pessoas famosas, inclusive por outras blogueiras, que continua rendendo seguidores e visualizações à Alessandra Araújo.

Do vasto acervo de publicações de Alessandra Araújo, foram selecionadas metodologicamente, para o presente trabalho, as vinte postagens com maior número de curtidas e/ou visualizações.

Nas imitações selecionadas, representativas do conjunto de suas reproduções – foram destacadas seis características que interessa analisar: a) a sofisticação, o luxo e a excentricidade dos modelos originais escolhidos para a imitação; b) o contraste marcante entre as condições de produção dos modelos e das imitações; c) o contraste marcante entre a matéria prima empregada nos modelos originais e nas imitações; d) o contraste marcante entre o ambiente de exibição dos modelos de luxo e o ambiente de exibição das imitações.

Os modelos originais - escolhidos para imitação/reprodução - caracterizam- se, como já dito, pela sofisticação, o luxo e uma excentricidade que, por vezes, raia ao exagero: "A alta-costura é feita para dar asas à criação dos costureiros, que se

despem de qualquer tendência efêmera da moda para realizar os desejos mais inusitados de suas clientes.” (MACLET, 2022, s/p).

São modelos criados, desenhados e produzidos sob orientação de estilistas famosos, em regra com carreira já consolidada, cuja grife – do francês, *griffe* - apresenta seus modelos ao público, seja em desfiles altamente elitizados, em que pontificam as modelos mais famosas e com os mais caros salários., seja produzindo modelos exclusivos para eventos de grande sucesso no seio da elite, como é o caso das premiações de famosos, tais como o Oscar e o Grammy, e eventuais cerimônias de personalidades famosas como as da persistente nobreza. Tais indumentárias, calçados e adereços só são acessíveis a consumidores/as de um grupo seleto: “As consumidoras de alta-costura, espécie rara hoje em dia (elas somam um pouco mais de 200 no mundo inteiro, esperam com ansiedade as duas temporadas de coleções, que acontecem em Paris nos meses de janeiro e de julho.” (MACLET, 2022, s/p)

Destaque-se que grife define a marca de uma linha de produtos vinculada à assinatura do fabricante ou do criador, o que, na sua forma mais elitizada, determina não só a qualidade e luxo da marca, como também a exclusividade do dito produto, conferindo-lhe um valor simbólico análogo ao que se atribui a uma obra de arte justamente pela sua exclusividade, ressalvada, aqui, a justa análise crítica de Valter Benjamin (2018) acerca da obra de arte e sua reprodutibilidade técnica. Ora, a “blogueira raiz” investe em uma reprodução que prima pela criatividade, pois, embora realize uma cópia, é surpreendentemente criativa a adequação dos materiais ordinários relativamente aos efeitos que custosamente a grife produziu.

Quanto ao contraste marcante entre as condições de produção dos modelos originais comparativamente à das imitações evidencia-se uma enorme diferença. As grifes produzem com o concurso de um contingente de trabalhadores especializados e assessores à disposição do criador: “[...] a rigidez de um ateliê, com regras e técnicas de costura centenárias, perpetuadas pelas *premières d’atelier* (chefes de estúdio) e pelas *petites mains* (jovens aprendizes), durante meses a fio, é visível e palpável durante um desfile.” (MACLET, 2022, s/p).

O proprietário da “assinatura” conta também com máquinas, equipamentos e instrumentos especializados, com estoques de materiais próprios de luxo, bem como fornecedores regulares que os disponibilizam, tudo concorrendo para o êxito do projeto criado pelo proprietário da assinatura. Evidentemente, todas essas facilidades são possibilitadas pelas condições econômicas da grife. Ao revés, as condições de produção de Araújo são a de uma artesania rústica. São pobres e precários os recursos de que lança mão para suas recriações, em regra produzidas

manualmente.

Mais abissal ainda é o contraste entre a matéria prima empregada nos modelos originais, na produção da indumentária, das joias, dos adereços etc., e a utilizada nas imitações/recriações. Enquanto aquela se constitui de materiais de luxo, raros, em regra exclusivos, muitas vezes encomendadas a outras grifes especializadas, esta é literalmente ordinária: "o que se encontra à mão". São elementos da natureza, como frutos, raízes, cascas, folhas, papel higiênico, sacos de lixo, folhas de papel, borracha de pneu, arame de tela de galinheiro, entre outros.

Quanto ao contraste entre o ambiente de exibição dos modelos de luxo e o ambiente de exibição das imitações, não poderia ser mais acentuado. Os eventos de apresentação das grifes são cuidadosamente planejados para uma plateia elitizada: "[...] o espetáculo vale a pena. Cenário, música, casting de modelos, além das próprias silhuetas, tudo colabora para que a seleta plateia de jornalistas, buyers e clientes VIP não economize nas palmas e nas lágrimas." (MACLET, 2022). E, ainda, sobre a apresentação das coleções da Dior, no Musée Rodin, relata a mesma jornalista: "Coube à comunidades indianas de bordadeiras celebrarem o trabalho dos artistas bordando em cima de suas obras, repletas de rostos e formas em cores vibrantes, transformando a sala em uma galeria de tapeçaria gigante." (MACLET, 2022). É um evento preparado por um campo, no sentido de Bourdieu, para os integrantes exclusivos desse campo. Em contraponto, as reproduções de Araújo têm como origem e cenário o campo das populações campesinas, que se entrelaçam, entretanto, com o universo mais amplo das redes sociais. Com todas as características acima comentadas, e que se opõem ao campo da alta-costura, as (re)produções de Araújo assumem uma identidade própria e notadamente representativa do seu campo sociológico: a comunidade camponesa. A fonte de suas criações, ao contrário do que parece à primeira vista, não é a alta- costura, mas o contraste das perspectivas de vida e de marcas de ambos os campos.

Ao extremar os contrastes é que Araújo põe em curso um diálogo crítico-humorístico entre dois campos díspares. Não se trata de uma cópia tosca, mas de uma recriação com conteúdo próprio, provocador e que instiga reflexões. Seu intuito não é se aproximar da alta-costura, mas evidenciar seus exageros, denunciar seu elitismo e escarnecer sua excentricidade. A respeito, veja-se entrevista da blogueira a Luciano Huck (2023) na qual, indagada sobre quando teria "começado a ser influenciada por uma moda que você gostava (sic) mas que você não podia comprar", Araújo responde com arguta simplicidade: "Na verdade, eu faço mais, tipo assim, prá sacanear mesmo!"

Sob as perspectivas das pesquisas que se articularam neste trabalho –

educação e comunicação - é importante reconhecer que as novas TICs vieram para ficar e é necessário incorporá-las criteriosamente às atividades pedagógicas. Como se pretendeu expor acima, as postagens de Araújo exemplificam conteúdos que, dando voz a campos invisibilizados, fornecem possibilidades de análise que ultrapassam impressões imediatas e constituem material pedagógico que apresenta dupla vantagem: veiculação de conteúdo aberto à reflexão crítica, por meio das redes sociais já amplamente incorporadas no cotidiano dos estudantes.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A digital influencer Alessandra Araújo desfila, em ambiente rural, suas reproduções da alta-costura, elaboradas, porém, em condições de radical contraste com os ateliês das grifes. Suas postagens evidenciam uma capacidade criativa invulgar, assim como bem-humorada e fecunda crítica à economia do luxo. Deste modo, o trabalho da digital influencer rompe invisibilidades das manifestações populares e enfrenta marcas distintivas que alimentam diversos preconceitos. Considerando que as novas TICs e as redes sociais se consolidaram como recursos e práticas cotidianas, é necessário que a Educação as incorpore. Este trabalho pretendeu exemplificar a identificação de conteúdos social e formativamente relevantes de grupos sociais invisibilizados, veiculados em ambientes virtuais já intensamente frequentados pelas/os estudantes.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, F. M. de B. et al. *Revista Perspectivas da Ciência e Tecnologia* v.1, n.1, jan-jun 2009.

ARAÚJO, Alessandra*. Entrevista a Luciano Huck*, in https://www.instagram.com/reel/CteHdYjgDM-/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRlODBiNWFlZA== Acesso em 18/06/2023. 22:18.

BENJAMIN, Valter. *A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica*. Porto Alegre: L&PM, 2018.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Lisboa: Ed. Fim de Século, 2003.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática**.** In ORTIZ, Renato (Org). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo, Ática, 1983, p.46---81.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MACLET, Cibele. *Alta-costura de Paris volta aos desfiles presenciais em grande estilo.* Colaboração para a CNN, in https://www.cnnbrasil.com.br/estilo/alta-costura-de-paris-volta-aos-desfiles- presenciais-em-grande-estilo/. Postado em 28/01/2022. Acesso em 16/06/2023.

NOGUEIRA, Oracy. *Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem:* sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1, p. 287-308, 2007.

QUEIROZ, Letícia. *Conheça Alessandra Araújo: a blogueira raiz do TO que atraiu milhões de seguidores e recebeu elogios de celebridades.* In https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2022/04/22/conheca-alessandra- araujo-a-blogueira-raiz-do-to-que-atraiu-milhoes-de-seguidores-e-recebe- elogios-de-celebridades.ghtml. Postado em 22/04/2022. Acessado em 25/04/2023, 21:36.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa Científica. In GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo (ORG.) *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. *Pierre Bourdieu: a teoria na prática.* Rio de Janeiro: RAP 40(1): 27-55, Jan./Fev. 2006.

O MUNDO DE MARIANA: NARRATIVAS DIGITAIS, INTERAÇÕES E CONSUMO [1]

MARIANA'S WORLD: DIGITAL NARRATIVES, INTERACTIONS AND CONSUMPTION

EL MUNDO DE MARIANA: NARRATIVAS DIGITALES, INTERACCIONES Y CONSUMO

Danuta Leão[2]
Ivana Oliveira[3]

Resumo: A partir de um panorama contemporâneo acerca da presença infantil no meio midiático digital o objetivo deste artigo é analisar os modos de ser no digital, a partir da narrativa digital do perfil do Instagram de O mundo de Mariana, de seus conteúdos, publicidade e, que caracterizem e destaquem suas performances; Mariana é uma menina de 10 anos com Síndrome de Down que em seu Instagram administrado pela sua mãe mostra a sua rotina de aprendizados e desenvolvimento cognitivos. A base bibliográfica deste artigo é baseado nas pesquisas realizadas no *Childhood Studies* por Ariès (1981), Alcântara e Campos (2006), e Tomaz (2017), bem como nos estudos acerca de estratégias de visibilidade e espetáculo desenvolvidos karhawi(2020)Sobre Publicidade e Consumo Infantil Perez(2020) e Andrade(2020) e Kieling (2012) sobre narrativas midiáticas digitais interativas.

Palavras-chave: infância; redes sociais digitais; narrativas digitais; influenciadores digitais; Belém-Pa.

Abstract: Starting from a contemporary panorama about the presence of children in the digital media environment, the objective of this article is to analyze the ways of being in digital, from the digital narrative of the Instagram profile of O mundo de Mariana, its contents, publicity and, that characterize and highlight their performances; Mariana is a 10-year-old girl with Down Syndrome

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST6 COMUNICAÇÃO DIGITAL E INDÚSTRIA CRIATIVA do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Doutora pelo Programa de Pós-graduação Comunicação, Cultura e Linguagens(PPGCLC), da Universidade da Amazônia- UNAMA. Professora do Curso de Publicidade e Propaganda da UNAMA e CESUPA . Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Consumo, Identidade e Amazônia (CONSIA). E Integrante do Grupo de Pesquisa Propaganda e Publicidade – GRUPPU. E- mail: prof.danutaleao@gmail.com https://orcid.org/0000-0001-8428-2698

[3] Doutora, professora do Programa de Pós-graduação Comunicação, Cultura e Linguagens (PPGCLC), da Universidade da Amazônia- UNAMA. Integrante do grupos de pesquisa; Mídia e violência: percepções e representações na Amazônia paraense(UFPA/ CNPQ) e Narrativas Contemporâneas na Amazônia Paraense (Narramazônia – UFPA/ UNAMA) E-mail: ivana.professora@gmail.com. https://orcid.org/0000-0003-3194-7259

who, on her Instagram managed by her mother, shows her routine of learning and cognitive development. The bibliographic base of this article is based on research carried out in Childhood Studies by Ariès (1981), Alcântara and Campos (2006), and Tomaz (2017), as well as on studies about visibility and spectacle strategies developed, karhawi(2020) . About Advertising and Children's Consumption Perez(2020) and Andrade(2020) and Kieling (2012) about interactive digital media narratives.

Keywords: childhood; digital social networks; digital narratives; digital influencers; Belém-Pa.

Resumen: Partiendo de un panorama contemporáneo sobre la presencia de los niños en el entorno mediático digital, el objetivo de este artículo es analizar las formas de estar en lo digital, a partir de la narrativa digital del perfil de Instagram de O mundo de Mariana, sus contenidos, publicidad. y, que caractericen y resalten sus actuaciones; Mariana es una niña de 10 años con Síndrome de Down que en su Instagram administrado por su madre muestra su rutina de aprendizaje y desarrollo cognitivo. La base bibliográfica de este artículo se basa en investigaciones realizadas en Childhood Studies por Ariès (1981), Alcântara y Campos (2006) y Tomaz (2017), así como en estudios sobre visibilidad y estrategias de espectáculo desarrollados por karhawi(2020) Sobre publicidad y consumo infantil Perez(2020) y Andrade(2020) y Kieling (2012) sobre narrativas interactivas en medios digitales

Palavras clave: Infancia; redes sociales digitales; narrativas digitales; personas influyentes digitales; Belém-Pa.

1. INTRODUÇÃO

A partir de um panorama contemporâneo acerca da presença infantil no meio midiático digital, artigo compreende a criança enquanto um ser/sujeito social. A pesquisa TIC Kids Online Brasil[4], desde 2012, tem o objetivo de compreender como a população de 9 a 17 anos utiliza a internet e como lida com os riscos e oportunidades decorrentes desse uso. Todo ano a referida pesquisa lança, em abrangência nacional, os dados e análises obtidos de entrevistas com crianças e adolescentes e seus pais. Em 2023 de acordo com a pesquisa mais de 90% das crianças e adolescentes do Brasil usam internet diariamente.

[4]Mais de 90% das crianças e adolescentes usam a Internet diariamente no Brasil; entenda como proteger. Disponível em https://www.nic.br/noticia/na-midia/mais-de-90-das-criancas-e-adolescentes-usam-a-internet-diariamente-no-brasil-entenda-como-proteger/ Acesso em junho 2023.

A criança ao ter em seu canal/ perfil em redes sociais digitais um número relevante de seguidores e/ou interações, se tornam queridinhos das marcas, que começam a cortejar essa criança enquanto estratégia de marketing de influência. Há relações de afeto com seu público, que podemos dizer audiência.

A criança contemporânea produz e interage sua vida cotidiana de forma performática para ganhar visibilidade; e é neste sentido, qual observa- se o consumo da exposição midiática infantil, porém, sem esquecer da estrutura familiar, tão importante para essas práticas.

Quando, no início desta pesquisa de doutorado, em 2017, a pesquisa *TIC Kids Online Brasil*, detalhou que 40% das crianças e adolescentes conectados usavam a Internet para conversar com pessoas de outras cidades, países e culturas, 36% delas participavam de páginas ou grupos sobre assuntos de interesse; 28% buscavam informações sobre saúde e 22% sobre o que acontece na sua comunidade. Além disso, 12% das crianças e adolescentes conectados conversavam sobre política ou problemas da localidade e 4% participavam de campanhas ou protestos na rede.

A mídia tem um papel importante nessa representação social, em anúncios, fotografias, jornais etc, mas nesta pesquisa focaremos no YouTube e, principalmente, na criança *youtuber* que posta conteúdos nesse espaço e consegue ter uma audiência relevante. Tomaz (2017) diz que a palavra *youtuber* se tornou necessária para designar não quem produzia e postava vídeos no YouTube, mas aqueles que, nessa condição, começavam a ganhar notabilidade na plataforma, por meio de números de inscritos, visualizações e rendimentos provenientes da monetização de seus canais.

Observa-se da natureza humana o ato de dar e receber presentes é algo que faz parte de nossas vidas. Aa criança gosta de ganhar presentes, a criança inserida na cultura digital que quer ser *youtuber ou instagramer*, tendo em vista que em troca de publicidade e de curtidas, muitas marcas ou produtos, buscam e conquistam esses “influenciadores” (bem como seus seguidores) presenteando-os (uma estratégia de vendas) e a partir destes pequenos ‘mimos’, e de toda narrativa espetacular que envolve o entretenimento com eles, trazem ao canal do YouTube ou perfil do Instagram seus relatos e opiniões sobre o produto, aventuras e desventuras experimentais com ele, e, a partir desse compartilhar sua vida

cotidiana em vídeos, se perfaz em afeto, em aceitação, em visibilidade, e consequentemente, se tornar influenciador — uma celebridade! Ao ter em seu canal um número relevante de seguidores e/ou interações, se tornam queridinhos das marcas, que começam a cortejar essa criança enquanto estratégia de marketing de influência.

Há relações de afeto com seu público, que podemos dizer audiência. A criança contemporânea produz e interage sua vida cotidiana de forma performática para ganhar visibilidade; e é neste sentido, qual observa-se o consumo da exposição midiática infantil, porém, sem esquecer da estrutura familiar, tão importante para essas práticas.

Outra questão é que após uma pesquisa apenas no YouTube viu-se a necessidade de ampliar para o Instagram, entendendo as crianças não somente como *youtubers* ou *instagramers*, mas sim como influenciadoras digitais infantis. O termo, segundo o portal Academia do Marketing[5], refere-se a "aquela pessoa ou marca, que através de seu conteúdo consegue influenciar de alguma forma a maneira que seus seguidores nos meios digitais encaram e consideram determinadas questões ou conceitos." Sendo assim, para atingir o objetivo desta pesquisa, que é observar e compreender a criança *youtuber* e *instagramer* como influenciadora digital, uma criança midiática que faz parte da contemporaneidade, ao utilizar-se de ferramentas de exposição de imagem nas redes sociais, pautadas pelo mercado publicitário. Após observação das dinâmicas das redes sociais Instagram e YouTube e consumindo o conteúdo produzido pelas crianças em seus perfis e canais.

2. A CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA DIGITAL

Segundo Àries (1981), a infância vista como categoria social só se deu a partir do século XX. O entendimento de uma infância se dá por um sentimento de fragilidade quanto ao ser menor de idade e de estatura. Esse entendimento de infância mostra o conceito de criança que as pesquisas sustentavam, "o vir a ser", isto é, um ser "humano em desenvolvimento".

[5] https://www.academiadomarketing.com.br/o-que-sao-influenciadores-digitais/

As pesquisas mais recentes entendem a criança enquanto um “ser”, ou seja, uma pessoa de caráter social e cultural. Um indivíduo ativo que interage com seu ambiente de diversas maneiras[6]. Em análise específica ao objeto de estudo desta pesquisa, as crianças no ambiente digital, ressalta-se a denominação dada por Prensky (2001), a qual classifica estes sujeitos enquanto “nativos digitais”[7], a partir da proposição de que estas crianças são “falantes nativos” da linguagem digital dos computadores, vídeo games e internet, pois já nasceram imersas neste mundo. Prensky (2001) destaca que essas crianças, os Nativos Digitais, estão acostumados a receber informações muito rapidamente.

Eles gostam de processar mais de uma coisa por vez e realizar múltiplas tarefas. Neste sentido, a presente pesquisa considera como se dão as interações comunicativas das crianças com o Youtube e Instagram, desde as estratégias e formatos estruturais da plataforma até as possibilidades e alguns dos usos desta comunicação e interação digital enquanto construção e vivência de experiências sociais e desenvolvimento de mídia. Steinberg e Kincheloe (2004) afirmam que a infância é um artefato social e histórico e não uma simples entidade biológica. Para eles, o formato desta fase da vida é moldado por forças sociais, culturais, políticas e econômicas que atuam sobre ela. É preciso ressaltar também que o adulto e a criança estão em constante aprendizagem, um com o outro e, ao mesmo tempo em que a nova geração adquire os comportamentos compatíveis com os de seu grupo, a geração mais velha se desenvolve dentro de sua função socializadora. Assim, valores são passados e códigos e normas desafiados.

3. CRIANÇAS INFLUENCIADORES DIGITAIS

A construção de cada vídeo postado no Youtube ou Instagram com histórias diferentes, seja ela mostrar brinquedos, viagens ou desafios, fideliza a audiência já que se utiliza a linguagem espontânea da infância. E é assim que as empresas enxergam as crianças: como influenciadores e propagadores de suas marcas. Esses influenciadores são formadores de opinião neste contexto, dialogam com seu público de maneira encantadora, hipnotizadora e persuasiva.

[6] SANTOS, Thaís Mendes Araújo dos. **A midiatização da infância**. Brasil Escola. Meu Artigo. Disponível em: <https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/atualidades/a-midiatizacao- infancia.htm>. Acesso em: jan. 2020.

Espaços que a geração digital encontrou, mediada pelas plataformas *moblie*, *tablets* e computadores, onde a criança brinca e entra em um novo mundo de descobertas e imaginação, tornando, assim, presas fáceis para os recursos do marketing através dos pequenos astros digitais (LEÃO, PRESSLER, 2017).

Atualmente, são diversos os termos usados para designar o usuário que produz conteúdo no ambiente digital, seja ele influenciador digital, formador de opinião online, produtor de conteúdo, *creator*, *youtuber*, blogueiro, *vlogger*. Mas todos esses termos considero enquanto sinônimos uma vez que, a cada dia que passa, surgem novos termos para influenciar o mercado na busca do novo.

Ser um influenciador digital (termo utilizado nesta Tese) requer uma vida em que seja necessária a produção de conteúdo (criatividade), consistência nessa produção (tanto temática quanto temporal); manutenção de relações, prestígio em uma comunidade e, por fim, influência. Para Karhawi (2017), influenciador pode ser tanto aquele que estimula debates ou agenda temas de discussão em nichos, quanto aquele que influencia na compra de um lançamento de determinada marca. Em ambos os casos, o processo de solidificação em termos de crédito, capital e reputação são os mesmos.

Para Karhawi (2020), o avanço na atuação e o desenvolvimento das plataformas de redes sociais têm oferecido uma expansão nessa atuação. Inaugura-se uma nova forma de *estar* na rede e, sobretudo, de *se trabalhar* na rede. O termo *digital influencer* ou influenciador digital passou a integrar o léxico acadêmico, midiático e mercadológico em 2015 no Brasil (KARHAWI, 2020). O termo surgiu, segundo Karhawi (2020), para fazer referência a sujeitos que produziam conteúdo nas redes sociais digitais em diversos formatos: vídeos no YouTube, textos em blogs e fotos no Instagram. Ainda segundo a autora, desde o início dos anos 2000, as pesquisas em comunicação vêm se debruçando sobre esses sujeitos “influentes” em diferentes momentos do digital.

A convergência das tecnologias trouxe para o marketing a possibilidade, e até mesmo a “obrigatoriedade”, da junção do marketing tradicional à era digital. O Marketing 4.0 apresenta os novos caminhos feitos pelos indivíduos na economia digital. Indivíduos esses que buscam, cada vez mais, envolvimento, personalização e relações pessoais (KOTLER; KARTAJAYA; SETIAWAN, 2017).

Observa-se um diálogo entre Jenkins (2009) e Kotler, Kartajaya e Setiawan (2017) ao explanar que:

> A convergência exige que empresas de mídia repensem antigas suposições sobre o que significa consumir mídias, suposições que moldam tanto decisões de programação quanto de marketing. Se os antigos consumidores eram previsíveis e ficavam onde mandavam que ficassem, os novos consumidores são migratórios, demonstrando uma declinante lealdade a redes ou a meios de comunicação. Se os antigos consumidores eram indivíduos isolados, os novos consumidores são mais conectados socialmente. Se o trabalho de consumidores de mídia já foi silencioso e invisível, os novos consumidores são agora barulhentos e públicos. (JENKINS, 2009, p. 47).

Assim, em Jenkins (2009), enxerga-se aspectos da estrutura horizontal tratada por Kotler, Kartajaya e Setiawan (2017). Há pontos valiosos nessa nova estrutura para as marcas também, que devem procurar estabelecer um relacionamento horizontal com seus consumidores. Agora ambos estão no mesmo patamar, precisando assim, criar laços de amizade com eles. Com uma maior conexão e troca de informações, as marcas ganharam mais fontes que facilitam o reconhecimento das demandas de mercado. E é neste contexto que os criadores de conteúdo (influenciadores digitais) surgem. Antes, apenas tínhamos os redatores publicitários para as demandas das mídias, esta nova reconfiguração a partir da convergência faz com que os laços entre marcas e consumidores (usuários) fiquem mais estreitos e humanizados.

Karhawi (2016) analisa que não são os números que definem a melhor parceria de negócio. O que define se um influenciador agrega ou não valor a sua marca, conseguirá converter consumidores em clientes ou não, é o engajamento e influência que eles têm em seus nichos e não apenas o número de seguidores ou inscritos nos canais. É essencial que o influenciador seja escolhido de acordo com os valores da empresa e a intenção da campanha/parceria.

4. INFLUENCIADORES MIRINS – NARRATIVAS DO EU E CONSUMO EM REDE

Os youtubers e os influenciadores digitais no Instagram fazem relatos de si em através das mídias digitais. A linguagem dos meios e mídias em constante mudanças possibilitou que usuários fizessem relatos de si mais espetacularizados e tomando como base a narratologia o que vemos e observamos são construções de narrativas

digitais. “um novo estatuto classificatório à narratologia, particularmente aquela audiovisual, introduzindo uma noção de narrativa digital” (KIELING, 2012, p. 741).

Diante as tecnologias digitais, as narrativas para Kieling (2012) deixam de se restringir à relação produção-recepção para ganhar novos âmbitos e lógicas operativas de construção de sentido, que inclui a participação das audiências e das próprias tecnologias na construção dos roteiros e/ou desenvolvimento das histórias, sejam elas de cunho ficcional, factual ou híbridas. (KIELING, 2012, p. 740). As possibilidades dos indivíduos em produzirem conteúdos e compartilharem com seu público, construindo através da interatividade uma relação mútua de partilha. Segundo Kieling (2012), nas narrativas midiáticas digitais interativas os públicos podem ser também sujeito da ação; passam a fazer parte da narrativa e do diálogo gerado por ela. Os sujeitos sociais para o autor apropriam-se de elementos da linguagem das novas mídias para elaborar sua própria narrativa, construir junto sua mensagem, de acordo com o repertório que possui (KIELING, 2012, p.747).

> [...] a narrativa digital abrange todas as formas e processos narrativos produzidos e compartilhados digitalmente, incluindo narrativa, histórias somente com imagem, rádio-histórias para internet e podcasting, e narrativa multimídia integrando imagem, som e talvez texto (CLARKE; ADAM, 2012, p. 160, tradução livre).

Desta forma Rodrigues argumenta (2020):

> As narrativas digitais podem, também, auxiliar a construção de contextos formativos em rede nos quais a colaboração, a coautoria e a coaprendizagem sejam incentivadas pela negociação de sentidos entre os sujeitos envolvidos e pela ressignificação dos conhecimentos e dos conteúdos curriculares desde a experiência contextualizada desses sujeitos inseridos na cultura e em diálogo com o outro e o mundo. (RODRIGUES, 2020, p. 17)

Quando observamos as crianças, podemos destacar que seja no Instagram ou no YouTube há uma chamada, um título que assim como um anúncio publicitário tem o papel de chamar a atenção do consumidor/ público. Não é apenas postar o vídeo, há como Jenkings; Green e Ford (2014) falam sobre gestão. Assim a narrativa dos vídeos e posts fazem, narram histórias, prendem atenção!

5. O MUNDO DE MARIANA, NARRATIVAS DO CONSUMO

Mariana é uma menina de 10 anos com Síndrome de Down que em seu Instagram administrado pela sua mãe mostra a sua rotina de aprendizados e desenvolvimento cognitivos. Seu Instagram começou em 2017 e seu canal do YouTube 1 ano depois. O foco de seu conteúdo é falar sobre a síndrome de down com representatividade, amor e quebrando preconceitos. Seu perfil no Instagram possui, em média, 250 curtidas e 12 comentários. Na Figuras 01, é possível perceber seus conteúdos.

Figura 01 Arquivo de pesquisa

Figura 02 Arquivo de Pesquisa

Dentre seus conteúdos, é possível perceber que são os relatos da mãe, a narrativa criada é de um diário, um relato de si nos lugares e interações de Mariana tem, o nome O Mundo de Mariana se faz coerente pois é sua rotina de cuidados, brincadeiras, receitas, viagens e lugares por onde circula que fazem a diferença de seu perfil. Suas *hashtags* mais escritas são #downsyndrone #serdiferenteénormal e #recebidoslindos.

Seu canal no YouTube, com 77 inscritos, o vídeo com maior popularidade, tem 350 visualizações. Diferente do Instagram que o conteúdo é ampliado em bastante *stories*, destaques com *stories* organizados, *reels* e imagens. Em relação ao YouTube, ele não segue a mesma lógica, é focado em vídeos de 3 minutos com receitas ou alguma pequena rotina.

Para Terra (2017), o que vemos é o meio digital potencializando ações dos influenciadores por seu poder de alcance, impacto, rapidez e viralização. Assim é o perfil de Mariana. Neste sentido, Karhawi (2017) esclarece que o influenciador pode ser tanto aquele que estimula debates ou agenda temas de discussão em nichos, quanto aquele que influencia na compra de um lançamento de determinada marca. Em ambos os casos, o processo de solidificação em termos de crédito, capital e reputação são os mesmos. Mariana é um exemplo de influenciador por trazer debates de discussão para seu nicho, mostrando a quebra de paradigmas e preconceitos, ocupando lugares como escolas regulares.

Na publicidade representada na figura 3 protagonizada por Mariana, as marcas Arezzo(nacional), convida a menina para estamparem suas campanhas e participar de lançamento de produtos, querem além de agregar valor às suas marcas, trazem representatividade e trabalham atributos como inocência da marca, recurso este do Marketing quando queremos um posicionamento de mercado, ou seja, como o público deve enxergar a marca.

Figura 03 Arquivo de Pesquisa

Outra questão que podemos identificar é que as marcas que patrocinam a menina, assim como o shopping Boulevard de Belém, são marcas para um público A e B. É neste contexto em que Mariana se encontra e dialoga com seu público, os restaurantes que frequenta, as terapias que faz em casa e acompanhamento médico em São Paulo.

Perez e Trindade (2017) argumentam que a linguagem utilizada pelos Youtubers e influenciadores, faz uso do espontâneo, do erro, do baixo calão, do imperfeito, elementos estes que raramente são observados em outros meios massivos e mais institucionais, como a TV aberta e fechada e os meios impressos, por exemplo. Para os autores em questão tudo pode ser transformado em vídeo: ainda que nem sempre o consumo seja do vídeo em si, uma vez que nestas interações consomem-se também “pessoas”, seus pontos de vista, uma determinada visão de mundo, um estilo de vida e de cotidiano.

Para Karhawi (2020, p. 209), é a mercantilização do próprio sujeito que passa a compor sua atividade profissional. Vende-se não apenas espaços publicitários, mas também estilo de vida. Já Perez (2020) pensa o consumo enquanto um processo de construção de vínculos de sentido e os rituais de consumo.

E neste sentido podemos observar a construção de vínculos com a *influencer*. Sendo assim, para Andrade (2020), à medida que as crianças expõem questões como a privacidade da vida cotidiana, denota-se que os *youtubers*, segundo o autor não estão apenas demarcando e reforçando a posição social diante de seus seguidores, mas promovendo a si mesmas, seus estilos de vida e modos de ser criança

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se observa no instagram de Mariana é a construção de vínculos afetivos através das narrativas produzidas em seus vídeos, mostrando o seu desenvolvimento enquanto sujeito, suas aulas, viagens e campanhas publicitárias. Tudo com a participação e investimento de sua família.

Nesta Trabalho é possível refletir sobre a mercantilização da infância enquanto um espetáculo resultado de modos de agir e consumir no digital mas também na estética e vitrine das nas classes sociais brasileiras. É necessário entender que ao se compartilhar cotidianos de uma vida privada que se torna pública, com histórias e capítulos envolventes de um crescer através de telas. Estamos lidando com interesses de se acompanhar uma classe social privilegiada, de alimentar desejos e rituais de consumos. Assim os Youtubers e influenciadores infantis são formas de espetáculos capitalistas que refletem as sociabilidades e a publicidade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marcelo. Diversão, Entretenimento e Publicidade: A Promoção Da Criança Conectada Em Meio Às Lógicas De Consumo. IN GUEDES, Brenda e CARVALHO, Barbara Janice de. *Infâncias, juventudes e debates emergentes em comunicação.* São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. 413 DOI: 10.31560/pimentacultural/2020.052.142-166

ARIÈS. Philip. *A história social da criança e da Família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*.Tradução Susana Alexandria. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

_____, FORD, Sam; GREEN, Joshua. *Cultura da conexão*: criando valor e significado por meio da mídia propagável. Tradução de Patricia Arnaud. São Paulo, SP: Aleph, 2014.

KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: o Eu como mercadoria. *In*: SAAD, Elizabeth; SILVEIRA, Stefanie (Orgs.). *Tendências em Comunicação Digital.* São Paulo: ECA-USP, 2016. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/download/87/75/365-1?inline=1>. Acesso em: Agosto 2023.

_____, Issaaf. *De blogueira a influenciadora*: etapas de profissionalização da blogosfera da moda brasileira. Porto Alegre: Sulina, 2020.

KIELING, Alexandre S. Narrativas digitais interativas e o uso da tecnologia como narrador implícito. In: *Revista FAMECOS* (Online), v.19, n. 3. Porto Alegre, RS: Revista Famecos, 2012, p. 739-758

LEÃO, Danuta; PRESSLER, Neusa**.** *Youtuber Mirin:* Formas de Interação e Consumo. In: VIII Pró-Pesq PP – Encontro de Pesquisadores em Publicidade e Propaganda. Recife, 2017. Disponível em: <http://www.abp2.org/anais>.

PEREZ, Clotilde; TRINDADE, Eneus. *Consumo midiático:* Youtubers e suas milhões de visualizações. Como explicar? *In*: COMPÓS XXVI - Encontro Anual da Compós, Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 06 a 09 de junho de 2017. Disponível em: < https://urx1.com/fjjhv >. Acesso em: 19 ago. 2023.

_____. Clotilde. *Há Limites para o consumo?* Barueri, SP: Estação Letras e Cores, 2020

PRENSKY, Marc. *Nativos Digitais, Imigrantes Digitais.* Disponível em: <http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf>.

RODRIGUES, Alessandra. *Narrativas digitais e experiência: exploração de conceitos e implicações para a educação em uma perspectiva humanista. e-Curriculum,* São Paulo , v. 18, n. 2, p. 692-714, abr. 2020 . Disponível emhttps://ury1.com/qqass. https://doi.org/10.23925/1809- 3876.2020v18i2p692-714

TOMAZ, Renata. *O que você vai ser antes de crescer:* Youtubers, Infância e Celebridade. Tese de Doutorado (Comunicação). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Rio de Janeiro, 2017.

O Mundo de Mariana. In*: Instagram.* Disponível em: https://www.instagram.com/omundoodamariana/?hl=pt-br.

TIKTOK: UM CANAL NAS REDES SOCIAIS PARA A VOZ DAS RECLAMAÇÕES DOS CLIENTES[1]

TIKTOK: A SOCIAL MEDIA CHANNEL FOR THE VOICE OF COMPLAINTS FROM CUSTOMERS

TIKTOK: UN CANAL DE REDES SOCIALES PARA LA VOZ DE LAS QUEJAS DE CLIENTES

Rosalvo Sobral Mafra Júnior[2]
Douglas Junio Fernandes Assumpção[3]

Resumo: As redes sociais têm sido utilizadas por seus usuários como um canal para registro de reclamações em relação a produtos e serviços adquiridos e o posicionamento das situações nas redes sociais cobrando respostas e compartilhando descontentamentos em relação às empresas que geram eventuais transtornos junto aos clientes. Este artigo tem por finalidade apresentar a rede social TikTok sendo utilizada como um canal para as reclamações dos clientes. O estudo do material destina-se a analisar uma postagem feita pelo usuário @maurisousa_ sobre uma insatisfação com uma compra on-line de um produto em uma rede varejista e a não entrega desse item. A avaliação identificou pontos como a falta efetiva da gestão do relacionamento com o cliente, uma elevada conexão gerada com a publicação, uma rápida e grande viralização com o engajamento das pessoas, multiplicando a postagem e gerando força em relação às empresas e o posicionamento da empresa, após a crise gerada nas redes sociais.
Palavras-chave: Reclamações; Redes Sociais; TikTok**;** Viralização; Crise.

Abstrac: Social media has been used by its users as a channel to register complaints regarding products and services purchased, and to express their positions on social media platforms, demanding responses and sharing their dissatisfaction with companies that may cause inconvenience to customers. This article aims to present the social media platform TikTok being used as a channel for customer complaints. The study of the material is intended to analyze a post made by the user @maurisousa_ expressing dissatisfaction with an online purchase from a retail network and the non-delivery of the item. The evaluation identified points such as the lack of effective customer relationship management, a high level of engagement generated by the post, rapid and extensive viralization with people's engagement, amplifying the post and

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST6 - COMUNICAÇÃO DIGITAL E INDÚSTRIA CRIATIVA do X Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 18 a 22 de setembro de 2023.

[2] Graduado em Publicidade e Propaganda para Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Mestrando em Comunicação, Linguagem e Cultura pela UNAMA (Universidade da Amazônia). Orcid: 0009-0007-4557-6360/ E-mail: romafrajr@gmail.com

[3] Professor do Programa de Comunicação Linguagens e Cultura da Unama e Doutor em Comunicação e Linguagens UTP (Universidade Tuiuti do Paraná) / ORCID: 0000-0001-5048-6692 / E-mail: rp.douglas@hotmail.com

creating an impact on companies and the company's position following the crisis generated on social media.

Keywords: Complaints; Social Media; TikTok; Viral; Crisis.

Resumen: Las redes sociales han sido utilizadas por sus usuarios como un canal para registrar quejas con respecto a productos y servicios adquiridos, y para expresar sus opiniones en las redes sociales exigiendo respuestas y compartiendo su insatisfacción con las empresas que pueden causar molestias a los clientes. Este artículo tiene como objetivo presentar la plataforma de redes sociales TikTok siendo utilizada como un canal para las quejas de los clientes. El estudio del material tiene como finalidad analizar una publicación realizada por el usuario @maurisousa_ expresando su insatisfacción con una compra en línea de un producto en una red minorista y la no entrega de dicho artículo. La evaluación identificó puntos como la falta efectiva de la gestión de la relación con el cliente, un alto nivel de conexión generado por la publicación, una rápida y amplia viralización con la participación de las personas, amplificando la publicación y generando un impacto en las empresas y la posición de la empresa después de la crisis generada en las redes sociales.

Palabras clave: Quejas; Redes Sociales; TikTok; Viral; Crisis.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como foco abordar, dentro das redes sociais a possibilidade de ser utilizada por seus usuários como um canal para registro de reclamações em relação a produtos e serviços adquiridos e posicionamento das situações nas redes sociais para cobrar respostas e compartilhar descontentamentos em relação às empresas que geram eventuais transtornos a essa dinâmica junto aos clientes.

O estudo trará como objeto uma postagem na rede Tiktok, em que o cliente registra sua insatisfação com um produto adquirido e sua entrega inadequada, além da viralização dessa postagem na rede, apresentando esse descontentamento da compra do produto e não recebimento dele.

A avaliação tomará como base conceitos de relacionamento nas redes sociais, como apresentando por Kotler (2017) ao destacar que “Um relacionamento nessas plataformas geralmente começa como uma conexão de um para um, entre dois indivíduos que se conhecem e confiam um no outro. Essa conexão inicial levará a um vínculo entre as redes, independentes dos dois indivíduos, criando uma conexão de muitos para muitos.

Observadas de fora, comunidades on-line". Ele acrescenta que mesmo parecendo uma rede de estranhos, ali encontra-se rede de amigos confiáveis e que essas comunidades tendem a crescer exponencialmente, transformando-se em formas mais fortes de comunidade. (KOTLER,2017, p.54)

O estudo também será feito com base no conceito de CRM - Customer Relationship Management (Gestão do Relacionamento com o Cliente) trazido também por Kotler (2006) como "gerenciamento cuidadoso de informações detalhadas sobre cada cliente e de todos os pontos de contato com ele, a fim de maximizar sua fidelidade". Na avaliação, também será analisada a gestão de crise nas redes sociais.

> Antes um cliente insatisfeito reclamava e isso ficava entre ele e a empresa (telefone, e-mail ou Procon), obviamente que a boca a boca já fazia seu efeito, mas isso se espalhava mais timidamente, entre um círculo de parentes e amigos. Hoje, as insatisfações correm o mundo de maneira desenfreada, e uma reclamação feita na rede social tem o poder de dizimar a boa reputação de uma empresa, que levou anos para ser construída. (OKUYAMA, *s.d.)*

Para esse estudo, será avaliada uma postagem na referida rede social do usuário @maurisousa_ utilizando o canal para o registro de sua insatisfação, identificando a dinâmica na rede do cliente, com suas conexões e os respectivos desdobramentos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Redes sociais, conectividade, posicionamento e fidelidade do consumidor

O potencial de uma rede social para os consumidores e de como as informações propagam-se e ganham proporções, interações e compartilhamentos, é o que nos apresenta Martino (2014), ao destacar as formas de produção colaborativa e a expansão das redes sociais, a partir de 2000, como um tipo mais denso de conexões chamada de web 2.0, denominada assim, por apresentar características de colaboração, elevado grau de interação, produção e consumo pelos próprios usuários.

A web 2.0 “se apresentava como uma plataforma dinâmica, em constante transformação gerada pelas interações entre usuários. As redes sociais, o Google e as produções colaborativas seriam exemplos desse cenário.” (MARTINO, 2014, p.11)

Apesar das redes sociais serem antigas nas ciências humanas, o advento da tecnologia trouxe um novo desenho e mais força ao contribuir na construção dessas redes conectadas pela internet. Devido à interatividade através das mídias digitais, as redes sociais podem ser apesentadas como uma relação dinâmica entre os seres humanos e baseada na flexibilidade, por causa de sua estrutura. (MARTINO 2014).

> Os anos 2000 estão em ascensão. Com ele, a Web 2.0 ganhou força. Nesta época. que segue até 2010, segundo da Silva, temos uma intensa interação do usuário com a rede. A partir de agora, é possível receber o conteúdo e também criá-lo. Os indivíduos podem comentar, compartilhar e interagir. Para diferenciar do estágio anterior, nesta fase, o relacionamento online é marcado pela produção de conteúdos dos usuários, e não apenas do servidor.(RUSHEL,2022).

Interação com a rede, receber e criar conteúdos, são características que definem as redes sociais, segundo Rushel (2022), “desde as mais antigas, como Orkut e Myspace, até as mais atuais, como Facebook, Twitter e Instagram”. O compartilhamento de informações, conteúdos e imagens foi auxiliado pelo surgimento dos equipamentos móveis, como smartphones e tablets, aponta o coordenador do Programa de Pós-Graduação em Computação Aplicada da Unisinos, Rafael Kunst. (RUSHEL, 2022).

> “Nas comunidades virtuais há imensos fluxos de informação entre os participantes — qualidade compartilhada pelas redes sociais. A possibilidade deformação de espaços de debate, troca de opiniões e eventualmente de tomada de decisões não pode ser negligenciada na medida em que indica, também, o potencial de ação das comunidades virtuais no mundo real.” (MARTINO, 2014, p.47)

A conectividade permite a expressão de opiniões que podem chegar a outras pessoas, mudando a mentalidade delas. Consumidores, em oposição à uma recomendação de uma marca por uma celebridade, apoiam-se nessas pontuações de estranhos e assumem que podem ser mais confiáveis.

Dessa maneira, a conectividade proporciona o ambiente adequado para que os clientes possam defender suas marcas. (KOTLER, 2017).

> "O número de nós em uma rede se multiplica exponencialmente a cada nova conexão estabelecida, acrescentando igualmente outras conexões e permitindo um aumento instantâneo de formas de contato e circulação de informações - não por acaso, nas redes sociais na internet as informações podem circular entre um número muito grande de pessoas em um espaço de tempo relativamente curto. O resultado, nas redes online, e um fluxo ininterrupto de dados gerados, produzidos e reproduzidos entre os participantes." (MARTINO, 2014, p.55)

Kotler (2017) acrescenta que as conversas espontâneas realizadas na rede têm uma credibilidade maior do que as ações de publicidade executadas para grupos específicos do público. A maior influência, segundo o autor, são os círculos sociais. Ele destaca a credibilidade elevada desses círculos em relação às comunicações do marketing e até às preferências pessoais. "Os consumidores tendem a seguir a liderança de seus pares ao decidir qual marca escolher". (KOTLER, 2017, p. 18). É como se acontecesse um processo de proteção das pessoas em relação às campanhas publicitárias enganosas divulgadas pelas empresas.

A disposição do consumidor em defender uma determinada marca, nesse ambiente de conectividade, é apontada como um exemplo de fidelidade. (KOTLER, 2017). Defender as marcas e seu posicionamento não é um conceito novo, por exemplo, no marketing. "Clientes considerados fiéis a uma marca estão dispostos a endossá-la e recomendá-la aos amigos e à família". (KOTLER, 2017, p. 40). O autor traz aqui a referência do antigo conceito da "propaganda boca a boca" como uma nova conceituação para a palavra "fidelidade".

2.2 A gestão do relacionamento com os clientes nas redes sociais

A gestão do relacionamento com o cliente ou CRM (Customer Relationship Management) pode ser apresentada como um conjunto de processos, tecnologias e ações utilizados para o gerenciamento do relacionamento com clientes e parceiros, por diversos canais de comunicação, através de marketing, vendas e serviços. (GREENBERG, 2001).

Para Mishra e Mishra (2009), o CRM (Customer Relationship Management) tem foco no suporte para gerenciar as interações com os consumidores de maneira efetiva e contribuindo para a competividade da empresa.

Ainda sobre o CRM, Zablah, Bellenger e Johnston (2004, p. 475) mostram o conceito como “Um processo contínuo que envolve o desenvolvimento e a alavancagem de inteligência de mercado com o objetivo de construir e manter um portfólio de maximização do lucro de relacionamento com os clientes”.

A presença nas mídias sociais e estar conectado, é fator importante para as marcas, segundo Kotler (2017). Com a multiplicação das mídias sociais, essa ação é irreversível. Neste contexto, encontra-se o CRM social que é a gestão das relações com o cliente através das mídias sociais, gerando engajamento com o cliente e o desenvolvimento das relações a longo prazo.

Com o uso do CRM Social destacam-se três utilizações muito comuns: ouvir a voz do cliente, identificando essas conversas nas mídias sociais; envolver as marcas nas conversas, inserindo equipes que comentem e influenciem as interações e, por último, gerir as reclamações mais críticas que possam levar a uma crise para a marca. “Espera-se que as empresas forneçam soluções aos problemas dos clientes antes que os problemas viralizem”. (KOTLER, 2017, p. 185)

2.3 Reclamação e gestão de crise nas redes sociais

Quintino (2019) nos mostra que ter problemas na compra de produto e uso de serviços é comum para alguns consumidores. Esperar em filas, ter produtos quebrados ou serviço que tenha sido executa de modo a desejar podem ser problemas no cotidiano das pessoas. “Além de gerar um grande desgaste para o cliente, um problema é capaz de acabar com a reputação de uma marca”.

“Na visão de Zeithaml e Bitner (2003), alguns consumidores são mais propensos a reclamar do que outros.” (QUINTINO, 2019, p.155). As autoras ainda destacam motivos diversos para adotarem esse comportamento. Alguns consumidores acreditam que a reclamação ajuda à empresa e à sociedade, prevenindo que outros passem pela mesma situação. Outro comportamento é daquele cliente que acredita que é importante sempre reivindicar pelo que é de direito e, por isso, deseja ser tratado de forma justa, acreditando ser merecedor de uma compensação pelo fato.

Se a gestão de problemas pode gerar desgaste para a empresa, uma crise com uma reclamação nas redes sociais pode gerar desgaste maior à imagem por ganhar repercussão e propagação no meio digital, em acordo com o tamanho de sua gravidade, interpretação, comoção, entre outros. (PARENTE, 2015).

Parente (2015) acrescenta que uma crise nas redes sociais é um problema

que traz desgaste à imagem das partes envolvidas, seja de uma ou de ambas que estejam envolvidas seja pelo assunto, gravidade, interpretação, tema, falta de esclarecimento do ocorrido, comoção em cima da temática, ou qualquer outro motivo e ganha projeção digital, propagação e repercussão.

Problemas simples não resolvidos, sejam uma não conformidade com um produto ou uma cobrança equivocada, podem gerar problemas no relacionamento com os clientes e não tiverem uma tratativa eficiente e em curto prazo. E se essa mesma situação tiver sua propagação no meio digital, pode ganhar destaque e tornar-se uma crise, conclui Parente (2015).

Ele destaca a importância de não negligenciar qualquer tipo de comentário, seja ele inclusive pequeno ou percebido como irrelevante. O autor reforça a importância da tratativa com soluções ou esclarecimentos sobre o ocorrido. ".. além de ficarem virtualmente registrados, podem se exponenciar e gerar uma crise sem precedentes" (PARENTE, 2015).

Amparando-se nos conceitos anteriores, trazemos para análise um relato de um cliente que registrou sua insatisfação nas redes sociais, utilizando esse novo canal para ter voz, propagar, ganhar reforço, interação e juntar defensores que pudessem reforçar seu registro.

3. METODOLOGIA

O artigo trata-se de um estudo de caso fundamentado no conceito de (Gil, 2008) baseado em uma postagem realizado pelo @maurisousa_na rede social Tiktok, sobre uma reclamação com a entrega de um produto comprado na rede varejista Americana Amazon. Conceitos como redes sociais, viralização, gestão do relacionamento - CRM, voz do cliente e interações, compartilhamentos nas redes sociais e crise serão utilizados na avaliação do caso, trazendo as respectivas referências teóricas para um melhor entendimento da situação.

4. DESCRIÇÃO DO CASO E AVALIAÇÃO

A postagem do usuário citado foi selecionada em virtude de sua viralização e propagação nas redes sociais, fato acontecido pois o cliente reclamante @maurisousa_ tem cerca de 42 mil seguidores em sua rede social Tiktok e acrescenta-se ao fato que ele é filho do cartunista brasileiro, Maurício de Sousa, conhecido por ser um dos mais importantes cartunistas do Brasil. (https://monica.fandom.com/pt-br/wiki/Mauricio_de_Sousa)

Em seu vídeo principal que viralizou nas redes sociais, com cerca de 4,9 milhões de visualizações, ele pede para que os usuários da rede compartilhem o fato para que seja atendida sua solicitação. Foi realizado ainda mais duas postagens de vídeos com cerca de 1,2 milhões e o outro com 680 mil visualizações, respectivamente. Essa atitude, pode ser avaliada com base no que é apresentado por Kotler ao abordar a voz do cliente ou sobre a expressão de opiniões nas redes sociais.

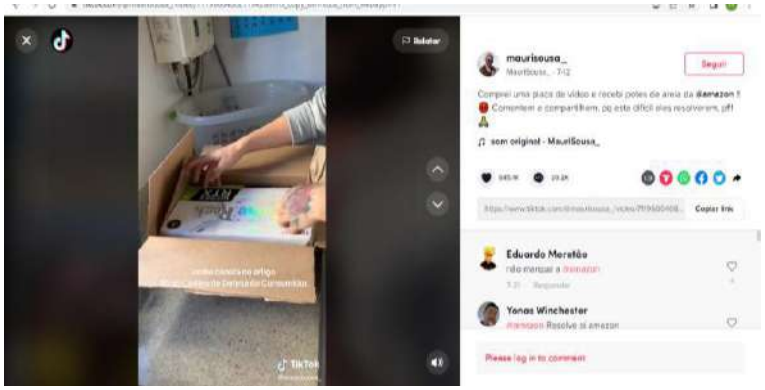


Figura 1: Imagem do video na abertura do produto recebido
Fonte: @maurisousa_ 19 de julho de 2022. Acesso em 01 de agosto de 2022

O registro aconteceu pelo fato de um item adquirido e entregue pela empresa de varejo Amazon não ter sido entregue ao cliente. O produto comprado foi uma placa de vídeo, de alto valor, cerca de R$ 13.500,00. Em seu lugar, o cliente recebeu, dentro da caixa, potes de areia. Quintino (2019) já nos fala sobre fatos assim, quando o cliente tem um serviço executado de modo a desejar, gerando insatisfações.

Na postagem de @maurisousa_, são destacadas as inúmeras tentativas de contato com a referida empresa e sem tratativa eficiente e rápida, conforme aponta Parente (2015) ser importante na solução de problemas. O autor do registro detalha em seus pontos todas as dificuldades de contatos com os mais diversos canais de atendimento da empresa e a ineficiência e falta de retorno e posicionamento em cada um deles. Importante avaliar aqui a falta de uma gestão do relacionamento com o cliente, conforme previsto por Greenberg (2001).

O reclamante relata que, diante de toda a situação sofreu crise de ansiedade, chegando a ser hospitalizado e que, além das tentativas de resolver a situação pelos canais indicados pela empresa, entrou com ação judicial e decidiu postar nas redes sociais para conseguir visibilidade para seu problema.

Além disso, prolongamentos de prazos, respostas evasivas, orientações que não traziam solução ao problema, deram continuidade na relação da empresa com o reclamante e a um desgaste que durou, segundo relato do cliente, cerca de mais de 20 dias desde a compra do produto. Esse conjunto de situações levou o cliente a utilizar a rede social TikTok para publicar sua insatisfação e buscar defensores, assim como engajá-los para ter mais força junto à empresa. Observa-se aqui o que já foi apresentado por Kotler (2017) quando apresenta que a falta de soluções pode gerar uma viralização nas redes sociais e reforçado por Parente (2015) ao abordar a propagação de situações nos meios digitais.

> "a todos que me apoiaram nas redes sociais, minha família, amigos e aos jornalistas porque sem dúvidas foi tudo muito mais rápido por conta de toda essa repercussão. Mais uma vez sugiro que filmem o unboxing, corram atrás dos seus direitos e se precisarem, façam barulho. É inadmissível a gente passar por esse tipo de situação Esse é o último vídeo apesar da novela ainda não ter terminado, porque tenho prejuízos a cobrar". (NOGUEIRA, 2022)

Como apresenta Martino (2014) ao falar da web 2.0 que traz a colaboração e interação entre os usuários, a situação viralizou de maneira muito rápida e o cliente realizou o registro de mais dois vídeos apresentando detalhes das tratativas e da jornada até a finalização da situação com a entrega do produto em sua casa. Essa viralização é destacada por Russel ao apresentar que nas redes sociais as informações circulam rapidamente e para um grande número de pessoas.

A falta de um retorno preciso e conclusivo num prazo curto, levou a uma crise e em nenhum dos posts foi identificado gestão dessa relação pela empresa Amazon como prevê Parente (2015) ao abordar a gestão das crises nas redes sociais.

4.1 Sobre a Amazon

A wikipedia apresenta a Amazon.com, Inc. como " uma empresa multinacional de tecnologia norte-americana com sede em Seattle, Washington. A companhia se concentra no e-commerce, computação em nuvem, streaming e inteligência artificial.(https://pt.wikipedia.org/wiki/Amazon , acesso: 02/08/2022). O site acrescenta que ela é considerada uma das cincos maiores empresa de tecnologia no mundo e destaca como uma das marcas mais valiosas.

4.2 Sobre Maurício Takeda e o Tiktok

Maurício Takeda tem cerca de 42 mil seguidores em sua rede social Tiktok. Ele é filho do cartunista brasileiro, Maurício de Sousa é conhecido por ser um dos mais importantes cartunistas do Brasil. Ele é criador de uma série de quadrinhos chamada Turma da Mônica (https://monica.fandom.com/pt-br/wiki/Mauricio_de_Sousa)

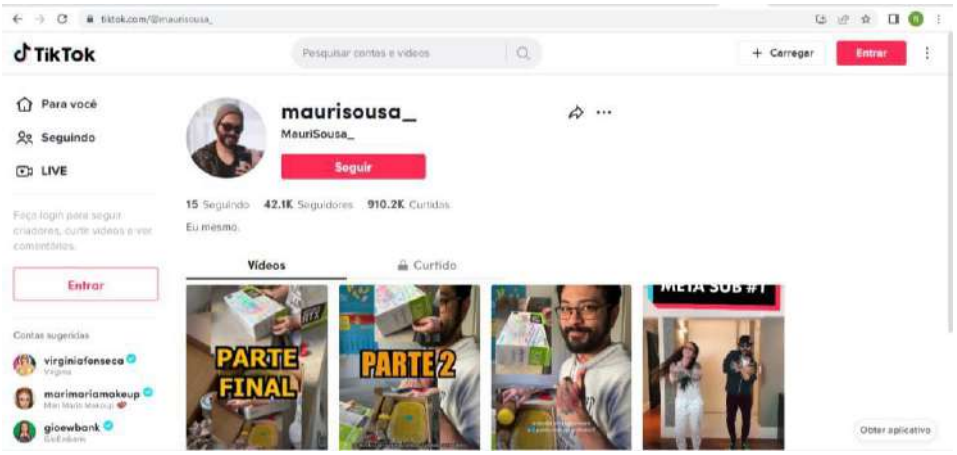


Figura 1: Imagem do perfil de @marisousa_ na rede social TikTok Fonte: @maurisousa_ 19 de julho de 2022. Acesso em 01 de agosto de 2022

O TikTok, segundo o site techtudo “é um popular app de vídeos curtos disponível para celulares Android e iPhone (iOS). Fenômeno principalmente entre os jovens, foi o aplicativo mais baixado no mundo em 2020.” (Fabro, Clara,2021)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso citado viralizou e atingiu um alcance total de mais de 6 milhões de visualizações, milhares de comentários marcando a Amazon e centenas de compartilhamentos. “Em uma rede, a velocidade de propagação de uma informação tende a ser maior entre os laços fracos.

Exatamente por não estarem diretamente envolvidos no processo, sua percepção de novidades é maior e, portanto, a chance de lidarem com uma informação nova e a colocarem em circulação é maior.” (MARTINO, 2014, p.71)

Os usuários da rede ao compartilharem o caso, podem ser avaliados com base no exposto por Martino (2014) em que destaca que nas redes sociais, os

vínculos são transformados a qualquer momento em acordo com a dinâmica entre os indivíduos, criando laços que são ser fluidos e rápidos, “estabelecidos conforme a necessidade em um momento e desmanchado no instante seguinte”. (MARTINO, 2014, p.56)

Martino (2014) acrescenta que “quanto mais uma informação é divulgada, maior será sua divulgação, em uma perspectiva circular. Quanto mais um livro e lido e comentado, mais será lido e comentado”. (MARTINO, 2014, p.80). Ele destaca que a audiência cresce exponencialmente, pois as pessoas têm o costume de acessarem e se interessarem, tendenciosamente, por aquilo abordado pelos seus conhecidos, aumentando a propagação pelas conexões que se ramificam e o que explica, por exemplo, o crescimento rápido e a viralização das informações. (Martino, 2014, p.80)

> A partir desse princípio, pode-se entender, por exemplo, por que em redes sociais online de alcance mundial e muito difícil controlar uma informação: há um número tendencialmente incalculável de relações possíveis, o que virtualmente dificulta formas especificas de controle. (MARTINO, 2014, p.73)

A expressão “a melhor propaganda é a boca a boca” é válida e significativa no off-line, é preciso entender que no mundo online não é diferente. Diferentes estatísticas apresentam, que mais de 3/4 das pessoas confiam mais na opinião de um desconhecido que tenha registrado seu relato em rede social, contando sua experiência com um produto ou serviço, ou em um alguém que considere ser uma referência em algum tema, do que nas campanhas e propaganda realizadas pelas empresas. (PARENTE, 2015).

“A internet é rápida. Uma informação negativa pode ser propagada para milhares de pessoas em minutos, comprometendo uma imagem que, por vezes, demorou anos para ser construída.” (PARENTE, 2015), como observado no caso relatado nesse trabalho.

Muitas vezes, a atuação da empresa numa resposta ou em uma solução, terá menor repercussão e alcance o mesmo grupo impactado pelo Problema. O tempo de resposta fundamental à solução de um problema e no processo de gestão de uma crise. (PARENTE, 2015).

REFERÊNCIAS

CALDEIRA, Carlos. *Customer Experience Management*: Gestão Prática da Experiência do Cliente / Carlos Caldeira. - Rio de Janeiro: Alta Books, 2021.

FABRO, Clara. *Como Funciona o TikTok?* Saiba Usar o Aplicativo de Videos. Techtudo, 2021. Disponível em:<https://www.techtudo.com.br/listas/2021/05/como-funciona-o-tiktok-saiba-usar-o-aplicativo-de-videos.ghtml>.Acesso em 04 de agosto de 2022.

FÉLIX, Victor H. *O que é o TikTok?.* Tecnoblog, 2020. Disponível em:< https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-tiktok/#:~:text=Respondendo%20perguntas%20%E2%80%93%20Vincy-,Qual%20%C3%A9%20a%20origem%20do%20TikTok%3F,um%20aplicativo%20parecido%2C%20chamado%20Douyin>. Acesso em: 05 de agosto de 2022.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KOTLER, P., Kartajaya, H. & Setiawan, I. *Marketing 4.0*: Mudança do Tradicional para o Digital. Coimbra, Portugal: Conjuntura Actual Editora. Trad. Pedro Elói Duarte, 2017.

_____. *Administração de marketing.* 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria das Mídias Digitais:* linguagens, ambientes, redes /Luís Mauro Sá Martino. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MISHRA, A., & Mishra, D. (2009). *Customer relationship management*: implementation process perspective. Acta Polythechnica Hungarica, *6*(4), 83- 99.

NOGUEIRA, Diego. *Portal da Definição,* 2022. Disponível em: <https://portalaltadefinicao.com/apos-cair-no-golpe-da-areia-filho-de-mauricio-de-sousa-processa-a-amazon>. Acesso em 10 de agosto de 2022.

PARENTE, Umehara. *GESTÃO DE CRISE EM REDES SOCIAIS* Estratégias para prevenir, administrar ou reverter problemas. 2ª Edição Revisada e ampliada Umehara Parente Fortaleza | 2018 / Parente, Umehara (2015-05-24T22:58:59.000). Gestão de Crise em Redes Sociais: Estratégias para Prevenir, Administrar ou Reverter Problemas. Umehara Parente. Ebook Kindle.

RUSHEL, Arthur.*O que é a Web 3.0 e em que fase estamos?* Correio do Povo, 2022. Disponível em: https://www.correiodopovo.com.br/jornalcomtecnologia/o-que- %C3%A9-a-web-3-0-e-em-que-fase-estamos-1.800871. Acesso em: 10 de julho de 2022.

OKUYAMA, Flavia M. *O Impacto de uma reclamação nas redes sociais. Classmarketing.* Disponível em:< https://classmarketing.com.br/o-impacto-de-uma-reclamacao-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 07 de agosto de 2022

Zablah, AR, Bellenger, D. e Johnston, WJ (2004). *Uma Avaliação de Perspectivas Divergentes na Gestão de Relacionamento com o Cliente:* Rumo a um Entendimento Comum de um Fenômeno Emergente. Gestão de Marketing Industrial, 33, 475-489.

UNAMA

CONFLUÊNCIAS

10º CONGRESSO ANUAL DE COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA DA/NA AMAZÔNIA

PROGRAMAÇÃO COMPLETA

18 A 22 DE SETEMBRO DE 2023
UNAMA ALCINDO CACELA
BELÉM-PA

PPGCLC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA PÓS-GRADUAÇÃO NA AMAZÔNIA LEGAL

CAPES

18 a 22 de setembro de 2023

Segunda-feira (18/09)

Manhã

Credenciamento
Horário: 8h30 às 12h
Local: Galeria de Artes Graça Landeira (Unama Alcindo Cacela)

Seminário PDPG/CAPES
Horário: 9h às 12h
Local: Auditório D200 (Unama Alcindo Cacela)

Tarde

Credenciamento
Horário: 14h30 às 18h
Local: Galeria de Artes Graça Landeira (Unama Alcindo Cacela)
Seminário PDPG/CAPES
Horário: 15h às 18h
Local: Auditório D200 (Unama Alcindo Cacela)

Noite

Cerimônia de abertura do 10º Confluências
Prof. Dra. Betânia Fidalgo Arroyo (Reitora da Unama)
Prof. Dra. Ana Maria Vasconcellos (Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão da Unama)
Prof. Dr. Éden Fernando Ferreira (Pró-Reitor de Ensino da Unama)
Prof. Dr. Edgar Chagas (Coordenador do PPGCLC/Unama)
Horário: 19h
Local: Auditório David Mufarrej (Unama Alcindo Cacela)

Mesa-redonda de abertura
“Urbanidade Invisível: Amazônia, estereótipos e a negação dos modos de vida locais”
Profa. Dra. Helena Tourinho (PPDMU/Unama)
Prof. Dr. João Cláudio Arroyo (PPGC/Unama)
Prof. Dr. Edgar M. Chagas Jr. (PPGCLC/Unama)
Prof. Dr. Mario Vasconcellos Sobrinho (PPAD/Unama)
Horário: 19h30
Local: Auditório David Mufarrej (Unama Alcindo Cacela)

Terça-feira (19/09)

Manhã

Credenciamento

Horário: 9h às 12h

Local: Galeria de Artes Graça Landeira (Unama Alcindo Cacela)

Minicurso

“Poder e política desde o Sul Global: bases para a construção de outras narrativas”
Profa. Dra. Suze de Oliveira Piza (Universidade Federal do ABC)

Horário: 9h às 12h

Local: Auditório D200 (Unama Alcindo Cacela)

Tarde

Simpósios Temáticos

Horário: 14h às 18h

Local: salas D301, D302 e D303 (Unama Alcindo Cacela)

ST2 – CIDADE, ARTE e ESPAÇO (Sala D301)

Prof. Dr. Jorge Eiró (PPGCLC/Unama)

Profa. Dra. Marcia Nunes (PPGCLC/Unama) Prof. Dr. Mariano Klautau (PPGCLC/Unama)

Prof. Dr. Cristóvão Duarte (PROURB/UFRJ)

MUROS E A CRIAÇÃO DE IMAGENS DE APROXIMAÇÃO E DISTANCIAMENTO NAS RUAS DA CIDADE DE BELÉM

Edson Silva de Aquino Júnior

Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes

“MEMÓRIA GRÁFICA DA MAQUETE DO CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM ENQUANTO ARTEFATO VISUAL NA CRIAÇÃO DO IMAGINÁRIO”

Fernanda Martins Cavalcante Brabo

Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes

O GRADIL DO PARQUE DA RESIDÊNCIA: UMA QUESTÃO DE ESTETIZAÇÃO E PERMEABILIDADE URBANA

Matheus Gonçalves Nunes

Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes

PATRIMÔNIO INVÍSIVEL: UM RETRATO DE BELÉM DA BELLE ÉPOQUE E SUAS LIVRARIAS DO SÉCULO XX

Leonardo José Góes Oliveira
Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes

AS INFLUÊNCIAS DA BELLE ÉPOQUE NO PALACETE FACIOLA
Evellyn Pamela Corrêa Machado
Vera Maria Segurado Pimentel

ST3 – (IN)VISIBILIDADES FESTIVAS NA CIDADE: Cortejos, rituais e performances em espaço urbano (Sala D302)
Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior (PPGCLC/Unama)
Prof. Dr. Paulo Jorge Martins Nunes (PPGCLC/Unama)
Prof. Dr. Janio Roque Barros de Castro (PROET/UNEB)
Prof. Dr. Antônio Maurício Dias da Costa (PPGHIST/UFPA)

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: A METAMORFOSE DO CROCODILO E DO POP SOM LIVE
Christian Maciel Reis

BREGA PARAENSE: ORIGEM, PERCURSO E CONSUMO CULTURAL EM
BELÉM-PA
Pedro Paulo Calandrine Monteiro Júnior
Edgar Monteiro Chagas Junior

OS NEGROS PAQUÉS, IDENTIDADE E (RE)EXISTÊNCIA NA FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO DOS PRETOS DE IRITUIA
Gleice Antonio A. de Oliveira
Edgar Monteiro Chagas Junior
OS BTMS E O ADVENTO DA PANDEMIA
Euclides Barboa Moreira Neto

CORTEJO VISAGENTO E HALLOWEEN EM BELÉM: HIBRIDISMO CULTURAL NO ESPAÇO AMAZÔNICO
Adrianne da Silva Peixoto
Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira

O IMAGINÁRIO AMAZÔNICO NA OBRA DE SERGUEI FIRSANOV
Natália Cristina dos Santos Silva da Costa
William Silva de Araújo

ST4 – (IN)VISIBILIDADES ARTE-CIÊNCIA: entrelaçamentos entre literatura e psicologia (Sala D303)
Prof. Dr. José Guilherme de Oliveira Castro (PPGCLC/Unama)
Profa. Dra. Rosângela Araújo Darwich (PPGCLC/Unama)
Profa. Dra. Airle Miranda de Souza (PPGP/UFPA)

Prof. Dr. Dirk Oesselmann (Universidade Protestante de Ciências Aplicadas de Freiburg)

O CONTO O ESPELHO E O REFLEXO DA NATUREZA DA ALMA

Ana Claudia A. Monteiro

José Guilherme de Oliveira Castro

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SUBJETIVIDADE FEMININA NO ROMANCE ‘UMA DUAS”, DE ELIANE BRUM

Rosiéle Bittencourt Baêta Carvalho

Thiago Almeida Barros

Rosângela Araújo Darwich

A HISTERIA NA LITERATURA: UMA ANÁLISE DE O POÇO DOS MARIDOS, DE HUMBERTO DE CAMPOS

Luis Fernando Ribeiro Almeida

José Guilherme de Oliveira Castro

ENEIDA DE MORAES E A CRÔNICA BANHO DE CHEIRO COMO INSPIRAÇÃO PARA A COLEÇÃO CHÊRO CHERÔSO

Milena Silva Castro

José Guilherme Castro

Felicia Assmar Maia

ENEIDA MODERNISTA: HISTÓRIA E LITERATURA NOS VERSOS DE TERRA VERDE

Jean Paulo Silva Rendeiro

MUNDO BANI NO NORTE E NO SUL GLOBAL: UM ESTUDO COMPARATIVO INTERNACIONAL

Cinthya Souza Simas

Rosângela Araújo Darwich

EXPERIÊNCIAS COM CARTAS: A FORMAÇÃO DE LEITORES E ESCRITORES

Ana Clara Solon Rufino

Rosângela Araújo Darwich

Noite

Conferência do 10º Confluências

“Sair da modernidade, reaprender a perceber e a imaginar”

Profa. Dra. Suze de Oliveira Piza (Universidade Federal do ABC)

Mediação: Prof. Dr. Thiago Barros (PPGCLC/Unama)

Horário: 19h
Local: Auditório David Mufarrej (Unama Alcindo Cacela)

Quarta-feira (20/09)

Manhã

Oficina
“Como publicar artigos em periódicos científicos”
Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes (PPGCLC/Unama)
Profa. Me. Kátia Regina Silva (PPGCLC/Unama) Horário: 9h às 12h
Local: Laboratório L101 (Unama Alcindo Cacela)

Tarde

Simpósios Temáticos
Horário: 14h às 18h
Local: salas D301, D303. D304 e D305 (Unama Alcindo Cacela)

ST2 – CIDADE, ARTE e ESPAÇO (Sala D301)
Prof. Dr. Jorge Eiró (PPGCLC/Unama)
Profa. Dra. Marcia Nunes (PPGCLC/Unama) Prof. Dr. Mariano Klautau (PPGCLC/Unama)
Prof. Dr. Cristóvão Duarte (PROURB/UFRJ)

AUDIODESCRIÇÃO EM SANTUÁRIOS: ABORDAGEM INCLUSIVA PARA A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E PATRIMONIAL
Kamilly Malcher de Barros
Marco Antonio Freitas e Silva
Fernando do Nascimento Moller

À LA SAUVETTE: O FOTÓGRAFO COMO FLÂNEUR PÓS-MODERNO
Pablo Ariel da Costa Fernandez
Jorge Leal Eiró da Silva

ENTRE NOVAS FIGURAÇÕES: RASTROS DE UM EXPRESSIONISMO PARAENSE NOS ANOS 80/90
Yasmin Gomes
Jorge Eiró

SOBRE O SUBLIME E O SUBLIME TECNOLÓGICO
Paulo Uiris da Silva Gomes
Jorge Leal Eiró da Silva

José Mariano Klautau Filho

ST3 – (IN)VISIBILIDADES FESTIVAS NA CIDADE: Cortejos, rituais e performances em espaço urbano (Sala D304)

Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior (PPGCLC/Unama)

Prof. Dr. Paulo Jorge Martins Nunes (PPGCLC/Unama)

Prof. Dr. Janio Roque Barros de Castro (PROET/UNEB)

Prof. Dr. Antônio Maurício Dias da Costa (PPGHIST/UFPA)

CONTADORES DE HISTÓRIAS E RESIGNIFICAÇÃO NO ESPAÇO DA CIDADE

Ana Selma Barbosa Cunha

Paulo Jorge Martins Nunes

OCUPAR A CIDADE COM A PALAVRAS SONHADAS: PONTA DE PEDRAS E SEUS ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA EM TORNO DO LITERÁRIO

Marcos Samuel Costa da Conceição

PARAL(ELOS): A POESIA DE BRUNO DE MENEZES E A PERFORMANCE NO TAMBOR DE MINA

Joice Freitas dos Santos

Sarah das Neves Prazeres

WALTER FREITAS: EXPRESSÃO ARTÍSTICA AMAZÔNICA DOS ENTREMUNDOS ORIGINÁRIOS E CONTEMPORÂNEOS

Magnólia da Rocha

FESTIVAL GASTRONÔMICO DE TAQUARUÇU: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS ATRAVÉS DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

Guilherme Lima

Edna Mello

ST4 – (IN)VISIBILIDADES ARTE-CIÊNCIA: entrelaçamentos entre literatura e psicologia (Sala D303) Prof. Dr. José Guilherme de Oliveira Castro (PPGCLC/Unama)

Profa. Dra. Rosângela Araújo Darwich (PPGCLC/Unama)

Profa. Dra. Airle Miranda de Souza (PPGP/UFPA)

Prof. Dr. Dirk Oesselmann (Universidade Protestante de Ciências Aplicadas de Freiburg)

ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA INFANTIL: IDENTIDADE, LUDICIDADE E A LIBERDADE DE SER CRIANÇA

Maria Darlene Trindade Corrêa

José Guilherme de Oliveira Castro

OUTROEU: A PSIQUE E OS ASPECTOS DO DUPLO COMO ELEMENTO FANTÁSTICO EM O MÉDICO E O MONSTRO

Roseany Karimme Silva Fonseca

A CRIANÇA EM “NÓS”: A (CONT)AÇÃO DE HISTÓRIAS COMO RECURSO TERAPÊUTICO

Tânia de Miranda Santos

Vívian Fragoso Rei Monteiro

AFETO: BAGAGEM DE VIDA

Guilherme Pinheiro dos Santos

Walquíria Marcelina de Almeida

Rosângela Araújo Darwich

GRUPO VIVENCIAL BASEADO EM MINDFULNESS: BEM-ESTAR E AUTOPERCEPÇÃO EM MULHERES

Thainá Guimarães Durães Souza

Rosângela Araújo Darwich

LITERATURA AMAZÔNICA NA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL: UMA PROPOSTA DECOLONIAL NA SUPERAÇÃO DE PENSAMENTOS DISFUNCIONAIS

Ingridi Nascimento Batista

Rosângela Araújo Darwich

José Guilherme de Oliveira Castro

PSICOLOGIA E LITERATURA: UM GRUPO VIVENCIAL COM POESIA PRÓPRIA

Rosângela Araújo Darwich

Mayara Azevedo Sousa Ferreira

UM OLHAR NA LITERATURA SOBRE PSICOLOGIA ESCOLAR NA EDUCAÇÃO MUNICIPAL

Patrícia Cabral Duarte

José Guilherme de Oliveira Castro

EDUCAÇÃO E CONHECIMENTO: ENTRE O BOM E O ÚTIL

Matheus Reichelt Flores

Rosângela Araújo Darwich

ST5 - (IN)VISIBILIDADES NA DIVERSIDADE: gênero, quilombolas, ribeirinhos, LGBTQIA+ e correlatas (Sala D305)

Profa. Dra. Betânia Fidalgo (PPGCLC/Unama)

Profa. Dra. Ana D’Arc Martins de Azevedo (PPGCLC/Unama)

Profa. Dra. Camila Rodrigues Bastos (UFPA)

VOZES DA ILHA: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS DE PROFESSORES ALFABETIZADORES DE SURDOS NA ILHA DE SANTANA-AP

Cleuma Roberta de Souza Marinho

Ana D'arc Martins Azevedo

José Adnilton Oliveira Ferreira

APAGAMENTO DOS SUJEITOS TRADICIONAIS NOS PROJETOS EDUCACIONAIS DO BRASIL COLÔNIA E IMPÉRIO

Jefferson Luis da Silva Cardoso

Rosângela Araújo Darwich

EDUCAÇÃO ESCOLAR RIBEIRINHA: DILEMAS E DESAFIOS

Ana D'arc Martins de Azevedo

Carlos Junior Gemaque Costa

Karla Renata Brito Perna

Maria Eduarda Gemaque Costa

EDUCAÇÃO COMO UM ATO POLÍTICO: REFLEXÕES SOBRE O SABER FEITO DA EXPERIÊNCIA NO ROMANCE SAFRA, DE ABGUAR BASTOS

Dinalva da Silva Corrêa

Denise de Souza Simões Rodrigues

FLEXIBILIZAÇÃO CURRICULAR NO CONTEXTO DA ETNIA WARAO: SABERES NO MUNICÍPIO DE ANANINDEUA–PA

Magali Pinto Gouvêa

Ana D'Arc Martins de Azevedo

MIDIATIZAÇÃO DOS SABERES POPULARES SOBRE PLANTAS MEDICINAIS: UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA NORONHA DE BARROS DO MUNICÍPIO DE BARCARENA-PA

Raimunda Gomes Maciel

Maria Betânia Fidalgo Arroyo

Noite

Mesa-redonda 2

"Territórios, saberes e pensamento decolonial"

Profa. Dra. Ana D'Arc Martins de Azevedo (PPGC e PPGCLC/Unama e Uepa)

Prof. Dr. João Colares da Mota Neto (Uepa)

Mediação: Profa. Dra. Ivana Oliveira (PPGCLC/Unama)

Horário: 19h

Local: Auditório D200 (Unama Alcindo Cacela)

Quinta-feira (21/09)

Manhã

Exposição de E-Pôsteres

Horário: 9h às 12h

Local: sala D401 (Unama Alcindo Cacela)

A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DE PSICOLOGIA SOBRE OS ESTUDOS DE MASCULINIDADES

Luan Alves de Figueiredo

Bárbara Araújo Sordi

CAMPANHA DE VACINAÇÃO COVID-19 PREFEITURA BELÉM-PA: UMA ANÁLISE DE MARKETING DIGITAL

Bruna Fernanda Sodré Cordeiro

Ana Karoline Barbosa

ESTUDO DE AMBIÊNCIAS DO PRÉDIO DA FAU/UFPA, ATRAVÉS DE ANÁLISE SENSORIAL POR DISCENTES TEA

Sofia Pantoja Araujo

Luiz de Jesus Dias da Silva

O PODER TINTÓRIO DA FLORA BRASILEIRA: O PARIRI

Elayne Beatriz Santos de Oliveira

Maria Felicia Assmar Fernandes Correia Maia

RELATO DE EXPERIÊNCIA: DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS E A DIGNIDADE MENSTRUAL

Cássia Cristina Neves Franco

Ayrsha Amoedo de Azevedo

Bárbara Araújo Sordi

ROTEIRO DE GRUPOS REFLEXIVOS NO PROJETO SOBRE(BEM)VIVER: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Suzana Farias rabelo

Bárbara Araújo Sordi

Tarde

Simpósios Temáticos

Horário: 14h às 18h

Local: salas D301, D302 e D303 (Unama Alcindo Cacela)

ST1 – CONTRADISCURSOS DE RESISTÊNCIAS: NOVAS PROPOSTAS DE VIDA DIANTE DA EMERGÊNCIA CLIMÁTICA (Sala D301)

Profa. Dra. Ivana Oliveira (PPGCLC/Unama)

Prof. Dr. Thiago Barros (PPGCLC/Unama)

Profa. Dra. Alda Costa (PPGCOM/UFPA)

PERSPECTIVAS DA CULTURA E DO IMAGINÁRIO NA PRODUÇÃO VISUAL AMAZÔNICA

Amanda Cristine Modesto Barros

Rafael Brito Gonzaga

O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL YANOMAMI COMO UMA ALTERNATIVA AO EMPREENDEDORISMO CAPITALISTA NA REGIÃO AMAZÔNICA

Andressa Rodrigues Diógenes

Rafael Sbeghen Hoff

RESISTIR PARA EXISTIR: RESISTÊNCIA INDÍGENA NO INSTAGRAM DE SÔNIA GUAJAJARA

Giovane Silva da Silva

CONTRA-NARRATIVAS E COMUNICAÇÃO POPULAR EM UM LUGAR EPISTÊMICO NO CERRADO AMAZÔNICO

Andréa Carla Lopes Viana

André Luiz Campanha Demarchi

LUZ, CÂMERA E SABERES INDÍGENAS: ANÁLISE DECOLONIAL DO DOCUMENTÁRIO A ÚLTIMA FLORESTA

Adison Cesar Sousa dos Santos

Vânia Maria Torres Costa

A CIDADANIA DIGITAL NO INSTAGRAM E A MOBILIZAÇÃO #FLORESTAEMPÉ COMO AÇÃO DECOLONIAL AMAZÔNICA

Jéssica de Souza Carneiro

Claudiane de Oliveira Carvalho Sampaio

Walter Teixeira Lima Júnior

ST5 - (IN)VISIBILIDADES NA DIVERSIDADE: gênero, quilombolas, ribeirinhos, LGBTQIA+ e correlatas (Sala D303)

Profa. Dra. Betânia Fidalgo (PPGCLC/Unama)

Profa. Dra. Ana D'Arc Martins de Azevedo (PPGCLC/Unama)

Profa. Dra. Camila Rodrigues Bastos (UFPA)

MULHERES NEGRAS E A CIDADE: UM DIÁLOGO DO CONCEITO DE RACISMO COTIDIANO E O CAMPO DE ESTUDOS EM PERCEPÇÃO NA ARQUITETURA E URBANISMO

Beatriz Caminha dos Santos

Luiz de Jesus Dias da Silva

AS NARRATIVAS ORAIS DAS MULHERES FARINHEIRAS DA FAMÍLIA SÁ: “EU GOSTO DE TRABALHAR NA ROÇA. EU GOSTO DE TRABALHAR NA CASA DE FARINHA”

Alberto Flavio Furtado de Lima

LGBTQIA+: A QUANTIFICAÇÃO DA DIVERSIDADE DE PERSONAGENS NAS TELENOVELAS DA TV GLOBO ENTRE 2011 E 2023

Matheus Felipe Chagas de Miranda

Lucas Matheus Santos Porto

TRABALHO OU LIDA: QUESTÕES SOBRE INVISIBILIDADE DE ATIVIDADES FEMININAS NÃO REMUNERADAS

Luciana Guimarães Barbosa

BREVE RELATO DAS PESQUISAS SOBRE MULHERES EM AMBIENTES FUTEBOLÍSTICOS NA AMAZÔNIA PARAENSE

Milene Costa de Sousa

Célia Regina Trindade Chagas Amorim

ST6 - COMUNICAÇÃO DIGITAL E INDÚSTRIA CRIATIVA (Sala D302)

Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção (PPGCLC/Unama)

Profa. Dra. Maíra de Cássia Evangelista de Sousa (PPGCLC/Unama)

Profa. Dra. Alciane Nolibos Baccin (PPGCIC/Unipampa)

Profa. Dra. Vanessa Amalia Dalpiziol Valiati (PPGIC/Feevale)

ARAMUMO E DOMLEXIA: UM OUTRO OLHAR SOBRE A DISLEXIA POR MEIO DE JOGOS EDUCACIONAIS

Walquíria Marcelina de Almeida

Kátia Regina de Souza da Silva

A VISIBILIDADE DA CULTURA POPULAR NAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NADA DEVE À ALTA COSTURA

Renato César Bittencourt Klein Júnior

Bianca Larissa Klein

EMPREENDEDORISMO EM COMUNICAÇÃO: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DO EIXO NORTE-SUL BRASILEIRO

Rafael Sbeghen Hoff

Duílio Fabbri Junior

João Lucas Oliveira Cardoso

Luciano Mesquita da Cunha

Mateus Melo Leiros

Vinícius Alexandre Alves dos Santos

Vinicius Costa Souza

Andressa Rodrigues Diógenes

INFLUENCIADORES DIGITAIS: REFLEXOS AMAZÔNIDAS NO INSTAGRAM DE DINA CARMONA E ZÉ NA REDE

Lucas Matheus Santos Porto

JORNALISMO E CRIATIVIDADE: ANÁLISE DOS PERFIS BBC NEWS BRASIL E OLIBERAL.COM NO TIKTOK

Carolina da Costa Albuquerque

Even Christine Rodrigues Oliveira

Isabella Cordeiro Carvalho dos Santos

Maíra Evangelista de Sousa

O MUNDO DE MARIANA: NARRATIVAS DIGITAIS, INTERAÇÕES E CONSUMO

Danuta Leão

Ivana Oliveira

PRÁTICAS INOVADORAS PARA O ENSINO DAS ARTES VISUAIS: A PRODUÇÃO DE VIDEOLOG POR ALUNOS DO 9o ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Diorlete Ferreira da Silva Vieira

TIKTOK: UM CANAL NAS REDES SOCIAIS PARA A VOZ DAS RECLAMAÇÕES DOS CLIENTES

Rosalvo Sobral Mafra Júnior

Douglas Junio Fernandes Assumpção

A MARCA AMAZÔNIA E A MARCA PESSOAL DO GOVERNADOR DO PARÁ, HELDER BARBALHO

Rodolfo Silva Marques

Luiz LZ Cezar Silva dos Santos

Noite

Mesa-redonda 3

“Cultura, narrativas e invisibilidade”

Prof. Dra. Josebel Akel Fares (Uepa) e Prof. Dr. Paulo Nunes (PPGCLC/Unama)

Mediação: Prof. Dr. Edgar Chagas (PPGCLC/Unama)

Horário: 19h

Local: Auditório D200 (Unama Alcindo Cacela)

Sexta-feira (22/09)

Tarde

Visita Guiada

Exposição “Tocar o Céu, Lamber a Cidade”, de Beatriz Paiva e Melissa Barbery – Museu de Arte da Unama.

Com Prof. Dr. José Mariano Klautau (PPGCLC/Unama) e Prof. Dr. Jorge Leal Eiró (PPGCLC/Unama).

Horário: 15h30 às 18h

Local: Galeria de Artes Graça Landeira (Unama Alcindo Cacela)

UNAMA

PPGCLC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA

PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO
DA PÓS-GRADUAÇÃO NA
AMAZÔNIA LEGAL

CAPES